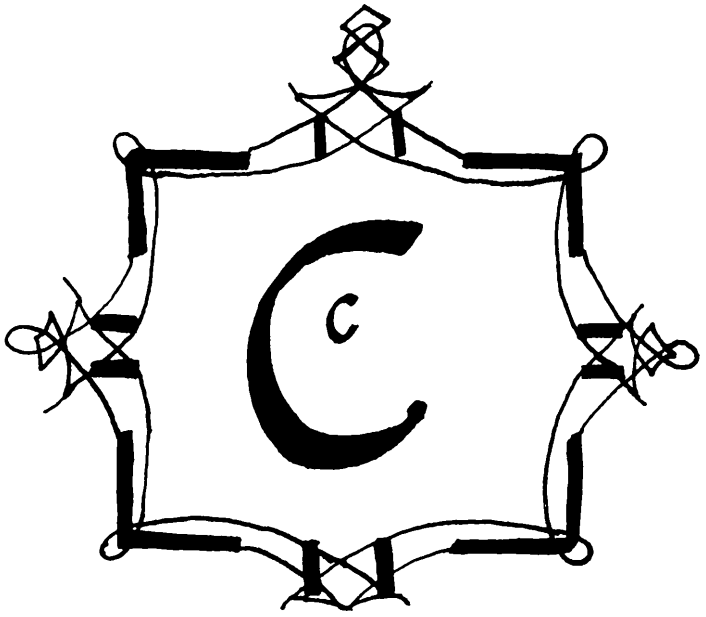
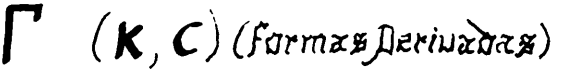



**1. Formas Antigas**

fenício (semítico), 1000 A.C. grego ocidental, 800 A.C. latino, 50 D.C.



**2. Nos Manuscritos Gregos do Novo Testamento**




**3. Formas Modernas**

C C c c C C c c C C c c C c

**4. História**

C é a terceira letra do alfabeto português. Nas antigas línguas semíticas, era chamada *gimel*, «camelo». Os gregos adotaram-na, chamando-a *gamma*. Neste último idioma a letra era pronunciada tanto como K quanto como G. No latim, o *C* deixou de ser usado como «g», embora tivesse retido o fonema «k». No português a letra tem o fonema «k» e o fonema «ss», o primeiro antes das vogais a, o, u, e o segundo antes das vogais e, i.

**5. Usos e Símbolos**

C é o símbolo usado para representar o numeral romano 100. Na música representa o *dó* na escala do Dó. Nos sistemas de gradação, representa *médio*. Também é a abreviação de *Celsus* (graus centígrados) e de *cerca de*. *C* é o símbolo do manuscrito *Codex Epraemi Rescriptus*, descrito no artigo separado *C*.

Caligrafia de Darrell Steven Champlin

## C

Designação usada para indicar o **Codex Ephraemi**, atualmente na Biblioteca Nacional de Paris. O manuscrito, datado do século V D.C., originalmente incluía toda a Bíblia grega, mas deve sua sobrevivência ao fato de que foi usado para fazer uma cópia da obra de Efraem, da Síria. O texto bíblico foi apagado da melhor maneira possível, e as obras de Efraem foram copiadas por cima do mesmo. Tal produção chama-se *palimpsesto*. Somente sessenta e quatro folhas do Antigo Testamento grego foram assim preservadas, e cerca de cento e quarenta e cinco folhas, ou mais ou menos duzentas e trinta e oito páginas do Novo Testamento. A despeito de seus problemas (a restauração foi boa, de acordo com métodos modernos), trata-se de um dos principais manuscritos do Novo Testamento. Ver o artigo sobre os *Manuscritos*. (KE ME)

## CAABA

No árabe, **kabah**, um edifício em forma de cubo, cujo nome vem da palavra *kab*, cubo. Esse nome identifica o edifício praticamente cúbico que há no átrio da grande mesquita de Meca (que vide), onde está contida a rocha negra sagrada, que os islamitas (que vide) pensam ter sido dada pelo anjo Gabriel a Abraão. Esse é um objeto de peregrinações anuais, bem como o centro da adoração para onde os islamitas se voltam, em suas orações diárias.

## CABALA

No hebraico, **kabel**, «receber», isto é, tradições transmitidas e aceitas. A Cabala é o conhecimento místico esotérico do judaísmo, baseado na interpretação oculta da Bíblia, à qual foram adicionados elementos de outras religiões e sistemas. Esses materiais eram entregues aos iniciados, em sua maior parte, e não ensinados publicamente. Contudo, essas idéias espalharam-se, pelo que a Cabala veio a exercer considerável influência sobre o pensamento dos líderes do povo e até do próprio povo. Por exemplo, a crença geral na reencarnação (que vide), pelo judaísmo em geral, da época de Jesus, devia-se, pelo menos em parte, à atividade cabalística.

1. *Origem*. As origens desse sistema são obscuras, mas o tipo de atividade por ele representado (a teosofia especulativa e a taumaturgia prática) encontra-se na literatura apócrifa e na Midrash. Durante o seu desenvolvimento, muitas correntes de pensamento fluíram para a corrente principal, como as idéias do gnosticismo (que vide), do neoplatonismo (que vide), do neopitagoreanismo (que vide), do zoroastrismo (que vide) e do sufismo (que vide). A Cabala teve começo na Palestina; mas foi na Babilônia, durante o período de 550 a 1000 D.C., que experimentou seu primeiro sistemático e substancial desenvolvimento. Duas importantes obras cabalísticas surgiram ali, a saber: 1. O *Sefer Yetzirah* (o Livro da Formação), um estudo sobre os poderes criativos das letras e dos números, uma obra estudada largamente; 2. o *Shiur Komah* (a Medida de Altura), uma obra antropomórfica sobre as dimensões da deidade.

2. *Movimentos*. Começando pela Babilônia, centro da atividade cabalística, o movimento passou para a Itália, Espanha, Provença, Alemanha, nos séculos IX e X D.C. Aaron ben Samuel trouxe seus discípulos da Babilônia para a Itália. Isaque, o Cego, e Azriel desenvolveram a Cabala na Provença. A família Kalonymous transportou a Cabala da Itália para a Alemanha. Judá, o Piedoso, e Eleazar de Worms trabalharam na Alemanha, e Moisés ben Nachman (que vide) desenvolveu o sistema na Espanha. Vários novos livros foram publicados nessa época. Apareceram o *Masechet Atzilut* (Tratado sobre a Emanação), por Jacó Nazir (século XII DC.); o *Sefer Ha-Bahir* (o Livro Luminoso), do século XIII; o *Sefer Ha-Temunah* (o Livro da Imagem), do século XIII; e o *Zohar*, que se tornou conhecido por Moisés de Leon, em 1300. Esse foi o mais significativo livro cabalístico do período, que veio a ser considerado como o mais sagrado de todos os escritos similares.

O próximo período significativo de atividades cabalísticas deu-se no século XVI. Seu principal centro foi em Safede, na Palestina. A Polônia também tornou-se um importante centro cabalístico. Bem conhecidos personagens dessa época foram Moisés Cordovero (1522-1570), Isaque Luria (1533-1572), o qual é chamado de pai da moderna e *prática* Cabala. Seu discípulo, Chayim Vital (1543-1620), registrou em forma escrita os ensinamentos de Luria. Luria foi o fundador de uma escola na qual a redenção e o messianismo figuravam proeminentemente, conceitos esses que influenciaram muito as escolas subseqüentes. Esse movimento tornou-se um movimento místico popular da Europa Oriental, nos séculos XVIII e XIX, conhecido como *chasidismo* (que vide).

3. *Propagação às massas*. O *Zohar* fez os ensinos cabalísticos influenciarem as massas populares. Esses ensinos deixaram de ser as doutrinas secretas apenas dos iniciados. Naturalmente, os rabinos tradicionais atacavam as idéias cabalísticas; mas, apesar disso, elas prosperaram, florescendo paralelamente a algumas poucas boas idéias, aberrações e superstições.

4. *Propagação entre os cristãos*. Era apenas natural, devido à perene e íntima conexão entre o cristianismo e o judaísmo, que os ensinamentos cabalísticos influenciassem líderes e eruditos cristãos. Isso ocorreu mormente durante a Idade Média. Raimundo Lully, Pico della Mirandola e João Reuchlin (que vide) utilizaram tais ensinamentos, primeiramente como uma fonte de investigação de novas idéias, e então como meio de consubstanciar certas doutrinas cristãs. O misticismo (vide) tem muitos ramos, e a Cabala é apenas um deles; as informações acerca de uma das formas de misticismo naturalmente acabaram sendo aceitas por outras dessas formas.

5. *A exegese da Cabala*. Naturalmente, os cabalistas precisavam de maior espaço que os eruditos hebreus tradicionais. Porém, caíram em vários absurdos. Cada palavra da Bíblia, escrita em hebraico, que eles pensavam ser a língua do próprio Deus, bem como cada letra, e mesmo cada sinal vocálico, e todas as suas possíveis permutas e combinações, eram consideradas questões que encerravam profundos mistérios. A Bíblia era interpretada não apenas literalmente, mas também alegórica, homilética e anagogicamente, com a esperança de desvendar sentidos ocultos. As palavras eram interpretadas de acordo com seus valores numéricos, numa pseudociência chamada *gematria*. Além disso, cada letra de uma palavra sugeria outras palavras que eram iniciadas pela mesma, e disso os cabalistas extraíam certos sentidos, chamados *notarikon*. Havia ainda a substituição de algumas letras por outras, e disso emergiam supostos significados, chamados *temurah*. A despeito de toda essa manipulação, os

cabalistas nunca sentiram o constrangimento da letra que mata. Porém, esse sistema fez contribuições significativas para o misticismo, apesar desse tipo de atividade ser tão dúbio.

6. *Idéias da Cabala*: a. Emanações de um Deus transcendental. b. A doutrina das esferas, o *sefiroth*, que seriam mediadores entre a Luz Infinita e a criação física. c. Muitas ordens de anjos e demiurgos, que facilitariam a comunhão entre Deus e o homem. d. A reencarnação (que vide). e. O pecado consiste na *separação* entre o homem e o Ser Divino, ao passo que a perfeição consiste na eliminação desse estado de separação. f. A crença no Adão Kadmon, um homem primordial, do qual se derivaria o homem terreno. g. O Adão Kadmon seria uma união dos sexos, da qual o homem e a mulher terrenos são meros reflexos. h. O homem é um microcosmos do universo. i. Um assinalado *dualismo* (que vide), expresso em termos de luz e trevas, de esquerda e direita, de pureza e impureza, de macho e fêmea, além de inúmeros outros pares. j. Amuletos, números e letras teriam significação própria, e o lançamento de sortes e outras formas de adivinhação eram empregados. Além disso, por ocasião das enfermidades ou em períodos de penitência, a pessoa podia mudar seu nome, a fim de procurar beneficiar-se da mudança de letras e de seus valores numéricos. Ver sobre a *Numerologia*. (AM BR E JE P)

## CABANIS, PIERRE

Suas datas foram 1757-1808. Foi filósofo francês e professor de medicina em Paris. Foi um dos líderes dos idealistas franceses (que vide).

*Idéias:* 1. Não podemos ter uma idéia segura sobre os pressupostos metafísicos que estão por detrás de nossas idéias a respeito do que é físico e do que é psíquico, e de suas supostas diferenças. Talvez pertençam a uma mesma natureza, de tal modo que não há qualquer diferença essencial entre as duas coisas; mas, apesar disso, em termos práticos, é óbvio que essas duas coisas se influenciam mutuamente. Ver sobre o *Problema Corpo-Mente*, especialmente sobre o *duplo aspecto*. 2. Dependendo da ênfase posta por aqueles que o estudam, Cabanis pode ser considerado um materialista ou um crente nos fenômenos espirituais, ao manipular os mesmos fatos. 3. Seu ponto de vista tende por uma espécie de *panteísmo* (que vide). 4. A ênfase principal de Cabanis era ética. Ele acreditava no conceito do progresso, acreditando que o homem está se aproximando de uma espécie de idade áurea, quando suas grandes esperanças terão cumprimento.

*Obra Principal*: *The Relations of the Physical and Ethical in Man*. (EP P)

## CABE

Ver sobre **Pesos e Medidas**.

## CABEÇA

Há várias palavras hebraicas e uma palavra grega envolvidas neste verbete:

1. *Gulgoleth*, «crânio». Palavra hebraica que aparece por três vezes com esse sentido: I Crô. 10:10.

2. *Resh*, «cabeça». Palavra aramaica usada por treze vezes. Para exemplificar: Dan. 2:28,32,38; 3:27; 7:1,6,9,15,20.

3. *Rosh*, «cabeça». Palavra hebraica usada por quase trezentas e cinqüenta vezes com esse sentido. Por exemplo: Gên. 2:10; 3:15; Êxo. 6:14; 25; Lev. 1:4,8; Núm. 1:4,16; Deu. 1:15; Jos. 2:19; I Reis 2:32; II Reis 2:3; Est. 2:17; Pro. 1:9; Ecl. 2:14; Can. 2:6.

4. *Kephalé*, «cabeça». Vocábulo grego que é usado por setenta e quatro vezes no Novo Testamento, desde Mat. 5:36 até Apo. 19:12.

Esse termo inclui tanto o crânio, que abriga o cérebro, como também o rosto. Alguns antigos reconheciam a cabeça como a sede da inteligência; mas outros pensavam que essa função era ocupada pelo coração. Ou então o coração seria a sede das emoções (Gên. 3:15; Sal. 3:3). Algumas vezes, a palavra «cabeça» indica a pessoa inteira (Gên. 49:26; Pro. 10:6). A palavra também é aplicada a animais, literalmente, como a cabeça de um novilho, nas ofertas queimadas (Lev. 1:4), ou então indicava o animal inteiro. Os objetos inanimados, como um portão, teriam cabeça, em sentido metafórico, segundo se vê em Salmos 24:7, «Levantai, ó portas, as vossas cabeças...» Cabeças de animais serviam de motivo de decoração, em desenhos, pinturas e peças do mobiliário.

*Ferimentos e Enfermidades da Cabeça*. A principal maneira de ferir a um inimigo consistia em produzir-lhe um ferimento na cabeça (Sal. 68:21). A decapitação era uma forma de punição capital, sendo praticada na Assíria, na Babilônia, e em muitos outros países antigos. A lepra podia atingir uma pessoa na cabeça (Lev. 13:42,44). A cabeça também estava sujeita a doenças da pele (Isa. 3:17), e a doenças internas (II Reis 4:29; Isa. 1:5). Ver o artigo geral sobre as *Doenças*.

*Costumes*. Inclinar a cabeça diante de alguém simboliza humildade ou reverência (Gên. 24:26; Êxo. 4:31; 43:28). Cobrir a cabeça representava tristeza (II Sam. 15:30; Est. 6:12). Pôr cinza ou pó sobre a cabeça indicava consternação e tristeza (Jos. 7:6; Jó 2:12). Impor as mãos sobre a cabeça de alguém era sinal de transmissão de alguma bênção, embora também pudesse indicar tristeza (II Sam. 13:19; Jer. 2:37). Os sacerdotes e os nazireus, entre os israelitas, estavam proibidos de rapar a cabeça (Lev. 21:5,10; Núm. 6:5). As cabeças dos inimigos, em tempos de guerra, ou dos criminosos, eram decapitadas em sinal de total vitória e escárnio (Mat. 14:10; Juí. 5:36; I Sam. 17:51).

*Usos Figurados*. 1. Jesus Cristo é o Cabeça da Igreja (Efé. 4:15). Há um artigo separado sobre esse assunto, intitulado *Cristo, a Cabeça; a Igreja, o Corpo*. Ver também o artigo sobre o *Corpo de Cristo*.

2. *Governantes*. Ver I Sam. 15:17; Dan. 2:38.

3. Pessoas que ocupavam posições importantes (Isa. 9:14,15).

4. A cidade principal de algum reino (Isa. 7:8).

5. Deixar uma cabeça calva era julgar severamente (Isa. 3:24; 15:2).

6. Levantar a cabeça era triunfar de modo jubiloso (Sal. 3:3; Luc. 21:28).

7. Ungir a cabeça era consagrá-la ou mostrar respeito pela pessoa ungida (Êxo. 29:7; Luc. 7:46).

8. Sacudir a cabeça era um gesto de zombaria, incredulidade ou consternação (Isa. 37:22; Sal. 22:7; Jer. 18:16; Mat. 27:39).

## CABEÇA (Cristo) e CORPO (Igreja)

Col. 1:18: *Também ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência,*

*A Metáfora da Cabeça e do Corpo*

1. A união vital entre Cristo e seu «corpo» é referida

sob o simbolismo da cabeça e do corpo: uma união mística é assim salientada (ver as notas expositivas a respeito, em I Cor. 1:4, no NTI).

2. Estão em foco a autoridade absoluta de Cristo e seu governo ativo sobre a igreja, na qualidade de Senhor.

3. Nutrição e poder transmissor da vida são atribuídos ao Cabeça, o qual sustenta o corpo.

4. A vida sem o Cabeça é simplesmente impossível.

5. *Há união*, harmonia e amor entre o Cabeça e o corpo, em que cada qual cuida do outro, tão vital é essa união. Essas são as idéias aqui incluídas. Na epístola aos Efésios, a união da igreja é vista como prefiguração da unidade universal que será produzida, tendo Cristo como Cabeça de tudo, e não apenas da igreja. (Ver Col. 1:10, acerca do «mistério da vontade de Deus»). A igreja atualmente está vinculada a Cristo, em harmonia com ele, tal como um corpo está vinculado à sua cabeça.

6. Cristo pertence a nós, e nós a ele. Assim sendo, nossos destinos estão ligados para sempre, tal como se dá no caso de um corpo e sua respectiva cabeça.

7. A exaltação do corpo também faz parte da metáfora, pois os grandes poderes angelicais, por mais elevados que sejam, não são o corpo de Cristo, o qual é o Cabeça de todos.

8. A participação na «mesma natureza» é outro fator envolvido nessa metáfora, tal como um corpo deve ter a mesma natureza que sua cabeça. Assim também nós compartilhamos da própria essência de Cristo (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18).

*Cabeça da Igreja triunfante!*
*Alegremente te adoramos;*
*Até que tu apareças,*
*Teus membros, aqui,*
*Cantar-te-ão na glória!*
(Charles Wesley).

(Quanto a outros trechos onde o conceito de Cristo como «Cabeça da igreja» também pode ser visto, ver Efé. 1:22,23; 4:15; 5:23 e Col. 2:19. Quanto a outras passagens onde a igreja é retratada como o «corpo de Cristo», ver Efé. 1:23; Rom. 1:4 e I Cor. 12:12-27. Notas expositivas completas sobre a igreja como «corpo» e sobre Cristo como o «Cabeça», são oferecidas em Efé. 1:22,23 no NTI).

Devemos ter cautela com aquelas denominações evangélicas, organizações religiosas ou indivíduos que exaltam de tal modo a si mesmos, à sua autoridade ou às suas doutrinas, que chegam a diminuir o conceito de Cristo como Cabeça de tudo, tanto no tocante à igreja como no que toca a Cristo no que concerne ao universo.

«...uma figura de amor, que desce do alto para baixo, que se agarra e que movimenta o que é corpóreo, elevando-o anelantemente de baixo para cima, — cuja obra consiste em transformar constantemente a natureza inferior àquela por que anseia, de tal modo que, finalmente, compartilha da natureza mais elevada que é desejada». (*Schubert*, referindo-se a Efé. 1:22).

**A significação cósmica de Cristo (o logos) se estende aos homens, sendo aplicada a eles.** — Os gnósticos reconheciam essa significação em pequena medida, mas tinham perdido Cristo entre os «aeons». Paulo mostra aqui que, na realidade, só há um Senhor, até onde nos diz respeito. (Ver Rom. 1:4,7 sobre o «senhorio de Cristo»). Em relação à posição de Cristo como cabeça, devemos pensar também na «nova criação». Portanto, ele é o criador tanto do mundo físico como do mundo espiritual.

**Cabeça da Igreja.** Em Col. 1:18, vemos a oitava superioridade de Cristo do livro de Colossenses. Cristo é o cabeça da igreja, e isso com exclusividade, pois não pode haver outro cabeça. Aqueles que adoravam os mediadores angelicais roubavam de Cristo sua posição de cabeça conforme se vê em Col. 2:18,19. A definição básica de um crente é alguém que tem a Cristo como *Cabeça*, isto é, que aceita o senhorio de Cristo. (Ver as notas expositivas completas sobre esse tema, em Rom. 1:4 no NTI). Um crente pode ter pensamentos e doutrinas errôneos; mas acerca de uma coisa ele terá plena certeza, a saber, que Cristo é seu Senhor. Outrossim, não há tal coisa como um crente que tenha Cristo como Salvador, mas não como Senhor. Isso fica perfeitamente claro em Rom. 10:9,10, onde a fé evangélica e a invocação do nome do *Senhor* aparecem como confissão daquele que é tanto o Salvador como o Senhor. A alma deve ser-lhe «entregue», pois a essência mesma da fé é a outorga da alma aos cuidados do Senhor. (Ver notas expositivas completas sobre a *fé*, em Heb. 11:1 no NTI). Tendo mostrado como o universo inteiro está relacionado com o Cristo exaltado, tanto o preexistente como o eterno e como o atual glorificado, Paulo mostra agora, particularmente, como a igreja está relacionada com Cristo (ver Col. 1:18-22). Essa mesma grandeza de Cristo, que precisa ser reconhecida pela igreja, sem o que ninguém pode ser um crente autêntico, também foi demonstrada pelo ministério apostólico (ver Col. 1:24-25).

A cabeça está vitalmente ligada ao corpo, embora seja superior a este último, sendo seu comandante e guia. Renegar à cabeça é condenar o corpo *à morte;* e nenhum corpo pode viver sem sua cabeça. Atualmente não temos problema com qualquer movimento herético, como o que assediava a igreja de Colossos; mas ainda há muitos cristãos que supõem que podem viver espiritualmente sem o Cabeça, que não aceitam o senhorio de Cristo. Esses não são cristãos verdadeiros, mas são ramos cortados e lançados no refugo, estando mortos e ressecados.

**Uma definição do cristão**

O que é ser cristão? O cristão é aquele que tem ao Senhor Jesus como seu *cabeça*, isto é, que não dá prioridade a ninguém acima de Cristo. A questão de «reter a Cristo como cabeça», idéia essa que figura em Col. 2:19, aparece dentro do contexto do combate de Paulo contra as noções falsas do gnosticismo, o qual postulava muitos deuses e muitos senhores, cada qual com sua província de governo; e, para os gnósticos, Cristo seria apenas um desses deuses ou senhores. Ora, esse conceito errôneo reduzia a importância e a grandeza de Cristo, onde o Senhor Jesus não aparecia realmente como Cabeça. Aquele que reputa a Cristo como Cabeça, reconhece sua autoridade absoluta sobre a alma, e assim exerce fé, que consiste da entrega da alma às mãos de Cristo. Ora, se um homem exerce essa fé, tendo a Cristo como Cabeça, como o grande objeto de sua fé, então o Espírito de Deus o converte, e ele entra no primeiro passo da regeneração. Tal homem pertence a Cristo, é um crente.

Por outro lado, pode não ser um crente uma pessoa que proclama em altas vozes a divindade de Cristo, mas a quem não entregou definitivamente a própria alma. E isso nos permite perceber, uma vez mais, que os «credos» não nos salvam. Deve haver real conversão; e existem muitos convertidos autênticos que ainda se encontram em estado de confusão mental acerca de questões doutrinárias.

Vinculação entre a cabeça e o corpo. Schubert (em Col. 2:14), comenta a esse respeito, como segue:

«...temos aqui uma figura simbólica de amor, que desce do alto até nós, conquistando e movimentando o que é corpóreo, levando-o a uma longa elevação, debaixo para cima, numa obra que transforma constantemente a natureza inferior do objeto, a ponto deste último vir a compartilhar, finalmente, da natureza daquilo que o eleva». Cristo Jesus é, «...ao mesmo tempo, membro e governante do corpo». (Gerlach em Col. 2:19).

## CABELEIRA FRISADA

No grego, **plégma**, derivada de **pléko**, «trançar». Vocábulo que aparece somente em I Tim. 2:9. Sob a forma *enpléko*, figura em II Ped. 2:20; I Ped. 3:3. O trançado dos cabelos era uma prática comum feminina entre os romanos e outros povos do período neotestamentário, envolvendo penteados elaborados, algumas vezes com mistura de elementos decorativos como finas argolas de ouro, pérolas e pedras preciosas. A denúncia contra essa prática, nas páginas do Novo Testamento, deve-se aos exageros que a prática envolvia, e também porque as mulheres que apreciavam o costume geralmente mostravam-se por demais preocupadas com a sua aparência pessoal atrativa, fisicamente falando, presumivelmente com uma negligência paralela às qualidades espirituais. Quanto a outras idéias sobre os versículos em questão, ver as notas no NTI. (NTI Z)

## CABELOS

No hebraico, temos duas palavras; no grego, também duas, a saber:

1. *Sear*, «cabelo». Palavra que figura por vinte e quatro vezes. Por exemplo: Lev. 13:3,4,10,20,21,25, 26;30—32,36,37; Núm. 6:5; Juí. 16:22; Eze. 16:7.

2. *Saarah*, «cabelo». Palavra que aparece por sete vezes: Juí. 20:16; I Sam. 14:45; II Sam. 14:11; I Reis 1:52; Jó 4:15; Sal. 40:12; 69:4.

3. *Thríks*, «cabelo». Palavra grega que ocorre por catorze vezes: Mat. 3:4; 5:36; 10:30; Mar. 1:6; Luc. 7:38,44; 12:7; 21:18; João 11:2; 12:3; Atos 27:34; I Ped. 3:3; Apo. 1:14; 9:8.

4. *Kóme*, «cabeleira». Palavra grega usada por vinte e sete vezes: Algumas referências são: Mat. 9:35; 10:11; Mar. 6:6,36, Luc. 5:17; João 11:1, Atos 8:25.

Os cabelos são um assunto importante na Bíblia, e também na experiência humana. As mulheres estão sempre procurando ajeitar melhor os cabelos, para melhorar sua aparência, e a maioria dos homens preferiria que as mulheres deixassem seus cabelos soltos e longos. Quase todos os animais têm pêlos que podem ser chamados por diferentes nomes, como lã ou penugem. O homem utiliza-se do pêlo dos animais de muitas maneiras, tecendo-os ou não, para a fabricação de tecidos ou para rechear travesseiros ou colchões (Mar. 1:6; I Sam. 19:13).

**Costumes Humanos:**

1. *Entre os Egípcios*. Comentando sobre o assunto, Heródoto afirmou que os homens egípcios «só deixavam crescer o cabelo e a barba quando de luto. e que, em todas as outras ocasiões, raspavam-nos». Isso concorda com o trecho de Gênesis 41:14, onde vemos que José «barbeou-se» quando saiu da prisão para apresentar-se diante de Faraó. Parece que os motivos dos egípcios eram alguma mania de higiene exagerada. Lemos que os sacerdotes egípcios mostravam-se fanáticos quanto a isso, raspando todo o pêlo do corpo a cada três dias. Até a cabeça das crianças era raspada, sendo deixados cachos ao redor da mesma, como decoração. Entretanto, as mulheres egípcias nunca raspavam os cabelos, nem mesmo quando de luto. Pelo menos os egípcios davam seu voto ao reconhecimento universal da beleza da cabeleira feminina.

2. *Entre os Assírios e Babilônios*. As esculturas e as gravuras que os arqueólogos têm achado mostram que os assírios e babilônios usavam cabelos longos, homens e mulheres. Heródoto também diz que esses povos usavam cabelos longos. Parece que eles usavam perucas para aumentar o volume dos cabelos.

3. *Entre os Gregos e Romanos*. Desde os tempos mais remotos os gregos, tanto homens quanto mulheres, usavam seus cabelos longos, exceto quando se lamentavam pelos mortos, quando os cabelos aparados eram um sinal de luto. Algumas vezes, os cabelos eram enrolados, formando um nó, ou então seguros com um espécie de alfinete grande. Os escravos com freqüência usavam cabelos curtos e um cidadão ateniense livre jamais haveria de imitar os escravos, usando cabelos curtos. As mulheres gregas usavam cabelos longos, embelezando-os com vários penteados e enfeites, incluindo jóias e alfinetes de cabelo de muitos tipos. Esses alfinetes eram feitos de ouro, de prata, de bronze, de marfim e até de pedras preciosas. Eram usados artifícios para tingir os cabelos, quando as damas se cansavam de ver seus cabelos da mesma cor todos os dias. Entre os romanos, havia paralelos desse costume. Os homens romanos, tal como os gregos, nos tempos antigos usavam cabelos longos. Ter cabelos curtos era identificar-se com os escravos, que os usavam curtos. Porém, por volta de 300 A.C., esse costume sofreu mutações, quando apareceram os primeiros barbeiros, na Sicília. Cipião teria sido o primeiro cidadão romano a barbear-se todos os dias. As barbas ficavam em moda e saíam de moda. Por volta do século II D.C., o costume era cortar os cabelos bem curtos, segundo faziam os atletas e os filósofos estóicos. Se atentarmos ao que Paulo diz, no décimo primeiro capítulo da sua primeira epístola aos Coríntios, é quase certo que tanto os gregos quanto os romanos dos seus dias costumavam usar os cabelos curtos, no caso de homens; pois, de outra sorte, suas declarações ali não fariam sentido. Ver Rom. 11:14. Para Paulo, a própria natureza ensina que os homens deveriam usar cabelos curtos, e que as mulheres deveriam usar cabelos longos. Essa declaração seria impossível de compreender se, em sua época, os costumes fossem consideravelmente diferentes disso.

4. *Entre os Hebreus*. Os homens hebreus tinham grande respeito pela barba (que vide), imaginando toda a espécie de virtude para a mesma. Mas a calvície chegava a ser motivo de zombarias (II Reis 2:23). Os jovens de ambos os sexos usavam longos cabelos soltos (II Sam. 14:26; Can. 5:11). Os nazireus continuavam deixando seus cabelos longos (Núm. 6:5). Mas parece que outros homens hebreus, quando atingiam a idade da responsabilidade, talvez aos trinta anos, costumassem cortar seus cabelos. Naturalmente, temos o relato sobre Absalão, que continuou usando cabelos longos. E, se ele assim fazia, é razoável presumir que outros também o fizessem, mesmo que isso não fosse um regral geral (II Sam. 14:26). Na época de Paulo, de acordo com I Coríntios 11:14, o uso de cabelos curtos, por parte dos homens judeus, deve ter sido um costume universal, pois, de outra maneira, o que ele diz ali não teria o menor sentido. Mas, as mulheres judias, tal como as mulheres de outras culturas, muito se esforçavam por embelezar seus cabelos (Isa. 3:24). Esse tipo de atividade ocorria até mesmo entre os cristãos, e Paulo

achou por bem censurar o exagero (I Tim. 2:9), no que foi secundado por Pedro (I Ped. 3:3). Josefo informa-nos que até mesmo homens davam-se ao trabalho de embelezar seus cabelos (*Anti.* iv.9,4). O trecho de Ezequiel 44:20 parece dar a entender que, de vez em quando, os homens aparavam seus cabelos com uma navalha. Surgiram certos profissionais que cuidavam dos cabelos das pessoas, como os barbeiros e as cabeleireiras (Eze. 5:1).

5. *Na Igreja Cristã Primitiva.* Paulo é quem nos fornece as linhas mestras, quanto a esse particular. As mulheres crentes devem usar cabelos longos, e os homens crentes, cabelos curtos (I Cor. 11). Paulo apelou para a natureza, como se esta nos desse esse tipo de instrução, não parecendo depender dos costumes sociais como diretrizes. Comentei extensamente sobre a questão, no NTI, em diversos versículos daquele capítulo de I Coríntios. Visto que o costume social da época ditava que as mulheres honestas deviam usar cabelos longos, somente as prostitutas, ou, talvez, as que se lamentassem por seus mortos, contradiziam a regra geral. Nesse trecho paulino, não há como justificar cabelos curtos para as mulheres crentes. Se insistirmos que é correto que as mulheres cortem seus cabelos, então teremos de afirmar que o que Paulo ensinou sofria a influência dos costumes sociais de sua época, pelo que não seria aplicável aos nossos dias, embora tornasse a ser aplicável em alguma época futura. Outro tanto deve ser dito a respeito do uso do véu, pelas mulheres crentes. Contudo, que cada crente resolva a questão segundo a formação de sua consciência. Conheço um pregador que dividiu uma igreja local por esse motivo. Todavia, a questão não tem tanta importância assim, ainda que consideremos que essa instrução paulina seja obrigatória para todos os crentes.

6. *Usos Figurados.* Os cabelos simbolizam a virilidade e a fertilidade. Em um sonho ou visão, os cabelos podem ter esse significado. Além disso, os cabelos são um símbolo natural da beleza feminina. No entanto, os cabelos de uma pessoa podem ser cortados sem que ela sofra muito com isso. Isso posto, os cabelos também simbolizam aquilo que tem pouco valor para uma pessoa (I Sam. 14:45; I Reis 1:52; Mat. 10:30). Podemos entender muitas coisas, através das metáforas que usam os cabelos (Sal. 40:12; 69:4), como uma distância minúscula (Juí. 20:16); os cabelos grisalhos dão a idéia de honra ou autoridade (Pro. 16:31; Apo. 1:14), ou então decadência física e desintegração (Osé. 7:9). Cobrir a barba ou o rosto, de baixo até ac nariz, é sinal de lamentação (Lev. 13:45), ou então de tribulação e vergonha (Miq. 3:7; Eze. 24:17). O fato de que nossos cabelos estão todos contados na mente divina ilustra o valor da alma humana para o nosso Deus (Mat. 10:30). Quando os cabelos ficam eriçados, isso significa medo (o que, realmente, pode suceder!) (Jó 4:15). O ato de arrancar os cabelos significa consternação e tristeza (Isa. 15:2). A unção dos cabelos é sinal de alegria ou respeito, quando esse ato é realizado em favor de outras pessoas (Sal. 23:5; Luc. 7:38,44).

7. *Significação Religiosa dos Cabelos.* Os povos primitivos modificavam o estilo de seu penteado em ocasiões especiais, como no período de lamentação pelos mortos, para indicar arrependimento por erros praticados, etc. Os cabelos longos representam a força e a vitalidade físicas, como no caso de Sansão (Juí. 16:17), bem como a dedicação a Deus, como através de um voto (Juí. 13:5). Os cabelos também simbolizam as provisões de um voto feito a Deus e a sua *perpetuidade*, enquanto os cabelos permanecessem longos. Raspar os cabelos, por sua vez, indica humilhação, punição, desgraça. As ordens monásticas cristãs cortam os cabelos em sinal de iniciação. Os ascetas e eremitas hindus encontram alguma significação no arranjo ou desarranjo dos cabelos, como símbolo de seu ascetismo. Entre os hindus, algumas vezes eles cortam os cabelos e oferecem-nos a alguma divindade, como um sacrifício ou símbolo do sacrifício do corpo inteiro, na busca pelas realidades espirituais. Na Grécia antiga, os cabelos eram oferecidos pelos jovens, aos deuses, em seus ritos de iniciação. (AM E FO NTI UN)

**CABET, ETIENNE**

Ver o artigo sobre a **Utopia**, ponto sétimo.

**CABIR** Ver **Kabir.**

**CABOM**

O termo hebraico tem sido interpretado de várias maneiras, como «círculo», «montanhosa» ou «envolta». Era o nome de uma cidade na Sefelá, perto de Laquis (Jos. 15:40). Sua associação com Macbena (ver I Crô. 2:49), alicerça-se sobre a suposição de que ambas essas palavras procedem da mesma raiz hebraica.

**CABRA**

Há duas palavras hebraicas envolvidas:

1. *Ez*, «cabra». Palavra usada por sessenta vezes. Por exemplo: Gên. 27:9,16; Êxo. 12:5; 25:4; Lev. 1:10; 3:12; 4:23,28; Núm. 7:16; 15:24; Deu. 14:4; I Sam. 19:13,16; Pro. 27:27; Can. 4:1; Eze. 43:22; 45:23.

2. *Sair*, «peludo». Aparece por vinte e três vezes. Por exemplo: Lev. 4:24; 9:15; 10:16; 16:7-10,15,18, 20-22,26,27; Núm. 28:22; 29:22,28,31,34,38; Eze. 43:25.

Com freqüência, as Escrituras Sagradas associam a cabra à ovelha (Mat. 24:32,33), embora a cabra fosse considerada menos valiosa e útil. No entanto, ambas as espécies eram usadas nos sacrifícios, e a carne e o leite de ambas eram usados pelos israelitas (Lev. 3:12; 4:24; 9:15; 10:16; Núm. 15:27; 28:22). Uma das primeiras referências a esse animal, nas páginas da Bíblia (Gên. 37:31), refere-se a um desses animais que foi morto para manchar de sangue a túnica multicolorida de José, para dar a impressão de que ele fora morto por alguma fera. Isso mostra-nos que, desde os tempos mais remotos, esse animal era usado na Palestina. Muitos estudiosos supõem que a cabra foi o primeiro animal ruminante a ser domesticado. Há antepassados ainda selvagens, como a cabra de Bezoar ou a cabra cretense, *Capra aegagrus*, que tem os pêlos cor marrom avermelhado durante o verão e marrom cinza, durante o inverno. Vive desde a Índia até à ilha de Creta, embora atualmente esteja grandemente reduzida em números, em contraste com os tempos antigos. As cabras são conhecidas por seus passos firmes, mesmo sobre terreno muito acidentado. Geralmente percorrem largas áreas, buscando pasto.

Há evidências da domesticação da cabra desde a era neolítica, e seus ossos têm sido datados, pelo método do carbono, de seis a sete mil anos atrás. Houve certa variedade de cabras desde o início, mas, nos tempos modernos, o número das variedades ainda é maior. Objetos de arte antigos, encontrados no Egito, retratam a cabra.

*Usos*. Nos tempos bíblicos usava-se para consumo humano a carne e o leite de cabra (Juí. 6:19). Contudo, era uma carne menos apreciada que a da ovelha ou a da vaca (Luc. 15:29 ss). As peles de cabras eram usadas para o fabrico de vestes, de tendas, de cortinas, de odres e de muitos itens de uso diário. O pêlo da cabra era torcido e tecido. Além disso, naturalmente, o sistema de sacrifícios levíticos utilizava a cabra, conforme já notamos antes.

*Destruidores*. Alguns afirmam que, depois do homem, a cabra é o maior destruidor de terras da história. Na área do mar Mediterrâneo, as cabras chegam a subir em árvores baixas para comer seus brotos e raminhos. Isso é ilustrado em gravuras da mais remota antiguidade. A cabra destrói tôdo tipo de vegetação. Essa destruição tem sido tão intensa, em certos lugares, que, em resultado, as cabras têm morrido de inanição.

*Usos Figurados*. No oitavo capítulo de Daniel, o bode representa o império grego (vs. 21). Em Mateus 25:32,33, ovelhas e bodes representam, respectivamente, os justos e os injustos. Nessa conexão, o bode talvez seja usado devido ao seu mau cheiro, teimosia e maus hábitos; mas, principalmente, porque era um animal considerado relativamente inútil e destruidor.

## CABRA MONTÊS

No hebraico, **aggo**, palavra que aparece somente em Deu. 14:5. A maioria dos eruditos confessa que o sentido da palavra é desconhecido. Há também uma outra palavra hebraica, *yeelim*, usada em I Sam. 24:2; Jó 39:1 e Sal. 104:18, e que a nossa versão portuguesa traduz por «cabras monteses» nas duas primeiras dessas referências, e por «cabras montesinhas» na terceira delas.

É essencial distinguir entre essas duas espécies relacionadas, mas confundidas uma com a outra, conforme se vê também em nossa versão portuguesa. O íbex da Núbia (*Capra nubiana*) até hoje pode ser encontrado na porção oeste da Palestina. Em sentido estrito, a cabra montês é a *Capra aegagrus*, o principal antepassado selvático da cabra domesticada, ao passo que o íbex nunca foi domesticado. A cabra montês, em certo período, vivia até o sul da Palestina, onde têm sido encontrados restos e ossadas da mesma, em depósitos da idade da Pedra, embora seja improvável que os israelitas tivessem-na conhecido. A maioria dos estudiosos opina que a cabra montês era o *yeel*, que identificamos acima com o íbex. Quanto ao aqqo, temos que contentar-nos com uma espécie desconhecida, embora o trecho de Deu. 14:5 mostre-nos que era um dos animais que os israelitas podiam consumir, pois era um animal limpo.

## CABRIS

No livro de Judite (6:15,16; 8:10 e 10:6), um dos livros apócrifos do Antigo Testamento, ele aparece como filho de Gotoniel, um ancião, um dos três governantes de Betúlia, a quem Judite apelou, solicitando ajuda.

## CABUL

A palavra, no hebraico, significa «distrito». 1. Era o nome de uma cidade na fronteira leste de Aser (Jos. 19:27), talvez a Chabolo que aparece em Josefo, *Vida*, xliii.44. A moderna Kabul, nas colinas, cerca de catorze quilômetros e meio de Ese de Acre, é o local moderno. Porém, esse lugar nada tem a ver com a Kabura, da lista de Ramisés III, que ocupa o vigésimo terceiro lugar. Esse lugar fica um tanto mais ao sul. 2. Um distrito ao norte da Galiléia, onde havia cerca de vinte cidades, o qual Salomão cedeu a Hirão (I Reis 9:13), em pagamento parcial por havê-lo ajudado a construir o templo de Jerusalém. Hirão, entretanto, não ficou satisfeito com o pagamento, e chamou a região de *terra de Cabul*, que, provavelmente, significa, «de nada vale». É provável que Hirão, sendo um fenício, — desejava uma localização à beira-mar. Além disso, as cidades poderiam estar em mau estado, ou então faziam parte de uma região desértica. Hirão aparentemente devolveu as cidades a Salomão, e ele as reedificou. (II Crô. 8:2).

## CABZEEL

No hebraico, «Deus recolhe». Uma cidade ao sul de Judá, lugar onde nasceu Benaia (Jos. 15:21; II Sam. 23:20; I Crô. 11:22). Em Neemias 11:25, esse nome aparece com a forma de Jecabzeel. Benaia (que vide) foi um dos principais oficiais do governo israelita, na época de Davi e de Salomão. O lugar foi reocupado após o exílio babilônico. O local tem sido identificado com a moderna Kirbet Horah.

## CAÇA

No hebraico, **tsayid**, «caça». Esse vocábulo aparece por dezenove vezes com esse sentido. Por exemplo: Gên. 25:28; 27:5,7,19,25,31,33. Uma variante, *tsedah*, que tem o mesmo significado, aparece por nove vezes, como por exemplo, em Gên. 27:3; Êxo. 12:39; Jos. 1:11; 9:11; I Sam. 22:10.

Qualquer tipo de caça é referido pelas palavras hebraicas acima, embora, usualmente, esteja em foco alguma caça da família do veado. Os hebreus não caçavam por puro esporte, conforme faziam outros povos do Oriente Próximo e Médio. Antes, abatiam predadores e animais para consumo. Contudo, houve caçadores bem conhecidos, como Ismael (Gên. 21:20) e Esaú (Gên. 25:27). Os israelitas caçavam vários tipos de aves, como a perdiz, e de quadrúpedes, como a gazela, a corça e o veado.

Por raras vezes o Antigo Testamento menciona essa atividade da caça. O Novo Testamento nunca a menciona. As comunidades nômades e rurais, em alguns lugares, dependiam (e continuam dependendo) muito da caça, para obter alimentos. Porém, o povo de Israel era uma nação essencialmente agrícola, que provia para suas necessidades alimentares mediante o cultivo de cereais e legumes ou mediante a criação de animais domésticos. O termo «caçador» foi aplicado a Ninrode, o fundador de Babel e de outras cidades do vale da Mesopotâmia (Gên. 10:9). Os babilônios caçaram por mero esporte, capturando até mesmo leões, montados em cavalos e usando lanças. Muitos leões assim capturados tornavam-se animais de estimação ou eram usados para rechear zoológicos particulares. As referências do Antigo Testamento vinculadas à matança de animais, giram mais em torno da idéia de proteção dos rebanhos (Juí. 14:5,6; I Sam. 17:34-36), nada tendo a ver com a caça como um esporte. Visto que certos animais selvagens podiam ser consumidos, de acordo com as leis dietéticas de Israel, é possível que alguma caça fosse efetuada com essa finalidade (Lev. 17:13; Deu. 14:5).

As armas empregadas na caça eram o arco e a flecha (Gên. 27:3), as redes para apanhar aves e peixes (Pro. 1:71; Ecl. 9:12), as armadilhas (Amós 3:5), e os fossos (Sal. 35:17).

*A Questão Moral Envolvida na Caça.* Os babilônios, os egípcios e os assírios caçavam por puro esporte. Muitas descobertas arqueológicas confirmam isso. No mundo moderno, a caça, quando é permitida, só cobre certos períodos do ano, e está sujeita a vários regulamentos e proibições. Os homens podem ter ótimas residências, dois automóveis, dinheiro na poupança, mas eles gostam de sair à caça, ou para conseguir alimentos diferentes, ou por puro esporte, quase sempre por esta última razão. A caça pode ser justificada sobre bases morais? Ver o artigo sobre os *Animais.* Uma das razões que justificam a caça é quando uma dada região não consegue sustentar um maior número de animais selvagens do que aquele que é mantido mediante a caça e a captura, por não haver alimento necessário para tantos. Todavia, é errado matar, até mesmo animais, por simples diversão. Ensinei meus três filhos homens a não infligirem qualquer dor desnecessária, mesmo entre os animais irracionais.

## CACHORRO

No hebraico, **kehleb**, que vem de um termo que significa «uivar». No hebraico temos *kúon* e *kunárion*, «cão» e «cãozinho», respectivamente. O termo hebraico é usado por trinta e uma vezes, de Êxo. 11:7 a Jer. 15:3. *Kúon* é termo grego usado por cinco vezes: Mat. 7:5; Luc. 16:21; Fil. 3:2; II Ped. 2:22 (citando Pro. 26:11) e Apo. 22:15. *Kunárion* é usado por quatro vezes: Mat. 15:26,27; Mar. 7:27,28.

Esse animal era considerado totalmente impuro para os hebreus, o que significa que, em Israel, ninguém ficava acordado à noite porque o cão do vizinho estava latindo. Na Palestina e no Egito, o cão era animal consumidor de carniça, percorrendo as aldeias e povoados brigando e rosnando por causa de qualquer alimento que encontrasse. Um cão, embora prefira a carne, come qualquer tipo de refugo, pelo que está sujeito a muitas doenças, algumas das quais ele pode transmitir ao homem. O trecho de II Reis 9 registra como o cadáver de Jezabel foi devorado pelos cães. Na história temos provas de que, algumas vezes, os cadáveres eram lançados aos cães, para serem consumidos por eles, nas culturas antigas. No Egito, os cães eram muito apreciados. Parece evidente que o cão foi o primeiro animal a ser domesticado no Egito, onde era usado de muitos modos pelos caçadores, criadores, etc., servindo como vigias e companheiros do homem. Israel, portanto, estava bem familiarizado com o cão; mas, uma vez que escaparam do Egito, os israelitas não quiseram continuar a amizade com os cães. Mas, visto que havia cães por toda a parte, os israelitas não conseguiam livrar-se deles. Restos de corpos de cães têm sido encontrados nas camadas mais inferiores de Jericó. A arqueologia tem encontrado certa variedade do greyhound, ou cão de corrida, que já seria domesticado desde 3000 A.C. Sabemos que em toda a Mesopotâmia, os cães eram muito estimados. Relevos provenientes da Babilônia retratam cães de diferentes raças. Os historiadores informam-nos que havia matilhas de cães que viviam perto das cidades, como se fossem lobos; de fato, cães selvagens viviam nas proximidades das cidades. Isso significa que havia muitos cães semi-selvagens, vivendo perto das cidades, constituindo um perigo às pessoas. Naturalmente, também havia cães que eram criados como bichos de estimação, os quais formavam uma elite entre os cães. Em Jó 30:1 há alusão ao cão que guardava as ovelhas. Isso significa que ou esse livro foi escrito antes do aparecimento do livro de Levítico, ou então que Jó não era israelita. O trecho de Isaías 56:10, ao falar sobre os cães mudos, que não sabem ladrar, sugere a existência de cães que guardavam os rebanhos, protegendo-os dos ataques dos animais ferozes. Por conseguinte, é possível que alguns israelitas criassem cães com propósitos especiais, como esse.

As cidades do Oriente Próximo e Médio até hoje são assoladas por imensas matilhas de cães que passam a noite uivando, algo que é aludido em Salmos 59:6,14. Os visitantes dos países orientais dizem-nos que essa condição é um descalabro. Ali, os cães continuam consumidores de carniça. Os árabes evitam cães soltos pelas ruas, por serem animais imundos. Ver o artigo sobre *Limpo e Imundo.*

**Usos Figurados:**

1. Pessoas cruéis são chamadas «cães» (Sal. 22:16,20; Jer. 15:3). Estão em pauta os cães semi-selvagens que havia nas proximidades das cidades antigas, mais semelhantes aos lobos, em seus hábitos.

2. Expressões como «cão», «cabeça de cão» e «cão morto» eram usadas para indicar opróbrio ou humilhação, que as pessoas usavam contra outras ou contra si mesmas (I Sam. 24:14; II Sam. 3:8; 9:8; II Reis 8:13).

3. Os gentios, como um povo cerimonialmente impuro que eram, são chamados «cães» (Mat. 15:26,27). Temos nessa referência a história da mulher siro-fenícia. O relato mostra-nos que até mesmo pessoas humildes, consideradas impuras ou imundas, podem participar dos benefícios do evangelho.

4. Os *falsos apóstolos* foram chamados «cães» por causa de sua impureza espiritual e ganância pelo dinheiro (Fil. 3:2).

5. Aqueles que são excluídos do reino dos céus são chamados «cães» (Apo. 22:15), o que é uma referência à sua vileza espiritual, a razão mesma da exclusão deles.

6. O próprio *Satanás* é chamado «cão», por causa de sua vileza e malignidade (Sal. 22:20).

7. *O Cão nos Sonhos e nas Visões.* a. Uma pessoa fiel, em quem se pode confiar, pode ser representada como um cão. b. Uma pessoa pode apresentar-se em um sonho mediante a imagem desse animal, talvez repreendendo os seus hábitos sexuais. c. Um sonho com um cão que uma pessoa possuiu pode representar aquele período de sua vida, nada tendo de específico com o próprio cão. d. Uma caçadora, acompanhada de um cão, pode representar a Ânima, um dos arquétipos de Jung. A Ânima é a força feminina em um homem. e. Um cão pode representar apetites sexuais descontrolados, ou então os aspectos não civilizados da personalidade de uma pessoa. (CHE S UN Z)

## CACHORRO DE LEÃO

No hebraico precisamos considerar três palavras:

1. *Gor*, «leãozinho». Palavra que ocorre por duas vezes: Jer. 51:38 e Naum 2:12.

2. *Gur*, «leãozinho». Palavra que aparece por sete vezes: Gên. 49:9; Deu. 32:22; Eze. 19:2,3,5; Naum. 2:11; Lam. 4:3.

3. *Ben*, «filho». Palavra extremamente comum, mas que, nesse sentido, ocorre somente em Jó 4:11 e 28:8.

Está em vista um filhote de leão, embora as Escrituras usem essas palavras (*gor* e *gur*) mais no sentido figurado do que no sentido literal. O caso da palavra *ben* será comentado mais abaixo. Elifaz, no

livro de Jó, menciona os «leõezinhos» que teriam sido dispersos, por faltar presa ao leão velho (Jó 4:11). Interessante é observar que, quanto a *gor*, nossa versão portuguesa a traduz por «filhos da leoa», em Jó 4:11, mas por «leãozinho», em Jó 28:8.

A Babilônia haveria de rugir como os leõezinhos, por ocasião de sua destruição (Jer. 51:38), e Nínive haveria de ficar desolada, onde os leões teriam capacidade de despedaçar presas suficientes para seus filhotes que viviam em covis (Naum 2:11,12). Jacó profetizou: «Judá é leãozinho» (Gên. 49:9). Isso equivale ao cumprimento feito por Moisés no caso de Dã (Deu. 33:22); e Ezequiel reverberou isso, dizendo que os príncipes de Israel eram leõezinhos apanhados nas redes e nas armadilhas (Eze. 19:2,3,5). Ver sobre *Leão*.

## CACO

No hebraico, **cheres**, que significa «caco» em cinco oportunidades: Jó 2:8; Sal. 22:15; Pro. 26:23 e Isa. 45:9. Trata-se de algum pedaço de vaso de barro quebrado. Em Jó 2:8, um caco é mencionado como um objeto que aquele homem de Deus usou para raspar suas borbulhas, talvez para coçar-se ou para fazer as borbulhas estourarem e deixarem escapar o pus, embora nada haja de científico nisso que dizemos. Pedaços maiores eram usados para transportar brasas acesas, para transportar pequenas quantidades de água, ou como pesos para segurar no lugar as tampas de jarras ou panelas. Às vezes, esses fragmentos eram usados como material de escrita, em cujo caso eram chamados *ostraca*. Foi encontrado um minúsculo trecho do Novo Testamento em um caco desses; mas, afora isso, as *ostraca* têm servido de importantes evidências arqueológicas. As famosas ostraca de Laquis estavam escritas com correspondência militar, entre aquela cidade e o seu posto avançado. As ostraca samaritanas aparentemente eram recibos do governo a respeito de taxas recebidas, sob a forma de produtos da terra; mas também podem ter sido recibos ordinários. Os cacos de cerâmica podem oferecer ajuda quando se trata de determinar a antiguidade de alguma coisa, às vezes melhor, que no caso de moedas antigas. Um dos usos práticos dos antigos é que eles transformavam os cacos em pó, para serem misturados com argamassa, para que a mistura fosse usada como uma espécie de material de revestimento à prova d'água, nas cisternas (que vide). Ver o artigo separado sobre as *Ostraca*. Ver também sobre *Olaria*.

*Usos figurados*. Os cacos de cerâmica podem significar qualquer coisa de pequeno valor, qualquer coisa desprezível (Isa. 45:9); ou alguma coisa muito seca (Sal. 22:5); ou uma amizade fingida (Pro. 26:23).

## CADÁVER

No hebraico, **geviyyah**, «corpo». O termo aparece por catorze vezes. Mas, com o sentido de *cadáver*, somente em Naum 3:3 e Sal. 110:6. E também *peger*, «carcaça», palavra usada por vinte e duas vezes (por exemplo: II Crô. 20:24,25; Jer. 31:40; 33:5; 41:9; Amós 8:3).

No grego, *ptôma*, «carcaça». Esse vocábulo aparece por sete vezes: Mat. 14:12; 24:28; Mar. 6:29; 15:45; Apo. 11:8,9.

Em português, «cadáver» indica um corpo humano sem vida. Ver II Reis 19:35; Isa. 37:36. Um cadáver insepulto significava desgraça e opróbrio, entre os antigos (Jer. 16:4). Os gregos acreditavam que a alma não pode passar para o mundo dos espíritos enquanto não haja um sepultamento condigno do corpo morto. Ver o artigo sobre *Sepultamento, Costumes de*. Na antiguidade, usualmente o sepultamento se fazia, no máximo, vinte e quatro horas após a morte, pois, se não houvesse o início imediato do processo de embalsamamento, o clima muito quente precipitava sem tardança o processo de decomposição do cadáver. Ver Marc. 6:29; Mat. 27:57,60.

*Lição Espiritual Dada pelos Cadáveres*. Quão poúca coisa é mister para reduzir o corpo humano a uma massa inerte, inútil, que começa a decompor-se. No entanto, antes dessa redução, provocada pela morte, quantos cuidados conferimos aos nossos corpos físicos. Quão prontamente desaparece aquilo que tanto valorizamos! Algumas estrelas do cinema têm segurado seus corpos em milhões de dólares. Depois, quando envelhecem, algumas delas passam a ter uma vida miserável, no olvido popular. Os seres humanos precisam aprender que a *pessoa real* é a alma eterna. As pessoas que têm passado pela experiência de quase morte (que vide) afirmam que, quando da aproximação da morte, pouca atenção é dada ao corpo. Muitas vezes, as pessoas só têm uma correta perspectiva da vida quando já estão moribundas. Passamos a vida inteira pensando no corpo, a menos que, em algum ponto de nosso trajeto, mediante a conversão, venhamos a compreender o valor da vida espiritual. Infelizes e dignos de lástima são aqueles que pensam que o corpo humano é o próprio ser humano.

## ÇADÊ

Décima oitava letra do alfabeto hebraico (vide), e que recebeu o valor numérico de noventa, nos tempos pós-bíblicos. Essa letra encabeça os versículos 137 a 144 do Salmo 119, e também dá início a cada verso ali constante.

**CADEADO** Ver **Trancar (Cadeado, Fechadura, Pino)**.

## CADEIA, CADEIAS

No hebraico, **noser**, «cadeias», «laços». Palavra usada por onze vezes. Por exemplo: Sal. 116:16; Jer. 5:5; 27:2; 30:8; Naum 1:13. No grego encontramos duas palavras: *álusis*, «cadeia», palavra usada por dez vezes (Mar. 5:3,4; Luc. 8:29; Atos 12:6,7; 21:33; 28:20; Efé. 6:20; II Tim. 1:16; Apo. 20:1), e *desmós*, «algemas», palavra usada por dezoito vezes (Mat. 7:35; Luc. 8:29; 13:16; Atos 16:26; 20:23; 23:29; 26:29,31; Fil. 1:7,13,14,17; Col. 4:18; II Tim. 2:9; File. 10, 13; Heb. 11:36; Judas 6).

Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento há usos literais e metafóricos dessas palavras. 1. Com o sentido literal de cadeias, correntes ou algemas, podemos ver Atos 28:20 e Luc. 8:29. 2. O trecho de Col. 2:19 alude aos músculos e juntas que unificam o corpo humano. 3. O jugo dos animais, em Naum 1:13. 4. *Vários usos metafóricos*: a. Opressão, cativeiro, aprisionamento (Naum 1:13; Sal. 116:16; Fil. 1:7). b. Obrigações morais (Núm. 30:5). c. Em Colossenses 2:19, a idéia de que o corpo místico de Cristo assemelha-se a um organismo inteiro, com suportes e ligamentos. Os antigos evidentemente pensavam que os ligamentos tinham algo a ver com a transferência de nutrientes. d. As cadeias do pecado, que prendem os homens ao mal (Atos 8:23). e. Na comunidade cristã há o vínculo da paz, que une as pessoas. f. O escrito de dívida, referido em Col. 2:14, cujos efeitos nos eram contrários. g. As justas leis de Deus, que nos restringem do mal (Jer. 5:5). (FA HA S)

## CADEIA (FIO) DE PRATA

Diz Eclesiastes 12:6: «...antes que se rompa o fio de prata, e se despedace o copo de ouro, e se quebre o cântaro junto à fonte, e se desfaça a roda junto ao poço».

O autor sagrado acumula uma série de expressões poéticas que indicam a morte física. O sétimo versículo fala sobre o pó que retorna à terra e sobre o espírito que retorna a Deus. A alusão ao romper do fio de prata, conforme tem sido demonstrado por estudos sobre a natureza da morte, é mais do que meramente poética. Sabe-se atualmente que a porção não-material é vinculada ao corpo físico por meio de uma espécie de filamento, com cerca de cinco centímetros de espessura, e que se assemelha a um campo de energia pulsante. Enquanto esse fio de prata não se rompe, o espírito, mesmo que saia do corpo, é capaz de retornar ao mesmo. Porém, se esse fio chegar a partir-se, então a morte torna-se permanente, e o espírito não mais pode retornar. Esse fio, segundo todas as aparências, é uma espécie de conector e comunicador de energias, entre as porções material e imaterial do corpo humano. Alguns têm chamado o fio de prata de cordão umbilical do espírito. Por ocasião da morte física, a comissão de recepção que vem acompanhar a pessoa à outra dimensão da existência, algumas vezes corta esse fio, o que nos leva a entender que a morte, na realidade, é uma espécie de nascimento em uma outra dimensão da existência. Também há outros aspectos da morte física que se assemelham a um nascimento. Ver sobre as *Experiências de Quase Morte*, quanto a uma completa descrição do que significa o processo da morte, o que inclui em quais sentidos a morte se assemelha a um nascimento. Esse fio de prata, algumas vezes, pode ser visto na experiência da *projeção da psique* (que vide); enquanto o mesmo não é partido, o espírito pode retornar ao corpo sem qualquer dano. Essa experiência é uma das mais convincentes experiências, do ponto de vista empírico, da existência e da sobrevivência em potencial da morte, ante a morte física. O fato de que as experiências de quase morte também exibem uma porção imaterial, que sai da porção material, quando então, às vezes, o fio de prata torna-se visível para aquele que passa pela experiência, é um outro fator que favorece uma prova empírica da existência e da sobrevivência da alma. Ver o artigo sobre a *alma*, que inclui as diversas provas de sua existência e sobrevivência. Ver também o artigo sobre — *Abordagem Científica à Crença na Alma e em sua Sobrevivência ante a Morte Física*. Os intérpretes do Antigo Testamento percebem vários sentidos no tocante ao fio de prata, julgando que se trata de uma menção à medula óssea da espinha dorsal. Não é impossível que tal coisa esteja em foco; mas também é perfeitamente possível que o autor sagrado tenha aludido ao misterioso fio de prata, conforme acabamos de explicar. É possível que ele tivesse consciência de sua existência mediante antigas narrativas de experiências de quase morte, bem como da projeção da psique. Na literatura antiga, há evidências sobre ambas essas coisas. (G I IB)

## CADEIA DO SER

Uma expressão metafórica usada na filosofia e na teologia acerca da ordem, da unidade e da abrangência do mundo criado, concebidos como uma cadeia que se estende de modo a incluir todas as possibilidades da existência, desde Deus até a mais ínfima partícula de matéria inanimada. A unidade é um dos principais fatores dessa idéia. A idéia, até onde estamos informados, entrou pela primeira vez no vocabulário filosófico no *Timaeus* de Platão. Durante a renascença (que vide), a expressão era usada para indicar o arranjo hierárquico do universo. Embora Paulo não tenha usado a expressão, certamente ele conhecia o conceito, segundo se depreende do primeiro capítulo da epístola aos Efésios, onde ele liga a cadeia do ser ao senhorio de Cristo, o Logos, com quem, e por meio de quem, todas as coisas devem, finalmente, ser restauradas. Ver sobre a *Restauração*. (F NTI)

## CADEIAS

No hebraico temos duas palavras muito parecidas: *aziqqim* (usada por duas vezes: Jer. 40:1,4); e *ziqqim* (usada por cinco vezes, conforme se vê em Sal. 149:8; Isa. 45:14; Naum 3:10). Ambas essas palavras têm o sentido de «algemas». O trecho de Jer. 40:1,4 refere-se às cadeias com que foram atados os cativos, quando da queda de Jerusalém. Ver também Sal. 149:8; Isa. 45:14; Naum 3:10 quanto a um uso similar. Um estudo sobre os monumentos assírios e egípcios revela que os prisioneiros usualmente eram amarrados com cordas, embora também fossem usadas cadeias de metal, isto é, algemas.

*Usos Figurados*. a. Em Jó 38:31 a cadeia referida é a constelação das Plêiades. b. Qualquer coisa que cativa ou prende, no sentido figurado (Judas 6). c. Um símbolo de opressão ou castigo (Lam. 3:7; Sal. 149:8; Eze. 7:23). d. O orgulho é como uma cadeia que mantém os homens debaixo de seu poder (Sal. 73:6). e. Satanás será preso pela cadeia divina (Apo. 20:1). f. A lei de Deus é uma cadeia moral e espiritual, uma obrigação e uma força restringidora (Pro. 1:9). g. Fazer uma cadeia é preparar-se para o cativeiro e a escravidão (Eze. 7:23). (G S LAN UN)

## CADEIRA (ASSENTO)

**Palavras Utilizadas e Detalhes**

A idéia envolve duas palavras hebraicas e três palavras gregas, a saber:

1. *Kisse*, «trono», «cadeira». Termo hebraico usado por cento e trinta e duas vezes (por exemplo: Juí. 3:20; I Sam. 1:9; 4:13,18; I Reis 2:19; Est. 3:1; Pro. 9:14).

2. *Moshab*, «assento». Palavra hebraica usada por nove vezes com esse significado, embora não seja esse seu único sentido (por exemplo: I Sam. 20:18,25; Sal. 1:1; Eze. 8:3; 28:2).

3. *Kathédra*, «cadeira», «tamborete». Palavra grega usada por três vezes: Mat. 21:12; 23:2 e Mar. 11:15.

4. *Thrónos*, «trono». Palavra grega empregada por cerca de sessenta vezes, a grande maioria das quais no livro de Apocalipse, desde Mat. 5:34 até Apo. 22:1,3.

5. *Bêma*, «assento de julgamento». Palavra grega usada por doze vezes: Mat. 27:19; João 19:13; Atos 7:5; 12:21; 18:12,16,17; 25:6,10,17; Rom. 14:10 e II Cor. 5:10.

Nas páginas do Antigo Testamento, a palavra com freqüência alude a qualquer assento ocupado por uma pessoa importante, sem importar se rei, ministro ou sacerdote, conforme se vê, para exemplificar, em Juí. 3:20; I Sam. 1:9; 4:13,18; I Reis 2:19 e Est. 3:1.

Entre os judeus, assentos considerados especialmente importantes faziam parte dos móveis das sinagogas. Jesus repreendeu os líderes religiosos de seus dias porque preferiam «o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas» (Mat. 23:6; cf. Mar. 12:39; Luc. 11:43; 20:46). Nas

sinagogas da Palestina, os assentos mais atrás eram ocupados pelas crianças e por pessoas sem importância social. Quanto mais à frente estivesse um assento, tanto maior a importância da pessoa que o ocupava. Os assentos considerados mais honrosos eram aqueles dos anciões, que sentavam-se voltados de frente para a congregação. Pois o homem que se assentava em um desses assentos podia ser visto por todos os circunstantes, e sua importância não podia ser perdida de vista. Em Alexandria, a principal sinagoga judaica tinha setenta e um desses assentos para anciãos (o que serve de testemunho sobre as dimensões daquela congregação). Esses assentos eram ocupados pelos membros do «concílio» daquela comunidade religiosa.

Em algumas instâncias do Novo Testamento, a palavra grega *bēma* é empregada para designar um trono de julgamento (ver Mat. 27:19; João 19:13; Atos 18:12,16,17; 25:6,10,17), referindo-se ao lugar ocupado por algum governador, procurador romano ou oficial que estivesse atuando como juiz. E, por duas vezes, o vocábulo é empregado para indicar Cristo, sentado para julgar (Rom. 14:10; II Cor. 5:10), pelo que alguns têm distinguido entre o juízo exercido por Cristo e o juízo exercido por Deus, em seu trono.

A palavra grega *kathédra* era usada em sentido figurado, dando a entender, simplesmente, que o lugar havia pertencido a outrem, embora a palavra desse a entender, literalmente uma banqueta ou cadeira. Assim, os fariseus são descritos como quem se assentava na cadeira de Moisés, considerando-se ser eles os sucessores legítimos de Moisés (ver Mat. 23:2). O Senhor Jesus, por sua vez, foi descrito a derrubar «as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas» (Mat. 21:12).

Dessas palavras todas, a mais comum no Novo Testamento é o termo grego *thrónos*, que dá a entender um assento real (ver Luc. 1:52; Apo. 2:13; 4:4; 11:16; 13:2; 16:10). Assim, Satanás também tem um trono, os vinte e quatro anciãos ocupam vinte e quatro tronos, e o dragão entregará ao anticristo o seu próprio trono.

## CADEIRA DE MOISÉS

No grego, **Mouséos kathédras**. A expressão ocorre em Mateus 23:2. Nome dado a uma cadeira especial, muito honrosa, existente nas sinagogas, onde se assentava o mestre da lei autorizado. Tal mestre, para todos os efeitos práticos, exercia a autoridade de Moisés, o profeta considerado o originador da lei escrita e dos principais elementos das tradições orais. Não eram muitos os fariseus que também eram escribas, entre cujo número também havia saduceus. Os escribas eram tidos como os exegetas reconhecidos da lei mosaica.

## CADEIRA DE SÃO PEDRO

A expressão tem três significados: 1. A cadeira episcopal ou trono que Pedro teria usado pessoalmente, como suposto cabeça da Igreja, existente primeiramente em Antioquia da Síria, e então em Roma. Essa imaginária cadeira simboliza o seu ofício episcopal em ambas essas cidades. 2. O dia de festa religiosa, estabelecido pela Igreja Católica Romana para comemorar o episcopado de Pedro em ambas essas cidades. Esse episcopado não passa de um pseudo-episcopado. 3. O sentido simbólico ou dogmático da expressão *ex cathedra*.

Que Pedro viveu em Roma e ali exerceu poderes eclesiásticos, é bem confirmado pelas representações existentes nas catacumbas (ver sobre as Catacumbas), pelos pais da Igreja Irineu, Cipriano, Jerônimo e pelos historiadores eclesiásticos Eusébio e Orósio. Mas isso está longe de fazer dele o primeiro papa. Uma coisa não prova a outra. Mas, onde Pedro vivia em Roma, não se sabe dizer. Há tradições que pensam em locais como Santa Pudenziana, Santa Priscila e Santa Prisca. Partes da cadeira episcopal original, ou *sedes gestatoria*, aparentemente foi usada por algum mestre ou juiz pré-cristão, mas que, presumivelmente, posteriormente foi doada a Simão Pedro. Em séculos posteriores, essa cadeira foi ornada de ouro, marfim e outro material de valor. Durante toda a Idade Média, essa cadeira foi venerada por crédulos peregrinos que vinham visitar o Altar Elevado da catedral de São Pedro, onde esse apóstolo presumivelmente teria sido sepultado. Por ordem do papa Alexandre VII (1655-1667), essa cadeira foi encerrada dentro de uma enorme caixa de bronze, desenhada por Bernini, e agora ocupa um lugar de honra, acima de um altar da atual basílica de São Pedro, conhecido como o Altar da Cadeira. Essa cadeira está apoiada sobre enormes figuras de bronze. A festa da Cadeira de São Pedro é celebrada em Antioquia, segundo a liturgia oriental, a 22 de fevereiro, e em Roma, segundo a liturgia ocidental, a 18 de janeiro. Ambas essas festividades têm origem romana. A palavra grega *káthedra* desde há muito simboliza a doutrina divina, revestida de autoridade, bem como o poder real e judicial. Por conseguinte, temos o termo *ex cathedra* aplicado aos pronunciamentos autorizados do bispo de Roma. (AM E)

## CADES-BARNÉIA

No hebraico, a palavra **kades** significa «consagrado». Está em foco uma localidade onde os israelitas acamparam por duas vezes, em sua jornada do Egito para a Palestina, através do deserto de Parã. Cades-Barnéia assinalou as paradas de números dezenove e trinta e sete. O nome original do local parece ter sido Ritmá (que vide). Foi chamado de Cades, quando o tabernáculo ali foi armado. Foi desse lugar que Moisés enviou mensageiros para que explorassem a Terra Prometida. Mas os israelitas ficaram assustados diante do relatório dos espias, e desejaram retornar ao Egito, chegando ao extremo de nomearem um comandante para levá-los de volta (Núm. 14:4). Em resultado disso, Cades, o *santuário*, tornou-se En-Mispate, uma *fonte de julgamento*, por causa da incredulidade do povo de Israel, e em vista do que, eles foram sentenciados a vagar por um total de quarenta anos pelo deserto.

1. *Localização*. O local tem sido identificado com 'Ain Kadeis, cerca de quarenta e três quilômetros ao sul de Hebrom. A existência de água foi um fator determinante nessa identificação, porquanto Cades era um lugar bem servido de água, no meio do deserto, sendo essa a circunstância que permitiu que o povo permanecesse no local convenientemente.

2. *Referências bíblicas*. Em conexão com a marcha das tropas de Quedorlaomer (que vide), rei de Elão, nos dias de Abraão (Gên. 14:1-16); em conexão com a fuga de Hagar (Gên. 16:7). A água figura nessa última referência. Em relação à jornada de Abraão (Gên. 20:1). Alguns estudiosos supõem que a revolta de Coré teve lugar nessa localidade (Núm. 16:1-21). Miriã faleceu ali (Gên. 20:1), e foi ali, igualmente, que Moisés feriu a rocha, quando meramente deveria falar com ela, para obter água (Núm. 20:2-11). E foi em conexão com esse acontecimento que Cades (consagrada, santuário) tomou o nome de Meribá,

«contenda» (Núm. 20:13).

O povo de Israel ficou em Cades-Barnéia por longo tempo e, provavelmente, viveram ali como nômades (Deu. 46:1). Eles passaram nada menos de trinta e sete anos naquela área, e não avançaram um passo sequer mais perto da conquista da Terra Prometida, durante todo aquele tempo. Essa circunstância representa uma grande lição espiritual sobre a incredulidade e a preguiça espiritual, o que nos furta grandes vitórias, que estão ao nosso alcance, mas que não são apropriadas por causa de nossa falta de fé. De Cades, — Moisés enviou os mensageiros ao rei de Edom, com a petição para passar o povo de Israel pelo seu território, a caminho de Canaã (Núm. 20:14-21). Houve um pedido similar, dirigido ao rei de Moabe (Juí. 11:16,17). (I UN)

## CADES SOBRE O ORONTES

Esse é o nome de uma aldeia às margens do rio Orontes, imediatamente ao sul do lago Humus. Nesse local houve várias batalhas notáveis, incluindo aquela entre Ramisés II, do Egito, e os hititas, em 1288 A.C. No Antigo Testamento, a aldeia é mencionada como o extremo norte do território de Israel, na época de Davi (II Sam. 24:6). Porém, alguns eruditos duvidam dessa identificação, por estar demais para o norte. Tem sido identificada com o moderno Tell Nebi Mend, que fica a sessenta e quatro quilômetros ao sul de Hamate, e a oitenta quilômetros ao norte de Damasco.

## CADIAS, CADIANSANOS

Seriam os habitantes de Cadias, exilados judeus que voltaram com Zorobabel (I Esdras 5:20). Seus nomes não aparecem nas listas paralelas dos livros canônicos de Esdras e Neemias. Alguns estudiosos vinculam-os ao povo de Quedes (ver Jos. 15:23), ou então de Adasa.

## CADISH

Transliteração do termo aramaico que significa «santo», termo que designa uma antiga oração judaica que honra o nome de Deus e pede que o seu reino seja estabelecido na terra. Suas palavras de abertura são parecidas com as da oração do Pai Nosso, que mostra haver uma tradição da qual ambas essas orações se derivam. Essa oração funciona como uma doxologia, e originalmente, encerrava o sermão. Mas, na atual liturgia das sinagogas, ela encerra uma seção do culto. Desde a época medieval, essa oração tornou-se a declaração de fé dos lamentadores judeus.

## CADMIEL

No hebraico, «Deus está na vanguarda». É palavra usada para designar dois homens, que figuram nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um levita que, com seus familiares, retornou do cativeiro babilônico (que vide), em companhia de Zorobabel. Em outros trechos bíblicos ele é chamado Hodovias ou Judá (Esd. 2:40; Nee. 7:43; 12:8,12,24). Esteve envolvido em várias reformas que ocorreram na época.

2. Um outro levita que ajudou a dirigir as devoções do povo judeu, depois que Esdras lhes ensinara a lei (Nee. 9:4,5), o qual também assinou o pacto de Neemias. É possível que ele fosse filho do primeiro desses dois homens do mesmo nome. Cerca de 445 A.C.

••• ••• •••

## CADMONEU

Esse vocábulo aparece somente em Gênesis 15:19, onde alude a uma tribo que os israelitas desapossaram. Tal palavra é um adjetivo, cujo sentido é *oriental* ou *antigo*, pelo que é possível que eles fossem os mesmos que são chamados, em Juízes 6:33, de «povos do oriente» (no hebraico, *bene-kedem*), cujo território ficava contíguo ao de Israel, na direção do nascer do sol. No livro de Gênesis, vemos que o território deles foi prometido a Abraão como uma — final possessão. Os hebreus e outros povos antigos designavam as direções voltando o rosto para o sol nascente. Isso significa que diante ou à frente era o oriente, atrás era o ocidente, a direita era o sul, e a esquerda era o norte. O território que ficava entre os rios Nilo e Eufrates, o deserto sírio a leste de Biblos (que vide), mui provavelmente era a região dos cadmoneus.

## CAFARNAUM

1. *Informações Gerais*

O nome significa «cidade de Naum». Foi lugar freqüentemente mencionado em conexão com a vida de Jesus. Ficava na margem ocidental do mar da Galiléia (Mat. 4:13). Havia uma estrada que descia de Nazaré e Caná para Cafarnaum (João 2:12; Luc. 4:31). Era localidade bastante grande para ser chamada de cidade (Mat. 9:1; Mar. 1:33). Contava com a sua própria sinagoga, onde Jesus ensinou (João 6:59; Mar. 1:21), a qual foi construída pelo centurião do destacamento de soldados romanos ali estacionado (Luc. 7:1; Mat. 8:8). Também contava com um posto alfandegário (Mat. 9:9; Luc. 5:27), recebendo oficiais itinerantes (Mat. 17:24). Sendo lugar onde Jesus residia, serviu de cena de grande parte de Seus ensinamentos e milagres. Se Jesus foi criado em Nazaré, escolheu Cafarnaum como sua própria cidade (Mar. 2:1). Foi ali que Mateus ou Levi foi escolhido como um dos discípulos (Mat. 9:9). Alguns estudiosos supõem que foi nas praias do mar da Galiléia, nesse lugar, que Simão Pedro e André abandonaram tudo para seguir a Jesus (Mar. 1:16,17). Os milagres ali efetuados foram a cura do servo do centurião (Mat. 8:5), a cura da sogra de Pedro (Mat. 8:14), a restauração do paralítico (Mat. 9:1) e o livramento do endemoninhado (Mar. 1:32).

2. *Profecia de Condenação*

Grandes privilégios sempre envolvem grande responsabilidade. Cafarnaum não se mostrou à altura das expectativas. A condenação foi proferida contra ela, como a cidade incrédula que entrava à obra de Jesus (Mat. 11:23). Essa predição de Jesus tem sido notavelmente cumprida. Tell Hum, o local geralmente aceito para assinalar a antiga cidade, nada mais é que um montão de ruínas, perto de Betsaida e Tabga.

3. *Cafarnaum e a Arqueologia*

Exemplares de cerâmica romana têm sido encontrados em Tell Hum. Entre as ruínas há uma edificação de formato octogonal, referida como a casa de Pedro, embora a construção possa ter sido levantada para marcar o lugar da casa daquele apóstolo. A mais impressionante ruína é a de uma antiga sinagoga, uma edificação com cerca de vinte metros de comprimento, com dois pisos, feita de pedra calcária, com ornamentação tão rebuscada que muitos judeus podem ter ficado chocados com a mesma. Data dos séculos II ou III D.C. Pode ter sido erigida no local onde havia uma sinagoga anterior, da época de Jesus, embora isso seja apenas especulação. Uma das colunas conta com a seguinte inscrição:

«Alfeu, filho de Zebedeu, filho de João, fez esta coluna», talvez identificando as personagens aludidas como residentes proeminentes da cidade (Mat. 4:21), como um tipo de memorial. Um pote de maná foi descoberto ali, pertencente à sinagoga.

4. *Pedro e a Casa de Jesus*. Em agosto de 1983, arqueólogos franciscanos e o arqueólogo James F. Strange noticiaram que uma casa feita de basalto negro havia sido desenterrada em Cafarnaum, e que poderia ter sido a casa que Jesus usara como lar, naquela cidade. Data de 60 A.C.; mas posteriormente foi reformada e ampliada, talvez para que pudesse ser usada como templo da Igreja cristã. No século III D.C., foi construído no local um templo cristão octogonal, obviamente assinalando o local como importante. A reforma da casa incluiu o reboco das paredes da construção. Os comuns aparelhos de cozinha, que se esperam encontrar em residências normais, estavam ausentes, ao passo que ali havia lâmpadas e jarras, indicando uma modificação radical nas atividades da casa. O reboco das paredes, medida incomum em Cafarnaum, pode ter tido a intenção de tornar a construção apropriada para abrigar reuniões públicas. Essa casa tinha as seguintes dimensões: 30 m de comprimento por 23 m de largura.

Anteriormente pensava-se em Khan Minya como a possível localização de Cafarnaum, com apoio de vários estudiosos; mas a opinião atual tende por favorecer Tell Hum, o que conta com as evidências fornecidas por antigos viajantes, como Jerônimo (340-420 D.C.).

O culto na sinagoga usualmente consistia de oração, louvor, leitura das Escrituras e exposição feita por algum rabino ou outra pessoa competente. A vida de Jesus, incluindo milagres notáveis, ofereceu-lhe capacidade para pregar, apesar de não ter recebido instrução formal que tal posição geralmente requeria. A cidade ficava a noroeste da costa. Não é mencionada no V.T., mas nos dias de Jesus era cidade importante. Era conhecida como «sua cidade» (a cidade de Jesus), porque ali ele passou a habitar. (Ver Mat. 9:1). O fato da cidade contar com um centurião provavelmente significa que era um posto militar dos romanos. «Cafarnaum» significa «vila de Naum»; mas não sabemos se essa designação se derivava do profeta do V.T., que tem esse nome. Provavelmente o nome moderno, «Tell Hum», é lembrança de seu nome original. «Tell» significa «cômoro».

**A Luz de Cafarnaum**

Ele nasceu em **Belém**; viveu a maior parte da sua vida em Nazaré, mas deixou Nazaré e foi habitar em Cafarnaum, à beira-mar. Ali e nas circunvizinhanças viveu a maior de todas as vidas. Ele foi a Luz de Cafarnaum.

*Terra de Zebulom, terra de Naftali,*
*Caminho do mar, além do Jordão,*
*Galiléia dos gentios?*
*O povo que jazia em trevas*
*Viu grande luz,*
*E aos que viviam na região e sombra da morte,*
*Resplandeceu-lhes a luz* (Is. 9:1,2; Mat. 4:15,16).

*As autoridades* religiosas e os judeus de raça pura desprezavam os habitantes de Zebulom e Naftali, tribos da Galiléia, pois ali as fronteiras de Israel eram contíguas às fronteiras das terras gentílicas. Não é verdade que, durante os dias de Salomão, vinte cidades dessa região foram anexadas ao reino de Tiro? Sim, e além disso, relembramo-nos de que durante o primeiro cativeiro, os assírios removeram quase toda a população para servirem de escravos seus. E depois, quando alguns retornaram, como povo, nunca foram racial ou religiosamente puros, pois suas terras permaneceram para sempre *Galiléia dos gentios*. Portanto, tornou-se um povo independente e alienado, distante do favor e das vantagens desfrutadas pelo povo de Deus em Jerusalém. Poder-se-ia examinar a situação para ter certeza: Nada de bom poderia originar-se na Galiléia. Porventura algum profeta já saíra de lá?

Mas *eis* que à vista do profeta surge uma *visão*, resplandece «uma grande luz!». Uma grande luz irrompe em Cafarnaum, uma pequena cidade nas fronteiras de Zebulom e Naftali, na Galiléia. Então muitos séculos mais tarde, a Luz, em realidade e não em visão, surgia à beira-mar. Seus magnificentes raios se elevavam, refletindo-se por toda parte com tanto brilho por sobre as ondas do mar, porquanto Cafarnaum ficava à beira-mar. Aquela gente, nas terras de Zebulom e Naftali, que vivia em áreas de sombra e de morte, essa gente é que contemplava a grande Luz que brilhava à beira-mar.

*Jesus Cristo, Rei de eterna glória,*
*Nasceste para seres Príncipe-Salvador,*
*Se os anjos louvam Tua vitória,*
*Alegramo-nos em nosso Redentor.*
*Cantamos de Tua graça a história,*
*Louvamos-te com mui intenso ardor.*
*Ó Jesus, Luz de Cafarnaum,*
*Brilha sobre nós, um por um!*
(Russell Champlin)

Ver o artigo sobre **Sinagoga**, seção VII, que dá informações sobre uma sinagoga do 1º século descoberta em Cafarnaum.

## CAFARSALAMA

Uma localidade, atualmente desconhecida, onde Judas Macabeu e Nicanor, oficial do rei da Síria e governador da Judéia, entraram em batalha. Antes disso, Nicanor havia tentado apoderar-se de Judas mediante astúcia, a fim de tirar-lhe a vida. Tendo o plano falhado, eles se chocaram em batalha frontal. Nicanor perdeu quinhentos homens e fugiu para evitar maior desastre. Parte do nome da localidade, *Cafar*, significa «aldeia»; e *Salama* poderia significar Siloam. Tem sido identificada com Khirbet Deirsallam, a dezenove quilômetros a oeste de Jerusalém.

## CAFE

Nome da décima primeira letra do alfabeto hebraico, com o som de *k*. A palavra significa «palma da mão». A letra foi tomada por empréstimo do alfabeto grego, como *kappa*, de onde se derivou a letra *k*, latina. O valor numérico da letra era vinte (20).

— Em Salmos 119:81-88, essa letra dá início a cada verso, no original hebraico. Essa letra tem sido transliterada pelo «k» ou pelo «c».

## CAFENATA

Segundo todas as aparências, essa palavra indica uma secção das muralhas de Jerusalém, no vale oriental (I Macabeus 12:37), a qual foi reparada por Jonatã Macabeu e pelos anciãos do povo. Sua localização é desconhecida.

## CAFIR

Ver **Kafir**.

## CAFTOR, CAFTORIM

Lugar de onde vieram originalmente os filisteus

(Jer. 47:4 e Amós 9:7). Esse lugar tem sido verbalmente identificado com *Kaptara*, ou Creta, nome esse escrito em caracteres cuneiformes. As palavras que aparecem nessa referência de Amós, «e de Caftor os filisteus», atualmente, por parte de muitos estudiosos, são consideradas uma nota deslocada, realmente pertencente a Gênesis 10:14: «...a Casluim (donde saíram os filisteus) e a Caftorium», onde a frase entre parênteses, ao que parece, deveria aparecer depois da palavra «Caftorim». A identificação de Caftor com o delta do Nilo, no Egito, ou com a Capadócia, há muito tem sido abandonada. A declaração veterotestamentária que mais claramente mostra a origem dos filisteus é a que aparece em Jeremias 47:4, onde eles são declarados «...o resto de Caftor da terra do mar», o que pode ser uma alusão às costas marítimas da Palestina, embora outros estudiosos pensem que a alusão é às ilhas ou costas do Mediterrâneo. Referências bíblicas assim indiretas não podem solucionar o quebra-cabeças, e todas as identificações esbarram com problemas. A identificação com Creta também tem seus problemas, embora a própria palavra Caftor possa estar relacionada àquela ilha. Por isso, outros eruditos preferem pensar na Cilícia.

## CAIADURA

Ver o artigo sobre a **Cal**. Àquele artigo adicionamos aqui as seguintes informações:

*Usos do reboco*. 1. A fim de renovar uma casa, cujas paredes tivessem sido infectadas pela *lepra*, era mister que um sacerdote removesse as pedras ou os tijolos da área atingida, substituí-los por novas pedras ou novos tijolos, e rebocar o reparo (Lev. 14:42,48). Nesses casos, a palavra «lepra», sem dúvida designa alguma espécie de fungo, e não a lepra que ataca os seres humanos. 2. As palavras da lei deveriam ser inscritas sobre pedras, no monte Ebal, pedras que haviam sido adredemente preparadas para esse propósito (Deu. 27:2,4; Jos. 8:32). Um processo similar era feito no Egito, para fazerem-se baixos relevos. As pedras eram polidas; defeitos e espaços eram preenchidos com argamassa; figuras eram desenhadas; a pedra em volta era desgastada, para que as figuras ficassem em alto-relevo. Então as pedras eram polidas para preservação. 3. Em certos tipos de paredes rebocadas, a mão mística traçou a sua mensagem, predizendo a queda de Belsazar (Dan. 5:5,24-28).

*Usos figurados*. O reboco serve para ocultar, disfarçar, enganar, para tornar uma superfície diferente do que ela é, realmente. É o que Jesus quis dizer com «paredes branqueadas», ao falar com certos hipócritas religiosos, os quais faziam coisas más parecerem boas, da mesma maneira que os homens caiam os sepulcros que, no entanto, estão cheios de ossos dos mortos (Mat. 23:27).

O reboco era largamente usado no mundo antigo. Este era produzido aquecendo-se pedras calcárias ou gesso. A simples argila misturada com palha, também formava uma espécie de reboco. O artigo sobre a *Cal* fornece maiores detalhes sobre essa questão.

## CAIBARA Ver **Kaibara**.

## CAIFÁS

No grego, «depressão», usado como um sobrenome. Josefo (*Anti*. xviii.2) dá-lhe o nome de *José Caifás*. Foi sumo sacerdote judeu no reinado de Tibério César (que vide) Luc. 3:2; Mat. 26:4,57; João 11:49; 18:13,14,24,28; Atos. 4:6. Ele foi o sumo sacerdote oficial durante o ministério, o julgamento, a morte e a ressurreição de Jesus. Josefo informa-nos de que ele sucedeu a Simão, filho de Camite, em cerca de 27 ou 28 D.C. Sua esposa era filha de Anás, ou Ananu, ex-sumo sacerdote, que continuou exercendo grande influência durante o sumo sacerdócio de Caifás, pelo que também é referido como sumo sacerdote, em Atos 4:6 e João 18:19,22. De acordo com a prática judaica, um sumo sacerdote tinha um ministério vitalício, embora Roma os depusesse a seu talante. Contudo, de acordo com a opinião judaica, os sumos sacerdotes depostos continuavam sendo sumos sacerdotes. Ver o artigo sobre Anás.

Caifás foi nomeado ao ofício sumo sacerdotal pelo curador Valério Grato, tendo mantido o posto durante o tempo em que Pilatos foi o procurador romano. Foi deposto pelo procônsul Vitelo, em cerca de 38 D.C., o que significa que ocupou o cargo durante cerca de nove anos. O relato do Novo Testamento informa-nos que após a ressurreição de Lázaro, Caifás procurava ativamente tirar a vida de Jesus. Ver João 11:49,50 quanto a uma notável citação a esse respeito. Quando Jesus foi detido, levaram-no primeiramente a Anás, e então a Caifás. Foram buscadas testemunhas apropriadas, mas não foram achadas; pois, para que Jesus fosse condenado, a acusação precisava ter grande gravidade. Impaciente, Caifás pôs Jesus sob juramento, perguntando-lhe se ele era o Cristo, o Filho de Deus. Sua resposta afirmativa deixou Caifás indignado, levando-o a declarar que Jesus estava *blasfemando*. (Mat. 27:57-68). Caifás não tinha autoridade para mandar executar a qualquer prisioneiro, mas conseguiu a cooperação de Roma (Mat. 26:3,57; João 18:13,28). Como saduceu que era, Caifás também se opunha ao ensino sobre a ressurreição, e, naturalmente, opunha-se aos primeiros pregadores cristãos. Em Atos 4:6, ele aparece entre aqueles que perseguiram a Igreja primitiva, especificamente a Pedro e a João. Provavelmente, ele é o sumo sacerdote não chamado por nome, que aparece em Atos 5:17-21; 7:1; 9:1; como amargo e fanático perseguidor da Igreja. (I IB LAN NTI)

## CAIM

No hebraico, **lança** (?). Foi o filho mais velho de Adão e Eva (Gên. 4:1). Tragicamente, foi o primogênito da raça humana, de acordo com a narrativa sobre a raça adâmica; e também foi o primeiro assassino e fratricida. Há algo de apropriado nas circunstâncias de que o homem de quem se diz ter sido o primeiro filho produzido pelo homem, também é descrito como o primeiro homem a ser um assassino. Essa narrativa simboliza a degeneração humana desde o princípio. Nada havia no meio ambiente de Caim que o tenha levado a matar seu irmão. O ato originou-se da maldade do íntimo. Muito erra a criminologia quando busca a causa dos crimes no meio ambiente adverso das pessoas, mas não a busca no íntimo pervertido do ser humano.

1. *Nome*. Não há certeza alguma quanto à origem do nome «Caim», embora pareça estar relacionado à forja de metais, como um «ferreiro»; outros preferem dar-lhe o sentido de «lança»; e, de acordo com a etimologia popular, «adquirir». Outros ainda pensam em «inveja». *Aquisição* (Gên. 4:1), é a mais comum idéia entre os intérpretes.

2. *O Sacrifício*. Adão e Eva cultivavam o solo; Abel era pastor de ovelhas. Caim também cultivava o solo.



O ódio matou

## Homicídio

Oh, Deus, que carne e sangue fossem
tão baratos,
Que os homens odiassem e matassem,
que os homens silvassem e cortassem a outros,
Com línguas de vileza ...por causa de...
«teologia».
(Russell Norman Champlin)

●●● ●●●

*Senhor, disse eu,*
Jamais eu poderia matar um meu semelhante;
Crime de tal grandeza cabe a um
selvagem somente,
É o crescimento venenoso de
mente maligna,
Ato alienado do mais indigno.
*Senhor, disse eu,*
Jamais eu poderia matar um meu semelhante;
Um ato horrível de raiva sem misericórdia,
Apunhalada irreversível de
inclinações perversas,
Ato não imaginável de plano ímpio.
*Disse o Senhor a mim,*
Uma palavra sem afeto lançada contra
vítima que odeias,
É um dardo abrindo feridas de cores cruéis.
Bisbilhotice corta o homem pelas costas,
Um ato covarde que não podes retirar.
Ódio no teu coração, ou inveja levantando
sua horrível cabeça,
É um desejo secreto de ver alguém morto.
(Russell Norman Champlin)

●●● ●●●

Os irmãos trouxeram suas ofertas a Deus. Caim as trouxe do fruto de seu trabalho no solo; e elas foram rejeitadas. Abel trouxe suas ofertas do rebanho; e elas foram aceitas por Deus. A maioria dos intérpretes vê nisso um prenúncio dos sacrifícios cruentos, e, naturalmente, do sacrifício de Cristo. De conformidade com isso, a oferta de Caim representa o auto-esforço, o mérito humano, que parece bom a nossos olhos, mas não é aceitável diante de Deus. Isso dá a entender a necessidade da justificação (que vide) mediante a fé, com base na expiação de Cristo (que vide). Não estão em foco apenas as ofertas de Caim e Abel, mas as próprias pessoas deles, pois lemos: «Agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta; ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou» (Gên. 4:4,5). Portanto, Deus, que lê os corações, viu as atitudes deles: a de Abel de autodesistência e confiança na expiação de outrem; a de Caim de auto-suficiência e de confiança própria.

3. *A Ira de Caim.* A ira de Caim impeliu-o a matar. A enormidade de seu crime se vê no fato de que matou a seu próprio irmão. A ira é um dos pecados cardeais. Aparece na lista das obras da carne, na lista de Paulo, em Gál. 5:20. A ira encontra-se na raiz de muitos atos irracionais, e quase sempre tem o egoísmo como sua base, e o ódio como sua motivação.

4. *O Crime de Caim.* Embora repreendido por Deus, Caim resolveu dar vazão à sua maldade mediante um ato irracional de homicídio. Desde então, os homens têm satisfeito à sua vontade tirando a vida do próximo, o que mostra a extensão da queda. Quando Deus perguntou de Caim onde estava seu irmão, Abel, Caim indagou: «Não sei; acaso sou eu tutor de meu irmão?» (Gên. 4:9). Essa pergunta de Caim, famosa desde então, usada em inúmeros contextos, mostra-nos a natureza egoísta de seu ato homicida. Pois, a lei do amor leva-nos a cuidar uns dos outros, como cuidamos, cada um, de nós mesmos. Negar que eu sou guardador de meu irmão é negar a essência da lei do amor. A voz de Abel clamava do solo. Isso demonstra que os atos pecaminosos não podem ser ocultados, pois apelam a Deus, pedindo vingança.

5. *O Castigo de Caim.* De certo modo, Caim recebeu a primeira sentença perpétua. Ele seria objeto de ódio, e outros haveriam de querer tirar-lhe a vida. Porém, ele escaparia. Em lugar disso, foi pronunciada contra ele uma maldição divina. Ele tornar-se-ia vagabundo e fugitivo à face da terra, pelo resto de seus dias, caçado e odiado pelos outros seres humanos.

6. *A Marca de Caim.* Caim seria caçado pelos outros homens. Correria o risco permanente de ser morto. Deus, entretanto, não permitiria que ele fosse executado. Para garantir isso, foi posta uma marca em Caim, como se dissesse: Vede este homem. Não o matai! Não se sabe que marca seria essa. Alguns supõem que Deus deu-lhe coloração negra à pele, pelo que a marca seria forte carga de melanina. Porém, essa interpretação, além de ser mera especulação, só serve para fomentar preconceitos raciais. Esse sinal também poderia ser uma marca tribal, alguma espécie de tatuagem ou sinal que identificasse uma pessoa dentre um grupo particular, um costume que, mais tarde, tanto se viu no Oriente Médio. Outros compreendem que o *sinal* era a promessa de Deus de que ele não seria morto, -em vez de suporem alguma marca física. Não há como determinar a questão, por ausência de maiores informes bíblicos.

7. *Posteriormente.* Caim foi enviado à terra de Node (vagueação), onde ele edificou uma cidade e tornou-se o progenitor de uma numerosa família, que se ocupou de muitas artes e ofícios. De acordo com as tradições, os primeiros residentes em tendas, metalúrgicos e músicos vieram da linhagem de Caim. Mas outras tradições antigas dizem que os deuses foram os originadores das artes e ofícios (que vide).

8. *De Onde Caim foi Buscar Sua Esposa?* Alguns críticos indagam assim, com escárnio, julgando haver encontrado uma séria discrepância no relato bíblico. É como se dissessem: se Adão e Eva geraram somente Caim, Abel e Sete, onde Caim encontrou esposa, quando se retirou para a terra de Node? Esse tipo de objeção, além de exibir uma atitude cética para com os relatos sagrados, demonstra a ausência de um exame cuidadoso dos textos bíblicos por parte de tais críticos. A Bíblia não diz que Adão e Eva geraram somente àqueles três filhos homens. Caim, Abel e Sete foram apenas três dentre os muitos filhos do primeiro casal. Seus nomes são fornecidos por causa do relato expressivo que gira em torno deles, e nada mais. Lemos em Gênesis 5:4: «Depois que gerou a Sete, viveu Adão oitocentos anos; e teve filhos e filhas». Não há informação quanto ao número desses filhos e filhas, mas essa informação é suficiente para indicar que Caim levou consigo, para Node, uma de suas irmãs. E Sete, onde quer que tenha ficado, sem dúvida fez o mesmo. Não há nenhuma dificuldade para sabermos onde Caim arranjou esposa!

9. *Referências Neotestamentárias a Caim.* a. Hebreus 11:4. Pela fé, Abel ofereceu melhor sacrifício que o de Caim. Dentro do plano de Deus, Cristo ofereceu o sacrifício final e definitivo, que substituiu a todos os outros sacrifícios, sendo essa a mensagem central da epístola aos Hebreus. b. I João 3:12 é trecho que nos relembra o crime de Caim, seu ato homicida e o fato de que suas obras eram más, e as de seu irmão Abel, boas. c. Judas 11 alude ao *caminho* de Caim. Lemos ali que os mestres gnósticos seguem esse caminho. A literatura rabínica diz que o caminho de Caim caracteriza-se pela concupiscência, pela cobiça, pela auto-indulgência e pela malignidade geral. Se juntarmos a isso a inveja e o ódio, parece que é isso o que tal caminho significa. Caim tornou-se um homem profundamente depravado. Ver Sabedoria de Salomão 10:3; Jubileus 4:1-5; Apocalipse de Moisés 3:2.(G I IB NTI S)

## CAIM, CIDADE DE

Era uma localidade nas terras baixas de Judá, mencionada juntamente com Zanoa, Gibeá, Timna, etc., formando um total de dez cidades (Jos. 15:55-57). Tem sido identificada com a moderna Khirbet Yakin, a quase cinco quilômetros a suleste de Hebrom.

## CAIN Ver Queneu.

## CAINÃ

Há dois homens com esse nome, nas páginas da Bíblia, a saber:

1. O filho de Enos, bisneto de Adão, que nasceu quando seu pai tinha noventa anos de idade. Cainã viveu setenta e cinco anos e gerou a Maalaleel, e então viveu por mais oitocentos e quarenta anos (Gên. 5:9-14).

2. Filho de Arfazade, filho de Sem, e pai de Salá. Seu nome não se encontra no texto hebraico do Antigo Testamento, mas aparece na LXX, em Gên. 10:24 e 11:12, bem como em Luc. 3:36, onde o nome é encontrado na genealogia de Jesus. A informação

dada por Lucas mostra-nos que o texto hebraico sofreu alguma omissão, conforme o conhecemos agora, e que Lucas pôde encontrar o nome nos registros sagrados. A cronologia da LXX, portanto, torna-se um tanto mais longa que a da Bíblia em hebraico. É possível que o nome «Cainã» tenha sido removido propositalmente do texto hebraico, a fim de fazer as gerações, de Adão a Noé, serem um número redondo, «dez». Mas outros estudiosos dizem que Cainã e Salá foram a mesma pessoa, dotada de dois nomes; e isso significaria que a adição que aparece na LXX seria um erro. O problema não encontra solução definitiva. Pelo menos é certo que o nome «Cainã», no evangelho de Lucas, faz parte do original, ainda que tenha sido omitido em alguns manuscritos posteriores do Novo Testamento. Naturalmente, o próprio Lucas pode tê-lo registrado, por causa da influência da LXX, ao passo que poderia estar realmente ausente do texto hebraico original do Antigo Testamento.

## CAIRD, EDWARD

Suas datas foram 1835-1908. Foi um filósofo e teólogo escocês, irmão de John Caird (que vide), professor de filosofia moral em Glasgow, e mestre da Balliol Oxford. Ele exercia uma incrível influência sobre os seus alunos, tendo promovido causas sociais e reformas, incluindo a extensão da educação universitária às mulheres. Foi o fundador do neo-hegelianismo na Inglaterra, e igualmente um importante intérprete de Kant. Entre seus escritos mais importantes, temos: *A Critical Account of the Philosophy of Kant; The Social Philosophy and Religion of Comte; The Evolution of Religion; The Evolution of Theology in the Greek Philosophers.* (E)

## CAIRD, JOHN

Suas datas foram 1820-1898. Um clérigo escocês de renome, irmão de Edward Caird (que vide), reitor da Universidade de Glasgow em 1873. Foi autor de *An Introduction to the Philosophy of Religion; The Fundamental Ideas of Christianity*, e de uma excelente obra sobre *Spinoza*. (E)

## CAIXÃO Ver **Sepultamento, Costumes de.**

## CAJADO Ver **Vara.**

## CAJETANO, TOMÁS DE VIO

Cardeal da Igreja Católica Romana, cujas datas foram 1469-1534. Foi importante expositor da obra de Tomás de Aquino, *Summa Teologiae*. Na qualidade de legado papal na Alemanha, ele examinou as doutrinas de Lutero e redigiu a bula de condenação.

## CAL

No hebraico há duas palavras que têm sido traduzidas como «cal».

1. *Eben gir*, «pedra de cal». Essas palavras aparecem somente em Isa. 27:9. O termo aramaico *gir*, que também significa «cal», é usado em Dan. 5:5.

2. *Sid*, «reboco», «cal». Esse termo hebraico aparece em Isa. 33:12 e Amós 2:1.

É impossível determinarmos qual a natureza exata da cal dos hebreus, ou mediante qual processo eles chegavam a produzi-la. Porém, sabe-se que o carbonato de cálcio (pedra calcária), quando aquecido, perde o seu ácido carbônico e passa para o estado de óxido de cálcio. Quando o óxido de cálcio entra em contacto com a água, combina-se com a mesma, produzindo considerável calor, formando o hidrato de cálcio, mas que gradualmente adquire dióxido de carbono, que extrai do ar, até que volta a ser carbonato de cálcio. Se alguém misturar o dióxido de carbono com areia, é produzido um tipo de argamassa que, quando endurece torna-se uma espécie de pedra artificial, bastante resistente e duradoura. O sulfato de cálcio (gesso, alabastro) contém certa quantidade de água, em uma condição conhecida como «água de cristalização». O aquecimento faz evaporar-se a água, e o resultante sulfato anídrico, quando pulverizado, torna-se gesso. Esses dois produtos têm sido usados na civilização humana desde há muito, através de vários processos.

A mistura de argila com argamassa forma uma espécie de cimento (que vide) usado na colocação de tijolos. O gesso pode ser misturado com mármore pulverizado, o que produz um material duro, para ser aplicado a superfícies, capaz de ser polido. A água de cal é feita com cal e grande quantidade de água, o que é usado como pintura barata. A pedra calcária é abundante na Palestina. Geologicamente, essa pedra calcária foi formada da compactação de conchas no leito do mar, que então foi trazido à tona mediante os movimentos da crosta terrestre. A Palestina já foi o fundo do mar por mais de uma vez, o que explica a presença ali de tanta pedra calcária. A maior parte da pedra calcária visível atualmente, em ambos os lados do vale do Jordão, pertence ao período cretáceo. (BAL ND UN)

## CALÁ

O significado do heb. é incerto. Era uma cidade da Assíria, edificada por Ninrode, ou pelo povo dessa região (Atos 10:11). Atualmente chama-se Ninrude, estando localizada no ângulo nordeste da confluência entre os rios Zabe Superior e Tigre, cerca de trinta e nove quilômetros ao sul de Nínive, na margem oriental do rio Tigre.

Salmaneser I (cerca de 1280-1260 A.C.), rei da Assíria, foi quem tornou famoso esse lugar. A cidade havia caído em decadência na época do rei guerreiro e conquistador, Assurnasirpal II (883-859 A.C.). Mas Salmaneser I escolheu-a como sua capital e restaurou-a. As escavações arqueológicas ali iniciadas, em 1845, bem como em diversos outros lugares, têm encontrado um magnificente palácio, de Assurnasirpal II, com colossais homens alados, com cabeça de leão, que guardavam a entrada do mesmo. Em um templo pequeno, nas proximidades, encontrou-se a estátua do rei. Muitas inscrições, relativas a seu reinado, também foram trazidas à luz. O famoso obelisco negro de Salmaneser III foi encontrado ali, em 1846, onde, entre outros cativos, é referido Jeú, rei de Israel (cerca de 842-815 A.C.), trazendo ao monarca assírio o seu tributo. Muitas antiguidades valiosas de Calá atualmente encontram-se no Museu Metropolitano de Arte da cidade de Nova Iorque, ou no Museu de Belas Artes da Universidade de Boston, nos Estados Unidos da América. (MAL)

## CALAFATES

No hebraico encontramos uma expressão, **chazaq** *bedeq*, «reparadores de brechas», somente em Eze. 27:9,27. Nesses versículos estão em foco os famosos construtores de navios de Gebal, na Fenícia. Os calafates eram aqueles que preenchiam as costuras entre as pranchas que formavam o casco de um navio com estopa embebida em piche, para tornar o casco à prova d'água. O retoque final consistia em pintar essas

costuras com piche derretido. As rachaduras que porventura apareciam nas pranchas eram reparadas pelo mesmo processo.

## CALAI

No hebraico, «ligeiro», «leve». Filho de Salai e um dos principais sacerdotes da época do sumo sacerdote Joaquim (Nee. 12:20), em cerca de 635 A.C. Ele retornou do exílio babilônico, na leva que veio com Zorobabel.

## CALAM Ver **Kalam**.

## CÁLAMO

No hebraico, **qaneh**, «cana». É uma cana aromática que atinge cerca de sessenta centímetros de altura, com um colmo com juntas e gomos, que contém um cerne mole. É desse cerne mole que o aroma ou sabor se deriva. Enquanto vai crescendo, o cálamo enche o ar de fragrância suave. Quando o cerne mole é devidamente preparado, torna-se um ingrediente para perfumes doces e fortes. Várias espécies existem, e a planta é comum na Síria, no Egito, na Judéia, em Sumatra e em outros lugares. Fazia parte do comércio tírio com os gregos (Eze. 47:19), e era um ingrediente usado no perfume sagrado dos judeus (Êxo. 30:23). (G S)

## CÁLAMO AROMÁTICO

No hebraico o sentido é **cana aromática**, palavra também encontrada em Êxo. 30:23; Eze. 27:19 e Can. 4:14. Trata-se do *Andropogon aromático*, uma grama que solta um forte odor quando amassada, mas que não deve ser confundida com a cana-de-açúcar. É alimento de vacas e ovelhas, mas isso faz com que a carne e o leite desses animais fiquem tintos. Também é chamada grama de gengibre, devido ao seu gosto acre. Provavelmente era importada pelos palestinos, por meio dos árabes. Alguns supõem que a rainha de Sabá trouxe esse cálamo aromático a Salomão, isto é, a «especiaria» mencionada em I Reis 10:10, sendo isso uma possibilidade muito exeqüível, porquanto o cálamo aromático dava em abundância na Etiópia. (Z)

## CALAMOLALUS

A palavra aparece em I Esdras 5:22, na Septuaginta. Os manuscritos que contêm esse estranho nome, segundo se pensa, perpetraram a corrupção combinada dos nomes de Lode e Hadide, com base nas listas de nomes em Esdras 2:33 e Neemias 7:37.

## CALAUCAU

Título dado aos ritos místicos e às palavras mágicas do gnosticismo. Ver sobre o *Gnosticismo*.

## CALÇADOS

Este verbete precisa ventilar duas palavras hebraicas e uma palavra grega, a saber:

1. *Naal*, «sapato». Palavra hebraica que ocorre por vinte e duas vezes (por exemplo: Êxo. 3:5; 12:11; Deu. 25:9,10; Jos. 5:15; Rute 4:7,8; Sal. 60:8; Isa. 5:27; Eze. 24:17,23; Amós 2:6 e 8:6).

2. *Minal*, «sapato». Palavra hebraica que aparece por apenas uma vez, isto é, em Deu. 33:25.

3. *Upódema*, «sandália» (literalmente, «sob os pés»). Palavra grega que aparece por dez vezes: Mat. 3:11; 10:10; Mar. 1:7; Luc. 3:16; 10:4; 15:22; 22:35; João 1:27; Atos 7:33; 13:25.

Também precisamos considerar a expressão hebraica *serok naal*, «cordões da sandália», que aparece em Gên. 14:23 e Isa. 5:27. Dentre as trinta ocorrências das palavras hebraicas, quase todas são traduzidas por «sandálias» em nossa versão portuguesa, pois, à mente moderna, uma sandália dá mais perfeitamente a idéia do formato de um antigo sapato do Oriente Próximo e Médio. No mínimo, consistia em uma sola chata feita de couro, madeira ou outro material, com um cordão em cada lado, a fim de segurar a sola ao pé. Naturalmente, havia formatos diversos, dependendo do uso que se queria dar ao calçado. Os pastores precisavam de uma sandália forte, porquanto geralmente caminhavam por lugares pedregosos e difíceis. As mulheres de elevada posição social, por outro lado, geralmente usavam um tipo leve de sandália, e mais ornamentada.

**A significação simbólica dos calçados** é um fenômeno bíblico bem confirmado. Podemos detectar pelo menos cinco usos figurados:

a. Os cordões das sandálias geralmente indicavam algo barato, de pouco valor. Isso se devia ao fato que tais cordões eram praticamente insignificantes. Portanto, Abraão não queria ficar com a coisa mais insignificante do rei de Sodoma (Gên. 14:23). Mas também há um uso similar do próprio calçado, em Amós 2:6: «...e condenam o necessitado por causa de um par de sandálias» (ver também Amós 8:6), dando a entender que os necessitados eram vendidos por baixíssimo preço.

b. Com base no conceito de pouco valor, a idéia de calçados retrata a parte mais humilde do corpo de uma pessoa. De conformidade com isso, João Batista afirmou-se indigno de ao menos tocar nas sandálias de Cristo (Mat. 3:11; Mar. 1:7; Luc. 3:16; João 1:27; Atos 13:25). Até mesmo a porção mais humilde da pessoa de Jesus Cristo era por demais exaltada para ser comparada com a pessoa do seu precursor.

c. O uso de sapatos com freqüência falava sobre alguma viagem ou a preparação para alguma viagem. Por esse motivo, os israelitas deveriam consumir o cordeiro pascal, calçados e preparados para partir em seguida (Êxo. 12:11). Entre eles também houve a preservação miraculosa de suas sandálias, enquanto vagueavam pelo deserto (Deu. 29:5). Por igual modo, os discípulos do Senhor não deveriam levar consigo o costumeiro par extra de sandálias, em suas jornadas de evangelização (Mat. 10:10; Luc. 10:4; 22:35).

d. A contaminação adquirida pelos calçados, durante as jornadas pelas estradas poeirentas da época, terminou resultando em um outro símbolo. É por esse motivo que os calçados com freqüência representam a contaminação espiritual. Foi precisamente por essa razão que Moisés precisou tirar as sandálias dos pés, porquanto estava em terreno santo (Êxo. 3:5; Atos 7:33). E outro tanto ocorreu com Josué (Jos. 5:15).

e. Um bem proeminente uso simbólico dos calçados era a transferência de alguma propriedade ou de alguma responsabilidade. No caso de algum hebreu que se recusasse a cumprir sua responsabilidade, no casamento levirato, sua recusa era assinalada pela remoção de seu calçado (Deu. 25:9,10; cf. Rute 4:7,8).

## CALCANHAR

Há uma palavra hebraica e uma palavra grega

envolvidas neste verbete:

1. *Aqueb*, «calcanhar». Palavra hebraica empregada por sete vezes com esse sentido: Gên. 3:15; 25:26; 49:17; Jó 18:9; Sal. 41:9; 49:5; Jer. 13:22.

2. *Ptérna*, «calcanhar». Vocábulo grego usado por apenas uma vez, em João 13:18, citando Sal. 41:9.

Na Bíblia, a primeira vez em que essa palavra figura em sentido literal é no relato de Jacó que, por ocasião de seu nascimento, segurou no calcanhar de seu irmão Esaú, quando ainda no ventre de Rebeca (Gên. 25:26; Osé. 12:3), o que provavelmente significa que isso foi um vexame para Esaú, e que os dois futuramente, entrariam em choque.

*Usos Figurados*. 1. A promessa da derrota final de Satanás. Pois, apesar de que ele haveria de ferir o calcanhar de Cristo (que o texto chama de «descendente da mulher»), contudo Cristo esmigalharia a cabeça da serpente, ou seja, Cristo haveria de cumprir sua missão remidora, derrotando as forças do mal. 2. O moribundo patriarca Jacó, ao abençoar a Dã, desejou que todo aquele que lhe quisesse fazer oposição, encontraria nele um formidável adversário, como se ele fosse uma serpente. Assim, os inimigos de Dã aparecem como um cavaleiro, cujo cavalo seria mordido nos calcanhares, fazendo com que a montaria lançasse por terra o seu cavaleiro (Gên. 49:17). Isso significa que Dã conseguiria livrar-se com sucesso de todos os seus inimigos. 3. Um dos «amigos» de Jó insinuou que este se parecia com um homem iníquo que chega à sua própria destruição quando o seu calcanhar é apanhado em uma armadilha (Jó 18:9). 4. O salmista proclamou que um certo amigo de confiança levantaria contra ele o seu calcanhar. Naturalmente, isso é uma predição da traição de Jesus por parte de Judas Iscariotes (João 13:18). 5. Na literatura profana há a história de Aquiles, cujos calcanhares eram a única porção de seu corpo que não era protegida, e, quando foi ferido ali, foi derrotado. Isso simboliza alguma fraqueza de uma pessoa, que a leva à ruína, apesar de toda a sua fortaleza, quanto a outros particulares.

## CALCEDÔNIA

Deriva-se de uma palavra grega que significa «similar ao cobre». Era nome de uma pedra preciosa. O nome vem da cidade de Calcedônia, onde havia o *chalkós*, «cobre», e com cujo metal o nome daquela pedra estava associado. Essa pedra aparecia com certa variedade de cores, nas cavidades cheias de lava vulcânica, ou como nódulos encrustados nas rochas sedimentares. Suas variedades incluem o crisópraso, a ágata e o ônix. Todas elas são dotadas de grão fino, uma sílica capaz de adquirir um lustro como de cera. A pedra é mais dura que a pederneira, e geralmente semitransparente. Tem várias tonalidades de cinza, amarelo, verde, marrom ou azul. Ocorre sob a forma de massas irregulares, formando corpos grotescos. Muitos artigos decorativos são feitos dessa pedra, que pode ser encontrada em muitos lugares do mundo. (AM Z)

## CALCEDÔNIA, CONCÍLIO DE

Esse foi o quarto concílio ecumênico, efetuado em 451 D.C. Foi convocado para reverter as decisões do concílio do Latrocínio, efetuado em Éfeso, em 449 D.C. Em pauta estava a heresia de Êutico (que vide), de Constantinopla, com o apoio de Dióscuro de Alexandria. Eles ensinavam que a pessoa do Filho de Deus tinha apenas uma natureza, a divina. Por conseguinte, o nome aplicado a essa idéia é *monofisistismo* (que vide). A fórmula estava alicerçada sobre o Tomo de Leão I (que vide), que só foi satisfatória porque ele expôs o problema sem enfrentar a questão. As decisões de Éfeso (431 D.C.) contra o nestorianismo (que vide), foram confirmadas, e a Roma foi conferida a primeira posição de autoridade e a Constaninopla, a segunda, e a terceira a Alexandria (contrariamente ao concílio de Nicéia). Leão I, entretanto, recusou-se a aceitar esse cânon. O concílio de Calcedônia contou com a presença de cerca de trezentos e cinqüenta bispos orientais, três legados papais e dois bispos africanos no exílio. O papa Leão I a princípio opôs-se ao lugar das reuniões; mas depois cedeu e enviou delegados. Porém, por causa do cânon 28, que dava a Constantinopla lugar de maior proeminência que a Alexandria, Leão I recusou-se a confirmar os atos desse concílio até 21 de março de 423 D.C., somente depois que houve alguma mudança de poderes. Esse concílio também afirmou que Cristo é tanto Deus quanto homem, consubstancial com o Pai e da mesma substância do homem, um ser com duas naturezas, unidas sem qualquer confusão ou alteração. (AM E)

## CALÇÕES

No hebraico, **miknesayim**, «ceroulas». Essa palavra ocorre por cinco vezes: Êxo. 28:42; 39:28; Lev. 6:10; 16:4; Êxo. 44:18.

Quando os sacerdotes oficiavam no altar (que vide), precisavam usar uma espécie de pano que lhes envolvia os quadris e as coxas. Esse pano era de linho fino, tal como o resto das vestes sacerdotais. Não tinha o formato de ceroulas ou calções, conforme atualmente os conhecemos, mas lhes cobria o baixo tronco e as coxas. Ver o artigo geral sobre o Sumo Sacerdote, sob o subtítulo de *Vestes*.

Muitos estudiosos pensam que é melhor pensarmos apenas em um pano enrolado em torno da cintura e dos quadris, o que era uma vestimenta comum no Egito e no Oriente Médio, conforme já se discutiu em *Vestimentas*. No caso específico dessas referências, está em foco essa peça de vestuário que os sacerdotes deveriam usar quando estivessem ocupados em suas funções cerimoniais.

## CALCOL

No hebraico, **sustento**. Foi um homem da tribo de Judá, filho dos descendentes de Zerá (I Crô. 2:6). Provavelmente deve ser identificado com o Calcol, filho de Maol, um dos quatro sábios a quem Salomão ultrapassava em sabedoria (I Reis 4:31), em cerca de 1010 A.C.

## CALCONDILAS, DEMÉTRIO

Ver sobre o mesmo no artigo sobre a **Academia Florentina**.

## CALDÉIA

A Caldéia é o nome de um distrito ao sul da Babilônia, que posteriormente veio a designar a Babilônia inteira. Essa designação mais ampla entrou em uso após o império neobabilônico de Nabucodonosor II (605-562 A.C.), que se estendia desde a pequena aldeia murada de Hite, à margem direita do rio Eufrates, até o golfo Pérsico. Ver o artigo geral sobre a *Babilônia*.

1. *História Primitiva*. Os caldeus eram uma tribo seminômade que ocupava os desertos entre o norte da

Arábia e o golfo Pérsico. Desde bem cedo eles estabeleceram-se em Ur dos Caldeus (Gên. 11:28; Atos 7:4). Eram um povo aparentado remotamente dos arameus. Aparentemente eram caldianos, ou habitantes de Urartu, ou seja, Ararate ou Armênia. Eles são mencionados nas inscrições babilônicas, e começam a aparecer nas crônicas assírias durante o reinado de Assurnasirpal II (883-859 A.C.), mas a existência deles como um povo retrocede até bem antes do ano 1000 A.C.

2. *A Caldéia e os Babilônios.* Quando Tiglate-Pileser III (745-727 A.C.) tornou-se rei da Assíria, ele conquistou a Babilônia. Os caldeus viviam perturbando o rei da Babilônia. Em 731 A.C., Ukinzer, que viera de uma das cidades da Caldéia, tornou-se rei da Babilônia. No entanto, não demorou a ser deposto por Tiglate-Pileser III (728 A.C.), o qual tornou-se rei da Babilônia, onde governou com o nome de Pul. No trono assírio, Pul foi sucedido por Salmaneser IV (726-722 A.C.). Este foi sucedido no trono da Babilônia por Merodaque-Baladã, um caldeu. Merodaque foi conquistado por Sargão, embora tivesse continuado a governar até 708 A.C., quando Sargão tornou-se rei tanto da Babilônia quanto da Assíria. Nos dias de Ezequias (702 A.C.), Merodaque-Baladã, filho de Baladã, governava a Babilônia. Não foi senão em cerca de 625 A.C. que o poder dos caldeus começou a fazer-se sentir sobre a Assíria.

3. *O Império Neobabilônico.* Nebopolassar revoltou-se contra a Assíria, em cerca de 625 A.C., e estabeleceu o império neobabilônico. Ele reconstruiu a cidade da Babilônia. De 625 A.C. em diante, os caldeus conseguiram obter completo controle sobre a Babilônia. No décimo quarto ano de seu reinado, isto é, em 612 D.C., juntamente com Ciaxares, o medo, e com o rei dos citas, ele capturou Nínive, deixando-a arrasada (Naum 3:1-3). Em 605 A.C., ele foi sucedido por seu filho, Nabucodonosor II. Foi na época deste que Judá e Jerusalém foram levados em cativeiro para a Babilônia, e os exércitos dos caldeus dominavam o mundo civilizado então conhecido. Em seguida, Nabucodonosor fez da Babilônia a mais esplêndida cidade do mundo (Dan. 4:30). Ele foi sucedido por seu filho, Evil-Merodaque (562-560 A.C.), mas este acabou sendo assassinado por seu cunhado, Neriglissar (560-558 A.C.). O monarca seguinte, Labashi-Marduque, reinou apenas por três meses, e então foi sucedido pelo usurpador Nabonido. Seu filho, Belsazar (Dan. 5), foi feito co-regente, até à queda do império caldeu, em 538 A.C. Os historiadores consideram uma maravilha que uma região tão pequena como a Caldéia pôde ter produzido uma raça de poder suficiente para vencer e dominar o mundo daquela época.

4. *Nos Dias de Daniel.* O termo «caldeu», nos dias de Daniel, era usado para designar a Babilônia inteira (Dan. 3:8). Lemos que Dario, o medo, governava o reino dos *caldeus* (Dan. 9:1). A linguagem dos caldeus (Dan. 1:4) provavelmente era um dialeto semítico, babilônico. A palavra *caldaico*, nos tempos modernos, é erroneamente aplicada para indicar a língua aramaica. A proeminência da classe dos sacerdotes, os quais, em Babilônia e outros centros, mantinham as antigas tradições da astrologia e da filosofia nas línguas babilônicas clássicas, fez com que a palavra *caldeu* viesse a ser aplicada aos sacerdotes (Dan. 3:8), astrólogos e pessoas educadas (Dan. 2:10; 4:7; 5:7,11).

5. *Os Astrônomos-Astrólogos Caldeus.* Os caldeus desenvolveram consideráveis habilidades matemáticas, astrológicas, astronômicas, e, de mistura com isso, conhecimentos sobre adivinhações e ritos religiosos. Desenvolveu-se ali uma casta de astrólogos. Ver o artigo geral sobre a *Astrologia*. Os trechos de Daniel 2:2,10 e 4:7 referem-se a essa casta, utilizando-se dos nomes de «magos», «encantadores», «feiticeiros» e «caldeus». Textos produzidos por essa gente foram preservados em aramaico, que muitos eruditos chamam, erroneamente, de *caldaico*. Após isso, o termo *caldeu* com freqüência passou a ser usado como vocábulo para indicar os sacerdotes e os especialistas nas antigas artes dos caldeus, sem importar a raça a que pertenciam. Vemos isso em Heródoto i.181,183, em cerca de 450 A.C.

**A Babilônia era o centro das atividades daqueles homens, a qual, por sua vez, era a capital intelectual** de toda a Ásia ocidental. Como cientistas que eram, os caldeus fundaram a ciência exata da astronomia, a qual, naturalmente, entre eles, sempre envolveu a adivinhação astrológica, pois, nos tempos antigos, a astronomia não era considerada uma ciência distinta da astrologia. Durante mais de trezentos e sessenta anos, eles conservaram registros astronômicos exatos e meticulosos. Um de seus mais notáveis feitos foi calcular a duração do ano solar como de 365 dias, seis horas, quinze minutos e quarenta e um segundos, que dá uma diferença de apenas trinta e três minutos e seis segundos a menos do que aquilo que é determinado pelos modernos instrumentos. Por causa da óbvia erudição desses homens, a Babilônia tornou-se famosa, não somente em face de sua ciência, mas também por causa de sua adivinhação e ocultismo. É provável que os astrólogos de Mateus 2:1 (ver o artigo sobre os *Magos*) pertencessem à tradição dos caldeus, embora o termo *Oriente*, ali usado, não nos diga o local exato da proveniência deles. A Arábia, a Babilônia e outros lugares têm sido sugeridos. (ND UN WIS)

## CALDEIRÃO

No hebraico temos quatro palavras: *agmon*, «caldeirão» (Jó 41:20); *dud*, «caçarola» ou «cesto» (II Crô. 35:13); *sir*, «pote» (Jer. 52:18,19; Eze. 11:3,7,11; Êxo. 16:3; II Reis 4:38-41; Zac. 14:20,21, etc.), *qallachath*, «caldeirão» (I Sam. 2:14 e Miq. 3:3). Era um caldeirão de barro ou de metal. Vasos metálicos com vários formatos e usos têm sido encontrados pelos arqueólogos no Egito, na Babilônia, na Mesopotâmia, etc. Eram empregados em usos domésticos ou com propósitos cerimoniais (I Sam. 2:15; II Crô. 35:13; Jó 41:20; Jer. 52:18).

## CALDO

Preparo culinário feito de água com carne, algumas vezes com legumes. O caldo geralmente é ralo, para ser usado com outros alimentos. Gideão serviu um caldo ao anjo que o visitara (Juí. 6:19,20). É usado figuradamente no trecho de Isaías 65:4, onde Deus acusa Israel de comer o caldo de coisas abomináveis.

## CALEBE

No hebraico, «cão», isto é, «escravo». Há vários homens com esse nome, no Antigo Testamento:

1. Filho de Jefoné (que vide), o quenezeu, chefe de uma das famílias de Judá: a. Ele serviu de espia, aos quarenta anos de idade (Jos. 14:6,7), tendo sido enviado juntamente com onze outros homens, por parte de Moisés, a fim de explorar a terra de Canaã (Núm. 13:5,17-25), em cerca de 1440 A.C. b. Distinguiu-se por seu relatório fiel e encorajador

diante do homem, instando para que os israelitas obedecessem à ordem de Deus e dessem continuação à conquista. Josué concordou com ele (que vide), embora os outros dez espias mostrassem um relatório negativo e desencorajador, devido ao seu temor e incredulidade. Eles viram quão poderosos eram os habitantes da Terra Prometida, antes da conquista, percebendo que a conquista militar não seria fácil. Mas, a fé de Calebe e Josué era maior que o temor deles, e queriam tentar grandes coisas; e assim, deixaram-nos como herança uma preciosa lição moral. (Ver Núm. 13:30). Infelizmente, o povo de Israel tomou o partido dos covardes, e quase apedrejou os dois corajosos e fiéis espias (Núm. 14:10). c. Moisés percebeu claramente que aqueles dois seriam os únicos, dentre os que tinham mais de vinte anos de idade, que finalmente entrariam na Terra Prometida. De fato, em uma praga por juízo divino, que ocorreu pouco depois desse episódio, todos os demais espias morreram (Núm. 14:26-38). Calebe recebeu a promessa especial de que entraria na Terra Prometida, e que os seus descendentes prosperariam ali; e isso indica que a recompensa por sua fidelidade foi grande (Núm. 14:25). d. Não se menciona novamente Calebe nas Escrituras, senão quarenta e cinco anos mais tarde. A terra conquistada estava sendo partilhada, e ele reivindicou uma herança especial, prometida por Moisés. Isso foi cumprido por Josué. Com a idade de oitenta e cinco anos, Calebe continuava vigoroso, tendo participado de diversas batalhas (Jos. 14:6-15; 15:4). Contudo, teve dificuldades para conquistar Debir (Quiriate-Sefer), e ofereceu uma de suas filhas, como esposa, ao homem que a conquistasse. A cidade foi conquistada por Otniel, filho de Quenaz, irmão mais jovem de Calebe; e assim Acsa, filha de Calebe, tornou-se a esposa de Otniel (Jos. 15:13-19). Nada mais ouvimos sobre ele, e nem como sua vida terminou.

2. O último entre os três filhos a ser nomeado de Hezrom (I Crô. 2:18), descendente de Judá (I Crô. 2:9), onde ele é chamado Quelubai. Ele e sua esposa, Azuba, tiveram Jeser, Sobabe e Ardom. Depois que ela faleceu, Calebe casou-se com Efrate, e desse novo matrimônio nasceu Hur, e talvez outros. Calebe teve concubinas, e também outros filhos.

3. Filho de Hur, neto de Calebe anterior (I Crô. 2:50). Coisa alguma sabe-se sobre esse homem.

4. Além desses três homens de nome Calebe, há um território com esse nome, naquela porção do Neguebe ocupado por Calebe e seus descendentes (I Sam. 30:14), provavelmente a ser identificado com a grande bacia entre Hebrom e o antigo Carmelo de Judá. (S UN)

## CALENDÁRIO ECLESIÁSTICO

**Originalmente, o calendário eclesiástico era uma** adaptação dos calendários grego e romano (que vide). Importantes eventos religiosos influenciaram o calendário, a começar pelas principais festividades religiosas judaicas e cristãs, —incluindo a celebração das mortes dos mártires. Cada igreja tinha o seu próprio calendário, não havendo uniformidade, portanto. Porém, na Idade Média, o calendário romano passou a ser utilizado por toda a Igreja Ocidental. A partir do século VIII D.C. foram feitos calendários combinados para celebrar as datas dos santos e dos mártires. E o número de observâncias desse tipo era grande. O atual Calendário dos Santos, da Igreja Católica Romana, é muito copioso. A Igreja Luterana Alemã reteve o calendário romano, completo com os dias dos santos. Um calendário evangélico, para uso das igrejas evangélicas da Alemanha, era expedido anualmente. O calendário da Igreja Anglicana foi publicado como parte do Livro de Orações. Esse calendário tem nove colunas consistindo em um número dourado, ou ciclo do mês, dias do mês em ordem numérica; letras dominicais; calendas, nones e ides (ver o calendário romano); dias santos da Igreja, vários dos quais correspondem aos dias santos católicos romanos; e os pontos de sexto a nono, porções das Escrituras e dos livros apócrifos, para serem lidos diariamente. A Igreja Ortodoxa Russa e alguns antigos calendaristas continuam celebrando as festas fixas do calendário juliano. A Igreja Ortodoxa no Oriente continua a estabelecer festas fixas, de acordo com o calendário juliano. A maioria das **Igrejas Ortodoxas não adotou a reforma gregoriana senão já em 1924. Vários grupos protestantes** eliminaram completamente o calendário religioso, e celebram somente os principais eventos religiosos, como o dia do Senhor (domingo), a páscoa, o Natal, e alguns grupos, a sexta-feira da paixão.

*Principais datas do ano cristão*:

Estação do Advento, do domingo mais próximo do dia de Santo André, 30 de novembro, até o Natal.

Imaculada Conceição da Virgem Maria, 8 de dezembro (21 de novembro, segundo o calendário juliano).

Estação do Natal, do Natal até 13 de janeiro.

Natal, 25 de dezembro (7 de janeiro, segundo o calendário juliano).

Festa da Circuncisão, 1º de janeiro (14 de janeiro, segundo o calendário juliano).

Epifania, 6 de janeiro (19 de janeiro, segundo o calendário juliano).

Estação da Quaresma, desde a quarta-feira de cinzas, quarenta dias antes da páscoa, até a páscoa.

Anunciação à Virgem Maria, 25 de março.

Semana Santa, desde o domingo de Ramos até à páscoa.

Estação da páscoa, desde a sexta-feira antes da páscoa.

Domingo da Páscoa, o primeiro domingo após a lua cheia, ou na próxima lua cheia após 21 de março.

Dia da Ascensão, quinta-feira, quarenta dias após a páscoa.

Domingo de Pentecoste, cinqüenta dias após a páscoa.

Domingo da Trindade, o domingo após o Pentecoste.

Corpus Christi, a quinta-feira após o domingo da Trindade.

Assunção da Virgem Maria, 15 de agosto (28 de agosto, segundo o calendário juliano).

Dia de Todos os Santos, 1º de novembro. (AM E UN)

## CALENDÁRIO EGÍPCIO

**Durante os primeiros estágios da civilização** egípcia, há mais de dez mil anos passados, foi usado um calendário sem sofisticação, de doze meses de trinta dias cada um. Portanto, o ano tinha apenas 360 dias. Em cerca de 4000 A.C., foram adicionados cinco dias suplementares ao fim de cada ano, resultando em anos de 365 dias cada, mas que perdia para o ano solar um dia a cada quatro anos. Esse esquema era usado pelos astrônomos gregos, e continuava em uso nos dias de Copérnico, no século XVI. A fim de fazer o calendário equiparar-se com o verdadeiro ano solar,

um edito do rei Ptolomeu III, em 238 A.C., adicionou outro dia suplementar a cada quatro anos. Essa foi a solução também adotada pelos romanos, que se tornou conhecida como a reforma Juliana. Mas o povo egípcio não aceitou a nova regulamentação, e o método antigo prosseguiu. (AM)

## CALENDÁRIO GREGO

Os antigos gregos a princípio usavam um calendário lunar, com meses alternados de trinta ou de vinte e nove dias. Por longo tempo, os ajustes do calendário corresponderam ao ciclo das estações do ano, embora considerados sem importância. O curso dos eventos agrícolas e as probabilidades de chuva ou de bom tempo eram atribuídos ao surgimento heliaco ou ao aparecimento de várias constelações facilmente reconhecíveis. Quando os gregos começaram a adicionar o décimo terceiro mês, as intercalações eram feitas arbitrariamente. Outrossim, diferentes comunidades tinham diferentes calendários. A começar pelo século VI A.C., os astrônomos gregos propuseram certo número de ciclos crescentemente precisos, que ajustavam os meses aos anos. O mais famoso ciclo era o ciclo ocenial, um período de oito anos, quando eram intercalados três meses. Esse sistema foi empregado por longo tempo. Em 433 A.C. o astrônomo ateniente Metom publicou a sua descoberta de que cada dezenove anos solares contém 235 ciclos lunares, ou meses lunares. Os atenienses gravaram o ciclo metônico em ouro, no templo de Atena, e a unidade de um ano, nesse ciclo, tomou o nome de *número* DOURADO. Hiparco, em 130 A.C., descobriu que o ano solar não dura exatamente 365 dias e um quarto. Mas essas descobertas, embora admiradas, não foram incorporadas ao calendário grego civil. O ciclo ocenial continuou sendo utilizado.

## CALENDÁRIO ISLÂMICO

Esse calendário tinha doze meses lunares de vinte e nove ou trinta dias cada, sem quaisquer meses intercalados. Nenhuma tentativa era feita para ajustar esse calendário ao ano solar. Em resultado disso, qualquer feriado fixo, como o dia do Ano Novo, passava por um completo ciclo de estações, a cada trinta e três anos. O calendário era ajustado ao exato mês lunar, mas com a intercalação de onze dias, a cada trinta anos. Assim, havia dezenove anos comuns, de 354 dias, e onze anos intercalares, de 355 dias. Os anos intercalares, a cada trinta anos, eram os anos segundo, quinto, sétimo, décimo, décimo terceiro, décimo sexto, décimo oitavo, vigésimo primeiro, vigésimo quarto, vigésimo sexto, vigésimo oitavo. O ciclo fixo de 360 meses lunares continha 10.361 dias, errando por apenas um dia, a cada 2.500 anos. Entretanto, esse calendário não é usado com propósitos religiosos pelos islamitas. O mês religioso tem início quando aparece o crescente da lua nova. Essa ocorrência usualmente se verifica dois dias após a ocorrência da lua nova, de acordo com o calendário lunar fixo. Os islamitas também indicam o nome do dia, juntamente com a data, de tal modo que a disparidade não se torna por demais inconveniente. O dia religioso dos islamitas começa ao pôr-do-sol. Os anos, no calendário religioso islâmico, são contados a partir da *Hegira*, a fuga de Maomé (que vide), o que ocorreu a 16 de julho de 622 D.C. O *Ramadan*, ou jejum, começa no dia 273 do calendário fixo. (AM E)

## CALENDÁRIO JUDAICO (BÍBLICO)

*Esboço*

1. Dias
2. Semanas
3. Meses
4. Anos
5. Ciclos
6. Eras
7. Gráfico Ilustrativo

Todos os calendários dos povos antigos estavam baseados em observações astronômicas, embora os sistemas daí resultantes variassem. Os modernos calendários geralmente dependem do ano-solar, ou seja, o tempo em que a terra dá um giro completo em torno do sol. Como esse tempo envolve um resto em horas, minutos e segundos, nosso ano solar precisa de um ajuste de quatro em quatro anos, em que um dia é acrescentado no mês de fevereiro, e também de um outro ajuste, mais raro, para compensar a defasagem. Houve um desses ajustes no tempo do imperador Júlio César, no ano de 46 A.C., com a intercalação de 67 dias, entre os meses de novembro e dezembro. Isso deu origem ao calendário juliano. Mas, no século XVI (1582), houve um novo ajuste, começando então o calendário gregoriano, que foi adotado por países católicos e protestantes. Agora, quatro séculos e pouco depois, tem-se proposto um calendário internacional fixo, com um ano de 13 meses, de quatro semanas cada. Está predito que quando o anticristo aparecer, «cuidará em mudar os tempos e a lei» (Dan. 7:25). Como se vê, a mudança de calendário requer alguma elevada autoridade.

Israel seguia e segue o sistema lunissolar, com um ano de doze meses, de 29 ou 30 dias, alternadamente, e o acréscimo periódico de um mês. Todavia, ao que parece, Israel não desconhecia o ano solar. A comunidade de Qumran seguia um calendário de doze meses, de trinta dias, com um dia suplementar a cada três meses. Isso fazia com que os anos começassem sempre no mesmo dia da semana—talvez uma quarta-feira—e as próprias festas religiosas sempre caíam no mesmo dia do mês, e também no mesmo dia da semana. Há quem pense que Jesus seguia esse calendário, o que poderia explicar a diferença de data da última Ceia, entre os evangelhos sinópticos e o de João—Jesus teria seguido esse calendário na observância da última páscoa, ao passo que as autoridades religiosas de Jerusalém seguiam o calendário lunissolar. Todavia, isso é pura especulação, nada havendo para provar tal assertiva. O fato é que, segundo a Bíblia, o Senhor criou os corpos luminosos do firmamento para «sinais, para estações, para dias e anos» (Gên. 1:14). Os que cultivam a astrologia pensam encontrar aí uma base bíblica para suas idéias, mas, na verdade, o que está envolvido é a formação de um calendário.

Para melhor entendermos o que a Bíblia ensina a respeito, dividiremos nosso estudo nestes títulos: 1. Dias; 2. semanas; 3. meses; 4. anos; 5. ciclos; 6. eras.

**1. Dias.** A maneira de computar os dias, começou na nação judaica com base na repetida frase de Gênesis: «Houve tarde e manhã, o primeiro dia... Houve tarde e manhã, o segundo dia...» etc. (ver Gên. 1:5-31). De acordo com essas palavras, a nação judaica iniciava cada dia às 18:00 horas (ver Deu. 23:11), ao passo que para os babilônios e a maioria dos povos do Oriente Médio o dia era computado a partir do nascer do sol, às 6:00 horas da manhã. A demarcação entre um dia e outro, entre os israelitas, na verdade era o momento em que três estrelas da segunda magnitude tornavam-se visíveis, segundo se vê em Nee. 4:21: «Assim trabalhávamos na obra; e metade empunhava as lanças desde o raiar do dia até

o sair das estrelas». Os judeus não davam nomes aos dias da semana, mas eram designados como primeiro, segundo, terceiro, etc. Os dias eram divididos em horas e vigílias, embora a divisão em horas tivesse sido adotada posteriormente, pois no começo eles falavam somente em períodos indefinidos, como «tarde», «manhã», «declinar do dia», etc. (Ver Juí. 19:8). Houve aparelhos engenhosos para marcação do tempo, desde muito antes do tempo de Daniel, entre os babilônios e os egípcios. Os babilônios dividiam o dia em vinte e quatro horas, cada hora dividida em minutos, e estes em segundos. Um desses engenhos antigos aparece no trecho de Isaías 38:8 e II Reis 20:11: «Eis que farei retroceder dez graus a sombra lançada pelo sol declinante no relógio de Acaz». No Novo Testamento, lemos que o Senhor Jesus indagou: «Não são doze as horas do dia?» (João 11:9). Outro tanto se vê no relato sobre a crucificação, que menciona a terceira, a sexta e a nona horas, correspondentes às 9:00 horas, às 12:00 horas e às 15:00 horas, pois Marcos reflete a maneira romana de contar as horas, isto é, a partir das seis horas da manhã (ver Mar. 15:25,33 *ss*).

Os primeiros hebreus dividiam as noites em três vigílias: a «vigília da manhã (Êxo. 14:24); a «vigília média» (Juí. 7:19); e o «princípio das vigílias» (Lam. 2:19). Mas os romanos dividiam a noite em quatro vigílias, de onde Jesus extraiu uma analogia, em sua advertência escatológica sobre um tempo imprevisível: «...se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã» (Mar. 13:35).

**2. Semanas.** A semana de sete dias é de origem semita. Os babilônios e assírios vinculavam suas semanas ao ciclo lunar, correspondentes aos quatro ciclos da lua, a começar a cada lua nova. A semana judaica tinha origem na narrativa da criação, sem ligação aos ciclos lunares ou solares, porquanto dependia da observância do sétimo dia, ou sábado. A semana egípcia tinha dez dias.

Embora Deus tivesse salientado o sétimo dia, por ocasião da criação (ver Gên. 1:2,3), o registro bíblico faz silêncio quanto à observância do sábado durante o longo intervalo entre a criação e a época de Moisés. Não há registro da observância religiosa do sábado nos tempos antediluvianos ou nos dias dos patriarcas hebreus. Todavia, há indicações bíblicas indiretas de que o sábado sempre foi tido como um dia religioso importante. Na legislação mosaica, o sábado tornou-se um dos sinais do pacto entre Deus e Israel: «Certamente guardareis os meus sábados; pois é sinal entre mim e vós nas vossas gerações...» (Êxo. 31:13). Em consonância com isso, Jesus, que veio para cumprir a lei, não se descuidava dessa observância, embora os judeus, de modo geral, se mostrassem bastante relapsos quanto à questão: «Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume...» (Luc. 4:16). No entanto, em face dos cruciais acontecimentos ocorridos na vida de Cristo e da Igreja, no primeiro dia da semana, os primitivos cristãos passaram a reunir-se no primeiro dia da semana, e não no sétimo. Por causa do dia da ressurreição de Cristo: «E muito cedo, no primeiro dia da semana, ao despontar do sol, foram ao túmulo...» (Mar. 16:2 *ss*). Os discípulos estavam reunidos quando Cristo lhes apareceu pela primeira vez, depois de ressurrecto: «Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos, com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco!» (João 20:19). Por que foi em um primeiro dia da semana que teve início o ministério do Espírito Santo à Igreja: «Ao cumprir-se o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos no mesmo lugar...» (Atos 2:1 *ss*). Em face desses grandes acontecimentos, os cristãos, embora ocasionalmente freqüentando a sinagoga ou o templo, em dia de sábado (sobretudo quando queriam pregar aos judeus, que se reuniam nesse dia da semana), tinham no primeiro dia da semana o seu dia normal de reuniões: «No primeiro dia da semana, estando nós reunidos com o fim de partir o pão...» (Atos 20:7). E também: «No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for» (I Cor. 16:2). Todavia, isso não significa que o domingo tenha tomado o lugar do sábado, para os cristãos. Para nós, servos de Deus, todos os dias são santos. É sinal de pouca espiritualidade quando alguém insiste em guardar dias e estações, porquanto, tudo quanto é simbolizado pelos mesmos, foi cumprido em Cristo. «...agora que conheceis a Deus, ou antes, sendo conhecidos por Deus, como estais voltando outra vez aos rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis ainda escravizar-vos? Guardais dias, e meses, e tempos e anos. Receio de vós tenha eu trabalhado em vão para convosco» (Gál. 4:9-11). A lei e suas ordenanças foram canceladas no caso do crente: «...(Cristo Jesus)... aboliu na sua carne a lei dos mandamentos na forma de ordenanças» (Efé. 2:15). Ora, o sábado é uma das ordenanças da lei. (Ver sobre o *dia de domingo*).

**3. Meses.** No hebraico, a palavra é um sinônimo para «luas». Os povos antigos mediam o tempo pelas fases da lua. Assim, o termo árabe para *lua* significa «medidora». E o deus-lua dos egípcios, era também o deus da medição. Entre os judeus de gerações posteriores, três membros do sinédrio tinham a responsabilidade de vigiar e anunciar a primeira aparição da lua nova, e então a notícia do começo de um novo mês espalhava-se pelo país através de sinais de fumaça, e, mais tarde, mediante mensageiros. O calendário constante, que dispensou essa medida, pelo menos em tese, segundo se diz, foi inaugurado pelo patriarca Hilel.

Entre os israelitas, os meses eram designados com nomes tomados por empréstimo dos cananeus e fenícios. Esses nomes estavam ligados às estações do ano, segundo se vê pelos quatro nomes que sobreviveram nos antigos registros hebraicos: Abibe (Êxo. 13:4 e Deu. 16:1), correspondente ao Nisã do calendário posterior, que significa «mês das espigas maduras»; Zive (I Reis 6:1), correspondente ao posterior mês do Iyyar, que significa «mês das flores», Etanim (I Reis 8:2), correspondente ao posterior mês de Tisri, que significa «mês dos riachos perenes»; e Bul (I Reis 6:38), correspondente ao posterior mês de Marchesvam, que significa *chuvas*, sendo que o primeiro mês da estação chuvosa. No entanto, durante o período monárquico de Israel, o calendário foi reformado, e os antigos nomes dos meses foram substituídos por números ordinais, primeiro, segundo, terceiro, etc., ao mesmo tempo em que o começo do ano foi transferido para a primavera. Isso é ilustrado em I Reis 6:1 e 8:2. Citamos este último trecho: «Todos os homens de Israel se congregaram junto ao rei Salomão, na ocasião da festa, no mês de etanim, que é o sétimo». Em cerca de 520 A.C., Ageu (1:1 e 2:1,10), usou apenas números ordinais para indicar os meses, sem referir-se aos antigos nomes dos mesmos. Zacarias, um profeta contemporâneo daquele, liga o número ordinal de certo mês ao nome babilônico do mesmo, o que se tornou prática popular após o exílio. Diz Zacarias 1:7: «Aos vinte e quatro

dias do mês undécimo, que é o mês de sebate...» Todavia, esses nomes importados da Babilônia não eram usados nos registros civis e históricos dos judeus. Tais nomes tinham conotações agrícolas, ainda que vinculados a nomes de divindades pagãs da natureza, em certos casos. O chamado calendário de Gezer, que data do século X A.C., fornece-nos um interessante vislumbre sobre a vida agrícola da Palestina. Trata-se de uma inscrição que enumera operações agrícolas referentes a oito meses, e onde são mencionadas atividades como a semeadura, a colheita do linho, a colheita da cevada e a poda da videira.

**4. Anos.** O calendário judaico envolvia dois anos concorrentes, a saber: o ano religioso, que começava na primavera, com o mês de Nisã, e o ano civil, que começava no outono, com o mês de Tisri. O ano religioso foi instituído por Moisés, após o êxodo. Consiste em doze ou treze meses lunares de 29-1/2 dias cada. O ano civil é mais antigo, computado supostamente desde a criação, que tradicionalmente ocorreu no outono (3760 A.C.). Tornou-se popular a partir do século III D.C. Que o ano civil era observado pelo antigo povo de Israel torna-se evidente no preceito mosaico, que diz: «Guardarás a festa da sega dos primeiros frutos do teu trabalho, que houveres semeado no campo, e a festa da colheita, à saída do ano, quando recolheres do campo o fruto do teu trabalho» (Êxo. 23:16).

Os babilônios e os egípcios criaram o mês intercalado, a fim de ajustar o ano solar ao ano lunar. Os anos bissextos dos judeus, com seu ciclo de 19 anos foram fixados, com adição de um décimo terceiro mês nos anos terceiro, sexto, nono, décimo primeiro, décimo quarto, décimo sétimo e décimo nono. E se no décimo sexto dia do mês de Nisã o sol não tivesse atingido o equinócio de inverno, o mês era declarado como o segundo mês de Adar, ao passo que o mês seguinte era declarado mês de Nisã.

Conforme dissemos no começo deste artigo, grande avanço foi feito quando do calendário traçado por Júlio César, primeiro imperador romano, em 46 A.C. Mas esse ano, de 365 dias e um quarto, tinha uma defasagem de onze minutos, acima do ano solar. Por esse motivo, em 1582, o então papa Gregório XIII fez uma reforma, e o novo calendário passou a chamar-se de calendário gregoriano (sob cujo regime vivemos). Esse envolve um erro infinitesimal que se acumula para formar um dia, a cada 3.325 anos. É interessante observar que o calendário mais exato que a humanidade já criou é o dos índios maias, da América Central, que acusa um erro acumulado de um dia, a cada seis mil anos!

**5. Ciclos.** Em face do sétimo dia da criação, os judeus passaram a dar um elevado sentido religioso e sagrado ao número sete. Assim, as convocações solenes e as festas judaicas tinham lugar no sétimo dia, ou na sétima semana, ou no sétimo mês, ou no sétimo ano ou a cada sete vezes sete anos. A cada sete dias havia o sábado. A festa do Pentecoste caía no fim de sete semanas após a páscoa, no primeiro dia da semana seguinte. A festa das Trombetas, que introduzia o sétimo mês, envolvia uma «assembléia solene». O ano sabático impunha um solene repouso para os proprietários de terras, para as terras aráveis e até para os animais de carga. Nesse ano também eram postos em liberdade os escravos hebreus. Os anos sabático e de jubileu eram sincronizados ao ano civil ou agrícola. O ano do jubileu, que ocorria a cada cinqüenta anos, após sete vezes sete anos, tinha conotações importantíssimas na vida social judaica. (Ver Lev. 25:8-17).

**6. Eras.** No calendário bíblico, «eras» indicam todo o tempo que vai da criação do mundo à consumação dos séculos. Há grandes acontecimentos que são marcos terminais, com o início de alguma nova fase para a humanidade. Esses marcos, em sua seqüência cronológica, são: a criação, o dilúvio, a vida de Abraão, o êxodo, o exílio babilônico e o nascimento de Jesus. Em conseqüência, as eras bíblicas poderiam ser intituladas como: antediluviana, pós-diluviana, patriarcal, israelita, judaica e cristã. (Ver Mat. 1:2-17 e Luc. 3:23-37).

Astronomicamente falando, a fenomenal estrela que guiou os magos ao menino Jesus, dividiu a história da humanidade em Antes de Cristo (A.C.) e Depois de Cristo (D.C.). Esse é o eixo em torno do qual a história humana é datada, pondo fim a uma antiga ordem de coisas e dando início a uma nova ordem. As predições bíblicas aludem a mais duras eras, a saber: a. O milênio, logo após a Grande Tribulação, inaugurado pela segunda vinda de Cristo, quando ele instaurar o seu reino de mil anos à face da terra; e b. a era eterna, quando forem criados novos céus e nova terra. Ver acerca do *milênio* e da *era eterna*. Cf. Apo. 20:1-15 e 21:1-5.

## 7. GRÁFICO ILUSTRATIVO

| *Nomes dos Meses* | *Equivalentes* | *Festas* | *Estações* | *Tempo* | *Colheita* |
|---|---|---|---|---|---|
| Abide ou Nisã, 30 dias. 1º mês do ano sagrado e 7º mês do ano civil | Março-abril | 1. Lua Nova, Núm. 10:10. Jejum por Nadabe e Abiú, Lev. 10:1,2.<br>10. Seleção do cordeiro pascal, Êxo. 12:3; festa por Miriã, Núm. 20:1.<br>14. Abate do cordeiro pascal, à tarde, Êxo. 12:6. Começa a páscoa, Núm. 28:16.<br>15. Primeiro dia dos pães asmos, Núm. 28:17.<br>16. Primícias; molhos são oferecidos, Lev. 23:10. Começo da colheita; 50 dias para o Pentecoste, Lev. 23:6.<br>15 a 21. Santas convocações, Lev. 23:7.<br>21. Fim da páscoa; fim dos pães asmos, Lev. 23:6.<br>26. Jejum pela morte de Josué. | Equinócio da primavera | Ventilado; queda das últimas chuvas, Deu. 11:14. As neves se dissolvem e os rios se enchem. O Jordão extravasa, Jos. 3:15. | Cevada, maturação do trigo; aparecem as flores e hortaliças. |
| Zife ou Íjar, 29 dias. 2º do ano sagrado e 8º do ano civil | Abril-maio | 1. Lua nova, Núm. 1:18.<br>6. Jejum de 3 dias por excessos da páscoa.<br>10. Jejum pela morte de Eli e captura da arca, I Sam. 4:11 *ss*.<br>15. Segunda páscoa, para os que não a celebraram no mês de Abide, relembrando a entrada no deserto, Êxo. 16:11.<br>23. Festa lembrando a captura de Gaza pelos Macabeus e a purificação do templo.<br>27. Festa lembrando a expulsão dos galileus de Jerusalém.<br>28. Jejum pela morte de Samuel, I Sam. 25:1. | Verão | Ventilado; chuvas e trovoadas, com raros temporais. Céu sem nuvens. Ventos quentes do vale do Jordão. | Colheita da cevada, Rute 1:22. O trigo amadurece; abricós. |
| Sivã, 30 dias. 3º do ano sagrado e 9º do ano civil | Maio-junho | 1. Lua nova<br>2. Festa do Pentecoste ou das semanas, por ser 7 dias após a páscoa, Lev. 23:15-21.<br>15,16. Celebração da vitória sobre Bete-Seã, I Mac. 5:52, 12:40,41. | Verão | Ventos do noroeste e leste; vento ressecante dos desertos do sul. Céu claro. | Começa a colheita: trigo; amêndoas; uvas começam a amadurecer; mel do vale do Jordão. |

| *Nomes dos Meses* | *Equivalentes* | *Festas* | *Estações* | *Tempo* | *Colheita* |
|---|---|---|---|---|---|
| | | 22. Jejum pelos súditos de Jeroboão que levaram primícias a Jerusalém, I Reis 12:27.<br>25. Jejum em memória dos rabinos Simeão, Ismael e Canina. Festa lembrando o juízo de Alexandre em favor dos judeus.<br>27. Jejum relembrando a queima dos livros da lei. | | | |
| Tamuz, 29 dias. 4º do ano sagrado e 10º do ano civil | Junho-julho | 1. Lua nova<br>14. Festa comemorando a abolição de um livro dos saduceus e dos betusianos, que queriam subverter a lei oral e as tradições.<br>17. Jejum comemorando a quebra das tábuas da lei por Moisés, Êxo. 32:19; e tomada de Jerusalém por Tito, em 70 D.C. | Calor máximo do verão | Ventilado do norte, do oeste e do leste; calor intenso. | Colheita do trigo nas terras altas; várias frutas. |
| Abe, 30 dias. 5º do ano sagrado e 11º do ano civil | Julho-agosto | 1. Lua nova. Jejum pela morte de Aarão.<br>9. Jejum em memória da declaração divina contra os murmuradores opostos à entrada em Canaã, Núm. 14:29-31.<br>18. Jejum por causa da lâmpada apagada, nos dias de Acaz.<br>21. Festa quando a madeira era empilhada no templo.<br>24. Festa em memória da lei, segundo a qual filhos e filhas herdavam a mesma dos seus pais. | Calor do verão | Ventos do leste; calor intenso; céu claro. | Vindima, colheita do figo, das castanhas, azeitonas, etc. Lev. 26:5. |
| Elul, 29 dias. 6º do ano sagrado e 12º do ano civil | Agosto-setem. | 1. Lua nova.<br>7. Festa da dedicação dos muros de Jerusalém, por Neemias.<br>17. Jejum pela morte dos espiões incrédulos, Núm. 14:26.<br>21. Festa, oferta da madeira.<br>22. Festa em memória dos israelitas ímpios punidos com a morte. Durante o mês todo, soavam as trombetas, avisando sobre o ano civil próximo. | Verão quente | Ventos do norte e do leste. Calor intenso; relâmpagos, com pouca chuva. | Vindima; colheita do milho, do algodão; romãs amadurecem. |

| *Nomes dos Meses* | *Equivalentes* | *Festas* | *Estações* | *Tempo* | *Colheita* |
|---|---|---|---|---|---|
| Etanim ou Tisri, 30 dias. 7º do ano sagrado e 1º do ano civil | Setem.-outub. | 1. Lua nova; Ano Novo; festa das Trombetas, Lev. 23:24, Núm. 29:1,2.<br>3. Jejum pelo assassínio de Gedalias, II Reis 25:25. O sumo sacerdote é separado para o Dia da Expiação.<br>7. Jejum relembrando a adoração do bezerro de ouro.<br>10. Dia da Expiação, Atos 27:9. Único dia de jejum exigido pela Lei; primeiro dia do Ano de Jubileu.<br>15-21. Festa dos Tabernáculos.<br>22. Santa convocação; ramos de palmeiras; oração pela chuva.<br>23. Festa pelo término da Lei; dedicação do templo de Salomão. | Semeadura; o grão germina | Ventos do nordeste. | Aração e semeadura começam assim que se iniciam as chuvas, Pro. 20:4. Colheita do algodão. |
| Bul ou Marcesvan, 29 dias. 8º do ano sagrado e 2º do ano civil | Outub.-novem. | 1. Lua nova<br>6,7. Jejum por Nabucodonosor ter cegado Ezequias, II Reis 25:7; Jer. 52:10.<br>17. Orações pela chuva.<br>19. Jejum pelas faltas durante a festa dos Tabernáculos.<br>23. Pedras memoriais do altar profanado pelos gregos, I Mac. 4:44.<br>26. Festa em memória da recuperação, após o exílio, dos lugares ocupados pelos cutitas. | Outono | Ventilado de várias direções; muita chuva. | Semeadura do trigo e da cevada; vindima no N. Colheita do arroz; figos amadurecem; frutas cítricas florescem; desaparece quase toda a vegetação. |
| Quisleu, 30 dias. 9º do ano sagrado e 3º do ano civil | Novem.-dezem. | 1. Lua nova.<br>2. Jejum de três dias, se não viessem chuvas.<br>3. Festa em honra aos Asmoneus que derrubaram ídolos postos no templo pelos gentios.<br>6. Festa em memória da queima dos rolos por Jeoaquim, Jer. 36:23.<br>7. Festa em memória da morte de Herodes, o Grande.<br>14. Jejum absoluto, se não viessem chuvas. | Começa o inverno, João 10:22. | Neve nos montes; tempestades; muita chuva. | Árvores sem folhas, mas planícies e desertos reverdecem. |

| *Nomes dos Meses* | *Equivalentes* | *Festas* | *Estações* | *Tempo* | *Colheita* |
|---|---|---|---|---|---|
| | | 21. Festa no monte Gerizim; o monte Gerizim é arado e semeado com joio, como os samaritanos intentaram fazer com o terreno do templo.<br>25. Festa da dedicação do templo, ou Luzes (8 dias), em memória da restauração do templo por Judas Macabeu. | | | |
| Tebete, 29 dias. 10º do ano sagrado e 4º do ano civil | Dezem.-janeiro | 1. Lua nova.<br>8. Jejum porque a Lei foi traduzida para o grego.<br>9. Jejum geral, sem motivo específico.<br>10. Jejum por causa do cerco de Jerusalém por Nabucodonosor, II Reis 25:1.<br>28. Festa em memória da exclusão dos saduceus do Sinédrio. | Meio-inverno | Ventos do norte, do nordeste e do noroeste. No mês mais frio, saraiva e neve, Joel 10:11, nas terras altas, e, algumas vezes, em Jerusalém. | Rebanhos descem para os vales. Cultivo dos vales começa. Laranjas amadurecem. Regiões mais baixas reverdecem com o cereal. |
| Sebate, 30 dias. 11º do ano sagrado e 5º do ano civil | Janeiro-fev. | 1. Lua nova.<br>2. Regozijo: Alexandre Janeu, inimigo dos fariseus, morreu.<br>4,5. Jejum em memória da morte dos anciãos, sucessores de Josué.<br>15. Começo do ano das Árvores.<br>22. Festa em memória da morte de Niscaleno, que ordenou a colocação de ídolos no templo, mas que morreu antes disso ser cumprido.<br>29. Celebração da morte de Antíoco Epifânio. | Inverno | Ventos do noroeste, norte e nordeste. Tendência para o calor. | Amêndoas e pêssegos florescem nas áreas quentes. Laranjas são colhidas. |
| Adar, 29 dias. 12º do ano sagrado e 6º do ano civil | Fever.-março | 1. Lua nova.<br>7. Jejum pela morte de Moisés, Deut. 34:5.<br>8,9. Trombetas soam em agradecimento pelas chuvas; orações por mais chuvas.<br>12. Festa em memória de Holiano e Pipo, dois prosélitos que preferiram morrer a quebrar a lei.<br>13. Jejum de Ester, (4:6). Festa celebrando a morte de Nicanor, inimigo dos judeus I Mac. 7:44.<br>14. 1º Purim, festa menor das sortes, Est. 9:21.<br>15. Grande Festa de Purim.<br>17. Festa em comemoração aos sábios que fugiram de Alexandre Janeu.<br>20. Festa pelas chuvas em época de seca, nos dias de Alexandre Janeu.<br>23. Festa comemorativa da dedicação do templo de Zorobabel, Esd. 6:16.<br>28. Festa comemorativa por terem sido repelidos os decretos dos reis gregos proibindo a circuncisão. | Primavera, com resíduos do inverno. | Ventos do oeste; trovoadas, saraiva e neve nas terras altas. Começam as últimas chuvas, das quais dependem as plantações, para ser evitada a fome. | Nos vales, cultivo chega ao fim, e amadurece a cevada. |

## CALENDÁRIO ROMANO

Os antigos romanos adotavam o sistema lunar, em que os meses tinham trinta ou vinte e nove dias alternadamente. O ano civil tinha apenas dez meses, ou seja, apenas 295 dias. O primeiro mês era março. Os meses sétimo, oitavo, nono e décimo receberam nomes que indicavam a ordem numérica no calendário, de onde nos vieram os modernos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro. De conformidade com as lendas, foi durante o reinado de Numa Pompílio, em cerca de 700 A.C., que foram acrescentados os meses de janeiro e fevereiro, para serem os meses décimo primeiro e décimo segundo. Fevereiro tinha apenas 28 dias. Posteriormente, na história romana, os meses deixaram de ser lunares. Os meses segundo, quarto, sétimo e nono passaram a ter trinta dias cada, e os demais, trinta e um dias, excetuando fevereiro, que tinha apenas vinte e oito. Os romanos dividiam os meses em unidades. Portanto, as calendas eram o primeiro dia de cada mês; os nomes eram o quinto ou o sétimo dia, e os ides eram o décimo terceiro ou o décimo quinto dia. O dia que antecedia a cada unidade era chamado de *véspera*. A maneira como os romanos manipulavam os dias, e os termos aplicados aos mesmos, eram totalmente arbitrários, e os imperadores romanos interferiam de uma maneira que muito perturbava o bom fluxo do calendário. Assim, eles podiam alongar ou encurtar as magistraturas. o que provocou a confusão geral. Ver sobre as reformas Juliana e Gregoriana: *Calendários Juliano e Gregoriano*.

## CALENDÁRIOS BABILÔNIO, ASSÍRIO E CALDEU

Para as civilizações do vale do Tigre-Eufrates, o ano começava na primavera, com o mês de *Nisanu*, consistindo de doze meses lunares. Cada mês começava ao cair da tarde, assim que aparecia a lua crescente. Os meses duravam, alternadamente, 30 ou 29 dias, e o ano de 354 dias sofria uma diferença de aproximadamente um mês, em relação ao ano solar, ao fim de cada três anos. Em conseqüência, um mês extra usualmente era adicionado a cada três anos, por ordem do monarca reinante. O tempo de tais intercalações era determinado pela observação de uma estrela cujo aparecimento heliaco ocorria, pelo menos em princípio, em um mês designado. Infelizmente, essas intercalações eram falhas. Por isso, não era incomum que houvesse dois anos consecutivos de treze meses cada. Porém, a partir de 380 A.C., houve melhor codificação, havendo sete intercalações a cada dezenove anos, o mesmo período que o do ciclo que fora desenvolvido na Grécia, cinqüenta anos antes. Não se sabe se os babilônios descobriram sozinhos o ciclo, ou se o pediram emprestado dos gregos. (AM)

## CALENDÁRIOS JULIANO E GREGORIANO

Júlio César resolveu reformar o calendário romano (que vide). Convidou o astrônomo grego Sosígenes para servir de conselheiro. Foi feita uma modificação em 46 A.C., que se tornou conhecida como *o fim da confusão*. Em primeiro lugar, ficou decidido que o equinócio de inverno cairia a 25 de março. Para tanto, oitenta e cinco dias foram acrescentados ao ano 46 A.C. O ano civil, dali por diante, foi fixado em 365 dias. Os reformadores sabiam que o ano solar tinha 365 dias e um quarto, mas sentiam que o ano continuaria concordando com as estações, se um dia adicional fosse intercalado a cada quatro anos. Esse dia extra não era adicionado ao fim do mês de fevereiro, conforme sucede em nossos dias, mas após o dia 24 de fevereiro. De acordo com a terminologia romana, o dia 24 era o sexto das calendas de março (ver Calendário Romano), pelo que, na verdade, o dia intercalado era um segundo dia seis. O termo bissexto, pois, foi usado para designar esse dia extra. A reforma juliana também fez o dia 1º de janeiro ser o dia em que os cônsules davam início a seus deveres, e assim, esse tornou-se o primeiro dia do ano. O dia 1º de janeiro de 45 A.C. foi o dia da inauguração do calendário juliano. Porém, os meses de setembro, outubro, novembro e dezembro retiveram seus nomes, a despeito do fato que agora eles não eram mais o sétimo, o oitavo, o nono e o décimo meses do ano. O ano juliano de 365 dias e um quarto é ligeiramente mais longo que o verdadeiro ano solar, que, de fato, dura 365,2422 dias. Essa variação cria uma diferença que é apenas uma fração: 0,0078 de dia, a cada ano. Isso acumula-se para formar três dias a cada quatro séculos. Por causa desse pequeno desvio, que, acumulado século após século, torna-se grande, tornou-se necessária uma nova reforma, conhecida como reforma gregoriana.

**Reforma Gregoriana.** O calendário juliano continuou desviando-se cada vez mais do verdadeiro ano solar. A páscoa, um importante feriado da primavera, a continuar as coisas, terminaria no verão, perturbando tudo. Pela época do papa Gregório XIII, nos fins do século XVI, o desvio já era de dez dias. Reconhecendo que a questão estava ficando crítica, Gregório resolveu reformar o calendário. Ele cortou dez dias do ano de 1582, de tal modo que, começando pelo ano seguinte, o equinócio cairia novamente a vinte e um de março. O dia depois da sexta-feira, quatro de outubro de 1582, tornou-se assim a sexta-feira, quinze de outubro.

O calendário gregoriano requer que se cortem três dias do ano, a cada quatrocentos anos. Isso ocorreu em 1600, e terá de ocorrer novamente no ano 2000. Embora o ano solar tenha exatamente 365,2422 dias, há variações, pois a rotação da terra, em torno de seu eixo, não se dá de maneira uniforme. Portanto, é impossível predizermos quais futuros ajustes tornar-se-ão necessários, digamos, dentro de três a quatro mil anos a partir de agora. Além disso, podem ocorrer mudanças de pólo, e isso conturbará todos os cálculos. Todos os países têm adotado esse calendário para uso civil, embora existam, lado a lado com ele, os calendários religiosos. (AM)

## CALEVALA Ver Kalevala.

## CALFI

Pai de Judas, um capitão sob as ordens de Jonatã Macabeu (I Macabeu 11:70). Seu filho, Judas, juntamente com Matias, permaneceu em companhia de Jonatã, quando outros fugiram a Hazor, após terem caído em uma emboscada. Esses reuniram forças e derrotaram o inimigo, —matando três mil deles. Josefo, *Anti*. xiii.5,7 diz que seu nome era Chapseu.

## CALI Ver Kali.

## CÁLICE

No latim, **calix**; no grego, **potérion**. Palavra usada em Mateus 26:26 e paralelos, para indicar o vaso usado por Jesus para distribuir o vinho, por ocasião

da instituição da Ceia do Senhor. E também indica o vaso usado na *eucaristia* (que vide), para conter o vinho a ser consagrado, segundo o uso da Igreja Católica Romana, durante a «missa». Nesta, o cálice é feito de metal precioso. Na Idade Média, os cálices tinham um maior leque de utilizações. O cálice ministerial distribuía o vinho à congregação, quando a comunhão ainda incluía tanto o pão quanto o vinho. Os vasos usados com essa finalidade usualmente eram feitos de ouro ou de prata. Materiais mais humildes eram proibidos. Grandes cálices eram postos nos templos para receber o vinho doado pelos fiéis. Nos ritos batismais, era empregado um cálice especial para misturar a bebida simbólica do candidato ao batismo, isto é, leite e mel. Cálices funerários eram disponíveis, para serem postos nos túmulos dos membros do clero. Os primeiros cálices eram modelados segundo o estilo da época. A lei canônica requer que antes que um cálice possa ser usado na Igreja Católica Romana, seja o mesmo consagrado por um bispo ou por um abade. (AM E)

## CÁLICE DE BÊNÇÃO

Um título aplicado ao vinho da Ceia do Senhor, em I Coríntios 10:16. Provavelmente porque o mesmo título foi dado ao terceiro cálice de vinho, por ocasião da última páscoa festejada por Jesus; e mais ainda por ser o cálice do Senhor, um símbolo do novo pacto. Os judeus encerravam suas refeições com um cálice de bênção, símbolo de agradecimento a Deus, a fonte originária de todas as coisas boas. Quando da celebração da Ceia do Senhor, expressamos graças por aquilo que a morte de Cristo significa para nós. Para a alma remida, há um banquete espiritual, o banquete dos benditos, congraçados em torno de Jesus Cristo, o Senhor que os remiu.

## CALICLES

Filósofo e político grego do século V A.C., um dos disputantes do diálogo de Platão, *Górgias*. Na qualidade de sofista (que vide), ele argumentava em prol do forte império ou governo, como lei natural, o que também seria um direito natural. Em outras palavras, poder é direito. Ele supunha que as convenções da sociedade tentam escravizar os fortes, e assim subverter a justiça natural. Ele também argumentava em favor do *prazer* como o grande alvo da vida. Ver sobre o Hedonismo. (EP P)

## CALIFA

Vem de um vocábulo árabe que significa **sucessor**, título dado aos sucessores de Maomé, quanto às questões temporais e espirituais. Os quatro primeiros califas foram Aleu Bekr, Omar, Othman e Ali, todos antes intimamente associados ao profeta. Posteriormente, o califado tornou-se um prêmio muito procurado, circundado por intensa rivalidade e contenda. Ver sobre *Islamismo*.

## CALÍGULA

Viveu de 12 a 41 D.C. Seu apelido, que em latim significa «botinhas», foi-lhe dado afetuosamente, pelos soldados sob o comando de seu pai. Em criança ele acompanhava seu genitor nas campanhas militares, usando suas próprias botas militares. No ano 19 D.C., seu pai teve morte prematura, e sua mãe foi detida como conspiradora, em 29 D.C. Após um breve intervalo, ele uniu-se ao imperador Tibério, que então residia na ilha de Capri. Após o ano 33 D.C., ele era o único filho sobrevivente de Germânico, tendo sido nomeado por Tibério como co-herdeiro de sua propriedade, juntamente com Tibério Gemellus, o neto mais jovem do imperador. Quando Tibério faleceu, em 37 D.C., o senado romano declarou seu testamento inválido, pelo que Calígula tornou-se seu único herdeiro, e foi declarado imperador. Seu nome completo era Gaio Júlio César Germânico.

Calígula adotou Tibério Gemellus, mas executou-o um ano mais tarde. No primeiro ano de seu governo, ficou seriamente enfermo. Quando, supostamente, recuperou-se, começou a manifestar sintomas de loucura sádica e de irresponsabilidade, que o tornaram relembrado na história. Foi assassinado em 41 D.C., para alívio de muitas pessoas de bem. Sua morte impediu uma revolta generalizada dos judeus. Ele havia ordenado que fosse erigido uma estátua sua, no Santo dos Santos do templo de Jerusalém. Sua morte, bem como a atuação diplomática do legado da Síria, impediram um desastre completo. Filo, o filósofo-teólogo-neoplatônico-judeu, de Alexandria, encabeçou uma embaixada que se dirigiu a Calígula, em 39 ou 40 D.C., e sua narrativa informa-nos sobre muitos dos horrores e das estranhezas desse imperador. De fato, ele foi a mais grotesca figura que já serviu como imperador do império romano. (AM PHI SU)

## CALÍSTENES

Foi um soldado do exército de Nicanor, acusado de incendiar as portas do templo de Jerusalém, quando Antíoco Epifânio (que vide) destruiu Jerusalém, em 168 A.C. Quando os judeus obtiveram, afinal, a vitória, eles fizeram Calístenes e outros, que «haviam fugido para uma casinha» (II Mac. 8:33), perecerem em uma fogueira. Isso teve lugar em 165 A.C.

## CALISTO

1586-1656. Foi um teólogo luterano que adquiriu a reputação de ser reconciliador. Porém, suas tentativas de reconciliação somente levaram-no a ser uma figura suspeitada por todos. A situação deu origem à controvérsia sincretista (que vide). (AM E)

## CALISTO II, Papa

Ver **Worms, Concordata de**

## CALNÉ

1. De acordo com alguns eruditos, no hebraico significaria «forte de Anu». Anu era uma das principais divindades do panteão babilônico. O local provável é a moderna Niffer, no Talmude, Nopher. Fica cerca de cem quilômetros a suleste da antiga cidade da Babilônia, à margem esquerda do rio Eufrates. A LXX refere-se a Calné ou Calno como o lugar onde foi edificada a torre famosa (Isa. 10:9). No século VIII A.C., foi conquistada por um dos reis assírios, e nunca mais reconquistou a sua prosperidade. Ela foi uma das cidades da Babilônia, fundada por Ninrode, referida em associação com Babel, Ereque e Acade (Gên. 10:10). O local acima referido tem sido intensamente investigado pela arqueologia. Ver sobre Nipur. Contudo, há estudiosos que a identificam com Kulunu, uma outra antiga cidade próxima da Babilônia. Ainda outros supõem que a mesma deveria ser identificada com Hursagkalama, uma cidade gêmea de Quis. Outrossim, com base em

uma compreensão diferente sobre o texto hebraico, alguns intérpretes traduzem Calné como *todas elas*, pelo que aquele versículo diria: «O princípio do seu reino foi Babel, Ereque, Acade, todas elas na terra de Sinear». Nesse caso, nunca houve uma cidade chamada Calné, e todas essas identificações, acima referidas, laboram em erro.

2. Calne (segundo nossa versão portuguesa, sem acento agudo no *e* final) figura em Amós 6:2, juntamente com Hamate. Poderia ser Kulani, a moderna Kallanhu, cerca de dez quilômetros de Arpade. Kullani(a) é uma aldeia mencionada em documentos assírios, em associação com Arpade.

## CALOR E FRIO

No trecho de Gênesis 8:22 encontramos o contraste entre a semeadura e a colheita, entre o verão e o inverno, entre o dia e a noite, entre o calor e o frio. Tudo isso fazia parte da promessa do Senhor de que não haveria de sobrevir outro período de destruição geral no mundo, por meio de um dilúvio, de tal modo que esses estados e condições contrastantes prosseguiriam até o fim dos tempos.

A Palestina é um país bem pequeno, cuja área aproxima-se da área do estado do Rio Grande do Norte, no nordeste brasileiro. Apesar de tão pequena, há ali tremendos contrastes de clima e temperatura. Todavia, ali o frio não perdura por longo tempo; e, apesar de cair alguma neve, o período de nevascas é bem curto. As variações climáticas devem-se aos diferentes tipos de terreno, à extensa costa marítima, à existência de montes, planícies e áreas desérticas. As antigas residências ali construídas não tinham qualquer proteção especial contra o frio, exceto no caso das casas dos mais abastados, onde havia uma espécie de forno onde era queimado carvão vegetal. Nos dias frios, as pessoas se acumulavam em torno das fogueiras de carvão, conforme se lê acerca de Pedro, no pátio da casa do sumo sacerdote (João 18:18). Ver o artigo sobre o *Calendário*, onde damos um gráfico que mostra que tipo de condições atmosféricas havia de mês em mês, durante os festivais e na época das diversas colheitas.

*O Frio nos Sonhos e nas Visões*. Pode estar em pauta alguma pessoa que quase não demonstra suas emoções; uma pessoa calculista e traiçoeira; uma pessoa sexualmente indiferente. Ficar moldando a cinzel um bloco de gelo pode significar tentar interessar uma pessoa sexualmente indiferente pelas questões sexuais. O medo também pode ser simbolizado pelo frio, se produz tremor.

*O Calor nos Sonhos e nas Visões*. Pode estar em foco uma advertência de esforço demasiado; ou o progresso na vida, a boa sorte, a boa produtividade, etc. Calor é energia, pelo que simboliza trabalho e realização. Ou então indica uma pessoa sexualmente intensa e ativa.

## CALÚNIA

**Várias palavras hebraicas e várias palavras gregas** estão envolvidas na compreensão desse assunto, a saber:

1. *Dibbah*, «relatório contrário». Palavra hebraica que aparece por nove vezes: Jer. 20:10; Gên. 37:2; Núm. 13:32; 14:37; Pro. 25:10; Eze. 36:3; Núm. 14:36; Sal. 31:13; Pro. 10:18.

2. *Rakil*, «caluniador». Palavra hebraica que se encontra por três vezes: Lev. 19:16; Pro. 20:19; 11:13.

3. *Nirgan*, «sussurrador». Termo hebraico que aparece por quatro vezes: Pro. 18:8; 26:20,22; 16:18.

4. *Lashan*, «usar a língua». Palavra hebraica que figura por duas vezes: Sal. 101:5 e Pro. 30:10.

5. *Katalaléo*, «difamar», «caluniar». Vocábulo grego que aparece por cinco vezes: Tia. 4:11; I Ped. 2:12 e 3:16.

6. *Pseudomarturéo*, «dar falso testemunho». Palavra grega que figura por cinco vezes: Mat. 19:18; Mar. 10:19; 14:56,57; Luc. 18:20.

Caluniar é acusar falsamente, mormente em alguma situação judicial. Também é falar contrariamente a alguém a quem Deus defende.

O caráter básico desse pecado pode ser visto no fato de que foi incluído no decálogo (Êxo. 20:16), como também no fato de que aparece no contexto imediato do qual Jesus Cristo citou o segundo e grande mandamento (Lev. 19:15-18; cf. Mat. 19:19; 22:39; Tia. 2:8). Ali, o amor ao próximo é caracterizado pelo fato de que não o caluniamos, mas antes, mostramo-lhe justiça, sem qualquer parcialidade.

Que a calúnia é contra a retidão e a sabedoria de Deus é algo repetidamente frisado no livro de Provérbios (ver Pro. 9:13; 10:18; 18:8; 26:20-22). Quando a calúnia atinge os mensageiros de Deus, atinge ao próprio Deus, sendo punido de conformidade com isso (Núm. 14:36, onde os espias falam contra os pontos positivos da Terra Prometida; Rom. 3:8, onde uma falsa doutrina é imputada ao apóstolo Paulo). A calúnia consiste em fazer os padrões humanos sobreporem-se aos padrões divinos e ao julgamento divino, dando a entender até mesmo a blasfêmia (Tia. 4:11). Pertence àquela categoria de pecados aos quais Deus entrega os homens (Rom. 1:30, quando eles caluniam do bem e aprovam o mal; cf. II Tim. 3:3 quanto ao seu caráter escatológico).

O grande caluniador é o próprio Satanás (pois *diábolos* = acusador). Ele tentou alienar Deus de Jó, mediante falsas acusações. O livro de Apocalipse descreve Satanás como aquele que continuamente acusa aos irmãos, dia e noite (Apo. 12:10). O falso testemunho deliberado contra Cristo, por ocasião de seu julgamento, precisa ser visto dentro desse contexto (Mat. 26:59; cf. a ordem dada por Cristo para que os seus discípulos dêem um testemunho veraz a respeito dele). É por causa de Cristo que os seus seguidores são falsamente acusados (Mat. 5:11). Porém, uma vez que Deus proferiu o seu veredito acerca dos seus eleitos, justificando-os de tudo, quem ousaria acusá-los diante do Senhor? (Rom. 8:33).

A calúnia é uma atitude contrária ao caráter verdadeiramente cristão, refletindo total ausência de amor ao próximo (I Ped. 2:1). — Em vez de caluniarmos, como crentes que somos, devemos perdoar os nossos ofensores, relembrados de como Cristo nos perdoou de tudo (Efé. 4:31,32). Também devemo-nos revestir daquela nova natureza que não se caracteriza pelo espírito mentiroso, mas que se renova no conhecimento e no homem interior, de acordo com a imagem de Deus, conforme ela se acha em Cristo (Col. 3:8-10).

Ver também sobre: *Verdade;* os *Dez Mandamentos; Justificação;* e *Satanás*.

## CALVÁRIO

**Ver Mat. 27:33 e Luc. 23:33. O vocábulo Calvário** vem do latim, *calvaria*, «crânio», que aparece na versão latina do Novo Testamento. Em Mateus 27:33, temos uma transliteração grega do termo aramaico *Golgotha*, que então é interpretado como «lugar da caveira». Gólgota é o caldaico ou aramaico *Gulgoleth*,

com o sentido de crânio. Refere-se a uma elevação em forma de crânio, e não a lugares de crânios, ou a um lugar de sepulcros abertos. Também não é um lugar de execução, onde os ossos dos executados eram deixados insepultos. Alguns pais da Igreja julgaram tratar-se dessa possibilidade, mas parece não restar dúvidas de que o nome foi dado por causa de certas formações rochosas que até hoje são visíveis, fora das muralhas de Jerusalém, e que têm a aparência de um crânio humano. A versão Vulgata Latina diz *calvarius locus*, e é com base no latim que nos veio a palavra *Calvário*. O Calvário certamente não fica localizado no local tradicional do Santo Sepulcro, em Jerusalém. Deve ser algum lugar fora das muralhas da cidade, provavelmente o que atualmente se conhece como *Calvário de Gordon*, uma colina ao norte das muralhas da cidade, e que, do monte das Oliveiras, assemelha-se a um crânio, onde os túmulos escavados na rocha parecem as órbitas. Não é impossível que em um desses túmulos Jesus tenha sido sepultado.

A tradição que assinalou o atual local do Santo Sepulcro, como o lugar da crucificação de Jesus, não pode ser recuada para antes do século IV D.C., e poucos eruditos, hoje em dia, aceitam-no como a localização correta. Supostamente, estavam localizados ali os túmulos de Nicodemos e José de Arimatéia. Muitos estudiosos preferem o que agora se chama *Túmulo do Jardim*, ou Túmulo de Gordon, embora, para outros, a questão continue sujeita a debates. Esse local foi sugerido por Otto Thenius, em 1842, com o apoio do general Charles Gordon, em 1885. O local certamente ficava fora das antigas muralhas de Jerusalém, embora falte provas absolutas para essa opinião.

Pelo menos parece não haver dúvidas de que a referência a um crânio é uma alusão ao formato de uma elevação, e não a um terreno onde se faziam execuções, porquanto isso era contrário às leis judaicas. Outrossim, não é admissível que homens ricos como Nicodemos e José de Arimatéia tivessem adquirido túmulos em um terreno comumente usado para executar criminosos. O suposto local da crucificação e do sepultamento foi assinalado pela mãe do imperador Constantino, Helena, e a igreja do Santo Sepulcro foi erigida para assinalar o lugar, no princípio do século IV D.C. Porém, parece evidente que Helena se equivocou quanto à identificação, e, sem dúvida, também há muitos equívocos quanto a outras localidades, que se têm transformado em atrações turísticas. A maioria dessas identificações não tem tradição mais antiga do que aquela iniciada por Helena. (I IB PARR NTI)

## CALVÍCIE

**Ver também o artigo sobre os cabelos.** Diversas palavras hebraicas são empregadas para indicar o alto da cabeça ou a calvície nas têmporas. A calvície pode ser natural ou artificial, esta última conseguida mediante o corte ou a raspagem à navalha. A calvície artificial era feita para indicar tristeza ou luto; e no caso de uma mulher, era aplicada como castigo por causa de algum lapso moral de grave natureza (ver Jer. 16:6; Amós 8:10; Miq. 1:16 e I Cor. 11:6). A proibição que se acha em Deu. 14:1: «...nem sobre a testa fareis calva por causa de algum morto»—provavelmente tinha por intuito impedir que Israel seguisse os costumes de povos pagãos, entre os quais havia esse. A calvície natural, por sua vez, não era considerada indicação de lepra ou de qualquer condição doentia, que tornasse uma pessoa cerimonialmente imunda (ver Lev. 13:40 *ss.*). Apesar disso, a calvície era desprezada por muitos em Israel, talvez como um defeito ou como uma feiúra. Por esse motivo, os calvos algumas vezes eram alvos de zombarias (ver II Reis 2:23 e Isa. 3:24). Há alguma associação de palavras que indicam que a calvície era associada, em certos casos, à lepra, ou então a úlceras de alguma espécie. O preconceito popular contra a calvície provavelmente estava alicerçado sobre essa circunstância; e talvez fosse essa a principal razão pela qual um calvo era considerado impedido de funcionar como sacerdote (ver Lev. 21:20; e também Mishnah tit Bechoroth vii.2). Seja como for, a calvície era considerada um defeito físico. (ID S)

## CALVINISMO

*Esboço*

1. Duas Definições Latas
2. O Sínodo de Dort e os Cinco Pontos do Calvismo
3. O Sistema e Seus Advogados
4. A Doutrina da Polaridade
5. Calvinismo Como Uma Força Social, Religiosa e Política
6. O Calvinismo é uma Teologia Bíblica
7. A Ética Calvinista

**1. Duas Definições Latas.** a. Calvinismo é o termo que aponta para as doutrinas enfatizadas por João Calvino (que vide), bem como para suas idéias, conforme foram ressaltadas e interpretadas pelos eruditos calvinistas do século XVIII, mormente os *cinco pontos* do calvinismo (ver abaixo), estabelecidos pelo Concílio de Dort (*que vide*). b. Aplica-se, a grosso modo, às igrejas que se originaram sob a influência de Calvino, e, em conseqüência, exerceram impacto sobre o mundo religioso, a sociedade e a cultura em geral. Inicialmente, houve a ordem teocrática da Igreja-Estado de Genebra, na Suíça. Então apareceram os presbiterianos da Escócia, os puritanos da Nova Ingaterra, os huguenotes da França, a Igreja Reformada e os Batistas Particulares da Inglaterra. Karl Barth (que vide) e Emil Brunner (que vide) representam um tipo de reavivamento do pensamento calvinista.

**2. O Sínodo de Dort e os Cinco Pontos do Calvinismo.** O Sínodo de Dort foi convocado a 13 de novembro de 1618, pelos Estados Gerais dos Países Baixos, na tentativa de pôr fim à amarga controvérsia doutrinária acerca do arminianismo. Episcópio, sucessor de Armínio (que vide), que faleceu em 1609, e seus aderentes, foram convocados para comparecerem, não como membros, mas como réus. Os cinco pontos do arminianismo (que vide), que haviam sido formulados pelos seguidores da remonstrância (que vide), de 1610, foram condenados, e cinco pontos contrários às suas idéias foram aprovados. Esses cinco pontos foram expostos com subpontos detalhados, em quatro capítulos. Os cinco pontos são os seguintes:

a. Eleição incondicional
b. Expiação limitada aos eleitos
c. Depravação total, que envolve tanto a habilidade quanto o mérito
d. Graça irresistível
e. Perseverança, ou a segurança eterna do crente

Esses pontos têm sido variegadamente interpretados pelos calvinistas. Alguns pensam que a eleição seria *supralapsária* (como Beza), isto é, o decreto divino para eleger *antecedeu* à queda no pecado. Ou poderia ser infralapsária, ou seja, o decreto divino resultou da queda, com o intuito de curá-la. O

próprio Sínodo de Dort tomou o ponto de vista infralapsário. As igrejas calvinistas aprovaram de modo geral as decisões gerais do concílio. Alguns calvinistas modernos negam a expiação limitada em princípio, embora aceitem-na quanto a propósitos práticos. Pois enquanto, quanto à *teoria*, Cristo morreu por todos, na *prática*, somente aqueles que aceitam a obra de Cristo, sendo impulsionados pelo Espírito a fazê-lo, são beneficiados pela morte de Cristo, e essa impulsão depende da própria eleição. Pois o Espírito não impulsiona a quem não foi eleito. Portanto, apesar de haver uma *intenção* divina de que todos os homens se beneficiariam da expiação, o *ato* divino limita a expiação aos eleitos. Além disso, os calvinistas também estão divididos quanto ao problema da *reprovação* (que vide). Alguns deles dizem que a mesma é *ativa*, dando a entender que Deus condena ativamente a perdição, àqueles que não foram eleitos, os quais foram ativamente escolhidos. Outros afirmam que a reprovação é *passiva*, isto é, não haveria qualquer decreto divino para a perdição. Deus simplesmente nada faria em relação aos não-eleitos, deixando-os enfrentar os resultados naturais dos seus pecados. Seja como for, somente alguns poucos *poderiam* ser salvos, os eleitos. Mas essa conclusão é atingida mediante a observação, pois Deus não revela quantos são os seus eleitos. Realmente, apenas uma minoria dos homens toma a decisão de seguir a Cristo.

**3. O Sistema e Seus Advogados.** Todos os sistemas teológicos são sistemas fechados, e o calvinismo não forma exceção. Sua existência depende da escolha de corretos textos de prova, rejeitando ou distorcendo os trechos bíblicos que se discrepam. O arminianismo (*que vide*) também é um sistema fechado, agindo da mesma maneira, isto é, não levando em conta trechos bíblicos que não se harmonizam com o sistema. Todas as denominações cristãs são sistemas fechados, manipulando textos de prova selecionados. Isso acontece porque o Novo Testamento não é tão homogêneo como certos estudiosos gostariam de fazer-nos crer. Vários sistemas e denominações existem especificamente porque o próprio Novo Testamento é suficientemente amplo para dar-lhes origem. Muitos grupos cristãos afirmam que as Escrituras são a única autoridade de fé e prática, mas, na realidade, eles conseguem criar diferentes sistemas de teologia, com base nas Escrituras. Isso não ocorre por acidente. Antes, é o resultado natural da manipulação dos textos de prova, a fim de tentar provar alguma idéia ou conjunto de idéias. Aquelas idéias que fazem parte genuína da teologia neotestamentária, e que não concordam com este ou aquele sistema, são ignoradas ou distorcidas. Uma ilustração óbvia se dá no caso das doutrinas do livre-arbítrio e do determinismo. Ambas essas doutrinas encontram-se no Novo Testamento, e este não oferece reconciliação entre elas. Os arminianos preferem enfatizar o livre-arbítrio, distorcendo óbvios versículos que ensinam o determinismo. Os calvinistas preferem salientar a doutrina da eleição, distorcendo óbvios versículos que ensinam o livre-arbítrio. Os homens querem sentir-se bem e em conforto, com os seus sistemas teológicos. Não querem enfrentar qualquer paradoxo. Ver o artigo sobre o *Paradoxo*. Porém, quando reduzimos nossa teologia às idéias e à compreensão humanas, ficamos apenas com uma teologia deficiente. Essa torna-se *human*ologia, e não *teo*logia.

Os teólogos calvinistas, como B.B. Warfield, supõem que o calvinismo consiste na combinação do teísmo e do evangelicalismo como devem ser. Com isso, ele quer dar a entender que a teologia atinge no calvinismo o seu ponto de maturidade, o que dá a entender que qualquer sistema contrário é imaturo ou errôneo, em um ou em vários pontos. Os sistemas sempre mostram-se *arrogantes* com isso. Todos os sistemas biblicamente baseados reivindicam ver a verdade somente conforme as Escrituras a expõem, embora tenham o cuidado de discutir apenas aqueles versículos que podem ser usados em apoio às suas próprias idéias. A verdade é que Lázaro estava *morto*, e coisa alguma poderia dar solução à questão, exceto uma clara chamada da parte do Mestre. Assim como um homem está morto em seus pecados, assim também deve haver uma clara chamada divina. Mas, esse chamamento não pode ser limitado a um decreto que inclua uma expiação limitada ou apenas parcialmente eficaz. A expiação precisa ser alicerçada sobre *o amor universal* de Deus (João 3:16), que é a clara chamada de Deus a todos os homens, de todos os lugares. Consideremos, além disso, o trecho de Efésios 1:10. Esse versículo mostra-nos que a vontade de Deus tem um intuito *universal*, não podendo ser limitada a alguma estreita chamada eficaz. Naturalmente, há aqueles versículos que expõem essa estreita chamada eletiva. O nono capítulo da epístola aos Romanos ensina isso, incluindo a reprovação ativa. Porém, há outras porções do Novo Testamento, como o décimo capítulo da mesma epístola aos Romanos em diante, que *ultrapassam* esse estreito ponto de vista. Não pode haver ética sem responsabilidade, e não pode haver responsabilidade sem a *capacidade* de reação favorável. Essa capacidade já está incluída na chamada universal de Deus, exibida na missão de Cristo, ativada por meio do Espírito, que é o ativador universal. Podemos chamar isso pelo termo graça geral, se assim quisermos fazê-lo.

**4. A Doutrina da Polaridade.** Algumas verdades não podem ser compreendidas enquanto não são levados em conta os seus dois pólos, da mesma maneira que o globo terrestre não pode ser totalmente entendido enquanto for examinado apenas um de seus hemisférios. A verdade do *determinismo* (que vide) e do *livre-arbítrio* são dois pólos de uma verdade maior. Outro tanto se dá com as verdades da divindade e da humanidade de Cristo. Mas os sistemas, a fim de obterem conforto mental e de formularem um sistema fácil, destituído de problemas, costumeiramente eliminam um dos dois pólos dessas grandes verdades, não ousando levar em conta ambos os pólos. Assim, o determinismo (que inclui a eleição) é uma verdade; e outro tanto se dá com o livre-arbítrio. Há uma verdade maior, que não conseguimos perscrutar inteiramente, e que inclui ambos esses pólos. Além disso, há a doutrina do julgamento. A Bíblia declara que o julgamento divino é retributivo. Algumas denominações aferram-se a esse ponto. Para elas, o juízo é *apenas* retributivo. No entanto, o julgamento também é remedial (I Ped. 4:6), e isso é um outro pólo da mesma doutrina. Portanto, longe de ser um mal *final*, o julgamento é uma medida que *visa o bem* dos homens. Certamente trata-se de uma miséria e de um mal a curto prazo. Entretanto, também é um dedo da mão misericordiosa de Deus, um instrumento de reforma e restauração. Ver sobre a *Restauração*. Certamente Orígenes estava certo quando disse que contemplar o julgamento apenas como retributivo é condescendência de uma teologia inferior. Ele tinha razão quanto a esse particular, sem importar quais tenham sido os seus erros. A teologia não pode existir sem o conceito de *polaridade*. As humanologias podem existir sem esse conceito. De fato, elas desprezam esses duplos aspectos de muitas verdades.

Esses duplos aspectos existem porque há verdades que dizem respeito ao relacionamento entre Deus e o Homem—um pólo vê o lado divino, e o outro pólo vê o lado humano. Poderíamos esquecer qualquer desses lados?

**5. O Calvinismo como uma Força Social, Religiosa e Política.** Minhas críticas e raciocínios não têm o intuito de embotar o impacto de todo o bem que o calvinismo tem feito no mundo. Foi a grande força que desenterrou a Bíblia, sepultada debaixo de toneladas de tradições humanas. Trata-se de uma teologia bíblica; e quanto mais conhecermos e pusermos em prática as doutrinas da Bíblia, tanto melhor para nós. Isso não significa que a Bíblia seja a única *autoridade* (que vide), mas é a grande autoridade que vem sendo ignorada e continua a sê-la. Quão ignorantes a respeito da Bíblia são até mesmo pessoas que se consideram religiosas! As igrejas calvinistas têm exercido um tremendo impacto sobre o campo religioso, social e político dos últimos quatro séculos. E. Choisy chamou o calvinismo de *educador da consciência*. Faz o homem ser diretamente responsável diante de Deus, como indivíduo, desnudado dos vários sistemas meritórios por detrás dos quais as pessoas costumam ocultar-se. E.G. Léonard apodava o calvinismo de fundador de uma civilização. Não se pode ignorar essa influência, nos vários países onde o calvinismo tem exercido sua ação. Há muitas leis, muitas instituições, muitas sociedades, por causa das igrejas calvinistas. As grandes marcas do calvinismo são uma consciência ativa, a piedade pessoal e a piedade doméstica, a integridade nos negócios, a preocupação com a educação e com o fervor religioso. Não parece haver pessoa tão religiosa como o calvinista dedicado, talvez com a única exceção dos judeus religiosos; ninguém conseguiu ultrapassar os judeus, quanto ao fervor religioso.

A história da Inglaterra, da Escócia, da Holanda e dos Estados Unidos da América demonstra a influência notável do calvinismo. Muitas leis foram baixadas através da consciência calvinista. É verdade que muitos preconceitos também foram promovidos, mas isso já é outra história. Em muitos casos, o calvinismo tem suprido líderes aos movimentos que se opõem aos governantes despóticos, a despeito do fato de que o próprio calvinismo tem-se mostrado despótico, em certas fases de sua história.

Tal como sucede a todos os sistemas, encontramos no calvinismo bons e maus aspectos; mas, se tivermos de aquilatar o calvinismo em uma balança, parece que o mesmo fica do lado bom.

**6. O Calvinismo é uma Teologia Bíblica.** No calvinismo, a regra das **Escrituras somente** é uma regra viva. O sistema calvinista aceita o papel supremo das Escrituras, ao mesmo tempo que não se opõe às ciências seculares. O calvinismo aceita que toda e qualquer verdade procede de Deus, e, quanto à teologia, aceita exclusivamente a Bíblia. Naturalmente, o calvinismo utiliza interpretações específicas da Bíblia a fim de manter uma linha bíblica de pensamento, ao mesmo tempo em que ignora outras linhas igualmente alicerçadas sobre a Bíblia, conforme demonstrei acima. Não obstante, o calvinismo deduz suas crenças diretamente da Bíblia. Isso não significa que a razão seja ignorada, e, sim, que o calvinismo é edificado mediante a manipulação de ensinamentos bíblicos. Quanto a diferentes abordagens ao problema da *autoridade*, ver o artigo sobre esse assunto. A posição de que devemos ter a Bíblia como única regra de fé é uma boa posição, mesmo que o calvinismo faça uma busca parcial pela verdade. O calvinismo tem enfatizado supremamente essa boa regra, embora seja parcial.

**7. A Ética Calvinista.**

a. **A base da ética, para o calvinismo, é a revelação** bíblica, e não as descobertas empíricas. As Escrituras e a mensagem escrita dos profetas e apóstolos, fornecem-nos toda a instrução de que precisamos em nossa conduta ética.

b. A verdadeira conduta ética depende da renovação do Espírito, e não de qualquer habilidade inata ao homem. Somente os eleitos, afinal de contas, podem conduzir suas vidas de maneira verdadeiramente aceitável diante de Deus. Isso acontece somente porque o Espírito Santo está atuando sobre eles.

c. Os dez mandamentos são explicados do ponto de vista ampliado do cristianismo. As *Institutas* de Calvino abordam os mandamentos um por um, procurando trazer à tona um maior entendimento sobre os mesmos. Para ilustrar, consideremos o sétimo mandamento, contra o adultério. O que está incluído nesse mandamento? Os pecados proibidos são o adultério, a fornicação, o estupro, o incesto, a sodomia, todas as concupiscências naturais, todas as imaginações impuras, todos os propósitos e pensamentos sensuais, a conversação imoral, os olhares cobiçosos, o comportamento impudente e frívolo, as vestes sem modéstia, os casamentos ilegítimos, o permitir, tolerar e manter bordéis, o casamento indevidamente demorado, a poligamia, a poliandria, o divórcio injusto, o abandono do cônjuge, o ócio, a glutonaria, o alcoolismo, as companhias sem castidade, as canções lascivas, livros, gravuras, danças, peças teatrais e todas as demais provocações a atos impuros, quer em nós mesmos quer em outros. Esse tipo de atividade, que aumenta grandemente a aplicação da lei veterotestamentária, pode ser vista supremamente na exposição feita por Ezekiel Hopkins, sobre a lei mosaica, que ocupa trezentas páginas.

d. *Legalismo*. Alguns têm objetado a esse tipo de abordagem da lei, supondo que o mesmo amortece o livre fluxo da lei do Espírito (Rom. 8:2). Os evangélicos têm feito tais objeções com base naquelas inúmeras regras que nos põem debaixo de uma lei expandida, deixando-nos onde estava o judaísmo, de forma consciente ou inconsciente, isto é, esforçando-se por obter a retidão moral através da observância a meras regras. Os estudiosos liberais têm levantado objeções ao legalismo, mas com outros motivos, a saber, que nenhuma regra chega a ser tão completa que se ajuste a todos os casos. Por conseguinte, cada situação exigiria um manuseio especial, inspirado pela lei do amor. Em uma forma extrema, essa atitude tem permitido um liberalismo excessivo, quando as pessoas passam a sancionar o aborto, o homossexualismo ou qualquer coisa na qual, supostamente, o amor esteja envolvido. O calvinismo não defende esse tipo de legalismo, o qual parte do pressuposto que um indivíduo pode merecer a salvação mediante a observância da lei; mas, em outros sentidos, o calvinismo cria uma espécie de legalismo prático, que guia a vida (não a fim de vir a obter a salvação), o que se parece muito com a atitude judaica. De fato, os reformadores, de maneira geral, têm sido criticados por haverem deixado a Igreja debaixo da lei *como um guia* da vida, embora a tenha salvado da noção de que a observância da lei é capaz de salvar a alma. Ver o artigo sobre o *Legalismo*. Todavia, a lei nem salva o pecador e nem santifica o crente. Tanto uma coisa quanto a outra são realizadas pela atuação interna do Espírito. Ver I Tes. 5:23, 24 e

II Tes. 2:13. Pelo lado humano encontramos o uso de meios e a total dedicação da própria vida ao Senhor. Ver João 17:17 e Rom. 12:1,2. Ver sobre a *Santificação*. (AM B C CLA H)

## CALVINISTAS, ANTIGOS (COERENTES) e MODERADOS

Todas as variações do calvinismo enfatizam o aspecto da soberania de Deus. Porém, os antigos ou coerentes calvinistas chegaram às doutrinas calvinistas sob sua forma mais extremada, reduzindo o homem a um robô; e, para todos os efeitos práticos, fazem Deus ser a causa do mal, visto ser Ele a única causa, na teologia. Naturalmente, esses calvinistas antigos também ensinam a reprovação ativa, e assim reduzem a missão de Cristo apenas a alguns poucos, muito aquém da ampla visão do Novo Testamento. Ver I Ped. 3:18-4:6 e Efé. 1:10 no NTI, onde se descortina a visão mais ampla do intuito da missão de Cristo. Os calvinistas moderados, por sua vez, defendem a idéia da reprovação passiva, e de causas secundárias dentro de — meios *divinamente determinados*. Os princípios do calvinismo moderado prevalecem entre os evangélicos calvinistas, como na Teologia de New Haven (que vide). Ver também sobre a *Teologia da Nova Inglaterra*. (E)

••• ••• •••

## CALVINO, JOÃO

Suas datas foram 1509-1564. Teólogo protestante francês, líder eclesiástico e denominacional. Nasceu na Picardia, e estudou filosofia na Universidade de Paris, entre 1523 e 1527. Também estudou em Orleães e Bourges. Era uma pessoa dotada de mente brilhante, e um estudante extremamente diligente. Teodoro Beza, seu biógrafo, informa-nos que ele era um crítico severo das falhas dos seus colegas estudantes. Mas a lenda de que ele foi apelidado de *Caso Acusativo*, por seus colegas, por causa de seu espírito censurador, não pode ser traçada até antes de 1633, pelo que, provavelmente, foi-lhe dado posteriormente, embora reflita um fato histórico de sua vida. A despeito de sua austeridade, ele tinha um círculo de amigos fiéis, antes mesmo de sua conversão ao protestantismo, e vários deles continuaram sendo seus amigos, a despeito da separação religiosa. No começo de 1528, ele recebeu grau de mestre em teologia; mas então deu início ao estudo da advocacia, em Orleães. Essa não era uma idéia propriamente sua, mas de seu pai, pois Calvino nunca se sentiu atraído pela advocacia. O falecimento de seu pai, em 1531, deixou-o livre para tomar suas próprias decisões. Terminou seu curso de direito, mas dedicou-se à linguagem (grego, latim, hebraico) e à literatura. Sua primeira publicação independente foi um comentário sobre a obra de Sêneca, *De Clementia*. Essa obra mostra-nos que ele havia obtido considerável habilidade nos clássicos.

Em 1557, ele passou por súbita conversão, embora haja bem pouca descrição a esse respeito na literatura que chegou até nós. Em seu *Comentário sobre os Salmos*, diz Calvino: «Visto que eu estava mais teimosamente preso às superstições do papado do que me era possível desvencilhar-me de tão profundo lamaçal, Deus subjugou o meu coração da obstinação de minha idade para a docilidade de uma súbita conversão».

Não vendo esperança de reforma em Paris, mudou-se para Basel, na Suíça, onde escreveu e publicou suas *Institutas*, em 1536. Dali mudou-se para Genebra, em 1541, onde estabeleceu uma teocracia. Havia uma completa mistura de Igreja e estado, e regras rígidas e ferozes governavam toda vida e pensamento. Ofensas como jogos de azar, alcoolismo e até mesmo danças ou o uso de linguagem irreverente eram severamente punidas. No começo, houve oposição a Calvino, e sua posição não era muito segura. Porém, por volta de 1555, ele já havia obtido uma vitória permanente. Houve vítimas de sua duríssima liderança. Ao humanista Sebastião Castellio, professor, foi recusada a admissão ao ministério, por causa de certo ponto de vista que expressara em seu comentário sobre *Cantares de Salomão*. Finalmente, Castellio deixou Genebra. Jacques Gruet foi decapitado, acusado de blasfêmia. Jerônimo Bolsec, que havia feito oposição à rígida doutrina da predestinação, de Calvino, foi banido. O renomado antitrinitariano, Miguel Serveto, foi queimado na fogueira em 1553. Calvino e Serveto se haviam correspondido, debatendo diversos pontos. Calvino dera ordens para deter Serveto, se viesse a Genebra, já sabendo que ia o matar, se pudesse. Ele preferiu morte à espada, mas o conselho que julgou a Serveto ansiava por mostrar-se ainda mais feroz que seu mestre. Castellio escreveu um tratado contra a perseguição, mas sua voz perdeu-se em meio a gritos pedindo sangue. Calvino defendia a pena de morte para os hereges. Ele era conhecido por suas explosões de ira, que ele mesmo denominava de «a fera». Portanto, novamente temos o duo: Grandes homens, grandes vícios. A reputação de Calvino muito sofreu, e com justiça, por seu envolvimento nas execuções capitais e banimentos. Podemos dizer que ele foi um produto e uma vítima de sua época, mas o homicídio continua sendo homicídio, e o apóstolo Paulo não se sentia muito bem por haver praticado a violência, *antes* de sua conversão. Infelizmente, Calvino continuava a agir violentamente, mesmo *depois* de sua conversão.

Quando consideramos que a lei do amor é a grande prova da espiritualidade (I João 4:7), ficamos perplexos diante do fato de que judeus, cristãos ou mesmo protestantes, dedicam-se a perseguir, prejudicar ou matar ao próximo, em nome de Deus.

*Oh, Deus, que carne e sangue fossem tão baratos,*
*Que os homens odiassem e matassem,*
*Que os homens silvassem e cortassem os outros,*
*Com línguas de vileza... por causa de...*
*«Teologia».*

Russell Champlin

Por outra parte, a contribuição de Calvino à erudição bíblica e à reforma religiosa é algo que não pode ser negado. Eu mesmo já li o comentário de Calvino sobre o Novo Testamento, de capa a capa, e posso testificar sobre o poder de sua expressão, sobre a utilidade e proveito de suas idéias, sobre a dedicação do seu espírito. Através de seus escritos resplandece um grande intelecto: mas, desafortunadamente, não com pouca freqüência, vemos a *fera* em suas disposições, sempre em busca de vítimas.

Os conflitos, as contendas e o trabalho árduo cobraram um alto preço. Na casa dos quarenta, Calvino foi assaltado por uma série de dolorosas enfermidades, que solaparam a sua vitalidade. A despeito disso, ainda por certo número de anos, ele continuou trabalhando em suas *Institutas*, que terminaram sendo cinco vezes mais volumosas do que quando foram publicadas pela primeira vez, em 1536. Além dessa obra, temos o seu comentário sobre o Novo Testamento, uma obra clássica que tem sido traduzida para outros idiomas, sem falar em seus

muitos tratados e panfletos. Calvino faleceu a 27 de maio de 1564.

**Idéias principais. 1. A revelação bíblica é progressiva.** O Novo Testamento ultrapassa ao Antigo, e o Novo Testamento não é homogêneo quanto a perspicácia espiritual, pois alguns autores eram mais perceptivos do que outros. Calvino também supunha que os autores limitavam-se à compreensão potencial de seus leitores. Para exemplificar: «A esse respeito temos muitas cousas que dizer, e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir...» (Heb. 5:11).

2. Deus é a *causa absoluta* e não-condicionada de todas as coisas. Deus revela a Sua mente no homem e na natureza. — Visto que o homem foi cego pelo pecado, ele precisa de mais do que somente a Palavra objetiva de Deus, as Escrituras, para orientá-lo na direção correta de sua vida. Ele precisa de iluminação espiritual.

3. *Deus ordena* todas as coisas, mas sem fazer violência à liberdade de suas criaturas inteligentes, algumas delas sendo necessárias, outras contingentes e outras livres.

4. *O homem* foi criado puro e segundo a Imagem Divina, mas caiu e ficou corrompido, mediante o abandono voluntário do bem. Permanece nele, contudo, uma parte da imagem de Deus, embora isso não seja suficiente para o homem salvar a si mesmo.

5. *Cristo, o Redentor*, é a ajuda de que o homem precisa para a salvação de sua alma, pois nele encontra-se toda a graça suficiente.

6. O homem depende de Deus quanto a uma dupla predestinação: ou para a salvação ou para a perdição. Ver sobre a *Reprovação*. Ver também sobre a *Eleição*. O homem é salvo inteiramente à parte de qualquer mérito pessoal, mas é condenado por causa do pecado.

7. A *graça* de Deus renova a vontade do homem, e a reação humana é inspirada pelo Espírito Santo. Isso recupera para o homem a verdadeira liberdade.

8. Todos os crentes são iguais diante de Deus. As hierarquias criadas pelos homens são prejudiciais à espiritualidade.

9. As Escrituras, com exclusividade, são a nossa autoridade de fé e prática. Portanto, a teologia de Calvino é, acima de tudo, *bíblica*.

••• ••• •••

### João Calvino e Exemplos Inquisitoriais
### A Intolerância

A vida de João Calvino nos faz meditar sobre o vexatório problema da intolerância, da perseguição e do ódio entre cristãos. Um dos mais consternadores fatos da história eclesiástica é aquele de como cristãos perseguiram e mataram a outros cristãos por motivos de «teologia». Apresento aqui três exemplos comprobatórios:

1. *A Inquisição*. Tenho preparado um artigo separado sobre esse assunto, (ver *Inquisição*), pelo que não repito aqui o material. Basta dizer que esse movimento criou, promoveu e executou quarenta mil casos de perseguição, encarceramento, banimento e execução capital. A chamada *Santa Inquisição* foram quatrocentos e cinqüenta anos de terror. Em termos de torturas, Hitler não passava de um aprendiz, comparado aos padres do Santo Ofício.

2. *João Calvino*. Quero referir-me agora a um deplorável caso de *exemplo ao contrário*. Antes que eu termine esta seção, o leitor compreenderá o sentido de minha ilustração. Todos já temos ouvido falar sobre o lado bom da vida e da obra de João Calvino. Quando eu ainda estava na fase do meu treinamento teológico, Calvino era para mim um grande herói. Meu primeiro filho recebeu o nome de *Calvino Tiago*, em inglês, Calvin James. Parecia-me que esse era um nome difícil para meu filho viver à altura de sua fama. Porém, lamento dizer que há um lado tremendamente negativo na vida de João Calvino. As fontes informativas do que aqui digo são enciclopédias e histórias eclesiásticas (três volumes do professor Kurtz, um historiador luterano cuja obra, por muitas décadas, foi a obra padrão de história eclesiástica, usada nas universidades alemãs).

Preciso informar ao leitor, desde o começo, que tenho lido o comentário de Calvino sobre o Novo Testamento de capa a capa, tendo extraído dali muitas citações úteis, enriquecendo o meu comentário (*O Novo Testamento Interpretado*). Há na obra de Calvino muita coisa boa. Infelizmente, também há um lado negro.

Todos conhecemos bem a história de como Serveto foi executado na fogueira, em Genebra, na Suíça, porquanto negava a doutrina da Trindade. O que o leitor talvez desconheça é que a captura dele foi planejada e executada por Calvino, com o propósito específico de executá-lo. Calvino não enviou homens que apreendessem a Serveto, mas baixou uma ordem para que fosse detido, se ao menos chegasse perto de Genebra. Calvino pareceu misericordioso. Queria decapitar Serveto. Mas os discípulos dele foram mais entusiastas. E executaram Serveto na fogueira. Triste relato, mas apenas um dentre muitos.

---

**Kurtz revela para nós** que houve muitas vítimas de Calvino. Entre os anos de 1542 e 1546 (apenas quatro anos), — embora Genebra contasse com uma população de apenas vinte mil pessoas, houve nada menos de cinqüenta e sete execuções capitais, sessenta e seis banimentos e um número incalculável de encarceramentos, tudo por motivos religiosos. Tais pessoas não eram criminosos civis. Tão-somente eram indivíduos que discordavam de uma ou de outra das doutrinas ensinadas por Calvino. Ele usava textos de prova do Antigo Testamento, para encontrar autorização para as suas matanças. Convenientemente, ignorava textos neotestamentários como Lucas 9:54-56, que nos mostra qual o espírito da pessoa que se envolve em tais coisas.

Assim, Jacques Gruet foi decapitado. Jerônimo Bolsec foi encarcerado, e então banido. Sebastião Castellio, que era diretor do sistema escolar de Genebra, foi banido por duas razões: primeira, ele objetava às execuções e aos encarceramentos; em segundo lugar, ele objetava à interpretação dada por Calvino sobre a história da descida de Cristo ao hades. Calvino dizia que Cristo pregara a condenação no hades, contradizendo a passagem de I Pedro 4:6. Castellio teve de se retirar de Genebra e foi ensinar grego na Basiléia.

Kurtz ajuntou que esse período foi «um reinado inquisitorial de terror» (vol. 3, pág. 304). Calvino era conhecido por suas explosões de fúria, que ele chamava de sua «fera».

3. *Galileu Galilei*. Galileu foi um astrônomo e filósofo italiano (1564—1642). Criou-se em um

mosteiro, mas estudou na Universidade de Pisa. Tendo-se formado, continuou ali, como professor. Aderiu às novas idéias astronômicas que se alicerçavam sobre os ensinos de Copérnico. Por causa disso, Galileu foi atacado por teólogos do Santo Ofício, tendo sofrido uma amarga oposição da parte de cientistas *ortodoxos* de sua época. Em 1616, foi censurado pelos teólogos do Santo Ofício, tendo sido proibido de ensinar as novas idéias. Galileu concordou; mas as idéias ferviam em seu cérebro. Isso posto, ele publicou um diálogo que confrontava a antiga astronomia aristotélica ptolemaica com a variedade copérnica, mais recente. Embora supostamente uma exposição imparcial, não era difícil perceber qual era a preferência do próprio Galileu. E Galileu recebeu ordens de se apresentar em Roma, por parte da Inquisição. Foi acusado de haver desobedecido à ordem de *abandonar o ensino* de suas novas idéias.

Há um aspecto cansativo na história dos fanáticos. É que eles permanecem agrilhoados na prisão de seu exclusivismo. Na verdade, merecem compaixão a exemplo de quaisquer outros prisioneiros.

••• ••• •••

**As Heresias de Galileu:**

O seu aprimoramento do telescópio, permitia-lhe ver a natureza da luz da lua como um reflexo, além de ver as luas de Júpiter, as fases de Vênus, os anéis de Saturno, a ocorrência de manchas solares e a rotação do sol sobre o seu próprio eixo. Ele também obteve mais evidências sobre a rotação da Terra e sobre a sua órbita em redor do sol, como questões óbvias. Porém, a ortodoxia da época negava essas verdades, dizendo que a Terra mantinha-se imóvel no espaço (embora os gregos da época de antes de Cristo já tivessem afirmado que a Terra movia-se no espaço), e dizia que a Terra era o centro do Universo. Naquele tempo, tanto os cientistas quanto os teólogos consideravam o movimento como a causa primária da *decadência* e, naturalmente, todos sabiam que a criação de Deus não podia ser decadente, e que ele criara a Terra como o centro do Universo. Galileu solicitava dos teólogos que olhassem por meio de seu telescópio, como prova em contrário, mas eles se recusavam a isso!

Galileu, naturalmente, estava interessado em poupar a própria vida. Por esse motivo, concordou em retratar-se, reconhecendo o seu *erro*. Teve de retratar-se de joelhos. E confessou o seu «erro» para satisfação de todos os circunstantes, tendo concordado, uma vez mais, em não ensinar as novas idéias. Porém, diz-se que quando ele se levantou dos joelhos, disse em voz baixa: *E pur si si muove*, isto é: «Não obstante, ela (a terra) se move». E, durante o resto de seus dias, foi sujeitado a cárcere a domicílio.

É curioso que somente em nossa própria época, mais de quatrocentos anos depois, a Igreja, por meio do papa João Paulo II, «perdoou» a Galileu, limpando assim o seu nome.

A ignorância de nada vale. Os homens têm o direito de investigar, pesquisar e prestar relatório de suas descobertas. Os detratores nem sempre estão com a razão. Na maioria das vezes, eles são culpados de crimes que as suas vítimas nem pensam em cometer. Prejudicar os laços de união da Igreja de Cristo é um crime muito sério.

**A Tolerância e o Amor:**

Alguns cristãos congratulam-se quando conseguem demonstrar tolerância. Porém, muito acima de tolerância brilha a lei do amor. Há um vínculo de amor em Cristo que ultrapassa nossos grupos e denominações particulares. Podemos tolerar e até mesmo amar a outros, ao mesmo tempo em que discordamos de certos pontos de doutrina de outras pessoas. A lei da tolerância é uma lei secundária, comparativamente falando; e, no entanto, há muitos evangélicos e outros cristãos que nem são capazes disso. A lei do amor é uma lei superior àquela. Requer que amemos até mesmo aos nossos inimigos, para nada dizer sobre outros cristãos, que jamais poderiam ser tidos como nossos inimigos. Ver os artigos separados sobre a *Tolerância* e o *Amor*.

**Evolução da Vereda Espiritual: Estágios da Inquirição Espiritual**

Duas coisas são claras no que tange a João Calvino. Em primeiro lugar, suas contribuições à Igreja cristã foram consideráveis, dotadas de efeitos duradouros. Em segundo lugar, ele atuava impelido por uma rígida mente fundamentalista, o que o levou a cometer erros grosseiros, conforme foi descrito acima. Somente Deus pode tirar a média dentre tais circunstâncias, fazendo o devido juízo. Seja como for, à medida que as almas avançam na evolução espiritual, e vão sendo transformadas segundo a imagem de Cristo, os maus aspectos vão sendo finalmente eliminados, e os bons aspectos vão sendo acentuados e santificados. Isso redunda em esperança para todos, visto que cada um de nós consiste em prodigiosas combinações do bem com o mal.

1. O mais baixo nível de espiritualidade é aquele no qual os homens são *materialistas*. Nesse estado, os homens, embora saibam melhor que isso, para todos os efeitos práticos, em teoria e em ações, estão imersos na materialidade e no egoísmo.

2. Daí os homens podem avançar para a *superstição*, quando então já receberam alguma iluminação acerca das realidades espirituais, posto que de maneira distorcida, ainda de mistura com muita ignorância.

3. Em seguida, aparece o nível *fundamentalista*, quando a letra das Escrituras é tudo. Nesse nível, predomina uma alegada correção credal, e promove-se a hostilidade contra todas as pessoas ou organizações que diferem das noções afagadas pelos fundamentalistas, mesmo que as diferenças sejam pequenas. A arrogância manifesta-se nesse estágio. Contudo, admitamos que esse nível já representa um considerável progresso espiritual.

4. Vem então o *estágio filosófico*, onde os credos já não ficam sem exame crítico. Tem lugar a ampliação das idéias e das posições assumidas. Doutrinas antigas são vistas por um outro prisma, e são acrescentados novos conceitos e novas posturas, que antes não faziam parte do quadro mental.

5. Em *um nível subseqüente* os homens chegam a ter fome e sede de conhecimento em primeira mão e de desenvolvimento espiritual. Isso pode atingir uma intensidade de agonia e concentração interior, quase uma paixão devoradora.

6. Finalmente, vem *a vereda mística*, a busca e a obtenção de iluminação individualizada, mediante estados místicos em que a alma apreende direta e pessoalmente, o Ser divino. Mui provavelmente, é nessa altura que o ministério dos *anjos* mostra-se mais vital.

**Meios de Desenvolvimento Espiritual e de Evolução na Vereda Cristã**

Precisamos de toda a ajuda que possamos obter. É maravilhoso contar com Livros Sagrados que nos apresentem o acúmulo do conhecimento e da inspiração espirituais. Cumpre-nos ler esses livros, bem como outras obras de valor, que nos façam espiritualmente sábios. É admirável dispor dos meios da oração e da meditação, mediante os quais podemos buscar o Poder Divino, para receber as forças pessoais de que carecemos e para cumprimento de nossas respectivas missões neste mundo. É fantástico recebermos as instruções espirituais e morais apropriadas, a fim de adquirirmos uma maior santificação, que aclare a vereda de nosso desenvolvimento espiritual. É grandioso podermo-nos ocupar em boas obras, no cumprimento da lei do amor, capaz de conferir-nos crescimento espiritual, útil não apenas em termos pessoais, mas também para ajudarmos ao próximo. Todos esses são importantes meios de crescimento espiritual. Ver o artigo intitulado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*.

Porém, em um nível ainda acima desses meios de desenvolvimento espiritual, precisamos do toque místico. A meditação é um meio pelo qual podemos obter iluminação. A alma humana precisa aproximar-se de Deus e ter experiências diretas com o Ser divino. Também necessitamos dos dons espirituais; e, uma vez recebidos, precisamos cultivá-los, mesmo que isso não envolva, obrigatoriamente, o *modus operandi* da Igreja primitiva. É excelente aprender, trabalhar e orar; mas faz-nos falta, igualmente, a *Presença Divina*, se nos tivermos de desenvolver espiritualmente como é mister.

Dentro da categoria mística, não vejo razão pela qual os anjos não possam ter um papel até preponderante. Os anjos são agentes de nossa instrução, auxiliares provindos de uma esfera superior, que se dignam em ajudar a seus irmãos humanos, mais fracos que eles. No dizer da Bíblia, os anjos são espíritos ministradores daqueles que são herdeiros da salvação (ver Heb. 1:14); e não há motivo algum pelo qual não possamos aceitar a idéia que eles são de prestimoso auxílio em nosso avanço e em nossas realizações espirituais.

**Bibliografia.** AM B C E P.

## CAMA, LEITO

No hebraico temos de considerar cinco palavras, e no grego, quatro:

1. *Yatsua*, «algo estendido». Palavra hebraica que figura por cinco vezes (Gên. 49:4; I Crô. 5:1; Jó. 17:13; Sal. 63:6; 132:3).

2. *Mittah*, «lugar de reclinar». Palavra hebraica que aparece por vinte e nove vezes (por exemplo: Gên. 47:31; Êxo. 8:3; I Sam. 19:13,15; II Reis 1:4,6,16; Est. 7:8; Pro. 26:14; Cant. 3:7; Amós 6:4).

3. *Matstsa*, «algo estendido». Palavra que é usada exclusivamente em Isa. 28:20.

4. *Mishkab*, «lugar para deitar». Palavra hebraica usada por quarenta e sete vezes. Por exemplo: Gên. 49:4; Lev. 15:4,5,21-26; II Sam. 4:5; Sal. 4:4; Isa. 57:2; Eze. 23:17; Dan. 2:28; 4:5-13; Miq. 2:1.

5. *Eres*, «divã». Palavra hebraica usada por dez vezes. Por exemplo, Jó 7:13; Sal. 41:3; Pro. 7:16; Can. 1:16.

6. *Klíne*, «lugar de reclinar». Palavra grega usada por nove vezes (Mat. 9:2,6; Mar. 4:21; 7:4,30; Luc. 5:18; 8:16; 17:34; Apo. 2:2).

7. *Klinídion*, «cama pequena». Palavra grega usada somente em Luc. 5:19 e 24.

8. *Koite*, «cama». Palavra grega usada por quatro vezes (Luc. 11:7; Rom. 9:10; 13:13 e Heb. 13:4).

9. *Krábbatos*, «colchão». Palavra grega usada por onze vezes (Mar. 2:4,9,11,12; 6:55; João 5:8-11; Atos 5:15; 9:33).

Além disso, temos de considerar o verbo grego *stronnúo*, «arrumar», que, em algumas das seis vezes em que aparece, é traduzido em português por «arrumar o leito», como em Atos 9:34.

Ver o artigo geral sobre *casa*. A maneira de se dormir, nos países quentes do Oriente Próximo e Médio, variava, e geralmente era diferente da maneira habitual dos países mais frios.

*O Leito*. Eram desconhecidos os colchões de penas e outros materiais fofos, como se vê atualmente. Os pobres e os viajantes usavam colchões bem leves, ou então enrolavam-se em suas próprias vestes externas. Por causa da importância dessa peça externa de roupa, ela não podia ser usada como garantia ou penhor (ver Êxo. 22:27). Às vezes, um travesseiro era apenas uma pedra coberta com algum pano dobrado (Gên. 28:11). As pessoas mais abastadas tinham colchões de lã ou algodão, como também tinham cobertas feitas do mesmo material. Os cobertores eram feitos de vários materiais, como peles de animais, ou mesmo com as vestes externas. No caso de peles de animais, para que ficassem mais grossas, elas eram estufadas com palha ou lã (I Sam. 19:13).

*Divãs*. É evidente que o formato das camas variava, mas também eram usados divãs, que serviam de leito, à noite, e de sofá, durante o dia. As diferentes palavras hebraicas usadas para indicar o leito talvez apontassem para estilos diferentes. O divã era uma plataforma pouco elevada acima do chão, sobre a qual se punham os colchões. Um divã dos grandes abrigava mais de uma pessoa. Havia divãs portáveis (I Sam. 19:15; em nossa versão portuguesa, «cama»), que alguns usavam, e que também serviam de sofá durante o dia (I Sam. 27:23; Amós 6:4). Os ricos decoravam seus leitos e seus dormitórios com tapetes e outros ornamentos.

*Camas*. Já havia camas nos dias do Antigo Testamento, conforme as conhecemos na atualidade. Elas eram feitas com uma armação de madeira, com um trançado miúdo de cordas ou de tecido, para dar apoio a um colchão ou outro tipo de base, sobre a qual a pessoa dormia. Talvez isso seja mencionado em I Sam. 19:15 e Eze. 23:41. Também havia uma armação leve, de madeira, com pés e um trançado de cordas, que podia ser transportada como uma cama portátil. Talvez seja isso que esteja em foco no quinto capítulo de João, transportado pelo aleijado curado por Jesus, e que no grego é um krábbaton (João 5:8,9). Naturalmente, os ricos tinham suas camas suntuosas, decoradas de jóias, ouro, prata e ricas colchas.

*Lugares de dormir*. Os pobres tinham cabanas com um único aposento, pelo que não podiam ser feitos arranjos especiais para servirem de dormitório. A família inteira dormia em um único aposento, arranjando-se cada qual como podia. Provavelmente isso é refletido em Luc. 11:7, na parábola do amigo importuno. No outro extremo, há menção a ricos e seus dormitórios suntuosamente decorados, às vezes apenas com um casal ocupante (II Reis 11:2; II Sam. 4:7; Ecl. 10:20). Algumas vezes, havia dormitórios em um primeiro andar (II Reis 1:4; Sal. 132:3). E os costumes antigos também incluíam a separação de homens e mulheres nos leitos e dormitórios. Algumas pessoas contavam apenas com um quartinho elevado,

onde dormiam (II Reis 4:10). Salas eram usadas como se fossem dormitórios. Um dormitório era uma sala onde havia uma espécie de plataforma elevada, que às vezes ocupava metade da área da mesma, sobre a qual eram arrumados os colchões.

As armações que serviam de leito eram, às vezes, de ferro (material caríssimo, na antiguidade), ou então de ouro ou prata, com incrustações de marfim. No livro de Judite, lê-se que o leito de Holofernes tinha um dossel de púrpura trançada, com fios de ouro entretecidos e pedras preciosas incrustadas (Judite 10:21). A cama de ferro do rei Ogue era enorme (Deu. 3:11), com aproximadamente 4,5 m de comprimento por 2 m de largura. Ostentação pura, ou devido ao fato que Ogue era um dos refains, ou gigantes?

*Usos*. Além de servirem de lugar para dormir, era na cama que muitos israelitas meditavam (Sal. 63:6). As camas também serviam de padiola (I Sam. 19:15), de lugares onde eles buscavam comunhão com Deus (Dan. 2:28), de móveis que serviam de sofá durante o dia. Mas também era lugar onde os malignos planejavam suas astúciosas manobras (Osé. 7:14; Sal. 36:4).

**Uso Metafórico.** O leito podia representar alianças proibidas (Isa. 57:7,8). Ser lançado na mesma cama significa ter a mesma sorte que alguém (Eze. 32:25). O julgamento contra a iniqüidade e a imoralidade é retratado em Apocalipse 2:22 como ser lançado à força em uma cama. Em Jó 17:13,14 lemos acerca do ato de lançar a cama nas trevas (no hebraico, «sheol»), como sinal de julgamento sofrido. A cama «curta» de Isaías 28:20 alude a uma situação intolerável. Deus consola os enfermos em seus leitos, lugares onde eles sofrem (Sal. 41:3). (IB ID G S)

## CAMALDOLITAS

Uma ordem de *eremitas* e *cenobitas* (vide) católicos romanos, isto é, eremitas que vivem uma vida comunitária. Essa ordem foi fundada por Romualdo, no começo do século XI D.C., e a sede original dos eremitas ficava em Campo Maldoli, no Abruzzi, sob a regra beneditina. Após o falecimento de seu fundador, a ordem tornou-se cenobita. O papa Alexandre II reconheceu a ordem no ano de 1072. Originalmente, a regra dessa ordem era extremamente austera, mas, posteriormente, a regra foi modificada, e alguns conventos de freiras adotaram-na. A ordem não se tem devotado à pregação e ao ensino, pelo que não tem exercido influência sobre a teologia católica romana.

## CAMALEÃO

No hebraico, **koach**, que figura apenas em Lev. 11:30. Não há certeza acerca do que significa essa palavra hebraica. Alguns eruditos supõem que se trata de uma espécie de lagarto, visto que se encontra na lista dos tais, no livro de Levítico. Essa palavra hebraica tem raízes no termo «força», o que poderia apontar para a maneira como o camaleão agarra-se com força às coisas. Diz-se que é quase impossível arrancar um camaleão de um ramo ao qual ele se tenha agarrado, apenas com as mãos nuas. A despeito disso, há versões estrangeiras, como a RSV, em inglês, que diz «crocodilo terrestre». Pelo menos sabe-se que existem várias espécies de camaleão na Palestina, e ao longo da costa norte do mar Mediterrâneo. O camaleão é um animal de aparência grotesca, de aspecto feroz, dotado de olhos que enfocam em direções independentes, com pálpebras coloridas coladas sobre os mesmos, que se movem juntamente com os globos oculares. É dotado de uma língua enrolada dentro da boca, e que, ao ser lançada como um dardo, estende-se até cerca do mesmo comprimento do corpo. A cor desse animal varia de conformidade com o meio ambiente, para adaptar-se às cores do pano de fundo, facilitando assim o mimetismo do animal, quando este está à procura de insetos para alimentar-se. A Vulgata Latina identifica o animal em questão com uma espécie de toupeira. Como se nota, não há maneira segura de se saber qual espécie de animal está em vista. (WOD)

## CÂMARA

No hebraico há doze palavras envolvidas, e, no grego, quatro.

1. *Cheder*, «câmara interior». Palavra hebraica que ocorre por vinte e duas vezes (por exemplo: Gên. 43:30; Juí. 3:24; 16:12; II Sam. 13:10; Sal. 105:30; Pro. 7:27; Joel 2:16).

2. Chuppah, «cobertura». Palavra que aparece por duas vezes: Sal. 19:5 e Joel 2:16.

3. *Yatsia* ou *yatsua*, «câmara». Palavra usada por três vezes: I Reis 6:5, 6:10.

4. *Lishkah*, «abrigo». Palavra empregada por quarenta e sete vezes (por exemplo: II Reis 23:11; I Crô. 9:26,33; Esd. 8:29; 10:6; Nee. 10:37-39; 13:4,5,8,9; Jer. 35:2,4; Eze. 40:17,38,44-46; 46:19).

5. *Nishkah*, «abrigo». Palavra usada por três vezes: Nee. 3:30; 12:4 e 13:7.

6. *Aliyyah*, «cenáculo». Palavra que ocorre por dezessete vezes (por exemplo: II Sam. 18:33; II Reis 4:10,11; Sal. 104:3,13; Jer. 22:13,14).

7. *Illith*, «cenáculo». Palavra que aparece por apenas uma vez, sendo aramaica, em Dan. 6:10.

8. *Tsela*, «câmara lateral». Palavra que figura por onze vezes com esse sentido (por exemplo: I Reis 6:5,8; Eze. 41:5-9,11,26).

9. *Ta*, «lugar separado». Palavra que aparece por doze vezes (por exemplo: Eze. 40:7,10,12,13,16,21, 29,33,36).

10. *Ulam*. Em I Reis 7:6-8, essa palavra é traduzida como Salão das Colunas. Essa palavra hebraica aparece por trinta e quatro vezes. Ver também, para exemplificar, I Crô. 28:11; II Crô. 3:4; 8:12; Eze. 8:16; 40:7—9,15,39,40,48,49; 46:8; Joel 2:17. Salomão erigiu essa estrutura, embora não se saiba dizer por que razão. Sabemos, porém, que seu Salão de Julgamento era o lugar onde ele julgava casos, como supremo juiz da nação hebréia. Não se sabe se essa estrutura estava relacionada ou não ao templo de Jerusalém. É evidente que nem todas as ocorrências dessa palavra hebraica dizem respeito ao Salão das Colunas, de Salomão.

11. *Chatser*, «lugar fechado». Nossa versão portuguesa diz «pátio interior da casa do rei», em Ester 5:1. Sem dúvida era um lugar fechado do palácio real de Susã, a capital de inverno dos reis persas. Esse edifício era um palácio luxuoso, com material de construção importado de muitos lugares, do mais alto valor, como metais preciosos, pedras finas, marfim e ébano. Muitos artífices haviam sido empregados nessa construção. O salão de audiências do rei, onde Ester veio falar com ele, era um imenso salão com cerca de 60 m(2), com trinta e seis colunas, cada qual com quase 20 m de altura, sustentando o teto. Essa palavra hebraica é usada por 140 vezes com esse sentido. Ver, por exemplo, Êxo. 27:9,12,13,16-19; 35:17,18; 40:8,33; Núm. 3:26,37, I Reis 6:36.

12. *Baith mishteh*. Em nossa versão, essa expressão é traduzida por «casa do banquete». Figura apenas em Daniel 5:10. Foi o lugar onde o rei Belsazar viu o escrito na parede, pela mão misteriosa. Heródoto alude aos luxos da Babilônia. Havia ali três palácios reais, o mais amplo dos quais continha a sala do trono. Ver o artigo separado sobre a *Babilônia*, quanto a maiores detalhes.

13. *Aulé*, palavra grega que significa «pátio». Ocorre por doze vezes: Mat. 26:3,58,69; Mar. 14:54,66; 15:16; Luc. 11:21; 22:55; João 10:1,16; 18:15; Apo. 11:2. Algumas traduções dizem «pretório», em vários desses lugares. Ver o artigo sobre o *Pretório*, onde há detalhes completos sobre a questão.

14. Também podemos mencionar o *akroatérion*, palavra que aparece exclusivamente em Atos 25:23. No grego significa «lugar de audiência». Nossa versão portuguesa a traduz por «audiência». Está em foco o salão de audiências do procurador romano, onde Paulo compareceu à presença de Festo, e seus convidados.

15. *Tameîon*, «lugar separado», «despensa». Palavra grega que aparece por quatro vezes: Mat. 6:6; 24:26; Luc. 12,3,24.

16. *Uperõon*, «cenáculo». Palavra grega que é usada também por quatro vezes: Atos 1:13; 9:37,39; 20:8.

**I. Sentidos Literais.** a. Uma «despensa», como no templo (II Crô. 31:11 e Nee. 10:39). b. Lugares onde os sacrifícios eram comidos (Eze. 42:13). Tais câmaras provavelmente também serviam de residência para aqueles que se ocupavam dos deveres do templo. c. Uma *câmara interior*, em uma casa (Gên. 43:40). d. Uma recâmara de noiva (Can. 1:4). e. Um cenáculo construído com o propósito de ter um lugar de abrigo do calor do verão, à tarde ou à noite (II Sam. 18:33). f. Alcovas para uso dos guardas, no templo de Ezequiel (Eze. 40:7). g. Câmaras laterais do templo (I Reis 6:5; Eze. 41:5), para diversos usos. h. Quartos no andar superior de uma casa (II Reis 4:10), ou uma recâmara usada figuradamente, para indicar a habitação de Deus (Sal. 104:3,13). i. Uma despensa, onde alguém poderia imaginar que o anticristo se esconderia (Mat. 24:26). j. Um cenáculo, ou dependência feita no andar superior de uma casa, suficientemente grande para conter uma congregação (Atos 20:8).

**II. Sentidos Figurados.** a. A habitação de Deus (Sal. 104:3). b. Entrar no quarto simboliza entregar-se à oração privada (Isa. 26:20). c. As recâmaras do sul são as constelações ou regiões do sul, no espaço, vistas do hemisfério norte da terra (Jó 9:9). d. As câmaras de imagens (Eze. 8:12) apareceram em uma visão do profeta, acerca de práticas idólatras de elementos importantes do povo de Israel. e. Em Romanos 13:13, a palavra traduzida por «impudicícias», em nossa versão portuguesa, vem, do grego, de uma raiz que significa «cama», *koité*, dando a entender o uso de uma alcova para práticas imorais. (ID IB Z)

## CÂMARAS PINTADAS DE IMAGENS

Essa expressão aparece em Eze. 8:12, referindo-se às representações pictográficas que o profeta Ezequiel viu em visão, no tocante às práticas idólatras dos israelitas. Ver todo o oitavo capítulo de Ezequiel. Foi-lhe assim mostrado por que Israel merecia o juízo divino, a saber, por causa de seu profundo envolvimento com a idolatria. Ezequiel viu espetáculos como a gigantesca estátua de Baal, com muitas pessoas em redor, munidas de muitos objetos idólatras. Também viu adoradores do sol, de costas voltadas para o templo e de rosto elevado na direção do nascer do sol. Isso simbolizava o que sucede nas práticas idólatras. Deus é abandonado pelos homens, e algo de sua criação vem tomar o lugar que a ele cabe, nos corações dos homens. Ver o artigo sobre a *Idolatria*.

## CAMAREIRO

No hebraico temos uma palavra, e no grego, duas, a saber:

1. *Saris*, «camareiro» ou «eunuco». Palavra hebraica usada por quarenta e duas vezes (por exemplo: II Reis 23:11; Est. 1:10,12,15; 2:3,14,15,21; 7:9).

2. *Oikonómos*, «mordomo», palavra grega que aparece por dez vezes: — ver Lucas 12:42; 16:1,3,8; Ro. 16:23; I Cor. 4:1,2; Gál. 4:2; Tito 1:7; I Ped. 4:10.

3. *Epì toũ koitõnos*, «encarregado da cama». Expressão grega que aparece somente em Atos 12:20, e que nossa tradução portuguesa verte por «camarista».

O termo hebraico por detrás dessa palavra é *saris*, «eunuco», pelo que, algumas vezes, é traduzido como tal. O termo grego é *oikonómos*, «mordomo». É com base nesses dois vocábulos que encontramos os usos bíblicos. Pode indicar um eunuco empregado nos haréns dos déspotas do Oriente Próximo e Médio.

Com freqüência, os camareiros vinham a ocupar posições importantes, como conselheiros de reis ou oficiais (Est. 1:10; Gên. 39:1). Salomão parece ter-se utilizado desse tipo de oficial (I Reis 4:6; 16:9; 18:3). O dever do camareiro ou eunuco consistia em muito mais do que cuidar do harém do rei. Parece ter sido uma espécie de supervisor geral do palácio e da etiqueta real. Em alguns casos, era usado como se fosse um secretário, para selecionar aqueles a quem o rei deveria conceder entrevista, com qualquer propósito.

Nos tempos do Novo Testamento, o *oikonómos* podia ser alguém que nada tinha a ver com as funções que anteriormente cabiam aos eunucos do palácio. É provável que nem todos os *sarisim* fossem castrados ou eunucos. Em Romanos 16:23, há menção a Erasto, o qual, em algumas traduções (como a nossa versão portuguesa) aparece como camareiro, mas que, na realidade, era o tesoureiro da cidade de Corinto, sendo esta a tradução preferida para o termo grego, nesse caso. No entanto, a palavra grega envolvida é mais geral, podendo indicar um gerente de qualquer classe. O ofício de Erasto aparentemente consistia no que os latinos chamavam de *arcarius*, ou seja, magistrados inferiores, encarregados do erário público, sujeitos à supervisão do senado. *Blasto* (que vide), camarista de Herodes (Atos 12:20; no grego *koitón*), era uma espécie de valido ou confidente do rei. Ele exercia considerável influência sobre Herodes, conforme esse trecho nos permite entrever. (I ID UN Z)

## CAMAREIRO-MOR

Palavra encontrada em Jer. 51:59. Essa tradução é uma emenda feita pela RSV, seguida por nossa versão portuguesa. Mas uma expressão similar é aplicada a Davi, em I Crô. 28:2, no texto hebraico (embora não figure na nossa versão portuguesa), cujo sentido mais aproximado é «príncipe tranqüilo». Trata-se de um título nobiliárquico, embora tenha sido usado em várias relações semânticas com significados diferentes

## CÂMBIO, CAMBISTAS

No grego temos três palavras que precisam ser consideradas quanto a essa questão:

1. *Kermatistés*, derivada de *kerma*, um pedaço de cobre. Essa palavra ocorre exclusivamente em João 2:14. 2. *Kollubistés*, «cambista», que é usada em Mat. 21:12; Mar. 11:15 e João 2:15. 3. *Trapezeítes*, «mesários» (que nossa versão portuguesa traduz por «banqueiros»), que ocorre somente em Mat. 25:27.

A profissão dos cambistas era bastante comum nos dias do Novo Testamento. Nos centros mercantis, bem como no templo de Jerusalém, sempre havia a necessidade de cambiar a moeda corrente em um país por outra. Para Jerusalém convergia dinheiro de muitas procedências. Judeus da dispersão visitavam a cidade, trazendo moeda estrangeira. A taxa do templo, porém, precisava ser paga com dinheiro judaico, e isso criava um intenso comércio cambista. Além disso, havia o problema de trocar dinheiro mais graúdo por dinheiro mais miúdo. Os cambistas lucravam cobrando uma taxa por seu serviço, e, naturalmente, também havia muita desonestidade nesse processo. Contra essa desonestidade foi que Jesus lançou o seu protesto. Outrossim, ele não concordava com o fato do recinto do templo tornar-se o local para tal comércio. —em detrimento dos reais propósitos daquele logradouro. Jesus virou as mesas dos «ladrões». Ver Mat. 21:12,13; Mar. 11:15-17; João 2:13-16.

Todo israelita, sem importar se rico ou pobre, tinha a obrigação de pagar uma taxa ao tesouro sagrado (Êxo. 30:13-15). Essa taxa precisava ser paga com uma moeda judaica específica. Os registros antigos mostram que os cambistas conseguiam altas faturas com suas desonestas manipulações, ao ponto de serem contados entre os ricos. Naturalmente, na área do templo efetuavam-se outros negócios, além do câmbio de moedas. E parece que a mesma casta dos cambistas também se envolvia nesses outros negócios. E havia mais comércio, mais ludíbrio, mais desonestidade.

O termo grego *trapezeítes*, usado somente em Mat. 25:27, é uma palavra geral para indicar cambista ou banqueiro. Esse termo incluía o negócio do empréstimo a juros. Onde quer que o dinheiro seja o artigo principal, a avareza domina o ambiente. Ver o artigo separado sobre o *Dinheiro*, que é uma das raízes de todos os males. Mas outros pensam que a *falta de dinheiro* é a raiz de todos os males! (I HA UN)

## CAMBISES

Esse foi o nome de dois monarcas da dinastia acamenida, da Pérsia, a saber:

1. *Cambises I.* Foi o rei de Susã, a pátria ancestral dos reis acamenidas, desde cerca de 602 até 559 A.C. Era vassalo da Média; e casou-se com a filha de Astíages, rei dos medos. Seu filho foi Ciro, o Grande.

2. *Cambises II*, rei da Pérsia (529-522), filho de Ciro, o Grande. Durante o reinado de Ciro, governou a Babilônia (538-530 A.C.). Após haver sucedido a seu pai, em 525, Cambises invadiu o Egito, conforme Ciro havia planejado. Derrotou o Faraó Psamético III, em Pelúsio, e capturou as cidades de Menfis e Heliópolis, em vista do que entrou em colapso toda a resistência dos egípcios. A princípio, Cambises tratou Psamético com leniência; mas, após uma revolta dos egípcios, mandou executá-lo. Cambises teve outras notáveis aventuras militares, mas diversas de suas expedições militares foram malsucedidas. Assim, conquistou uma parte da Etiópia, — mas teve de retroceder, em vista da falta de suprimentos. Enviou uma força armada para conquistar o oásis de Amom, mas essa força militar pereceu em uma tempestade de areia. Tentou conquistar a cidade de Cartago, mas os marinheiros fenícios não quiseram combater seus parentes cartagineses.

*Cambises e a Bíblia.* Cambises II foi o conquistador da Babilônia, em outubro de 539 A.C., sendo mencionado tanto pela Crônica de Nabonido como pelo Cilindro de Ciro como filho de Ciro. Já foi confundido com o Assuero de Esdras 4:6; mas, atualmente, sabe-se que Assuero deve ser identificado com Xerxes. Cambises II não aparece no Antigo Testamento, exceto implicitamente, em Daniel 11:2, onde deve ser o primeiro dos três monarcas que se seguiram a Ciro. Quando Ciro faleceu, em campanha militar, Cambises tornou-se o único governante do imenso império persa. Conseguiu a posição de único governante mandando assassinar o seu irmão, Esmérdis (Bardia), e então deu início às aventuras militares acima mencionadas. Seu maior sucesso foi no Egito, onde tomou para si o nome real e o título dos reis egípcios, e passou a usar o costume real do Egito. A caminho de volta à Babilônia, em 522 A.C., recebeu a notícia de que um certo Gaumata (que afirmava ser o seu irmão assassinado) havia usurpado o trono, contando com forte apoio. Morreu perto do monte Carmelo, na Palestina, talvez por suicídio. Cambises II não tinha herdeiros, e Dario Histapes, um oficial do exército persa, sucedeu-o, matando o pseudo Esmérdis, no espaço de poucos meses, tendo então conseguido consolidar o império sob as suas ordens.

O reinado de Cambises coincidiu com o período da oposição de certos gentios à construção do segundo templo de Jerusalém (ver Esd. 4:5 e Ageu 1:4). Ver sobre *Ciro; Dario o Medo* e *Dario*. (AM DUB OLM)

## CAMBOTAS, CAMBAS

No hebraico, **gab**. Com esse sentido, a palavra é usada somente por três vezes, duas em Eze. 1:18, dentro da visão de Ezequiel sobre as rodas cheias de olhos (onde nossa versão portuguesa diz «cambotas») e uma em I Reis 7:33, onde se fala sobre o mar de fundição, preparado a mando de Salomão, e onde a nossa versão portuguesa diz «cambas».

## CAMELO

No hebraico, **gamal**, palavra que aparece por cinqüenta e quatro vezes, desde Gên. 12:16 até Zac. 14:15. Também há menção ao dromedário, no hebraico, *achashteranim*, palavra que ocorre somente em Ester 8:10,14. No grego, *kámelos*, vocábulo que aparece por seis vezes: Mat. 3:4; 19:24; 23:24; Mar. 1:6; 10:25 e Luc. 18:25.

1. *Fatos Gerais.* Aquele que disse que «o camelo é um cavalo criado por uma comissão», tinha razão ao dar a entender que as comissões com freqüência não executam um trabalho que um único indivíduo pode fazer melhor e com maior prontidão. Porém, estava equivocado quando, aparentemente, desvalorizou o camelo. O camelo é um dos mais úteis de todos os animais domesticados pelo homem, embora não seja um animal de bonito porte. Com exceção do elefante, é o maior dos animais usados pelo homem. Com freqüência atinge a altura de 2,40 m, ou mesmo mais, e é dotado de grande força e resistência. Tem um casco espalhado, que o capacita a caminhar por cima de lugares arenosos, sem afundar na areia. Seu estômago é dotado da maravilhosa capacidade de armazenar água, pelo que é capaz de viajar durante dias, sem beber uma gota de água. Além disso, sua dieta é a mais simples possível, podendo subsistir com a erva mais amarga e daninha. Pode até mesmo triturar espinhos com seus dentes, e digeri-los. É tão

alto que precisa ajoelhar-se para receber sua carga. Uma vez carregado, embora transportando um peso de até cerca de 250 kg, pode levantar-se sobre as patas e viajar durante os dias mais quentes, através dos pióres desertos imagináveis. A corcova que ele tem nas costas é um armazém de gordura, uma reserva para longos períodos de jejum. O povo de Israel foi proibido de comer a carne do camelo, mas os árabes não têm tais escrúpulos. Seu couro é usado para fabricar sandálias, e seu pêlo é empregado para tecer um pano grosseiro. O leite da camela, bem como os produtos derivados do mesmo, são alimentos primários da dieta dos beduínos do deserto.

2. *Disposição do Camelo.* O camelo é um animal muito fleumático. Troteia à velocidade de até dez quilômetros horários. Anda à velocidade de cinco quilômetros e meio.—Pode galopar até dezesseis quilômetros por hora, mas não por muito tempo. O camelo é famoso por sua estupidez e obstinação. Os machos são briguentos e mordem-se selvagemente quando brigam. A gravidez das fêmeas dura quase um ano, e só nasce um camelinho de cada vez. O intervalo natural entre os nascimentos é de dois anos. Os camelos só atingem seu pleno desenvolvimento com cerca de dezesseis anos de idade, e seu período médio de duração de vida é de vinte e cinco anos.

3. *Referências Bíblicas.* A primeira menção ao camelo dá-se na época dos patriarcas, conforme se vê em Gên. 12:16; 24:10,11,14,19, etc. Em Levítico 11:4 sua carne é proibida para consumo do povo de Israel. Ver também Êxo. 9:3; Juí. 6:5; I Sam. 27:9; Esd. 2:67; Jó 1:3; Isa. 21:7; Jer. 49:29; Eze. 25:5; Mat. 3:4; Luc. 18:25.

4. *Domesticação e Utilização.* As evidências arqueológicas asseguram-nos que a domesticação do camelo já era generalizada tão cedo quanto 1200-1000 A.C. Porém, nos dias de Abraão, isto é 2000 A.C., isso já teria acontecido, visto que há referências bíblicas com esse sentido. Alguns arqueólogos têm duvidado dessa informação. Mas o camelo tem sido domesticado desde os tempos mais remotos. A espécie floresceu até mesmo na América do Norte há cerca de dois milhões de anos atrás, e mais tarde tornou-se extinta. Há evidências de que já havia a espécie na América do Sul, na Ásia e na África há cerca de dez milhões de anos atrás. Há evidências de completa domesticação do camelo em cerca de 1800 A.C., e restos de ossadas de camelos têm sido encontrados em antigos cemitérios urbanos, em Israel, desde cerca desse tempo. A domesticação em larga escala, após o século XII A.C., expandiu enormemente o comércio através do deserto, pois para viagens por lugares áridos e quentes, não há animal que se compare em utilidade ao camelo. Continua sendo importante, com esse propósito, nos países de extensas áreas desérticas. O dromedário pode transportar até cerca de 280 kg, a uma distância de cerca de cinqüenta quilômetros por dia. O mais corpulento camelo bactriano pode levar até 450 kg de carga.

5. *Usos Figurados na Bíblia.* a. Os judeus são comparados a uma *veloz dromedária* no tempo do cio. A passagem de Isaías 40:6-8, que se refere a multidões de camelos chegando de todos os lugares, e o trecho de Isaías 46:20, que fala sobre os judeus serem trazidos em camelos, mulas, cavalos, etc., como uma oferenda ao Senhor, vindos de todas as nações, alude à futura restauração e glória de Israel. b. O trecho de Mateus 19:24 diz: «...é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus». Essa metáfora mostra-nos como as riquezas embotam a sensibilidade de um homem para com as coisas espirituais, dificultando-lhe entrar no reino de Deus. O provérbio original provavelmente dizia «elefante», em lugar de «camelo»; mas, na Palestina, o maior animal conhecido era o camelo. Uma variante textual diz «corda», em lugar de «camelo», mas isso não corresponde ao original. A suposta referência a uma portinhola nas muralhas de Jerusalém, através da qual um camelo só podia entrar ajoelhando-se, não é muito provável, pois não há provas de que um dia existiu ali uma porta chamada buraco de agulha. Ver o NTI em Mat. 19:24, quanto a detalhes sobre a questão. (AM ALB UN Z)

**CAMI** Ver **Kami.**

**CAMINHO**

Em adição ao sentido literal do termo, a Bíblia usa essa palavra também em sentido metafórico. Por esse motivo, várias palavras hebraicas e gregas estão envolvidas nesse assunto.

1. Palavras hebraicas:

a. *Orach*, «caminho costumeiro». Termo que figura por sessenta vezes. Para exemplificar: Jó 16:22; 19:8; Sal. 44:18; 142:3; Pro. 1:19; 2:15; 4:14; 8:20; Isa. 26:7,8; 41:3.

b. *Orcha*, «caminho costumeiro». Palavra aramaica que aparece somente em Dan. 4:37 e 5:23.

c. *Derek*, «vereda». Palavra usada por quase mil e setecentas vezes. Por exemplo: Gên. 3:24; 6:12; Êxo. 4:24; 13:17; Lev. 26:22; Núm. 14:25; 20:17; Deu. 1:2,19,22,31,33,40; 2:1,8; 3:1; Jos. 1:8; 2:7; Juí. 2:17,19,22; 5:10; Rute 1:7; I Sam. 1:18; 6:9,12; II Sam. 2:24; 13:30,34; I Reis 1:49; 2:2-4; II Reis 2:23; 3:8,20; II Crô. 6:16,23,27,30,31,34; Esd. 8:21,22,31; Nee. 9:12,19; Jó 3:23; 4:6; 6:18; Sal. 1:1,6; 2:12; 5:8; 10:5; Pro. 1:15,31; 2:8,12,13,20; 3:6,17,23,31; Ecl. 10:3; Isa. 2:3; 3:12; Jer. 2:17,18,23,33,36; Lam. 1:4; Eze. 3:18,19; 7:3-9,27; 8:5; 9:2,10; Osé. 2:6; Joel 2:7; Amós 2:7; Jó 3:8,10; Miq. 4:2; Naum 1:3; Zac. 1:4,6; Mal. 3:1.

d. *Magalah*, «vereda», «curso». Palavra usada por sete vezes. Por exemplo: Pro. 5:6; 2:15,18; Sal. 17:5.

e. *Nathib*, «vereda». Palavra usada por cinco vezes: Jó 18:10; Sal. 78:50; Jó 28:7; 41:32; Sal. 119:35.

f. *Mesillah*, «estrada». Palavra usada por vinte e sete vezes. Por exemplo: Isa. 59:7; Joel 2:8; Núm. 20:19; Isa. 7:3; 11:16; Jer. 31:21.

g. *Magal*, «estrada larga (para vagões)». Palavra usada por oito vezes. Por exemplo: Sal. 23:3; Pro. 2:9; Isa. 26:7.

h. *Mishol*, «vereda estreita». Palavra usada por uma vez somente, isto é, em Núm. 22:24.

i. *Nethibah*, «trilha». Palavra usada por dezenove vezes. Para exemplificar: Jó 19:8; Sal. 119:105; Pro. 1:15; 3:17; Isa. 42:16; 43:16; Jer. 6:16; Lam. 3:9; Osé. 2:6.

j. *Shebil*, «vereda», «avanço». Palavra usada somente por duas vezes: Sal. 77:19; Jer. 18:15.

Os usos metafóricos mais comuns, no Antigo Testamento, são os seguintes:

a. Processos naturais: como o caminho do relâmpago e do trovão (Jó 28:26; 38:25), os movimentos da luz (Jó 38:19,24), a vida de uma formiga (Pro. 6:6), o comportamento das águias, das serpentes, os movimentos de uma embarcação o namoro de um homem, etc. (Pro. 30:19).

b. A conduta moral de um homem, embora a idéia também possa ser expressa de outras maneiras, como é evidente: quanto à bondade (I Sam. 12:23; Sal. 1:6; 119:1; Pro. 2:20; 8:20); quanto à maldade (Juí. 2:19;

Sal. 119:101,104; Pro. 4:14; Isa. 55:7; Eze. 3:18.19); algumas vezes, sem especificação quanto ao caráter moral de uma pessoa (Gên. 6:12; II Crô. 6:16,30; Jó. 13:5; Sal. 39:1; Pro. 12:15; 16:29); quanto às tradições boas ou más (I Sam. 8:3,5; I Reis 15:26,34; 22:52); quanto aos galardões da vida ou da morte, por causa da bondade ou da maldade praticadas (Pro. 10:17; 14:12; 15:24; 16:25; Jer. 21:8).

c. Várias facetas da vida humana, como o curso da vida de um homem (Deu. 28:29; Jó 3:23; Sal. 2:12; 37:5; Pro. 3:6; Jer. 10:23); seus planos para a sua vida (Pro. 16:9; Osé. 10:13); seus sofrimentos e provações (Sal. 142:3; Jó 23:10); o destino humano na morte (Jos. 23:14; I Reis 2:2).

d. Em muitos casos também estão em foco os caminhos ou métodos de ação seguidos por Deus, como a sua vontade e os seus mandamentos (Deu. 5:33; 8:6; 10:12; 26:17; Sal. 44:18; 119:15; Isa. 2:3); os seus juízos (Isa. 26:8); os seus propósitos (Jó 36:23; Sal. 77:13; 103:7; Isa. 55:9); o seu governo providencial (Deu. 8:2; II Sam. 22:31,33; Jó 19:8; 26:14; Sal. 18:30; Eze. 18:25).

2. Palavras gregas:

a. *Odós*, «caminho». Palavra usada por cem vezes, desde Mat. 2:12 até Apo. 16:12.

b. *Párodos*, «passagem». Palavra usada somente em I Cor. 16:7.

c. *Poreía*, «ida». Palavra usada apenas por duas vezes: Luc. 13:22 e Tia. 1:11.

d. *Trópos*, «maneira». Palavra empregada por treze vezes: Mat. 23:37; Luc. 13:34; Atos 1:11; 7:28; 15:11; 27:25; Rom. 3:2; Fil. 1:18; II Tes. 2:3; 3:16; II Tim. 3:8; Heb. 13:5,7.

e. *Ékbasis*, «saída». Palavra usada somente por duas vezes: I Cor. 10:13 e Heb. 13:7.

Além do sentido literal de «caminho», o Novo Testamento encerra os seguintes sentidos metafóricos:

a. Acerca da conduta moral (Mat. 7:13,14; 21:32; Atos 14:16; Rom. 3:16,17; Tia. 5:20; II Ped. 2:15,21).

b. Acerca da vontade, dos propósitos e da veracidade de Deus (Mat. 22:16; Mar. 12:14; Atos 13:10; 18:25,26; Rom. 11:33; I Cor. 4:17; Heb. 3:10 e Apo. 15:3).

c. No livro de Atos, a expressão «o Caminho» refere-se à fé cristã e à maneira de viver seguida pelos discípulos do Senhor, tudo o que era desprezado e até caluniado por seus adversários gratuitos (Atos 9:2; 19:9; 22:4,14; 24:22).

d. Jesus Cristo, o último e perfeito revelador, é «o Caminho» por excelência, em face do exemplo soberbo dado por sua própria pessoa e pela sua morte sacrificial. Ele é o caminho vivo e pessoal até Deus. Também estão em pauta a sua santidade e a sua salvação, pelo que ele é o mestre, o caminho da verdade (Mat. 22:16; Mar. 12:14; Luc. 1:79). Em si mesmo, Jesus é o único «caminho» para Deus (João 14:4-6). E Cristo também é Aquele que abre o caminho para o Santo dos Santos celeste, onde manifesta-se a glória plena de Deus, mediante o seu sacrifício na cruz (Heb. 9:8; 10:19,20).

**Do Caminho.** Aparentemente tornou-se costumeiro designar desse modo o cristianismo, em que é apresentado o «caminho da vida», sem dúvida uma designação antiqüíssima, antes de tornar-se comum o termo *cristão*. (Ver também *vida* como termo para indicar o cristianismo, em Atos 5:20). A expressão «caminho», como maneira de expressar o cristianismo e o tipo de vida (talvez incluindo também a doutrina cristã, embora isso não faça parte proeminente da idéia) é usada por nada menos de seis vezes no livro de Atos, e, mui curiosamente, sempre em alguma passagem relacionada a incidentes da vida de Paulo. (Ver Atos 9:2; 19:9,23; 22:4; 24:14,22). É bem possível que essa designação se tenha originado no modo judaico de expressar as coisas, conforme achamos em Isa. 40:3: «...*o caminho do Senhor*...»; em Sal. 1:6: «...o caminho dos justos...», e «...o caminho dos ímpios...», etc. Não nos devemos esquecer de que o próprio Senhor Jesus chamou-se de «...*o Caminho*...» (João 14:6). Os índios norte-americanos chamavam o cristianismo de *estrada de Jesus*. Meyer (em Atos 9:2) diz a respeito disso: «Trata-se da *direção característica* da vida, determinada pela fé em Jesus Cristo».

Existem certas interpretações, alicerçadas na *fantasia*, como a de Crisóstomo, que pensam tratar-se do *caminho para os céus*; porém, esse não era o emprego original do termo, por parte de incrédulos, quando usavam essa expressão, e nem é a idéia dominante quando usado pelos crentes, embora, teologicamente falando, seja esse um desenvolvimento natural da idéia. Não é impossível, entretanto, que tal designação se tenha originado do uso que o Senhor Jesus fez da palavra, referindo-se à sua própria pessoa, como «...o Caminho, e a Verdade e a Vida...». Todavia, é mais provável que se tenha originado da observação feita por algum indivíduo alheio ao movimento cristão, sobre o tipo distinto de vida que os cristãos levavam, dizendo que os mesmos eram gente *do Caminho* que difere em seus costumes e ações, bem como no modo geral de vida, daquele outro «caminho» pelo qual seguem os inconversos. Os primeiros crentes, provavelmente, também se utilizavam do termo para se identificarem a si mesmos, ainda que tal expressão talvez se tenha originado da observação de pessoas estranhas ao cristianismo.

## CAMINHO, CRISTO COMO

*Exclusividade de Cristo*

Provavelmente essa é a melhor conhecida e a mais repetida das declarações do Senhor Jesus nas quais ele diz «*Eu sou*...» (Quanto a um sumário dessas declarações, no evangelho de João, ver as notas sobre o trecho de João 11:25 no NTI).

«*Sem o Caminho*, não pode haver avanço; *sem a Verdade* não pode haver conhecimento; *sem a Vida*, não pode haver a vida. Eu sou o Caminho que deveis procurar; eu sou a Verdade na qual deveis crer; e eu sou a Vida, na qual deveis pôr as vossas esperanças». (Thomas a Kempis, em *Imitação de Cristo*, III.56).

Quanto à declaração de Cristo: «*Eu sou o caminho*...» poderíamos tecer as considerações seguintes:

1. Jesus é o caminho *para Deus*, o qual é o destino final da humanidade redimida.

2. Portanto, Jesus é o caminho para *os lugares celestiais*, que é onde habita a divindade. Jesus é igualmente o caminho para aquele lugar especial que está preparando, conforme está descrito nos versículos dois e três do décimo quarto capítulo do evangelho de João.

3. Jesus é o caminho para a transformação espiritual, a fim de que os homens venham a participar da forma de vida divina, a vida necessária e independente do próprio Pai (João 5:25,26), a plenitude de Deus, isto é, sua natureza e seus atributos (ver notas em Efé. 3:19 no NTI), tais seres chegarão a possuir a plenitude de Cristo. Ver o artigo sobre *Plenitude de Cristo*.

4. Jesus é o Pioneiro desse caminho, e mostra aos homens como se devem desenvolver espiritualmente,

pois sempre palmilhou pela vereda que os homens devem seguir. Ele é o Homem ideal a ser seguido, o Homem divino a ser duplicado. Ele é o caminho quanto ao seguinte:

a. O Logos, que revela Deus aos homens, João 1:18.

b. Em sua encarnação, ele tem a missão de conduzir os homens ao Pai, João 1:14.

c. Em sua morte, ele torna possível o caminho de volta a Deus, Rom. 5:11.

d. Em sua ascensão, ele soergue os homens até os lugares celestiais, Efé. 1:19 e *ss*.

e. Em sua ressurreição, ele dá aos homens a vida de Deus, Rom. 4:45.

f. Em sua glorificação, os homens são glorificados e assim penetram no mais elevado dos céus, Rom. 8:30.

A verdade que mostra que o Senhor Jesus não é somente o alvo, mas igualmente o caminho para esse alvo, é verdade importantíssima, comentada no seguinte poema de Alice Meynell:

*Tu és o Caminho*
*Não foras tu nada, senão o alvo,*
*Não diria eu, nada duvidando,*
*Que encontraste a minha alma.*

(I am the Way, Poemas, pág. 28)

Apesar do fato de o seguirmos no caminho, palmilhando pelo caminho que ele nos aponta, sendo ele mesmo o alvo para onde conduz a vereda, podemos descobrir que se trata de uma jornada rigorosa; e o próprio Senhor Jesus assegurou-nos que os discípulos não devem esperar que a nossa peregrinação não tenha suas durezas, tal como a dele mesmo foi dificílima. Samuel Rutherford refere-se exatamente a isso quando escreveu:

*A estrada serpeia para cima, por todo o caminho?*
*Sim, até o seu próprio fim.*
*Os dias de jornada ocuparão o dia inteiro?*
*Da manhã à noite, meu amigo.*

(Extraído da obra de Christina Rossetti, *Uphill*).

5. *Cristo, O Logos, o Caminho Universal.* O Logos (Cristo) planta suas sementes em filosofias e religiões não-cristãs como atos preparatórios à Restauração (que vide), como Efé. 1:10 demonstra. Portanto, sua exclusividade é ao mesmo tempo uma *universalidade*, porque opera através de uma *multiplicidade* de meios. As verdades nas religiões, nas filosofias, e nas ciências, são *todas elas*, as verdades universais do *Logos*. Seu campo de atividade é universal. Também, não é limitado pela morte biológica de cada indivíduo, sendo que a oportunidade do *Caminho* se estende além do sepulcro. Ver I Ped. 4:6.

## CAMINHO DE DEUS

*O Caminho de Deus é a Presença do Evangelho, nos seus Benefícios Resultantes.*

1. Em tão breve período de tempo, essa verdade chegou a tornar-se conhecida pelo mundo inteiro. Essa é a verdade que o livro de Atos demonstra de forma gráfica. (Ver Col. 1:6, no que tange à declaração de Paulo sobre o fato).

2. O livro de Atos demonstra o avanço irresistível da verdade de Cristo, e a própria história da humanidade, desde então, tem sido demonstração similar.

*Consideremos Estas Idéias e Referências*
*O Caminho Abriu-nos O Acesso*

Vem de Deus (Sal. 65:4).

Por meio de Cristo (João 10:7,9; 14:6; Rom. 5:2; Efé. 2:13; 3:12; Heb. 7:19,25; 10:19; I Ped. 3:18).

Por meio do Espírito Santo (Efé. 2:18).

Obtido através da fé (Atos 14:27; Rom. 5:2; Efé. 3:12; Heb. 11:6).

Segue-se à reconciliação com Deus (Col. 1:21,22).

Na oração (Deu. 4:7; Mat. 6:6; I Ped. 1:17).

Em seu templo (Sal. 15:1; 27:4; 43:3; 65:4).

A fim de obter misericórdia e graça (Heb. 4:16).

Um privilégio dos santos (Deu. 4:7; Sal. 15; 23:6; 35:3,4).

Os santos o têm, com confiança (Efé. 3:12; Heb. 4:16; 10:19,22).

Proporcionado aos pecadores penitentes (Osé. 14:2; Joel 2:12).

Os santos o buscam ansiosamente (Sal. 27:4; 42:1,2; 43:3; 84:1,2).

Aos ímpios é ordenado que o busquem (Isa. 55:6; Tia. 4:8).

Exortemos outros a buscá-lo (Isa. 2:3; Jer. 31:6).

Promessas vinculadas ao mesmo (Sal. 145:18; Isa. 55:3; Mat. 6:6; Tia. 4:8).

Suas bênçãos (Sal. 16:11; 65:4; 73:28).

Tipificado (Lev. 16:12-15 com Heb. 10:19-22).

Exemplificado: Moisés (Êxo. 24:2; 34:4-7).

## CAMINHO DE OITO ELEMENTOS

Essa idéia faz parte da doutrina budista. O **Nirvana** (que vide) poderia ser atingido pela vereda moral em oito passos, que incluem as oito virtudes cardeais, a saber: corretos pontos de vista, corretas intenções, linguagem correta, conduta correta, corretos meios de sobrevivência, esforços corretos, atenção correta e concentração correta. No artigo sobre o *Budismo* (2.7), apresentamos o desenvolvimento dessas noções.

## CAMINHOS do Desenvolvimento Espiritual

Cada tarefa, para ser devidamente levada a termo, requer um modo próprio de operação. A mais nobre tarefa de todas é a do próprio desenvolvimento espiritual. Trata-se de um nobre caminho, porquanto não somente prepara o espírito para os mundos de luz, mas também envolve, necessariamente, que ajudemos a outros a atingirem o mesmo destino. Em certo sentido, cada indivíduo é uma ilha, pois cada qual é altamente responsável pelo que faz, bem como por seu futuro estado espiritual. O que cada pessoa faz agora, sempre exerce efeito sobre o futuro. Em outro sentido, porém, cada indivíduo está ligado ao continente, pelo que cada um pode ser comparado a um istmo, pois tudo quanto ele faz afeta outras vidas. O homem tem dois amplos destinos, a saber:

1. *O destino terreno.* O que acontece neste mundo é importante, inteiramente à parte do futuro estado espiritual. A terra tem um destino, e não apenas os indivíduos. Há um propósito que devemos cumprir *neste* mundo. Por esse motivo, um cientista, que esteja ajudando a comunidade humana a cumprir o seu destino terreno, está cumprindo uma missão divina. Na verdade, todos os homens, os quais vivem dentro daquilo que a vontade de Deus lhes determinou, são seus ministros, conscientes ou inconscientes, sem importar o tipo de trabalho que estiverem fazendo. Temos tarefas terrenas a cumprir, que se relacionam somente a esta vida, mas que são importantes, mesmo quando não se leva em conta a preparação de nossas almas para estados mais elevados. Cada *nação* à face da terra, e não apenas indivíduos isolados, tem um propósito a cumprir na história. Quando vemos o que está acontecendo,

percebemos que as nações têm características que também caracterizam os indivíduos: elas são egoístas, atéias, arrogantes e preguiçosas, ou então ambiciosas, generosas e zelosas quanto às questões religiosas. As nações, e não apenas os indivíduos, podem falhar no cumprimento do que lhes foi dado para fazerem. Os propósitos combinados de todas as nações perfazem o propósito da *terra*, se todas elas cumprirem o seu papel. A antiga doutrina judaica dizia que cada nação tem seu guia angelical, tal como acontece a cada indivíduo; e essas forças espirituais ajudam as nações a atingirem os propósitos a que cada uma delas está destinada.

2. Também há o *destino espiritual, não terreno*, dos indivíduos. Na Igreja de Cristo, encontramos um destino comunitário, e nenhuma pessoa é remida como indivíduo isolado. A redenção também tem um especto comunitário. A nação de Israel também tem um destino comunitário e espiritual; e isso pode ocorrer no caso de outras nações e de outros grupos, embora as Escrituras não nos prestem informações a esse respeito.

Como é óbvio, os destinos terreno e espiritual estão inter-relacionados Ademais, mesmo quando consideramos questões meramente terrenas, vemos que as pessoas trabalham e produzem melhor se contam com guias e influências espirituais, que as inspiram.

**Quais são os meios de desenvolvimento espiritual?** Consideremos os **sete pontos** abaixo:

1. *O treinamento do intelecto*, mediante o estudo de livros espirituais, filosóficos, religiosos, e sobretudo, o estudo das Escrituras Sagradas. É proveitoso o estudo das religiões não cristãs, pois aqui ou acolá encontramos jóias de grande valor, nos lugares mais inesperados. Além disso, a ignorância sobre as crenças alheias dificilmente promove a espiritualidade; a ignorância, por si só, já é prejudicial à espiritualidade.

2. *O uso da oração* (que vide). A oração é a linha de comunicação que temos com o mundo celestial, de onde derivamos ajuda e poder espirituais.

3. *O uso da meditação*. A meditação é irmã gêmea da oração. Consiste em esperar receber comunicações do Ser divino, em vez de falar com o Ser divino. A Igreja Ortodoxa Oriental tem-se notabilizado pelo fato de que muitos de seus vultos têm buscado iluminação espiritual através da meditação. Alguns evangélicos se têm manifestado contrariamente à meditação, mas a meditação Cristocêntrica pode ser uma grande força iluminadora. O trecho de Efé. 1:17,18 refere-se, de modo bem definido, à necessidade de que temos de *iluminação*. Esse é o toque místico da nossa fé religiosa. Ver o artigo sobre o *Misticismo*. Conforme esse termo é usado nesta enciclopédia, misticismo é o contacto com algum poder superior a nós mesmos, sem importar se com a alma, com o homem espiritual ou com poderes divinos. Isso posto, doutrinas como a da regeneração, das operações do Espírito Santo, da iluminação diária, etc., são doutrinas místicas, em consonância com essa definição.

4. *A santificação*. A inquirição espiritual de alguém não pode avançar grande coisa sem o concurso da santificação (que vide). Sem a santificação, ninguém verá a Deus (Heb. 12:14); sem a santificação, o progresso espiritual do indivíduo é tolhido.

5. *As boas obras*.—Cada vez que alguém pratica o bem em favor de outrem, aprimora-se a qualidade espiritual de seu ser. Ver Efé. 2:10.

6. *A lei do amor*. Essa lei consiste em fazer pelo próximo o que gostaríamos que os outros fizessem por nós. O amor é a mais poderosa virtude de todas, o solo onde todas as demais virtudes são cultivadas. Ver Gál. 5:22. Ver o artigo sobre o *Amor*.

7. *O desenvolvimento de todas as virtudes*. Ver Gál. 5:22,23, que menciona qualidades como «amor», «alegria», «paz», «longanimidade», «benignidade», «bondade», «fidelidade», «mansidão» e «domínio próprio». Todas essas qualidades espirituais devem ser cultivadas, porquanto são necessárias ao nosso progresso espiritual.

**Os Quatro Caminhos do Hinduísmo.** Não prejudica ao crente examinar o que outras pessoas e religiões têm pensado. No tocante à vida espiritual, o sistema do hinduísmo tem algumas sugestões valiosas, ao menos para efeito de comparação. O hinduísmo parte da idéia de que diferentes tipos de pessoas ressaltam diferentes meios de expressão, através dos quais elas se desenvolvem espiritualmente. No hinduísmo, esses caminhos são chamados *yogas* ou *jugos*. Cada indivíduo se especializaria em um jugo diferente, embora, em algum grau, também utilize todos os outros jugos. Alguns gigantes espirituais são capazes de suportar mais de um jugo a cada vez. No hinduísmo, os *quatro caminhos* têm o intuito de separar-nos de pensamentos e atos egoístas, instalando em nós o senso de outra dimensão, da dimensão divina. Os sentidos nos transformariam em escravos. O corpo é nosso exigente senhor. Porém, há algo mais elevado a ser buscado.

*A mente sem repouso do homem*
*É fortemente sacudida*
*Nas garras dos sentidos...*
*Verdadeiramente, penso*
*Que o vento não é tão selvagem.*
(Bhagavad-Gita)

a. *O Caminho do Trabalho*. Algumas pessoas preferem trabalhar para o Senhor do que desfrutar de sua comunhão, — conforme foi tipificado por *Marta*, irmã de Maria (ver Luc. 10:38-42). A idéia do hinduísmo é que precisamos eliminar o egoísmo; e uma das maneiras para conseguirmos isso é dedicar-nos a alguma tarefa de modo absoluto. Se nos perdermos nesse afã, haveremos de tornar-nos menos egoístas, assim obtendo uma melhor qualidade espiritual. Os cientistas em geral, são pessoas que escolhem o caminho do trabalho.

b. *O Caminho do Conhecimento*. Algumas pessoas têm fome e sede de conhecimento. O caminho intelectual também pode despir-nos de muito egoísmo, melhorando a nossa qualidade espiritual. Além disso, o conhecimento é capaz de outorgar-nos horizontes espirituais mais amplos. Os intelectuais e os eruditos entram por esse caminho.

c. *O Caminho do Misticismo*. Alguns são místicos naturais, e sentem que o caminho do misticismo é muito recompensador. Que outros prefiram o trabalho ou as atividades intelectuais. Porém, sempre haverá um lugar para os místicos. Os profetas e santos são místicos, e devemos ser gratos por eles, porquanto eles nos têm dado os Documentos Sagrados, estabelecendo um elevado exemplo espiritual a ser seguido, sobretudo na senda da santidade.

d. *O Caminho do Amor*. Não existe princípio espiritual mais elevado do que a vida que segue pelo caminho do amor, segundo o qual a pessoa serve a seus semelhantes com atitude altruísta. Algumas pessoas inclinam-se, naturalmente, para esse caminho, e todos deveriam buscar esse tipo de vida. Os filantropos, os médicos, as enfermeiras, ao servirem ao próximo, geralmente sob condições desagradáveis, porque convivem com pessoas enfermas e moribun-

das, expressam-se através desse caminho. A Igreja cristã inteira deveria ocupar-se nesse tipo de atividade, fazendo pelo próximo, o que gostariam que se fizesse a eles.

O ser humano, que afastou-se para longe do Fogo Central, precisa de muitos modos de ajuda, que lhe facilitem recuperar sua glória perdida. (HUS NTI)

## CAMISARDOS (FILHOS DE DEUS)

Um grupo de aldeões protestantes liderados por Jean Cavalier, filho adolescente de um barbeiro. Eles combatiam os católicos romanos por haver sido revogado o edito de Nantes (que vide), de 1702-1705 e depois. A bula de Clemente XI (que vide), descrevia-os como *antigos Albigenses*. Mas, por causa de seus excessos, serviam de embaraço para outros grupos protestantes, incluindo os huguenotes franceses (que vide). Em suas observações religiosas eles incluíam profecias extáticas, prodígios, vozes, luzes preternaturais vistas no firmamento, e toda a variedade de misticismo. (E)

## CAMOM

Esse era o nome de uma cidade de Gileade, onde foi sepultado o juiz Jair (Juí. 10:3-5). O local é desconhecido na atualidade, embora as opiniões falem em Qamm, a suleste do mar da Galiléia, e em Qumein, a leste-nordeste de Irbide.

## CAMOS

Nome da divindade nacional dos moabitas (que vide), segundo se vê em I Reis 11:7; II Reis 23:13 e Jer. 48:7. Monumentos arqueológicos, como a Pedra Moabita (que vide), também confirmam o fato. Ocasionalmente, — ele era aplacado por sacrifícios humanos (II Reis 3:27). Está escrito que Salomão erigiu um santuário em sua honra, em Jerusalém, o qual continuou de pé até à reforma de Josias (II Reis 23:13). Por causa de sua conexão com essa divindade, algumas vezes os moabitas são chamados de «povo de Camos» (Núm. 21:29). Os amonitas, por igual modo, estavam envolvidos nesse culto idólatra (Juí. 11:24). Os profetas mostraram-se indignados contra esse desvio para a idolatria, e Jeremias predisse que seus devotos sofreriam o cativeiro (Jer. 48:7). O nome «Camos» aparece por doze vezes na Pedra Moabita. Ali aparece como um nome composto, a saber, Astar-Camos, o que sugere que ele pode ter sido um deus astral, cujo par era a deusa Istar, ou Vênus. As informações que aparecem na Pedra Moabita mostram que ele era considerado um selvagem deus da guerra. Os homens gostam de imaginar suas divindades vinculadas à guerra. Esse deus, pois, punia os homens derrotados em batalha. A tradição judaica afirma que essa divindade era adorada sob o símbolo de uma estrela negra, a qual, por sua vez, estava ligada a certas formas da idolatria dos árabes. Sua conexão com Moloque (I Reis 6:7), sugere que ele estava ligado à adoração ao planeta Saturno. As evidências apontam para a conclusão de que seu culto era bastante diversificado, assumindo várias formas, conforme a área em questão. (E S THO)

## CAMPAINHA, SINO

No hebraico temos duas palavras, **paamon**, «gongo» e **metsilloth**, «campainha». A primeira palavra é usada por sete vezes (por exemplo: Êxo. 28:33); e a segunda por uma vez só, em Zac. 14:20. O gongo está ligado ao címbalo. Os gongos mais antigos, descobertos pela arqueologia, eram feitos de uma placa de metal encurvado para tomar forma oval, onde a percussão era feita ao mesmo tempo, nas duas extremidades. Havia vários modelos usados pelos assírios e chineses.

*Nas Escrituras.* Havia pequenas campainhas de ouro, presas à borda da sobrepeliz dos trajes oficiais do sumo sacerdote dos israelitas. Essas campainhas tinham o propósito de anunciar seus movimentos ao povo, além de servirem de ornamento (Êxo. 28:33-35).

Além disso, pode-se ler sobre os pequenos ornamentos que as mulheres de Israel usavam no pulso e nos tornozelos, a fim de atraírem a atenção, (Isa. 3:16-18), uma prática condenada pelo profeta.

No trecho de Zacarias 14:20, onde o original usa outra palavra, lê-se acerca das campainhas usadas pelos cavalos, quando do milênio, provavelmente feitas de peças côncavas de bronze. Talvez isso tivesse por motivo o adorno, ou então o fato das pessoas gostarem de ouvir sons agradáveis. Nessas campainhas estava escrita esta inscrição: «Santo ao Senhor», a mesma inscrição que havia na mitra do sumo sacerdote. Isso assim sucederá porque, durante o milênio, todas as coisas serão consagradas ao Senhor, que será o Rei de toda a terra. A arqueologia tem mostrado que os antigos assírios costumavam pôr campainhas nos pescoços dos cavalos.

*Sinos.* O mais antigo sino do mundo, encontrado perto da cidade da Babilônia tem, calculadamente, mais de três mil anos. A literatura grega e romana fala em sinos desde Eurípedes (cerca de 484-407 A.C.). As pesquisas feitas pelos antiquários mostram que os sinos eram usados desde os tempos mais remotos. Layard, o escavador de Nínive, quando pesquisava em Ninrode, encontrou oito sinos de mão, feitos de bronze. Esta cidade foi destruída juntamente com Nínive, pelos medos, em 612 A.C. Até mesmo no Peru, nos túmulos antigos, têm sido encontrados sinos da era pré-incaica, isto é, antes de 500 D.C., quando teve início a era dos metais naquela região.

O primeiro escritor cristão a referir-se a sinos, o que o fez com certa freqüência, foi Gregório de Tours, em cerca de 585 D.C. Ele afirma que os sinos eram tangidos ou sacudidos, e até fala de uma corda que era usada no tanger dos sinos. Mas foi Paulinus, bispo de Nola, em Campania, na Itália, que criou o sino similar a sua forma moderna (cerca de 400 D.C.). Em 752 D.C., o papa Estêvão III erigiu um campanário com três sinos. É possível que o nome *campanário* tenha levado Walafrido Estrabão a dizer que os sinos são de origem italiana, da região de Campania, idéia em que equivocou-se, conforme temos visto. O maior sino que existe no mundo é o «Tsar Kolokol», fundido em 1733. Esse sino tem 5,80 m de altura, 6,86 m de diâmetro e pesa 193 toneladas. Nunca foi tangido. Perdeu um pedaço de 11 toneladas, em um de seus lados, devido a um incêndio que causou sua queda. Os sinos postos à maior altura são os da torre da *Metropolitan Life Insurance*, em Nova Iorque, que podem ser ouvidos à distância recorde de quarenta e cinco quilômetros. Ver o artigo sobre *Instrumentos Musicais*. (ND S UN EB)

## CAMPANELLA, TOMASSO

Suas datas foram 1568-1639. Filósofo italiano, nascido na Calábria. Ingressou na ordem dos monges dominicanos. Foi acusado de heresia e aprisionado em 1599-1626. Na prisão, escreveu suas principais obras. Foi condenado a encarceramento perpétuo pelo tribunal da Inquisição. Todavia, foi libertado em

1629, por haver sido julgado insano. Viveu ainda por cinco anos depois disso, até que morreu, em Paris.

*Idéias*: 1. A única experiência que nos fornece informes dignos de confiança é o *sentimento* da própria existência. O conhecimento deriva-se das implicações dessa experiência. Portanto, o conhecimento consiste em *notitia innata*, noções inatas. 2. O conhecimento que tenho de mim mesmo fornece-me um meio de conhecer a Deus e ao mundo (ver sobre Descartes, que disse as mesmas coisas). Se eu conheço a mim mesmo como sabedoria, poder, amor, etc., em sentido limitado, poderei saber que Deus é tudo isso, em sentido ilimitado. 3. A existência compõe-se de uma hierarquia de realidades, que se estendem desde Deus até à matéria, passando por muitas gradações, cada qual dotada de seu próprio grau de perfeição, incluindo os valores primários de conhecimento, poder e amor. Esses seriam os primeiros princípios de todas as coisas. Infundidos em tudo isso encontra-se o amor de Deus e o desejo de conhecê-lo. 4. A cidade ideal de Dampanella (política), chamada *a Cidade do Sol*, era uma imitação da República de Platão, com sua vida comunitária; o estado controlando a eugenia e dividindo-a em classes como guardiães, filósofos e sacerdotes. 5. No campo político, ele também favorecia a supremacia do papa em questões tanto espirituais quanto temporais.

*Escritos: A Philosophy of Perception Demonstrated; City of the Sun; Philosophies of the Rational and Real.* (EP P)

## CAMPBELITAS

Um apodo dado aos **Discípulos de Cristo** (que vide). Essa designação surgiu com base em vários motivos: 1. Por ufania, pelo grupo que reverenciava os iniciadores do movimento, Thomas e Alexander Campbell. 2. Ignorantemente, pelos não Discípulos. 3. De modo pejorativo, por aqueles que se opõem às seitas, e assim identificam esse movimento como um esforço tipicamente humano, em contraste com as operações orientadoras do Espírito de Deus. (E)

## CAMPBELL, ALEXANDER

Suas datas foram 1788-1866. Foi líder de um movimento reformador que esperava poder unir os cristãos, restaurando o cristianismo primitivo. Esse movimento desenvolveu-se até tornar-se nos Discípulos de Cristo (que vide). Campbell nasceu em Antrim, na Irlanda, passou um ano na Universidade de Glasgow e, em 1809, transferiu-se para a América do Norte, onde já residia seu pai. Seu pai, Thomas Campbell (que vide), foi o primeiro a defender os princípios promovidos por Alexander. Estabeleceu-se na região que atualmente é o estado de Virgínia, e deu prosseguimento à sua obra. Publicava duas revistas, pregava e organizava. Foi membro da Convenção Constitucional de Virgínia, em 1829; fundou o Colégio Betânia, do qual foi presidente durante vinte anos, e também tinha tempo para debater e para cuidar de plantações. Suas atividades agrícolas mostraram-se tão bem-sucedidas quanto a sua pregação, e ele conseguiu reunir considerável fortuna pessoal. (E)

## CAMPBELL, JOHN McLEOD

Nasceu em 1800 e faleceu em 1872. Tornou-se conhecido por causa de sua teologia da expiação (ver sobre *Expiação*), de acordo com a qual afirmava que Cristo arrependeu-se em lugar da humanidade, e assim cumpriu as condições necessárias ao perdão dos pecados. Os sofrimentos de Cristo não teriam sido penais. Essa teoria pavimentou o caminho para o ponto de vista ético da expiação (que vide). Em 1830, seus pontos de vista foram condenados pela Assembléia Geral Presbiteriana, mas ele continuou a sua carreira em uma igreja não denominacional. (E)

## CAMPBELL, THOMAS

Suas datas foram 1763-1854. Ministro irlandês que se separou do presbiterianismo. Era de origem escocesa e migrou para a América do Norte em 1807. Estando insatisfeito com as doutrinas de sua igreja, ele organizou a Associação Cristã de Washington, Pennsylvania, e escreveu «Uma Declaração e Discurso», incorporando os princípios de seu sistema. Com base nisso, seu filho, Alexander Campbell (que vide), deu início a um movimento que se tornou nos Discípulos de Cristo (que vide). (AM E)

## CAMPINA DO JORDÃO

No hebraico, **kikkar**, «círculo». «redondo». Essa palavra era usada para descrever toda espécie de coisas, como distritos, pães e pesos. É vocábulo traduzido por campina ou vale do Jordão, em Gên. 13:10, referindo-se a uma área de formato quase oval, ao norte da bacia do mar Morto.

## CAMPO

Há diversas palavras hebraicas (aramaicas) e gregas envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Bar*, «campo aberto». Palavra aramaica usada por oito vezes: Dan. 2:38; 4:12,15,21,23,25,32.

2. *Chuts*, «lugar ao ar livre». Palavra hebraica usada por trinta vezes com esse sentido. Por exemplo: Jó 5:10; Pro. 8:26; Gên. 15:5; 19:17; Êxo. 12:56; Lev. 14:8; Deu. 23:10,12,13; 24:11; I Sam. 9:26; Eze. 34:21.

3. *Sadeh*, «campo», «lugar plano». Palavra hebraica usada por trezentas e seis vezes. Por exemplo: Gên. 2:5,19,20; 50:13; Êxo. 1:14; Lev. 14:7,53; 17:5; Núm. 16:14; Deu. 5:21; 7:22; 11:15; Jos. 8:24; Juí. 1:14; 5:4,18; Rute 2:2,3,8,9,17,22; I Sam. 4:2; 6:14,18; II Sam. 1:21; 10:8; 11:11,23; I Reis 2:26; II Reis 4:39; 7:12; I Crô. 1:46; 6:56; II Crô. 26:23; Nee. 11:25,30; Jó 5:23; Sal. 78:12,43; Pro. 23:10; Can. 2:7; Isa. 5:8; 7:3; Jer. 6:12,25; 7:20; 8:10; Eze. 7:15; 16:5,7; 17:5,24; Osé. 2:12; Joel 1:10,11,12,19,20; Miq. 1:6; 2:2,4; Zac. 10:1; Mal. 3:11.

4. *Sadai*, «lugar plano». Palavra hebraica usada por treze vezes: Deu. 32:13; Sal. 8:7; 50:11; 80:13; 96:12; 104:11; Isa. 56:9; Jer. 4:17; 18:14; Lam. 4:9; Osé. 10:4; 12:11; Joel 2:22.

5. *Shedemah*, «campo». Palavra hebraica usada por cinco vezes: Deu. 32:32; II Reis 23:4; Isa. 16:8; Hab. 3:17.

6. *Yegebim*, «campos cultivados». Palavra hebraica usada por apenas uma vez, em Jer. 39:10.

7. *Agrós*, «campo». Palavra grega que aparece por trinta e seis vezes: Mat. 6:28,30; 13:24,27,31,36,38, 44; 19:29; 22:5; 24:18,40; 27:7,8,10 (citando Zac. 11:13); Mar. 5:14; 6:36,56; 10:29,30; 11:8; 13:16; 15:21; 16:12; Luc. 8:34; 8:12; 12:28; 14:18; 15:15,25; 17:7,31,36; 28:26; Atos 4:37.

8. *Chóra*, «espaço aberto». Palavra grega que figura por vinte e oito vezes: Mat. 2:12; 4:16; 8:28; Mar. 1:5; 5:1,10; 6:55; Luc. 2:8; 3:1; 8:26; 12:16; 15:13-15; 19:12; 21:21; João 4:35; 11:54,55; Atos 8:1; 10:39; 12:20; 13:49; 16:6; 18:23; 26:20; 27:27; Tia. 5:4.

9. *Chorion*, «pequeno espaço aberto». Palavra grega usada por nove vezes: Mat. 26:36; Mar. 14:32; João 4:5; Atos 1:18,19; 4:34; 5:3,8; 28:7.

Conforme vimos acima, a palavra hebraica mais comumente usada é *sadeh*, que também pode ser traduzida por «suavidade». Geralmente está em pauta algum terreno cultivado. A própria palavra implica uma extensão de terra que não é cercada, como se dava com as cidades. Também pode indicar pastos (Gên. 29:2; 31:4; Êxo. 9:3), ou lugar arado (Gên. 37:7; 47:24). No entanto, também é palavra usada para indicar um bosque (I Sam. 24:25), o topo de um monte (Juí. 9:23), — uma área desértica (Gên. 33:19), uma vinha (Êxo. 22:5; Lev. 25:3,4), um lugar distante de casa (Gên. 4:8; 24:63) ou um campo aberto (Lev. 14:7,53; Núm. 19:16). Portanto, metaforicamente falando, o termo veio a ser associado às idéias de exposição, desolação ou deserção (Jer. 9:22; Eze. 16:5; 32:4).

Quando um campo qualquer pertencia a alguém, usualmente a posse era assinalada com uma pedra, a qual não deveria ser removida por nenhum motivo (Deu. 19:14; 27:17; Pro. 22:28). Esses campos, não sendo cercados, estavam sujeitos à invasão por parte de gado perdido (Êxo. 22:5). Isso tornava necessário o trabalho dos pastores e boiadeiros.

Nas Escrituras há menção a vários campos específicos, como o Campo das Espadas (II Sam. 2:16), o «campo do lavandeiro» (II Reis 18:17) e o «campo do oleiro» (Mat. 27:7).

*Expressões Utilizadas*. Campo fértil, em Isa. 10:18; regozijo do pomar, em Isa. 16:10, onde, no original hebraico, aparece a palavra *karmel*, usualmente associada a algum parque ou lugar bem conservado, em distinção a algum lugar desértico.

*Usos Simbólicos*. Esses usos podem ocorrer na literatura, ou então em sonhos e visões, a saber: 1. Um campo cultivado representa o trabalho ou missão de uma pessoa. 2. Um campo a ser cultivado é uma mulher que ficará grávida, ou um projeto que alguém em breve iniciará. 3. Um campo ou uma planície, é um lugar ou circunstância caracterizados pela liberdade. 4. Uma arte ou ciência, ou uma área qualquer de nosso aprendizado. 5. Campos verdejantes indicam prosperidade física e espiritual, ou já possuída, ou ainda por vir a ser possuída. 6. Um campo a ser arado representa uma tarefa a ser realizada ou uma habilidade a ser desenvolvida.

**CAMPO DE VIDA** Ver **Aura Humana (Campo de Vida)**

**CAMPO DO OLEIRO** Ver **Acéldama.**

**CAMPO UNIFICADO** Ver **Einstein**, ponto 4.

**CAMUS, ALBERT**

Suas datas foram 1913-1960. Filósofo e escritor francês, nascido na Algéria. Educou-se na Universidade de Algiers. Mudou-se para Paris, em 1940. Foi ativo na Resistência Francesa, durante a Segunda Guerra Mundial.

*Idéias*: 1. Ele argumentava contra o suicídio, afirmando que se trata de uma resposta inadequada ao absurdo da vida. Ele pensava que a resposta adequada consiste em continuar a viver, desenvolvendo a própria humanidade, apesar dos absurdos da existência. 2. O valor final da vida é a solidariedade humana, uma outra forma de AMOR (que vide). Toda e qualquer modificação política deveria ter esse alvo em mente. Ele rejeitava a destruição por amor à destruição, incluindo o suicídio e o nihilismo (que vide). Ele também considerava absurda a punição capital (que vide).

*Escritos*: *The Myth of Sisyphus; Letters to a German Friend; The Rebel; Reflections on Capital Punishment*. (E EP P)

**CANA**

No hebraico são usadas duas palavras diferentes; no grego, *kálamos*. A cana referida em Jer. 51:32 obviamente é um tipo especial, por ser a única vez em que uma daquelas duas palavras hebraicas é usada, a qual está vinculada à idéia de «poço», pois enfatiza o local onde medrava a cana. A outra palavra hebraica é usada em II Reis 18:21; Isa. 36:6 e Eze. 29:6, aludindo a uma cana ou mesmo a uma trave. Outro tanto pode ser dito sobre a palavra grega *kálamos*. Por exemplo, feriram Jesus na cabeça com uma cana (Mar. 15:19), e puseram uma esponja ensopada em vinagre, na ponta de uma cana, para chegá-la à boca do Senhor, na cruz (Mar. 15:36). O anjo também mediu a cidade com uma cana (Apo. 21:16).

A «cana gigante», *Arundo donax*, medrava no vale do Jordão e em redor do mar Morto. Crescia até a altura de 5,5 m, encimada por uma pluma branca. O caule, em sua base, podia ter um diâmetro de 8 cm. Esses caules, muito fortes, eram usados como bordões ou bengalas, o que explica a referência em Eze. 29:6 e II Reis 18:21, onde o imperador Senaqueribe alude ao Egito como bordão feito de uma cana esmagada.

Se a cana usada para levar a esponja à boca de Cristo, na cruz, era a *Arundo donax*, não importa. Há quem pense em uma cana diferente, capaz de atingir uma altura de 4,5 m e que cresce bem sem irrigação.

Nos dias da Bíblia, penas eram feitas de cana. Em III João 13 há alusão a uma pena feita de cana. Eram penas usadas para escrever sobre papiro. A tinta era fabricada com fuligem de lâmpadas e suco de fel.

Há várias outras espécies de canas e juncos na Terra Santa, cujo caule pode atingir até 3,60 m. O papiro (Cypherus papyrus) medrava no Nilo, nos alagadiços, produzindo gigantescas raízes horizontais, às vezes com 6 m de extensão. Plantas inteiras eram desenterradas, e suas raízes eram usadas para fabricar cabos de instrumentos, enquanto os caules eram usados no fabrico de sandálias, cordas, colchões e cestas. O cerne podia ser comido, cozido ou cru, ou então aproveitado para o fabrico de um tipo de papel grosseiro (ver Junco).

O fato de que o cerne do papiro podia ser comido ou transformado em papel se reflete em Eze. 3:3: «Filho do homem, dá de comer ao teu ventre, e enche as tuas entranhas deste rolo que eu te dou. Eu o comi, e na boca era doce como o mel».

A palavra «cana» é usada em conexão com o ato de medir (Eze. 40:3,5). Uma cana equivalia a seis côvados. Cada côvado tinha cerca de 46 cm. Em Eze. 40:5, cada cana media cerca de 2,75 m. O ribeiro de Caná (Jos. 16:8 e 17:9) ficava entre os territórios de Efraim e Manassés. «Caná» significa «cana» ou «possessão». Provavelmente o ribeiro era assim chamado devido a grande quantidade de cana que ali crescia, à beira do ribeiro.

**CANÁ**

O nome significa, no hebraico, «lugar de canas». Designa duas coisas diferentes:

1. Um riacho que deságua no mar Mediterrâneo, entre Cesaréia e Jope, e que servia de fronteira entre Efraim e Manassés (Jos. 16:8; 17:19). Alguns estudiosos identificam-no com o rio Aujeh; e outros, com a wadi Qana.

2. Nome de uma aldeia da porção norte do território de Aser (Jos. 19:28). Têm sido encontradas

nesse local ruínas colossais e figuras de pessoas sob a forma de estátuas, que alguns eruditos pensam ser de origem fenícia. Essa aldeia assinalava o extremo norte do território de Aser. A vila chamada atualmente Qanah marca o local, cerca de dez quilômetros a suleste de Tiro.

## CANAÃ, CANANEUS

Ver o artigo separado sobre **Fenícia**.

1. *O Nome*. Canaã refere-se ao indivíduo e seus descendentes, mencionados em Gên. 10:15-18. Os cananeus eram os habitantes da terra de Canaã, o nome mais antigo da Palestina. A palavra vem do hurriano, sendo uma evidente referência à cor vermelho-púrpura, que se refere a um bem conhecido item do comércio fenício. Ver abaixo. A partir do século XIV A.C., o nome Canaã passou a ser empregado para indicar a região onde habitavam os cananeus. Eram negociantes fenícios. Um de seus principais produtos era um corante vermelho púrpura derivado do molusco *Murex*, que havia nas costas da Palestina. Nas cartas de Amarna, a expressão «terra de Canaã» aplica-se às costas da Fenícia; os egípcios chamavam todos os sírios por esse nome. Pela época em que Israel deu início à sua conquista da Palestina, toda esta região era conhecida por terra de Canaã. Algumas referências bíblicas indicam o uso mais restrito da palavra, que significa «negociante». Ver Jó 41:6; Isa. 17:4; Osé. 12:7; Sof. 1:11 e Zac. 11:7,11.

2. *O Território*. Conforme ficou claro acima, houve uma evolução no tocante àquilo que era designado pelo nome Canaã. Em Números 34:3-12, encontramos o nome em um sentido mais lato, referindo-se à Palestina inteira, a oeste do rio Jordão. Esse território ficava localizado entre os grandes impérios antigos dos rios Tigre-Eufrates e Halis, por um lado, e do rio Nilo, por outro lado. A região formava uma espécie de ponte geográfica entre os antigos centros da civilização pagã. Os descendentes de Canaã estavam divididos em seis ou sete nações distintas, quando Israel ali entrou: os heteus, os girgaseus, os amorreus, os cananeus, os perezeus, os heveus e os jebuseus. Ver Êxo. 3:17 e Deu. 7:1. O termo geral, «cananeus», era usado para incluir todas essas nações. Além disso, havia diversas tribos cananéias que viviam nas fronteiras da Palestina, em seu lado norte, a saber, os arqueus, os sinitas, os arvaditas, os zemaritas e os hematitas (Gên. 10:17,18). Israel não entrou em contacto com essas tribos. As cartas de Amarna, do século XIV A.C., referem-se aos cananeus como um povo que ocupava todo o território sino-palestino do Egito. O papiro egípcio Anastasi IIIA, linhas 5 e 6, e IV16, linha 4, pertencente ao século XIII A.C., menciona escravos cananeus de Huru, que é a mesma coisa que a Síria-Palestina.

3. *A Civilização Cananéia*. As descobertas arqueológicas mostram que os cananeus eram bem desenvolvidos nas artes e nas ciências. Suas construções eram superiores às que Israel edificava na terra de Canaã, após tê-la conquistado. Eles destacavam-se na cerâmica, na música, em instrumentos musicais e na arquitetura, e seus artesãos e operários executaram grande parte do projeto e da construção do templo de Salomão, em Jerusalém (I Reis 7:13-51). A arqueologia tem desenterrado as fortificações cananéias, bem como seus palácios e templos, ou seus tesouros de arte trabalhados em ouro, marfim e alabastro. As descobertas feitas em Ras Shamra-Ugarite, ilustram o ponto. Todavia, a história mostra-nos que Israel entrou em contacto com os cananeus quando estes já estavam em um período de declínio. As escavações feitas na Palestina, no Líbano e na Síria têm mostrado a extensão de suas realizações. As principais cidades cananéias eram Biblos, Ugarite, Kadatu, Hamate sobre o Orontes, certos cômoros perto de Antioquia, Mari sobre o Eufrates e Alalaque. O pano de fundo cananeu dos fenícios tem sido iluminado pelas descobertas feitas em Ugarite (Ras Shamra), onde milhares de tabletes de argila secos ao sol, escritos em caracteres acadianos regulares, ou na escrita cuneiforme alfabética, têm sido encontrados. Esses tabletes têm sido decifrados, o que nos tem outorgado considerável riqueza de informações. A começar pelo ano de 1890, uma série de escavações, envolvendo Bete-Seã, Jericó, Megido, Laquis, Tell el-'Ajjul, Tell Beit Mirsim, Bete-Semes, Betel, Ai, Bete-Yerah, Hazor e Siquém, nos tem dado muito conhecimento sobre a civilização da antiga terra de Canaã. Outro tanto pode ser dito no que concerne às escavações efetuadas em Betel, Dotã, Gibeom, Hazor, Jericó, Qasileh, Siquém, Tirza e outros locais em Israel e ao longo do rio Jordão, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. Isso tem possibilitado a reconstituição da história da área inteira da Palestina, retrocedendo por mais de mil anos antes da conquista da Terra Prometida por parte de Israel.

4. *O Idioma dos Cananeus*. A língua cananéia pertencia ao grupo noroeste das línguas semitas, em distinção ao grupo nordeste, chamado acádico. Também havia o grupo sudoeste (árabe do norte) e o grupo suleste (árabe do sul). Esse idioma, no começo, era escrito com um número indeterminado de caracteres relacionados ao sistema hieroglífico do Egito. Diversas inscrições com essa forma têm sido encontradas, gravadas sobre metal ou pedra, em Biblos. Em Ras Shamra (Ugarite), era usado o alfabeto cuneiforme. Finalmente, o típico alfabeto semítico do noroeste substituiu todos os demais, tornando-se a forma de escrita padrão. As antigas formas escritas hebraica e fenícia estão intimamente relacionadas. O hebraico parece ser uma forma adaptada do dialeto cananeu. As origens do alfabeto proto-semítico continuam obscuras até agora. Ver sobre *Alfabeto*. Abraão encontrou o idioma hebraico já em uso na Palestina, ou ele o trouxe consigo para ali? Os patriarcas hebreus falavam um dialeto aramaico na Mesopotâmia, antes de entrarem na Palestina; entretanto, quando entraram na Palestina, adotaram o dialeto cananeu local, que não era idêntico à fala padrão dos cananeus. O hebraico antigo, seja como for, é bem parecido com o fenício. Após cerca de 1000 A.C., o hebraico, o moabita, o fenício e o aramaico já aparecem em inscrições como línguas distintas.

5. *A História dos Cananeus*. No terceiro milênio A.C., havia povos que falavam línguas semíticas na Síria-Palestina, conforme se vê nas evidências extraídas das inscrições encontradas pela arqueologia. Quanto a um período anterior a esse, nada se sabe. As descobertas arqueológicas têm demonstrado, com algum detalhe, a história desses povos, até cerca de mil anos antes da conquista da Palestina por Israel (cerca de 1400 A.C.). As mais antigas cidades da Palestina sobre as quais chegamos a saber algo, tinham nomes cananeus, como Megido, Bete-Seã, Bete-Yerah, Jericó. Na Síria encontramos Ugarite, Gabala, Acre ('Irquatrum), Tiro (Sur), que são nomes cananeus. Os cananeus e seus parentes próximos, os amorreus, já estavam bem estabelecidos na terra por volta de 2000 A.C., e a região foi dominada por várias cidades-estado dos cananeus e amorreus. Após o fim das invasões dos amorreus, estabeleceu-se a Idade do Bronze Médio da Palestina, que sofria influências

nortistas. Ver o artigo sobre a *Arqueologia*. As invasões dos hicsos, entretanto, perturbaram um tanto esse quadro. Após a expulsão dos hicsos, o Egito dominou a área da Síria-Palestina, em cerca de 1570-1310 A.C., e, novamente, mais tarde, em 1310-1200 A.C. Nesse período, continuaram predominando as cidades-estado. No século XIV A.C., alguns estados, como Ugarite, caíram sob o controle dos heteus, que a história secular chama de hititas. Também houve as invasões dos habiru, após o que o Egito reobteve o controle, para então perdê-lo novamente, por causa das incursões dos povos do mar, isto é, os filisteus, em cerca de 1200 A.C. A começar em cerca de 1400 A.C., Israel começou a tomar conta da região da Palestina. As terras altas foram conquistadas prontamente, mas o progresso foi lento, e nunca se completou em outras áreas. Mas na própria Palestina, os cananeus, que nunca foram extintos, foram sendo gradualmente absorvidos pela civilização israelita, ao passo que outros foram confinados às regiões costeiras, naquilo que veio a tornar-se conhecido como a Fenícia. Esses cananeus restritos (fenícios) foram se tornando, crescentemente, uma potência marítima. Ver o artigo sobre os *Fenícios*.

6. *A Religião dos Cananeus*. O Antigo Testamento informa-nos muita coisa a respeito do *Panteão* dos cananeus. A divindade principal era *El*, a quem os outros deuses precisavam consultar sobre questões importantes. Porém, *Baal*, filho de El, tornou-se mais significativo. Ver o artigo sobre BAAL. Essa palavra significa «senhor». Havia muitas manifestações locais de Baal, como deus da fertilidade, deus da tempestade, etc. Tanto Baal quanto Dagom tinham um templo em Ugarite. *Atar* era a divindade que substituía a Baal, quando este último supostamente excursionava pelo submundo dos espíritos. Atar era filho de *Aterate*, consorte de El. Havia muitas deusas, como Anate, Aserá e Astarte (ou Astarote), deusas do sexo, da fertilidade e da guerra. — Anate era uma importante deusa para a agricultura. Os deuses *Shahru* (estrela matutina) e *Yarbu* (deus-lua), bem como Resebe, deus da pestilência e da morte, também eram adorados em Canaã. Não há certeza se o deus Yahweh era conhecido ou não pelos cananeus. Milhares de tabletes de argila, guardados em uma biblioteca existente entre dois templos, datados de cerca dos séculos XV e XIV A.C., descobertos em Ras Shamra, nos fornecem abundantes informações sobre a religião dos cananeus. Havia grosseira imoralidade de mistura com a adoração prestada a várias divindades da fertilidade, e os cananeus estavam maduros para o julgamento divino. É significativo que alguns dos nomes de Deus, no hebraico, têm paralelo nos nomes dos deuses cananeus, o que mostra que havia certo contacto e troca de idéias ali, embora a religião cananéia e a religião hebréia tanto diferissem, mormente no tocante ao monoteísmo. Os deuses cananeus não se destacavam quanto à santidade.

Templos cananeus têm sido escavados na Síria e na Palestina, e significativos modelos têm sido encontrados em Laquis (que vide), Megido, Jericó, Bete-Seãe e Hazor, pertencentes a um tempo tão remoto quanto 3000 A.C., e daí até 1900 A.C. Muitos objetos relacionados à adoração pagã têm sido desenterrados, como objetos de culto, facas, tenazes, vasos de libação e ossos de animais, o que mostra que ali se praticava o sacrifício de animais.

Em Ugarite, havia um sistema complexo de religião, talvez típico também de outras localidades. Havia um sumo sacerdote e nada menos de doze famílias de sacerdotes. O rei exercia funções sacerdotais. Havia cantores, costureiros de vestimentas, escultores e outros especialistas. Novamente, vemos considerável correspondência entre isso e a religião de Israel. Pelo menos é verdade que, quanto às questões culturais, os cananeus eram superiores aos israelitas, que muito se aproveitaram da cultura cananéia. Já vimos como Salomão dependeu desse povo quanto aos planos e à construção do templo de Jerusalém. Era tarefa dos profetas impedir pesados empréstimos e corrupções provenientes dos pagãos, mas os profetas nem sempre mostraram-se bem-sucedidos em seus esforços. A confusão entre Baal e Yahweh destruiu a distintiva fé dos hebreus. Lembremo-nos do desafio lançado por Elias: «Se o Senhor é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o» (I Reis 18:21). (ALB ALBR AM LAM)

## CANAÃ, A PESSOA

O termo hebraico parece significar *pertencente à terra da púrpura-vermelha*. Canaã era filho de Cão e neto de Noé. A transgressão de seu pai, Cão, relatada em Gênesis 9:22-27, — na qual, segundo alguns pensam, Canaã esteve envolvido de alguma maneira, deu a Noé ocasião para proferir a condenação que sobreviria aos descendentes de Canaã. Porém, não há base nenhuma para a suposição de que os descendentes de Canaã foram amaldiçoados como uma conseqüência imediata da transgressão de Cão. De qualquer modo, ele foi o progenitor dos fenícios e do povo que vivia a oeste do rio Jordão, antes da conquista da região pelo povo de Israel. (Gên. 10:15; I Crô. 1:13).

## CANA AROMÁTICA

No hebraico, a palavra **qaneh** figura por sessenta e uma vezes, mas é nos trechos de Isa. 43:24 e Jer. 6:20 que parece estar em pauta a «cana aromática». Diz o trecho de Isaías 43:24: «Não me compraste por dinheiro cana aromática...» E Jer. 6:20 diz: «Para que pois, me vem o incenso de Sabá e a melhor cana aromática de terras longínquas?...» A cana nativa ou selvática encontra-se espalhada por toda a Palestina, em riachos e valados. Seu nome científico é *Saccharum biflorum*, a espécie que poderia estar em pauta nesses dois trechos. No entanto, a maior parte dos estudiosos da Bíblia sentem que a «cana aromática», na verdade, era a *Saccharum officinarum*, ou seja, a nossa comum cana-de-açúcar. O mais provável é que os antigos hebreus não fabricassem açúcar com base nessa cana; antes, ela era chupada ou usada em sua forma natural para adocicar bebidas e alimentos. Naturalmente, o mel era o adoçante mais comumente usado nos dias do Antigo Testamento.

Nas passagens de Josué 16:8 e 19:28, aparece o ribeiro de Caná, onde a cana nativa medrava com abundância. No hebraico, *qaneh* era a palavra genérica para indicar todas as plantas de tipo junco.

Alguns estudiosos têm pensado que a palavra «cálamo», em Can. 4:14, na realidade seria o «nardo» (*Nardostachys jatamansi*); mas essa opinião é extremamente improvável, porquanto a palavra «nardo» aparece no começo desse mesmo versículo, e isso seria uma redundância desnecessária. (Ver Cana).

## CANÁ DA GALILÉIA

Caná vem do termo hebraico que significa «cana». Era esse o nome de certa aldeia da Galiléia, local do primeiro milagre de Jesus, quando ele transformou

água em vinho. Ver o artigo detalhado sobre esse milagre, intitulado *Água, Transformação em Vinho*. Há menção a essa localidade somente em João 2:1-11, onde o milagre é descrito. A aldeia nunca é mencionada no Antigo Testamento; mas Josefo, *Vita*, sec. 16:64, e *Guerras* i.17,5, a mencionam.

Caná era o local do nascimento de Natanael, um dos apóstolos de Jesus. Não deve, contudo, ser identificada com a Caná de Jos. 19:28, que ficava localizada perto de Tiro. A localização de Caná da Galiléia não é certa, embora tenha sido identificada com Kefr Kenna, cerca de seis quilômetros a nordeste de Nazaré, na estrada para Tiberíades. Ali foi erigida uma igreja Ortodoxa Grega, perto da estrada, e jarras de pedra, supostamente usadas naquele milagre feito por Jesus, são ali conservadas. Uma outra igreja comemorativa foi construída pelos frades franciscanos, perto do centro da aldeia. Uma pequena capela, comemorando o local da casa de Natanael, também é exibida aos turistas.

Alguns eruditos preferem Khirbet Qana como a localização moderna do antigo sítio de Caná. Fica localizada cerca de treze quilômetros ao norte de Nazaré, à margem norte da planície chamada Sahl el-Battuf. Aparentemente, os cruzados aceitaram esse lugar como o local da antiga Caná da Galiléia. E, naturalmente, os viajantes falam sobre jarras de água que eram as jarras *originalmente* empregadas no milagre de Jesus. Eusébio, citado por Jerônimo, situa Caná no território de Aser, perto de Sidom e Tiro, o que corresponderia a Khirbet Qana, e não a Kefr Kenna. O termo Caná, «cana», é apropriado a esse lugar, visto que se encontra perto de um alagadiço. Descobertas arqueológicas pertencentes ao século I D.C., mostram que ali era um lugar de habitação desde aquele tempo. Não há como resolver a questão acerca do local original. Seja como for, além de ter sido o local onde Jesus operou seu primeiro milagre, também foi o lugar onde ele curou o filho do nobre de Cafarnaum (João 4:46-54). (AM ID Z)

## CANA DE MEDIR

No hebraico, **qaneh**, «cana». Palavra que ocorre por dezenove vezes. Por exemplo, I Reis 14:15; Isa. 19:6; 42:3; Eze. 29:6; 42:17-19. No grego *kálamos*, termo usado por doze vezes: Mat. 11:7; 12:20 (citando Isa. 42:3); 27:29,30,48; Mar. 15:19,36; Luc. 7:24; II João 13; Apo. 11:1; 21:15,16.

A cana era uma planta útil, cujo caule era usado para servir como material de construção, material de escrita e como medida. Tanto é assim que o termo hebraico envolvido também significava «medir». Idêntico uso lingüístico encontra-se nos idiomas indo-europeus bem como no babilônio e no assírio. Um outro termo grego, *kanon*, «vara», que deu em português «cânon», que significa «medida» ou «padrão», está relacionado ao termo hebraico *qaneh*.

A cana era preparada como varas de comprimentos específicos, usadas então para fazer medições, da mesma maneira que, em nossos dias, temos réguas e metros de madeira e de outros materiais. Uma vara comum de medir era aquela com cerca de três metros. Ver os trechos de Apo. 11:1 e 21:15,16, que parecem ser citações do trecho de Ezequiel 40:3, segundo a Septuaginta. Ver o artigo sobre *Linha de Medir*.

## CANADA Ver **Kanada**.

## CANAIS

Vem de uma palavra hebraica emprestada da palavra que significa o rio Nilo. Ver Êxo. 7:19, 8:4. Esta palavra mormente significa riachos, Isa. 19:6, mas também pode ter a idéia de canais artificiais. Canais foram feitos para propósitos de irrigação. Tais canais foram uma característica comum na área do Nilo, cuja água foi utilizada pela construção de canais, para transportar suas águas para as áreas ao longo do rio. A sobrevivência em Israel teria sido muito difícil sem canais artificiais.

## CANAIS DE ÁGUA

No hebraico, **rahat**, «canal». Esse vocábulo aparece por quatro vezes: Gên. 30:38,41; Êxo. 2:16 e Can. 7:5. Nas duas últimas referências, nossa versão portuguesa traduz esse vocábulo, respectivamente, por «bebedouros» e «tranças». Neste último caso, acompanha uma variante na tradução, feita em certa versão estrangeira.

## CANAL

**Há duas palavras hebraicas envolvidas, a saber:**

1. *Aphiq*, «cavidade». Palavra usada por dezesseis vezes (por exemplo:II Sam. 22:16; Sal. 18:15; Isa. 8:7).

2. *Shibboleth*, «riacho». Palavra usada por três vezes com esse sentido: Isa. 27:12; Sal. 69:2,15.

A primeira dessas palavras era usada para indicar rios, canais feitos pelos homens, sistemas de irrigação, e igualmente o leito de um rio ou do mar. (Sal. 18:15; Isa. 8:7). O trecho de Jó 40:18 tem um uso metafórico do vocábulo, referindo-se aos ossos do hipopótamo, como se fossem tubos de bronze. Jó 6:15 é passagem que alude aos ribeiros da Palestina como perigosamente instáveis. Salmos 69:2 usa esse vocábulo para indicar o ímpeto das enchentes. Em Isaías 8:7 há uma outra metáfora, que refere-se ao fato de que Israel rejeitou as águas mansas de Siloé (a saber, o reino de Davi), e assim ficou exposto à enchente destruidora do Eufrates, a saber, a Assíria. Ainda um outro uso metafórico pinta os *alicerces* do mundo desnudados pelo sopro de Deus (II Sam. 22:16; Sal. 18:15). O significado exato desses dois versículos é controvertido. Talvez haja uma alusão aos antigos conceitos equivocados de que o mundo estaria circundado pelo oceano, cujas correntes seriam guiadas por canais ocultos. Ou então a referência poderia ser ao leito do mar Vermelho, desnudado por Deus para que o povo de Israel pudesse atravessá-lo a pé enxuto. *Canal* também traduz o heb. *shibboleth* (vide), «riacho». Ver os artigos separados sobre *Giom* e *Warren*, *Canal* (*Escavação*) *de*.

## CANAL SUBTERRÂNEO

Indica um conduto subterrâneo para transportar água potável desde uma nascente até alguma cidade. Há evidências arqueológicas da existência de canais subterrâneos em Jerusalém e em Megido, do período cananeu em diante. Em Jerusalém há um túnel que começa na fonte de *Giom* (*vide*) que transportava água para o interior da cidade. Alguns eruditos pensam que o trecho de II Samuel 5:8 refere-se a um canal dessa natureza, o que é refletido em nossa versão portuguesa. Instalações similares também têm sido encontradas em Gibeom, Etã e Ibleã. É evidente que se uma cidade contasse com um suprimento de água garantido, poderia resistir mais facilmente ao inimigo, em tempos de assédio, conforme sucedeu à cidade de Samaria, que resistiu aos assírios por dois anos, em 722 A.C., ou como se deu com Jerusalém,

que resistiu aos babilônios por 1 1/2 anos (586 A.C.) Ver o artigo sobre *Warren, Canal (Escavação) de.*

**CANALIZAÇÃO** Ver **Nova Era**, pontos 3 e 4.

**CANANEU, SIMÃO, O**

Nas listas dos apóstolos, em Mateus 10:2-4 e Marcos 3:16-19, temos o nome «Simão, o cananeu». Mas Lucas 6:14-16 e Atos 1:13 dizem «Simão, o Zelote». O termo «cananeu» é uma transliteração da palavra aramaica que significa «zelote», isto é, «entusiasta», mas nada tem a ver com a palavra que é um adjetivo gentílico idêntico, «cananeu». Esse Simão foi assim chamado porque pertencia ao partido político dos zelotes, que buscavam livrar-se do domínio romano e defendiam ferozmente a teocracia de Israel. Nada sabemos sobre esse homem, através das páginas sagradas, embora as tradições preencham os espaços em branco. Ver sobre Simão e as informações gerais dadas no estudo sobre os *Apóstolos.*

**CÂNCER**

Ver sobre **Doenças e Enfermidades.**

**CANCIONÁRIO**

Uma coleção de músicas eclesiásticas para completa adoração litúrgica, incluindo material apropriado para o pastor, para o coro e para a congregação. Os cancionários clássicos originaram-se na Reforma luterana, tendo sido compilados nos séculos XVI e XVII. Os mais notáveis entre eles são o Spangenber (1545), o Lossius (1561), o Kralitz, e os Irmãos Boêmios (1576). A obra moderna mais completa é o Meckenburg, em quatro volumes (1868-1887). O termo cancionário tem sido usado de modo frouxo, como sinônimo de hinário. (E)

**CANDACE**

Nome da rainha dos etíopes, cujo tesoureiro-mor converteu-se ao cristianismo, sob a pregação do evangelista Filipe, conforme o registro de Atos 8:27. Etiópia era o reino da Núbia, no norte do Sudão. Sua capital era a cidade de Meroe. — Vários escritores clássicos referiram-se às rainhas de Meroe, dos séculos I A.C. a I D.C., que tinham o título de Candace, a saber, Estrabão XVII.1.54; Dio Cássio LIV 5:4-6; Plínio, História VI.35.186. A cidade de Meroe ficava próxima da atual cidade de Assour, cerca de trinta e dois quilômetros ao norte de Shendy. Ali há extensas ruínas, e a arqueologia tem confirmado as realizações do povo que ali habitava. Meroe era centro das artes, do comércio e da erudição entre os antigos etíopes. Mantinha contactos com a África, com o sul da Ásia e com outras regiões. As riquezas e as mercadorias da Etiópia são dadas a entender em Isaías 45:14.

A palavra «Candace» parece ter sido um título, como Faraó ou Ptolomeu, e aludia a uma série de rainhas da Etiópia. Monumentos desenterrados na Etiópia confirmam a existência de rainhas ali. Assim, temos uma grande pirâmide sepulcral perto de Assour, antiga Meroe, que retrata uma guerreira com as insígnias reais na cabeça. Ela arrasta muitos cativos, que a seguem. Essas rainhas eram conquistadoras e heroínas. A maior parte das descobertas arqueológicas sobre essas questões envolvem construções que datam de cerca de 300 A.C. até 300 D.C. Os túmulos piramidais das Candaces reinantes são os restos arquiteturais mais importantes. (ID UN)

••• ••• •••

**CANDEEIRO DE OURO** Ver sobre **Menorah.**

No trecho de Êxodo 25:31-39 encontramos as orientações recebidas pelos israelitas para a fabricação desse item da tenda da congregação. Uma base suportava uma haste. Três braços curvados para cima, partiam dessa haste central; esses braços terminavam em seis receptáculos, em cada um dos quais havia uma lamparina; somando-se à lamparina no alto da haste central, havia um total de sete lamparinas. O ouro foi o material usado para a construção do candeeiro. A haste central e os braços eram decorados com desenhos em alto relevo de florescências de amendoeira. As espevitadeiras para as lamparinas também eram feitas de ouro. O trecho de Êxodo 37:17-24 adiciona uma segunda instrução concernente a essa questão, para garantir a perfeição da execução da obra. O candeeiro de ouro foi posto no Lugar Santo do tabernáculo (que vide), do outro lado da mesa dos pães da proposição. Quando o templo de Jerusalém (que vide), construído por Salomão, ficou pronto, para o mesmo foram preparados dez candeeiros de ouro, de acordo com as maiores dimensões dessa estrutura permanente. Mas, no segundo templo de Jerusalém, por razões desconhecidas, havia apenas um candeeiro. Antíoco Epifânio removeu esse candeeiro de seu lugar. Quando Judas Macabeu restaurou a adoração no templo, um novo candeeiro foi provido para o mesmo. Aparentemente, o mesmo formato de candeeiro havia no templo construído por Herodes.

*Simbolismo do Candeeiro de Ouro.* O trecho de Apocalipse 1:12-20 exibe uma aplicação direta, ao chamar as sete igrejas de sete candeeiros. Naturalmente, em sentido primário, Cristo é o candeeiro, pois ele é a luz do mundo. E o número sete indica a perfeição de seu ofício de iluminador. Ver João 1:9. O material de que o candeeiro foi feito, o ouro, representa a preciosidade da estrutura da Igreja, bem como a divindade de Cristo (que vide). O azeite, que queimava no candeeiro, representa o Espírito Santo e seu ministério iluminador. É o Espírito Santo que nos conduz a toda a verdade (João 16:13). (NTI Z)

**CANDELÁRIA**

Trata-se da festa religiosa da apresentação de Cristo ao templo de Jerusalém, historiada em Luc. 2:22. Na Igreja Ocidental é conhecida como Purificação da Bendita Virgem, e, na Igreja do Oriente, como Encontro com Simeão e Ana. A festa é celebrada desde o imperador Justiniano a 2 de fevereiro. Em Roma, a data coincide com as procissões penitenciais (que vide), derivadas das Amburales do paganismo, quando os oficiantes levavam luzes. Esse costume, e a referência, no cântico de Simeão, fizeram ser esse o dia da bênção das velas, com uma procissão em que os participantes levam velas acesas, o que explica o nome dessa festa. (E)

**CÂNEGOS (CÔNEGOS)**

Os cônegos são clérigos que ocupam posição intermediária (*a quid medium*) entre os monges e o clero secular. O trabalho deles não se assemelha nem às atividades da vida monástica e nem às atividades dos padres paroquianos; mas apenas têm o direito de celebrar os mistérios sagrados. Eles afirmam que se originaram com Agostinho. Desde o século VIII D.C., o título feminino canonisas tem sido dado a mulheres que professam uma vida em comum, embora sem seguirem a regra de Agostinho. O trabalho deles é

mais de vida contemplativa, e eles dedicam-se aos cuidados aos enfermos e à educação de crianças. (E)

## CÂNFORA

No hebraico, **kopher**, palavra que só aparece por duas vezes: Can. 1:4 e 4:13. O termo vem do malaio, *kapur*; sendo a hena ou *Lawsonia inermis*, largamente cultivada na Terra Santa. A cânfora é extraída de suas flores de cor creme, que dão em cachos. A planta cresce até 3 m de altura, tem folhas parecidas com as da espécie *Ligustrum vulgare*, da Europa, e massas de flores muito fragrantes, brancas e amareladas. Alguns estudiosos supõem que essas flores eram usadas na antiguidade em banhos de sais. As folhas da hena eram ressecadas e pulverizadas; e uma pasta era feita desse pó. A pasta era usada para pintar as unhas das mãos e dos pés, ou mesmo as solas dos pés e as palmas das mãos. Os homens punham o pó em suas barbas, e também nas caudas dos cavalos. No Egito, a substância era usada como um cosmético de sombrear, e as mulheres de Israel imitavam esse costume. Os trechos de Cantares 1:14 e 4:13 celebram a beleza e a atração física, dizendo: «Como um racimo de flores de hena, nas vinhas de En-Gedi, é para mim o meu amado». «Os teus renovos são um pomar de romãs, com frutos excelentes: a hena e o nardo...» (G HA I)

## CANHESTRO

As pessoas canhestras, que o vulgo chama de «canhotas» possuem a mão, o braço e o ombro esquerdos mais fortes e habilidosos que os direitos. Essa palavra é usada apenas por duas vezes na Bíblia, em ambos os casos acerca dos guerreiros da tribo de Benjamim. No hebraico é usada uma expressão, *itter yad yamim*, «amarrado da mão direita». Ver Juí. 3:15 e 20:16. Eúde, filho de Gera, era canhestro. Matou o rei de Moabe e assim libertou Israel dos moabitas. Nessa última referência encontramos a informação de que dentre os vinte e seis mil benjamitas preparados para a guerra, setecentos eram canhestros, dotados de incrível pontaria com a funda.

## CANIBALISMO

O canibalismo consiste em homens ingerirem a carne de outros homens. Essa prática parece ter sido quase universal nos primeiros estágios da cultura humana. O mais provável é que a fome tenha sido o motivo primário. As limitações começaram quando as leis tribais naturais contra o ato de matar um membro da tribo, foram ampliadas para que não se ingerisse a carne de alguém que tivesse morrido por qualquer causa. Porém, a antiga crença de que os poderes e virtudes de outrem podiam ser adquiridos mediante o ato de comer o corpo dessa outra pessoa, era suficientemente forte para que a prática do canibalismo nunca tivesse sido totalmente abandonada, em todos os séculos. Além disso, comer da carne de um inimigo satisfazia o desejo sádico de humilhá-lo no mais alto grau. Algumas vezes, nos sacrifícios humanos, era considerado benéfico comer a carne da pessoa sacrificada, como uma maneira de manter comunhão com a divindade a quem o sacrifício estava sendo oferecido. Além disso, há a considerar as horrendas práticas dos adivinhos, os quais, como parte de suas qualificações, eram forçados a comer a carne de cadáveres em estado de decomposição. Os poderes de fertilidade e a comunicação com os demônios também faziam parte da prática do canibalismo. Além disso, um suposto homem santo às vezes demonstrava o seu desprezo ao mundo e aos seus valores, consumindo a carne de algum corpo humano. O canibalismo continuava sendo uma prática generalizada, quando as modernas missões cristãs de evangelização chegaram a países primitivos. Os missionários cristãos têm encontrado diversas razões como justificativa do canibalismo, conforme se vê acima. Missões cristãs e governos têm reduzido grandemente essa horrível prática, mas, vez por outra, ouve-se a respeito de reiterações da prática, mesmo em nossos dias. Quem sabe o que se sucede em lugares primitivos, onde não há estranhos contemplando a cena? Ainda recentemente, Idi Amim, um déspota africano, vangloriou-se de comer a carne de seus adversários políticos! (E H)

## CANÍSIO, PEDRO

Suas datas foram 1521-1597. Foi um jesuíta holandês, líder da Contra-Reforma na Alemanha. Sendo amigo de bispos e príncipes, ele exerceu grande influência na vitalização das universidades católicas alemãs, tendo fundado uma dúzia de instituições jesuítas que, durante séculos, continuaram centros culturais. Em adição a isso, ele foi infatigável pregador e escritor. Seu catecismo tornou-se o catecismo católico padrão da Alemanha. (AM E)

## CANIVETE

No hebraico, as palavras **taar sopher**, «faca de escrivão», aparecem somente em Jer. 36:23. Nossa versão portuguesa, juntamente com outras, diz ali «canivete». Está em foco uma faca usada para aguçar as penas feitas de cana, ou para cortar rolos de papiro.

## CÂNON

Palavra latina que significa «linha de medir», «regra», «modelo». O termo latino deriva-se do grego *kanon*, «regra», ou «vara».

1. O termo é usado frouxamente para indicar qualquer regra ou padrão.

2. Uma lista das obras de um autor qualquer, consideradas genuínas, como o cânon de Shakespeare, no pressuposto de que nem todas as obras a ele atribuídas são, realmente, de sua autoria.

3. Uma relação oficial da Igreja, contendo os nomes de santos reconhecidos ou de membros de algum de seus capítulos.

4. Uma regra de fé ou de disciplina, especialmente se houver sido expedida por algum concílio eclesiástico (dentro da Igreja Católica Romana), e ratificada pelo papa.

5. Aquela porção da missa católica romana entre o Sanctus e a oração do Padre Nosso. Consiste em um prefácio e em uma oração de ação de graças, e então vem a oração eucarística ou de consagração.

6. Na música, uma composição que tenha vozes ou partes, de acordo com a que cada voz ou parte, em sucessão, entoa a mesma melodia (chamada tema).

7. *Lei Canônica*. De conformidade com as definições mais básicas, a *lei canônica* consiste, simplesmente, no conjunto de regras da antiga Igreja, com o intuito de controlar a conduta e a fé das pessoas, além de regras disciplinares para os ministros. A princípio, essas regras consistiam em pronunciamentos *ad hoc*, feitas pelos líderes e concílios da Igreja antiga, a maioria com base em

proposições bíblicas. Particularmente importantes, foram aquelas leis que vieram de grandes centros cristãos, como os cânones adotados em Nicéia, em 325 D.C. Essas leis acumularam-se, tendo-se tornado necessário que houvesse um processo de seleção e codificação. A padronização teve lugar, no Ocidente, sob a liderança de Carlos Magno. Graciano foi o homem que levou o processo a seu ponto culminante virtual, dentro da comunhão romana, com seu famoso *Decretum*, de 1140 D.C., que se tornou o alicerce do moderno *Corpus iuris canonici*. Esse conjunto de leis tornou-se a mais autoritária lei da Igreja Católica Romana, envolvendo a autoridade das Escrituras, dos concílios e dos papas. Essas leis precisam ser distinguidas dos decretos dos bispos, das concordatas entre a Igreja e os governos seculares, e das leis eclesiásticas, as quais repousam sobre os costumes. Tais leis são consideradas divinamente conferidas, pelo que são consideradas obrigatórias e imutáveis. Todavia, não há razões para que não se façam acréscimos, conforme a necessidade surgir, visto que para tanto há a autoridade dos papas e dos concílios. O corpo das leis canônicas foi publicado em 1582, por Gregório XIII, com o nome de *Corpus Iuris Canonici*. Uma nova codificação, conhecida como *Codex Iuris Canonici*, foi promulgada sob o papa Benedito XV, em 1917. As leis canônicas cobrem quatro áreas principais, a saber: 1. Área pessoal, que trata de leis dirigidas a indivíduos, incluindo aquelas que dizem respeito ao clero. 2. Área *material*, que são leis que dizem respeito aos sacramentos, à liturgia, etc. 3. Área judicial, que são leis que dizem respeito ao casamento, etc. 4. Área penal. O código inteiro incorpora leis divinas, com base nas Escrituras, embora também seja um documento eclesiástico, que reúne as tradições e leis da Igreja. Trata-se de uma tentativa de codificar as regras da vida cristã, de doutrinas práticas e da disciplina.

As igrejas protestantes, naturalmente, repelem essa legislação, embora algumas delas contem com legislações similares, visto que a tendência das denominações é codificar suas crenças e práticas.

8. Os cânones do Antigo e do Novo Testamento. Esses incluem os livros considerados divinamente inspirados e autoritários para a fé e a prática dos cristãos. O cânon judaico ou hebreu consiste na Lei, Profetas e Escritos—um total de trinta e nove livros. O cânon do Novo Testamento consiste em vinte e sete livros. Certos segmentos da Igreja também aceitam os livros apócrifos do Antigo Testamento, que consistem em outros doze livros, os quais foram incluídos na versão Septuaginta do Antigo Testamento (que vide). Quanto a essas questões, ver os dois artigos separados: *Cânon do Antigo Testamento* e *Cânon do Novo Testamento*. (AM B E H P)

## CÂNON BUDISTA

Esse cânon, chamado **Tripitaka** (no sânscrito) ou *Tipitaka* (no pali), termos esses que significam «três cestos», consiste no seguinte: 1. Os *Sutras* (no pali, *sutta*) ou *discursos* de Buda; 2. as *Vinaya* (pali e sânscrito), ou *regras*; e 3. as *Sastras* (em pali, Abhidharma) ou *tratados*. A versão pali é aceita pelo segmento Hinayana do *budismo*. Ver o artigo sobre o *Budismo*. A versão sânscrita encerra algumas consideráveis diferenças, quando comparadas à versão pali. Essa versão é seguida pelo grupo Mahayana, tendo sido traduzida para o chinês, o tibetano, o mongol e o manchu. A edição mais completa é a *Tripitaka*, em chinês. Consiste em 13.250 *chuans* (porções), em cem volumes de cerca de mil páginas cada. O cânon tibetano adiciona algumas obras tântricas, em sete partes, em um total de cento e três volumes. Há comentários sobre as obras canônicas, comentários esses chamados *Tanjur*, totalizando duzentos e cinqüenta volumes, o que dá um total de 5.102 *chuans*. Essa foi a versão traduzida para o mongol. Somente uma pequena porção desse material tem sido traduzida para as línguas ocidentais, pelo que o nosso conhecimento sobre o budismo vem, principalmente, das obras e discursos a respeito e não de alguma leitura direta de documentos sagrados do budismo. (E)

## CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO

1. Um Processo Histórico
2. O Salto da Fé
3. Buscando uma Posição Intermediária
4. Breve Declaração do Processo Histórico do Cânon do Antigo Testamento
5. Os Livros Disputados. Evidências Colhidas nos Catálogos Cristãos
6. Os Livros Apócrifos
7. O Cânon do Antigo no Novo Testamento
8. Os Livros Apócrifos e os Cristãos Primitivos
9. Citações dos Livros Apócrifos do Antigo Testamento pelos Primeiros Pais da Igreja
10. Os Pseudepígrafos.
11. Cronologia de Literatura
12. Catálogos Cristãos dos Livros do Antigo Testamento: **Livros Disputados**

Bibliografia

### 1. Um Processo Histórico

Como estudante diplomado do Novo Testamento, fiz um curso de um trimestre, na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos da América do Norte, limitado ao cânon do Novo Testamento. Fiquei impressionado diante do fato de que o processo de canonização, de qualquer coleção de Livros Sagrados, é um processo histórico que precisa de séculos para ser completado. As evidências em favor disso são esmagadoras e irrefutáveis. Contudo, podemos assumir vários pontos de vista sobre a *natureza* desse processo.

Alguns liberais supõem que a canonização é apenas uma atividade humana, e que o resultado é apenas uma espécie de seleção de livros religiosos. O extremo oposto dessa suposição é a posição dos estudiosos extremamente conservadores, os quais pensam que esse processo histórico foi tão perfeito e exatamente guiado e inspirado pelo Espírito Santo que os livros que, finalmente, foram canonizados, foram precisamente aqueles que o Espírito de Deus queria que fizessem parte do cânon, e que os livros rejeitados foram repelidos não somente pelos homens, mas também pelo Espírito Santo. Em outras palavras, estes últimos não admitem qualquer possibilidade de erro ou de inferioridade na seleção. Entre essas duas opiniões extremas, temos a posição dos muitos eruditos conservadores que supõem que o processo de canonização foi divinamente guiado, embora também tenha havido o concurso decisivo do elemento humano. Para exemplificar, temos o caso da inclusão da epístola de Tiago, um livro especificamente escrito com o propósito de atacar a idéia paulina da justificação pela fé, refletindo, historicamente, o *legalismo cristão* (que vide). Que esse legalismo foi uma realidade, vê-se obviamente no décimo quinto capítulo do livro de Atos. Diversos dos pais da Igreja e dos reformadores protestantes rejeitaram a epístola de Tiago, julgando que a mesma não merecia lugar no cânon neotestamentário, exatamente por essa razão.

Alguns também rejeitaram a epístola de Judas, por citar uma obra pseudepígrafa do Antigo Testamento (ver Judas 14, e o comentário no NTI, nesse versículo). Houve oito livros disputados que só foram aceitos no cânon já no século IV D.C.; mas, em algumas porções da Igreja, nem mesmo então. Precisamos reconhecer esses fatos, percebendo que o processo de canonização envolveu grandemente a história e as opiniões humanas sobre o valor dos livros. O Espírito Santo não impulsionou os corações dos homens, de modo a *concordarem completamente*, e *desde o início*, sobre quais livros deveriam ser incluídos no cânon do Novo Testamento. No caso do Antigo Testamento, devemos considerar o problema inteiro dos livros apócrifos, os quais, a começar pelos judeus da dispersão, foram aceitos ou rejeitados, dependendo, essencialmente, apenas de questões geográficas. Essa disputa prolongou-se até aos dias neotestamentários, tendo sido resolvido somente na **época da Reforma Protestante** (embora de diferentes maneiras). O Espírito Santo nunca reuniu os homens a fim de informá-los acerca do que deveriam fazer com os livros apócrifos. Homens tomaram decisões racionais a respeito deles, e diferentes segmentos da Igreja chegaram a diferentes decisões. Que os livros apócrifos revestem-se de grande valor, especialmente do ponto de vista histórico, é inegável. Mas, seriam suficientemente valiosos e dignos de serem incluídos no cânon? Os católicos romanos dizem «sim»; os protestantes dizem «não»; e os anglicanos hesitaram, antes de chegarem a qualquer decisão.

**2. O Salto da Fé**

**Os livros apócrifos devem ser incluídos no cânon do** Antigo Testamento? Indagações como essa não podem ser decididas apenas sobre bases dogmáticas, porquanto, com base em considerações dogmáticas já há preferências doutrinárias a serem levadas em conta. Ninguém pode dizer: «Este ou aquele livro é canônico, pois concorda com minha interpretação de quais doutrinas deveriam ser ensinadas». Se alguém fizer isso, já estará partindo de um pressuposto. Em outras palavras, já sabe de antemão onde quer chegar, dirigindo seus argumentos para esse ponto, desrespeitando qualquer argumentação em contrário. Por isso, o que alguém disser sobre o cânon, terá de depender, *parcialmente*, de um *salto de fé*. Os estudiosos extremamente conservadores dão seu salto de fé na dependência de sua *convicção* de que não pode ter havido erro ou inferioridade envolvidos na seleção canônica final. Esses acreditam que o resultado final do processo foi predestinado de modo absoluto, desde o começo, apesar do fato de que foram necessários séculos para que esse resultado fosse obtido. Por sua vez, os intérpretes liberais em extremo partem, em seu salto de fé, da idéia que o Espírito (se é que o Espírito existe, conforme eles pensam) não estava interessado em tal resultado, e que foram *homens*, usando todo o bom senso de que eram capazes, que fizeram uma seleção razoável de material, provendo-nos uma visão respeitável das origens judaico-cristãs de nossas crenças. Não obstante, esses extremamente liberais lamentam o que pode ter sido deixado de lado, pensando que o material rejeitado poderia fornecer-nos também uma compreensão útil sobre essas questões. Então os extremamente conservadores voltam à carga, injetando em seu princípio de canonização a noção de que os livros, tão exatamente selecionados, não podem envolver qualquer erro, sendo absolutamente autoritários, ou mesmo autoridades absolutas, conforme dizem alguns deles. Mas os extremamente liberais pensam que isso não passa de uma racionalização dogmática, partindo do pressuposto que a seleção feita, apesar de útil, tem seus pontos positivos e negativos, suas verdades e erros, e que, em nenhum sentido pode ser considerada absoluta ou exclusivamente autoritária..

Prezados leitores, sou forçado a dizer essas coisas. Em parte alguma das *próprias Escrituras* encontramos qualquer declaração acerca de qualquer seleção canônica final. Os próprios autores sagrados não tinham consciência de que os livros que estavam produzindo algum dia seriam parte de uma coletânea reverenciada como sagrada e canônica. Isso não significa que eles não tinham consciência da inspiração divina de suas obras. Mas isso já é coisa bem diferente da formação de uma coleção de *livros* divinamente inspirados. Somente o autor do Apocalipse, em todo o Novo Testamento, antecipou uma espécie de uso canônico de seu livro (ver Apo. 22:18,19). Mas, ironicamente, foi exatamente esse o livro que exigiu mais tempo para ser aprovado como canônico pela Igreja universal. É uma interpretação descabida aquela que faz o trecho de Apocalipse 22:18,19 aplicar-se à inteireza do Novo Testamento, e não somente àquele *livro profético*, pois trata-se de uma referência específica ao próprio livro de Apocalipse, e não à coletânea inteira que, quando essa declaração joanina foi escrita, nem existia ainda. Portanto, voltamos a dizer que qualquer afirmação a respeito da natureza do cânon é um *dogma* humano, e não uma afirmação feita pela própria Bíblia Sagrada. No entanto, os homens fazem de seus dogmas uma parte necessária da ortodoxia, procurando assustar aos que consideram-se hereges, por não concordarem com eles, acusando-os de manipularem a Palavra de Deus. Naturalmente, o ponto de vista dos liberais *também* constitui o seu dogma, havendo certos fatores da verdade que eles perdem de vista, em seu salto de fé.

**3. Buscando uma Posição Intermediária**

Usualmente, a verdade sobre as questões debatidas jaz em algum ponto entre suas interpretações exageradas. Não afirmo que isso sempre ocorre, mas tal princípio com freqüência funciona, exigindo de nós a devida atenção. Portanto, quero aplicá-lo aqui:

**a. Contra os liberais extremados.** Quero salientar que o curso do liberalismo está calcado sobre o *ceticismo* (que vide). Quem é liberal aborda todos os problemas com certa falta de fé. Também sente-se muito insatisfeito com os muitos dogmas que estão mesclados a tantas questões religiosas, e anela por desdogmatizar as coisas. Ele se sente como um cruzado. Mas, idêntico sentimento é compartilhado pelos extremamente conservadores. Assim, há um inevitável choque de radicais. O extremamente liberal observa que o processo de canonização precisou de séculos para completar-se; percebe como vários livros foram disputados; nota como vários segmentos da Igreja chegaram a conclusões diferentes; toma consciência de que algum *bom* material não chegou a fazer parte do cânon; e também sabe que certas obras de Paulo se perderam, e que ele supõe que eram tão boas como aquelas que foram preservadas; e, finalmente, especula que, provavelmente, havia muitos livros úteis, nos dias do Novo Testamento, que deveriam ter sido incluídos no cânon. Ele pode usar o prólogo do evangelho de Lucas, baseando-se num argumento em prol de suas suposições e usando esse prólogo como texto de prova. Ele reúne todos esses fatores e conclui que o que sucedeu foi apenas um processo humano de seleção, e que se o fator divino estivesse envolvido na questão, não teria havido tanta contorção. Como um toque final, o extremamente

liberal salienta que certos livros que finalmente entraram no cânon (como a epístola de Tiago), deixaram insatisfeitos alguns dos estudiosos mais conservadores (como Lutero). Sua fórmula está preparada. Segundo ele, o *cânon* foi produzido pela atividade humana, e a própria natureza dessa atividade obtém sucessos e sofre derrotas. Isso não significa que ele não veja valor naquilo que foi produzido. Ali há grandiosas idéias; ali há espiritualidade e instrução; ali há contribuições valiosas à literatura e à história. Deus talvez se mova em meio a tudo aquilo, e isso contribui para o bem. Mas, a última coisa que o extremamente liberal quer ser é culpado de *bibliolatria* (que vide).

**Minha Avaliação.** Penso que os estudiosos extremamente liberais, apesar de toda a boa intenção que possam ter, nos oferecem pouco demais. O que eles oferecem não é bastante para mim. Em *primeiro lugar*, quero destacar que podemos criar um bom argumento sobre como a vontade de Deus opera no e *através do processo histórico*. Que um processo qualquer precise de muito tempo em nada detrata da orientação divina, dentro desse processo. De fato, a própria inquirição espiritual está intimamente envolvida no processo histórico, sem importar se da Igreja, como uma organização (com base, desde o começo, na evolução espiritual judaica), ou se de indivíduos isolados. Todas as coisas de valor precisam de tempo para concretizar-se. Em *segundo lugar*, no tocante aos valores espirituais, não precisamos de perfeição. É como alguém já disse: «Não se joga fora o bebê, juntamente com a água de seu banho». Os liberais, em seu intuito de desdogmatizar as coisas, podem jogar fora o bebê espiritual, juntamente com a água das manipulações humanas. Eles podem aplicar um exagerado ceticismo, deixando-nos ao léu, naquele mar onde o Espírito de Deus não se move. E esse mar é totalmente estéril. Em *terceiro lugar*, é razoável supormos que visto que a literatura é a maneira mais eficaz de comunicação, Deus, ao querer comunicar-se com os homens, poderia ter usado esse método, entre outros. Penso que isso não é esperar demais. De fato, temos essa coleção de trinta e nove livros do Antigo Testamento e vinte e sete livros do Novo Testamento. E, se alguns segmentos da Igreja querem um maior número de livros, que os obtenham. Neles, poderão buscar a comunicação divina; não havendo necessidade de serem livros perfeitos, hermeticamente selados, para transmitirem esse recado. Em *quarto lugar*, o fato de que outras sociedades têm suas coletâneas sagradas, nada diz contra a coletânea judaico-cristã. Por enquanto, que outros decidam quanto ao valor que nelas encontram, porque, agora, estamos preocupados somente com o cânon da Bíblia Sagrada.

b. **Contra os conservadores extremados.** — Em *primeiro lugar*, eles ignoram o elemento humano que, inevitavelmente, deve atuar sobre a formação de qualquer coletânea de livros sagrados. Em *segundo lugar*, sempre precisam aplicar sua fé de modo que *não pode* haver qualquer erro, quer na coletânea como um todo, quer em qualquer livro isolado dessa coletânea. Tudo isso faz parte de seu salto de fé, tornando-se um dogma duro como o diamante. É um dogma, porque as Escrituras não contêm tal ensino. Em *terceiro lugar*, mediante um raciocínio *a priori*, eles ignoram quaisquer problemas que encontrem no caminho, porquanto partem de um pressuposto. Em *quarto lugar*, eles equiparam o que chamam de ortodoxia à verdade. Mas as duas coisas nem sempre são a mesma coisa. Ademais, eles preferem sua ortodoxia particular à verdade, mesmo quando as evidências lhes são esmagadoramente contrárias. Isso é brincar com a verdade, e não inquirir pela mesma. Em *quinto lugar*, eles demonstram grande dose de imaturidade em sua maneira de pensar, porquanto não podem tratar das questões espirituais exceto com base em livros presumivelmente perfeitos em todos os aspectos. Lamento ter de usar aqui uma antiga ilustração liberal, mas é que nela há uma certa verdade. Os extremamente conservadores defendem uma teoria que se assemelha a um balão. Se alguém perfurar o balão em qualquer lugar, todo o ar ali contido escapará inevitavelmente. A *verdade*, porém, não se assemelha a um balão, que qualquer indivíduo ou sistema possa perfurar. A verdade nunca sofre coisas desse jaez. Em *sexto lugar*, embora professando-se reverenciadores do Livro Sacro, eles criam um dogma a respeito do mesmo que chega a ter aspectos irracionais. Finalmente, tal como o ceticismo é a maldição do liberalismo, assim também o *espírito contencioso* é a maldição do conservatismo extremado. Este promove campanhas em favor de dogmas sobre as Escrituras, de uma maneira quase belicosa, utilizando-se da palavra «herege» de modo ridículo e contra quem não a merece.

c. **O Meio-Termo.** — Até esse ponto de minha exposição, tenho falado sobre as filosofias que circundam o problema do cânon. Tendo dito o que penso que deve ser dito sobre isso, abordarei o aspecto histórico do processo. Primeiro a filosofia e depois a história. Portanto, quais bases filosóficas sãs devemos utilizar em nosso estudo sobre o cânon? Alisto algumas bases filosóficas óbvias: 1. De modo geral, evitemos os dois extremos que acabamos de discutir. 2. Tenhamos a confiança de que Deus falou através da literatura, e que os nossos Antigo e Novo Testamentos representam essa comunicação. 3. Não façamos uma parte necessária da nossa fé que o cânon tem de incluir exatamente aqueles livros que possuímos na Bíblia, e que não pode incluir outros. Estou convicto de que a epístola a Tiago foi escrita para combater idéias de Paulo; mas ali há coisas boas que precisam ser ditas. Tenho ensinado sobre a epístola de Tiago, versículo após versículo, mas nunca deixei de ressaltar que existem considerações históricas que deveriam ser levadas em conta. O judaísmo antigo não desistiu facilmente de seu sistema de mérito através das obras, e essa idéia penetrou no cristianismo primitivo, conforme se vê em Atos 15, e conforme a história eclesiástica subseqüente demonstra amplamente. Portanto, ensino a epístola de Tiago com essas qualificações, e não preciso encontrar uma perfeita harmonia entre todos os livros da Bíblia, para encontrar neles coisas boas e úteis. Se eu tivesse de escolher entre Tiago e Efésios, este último livro ganharia quilômetros à frente. Não é mister contemplarmos o Novo Testamento como se cada um de seus livros tivesse igual valor: há livros mais profundos do que outros. 4. É de bom alvitre respeitar o que os pais da Igreja e os concílios antigos disseram sobre o cânon das Escrituras. O que eles fizeram produziu um bom resultado. No entanto, eles poderiam ter chegado a outras decisões, resultando em um Novo Testamento levemente diferente, sem que isso prejudicasse em nada qualquer questão de fé e práticas cristãs. 5. Acima de tudo, respeitemos a autoridade das Escrituras, mas não dogmatizemos a questão da autoridade (que vide), afirmando que não existem outras autoridades que também deveriam influenciar naquilo em que cremos e praticamos. 6. Finalmente, em todas as coisas, apliquemos a lei do amor naquilo que dizemos e naquilo que fazemos. Palavras ásperas originam-se no ódio; e é um erro ferir a outrem em defesa de pontos de vista teológicos.

**4. Breve Declaração do Processo Histórico do Cânon do Antigo Testamento**

a. *A Lei.* A piedade judaica supunha que Moisés era autor dos livros da lei, com a exceção única de algumas poucas passagens; e também julgava que, desde o começo, seus escritos foram respeitados como comunicações divinas. Isso nos daria uma data bem remota para a canonização da lei, isto é, cerca de 1500 A.C. Os eruditos liberais pensam que não houve qualquer processo real de canonização senão quando foi reencontrado — o Livro de Deuteronômio — no templo de Jerusalém, que aconteceu durante a reforma encabeçada por Josias, em 621 A.C. Esse livro ter-se-ia tornado o texto base das reformas, e, subseqüentemente, o núcleo da lei judaica, de Gênesis a Deuteronômio, que atingiu seu total desenvolvimento no começo do século IV A.C. Foi por essa altura que essa coletânea foi considerada a plena expressão da vontade divina. Quando examinamos os livros do Pentateuco, no tocante à sua autoria, observamos que o livro de Gênesis, que aborda ocorrências anteriores a Moisés, não traz qualquer informação sobre seu autor. Mas os incidentes historiados em Gênesis exibem um conhecimento de causa muito grande, devendo estar baseado em documentos escritos e cuidadosamente preparados. Portanto, embora esse livro possa ter sido escrito por Moisés, pode ter sido muito mais uma compilação de obras escritas anteriormente. Os demais livros do Pent. também não mostram qualquer indicação quanto ao seu autor, mas a principal personagem e autoridade é Moisés. Por mais de setenta e cinco vezes, somente no livro de Êxodo, é dito que «disse o Senhor a Moisés», o que mostra a consciência de que esses documentos estão alicerçados sobre a vontade revelada de Deus, sem importar quem tenha registrado em forma escrita as suas palavras. Além disso, foi Deus quem revelou essa vontade a Moisés. E o mesmo modo de expressão prossegue nos demais livros do Pentateuco. Poderíamos perguntar, com toda a razão, se foi Moisés quem escreveu diretamente esses livros, por qual motivo não se lê ali: «disse-me o Senhor»,—em vez de «disse o Senhor a Moisés»? Certamente os profetas escreveram na primeira pessoa do singular. Não obstante, duas coisas devem ser ditas por esta altura: 1. A *canonicidade* não depende do autor envolvido; depende de quão digno de confiança é o registro e o propósito espirituais. 2. Mesmo que Moisés não tenha escrito esses livros, na forma como eles se acham, eles se parecem com narrativas de alguma testemunha ocular da vida e da época de Moisés. Se esses livros refletem uma revelação espiritual genuína, sobre os tempos de Moisés, é totalmente imaterial se Moisés agiu como autor, compilador ou recebedor da mensagem, ou se isso foi feito por algum outro autor. A questão da autoria, com os devidos detalhes, é abordada nos artigos sobre cada livro em particular; é ali que o leitor poderá encontrar os argumentos acerca da questão.

**O resto do Antigo Testamento**, bem como o Novo Testamento, consideram que o Pentateuco teve Moisés como autor. Moisés é mencionado por cinqüenta e seis vezes no livro de Josué, e sua lei escrita é ali referida por quatro vezes, segundo se vê em Jos. 1:7; 8:31,32 e 23:6. Essas alusões quase certamente garantem que o próprio Moisés escreveu ao menos o núcleo do que se encontra no Pentateuco, e que, pelo menos, ele foi o compilador de certas porções, e escritor original de outras porções. Expressões similares encontram-se em Juí. 3:4; I Reis 2:3; 8:9; II Reis 18:6. Naturalmente, em livros posteriores, como os de Crônicas, Esdras e Neemias, é simplesmente declarado que Moisés escreveu a lei. Ver Nee. 9:14; Esd. 7:6,14, etc. O trecho de João 5:46 registra que Jesus meramente declarou que Moisés escreveu a Seu respeito, e isso reflete a comum tradição, da época de Jesus, de que Moisés foi o autor do Pentateuco. Ver abaixo as referências neotestamentárias sobre essa questão.

A questão da autoria mosaica do Pentateuco é importante por ter sido ele uma grande e bem reconhecida figura espiritual, pelo que, o que ele escreveu, deve ser respeitado como divinamente inspirado. É nesse ponto que encontramos a primeira comprovação de canonicidade. Porém, essa verdade em nada se alteraria, ainda que alguma outra pessoa ou pessoas tivessem escrito o material, incorporando as experiências e revelações feitas a Moisés.

b. *Os Profetas, os Anteriores e os Posteriores.* As evidências históricas demonstram que os profetas anteriores, como Josué, Juízes, Samuel e Reis, bem como os profetas posteriores, como Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze profetas menores, eram considerados Escritores Sagrados pelo menos desde 250 a 175 A.C. Naturalmente, os eruditos conservadores supõem que os escritos dos profetas, desde perto da data de escrita de cada um deles, foram reconhecidos como mensagens espirituais, como se desde quase imediatamente tivessem recebido uma posição canônica. O raciocínio *a priori*, por detrás dessa suposição, é que um profeta distinguia-se de tal modo que os seus escritos não demoravam a assumir uma função autoritária. — Os eruditos liberais, por sua parte, supõem que os livros dos profetas não foram aceitos prontamente por causa da mensagem geralmente negativa, e porque havia resistência a qualquer coisa, excetuando a autoridade de Moisés. Historicamente, não contamos, praticamente, com qualquer evidência sobre a qual podemos basear discussões a esse respeito. Mas a experiência humana mostra que uma figura profética sempre é impressionante, e que ela logo consegue um bom grupo de seguidores. Além disso, um profeta sofre oposição daqueles que preferem o *status quo*. Portanto, se a experiência nos serve de guia sobre a questão, então podemos afirmar que, desde o começo, os profetas do Antigo Testamento tinham seguidores que os aceitavam como autoridades espirituais, ao passo que o *clero* de sua própria geração, mui provavelmente não deu valor aos escritos deles. No caso do Novo Testamento, sabemos que, desde o começo, várias das epístolas de Paulo tiveram uma virtual autoridade canônica, e que, no começo do segundo século D.C., havia um pequeno Novo Testamento, em nada considerado inferior ao Antigo Testamento. No caso de Maomé, para ilustrar o ponto, em seu próprio período de vida, seus escritos já eram considerados autoritários, pelos discípulos por ele reunidos. Não há nenhuma razão suficiente para supormos que outro tanto não sucedeu aos profetas do Antigo Testamento. Pelo menos, é verdade que suas mensagens foram transmitidas como inspiradas por Deus. Há numerosas referências como «disse o Senhor», ou como «Eis que ponho na tua boca as minhas palavras» (Jer. 1:5-9). Também existem visões extáticas como as de Isaías (6:6-9), ou as de Ezequiel (3:3,4), um fenômeno comum entre os profetas, evidenciando que a tradição profética operava desde o começo.

c. *Os Escritos.* Essa é a terceira porção do cânon hebraico, constituída por certa variedade de livros. Esses livros são os Salmos, Provérbios, Jó e os cinco rolos: Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester, cada um dos quais era lido em uma das cinco grandes festas, da páscoa à festa de

Purim. Além desses, há os livros de Daniel, Esdras, Neemias, Crônicas e Eclesiastes. Dentre esses livros todos, o Cântico dos Cânticos e o Eclesiastes foram os últimos a serem aceitos como canônicos. As datas marcadas pelos estudiosos liberais ficam entre 160 e 105 A.C.

Também havia livros disputados do Antigo Testamento, o que é discutido, com a ajuda de um gráfico, no quinto ponto. Os liberais argumentam que nenhum passo consciente foi dado com vistas à formação de uma terceira divisão, até que se encerrou a segunda divisão (os profetas). Uma vez fechado o cânon, as pessoas relutariam em reabrir suas mentes à possibilidade do aparecimento de outras Escrituras. A ordem dos livros em questão é salientada como prova disso. Esdras, Neemias e Crônicas, se tivessem sido aceitos desde o começo, conforme prossegue esse raciocínio, teriam sido colocados juntamente com outros livros históricos. Antes, ficaram juntos, e isso mostra que, como uma espécie de unidade, eles apareceram posteriormente. Entretanto, não sabemos as razões da ordem dos livros do Antigo Testamento, uma vez que a cronologia histórica foi perturbada por eles, a menos que o prestígio pessoal dos autores tenha exercido algum efeito sobre esse arranjo. Alguns eruditos têm argumentado que a tradução desses livros, do hebraico para o grego, uma tradução de qualidade inferior à tradução dos livros anteriores, mostra-nos que eles eram considerados menos dignos de respeito. Porém, é possível que esses livros apenas tenham sido entregues a tradutores menos habilidosos. A maneira vaga como esse grupo de livros é referido no livro de Eclesiástico, «o resto dos livros», presumivelmente diz-nos que eles tinham menor prestígio. Contudo, isso não é mais vago do que as referências gerais que dizem «a lei e os profetas», por exemplo. É possível que Josefo tenha refletido uma antiga opinião, ao informar-nos que o cânon foi essencialmente fechado nos dias de Artaxerxes (465-425 A.C.), e que «desde aquele tempo, nenhuma alma aventurou-se a alterar uma sílaba». Ver *Contra Apionem* I.8. No mesmo contexto, Josefo menciona que alguns livros merecem menos confiança do que outros, e que a sucessão dos profetas não foi fixada com exatidão. Isso permite-nos ver que havia dúvidas e livros disputados, embora o sentido exato dessa citação seja incerto. Se pudermos tomar como padrão aquilo que sucedeu aos livros do Novo Testamento, então podemos asseverar que, excetuando o caso dos livros disputados, o poder de algum líder espiritual ou profeta já servia de garantia de que, pouco depois de seu tempo (quando a oposição à sua pessoa, por parte das autoridades religiosas, que procuravam manter o *status quo*, já havia passado), os seus escritos eram considerados autoritários.

*Em certos sentidos, a discussão em nada redunda.* Eu gostaria de salientar que os argumentos pró e contra não é tudo quanto importa. Os escritos que encerram alguma mensagem espiritual para nós, podem ser rejeitados e desprezados sem qualquer motivo real. Assim, Jesus e a sua mensagem foram francamente rejeitados pela maioria dos judeus de sua época. Isso é um fato histórico. As autoridades eclesiásticas anelavam por declarar que os escritos a seu respeito não tinham qualquer valor. Todavia, isso não correspondia à realidade do caso. Por conseguinte, um profeta do Antigo Testamento e a sua mensagem podem ter sido rejeitados injustamente. A data ou antiguidade não é a única consideração que se deve levar em conta aqui. De fato, o poder e a utilidade da própria mensagem são mais importantes do que a *data* em que uma mensagem passou a ser aceita. Não obstante, o peso da evidência, bem como a razão, parecem favorecer a aceitação do Antigo Testamento desde os primeiros tempos, em todas as suas divisões, excetuando os livros disputados. Nosso principal problema com os Escritos Sagrados é o seu *valor intrínseco*, e não a época em que os homens resolveram aceitá-los.

**5. Os Livros Disputados. Evidências Colhidas nos Catálogos Cristãos**

A citação extraída acima, dos escritos de Josefo, mostra que, no tempo de Artaxerxes (465-425 A.C.), na época de Esdras, havia livros disputados do Antigo Testamento, e as pessoas não sabiam onde traçar a linha divisória no tocante à tradição profética autêntica. Com a tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego, e com a inclusão dos livros apócrifos naquela obra (285-246 A.C.), outros livros duvidosos foram acrescentados à lista. Os livros que eram respeitados, embora não reputados tão valiosos quanto outros, eram Lamentações, Baruque, Ester, Eclesiástico, Sabedoria, Tobias, Judite e I e II Macabeus. Naturalmente, as dúvidas incluíam outros livros, em menor grau, e a outros livros apócrifos, em grau maior. Se excluírmos os livros apócrifos, os livros de Cantares e Eclesiastes foram os que permaneceram na dúvida por mais tempo. Mesmo após o sínodo de Jamnia, no ano 90 D.C., alguns rabinos não queriam aceitar o livro de Ester como parte das Escrituras Sagradas, talvez porque ali não é mencionado o nome de Deus nem uma vez sequer.

Ver o **gráfico ilustrativo** sob ponto 12 que ilustra este problema.

**6. Os Livros Apócrifos**

*O cânon palestino e o cânon alexandrino.* Existiam, realmente, estes dois cânones do A.T. nos tempos helenistas? Alguns eruditos negam, absolutamente, que isto seja a verdade. A argumentação deles se baseia essencialmente sobre a falta de qualquer indicação clara sobre dois cânones diferentes, em citações de pessoas daquele tempo, ou depois. Contra isto, devemos observar que a própria existência da *Septuaginta*, com seus livros extras, é prova absoluta de um cânon além daquele da Bíblia hebraica da Palestina.

O Antigo Testamento foi traduzido para o grego no reinado de Ptolomeu Filadelfo (285-246 A.C.). Ver o artigo sobre a *Septuaginta*, ou LXX, quanto a detalhes mais completos a respeito. Essa obra continha os catorze livros apócrifos do Antigo Testamento; mas, pelo menos para os judeus da dispersão, esses livros eram considerados Escrituras Sagradas. Quase a coleção inteira, através da decisão do Concílio de Trento (que vide), ao tempo da Reforma Protestante, foi adotada pela Igreja Católica Romana, ao passo que o cânon protestante manteve-se idêntico ao cânon palestino (ou hebraico), que consiste nos nossos trinta e nove livros do Antigo Testamento, posto que arrumados de maneira um tanto diferente. Torna-se óbvio, pois, que, nos tempos de Jesus, havia um cânon mais amplo, aceito por muitos, que ultrapassava aos nossos trinta e nove livros veterotestamentários. Ver o artigo geral sobre os *Livros Apócrifos*, quanto a detalhes sobre a questão, bem como quanto a uma descrição sobre a natureza dessa obra. O segundo ponto desse artigo ilustra o uso dos livros apócrifos no Novo Testamento. O terceiro ponto encerra uma discussão sobre o *cânon*, no que tange a essa obra.

**7. O Cânon do Antigo Testamento no Novo Testamento**

As muitas citações do Antigo Testamento no Novo, mostram a estatura canônica daquela coletânea, nas mentes daqueles que escreveram o Novo Testamento. Há um artigo separado, intitulado *Citações no Novo Testamento*, —que ilustra amplamente a questão. Vários livros do antigo pacto, a saber, Ester, Eclesiastes, Cantares de Salomão, Esdras, Neemias, Obadias, Naum e Sofonias não são citados diretamente no Novo Testamento; mas é provável que isso apenas ilustre a questão da seleção de passagens a serem usadas, nada significando contra a posição canônica dos livros assim omitidos. O termo «Escrituras» é freqüentemente usado no Novo Testamento, apontando para o Antigo Testamento. Ver Mat. 26:54; João 5:39; Atos 17:2. Além disso, temos II Tim. 3:16 que reivindica inspiração divina para esses livros; e também II Ped. 1:21 reflete isso. Jesus referiu-se à *lei* e ao fato de que Moisés escreveu a Seu respeito. Aludiu aos *profetas*, como quem escrevera acerca dele. De fato, começando por Moisés, passou por todos os profetas, encontrando referências que prediziam o seu ministério (Luc. 25:27). O trecho de Lucas 24:44 conta que quando os discípulos relataram o diálogo que tinham tido com Jesus, a caminho da aldeia de Emaús, eles incluíram Moisés, os Salmos e os Profetas como aquelas porções bíblicas que Jesus usara para mostrar-lhes o que fora previsto sobre sua pessoa. Admite-se universalmente que o cânon de trinta e nove livros do Antigo Testamento hebraico era universalmente aceito nos dias do Novo Testamento. As únicas exceções a essa aceitação eram os saduceus, os quais, provavelmente, aceitavam somente Moisés (a lei), e os céticos, que nem ao menos se deixavam impressionar pela autoridade de Moisés. Em caso contrário, por qual razão negavam até mesmo a existência dos anjos, seres comumente mencionados no Pentateuco? Ver Gên. 16:7,9,10; 19:1; Êxo. 3:2; 14:19; Núm. 20:16; 22:22, o que é apenas uma seleção representativa de referências aos anjos no Pentateuco. O trecho de Atos 23:8 revela-nos o que os saduceus criam quanto a certos particulares, mostrando o quão céticos eles eram. É difícil perceber como eles poderiam ter usado os Salmos e os Profetas como livros canônicos, incluindo os ensinos dos mesmos em suas doutrinas.

**Os cânones dos dias de Jesus.** É evidente, pois, que nos dias de Jesus, havia três cânones: 1. O cânon dos judeus palestinos, de tendências farisaicas, seguidos pelas massas populares: os tradicionais trinta e nove livros do Antigo Testamento hebraico. 2. O cânon da Septuaginta (chamado «alexandrino»), que incluía os livros apócrifos, aceito pelos judeus da dispersão, isto é, judeus que falavam o grego. 3. O cânon abreviado dos saduceus (a cujo partido pertenciam muitas autoridades judaicas, que dominavam a política da nação), que incluía somente o Pentateuco, com exclusão de todos os demais livros do Antigo Testamento.

Levanta-se, portanto, a indagação: os cristãos primitivos aceitavam o cânon ampliado da Septuaginta? Ver o oitavo ponto, abaixo.

**8. Os Livros Apócrifos e os Cristãos Primitivos**

Quando era estudante em seminário teológico, foi-me ensinado que o Novo Testamento nunca cita dos livros apócrifos do Antigo Testamento. Porém, quando escrevi *O Novo Testamento Interpretado*, e tive de repassar versículo após versículo, através de todos os capítulos do Novo Testamento, fiquei surpreso ao descobrir as muitas vezes em que ali há reverberações verbais ou mesmo citações diretas dos livros apócrifos. Visto que se sabe de modo absoluto que os escritores do Novo Testamento, como um todo, usavam a versão Septuaginta em suas citações, esse fato deixa de ser surpreendente. Se alguém não aceita os livros apócrifos do Antigo Testamento como canônicos, também inclina-se a afirmar que os escritores do Novo Testamento, igualmente, não aceitavam esses livros como inspirados. É possível que alguns dos autores do Novo Testamento tivessem os livros apócrifos em menor estima, e, de fato, eles merecem menor estima. Mas o uso que deles se faz, no Novo Testamento, quase certamente indica que os autores sagrados do Novo Testamento os respeitavam, considerando-os Escrituras. As poucas vezes, falando relativamente, em que são citados, pode indicar que eram menos favorecidos, sendo provável que o prestígio desses livros variasse de indivíduo para indivíduo, pelo que não podemos fazer qualquer declaração geral sobre essa questão, sem a devida qualificação. Também reconhecemos que os escritores do Novo Testamento citaram livros históricos e poetas seculares; e isso não faz desses livros obras inspiradas. Porém, fica de pé o fato de que os escritores do Novo Testamento citaram dos livros apócrifos. Ver o artigo sobre os *Livros Apócrifos*, segundo ponto, quanto a ilustrações de citações dessas obras, nas páginas do Novo Testamento.

**9. Citações dos Livros Apócrifos do Antigo Testamento pelos Primeiros Pais da Igreja**

Ver o *gráfico* sob ponto 12 que ilustra esta informação.

Também tem sido erroneamente afirmado que os primeiros pais da Igreja não citaram os livros apócrifos como Escritura. Porém, as evidências rebatem essa afirmação. Como é óbvio, a questão era debatida, e o prestígio desses livros variava de pessoa para pessoa. Alguns (como Jerônimo) rejeitavam-nos abertamente; mas outros os aceitavam. Alguns estudiosos recentes negam que houve um cânon alexandrino (dos judeus da dispersão), presumindo que até mesmo os judeus que viviam fora da Palestina aceitavam o cânon palestino em hebraico. Mas, as citações existentes no Novo Testamento e nos escritos dos pais da Igreja, refletindo a Septuaginta, mostram que tal assertiva não concorda com os fatos. O dogma mostra-se tão renitente, quanto a essa questão que, a fim dos homens livrarem-se dos livros apócrifos, alguns chegam a afirmar que a Septuaginta, em seu estado primitivo, não continha esses livros, que só mais tarde teriam sido adicionados. Mas, mesmo que isso fosse verdade, finalmente a Septuaginta chegou a incluir os livros apócrifos, e, na época de Jesus, eles se encontravam ali, sendo aceitos como parte integrante das Escrituras, o que é demonstrado pelo fato de que os escritores do Novo Testamento não titubearam em citá-los. Ver uma discussão sobre as datas dos livros apócrifos, o que dá alguma idéia acerca de quando esses livros começaram a penetrar no cânon usado pelos judeus da dispersão. Naturalmente, pode-se demonstrar facilmente que vários dos pais da Igreja desprezaram ou mesmo rejeitaram os livros apócrifos. Além de Jerônimo, podemos mencionar Tertuliano e Orígenes. Mas meu gráfico, que vem abaixo, mostra que eles também citaram os livros apócrifos. Até mesmo os conservadores mais radicais admitem que esses pais citaram esses livros *de vez em quando*, e que a questão inteira está eivada de dúvidas, devido à ausência de evidências mais sólidas e definitivas. Quando imperam tais condições, os homens sempre procuram distorcer as evidências em apoio àquilo em que querem acreditar, ignorando as evidências em contrário. Uma vez mais, cumpre-me afirmar que a questão do cânon pode ser melhor examinada sob o ponto de vista do *valor intrínseco* de cada livro, e,

apenas secundariamente, com base em datas e aceitação histórica. Seguindo-se o correto padrão, penso que é evidente que os livros apócrifos (como um todo), não merecem a mesma aceitação que os tradicionais trinta e nove livros canônicos do Antigo Testamento hebraico têm alcançado.

É possível que a Igreja Anglicana tenha tomado a posição correta sobre a questão, ao afirmar que esses livros canônicos são bons para servir de exemplo à vida e para instruir sobre as maneiras, mas não servem de base para nossas doutrinas. A isso podemos acrescentar a grande valia histórica de alguns dos livros apócrifos, que iluminam o período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamentos.

### 10. Os Pseudepígrafos

Os pseudepígrafos do Antigo Testamento são livros ainda menos conhecidos que os livros apócrifos. Ver o artigo separado sobre *Pseudepígrafe*. Na realidade, o Novo Testamento também cita esses livros, e o esquema profético geral, conforme pode ser visto no livro canônico do Novo Testamento, o Apocalipse, muito deve a eles. Porém, dificilmente alguém ouve uma declaração como essa, na grande maioria dos seminários teológicos. A ignorância sobre esses livros, entre os evangélicos, é profunda.

### 11. Cronologia de Literatura

**Desenvolvimento dos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos** CRONOLOGIA DO A. TESTAMENTO

| | *Eventos Históricos* | *História e Lenda* | *Apocalipse* | *Sermão e Ensaio* | *Sabedoria* | *Salmos* |
|---|---|---|---|---|---|---|
| AC | | | | | | |
| 250 | Palestina sob Ptolomeus (Egito) | Aikar (?)<br>Tobias, 220 AC? | | | | |
| 200 | Palestina sob Selêucidas (Síria), 198<br>Antioco IV contamina o templo, 167; Judas Macabeu o purifica, 164 AC. | Adições a Ester, c. 181-145 AC<br>Judite, 180-100 | | Testamento 12 Patriarcas<br>I Baruque, 150 AC. | Sabedoria de Jesus Ben Siraque (Eclesiástico), 180 AC. | |
| 150 | Dinastia Hasmoneana | I Esdras, antes de 100 AC. | I Enoque, 183-80 AC. | Manual de Disciplina, 100 AC? | | Cântico dos Três Jovens |
| | | I Macabeus, 105-65 AC.? | Guerra Filhos da Luz e Trevas | Fragmentos Sadoquitas | | Salmos da Seita de Qumran |
| 63 | Pompeu conquista Jerusalém, 63 AC. | II Macabeus, 100 AC<br>70 DC.?<br>Susana, 80-50 AC | | Oráculos Sibilinos III<br>Epístola Jeremias | | |
| 50 | | Bel e o Dragão, 80-50 AC. | | Carta de Aristéias | | |
| | Herodes, O Grande, 40 AC | Vidas dos Profetas | | Comentário sobre Habacuque 1.2 | | Salmos de Salomão |
| | | III Macabeus, 50 AC -50 DC. | Assunção de Moisés, 4 AC-28 DC. | IV Macabeus, 50 AC - 70 DC. | Sabedoria de Salomão 50 AC-10 DC | |
| DC | | | | | | |
| 1 | Judéia sob procuradores romanos | Martírio de Isaías<br>Crônicas de Jeremias | | | | Oração de Manassés |
| | | Vida de Adão e Eva / Apo. de Moisés? | II Baruque /Baruque siriaco/<br>II Enoque /Enoque eslavônico ou Segredos de Enoque/ | | Ditos dos Pais /Pirke Aboth, 10-100 DC?/ | |
| 66 | Começa a guerra judaica, 66 DC. | | II Esdras, 88-117 DC.<br>Apocalipse de Abraão<br>III Baruque /Baruque grego/ | | | |
| 100 | Queda de Jerusalém, 70 DC | | | | | |

## 12. Catálogos Cristãos do Antigo Testamento: Livros Disputados

*N.B.* A lista envolve somente os *livros disputados*.

*CHAVE:*
* indica que o livro é expressamente reputado *Escritura Sagrada*
\+ indica que ocupa segunda categoria
? indica que o livro é duvidoso
*um espaço em branco* marca o silêncio do autor sobre o livro em pauta

| | *Lam.* | *Bar.* | *Est.* | *Ecl.* | *Sab.* | *Tob.* | *Jud.* | *I,II Mac.* | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| I. *Catálogos Conciliares* | | | | | | | | | |
| Laodicéia 363 D.C. | * | * | * | | | | | | Cânon lix |
| Cartago 397 (?) | | * | * | * | * | * | * | * | III. Cânon xxxix (al. 47) |
| Cânones Apostólicos | | | * | + | | * | ? | * | lxxvi (al. 85) |
| II *Catálogos Privados* | | | | | | | | | |
| a. *Escritos gregos* | | | | | | | | | |
| Melito c. 160 (180) | | | | | | | | | Apo. Euseb. H.e. iv. 26 |
| Orígenes c. 183-253 | * | ? | * | | | | | + | Apo. Euseb. H.E. vi. 25 |
| Atanásio 296-373 | * | * | + | + | + | + | + | | Ep. Fest. i.767, ed. Ben. |
| Cirilo Jer. 315-386 | * | * | * | | | | | | Cat. iv.35 |
| Sinópse S. Escrituras | | | + | + | + | + | + | | Credner, Zur Gresch. des Kan. 127 s. |
| Nicéforo, Esticomet. | | * | + | + | + | + | + | + | Credner, a.a. O. pág. 117 ss. |
| Gregório Naz. 300-391 | | | | | | | | | Carm. xii.31, ed. Par. 1840 |
| Anfilóquio c. 380 | | | ? | | | | | | Anf. ed. Combef. pág. 132 |
| Epifânio c. 303-403 | | | * | + | | | | | De Mensuris. pág. 162. ed. Petav. |
| Leôncio c. 590 | | | | | | | | | De sectis, a. ii (Gal. xii:625 ss) |
| João Damasceno c. 750 | | | * | + | + | | | | De Fide orthod. iv. 17 |
| Nicéforo Cal. c. 1330 | | | ? | | | ? | ? | | Hody. pág. 648 |
| Cód. Gr. Séc. X | | | + | + | + | + | + | | Montfaucon, Bib. Coislin, p. 193 ss |
| b. *Escrits. latinos* | | | | | | | | | |
| Hilário c. 370 | * | ? | * | | | ? | ? | | Pról. in Sal. 15 |
| Jerônimo 329-420 | * | | * | + | + | + | + | + | Pról. Galea. ix; p. 547 ss, Migna |
| Rufino c. 380 | | | * | | + | + | + | + | Expos. Symb., pág. 37 s. |
| Agostinho 355-430 | | | * | * | * | * | * | * | de Doctr. Christ. ii. 8 |
| Cassiodoro c. 570 | | | * | * | * | * | * | * | De Inst. Div. Litt. xiv |
| Isidoro c. 696 | * | | * | * | * | * | * | * | de Orig. vi.1 |
| Sacram. Gálicos | | | * | | | * | * | * | Hody, pág. 654 |
| Cod. Clarom. sec. VII | | | * | * | * | * | * | * | Ed. Tisch., pág. 468 ss |

*Bibliografia*: CH GS HEN HRC ID J UN Z

## CÂNON DO NOVO TESTAMENTO

*Esboço*

1. A Palavra *Cânon*
2. Influências na Formação do Cânon (*esboço*)
   a. Do Velho Testamento
   b. Da Vida e Das Palavras de Jesus
   c. Do Cristianismo
   d. Dos Apóstolos
   e. Dos Pais Apostólicos
   f. Dos Concílios
   g. A Posição Moderna
3. Resumo da História do Cânon
4. Princípios que Formaram o Cânon
5. O Problema de Autoridade para Determinar A Verdade
6. Os Livros Controvertidos Nos Pais, Concílios e Catálogos
7. Bibliografia

**1. A Palavra «Cânon».** — Essa palavra é uma forma latina da palavra **kanon**, que, no grego, significa *cana*. Tratava-se de uma planta usada de várias maneiras para medir e pautar. Assim sendo, o termo passou a significar «regra» ou «pauta», e, mais tarde, uma lista de coisas ou itens escritos em uma coluna. O vocábulo «kanon», por extensão, passou a significar «regra» ou «padrão». Quando falamos sobre o *cânon das Escrituras* (e, neste caso o N.T.) referimo-nos à lista de livros aceitos pela igreja em geral como livros que foram escritos sob a inspiração divina, os quais, por isso mesmo, são usados como regra de fé e da experiência prática da religião cristã. Numa análise do cânon do N.T. é mister examinarmos o desenvolvimento da autoridade e da aceitação dos vinte e sete livros que hoje em dia são reputados canônicos, e também precisamos examinar a história e a autoridade de cada um desses vinte e sete livros.

**2. Influências na Formação do Cânon** (esboço)

a. *O Velho Testamento*, que forneceu o impulso criador de um *Novo* Testamento.

b. A *Vida e as Palavras de Jesus Cristo* e, em conseqüência, a necessidade de criar uma autoridade além da autoridade do V.T.

c. *A Nova Religião Cristã*, que criou a necessidade de mais *Escrituras* além das Escrituras judaicas, para formar a base da nova revelação.

d. *Os Apóstolos*, primeiros grandes líderes da *Nova Religião* revelada, os quais, com seus livros e epístolas, forneceram a base das novas Escrituras.

e. *Os Pais Apostólicos*, que criaram os *cânones primitivos* e uma nova autoridade na igreja cristã primitiva.

f. *Os Concílios* da igreja primitiva e medieval.

**g. A Posição Moderna**

*Os Itens Considerados Detalhadamente*

**a. Influência do V.T.** A história do cânon do V.T. é longa e complexa, e não é tema deste estudo. É importante notar aqui apenas que, depois de alguns séculos de desenvolvimento, o cânon do V.T. foi finalmente estabelecido antes do fim do século I A.C. Grande parte da congregação judaica aceitava diversos livros apócrifos, pelo que não havia *opinião unânime* sobre o assunto. Seja como for, com ou sem esses livros apócrifos, nossa investigação sobre o cânon do N.T. em nada se modifica. *A verdade* é que então já existia o fato de comunidades religiosas que compilavam listas de livros dotados de autoridade religiosa. Aqueles que estudam a história e a literatura dos povos antigos notam que todos esses povos contaram com sua *Literatura Sagrada*. Os romanos contavam com os escritos sibilinos; os gregos tinham os escritos de Homero, de Masaio e de Orfeu. Os egípcios colecionaram os quarenta e dois livros de Hermes, o Livro dos Mortos e outros mais. Por semelhante modo, a nova religião cristã sentiu a necessidade de contar com uma fonte escrita de *autoridade*, que servisse de base à fé e à prática cristãs.

*Assim é que a Igreja* primitiva aceitava os livros do V.T. como dotados de—autoridade religiosa—e de «inspiração divina».— Estes livros formaram o *cânon* mais primitivo da igreja cristã, embora seja evidente que nesses livros estavam ausentes determinados ensinos—os ensinos distintos do cristianismo, emanados de Cristo ou dos apóstolos. Portanto, os livros que continham as palavras de Jesus e dos apóstolos facilmente foram aceitos como parte do cânon das Escrituras. Houve um processo longo e complexo antes que todos os livros que hoje temos no N.T. constituíssem, individual ou coletivamente, o N.T. Neste encontramos grande número de citações e alusões tomadas por empréstimo do V.T. Também vemos que os autores do N.T. aceitaram a idéia de que Jesus era o Cristo prometido no V.T., pelo que, os profetas do V.T. são, ao mesmo tempo, os profetas antigos da fé cristã. O cristianismo, ao usar tanto o V.T. como o N.T., para formar a «Bíblia», fez uma ligação entre as antigas e as novas revelações divinas. Dessa maneira é que se estabeleceu a base histórica do cristianismo. Contudo, essa base não foi unicamente histórica, porquanto é claro que muitas das idéias, especialmente éticas, do N.T., foram derivadas do V.T. Pode-se dizer, por conseguinte, que o V.T. foi não somente o precedente que exerceu influência na formação de um «novo» Testamento (documento escrito), mas também que exerceu notável influência no caráter e nas idéias dessa nova coleção de livros sagrados.

**b. Influência da vida e das palavras de Jesus Cristo** — Nunca homem algum falou como Jesus. *Ninguém jamais* viveu como ele. Considerando sua vida e suas palavras, achamos não somente uma explicação para a existência do N.T., mas também entendemos que seria impossível que, depois da vida de um homem assim, não tivessem sido escritos muitos livros acerca dele. O sentido e a ilustração desse fato pode ser observado pelo leitor na existência não só do N.T., mas também na existência dos livros apócrifos do N.T., porquanto muitos «evangelhos», «atos» e «epístolas» foram escritos por diversos indivíduos, descrevendo as vidas dos doze apóstolos ou de outros cristãos antigos. Ver o artigo sobre este assunto. — A referência que se acha em Luc. 1:1-3 mostra que muitos escreveram livros sobre Cristo e suas palavras, e que o próprio Lucas usou partes desses livros como base do evangelho que escreveu. Dizendo isto, porém, não queremos afirmar que Lucas usou livros «apócrifos», porquanto não se sabe da existência de qualquer livro apócrifo escrito antes de Lucas. Esses livros que Lucas usou são desconhecidos hoje em dia, com exceção do evangelho de Marcos. No artigo intitulado *Problema Sinóptico*, abordamos as origens dos evangelhos. Devemos notar que a vida e as palavras de Jesus não deixaram de ser observadas pelo mundo, e que até hoje o mundo continua a observá-las, e muitos continuam escrevendo a respeito do assunto.

**c. Influência da nova religião cristã, e a conseqüente necessidade de novas escrituras.** O cristianismo teve por berço o judaísmo, mas desde seus primórdios, os novos elementos dos ensinos de Cristo e dos apóstolos exerceram grande influência sobre os cristãos. Mui dificilmente um judeu estrito

aceitaria os ensinamentos de Cristo sobre a lei das cerimônias, sobre o divórcio, etc., mas o mais intragável seria aceitar as declarações de Cristo sobre sua própria pessoa, ou seja, a sua divindade. Jesus mesmo disse: «...edificarei a minha igreja...» Jesus, tal como Lutero, foi separado da organização religiosa, que estava nas mãos das autoridades religiosas da época, e, tal como o mesmo reformador, logo contou com uma igreja estabelecida em seu nome. Nota-se, igualmente, que nas epístolas dos apóstolos, desde o princípio penetraram elementos não-judaicos. Apesar do fato de que, a princípio, o povo cristão tivesse permanecido no seio das sinagogas judaicas, quando Cristo ressuscitou dentre os mortos já havia notáveis dissemelhanças entre os israelitas e os cristãos. A principal diferença era feita pelo próprio Cristo. Ele foi mais do que um reformador. Ele é o Deus-Homem, e com a sua ressurreição provou ser o primeiro homem imortal, tornando-se, dessa maneira, o padrão da vida e do destino de todos os cristãos. Essas explicações encontramos nas palavras de Jesus e dos apóstolos. É natural, pois, que a nova religião cristã tivesse adotado os livros e as epístolas que continham essas diferenças como suas «escrituras sagradas». Pode-se dizer, também, que bastava a existência da nova religião para que também se impusesse a existência de novas «escrituras», que servissem de base à nova religião revelada.

**d. Influência dos apóstolos** — Não há que duvidar que as epístolas de Paulo, como também as dos demais escritores sagrados, apresentam matéria que eles reputavam ser de inspiração divina. Por muitas vezes Paulo fala das revelações que recebeu, dando a entender que as crenças ali apresentadas não eram propriamente suas. (Ver Gál. 1:8,9,11; Efé. 1:8-11; I Cor. 15:51; II Cor. 12:7-13). Bem cedo muitos denominaram as epístolas de Paulo de *escritura* (ver II Ped. 3:15,16, em combinação com 1:21). O autor do livro de Apocalipse tinha como indiscutível que o seu livro seria considerado parte integrante das escrituras sagradas (ver Apo. 22:19,20).

*O parecer de E.J. Goodspeed*, de que foi feita uma coletânea de epístolas, mediante um ato excepcional (em 80-85 D.C.), parece mais razoável que a opinião de Harnack e outros, que pensam que o *corpus* dos escritos sagrados foi crescendo gradativamente. A evidência é que muitos elementos influentes da igreja cristã aceitaram pelo menos determinadas epístolas de Paulo, bem como, mui provàvelmente, outros livros do N.T., como *escritura* inspirada durante o tempo dos apóstolos. Após o falecimento dos apóstolos, sua influência aumentou,— em vez de diminuir, pelo que foi natural que muitos livros tivessem sido escritos em nome deles, e também que seus escritos autênticos tivessem sido recebidos pela igreja como «escrituras» inspiradas, dotadas de não menor autoridade que o V.T.

**Outros argumentos que mostram** que no tempo dos apóstolos as suas epístolas já exerciam grande influência e eram extensamente usadas, são os seguintes: Paulo solicitava que as igrejas trocassem de epístolas (ver Col. 4:16). Certas epístolas mostram grande cuidado em sua preparação, como as epístolas aos Romanos e aos Hebreus. É impossível que os autores dessas epístolas pensassem que suas obras seriam lançadas no lixo pelos seus destinatários. O autor do livro de Apocalipse mostra claramente que ele queria que a igreja lesse, cresse e usasse o seu livro. (Ver Apo. 22:18,19). Não é provável que Marcos tivesse composto seu livro, contando a história de «Jesus Cristo», o Filho de Deus, pensando que a igreja haveria de lê-lo apenas por uma vez, para em seguida jogá-lo fora. *Não é provável* que Lucas tivesse efetuado tanto preparo e pesquisa para escrever seu livro a um oficial do governo romano com a idéia de que os próprios cristãos logo jogariam fora essa magistral obra histórica. Aquele que lê o N.T. pode sentir o forte propósito que seus autores tiveram de estabelecer, comunicar e glorificar a mensagem da nova religião revelada. *Dificilmente* alguém poderia aceitar a idéia de que tudo isso fora fruto de um impulso momentâneo, sem qualquer grande anelo ou finalidade. O fato de que Mateus e Lucas usaram o evangelho de Marcos como alicerce de seus próprios livros mostra que confiavam na veracidade da narrativa apresentada por Marcos. Assim sendo, podemos ver como a influência dos próprios apóstolos e de outras autoridades da igreja primitiva serviu de importante fator na formação do cânon do N.T.

**e. Influência dos pais apostólicos, que criaram os cânones primitivos. Marciano, perto do fim do século** II D.C., pregou uma doutrina de dois deuses: o Deus do V.T., que seria um Deus de juízo, e o Deus do N.T., que seria um Deus bondoso e misericordioso, e mais exaltado que o primeiro. *Marciano* rejeitava o V.T. como «escritura» autêntica para a igreja, e expôs doutrinas que não podiam ser aceitas pela igreja em geral. Pensava ele que os apóstolos (com exceção de Paulo) tinham pervertido o evangelho que haviam recebido de Jesus. Por esse motivo, Marciano aceitava somente o evangelho de Lucas (que ele modificou onde bem quis) e dez das epístolas de Paulo (ficando omissas Hebreus, I e II Timóteo, Tito e Filemom). Pode-se dizer que esse foi o primeiro cânon do N.T., ainda que não tenha sido aceito pela igreja de modo geral. Outrossim, esse cânon de Marciano foi usado como base para aqueles que se seguiram, a despeito do fato que os pais apostólicos escreveram violentamente contra Marciano. Antes dessa data é certo que algumas das epístolas de Paulo e dos evangelhos eram usadas e reputadas como «escritura sagrada», mas até então ninguém se pronunciara a respeito à semelhança de Marciano. Como exemplo disso temos provas de que *Clemente* conhecia os evangelhos e até mesmo os empregou em suas epístolas (90 D.C.). A epístola de II Clemente e a epístola de Barnabé usam porções das epístolas de Paulo (130 D.C.). Provavelmente já se tinham fixado opiniões diversas, entre os pais apostólicos, no tocante a determinadas porções do N.T., como «escritura»; mas foi preciso esperar que Marciano fizesse uma declaração definida e compreensível a respeito. Assim sendo, Marciano é quem forçou os pais da igreja a se pronunciarem.

*Irineu de Leão* (185 D.C.), em seu livro «*Sabedoria, falsamente chamada*», que refutava o gnosticismo e às vezes é intitulado de «Contra Heresias», mostra que os quatro evangelhos eram recebidos como «escritura», com a autoridade do V.T. Irineu também cita o livro de Atos dos Apóstolos como «escritura». Isso indica que ele também aceitava as epístolas de Paulo, o Apocalipse e algumas das epístolas universais como «escritura sagrada». Contudo, rejeitava a epístola aos Hebreus, por não ter sido escrita por Paulo. Em contraste com a maioria dos pais apostólicos, Irineu citou o Pastor de Hermas como parte das «escrituras» (provavelmente 200 D.C.). O cânon dele se compunha de vinte e dois livros.

*Hipólito de Roma* (234 D.C.) citou a maior parte do N.T. como *escritura* e também falou de dois «testamentos»—o Velho e o Novo. Também aludiu aos «quatro» evangelhos. Alguns acham que ele é quem fez a lista de livros canônicos encontrada no Fragmento Muratoriano, ainda que não haja provas dessa afirmação.

*O Cânon Muratoriano* (170-210 D.C.). O nome desse fragmento provém do primeiro editor do manuscrito, *Ludovico Muratori*. Uma lista de livros considerados canônicos foi encontrada em um manuscrito em latim, na cidade de Milão. Essa lista inclui as epístolas de Paulo, duas epístolas de João e uma de Judas, mas não menciona nenhuma das epístolas de Pedro ou a de Tiago. Outros livros aceitos pelo cânon Muratoriano, mas que não temos no cânon atual, são a Sabedoria de Salomão e o Pastor de Hermas, os quais, todavia, não eram recomendados para ser lidos publicamente na igreja. O Fragmento Muratoriano reveste-se de grande importância porque mostra diversas coisas: 1. O desenvolvimento do cânon foi grande antes dessa data. 2. A maior parte dos livros que temos em nosso N.T. já era aceita naquela época. 3. O processo do estabelecimento do cânon ainda estava em desenvolvimento. 4. Havia muitos livros que eram aceitos por alguns, mas não pela igreja em geral.

*Tertuliano* de Cartago (200 D.C.). Cartago foi o primeiro centro do cristianismo latino que teve um cânon quase igual ao de Irineu. Ambos aceitavam os quatro evangelhos e treze epístolas de Paulo. Em contraste com Irineu, porém, Tertuliano rejeitava o Pastor de Hermas como livro pertencente à coleção sagrada. Pode-se ver, pelos fatos mencionados, que os cânones do N.T., até o fim do século III D.C. — seja, o de Roma, o de Leão e o de Cartago—parecem ter variado um pouco entre si.

*Orígenes de Alexandria* (254 D.C.). Ele dividia os livros religiosos em duas categorias: os *reconhecidos* e os *discutidos*. Ele mesmo aceitava a todos, mas admitia que nem todos concordavam com a sua opinião. Os livros reconhecidos eram: os quatro evangelhos, catorze epístolas de Paulo (incluindo a epístola aos Hebreus), o livro de Atos, duas epístolas universais, I Pedro, I João e o Apocalipse de João—ao todo, vinte e dois livros. Os livros discutidos eram: a epístola de Tiago e é notável que nenhum escritor antigo tenha incluído essa epístola em seu «cânon» do N.T., o que se prolongou até o tempo da reforma, porquanto o próprio Lutero chamou-a de «epístola de palha», II e III João, II Pedro, Judas, epístola de Barnabé e o Pastor de Hermas.

*O Codex Claromontano*, do século VI D.C., é um manuscrito grego e latino do N.T. que tem uma lista de livros canônicos que não contêm a epístola aos Hebreus, e, sim, o Pastor de Hermas, os Atos de Paulo e o Apocalipse de Pedro. As divergências nos cânones muitas vezes dependiam da geografia. Por exemplo, a igreja siríaca aceitava o livro chamado de *Evangelho segundo os Hebreus*, e também uma outra pseudoepístola de Paulo, III Coríntios; — mas o Apocalipse de João só foi aceito ali bem mais tarde. A opinião da igreja cristã de Alexandria parece ter sido idêntica à de Orígenes. A igreja de Roma e de outras regiões ocidentais provavelmente consideravam que o cânon do N.T. incluía os livros que apareciam na tradução latina. Assim sendo, figuravam ali os quatro evangelhos, treze epístolas de Paulo, as três epístolas universais de João, I Pedro, Judas e o Apocalipse de João. Mais tarde a epístola aos Hebreus também veio fazer parte do «cânon», mas na antiga versão latina faltavam II Pedro e Tiago. A versão etíope contava com todos os vinte e sete livros do N.T. que temos hoje em dia, além de mais outros sete, que eram as epístolas de Clemente e outros livros que coletivamente eram chamados *Sínodo*, e que incluem o Apocalipse de Pedro. Além desses, algumas pessoas, ainda que não toda a igreja cristã, aceitavam mais oito livros, intitulados «Constituições Apostólicas», publicados em nome de Clemente, os quais continham diversas leis eclesiásticas.

*Eusébio*. As opiniões mantidas pela igreja em geral, até o século IV D.C., se refletem no resumo preparado por Eusébio, o pai da história eclesiástica, cuja história foi terminada em 326 D.C. Ele dividiu a lista em três porções: 1. Livros *reconhecidos* (homologoumena); 2. Livros *discutidos* (antilegomena); 3. Livros *espúrios* (notha).

Os «reconhecidos» eram—os quatro evangelhos, Atos dos Apóstolos, catorze epístolas de Paulo, I Pedro, I João, e de acordo com alguns, o Apocalipse de João.

Os «discutidos» eram—Tiago, Judas, II Pedro e II e III João.

Os «espúrios» eram—Atos de Paulo, Pastor de Hermas, Apocalipse de Pedro, a epístola de Barnabé, o Didache, o evangelho segundo os Hebreus, e de acordo com alguns, o Apocalipse de João.

*Eusébio fez uma lista* de livros que considerava terem sido produzidos só a interesse das opiniões hereges, que por isso mesmo não figuravam nem entre os livros espúrios. Essa última lista incluía o evangelho de Tomé, o evangelho de Pedro, o evangelho de Matias, os Atos de André e João e outros livros apócrifos.

*Fixação do Cânon*—Foi no século IV D.C. que o cânon *se fixou* de forma quase universal, com Atanásio de Alexandria (325 D.C.). Naquele tempo, o «cânon» passou a incluir os vinte e sete livros que temos hoje em nosso N.T. Um dos proeminentes personagens do cristianismo egípcio foi Atanásio bispo de Alexandria depois do concílio de Nicéia (325 D.C.). Ele ocupou essa posição por quase cinqüenta anos. Era costume seu enviar cartas às igrejas de sua diocese, por ocasião da Páscoa. No ano de 367 D.C. ele enviou uma carta (Carta Pascal 39) estabelecendo a lista de livros sagrados que deveriam ser lidos nas igrejas. Essa lista era exatamente a mesma que contém os atuais vinte e sete livros do N.T. Além desses livros, Atanásio «recomendava» a leitura de Ensino (Didache) dos Apóstolos e do Pastor de Hermas, mas como literatura benéfica, e não como livros inspirados divinamente como os demais. Outros livros que ele reputava como proveitosos, como literatura, foram a Sabedoria de Salomão, a Sabedoria de Siraque, Ester (com as adições gregas), Judite e Tobias (livros apócrifos do V.T.). E assim ficou firmado o «cânon» nas igrejas cristãs do Oriente.

*No Ocidente e em outros lugares* a fixação do «cânon» foi feita por decisão de *concílios*, em Cartago, em 397 D.C., quando uma lista, idêntica a de Atanásio, foi aprovada. Ao mesmo tempo, autores latinos mostraram interesse pelo problema e fixaram os limites do cânon como já haviam feito Atanásio e o concílio de Cartago. Esses autores latinos foram Prisciliano, na Espanha, Rufino de Aquiléia, na Gália e Agostinho, na África do Norte, cujas opiniões exerceram forte influência na decisão a que se chegou em Cartago. A versão de Jerônimo—a Vulgata Latina—tornou-se a Bíblia padrão da Europa ocidental. Essa versão continha os mesmos vinte e sete livros que hoje temos no N.T.

**f. Influência dos concílios da igreja primitiva e medieval**—Os concílios também exerceram influência na formação do «cânon» do N.T. Pode-se dizer que os concílios não formaram o cânon, mas tão-somente tiveram a função de declarar a opinião geral das igrejas, em diversas partes do mundo, servindo, por isso mesmo, para consolidarem e oficializarem essas opiniões.

O concílio de *Laodicéia*, 363 D.C., proibiu o uso dos livros não canônicos, pelo que é provável que uma lista determinada, como aquela que conhecemos atualmente, tenha sido aprovada. (Foram aceitos todos os nossos vinte e sete livros, com exceção do Apocalipse).

O concílio de *Hipona*, na África, 393 D.C., aceitou todos os vinte e sete livros que temos hoje em dia.

O concílio de *Cartago*, em 397 D.C., aprovou esses vinte e sete livros.

O concílio de *Cartago*, em 419 D.C. confirmou essa posição, mas separou a epístola aos Hebreus dos escritos de Paulo, não aceitando a idéia que Paulo foi quem a escrevera. Agostinho foi um dos principais personagens desses dois concílios.

O concílio de *Nicéia*, 325 D.C., aceitou o cânon de Atanásio (todos os atuais vinte e sete livros do N.T.).

*Eusébio, Bispo de Cesaréia*, na Palestina, aceitou essa decisão do concílio de Nicéia, mas não sem fazer algumas restrições.

*Crisóstomo*, patriarca de Constantinopla, autor de muitos comentários, e que foi a principal *força influenciadora* na igreja do Oriente ao seu tempo (398 D.C.), aceitava os quatro evangelhos, o livro de Atos, catorze epístolas de Paulo, três epístolas universais (mas não II Pedro, I e II João, Tiago e Judas ou o Apocalipse). Esse é o chamado «cânon» Peshitto (versão siríaca), que reflete a tradição de Antioquia. Esse era o *cânon* daquela parte do mundo, a despeito da falta de qualquer decisão oficial, tomada em concílio.

*O concílio de Trento*, da igreja Romana (1546) aceitou a Bíblia tal como a temos hoje em dia, mas, no V.T. incluiu vários livros apócrifos.

*Os cristãos protestantes*, principalmente sob a influência de Lutero e de sua tradução da Bíblia para o alemão, aceitavam a Bíblia tal como a encontramos hoje—sem os livros apócrifos do V.T. A Igreja Anglicana (1562) rejeitou oficialmente esses livros apócrifos, e aceitou todos os outros sem levantar dúvidas.

*É fato bem conhecido* que fora dos concílios, muitos indivíduos, em particular, incluindo entre eles até mesmo muitos líderes da igreja, durante a Idade Média e até o tempo da Reforma, não aceitavam certos livros, ou pelo menos não lhes davam o mesmo valor que emprestavam a outros. Por exemplo, *Lutero* rejeitou as epístolas de Tiago e de Judas (considerando esta última uma cópia inexata de II Pedro), e considerou que a epístola aos Hebreus não era de origem apostólica. Até mesmo entre as epístolas de Paulo ele estabeleceu categorias de valores, considerando mais as epístolas aos Romanos, aos Gálatas e aos Efésios. O evangelho de João era o que merecia sua maior consideração. *Carlstadt*, contemporâneo de Lutero e líder protestante, dividiu os livros sagrados do N.T., em três categorias diversas. *Zwinglio*, líder do protestantismo suíço, rejeitou o livro de Apocalipse mas aceitou as epístolas de Tiago e aos Hebreus. *Calvino* rejeitou II e III João e o Apocalipse, e reservava certas dúvidas quanto a II Pedro. Aceitou as epístolas de Judas e Tiago, mas aludiu ao fato que muitos nutriam dúvidas a respeito delas.

**g. A posição moderna**—Os grupos conservadores, tanto dentre os protestantes como dentre os católicos, aceitam o «cânon» do N.T. conforme foi estabelecido pelos antigos. Os representantes da teologia liberal, por sua vez, não estão tentando criar um novo «cânon», a despeito do fato que provavelmente nutrem dúvidas sobre a validade do cânon atual. Realmente, há toda forma de idéias sobre o «cânon» como sempre aconteceu desde o princípio de sua formação. Certos indivíduos conservadores em todos os outros pontos de vista, não aceitam determinados livros do N.T., usualmente um ou mais dos mesmos livros discutidos pelos antigos, a saber: Tiago, II Pedro, II e III João, Hebreus, Judas e Apocalipse. Muitos estudiosos, principalmente liberais, acreditam que certos livros aceitos nos tempos antigos e na Idade Média como apostólicos, em realidade não o são, como II Pedro, Hebreus, Apocalipse e Tiago. A maior parte dos conservadores aceita a epístola aos Hebreus como canônica, mas rejeita a idéia de que foi Paulo quem a escreveu. Todas as idéias modernas em realidade são muito antigas, pois toda essa variedade de opiniões surgiu desde o princípio da formação do «cânon». Porém, quando se fala de grupos religiosos ou denominações, então a *fixação* do cânon do século XVI permanece até o dia de hoje.

**3. Resumo da História do Cânon**

a. Durante o *tempo dos apóstolos*, algumas das epístolas de Paulo e um ou mais evangelhos já eram aceitos como *Escritura*.

b. Já no *começo do século II D.C.*, de modo geral, ainda não universal, treze epístolas de Paulo eram recebidas como Escrituras, como também os quatro evangelhos, as epístolas de I João e I Pedro, e também o livro de Apocalipse—totalizando vinte livros ou mais. Irineu aceitava vinte e dois livros (185). Alguns livros não aceitos hoje em dia foram aceitos por certos elementos dos primeiros séculos, especialmente a epístola de Barnabé, as epístolas de Clemente e o Pastor de Hermas.

c. *Durante o século III D.C.*, eram aceitos quase universalmente todos os vinte e sete livros do N.T., com a exceção da epístola de Tiago. Contudo, alguns aceitavam essa epístola também. Orígenes foi o primeiro dos pais da igreja a aceitar a epístola de Tiago (254 D.C.), mas também aceitava a epístola de Barnabé e o Pastor de Hermas, pelo que o seu N.T. constava de vinte e nove livros.

d. *No século IV D.C.*, chegou-se à fixação quase universal do *cânon do N.T.*, tal como existe hoje em dia.

e. *Os concílios*, tanto os antigos como os da Idade Média, em geral aprovaram o cânon de vinte e sete livros, tal como os conhecemos na atualidade.

f. *Indivíduos* da antiguidade, da Idade Média e dos tempos modernos retiveram e retêm diversas opiniões, especialmente com relação aos *livros discutidos:* Tiago, II Pedro, II e III João, Hebreus, Judas e Apocalipse — ao todo, *sete* livros.

**4. Princípios que Formaram o Cânon**

a. *Circulação universal.* Alguns livros jamais foram aceitos por falta de circulação, enquanto outros foram aceitos tariamente por falta de circulação na igreja universal, pois circulavam somente em *certos setores* da igreja.

b. *Autoria dos apóstolos* ou dos discípulos dos apóstolos. Dentre os apóstolos temos as epístolas de Paulo e Pedro, e o evangelho de João. Dentre os discípulos temos os evangelhos de Marcos e de Lucas, o livro de Atos, a epístola aos Hebreus, etc.

c. *Livros segundo a tradição e a doutrina dos Apóstolos*: Lucas, Atos, Hebreus, Apocalipse e II Pedro.

d. *Houve rejeição* de livros escritos mais tarde, após o tempo dos apóstolos. Isso explica a rejeição final das epístolas de Clemente, etc.

e. *Também foram rejeitados* os escritos ridículos ou fabulosos. Entre esses podemos enumerar a maior parte dos livros apócrifos, o evangelho de Tomé, os evangelhos de André, os Atos de Paulo, o Apocalipse de Pedro, etc.

f. *Houve rejeição* de literatura escrita que visava a propagar *heresias*, como o evangelho de Tomé, diversos outros evangelhos, epístolas falsas e apócrifas. Ver detalhes no artigo sobre *Livros Apócrifos*.

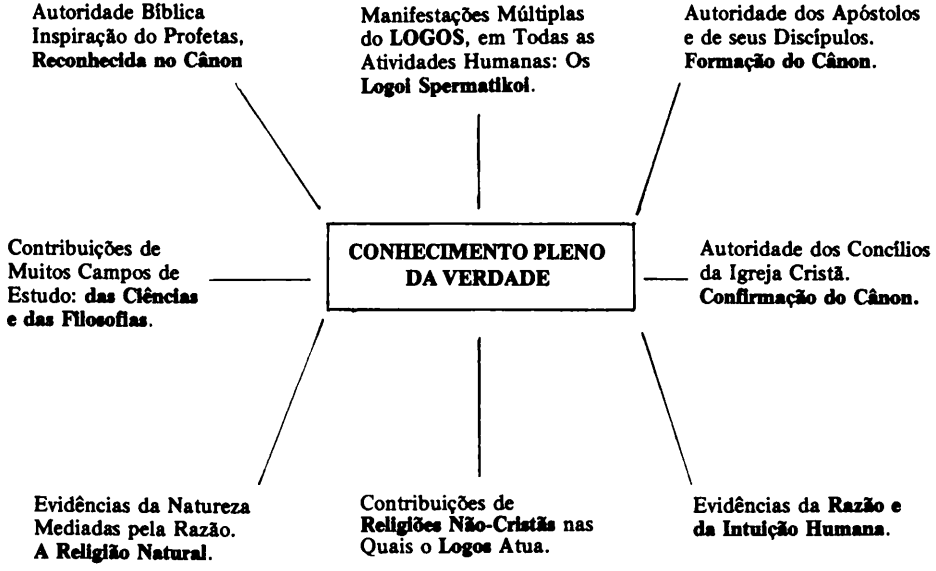
g. *Uso universal* por parte da igreja inteira. Alguns livros foram aceitos apenas por determinados setores da igreja, ou somente por alguns indivíduos. Finalmente, os vinte e sete livros atuais do N.T. foram aceitos e passaram a ser universalmente usados na igreja cristã.

---

**5. O Problema da Autoridade quanto à Determinação da Verdade**

A questão que envolve o *cânon* obviamente está envolvida no problema geral que investiga as autoridades nas quais alicerçamos a verdade e a busca pela mesma. Na Igreja cristã inteira, as Sagradas Escrituras ocupam o lugar primordial na hierarquia de autoridades que apóiam a verdade; e, em alguns segmentos da Igreja cristã (protestantes e evangélicos), ocupam o único lugar. Mesmo assim, é mister qualificar essa afirmativa. Provi um detalhado artigo intitulado *Autoridade*, que procura mostrar que há certa variedade de autoridades quanto à verdade, e onde enfatizei a posição das Escrituras Sagradas entre essas autoridades.

**GRÁFICO QUE ILUSTRA A DIVERSIDADE DAS AUTORIDADES QUE EXISTEM**




---

●●● ●●● ●●●

## 6. Os Livros Controvertidos nos Pais, Concílios e Catálogos

CHAVE: = coincidência verbal ? expressão de dúvida quanto à posição no "cânon"
" citação direta ! clara rejeição
** evidência não conclusiva ?? referência incerta

| DATA | PAI | EPÍS. HEBREUS | JUDAS | TIAGO | 2 e 3 JOÃO | 2 PED. | APOCALIPSE | EP. BARN. | PASTOR HERM. | EP. CLEM. | APOC. PEDRO |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 95 | Clemente de Roma | = Ep. 36 etc. cf. Hieron. de vir. ill. 15 | | = Ep. 10.38 | | = Ep. 11 | | | | | |
| 125 | Policarpo | | | | | = Ep. 3 | | | | | |
| 150 | Justino Mártir | = Apol. i:12.63 | | | | | * Dial. 81 | | | | |
| 180 | Ireneu | ! Eus., H.E. v:26 | | ?? Adv. Haer. iv: 16:2 | * Adv. Haer. i:16.3 | | *Adv. H.v: 35. Cf. Eus. H.E. V:8 | | * Adv. H.iv. 20.2. Cf. Eus. H.E. v:8 | ** Adv. H. iii:3.3 | |
| 200 | Clemente de Alexandria | * Strom. vi:8 par. 62. cf. Eus. H.E. vi:14 | * Str.iii:2 par.11. Cf. Eus. H.E. vi:13 | ** Cf. Eus H.E. vi:14 | ** Str.15.p.66 | ** Eus. H.E vi:14 | * Paed. ii.10 par.108; Str. vi:13, par.107 | * Strom. ii: 6, par.31. Cf. Eus.H.E. vi:13 | * Strom. i:29 par. 181 | * Strom.iv.:17 par.107. Cf. Eus H.E. vi:13 | ** Cf. Eus. H.E. vi:13 |
| 200 | Tertuliano | ? De pudic.20 Barnabe | * de Hab. mul.3 | | | | * Adv. Marc. iii:14 | | ! De pudic. 10, 20 ? de orat.12 | | |
| 225 | Orígenes | *Ap. Eus. H.E. vi:25 | * Comm. in Mt. x.par.17 ? Id.T xviii:3 | ? Comm. in Joann. xix:6 * Sel. in Sal.xxx | ** Hom. in Jos.vii:1 | * Hom. in Jos vii:1. in Lev.iv:4 Cf. Sel. in Ps.iii | * Ap. Eus.H.E. vi:25;Comm.. in J. i 14 | * C. Cels.1:63 | * Princ. ii:1 Comm. in Rom. xvi:14 | * Sel. in Eze. viii | |
| 250 | Dionísio Alexandria | *Ap. Eus. H.E. vi:41 | | = Comm. in Luc. xxii:46 | | ? Ap. Eus. H.E. vii:25 | * Eus. H.E. vii:10 ? H. E. vii:24 | | | | |
| 250 | Cipriano | ! De exh. mart.11 | | | | | * De op et eleem.14 | | | | |
| 225 | Hipólito | ! Phot. 121 | | | | | * De Antier. 36 | | | | |
| 300 | Metódio | = De Resur.5.p.269 Conv.:5:7 | | | | | * De Resurr. 9, par.315; Conv. viii:4. p.143 | | | | |
| 325 | Eusébio | * Ecl. Proph. 1:2; Cf. H.E.iii.3 | ? H.E. iii:25 | ? H.E. iii:25 | ? H.E. iii:25 | ? H.E. iii:25 | ? H.E. iii:25 | ! H.E. iii:25 | ! H.E. iii:25 | ! H.E. iii:25 | ! H.E. iii:25 |

CHAVE: Ver a página anterior

## OS CONCÍLIOS E CATALOGOS

*Atinentes aos Livros Disputados*

| CATALOGO e DATA | HEBREUS | JUDAS | TIAGO | 2, 3 JOÃO | 2 PED. | APOCALIPSE | EPIST. BARN | PASTOR HERMAS | EPIST.CLEM. | APOC PEDRO |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| I. *Catalogos Conciliares:* | | | | | | | | | | |
| Laodicéia | • | • | • | • | • | | | | | |
| 364 | | | | | | | | | | |
| Cartago | • | • | • | • | • | • | | | | |
| 419 | | | | | | | | | | |
| II. *Catálogos Orientais.* | | | | | | | | | | |
| 1. SÍRIA: | | | | | | | | | | |
| Peshitto | • | | • | | | | | | | |
| 420 | | | | | | | | | | |
| Junílio | • | ? | ? | ? | ? | ? | | | | |
| 550 | | | | | | | | | | |
| João Damas- | • | • | • | • | • | • | | | | |
| ceno 750 | | | | | | | | | | |
| Ebed Jesu | • | | • | | | | | | | |
| 1285 | | | | | | | | | | |
| 2. PALESTINA: | | | | | | | | | | |
| Eusébio | • | ? | ? | ? | ? | ? | ? | ? | | ? |
| 325 | | | | | | | | | | |
| Cirilo | • | • | • | • | • | | | | | |
| 360 | | | | | | | | | | |
| Epifânio | • | • | • | • | • | • | | | | |
| 400 | | | | | | | | | | |
| 3. ALEXANDRIA: | | | | | | | | | | |
| Orígenes | • | ? | ? | ? | ? | • | | | | |
| 250 | | | | | | | | | | |
| Atanásio | • | • | • | • | • | • | | ? | | |
| 350 | | | | | | | | | | |
| 4. ÁSIA MENOR: | | | | | | | | | | |
| Gregório Naz- | • | • | • | • | • | | | | | |
| anzeno 340 | | | | | | | | | | |
| Anfilócio | • | ? | ? | ? | ? | ? | | | | |
| 374 | | | | | | | | | | |
| 5. CONSTANTINOPLA: | | | | | | | | | | |
| Crisóstomo | • | | • | | | | | | | |
| 400 | | | | | | | | | | |
| Leôncio | | • | • | • | • | • | | | | |
| 540 | | | | | | | | | | |
| Nicéforo | • | | • | • | • | ? | ? | ? | ? | ? |
| 800 | | | | | | | | | | |

| | HEBREUS | JUDAS | TIAGO | 2. 3 JOÃO | | APOCALIPSE | EPIST. BARN | PASTOR HERMAS | EPIST. CLEM | APOC. PEDRO |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| II. *Catálogos Ocidentais.* | | | | | | | | | | |
| 1. ÁFRICA | | | | | | | | | | |
| Cód. Claromontanus | | ?? | • | • | • | • | • | • | | • |
| (D. Paulus VI) | | | | | | | | | | |
| Agostinho | • | • | • | • | • | • | | | | |
| 400 | | | | | | | | | | |
| 2. ITÁLIA: | | | | | | | | | | |
| Cân. Murat. | | • | | ?? | | • | | ! | | • |
| 170 | | | | | | | | | | |
| Filástrio | | • | • | • | • | | | | | |
| 400 | | | | | | | | | | |
| Jerônimo | • | • | • | • | • | • | | | | |
| 400 | | | | | | | | | | |
| Rufino | • | • | • | • | • | • | | ! | | |
| 400 | | | | | | | | | | |
| Inocente | • | • | • | • | • | • | | | | |
| 417 | | | | | | | | | | |
| Gelásio | • | • | • | • | • | • | | ! | | |
| 470 | | | | | | | | | | |
| Cassiodoro | • | | • | | | • | | | | |
| 550 | | | | | | | | | | |
| 3. ESPANHA: | | | | | | | | | | |
| Isidoro de Sevilha 608 | • | • | • | • | • | • | | | | |

**7. Bibliografia:** AM BLM E EN GD(1926) ND SO WIK(1958) Z

## CÂNON HINDU

Ver o artigo sobre as **Shastras** e sobre os **Vedas.**

## CÂNON ISLÂMICO

Ver o artigo sobre a **Sunna.**

## CÂNONES

Vários artigos são apresentados com o título no plural, que se seguem.

## CÂNONES ANGLICANOS

A revisão da Lei Canônica (que vide), ordenada em 1534, nunca foi terminada, embora tivesse sido publicada uma minuta da mesma, em 1571, intitulada *Reformatio legum ecclesiasticaram*. Em 1604, as Convocações Inglesas adotaram um código de cânones que abarcava as porções mais praticamente necessárias das legislações eclesiásticas das épocas medieval e posteriores. Esse código foi levemente emendado a partir de 1865; mas foi mais fortemente afetado por uma decisão legal, tomada em 1736, que negava o poder da Convocação Inglesa de tornar esse código obrigatório para os leigos. Fora da Inglaterra, as várias Igrejas Anglicanas nacionais, formando sociedades voluntárias, têm preparado os seus próprios códigos, os quais, usualmente, apelam para os cânones medievais e para o cânon de 1604, como precedentes. Os cânones norte-americanos foram publicados pela primeira vez em 1789, os quais têm sido emendados com certa freqüência. (E)

## CÂNONES DE VÁRIAS IGREJAS

Podemos alistar dez deles:

1. O cânon *judaico-palestino:* os tradicionais trinta e nove livros do Antigo Testamento hebraico.

2. O cânon *alexandrino*, ou da LXX, usado pelo judaísmo da dispersão. Incluía os trinta e nove livros do Antigo Testamento e os livros apócrifos.

3. O cânon do *catolicismo romano*. Consiste, essencialmente, no cânon alexandrino, adotado em 1546 pelo concílio de Trento (que vide), além dos vinte e sete livros do Novo Testamento e da *Lei Canônica*, dos pronunciamentos dos pais da Igreja, dos papas e dos concílios.

4. O cânon *protestante*, que consiste no cânon palestino (nº 1, acima), além dos vinte e sete livros do Novo Testamento; e também várias coleções de cânones, que não são consideradas de igual importância em relação às Escrituras.

5. *A Igreja Ortodoxa Oriental*, quando do sínodo de Jerusalém, em 1672, outorgou estado canônico aos livros Sabedoria de Salomão, Eclesiástico, Tobias e Judite. O *codex Vaticanus* (ver o artigo sobre os *Manuscritos*), interpola esses quatro livros aos outros trinta e nove livros do Antigo Testamento. O codex Alexandrinus faz o mesmo, com adições aos livros de Jeremias, Daniel e Ester, além dos livros de Tobias, Judite e I-IV Macabeus. Em sua tradução para o inglês, Wyclif incluiu III Esdras, Tobias, Judite, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico e Baruque. Os vinte e sete livros do Novo Testamento são considerados autoritários no Oriente, mas o livro de Apocalipse não é usado na adoração. Os 85 cânones dos Santos Apóstolos desfrutam de posição canônica na Igreja Ortodoxa, como também vários escritos de patriarcas ortodoxos. Também há um considerável acúmulo de leis (cânones) civis e religiosas, de várias épocas, leis essas tidas como obrigatórias para os fiéis.

6. A *Igreja Anglicana* tem por cânon o códice palestino, mas com elevado respeito pelo cânon alexandrino que, normalmente, era exibido na época pelo protestantismo. Esse respeito considera os livros apócrifos dotados de valor moral e ilustrativo, embora não doutrinário. Os vinte e sete livros do Novo Testamento são autoritários. Quando da Convocação de Canterbury, em 1604, foram aceitos como obrigatórios 141 cânones; e novos cânones podem ser adicionados por ato de duas convocações. Outras igrejas da comunidade anglicana têm traçado seus próprios cânones. Estritamente falando, a Igreja Anglicana não reconhece qualquer dos cânones anteriores à Reforma, embora tenha incorporado a substância dos mesmos em compilações mais modernas.

7. A *Igreja Etiópia* conta com um extenso cânon, verdadeiramente. Quanto ao Antigo Testamento, aceita alguns dos livros apócrifos do Antigo Testamento e os pseudepígrafos, com um total de quarenta e seis livros. Quanto ao Novo Testamento, há ali trinta e cinco livros!

8. As *Igrejas Nestoriana e Síria* não acolhem os livros de II e III João, II Pedro, Judas e Apocalipse; mas a Igreja Síria usa III Coríntios, o Testamento do Senhor e seis livros de Clemente.

9. A *Igreja Armênia*, em 1276, além do cânon alexandrino e dos vinte e sete livros do Novo Testamento, acrescentou os cinco livros de Clemente e Ananaias de Damasco, os dois livros dos cânones dos Apóstolos, três sermões de Justo, quatro livros de Dionísio, o Aeropagita, e cinco livros da Pregação de Pedro.

10. A *Igreja Cóptica* não usa o livro de Apocalipse em sua adoração, mas faz uso dos escritos dos pais apostólicos, alguns evangelhos e atos apócrifos, homilias dos pais gregos, etc. (AM E)

## CANONIZAÇÃO

Dentro do catolicismo romano, esse é o nome dado ao decreto que inclui uma pessoa no catálogo ou cânon dos santos, os quais são recomendados à veneração dos fiéis. Para tanto, a pessoa precisa ter sido beatificada (que vide), e pelo menos dois de seus milagres devem ter sido confirmados, realizados através da presumível ajuda da pessoa que então é canonizada. A pessoa a ser canonizada precisa já haver falecido. É o papa proclama, oficialmente, a canonização. (E P)

## CANTAR DO GALO

Na antiguidade era uma designação de tempo, a saber, a terceira vigília da noite, ou seja, da meia-noite às três horas da madrugada. Na época de Jesus, a noite era dividida em quatro vigílias, de acordo com o costume romano, designadas com os termos gerais de primeira vigília, meia-noite, cantar do galo e manhã cedo. Cada um dos evangelistas refere-se ao cantar do galo em conexão com a negação de Cristo por parte de Pedro. Ver Mat. 26:34,37; Mar. 14:30; Luc. 22:34; João 13:18. Alguns intérpretes têm pensado que o autor sagrado apontava para um cantar do galo meramente literário, como um artifício de adorno, ao passo que outros supõem que algum galo especial teria sido preparado pela providência divina para cantar na hora certa. Mas a verdade mais provável é que Jesus fez uma espécie de alusão geral ao tempo em que Pedro haveria de negá-lo. Os intérpretes não concordam quanto ao sentido exato da expressão. Ver o artigo sobre o *Galo*,

quanto a outros detalhes. Ver também o artigo sobre *Vigília*.

## CANTARES DE SALOMÃO

Ver **Salomão, Cantares de**

## CÂNTARO

Heb. **kad**, usada catorze vezes com esse sentido: Gên 25:14-28,43,45,46; Juí. 7:16,19,20; Ecl. 12:6. No N.T., gr. *kerámion*: Mar. 14:3 e Luc. 22:10.

A palavra hebraica deriva-se de uma raiz que significa «aprofundar», relacionada ao costume de puxar água de poços, por meio de cântaros, um costume prevalente até hoje nos países do Oriente. O cântaro geralmente tinha duas asas, uma de cada lado. Odres feitos com peles de animais eram usados com idêntico propósito. Ver Gên. 24:14-16 quanto à narrativa sobre Rebeca, e como ela foi escolhida para ser a esposa de Isaque. A narrativa envolve o uso de cântaros. A força de ataque, escolhida por Gideão, escondeu tochas dentro de cântaros, até o momento exato do ataque (Juí. 7:16-20). Puxar água de um poço era um trabalho árduo, como também era penoso transportar água dos poços até às residências. Geralmente os cântaros eram levados aos ombros ou na cabeça. Em Lamentações 4:2 é empregada uma outra palavra hebraica, *nebel*, mas que a nossa versão portuguesa prefere traduzir por «objetos de barro», em vez de dar a tradução mais certa, «jarra». Nos trechos de Marcos 14:13 e Lucas 22:10 é usado o termo grego *kerámion*, de onde provém nossa moderna palavra portuguesa «cerâmica». Portanto, temos nessas duas passagens uma alusão a cântaros de barro.

*Usos Figurados*. O trecho de Eclesiastes 12:6 usa a figura de um cântaro partido para indicar a cessação da vida física. Ali também encontramos o rompimento do fio de prata, que indica a mesma coisa. Ver o artigo sobre o *Fio de Prata*. Em Lam. 4:2, vasos de barro são contrastados com vasos de ouro: o ouro indica o real valor dos filhos de Sião, em contraste com a avaliação dos homens acerca deles, que fazia dos israelitas apenas vasos de barro. Os vasos de barro aludem à fragilidade do homem, sempre sujeito a danos e à morte. O nono capítulo da epístola aos Romanos tem a imagem do oleiro e seus vasos, ilustrando a soberania de Deus.

## CANTATA

No século XVII, a **cantata** era uma série de árias para uma ou duas vozes em solo, acompanhadas por uma espineta ou outro instrumento musical, como o oboé, violoncelos ou alaúde. Os músicos que empregaram essa forma foram Carissimi, Alessandro, Domenico Scarlatti e Handel. As cantatas religiosas do século XVIII atingiram o seu ponto culminante nas 295 cantatas de Bach (que vide). Em cerca de quarenta delas, Bach usou somente a voz de um solo, mas também empregou um acompanhamento orquestrado. Essas obras usualmente são abertas com um numeroso coro, continuam com uma série de recitais e árias e terminam com um simples coral, do qual a congregação faz parte. A cantata moderna utiliza-se do coro em maior escala, podendo ser uma cantata sacra, como um pequeno oratório (que vide), ou secular, como um drama lírico ou uma estória, mas que não tem por intuito ser encenada. (E)

## CÂNTICO, CANTORES

Ver **Música, Instrumentos Musicais e Louvor.**

## CÂNTICO DOS CÂNTICOS, Ver Salomão, Cânticos de.

## CÂNTICO DOS TRÊS JOVENS Ver Cânticos dos Três Jovens.

## CÂNTICO GREGORIANO

Esse tipo de cântico não é simétrico, podendo ser cantado como solo ou em vozes em uníssono, com o acompanhamento ou não de instrumentos musicais. O cântico gregoriano conta com mais de seiscentas composições musicais sobre textos bíblicos. Esses cânticos foram iniciados por Ambrósio (que vide), bispo de Milão, no século IV D.C. Para os mesmos contribuiu também o papa Gregório I (que vide), nos fins do século VI D.C.

O cântico gregoriano, além de ser um estilo musical todo próprio, também contribuiu para outras composições musicais polifônicas durante todo o século XII D.C., e mesmo posteriormente. A maneira original de se executar a música gregoriana foi reavivada nos fins do século XIX, por Dom Mocquereau, na abadia beneditina de Solesmes, na França. Em 1904, o papa Pio X (que vide), ordenou o retorno do uso do cântico gregoriano na Igreja Católica Romana, embora sem a exclusão das demais formas de música sacra.

## CÂNTICO SIMPLES

Uma antiga forma de cântico, usada em algum culto cristão, em uníssono e sem métrica. Muitos antigos pensavam que o ritmo, em uma música, pertencesse ao diabo, o que explicava o esforço para cantar sem qualquer ritmo. O cântico simples é apenas um outro nome para o cântico gregoriano (que vide), quanto a maiores detalhes.

## CÂNTICOS

São hinos de louvor, com base em textos bíblicos, excetuando os Salmos, entoados na liturgia da Igreja Católica Romana. Entre os mais familiares cânticos temos o *Nunc dimittis* (Luc. 2:29), o *Benedicite omnia opera* (Dan. 3:27), o *Magnificat* (Luc. 1:46) e o *Benedictus Dominus Deus Israel* (Luc. 1:68).

## CÂNTICOS DA BENDITA VIRGEM

Trata-se do **Magnificat** (que vide), encontrado no trecho de Lucas 1:46-55, entoado ou recitado diariamente como vespertinos (que vide).

## CÂNTICOS DOS CÂNTICOS

Ver **Salomão, Cantares de**

## CÂNTICOS DOS DEGRAUS

Ver sobre **Instrumentos Musicais.**

## CÂNTICOS DOS TRÊS JOVENS

Uma das adições gregas ao livro de Daniel. Em grego, o título dessa adição é *Ymnos tõn triõn paidon*, «Hino das três crianças». Juntamente com a chamada Oração de Azarias, esse acréscimo não é propriamente um apêndice, mas uma inserção suplementar, entre Daniel 3:23 e 3:24, segundo a Septuaginta. Esses dois blocos de material acrescido, vinculados por uma curta ponte narrativa, formam um livro separado das obras apócrifas. Mas, na Vulgata Latina (tal como na Septuaginta), esse material encontra-se no terceiro capítulo do livro canônico de Daniel.

Após a chamada Oração de Azarias, o editor observa que o fogo dentro do qual os três jovens

haviam sido lançados continuou a ser atiçado, tornando-se tão intenso que queimou aqueles que estavam próximos da fornalha, mas que o anjo do Senhor veio proteger os três jovens (vs. 23-27). Alguns estudiosos, todavia, perguntam se essa porção da narrativa não faria parte do texto massorético. Em seguida, é dito sobre os três jovens que eles cantaram «como que a uma boca», em uma grandiosa doxologia.

Esse hino de louvor, após uma secção introdutória (vs. 29-34), gira em torno das palavras reiteradas, «Bendizei ao Senhor», seguidas pelo refrão «cantai-lhe louvores, e exaltai-o para sempre», o qual ocorre em um padrão idêntico por trinta e duas vezes em sucessão (excetuando uma leve variação no vs. 52). Isso faz-nos lembrar de um ritmo litúrgico em Salmos 136, onde o refrão reiterado é «porque a sua misericórdia dura para sempre». A idéia de que todas as várias obras do Senhor devem bendizê-lo ou louvá-lo bem pode ter-se derivado da mesma idéia, no Salmo 148. O Cântico dos Três Jovens encontrou lugar permanente na liturgia da cristandade, tendo sido também incluído no Livro de Oração Comum, onde aparece no Culto Matutino como alternativa do *Te Deum*.

No Cântico (vs. 66), há referência aos nomes dos três jovens israelitas, os quais louvaram ao Senhor por haverem sido libertados de morrerem na fornalha ardente. Todavia, é provável que esse versículo tenha sido uma adição feita pelo editor, o qual foi responsável pela inserção desse material no terceiro capítulo do livro canônico de Daniel. Esse jubiloso louvor do Cântico faz notável contraste com a oração penitencial que o antecede, pelo que qualquer conexão essencial entre esses dois blocos de material parece fora de cogitação. O Cântico, tal como a Oração, foi composto independentemente, ou seja, sem qualquer vinculação com a narrativa de Daniel propriamente dita, parecendo derivar-se mais de uma época em que o povo de Israel sentia-se muito grato diante das bênçãos divinas que cumulavam a sua nação. Por essa razão, alguns eruditos têm sugerido o período da restauração dos Macabeus, embora isso não passe de mera sugestão. Se a data da composição do Cântico dos Três Jovens é desconhecida, igualmente ninguém sabe dizer quem foi o seu autor, embora não seja improvável que esse autor desconhecido tenha escrito a peça, originalmente, em hebraico.

O Cântico dos Três Jovens, antecedido pela Oração de Azarias, é disponível como uma entidade separada, na coleção das obras apócrifas. O texto grego (a Septuaginta e a recensão de Teodócio concordam bem de perto um com o outro) aparece na edição comum da Septuaginta, como porção integrante do terceiro capítulo do livro de Daniel, mas também como uma das odes coligidas (edit. Alfred Rahlfs, vol. II), e que geralmente aparecem como apêndices do livro de Salmos. A Igreja Católica Romana aceita o Cântico dos Três Jovens como uma porção canônica do terceiro capítulo do livro de Daniel. Ver sobre *Azarias, Oração de*.

## CANTO

Vem do latim, **cantus**. O canto é uma antiga forma de música eclesiástica simples, usada para entoar hinos e cânticos. O canto normalmente usado na Igreja latina é o canto gregoriano (que vide). Deriva o nome do papa Gregório o Grande, a quem a tradição atribui a introdução do canto. O canto anglicano é um tanto mais elaborado e métrico. Ver o artigo sobre *Música e Instrumentos Musicais*. A substância dos cantos eclesiásticos é extraída dos textos bíblicos, adaptados a essa forma de música.

## CANTOR

Palavra derivada do termo assírio **hazzan**, «supervisor», e que, originalmente, entre os judeus, designava o *servo* da sinagoga. É o cantor quem lidera a congregação nas orações.

## CÃO, FILHO DE NOÉ

Este artigo refere-se ao filho mais novo de Noé, aos seus descendentes e a uma cidade.

1. *Cão, Filho de Noé*. No hebraico, seu nome, ***ham***, significa «queimado», «moreno». Era o mais jovem dos três filhos de Noé (Gên. 5:32). Já era casado na época do dilúvio. Juntamente com sua esposa, foi salvo da destruição, na arca. Terminado o dilúvio, provocou a ira de seu pai por um ato de indecência, tendo sido castigado por meio de uma predição de longo alcance (Gên. 9:21 *ss*). Segundo essa profecia, os descendentes de Cão seriam escravos dos descendentes de seus dois irmãos. A Bíblia atribui todos os povos atualmente existentes no mundo a esses três irmãos. Na tabela das nações, em Gên. 10:6-10, Cão é apresentado como o antepassado dos egípcios e dos povos sob o controle egípcio, no nordeste da África, além de certas porções da Arábia e a terra de Canaã, com a exceção de Ninrode. Por causa da conexão entre o nome de Cão e a África, alguns intérpretes têm pensado que o comércio escravagista, que envolveu os africanos já nos tempos modernos, além do fato de que os povos negros têm sido, de modo geral, subservientes a outros povos, resultam da maldição lançada contra Canaã, descendente de Cão. Outros estudiosos não podem ver nenhum sentido nisso. Os intérpretes liberais supõem que a tabela das nações, no livro de Gênesis, não passa de uma criação da imaginação piedosa dos homens, sem qualquer base na antropologia científica.

O adjetivo «camita» é usado pelos estudiosos modernos para referir-se a um grupo de idiomas, entre os quais destaca-se o egípcio. Segundo a moderna classificação antropológica, não há nenhuma raça reconhecida como camita. Mas isso é compreensível, porque os antropólogos não partem da Bíblia, e, sim, de certas distinções mais ou menos artificiais, como cor da pele, tipo de cabelo, etc. Lembremo-nos que os três filhos de Noé eram irmãos. E as variações raciais que encontramos atualmente dependem mais de certas características que se vão acentuando, devido à seleção natural e o isolamento em que os povos viveram durante milênios. Só na nossa época de transporte rápido e fácil, quando os povos podem miscigenar-se mais prontamente, esse isolamento está desaparecendo.

2. A palavra *Cão* também é usada para indicar os descendentes do homem desse nome (ver o primeiro ponto, acima) (I Crô. 4:40; Sal. 78:51; 105:23,27; 106:22).

3. Nome de uma cidade cujos habitantes, os zuzins, foram feridos por Quedorlaomer, na época de Abraão. Em nossa versão portuguesa, o nome dessa cidade aparece como «Hã» (Gên. 14:5).

## CAOS

1. *Idéias Cosmológicas*. Encontramos um uso bem

antigo desse termo, «caos», na literatura grega, na *Teogonia* de Hedios, do século VIII A.C. Ele usou o vocábulo para descrever o hiato resultante do surgimento do mundo de um estado não diferenciado. Por sua vez, Aristóteles empregou o termo para descrever o conceito pré-filosófico de espaço. Os estóicos utilizavam-se do mesmo para descrever o estado aquoso que, segundo eles acreditavam, sempre ocorre após as destruições periódicas do universo por meio do fogo, e que precede a um novo ciclo. A antiga cosmologia grega sempre concebia que o mundo veio à existência através da imposição da ordem em um caos já existente. O primeiro capítulo de Gênesis, em seu começo, tem sido assim interpretado por muitos eruditos. Pelo menos, torna-se óbvio que a narrativa bíblica subentende esse estado caótico, antes de uma criação reformadora de Deus, se não mesmo existente antes de sua criação absoluta, em alguma eternidade passada nunca mencionada.

2. *O Caos Moral e Espiritual.* Quando não há qualquer orientação ou desígnio definido, instala-se o caos nas cenas moral e espiritual. Essa é a posição defendida pelo *pessimismo* (que vide). Segundo o pessimismo, a própria vida seria má, caótica, sem qualquer propósito. Ser alguém bom ou mau não teria, afinal, qualquer conseqüência, porquanto o mundo não estaria indo a parte alguma. Os homens esforçar-se-iam inutilmente. Os sistemas de pensamento são sem valor, pois esses próprios sistemas fazem parte do caos geral. Em Romanos 8:20, Paulo tece comentários sobre a *futilidade* a que a criação ficou sujeita, por causa do pecado. No entanto, Paulo percebeu que Deus usa até mesmo essa condição, visando aos Seus propósitos benfazejos. Quando os homens chegam ao fim de seus próprios desígnios, percebendo a futilidade da vida sem um centro composto de princípios espirituais, então têm oportunidade de voltar-se para Deus, em busca de refúgio e significação. Quanto a um desenvolvimento mais detalhado desses conceitos, ver o artigo sobre *Chance*. (EP F)

## CAPA BABILÔNICA

A capa que Acã furtou, por ocasião da destruição de Jericó (ver Jos. 7:21), segundo Josefo nos informa, era um manto real tecido com fios de ouro. Contudo, não dispomos de qualquer descrição histórica exata a seu respeito. Provavelmente, era feita de tecido bordado, no que os babilônios eram famosos (ver Plínio VIII.7). A obra hebraica, Bereshith Rabba, sec. 85, fol. 75.2 diz que se tratava de uma capa púrpura, mas seu autor estava apenas conjecturando, tal como outros que comentaram sobre a questão. Seja como for, a capa envolvida deve ter-se revestido de considerável valor. Nesse caso, a ambição de Acã terminou em desastre, uma lição muito mais importante do que saber-se qual a verdadeira natureza do tecido envolvido. (S Z)

## CAPACETE

Há duas palavras hebraicas e uma palavra grega envolvidas:

1. *Koba*, «capacete». Termo hebraico que aparece por seis vezes: I Sam. 17:5; II Crô. 26:14; Isa. 59:17; Jer. 46:4; Eze. 27:10 e 38:5.

2. *Qoba*, «capacete». Vocábulo hebraico usado por duas vezes: I Sam. 17:38 e Eze. 23:24.

3. *Perikefalaía*, «algo envolto na cabeça». Palavra grega empregada por duas vezes: Efé. 6:17 (citando Isa. 59:17) e I Tes. 5:8.

Ver o artigo geral sobre *Armadura, Armas*, que nos confere informações gerais. O capacete era uma peça importante da armadura, visto que servia para proteger a cabeça. Os arqueólogos têm descoberto capacetes de vários materiais e estilos, em gravuras nas muralhas de Karnak, no Egito. Ali os hititas aparecem usando capacetes em forma da parte superior de um crânio humano. A armadura de Saul incluía um capacete, feito de bronze (I Sam. 17:38). Golias também contava com um capacete (I Sam. 17:5). O capacete era parte do equipamento comum das tropas armadas de várias nações antigas (Jer. 46:4; Eze. 23:24; 27:10; 38:5). Os reis providenciavam para que seus soldados tivessem capacetes (II Crô. 26:14). Gravuras antigas mostram que os assírios e babilônios usavam capacetes que terminavam com uma ponta, o que contrastava com os capacetes dos sírios e dos hititas. Muitos capacetes eram feitos de couro; e, na verdade, parece que somente na época dos monarcas selêucidas os soldados começaram a usar, de modo geral, capacetes feitos de metal. No Novo Testamento encontramos menção ao capacete da salvação (Efé. 6:17), bem como a esperança da salvação (I Tes. 5:8). O artigo sobre *Armadura* entra em detalhes quanto aos usos metafóricos dessa palavra, conferindo informações adicionais sobre os capacetes literais.

## CAPACIDADE

Essa palavra refere-se às capacidades naturais do homem, nos terrenos físico, moral e intelectual (Dan. 1:4; Mat. 25:15; I Ped. 4:11). Torna-se termo importante quando usado como sinônimo de «livre arbítrio» ou de *livre agência*. Quando assim usado, denota a capacidade que o homem tem de fazer a vontade de Deus, usualmente com base na noção de que todos os homens foram assim dotados por Deus, pela graça geral da missão de Cristo. Os calvinistas radicais negam essa capacidade, alicerçados em trechos como Rom. 3:11-12. Mas a doutrina tem de ser verdadeira, se o homem tiver de ter qualquer responsabilidade moral, e por toda a parte a Bíblia conclama os homens a se arrependerem. Se não pudessem arrepender-se, a conclamação seria um absurdo. Ademais, o ministério do Espírito é universal e todo abrangente, segundo vemos em João 12:32 e Efé 1:10. Há notas completas sobre os problemas envolvidos em tudo isso, nos artigos sobre o «livre-arbítrio» e o «determinismo». Esse é um dos maiores problemas da filosofia e da teologia. Precisamos evitar as teologias unilaterais que consideram apenas um dos lados dessa questão, distorcendo os argumentos do outro lado para obter conforto mental. Nenhum outro assunto tem sido sujeito a abusos como o problema do livre-arbítrio e do determinismo. ( B NTI)

## CAPADÓCIA

Era uma antiga província da Ásia Menor, limitada ao norte pelo Ponto, a leste pelo rio Eufrates e pela Armênia Menor, ao sul pelos montes Taurus, além dos quais ficavam a Cilícia e a Síria e a oeste pela Frígia e pela Galácia. No séc. VI A.C., fazia parte do império persa, estando dividida em duas satrapias. Alexandre, o Grande, não se importou com essa região; mas, mais tarde, ela fez parte dos domínios dos reis Selêucidas. Finalmente, ficou debaixo do poder romano, no tempo do rei vassalo Ariarates IV. Ariarates V foi um súdito leal, que dava apoio à hegemonia romana.

Dentro da história do Novo Testamento, ela era, essencialmente, a Armênia Menor. Posteriormente, tornou-se costume geográfico chamar sua porção norte de Ponto, ao passo que sua porção sul era a Capadócia Maior. Tibério constituiu essa região em província romana, e, no ano 70 D.C. Vespasiano unificou-a à Armênia Menor, como um dos grandes baluartes de fronteira do império romano. Sob imperadores posteriores, aumentou grandemente a área e a importância desse território. Era lugar onde se criava muito gado vacum, ovino e eqüino, e ficava na rota comercial entre a Ásia Central e o mar Negro. Atualmente, o território da Capadócia faz parte da moderna Turquia.

*Referências Neotestamentárias.* Habitantes desse território foram representados em Jerusalém, no dia de Pentecoste (Atos 2:9). Sabe-se que uma igreja cristã chegou a ser estabelecida ali (I Ped. 1:1), embora não se saiba por intermédio de quem.

## CAPADÓCIOS, OS TRÊS (Pais Capadócios da Igreja)

Os três grandes luminares teológicos da Capadócia (que vide) foram Basílio o grande (330-379), seu irmão, Gregório de Nissa (cerca de 330-395), e Gregório Nazianzeno (329-389) (que vide). Teologicamente falando, esses três homens são relembrados por suas tentativas de explicar a doutrina da Trindade. Eles expuseram proposições essencialmente idênticas. Eles supunham que há um único ser divino com três *hipóstases*. Esta é uma palavra grega com diversos sentidos, significando, basicamente, *apoio*. Todavia, o termo era empregado nas discussões sobre a Trindade (que vide), como sinônimo de *ousia* (ser), a cujo vocábulo se dava o sentido de *substância* ou *essência*. Portanto, o termo indica a idéia dos *modos divinos* de expressão da essência divina. Esses modos seriam expressões pessoais, pelo que os três seriam uma trindade de pessoas, embora originados de uma única essência. As hipóstases teriam existência separadas, mas uma substância comum às três. Cada existência separada teria características distintivas. Haveria uma relação recíproca dentro dessa unidade.

Os três capadócios determinavam a diferença das hipóstases divinas com base em sua origem divina interna, e não com base em suas diferentes operações. As hipóstases, estranhamente, desceriam uma da outra, o Espírito do Filho, e o Filho do Pai. Assim, eles tentariam preservar a unidade de substância, apesar da existência separada. Nisso consistia uma fraqueza da exposição dos capadócios. Eles apoiavam radicalmente a união absoluta da Trindade. Os capadócios foram os criadores da ortodoxia grega, como intérpretes, que foram, de Atanásio (que vide), no espírito de idéias modificadas de Orígenes (que vide). Talvez tivessem feito tanto bem como qualquer outro pode fazer, ao experimentar dizer coisas racionais sobre aquilo que, essencialmente, é um *mistério*.

Outras religiões, como a egípcia, o hinduísmo, o budismo, etc., têm conceitos trinitarianos de alguma espécie. Ver o artigo sobre a *Trindade* e sobre *Conceitos Trinitarianos nas Religiões Não-Cristãs*.

Esses três pais capadócios da Igreja têm sido descritos como origenistas da ala direita. Eles tornaram-se os grandes líderes da reação nicena. Eles desempenharam um importante papel na reconciliação dos *homoeousianos* (que vide), bem como no desenvolvimento da doutrina do Espírito Santo. A ortodoxia dos pais capadócios foi ratificada pelo concílio de Constantinopla, em 381 D.C. Seus principais oponentes foram os arianos, os macedonianos e os sabelianos. Ver os artigos sobre cada um desses adjetivos. (C E)

## CAPELA

Deriva-se do latim **capella**, uma «capa». Esse termo foi inicialmente aplicado ao lugar onde São Martinho guardava a sua capa. Veio então a significar um pequeno trecho, uma ala subordinada ao edifício principal, embora contendo o seu próprio altar (que vide). Mas também dava a entender um lugar onde se efetuava adoração particular, à parte da igreja organizada. Assim, os lugares de adoração existentes em lares, escolas e outros lugares fora de uma igreja, receberam esse nome. Em algumas traduções da Bíblia, a palavra «capela» aparece em Amós 7:13, para indicar o santuário de Jeroboão, em Betel. Foi ali que aquele monarca estabeleceu o seu culto real ao bezerro de ouro, que veio a tornar-se um culto rival daquele efetuado no templo de Jerusalém (I Reis 12:25-33). Amazias tornou-se o sacerdote desse santuário (Amós 7:10-17).

## CAPELÃO

Vem do latim **capellanus**, «cabo». Dentro do contexto moderno, o termo usualmente refere-se a algum ministro religioso que serve nas forças armadas, visando à orientação espiritual dos homens. Em muitos lugares, ele é um oficial entre as tropas às quais serve. É o responsável pela vida religiosa de seus homens, e também atua como conselheiro religioso. Parece que o termo foi aplicado, pela primeira vez, ao padre que tomava conta da capa (cappela) de São Martinho de Tours. Quando desenvolveram-se vários tipos de capela, o ofício de capelão expandiu-se, e alguns capelães passaram a exercer grande poder eclesiástico. Antes da era contemporânea, esse ofício incluía homens nomeados para servir à realeza, à nobreza e a outros clérigos da hierarquia eclesiástica. Finalmente, os capelães passaram a ser nomeados para servir em quartéis, hospitais, prisões e instituições de educação. A *capelânia militar* é um antigo ofício, com amplas aplicações modernas. O ofício de capelão em hospital é antiqüíssimo. Usualmente ele faz parte do pessoal pago do hospital. Os capelães de instituições de ensino usualmente são ministros evangélicos, rabinos ou padres católicos romanos, que tomam conta de uma capela do campus ou de uma fundação religiosa denominacional, localizada perto do campus. Na sociedade moderna, encontramos o aparecimento dos *capelães industriais*. Os sacerdotes operários da França servem de exemplo desse conceito. Esses ministram enquanto trabalham, mantendo alguma posição de respeito na indústria onde servem. (AM E)

## CAPILA Ver Kapila.

## CAPITALISMO

O capitalismo é um sistema econômico baseado nas idéias de propriedade privada, lucros privados e iniciativa privada nos negócios. O socialismo (que vide), substitui o indivíduo pelo estado. Ver também os artigos sobre *Comunismo, Competição* e *Responsabilidade Coletiva*. Assuntos como esses foram incluídos nesta enciclopédia por causa de suas implicações éticas.

**1. História do Capitalismo.** O capitalismo tem existido até onde a história nos faz retroceder, sempre que as pessoas tinham propriedades que consideravam exclusivamente suas, produziam bens agrícolas que trocavam e/ou comercializavam, ou então quando famílias mantinham propriedades privadas. Nas sociedades mais primitivas, como as dos indígenas do Brasil, não há propriedade privada, mas tudo pertence à coletividade. Portanto, o capitalismo já representa uma evolução. Porém, se estamos falando sobre o capitalismo que entrou em choque com outros sistemas, que atualmente fazem parte da sociedade contemporânea, então devemos começar pela forma capitalista que havia no período medieval, quando a Europa começava a adotar uma economia comercial, com laços comerciais distantes. Por volta do século XVII, o capitalismo havia substituído o feudalismo como o sistema econômico geral. O século XIX tem sido considerado a era do capitalismo clássico. Adam Smith argumentava em prol do capitalismo *laissez-faire*, o autocontrole em um mercado livre. Sua teoria foi a fórmula usada na revolução industrial (que vide), que ocorreu nos Estados Unidos da América e na Europa. A economia tomou grande vulto, vieram à existência gigantescas empresas e surgiram multimilionários, e, naturalmente, também houve grandes abusos contra os direitos individuais.

O capitalismo foi desafiado pela Revolução Russa de 1917. Marx asseverava que as desigualdades e injustiças da livre iniciativa requeriam a intervenção do estado, e que o capital deveria visar ao bem público, e não ao bem de alguns poucos privilegiados. Talvez isso fosse típico das idéias de um judeu espezinhado, mas ele era o porta-voz de milhões que pertenciam às esbulhadas classes operárias. Lenin observou que o poder econômico era controlado pelas rédeas dos governos, da Igreja e de certas estruturas sociais, e invocava uma revolução radical, para derrubar o sistema. As condições da Grande Depressão, dos fins da década de 1920 e começo da década de 1930, apresentaram um outro desafio ao capitalismo. Nos Estados Unidos da América, para exemplificar, a resposta foi a maior intervenção governamental e o controle sobre as corporações e trustes privados, bem como uma maior participação dos operários em suas respectivas companhias, mediante a venda de ações entre eles, e outros benefícios dados aos operários. Como vemos, as próprias democracias, através de seus governos, notaram que os abusos precisavam ser corrigidos. É verdade que a Alemanha Ocidental e o Japão mantêm um capitalismo essencialmente clássico, mas outras nações ocidentais atualmente têm economias mistas, onde despontam certas medidas nitidamente socialistas. Vice-versa, atualmente somos testemunhas do curioso fenômeno de que as nações comunistas, a fim de melhorarem a produção e a qualidade de seus produtos, estão injetando normas do antigo capitalismo em seu socialismo, com notáveis resultados práticos. Em 1985, o governo chinês declarou que o comunismo clássico não era mais viável, como sistema econômico, para satisfazer às necessidades chinesas atuais. É que as pessoas trabalham melhor quando está em jogo o seu interesse próprio, do que quando visam apenas um vago ideal do bem-estar coletivo ou do estado. Afinal, o que é o capitalismo, senão uma meia solução para os males sociais e econômicos da era medieval? E o que é o comunismo, senão uma meia solução para os males sociais e econômicos da era czarista? Senhores, o regime áureo só virá quando do reinado milenar de Cristo! Antes disso, todos os sistemas terão de fracassar, por estarem calcados sobre a má índole do homem perdido!

**2. Questões Éticas.** O capitalismo, como princípio básico, sem os seus abusos, concorda com os ideais do cristianismo. O conceito da propriedade privada era uma das vigas mestras do judaísmo. Cada família contava com a sua propriedade particular, protegida por detalhadas leis de herança. O ideal era e continua sendo que cada homem tenha a sua própria vinha e a sua própria figueira (I Reis 4:25; Miq. 4:4). Porém, é deveras instrutivo ver como a legislação mosaica também defendia os direitos dos pobres. De acordo com o cristianismo, o conceito de propriedade privada não somente é exposto como normal, mas, igualmente, como meio de proteger o indivíduo de medidas ditatoriais do estado. O sistema de propriedade privada é um incentivo ao desenvolvimento econômico e ao auto-aprimoramento O Novo Testamento defende com denodo os direitos individuais, dando grande importância à vida e ao destino do indivíduo. Ver Apo. 2:17, nas notas do NTI, quanto a comentários sobre essa noção. A experiência comunitária, na Igreja primitiva (ver Atos 4:32 *ss*) foi voluntária, motivada pela pobreza forçada, devida à perseguição. O trecho de Atos 5:4 mostra-nos que Pedro enfatizou que Ananias podia fazer o que bem entendesse com a sua propriedade. Os comentadores, de modo geral, dizem que a experiência falhou. Porém, talvez devamos dizer que a mesma foi descontinuada, por não ser mais necessária, quando a pressão da perseguição amainou. Mas a partilha de bens, sem uma produção aumentada, apenas propaga mais ainda a pobreza. Foi mister que Paulo fizesse uma coleta, entre os crentes gentios, a fim de aliviar a pobreza que continuava entre os crentes judeus (I Cor. 16:1 *ss*). O Novo Testamento, naturalmente, combate os típicos abusos do capitalismo, como a desconsideração pelos direitos do indivíduo e a escravização dos pobres pelos ricos, mediante medidas econômicas. Paulo apelou em prol da leniência e da generosidade, no caso do escravo fugido, Onésimo (ver a epístola a Filemom). Jesus, por sua vez, salientou o grande valor da alma individual (Mar. 8:36). O Novo Testamento combate a avareza e promove a lei do amor, como a própria essência da espiritualidade (I João 4:7 *ss*). Os vários aspectos do fruto do Espírito (Gál. 5:22, 23) incluem aquelas qualidades que levam um homem a cuidar do próximo; e o amor a Deus e ao próximo forma a essência das exigências da lei (Rom. 13:8). Adam Smith, que tinha um ponto de vista otimista da natureza humana, supunha que, — finalmente, surgiria do mercado livre uma espécie de *harmonia automática*, visto que o homem seria essencialmente bom em sua natureza, a qual controlaria os seus interesses pessoais. Mas o cristianismo ensina que isso só começa a ser curado com a conversão espiritual. Esse preceito, pois, volta-se tanto contra os abusos do capitalismo como contra o ateísmo do comunismo, sistema este que supõe que o mundo é governado por princípios econômicos, e não por princípios espirituais.

De certo ângulo, pode-se dizer que a Reforma Protestante foi uma revolta contra as instituições que estavam esmagando o indivíduo, na tentativa de retornar ao espírito do Novo Testamento. Quando os homens se tornam materialistas, sem importar se o fazem por motivos capitalistas ou por motivos comunistas, eles já abandonaram a essência de seu próprio ser, e seus sistemas tornam-se incapazes de satisfazer às necessidades e desejos comuns a todos os homens. Além do mais, o dinheiro nunca poderá resolver os problemas realmente imperiosos, as

questões envolvidas na vida e na morte; e isso faz parte de uma inquirição que deve ser vista por seus próprios méritos. As desigualdades promovidas pelos sistemas econômicos persistem, sem importar o sistema dominante. Somente o Espírito pode dar solução a esses tipos de problemas. Outrossim, nunca nos deveríamos olvidar que o mandamento de Jesus continua sendo: «...buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas» (Mat. 6:33). Jesus declarou que os gentios são aqueles que não se preocupam com outra coisa além dos assuntos econômicos (Mat. 6:32). Qual é a vantagem de andar alguém em conforto e afluência se a sua alma está faminta, despida e podre? A igreja local que Jesus repreendeu mais fortemente foi precisamente aquela que desfrutava de mais conforto e de mais dinheiro (ver Apo. 3:14). As próprias riquezas materiais só são boas quando servem de meio para promover a vida espiritual (II Cor. 9:8). Senhor, concede-nos *esse tipo* de afluência! (AM E H)

## CAPITÃO

Esse termo traduz três termos hebraicos e dois gregos, a saber:

1. *Sar*, «cabeça», «príncipe», palavra hebraica usada por cerca de quatrocentas e vinte vezes (por exemplo: Gên. 37:36; 39:1; Núm. 31:14,38,52; I Sam. 8:12; II Sam. 2:8; I Reis 1:19; II Reis 1:9; I Crô. 11:6,21; II Crô. 1:2; Jer. 40:7,13; 43:4,5). O paralelo grego é *chiliárchos*, um título militar (ver abaixo). Um outro paralelo grego é *stratopédarchos*, «capitão do acampamento», que aparece somente em Atos 28:16, mas que nossa versão portuguesa traduz por «o soldado». Este era comandante de um destacamento de soldados. No Antigo Testamento temos usos similares, como capitão de cinqüenta, capitão de mil, ou capitão do exército.

2. *Qatsin*, «árbitro», palavra que aparece por doze vezes (por exemplo: Jos. 10:24; Juí. 11:6,11), mas que pode indicar um líder civil (Isa. 1:10), ou militar (as duas primeiras referências).

3. *Shalish*, «terceiro», palavra que aparece por vinte e uma vezes (por exemplo: Êxo. 14:7; 15:4; II Reis 9:25; 10:25; 15:25; II Crô. 8:9). A posição exata de tal oficial nos é obscura, mas, evidentemente, alude a uma ordem superior de militar que combatia em carros de guerra, aludindo, especificamente, àquele elemento que controlava os cavalos, ao passo que os demais homens que estavam no carro de guerra ocupavam-se mais diretamente no combate. Entretanto, há estudiosos que pensam que a referência é a uma terceira ordem de oficiais, após o rei, ou então a comandantes de uma terça parte do exército.

4. *Chiliárchos*, «chefe de mil», palavra que aparece por vinte e duas vezes no Novo Testamento, de Marc. 6:21 a Apo. 19:18.

5. *Strategós*, «capitão», palavra que aparece por dez vezes no Novo Testamento: Luc. 22:4,52; Atos 4:1; 5:24,26; 16:20,22,35,36,38. Nas cinco primeiras referências a palavra é usada para indicar os «capitães do templo», que não eram oficiais militares, e, sim, sacerdotes que comandavam a polícia levítica do templo. Os autores judeus chamavam-nos de «homens do monte do templo». O dever deles era comandar os guardas noturnos, garantindo que as sentinelas estavam cumprindo os seus deveres. No entanto, nas referências do décimo sexto capítulo de Atos, nossa versão traduz essa palavra por «pretores» (que vide), que já eram oficiais gentílicos, nada tendo a ver com o templo de Jerusalém.

*Usos Figurados*. O próprio Deus é chamado de «príncipe do exército do Senhor», isto é, da inteira congregação de Israel, ou das hostes celestiais protetoras de Israel (Jos. 5:14 e Dan. 8:11). A idéia é que Deus tomava sobre si o encargo de proteger o seu povo, liderando-o em seus conflitos gerais e em suas guerras com os inimigos. Acresça-se a isso que Jesus Cristo é o *Capitão de* nossa salvação (Heb. 2:10, onde já é usada outra palavra grega, *archegós*, «líder», palavra essa que aparece em Atos 3:15; 5:31; Heb. 2:10 e 12:2).

## CAPITÃO DO EXÉRCITO

Ver o artigo sobre **Capitão**, Usos Figurados.

## CAPITEL

Um capitel é um ornamento arquitetônico da parte superior de uma coluna. Os capitéis protojônicos encontrados em Megido, presumivelmente foram usados no palácio de Acabe, em Samaria, segundo pensava Albright. As principais menções a capitéis (no hebraico, *kothereth*, palavra usada por vinte e quatro vezes), nas páginas da Bíblia são as das colunas Jeoiaquim e Boaz, no templo de Salomão (que vide). Esses capitéis tinham cinco côvados de altura (cerca de 2,2 m) (I Reis 7:16), ou então 1,3 m, de acordo com II Reis 25:17, que fala em três côvados. É possível que esses capitéis estivessem divididos em duas porções, e que a porção inferior tivesse três côvados. Seja como for, esses capitéis tinham o formato de uma pétala de lírio, encimado por uma taça invertida, que recebia as telas que apoiavam as romãs. O trecho de Amós 9:1 encerra uma referência direta aos capitéis, como um lugar que podia ser ferido, para causar destruição e fazer os limiares do templo estremecerem. O quadro inteiro é uma referência ao julgamento divino. Em Sofonias 2:14, esse item da ornamentação arquitetônica é aludido como lugar onde as aves se alojavam. (Z)

## CAPÍTULOS E VERSÍCULOS DA BÍBLIA

Na maioria dos livros da Bíblia, podemos distinguir divisões naturais, tencionadas pelos autores sagrados. Lucas, por exemplo, como é óbvio, tencionava que seu livro de Atos fosse dividido em sete partes, tendo assinalado o fim de cada uma dessas secções por uma fórmula literária. (Ver *Livro de Atos*). Antes da época de Jesus Cristo, a lei havia sido dividida em secções, para facilitar a sua leitura nas sinagogas. Cada uma dessas secções tinha um nome especial, como, por exemplo, *o arbusto*. Há uma alusão a isso, em Marcos 12:26. Esse sistema acabou envolvendo todo o Antigo Testamento, e as *Parashas* até hoje são assinaladas na Bíblia hebraica. Os primeiros manuscritos gregos do Novo Testamento também tinham divisões. Porém, foi somente no século XIII que Estêvão Langton (que vide), arcebispo de Canterbury, que foi o redator da Magna Carta (que vide), introduziu o sistema que agora conhecemos como capítulos da Bíblia. A Vulgata Latina foi a primeira versão da Bíblia a ser assim dividida. Os versículos foram adicionados bem mais tarde pelo impressor Estêvão, em sua edição do Novo Testamento grego, em 1551. Pouco depois disso, na Bíblia Poliglota de Antuérpia (que vide), de 1569-1572, o sistema de versículos numerados foi aplicado à Bíblia inteira. Ver o artigo separado sobre a *Divisão da Bíblia em Versículos*. Esse sistema, apesar de ser de grande ajuda no estudo do texto bíblico, também ressente-se de uma falha grave. É que, com freqüência, divide o fluxo das idéias, às

vezes bem pelo meio. Disso é culpada tanto a divisão em capítulos como a divisão em versículos. Além disso, alguns versículos são muito breves, e outros muito longos. Nenhum critério de qualquer espécie serviu de guia ao sistema. Porém, consagrado pelo uso, é muito difícil que o sistema seja modificado, pelo menos em nossos dias (E).

## CAPUCHINHOS

Um ramo autônomo da ordem religiosa mendicante dos católicos romanos, os franciscanos (frades menores; que vide), que data da reforma efetuada em 1525, na Itália. O fundador do grupo foi o frade Matteo di Bassi. O seu alvo era o retorno à religiosidade original e à austeridade da regra de Francisco de Assis (que vide). O capuz longo e pontudo (chamado *capuche*), deu origem ao nome da ordem, Capuchinhos, similar ao capuz usado por Francisco de Assis. Essa ordem tem se mostrado muito ativa na obra missionária, pelo mundo inteiro. Os Capuchinhos mostraram-se especialmente ativos nas missões americanas, durante os anos formativos dessa civilização. (E)

## CARAATALÃ

Um nome encontrado em I Esdras 5:36, designando um líder de certa família que retornou da Babilônia em companhia de Zorobabel. Muitas variações desse nome existem nas traduções. Ver Esd. 2:29 e Nee. 7:61, quanto aos nomes dos lugares, na Babilônia, de onde Israel retornou à Palestina.

## CARAÍTAS

Esse foi o nome de uma seita judaica do Oriente Médio, principalmente na Babilônia, nos séculos IX a XII D.C. Foi uma espécie de movimento *volta à Bíblia*. O termo *caraíta* significa *leitor das Escrituras*. Aceitava como autoridade religiosa *somente* as Escrituras do Antigo Testamento, rejeitando todas as interpretações rabínicas do Talmude (que vide). O movimento foi iniciado por Anan ben David.

Precisando de um melhor critério de interpretação (visto que a regra que diz *somente as Escrituras* sempre termina como *eu* e *meu grupo* interpretamos), esse grupo permitiu que a *consciência* de cada indivíduo se encarregasse do trabalho de interpretação. Como era inevitável, e conforme vem sucedendo também no *protestantismo*, isso levou à anarquia e à fragmentação. De nada adianta esperar que todas as consciências humanas, miraculosamente, de alguma maneira, chegarão todas às mesmas interpretações. As comunidades caraítas não demoraram a discordar sobre quase tudo. Não obstante, houve uma contribuição de todo esse esforço, porquanto encorajou o judaísmo a retornar ao estudo da Bíblia. Além disso, — forçou aqueles que pensavam que o *Talmude* é útil expusessem uma polêmica apropriada. O debate sempre é bom, se não termina em hostilidades. O mais bem conhecido oponente do movimento caraíta foi o brilhante Saadi ben Joseph (que vide), que viveu entre 882 e 942 D.C., o qual, subseqüentemente, tornou-se o chefe da academia rabínica de Sura, na Babilônia. Até hoje a seita existe no judaísmo, embora com pequeno número de seguidores e exercendo pouca influência sobre o pensamento dos judeus. (E P)

## CARÁTER

Aquilo que caracteriza um homem, sobretudo em seu progresso espiritual, pois as Escrituras frisam o progresso do caráter no sentido do avanço dentro do processo de transformação segundo a imagem de Cristo; a quantidade e a qualidade resultantes de sua possessão de Cristo. O alvo disso é a perfeição absoluta. Os crentes se encontram em muitos pontos variados, ao longo desse caminho, mas todos os crentes autênticos estão seguindo no caminho da perfeição. O caráter, uma vez completado, será semelhante ao de Cristo, pois os remidos haverão de participar de seu ser essencial e de sua natureza moral, até que, finalmente compartilhem de sua natureza metafísica, de sua divindade, sendo ele o Deus-homem. (Ver o trecho de II Ped. 1:4). Ora, a tribulação desempenha um decisivo papel na produção desse resultado, o que nos mostra a sua importância, embora os sofrimentos sejam tão cruéis como as chamas do fogo. O homem, no ser de quem Cristo realmente está sendo formado, chega àquele estado de «aprovação divina» que, segundo tivemos ocasião de ver em muitos textos bíblicos, é a idéia básica contida na palavra «caráter». Está escrito que Deus Pai aprovou seu Filho, Jesus Cristo, declarando: «Este é o meu Filho, em quem me comprazo» (Mat. 3:17). Por igual modo, os filhos de Deus são «agradáveis» ao Pai, ou seja, são «aprovados» por ele.

## CARÁTER ÍMPAR de Cada Pessoa

Ver o artigo intitulado **Novo Nome e Pedra Branca**.

## CARÁTER INDELÉVEL

Ver o artigo sobre **Caráter Sacramental**. De acordo com a teologia católica romana tradicional, compartilhada pelas igrejas Anglicana e Ortodoxa Oriental, as ordens dos ministros ordenados são indeléveis, isto é, vigoram durante toda a vida do ministro. A Igreja Ortodoxa Oriental, porém, supõe que um ministro indigno perde o privilégio de sua ordenação. Seja como for, a autoridade eclesiástica cabível ao caso pode abrogar a ordem de alguém, de acordo com essa igreja. (E)

## CARÁTER, MORAL E ESPIRITUAL

1. **Caráter Moral-Origem.** Por que as pessoas são como são? Elas já nascem com suas aptidões, ou desenvolvem-nas no decorrer da vida? A filosofia, a sociologia, a genética e a teologia procuram todas encontrar solução para a questão. Alguns estudiosos supõem que o caráter e as características da personalidade são frutos do desenvolvimento, com base na experiência de cada um, condicionadas pelo meio ambiente. Entretanto, os estudos sobre a mentalidade criminosa indicam que algumas crianças, desde a mais tenra idade, exibem tendências para atos criminosos, embora criadas entre outras crianças perfeitamente normais. Alguns cientistas supõem que haja o concurso de defeitos cerebrais ou genéticos que explicam esse fenômeno, ainda que, por enquanto, não existam sólidas evidências para servirem de base à assertiva. Aqueles que acreditam na pré-existência da alma, de mistura ou não com a reencarnação (conforme os pais alexandrinos da Igreja pensavam), falam em uma história da alma separada do corpo, tanto antes quanto depois da encarnação, os quais também dizem que a herança genética é essencialmente destituída de importância, no tocante ao caráter básico do indivíduo. Nesse caso, o caráter dependeria do desenvolvimento, embora a longo prazo, pois envolveria a própria história da alma. E a alma, ao associar-se a um corpo físico, dá continuação à sua história, melhorando ou piorando. Mas, de acordo com esse ponto de vista, o caráter é

trazido desde a história da alma, não sendo um desenvolvimento que ocorre somente durante esta existência terrena, e nem mesmo dependente do estágio infantil. Ian Stevenson, professor de psiquiatria e parapsicologia da Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos da América, nunca se sentiu satisfeito com a teoria freudiana do caráter. Por essa e por outras razões, embarcou em uma carreira que o levou a investigar a reencarnação (que vide) em profundidade, com a ajuda de métodos científicos.

A *teologia*, por sua vez, admite a possibilidade da intervenção divina nessa questão da formação do caráter. Podemos meditar sobre o caso de João Batista, cheio do Espírito Santo desde o ventre materno (Luc. 1:15). Paulo dizia que sabia que havia sido separado para a sua missão, desde antes do seu nascimento (Gál. 1:15). Aqueles que acreditam na preexistência da alma não vêem nisso qualquer atuação arbitrária de Deus, — e nem mesmo uma atuação alicerçada sobre algum misterioso propósito divino. A entidade João e a entidade Paulo teriam estado atarefadas no desenvolvimento da alma por muito tempo, e já haviam atingido uma elevada posição. Precisamente por *essa razão* eles foram escolhidos para cumprir as elevadas missões de que foram encarregados. Outro tanto sucede a cada pessoa, em todas as missões de que os indivíduos são encarregados. As tarefas da vida de cada um dependem, essencialmente, do que cada qual faz a si mesmo, até aquele ponto. A teologia judaica, da época de Cristo em diante, vem ensinando que os grandes profetas de Israel teriam mais de uma missão terrena. Jeremias, por exemplo, era identificado com Moisés, como se fossem uma mesma entidade. Esse conceito tem reflexos na narrativa do Novo Testamento, como em Mateus 16:14, onde o povo judeu tentou identificar Jesus com um dos antigos profetas. Profundos mistérios circundam essas questões, mas é quase certo que o caráter não depende, essencialmente, de variações ambientais. Aqueles que têm criado filhos podem testificar que cada criança exibe seu caráter básico, desde o começo, com notáveis diferenças entre uma criança e outra. As tentativas dos pais para treinar e modificar são úteis e necessárias, e a conversão religiosa (que vide) muito transforma o indivíduo. Porém, existe um material básico sobre o qual essas forças atuam, que raramente é ultrapassado em qualquer grau mais elevado, pois esse material sempre exibirá suas qualidades inerentes. Nem mesmo a conversão religiosa transcende, de modo absoluto, essas qualidades fundamentais, porquanto existem pessoas religiosas em todos os estágios de desenvolvimento de caráter, o que não pode ser inteiramente explicado por seu desenvolvimento espiritual subseqüente à conversão.

**2. Caráter Moral—Desenvolvimento.** O Espírito de Deus ocupa-se da tarefa de nossa transformação espiritual. O caráter básico de cada um de nós, o nosso próprio desenvolvimento, apressa ou retarda essa atuação do Espírito. Mas, cada um de nós pode ir transcendendo a estágios anteriores, e, assim, ir-se aprimorando (II Cor. 3:18). Essa é a mensagem do evangelho. O cultivo dos vários aspectos do fruto do Espírito (Gál. 5:22,23) nos confere maior força de caráter. Portanto, deveríamos mostrar-nos otimistas sobre o que o poder do Espírito Santo pode fazer na nossa vida, a despeito da partida lenta, quanto ao caráter básico de onde todos partimos. Não há que duvidar que a conversão não deixa todas as pessoas envolvidas no mesmo nível espiritual. Existem convertidos que logo tornam-se gigantes espirituais; enquanto que outros são pigmeus espirituais. Percebemos evidências desse fato por todos os lados. Além disso, precisamos considerar aqueles que não passaram por nenhuma clara experiência de conversão, mas que, apesar disso, tornam-se dotados de caráter vigoroso e hígido. Penso que Deus está conduzindo os tais ao longo da reta vereda, e que algum dia, aqui ou no outro lado da existência, ele reivindicará os tais, conferindo-lhes avanços adicionais e entregando-lhes importantes missões espirituais. Deus tem todo o tempo que quiser. As condições se modificam lentamente, e Cristo terminará beneficiando a todos os homens, ou com a *redenção* ou com a *restauração*, em última análise. Ver o artigo sobre a *Restauração*, quanto a esse conceito. Platão por certo estava com a razão, quando pensou que a transformação moral é necessária para que uma pessoa obtenha residência permanente nos mundos espirituais. Hebreus 12:14 ensina-nos exatamente isso; e II Coríntios 3:18 descreve o processo. Por sua parte, I Pedro 4:6 mostra, bem definidamente, que Deus está operando em todas as pessoas, levando-as pelo caminho da espiritualidade, em uma caminhada que não termina com a morte biológica. A missão de Cristo abarca mais do que esta esfera terrena. Opera em todas as dimensões da existência, não havendo ser humano, em qualquer lugar, que esteja fora do alcance de seu poder, sem importar se ainda está nesta vida física e terrena, ou não. Esse sempre foi o ponto de vista dos pais gregos da Igreja. Para mim, essa é uma posição mais razoável do que aquela que foi adotada pelo cristianismo ocidental, que concebe uma vida, uma morte, julgamento e estagnação. Não peço desculpas por declarar-me aqui aliado da Igreja Oriental, quanto a esse ponto de vista. A formação do caráter envolve tempo. Isso envolve a espiritualidade básica de cada um, envolve a própria questão do *destino* de cada um. Isso requer tempo. Deus não tem pressa quanto a isso, embora haja versículos no Novo Testamento que ensinam que, quanto a outras questões, o tempo urge.

**3. O Caráter Moral e os Ataques Contra o Mesmo.** O ceticismo, o hedonismo, o materialismo e muitos outros tipos de *ismos*, lançam sérios ataques contra o caráter, transformando em ídolos o erro, o pecado e a busca pelas vantagens materiais. Todavia, as pessoas dotadas de caráter forte e bem formado não parecem deixar-se abalar por esses ataques, ao passo que os débeis de caráter são sacudidos para todos os lados, por qualquer sopro do vento. Os homens dotados de caráter forte (e eles existem em todas as denominações religiosas, e até mesmo fora delas) são dotados de um forte senso de missão. Apesar de passarem por sua dose normal de tribulações e de terem suas falhas, eles conseguem fixar a mente e o coração em algum ideal, avançando sempre nessa direção. Os indivíduos dotados de caráter mal formado, por sua vez, não se sentem dotados de alguma missão a cumprir, embora isso não signifique que tal condição nunca será alterada. Essas qualidades desenvolvem-se por meio da inquirição espiritual.

**4. O Desenvolvimento Espiritual e o Caráter.** Os meios de desenvolvimento espiritual são diversos. Poderíamos sugerir os seguintes: a. O *treinamento da mente* nas Escrituras Sagradas e na boa literatura, religiosa ou secular, o que confere aos homens o senso do que é superior e melhor, treinando suas mentes para as coisas mais nobres. b. A *oração*, que consiste tanto na petição a Deus como na comunhão com Deus, em louvor a ele prestado. É óbvio que a oração transforma as pessoas e altera o rumo dos acontecimentos. c. A *meditação*, que consiste em sintonizar o espírito com Deus e a irmã gêmea da

oração, é um outro poderoso meio de desenvolvimento espiritual. A Igreja Oriental sempre enfatizou esse fator, e ali muitos buscam a *iluminação* espiritual por via da meditação sistemática. Isso confere à nossa fé aquele toque místico de que ela precisa. d. A *santificação*. Esta nos conduz a Deus (Heb. 12:14), não podendo haver futura glorificação sem a presente santificação. e. A prática da *lei do amor*. Essa é a qualidade espiritual por excelência, aquela em torno da qual todas as demais qualidades espirituais se desenvolvem (Gál. 5:22,23). O amor também é a prova e a essência da espiritualidade (I João 4:7 *ss*). Cada vez que alguém faz o que é bom e gentil para com outrem, impelido pelo verdadeiro motivo do amor, esse alguém aprimora a sua qualidade espiritual, em sua própria alma. f. Cada um de nós deveria ter um ideal para seguir, uma missão para realizar, uma tarefa a cumprir com todas as nossas forças, com todo o zelo de nosso espírito. Isso serve de poderoso edificador do caráter. Todos esses meios desenvolvem em nós o caráter e a espiritualidade, e é com essa finalidade que estamos vivos neste mundo. (H NTI)

## CARÁTER SACRAMENTAL

Muitos teólogos que acreditam no ponto de vista sacramental do batismo, da eucaristia, etc., supõem que essas cerimônias não são meros símbolos. Esses presumem que o Espírito Santo honra aos ritos quando a pessoa os recebe, *marcando* os mesmos ou conferindo-lhes a virtude do alto. É nos escritos de Agostinho que encontramos o desenvolvimento desse tipo de teologia, que recebeu o nome de *sacramentalismo*. Os escolásticos desenvolveram ainda mais o sacramentalismo. Duns Scotus (que vide) ensinava que os sacramentos comunicam *qualidade*, um conceito similar à idéia de PODER, de Aristóteles. Esse ensino foi endossado pelo concílio de Florença (1438-1445). E o concílio de Trento (1545-1563) definiu-o solenemente como segue: «Se alguém disser que nos três sacramentos, a saber, no batismo, na confirmação e nas santas ordens, não há um *caráter* impresso sobre a alma, isto é, uma certa marca (*signum*) espiritual e inapagável, pelo que esses sacramentos não podem ser repetidos, que o tal seja anátema». (Conc. Trid. Sess. ult. cânon 7). Essas são palavras fortes, realmente! Onde elas deixam quem não é católico romano?

Na prática, essa doutrina tem causado alguma dificuldade, mesmo para os católicos romanos. Visto que se pensa que o caráter dos sacramentos não se pode perder, o resultado ocasional disso tem sido os *episcopi vagantes* (bispos vagabundos). Até mesmo um bispo excomungado pela Igreja Católica Romana retém o caráter episcopal, e, por conseguinte, pode continuar a ordenar a outros.

A Igreja Ortodoxa Oriental, entretanto, repudia a idéia do caráter indelével das ordens eclesiásticas, com base no conceito que a ordenação transmite autorização, e não uma marca indelével. Portanto, ali, se uma pessoa é excomungada, ou, de outro modo torna-se indigna de ocupar um ofício eclesiástico, só com isso perdeu o direito à sua ordenação. Acresça-se a isso que alguns grupos insistem sobre o caráter moral do ministro, como fator necessário para a correta administração dos sacramentos ou ordenanças. Assim, os donatistas (que vide), seguindo a doutrina de Cipriano, mantinham que a validade dos sacramentos depende da dignidade daqueles que os administram. Contrariamente a isso, outros argumentam que a validade dos sacramentos depende de Deus, e não dos ministros humanos. Essa é a posição prevalente na Igreja Católica Romana. Uma razão para isso é que é impossível se saber, na maioria dos casos, quão digno ou indigno é um ministro.

No tocante aos grupos cristãos não cerimonialistas, a discussão inteira faz pouco ou nenhum sentido, visto que o que realmente importa é a qualidade espiritual daquele que participa dos sacramentos ou ordenanças, o que já é uma qualidade da alma, nada tendo a ver com a mecânica da religião, com os símbolos que são os ritos religiosos. De fato, essa é a posição que concorda com o espírito do Novo Testamento. Aproximamo-nos mais da verdade quando concebemos que os sinais externos, as cerimônias que os homens incorporam em seus sistemas religiosos, jamais podem servir de instrumentos da graça e da espiritualidade. Esses sinais externos podem tipificar a graça e a espiritualidade, mas não podem criá-las. O judaísmo conta com muitas cerimônias, sacrifícios, etc., atribuindo aos mesmos um valor salvatício. Consideremos o caso da circuncisão. O décimo quinto capítulo do livro de Atos mostra-nos claramente que os primitivos cristãos judeus, mesmo depois que se tornaram parte da Igreja cristã, continuaram crendo que a circuncisão é algo necessário à salvação. Os cristãos gentios, em lugar da circuncisão, pensam que o batismo é necessário à salvação. Pergunto: Se a circuncisão judaica, como um dos principais ritos judaicos, não tinha qualquer efeito salvatício, por que haveríamos de pensar que o batismo, uma outra cerimônia religiosa, tem qualquer efeito quanto à salvação da alma? Essas proposições não são conceitos religiosos primitivos? Os homens tendem por misturar o símbolo com a realidade espiritual que o mesmo representa. Ver o artigo sobre a *Lei Cerimonial* e sobre os *Sacramentos*. Se a circuncisão salvasse, ou fizesse parte da salvação, como teriam sido salvos os patriarcas anteriores a Abraão? E se o batismo salvasse, ou fizesse parte da salvação, como teriam sido salvos todos os crentes do Antigo Testamento? E como teria sido salvo o ladrão que se converteu na cruz, à direita de Jesus? (Ver Luc. 23:39,43). Paulo indaga se a bênção da justificação vem somente sobre os circuncisos ou também sobre os incircuncisos, mediante a fé. E acrescenta: «A fé foi imputada a Abraão para justiça. Como, pois, lhe foi atribuída? estando ele já circuncidado, ou ainda incircunciso? Não no regime da circuncisão, e, sim, quando incircunciso» (Rom. 4:9,10). (C E)

## CARAVANA

No hebraico, **arach**, palavra usada por sete vezes (por exemplo: Gên. 37:25 e Isa. 21:13), e que significa «grupo viajante». Ver o artigo sobre o *Comércio*. O «caminho dos nômades», referido em Juí. 8:11, refere-se a uma rota caravaneira. Formavam-se caravanas por diversos motivos, como migração de povos, viajantes que seguiam em grupos como medida de proteção, e negociantes que andavam em grupos, pela mesma razão. As caravanas tinham seus animais de carga, líderes específicos, se necessário fosse, lugares de descanso e alojamentos em posições estratégicas. Albright demonstrou que desde tão cedo como a Idade do Bronze Médio I (2100-1800 A.C.), já existiam caravanas, e que eram empregados jumentos como bestas de carga, nessa época. As caravanas estabeleceram pontos de ocupação em suas jornadas, espalhados nas rotas comerciais pelo Neguebe e pela península do Sinai, ao longo do caminho interior de Sur (que vide), e desde Berseba, passando por Cades-Barnéia, até Ismailia e Suez. Os camelos

mostravam-se melhores animais de carga para uso nas áreas arenosas, visto que suas patas espalhadas afundam menos facilmente na areia fofa.

Foi uma caravana de especiarias, ismaelita-midianita, que levou o jovem José, filho de Jacó, ao Egito, onde ele foi vendido como escravo (Gên. 37:25,28). Os camelos também eram melhores animais para serem usados nas viagens pelo deserto, devido à sua capacidade de armazenar água em seus estômagos. Ver o artigo sobre o *Camelo*. Os servos de Abraão seguiram em lombo de camelo (Gên. 24:10,56,61). Salomão fortificou Arade, a fim de proteger as rotas das caravanas, que iam buscar especiarias e incenso no sul da Arábia (I Reis 10:2,15). Plínio informa-nos que uma caravana de camelos precisava de sessenta e cinco dias para ir do sul da Arábia até Gaza. Ver *História Natural* xii.32. Até hoje há caravanas de camelos, algumas delas imensas, envolvidas nas peregrinações dos islamitas. (DT Z)

## CARBARITAS

**Uma escola de pensamento do islamismo que** defende o conceito do fatalismo absoluto. Ver sobre o *Islamismo*, ponto 6.

## CARBONO 14

**Ou mediação pelo radiocarbono. Essa é uma** técnica largamente usada para aquilatar a antiguidade dos objetos arqueológicos. O isótopo 14(C) forma-se na atmosfera, mediante o bombardeio do nitrogênio pelos raios cósmicos. Oxida-se sob a forma de dióxido de carbono e é absorvido pelas plantas. Por sua vez, as plantas são ingeridas pelos animais. Nos organismos vivos, há um equilíbrio entre a ingestão do 14(C) e a decadência do isótopo. Após a morte, a radioatividade vai-se decompondo lentamente; quando o nível, em um espécime qualquer, é comparado com o nível existente nos organismos vivos, pode ser calculado o período da morte, de acordo com a taxa de decomposição do 14(C), que tem uma meia vida de 5.700 anos. — Esse método pode ser usado com bastante exatidão por períodos de até sessenta mil anos. Para períodos mais longos do que isso, o tempo passado parece mais curto do que na realidade se passou. Nos artigos sobre a *Astronomia* e a *Arqueologia*, esse e outros métodos para medir a passagem do tempo são discutidos. (AM)

## CARBÚNCULO

**No hebraico temos três palavras, assim traduzidas,** a saber: *Bareqeth*, «pedra brilhante» (ver Êxo. 28:17 e 39:10). Baregath, «esmeralda» (ver Eze. 28:13). *Eben eqdach*, «pedra de brilho» (Isa. 54:12). Os antigos carbúnculos eram, provavelmente, a granada, conforme algumas versões estrangeiras dizem, em Isaías 54:12. É possível que rubis (que vide), também fossem referidos por esse termo. A palavra continua sendo aplicada à granada, usualmente escavada para permitir que a cor da pedra torne-se mais conspícua. A granada de vermelho vivo compõe-se, principalmente, de silicato de alumínio ferroso, embora também possa compor-se de silicato de magnésio alumínio. (Z)

## CARCA

**No hebraico, «solo», «soalho». Nome de um lugar** localizado entre os mares Mediterrâneo e Morto (Jos. 15:3), que veio a pertencer a Judá, na sua fronteira sul. A localização é desconhecida na atualidade.

## CARCAÇA

**No hebraico, precisamos considerar quatro palavras,** e no grego, uma:

1. *Geviyah*, «corpo», palavra usada por nove vezes (por exemplo: Juí. 14:8,9).

2. *Mappeleth*, «coisa caída», palavra usada por quatro vezes (para exemplificar: Juí. 14:8).

3. *Nebelah*, «carcaça», palavra empregada por quarenta e seis vezes (por exemplo: Lev. 5:2; 11:8,11,24-40; Deu. 28:26; I Reis 13:24-30).

4. *Peger*, «coisa exaurida», palavra que ocorre por vinte e duas vezes (para exemplificar: Gên. 15:11; Núm. 14:29,32,33; Isa. 14:19; Naum 3:3).

5. *Ptoma*, «coisa caída», palavra grega usada por sete vezes: Mat. 14:12; 24:28; Mar. 6:29; 15:45; Apo. 11:8,9. Essas palavras aludem tanto a cadáveres humanos quanto a carcaças de animais. Ver Jos. 8:29; Isa. 14:19 e Heb. 3:17. As leis cerimoniais mosaicas a respeito de corpos mortos indicavam os seguintes pontos: 1. Um corpo morto, em uma casa ou tenda, fazia o lugar tornar-se cerimonialmente imundo. Em outras palavras, uma pessoa não podia participar da adoração ou dos ritos religiosos, enquanto essa condição persistisse. Além disso, qualquer vaso ou receptáculo aberto ficava imundo, enquanto o período de imundícia perdurasse, o qual era de sete dias (Núm. 19:16,18; 31:19). 2. O contacto, em qualquer lugar, com um cadáver ou carcaça, fazia a pessoa tornar-se imunda até o cair da noite (Lev. 11:39). Ver o artigo sobre a *Imundícia Cerimonial*.

**Outras Idéias:** 1. As pessoas sentem um horror natural pelos cadáveres ou carcaças, o que se expressa, por muitas vezes, sob a forma de desdém (Isa. 34:3): «Os seus mortos serão lançados fora, dos seus cadáveres subirá o mau cheiro, e do sangue deles os montes se inundarão». 2. A total destruição de um inimigo qualquer ocorria quando se permitia que as feras e as aves de rapina devorassem o seu cadáver. 3. Figuradamente, destacando a sua inutilidade, os ídolos são chamados «cadáveres», em Lev. 26:30. 4. A idolatria, evidentemente, envolvia a adoração em lugares de sepultamento, o que equivalia a veneração às carcaças dos mortos (Naum 3:3; Eze. 43:7,9). 5. O trecho de Mateus 24:28 associa as carcaças com o prometido julgamento final. As águias (abutres), geralmente reúnem-se nos lugares onde há matanças, e a matança assim subentendida, é aquela que acompanhará os horrores da Grande Tribulação (que vide). (I G HA NTI)

## CARCAS

**Um dos sete eunucos que servia ao rei Assuero, da** Pérsia, mencionado apenas em Ester 1:10. A esses eunucos foi ordenado, pelo monarca, que trouxessem a rainha Vasti, para ser admirada pelos príncipes do império, em face de sua incomum beleza física. Mas ela recusou-se a vir com os eunucos. O episódio terminou com a rejeição de Vasti como a consorte do rei. Sua substituta foi Ester, atrás do que havia a mão providencial de Deus.

## CARDAN, GIROLAMO

**Suas datas foram 1510-1576.** Um matemático, médico e astrólogo italiano. Ele defendia o ponto de vista orgânico do mundo. Ver sobre *Organismos, Filosofia dos*. Isso ele explicava segundo termos míticos e panteístas. Também foi o autor dos livros: *Sobre a Sutileza das Coisas* e *Sobre a Diversidade das Coisas*.

## CARDEAL

Um título e ofício eclesiástico da Igreja Católica Romana. O cardeal, originalmente título de grandes clérigos de cidades importantes, como Constantinopla, tornou-se título do mais alto de todos os prelados. As principais funções de um cardeal são: eleger o papa, aconselhá-lo e assessorá-lo no governo da Igreja, e votar em concílios ecumênicos. O ofício é honorário. Não se trata de uma extensão ou ampliação do sacramento das Santas Ordens, não tendo qualquer significação teológica em particular. Só pode ser conferido a alguém pelo papa. O código da Lei Canônica, promulgado em 1917, especificou que todos os cardeais devem ser padres ordenados. Antes desse tempo, outras pessoas, até mesmo leigas, ocasionalmente eram nomeadas cardeais. O papa João XXIII adicionou o regulamento que diz que todos os cardeais devem ter sido, primeiramente, bispos, embora o uso da palavra «bispo», nessa conexão, refira-se ao estado hierárquico, dentro do sacramento das Santas Ordens, e não às categorias de diácono, padre e bispo. Os bispos-cardeais não são responsáveis por alguma área, conforme se dá com os bispos normais. Na qualidade de conselheiros do papa, eles têm uma função semelhante à dos ministros dos governos civis. Precisam agir como chefes de departamentos da Igreja, chefes de comissões, etc. A administração diária da Igreja Católica Romana é manuseada, primariamente, pelos cardeais que são oficiais importantes da Cúria Romana. Esses cardeais residem em Roma. Os cardeais que vivem fora de Roma, ocupam posições em vários escritórios, e são consultados sobre questões de grande importância. A eleição do papa foi entregue ao colégio de cardeais, como um dever e um privilégio, pelo Terceiro Concílio Luterano, em 1179. Uma maioria de dois terços dos votos é requerida para que um novo papa seja eleito. (AM E)

## CARDO

No hebraico, **choach**, «cardo». Vocábulo que aparece por doze vezes. Para exemplificar: I Sam. 13:6; Isa. 34:13. O cardo é uma das plantas daninhas da Palestina. Muitos botânicos e estudiosos pensam que se trata do *Rubus sanctus*, muito comum naquela região do mundo. É um arbusto de folhas perenes, com estames espinhentos. Suas folhas são macias como a lã na parte superior, com a superfície inferior esbranquiçada. Suas flores são róseas, brancas ou púrpura, e os frutos negros e redondos. Ver *Espinheiros*.

## CAREÁ

No hebraico, «calvo». Esse era o nome do pai de Joanã e Jonatã, príncipes judeus da época de Gedalias, o governador babilônio de Jerusalém (Jer. 40:8 *ss*; 41:11 *ss*; 42:1,8; 43:2,4,5). Após a queda de Jerusalém diante dos babilônios, seus filhos juntaram-se a Gedalias, em Mispa (II Reis 25:23).

## CAREM

Uma cidade de Judá, cujo nome só figura no trecho de Jos. 15:29, na LXX, ao passo que no texto seguido pela nossa versão portuguesa só encontramos os nomes de Baalá, Illim e Azém, nesse versículo. Provavelmente, a cidade deve ser identificada com a Bete-Haquerém de Nee. 3:14 e Jer. 6:1, que fica a oito quilômetros ao norte de Tecoa.

••• ••• •••

## CAREY, WILLIAM

Suas datas foram 1761-1834. Foi um ministro batista inglês, grande responsável pela formação, em 1792, da primeira sociedade missionária ao estrangeiro iniciada na Inglaterra, chamada *Baptist Missionary Society*. Foi também o primeiro missionário a ser enviado por essa sociedade. Chegou à Índia em 1794, onde permaneceu até à sua morte, cerca de quarenta anos mais tarde, dedicando-se, portanto, ao seu trabalho, de modo vitalício. Além de fazer trabalho evangelístico, Carey distinguiu-se no campo da lingüística. Ensinou o sânscrito, o bengali e o marati durante trinta anos, tendo escrito dicionários e gramáticas sobre essas línguas.

Carey acreditava que os missionários devem estudar o pano de fundo e as maneiras de pensar dos povos não-cristãos aos que servem, treinando um ministério indígena o mais prontamente possível. Assim, quando Carey faleceu, os próprios crentes indianos puderam dar continuação à obra, pois havia uma liderança formada. Para ajudar nesse mister, Carey proveu um Novo Testamento em língua bengali. Esse excelente exemplo tem sido seguido por grupos ou indivíduos crentes, enviados por várias denominações evangélicas, embora também haja exceções à regra. Há grupos fechados em si mesmos que pensam que o futuro nunca chegará, e não preparam continuadores nacionais de seu trabalho missionário. O resultado disso é uma liderança nacional deficiente, ou mesmo a total ausência de liderança por parte de crentes nacionais. Ver o artigo geral sobre os *Batistas*. (AM E)

## CÁRIA

Um antigo país que ficava na extremidade sudoeste da Ásia Menor, mencionado apenas no livro apócrifo de I Macabeus 15:22,33. Era uma área fértil, dotada de bom clima, dividida por colinas costeiras que atravessavam o país, partindo da orla marítima do mar Egeu. Não dispomos de muita informação sobre os antigos habitantes de Cária, embora aparentemente, no séc. VIII A.C., fossem uma população notável, que dispunha de considerável poder marítimo. Não se sabe, contudo, por qual razão deixaram de ser um poder marítimo. Sob os persas, a região tornou-se uma satrapia distinta; e parece ter-se envolvido na revolta jônica contra o domínio persa. A região foi rapidamente helenizada, embora sempre tivesse sido uma região que os monarcas sírios Selêucidas tiveram dificuldade em controlar. Mudou de mãos por diversas vezes, segundo mudava a maré do predomínio militar sobre a região. Em 129 A.C., tornou-se parte da província romana da Ásia. Naquela referência de I Macabeus, a região é mencionada como um território para onde Roma enviou comunicações, quando de seu apoio inicial aos judeus. (S Z)

## CARIDADE

Por influência da Vulgata Latina, as traduções mais antigas estampam essa palavra em lugar de «amor». Porém, visto que modernamente esse termo tem um sentido mais restrito, dando a entender a doação de esmolas, o cuidado pelos pobres, enfermos, órfãos, etc., as traduções e versões mais modernas dão preferência ao termo «amor» como tradução do termo grego *agapé*. Apesar disso, a importância da *caridade*, em seu sentido moderno, tem sido subestimada em muitos segmentos da Igreja. Ver o artigo sobre as *Esmolas*.

A caridade cristã, no sentido mais restrito da palavra, tem uma nobre história no judaísmo e no cristianismo. A legislação mosaica tinha provisões favoráveis aos pobres. Os pobres, os órfãos e os estrangeiros tinham o direito de respigar o cereal, a uva e a azeitona (Lev. 19:9,10; 23:22; Deu. 24:19). Rute tirou proveito desse costume. (Ver Rute 2:2 e *ss*). Ver também sobre *Respigar*. Na Igreja primitiva, em Jerusalém, todas as coisas eram usadas em comum, de modo voluntário, a fim de evitar as condições difíceis criadas pela perseguição e pela escassez. Ver o artigo sobre a *Vida Comunal da Igreja Primitiva*. As igrejas gentílicas doaram uma oferta substancial, para aliviar essa situação (I Cor. 16:1 *ss*). Nos primeiros dias do cristianismo, os cristãos praticavam os costumes judaicos quanto aos cuidados pelos pobres e pelas viúvas. Os primeiros diáconos (que vide) foram eleitos precisamente com essa finalidade (Atos 6). Paulo estabeleceu regras para a admissão das viúvas, como pessoas sustentadas pelas igrejas locais (I Tim. 5:3 *ss*). Os primeiros cristãos levaram avante essas práticas, e adicionaram outras, como hospedarias para recepção de viajantes cristãos e estrangeiros. As antigas hospedarias viviam repletas de ladrões e prostitutas, e isso criou a necessidade de hospedarias cristãs. Instituições como hospitais, escolas e orfanatos chegaram a tornar-se parte do trabalho das igrejas. Várias ordens religiosas especializaram-se em trabalhos de caridade. Nessa área de atividades, a Igreja Católica Romana tem feito mais e melhor do que os evangélicos em geral. Além disso, não devemos falar sobre as extensas obras de caridade dos espíritas, pois, do contrário, ficaremos embaraçados, porque Deus não nos inspira mais ao amor ao próximo. A *caridade*, no sentido moderno e restrito, é um aspecto da lei geral do amor, a prova mesma da regeneração e da espiritualidade (I João 4:7 *ss*).

## CARISMATA

Ver o artigo geral sobre os **Dons Espirituais**, onde o assunto é amplamente ventilado. O termo *charismata*, em grego, significa, literalmente «coisas dadas gratuitamente», ou seja, «dons». O uso especializado do termo alude aos dons do Espírito Santo (I Cor. 12:4-11). Paulo fornece-nos uma longa lista de diversos desses dons, e no artigo acima mencionado cada um desses dons é individualmente descrito. Em Efésios 4:7-16, há menção a homens espiritualmente dotados, os quais são presenteados à Igreja. Ali a lista dos dons ministeriais da Palavra é completa, estando enumerados os apóstolos, os profetas, os evangelistas e os pastores e mestres. Um detalhe da sintaxe grega dá-nos a entender que «pastores e mestres» formam um único ministério, desdobrado em dois aspectos. Há pastores que apenas pastoreiam; e há pastores que também ensinam. Ver I Tim. 5:17. Ver também Romanos 12:6 *ss*, onde há menção a outros dons, por serem exercidos pelos diversos *membros* do corpo. Cada membro deve ter sua função específica, e deve estar atuando bem nessa função, pois, em caso contrário, o corpo inteiro ressentir-se-á e ficará espiritualmente debilitado ou enfermo.

Ver o artigo sobre *Movimento Carismático*.

## CARLSTADT, Andreas Rùdolf Bodenstein

**Nasceu em 1480 e faleceu em 1541. Foi notável personagem da Reforma Protestante. Ocupava posição de autoridade em Witenberg, e, quanto a alguns pontos, antecipou o desenvolvimento dado por** Lutero. Era dotado de coragem e convicções fortes, embora lhe faltasse algum equilíbrio e bom senso. Em várias oportunidades, seu vigor e falta de prudência, na tentativa de aplicar alguns de seus princípios, quase provocaram o caos. Em seus anos de início de carreira, ele era conhecido como um extremista; e, em várias ocasiões, durante a vida, despertou a animosidade. Isso, finalmente, provocou o seu exílio, e muito sofrimento para ele.

Foi um erudito que ensinou na cidade de Colônia, e mais tarde, na Universidade de Wittenberg, ambas na Alemanha. Suas cadeiras eram a de filosofia e a de teologia. Sua abordagem era essencialmente tomista. Em 1515 foi a Roma, onde se formou em direito. A sua estada em Roma exerceu sobre ele o mesmo efeito que exercera sobre Lutero. Carlstadt renunciou ao tomismo e abraçou as idéias de Agostinho, com ênfase sobre a doutrina paulina-agostiniana da salvação. A 16 de setembro de 1516, ele publicou suas 151 teses, antes mesmo de Lutero haver desafiado ao sistema papal. Carlstadt e Lutero influenciavam um ao outro, embora nunca tivessem sido bons amigos.

O rei da Dinamarca, Cristiano II, convidou Carlstadt para vir ajudar na reforma daquele país. Porém, com seu temperamento, Carlstadt antagonizou o clero e a nobreza dinamarqueses. Ele denunciou a prática do celibato, casou-se e regressou a Wittenberg. Lutero chegou ali nove meses mais tarde, e os dois entraram em choque sobre como dever-se-ia aplicar as medidas da Reforma Protestante. Carlstadt tinha menos paciência do que Lutero, e sempre assumia posições mais radicais. Chegou a negar a necessidade de ordens clericais, e, por algum tempo, abandonou totalmente o ministério. Passou a porção final de sua vida no exílio, na Suíça, quase sempre na pobreza. Exerceu influência sobre o decurso da reforma, de 1518 a 1524; mas seu ardor inflamado, nunca temperado com a prudência e com o bom senso prático, terminou por abafar-lhe a influência. Faleceu em Basel, a 24 de dezembro de 1541. Penso que Carlstadt realizou o seu trabalho, a despeito dos seus problemas, e isso é mais do que podemos dizer acerca de um grande número de pessoas. (AM E)

## CARLYLE, THOMAS

**Suas datas foram 1795-1881. — Homem letrado,** britânico, nascido em Ecclefechan, na Escócia. Educou-se na Universidade de Edimburgo, tendo-se sempre mostrado um homem impelido por intensa busca e conflito espiritual. Sua publicação, *Sartor Resartus* (1833-1834), reflete essa intensidade. Passou a residir em Londres, após o ano de 1834. Embora grande parte de sua energia se tivesse gasto em obras históricas e biográficas como *A Revolução Francesa* e *Frederico, o Grande*, tornou-se conhecido por causa de seus ensaios de crítica social e política, dos quais os principais exemplos são *Chartismo*, *Heróis*, *Adoração e os Heróis da História*, *Panfletos dos Últimos Dias* e *Sartor Resartus*, este último sendo o grande representante de seu gênio notável.

**Idéias: 1. A necessidade de renúncia e de trabalho, para que o indivíduo realize o que deve, com todas as** suas forças. 2. Carlyle promovia a teoria do GRANDE *homem* da história. A esperança do homem jaz em seu *ato heróico*. Esses atos despertam em nós a determinação de produzirmos o melhor de que somos capazes. À sombra dos grandes heróis, os demais homens encontram os seus respectivos lugares. Portanto, a biografia é a essência da história. 3. Ele opunha-se ao materialismo e ao utilitarismo como fatores que contribuem para a degeneração dos homens. Definia a *liberdade* como o direito dos

ignorantes serem governados pelos verdadeiros sábios. Essa idéia não concorda com os ideais democráticos, embora haja aí um grande conceito, *se* homens verdadeiramente sábios puderem ser encontrados para governarem. (E P)

## CARMA

Ver sob **Karma**.

## CARMANIANOS

Em II Esdras 15:30 há uma referência a esse povo, natural da Carmânia, uma fértil província da antiga Pérsia, na margem norte do golfo Pérsico, que modernamente se chama Kerman. Trata-se de uma região montanhosa, separada por um deserto da porção sudoeste do Irã, Persis. Além da província da Carmânia, também havia uma cidade com esse nome. Uma e outra derivavam seu nome dos Kermani ou germanos, uma tribo que ali residia. Heródoto (i.155) menciona esse povo, além de outras tribos, que formavam uma sapatria e pagavam tributo a Dario (ii.93). Posteriormente, o helenismo foi introduzido no lugar por Antíoco I Soter. Cidades gregas foram fundadas na região, como Alexandria da Carmânia. Ainda mais tarde, o sátrapa Numenio de Mesene, do sul da Babilônia, derrotou os persas, nas praias da Carmânia, no mar e na terra, segundo nos informa Plínio (vi.152). (OLM Z)

## CARMELITAS

O nome todo dessa ordem mendicante católica romana é Ordem de Nossa Senhora do Monte Carmelo. Foi fundada em meados do século XII D.C., na Terra Santa. Alguns estudiosos têm procurado achar os antecedentes dessa ordem em fraternidades judaicas, anteriores à época cristã. Foi reconhecida pelas autoridades católicas romanas em 1274, por recomendação do segundo concílio de Lyons, na França. Os carmelitas adotaram sua característica manta de lã em 1287, pelo que, em inglês, a ordem é chamada de *Whitefriars*, «frades brancos». Há duas divisões na ordem: 1. A ordem *Calçada*, que é mais antiga e menos rigorosa; e 2. a ordem *Descalça*, mais numerosa, que data das reformas instituídas por Teresa de Ávila (que vide), em cerca de 1560 D.C. — Teologicamente, eles têm-se notabilizado na sua oposição às idéias de Wycliff, e por sua pertinaz aderência ao tomismo (que vide). Ver o artigo sobre *João da Cruz*. (E)

## CARMELO

No hebraico, «campo plantado», «parque» ou «jardim». É palavra que aparece por vinte e seis vezes no Antigo Testamento.

1. *Um Nome Comum*. O nome Carmelo aparece de forma indefinida, com os sentidos dados acima, em Isa. 16:10; Jer. 4:26; II Reis 19:23. Em Lev. 2:14 e 23:14, o nome aparece para indicar espigas frescas de trigo. Porém, a palavra também ocorre para indicar lugares específicos. É possível que as colinas de pedra calcária do Carmelo tenham recebido tal nome devido à vegetação arbustiva luxuriante e aos densos arvoredos que as encobriam.

2. *Uma Cadeia Montanhosa*. Essa cadeia estende-se por cerca de quarenta e oito quilômetros, na direção noroeste-suleste, desde as margens do mar Mediterrâneo, ao sul da baía de Acre, até à planície de Dotã. Em um sentido mais estrito, o monte Carmelo é o pico principal dessa curta cadeia montanhosa, que alcança um máximo de 531 m, em sua extremidade nordeste, e que fica cerca de dezenove quilômetros distante da beira-mar. Servia de um dos marcos da fronteira de Aser (Jos. 19:26). O rei de Jocneão, de Carmelo, foi um dos chefes cananeus que foram derrotados por Josué. Desde os tempos mais antigos, a paisagem de Carmelo, bela como um jardim, foi sagrada para eles, onde adoravam o Baal cananeu, além de outras divindades oraculares. A beleza natural atrai as pessoas à inquirição espiritual. Talvez os mais bem conhecidos episódios que circundaram o Carmelo foram aqueles em que Elias e Eliseu estiveram envolvidos. Foi no monte Carmelo que Elias desafiou e derrotou os profetas de Baal e Aserá, as divindades que Jezabel, esposa do rei Acabe, de Israel, havia decidido promover (I Reis 18 e 19). Ver o artigo sobre *Baal*. Foi também no monte Carmelo que Eliseu recebeu a visita da mãe cujo filho morrera, e que logo foi por ele ressuscitado (II Reis 4:25).

3. *A Cidade de Carmelo*. Era uma aldeia na região montanhosa de Judá (Jos. 15:55), terra natal de Nabel (I Sam. 25:2,5,7,40) e de Abigail, a carmelita, a qual tornou-se a esposa favorita de Davi (I Sam. 27:3). Saul estabeleceu o lugar, após sua vitória sobre os amalequitas (I Sam. 15:12). Era ali, e não na outra Carmelo, que o rei Uzias tinha as suas vinhas (II Crô. 26:10). Essa cidade atualmente chama-se Karmel, estando localizada cerca de quinze quilômetros a suleste de Hebrom. A palavra não aparece no Novo Testamento. Ao que parece, Judas Iscariotes era natural dessa região, embora isso não transpareça no Novo Testamento. (ID S UN)

## CARMESIM

No hebraico temos a palavra **karmil**, que figura por três vezes no Antigo Testamento: II Crô. 2:7,14; 3:14.

Na antiguidade, os corantes eram obtidos de vegetais, minerais ou animais. Plínio descreveu a cor carmesim (no grego, *kokkinos*) como um vermelho que se aproxima do rosa escuro, quase como a púrpura de Tiro (*Hist. Natural* xxi.45,46). Esse corante derivava-se de certas substâncias extraídas do corpo de um inseto, do gênero feminino. O corante foi usado para vários itens do tabernáculo. Não parece que os hebreus faziam clara distinção entre o carmesim e o escarlate. Todavia, eles tinham um vocábulo para indicar esta última cor, a saber, *shani*, que figura por quinze vezes (para exemplificar: Jer. 4:30; Isa. 1:18). Nesta última referência, a cor indica a culpa do pecado, provavelmente porque o pecado está associado à expiação pelo sangue. Ver o artigo geral sobre as *Cores*.

## CARMI

No hebraico, «frutífero» ou «nobre». Há três homens com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. Um homem de Judá, pai de Acã, o *perturbador* de Israel (Jos. 7:1,18; I Crô. 2:7). Neste último versículo, Acã é chamado Acar. No trecho de I Crônicas 4:1, Carmi aparece como um dos filhos de Judá. A questão é difícil de deslindar, mas o mesmo indivíduo deve estar em foco.

2. Quarto filho de Rúben, fundador da família dos carmitas (Gên. 46:9; Êxo. 6:14; Núm. 26:6; I Crô. 5:3), em cerca de 1872 A.C.

3. Filho de Hezrom (neto de Judá), pai de Hur (I Crô. 4:1), que em outros textos é chamado de Calebe (I Crô. 2:18) ou de Quelubai (I Crô. 2:9). Alguns

estudiosos identificam-no com o mesmo homem do nº 1, acima.

## CARMIS

Um dos três governantes de Betúlia (Judite 6:15 e 8:10), a quem Judite apelou, pedindo ajuda, quando Holofernes ameaçou a região.

## CARNAL

Esse vocábulo vem do latim **caro, carnis**, «carne», tradução dos termos gregos *sarkikós* e *sárkinos*. Usualmente, esse vocábulo alude ao corpo de carne; mas também é usado metaforicamente para indicar os apetites do corpo, ou então aquilo que é mundano, fazendo contradição ao que é espiritual. Consideremos os pontos abaixo:

1. Em Romanos 7:14, indica-se a posse da natureza da carne, e isso governado por considerações e valores humanos, e não pelo Espírito de Deus (I Cor. 3:1,3). 2. O que é *carnal* também pode ser uma alusão àquilo que é inerentemente fraco (II Cor. 10:4); 3. o que é temporal (Heb. 7:16); 4. o que é débil e pecaminoso (II Cor. 1:12). 5. Também pode ser uma distinta disposição antiespiritual (Rom. 7:14). 6. Ou então aquela disposição antiespiritual que aliena os homens de Deus (Rom. 8:5-8). 7. O que é carnal também pode apontar para a imaturidade espiritual, que não conseguiu livrar-se daquilo que é inerentemente mau (I Cor. 3:3,4). 8. O poder do que é carnal pode ser tão grande que chega a alienar a mente, tornando-a inimiga de Deus (Rom. 8:7). 9. As antigas cerimônias veterotestamentárias eram carnais, no sentido que diziam respeito aos corpos dos homens e dos animais, que são entidades terrenas, e não espirituais, embora tais cerimônias tivessem um simbolismo espiritual (Heb. 7:16; 9:10). 10. As relações sexuais proibidas também são chamadas *carnais* (Lev. 18:20 e 19:20). 11. As armas usadas pelos ministros do evangelho não são carnais, e, sim, espirituais em sua natureza (II Cor. 10:4). 12. Carnais também são as substâncias necessárias para o sustento do corpo (Rom. 15:57; I Cor. 9:11), ou seja, as *coisas materiais*. 13. *Contrastes*. Existe o homem espiritual; existe o homem natural (não-regenerado); e existe o homem regenerado, mas ainda carnal. Este último é o crente que ainda não se esforçou por cumprir todo o seu potencial espiritual, que continua lançando mão de coisas carnais em muitos aspectos de sua vida, quando deveria lançar mão de realidades espirituais. Ver Rom. 7:14 e I Cor. 3:1 (homem carnal); I Cor. 2:14 (homem natural); I Cor. 2:15 e 3:1 (homem espiritual). (I IB NTI)

## CARNAP, RUDOLF

**Suas datas foram 1891-1970. Foi filósofo alemão,** positivista (ver sobre o *Positivismo*). Foi professor de filosofia na Universidade de Chicago, bem como na UCLA. Durante muitos anos, foi um dos mais influentes lógicos positivistas, aquele que expunha a mais completa filosofia desse ponto de vista. Ele acreditava que o progresso na filosofia requer a análise científica dos conceitos envolvidos, considerando o desenvolvimento de uma linguagem formal como o primeiro passo essencial de tal análise. Ele fez contribuições importantes, mas controvertidas, no campo da semântica. Suas principais obras escritas foram: *Der Logische Aufbau der Welt; Logische Syntax der Sprache; Introduction to Semantics; Meaning and Necessity; Logical Foundations of Philosophy*.

**Idéias Principais:** 1. **A metafísica é destituída de** significado, visto que todo o conhecimento alicerça-se sobre a percepção dos sentidos, e não existem objetos metafísicos. 2. As proposições são destituídas de sentido, a menos que tenham alguma conseqüência empírica. As proposições precisam ser testadas empiricamente. Esse teste deve envolver uma linguagem científica. 3. O conhecimento é muito mais uma questão de taxa de probabilidades, e não uma entidade completa, fixa e perfeita. De fato, o conhecimento, segundo as definições tradicionais, nem existiria. Ver sobre o *Ceticismo*. 4. O caráter do significado das idéias deve ser julgado por seus resultados práticos, com base na análise lingüística e lógica. Carnap considerava as proposições da metafísica como destituídas de sentido por serem respostas a pseudoproblemas. 5. Haveria dois tipos de probabilidades: uma delas seria a simples freqüência de probabilidade, apropriada aos problemas estatísticos. A outra seria a probabilidade de confirmação, que se aplicaria aos modos de proceder indutivos. Com base nas evidências, poderíamos afirmar a probabilidade de uma proposição qualquer, através da experiência e da análise. Nisso, vemo-nos envolvidos na lógica indutiva.

**Crítica.** Do ponto de vista religioso, podemos criticar o **Positivismo Lógico** (ver o artigo), quanto a certos pontos: 1. Parte do conhecimento religioso, pelo menos, pode ser mediado através dos *sentidos*, como os acontecimentos históricos, que são importantes para a fé histórica, e as experiências místicas, que também podem ser mediadas através dos sentidos. 2. As *provas racionais* da fé religiosa também podem ter sua base na observação empírica, como o raciocínio acerca da existência da alma ou de Deus, com base no exame empírico do universo, a consideração sobre seu desígnio, a necessidade racional de postular o princípio de causa, com base na existência de efeitos que fazem parte óbvia de nosso mundo empírico. No que tange à alma, atualmente há provas empíricas, até mesmo em forma de experiências de laboratório, que comprovam a sua existência. Há, para exemplificar, a *projeção da psique* (que vide), bem como as experiências de quase morte (que vide), para mencionarmos apenas dois dos modos mais destacados de olharmos para a alma, do ponto de vista científico. 3. É um erro limitarmos a busca pelo conhecimento somente a meios empíricos (que vide). O racionalismo (que vide), a intuição (que vide) e o misticismo (que vide), também são meios válidos para a obtenção de conhecimentos. Supor que somente o empirismo é válido como meio, revela um preconceito *a priori*, por parte de quem assim pensa. 4. O *positivismo* é uma crua tentativa de retirar o mistério de um mundo repleto de mistérios. De fato, demonstra estagnação na maneira de pensar, o que, se for seguido muito de perto, só poderá impedir a busca pelo conhecimento. As contribuições do positivismo à ciência são inegáveis, mas há outras maneiras de considerarmos o mundo e de aprendermos a seu respeito sem ser através dos sentidos. 5. Com demasiada freqüência, o positivismo tem como uma de suas bases, uma espécie de pressuposto antifé, como se qualquer coisa sujeita à fé automaticamente seja suspeita. Aqueles que promovem o positivismo não são especialistas na fé e na experiência religiosa, mas presumem saber que nada há de válido na fé e na experiência religiosa. Essa é uma típica atitude preconcebida, e, portanto, não científica. Pois a própria base da ciência é a experiência, mesmo

quando não se espera um resultado positivo. Se os positivistas não têm experiência, como podem saber? 6. No positivismo há uma ignorância sobre o que acontece no caso dos gigantes espirituais, cujas obras ilustram que sucedem-se coisas que podem acontecer, completamente fora de toda expectação do que é natural e científico. Consideremos a vida de Jesus Cristo e suas obras. Ele estava muito acima da ciência. Consideremos ao menos o caso moderno de Satya Sai Baba (que vide), o qual, em nossos próprios dias (1985), está reproduzindo os milagres de Jesus a curta distância. Os positivistas lógicos têm-se convertido instantaneamente ao observá-lo, mesmo quando chegam à sua frente a fim de criticá-lo, pensando em poder provar que tudo não passa de uma fraude. (EP P)

## CARNE

*Esboço*:

I. Idéias Básicas
II. A Carne Não é Pecaminosa
III. A Carne é Fraca
IV. Usos Metafóricos e Espirituais
V. O Corpo Não-Físico
VI. A Comunhão Mística com Cristo
VII. Palavras Envolvidas

O termo «carne» representa certa complexidade de idéias nas Escrituras Sagradas, envolvendo sentidos literais, metafóricos e espirituais. Poderíamos sumariá-las conforme o fazemos abaixo:

### I. Idéias Básicas

1. A *criação animal*, que inclui o homem e os animais irracionais (Gên. 6:13,17,19; 7:15; Mat. 24:22; I Ped. 1:24).

2. O *corpo vivo*, tanto dos homens quanto dos animais (Gên. 41:2,19; Jó 33:21; I Cor. 15:39).

3. O corpo de carne, em distinção à armação óssea (Luc. 24:39).

4. Os animais usados como alimento, e o próprio alimento (Êxo. 16:12; Lev. 7:19).

5. O corpo em distinção ao *espírito* (Jó 14:22; 19:26; Pro. 14:30; Isa. 10:18; João 6:52; I Cor. 5:5; Col. 2:5; I Ped. 4:6).

6. *Carne e sangue* indicam a natureza humana inteira (Gên. 2:23; Mat. 19:5; Efé. 5:25-31).

7. A *encarnação* de Cristo (João 1:14; 6:51; Rom. 1:3; Col. 1:22).

8. A *geração física* ou natural (Gên. 29:14; 37:27; João 1:13; Rom. 9:8; Heb. 2:11-14).

9. Um outro *homem mortal* (Isa. 58:7).

10. A *natureza sensual* do ser humano, incluindo seus desejos naturais. Isso não precisa incluir qualquer sugestão de depravação (João 1:13) ou ter tais conotações (Mat. 26:41; Mar. 14:38).

11. A *natureza humana* à parte da influência divina, e, portanto, inclinada ao pecado, mostrando-se contrária a Deus (Rom. 8:3,5,6; II Cor. 7:5; Gál. 5:16).

12. Uma expressão eufêmica para os órgãos sexuais (Gên. 17:11; Êxo. 28:42; Lev. 15:2,3; II Ped. 2:10; Jud. 7).

13. Em combinação com o sangue, ou seja, *carne e sangue*, dando a entender a fraqueza e falibilidade humanas, inclinada ao erro (Mat. 16:17; Gál. 1:16; Efé. 6:12).

### II. A Carne Não é Pecaminosa

O Novo Testamento, em contraste com o gnosticismo (que vide) não ensina a pecaminosidade do corpo físico ou princípio material. Ambos podem ser usados na promoção do mal, e o corpo físico é fácil de ser tentado ao pecado; mas a matéria, por si mesma, é moral e espiritualmente neutra. Os gnósticos tinham dois pressupostos básicos que eram errôneos: 1. O espírito é puro. 2. O corpo é mau, porque o princípio do mal reside na própria matéria. O cristianismo bíblico dispõe de dois pressupostos que contradizem a posição dos gnósticos: 1. O espírito humano é decaído, pois o homem essencial é o espírito, ao passo que o corpo físico é apenas um veículo. 2. O corpo físico é moralmente neutro, embora sirva de instrumento que, naturalmente, tenta ao pecado, conforme se dá, por exemplo, nas questões sexuais, ou na glutonaria, ou seja, através dos apetites.

### III. A Carne é Fraca

Platão aludiu ao corpo físico como o sepulcro ou a prisão da alma. O Novo Testamento não compartilha de tão melancólica atitude, embora valorize muito mais o espírito do que o corpo físico. — O alvo da carreira cristã é a liberdade em um corpo novo ou espiritual, em que o antigo veículo é deixado para trás (I Cor. 15:35 ss). O corpo nos sujeita a certa variedade de tentações, por causa de sua debilidade (Mat. 26:41). A lei de Deus envolve maior número de mandamentos do que podemos manusear devidamente em meio a essa fraqueza (Rom. 8:3). O corpo está sujeito a debilidades que nos servem de empecilhos (Gál. 4:13), além de ser instrumento fácil do pecado, conforme se vê no sétimo capítulo da epístola aos Romanos. O corpo físico é mortal e, portanto, fraco (II Cor. 4:11).

### IV. Usos Metafóricos e Espirituais

1. Ter nascido somente segundo a carne é estar perdido (Gál. 4:29).

2. Há a natureza carnal e pecaminosa, em contraste com a natureza espiritual (Rom. 8:9).

3. A carne é a sede das tentações (Rom. 7:18,25; 8:5,12,13; I João 2:16).

4. A carne é uma natureza carnal que procura perturbar (Gál. 5:13).

5. A palavra «carnal» aponta para a natureza pecaminosa, ou então, simplesmente, para o pecado (Jud. 23).

6. Existe uma mente carnal, que é a natureza pecaminosa do homem que opera através de sua mente e de todo o seu ser (Rom. 8:7; Col. 2:18).

### V. O Corpo Não-Físico

O novo corpo, ressurrecto, veículo da alma após a morte biológica, não será um corpo físico, e, sim, uma energia espiritual. Será resultado da ressurreição, que considero ser uma espécie de nova criação, e não a mera reformulação dos elementos físicos, atômicos. Alguns teólogos insistem em uma ressurreição literal do corpo físico. Ver I Cor. 15:35 *ss* e Fil. 3:21. Ver o artigo sobre a *Ressurreição*.

### VI. A Comunhão Mística com Cristo

Essa comunhão é expressa através de expressões como comer sua carne e beber o seu sangue (João 6:53). Ver o artigo sobre esse assunto, sob o título, *Comer a Carne e Beber o Sangue de Jesus*. Ver também sobre *Jesus Como o Pão da Vida*.

### VII. Palavras Envolvidas

Há três palavras hebraicas e duas palavras gregas principais, envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Basar*, «carne». Palavra hebraica que ocorre por cerca de duzentas e sessenta vezes, começando em Gên. 2:21 e terminando em Zac. 14:12.

2. *Sheer*, «remanescentes». Palavra hebraica usada

por nove vezes com esse sentido. Por exemplo: Sal. 73:26; 78:20,27; Pro. 11:17; Jer. 51:35; Miq. 3:2,3.

3. *Besar*, «carne». Palavra aramaica usada por três vezes, sempre no livro de Daniel (2:11; 4:12; 7:5).

4. *Kréas*, «carne» (como alimento). Termo grego usado por duas vezes: Rom. 14:21 e I Cor. 8:13.

5. *Sarks*, «carne». Vocábulo grego usado por cento e trinta e seis vezes: Mat. 16:17; 19:5,6; 24:22; 26:41; Mar. 10:8; 13:20; 14:38; Luc. 3:6; 24:39; João 1:13,14; 3:6; 6:51-56,63; 8:15; 17:2; Atos 2:17,26,31; Rom. 1:3; 2:28; 3:20; 4:1; 6:19; 7:5,18,25; 8:3-9,12, 13; 9:3,5,8; 11:14; 13:14; I Cor. 1:26,29; 5:5; 6:16; 7:28; 10:18; 15:39,50; II Cor. 1:17; 4:11; 5:16; 7:1,5; 10:2,3; 11:18; 12:7; Gál. 1:16; 2:16,20; 3:3; 4:13,14,23,29; 5:13,16,17,19,24; 6:8,12,13; Efé. 2:3, 11,15; 5:29,31; 6:5,12; Fil. 1:22,24; 3:3,4; Col. 1:22,24; 2:1,5,11,13,18,23; 3:22; I Tim. 3:16; File. 16; Heb. 2:14; 5:7; 9:10,13; 10:20; 12:9; Tia. 5:3; I Ped. 1:24; 3:18,21; 4:1,2,6; II Ped. 2:10,18; I João 2:16; 4:2; II João 7; Jud. 7,8,23; Apo. 17:16; 19:18,21. (NTI RO (1952) UN Z)

## CARNE OFERECIDA AOS ÍDOLOS

Ver os trechos de I Cor. 8:1 **ss**, 10:25,27; Apo. 2:14,20. A passagem de Atos 15:20 mostra-nos que comer carnes oferecidas aos ídolos foi uma prática vedada aos crentes, pelo concílio apostólico de Jerusalém. As carnes eram expostas diante dos ídolos para agradar aos deuses ou espíritos que esses ídolos representavam. O trecho de I Cor. 10:20 mostra que os judeus e os cristãos primitivos acreditavam que há espíritos demoníacos por detrás dos ídolos, sem importar se isso era ou não reconhecido pelos participantes dos cultos idólatras. Os alimentos oferecidos nos templos podiam então ser vendidos nos mercados. Um cristão que por ali passasse poderia comprar de tais alimentos. Se, porventura, desconhecesse a sua origem, então não poderia ser acusado de haver participado dos mesmos. Mas, se ele comprasse e comesse dos mesmos de maneira consciente, então um outro cristão poderia pensar que ele era culpado de certa forma de idolatria. Ou então, um cristão podia ser convidado a uma refeição ou banquete, participando de tais alimentos. Paulo assumia uma atitude de indiferença para com questões assim, porquanto, na verdade, o ídolo nada significa (I Cor. 8:4). Mas, a atitude que transparece em I Cor. 10:20, de que os demônios estão por detrás das práticas idólatras, pelo menos no caso de alguns serviria de indicação de que a participação em tais alimentos oferecidos a ídolos era um ato extremamente repugnante. Por esse motivo, Paulo recomendou que os crentes evitassem ofender aos outros, abstendo-se de tal prática, a menos que o fizessem totalmente em segredo. Podemos estar quase certos de que alguns dos outros apóstolos não concordariam com essa atitude *liberal* de Paulo. Antes de tudo, o concílio de Jerusalém havia condenado a prática de maneira absoluta; e a razão para tanto provavelmente não envolvia somente a tentativa de agradar aos cristãos judeus. Outrossim, o trecho de Apo. 2:14,20 mostra-nos que o autor sagrado desse último livro do Novo Testamento via tal prática com horror. Para ele, a questão não parecia ser indiferente.

*Simbolismo*. A questão ilustra a prática de coisas inocentes em si mesmas, mas que podem ofender a outras pessoas, como formas de entretenimento, ingestão moderada de bebidas alcoólicas, uso de jóias e enfeites pelas mulheres crentes, etc. A aplicação é que aquele que é sério em sua inquirição espiritual deveria estar disposto a sacrificar aquelas coisas que ofendem a outros crentes, ainda que ele mesmo não veja nenhum erro nessas coisas.

## CARNÊADES

Nasceu em 214 e faleceu em 129 A.C. Foi um filósofo cético, nascido em Cirene, na Grécia. Foi o fundador da Terceira Academia, em 156 A.C. Ele opunha-se ao estoicismo, ao seu tipo de conhecimento e a seu sistema ético. Ver o artigo geral sobre o *Ceticismo*.

*Idéias*: 1. Não temos consciência das coisas, mas apenas de *nossas impressões* sobre elas. Outrossim, é impossível distinguir entre as impressões falsas e as verdadeiras. Portanto, quem é sábio suspende seu juízo, não tendo certeza de que pode ter certeza de alguma coisa. 2. Não obstante, há graus de *probabilidades*. Uma forte impressão *pode* estar certa. Além disso, há impressões que parecem harmonizar-se com aquelas de outras pessoas, que não são contraditas. Há até mesmo impressões não contraditas e confirmadas, fornecendo-nos uma mais alta taxa de probabilidades. 3. Contrariamente à idéia da providência divina, ele salientava toda a desarmonia existente nas coisas deste mundo. Pensava que a ordem que porventura existe na criação, pode ser explicada segundo termos naturais, e não sobrenaturais. 4. O *conceito de Deus* compõe-se de várias contradições, nas quais o infinito é misturado com o finito, o bem ordenado com o desordenado, a infinitude com a individualidade, a imanência com a transcendência. Deus não pode ser, ao mesmo tempo, dotado de corpo e destituído de corpo. Se ele tem corpo, então Deus deve ser simples ou composto. Se ele é simples, então é incapaz de ter vida e de pensar; se ele é composto, então está sujeito à desintegração. Se destituído de corpo, Deus não pode agir e nem sentir. Finalmente, nenhuma assertiva de qualquer espécie pode ser feita acerca de Deus. 5. Carnéades rejeitava a idéia de uma ação sem causa, que requer uma explicação extrafísica. 6. A essência do *ceticismo* é que o conhecimento, se tiver de ser reputado perfeito ou completo, é impossível, ou, pelo menos, é impossível para nós conhecê-lo. O «conhecer» somente acompanha uma taxa de probabilidades, com base em nossos débeis sentidos da percepção. (E EI P)

## CARNEIRO

Ver **Ovelha**.

## CARO, JOSÉ

Nasceu na Espanha, em 1488, e faleceu em Safede, na Palestina, em 1575. Tornou-se conhecido principalmente como autor da obra *Shulhan Aruk*, a qual, a partir do século XVII, tornou-se a autoridade padrão sobre a lei, o ritual e a observância judaicas. Caro era um místico, conforme transparece em seu diário, onde ele entra em discussões com seu guia celestial. (E)

## CARPINTEIRO

Ver o artigo geral sobre **Artes e Ofícios**. O termo bíblico «carpinteiro», no hebraico, *harush*, «artesão», e no grego *tékton*, «artífice», é uma espécie de termo geral para indicar qualquer artífice que trabalha em pedra, metal ou madeira, e não somente em madeira. Ver II Sam. 5:11; I Crô. 14:1; Isa. 44:13; Mat. 13:55; Mar. 6:3. Nos trechos de II Sam. 5:11; II Reis 12:11; I Crô. 14:1; Isa. 44:13; Mat. 13:55 e Marc. 6:3, o termo

parece limitar-se ao trabalho em madeira. O trabalho feito por vários artífices é pintado na denúncia de Isaías contra a idolatria (Isa. 41:7 e 44:9,10). Infelizmente, tais homens produzem ídolos para serem adorados (vs. 13:17); eles têm grande habilidade, mas são suficientemente embotados para não perceberem que estão produzindo algo inferior a eles mesmos, algo que simplesmente não pode ser equiparado à divindade. A passagem de Jer. 24:1 mostra-nos que a deportação para a Babilônia incluiu homens de diversas profissões. Portanto, eles tornaram-se elementos valiosos para o inimigo, ao mesmo tempo em que Judá desintegrava-se.

*No Novo Testamento.* Marcos 6:3 chama Jesus de «carpinteiro»; e Mateus 13:55 diz que Jesus era «o filho do carpinteiro». Mui provavelmente, Jesus foi ambas as coisas. Supõe-se que Jesus trabalhava em companhia de José, na carpintaria, e que, após a morte de José, Jesus continuou sozinho o trabalho de carpinteiro. Visto que Nazaré era uma pequena comunidade, provavelmente José e Jesus eram os únicos carpinteiros da localidade. Justino Mártir, em seu *Diálogo com Trifo*, assevera que Jesus trabalhava como carpinteiro, e que, no segundo século D.C., objetos feitos por ele ainda existiam. Portanto, Jesus aprovou o labor comum, tornando-o honroso. Porém, também demonstrou que esse trabalho, por si só, não é suficiente. Não basta trabalhar. Deve também haver a inquirição espiritual em cada vida humana. É interessante observar que a palavra grega *tékton* pode significar um carpinteiro, mas também pode significar um construtor ou pedreiro, um artífice, ou mesmo qualquer artista em qualquer arte ou ofício, incluindo um planejador, um autor ou um poeta. A tradição apresenta José e Jesus como carpinteiros, isto é, como quem trabalhava em madeira, não havendo qualquer boa razão para contradizermos a mesma. (A FO I RO VIN)

## CARPO

Provavelmente um nome derivado do termo grego *kárpos*, que significa «fruto». Esse era o nome de um homem com quem Paulo ficou hospedado, quando esteve em Trôade, e que, presumivelmente, era cristão. O trecho de II Timóteo 4:13 informa-nos que Paulo deixara ali uma capa. Provavelmente isso ocorreu quando Paulo passou pela Ásia Menor pela última vez, antes de seu martírio em Roma. O frio que Paulo experimentou na prisão, levou-o a pedir que Timóteo lhe trouxesse a tal capa. Alguns intérpretes supõem que, na ocasião, Paulo estava recolhido em uma masmorra. Carpo não é mencionado em qualquer outro trecho do Novo Testamento; mas, de conformidade com Hipólito, ele tornou-se bispo de Berito ou Beréia, na Trácia.

## CARQUÊMIS

Era uma cidade hitita, à margem direita do rio Eufrates, uma grande fortaleza localizada perto dos melhores vaus daquele rio (Jer. 46:24; Isa. 10:9). Era a capital oriental dos hititas. O rei assírio, Assur-Natsupal (cerca de 885-860 A.C.) ameaçou atacá-la, mas foi comprado mediante ricos presentes. Chegou a tornar-se lugar de muito luxo e riquezas, devido a séculos de comércio com outros povos. Sargão capturou Carquêmis em 717 A.C., o que assinalou a queda do império hitita. Os hititas são chamados heteus, na Bíblia. Foi em Carquêmis que Nabucodonosor II derrotou Faraó Neco, do Egito, em 605 A.C. (ver Jer. 46:2), evento esse que marcou o início do esplêndido império neobabilônico, e que pressagiou o cativeiro babilônico (que vide), do reino israelita do sul, Judá. Após o ataque de Nabucodonosor contra Carquêmis, sua importância declinou rapidamente. Na época dos monarcas Selêucidas, uma nova cidade ocupava o local da antiga Carquêmis, chamada Europos. Esse local tem sido amplamente escavado pelos arqueólogos. Isso revelou-nos uma importante cultura hitita. As ruínas da antiga Carquêmis estão no local da moderna Jerablus, que é uma corruptela da palavra grega *Hierópolis*. (UN WIS WOO)

## CARRO

No hebraico, **agalah**, «vagão», vocábulo que aparece no Antigo Testamento por vinte e cinco vezes (para exemplificar: I Sam. 6:7-14; I Sam. 7:3; Isa. 5:18; Gên. 45:19,21,27; Núm. 7:3,6,7). Essa palavra denota qualquer veículo que se movia sobre rodas e era puxado por animais. Cada contexto deve determinar o tipo de carro envolvido. Por exemplo, Faraó enviou carros para transportar para o Egito a família de Jacó e seus bens (Gên. 46:5). E, por ocasião da entrega das ofertas dos príncipes de Israel, quando da dedicação do altar, essas ofertas foram trazidas em seis carros cobertos, cada qual puxado por dois bois (Núm. 7:3,6,7). Quando Davi tentou trazer a arca de Deus desde Quiriate-Jearim, esta foi transportada em um carro novo. Nessa oportunidade, Uzá, um dos dois homens que guiava o carro, foi morto pelo Senhor, quando se atreveu a pôr a mão sobre a mesma, ao pensar que a arca poderia tombar no chão, visto que os animais haviam tropeçado (I Crô. 13:7 *ss*). E a arca terminou ficando na casa de Ovede-Edom por três meses; e ele e sua família foram abençoados pelo Senhor, por causa disso. Em I Sam. 6:7, há carros mencionados usados para remoção da arca e de outros utensílios sagrados, puxados por dois bois. Carros comuns eram usados para transportar produtos agrícolas (Amós 2:13).

A arqueologia mostra-nos que os carros eram comuns desde o alvorecer da história humana. Eram conhecidos na Babilônia e no Egito (Gên. 45:19-21; 46:5). Nos dias dos Juízes, em Israel, eram usados carros nas principais estradas das regiões montanhosas, para transportar toda espécie de coisas (I Sam. 6:1-12). Normalmente, eram puxados por dois bois ou por dois cavalos (Núm. 7:3-8; I Sam. 6:10). Pessoas e coisas eram transportadas em carros (Gên. 45:19). Os carros maiores tinham dois condutores (I Crô. 13:7). Usualmente eram fabricados de madeira, pelo que podiam ser desmantelados e queimados (I Sam. 6:14; Sal. 46:9). As rodas eram feitas sólidas ou munidas de raios, e algumas vezes, eram munidas com cambotas de metal (Isa. 28:27,28). Nos baixos relevos do Egito e da Assíria encontram-se boas representações dessas rodas. Também havia carros militares, para transporte de equipamentos ou comestíveis (Isa. 28:27,28; Sal. 46:9).

**Uso Figurado.** Há aqueles que puxam o pecado como com tirantes de carro (Isa. 5:18), o que indica que alguns homens escravizam-se ao pecado como se fossem carros sobrecarregados de cargas. Ou então está em foco o pecador, vergado sob as pesadas cargas de seus vícios. (G HA S UN)

## CARROLL, LEWIS

Pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898), que ele empregava em seus escritos não profissionais. Formou-se com distinção em matemática, e

publicou seus úteis livros chamados *Euclides I* e *Euclides II*. Além disso, ele escreveu ensaios pioneiros sobre a teoria matemática da votação. Todavia, tornou-se melhor conhecido devido a seus livros populares, como *Alice no País das Maravilhas, Através da Lente* e *Sílvia e Bruno*. O primeiro, apesar de ser famoso como história infantil, também é uma obra casual e leve sobre a lógica filosófica, guarnecida de inúmeros exemplos de inesquecíveis absurdos. Os inimigos da fé religiosa têm comparado a mesma a uma *Alice no País das Maravilhas* de natureza espiritual.

## CARROS DO SOL

Essa expressão aparece em II Reis 23:11, indicando aqueles carros que Josias queimou, entre outras medidas purificadoras que tomou, quando de suas reformas religiosas em Judá. Vários versículos do Antigo Testamento informam-nos sobre a adoração ao sol, prestada por vários povos nos tempos antigos (Êxo. 24:24; Lev. 26:30; II Crô. 14:5; 34:4; Isa. 17:8; 27:9; Eze. 6:4,6). Um dos objetos usados nesse culto era precisamente o carro do sol (IICrô. 24:4,7). Também havia os cavalos dedicados à adoração ao sol, os quais puxavam os carros (II Reis 23:11). Zinjirli, nas inscrições aramaicas do século VIII A.C., aparentemente era o cocheiro do deus sol Shamash. A arqueologia tem mostrado quão generalizada era essa adoração ao sol, porquanto existia entre os assírios, entre os cananeus e entre os judeus. Até mesmo nos primeiros tempos da Roma imperial esse culto era popular. Uma das cerimônias incluía o lançamento de quatro cavalos ao mar, por ocasião da festividade anual em honra ao sol. Um outro ato comum, nessa adoração, era o costume dos reis e nobres envolverem-se na mesma. Eles levantavam-se antes da aurora e partiam em seus carros de guerra na direção do oriente, ao encontro do sol que surgia no horizonte. Essa jornada era efetuada em carros dedicados ao sol.

## CARRUAGEM

Sete palavras hebraicas e duas palavras gregas estão envolvidas:

1. *Hotsen*, «carro de guerra». Essa palavra hebraica figura exclusivamente em Eze. 23:24.

2. *Merkab*, «carruagem». Palavra que aparece por somente uma vez, em I Reis 4:26.

3. *Markabah*, «carruagem». Palavra que é usada por quarenta e quatro vezes (para exemplificar:Gên. 41:43; 46:29; Êxo. 14:25; Jos. 11:6,9; I Sam. 8:11; I Reis 7:33; II Reis 5:21; II Crô. 1:17; Isa. 2:7; Jer. 4:13; Joel 2:5; Zac. 6:1-3).

4. *Agalah*, «vagão». Essa palavra ocorre por vinte e cinco vezes (para exemplificar: I Sam. 6:7-14; Isa. 5:18; Gên. 45:19,21,27; Núm. 7:3,6,7).

5. *Rekeb*, «carruagem». Palavra que aparece por cento e quinze vezes com esse sentido (por exemplo: Gên. 50:9; Êxo. 14:6-28; Deu. 11:4; Jos. 11:4; Juí. 1:19; 5:28; II Sam. 1:6; I Reis 1:5; 9:19,22; II Reis 2:11,12; 5:9; 6:14,15,17; II Crô. 1:14; Sal. 20:7; Can. 1:9; Isa. 21:7,9; 66:20; Jer. 17:25; Eze. 26:7; Dan. 11:40; Na. 2:3,4,13; Zac. 9:10).

6. *Rikbah*, «carruagem». Palavra que figura apenas em Eze. 27:20.

7. *Rekub*, «carruagem». Palavra que aparece somente em Sal. 104:3.

8. *Árma*, «carro de guerra» (com duas rodas). Palavra grega que aparece por quatro vezes: Atos 8:28,29,38; Apo. 9:9.

9. *Réde*, «vagão» (com quatro rodas). Palavra grega que é usada somente em Apo. 18:13.

As palavras envolvidas geralmente significam «carro», havendo um artigo separado para esse verbete. Salmos 46:9 refere-se a um vagão para transporte de suprimentos de guerra. A maioria das referências tem em vista veículos puxados por bois, cavalos ou asnos, sendo traduções de palavras que derivam do verbo hebraico «guiar».

1. *Carruagens Egípcias*. A arqueologia nos tem provido abundantes ilustrações das carruagens antigas. As carruagens egípcias tinham duas rodas, equipadas do lado direito com receptáculos para arcos, lanças e flechas. A construção era inteiramente de madeira, exceto que havia arcos de metal nas rodas. Os arreios e os tirantes eram de couro. O soalho era feito de um trançado de cordas, o que provia uma espécie de amortecedor para os tripulantes. A parte de trás da carruagem era aberta, por onde também entrava o condutor do veículo. — As carruagens da realeza e dos ricos eram decoradas com metais preciosos. Uma carruagem muito ornada foi encontrada intacta no túmulo de Tutancamom. Os carros de guerra do Egito tinham três tripulantes, cada qual com diferentes funções: o guerreiro, o escudeiro e o condutor. De outras vezes, porém, um único guerreiro manipulava um desses carros. É provável que os termos *cocheiro* e *cavalariano* se referiam aos tripulantes não-combatentes dos carros de guerra, ao passo que o *capitão* seria o combatente em cada carro de guerra. — Ver Êxo. 14:7,9; 15:1 quanto a essas designações. Presume-se que o capitão fosse a máquina de guerra, e que os outros apenas facilitassem o seu trabalho.

2. *Carruagens Assírias*. A arqueologia demonstra a grande similaridade entre as carruagens assírias e as carruagens dos egípcios. Assim, as primeiras carruagens de Ur da Suméria tinham rodas de madeira sólida, protegidas por um aro de cobre. Algumas carruagens eram puxadas por dois, ou mesmo por três cavalos, dependendo das dimensões das carruagens.

3. *Carruagens Cananéias*. Quando se lê que os cananeus tinham carruagens de ferro (ver Jos. 17:8), isso significa que algum ferro era usado nesses veículos, como nas rodas. O trecho de Juízes 4:3 diz-nos que Jabim, rei de Canaã, tinha novecentos carros de guerra; os filisteus, no tempo de Saul, teriam trinta mil (I Sam. 13:5), embora alguns eruditos suponham que o número real fosse de três mil, e que ali houve um erro de cópia. Davi tomou mil carros de guerra de Hadadezer, rei de Zobá (II Sam. 8:4), e, posteriormente, setecentos dos sírios (II Sam. 10:18). A fim de se recuperarem da perda, eles tomaram emprestados trinta e dois mil carros de guerra de vários países (I Crô. 19:6,7). Haveria aqui outro erro de cópia, ou os exércitos antigos eram assim tão bem equipados?

No início só havia rodas de madeira sólida, mas, posteriormente, surgiram as rodas dotadas de raios. A princípio havia seis raios; depois, oito. As primeiras carruagens tinham o eixo no meio, porém, posteriormente, quase na traseira. As rodas eram relativamente pequenas, embora também houvesse algumas carruagens gigantescas, com rodas da altura de um homem. Quando uma carruagem era impelida por três cavalos, então o terceiro animal era atrelado atrás e não na frente do veículo.

4. *Carruagens dos Hebreus*. Os israelitas mostraram-se lentos na utilização desse modo de transporte em caso de guerra, talvez devido à proibição contra a multiplicação de cavalos. Mas Salomão, que fazia

tudo em grande escala, criou muitos cavalos e contava com uma força de mil e quatrocentos carros de guerra (I Reis 10:26). Para tanto, ele teve de cobrar de seu povo pesados impostos. E importava carros e cavalos do Egito (I Reis 10:29). As carruagens eram consideradas como um símbolo de esplendor mundano, de alta posição, como hoje se dá com os carros novos (I Sam. 8:11). Porém, os carros de guerra facilitavam a matança, em caso de guerra; pelo que coisa alguma era capaz de impedir a multiplicação dos mesmos. Após certa batalha, Davi jarretou todos os cavalos tomados do inimigo, menos cem (II Sam. 8:4). Salomão, entretanto, multiplicou os cavalos em seu território. Os carros de guerra dos israelitas eram tripulados por três homens, à semelhança do que faziam os egípcios. Acabe teve de envolver-se em muitas guerras, pelo que também contava com um grande número de carros de guerra. Quando da batalha de Qarqur, em 853 A.C., ele empregou dois mil carros de guerra. Alguns arqueólogos supõem que os estábulos que geralmente são considerados pertencentes a Salomão, na realidade foram construídos por ordem de Acabe. A arqueologia tem descoberto que, em Megido, os verdadeiros estábulos de Salomão continuam sepultados sobre o cômoro ali existente. Após a divisão do reino em Israel e Judá, este último reino contava com bem menos carros de guerra do que Israel.

5. *Usos das Carruagens*. Já comentamos o suficiente sobre o uso dos carros de guerra; mas as gravuras em pinturas e relevos, descobertas pelos arqueólogos, mostram que as carruagens também eram usadas nas caçadas, nos cortejos e nas cerimônias mais diversas, incluindo as de caráter religioso. Nas ocasiões especiais de visitas de dignitários, a pessoa importante era conduzida em uma carruagem (Gên. 41:43; Est. 6:1).

6. *No Novo Testamento*. Há somente cinco referências a carruagens ou carros de guerra no Novo Testamento, a saber: no relato sobre Filipe e o eunuco etíope (Atos 8:28,29,38), e a menção a cavalos e carruagens, que faziam parte das mercadorias, em Apo. 18:13. Em Apocalipse 9:9, o ruído dos gafanhotos infernais se assemelhava ao ruído feito por muitos cavalos e carros de guerra que se dirigiam à batalha.

7. *Usos Figurados*. a. As carruagens eram símbolos de poder (Sal. 20:7; 104:3); b. de coragem, fé e poder diante de Deus (II Reis 2:12); c. das velozes agências de Deus na natureza (Sal. 68:17; Isa. 66:15); d. as carruagens dos querubins do templo retratavam a pompa com que Deus chega ao seu trono (I Crô. 28:18); e. os carros de fogo (II Reis 2:11) simbolizam qualquer brilho refulgente que alguém poderia ver; f. os carros do sol referem-se àqueles que eram dedicados ao sol, por seus adoradores, supondo que essa divindade era puxada por uma carruagem com cavalos (II Reis 23:11). Os rabinos informam-nos que o rei e seus nobres partiam em suas carruagens, quando saíam para saudar o sol matutino; g. o termo «carros de Israel» é empregado acerca dos profetas Elias e Eliseu (II Reis 2:12), aparentemente dando a entender que esses dois profetas fizeram mais por Israel que todos os seus carros e cavaleiros materiais. (GA HAL YAD)

## CARSENA

Nada se sabe sobre esse homem, exceto aquilo que transparece em Ester. 1:14. Ele era um dos sete príncipes da Média-Pérsia, na época do rei Assuero. Esses príncipes tinham o privilégio de se avistarem pessoalmente com o monarca, ou seja, tinham fácil acesso à sua presença, a fim de consultá-lo. Isso ocorreu em cerca de 483 A.C.

## CARTA (LETRA) Ver Letra (Carta) e Epístola.

## CARTÁ

No hebraico, «cidade». Uma aldeia pertencente à tribo de Zebulom, e que foi atribuída aos levitas da família de Merari (Jos. 21:34). O local é desconhecido hoje em dia.

## CARTÁ

No hebraico, «cidade». Era o nome de uma das cidades de refúgio (que vide). Ficava localizada no território de Naftali, e pertencia aos levitas gersonitas. Não ficava longe do mar da Galiléia (Jos. 21:32). O trecho paralelo de I Crônicas 6:76 traz o nome Quiriataim. Tem sido identificada com a moderna Khirbet el-Qureiyeh, na Alta Galiléia.

## CARTA DE DIREITOS

As cartas de direitos são uma série de documentos constitucionais que enumeram as liberdades fundamentais do indivíduo, incluindo itens como liberdade de expressão, liberdade religiosa, liberdade de imprensa, liberdade de reunião, direito de votar, direitos econômicos e trabalhistas, direitos criminais, direito de ser julgado por júri, igualdade diante da lei, direitos de participação política. Ver também *Direitos Civis, Direitos* e *Direitos Naturais*.

**História.** 1. A *Magna Carta* (1215), foi a primeira das chamadas cartas de direitos. Ali estavam alistadas as liberdades tradicionais dos cidadãos ingleses, dentro do sistema feudal. Os itens mais importantes eram o governo segundo os preceitos legais, o devido processo em tribunal, o julgamento por júri, nenhuma taxação sem representação. 2. A *Carta de Direitos*, de 1689, redefinia, reconfirmava e expandia os direitos da Carta Magna, tornando-se a base do governo constitucional inglês. Muitas de suas provisões foram aproveitadas pelos redatores das constituições de vários lugares do mundo e em diferentes épocas. 3. A nova sociedade norte-americana também teve seus direitos alicerçados sobre tais provisões, bem como sobre uma expansão dessa filosofia. A primeira constituição dos estados norte-americanos começou por uma declaração dos direitos básicos dos cidadãos. A Carta Americana de Direitos eram as primeiras dez emendas feitas sobre a constituição de 1787. 4. A «Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão», de 1789, redigida pela Assembléia Nacional Francesa, identificava os direitos como *naturais* e *imprescritíveis*. Havia a menção de várias liberdades, como proteção de detenção arbitrária, direito de posse privada de propriedades, etc. 5. Até mesmo as democracias totalitárias, como se vê na União Soviética, têm suas cartas de direito. A carta russa data de 1936. A República Popular da China tem sua carta de direitos, como parte integrante da constituição, desde 1954. 6. A Declaração Internacional de Direitos, de 1948, redigida pela Assembléia Geral das Nações Unidas, procura enfatizar os direitos humanos universais. Os homens têm direitos por serem *pessoas*, e isso requer respeito. Esses direitos são salvaguardas da dignidade dos indivíduos, em contraste com o poder do estado e das forças da sociedade em que vivem os indivíduos. Nessas cartas de direitos são enfatizados itens como direito de emprego, de educação, de saúde, de segurança social, de descanso, de lazer e de aprazimento de benefícios culturais e da tecnologia moderna.

Em 1988, uma nova constituição foi lançada no Brasil que melhorou, significantemente, em algumas áreas, os direitos dos cidadãos. (H)

## CARTA DE DIVÓRCIO

Ver **Divórcio, Carta (Termo) de**

## CARTAS DE INÁCIO

Ver **Inácio, Cartas de.**

## CARTESIANISMO

Esse termo está baseado no nome de Renatus Cartesius, forma latinizada do nome de René Descartes. Refere-se a todas as filosofias inspiradas pelos métodos e pressupostos de Descartes (que vide), Spinoza (que vide) e Malebranche (que vide). E também aos ocasionalistas (que vide), e mais geralmente, a qualquer sistema que enfatize a mente humana aberta para a realidade, a exatidão matemática no campo da metafísica, e o dualismo mente-corpo ou interacionismo. As demonstrações da existência de Deus, segundo esse sistema, estão vinculadas aos argumentos *a priori* de Anselmo. Ver sobre o *argumento ontológico*, um raciocínio que Descartes aprovava e utilizava. A vontade de Deus é ali considerada a razão última ou o alicerce da verdade, o que se assemelha ao voluntarismo de Ockham (que vide). (E P)

## CARTUSIANOS

Uma ordem religiosa de monges católicos romanos, fundada por Bruno, no ano de 1084. A ordem foi estabelecida a princípio em Chartreuse, na diocese de Grenoble. *Cartusia* é uma forma latina posterior corrompida de Charterhouse (que vide), na Inglaterra. Os monges dessa ordem vivem como eremitas solitários, e só se reunem para a celebração de certas cerimônias religiosas. Usam um hábito branco. O estilo de vida deles não visa à produção de eruditos, embora a ordem tenha produzido alguns notáveis eruditos. Dionísio Rickel (1402-1471) preparou uma autêntica enciclopédia do pensamento escolástico anterior. Popularmente, a ordem tornou-se conhecida por sua produção de *chartreuse*, um licor de alta qualidade. As rendas obtidas com a venda desse licor são revertidas em propósitos caritativos. (E P)

## CARVALHO

No hebraico, *allon*. Esse termo é usado por oito vezes: Gên. 35:8; Isa. 2:13; 6:13; 44:14; Eze. 27:6; Osé. 4:13; Amós 2:9 e Zac. 11:2. Não há dúvidas quanto ao sentido dessa palavra. Mas, dois outros termos hebraicos, *elah* e *allah*, têm sido traduzidos por «carvalho», por «terebinto» e por «olmo». Trataremos aqui somente sobre o *allon*. Ver também sobre *Terebinto* e *Olmo*.

O carvalho era considerado a mais importante árvore decídua da Palestina. Uma decídua é uma espécie vegetal que perde suas folhas durante o inverno. Por igual modo, o cedro (que vide) era tido como a mais importante espécie sempre-viva. Várias espécies de carvalho medram na Palestina. Há a espécie que cientificamente é chamada *Quercus sessiliflora*, das montanhas do Líbano e do Haurã. Há quatro outras variedades da espécie espinhenta, que se encontram no Carmelo, em Basã e em Gileade, e que podem atingir consideráveis dimensões. O carvalho Valônia encontra-se na Galiléia e em Gileade.

A mais conspícua menção ao carvalho, em todo o Antigo Testamento, encontra-se em Gênesis 35:4, onde se lê que Jacó ocultou os ídolos da família sob um certo carvalho, em Siquém. Tempos depois, Jacó sepultou Débora, a idosa ama de Rebeca, sob um carvalho (Gên. 35:8).

*Associações Religiosas com os Carvalhos*. O carvalho é um símbolo universal de força e durabilidade. É possível que exatamente por essa razão vários povos antigos efetuavam seus cultos idólatras em bosques de carvalho, ou em lugares de algum modo associados a carvalhos. Lemos que os druidas das ilhas Britânicas efetuavam seus cultos idólatras em bosques de carvalhos.

*Simbolismo*. O carvalho representa a força e a durabilidade, conforme se vê nos escritos de três profetas: Isaías (2:13), Amós (2:9) e Zacarias (11:2). Nos sonhos e nas visões, um carvalho pode significar um espírito de varão, ou a força física, ou talvez, um homem forte fisicamente. (CHE UN Z)

## CARVALHO DOS ADIVINHADORES

O único lugar onde aparece essa expressão é Juízes 9:37. Porém, é possível que o sexto versículo desse mesmo capítulo, bem como o trecho de Gên. 12:6, estejam envolvidos na questão. Esse carvalho ficava localizado em um lugar proeminente, talvez em uma pequena colina. Os carvalhos eram muito estimados por serem árvores majestosas. E os idólatras costumavam praticar sua adoração debaixo de carvalhos escolhidos. Há uma variante, nesse trecho de Juízes, que diz «planície dos adivinhadores». Nesse caso, um lugar específico é destacado, e não uma árvore, onde os adivinhos viriam atuar. Ver o artigo geral sobre a *Adivinhação*.

## CÃS

Há duas palavras hebraicas envolvidas:

*Sebah*, «cabelos brancos», «idade avançada». Esse vocábulo ocorre por dezessete vezes, como em Gên. 42:38; 44:29,31; Deu. 32:25; Osé. 7:9.

*Sib*, «idoso», «dotado de cabelos brancos». Ocorre por duas vezes: I Sam. 12:2; Jó 15:10.

Os cabelos negros eram apreciados em ambos os sexos; mas os cabelos grisalhos eram muito honrados entre os israelitas (cf. Lev. 19:32). O próprio Deus, em algumas oportunidades, é retratado como dotado de cabelos brancos (Dan. 7:9; Apo. 1:14). É interessante que Herodes, o Grande, preferia uma aparência juvenil, pois sabe-se que ele mandava tingir seus cabelos, depois que estes começaram a branquear. Há muitos imitadores de Herodes em nossos dias, onde a juventude é cultuada e a idade avançada é desprezada. Isso é um defeito de nossa cultura ocidental. Nas sociedades primitivas a idade avançada sempre é tida em elevado apreço. Os ameríndios chegam a orgulhar-se de sua idade avançada, e, na tribo, todos respeitam um índio velho. Ver também os verbetes *Idade Avançada* e *Cabelos*.

**Uso Figurado.** Os cabelos brancos representam a idade avançada, com sua desintegração lenta das energias físicas e mentais. Nos sonhos e visões, cabelos grisalhos podem indicar dificuldades ou retrocessos, como quando alguém vê uma cortina cinza descer à sua frente. Se a cortina é negra, então está em pauta a morte física. Uma área cinzenta

indica um problema não-resolvido ou uma dificuldade que surge no horizonte, ou um ato que não pode ser claramente definido como bom ou mau, mas, provavelmente, fingido. O cinza é uma cor insípida, denotando depressão ou melancolia.

## CASA

No hebraico, **bayith**. Palavra usada por quase mil e oitocentas vezes no Antigo Testamento, desde Gên. 7:1 até Mal. 3:10. No grego, *oikía* e *oíkos*. A primeira dessas palavras gregas aparece por noventa e quatro vezes, de Mat. 2:11 a II João 10. E a segunda ocorre por cento e oito vezes, de Mat. 9:6 a I Ped. 4:17.

*Esboço*:

I. Antes de Israel e no Começo de Israel
II. As Casas no Oriente
III. Desenvolvimentos Arquiteturais
IV. Usos Metafóricos

Os antropólogos informam-nos que o homem tem vivido quase em qualquer tipo de abrigo que lhe ofereça proteção das intempéries, como cavernas, buracos por ele escavados, cabanas cruamente feitas com varas e barro, tendas de peles de animais, etc. Precisamos lembrar que é provável que o período adâmico foi uma renovação da civilização, porquanto parece ter havido civilizações pré-adâmicas, em grande número, que foram sucessivamente destruídas por cataclismos provocados pelas mudanças dos pólos magnéticos da terra. Essas mudanças provocam o deslocamento da crosta terrestre, diante do que porções inteiras de continentes desaparecem, outras terras emergem, e a configuração da porção seca é rearranjada. Os sobreviventes são destituídos de tudo quanto conseguiram juntar, tornando-se necessário recomeçar tudo, da melhor maneira possível. A tecnologia desaparece. Os homens retornam a viver como animais, fazendo uso das cavernas e caçando animais para alimentar-se e para fazer vestes. As descobertas arqueológicas que mostram que os homens habitaram em cavernas poderiam indicar não que o homem *começou* desse modo, e então progrediu até atingir um elevado nível de civilização, mas antes, que o homem foi forçado a *retroceder* a tais condições devido a algum cataclismo, pelo que teve de reunir todos os seus esforços. A história humana, desde Adão, apesar de cheia de hiatos sobre os quais pouco conhecemos, pelo menos tem sido bastante iluminada pela arqueologia. Vestígios de evidências de civilizações anteriores à época de Adão, fornecem-nos um espantoso discernimento sobre onde o homem pode ter estado, incluindo a possibilidade de que os homens já haviam possuído a energia atômica. Há algumas indicações sobre isso, em meu artigo sobre os *Antediluvianos* (que vide). Ver também o artigo sobre a *Astronomia*. Isso posto, quando falamos sobre um assunto tão vasto quanto a *casa*, só podemos oferecer algumas indicações sobre as condições a respeito, nos últimos poucos milhares de anos.

### I. Antes de Israel e no Começo de Israel

Abraão deixou de lado quaisquer luxos que pudesse ter conhecido, como casas confortáveis, em Ur, quando dali saiu para tornar-se um nômade que vivia em tendas. Isso assinala a natureza precária da maneira de viver dos primeiros patriarcas de Israel. Abraão havia abandonado a cidade, em busca da cidade celestial (Heb. 11:9,10). Porém, ao que parece, mesmo durante a sua peregrinação, houve ocasiões em que ele dispôs de alguma casa para morar (Gên. 17:27). Quando os filhos de Israel desceram ao Egito, eles reiniciaram a vida de citadinos, morando novamente em casas. Na antiguidade, as casas variavam muito, de acordo com o clima, a área geográfica e as condições financeiras. Portanto, é impossível contarmos a história da casa com grande exatidão. Abaixo, porém, damos as características mais comuns das casas orientais.

### II. As Casas no Oriente

1. O *pórtico* só aparece no Antigo Testamento em conexão ao templo e ao palácio de Salomão (I Reis 7:6,7; II Crô. 15:8). Porém, sabemos que, no Egito, isso era uma característica comum das casas. Com freqüência consistia em uma dupla fileira de colunas. Ver o artigo separado sobre *Câmara*. Os cinco pórticos de Betesda (João 5:2) eram uma colunata onde eram deixados os enfermos. 2. O *átrio* era uma das principais características das casas orientais. O átrio era uma espécie de área fechada, em torno da qual era construída a casa, não podendo ser visto do lado de fora. Toldos eram pendurados na casa, sombreando o átrio. Ver Sal. 104:2, que é uma alusão a esse costume. 3. O *quarto de hóspedes*, nas casas mais afluentes (Luc. 22:11,12; I Sam. 9:22), — era um lugar reservado àqueles que estivessem de passagem, em viagem, ou para algum amigo que quisesse passar ali por alguns dias. 4. As *escadas* subiam à porção superior da casa ou ao telhado. Sempre eram feitas do lado de fora. Isso parece indicar que aqueles que levaram o paralítico foram capazes de subir ao eirado pela escada, fazendo o enfermo descer pela abertura, diante de Jesus (Mar. 2:4). 5. O *teto* era feito de varas e barro, ou de arbustos e palmas, nas casas mais pobres. Nas casas mais bem feitas, o teto era feito de pedras, de telhas feitas com barro endurecido e um tipo de cimento. O teto provia uma área aberta para recreação, reuniões, um lugar fresco à noitinha, para as reuniões em família, quando o interior da casa ainda estava quente (I Sam. 8:5). Alguns desses pátios, sobre os tetos, eram suficientemente amplos e fortes para que ali houvesse cultos religiosos (Atos 10:9). Com freqüência, as pessoas dormiam nesses terraços, para evitarem o calor que ficava retido no interior das casas (II Reis 4:10). Dali também era comum fazerem-se proclamações (II Sam. 18:24,33; Mat. 10:27). Pedro recebeu uma visão de grande significação estando em um terraço (Atos 10:9). 6. A *câmara* (I Reis 20:30; 22:25) era de vários tipos, sendo usada para diversos propósitos. O número e o estilo das câmaras, em cada casa, dependia dos meios financeiros de cada família. Algumas casas da Palestina contavam apenas com um aposento, onde vivia a família inteira, conforme é sugerido pela história de Lucas 11:7. Ver o comentário no NTI, nesse versículo, quanto a maiores detalhes. 7. As *lareiras* não apareciam em todas as casas. Na maioria delas havia apenas um fogão de carvão de pedra, para prover aquecimento (Jer. 36:22). Também havia chaminés, mas eram raras (Osé. 13:3). Nas casas mais humildes, simples orifícios deixavam coar alguma luz para o seu interior, por onde também saía a fumaça. 8. As *cozinhas*, ou aposentos construídos especialmente para cocção de alimentos, são mencionadas pela primeira vez em Eze. 46:23,24. Na maioria das vezes fazia-se uma fogueira em algum pátio aberto (Luc. 22:55,56,61), embora algumas casas contassem com verdadeiras cozinhas. 9. *Cisternas*, onde a água era retida, eram uma necessidade imperiosa na Palestina. Ver o artigo separado sobre esse assunto. A água das chuvas era conservada em cisternas públicas ou privadas, algumas vezes com túneis por onde a água era transportada. 10. Os *alicerces* eram feitos com grande cuidado. Algumas vezes, os alicerces repousa-

vam diretamente sobre a rocha, após a remoção da camada de terra; ou então eram feitos alicerces com pedras (Luc. 6:48). Em uma das parábolas de Jesus, um homem insensato não se mostrou cuidadoso quanto ao alicerce de sua casa, segundo se vê nesse texto. Cristo mencionou a principal pedra de esquina, que unia paredes, em uma esquina, e que Jesus usou metaforicamente para ressaltar um detalhe da edificação de sua Igreja (Efé. 2:20). Cristo é o alicerce da Igreja, como também os apóstolos e profetas do Novo Testamento, embora só Jesus o seja soteriologicamente (I Cor. 3:11 e Efé. 2:20). Pedro, em sentido especial, foi um desses alicerces da Igreja (Mat. 16:16-19). 11. *Janelas*. Nas casas antigas não se faziam as grandes janelas que vemos nas residências modernas. Usualmente eram pequenas, protegidas por uma grade. Nas casas das pessoas pobres, as janelas eram meras perfurações em uma parede, diante das quais havia alguma pele de animal ou alguma espécie de pequena cortina. 12. As *paredes* eram feitas do que no Brasil se chama pau-a-pique, ou então de ramos. As pessoas mais abastadas faziam casas com paredes de tijolos ou de pedras, que eram materiais muito mais duráveis. Devido a precariedade dos materiais de construção das casas mais pobres, não era difícil um ladrão escavar uma parede, a fim de roubar alguma coisa do interior de uma dessas casas (Jó 4:19). Isso explica as palavras de Jesus, quando disse que as coisas materiais estão sujeitas a essas dilapidações (Mat. 6:19). Porém, também havia casas com paredes feitas de tijolos e argamassa, e então rebocadas. E também havia casas construídas com paredes de pedras, algumas delas decoradas com tapetes, pinturas e outros ornamentos. 13. As *portas*. As choupanas dos pobres tinham uma abertura na parede, com algum tipo de cortina, como uma pele de animal a proteger a entrada. Todavia, havia casas com portas de madeira, algumas vezes madeiras tão caras quanto o cedro (Can. 8:9). Também havia portas feitas de simples lajes de pedras, que tinham eixos de pedra. Algumas dessas pedras eram ricamente decoradas, ao passo que outras eram sem artifícios, tudo dependendo das riquezas materiais dos proprietários. Em Israel, costumava-se pôr alguma tabuleta escrita nas portas, a fim de atrair bênçãos e afastar perigos. 14. *Colunas*. Essa era uma das características comuns das casas antigas. As colunas eram usadas para fechar áreas, como pórticos, ou para sustentar tetos planos, toldos ou cortinas. Sansão derrubou um edifício inteiro derrubando as suas principais colunas (Juí. 16:26). 15. *Móveis*. No Oriente antigo, as casas podiam contar com móveis rústicos, feitos de pedras ou de madeira. Mas os ricos contavam com móveis luxuosos, que decoravam suas casas. Os itens comuns eram uma cama, mesa, assentos de vários tipos, a lamparina (II Reis 4:10), os vasos para cozinhar e para servir à mesa. Os mais abastados contavam com sofás, divãs, tapetes, travesseiros, mesas engastadas com marfim, vasos de metais caros (Pro. 7:16; Eze. 13:18,20; Amós 6:4; II Reis 4:10; Pro. 9:14). Quase todos os alimentos eram cozidos sobre fornos abertos, pelo que as fagulhas e a cinza chegavam a constituir um grave problema. Porém, também havia fornos devidamente ventilados, que minimizavam esse problema. 16. *Iluminação*. Vários combustíveis eram usados para alimentar as lâmpadas; mas o melhor combustível era o azeite de oliveira. Todavia também havia outros óleos, de origem vegetal. Também eram usadas tochas para iluminar o interior das casas. Ver Mat. 25:1 e 5:15 quanto a outras indicações sobre os meios de iluminação.

●●● ●●● ●●●

**III. Desenvolvimentos Arquiteturais**

Esse aspecto é ventilado no artigo sobre a *Arquitetura* (que vide).

**IV. Usos Metafóricos**

1. Uma casa indica a linhagem de uma pessoa (Luc. 1:27; 2:4). 2. Também aponta para a descendência de uma pessoa (II Sam. 8:11; Sal. 113:9). 3. Pode indicar uma família ou clã (Gên. 43:16). 4. O céu é a casa de Deus (João 14:2). 5. A sepultura é a casa dos mortos (Jó 30:23). 6. O corpo humano é a casa da alma, enquanto ela está neste mundo (II Cor. 5:1). Isso é comum nos sonhos e nas visões, quando as condições observáveis em uma casa são paralelas às condições do corpo físico. 7. Outros símbolos nos sonhos e nas visões. Uma casa pode indicar a pessoa, a sua personalidade, as suas qualidades, etc. Algo encontrado inesperadamente em uma casa, pode apontar para uma qualidade ou um defeito insuspeitados em uma pessoa. As aberturas existentes em uma casa podem corresponder aos orifícios do corpo. O andar de cima pode apontar para o cérebro. O andar de baixo ou o porão pode indicar os instintos mais básicos. A mudança de uma casa para outra pode significar mudança na vida, ou, então, a morte física. A *construção* pode apontar para a tentativa de realizar algum trabalho, de ocupar-se em algum projeto, etc. A obra de construção pode representar a missão de uma pessoa. (CHE ND UN Z)

## CASA DAS ARMAS

Originalmente, essa palavra, no hebraico, indicava uma arma, cognato da *nsq*. (Ver Nee. 3:19, quanto a esse uso). Porém, o uso comum indicava o lugar onde eram guardadas as armas, um arsenal. O desenvolvimento de carros de guerra mais sofisticados, e de armas mais letais, exigiu que fossem construídos armazéns especiais para guardá-los. (Ver I Reis 7:2-12; 10:16,17; II Reis 11:10; 20:13). Essas referências representam esses arsenais em diferentes lugares e ocasiões. (Z)

## CASA DE CÉSAR

A casa de César era o pessoal administrativo imperial, e não os parentes do imperador. Esse pessoal incluía tanto escravos quanto cidadãos livres. Ver Filipenses 4:22. A expressão «casa de César» tem causado muita discussão entre os intérpretes. Muitos encontram ali uma alusão a membros da casa imperial, da família real, que ter-se-iam convertido ao cristianismo. Porém, as descobertas arqueológicas têm demonstrado que oficiais subalternos, membros das forças armadas romanas, e até mesmo escravos que faziam algum trabalho em prol do governo, eram chamados membros da *casa de César*. Portanto, essa frase nada comprova no sentido de Paulo encontrar-se ou não em Roma, nas circunstâncias descritas em Filipenses 4:22, e nem que aquela carta foi escrita ali. O texto também não diz que Paulo contava com convertidos entre os membros da família real. A *guarda pretoriana* estava incluída nessa terminologia, sendo perfeitamente possível que Paulo tenha podido converter a alguns de seus membros, que estivessem encarregados de vigiá-lo. Ver Filipenses 1:13, que descreve esse grupo de soldados profissionais. Por conseguinte, ainda que Paulo se encontrasse aprisionado na cidade de Roma, e embora a maioria dos intérpretes assim acredite, nada mais é subentendido no texto, além do fato de que vários soldados, escravos e oficiais de segunda categoria se tenham

convertido ao evangelho, em Roma. Certamente, Paulo não procurava vangloriar-se de *elevadas conexões*, como é comum entre os homens. Provavelmente, as saudações especiais, da parte dos tais, indicam que aquela gente, a serviço do governo romano, tinha amigos nas províncias, igualmente pertencentes à *casa de César*. Alguns eruditos têm pensado que Sêneca (que vide) teria sido um dos membros dessa casa e que Paulo o conhecia. Porém, apesar de similaridades entre coisas que Paulo e Sêneca escreveram, isso pode ser melhor explicado pela familiaridade que ambos tinham do estoicismo (que vide) romano. As supostas epístolas de Paulo a Sêneca, e vice-versa, não são autênticas, posto que interessantes. A idéia de que se conheciam e eram amigos, é apenas uma ficção romântica, sem qualquer base histórica. (I IB NTI)

## CASA DE INVERNO

No hebraico, **bayith choreph**. A expressão ocorre sòmente em Jer. 36:22 e Amós 3:15, exatamente com o sentido que lhe foi dado em nossa tradução portuguesa. Na Palestina, os ricos possuíam casas de verão e casas de inverno, as quais ocupavam de acordo com as condições climáticas. Isso mostra-nos que o luxo convivia com a pobreza mais abjeta. A propósito, essas desigualdades e injustiças sociais continuam em nossos dias, e prosseguirão até os últimos dias, segundo a Bíblia deixa claro, quando refere-se aos últimos dias. Jesus disse: «...os pobres sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes» (João 12:8). Essas suas palavras predizem que a justiça social, com oportunidades iguais para todos, só tornar-se-á uma realidade quando do reino milenar de Cristo, e nunca antes. Aliás, a tendência da diferenciação entre ricos e pobres vai-se acentuando cada vez mais, sobretudo em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, como é o caso dos países da América Latina. Nos regimes socialistas há uma pobreza menos evidente, ao passo que nas democracias a pobreza é mais conspícua. Porém, verdadeiras condições de igualdade só teremos quando do milênio. Prediz o trecho de Miquéias 4:3,4: «...ele julgará entre muitos povos, e corrigirá nações poderosas e longínquas; estes converterão as suas espadas em relhas de arados, e suas lanças em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra. Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os espante, porque a boca do Senhor dos Exércitos o disse».

## CASA DO BOSQUE DO LÍBANO

Esse era um palácio de Salomão (I Reis 7:1-12). Ver o artigo sobre **Palácio**.

## CASA DO TESOURO

Quanto a esse verbete, precisamos considerar duas palavras hebraicas:

1. *Asamim*, «celeiros». Palavra que ocorre por duas vezes: Deu. 28:8; Pro. 3:10.

2. *Bet Otsar*, «casa do tesouro». Expressão que figura por quatro vezes: I Crô. 27:25; II Crô. 11:11; Sal. 33:7 e Mal. 3:10.

No capítulo vigésimo oitavo do livro de Deuteronômio encontramos as promessas de bênção, em razão da obediência, e as promessas de castigo, em razão da desobediência do povo de Israel aos preceitos do Senhor. No oitavo versículo desse capítulo lemos que Deus cuidaria de manter cheios os celeiros do povo de Israel, se eles fossem obedientes. Em Provérbios 3, há uma promessa similar, feita aos que honrassem ao Senhor com seus bens e com as primícias de sua renda: «...e se encherão fartamente os teus celeiros, e transbordarão de vinho os teus lagares» (Pro. 3:10).

Malaquias acusou os judeus de sua época de estarem roubando a Deus, por não estarem trazendo seus dízimos à «casa do tesouro» de Deus (Mal. 3:10). De acordo com muitos eruditos, ele estaria se referindo ao tesouro do templo de Jerusalém. Nos dias de Neemias, o sumo sacerdote e os levitas deveriam receber os dízimos da parte do povo. Então os levitas deveriam levar esses dízimos «às câmaras da casa do tesouro» (Nee. 10:38). Nesta última passagem, portanto, parece estar em vista certos aposentos especiais, onde esses dízimos eram armazenados para uso futuro. Nos dias de Jeremias, Ebede-Meleque, o etíope, foi à casa do rei, «por debaixo da tesouraria», de onde tomou roupas usadas e trapos, fazendo-os descer ao fundo da cisterna onde se encontrava Jeremias, que ali havia sido posto por ordem dos príncipes, onde aparece a palavra hebraica *otsar*, ainda que não a expressão *bet otsar*, que se referia a câmaras existentes no templo de Jerusalém, e não na casa do rei, posto que algumas versões confundem esses dois lugares diferentes, chamando a ambos de «tesouro».

## CASA DOS DEPÓSITOS

Estão em foco os armazéns do templo de Jerusalém (ver I Crô. 26:15; ver também Nee. 12:25, que fala em «depósitos das portas»). O termo hebraico assim traduzido significa, literalmente, «coleções», pelo que alguns pensam que a alusão é ao tesouro guardado no templo, embora a maioria dos eruditos prefira a tradução mais geral de «depósito».

## CASAMENTO

Ver o artigo sobre **Matrimônio**.

## CASAMENTO COMUNAL

No seu diálogo intitulado **República**, Platão projetou a idéia de que a classe de elite da sociedade (os governantes) poderia desfrutar de uma forma total de comunismo, incluindo a possessão em comum de esposas e de propriedades. Aristóteles, porém, objetou a isso como prejudicial à família, que é um princípio muito mais importante do que a utopia de um casamento comunal. A prática do amor livre aproxima-se bastante do conceito do casamento comunal, do ponto de vista prático. A poligamia e a poliandria são formas de casamento comunal. A poligamia sempre fez parte do judaísmo bíblico; mas Jesus insistiu sobre a *monogamia* (que vide), como a situação ideal (Mat. 19:5). As razões para a defesa desse princípio aparecem no artigo com esse nome. Ver também o artigo geral sobre o *Matrimônio*.

## CASAMENTO DA LEI COMUM

Esse é o costume que prevalece em alguns países mediante o qual homens e mulheres vivem juntos, sem os laços legais do matrimônio, mas que, após certo tempo, chegam a casar-se legalmente, embora sem a cerimônia de noiva com véu e grinalda. A expressão também pode indicar um casamento consubstanciado por simples — acordo — entre os dois membros de que eles estão casados, o que pode ser afirmado através de um contrato escrito particular, ou pelo fato de que estão vivendo juntos, embora sem o

reconhecimento legal do estado e sem o apoio moral da Igreja. Esse tipo de aliança matrimonial era comum nos dias da conquista das fronteiras, na América do Norte; e continua sendo legal em catorze dos estados norte-americanos. A lei brasileira também reconhece a validade dessas alianças, mormente se o casal chegar a ter filhos. De fato, até mesmo o concubinato é reconhecido por lei. Na Igreja Católica Romana também há alusão a esse tipo de casamento, dentro da lei canônica do *matrimonium per verba de praesenti*, isto é, «um casamento por meio de palavras referentes ao tempo presente».

**Vantagens.** Tal lei tende por desencorajar os homens que pretendem aproveitar-se das mulheres, com o intuito de, finalmente, abandonarem-nas. Em alguns países, se um homem convive com uma mulher por, digamos, dois anos, então ela se torna sua esposa legal, caso ele não seja casado com outra. Um homem hesitaria em viver com uma mulher, sob tais condições, se ele soubesse que a simples passagem do tempo fosse suficiente para torná-los marido e mulher. Tal lei também permite que os filhos sejam considerados legítimos, após algum tempo. E essa lei também tem a vantagem de proteger os direitos materiais e sociais da mulher, contra exploradores que só estão atrás de aventuras amorosas.

**Desvantagens.** Excetuando em condições muito especiais, como na época dos pioneiros e nos lugares remotos onde o casamento legal envolve grande dispêndio de dinheiro, o casamento da lei comum pode encorajar hábitos lassos. Isso tem ocorrido, para exemplificar, nos lugares distantes do interior brasileiro, onde os casais formam-se e desmancham-se com grande facilidade, com a conseqüente queda da seriedade do matrimônio e conseqüente insegurança dos filhos. Em um país de esmagadora maioria católica romana, como é o caso do Brasil, os casamentos meramente religiosos, celebrados por padres que não têm qualquer autorização para casar legalmente a ninguém, multiplicam enormemente os casos de convivência frouxa. Em seguida, os bispos católicos romanos reúnem-se para dizer publicamente que é preciso pôr fim a esse grave problema social. Na verdade, não há qualquer razão pela qual, sob circunstâncias normais, duas pessoas que cuidem uma da outra, vivendo juntas, não possam vir a casar-se legalmente. Se não o fizeram desde o princípio, isso parece ser prova de que eles entraram na experiência indispostos a assumir a devida responsabilidade. Os testes de sangue e outros exames médicos deveriam ser requeridos da parte daqueles que se casam, com o intuito de prevenir as doenças venéreas. Os casamentos da lei comum, entretanto, desconsideram essas sábias medidas. (AM H)

## CASAMENTO ENTRE PESSOAS DE RAÇAS DIFERENTES

Consideremos os seguintes pontos a respeito:

1. Do ponto de vista cristão, nada há na Bíblia que instrua sobre esse assunto. Ali, as proibições acerca do matrimônio seguem linhas espirituais, e não físicas. Os israelitas foram proibidos de casamento misto com outros povos semitas, embora eles também fossem semitas; e a razão disso era para que eles não aprendessem os costumes pagãos e nem se tornassem conviventes com os mesmos. O crente do Novo Testamento não deve casar-se com pessoa incrédula, porque isso importaria no debilitamento de sua espiritualidade, com a transferência desse problema para os filhos do casal (I Cor. 7:39; II Cor. 6:14).

2. A Bíblia, sobretudo no Novo Testamento, deixa claro que questões de raça não têm a mínima importância em Cristo (Gál. 3:28). O *homem* foi criado à imagem de Deus. Não foram criados homens de diversas raças, e todos os seres humanos estão sujeitos aos mesmos benefícios espirituais. A missão de Cristo visa o benefício de todos os homens, sem a menor consideração para com as questões raciais (Jo. 3:16; I João 2:2). Afinal, após o dilúvio, a terra foi repovoada com descendentes de Noé, através de seus três filhos homens, embora nada saibamos dizer quanto à procedência das esposas deles.

3. Portanto, as objeções aos casamentos entre pessoas de raças diferentes necessariamente repousam sobre considerações meramente humanas, e não espirituais ou éticas. Abaixo alistamos algumas dessas considerações humanas:

a. *A questão estética.* Segundo alguns pensam, as raças exibem maior graça e beleza física quando as diversas características físicas que as separam não são misturadas geneticamente. Pode parecer um pouco adverso à estética ver um filho de traços germânicos, mas com olhos nitidamente mongólicos, ou ver um irmão claramente europeu, enquanto seu irmão é essencialmente africano. Certas miscigenações podem parecer estranhas a alguns. Mas, nos países onde as raças misturam-se em grande escala, como no Brasil, há aceitação de todos os tipos físicos humanos.

b. *Condições sociais.* Nas sociedades onde a cor da pele é fator importante, os filhos de casamentos mistos sofrem efeitos adversos, mesmo que isso não atinja seus pais adultos. Por qual motivo sujeitar os filhos a esse vexame? Parece que o problema reside muito mais nos preconceitos do que em qualquer realidade palpável. Vivemos em sociedade e precisamos levar isso em conta. Mas os preconceitos raciais não devem prevalecer sobre o amor que une duas pessoas de sexo oposto e de raças diferentes. Cada casal deveria resolver o caso sem intervenção alheia.

c. *Atitudes culturais diferentes.* Cada cultura tem seus próprios valores e costumes. Pode ser motivo de brigas quando, desgastado o romance, o casal começa a enfrentar conflitos culturais. O remédio para isso é o ajustamento de um cônjuge ao outro, até que a convivência se torne menos difícil.

d. Quando um casamento entre pessoas de raças diferentes envolve a necessidade de um dos cônjuges deixar sua terra nativa, tornando-se um *estrangeiro* no país do outro cônjuge, surge um problema agudo, porquanto nem todas as pessoas conseguem tornar-se bons estrangeiros por muito tempo.

Todos os casais, de um modo ou de outro, em um grau ou outro, precisam enfrentar esses problemas, e outros parecidos. O que importa é que se disponham a pagar o preço quando o matrimônio envolve diferenças muito grandes quanto a esses aspectos, acima discutidos. Mas, para o crente, o que importa são as razões espirituais e morais. Quanto aos demais fatores, ninguém é capaz de predizer qual será o resultado específico de qualquer casamento. A experiência demonstra que alguns casais em que cada cônjuge pertence a uma raça ou a uma cultura diferente, obtêm sucesso, ao passo que outros casais fracassam. Todavia, o sucesso ou o fracasso ocorre em qualquer casamento. Os problemas raciais podem exacerbar as condições já problemáticas.

## CASAMENTO, IMPEDIMENTOS Ver **Impedimentos ao Casamento.**

## CASAMENTO INFANTIL

Isso envolve o casamento de pessoas que ainda não

atingiram a idade legal ou biológica para se casarem. A expressão é usada quando, em um casamento, está envolvida uma mulher com menos de dezoito anos de idade, ou um homem com menos de vinte e um anos de idade, o que aponta para uma fase ainda de imaturidade legal, embora não de imaturidade biológica. Com essa idade, as pessoas não podem casar-se sem o consentimento dos pais. Essa idade varia de país para país. Os judeus casavam-se bem jovens, sendo dezesseis anos a idade ideal da mulher para casar-se. O Talmude fixava a idade legal mínima para o casamento na puberdade. Na Europa, na época da Renascença (que vide), a idade de casamento mais comum para as jovens era os doze anos. Contudo, na Europa, até o século XVII, celebravam-se casamentos de pessoas que ainda não haviam chegado à puberdade, o que continuava sucedendo-se na Índia, até bem recentemente. Usualmente, porém, essas alianças só se consumavam por ocasião da puberdade, ou mesmo mais tarde.

**CASAMENTO LEVIRATO** Ver **Matrimônio Levirato.**

**CASAMENTO MISTO**

*O que Paulo ensinava sobre os casamentos mistos?*

1. Os casamentos «mistos» são legítimos, a despeito do que os judeus pudessem pensar a respeito. (Ver I Cor. 7:14). São legítimos ante as leis civis, e não podem ser menos legítimos aos olhos da igreja cristã. Nada existe de pecaminoso e impuro no contato físico e espiritual envolvido em tais casamentos, conforme os judeus erroneamente imaginavam. Quanto a este ponto, Paulo se desvia inteiramente da tradição judaica.

2. O crente jamais deve dar início a um processo de «divórcio», se estiver casado com um incrédulo, sobretudo por causa de supostas razões «morais» ou «religiosas». No entanto, aqueles que conhecem as Escrituras do A.T. sabem que o «divórcio», no caso dos *casamentos mistos*, (as uniões entre judeus e gentios), longe de ser desaprovado, era realmente ordenado e exigido. (Ver Esd. 10:10). Naqueles casos, após ter-se desvencilhado de seu cônjuge gentio, o judeu estava na total liberdade de casar-se novamente, pois, na realidade, ele não estivera casado legitimamente antes.

3. No caso de crentes, a iniciativa do processo de divórcio não deve ser tomada nem pelo homem e nem pela mulher. Dentro da sociedade grega, porém, uma mulher podia instaurar processo de divórcio contra seu marido, o que também se dava entre os romanos. Porém, nem o homem e nem mulher crente podem iniciar processo de divórcio contra seu cônjuge incrédulo, devendo ficar unido a ele—enquanto este não quiser desfazer os laços matrimoniais. (Ver os versículos doze e treze do sétimo capítulo de I Cor.).

4. O casamento com um incrédulo, porém, não é «obrigatório» para o crente, se é o cônjuge incrédulo quem dá início ao processo de divórcio. (Ver Isa. 7:15). A razão para tal divórcio não é declarada, o que nos permite perceber que qualquer razão levantada pelo cônjuge incrédulo pode dissolver tal casamento, embora tal iniciativa deva sempre partir do cônjuge incrédulo. Os divórcios dessa categoria, portanto, não precisam estar escudados no «adultério» como sua causa. Visto que a *sujeição* às obrigações matrimoniais é desfeita, o crente, no dizer de Paulo, está livre para casar-se novamente, com a condição única que o faça «no Senhor», isto é, com outro crente, nos termos do sexto capítulo da segunda epístola aos Coríntios e do trecho de I Cor. 7:39.

5. Nesses casos de «novas núpcias», segundo vemos no ponto anterior (4), é de supor-se que ao crente deva ser permitido ser membro de uma igreja local, sem restrição de qualquer espécie, porquanto, nesse caso, as palavras de I Tim. 3:12 não teriam jamais qualquer aplicação.

6. Os filhos dos casamentos mistos são *legítimos*, e não ilegítimos, conforme eram erroneamente considerados segundo a mentalidade tipicamente judaica. (Ver I Cor. 7:14).

7. Se for possível, é sábio *conservar* um casamento «misto», em vez de dissolvê-lo. O crente deve tolerar tal situação o máximo possível, porquanto o seu cônjuge incrédulo pode ser conduzido aos pés de Cristo, mediante a conduta piedosa do cônjuge crente. Por conseguinte, a preservação dos vínculos matrimoniais é desejável, embora isso, uma vez mais, vá de encontro aos pontos de vista israelitas sobre a questão. (Ver I Cor. 7:16).

*Consente*. I Cor. 7:12. No grego, literalmente traduzido, encontramos *concorda em estar contente*, numa forma composta, que subentende «acordo mútuo». Nesse caso, supõe-se que o incrédulo tem o desejo de preservar os vínculos matrimoniais, no que é correspondido pelo crente. Paulo ensina mesmo que tal desejo, por parte do cônjuge incrédulo deve ser correspondido pelo crente, o que fica entendido tanto em I Cor. 7:12 como em I Cor. 7:16.

*Não a abandone*, I Cor. 7:12. Não está aqui em foco somente a separação no leito conjugal, conforme essas palavras têm sido reduzidas em seu sentido por alguns intérpretes; mas está em vista o próprio *divórcio*, o que fica subentendido na idéia de «sujeição», que fala sobre as obrigações matrimoniais em geral. Pois ficar livre da «sujeição» (ver I Cor. 7:15), corresponde ao rompimento do contrato matrimonial, e não a alguma forma superficial de separação.

**CASFOR**

Uma das cidades fortificadas da terra de Galaade, a leste do Jordão (I Macabeus 5:26), onde os judeus refugiaram-se dos amonitas, sob Timóteo. Essa e outras cidades foram capturadas por Judas Macabeu (I Macabeus 5:36). Ali, o nome do lugar aparece como Casfom, tal como se vê a forma Caspis, em II Macabeus 12:13, embora não seja indiscutível que esteja em foco o mesmo lugar. Nos escritos de Josefo, o lugar chama-se Casfoma (*Anti.* xx.8,3).

**CASIFIA**

No hebraico, «branco» ou «brilhante». Esdras diz que quando retornou à Judéia, ele mandou buscar Ido, que residia em Casifia. É possível que se trate do monte Caspio, próximo do mar Cáspio, entre a Média e a Hircânia, ou então perto da Babilônia, onde se encontravam muitos cativos judeus (ver Esd. 8:17). Seja como for, o lugar permanece não-identificado. Etimologias populares levam-nos a muitas variantes como «no lugar prateado» ou «no lugar do tesouro» (ver I Esd. 8:45), e várias tradições circundam esse nome.

**CASLUIM**

Um povo cujo primeiro antepassado era filho de Mizraim (Gên. 10:14; I Crô. 1:12). Portanto, era um povo camita. Em ambos esses textos, onde o adjetivo pátrio aparece, a palavra aparece como se os filisteus descendessem de Casluim, e não de Caftorim, conforme se vê em Deu. 2:23. Portanto, nesses dois trechos parece ter havido uma transposição de nomes.

A única indicação que temos do lugar onde esse povo resídia originalmente nos vem da posição que eles ocupam na lista dos filhos de Mizraim, entre os patrusim e os caftorim, o que sugere que, provavelmente, esse lugar era o Alto Egito.

A palavra também indica o indivíduo que foi o genitor dos filisteus, segundo se vê na referência de Gênesis 10:14. Várias conjecturas a respeito da identificação dessa tribo não têm sido favorecidas. A palavra aparece sob muitas formas variantes, o que indica a dificuldade do problema. (S Z)

**CASPIS (Caspim)**

Uma cidade bem fortificada, mencionada em I Macabeus 5:24-26, trecho que relata a campanha de Judas e Jônatas Macabeus na Transjordânia. Judas defrontou-se com Timóteo na área de Bosra, provavelmente a moderna Busr el-Hariri, cerca de trinta e dois quilômetros a nordeste de el-Muzeirib, e o derrotou. Em seguida, os judeus capturaram uma série de cidades, incluindo Caspis; e na conquista das mesmas houve grande matança. É possível que Caspis ou Caspim seja a Efrom de Hesbom (I Macabeus 5:46) ou el-Muzeirib, situada em um dos tributários do rio Iarmuque, onde atualmente encontram-se a antiga estrada romana, a estrada dos peregrinos islâmicos e a via férrea de Hejak. Alguns arqueólogos preferem pensar no local moderno de Khisfin. Fica acerca de dez quilômetros ao norte do rio Iarmuque e a dezesseis quilômetros a leste do mar da Galiléia. (AḤ Z)

**CÁSSIA**

Vem de uma palavra hebraica que significa *enrugada*. Aparece somente em Êxo. 30:24; Eze. 27:19 e Sal. 45:8. Essa substância era um dos ingredientes na composição do azeite do ungüento santo. Em Tiro, conforme nos mostra a referência do livro de Ezequiel, era um artigo de seu comércio. A Vulgata Latina traduz a palavra como «mirra líquida»; e a LXX diz «íris», uma espécie de espadana. Provavelmente aponta para alguma espécie de madeira ou casca de árvore. Aparece em sua forma plural em Salmos 45:8, onde é associada à mirra e ao aloés, três substâncias usadas para deixar as vestes fragrantes. Alguns estudiosos supõem que se trata de uma variedade do cinamomo, a *Cinnamomum cassia*, talvez a espécie mencionada em Can. 4:14 e Apo. 18:13 (nossa versão portuguesa diz aqui «canela de cheiro»). Outros estudiosos preferem pensar na *Saussurea lappa*, nome científico de íris. Seja como for, parece tratar-se de uma substância aromática, em cujo caso seria um pó feito da casca ou da raiz de alguma planta. (WAL)

**CASSIANO, JOÃO**

Nasceu em cerca de 360 e faleceu em cerca de 435 D.C. Foi um monge no sul da Gália, o qual introduziu as regras do monasticismo oriental (que vide) no ocidente. Tornou-se conhecido por seu protesto moral contra o fatalismo da doutrina agostiniana da predestinação (que vide).

**CASSIODORUS, MAGNUS AURELIUS**

Suas datas aproximadas são 480-575 D.C. Foi erudito, eclesiástico e administrador. Serviu como ministro do estado de Teodorico, o rei ostrogodo, em 540 D.C. Em seguida, retirou-se para o mosteiro de sua fundação, em Vivarium, no sul da Itália. Inaugurou o trabalho do escritório monástico, facilitou a aquisição de uma notável biblioteca, e de modo geral, promoveu o monasticismo (que vide), conferindo ao mesmo a tendência de buscar a erudição, o que, até então, faltava ao monasticismo. Foi autor de três obras: *A Crônica; A História Tripartite* e *História dos Godos*. (AM E)

**CASSIRER, ERNST**

Suas datas foram 1874-1945. Foi um filósofo alemão, nascido em Breslau. Foi professor das Universidades de Berlim e de Hamburgo. Opondo-se a Hitler, mudou-se para a Inglaterra, para a Suécia e então para os Estados Unidos da América, onde ensinou nas Universidades de Columbia e Yale. Ele representa a escola de Marburgo da filosofia neokantiana (que vide).

**Idéias:** 1. A realidade é mediada até nós através dos fenômenos, sob forma simbólica. 2. As formas simbólicas têm origem no que é mítico, fazendo-se sentir na arte, na matemática, nas ciências e na filosofia. Três estágios de formas simbólicas podem ser distinguidos: o estágio mimético, o estágio analógico e as expressões simbólicas propriamente ditas. 3. O estágio inicial é o próprio estágio mítico. Nesse ponto, a imagem é a realidade; por meio da imagem, a linguagem torna-se um mundo contido em si mesmo. Os nomes são realidades. Saber o nome de alguma coisa é exercer poder sobre essa coisa. À medida que avança a evolução cultural, decresce o poder do mito, ao mesmo tempo em que aumenta o poder da expressão simbólica. 4. Em primeiro lugar, temos uma *metáfora*, da qual emerge o *conceito*. O pensamento científico consiste em uma meticulosa universalização de idéias que jazem lado a lado, ou que dependem uma da outra, sob formas reconhecíveis. O pensamento religioso é essencialmente metafórico. A poesia exerce a mesma função. 5. Uma das funções da filosofia consiste em examinar os modos de conhecimento que podem ser encontrados nas formas culturais emergentes.

*Escritos*: *The Problem of Knowledge in the Philosophy and Science of Modern Times; Substance and Function; The Individual and the Cosmos in Renaissance Philosophy; Platonic Renaissance in England; The Philosophy of Enlightenment; Determinism and Indeterminism in Modern Physics; An Essay of Man; The Myth of the Sate*. (EP P)

**CASTANHOLAS**

Ver sobre **Instrumentos Musicais**.

**CASTAS**

Um sistema social melhor representado pela Índia, embora não com exclusividade. Acredita-se que o sistema veio à existência como uma espécie de superioridade racial, em que os arianos de tez mais clara dominaram as populações dravidianas de tez mais escura. Isso é confirmado pelo fato de que a palavra *casta* (no sânscrito, *varna*) significa «cor». Os arianos (que vide) vieram a compor a casta sacerdotal e guerreira, ao passo que as castas inferiores eram formadas pelas populações nativas. Sem importar qual tenha sido a origem das castas, ou formalmente, como na Índia, ou informalmente, como em outros países, é mister aceitarmos esses preconceitos raciais como um fato de todos os tempos. Quando o sistema é formal, então uma casta é algo essencialmente

estático, pertencente a alguma classe social exclusiva, determinada por berço. A própria palavra, em seu uso moderno, vem do termo português «casta», que significa «raça» ou «classe», indicando as diversas camadas sociais do subcontinente indiano. Naturalmente, a palavra reveste-se de um sentido geral, indicando as classes sociais em qualquer cultura ou país.

Na Índia, as castas são formadas por indivíduos de uma mesma ocupação ou dotados de costumes comuns relacionados às condições gerais de vida como casamento, tipo de alimentação e de organização social. As castas têm seus oficiais, chefes e concílios. As estimativas indicam que há nada menos de três mil castas diferentes na Índia, variando em número desde alguns poucos indivíduos até milhões de indivíduos que delas fazem parte. Originalmente, havia apenas quatro castas ou classificações. No Rig Veda (3000 A.C.), encontramos cinco divisões hierárquicas. Essas divisões eram os brâmanes (sacerdotes e eruditos); os guerreiros e governantes; os negociantes; os artesãos, agricultores, servos e escravos; e, finalmente, os intocáveis. O alimento tocado por membros desta última casta não podia ser usado por membros das demais castas. As três primeiras dessas cinco castas tinham acesso aos documentos sagrados dos indianos. Nos tempos modernos, essas cinco divisões cederam lugar a um sistema muito mais complexo. É verdade que vários indianos têm procurado descontinuar o sistema; porém, não há evidências de que o sistema de castas desaparecerá em breve naquele país. Pois, em nossos dias, as castas tendem por consolidar-se segundo distinções econômicas e políticas. Além disso, diferentes práticas religiosas também são seguidas pelas diferentes castas.

**Os cristãos e os islamitas** ao redor do mundo, por motivos doutrinários, repelem esse sistema de castas. Na prática, entretanto, a questão está bem viva, por toda a parte. De fato, até mesmo nossas denominações evangélicas, em certo sentido, são formas de castas, porquanto cada uma delas forma um sistema fechado que se defende das demais. Assim, os casamentos são desencorajados entre católicos e protestantes, e não somente por causa de diferenças doutrinárias, mas até mesmo por diferenças culturais e econômicas. A questão, pois, envolve um aspecto cultural e social.

O cristianismo não conseguiu desfazer o sistema de castas na Índia, nem mesmo nas igrejas evangélicas, e muito menos na sociedade indiana como um todo. Na verdade, as castas nunca se evidenciam tanto como quando há diferentes tipos de pessoas que se dizem cristãs. Consideremos os sírios caldeus, os jacobitas sírios, os católicos latinos, os católicos sírios e os ortodoxos gregos. Os islamitas, por sua vez, estão divididos em quatro classes: *sayid, pathan, sheikh e momim*. Os budistas contam com três seitas que se excluem mutuamente: o grupo mahayana, o grupo hinayana e o grupo thervadi. O ideal cristão de que, em Cristo Jesus, não há tal coisa como judeu ou gentio, livre ou escravo, homem ou mulher (ver Gál. 3:28), na prática nunca se concretizou nas fileiras cristãs, e nem mesmo em outras fés religiosas. A despeito disso, o mistério da vontade de Deus (ver Efé. 1:10) nos está fazendo avançar na direção da unidade final. Porém, por enquanto, os homens sempre encontram motivos que os dividem, ainda que esses motivos não sejam reais. O dinheiro e as idéias diferentes encontram-se entre os principais motivos divisores. (MA E)

••• ••• •••

## CASTELO

**Na Bíblia portuguesa há duas palavras hebraicas a considerar, bem como uma palavra grega, a saber:**

1. *Armom*, palavra hebraica usada por trinta e duas vezes (para exemplificar, Pro. 18:19; I Reis 16:18; Sal. 48:3; Isa. 23:13; Jer. 6:5; Amós 1:4, 6:8; Miq. 5:6).

2. *Biraniyot*, «cidadelas». Palavra hebraica usada apenas por duas vezes: II Crô. 17:12; 27:4. Geralmente adjacentes a alguma fortaleza.

3. *Púrgos*, «castelo». Palavra grega usada por quatro vezes: Mat. 21:33; Mar. 12:1; Luc. 13:4 e 14:28. Nossa versão portuguesa a traduz sempre por «torre».

A palavra portuguesa «castelo» deriva-se do termo latino *castrum*, «lugar fortificado». Desde a antiguidade, as cidades eram cercadas por muralhas. Uma aldeia ou vila não contava com tal proteção. Nas cidades fortificadas havia uma «cidadela», geralmente ocupando a posição mais elevada e de mais difícil acesso. Daí derivou-se a idéia de «castelo», já no império bizantino. A diferença entre a cidadela e o castelo é que a primeira servia somente a finalidades militares, como um último refúgio contra possíveis tropas inimigas, ao passo que o castelo já era uma construção de grande porte, que servia de residência de quartel, de armazém e de arsenal. Além disso, uma cidadela geralmente ficava no interior das muralhas de alguma cidade, enquanto que um castelo geralmente era cercado pelas cabanas humildes dos vassalos dos grandes senhores de terras. Em face de todas essas considerações, talvez fosse melhor traduzirmos aquelas palavras hebraicas envolvidas por «cidadela», pois, no Antigo Testamento, a rigor não havia «castelos», no sentido que costumamos dar-lhes, quando pensamos mais nas formidáveis fortificações do período feudal. Ver *Silo*, *A torre de Davi*.

## CASTIDADE

Vem do latim **castitas, castitatis**, «casto», «puro», correspondente ao termo grego *agnos*. O uso primário dessa palavra, no campo da ética, é a pureza moral. Essa conotação é óbvia em II Coríntios 11:2, onde as virgens são assim caracterizadas; e em Tito 2:5 e I Pedro 3:2, onde a palavra é usada para descrever as mulheres casadas. Ver também Filipenses 4:8, onde há uma referência geral a tudo quanto é *puro*, incluindo a pureza moral e religiosa dos rapazes (I Tim. 5:22). O trecho de I João 3:3 aplica o termo a Deus, como santo, cuja santidade espera-se que seja reproduzida em nós.

Apesar de todas as suas faltas, o povo de Israel desenvolveu o conceito de santidade de Deus, com a necessidade paralela dos homens serem, correspondentemente, santos. Do povo de Deus esperava-se que se separassem da polução moral e religiosa dos pagãos (Lev. 20:21). No Antigo Testamento, porém, a castidade nada tinha a ver com a idéia de celibato, conforme a palavra veio a significar nas mentes de muitos homens modernos, talvez devido à influência das idéias católicas romanas. Na verdade, segundo o pensamento judaico, ninguém era considerado um homem espiritualmente próspero, qualificado para ser um dos líderes da sinagoga, se não fosse casado. Ver o artigo sobre o *Celibato*. No Novo Testamento, a castidade é valorizada, mas nunca confundida com o ascetismo (Col. 2:20 *ss*). Dos seguidores de Jesus esperava-se que fossem diferentes das demais pessoas (I Cor. 5:6-13; II Cor. 6:14-18; Tito 2:5; I Ped. 3:2).

O divórcio tornara-se uma praga no império

romano. Juvenal afirma que, durante o período da Igreja primitiva, não somente os homens, mas também as mulheres, divorciavam-se e recasavam. Era comum uma mulher ter tido oito maridos em menos de cinco anos. Os crentes deveriam respeitar as tradições da herança judaico-cristã. A própria Igreja é comparada a uma virgem casta (II Cor. 11:2). Os cristãos estão na obrigação de resistir aos padrões e às práticas do paganismo. (Ver I Tes. 4:11,12). A santidade é necessária à salvação, pois, sem a mesma, ninguém verá a Deus (Heb. 12:14). Ver o artigo geral sobre a *Santificação*.

•••

## CASTIGO, CASTIGAR

*Discussão Preliminar*
*As palavras:*
1. O Princípio Bíblico
2. O Castigo como Remédio
3. Alicerces do Castigo
4. Pontos de Discussão e Debate
5. O Castigo e os Incrédulos
6. O Castigo Relativo à Perseguição e à Tribulação

---

Há dois substantivos envolvidos, um hebraico e um grego, como também há dois verbos, um hebraico e um grego, a saber:

1. *Musar*, «instrução», palavra hebraica usada por quarenta e nove vezes (por exemplo: Deu. 11:2; Jó 5:17; Pro. 3:11; Isa. 3:11; 53:5; Jer. 30:14).

2. *Paideía*, «instrução de criança». Palavra grega que aparece por seis vezes: Efé. 6:4; II Tim. 3:16; Heb. 12:5,7,8,11).

3. *Yasar*, «instruir». Palavra hebraica empregada por quarenta e três vezes (por exemplo: Deu. 8:5; 21:18; Sal. 6:1; 38:1; Pro. 19:18; Osé. 10:10).

4. *Paideúo*, «instruir uma criança». Palavra grega que aparece por treze vezes: Luc. 23:16,22; Atos 7:22; 22:3; I Cor. 11:32; II Cor. 6:9; I Tim. 1:20; II Tim. 2:25; Tito 2:12; Heb. 12:6,7,10 e Apo. 3:19.

**Idéias Gerais.** A principal palavra hebraica traduzida por «castigo» é **yasar.** Tem o sentido básico de ensinar uma lição, e apenas secundariamente o sentido de castigar ou punir. Podemos aprender lições de várias maneiras, através do exemplo, da experiência e do sofrimento (João 13:5; I Tim. 4:12; Jer. 10:24); da aceitação de instruções verbais (Sal. 16:7), da observação (Jer. 2:30). Além disso, a razão, inteiramente à parte da experiência, pode fornecer-nos informações que nos dirigem aos atos. Sócrates pensava que a moralidade pode ser alicerçada sobre princípios racionais, que a mente humana possuiria de forma inerente. Ver sobre o *Racionalismo*. Também há as informações obtidas mediante meios místicos, por meio da revelação divina ou não. Ver os artigos sobre o *Misticismo* e a *Revelação*.

O verbo grego *paideúo* (o substantivo é *paideía*), que significa «instruir uma criança», tem os sentidos secundários de treinar, educar física e mentalmente (Atos 7:22). O substantivo indica a criação de uma criança, o treinamento, a educação, e, naturalmente, a base da palavra é o vocábulo grego que significa *criança*, alguém que precisa dessa criação e treinamento. No Novo Testamento, a idéia de castigo refere-se, quase sempre, à correção que Deus dá ao Seu povo, por causa de algum desvio, pecado ou falta (I Cor. 11:32; II Cor. 6:9; Heb. 12:5-11). Assim como os pais humanos castigam os seus filhos, assim o nosso Pai celestial nos castiga. Se isso não sucede conosco, então é porque somos bastardos, e não filhos. Portanto, a disciplina e o castigo são medidas benéficas. Platão afirmava que uma das piores coisas que pode suceder a uma pessoa é praticar ela um erro, mas não ser punida por esse erro. Isso ensina a alma a corromper-se. Essa disciplina benéfica pode ser aplicada até mesmo através de Satanás (I Tim. 1:20). O décimo segundo capítulo da epístola aos Hebreus mostra-nos que os frutos da piedade resultam do castigo recebido. Parte dessa disciplina, pelo menos, envolve certa medida de retribuição, mesmo no caso dos crentes, porquanto temos de colher aquilo que semeamos (Gál. 6:7,8). Naturalmente, também há aquele treinamento que não envolve o elemento de castigo, sem importar se está em pauta o crente ou o incrédulo; mas não há retribuição que seja apenas isso. Deus simplesmente não age desse modo. Deus é o Pai de todos, e seus atos disciplinadores sempre são aplicados à luz de sua Paternidade. A disciplina aplicada por Deus prova o seu amor, porquanto há coisas que Deus pode fazer melhor dessa maneira do que de outra maneira qualquer. O castigo pode chegar ao extremo de fazer uma pessoa perder a sua vida física, visando ao seu benefício espiritual (I Cor. 11:30). Isso deveria ser um forte incentivo para vivermos no temor de Deus (Atos 5:11). Se dermos atenção à *instrução* divina, haveremos de sofrer menos castigo (II Tim. 3:16,17).

Este artigo apresenta os princípios gerais da punição. Ver os artigos separados sobre *Crime e Castigo, Castigo Capital e Castigo Eterno*, que aparece sob o título o *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*. Ver também o artigo sobre *Recompensas e Castigos*.

**1. O Princípio Bíblico.** Do princípio ao fim, a Bíblia dá a entender que o indivíduo está sujeito à sociedade dos homens e a Deus. Isso significa que os seus atos estão sujeitos a exame, e, subseqüentemente, a recompensa ou castigo. As leis levíticas eram uma elaborada declaração dessa crença. O Novo Testamento põe-nos debaixo da lei do Espírito (Rom. 8:2). A *lex talionis* (que vide) ou retaliação segundo a ofensa, requer olho por olho e dente por dente. O Novo Testamento reconhece o poder das autoridades civis, um poder delegado por Deus (Rom. 13:1 *ss*), e até esse ponto, dá sanção à *lex talionis*. Porém, a questão inteira da punição é alçada até à dimensão espiritual, onde aprendemos que aquilo que uma pessoa semeia, isso também haverá de ceifar (Gál. 6:7,8). O princípio geral da recompensa e do castigo é reafirmado por vários autores neotestamentários, como Tiago (Tia. 2:14); Paulo (Rom. 2:5; I Cor. 3:8,13-15; II Cor. 5:10; Col. 3:23-25); João (Apo. 5-6; 8 - 9; 10:7-15).

**2. O Castigo como Remédio.** A razão diz-nos que um castigo meramente retributivo não concorda com a natureza de Deus, como o *amor*. Alguns teólogos têm asseverado que a punição dos perdidos é final e somente retributiva. Orígenes declarou que esse ponto de vista «condescende com uma teologia inferior». Essa posição é condenada por alguns teólogos; mas ela sempre aparece de modo bem definido nos escritos dos pais gregos da Igreja, contando com muitos aderentes na Igreja Ortodoxa Oriental e entre os anglicanos. Além disso, trata-se de uma doutrina bíblica. Há o relato sobre a descida de Cristo ao hades (I Ped. 3:18-4:6). Ele foi ali pregar o evangelho aos que haviam sido desobedientes nos dias de Noé, e por extensão a todos os perdidos. I Ped. 4:6 diz-nos o motivo disso: «...pois, para este fim foi o evangelho

pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne, segundo os homens, vivam no espírito, segundo Deus». A passagem de Efé. 1:10 promete a restauração geral de todas as coisas, em resultado da obra divina de todos os séculos, o que incluirá os efeitos do próprio julgamento. Portanto, o julgamento ou castigo é um dedo da mão amorosa de Deus. *Aprendamos este princípio*: O contrário da injustiça não é a justiça; é o amor. O trecho de Efésios 4:9;10 mostra-nos que a descida de Cristo ao hades teve o mesmo propósito que a sua ascensão, porquanto os dois atos contribuem para fazer Cristo tornar-se tudo para todos, aquilo que se deve entender no fato de que ele *preenche todas as coisas*. O trecho de Hebreus 12:7 mostra-nos que a disciplina, que envolve o castigo, é uma medida do amor do Pai por seus filhos, tal como sucede na vida humana. Deus trata todos os homens como se fossem filhos, sem importar se salvos ou perdidos, através do mesmo princípio ensinado nos versículos que mencionei. Isso é o que deveríamos esperar da parte de Deus Pai.

**3. Alicerces do Castigo.** O homem é um ser responsável tanto diante de Deus quanto da comunidade humana. O castigo é um elemento que garante a responsabilidade ética. É melhor amar, e, portanto, obedecer; mas, o homem caído não se ajusta muito bem a isso. Contudo, — à medida que o crente vai sendo transformado segundo a imagem de Cristo, mais ele se adapta à lei do amor, porquanto Cristo é o Filho amoroso e obediente do Pai. Porém, por enquanto, o homem precisa da ameaça do castigo tanto para impedi-lo de errar como para castigá-lo, se ele chegar a errar. O castigo também é uma medida de amor necessária, para servir de remédio para o mal, e para transformar aquele que tiver praticado o mal. O Senhor pode fazer melhor certas coisas, através do juízo, do que através de outra medida qualquer. Deus é o nosso Criador, pelo que exerce autoridade sobre nós. Cristo é o Redentor e o Restaurador, pelo que também exerce autoridade legítima sobre o homem. O dever do homem é diante do Pai e do Filho, e também é diante das autoridades civis humanas, porquanto elas são delegadas de Deus para impor a disciplina nesta esfera terrestre. Nem todos os pecados revestem-se da mesma gravidade, pelo que nem todo o castigo é igual. Os homens são julgados de acordo com suas obras (Rom. 2:6). Os crentes serão julgados de acordo com as suas obras, posto que não para efeito de salvação e perdição e sim, para efeito de recebimento ou não de galardões (I Cor. 3:10 *ss*). Ver sobre os *Galardões dos Crentes*.

**4. Pontos de Discussão e Debate.** Os teólogos debatem se o castigo imposto por Deus tem apenas um efeito retributivo, ou também tem um efeito restaurador. Em grande parte, essa é uma questão que tem envolvido choques entre as porções ocidental e oriental do cristianismo. A Igreja ocidental argumenta em favor somente da idéia de retribuição. A Igreja oriental argumenta em prol do valor remedial do castigo imposto por Deus. Quanto a esse ponto, ponho-me ao lado da Igreja oriental. Os educadores modernos defendem a idéia que a *imposição positiva* de boa conduta é uma medida mais eficaz para aprimorar a conduta de um indivíduo do que o castigo. Esse é um bom princípio, que pode ser aplicado com freqüência. Porém, não pode substituir a necessidade do castigo. Alguns crimes merecem retribuição, por amor à justiça. Além disso, o castigo severo, incluindo a punição capital (que vide), é benéfico à alma, e não apenas para livrar a sociedade dos malfeitores. Freud preocupava-se com os efeitos negativos a longo prazo do castigo. Uma punição excessivamente severa pode causar um trauma duradouro, se imposta no espírito do ódio e da hostilidade. Porém, os abusos não eliminam a validade do *princípio* do castigo, com vistas à retribuição e à restauração, igualmente.

**5. O Castigo e os Incrédulos.** Os evangélicos geralmente estabelecem uma distinção por demais radical entre o que Deus faz com os crentes e com os incrédulos. Afinal de contas, todos os incrédulos são crentes em potencial, sendo, igualmente, objetos do amor de Deus (João 3:16). Tornou-se popular, na teologia evangélica, dizer que o julgamento divino tem apenas um aspecto retributivo, quando aplicado aos incrédulos. E, no entanto, o trecho de I Pedro 4:6 contradiz essa noção de forma enfática e específica. A missão de Cristo ao hades (ver sobre a *Descida de Cristo ao Hades*), levou até ali o seu ministério evangelístico, quando o evangelho foi pregado aos mortos (I Ped. 4:6), aos desobedientes (I Ped. 3:19,20). Então, eles foram julgados como homens que vivem na carne. Estão pagando pelo mal que praticaram. No entanto, o próprio castigo a que são sujeitados tem o propósito de dar-lhes vida, para que vivam como Deus vive, no espírito. Somente assim poderia ter cumprimento a restauração de todas as coisas (ver Efé. 1:10), que envolve o mistério da vontade de Deus. Ver o artigo sobre a *Restauração*. O julgamento é um dedo da mão amorosa de Deus, e ele pode fazer certas coisas, através desse método, como não pode fazer de outra maneira qualquer.

Inútil é falar em *justiça* somente em termos de vingança. A passagem de Romanos 5:7 estabelece a distinção entre o homem justo e o homem bom. O homem justo é eticamente correto. Ele não infringe as demandas da lei e da moralidade. Mas o homem bom, além disso, também mostra-se generoso e amoroso. Por esse tipo de pessoa, alguém poderia ousar morrer, mas, pelo indivíduo meramente justo, quem se incomodaria? É impossível supormos que a justiça de Deus é inferior às exigências impostas aos homens. O oitavo capítulo de Romanos mostra-nos que neste mundo há caos e tragédia, fazendo a vida humana tornar-se fútil. Porém, Deus usa esses elementos para atrair os homens a si mesmo, e essas são formas de castigo aplicadas a todos os homens, e não somente aos crentes. (Ver Rom. 8:20). A criação ficou sujeita à futilidade a fim de que pudéssemos obter, finalmente, a liberdade. Geralmente estreitamos demais o amor de Deus. Esse amor opera por toda a parte, em favor de todos; e essa é a grande mensagem do evangelho.

**6. O Castigo Relativo à Perseguição e à Tribulação.** Quanto aos resultados benéficos desse castigo, ver o artigo separado sobre *Tribulação, Valor da*.

**7. O Castigo e a Lei da Colheita Conforme a Semeadura.** É evidente que colhemos aquilo que semeamos (Gál. 6:7,8). A graça de Deus, em face da confissão e do arrependimento, pode livrar-nos das conseqüências; mas, usualmente, a despeito do perdão recebido, essa lei é posta em vigor, de qualquer maneira. Nem por isso o crente castigado é, por causa disso, condenado diante de Deus, conforme o trecho de Romanos 8:1 deixa perfeitamente claro. (B H NTI W)

## CASTIGO ETERNO

Ver o artigo sobre o **Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.**

## CASTIGO FUTURO

Esse castigo aponta para a punição recebida após a

morte biológica da pessoa. Kant afirmava que o conceito de um mundo justo requer que todo o bem e todo o mal praticados no mundo devam, finalmente, ser devidamente recompensados ou castigados. Em caso contrário, o *caos* seria o deus real deste mundo. A necessidade de um ajuste final de contas requer as noções da existência e da sobrevivência da alma como conceitos filosóficos, porquanto, em algum ponto da história da alma, deve haver recompensa ou castigo. Ademais, deve haver um Juiz adequado para impor essa recompensa ou esse castigo. Deus é o único que pode cumprir essa tarefa com sabedoria e justiça, pelo que também ele deve existir. Esse tipo de raciocínio é chamado, na filosofia, de *Argumento Moral* (que vide) em favor da alma e de Deus. O Novo Testamento concorda com esse princípio, acrescentando o argumento baseado na revelação (que vide). As Escrituras Sagradas asseguram-nos que haverá um castigo futuro para todos os erros praticados pelos homens. De acordo com a Bíblia, estes serão os critérios usados: a. O castigo futuro será de acordo com as obras de cada um (Rom. 2:6). b. O castigo futuro será retributivo (Apo. 20; Heb. 9:27). c. O castigo futuro também será remedial (I Ped. 4:6; Efé. 1:10). De fato, o castigo imposto por Deus é um dedo da amorosa mão de Deus. É uma medida que transforma de maneira eficaz, segundo se aprende em Efésios 1:10. Aquilo que foi dito aqui serve apenas de observações introdutórias. Ver o artigo sobre a punição futura com o título o *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*.

## CASTOR E POLUX

Ver o artigo sobre os **Dioscuri**, que significa «filhos gêmeos».

## CASUALISMO

Outro vocábulo moderno derivado de **Casus**, «caso», um termo latino. O casualismo é a doutrina que diz que todas as coisas resultam de alguma causa. O princípio de causa é importante dentro dos argumentos tradicionais em prol da existência de Deus. Ver o *Argumento Cosmológico*. O *argumento teleológico* também está envolvido na questão, tal como vários outros argumentos em favor da existência da alma e de sua sobrevivência diante da morte física.

## CASUÍSMOS

Esse vocábulo deriva-se do latim **casus**, «caso», sendo termo empregado modernamente em dois sentidos principais, a saber: 1. A aplicação de princípios éticos a algum caso específico. 2. Racionalizações, sofismas e trocadilhos, usados na tentativa de justificar aquilo que não merece justificação. Teologicamente, este segundo sentido tem sido associado aos métodos empregados pelos jesuítas (que vide).

No tocante ao primeiro desses sentidos, os princípios aplicados usualmente são aqueles constantes nas Escrituras, ou na lei canônica, nas tradições eclesiásticas, — na lei da sociedade — ou à luz da razão. Nessa conexão, o termo é atualmente usado por alguns em sentido derrogatório, os quais supõem que a conduta ideal e as questões de certo e errado não podem ser solucionadas pelo mero apelo à autoridade. (E EP P)

## CATACUMBAS

Essa palavra é aplicada às antigas câmaras mortuárias subterrâneas, numerosas nas vizinhanças da cidade de Roma. A vasta maioria desses cemitérios pertencia aos cristãos, que os construíram durante os séculos II, III e IV D.C. O sentido da palavra latina é incerto, embora tenham sido sugeridas interpretações como taça, barco, carteira de notas, etc. Naturalmente, a palavra vem da expressão grega *katá kymbas*. No grego, *kymbe* era um vaso oco, uma taça, um barco. Portanto, é possível que, originalmente, a palavra referia-se ao vale que acompanhava lateralmente a via Ápia (uma das principais estradas que ligam a cidade de Roma ao sul da Itália), onde foram construídas várias câmaras subterrâneas. Portanto, *o oco* (o vale), onde essas câmaras subterrâneas tinham sido cavadas, finalmente veio a indicar esse tipo de sepultamento em câmaras mortuárias. Ver sobre *Sepultamento*, quanto a completas descrições sobre os antigos costumes de sepultamento. As principais catacumbas encontram-se na área da cidade de Roma, embora também existam outras em Albano, Alexandria, Nápoles, Malta e Siracusa. As catacumbas eram escavadas em rocha mole.

Cada catacumba consistia em uma complicada rede de passagens subterrâneas, com 0,90 m a 1,20 m de largura por 1,80 m ou mais de altura. Nas paredes desses túneis eram feitos nichos, onde os corpos mortos eram postos em camadas, e então cuidadosamente selados com cimento e lajes de pedra. As catacumbas existentes em Roma estendiam-se por mais de quinhentos e sessenta quilômetros, em muitas direções, atuando como uma espécie de colchão contra os abalos sísmicos. As mais famosas catacumbas são as de São Sebastião, Santa Priscila, São Paulo, São Calisto São Pretexto e São Ponciano. Há estimativas que dizem que ali foram feitos entre 1.750.000 e 4.000.000 sepultamentos, durante um espaço de dez gerações. Isso parece indicar que a população cristã da cidade de Roma era entre 175.000 e 400.000, em cada geração. Alguns dos corredores têm vários níveis ou camadas, atingindo algumas centenas de quilômetros.

A idéia de que os cristãos antigos usavam esses lugares para se ocultarem, ou para efetuarem seus cultos religiosos, proibidos que estavam pelos romanos, não é mais favorecida entre os estudiosos. Mui provavelmente, eram apenas cemitérios reconhecidos como cristãos. Os romanos também sepultavam no chão, e a cremação era uma prática comum entre eles. Os cristãos acreditavam na ressurreição literal do corpo físico, pelo que muitos deles não seguiam o costume de cremação. É óbvio que os cristãos tinham permissão do estado para sepultar seus mortos separadamente dos pagãos.

É interessante observar que, em Roma, também havia quatro catacumbas dos judeus. O sepultamento deles não indicava que eles fossem escravos, embora a maioria deles tivesse sido trazida para Roma como escravos. Filo declarou que os judeus haviam sido trazidos à cidade como escravos, mas eles não ficaram neste estado por muito tempo (*Legatio* 23,155). Muitos dos nomes desses judeus eram latinos, sendo provável que muitos deles tivessem dois nomes, um hebraico e outro latino. (BES E LE)

## CATADUPAS

**No hebraico, tsinnor. A palavra aparece somente em II Sam. 5:8 e Sal. 42:7.**

Na primeira dessas passagens, nossa versão portuguesa traduz o termo hebraico por «canal subterrâneo», e, na segunda, por «catadupa». As versões em geral têm traduzido essa palavra por

«catarata», por «queda d'água», *tromba d'água*, etc. «Catadupa», palavra pouco usada em português é sinônima de *catarata*. No hebraico, essa é a idéia básica, e não «canal subterrâneo». Evidentemente, em Salmos 42:7 encontramos um uso metafórico do termo, simbólico do espírito abatido e avassalado.

## CATÃO, MARCUS PORCIUS

Um filósofo estóico romano (95-46 A.C.). Tornou-se tribuno e defendeu o antigo estado livre romano, e assim incorreu na ira de outros políticos. Finalmente, cometeu suicídio sob condições heróicas. Por esse motivo, tornou-se o patrono do estoicismo romano. Os filósofos estóicos deram prosseguimento à sua agitação política contra o império romano até que, finalmente, Marco Aurélio, que também era filósofo estóico, obteve o trono imperial. Ver o artigo geral a respeito do *Estoicismo*.

## CATARINA DE ALEXANDRIA

Uma virgem e mártir cuja festa religiosa é celebrada a 25 de novembro. Sua história está envolta em obscuridade, e quase nenhum detalhe dessa história tem resistido ao escrutínio da crítica. Portanto, quase tudo é mitológico. Ela é venerada como a santa protetora dos filósofos. De acordo com a tradição, ela teria derrotado cinqüenta filósofos em debate público. Se ela, realmente, fez isso, então seu feito foi extraordinário, pois até o apóstolo Paulo, no Areópago, não conseguiu grande coisa contra um número bem menor de filósofos. O próprio Sócrates foi contradito, ridicularizado e vaiado por seus contemporâneos. Na verdade, a própria existência de Catarina de Alexandria tem sido controvertida, e a estória que ela derrotou cinqüenta filósofos em debate público bem pode servir para confirmar a teoria da sua inexistência. No entanto, ela tem sido um tema favorito de pinturas e ícones.

No tocante à suposta porção histórica de sua vida, diz-se que ela pertencia a uma nobre e real família cristã de Alexandria, do Egito ou de Chipre. Imediatamente após o batismo, ela teria recebido uma visão de seu desposório místico com Cristo. Durante uma perseguição, ela foi detida em Alexandria. Foi durante seu julgamento que, supostamente, ela teria confundido os cinqüenta filósofos, precisamente em Alexandria, onde os mais aptos entre eles residiam. Mediante essa vitória, ela teria convertido à fé cristã todos esses cinqüenta filósofos, juntamente com duzentos guardas. Apesar disso, ela foi torturada na roda e deixada a morrer de inanição. Teria sido sujeitada a tudo isso por causa das conversões que produziu durante o seu julgamento. Miraculosamente, entretanto, ela escapou de tudo. Em face disso, o imperador Maximiniano, e seu filho, Maxêncio, mandaram-na decapitar, a 24 ou 25 de novembro de 305 D.C. Pelo século VIII D.C., a veneração a Catarina de Alexandria havia chegado a Roma, e, pelo século XI D.C., ela era uma das santas católicas mais populares. No entanto, a festa religiosa dessa santa, até então observada a 25 de novembro, foi descontinuada do calendário litúrgico universal, em 1969, por causa das grandes dúvidas sobre a sua existência. (AM E)

## CATARINA DE MEDICI

Suas datas foram 1519-1589. Foi rainha da França, durante cujo reinado ocorreram as chamadas guerras religiosas. Destituída de senso moral, ela lançava as forças religiosas contendoras uma contra a outra, visando às suas finalidades pessoais; uma política que produziu confusão e constantes perturbações. Ela usava a guerra, o homicídio e até mesmo o massacre como armas políticas. Ver sobre o *Massacre de São Bartolomeu*. (E)

## CÁTAROS

Nome alternativo dos albigenses (que vide). O vocábulo significa *puros*, o que alude à sua busca fanática pela perfeição e pela pureza.

## CATARSE

Palavra que se deriva do grego **katharsis**, «purificação». Dentro da teoria estética de Aristóteles, o vocábulo indica o efeito expurgador que a tragédia supostamente exerceria sobre a mente dos espectadores, provocando neles as emoções de compaixão, temor, etc. Dentro do contexto religioso, a palavra é usada para indicar qualquer experiência que tenha um efeito purificador, que ajude o indivíduo a aprimorar suas qualidades espirituais; e, mais frouxamente, que aponte para certos aspectos da doutrina da santificação (que vide). Na medicina, a palavra refere-se a algum elemento purgativo, usado para limpar o sistema digestivo.

## CATATE

Uma das aldeias de Zebulom (Jos. 19:15). Provavelmente é a mesma Quitrom, referida em Juí. 1:30. Tem sido tentativamente identificada com a moderna Khirbet Quteineh.

## CATECISMO

1. *O termo*. Originalmente, esse termo referia-se à instrução oral religiosa. Posteriormente, passou a indicar os livros que continham tal instrução.

2. *Antigos Catecismos*. Os primeiros seis capítulos do Didache (que vide) eram o catecismo original da fé cristã, se não levarmos em conta as próprias Escrituras. O *Didache* apareceu entre 60 e 90 D.C. Essa obra esboçava práticas litúrgicas, os dez mandamentos, integrados com itens diversos do sermão do monte, que eram considerados os ensinamentos fundamentais da vida cristã. Por volta do terceiro século da era cristã, o *catecumenado*, uma grande comunidade de pessoas que desejava o batismo, já se havia desenvolvido. A preparação dessa gente para o batismo ocupava cerca de três anos. Além das Escrituras Sagradas, do Didache, de lições e sermões, vários credos também eram usados, parte de cujo material o candidato precisava memorizar. Agostinho escreveu o seu *Catequese dos Não-Instruídos*, que se tornou uma das obras mais influentes dessa categoria. A sua obra era muito mais complexa do que as anteriores, com narrativas bíblicas, exposições e instruções, uma apresentação dos ensinos bíblicos, desde a criação até o juízo final.

3. *O Catecismo Medieval*. Após a conversão das hordas bárbaras, no século VI D.C., o batismo infantil tornou-se a norma comum. Em conseqüência disso, a catequese passou a visar às crianças, e não aos candidatos adultos ao batismo. A isso foi adicionada a ênfase da educação paterna, como instrução suplementar. Os bispos da Idade Média compuseram manuais para os padres locais usarem em suas instruções. Esse tipo de livro de instrução era chamado catecismo.

4. *O Período da Reforma*. A Reforma Protestante

inspirou a renovação do interesse pelo ensino e pelo aprendizado, e isso deu origem a catecismos protestantes. Em 1529, Martinho Lutero publicou o seu Pequeno Catecismo, que exerceu notável influência em seu tempo, e que, desde então, tornou-se uma espécie de declaração da fé luterana. A Instrução e Confissão de Fé, de João Calvino, para uso da Igreja de Genebra, foi publicada em 1541, e continuava sendo usada em 1563, quando foi substituída pelo Catecismo de Heidelberg. Então este foi revisado pelo sínodo de Dort, em 1619. O Livro de Oração Comum da Igreja Anglicana inclui um catecismo, desde o ano de 1549. Esse catecismo foi escrito nos dias do rei Eduardo VI, da Inglaterra, mui provavelmente por Thomas Cranmer. A Igreja Católica Romana publicou o *Catecismo Romano* em 1556, por recomendação do concílio de Trento. Esse catecismo é muito apologético em sua natureza, e algumas de suas fórmulas são longas, muito técnicas e complicadas. O principal catecismo da Igreja Ortodoxa Oriental foi compilado por Pedro Moghlia, metropolitano de Kiev, em 1640. Chama-se *Confissão Ortodoxa*, uma obra similar ao catecismo de Pedro Canísio, de 1555, com o intuito precípuo de promover os pontos de vista distintivos da ortodoxia oriental sobre a fé cristã. Esse documento foi modificado e aprovado sob nova forma, pelo concílio de Constantinopla, em 1643.

5. *A Catequese Moderna.* Os catecismos de estilo antigo, compostos de perguntas e respostas, com seu forte tom apologético, gradualmente foi dando lugar a uma orientação bíblica e litúrgica mais positiva. Uma abordagem mais acentuadamente cristocêntrica foi encorajada pelo Segundo Concílio do Vaticano (1962-1965), em seu decreto sobre o ofício pastoral dos bispos.

Diversos grupos protestantes continuam a usar versões modificadas de antigos catecismos, embora com a suplementação de muita literatura didática. Revistas de Escola Dominical são comuns com esse propósito, as quais são bastante centralizadas na Bíblia. Alguns grupos evangélicos ignoram inteiramente os catecismos formais, mas usam a literatura de Escola Dominical, com seus comentários sobre a Bíblia, como guia de estudo. Além disso, existem inúmeros livros de estudo, que substituem o catecismo. (AM E)

## CATECISMO DE HEIDELBERG

Ver **Heidelberg, Catecismo de.**

## CATECISMO DE WESTMINSTER

Ver **Westminster, Catecismo de.**

## CATECUMENADO

Trata-se da instituição que visa preparar os catecúmenos (que vide) para o batismo e para a sua plena aceitação como membro da Igreja. Em seu sentido mais amplo, a palavra é sinônima de educação religiosa. Ver os artigos sobre *Catecismo*, *Catequese* e *Catecúmeno*.

## CATECÚMENO

O termo significa, literalmente, «ensinado por palavra de boca», designando um convertido ao cristianismo que estava recebendo instruções para ser preparado para o batismo e para assumir responsabilidades como membro da Igreja. É fácil alguém deixar-se arrebatar emocionalmente pelas palavras de um orador eloqüente, embora sem fazer idéia do que esteja envolvido no discipulado cristão. Portanto, desde o começo do cristianismo, sentiu-se a necessidade de fornecer instruções religiosas aos tais. O Novo Testamento mostra-nos que o batismo não era assim adiado, até que o candidato estivesse devidamente instruído. Essa instrução vinha depois, como parte da vida diária do convertido. Porém, em tempos subseqüentes, tornou-se prática adiar o ato do batismo até que as pessoas estivessem preparadas para o discipulado cristão. Essa medida impedia, pelo menos em parte, o êxodo de pessoas entusiasmadas a princípio, mas que não mantinham a sua atitude original. Referências a pessoas assim acham-se em passagens como I Cor. 14:16; Gál. 6:6. E o trecho de Atos 18:26 mostra-nos um episódio de instrução informal dada a recém-convertidos. Lucas dedicou o seu evangelho a Teófilo, referindo-se a ele como um *catecúmeno*, a quem desejava transmitir um conhecimento mais preciso sobre as crenças e tradições cristãs.

A propagação das heresias e facções, a partir do século II D.C., criou a necessidade de uma instrução cristã mais formal. As chamadas epístolas pastorais já aparecem imbuídas desse espírito. Estritamente falando, o termo aplica-se aos candidatos ao batismo, que recebiam instrução, embora também pudesse ser usado para incluir membros da igreja que estavam sendo preparados como mestres, que precisavam dominar certo conjunto de ensinamentos com esse propósito. Paulo falava sobre uma sabedoria superior, que ele comunicara a um grupo seleto em Corinto (ver I Cor. 2:6 *ss*). Sabemos que essa prática desde há muito era comum nas sinagogas judaicas. Em Alexandria desenvolveu-se uma escola catequética regular, equivalente aos modernos seminários e institutos teológicos. Entre seus mestres estavam Clemente e Orígenes. Clemente falava em arrancar os homens da idolatria, mediante a instrução. Aparentemente, pelo menos em certos lugares, essa instrução podia perdurar até por três anos. Ver Hipólito (Tradição Apostólica), em cerca de 215 D.C. (CARR E)

## CÁTEDRA

Vem do termo grego que significa «cadeira». É termo aplicado ao assento oficial ou trono de um bispo, em uma igreja católica romana. Ver sobre *Cadeira de São Pedro* e sobre *Ex-Cátedra*.

## CATEDRAL

Vem do termo grego **cáthedra**, «cadeira». Na Igreja Católica Romana, a palavra é usada para indicar a igreja na qual é estabelecida a autoridade do bispo, pelo que aquela é a principal igreja da diocese. A catedral tem vários altos oficiais associados ao bispo, como um deão, um capítulo e outros dignitários. O capítulo é um grupo de clérigos. Um uso mais amplo da palavra permite que esse termo seja usado para falar de qualquer igreja ampla ou importante, embora não seja sede de um bispo. Como adjetivo, a palavra significa, *pertencente* ou *similar* a uma catedral, como o coro da catedral ou um edifício parecido com uma catedral. Visto que a catedral é uma igreja importante, muitas catedrais são exemplos de impressionante arquitetura, sendo rebuscadamente decoradas.

## CATEGORIA

1. *O Termo.* A palavra portuguesa deriva-se do vocábulo grego *kategoria*, o qual, originalmente, significava «acusação» ou algo predicado a uma pessoa ou coisa. Mas então veio a designar qualquer classe abrangente ou descrição de coisas, — ou uma dentre as diversas formas de concepção ou conheci-

mento que, considerados juntamente com outros, abarcam tudo quanto existe ou pode ser predicado.

2. *Na Filosofia*. a. Modos fundamentais de predicação (que vide); seria um tipo irredutível de relação gramatical, expresso na linguagem, segundo Aristóteles. b. Uma maneira fundamental de ser, com substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, estado, ação, afeto (ver Aristóteles, *Categoriae*, 4). c. Uma classificação lógica de juízos sobre qualidades essenciais do ser, o que é uma forma mais elaborada das idéias de Aristóteles, conforme se vê na *Crítica da Razão Pura*, de Kant. Ver o artigo sobre *Kant*. Esse filósofo apresentava uma Classificação Lógica das Declarações, em doze partes, onde cada parte corresponderia a uma função da compreensão humana. Filósofos como Hegel, Husseral e Pierce seguiram as idéias de Kant quanto a essas categorias. As categorias de Hegel são os princípios essenciais do ser do universo todo inclusivo, o *Absoluto*. d. Na filosofia moderna, o termo tem sido usado para indicar os *sistemas* que não podem ser isolados, como as categorias da lógica, da ética, da física, da religião, etc. e. Pierce usava a palavra para indicar termos gerais que encerram descrições da experiência humana. Ele falava em três categorias gerais: *primeira*, *segunda* e *terceira*, que corresponderiam a aspectos como qualidade, reação e generalidade. f. Whitehead pensava em trinta e sete categorias que, presumivelmente, explicariam toda a experiência. g. Nos escritos de Ryle, a palavra indica um tipo de *palavra* que realmente é capaz de descrever alguma coisa em vista. (E EP P)

## CATENA

Coletânea de extratos dos primeiros escritores eclesiásticos, agrupados a fim de exibir uma interpretação uniforme e encadeada de alguma passagem bíblica. Vem do termo latino que significa «cadeia», «corrente».

## CATEQUESE

A palavra vem do grego **echein**, «sondar», e **katá**, «para baixo». Portanto, a palavra é uma alusão à sondagem que um orador faz, ao dirigir-se aos seus ouvintes. O termo é usado em Lucas 1:4; Atos 18:25 e 21:21 para indicar o conhecimento transmitido através das tradições orais, ou para indicar, simplesmente, informações orais. Paulo emprega esse último uso da palavra, em Rom. 2:18 e I Cor. 14:19. O substantivo *catequese* tornou-se o termo técnico para indicar a instrução e o treinamento em preparação ao batismo, e, mais tarde ainda, para indicar toda instrução religiosa, antecedente à aceitação de pessoas como membros da igreja. O termo também é usado para indicar lições formais, como as dezoito catequeses de Cirilo de Jerusalém, ou as noventa e seis catequeses do Catecismo de Lutero. (E)

## CATEQUÉTICA

Abreviação de **katechetike techné**, ou seja, a arte de transmitir conhecimento em forma oral, especialmente o conhecimento religioso, como preparação para alguém tornar-se membro de uma igreja cristã local. Portanto, a *catequética* é o nome dado à teoria e à prática da educação religiosa. Trata do desenvolvimento histórico da educação religiosa, seu propósito (aprimorar a vida espiritual do aluno), o material, o método de ensino e os alvos da educação religiosa. (REU)

## CATIVEIRO (CATIVEIROS)

No hebraico várias palavras são usadas para indicar essa idéia, mas as palavras principais são: 1. *Golah*, «cativo», palavra que, em suas várias formas figura por cerca de cento e setenta vezes. 2. *Shabah*, «cativar», palavra que, em suas diversas formas aparece por cerca de setenta e duas vezes. Trechos notáveis são: de *golah* (II Reis 24:15; I Crô. 5:22; Esd. 1:11; Est. 2:6; Jer. 29:16,20,31; Eze. 3:11; 11:24,25; Zac. 6:10; 14:2); de *shabah* (Deu. 30:3; Jó 42:10; Sal. 14:7; 126:4; Jer. 29:14; 49:6,39; Lam. 2:14; Joel 3:1; Eze. 16:53; Dan. 11:33; Sof. 2:7).

No grego temos as palavras: *Aichmalotizo*, «tomar à ponta de lança», termo que figura em Luc. 21:24; Rom. 7:23; II Cor. 10:5 e II Tim. 3:6. *Aichmalotéo*, em Efé. 4:8. *Aichmálotos*, em Luc. 4:18. *Zogréo*, «apanhar vivo», em Luc. 5:10 e II Tim. 2:26.

As Escrituras descrevem muitos tipos de cativeiro, a saber: 1. O cativeiro efetuado pelo inimigo, em tempos de guerra ou de paz, mediante o qual pessoas são cativas, contra a própria vontade. Nos tempos antigos, com freqüência isso envolvia a escravidão (Deu. 28:27-48; Gên. 14:14; Jer. 52:29,30). 2. O cativeiro evangélico dá-se quando o todo poderoso amor de Cristo obtém controle sobre uma pessoa, que então dedica-se totalmente à inquirição espiritual (II Cor. 10:5). 3. O cativeiro do pecado, quando alguém é oprimido e escravizado pelo poder de Satanás, bem como por suas próprias corrupções internas, naturais (Rom. 7:23; I Sam. 30:3; II Tim. 2:26). 4. O cativeiro moral, cujo conceito contrário é a vitória sobre o pecado e os vícios. Essa vitória leva o crente ao progresso espiritual, permitindo-lhe vencer os elementos morais e espirituais prejudiciais, levando tudo a cativeiro, à vontade do Senhor (II Cor. 10:5), incluindo os próprios *pensamentos*. Não está em foco alguma pequena vitória! 5. O cativeiro do mal, que Jesus levou cativo (Efé. 4:8). Provavelmente, isso significa que as forças satânicas que escravizam as almas, especialmente aquelas que existem no hades, e ali conservam as almas cativas, por sua vez foram vencidas e cativadas por Jesus, sendo derrotadas e desativadas. Alguns interpretam isso como a transferência de almas justas, que viveram antes do ministério terreno de Jesus, para o céu. Seria a transferência da parte boa do hades (ou paraíso), para o céu. Ver a exposição no NTI, sobre Efé. 4:8, quanto a completos detalhes. 6. O cativeiro pode ser imposto como *retribuição ao mal*, de tal maneira que aqueles que levam outros em cativeiro, haverão de colher segundo semearam, sendo levados em cativeiro (Apo. 13:10). Essa é uma promessa especial àqueles crentes que sofrerão durante a Grande Tribulação. Os seus opressores, no devido tempo, serão julgados por Deus. 7. Os males morais levam-nos ao cativeiro à lei do pecado (Rom. 7:23), que em nós opera. Trata-se da escravização moral, que todos os homens experimentam, e da qual a missão de Cristo tem o intuito de livrar-nos. 8. Vários cativeiros nacionais de Israel são descritos no Antigo Testamento. Temos o cativeiro de Israel no Egito, bem como o relato da libertação deles, mediante o êxodo. Isso serve de símbolo moral e espiritual do livramento do pecado e de sua escravização, para que o homem possa entrar no mundo dos benditos, na Terra Prometida espiritual. Artigos separados são apresentados sobre o *Cativeiro Babilônico* e sobre o *Cativeiro Assírio*. 9. *Cativeiro sob os Romanos*. O que sucedeu a Israel, às mãos dos conquistadores romanos, foi a culminação dos cativeiros e das escravizações de Israel. Muitos milhares de judeus foram massacrados, e muitos outros milhares foram exilados e escravizados. Josefo

diz-nos que, durante o cerco de Jerusalém por Tito, no ano 70 D.C., noventa e sete mil judeus foram capturados, e um milhão e cem mil judeus foram mortos. Esse foi um número imenso, levando-se em conta a pequenez da nação judaica, de tal modo que quase cada indivíduo sofreu um ou outro desses horrores. Aqueles que tinham menos de dezessete anos foram vendidos para servir de escravos a particulares. Muitos outros foram enviados para trabalho forçado nas minas do Egito, — e outros foram enviados às províncias do império para serem mortos nos teatros, à espada ou pelos animais ferozes. Ver *Guerras* vi.9,3. Uma outra devastadora destruição da nação judaica ocorreu nos dias do imperador Adriano, em cerca de 132 D.C. Os poucos judeus que tiveram permissão de continuar na Palestina, foram finalmente levados dali, dando início à grande dispersão, que só foi revertida em nossos próprios dias, após a Segunda Guerra Mundial, quando da formação do Estado de Israel, em 1948. A partir dessa data, Israel tornou-se novamente uma nação organizada, conforme os profetas haviam predito. O milagre de Israel inclui o fato de que, a despeito da verdade que eles não tinham pátria nem território, e estavam espalhados pelo mundo inteiro, Israel foi capaz de preservar a sua cultura e religião, e portanto, a sua identidade como nação.

**O Cativeiro de Israel e as Profecias Bíblicas.** O Antigo Testamento predizia a restauração de Israel à sua terra, no fim dos tempos e que após algum tempo, seguir-se-ia a era milenar (Isa. 11:11). Isso refere-se à segunda restauração. A primeira foi parcial, após o cativeiro babilônico. Essa segunda e última restauração será a versão da grande dispersão ou diáspora (ver Jer. 16:14,15; Isa. 43:5-7). Seu aspecto definitivo virá após o término dos tempos dos *gentios* (Luc. 21:24), por ocasião do segundo advento de Cristo (Mat. 23:29). Isso envolverá até mesmo a reversão da incredulidade de Israel (Eze. 36:24-27). Será uma completa restauração nacional, física e espiritual (Rom. 11:25). Ver a exposição desse último versículo no NTI, quanto a detalhes completos. Então Israel tornar-se-á a cabeça das nações, e um povo sacerdotal, anunciará a mensagem de Deus a todos os demais povos, em um período de prosperidade e paz sem-igual (Zac. 3:1-12; Apo. 20:1-10, caps. 21 e 22). Israel, pois, será reenxertada na vinha divina da vida (Rom. 11:23). (I IB HA NTI)

## CATIVEIRO ASSÍRIO

Ver o artigo geral sobre **Cativeiro, Cativeiros.** Esse cativeiro também é conhecido como cativeiro das dez tribos de Israel. Embora nos refiramos a esse cativeiro como um único evento, na realidade envolveu um complexo processo. A maior parte da população das tribos israelitas do norte foi levada em exílio, não para a Babilônia (que foi a experiência da tribo de Judá; ver sobre o *Cativeiro Babilônico*), mas para a Assíria (que vide). O período durante o qual essa remoção teve lugar, estendeu-se por cerca de cento e cinqüenta anos. Podemos dividir esse período em quatro fases: a. a daqueles levados cativos por Tiglate-Pileser III, nos dias de Peca, rei de Israel, em cerca de 740 A.C. Nesse exílio estiveram envolvidas as tribos transjordânicas de Israel (I Crô. 5:26), e os habitantes da Galiléia (II Reis 15:29). O destino deles foi a Assíria. b. Durante o reinado de Oséias, rei de Israel, Salmaneser, rei da Assíria, invadiu Israel por duas vezes (II Reis 17:3,5), provavelmente levando os israelitas que tinham sobrevivido na outra invasão. c. Seu sucessor, Sargão II, em 721 A.C., conquistou a capital, Samaria, e levou mais de vinte e sete mil pessoas. Isso está registrado nos anais de Corsabade. d. O que não fora levado cativo pelos reis anteriores, outros monarcas assírios, —especialmente Esar-Hadom, em cerca de 681-668 A.C., levou embora.

Atualmente, há estudiosos que acreditam que os descendentes desses exilados israelitas, em várias levas, encontram-se, muito misturados com outros povos, na região em torno do lago Vã, na porção extremo oriental da moderna Turquia, onde esse país tem fronteiras comuns com o sul da União Soviética, com o Irã ocidental e com o norte do Iraque. Se isso corresponde à realidade dos fatos, é algo que não sabemos dizer. (ALB AM BAD BAR E)

## CATIVEIRO BABILÔNICO

Esse título refere-se ao período da história dos judeus que começou no ano de 597 A.C., quando foi deportado o primeiro grande grupo de judeus, juntamente com seu rei, Jeoiaquim, para Babilônia, por determinação de Nabucodonosor. Esse período terminou em 538 A.C., quando Ciro, vencedor persa da Babilônia, baixou um decreto concedendo aos judeus o direito de retornarem a Jerusalém a reconstruírem o templo (ver o artigo). No período entre essas duas datas, tiveram lugar diversas outras deportações, entre as quais aquela após a destruição do templo, em 587 A.C. As fontes informativas diferem no tocante ao número de judeus que foram exilados, conforme se vê mediante a comparação dos trechos de II Reis 24:14,16 e Jeremias 52:28-30. O certo, porém, é que pelo menos vinte mil judeus foram deportados. Os judeus, chegados a Babilônia, desfrutaram de condições relativamente favoráveis. O solo ali era mais fértil que o da Judéia, e os agricultores judeus facilmente podiam cultivá-lo. Alguns deles conseguiram enriquecer. Muitos tornaram-se tão bem-sucedidos na Babilônia que recusaram-se a retornar à Paletina, quando Ciro lhes permitiu o retorno. Contudo, ajudaram financeiramente àqueles que desejaram voltar do exílio. Cerca de quarenta e dois mil judeus retornaram à Judéia, em 538 A.C. E aqueles que permaneceram na Babilônia, formaram o núcleo de uma comunidade que, séculos mais tarde, tornou-se um importante centro da erudição e das tradições judaicas. (Ver também o artigo sobre o *cativeiro assírio*).

Tanto o cativeiro assírio quanto o babilônico haviam sido preditos pelos profetas do Antigo Testamento. Por detrás desses cativeiros havia razões morais e espirituais, e não apenas econômicas, militares e políticas, que se originam dos conflitos entre os povos. É verdade que todos esses fatores existiam; mas ao povo de Deus só sucede aquilo que Ele permite ou ordena. E assim, todas as grandes modificações, relativas a indivíduos ou nações, dependem, em última análise, da vontade de Deus. O juízo divino sobrevém aos desobedientes e interrompe, se não mesmo destrói, tudo quanto estiver sendo feito de positivo. Todavia, o juízo divino sempre é remedial, e não apenas punitivo. A apostasia pode ser revertida pelo julgamento divino; e, com freqüência, Deus pode fazer coisas boas através do juízo divino, que não podem ser realizadas de outra maneira qualquer. (Ver o artigo sobre o *julgamento divino*).

Quanto à interpretação das predições proféticas de que o cativeiro babilônico foi um juízo divino, ver os trechos de Isaías 54:9,10 e Jeremias 31:3-6. Resultados do cativeiro babilônico: Esse evento demonstrou a soberania de Deus e também o Seu interesse pelo Seu povo. A universalidade de Deus foi demonstrada,

porquanto ficou provado que Ele trata com todas as nações, e não apenas com Israel. Além disso, os judeus exilados levaram o judaísmo a lugares que, doutra sorte, só teriam sido atingidos dentro de muitos séculos. E isso deu um grande avanço à mensagem espiritual. (ALB AM BAD BAR E)

## CATIVEIRO BABILÔNICO DO PAPADO

Ver sobre **Avignon**.

## CATIVEIRO LEVADO CATIVO

**Levou cativo o cativeiro**, Efé. 4:8. Posto que não há explicação sobre o que isso poderia significar, várias explicações têm sido oferecidas. Abaixo alistamos as três explanações principais e mais prováveis:

1. A alusão é à derrota dos inimigos de Deus, sobretudo os poderes angelicais malignos. Naturalmente que essa é a maneira mais simples de entendermos essas palavras, segundo seu uso normal. (Ver I Esdras 5:45 e Judite 2:9; ver também Juí. 5:12, onde se lê: «...levanta-te Baraque, e leva presos os que te prenderam, tu, filho de Abinoão...», que talvez seja origem da expressão de Sal. 68:18. O *cativeiro* nesse sentido, não tem a idéia de algo que «cativara» alguma coisa de antemão, e que agora fora por sua vez «cativado». Isso tem sido insuflado no texto, mas o original hebraico meramente alude a cativar algo, que ficou cativo. No que diz respeito à identificação dos cativos, isso também tem sido disputado. Podemos supor que o pecado, a morte e os poderes malignos de toda a sorte estão em foco, incluindo os seres inteligentes. Se essa é a correta interpretação, então Efé. 4:8 é paralelo ao trecho de Col. 2:15: «...despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz». No dizer de Faucett (em Efé. 4:8): «No Salmo há alusão aos inimigos cativos de Davi. Como antítipo, os inimigos de Cristo, o Filho de Davi, que são Satanás, a morte, a maldição e o pecado (ver Col. 2:15 e II Ped. 2:4), levados em procissão triunfal para sua condenação final (ver Apo. 10:10,14)». Assim pensa a maioria dos eruditos.

2. Outros supõem que Efé. 4:8 ensina a remoção *dos santos* que estavam no mundo intermediário (o hades), os quais seriam transportados para os lugares celestiais. Esses cativos, portanto, seriam aqueles que anteriormente tinham estado em *cativeiro*, na porção boa do hades, mas que foram libertados dali quando da ascensão de Cristo aos céus. É verdade que várias das fontes informativas sobre a «descida de Cristo ao hades» mostram-no a levar os remidos (ou todos os homens—tanto os remidos como aqueles que estavam sendo remidos) para fora daquela «prisão» que o hades representava. É possível, por conseguinte, segundo essa tradição, compreender desse modo essas palavras. Esse uso seria contrário ao uso comum que a expressão recebe nas páginas do A.T., mas, no tocante a alguns aspectos, inclina-se para o pensamento cristão, no que diz respeito aos efeitos da ascensão de Cristo aos lugares celestiais.

3. Outros percebem um sabor *Redentor* nessa expressão, pois o «cativeiro» seria remidor e não destruidor. Por isso comentou Braune (Efé. 4:8), «...os homens...ele recebeu e levou consigo para o mesmo santuário...Pois Deus conquista, vence, leva consigo, toma para si, torna seu mesmo e não deseja reter para si mesmo, mas transforma-o, dota-o e faz dele um presente: seus cativos tornam-se seus servos, os servos de Israel. Ele faz dos inimigos e antagonistas de sua teocracia servos da mesma. Assim também, em um sentido mais elevado, Cristo fez de Saulo, o inimigo e destruidor da igreja, um apóstolo. O ato de Deus tomar e receber para si, aponta para uma doação subseqüente, a doação de Cristo a um recebimento prévio...Pela palavra *homens* devemos compreender principalmente os homens conquistados por ele, seus homens, a quem ele outorgou dons da graça, a fim de que eles mesmos sejam e possam tornar-se dons para os homens, em círculos maiores (ver Efé. 4:11 e Atos 2:33)».

4. *A restauração geral.* A realização de Cristo, em sua descida e ascensão, propiciou a restauração geral de todas as coisas. Ver Efé. 4:7 *ss* e o artigo sobre *Restauração*.

*Concedeu dons aos homens.* Neste ponto vemos que Cristo «dá» dons e no Salmo 68, citado nessa passagem, lemos que Cristo os «recebe». Porém, de conformidade com a interpretação rabínica, isso significa que «ele recebeu a fim de dar». Essa é a interpretação tradicional, seguida neste artigo. O original sem dúvida alguma se referia a(despojos) de guerra, ou seja, ele «tomou dons (despojos) da parte dos homens». Mas Paulo empresta a isso um alto sentido espiritual. A ascensão de Cristo envolveu a doação de dons, o que equivale às «bençãos espirituais» referidas nessa epístola (ver Efé. 1:3).

Não estão aqui em vista, especificamente, os «dons do Espírito» (ver o décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios), nem está em foco o próprio «dom do Espírito»; antes, devemos pensar aqui nos dons maiores da bênção espiritual e da salvação, dos quais fluem os dons do Espírito, que são usados na igreja.

Cristo é descrito como alguém que triunfa nessa batalha contra o mal; e, uma vez vencedor, torna-se muito enriquecido; e então, uma vez enriquecido, distribui sua riqueza a todos, até mesmo a aqueles que anteriormente eram seus inimigos, os quais agora tornaram-se seus amigos e irmãos. Trata-se de uma elevadíssima mensagem de esperança, semelhante àquela de Rom. 11:32.

## CATOLICISMO

Ver os artigos sobre *Católico*, *Igreja Católica* e *Igreja Católica Romana*.

## CATOLICISMO LIBERAL

Ver **Liberalismo Católico**.

## CATÔLICO

Transliteração do termo grego **kathólicos**, que significa «universal» ou «geral». Consideremos os pontos abaixo:

1. Dentro do ambiente cristão, encontramos o termo usado pela primeira vez por *Inácio* (ad Smyrn, viii.2). Disse ele: «Onde estiver Jesus Cristo, ali está a Igreja Católica». Nesse caso, o contraste é entre a Igreja universal em comparação com as igrejas locais. Justino Mártir refere-se à ressurreição católica, isto é, de todos, em *Dial.* lxxxi. No Credo Apostólico de cerca de 450 D.C., encontramos menção à «santa igreja católica». No anterior Credo Niceno, de cerca de 325 D.C., temos «uma santa igreja católica e apostólica». Orígenes referiu-se às *epístolas católicas*, isto é, àquelas que foram enviadas a audiências gerais, e não a algum indivíduo ou igreja isolado. Nessas referências é retido o sentido original de universal ou geral, sem qualquer intenção de distinguir um segmento da Igreja de outro.

2. Pelos fins do século II D.C., quando a heresia tornara-se uma ameaça, a palavra «católico» tornara-se um virtual sinônimo de «ortodoxo», indicando aquela igreja que mantinha a doutrina verdadeira, em

contraste com os novos agrupamentos cristãos que estavam formando-se. O cânon Muratoriano de cerca de 170 D.C. refere-se a certos escritos que não podiam ser recebidos pela igreja católica, da mesma maneira que ninguém pode misturar mel e fel. A universalidade é uma das provas de ortodoxia, de acordo com a opinião de muitos, visto que aquilo em que todos acreditam, por toda a parte, deve ser verdade. Isso representa a teoria da verdade chamada *consensus gentium*. Ver o artigo sobre as *Teorias da Verdade*. De acordo com essa teoria, um dos testes comprovadores da ortodoxia seria a opinião geral; e essa noção é designada pelo termo *católico*.

3. Durante a Reforma Protestante, a palavra *católica* veio a designar aquelas igrejas que aderiram ao papado. A designação *Católica Romana* emergiu em conexão à controvérsia entre Roma e a Igreja Anglicana. A palavra «romana», pois, foi adicionada àquele ramo da Igreja que tinha identificação histórica e continuidade com a Igreja Católica antiga, e cujo bispo mais importante era o de Roma. No decurso da história, quando esse bispo recebeu aquela autoridade que é própria dos papas, surgiu plenamente a Igreja Católica Romana. Desde então, a palavra «católica» tornou-se uma espécie de emblema de aprovação, indicando que as igrejas assim intituladas submetiam-se ao governo da hierarquia romana, sem o qual, supostamente, uma igreja não podia ser chamada de verdadeira igreja.

4. *Usos Modernos*. a. A Igreja Católica Romana, segundo se vê no terceiro ponto, acima. b. Um membro individual daquela igreja. c. Indicação de um ponto de vista amplo, em contraste com um ponto de vista restrito, sobre qualquer assunto. d. Antiga Igreja Católica é um título usado pelos historiadores para referir-se àquela fase do desenvolvimento da cristandade que se seguiu à Igreja Apostólica, mas que antecedeu a Igreja Católica Romana. e. As *Epístolas Católicas* (que vide). f. Quanto à Igreja Católica, ver o artigo separado com esse nome. (AM B E)

## CATÔLICO

Um título dos patriarcas nestoriano e armênio. Originou-se na Pérsia, durante o reinado de Yazdeger I (399-420 D.C.), o qual aprovou a organização de uma Igreja Cristã Persa autônoma, e que elevou o metropolitano da capital, a Selêucia-Cetesifon, à posição de primaz, com o título de *católico*. (C)

## CATÔLICOS ANTIGOS

Esse foi o nome dado a um grupo de católicos que professaram lealdade a antigos princípios católicos, repudiando as posições e práticas católicas romanas posteriores como a doutrina tridentina (que vide) além de outras. Por causa de várias disputas, o capítulo de Utrecht elegia arcebispos de forma independente de Roma, desde o ano de 1723. Após 1870, os católicos alemães e suíços, que rejeitaram o concílio do Vaticano (que vide) organizaram as Antigas Igrejas Católicas, obtendo sucessão apostólica da Holanda. A Declaração de Utrecht, de 1889, é a base doutrinária comum. Os grupos dos católicos antigos encontram-se principalmente na Holanda, na Suíça, na Alemanha, na Áustria, na Checoslováquia, na Iugoslávia e na Polônia. A Igreja Católica Nacional Polonesa, nos Estados Unidos da América, também está filiada a esse grupo de antigos católicos. Outros grupos, não associados, mas que usam essa denominação, foram repudiados em Utrecht. No movimento há ramos conservadores e liberais. O clero tem permissão para contrair matrimônio e é usada uma liturgia em línguas vernáculas, desde o ano de 1909. Eles participam dos movimentos ecumênicos e mantêm intercomunhão com os anglicanos, com base no reconhecimento mútuo. Ver sobre *Jansenismo*.

## CATUA

Essa palavra aparece somente no livro de I Esdras 5:30, na LXX. Seria o nome de uma pessoa que não é mencionada na lista paralela de Esd. 2:47 e de Nee. 7:49 da Bíblia hebraica.

## CAUDA

Há uma palavra hebraica e uma palavra grega envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Zanab*, «cauda», «ré». Esse vocábulo hebraico ocorre por onze vezes: Êxo. 4:4; Deu. 28:13,44; Juí. 15:4; Jó. 40:17; Isa. 7:4,9,14,15. Essa palavra aparece tanto em sentido literal quanto em sentido figurado.

2. *Ourá*, «cauda». Termo grego que é usado por cinco vezes: Apo. 9:10,19 e 12:4. Devido à natureza das visões simbólicas do Apocalipse, onde essa palavra grega aparece com exclusividade, sempre há algum sentido simbólico nas menções a «caudas», no Novo Testamento.

A primeira menção a essa palavra, no Antigo Testamento, refere-se à cauda da serpente em que se transformou o cajado de Moisés, quando ele o atirou ao solo, por ordem do Senhor. Moisés foi instruído a não temer: «estende a mão, e pega-lhe pela cauda...» (Êxo. 4:4). Mas, se essa primeira menção refere-se a uma cauda literal, a segunda já tem sentido altamente representativo. Em Deuteronômio 28:13, lemos as palavras: «O Senhor te porá por cabeça, e não por cauda; e só estarás em cima, e não debaixo, se obedeceres aos mandamentos do Senhor teu Deus, que hoje te ordeno...» Com as tribos divididas, seis no monte Ebal e seis no monte Gerizim, Moisés desfilou diante delas as maldições e as bênçãos de Deus, decorrentes da desobediência ou da obediência do povo de Israel ao Senhor. Essa foi uma predição feita com auxílio de encenação, e tem-se cumprido fielmente na história do povo terreno de Deus. Nos dias do Antigo Testamento, sempre que os israelitas mostraram-se obedientes, o Senhor os abençoou. Houve uma série de apostasias, intercaladas com períodos de breve arrependimento, tanto antes quanto depois do estabelecimento da monarquia. Os períodos de arrependimento foram assinalados pelo levantamento de juízes, que foram, acima de tudo, «líderes militares» carismáticos, que libertaram Israel de seus opressores. E, quando o reino dividiu-se em dois, houve uma sucessão ininterrupta de monarcas ímpios no reino do norte, Israel, o qual acabou sendo castigado com um exílio sem retorno, na época do predomínio assírio por toda a região do Oriente Médio (722 A.C.). Para o reino de Israel, isso representou a redução ao estado de «cauda». No reino do sul, Judá, houve reis piedosos e ímpios. Mas Deus perdeu a paciência por causa de Manassés, o pior dos reis de Judá, no que concerne ao seu relacionamento com o Senhor. Lemos em II Reis 21:11,12 que o Senhor deu o seguinte recado, através de seus profetas: «Visto que Manassés, rei de Judá, cometeu estas abominações, fazendo pior do que quanto fizeram os amorreus antes dele, e também a Judá fez pecar com os ídolos dele, assim diz o Senhor Deus de Israel: Eis que hei de trazer tais males sobre Jerusalém e Judá, que todo o que os ouvir, lhe tinirão

ambos os ouvidos». Essa predição cumpriu-se pouco mais de cinqüenta anos depois do reinado de Manassés, quando Nabucodonosor levou os habitantes de Judá e Jerusalém para o exílio (586 A.C.). Setenta anos mais tarde, os judeus começaram a voltar à sua própria terra; mas nunca mais tiveram o seu próprio governante supremo, que se assentasse no trono de Davi.

Houve oportunidade dos judeus redimirem-se de sua humilhante situação, nos dias do Senhor Jesus. No entanto, em sua cegueira espiritual, o povo de Deus repeliu o seu próprio Messias e Rei, o Senhor Jesus, exigindo a sua crucificação, quando o próprio governador romano o havia considerado inocente de todas as acusações assacadas contra ele, pelos invejosos líderes religiosos da nação judaica. Em uma de suas parábolas, Jesus mostrou o resultado disso: «Portanto vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produzia os respectivos frutos» (Mat. 21:43). Materialmente, essa predição cumpriu-se no ano 70 D.C., quando começou o grande exílio judeu que só terminou em 1948, por ocasião da formação do moderno Estado de Israel. Além da perda de sua nacionalidade (embora não de sua cultura e nem de sua identidade), os judeus têm sido atrozmente perseguidos nestes quase dois milênios, objetos de motejo dos povos e de abusos da parte dos poderosos e dos religiosos fanáticos. Eles têm sido a cauda das nações, cumprindo as predições de Deuteronômio 28:13,44. Todavia, como o Senhor Deus jamais se mostrará infiel às promessas feitas a seu amigo, Abraão, reiteradas através dos séculos, em gerações sucessivas, por meio das Escrituras Sagradas, no tempo determinado o reino de Deus será devolvido aos judeus, no sentido material e no sentido espiritual. Isso ocorrerá por ocasião da futura restauração de Israel, que terá plena concretização durante o milênio. Ver os artigos sobre a *Restauração de Israel* e sobre o *Milênio*. E Israel voltará, então, a ser a cabeça das nações, e nunca mais a cauda.

De todas as caudas, a mais horrenda certamente é a do dragão, referido em Apocalipse 12:1-18. Lemos em 12:4 desse livro: «A sua cauda arrasta a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra...» Dentro da visão de João, esse momento representa duas fases da história de Satanás: *a.* na eternidade passada, quando de sua rebeldia contra o Senhor Deus, em que o diabo foi acompanhado por um terço das criaturas angelicais, e *b.* quando da futura Grande Tribulação, quando Satanás invadir este mundo com seu exército demoníaco, do que dá testemunho um outro trecho do Apocalipse: «Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta» (12:12).

A cauda do dragão retrata o ludíbrio vergonhoso em que caíram aqueles anjos que se deixaram envolver pelo diabo, na eternidade passada. Também podemos antever nessa cauda o triste fim desses mesmos anjos, quando forem julgados. A queda de Satanás e de seus anjos é gradual, conforme o sabe todo estudioso das Sagradas Escrituras. Na história deles há momentos de vitória fugaz, como quando da morte do Senhor Jesus (Luc. 22:53, «Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas»), ou como quando da futura Grande Tribulação (que vede). Todavia, fatalmente chegará o tempo em que o diabo e seus anjos serão, realmente, a «cauda» de toda a criação, isto é, quando forem julgados e encerrados em sua perpétua prisão (ver Mat. 25:41). E Judas, versículo seis arremata: «E a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande dia». Sem dúvida, não foi um bom negócio para os anjos maus, quando resolveram seguir a liderança de Lúcifer. A perda deles é eterna e irreparável. Não há qualquer provisão de salvação para os anjos que pecaram. Mas, pela graça divina, qualquer homem que está reduzido ao estado de *cauda*, espiritualmente falando, mediante a redenção que há no sangue de Cristo, e através do arrependimento e da fé, pode ser guindado à posição de cabeça, juntamente com o Filho do Deus bendito.

## CAUDA GORDA

No hebraico, **alyah**. Essa palavra figura por cinco vezes: Êxo. 29:22; Lev. 3:9; 7:3; 8:25; 9:19. Somente na referência de Êxodo que nossa versão portuguesa traduz por «cauda gorda»; nas outras referências, apenas por «cauda». Isso faz alusão ao tipo de gado ovino cultivado na Palestina, cuja cauda é bem mais volumosa que a de outras espécies. Essa ovelha é também chamada de ovelha síria, cuja cauda chega a pesar quase dez quilos, sendo considerada uma das porções mais deliciosas ao paladar, depois de preparada. Os sacerdotes não podiam comer da carne da cauda dessa ovelha, quando a ofereciam em holocausto. Antes, ela era alçada diante do Senhor e inteiramente consumida como aroma suave a Yahweh.

## CAUSA

Deriva-se do latim **causa** (que vide), um termo que dá a entender aquilo que ocasiona, determina, produz ou condiciona um efeito qualquer. Há várias definições específicas, dependendo do filósofo ou teólogo, a saber:

1. Aristóteles desenvolveu uma completa doutrina de causa. Ele falava em *quatro* causas: material, formal, eficiente e final. Sua discussão ocasionou um abundante tratamento posterior sobre o assunto. Essas causas podem ser ilustradas como segue: A causa *material* é o potencial de qualquer entidade. Indica a matéria de que essa entidade é feita, bem como sua natureza inerente, sem importar como a mesma tenha de ser explicada. Digamos, a *argila*. Tal entidade tem uma natureza inerente, sendo capaz de transformar-se em outras coisas. A causa *formal* é o desígnio e o potencial para a modificação que alguém tem para fazer alguma coisa da argila. É a composição característica de qualquer coisa, bem como seu potencial para o desenvolvimento. A causa *eficiente* é a capacidade que produz aquela transformação, como o fabricante de tijolos, que faz a argila tomar a forma de tijolos. Além disso, há a causa *final*, ou seja a coisa em que a matéria inicial é transformada, cumprindo assim o desígnio do planejador. Seria a parede feita pelo pedreiro, o resultado final da argila. Ver sobre *Aristóteles*.

2. Guilherme de Ockham achava que a causa eficiente é a mais útil categoria das quatro causas de Aristóteles, tendo-a desenvolvido na definição do bom senso de causa.

3. Hobbes identificava a causação com a transmissão de movimento, assim salientando a causa eficiente.

4. Para Geulincx, Deus é a causa única do universo, ao ponto de ser praticamente Ele, a única realidade.

5. Locke vê a causa tornar-se um conceito com base no controle que alguém exerce sobre seu próprio

corpo, o movimento dos seus membros, de acordo com a sua volição interna.

6. Leibniz enfatizava a causa formal em sua doutrina de razão suficiente. Precisamos ter razão suficiente para tudo, pois coisa alguma pode ter lugar exceto através desse princípio. Ver sobre Leibniz, quarto ponto.

7. Hume, em seu ceticismo, pensava que fosse impossível demonstrar o princípio de causa. Podemos apenas observar dois eventos e supor, mediante um salto de fé, que um dos eventos causou o outro. Ver sobre *Hume*, pontos 2 e 3.

8. Emanuel Kant pensava que a *causalidade* é um dos princípios mentais *a priori*, que os homens impõem sobre o mundo que os cercam. Ver *Kant*, item 3.

9. Fichte (que vide, ponto 3) supunha que a causa é um elemento postulado do mundo.

10. Trendelenburg (que vide) enfatizava as causas final e eficiente de Aristóteles, como elementos necessários à ciência.

11. John Stuart Mill (que vide, item 6), referia-se à causa como um antecedente invariável e incondicional.

12. Whitehead tinha um amplo ponto de vista de causa, percebendo que, em inúmeras causações temos uma explicação de todas as coisas que ocorrem e existem no universo. Qualquer ocorrência presente tem certa relação para com o todo, desde o começo.

13. Ducasse frisava o arranjo da mente e do corpo como uma relação de causa e relação. Ver o Problema *Corpo-Mente* e o *Interacionismo*. O que é material afeta o que é imaterial, e vice-versa.

14. Modernas investigações científicas dependem do reconhecimento necessário do princípio de causa, o qual, por sua vez, repousa sobre a crença na constância ou *invariabilidade* da natureza. A mesma causa produzirá continuamente o mesmo efeito ou os mesmos efeitos. Em caso contrário, a ciência seria simplesmente impossível. Muitos cientistas, em face disso, caem no absurdo de não reconhecer que deve haver uma Inteligência que supervisiona esse arranjo, pois como o caos poderia produzir o tipo de relações de causa e efeito de que todas as coisas dependem, ao menos para existir? Uma vez que aceitamos o princípio de inteligência nesse arranjo universal e todo abrangedor, já estaremos falando sobre a natureza divina.

15. O misticismo oriental fala de causa e efeito, em nosso mundo material, apenas como aparências, como partes da grande ilusão que está envolvida na materialidade. Podemos, entretanto, admitir a Realidade Suprema sem dizer que a realidade inferior e dependente seja apenas uma ilusão.

16. *Causa e as Considerações Teológicas*. O princípio de causa é o âmago do *argumento cosmológico* (que vide) em prol da existência de Deus. A causa final requer o princípio da teleologia (que vide), e isso é importante para o *argumento teleológico* (que vide), em favor da existência de Deus. A *Causa primária* é Deus, e coisa alguma pode acontecer sem a sua autorização ou permissão. Porém, também existem *causas secundárias*, que são permitidas, mas não diretamente causadas por Deus. O homem tem a capacidade de agir como causa secundária, fazendo coisas contrárias à vontade de Deus. Se assim não fosse, Deus seria a causa de tudo, incluindo do mal, e também não poderia haver sistema ético segundo o qual o homem fosse um ser responsável. O calvinismo extremado (que vide) faz de Deus a única causa, e, portanto, o autor do mal. O calvinismo moderado evita essa armadilha, falando sobre a vontade permissiva de Deus; mas também fica aquém da verdade, por não reconhecer que o homem é um ser criativo, dotado de poderes sobrenaturais, mediante sua natureza inerente e mediante os poderes divinos, dados através da graça geral, que o torna realmente passível de ser redimido, o que não foi planejado apenas para alguns poucos. Muitos sistemas cristãos também negligenciam o princípio de causa, conforme o mesmo é expresso pelo mistério da vontade de Deus (em Efésios 1:10), que promete que a *vontade ativa* de Deus deve fazer uma diferença em *todas* as coisas, para *o bem, finalmente*. Nisso, Deus torna-se a *única* causa, embora de maneira benigna e gloriosa, e não daquela maneira negativa em que ele aparece como a única causa, segundo o sistema do calvinismo extremado.

17. Deus e o Filho, o Logos, são as quatro causas: material, formal, eficiente e final. Ver ponto 1. Artigos separados são oferecidos sobre cada um destes assuntos. Ver também os artigos sobre *Primeira causa;* o *Argumento cosmológico;* o *Argumento teleológico*. (EP F MM NTI P)

## CAUSA (em frases latinas)

Deriva-se da palavra latina que significa **causa** (que vide). Aparece sob várias combinações em frases latinas, cada uma delas dotada de um sentido filosófico especial, a saber:

1. *Causa cognoscendi*, a causa de nosso conhecimento sobre algum evento. 2. *Causa essendi*, a causa do próprio evento. 3. *Causa immanens*, uma modificação produzida em alguma entidade, devido à sua própria atividade. 4. *Causa transiens*, uma modificação produzida em uma entidade por meio de outra. 5. *Causa sui* (que vide), ou autocausa, referindo-se a Deus, que não tem causa exterior. O termo *causa immanens* tem o mesmo sentido. 6. *Vera causa* significa «causa verdadeira». Newton usou a expressão *verae causae*, indicando as causas que existem na natureza, e que são explicações verdadeiras e suficientes das coisas. (P)

## CAUSA EFICIENTE

A causa eficiente é o agente ou poder que produz alguma coisa. O construtor é a causa de um edifício; o inventor é a causa de uma máquina. Ver o conceito de acordo com Aristóteles, no artigo sobre *Causa*, primeiro ponto. Na teologia, a causa eficiente é Deus; Deus criou os céus e a terra, como o poder que realizou o trabalho (Gên. 1:1). O trecho de Colossenses 1:16 apresenta Cristo, o Logos, como a causa eficiente da criação.

## CAUSA FINAL

Ver o artigo sobre **Causa**, sob o primeiro ponto, onde discutimos sobre as quatro causas de Aristóteles: causa material, causa formal, causa eficiente e causa final.

No sentido teológico, a causa final é Deus, na direção de quem se move a criação inteira. Em Romanos 11:30 encontramos Deus como a causa material (a criação é obra *proveniente* dele); mas ele também é a causa eficiente (a criação é realização feita *por meio* dele) e ele também é a causa final (a criação foi feita *para* ele). A mesma coisa é dita, em Colossenses 1:16, a respeito do Filho, o Logos de Deus. Ali, as proposições usadas (na nossa versão portuguesa) são: *nele, por meio dele* e *para ele*. Ver a

exposição no NTI, em Col. 1:16, quanto a descrições mais completas sobre essa doutrina.

## CAUSA FORMAL

A causa formal é **o plano** mediante o qual alguma coisa foi criada, conforme se vê na doutrina platônica das *idéias* ou *universais* (que vide) onde o mundo material aparece criado de acordo com os requisitos e padrões das idéias, e em imitação às mesmas. Quanto ao tratamento que Aristóteles faz a esse respeito, ver o artigo sobre *Causa*, primeiro ponto. De acordo com a teologia, Deus é a causa formal por causa do fato de que o plano utilizado na criação de todas as coisas existe na mente de Deus. Outro tanto é dito acerca do Filho, o Logos, em Colossenses 1:16, sob a proposição *por meio*. Todas as coisas foram criadas por meio do Filho, isto é, tendo o Filho como padrão.

## CAUSA MATERIAL

A causa material é o material ou materiais empregados na feitura ou criação de qualquer coisa. Deus é a causa material do universo, porque nele todas as coisas foram criadas. Quanto a amplas explicações sobre esse conceito, ver sobre *Causa*, primeiro ponto, e a breve declaração no artigo *Causa Final*.

## CAUSA PRIMEIRA

Ver os artigos sobre *Primeira Causa, Argumento Cosmológico* e *Causa Secundária*.

## CAUSA SECUNDÁRIA

Deus é a causa **primária**. Elementos da natureza, e os homens e outros seres inteligentes podem ser *causas secundárias*, pela direção de Deus, ou por sua permissão. Nem tudo que acontece deriva-se de Deus, e isto explica a presença do pecado no mundo, bem como o *caos* que se manifesta na criação. Existe também o *caos* que provoca acontecimentos, que castiga e ensina lições duras, mas este elemento não determina finalidades, embora seja um elemento bastante pertubante no nosso mundo. A vitória é de Deus e do bem, afinal. Pelo poder de Deus, e pela fé, podemos controlar e utilizar até o caos para o nosso bem.

## CAUSA SUI

Ver sobre **Causa**. Essa expressão é latina, significando *causa de si mesmo*, ou seja, uma autocausa. A expressão é normalmente aplicada a Deus como autocausado, por parte daqueles que relutam em dizer que Deus não tem causa. Alguns pensadores tomam o mesmo ponto de vista da alma ou da matéria como *eternas* e sem causas externas.

## CAVALARIA

Palavra derivada de **cavalo**, que tem seus correspondentes no hebraico (*sus*), e no grego (*úpppos*). O uso de cavalos, em grande número, nas batalhas, pode ser traçado até cerca de 1200 A.C. As vantagens do uso do cavalo, dessa maneira, eram as seguintes: 1. Velocidade. 2. Um cavaleiro podia ferir a um soldado a pé, tornando-se invulnerável, exceto em caso de ataque com flechas. 3. Um terror para os soldados que combatiam a pé, que dificilmente seriam capazes de enfrentar uma carga de cavalaria. 4. Para acompanharem carros também puxados por cavalos, aumentando o ímpeto da carga. Sabemos, através de trechos como II Sam. 8:3,4; 15:1; I Reis 4:26; 10:26, que tanto Davi quanto Salomão lançaram mão dessa estratégia. As mulas também eram usadas com esse propósito (2 Sam. 13:29). O cavaleiro, lutando como um arqueiro, guiava o cavalo mudando o peso de seu corpo, ou mediante a pressão das pernas. Um lanceiro podia operar a lança com uma das mãos, e os arreios com a outra. Sela, esporas e estribos foram inovações posteriores. Ver o artigo sobre *Exército, Guerra*.

## CAVALEIROS DE COLOMBO

Essa é uma sociedade fraternal e beneficente de leigos católicos romanos, fundada em New Haven, estado de Connecticut, nos EUA, em 1882. O grupo original consistia em dois padres, M.J. McGinney e P.P. Lawlor, além de oito leigos católicos romanos. O propósito da sociedade era de promover a participação prática de católicos romanos em instituições de educação e caridade. A organização espalhou-se por todos os Estados Unidos e por vários países estrangeiros. Pouco antes da Primeira Grande Guerra, seus membros já haviam atingido a casa de um milhão; mas, depois disso, esse número declinou. A sociedade tem concedido doações a universidades católicas romanas, a fim de promover os seus ideais.

## CAVALHEIRISMO

Vem da palavra francesa **chevalier**, «cavaleiro». O cavaleiro ideal era um homem honrado, protetor dos fracos, poderoso, mas generoso até mesmo com os inimigos. Foram as cruzadas que deram impulso à cavalaria, na qual um homem podia mesclar seu desejo de lutar e matar com o ideal religioso de recuperar a Terra Santa, então em poder dos pagãos islâmicos. Então um homem podia lutar pelo *Rei Supremo*, e não apenas por algum monarca terreno. A cavalaria exerceu certa influência sobre a ética da Idade Média. A literatura romântica, relativa ao período, forneceu-nos a palavra cavalaria, que se tornou sinônimo de uma cortesia desinteressada, de bravura, de magnanimidade, ou de *cavalheirismo galante*. Os historiadores creditam os cavaleiros por haverem infundido nas classes mais humildes da sociedade um senso maior do que é ser honroso e ético. (H WA)

## CAVALO

No hebraico, **sus**. Palavra que ocorre por cento e trinta e três vezes, desde Gên. 47:17 até Zac. 14:20. No grego, *ippos*, um vocábulo que ocorre por dezessete vezes: Tia. 3:3; Apo. 6:2,4,5,8; 9:7,9,17,19; 14:20; 18:13; 19:11,14; 19:18,19,21. Ver os artigos separados sobre *Cavalaria*; *Cavalos, Os Quatro do Apocalipse*.

*Esboço*:

I. Origens
II. Domesticação
III. Referências Bíblicas
IV. Referências Figuradas

Há evidências que mostram que o *cavalo* foi o último e mais forte dos animais de transporte a ser domesticado e desenvolvido na nossa civilização. Por motivo de sua grande utilidade, espalhou-se por todas as regiões do nosso planeta, segundo a civilização foi avançando. As evidências que nos chegam das eras mais remotas, muitas delas pré-adâmicas, e que terminaram em grandes cataclismos, mostram que o cavalo já era um animal importante naquelas civilizações perdidas no passado. Mesmo então esse animal existia sob várias espécies. Alguns povos antigos comiam carne de cavalo, como parte de sua dieta ordinária. Porém, os hebreus não consumiam

carne de cavalo, porquanto não se ajustava às leis levíticas, que afirmavam que só podia ser comida a carne de animais que ruminassem e tivessem os cascos fendidos. Não há qualquer razão higiênica para a proibição da ingestão da carne do cavalo. É possível que o fato de que o cavalo sempre esteve tão ligado ao homem, tenha-o isentado de ser animal de consumo, o que também se aplicaria ao cão, embora, neste último caso, haja outros problemas que devem ser considerados.

**I. Origens**

Quando falamos a respeito de origens, em qualquer contexto, temos de relembrar que estamos falando somente da civilização mais recente, à qual podemos denominar «adâmica». Há fortes evidências em prol de civilizações pré-adâmicas, várias delas, que terminaram em grandes cataclismos com mudanças dos pólos magnéticos da terra. Essas mudanças de pólos rearranjam os continentes, produzindo destruições de grande magnitude, que requerem um novo começo. O período adâmico parece ter sido o anterior à última dessas fases; e o período de Noé, a última delas. Muitos cientistas e místicos afirmam que não estamos distantes de um outro desses tremendos cataclismos. Dentro da teologia, isso significa que o milênio só começará uma vez que nosso ciclo venha a ser demolido. Não olvidando essas coisas, no que concerne ao cavalo, devemos dizer que suas origens dizem respeito muito mais aonde ele apareceu a princípio, em sua recuperação, bem como dentro do escopo de nossa história, desde a época de Adão. Nesse caso, tem sido demonstrado que houve espécies de cavalos que podem ser atribuídas a diferentes áreas geográficas, como: 1. No leste e no sul da África, as zebras. 2. No norte e no nordeste da África, o asno (que vide). 3. No leste da Palestina até o deserto de Gobi, o asno selvagem. 4. Nas estepes da Eurásia, ao norte das grandes cadeias montanhosas. 5. Uma pequena espécie de cavalo, com cerca de 1,20 m nas espáduas, na Mongólia. 6. Na Ucrânia, havia ainda uma outra espécie, ancestral de várias estirpes, um pequeno cavalo cinzento. O último exemplar dessa espécie morreu em 1851. É interessante notar que, na América do Norte, onde o cavalo foi introduzido pelos europeus em época relativamente recente, a arqueologia tem descoberto várias espécies, ali existentes em tempos remotos. Não somente isso, mas também ali houve vários outros animais, como o leão, o camelo, além de muitas espécies agora extintas, que datam de tempos pré-adâmicos. Portanto, quando falamos em origens, estamos falando sobre como as coisas tornaram a arranjar-se recentemente. O resto está perdido nos arquivos da eternidade passada.

**II. Domesticação**

As evidências mostram que outros animais úteis, como a ovelha, a cabra, o touro e o asno foram os primeiros a serem domesticados pelo homem. Os fazendeiros utilizavam-se de todos eles. Com exceção do asno, todos eles também serviram para alimentar o homem. Na literatura suméria há referências ao cavalo desde o ano 2000 A.C. Porém, parece que eles não domesticavam o cavalo. Talvez tenham sido os nômades indo-europeus, a leste do mar Negro, que tiveram essa distinção. Já desde 1900 ou 1800 A.C., cavalos estavam sendo usados nas guerras entre os povos, pelo que, algum tempo antes disso, esse animal deve ter sido domesticado. O trecho de Gênesis 49:17 menciona o cavalo, o que significa que a nossa Bíblia começa praticamente na época de sua domesticação. Os guerreiros hicsos, ao que parece, foram os introdutores do cavalo no Egito. Faraó usou-os contra Israel (Êxo. 14:9; 15:19). O trecho de Deuteronômio 17:16 parece indicar que Israel foi proibido de ficar com os cavalos que fossem capturados. Porém, o cavalo era um animal por demais valioso para que essa lei ficasse em vigor por muito tempo. A multiplicação de cavalos em Israel foi rápida. Salomão tinha doze mil cavaleiros e quatro mil cavalos para puxar seus carros de guerra. Outros animais, como o asno, a mula e o camelo também eram usados nas operações militares; mas o cavalo sempre foi um marco de superioridade militar, o animal preferido acima de todos os outros. Nas trilhas, ou em terreno áspero, o asno saía-se muito melhor que o cavalo; mas, em tudo o mais, o cavalo era preferido. Naturalmente, para viagens através do deserto, nenhum animal equipara-se ao camelo.

**III. Referências Bíblicas**

Há muitas referências bíblicas ao cavalo (cento e cinqüenta delas, no Antigo e no Novo Testamento). Portanto, damos aqui apenas exemplos dessas referências. 1. Eram usados cavalos em Israel, desde os tempos dos patriarcas (Gên. 47:17). O cavalo era usado como montaria ou para puxar carros. 2. Somente em I Reis 20:20 há alusão direta a cavalos usados como montarias; mas é provável que essa prática então já fosse antiga. 3. Lemos em Gênesis 50:9 que tanto cavaleiros quanto vagões acompanharam o grande cortejo do sepultamento de Jacó, em Canaã, e isso implica no uso do animal como montaria, o que também se depreende do relato que o exército egípcio usava cavalos (Êxo. 14:9). 4. O Egito tornou-se um importante centro criador de cavalos; e Salomão tirou proveito dessa circunstância para obter cavalos e equipar o seu exército, pois o Egito era país que fazia fronteira com Israel (I Reis 10:28,29). 5. A multiplicação de cavalos fora proibida em Israel (Deu. 17:16). É significativo que essa proibição esteja no contexto da predição de que, algum dia, Israel exigiria um rei. Foi justamente na época dos reis de Israel que essa multiplicação de cavalos teve lugar. Naturalmente, era impossível enfrentar exércitos estrangeiros invasores sem cavalos, pelo que um mal contribuiu para outro. O trecho de II Samuel 8:4 mostra-nos que Davi contava com um pequeno número de cavalos, mas Salomão foi o campeão dos criadores de cavalos em Israel, segundo já mencionamos. Ele construiu estábulos para abrigar quatro mil cavalos (II Crô. 9:25). A menção a «quarenta mil cavalos», em I Reis 4:26, parece ser um erro escribal.

Provavelmente, foram os hicsos (1700-1600 A.C.) que trouxeram os cavalos da Ásia Menor, introduzindo-os no Egito e na terra de Canaã. Esses animais eram então usados especialmente para puxar os carros de combate. Os egípcios empregaram cavalos para perseguir os israelitas, por ocasião do *êxodo* (Êxo. 14:9). E, ao entrarem na terra de Canaã, os israelitas ali encontraram os habitantes locais empregando esse animal em suas batalhas (Jos. 11:4; Juí. 4:3; I Sam. 13:5 e II Sam. 1:6). Somente já no tempo de Salomão, os cavalos tornaram-se familiares aos hebreus em maior escala (cf. Jos. 11:9; II Sam. 8:4). Assim, as palavras *sus*, *rekes* (parelha de cavalos) e talvez até mesmo *parash*, «cavaleiro», parecem ter tido uma origem estrangeira, não-semítica. Prevaleceu ainda por muitos séculos a idéia de que o cavalo serve de símbolo das potências militares estrangeiras, e, portanto, inimigos de Deus, conforme se vê em Oséias 1:7 e Isaías 31:1-3.

Foi Salomão quem organizou a cavalaria em Israel, importando esses animais da Ásia Menor (I Reis 10:26-29; II Crô. 1:14-17). Houve a organização de

esquadrões especiais de cavalaria e de carros de guerra (I Reis 9:19; II Crô. 9:25). Isso tem sido confirmado por descobertas feitas quando das escavações arqueológicas em Megido. No entanto, alguns estudiosos têm pensado que as estrebarias antigas, ali descobertas, pertencem a um período posterior, talvez mandadas construir pelo rei Acaz (735-731 A.C.).

**Usos do Cavalo.** Na Bíblia, os cavalos quase exclusivamente aparecem como cavalos de guerra, ou, pelo menos, propriedade de reis, e não de pessoas comuns. Uma referência considerada duvidosa, por muitos estudiosos, é a de cavalos usados para trilhar o grão, que aparece em Isaías 28:28. Os cavalos figuravam entre as propriedades particulares que os egípcios deram a José, em troca de cereal, durante o período de fome de sete anos (ver Gên. 47:17). Em Deuteronômio 17:16, Moisés recomendou aos possíveis futuros reis de Israel que não multiplicassem cavalos, e nem fizessem voltar o povo de Israel ao Egito para «multiplicar cavalos». Porém, essa e outras proibições não conseguiram impedir que os judeus imitassem certos costumes dos povos ao derredor, como sua idolatria e seus vícios, entre os quais a organização de cavalarias, para efeitos de conquistas militares. Nos casos de guerra, os cavalos serviam de montaria ou serviam para puxar carros de combate (ver Êxo. 14:9; Jos. 11:4; II Sam. 15:1, etc.).

Os cavalos de Salomão são mencionados em I Reis 4:26-28, e a «cevada» e a «palha», mencionados nesse último versículo, correspondem às rações empregadas pelos árabes, até os nossos próprios dias, para alimentar os seus cavalos, que figuram entre os melhores do mundo.

Se Jesus Cristo, por ocasião de sua primeira vinda, entrou em Jerusalém montado em um jumentinho, por ocasião de sua segunda vinda, ele virá montado em um cavalo branco, acompanhado por todo o seu exército de cavalarianos, igualmente montados em cavalos brancos (Apo. 19:11 *ss*). Isso demontra quão diferente será o segundo advento de Cristo, em relação ao seu primeiro advento. Uma moderna noção popular é aquela que diz que, se Cristo voltar, fá-lo-á somente para ser maltratado de novo, conforme sucedeu quando de seu primeiro advento. Nada mais longe da verdade, pois Jesus voltará na qualidade de Rei dos reis e Senhor dos senhores. (Apo. 19:11-21). Quando Jesus voltar, virá a fim de conquistar o mundo, pelo que ressurgirá em nossa cena terrestre como um Cavaleiro vencedor. A cor branca, do seu cavalo, bem como dos cavalos usados pelo seu exército, de conformidade com o simbolismo bíblico sobre as cores, fala sobre a sua vitória sobre toda a oposição. Montado no cavalo branco, Jesus inaugurará o seu reino milenar.

**IV. Referências Figuradas**

1. Os quatro cavalos do Apocalipse são comentados em um artigo separado, prenhe de detalhes. Ver o artigo *Cavalos, os Quatro do Apocalipse*. 2. O poder que Deus tem para fazer o que quiser, pode ser simbolizado por esse animal, usado nas batalhas (Zac. 10:5). 3. Os cavalos *brancos* simbolizam a vitória, a glória e a conquista militar, segundo se vê em Apo. 6:2 e 19:11. 4. Os cavalos *vermelhos* simbolizam a destruição, o derramamento de sangue e a guerra (Apo. 6:4). 5. Os cavalos *negros* simbolizam a fome e a morte (Apo. 6:5,6). 6. Os cavalos *amarelos* simbolizam a morte, o inferno e a destruição geral (Apo. 6:8). 7. Os cavalos baios talvez simbolizem a mistura do julgamento e da misericórdia de Deus (Zac. 1:8). 8. Os cavaleiros angelicais representam o poder que Deus tem para proteger o seu povo e impor a sua vontade. 9. Os *santos* são equiparados a éguas graciosas (Can. 1:9). 10. *Símbolos nos Sonhos e nas Visões*. Um cavalo pode simbolizar a energia que as forças físicas que uma pessoa tem à sua disposição, algumas vezes, substituídas por veículos a motor, visto que esses têm tomado o lugar do cavalo, como animal de trabalho. Porém, o cavalo também pode representar o poder selvagem das paixões. Os coices de um cavalo podem indicar um ataque sexual, ou então o desejo de ser sexualmente assaltado. O cavalo negro pode representar as paixões desembestadas. O cavalo amarelo representa a morte. Um cavalo a ultrapassar obstáculos pode simbolizar a capacidade do homem vencer dificuldades; mas, negativamente, pode indicar seus impulsos inferiores em operação. Finalmente, o cavalo pode simbolizar a energia inconsciente de que alguém dispõe, se assim achar por bem. (CHE NTI UN Z)

## CAVALOS DO SOL

Ver sobre o **Sol**.

## CAVALOS, OS QUATRO DO Apocalipse

O livro de Apocalipse é representado como **selado** com sete selos. Estes selos representam o conteúdo do livro. Quando o Cordeiro abre um selo, uma porção da revelação é apresentada. Os quatro cavalos do Apocalipse são os primeiros quatro selos, e assim servem como um tipo de introdução às grandes catástrofes que o escritor esperava para os últimos dias.

### I. CAVALO BRANCO

Apoc. 6:2: *Olhei, e eis um cavalo branco; e o que estava montado nele tinha um arco, e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vencendo, e para vencer.*

O simbolismo dos quatro cavaleiros foi extraído de Zac. 1:7-17 e 6:1-8. Na primeira dessas passagens há a descrição de quatro cavalos de diferentes cores. Eles e seus cavaleiros percorrem a terra por ordem de Deus. São cavalos sobrenaturais, símbolos de verdades místicas. Nessa passagem do A.T. evidentemente prefiguram a «restauração» dos judeus a Jerusalém, após os setenta anos de exílio. Na segunda dessas passagens, vemos quatro carruagens, puxadas, respectivamente, por cavalos vermelhos, pretos, brancos e baios. O propósito desses cavalos é o de patrulhar a terra, por determinação de Deus, executando seus juízos contra as nações pagãs e rebeldes. Podem estar associados às carruagens e aos quatro ventos da teologia astral babilônica. O vidente João emprega esses mesmos símbolos, mais ou menos com a mesma intenção, embora não hesite em adicionar seus próprios significados, que ultrapassam àquilo que está implícito nos livros e nas idéias antigas.

O cavalo era comumente usado nas atividades guerreiras. Portanto, neste ponto, os cavalos representam guerra, violência, tragédia, julgamento divino, com e sem causas naturais, tudo o que envolve desastre para homens pecaminosos.

*O significado do cavalo branco pode ser melhor entendido através dos pontos abaixo*:

1. Há certa interpretação histórica que supõe que se trata de algum «invasor conquistador», que tivesse assediado o império romano, como os partas, muito hábeis no uso de arco e flecha e do cavalo, e que constantemente ameaçavam a paz do império. Nesse

caso, o vidente estaria predizendo uma invasão que ajudaria a quebrar o poder da Roma perseguidora. Porém, rejeitamos a essa e a qualquer outra interpretação «histórica», embora o próprio João pudesse ter algo de histórico em mente, que recebera uma forma de cumprimento preliminar. Mas essa é uma predição a longo prazo, relativa aos últimos dias.

2. Simbolicamente, alguns intérpretes pensam que o cavalo branco significa a «vitória» obtida em Cristo, em qualquer século, ante a perseguição ou qualquer provação. A última palavra, pois, não seria dada pela Roma perseguidora ou pelas exigências do culto ao imperador—por nenhuma força maligna. A última palavra cabe a Cristo, que executa a vontade de Deus, em favor do bem. Ele sai conquistando e para conquistar, isto é, para obter a vitória final e absoluta. E a vitória dele é a nossa, contanto que exerçamos fé (ver I João 5:4).

3. Há aqueles que pensam que isso simboliza a *guerra*, de modo geral, com a idéia de que a história humana será repleta de torturas da guerra, devido aos atos pervertidos dos homens.

4. Várias interpretações «históricas» (como a invasão da Síria por Vologenus, em 61-63 D.C.) têm sido aventadas, que falam de eventos guerreiros específicos, além da ameaça imposta pelo império parta. Mas todas essas interpretações são dúbias e devem ser rejeitadas.

5. Alguns intérpretes vêem aqui o *curso vitorioso* do evangelho. Aqueles que pensam que os selos são paralelos aos anjos, pensam que Apo. 6:2 é trecho paralelo ao trecho de Apo. 14:6, onde se vê o anjo que traz o «evangelho eterno». E isso se harmoniza com a interpretação sugerida neste parágrafo. Também fazem o paralelismo com o capítulo treze do evangelho de Marcos e com o capítulo vinte e quatro do evangelho de Mateus, que falam sobre a pregação do evangelho por todo o mundo, antes dos *ais* que haverão de anteceder à segunda vinda de Cristo. Embora um grande número de intérpretes tome esse ponto de vista, nada existe de convincente a seu favor.

6. Várias outras interpretações existem, como aquela que fala sobre os conflitos sangrentos na Palestina, durante o reinado de Calígula, ou sobre a fome que houve na Síria, sob Blaudius, ou sobre as agitações que houve no império romano durante o reinado de Galba.

7. Vários intérpretes *futuristas*, que pensam que essa predição fala sobre algo que sucederá imediatamente antes da vinda de Cristo, pensam que o cavaleiro do cavalo branco é o «anticristo». Ser-lhe-ia dado o poder de fazer guerra, de conquistar o mundo inteiro. Essa é uma verdade, mas não é provável que isso é o que esteja em foco aqui. De Haan (em Apo. 6:2), entretanto, defende essa idéia, ao dizer: «O sexto capítulo fala sobre o falso cristo, o anticristo, que procura imitar o verdadeiro Cristo, e, portanto, vem sobre um cavalo branco. Ele virá prometendo paz... um período de falsa paz, estabelecendo um milênio simulado. E quando o anticristo, sobre o cavalo branco houver convencido ao mundo de que chegou a era de ouro da paz, então desfechará sua fúria contra as nações que de nada suspeitam, mergulhando o mundo na guerra. Isso é revelado no segundo selo».

8. Mas parece que esse cavalo e seu cavaleiro estão vinculados aos exércitos santos que há nos céus, pelo que o próprio Cristo está em foco. O «cavalo branco» era usado por conquistadores e heróis romanos em seus cortejos triunfais, em reconhecimento público de seu poder e êxito na guerra. O vidente João lembra a seus leitores de que não haverá triunfo genuíno fora do de Cristo. O Cristo, neste ponto, ainda não terá voltado à terra, mas ameaça a sua volta apenas, volta essa que obterá vitória completa. Os seres viventes lhe dizem: «Vem!» porque a criação inteira apela por sua vitória e pelo fim do caos provocado pelo pecado.

*Com um arco*. O arco é um símbolo de guerra à longa distância. A vitória de Cristo será universal. Notemos, igualmente, que o «arco» serve aqui para identificar o simbolismo como o que é usado em Hab. 3:9, onde Deus sai para vencer, em prol da salvação de seu povo. (Isso também pode ser comparado com Isa. 41:2; Zac. 9:13 e, especificamente, com Sal. 45:4,5: «As tuas setas são agudas, penetram o coração dos inimigos do Rei...»). Esse cântico é messiânico, referindo-se à segunda vinda de Cristo, o que, no presente texto, é exposto na forma de símbolo, o que será antecedido pelos «ais» que serão descritos nos demais selos que serão abertos.

*Coroa*. Em reconhecimento de seu direito absoluto de reinar como Rei dos reis e Senhor dos senhores, ele traz essa coroa. Agora Cristo dará início aos acontecimentos que apressarão o seu retorno à terra como Rei. (Ver Apo. 19:16, acerca desse ofício de Cristo). Pode-se notar, em Apo. 19:12, onde é retratada a segunda vinda de Cristo, que ele traz em sua cabeça «muitos diademas». Faz parte do «mistério da vontade de Deus» que Cristo seja o soberano de toda a criação. (Ver Efé. 1:10. Ver também Zac. 6:11, que é trecho paralelo). Sobre a cabeça de Josué, representante de Cristo, foram postas coroas de prata e de ouro.

*Saiu vencendo e para vencer*, isto é, para obter uma vitória absoluta, perfeita e final. Isso só poderia ser dito acerca de Cristo, em sua segunda vinda, quando todas as nações lhe forem sujeitadas, e, subseqüentemente, a criação inteira, conforme se vê em I Cor. 15:25 e no primeiro capítulo da epístola aos Efésios. (Ver também Fil. 2:9 e *ss*). A passagem de Apo. 19:16 afirma a realização de tal propósito, e Dan. 2:34 a prediz. Essa vitória não será obtida através da instrumentalidade da igreja, através de sua história, e, sim, através de uma direta intervenção divina, a segunda vinda de Cristo, que agora é prefigurada como algo que já se aproxima célere. A Grande Tribulação servirá de meio de preparação para aquela intervenção divina.

**Outras Idéias sobre Apo. 6:2.**

1. O cavalo branco ameaça desfechar os «ais» que precederão a segunda vinda de Cristo. Uma vez que tenham início esses «ais», o cavalo branco estará bem próximo de entrar nesta esfera terrestre, para a qual trará os exércitos dos céus, segundo se vê no décimo nono capítulo do Apo.

2. «A semelhança com o cavaleiro que figura em Apo. 19:11 e *ss*, é grande, e seu intuito é realmente esse. A diferença, contudo, é considerável. Ali, o cavaleiro é apresentado como quem já estava presente em seu triunfo, seguido pelos exércitos dos séculos; mas aqui ele opera, estando fisicamente ausente, e o cavaleiro não é o próprio Cristo, mas somente um símbolo de seu poder vitorioso, concretização de seu reino vencedor, no tocante àquele aspecto de seu avanço em que o poder terreno é derrotado, e em que os reinos deste mundo se tornam o reino de nosso Senhor e seu Cristo». (Alford em Apo. 6:2). Essa é uma interpretação comum desde os mais antigos tempos; mas é um erro pensar que isso é um evento histórico. Antes, o próprio Cristo trará os «ais»; e esses «ais» ameaçam a sua volta, que será antecedida por tremendos sofrimentos à face da terra. É uma ameaça de destruição, e não do avanço da bondade, através

da igreja.

3. A cor «branca» simboliza a «vitória» (e não a «pureza», pelo menos neste caso), porquanto os cavalos romanos usados nos cortejos triunfais eram dessa cor. Há também uma certa majestade no cavalo branco, talvez um indício de realeza. «Homero pinta os cavalos de Reso como mais brancos que a neve, e mais velozes que o vento». (Vincent, em Apo. 6:2). O cavalo do Rei é branco (ver Apo. 19:11), pelo que somos relembrados da Majestade Real, ao contemplarmos esse cavalo de pura cor branca.

4. No grego, o termo aqui traduzido por *coroa* é «stephanos», que nos tempos antigos eram os *louros* dos vitoriosos, ao passo que o «diadema» era a coroa dos reis, embora essa distinção não fosse observada no grego helenista. No período do grego helenista, o «diadema» palavra grega aqui empregada, podia indicar qualquer faixa na cabeça, e não uma coroa de metal. A consulta de qualquer léxico clássico mostrará que o «stephanos» também podia ser uma «coroa» de metal, nos tempos pré-cristãos, embora, normalmente, indicasse a «coroa de louros».

## II. CAVALO VERMELHO

Apo. 6:4: *E saiu outro cavalo, um cavalo vermelho; e ao que estava montado nele foi dado que tirasse a paz da terra, de modo que os homens se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada.*

Marte, o planeta vermelho, era o deus da «guerra» na concepção dos antigos. O «vermelho» é a cor do sangue, dando a entender derramamento de sangue. E a «grande espada» subentende a mesma coisa. Porém, tal como no caso de todos os selos, não há acordo geral sobre exatamente o que está em foco, e nem sobre quando isso ocorrerá. Abaixo enumeramos as principais idéias apresentadas pelos intérpretes:

1. Alguns pensam que o próprio Cristo é o cavaleiro do segundo cavalo, e que por vários meios, incluindo a guerra, fará sobrevirem juízos contra a terra. Mas outros acham que o cavaleiro é o exército romano, ou então Vespasiano, Artabano, rei dos partas, ou algum outro personagem histórico qualquer.

2. Há também aqueles que pensam que os cavaleiros dos quatro cavalos não apontam para quaisquer indivíduos em particular, para qualquer guerra; antes, esses cavalos e seus cavaleiros seriam apenas conflitos civis e internacionais, que ocorreriam através da era da igreja, enquanto Cristo não voltar e estabelecer paz duradoura, por ser ele o Príncipe da paz. Há também estudiosos que pensam ser isso idêntico às «muitas guerras», aos muitos conflitos constantes, retratados em passagens como Mat. 24:7; Mar. 13:8 e Luc. 21:10. Este artigo rejeita a interpretação histórica sobre essas predições; por conseguinte, qualquer localização «passada», nas páginas da história, fica igualmente repelida, excetuando, naturalmente, aquele conflito do tempo em que foi escrito o próprio livro de Apocalipse, que foi um cumprimento preliminar e simbólico das guerras e conflitos que se realizarão imediatamente antes do segundo advento de Cristo.

3. Aqueles que pensam que os selos são paralelos aos anjos, pensam que o equivalente ao segundo selo seja a passagem de Apo. 14:8, que se refere à queda da Babilônia. Babilônia seria a representação dos «rejeitadores de Cristo», em todos os seus tipos; assim sendo, estaria em foco a cidade de «Jerusalém», de acordo com alguns outros estudiosos. Nesse caso, a destruição de Jerusalém, que ocorreu no ano 70 D.C., seria o segundo selo.

4. Sem importar o que mais seja dito, é bem provável que as guerras aqui mencionadas haverão de anteceder imediatamente a segunda vinda de Cristo. Assim é que em Jubileus 23:19; I Enoque 66:7; Esdras 5:9; 6:24; 13:31; II Baruque 48:32 e 70:3,6, temos predições acerca de tempos extremamente turbulentos, imediatamente antes da vinda do Messias, como levantes civis, guerras locais e internacionais, etc. Esse poderia ser o intuito do segundo selo.

5. Há quem creia que o segundo selo descreve as condições caóticas em geral, as agitações civis e uma anarquia em vasta escala entre todas as nações, imediatamente antes da segunda vinda de Cristo. Uma vez que a influência do Espírito Santo seja removida da face da terra, os homens exibirão a sua verdadeira natureza, como feras que são, sem Deus e sem consciência. (Ver capítulo 2 de II Tessalonicenses a esse respeito). A vida humana na terra tornar-se-á caótica, como se todos vivessem em uma selva pervertida, de paixões e violências atrozes.

6. Outros eruditos mostram-se mais específicos, determinando guerras particulares como cumprimento do segundo selo. Nesse caso, teríamos a guerra mundial que os místicos contemporâneos predizem para 1999 (havendo uma outra para o ano 2020—o verdadeiro Armagedom), como cumprimento do segundo selo. Os místicos da atualidade predizem duas guerras mundiais, com armas atômicas, antes do ano 2020. O artigo intitulado a *Tradição Profética e a Nossa Época*, apresenta detalhes sobre essas predições que concordam com o que diz o livro de Apocalipse. Os acontecimentos importantes lançam sombras à sua frente, antes de sua ocorrência; portanto, os seres humanos, que são espíritos também, podem reconhecer tais acontecimentos de antemão, mesmo que não possuam qualquer dom profético, segundo o entendemos, biblicamente falando.

7. Aqueles que interpretam o livro historicamente, vêem vários eventos que já tiveram lugar, como a perseguição contra os cristãos, ou os exércitos romanos (munidos de espada), em contraste com os partas (com o arco, de Apo. 6:1), como se fossem o cumprimento deste selo. Ou então, de modo geral, vêem aqui o conflito «entre o bem e o mal», isto é os poderes civis contra o progresso do evangelho, apelando as autoridades civis até mesmo para a perseguição contra os pregadores da mensagem cristã. Essas são interpretações bizarras. Há também aqueles que pensam que a «espada» é a do próprio Deus, com a qual ele castigaria povos hostis. Mas a quinta e a sexta dessas sete interpretações são as mais prováveis.

**Grande espada.** Qual o significado da mesma? 1. Alguns pensam que seria a guerra em geral; 2. outros pensam na confusão geral; 3. e há também quem estipule guerras e incidentes históricos particulares, conforme se vê nos pontos acima, sobre as interpretações acerca do segundo selo. Conforme dizemos no parágrafo acima, alguns pensam que essa é a «espada de Yahweh», seu meio de castigar às nações adversárias de Israel, segundo se vê em Isa. 27:1; 34:5; 46:10; 47:6 e Eze. 21:3 e *ss*. Não se pode duvidar que as guerras aqui aludidas são instrumentos da ira divina. Em algumas referências do A.T., como também nas obras pseudepígrafas, Israel é quem brande a espada, conforme se vê em I Enoque 90:19; 91:12, secção 34, contra os seus inimigos. Mas o presente versículo não pode fazer alusão a isso. Em I Enoque 88:2, Gabriel leva os inimigos de Deus a se destruírem uns aos outros com a espada; e essa idéia deve ser incluída como parte do significado do segundo selo, porquanto é exatamente isso que sucederá. A espada não faz referência alguma a

Roma, exceto de maneira preliminar. E nem é ela contrastada com o «arco», que figura em Apo. 6:1, como se este fosse dos partas e a espada fosse de Roma.

**Outras idéias sobre Apo. 6:4.**

1. Os homens não-regenerados só aprendem através de erros e de violências tremendos. Essa condição de guerra e imensa destruição será utilizada por Deus para restaurar e renovar a terra para o milênio. Assim é que será elevada a qualidade total da natureza humana. Uma nova espécie de homens, mais espiritualizados, haverá de surgir daí. Mas isso só ocorrerá se primeiramente houver tremenda agonia.

2. É solene o pensamento que muitos de nós verão esses acontecimentos. E certamente nossos filhos participarão deles. O Apocalipse fala diretamente conosco.

3. Os homens «matar-se-ão uns aos outros», com armas atômicas e outras armas de incrível poder. As guerras sempre transformaram os homens em bucha para canhão, mas nunca se viu qualquer coisa que se possa comparar com a vastíssima destruição que atingirá a terra antes do fim do século XX e no começo do século XXI.

4. Consideremos as prodigiosas perversões dos homens, que produzirão condições como essas. Os homens têm rejeitado a mensagem de Deus por meio de Cristo, o Príncipe da paz. Terão de pagar um preço tremendamente alto por causa disso. Mas, finalmente, aprenderão que o bem deve ser praticado somente por ser bom; e o bem se concentra e define em Cristo.

5. *A falsa paz* que será instaurada pelo anticristo redundará em completo fracasso, devido ao pior horror que os homens poderão ver em todos os tempos, a Grande Tribulação. E isso mostrará o que o anticristo realmente é.

6. Quando os homens despertarem para o «ludíbrio» do anticristo, será tarde demais para alterar o rumo dos acontecimentos. A perversidade dos homens fará com que atuem como se estivessem totalmente enlouquecidos.

7. *O bronze sem piedade* dos escritos épicos de Homero ensinará aos homens, sem nenhuma misericórdia, algumas lições duríssimas. A história mostra que quinhentos e oitenta mil judeus morreram, quando os romanos destruíram Jerusalém e as áreas circunvizinhas, no ano de 70 D.C. Foi uma destruição aterrorizante, considerando-se a população do mundo naquela época e os instrumentos que os homens tinham para eliminar o próximo. Centenas de milhões serão mortos à espada, em um tempo relativamente curto, quando o segundo selo for rompido por Cristo.

O Comandante Sangüinário
*Não é mau. Que toquem.*
*Que os canhões troem e os aviões bombardeiem,*
*Proferindo suas prodigiosas blasfêmias.*
*Não é mau, é chegado o tempo.*
*A maior violência ainda é o comandante dos valores deste mundo.*

.....

*Quem se lembraria do rosto de Helena,*
*Se lhe faltasse o terrível halo de lanças?*

.....

*Não choreis, deixai-os tocar,*
*A velha violência não é antiga demais para gerar novos valores.*
(Robinson Jeffers)

## III. CAVALO PRETO

Apo. 6:5: *Quando abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente dizer: Vem! E olhei, e eis um cavalo preto; e o que estava montado nele tinha uma balança na mão.*

Como se dá no caso de todos os quatro cavalos, muitíssimas têm sido as interpretações dadas a esses símbolos. Abaixo mostramos apenas as principais idéias:

1. Se os *selos* são paralelos aos *anjos*, então o trecho de Apoc. 6:5,6 é paralelo a 14:9-11 do mesmo livro. Neste caso, a «besta e sua imagem» estariam em foco. E, se aplicarmos isso historicamente, e não profeticamente, poderíamos supor estar em pauta a «matança da igreja», quando o cristianismo deixou de ser perseguido, tornando-se a «igreja oficial», sendo morta a sua espiritualidade. Quando Constantino se fez cristão, oficializou o cristianismo como religião do império, e, no ano de 380 D.C., Teodoro fez um edito que declarava cristãos todos os habitantes do mundo então conhecido. Isso arruinou a espiritualidade da igreja, por assim dizer, matando-a espiritualmente. Embora essa interpretação possa ser louvada por sua elástica imaginação, não é nada provável que isso é o que o autor sagrado tencionava dar a entender, como se esse fosse o cumprimento do rompimento do terceiro selo. É muito difícil perceber como Constantino poderia prefigurar a «besta» ou anticristo.

2. Os preços para o trigo e a cevada, mencionados em Apo. 6:6 (como parte do terceiro selo), são extremamente elevados. Isso fala de «escassez», ou seja, de «fome», de falta de alimentos, o que sempre ocorre na esteira das guerras. A falta de cereais será tão intensa que terão de ser medidos na mínima quantidade. Ao mesmo tempo, os ricos (possuidores de azeite e vinho) parecerão florescer a despeito de tudo, pelo menos alguns deles. Mas essa expressão bíblica nos deixa perplexos, não havendo acordo geral entre os estudiosos, acerca de seu significado. Alguns ricos conseguirão escapar, mas certamente a maioria deles sofrerá juntamente com toda a humanidade, quando as guerras tomarem conta da face inteira da terra. De modo geral, portanto, poderíamos pensar que o terceiro selo indica as fomes que se seguem às guerras, o que se repetirá nos últimos dias.

3. Preferimos pensar que a verdadeira interpretação não envolve todas as fases de escassez que se seguem às guerras em geral, mas antes, somente as condições que haverá depois de ter sido rompido o *segundo selo*. Portanto, o segundo selo está relacionado a este terceiro, bem como às interpretações quinta e sexta, sobre o *cavalo vermelho* (Apo. 6:4). Muitos conflitos violentos, o caos entre as populações e guerras gigantescas destruirão o suprimento de alimentos da humanidade, e vastas fomes terão lugar. Isso terá lugar em nosso próprio tempo, e certamente no período de vida dos nossos filhos, conforme se nota nas interpretações sobre o segundo selo.

4. As interpretações históricas, que pensam que o «terceiro selo» já teve cumprimento no decorrer da história, nos tempos do império romano, pensam que isso se refere aos dias de Domiciano, que baixou um decreto contra o luxo e ordenou que metade dos vinhedos da Ásia Menor e de outras províncias fosse desarraigada (92 D.C.). Isso visava favorecer os vinhateiros italianos e reduzir o luxo fora da Itália. Porém, não se lê acerca de nenhum período de fome severa no tempo desse imperador, e nem mesmo naquele período geral da história, que pudesse justificar essa interpretação do «terceiro selo». O sexto versículo de Apo. 6, porém, talvez aluda ao decreto de Domiciano, talvez uma elevação *antecipada* do preço de alimentos e uma possível fome; mas isso não se concretizou. É melhor pensar que o cumprimento da

profecia ainda jaz no futuro.

5. Muitas predições judaicas, ao falarem sobre os «últimos dias», mencionam a fome. (Ver *Sota* 49b e comparar isso com Mat. 24:7). Alguns pensam que esta última referência alude às muitas fomes, que sempre se seguem às guerras, através da história do mundo, até à volta de Cristo, e não aos últimos dias propriamente ditos. Na verdade, porém, o terceiro selo, como todos os demais, refere-se especificamente aos tempos do fim, estando de acordo com as predições apocalípticas judaicas acerca do fim.

6. Alguns eruditos falam da fome que houve no tempo de Cláudio, predita por Ágabo (ver Atos 11:28). Mas esse acontecimento dificilmente poderia equivaler ao prodigioso acontecimento que se espera do terceiro selo.

7. Ainda outros pensam que esse selo fala de «tribulação e agonia» em geral, e não de uma *fome*; mas essa interpretação não concorda com o simbolismo dos versículos quinto e sexto do sexto capítulo de Apo.

*Com uma balança na mão*, Apo. 6:5. Em períodos de escassez, os comestíveis precisam ser pesados com parcimônia. Em tempos de abundância, são distribuídos em tão grandes quantidades que não podem ser pesados com balanças de mão. A figura espectral da fome levava na mão uma balança vazia. Em Eze. 4:16 lê-se sobre o pão vendido a peso, um sinal de tempos dificultosos. É isso que o vidente João tinha em mente. O trecho de Gên. 41:49 mostra-nos que quando as coisas abundam, nenhuma medição cuidadosa se faz necessária. Lev. 26:26 é trecho que mostra a condição oposta. Duas mulheres levam o pão para ser assado em um único forno, tão escasso é o pão, o qual é distribuído a peso. Comerão, mas não ficarão satisfeitas.

**Outras idéias**

1. **O homem colhe aquilo que tiver semeado.** As guerras, que nos nossos tempos destroem objetivos civis, e não somente militares, também lançam o caos na produção agrícola, desequilibrando o suprimento normal de alimentos. Crianças inocentes sofrem por causa disso tudo. Não há limites para as perversões da mente humana, afastada que está de Deus e em hostilidade contra Cristo. Essa hostilidade será punida, quando Deus permitir que os homens se destruam a si mesmos.

2. *Preto*, a cor da lamentação e da fome. Ver Jer. 4:28; 7:21; Mal. 3:14, onde a palavra «lamento» é literalmente, «preto», conforme nos diz Vincent, em Apo. 6:5.

3. *Balança*. No grego é *zugon*, literalmente, «jugo», embora a referência seja à cruzeta da balança de pratos. Alguns intérpretes têm defendido totalmente a idéia de que aqui temos uma menção literal ao «jugo». Mas a necessidade de haver uma balança para pesar os alimentos é uma verdadeira servidão para os habitantes da terra. O trecho de Diog. Laert. 8:18 exibe essa palavra com o sentido de «balança», o que também se vê na inscrição grega 1222,4 (do século II A.C.). Ver *Inscr. gr. Rucueil D'Inscriptions grecques*, editor Ch. Michel, 1900; 1912.

4. Devemos observar que cada um dos «seres viventes» tem uma forma distintiva: leão, boi, homem e águia, respectivamente. Alguns eruditos procuram descobrir significados nessas formas, no que se aplica aos selos, porquanto, em sucessão, cada um deles abre um selo. Porém, não se deve espremer em demasia o simbolismo, pois, ao examinarmos cada símbolo, é difícil perceber qual a conexão entre sua forma e o sentido de cada selo. Por exemplo, que associação pode haver entre um «boi» e a guerra, ou entre um «rosto de homem» e a fome? Seria mais apropriado comparar a guerra ao «leão», e, no entanto, é a primeira criatura e não a segunda, que abre o primeiro selo.

## IV. CAVALO AMARELO

Apo. 6:8: *E olhei, e eis um cavalo amarelo, e o que estava montada nele chamava-se Morte; e o hades seguia com ele; e foi-lhes dada autoridade sobre a quarta parte da terra, para matar com a espada, e com a fome, e com a peste, e com as feras da terra.*

O adjetivo «*chioros*», é termo grego variegadamente traduzido. Homero aplicou essa palavra ao «mel», e Sófocles à «areia». Tucídides utilizou-se da mesma para indicar pessoas atacadas de certa praga (ii.49); e Homero também a usou para indicar a «palidez» do rosto de uma pessoa atemorizada. Parece que Homero queria indicar a «ausência de cor», e não a presença de qualquer cor particular. No N.T., a cor tencionada é usualmente o «verde». (Ver Mar. 6:39; Apo. 8:7 e 9:14). A tradução de Goodspeed diz aqui «cor de cinzas». Talvez a tradução de Moffatt, «lívido», seja a melhor, porquanto trata-se de uma palavra que era utilizada para indicar a «cor exangue» dos cadáveres; e esse cavalo representa a morte. Hipócrates, *Prognost.* 2, pág. 79:18, também usa esse vocábulo para indicar isso, a carne descolorida de pessoas gravemente enfermas.

**Significado do cavalo amarelo**

1. **O próprio autor sagrado nos dá a definição desse** cavalo: a morte e o hades. Mas os intérpretes têm entendido isso de várias maneiras, como a «morte espiritual» (significado simbólico), ou como algum período específico da história antiga, quando a «morte» ameaçou grandes contingentes humanos. Vários intérpretes atribuem a esse simbolismo alguma condição histórica específica, já no passado, como no caso dos selos anteriores.

Qualquer que seja a interpretação desse cavalo, porém, podemos notar que Apo. 6:8, ao mencionar a matança específica com a espada (guerra) e com a fome, provavelmente visa incluir o que já fora dito sob os selos segundo e terceiro. Disso se conclui que os quatro primeiros selos, pelo menos, estão intimamente ligados entre si, provavelmente desdobrando desastres que sobrevieram em um dado período da história. Se antes já aplicamos os primeiros selos a algum período histórico específico, teremos de continuar a fazê-lo no caso deste selo. Essa circunstância, apesar de não ser totalmente «fatal» para o método «histórico» de apresentação, ou, pelo menos, para quase todas as interpretações propostas desse modo, chega a ameaçá-las. Em outras palavras, não se pode atribuir o segundo e o terceiro selos a um período histórico, e o quarto selo a outro período histórico, posterior ao primeiro, porquanto isso interromperia a unidade dos selos, que o autor sagrado parece ter claramente tencionado. Poder-se-ia indagar, portanto, em que período da história tiveram lugar esses acontecimentos, «como uma unidade», e com os devastadores resultados aqui descritos. É difícil situar tal coisa na história. Pois em que tempo uma quarta parte da população mundial pereceu de um golpe? Isso nos força a pensar numa interpretação «simbólica» ou *futurista*; e dentre essas duas possibilidades, preferimos a «futurista».

2. Interpretando que os selos desvendam ocorrências ainda futuras, cremos que este selo inclui a «guerra», o «caos» e a «fome» do segundo e do terceiro selos. Além disso, «grandes pragas» provavelmente fazem parte do quadro da «morte» aqui aludida, pois

as pragas eram comumente apelidadas de «morte» por parte dos antigos. Essas pragas se propagavam especialmente após as matanças das guerras. Isso pode ser comparado com a expressão moderna, *morte negra*, a peste bubônica, que atingiu pesadamente a Europa e a Ásia no século XIV. Essa praga era assim chamada devido às manchas negras que deixava na pele. Assim, pois, este selo fala do fato de que as horrendas batalhas do período da Grande Tribulação serão seguidas por pragas incrivelmente generalizadas. O suprimento alimentar dos seres humanos será destruído e poluído. A natureza será destruída de tal modo que os animais ferozes invadirão as áreas habitadas pelos homens, e muitos serão as suas vítimas. Tudo isso, dizem alguns, ocorrerá durante a Grande Tribulação; e, somando-se juntamente os selos de número dois, três e quatro, uma quarta parte da população da terra será destruída, numa cifra que provavelmente atingirá um bilhão de pessoas. O nome «Grande Tribulação» terá uma nova significação naqueles dias, que quase sem dúvida teremos de atravessar, e que certamente serão vividos pelos nossos filhos e netos.

3. Há certas interpretações miscelâneas que precisam ser rejeitadas: a. A destruição de Jerusalém (ano de 70 D.C.); b. os sofrimentos dos cristãos sob a Roma pagã, sobretudo durante o reinado de Domiciano, embora esses sofrimentos também tenham atingido a outros; c. as heresias que trazem a morte espiritual, a morte da igreja, por assim dizer; d. os sarracenos e outros povos específicos, que no decorrer da história causaram grandes sofrimentos a seus semelhantes.

4. Aqueles que pensam que os selos são paralelos aos anjos, assim vinculando Apo. 6:7,8 com Apo. 14:12,13, incorrem em erro. Pois se isso for aceito de modo estrito, os «mortos» teriam de ser somente crentes, porquanto o trecho de Apo. 14:13 diz: «Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor». Isso forma um mui duvidoso paralelo do trecho que temos aqui. Seja como for, dizer que o quarto selo representa a «Idade das Trevas», é seguir as explicações desse grupo de intérpretes, que dificilmente expõem idéias isentas de objeções difíceis de contornar. Nesse caso, a «morte» aqui referida seria a *peste bubônica* que teve lugar já perto do fim da Idade das Trevas, e que deixou uma esteira de destruição na Europa e na Ásia. Temos de admitir que a destruição de vidas, naquela oportunidade, foi verdadeiramente grande. Mas, atingiu uma quarta parte da população da terra? Certamente que não, se incluirmos regiões geográficas fora da Ásia e da Europa, as quais também precisam ser incluídas para que o quadro assuma proporções mundiais.

**Morte.** — O selo que aqui temos personifica a «morte». Isso pode ser confrontado com a idéia judaica do «anjo da morte», ou com Plutão, o deus grego do submundo e da morte. Alguns eruditos vêem aqui a pessoa de Satanás já que o cavalo é, ao mesmo tempo, a «morte» e o «hades». Outros concebem aqui a idéia da «praga», na morte, por ser esse um simbolismo comum na antiguidade. O símbolo, porém, provavelmente tem por intuito ser mais extenso do que isso. Trata-se da morte mediante a praga, além da morte corporal literal; mas também é a morte devido a todas as causas, como guerras, fomes, etc., já que o selo incorpora as idéias do segundo e do terceiro selos. A morte não é «simbólica», ou seja, a «morte da igreja», mediante o assédio de doutrinas falsas.

«Formas simples da morte (a guerra e a fome) foram reveladas nos primeiros selos; agora o próprio grande rei dos terrores aparece, e em sua mão estão reunidas todas as formas de morte—guerra, fome e pestilência». (Carpenter, Apo. 6:8).

No tocante à personificação da «Morte», ver Apo. 5:14 (a morte como rei) e I Cor. 15:25 (a morte como inimigo). (Comparar com Isa. 28:15). Na teologia fenícia antiga, Sanconiaton, filho de Saturno, era chamado «Morte», de forma personificada, o que os gregos imaginavam com Plutão.

*Hades.* O «reino da morte» é agora personificado. Originalmente, «Hades» era o deus do mundo inferior, sendo essa a origem do termo. «Hades» e «Plutão» são apelativos paralelos para o mesmo conceito mitológico, entre os gregos e os romanos. (Ver Apo. 5:13, Apo. 1:18; Mat. 16:18 e Luc. 16:23). As passagens de I Ped. 3:18-20 e 4:6 mostram que Cristo desceu àquele lugar de espíritos desencarnados, e estabeleceu certa diferença no tipo de existência que eles levam ali; e esse conceito é igualmente explicado nas notas de introdução ao Apo. 3:18 no NTI.

Há somente um cavaleiro, chamado por dois nomes. O autor sagrado não quis dizer que fossem dois cavaleiros. Há apenas um, chamado Morte e também Hades, visto que a morte é companheira inseparável do hades. (Ver Apo. 1:16 e 20:13 e *ss*). O hades «segue os passos» da morte, e para onde esta vai, vai aquele. Os intérpretes têm criado muita confusão desnecessária neste ponto, pressionando em demasia ao simbolismo, procurando solucionar o problema se o cavalo amarelo tem um ou dois cavaleiros. Os símbolos usados pelo autor sagrado são bem claros, sem necessidade de refinação exagerada.

*Matar à espada, pela fome.* Um quádruplo poder destrutivo é mencionado, embora não se trate de uma lista exaustiva dos meios que causarão imensa devastação no mundo nos últimos dias. Isso pode ser comparado aos quatro destruidores de Eze. 14:21, «a espada, a fome, as feras e a pestilência». Se considerarmos que a «morte» significa «pestilência», então essas duas listas serão idênticas.

**CAVALOS, PORTA DOS** Ver **Porta dos Cavalos.**

**CAVALSILAS, NICKALOAS**

Faleceu em 1371. Foi arcebispo grego da cidade de Alônica. Foi educado na Itália, tornando-se famoso como místico e filósofo. Foi um dos maiores representantes da tradição mística da Igreja Oriental, mas também teve tempo para desempenhar um importante papel na política do império bizantino. Escreveu muitos livros sobre assuntos místicos, incluindo *A União do Homem com Jesus Cristo*, tendo enfatizado o papel dos sacramentos, nessa união. Ele era oponente da Igreja Católica Romana (que vide), sendo contrário à união entre a Igreja Ortodoxa Oriental e a Igreja Católica Romana. (ÁM E)

**CAVEIRA, LUGAR DA**

Ver **Gólgota.**

**CAVERNA**

No hebraico temos duas palavras envolvidas, e, no grego, duas, a saber:

1. *Chor*, «buraco», palavra que figura por nove vezes (por exemplo: I Sam. 14:11; Jó 30:6; Isa. 11:8; Zac. 14:12).

2. *Mearah*, «caverna aberta», palavra que figura por trinta e nove vezes (para exemplificar: Gên. 19:30; 23:9,11,17,19,20; Jos. 10:16; I Sam. 13:6; II Sam. 23:13; I Reis 18:4,13; Sal. 57, título; Eze.

33:27).

3. *Mechilloth*, «cavernas». Palavra hebraica que ocorre por apenas uma vez, em Isa. 2:19.

4. *Oré*, «buraco», «abertura». Palavra grega que figura por duas vezes, em Heb. 11:38 e Tia. 3:11.

5. *Spélaion*, «gruta», «caverna». Palavra grega que aparece por seis vezes: Mat. 21:13; Mar. 11:17; Luc. 19:46; João 11:38; Heb. 11:38 e Apo. 6:15.

A formação geológica da Síria-Palestina favorece enormemente a formação de cavernas. Ali, usualmente, as rochas são pedras calcárias de diferentes densidades. A água, ao atravessar as rochas, deixa aberturas e fissuras que se tornam cavernas. A camada inferior ou subsolo sírio, sendo formado por arenito, giz, basalto e sódio, favorece o aparecimento de cavernas. Em conseqüência, a região inteira tem muitas cavernas, algumas das quais de grandes dimensões. Estrabão referiu-se a uma caverna, perto de Damasco, onde podiam abrigar-se quatro mil homens. As cavernas formam-se imediatamente abaixo da camada freática, nas regiões onde a água mantém-se estável por muito tempo. Usualmente, as cavernas formam-se em passagens horizontais, aparecendo diversas numa mesma área. Contudo, existem cavernas verticais. Essas passagens verticais são os pontos ativos de águas subterrâneas, escavados na pedra calcária. Formam-se assim fendas cilíndricas, que podem atingir profundezas de cem metros ou mais. O colapso do teto de uma caverna produz uma depressão na superfície. Essas depressões são tipicamente circulares, com dez a vinte metros de profundidade e, com freqüência, com um diâmetro de cem metros. Quando o nível da água baixa, as cavernas, assim livres da água, tornam-se acessíveis. Devido à água que respinga do teto das cavernas e se evapora, o mineral em suspensão forma as estalactites, que vão descendo dos tetos das cavernas. As colunas que se vão elevando do chão de uma caverna, formadas pela água que pinga, são chamadas estalagmites. Quando uma estalactite e uma estalagmite, finalmente, juntam-se, forma-se uma coluna que liga o chão ao teto da caverna.

A abundância de pedra calcária, em Israel e em torno do rio Jordão, cujo vale se forma, principalmente, de maciços leitos de pedra calcária e de dolomita, com algum giz, que já é material mais mole, resulta em grande quantidade de cavernas, naquela região.

**Cavernas nas Escrituras.** A primeira menção a uma caverna, na Bíblia, é àquela onde se esconderam Ló suas duas filhas, após a destruição de Sodoma e Gomorra (Gên. 19:30). Além dessa, temos a caverna de Macpela, no campo de Efrom, que foi comprada por Abraão, e onde ele sepultou Sara. Posteriormente, o próprio Abraão, Isaque, Rebeca, Lia e Jacó foram ali sepultados (Gên. 49:32 e 60:13). O local, na atualidade, é conspicuamente assinalado por uma mesquita muçulmana. Não se sabe da localização da caverna de Maquedá, onde se ocultaram cinco reis dos amorreus, após terem sido derrotados por Josué (Jos. 10:16,27). Também havia cavernas artificiais, escavadas por diversas razões (Jó 6:2). A maior parte dessas cavernas artificiais eram usadas como sepulcros. Obadias escondeu cem profetas do Senhor em uma caverna, a fim de protegê-los (I Reis 18:4). Em Horebe havia uma caverna, usada por Elias (I Reis 19:8), cuja localização nos é desconhecida. Cavernas usadas como habitações são mencionadas em Núm. 24:21; Can. 2:14 e Jer. 49:16. As cavernas também eram usadas como sepulcros, conforme já vimos. Ver também João 11:38; Mat. 20:60. As cavernas eram lugares de refúgio (Juí. 6:2; I Sam. 14:1) e de habitação (Heb. 11:38; que provavelmente também inclui a idéia de refúgio). Também eram utilizadas como prisões (Isa. 24:22 e Zac. 9:11). Em tempos modernos, as cavernas servem de pontos de atração turística, porquanto algumas delas oferecem uma visão espetacular. (FAI S)

**CAVERNA (Metáfora de Platão)**

Ver **Metáfora da Caverna de Platão.**

**CÉBERO**

Na mitologia grega, seria o cão de três cabeças que guardava a entrada do hades (que vide). Nos escritos de Hesíodo, o mesmo cão já tem nada menos de cinqüenta cabeças em um único corpo. Uma monstruosidade, sem dúvida!

**CEBOLA**

No hebraico, **betsel**. Essa palavra ocorre exclusivamente em Núm. 11:5, juntamente com os alhos e com os legumes pelos quais os israelitas tanto desejavam, depois que deixaram o Egito. A variedade em foco provavelmente tem o nome científico de *Allum cepa*, que continua sendo plantada até hoje no Egito. Naquela época, como até hoje, a espécie era plantada às margens do rio Nilo. As cebolas eram consumidas cruas, cozidas, fritas, torradas, ou sob a forma de sopa. A cebola tornou-se símbolo de certas vantagens que o mundo oferece, e que um crente pode novamente desejar, depois de convertido. Em outras palavras, representa um item que tende ao desvio, um desejo de voltar aos antigos caminhos.

**CECÍLIA**

Uma virgem e mártir cristã romana, cuja festa religiosa é celebrada a 22 de novembro. Muitas lendas vieram cercar essa figura, pelo que pouco do que se sabe sobre ela não está envolvido em dúvidas sombrias. As estimativas modernas pensam que ela faleceu entre 177 e 362 D.C. Pode ter sido membro da ilustre família romana dos Caecillii, e pode ter sido benfeitora dos primeiros cristãos, — tendo sido honrada por isso. A lenda que circunda a sua morte é especialmente vívida, mas o mais provável é que não passe de uma lenda. Diz-se que a tentativa para sufocá-la, a princípio, não deu certo. Então ela foi decapitada, embora tivesse continuado a viver por três dias, somente após esse prazo morreu; e então teria sido sepultada na catacumba de Calisto. O papa Pascal I transferiu os seus restos mortais para a igreja de Santa Cecília, em 821 D.C. A adoração a ela espalhou-se por muitos lugares. Ela tem sido honrada como a patrona dos músicos, e com freqüência é representada tocando um pequeno órgão, uma viola, uma harpa ou algum outro instrumento musical.

**CEDRO**

No hebraico, **erez**, palavra usada por setenta e duas vezes no Antigo Testamento (por exemplo: Lev. 14:4,6,49,51,52; I Reis 5:8; 6:9,10,15,16,18,20,36; Sal. 29:5; Can. 1:17; Isa. 2:13; 9:10; Jer. 22:7,14,15, 23; Eze. 17:3,22,23; Zac. 11:1,2). Como vemos, há muitas alusões ao cedro, nas Escrituras, e a maior parte dessas referências diz respeito ao cedro do Líbano. A espécie era largamente distribuída na Síria-Palestina.

1. O cedro era madeira usada nos ritos de purificação, juntamente com a escarlata e o hissopo. Parece que, nesse caso, temos uma árvore natural do deserto do Sinai, sem ligação com os cedros do Líbano. Pode ter sido o *Juniperus phoenicia*, que

também se encontra no monte Hor e circunvizinhanças. A madeira dessa variedade de cedro era queimada por um sacerdote, durante as purificações levíticas (Lev. 14:4-6, 49-52; Núm. 1:6). Alguns estudiosos supõem que a árvore em foco seja o *Juniperus oxycedrus*. Essa espécie, bem como aquela mencionada acima, dá uma fragrância agradável quando queimada a sua madeira.

2. Além disso, há menção aos cedros existentes «no jardim de Deus», em Ezequiel 31:8. Esses são contrastados com os filhos da Assíria, que são chamados cedros do Líbano, no quinto versículo do mesmo capítulo. Por esse motivo, podemos supor que há uma diferenciação de espécie em foco, embora não possamos saber quais espécies estejam em pauta.

3. O trecho de Núm. 24:6 diz «cedros junto às águas», que dificilmente podem ser os mesmos cedros do Líbano, porquanto aquele cedro sempre medra em terra firme. Alguma árvore amante da água está em foco, porém, não mais a conhecemos.

4. O *cedro do Líbano* é uma árvore conífera de grande porte, que antigamente era abundante no Líbano, mas atualmente é rara e protegida pelo governo. A sua madeira é altamente procurada devido à sua durabilidade. Foi usada na construção da casa de Davi (II Sam. 5:11), bem como do templo de Salomão (I Reis 5:6-10), e também do novo templo, após o exílio babilônico (Esd. 3:7). Salomão também usava a madeira de cedro para fabricar carruagens (Can. 3:9). Essa árvore pode atingir uma altura de até 37 metros; e, metaforicamente, nas páginas do Antigo Testamento, era usada para aludir à estatura de um homem (Eze. 31:3; Amós 2:9). Essa espécie vegetal continua abundante no Anano e no Taurus, espraiando-se desde a cadeia do Himalaia até o Atlas, e da Ásia Menor central até o Líbano. Os gregos e os romanos utilizavam a sua madeira. Assim, foi usada para a construção do teto do templo de Diana dos Efésios, bem como no templo de Apolo, em Utica. Algumas vezes o cedro é chamado de *rei das árvores*, mas isso só tem aplicação se estamos falando sobre as espécies vegetais conhecidas na Palestina, pois, fora dali, há muitas outras árvores maiores em altura e magnitude. O bosque sagrado em Besherri, no Líbano, ainda tem o antigo nome de *cedros do Senhor*. Os cedros verdadeiros são membros da família dos pinheiros, com um tronco muito elevado, com folhas parecidas com agulhas e cones eretos. Os cedros verdadeiros são as melhores árvores perenes para efeito de ornamentação, embora também produzam uma excelente madeira de construção. A madeira é durável e resiste bem ao efeito da água. (AM ND UN)

## CEDROM

No hebraico, «turvo», «melancólico», «escuro». No grego, *kedrón*, palavra que só aparece em João 18:1, em todo o Novo Testamento. Esse é o nome de um riacho com regime de inverno, que atravessa o vale de Josafá. O termo aplica-se tanto ao riacho quanto ao vale por meio do qual flui. Em sua *Historical Geography*, Smith nos dá a seguinte descrição, à pág. 511: «Ao norte de Jerusalém começa o leito da torrente do Cedrom. Passa pelo monte do templo, por aqui que, posteriormente, veio a ser o Calvário e o Getsêmani. Deixa o monte das Oliveiras e a aldeia de Betânia para a esquerda, e Belém bem para a direita. Então precipita-se pelos terraços nus, pelos precipícios e pelas gargantas estreitas do deserto da Judéia — o deserto do bode expiatório. Esse vale fica tão estéril e ressecado, tão similar a um forno, quando desce abaixo do nível do mar, que o seu nome torna-se wadi en-Nar, ou «wadi de fogo». No mínimo, o seu curso encachoeirado leva até os precipícios imediatamente acima do mar Morto, onde deixa suas águas escassas de inverno. Porém, durante o verão inteiro, o wadi fica seco». O vale através do qual esse riacho precipita-se tem apenas cerca de 32 km de comprimento, mas, durante esse breve percurso, desce cerca de 1.120 m, do começo ao fim. O lugar onde o Cedrom deságua no Jordão é uma garganta estreita, com cerca de 366 m de profundidade.

Lemos no Antigo Testamento que Davi, quando fugia de Absalão (II Sam. 15:23,30), atravessou esse riacho. Salomão utilizou-se do mesmo para assinalar até onde Simei podia passar, e não mais (I Reis 2:37). Asa destruiu e queimou ali os ídolos de sua mãe, Maaca (I Reis 15:13). Atália foi executada ali (Josefo, *Anti.* 9:7,3; II Reis 11:16). Quando a adoração idólatra foi removida do templo de Jerusalém, esse vale tornou-se o lugar onde foram lançados os escombros e o material destruído, pelos seguidores de Yahweh (II Reis 23:4,6,12; II Crô. 29:16; 30:14). Nos dias de Josias, esse vale era usado como um cemitério comum, a serviço de Jerusalém (II Reis 23:6; Jer. 26:23; 31:40).

No vale do Cedrom há uma fonte intermitente que, na antiguidade, servia de suprimento de água para Jerusalém. Seu nome é Gihon, isto é, «jorro». Um outro nome dessa fonte é fonte da Virgem. Na antiguidade, seu fluxo foi artificialmente desviado para servir às necessidades da população de Jerusalém. Foi encontrada ali, em 1880, uma inscrição em hebraico, que menciona o túnel que foi feito a fim de transportar água dessa fonte para Jerusalém. Talvez haja uma alusão a isso em II Crônicas 32:3,4. Em nossos dias, somente quando há chuvas muito pesadas aparece ali alguma água. Um pouco mais ao sul, porém, há uma segunda fonte, onde se fundem os vales do Cedrom e de Hinom. Essa outra fonte chama-se En-Rogel.

Quando Herodes restaurou o templo, ampliou a área circundante erigindo novos alicerces para as muralhas. No seu ponto mais alto, as muralhas circundantes do templo tinham 52 m de altura, acima do vale do Cedrom. Josefo disse que quando alguém olhava para baixo, desde aquela altura, ficava tonto (*Anti.* 15:5). Foi essa grande altura que esteve associada à tentação de Jesus, em Mateus 4:5. O jardim do Getsêmani ficava na vertente ocidental do monte das Oliveiras, exatamente do outro lado do Cedrom. Jesus atravessou o vale do Cedrom, com os seus discípulos, depois que saiu do cenáculo para passar a noite no jardim do Getsêmani (João 18:1). Judas Iscariotes também atravessou o vale do Cedrom, ao guiar os soldados que foram prender a Jesus (João 18:2). Jeremias aguardava o dia quando Jerusalém seria reconstruído, quando os lugares sagrados de sepultamento, como aquele associado ao vale do Cedrom, seriam restaurados (Jer. 31:40). (FIN UN WRI Z)

## CEFAS

Um apelido que Jesus deu a Simão Pedro (João 1:42). Ver também I Cor. 1:12 *ss*. A palavra é o termo aramaico que significa «pedra», «seixo», e que os gregos traduziam por *petros* e os latinos por *petrus*. Ver o artigos sobre *Pedro* e sobre os *Apóstolos*.

## CEGONHA

No hebraico, **chasidah**, palavra que vem de uma raiz que significa «constante», «leal». Como quase

sempre se dá com nomes pertencentes à fauna e à flora bíblicas, as traduções têm-se mostrado muito irregulares com relação a essa palavra hebraica. A Septuaginta a traduz por quatro palavras diferentes. O termo hebraico figura por seis vezes: Jó 39:13 (onde nossa versão portuguesa a traduz erroneamente por «avestruz»); Lev. 11:19; Deu. 14:18; Sal. 104:17; Jer. 8:7 e Zac. 5:9.

Os contextos bíblicos mostram que a *chasidah* dos hebreus era a mesma ave que chamamos de «cegonha», devido a três pontos confirmatórios: a. Era uma das aves imundas (Lev. 11:19). As cegonhas alimentam-se em lugares lamacentos, e, em alguns períodos do ano, alimentam-se principalmente de sapos e rãs. b. A cegonha é uma das aves migratórias, o que concorda com o que se lê em Jer. 8:7. c. Trata-se de uma ave de grande porte, o que se harmoniza com a descrição subentendida em Zacarias 5:9: «...havia vento em suas asas... e levantaram o efa entre a terra e o céu».

Cegonhas brancas e negras atravessam regularmente a Palestina, em suas migrações anuais. O marabu, que é uma cegonha de maior porte ainda, aparece ali com bastante raridade. Durante a primavera, cegonhas brancas voam desde os seus ninhos na África e no sudoeste da Arábia, para seus ninhos de postura na Europa e na Ásia, provendo um dos mais lindos espetáculos naturais. Revoadas de centenas e centenas de cegonhas chegam desde os fins de fevereiro até o mês de maio, inclusive. Ver sobre *Aves Migratórias*. Diz Salmos 104:17: «...quanto à cegonha, a sua casa é nos ciprestes». Mas, as cegonhas que não continuam seu vôo migratório, e passam o verão na Palestina, provavelmente ainda não atingiram a idade adulta, de nidificação.

Quando estão de pé, no solo, as cegonhas têm cerca de um metro de altura; e, durante o vôo, com os pescoços esticados para a frente, as patas esticadas para trás, com porções brancas e negras nas penas, essas aves são inconfundíveis. Quando pousam, a fim de descansar, imediatamente espalham-se pelos campos e pelos pântanos à caça de peixes, rãs e insetos. A cegonha negra é menor e de coloração mais escura, e não negra, realmente. Essa variedade, que passa o inverno no sul da África, aparece na Palestina em grupos bem menores, e seguem uma rota norte diferente daquela seguida pelas cegonhas brancas.

Modernamente, a cegonha é classificada dentro da ordem das Ciconiformes, paralelamente ao íbis e ao jaburu. Há dezessete espécies de cegonhas, que formam a família dos ciconídeos. Elas produzem sons que são pouco mais que piados e resmungos, mas conseguem fazer grandes ruídos quando batem as mandíbulas imensas uma na outra. O jaburu (*Jabiru mycteria*) é uma espécie que ocorre na América tropical, sendo muito comum, em nosso Brasil, tanto no pantanal matogrossense quanto na Amazônia, onde enfeitam a paisagem com seu vôo majestoso, batendo as longas asas lentamente, em vôo quase sempre rasante, embora também possam voar a grandes alturas. Se o íbis também aparecia na Palestina, em certas épocas do ano, o jaburu nunca foi visto ali, pois é espécie tipicamente centro e sul-americana. O jaburu é a maior ave dos Ciconiformes.

**CEGUEIRA**

A grande incidência de cegueira, nos países do Oriente, surpreende as pessoas de outras culturas. Através dos milênios, as oftalmias têm-se mostrado epidêmicas, naqueles países. Certas enfermidades, como a varíola, e determinadas doenças venéreas também exercem esse mau efeito. Além dos germes patogênicos, há fatores como a pobreza, condições sanitárias insatisfatórias, luz solar excessiva, calor demasiado, areias sopradas pelo vento, acidentes e ferimentos de guerra.

A cegueira de nascença, nos tempos antigos e modernos, com freqüência é causada pela gonorréia, transmitida ao bebê pela vagina infectada da mãe. Porém, quando se tornou usual pingar algumas gotas anti-sépticas apropriadas nos olhos dos recém-nascidos, esse tipo de cegueira diminuiu sensivelmente. Um outro agente de infecção é um vírus que produz o tracoma. As potentes drogas de nossos dias geralmente produzem curas, em casos não muito adiantados; mas os povos antigos não dispunham de tais recursos. A sífilis congênita é uma outra causa da cegueira.

De acordo com a lei do Antigo Testamento, um homem cego ficava excluído do sacerdócio. Isso servia para ensinar uma boa metáfora espiritual. Quem pode servir espiritualmente a outros, enquanto é espiritualmente cego? (Ver Lev. 21:18; Mal. 1:13,14). Por outra parte, a legislação mosaica requeria tratamento humanitário em favor dos cegos (Lev. 19:14; Deu. 27:18).

*Usos Metafóricos*. 1. Aqueles que são espiritualmente ignorantes, pagãos ou não, são cegos racional e espiritualmente (Mat. 15:15; Rom. 2:19). 2. Aqueles que são destituídos de conhecimento espiritual também são classificados desse modo (Apo. 3:17). Esse mesmo versículo fala sobre aqueles que se cegam mediante a vida fácil e luxuosa, abandonando assim qualquer inquirição espiritual séria. 3. Os juízes tornam-se cegos quando influenciados pela ignorância de causa, por peitas ou por lisonjas (Êxo. 23:8). 4. Os mestres tornam-se cegos quando buscam honrarias, ou quando são espiritualmente ignorantes (Isa. 59:10; Mat. 23:16). 5. Qualquer pessoa é considerada cega quando permite que o senso de importância própria, o ódio aos seus semelhantes, ou qualquer outra atitude errada a impeça de ver as coisas do ponto de vista espiritual (I João 2:11). 6. Jesus curou a muitos cegos literais (Mat. 9:27 *ss.*; João 9:1 *ss.*). E o seu evangelho agora nos cura espiritualmente da cegueira da alma (Luc. 7:22).

**CEGUEIRA JUDICIAL** Ver **Julgamento que Cega.**

**CEIA DO SENHOR** Ver sobre **Eucaristia.**

As principais passagens neotestamentárias sobre a Ceia do Senhor, são o sexto capítulo do evangelho de João, I Cor. 10:16-21, e a narrativa de instituição em Mat. 26:26-29; Marc. 14:22-25 e Luc. 22:19,20. No que tange à natureza da Ceia do Senhor, conforme a prática na igreja cristã, a passagem de I Cor. 11:17-34 é a mais informativa. Nossas informações sobre a natureza exata da cerimônia da Ceia do Senhor não são muito grandes, pelo que várias coisas permanecem a respeito que continuam um tanto incertas. Também é possível que, em diferentes localidades do mundo cristão da época, diferentes práticas fossem seguidas. Quase todos os intérpretes concordam que originalmente a Ceia do Senhor consistia de uma refeição tomada à noite, não estando necessariamente vinculada ao culto dominical, mas antes, podia ser marcada para qualquer dia conveniente para a comunidade local. E a menção, em I Cor. 16:2, acerca da necessidade de separar contribuições em dinheiro no primeiro dia da semana, não significa necessariamente, que a Ceia do Senhor fazia parte das diversas atividades do primeiro dia da

semana, ainda que nessa referência se possa perceber uma indicação segura de que a igreja cristã primitiva havia abandonado o sábado do judaísmo em favor do dia do Senhor, o primeiro dia da semana, como seu dia preferível de observância religiosa. (Quanto à *adoração dominical*, ver as notas expositivas em Atos 20:7 no NTI. Quanto a primeira alusão ao «Dia do Senhor», ver Apo. 1:10).

A Ceia do Senhor ou «eucaristia» original parece ter sido uma festividade, uma refeição, provavelmente em imitação à celebração da páscoa pelos judeus. Na secção bíblica de I Cor. 11:17-34, foi mister que Paulo repreendesse aos crentes de Corinto por motivo de glutonaria e bebedeira e isso, obviamente, implica em um banquete de alguma envergadura, e não em uma simples cerimônia litúrgica. A Ceia do Senhor foi reduzida a um ato litúrgico, não mais acompanhado por uma refeição real; bem provavelmente se tornou parte da adoração dominical.

É interessante que em algumas secções da igreja, a cerimônia do lava-pés era vinculada às festividades. Portanto, parece que havia três partes distintas nessas festividades: 1. A festividade (que consistia de uma *refeição comum*); 2. o lava-pés (ver João 13:2-20), que apesar de não ser universalmente praticado, era item importante para algumas comunidades (ver João 13:4,5), e 3. a Ceia do Senhor, em que se partia o pão e distribuía o suco da videira, em memória ao Senhor Jesus e à sua expiação, e em antecipação ao seu segundo advento, como sinal de fé nessa realidade futura.

**A Ceia do Senhor** ou **comunhão**, — também é chamada no N.T. original de **agape**, que significa «festa de amor». E essa porção na maioria do mundo cristão, estava destinada a ser a única coisa que sobrevivia à festa de um ritual antes tão elaborado. Essa palavra «agape» é usada pelos comentadores com alusão tanto à festa maior como à própria Ceia. No entanto, se aplica mais diretamente à festa ou banquete do que mesmo à comemoração da Ceia, que só se verificava após a refeição comum. Não há qualquer indicação de que o lava-pés fosse praticado em acompanhamento a essas festividades: de fato, nos escritos de Paulo essa ordenança nem ao menos é mencionada. (Porém, quanto ao seu caráter «obrigatório», conforme alguns estudiosos enfrentam a questão do lava-pés» a despeito dessa exigüidade de alusão nas páginas do N.T., ver as notas expositivas acima referidas). Ver o artigo sobre *Lava-pés*.

Não possuímos qualquer informação direta sobre como era providenciado o alimento para o banquete ou *agape*. É bem possível que cada família trouxesse alguma coisa; mas também podia haver um «fundo comum», usado para essa finalidade. Seja como for, de alguma maneira, os membros pobres terminavam com bem pouco ou mesmo com nada para comer, ao passo que os membros mais abastados se empanturravam e bebiam abundantemente. Ver I Cor. 11:21. Foi esse abuso que levou Paulo a recomendar a eliminação da festa, limitando as festividades ao *agape*; e finalmente, isso se tornou a ordem estabelecida. Outrossim, a Ceia do Senhor passou a ser vinculada ao culto de adoração regular, usualmente à noite, porquanto foi à noite que Jesus instituiu essa ordenança.

Não possuímos qualquer informação específica acerca de quem costumava presidir o rito da Ceia do Senhor, embora seja provável que os ministros regulares é quem dirigiam o mesmo. Entretanto, até então a Ceia do Senhor não se transformara em uma cerimônia eclesiástica, parecendo que os crentes ordinários podiam observá-la, pois, naqueles dias, a Ceia não era nenhum «profundo mistério», capaz de ser manipulado somente por um clero devidamente credenciado. Meio século mais tarde, entretanto, fixou-se a prática de somente ministros presidirem esse rito, conforme aprendemos em I Clemente 40:2-4 e Ign. Smyrn. 8:1. E é possível que a própria Ceia do Senhor se tenha tornado um dos importantes fatores no desenvolvimento do chamado «episcopado monárquico», quando o rito começou a assumir qualidades sacramentais que não possuía no começo do cristianismo. — A proporção que foram surgindo os dogmas, assim também se desenvolveram os seus campeões, isto é, o clero, composto de «sacerdotes» desses supostos mistérios.

*A teologia da ceia*. Ver os artigos sobre: 1. *Transubstanciação*, 2: *Consubstanciação* e *Jesus como o Pão da Vida*.

## CELEIRO

Devemos pensar em três palavras hebraicas e uma palavra grega. Palavras hebraicas: 1. *Asamim*, «armazéns», usada por três vezes (ver Pro. 3:10); 2. *megurah*, «silo», usada apenas por uma vez, em Ageu 2:19; 3. *goren*, «eira» e «chão do celeiro», usada por trinta e sete vezes (ver Jó 39:12; II Reis 6:37; Gên. 50:10; Jer. 51:33, etc.). No grego temos a palavra *apotheke*, «celeiro», usada por seis vezes no Novo Testamento (ver Mat. 3:12; 6:26; 13:30; Luc. 3:17; 12:18,24). Essa palavra indica celeiros construídos acima da superfície do solo. Mas o cereal usualmente era guardado em cisternas secas, ainda que algumas vezes também fosse guardado em edifícios construídos para esse propósito.

*Uso figurado*. Em primeiro lugar, o celeiro simboliza bênçãos da prosperidade material. Um homem enchia seus celeiros e ocupava-se nas atividades do comércio (ver Deu. 28:8 e Luc. 12:18). Em segundo lugar, a destruição de celeiros indica escassez e tempos difíceis (ver Joel 1:17). (S)

## CELESTIAL

No grego, **epouranios**, um adjetivo que ocorre por dezenove vezes: Mat. 18:35; João 3:12; I Cor. 15:40,48,49; Efé. 1:3,20; 2:6; 3:10; 6:12; Fil. 2:10; II Tim. 4:18; Heb. 3:1; 6:4; 8:5; 9:23; 11:16 e 12:22. Consideremos os pontos abaixo, que nos ajudarão a entender melhor a questão:

1. Em I Cor. 15:40,41 há alusão aos corpos celestiais, uma referência ao sol, à lua e às estrelas. De acordo com a teologia-astrologia-astronomia da época, esses seriam seres hilozoísticos, revestidos de luz. Não sabemos até que ponto Paulo compartilhava dessa opinião. Seja como for, ele usava a idéia com a finalidade de ilustrar seu conceito de que há vários tipos de corpos, e de que o corpo ressuscitado será de espécie diferente do corpo terrestre. O corpo ressurrecto da concepção paulina quase certamente é imaterial, um veículo da alma, uma entidade não-atômica. A tentativa de alguns eruditos de materializarem esse corpo, com a pequena diferença resultante entre o corpo mortal e o corpo imortal, reflete uma concepção bem inferior dos mundos espirituais. É impossível que um corpo físico, atômico de qualquer espécie, possa residir nas dimensões espirituais, porque não são formas compatíveis de energia. Devemo-nos lembrar que o corpo ressurrecto de Jesus, embora feito dos elementos do anterior corpo físico, era capaz de passar por portas fechadas, teleportando-se de um lugar para outro—exatamente

aquilo que poderíamos esperar de uma entidade espiritual. Além disso, Jesus ainda não havia entrado na sua glória; quando ele o fez, seu corpo deve ter sido transformado mais profundamente ainda. A especulação dos pais gregos da Igreja, de que um corpo ressuscitado sempre estará sujeito a uma maior glorificação, enquanto ascende na escala do ser, de um estágio de glória para outro (II Cor. 3:18), é uma verdade necessária. O destino do homem remido é compartilhar da natureza divina (II Ped. 1:4), não havendo como ele possa levar consigo, nesse processo, o seu corpo físico.

2. O termo *celestial* também é aplicado a Deus (Mat. 18:35) e a Jesus Cristo (I Cor. 15:47,48), bem como aos seres celestiais (Fil. 2:10). Isso inclui o crente em seu estado glorificado (I Cor. 15:40 *ss*). Deus é Espírito, e o homem, finalmente, também será apenas espírito, embora a alma pareça requerer alguma espécie de veículo de expressão; e esse veículo também deverá sê-lo do espírito, se a alma tiver de habitar em uma esfera imaterial.

3. Um outro importante uso da palavra «celestial» é em referência ao céu (Efé. 1:20). A expressão paulina «lugares celestiais» limita-se à epístola aos Efésios. (Ver Efé. 1:3,20; 2:6 e 3:10). A expressão encontra-se no plural, — em consonância com a teologia judaica comum, que sempre se referiu ao mundo celestial no plural. Há muitas dimensões de seres espirituais, o que também é confirmado em João 14:2. Ver as notas expositivas a esse respeito no NTI.

4. Os teólogos judeus falavam sobre a glorificação como um processo progressivo, incluindo a passagem de uma esfera para outra, até ser atingida a esfera mais elevada, onde Deus habita. Apesar dessa idéia ser por eles cruamente exposta, aponta para uma grande verdade. Nossa glorificação (que vide) jamais poderá caracterizar-se pela estagnação, e certamente incluirá a ascensão a dimensões gloriosas cada vez mais elevadas. A cada estágio seremos revestidos de maior poder e inteligência, postos ao serviço do Senhor, de maneira sempre crescente. Naturalmente, há mistérios que circundam tudo isso; mas, esse conceito, aqui apresentado, contradiz a teologia popular sobre o *céu*, onde um homem, por ocasião da morte física, de um salto só, atinge a esfera mais elevada, onde Deus habita e manifesta sua glória e seu poder; e onde a estagnação virá caracterizar a experiência das almas remidas.

## CELIBATO

*Esboço*:

1. Nas Culturas Antigas
2. Na Cultura dos Hebreus
3. No Período Intermediário entre o Antigo e o Novo Testamentos
4. No Novo Testamento
5. Na Igreja Cristã
6. A Reforma e o Celibato
7. Qual a Posição Atual da Igreja Católica Romana?
8. As Duas Filosofias, as Duas Lógicas
9. Conclusão e Avaliação

A palavra *celibato* vem do termo latino *caelebs*, «solteiro». O celibato pode ser voluntário ou involuntário, podendo estar apoiado ou não sobre razões religiosas.

**1. Nas Culturas Antigas.** Quando lemos sobre a história religiosa dos povos, impressiona-nos a preocupação dos antigos com a fertilidade, e não com o celibato. Somente sob certas condições, e por períodos limitados, era praticada a abstinência sexual. Os gregos e os romanos concebiam deusas virgens; mas, dentro da sociedade humana, esses povos mostravam desprezo pelos celibatários. Entre as mulheres, nada havia de mais importante do que o casamento e a formação de uma família. Uma exceção a isso eram as virgens vestais romanas (que vide). Vesta era a deusa romana da lareira e de suas chamas. Ela correspondia à divindade grega Héstia. Essa adoração foi introduzida por Numa Pompílio, de Lavinium. Um templo em honra a ela foi erigido em Roma, e nas proximidades foi construído o *átrio* de Vesta, onde suas sacerdotisas, que eram as virgens chamadas vestas, efetuavam o culto à mesma. Um fogo perene era conservado por elas, visto que essa era a deusa das chamas da lareira. Se essas chamas se apagassem por alguma razão, era de se esperar alguma catástrofe nacional qualquer. As mulheres homenageavam zelosamente essa deusa virgem, pois ela abençoava os lares, segundo se acreditava. A adoração a Vesta perdurou até os últimos dias do paganismo romano, tendo sido abolida pelo imperador Graciano, em 382 D.C. Mas, a despeito da existência dessas sacerdotisas virgens, por razões religiosas, que adoravam a uma divindade feminina supostamente virgem, havia muitos deuses e deusas, com seus respectivos cultos, que envolviam ritos de fertilidade, sem qualquer idéia de virgindade. Portanto, o paganismo não nos oferece precedente apenas em favor da sexualidade descontrolada, mas também em favor do celibato por motivos religiosos.

**2. Na Cultura dos Hebreus.** Não apenas a teologia do Antigo Testamento considerava o casamento como o melhor estado para homens e mulheres, mas também dentro da cultura hebréia, o casamento era um dever. Outrossim, nenhum homem era investido de autoridade, como líder religioso, a menos que fosse casado. Se alguma mulher permanecesse solteira e sem filhos, isso era considerado como castigo divino contra algum pecado.

**3. No Período Intermediário entre o Antigo e o Novo Testamentos.** Há alguma evidência de que, no período intertestamentário, as tradições judaicas foram afetadas pelas noções gnósticas e dualistas do *helenismo*. Os dualistas pensavam que o corpo humano fosse a sede e a manifestação do pecado, por fazer parte do mundo da matéria, a qual seria a depositária do princípio do mal. Os gnósticos defendiam esse dualismo. No esforço por se desvencilharem do mal, conforme este opera através da matéria, eles praticavam ou a liberalidade exagerada, procurando abusar do corpo e debilitá-lo com os vícios, ou então praticavam o ascetismo (que vide), com o mesmo propósito. Em contraste com eles, os hebreus nunca foram defensores da idéia de que o corpo físico é inerentemente mal, idéia essa eliminada pela doutrina da ressurreição final do corpo. Porém, nenhum gnóstico convicto teria qualquer interesse na ressurreição de seu corpo físico, porquanto isso seria considerado o reavivamento do princípio do mal, e somente poderia prejudicar o espírito, conforme eles pensavam.

Os *essênios* (que vide) eram uma comunidade judaica ascética que floriu no século II A.C. e permaneceu até o século II D.C. Eles compartilhavam, com os fariseus, de muitas crenças; mas, em seu ascetismo, praticavam o celibato. Muitos estudiosos têm pensado que João Batista esteve associado a esse grupo dos essênios; e que talvez até Jesus Cristo esteve entre eles. Se esse foi o caso, é possível que os primeiros avanços da doutrina do celibato, como um estado superior ao do matrimônio, tenha começado ali. Tanto João quanto Jesus eram celibatários, e Jesus

recomendou o estado, em Mateus 19:12, embora sob a circunstância especial da impossibilidade de um segundo casamento, quando o primeiro fosse anulado devido a adultério da parte do cônjuge, sem que este viesse a falecer.

**4. No Novo Testamento.** É bem possível que as declarações favoráveis ao celibato, existentes no Novo Testamento, tivessem sido inspiradas pela filosofia dos essênios. Porém, pelo menos também é possível que as atitudes gnóstico-dualistas do helenismo tivessem levado alguns judeus (que então se tornaram cristãos) do primeiro século a suporem que havia algo de degradante no sexo. Além disso, há a considerar a óbvia circunstância de que o sexo pode envolver as pessoas em todas as formas de pecado e perversão. Por essa razão, é provável que alguns pensassem que seria melhor eliminar totalmente o sexo, na busca por uma vereda espiritual mais alta.

a. *Jesus*. Jesus nasceu de uma virgem (Mat. 1:18 *ss*; Luc. 1:34 *ss*). Esse fato deve ter exercido poderosa influência sobre as mentes de alguns, levando-os a suporem que o estado de virgindade, de alguma maneira, é superior ao estado de casado. Além disso, o próprio Jesus recomendou esse estado, para aqueles que inquirissem intensamente pelo caminho espiritual (Mat. 19:12). O fato de que ele foi capaz de afirmar que havia aqueles que praticavam o celibato por amor ao reino dos céus, mostra que isso envolvia algum ascetismo judaico. É perfeitamente possível, pois, que isso seja um reflexo direto dos essênios. Assim, se os rabinos comuns proibiam o celibato como uma idéia ética inaceitável, é possível que, juntamente com Jesus, houvesse um impulso, entre certos sérios homens de fé, em direção ao celibato.

b. *Paulo*. O apóstolo dos gentios tanto louvava quanto praticava o celibato, como um estado superior ao casamento, por razões de séria inquirição espiritual (I Cor. 7:25-35). Ele desejava mesmo que todos os crentes seguissem o seu exemplo (I Cor. 7:7), mas admitia que cada um tinha — o direito — de fazer conforme julgasse ser melhor. O trecho de I Cor. 9:5 mostra-nos, bem definidamente, que os outros apóstolos eram casados. E note-se que isso inclui os apóstolos, os irmãos do Senhor e até mesmo Cefas (Simão Pedro). De nada adianta alguém asseverar aqui que as mulheres que os acompanhavam, até mesmo nas viagens, eram irmãs virgens, e não esposas. Tal prática não seria permissível nem no contexto judaico e nem no contexto do cristianismo primitivo. Na história cristã posterior houve quem tentasse fazer-se acompanhar por alguma virgem; mas tal prática nada tinha a ver com o cristianismo do primeiro século. Desde o trecho de Marcos 1:30 somos informados de que Pedro era homem casado, e dizer-se que, após haver-se tornado um líder cristão proeminente, ele deixou de viver conjugalmente com sua esposa é puro dogma, com base em um raciocínio *a priori*. Não nos aproximamos mais da verdade mediante manipulações interpretativas. Meu interesse, neste momento, é procurar saber por qual motivo Paulo preferia o celibato. Antes de tudo, também é uma óbvia interpretação manipulada, que Paulo sugeria o celibato apenas para ocasiões de perseguição e tribulação. O trecho de I Coríntios 7:36 mostra-nos que ele tinha em vista o período de dificuldades pelo qual a Igreja estava passando. O casamento é um poderoso complicador da vida, e em tempos atribulados, pode ser melhor o homem não se casar. Não obstante, quando lemos tudo quanto Paulo tem a dizer sobre o assunto, torna-se abundantemente óbvio que o celibato era o estado que ele realmente *preferia*, com perseguições ou sem perseguições. Estamos, portanto, supondo que a influência essênia havia afetado a Paulo, como é provável que havia afetado a Jesus. Também estou presumindo que Paulo, como judeu helenista que fora, havia absorvido algo das atitudes dos dualistas, os quais degradavam o corpo, embora isso jamais se tivesse tornado uma doutrina para Paulo. E penso que minha posição é justificada no trecho de I Coríntios 7:34. Ali Paulo recomenda a virgindade às mulheres, porquanto a crente virgem «...cuida das cousas do Senhor, para ser santa, assim no *corpo* como no espírito...» Indago, pois, por qual motivo uma mulher é mais santa no corpo, se permanecer virgem, do que se casar-se? Somente se alguém supõe que o sexo é degradante, em qualquer grau, poderá esse alguém supor que é melhor uma mulher permanecer virgem do que se ela vier a casar-se, pois assim poderá ser mais *santa*. Para mim, é claro que, inadvertidamente, Paulo mostrou uma atitude negativa para com o sexo, como parte da motivação por detrás de seu ensinamento.

**Essa atitude é verdadeiramente universal.** Muitas pessoas, no recesso dos seus corações, vêem algo de impuro no sexo, sem importar o que digam. Um homem religioso pode até mesmo sentir vergonha do sexo, como se fosse uma *fraqueza*. Conheço um pregador evangélico que, em meio à cerimônia de seu próprio casamento, pediu perdão a Deus, por haver cedido ante essa fraqueza! É muito comum nos seminários teológicos evangélicos encontrar rapazes que expressam o seu desejo ou intenção de não se casarem, a fim de melhor promoverem o ideal espiritual exposto por Paulo no sétimo capítulo de I Coríntios. No entanto, um por um, eles se vão casando, porque as jovens e belas mulheres têm uma maneira de ser mais convincentes do que Paulo. Além disso, o homem médio não tem a capacidade física e psicológica de ignorar o apetite sexual, que é extraordinariamente profundo e faz parte da própria textura da vida. É aqui que se encontra o verdadeiro motivo do ensino cristão e paulino sobre o casamento versus celibato. Em I Coríntios 7:7, Paulo mostra-nos que ele pensava que o crente celibatário devia ter recebido de Deus um dom, para poder permanecer nesse estado; pois, em caso contrário, ele só poderia encontrar dificuldades nesse estado, conforme se vê dois versículos adiante. As autoridades eclesiásticas de diversos grupos cristãos, como é evidente, têm dado muito pouco valor a I Coríntios 7:7. Suas legislações não podem garantir que aquele que tenta viver como celibatário foi dotado do dom espiritual, por parte do Espírito de Deus, que o ajudará a cumprir seu propósito. Efetivamente, o que via de regra sucede é que os celibatários acabam se tornando culpados de fornicação ou adultério. Também deveríamos examinar de perto o trecho de I Timóteo 3:2. Ali é recomendado que o ministro cristão (um pastor ou bispo, nesse contexto?) deve ser marido de uma só mulher. Isso demonstra, em primeiro lugar, que os ministros cristãos, no tempo dos apóstolos, eram homens casados. Em segundo lugar, que mesmo nesse estágio inicial do cristianismo já havia alguma restrição imposta ao casamento, embora não uma proibição, no tocante aos ministros da Igreja. Esse versículo quase certamente ensina que um ministro cristão faria melhor se, durante a sua vida, fosse casado apenas por uma vez. Isso aplica-se ao ministro já casado; e, se sua esposa viesse a falecer, ele não deveria casar-se pela segunda vez. Tal proibição nada tem a ver com a poligamia, mas tal versículo, desde o século II D.C., vinha sendo interpretado como uma proibição ao segundo casamento, no caso de ministros do evangelho. Quanto a detalhes sobre isso, ver a

exposição *in loc.* no NTI. O versículo aplica-se a um possível segundo casamento de um ministro do evangelho, aplicação essa que pode ser extrapolada aos membros das igrejas. Pois verifica-se que, mesmo no caso de crentes comuns, Paulo opinava que seria melhor eles não se casarem novamente, segundo se vê em I Coríntios 7:8.

**Essa doutrina é correta?** Os intérpretes cristãos, incluindo muitos protestantes, têm defendido a tese paulina como correta, para ser seguida por aqueles que querem ser imitadores de Cristo *por excelência*. Outros estudiosos, entretanto, têm objetado ao conceito inteiro, excetuando que só deveriam ter o celibato como seu ideal aqueles que recebem o dom celeste para tanto. Mas repelem, peremptoriamente, a idéia de que um ministro do evangelho deveria tentar o celibato, ao mesmo tempo em que permitem que alguns indivíduos, sobre bases voluntárias, o façam, se assim forem guiados pelo Espírito. Há nisso um fator que deve ser considerado, mas que geralmente não é posto dentro do quadro. A relação do casamento é uma maravilhosa mestra, talvez podendo ensinar espiritualmente a um homem, muito mais do que se ele fosse solteiro ou celibatário. Além disso, a vida matrimonial permite que dois indivíduos—o esposo e a esposa—pratiquem, de modo todo especial, a lei do amor, que é o maior de todos os princípios espirituais (I João 4:7 *ss*). Parece-me que a lei do amor, em seus vários aspectos, é mais importante do que a opção do celibato, e que o indivíduo casado aprende mais do que se permanecesse solteiro. Isso sucede no caso de todos, excetuando, naturalmente, aqueles especificamente chamados para a vida celibatária, de acordo com o propósito divino.

**5. Na Igreja Cristã.** a. *Na Sua História Primitiva.* O ideal paulino começou a ser dogmatizado desde bem cedo na história da Igreja. Muitos indivíduos puseram-se a praticar o celibato, desde o começo; e o movimento monástico (século III D.C.) proveu uma prática mais formalizada do celibato, que desde então tem exercido grande influência sobre o cristianismo. Ver o artigo separado sobre o *monasticismo*. b. *Formalização.* No entanto, até o século IV D.C., não houve requisitos eclesiásticos formais sobre a questão; e nem o celibato dos ministros era universalmente exigido. A lei do celibato clerical assumiu forma definitiva, tanto no Ocidente quanto no Oriente, devido às regras estabelecidas pelos imperadores romanos cristãos Teodósio II e Justiniano I. Portanto, temos aí uma imposição feita de fora para dentro do cristianismo bíblico. c. *No Oriente.* Isso afetou a igreja oriental, cujos códigos sempre foram mais liberais do que aqueles da igreja ocidental. Assim, no Oriente, a legislação não permitia o casamento dos bispos, porém, os padres, os diáconos e os subdiáconos retiveram esse privilégio. Entretanto, nenhum clérigo podia tornar a se casar, se sua esposa viesse a falecer. As *Constituições Apostólicas* (cerca de 400 D.C.) (que vide), formam a base essencial da prática do Oriente. Por essa altura dos acontecimentos, todos os ministros, incluindo os bispos, podiam casar-se, mas apenas por uma vez. No entanto, quando do concílio de Trullo, de 692, foi exigido que os bispos fossem celibatários. Se algum deles tivesse contraído matrimônio antes de tornar-se bispo, tinha de separar-se de sua esposa quando de sua consagração ao episcopado, regra essa que continua a ser aplicada no oriente. d. *No Ocidente.* O primeiro decreto conhecido no Ocidente, acerca do celibato clerical, o do concílio de Elvira, de cerca do ano 300 D.C. Esse decreto requeria o celibato para todos os clérigos: bispos, padres e diáconos. No entanto, essa legislação entrou em efeito somente em meados do séc. IV D.C. quando concílios e decretos papais impuseram a resolução de modo absoluto. Leão o Grande (séc. V) ampliou a obrigação aos subdiáconos. Gregório I fortaleceu a legislação no início do séc. VII. Um período de confusão e declínio moral seguiu, e muitos opuseram-se à lei do celibato. Pedro Damiano (1007-1072 D.C.) refutou as objeções em seu *Liber Gomorrhianus* bem como no *De coelibatu sacerdotum ad Nicolaum II.* Desnecessário é dizer que abusos, dentro do clero, sempre ocorreram, e vários papas procuraram corrigi-los. O papa Gregório VII, em 1075, instituiu amplas reformas, entre as quais a restauração do celibato clerical, em todas as suas formas, para todo o clero. Isso foi subseqüentemente confirmado pelo quarto concílio de Latrão, de 1215, bem como pelo concílio de Trento, em 1563.

**6. A Reforma e o Celibato.** Lutero não somente condenou o celibato, mas, igualmente, declarou nulo o voto de castidade de todos os padres. Calvino, menos radical, admitiu o valor do celibato, embora objetando à sua *imposição* como uma obrigação do clero. Liberdade apostólica, era o lema então usado. O indivíduo deveria seguir a sua consciência, determinando o que fazer, à luz das exigências de sua missão espiritual. Naturalmente, essa atitude tomou conta das igrejas protestantes e reformadas, bem como de seus descendentes espirituais, a saber, as inúmeras subdivisões do cristianismo que então surgiram, nos séculos que se seguiram. O concílio de Trento reagiu contra os reformadores, reafirmando a obrigação do celibato para os ministros, em 1563. Essa reafirmação foi incorporada no código da lei canônica (que vide), quando ela foi revisada, em 1917. Em sua encíclica, *Sacra virginitas*, «virgindade consagrada», de 1954, o papa Pio XII relembrou a todos os católicos, a excelência do celibato e da virgindade consagrada. O concilio Vaticano II também reafirmou a aprovação à instituição do celibato, embora tivesse permitido que a ordem dos diáconos fosse constituída de homens casados. João XXIII e Paulo VI dispensaram do voto de celibato os ministros protestantes que se tivessem convertido ao catolicismo, e que manifestassem o desejo de ordenarem-se sacerdotes católicos romanos.

**7. Qual a Posição Atual da Igreja Católica Romana?** O Concílio Vaticano II (que vide), produziu muitas alterações, e, naturalmente, ali houve uma renovada discussão sobre a questão do celibato. Porções representativas da Igreja Católica Romana expressaram a opinião de que o celibato deveria ser voluntário. Coube a Paulo VI tomar uma decisão sobre a questão, pelo que em sua encíclica de 24 de junho de 1967, *Sacerdotalis caelibatus*, ele reafirmou a regra tradicional do catolicismo romano. Ele refutou a opinião de que o celibato é prejudicial para o desenvolvimento físico e psicológico dos padres, e declarou que essa prática fornece ao homem a oportunidade de dedicar-se totalmente, em amor a Cristo. Ele admitiu que a virgindade não é algo requerido pela própria natureza do sacerdócio, mas afirmou que o celibato é relevante a essa natureza, sendo «uma das mais puras e nobres glórias do sacerdócio da Igreja». Essas são palavras radicais, realmente; e, apesar de uma parte considerável dos ministros católicos romanos continuar frisando a necessidade de uma regra voluntária, dificilmente alguma mudança será feita em breve. Todavia, pelo menos teoricamente há possibilidade de que a Igreja Católica Romana abandone tal prática.

**8. As Duas Filosofias, As Duas Lógicas.** Os

protestantes objetam à lei do celibato imposta a ministros do evangelho, afirmando que a mesma é estranha e posterior ao Novo Testamento. Eles partem do princípio de que uma doutrina que não tenha base nas Escrituras somente, não pode ser válida para os crentes. Admitem o celibato voluntário, porquanto Jesus e Paulo o encorajaram. Todavia, objetam à idéia do celibato obrigatório, para quem quer que seja, porque isso jamais foi exigido na Igreja primitiva. Bem pelo contrário, o sétimo capítulo da primeira epístola aos Coríntios favorece, claramente, o celibato voluntário. Outrossim, a questão é ali ventilada em relação a todos os membros da Igreja, incluindo donzelas, viúvos e viúvas. O Novo Testamento jamais discutiu o ponto em relação ao clero, apenas. Os protestantes e evangélicos, pois, querem que a questão fique na dependência exclusiva do próprio Novo Testamento.

Mas os católicos romanos exibem uma diferente filosofia, uma diferente lógica. A doutrina deles sobre a *autoridade* (que vide) afirma que há outras autoridades além do Novo Testamento, e que *isso* faz parte do plano de Deus. Para eles, o Novo Testamento é apenas um livro sobre primórdios, e não sobre posições definitivas. Antes de tudo, o Novo Testamento, para eles, precisa ser interpretado, pois, do contrário, penetrarão na cena religiosa muitas fantasias. Ademais, haveria a questão da evolução doutrinária. À medida que a Igreja cresce, é mister o desenvolvimento doutrinário. Para tanto, eles contam com os pais da Igreja, com os concílios e com os decretos papais. E admitem que, apesar de poder ser demonstrado que, puramente com bases no Novo Testamento, o celibato deve ser voluntário, também deveria ser respeitada a opinião dos pais da Igreja, dos concílios e dos papas. Essas também seriam autoridades. Disso eles concluem que o fato de que o celibato não se tornou obrigatório no Ocidente, senão já no século IV D.C., em nada é contrário ao fato de que deveria ser obrigatório para o clero. Presumivelmente, o celibato ajuda no desenvolvimento espiritual, antes de tudo, dos próprios clérigos, e, em segundo lugar, daqueles a quem eles ministram. Portanto, o celibato clerical seria uma instituição digna, devendo continuar a ser observada.

**9. Conclusão e Avaliação.** Em todas as questões controvertidas, o amor deveria predominar. Nada ganhamos promovendo o ódio e a arrogância, em nome da teologia. Devemos respeitar os pontos de vista alheios, mesmo quando não concordamos com os mesmos. Mas, quanto a mim, sinto-me forçado a lançar o meu voto em favor da idéia do celibato voluntário. Vou mesmo mais longe do que isso. Opino que é melhor a um homem física, emocional, psicológica e até mesmo espiritualmente, ter esposa *e* filhos. Essa é uma das melhores situações do aprendizado que existe, permitindo que um indivíduo, homem ou mulher, aprenda mais da prática da lei do amor, do que jamais poderia ser aprendido no estado celibatário, sobretudo se forçado. O que pode substituir o afeto oferecido e recebido de um filho ou de uma filha? O que pode substituir o amor que se desenvolve entre marido e mulher, dois indivíduos que crescem juntos na vida, compartilhando de tudo, *incluindo* de uma missão espiritual? Repito, que pode substituir isso? Fico impressionado diante de pessoas que buscam amar supremamente a Cristo. Porém, também fico impressionado pelo fato de que isso não pode ser plenamente conseguido exceto pelo amor ao próximo, incluindo o amor doméstico. A vida em família provê um caminho todo especial, e nada é mais importante do que o crente viver a vida do amor, que é a essência mesma da espiritualidade (I João 4:7 *ss*). Ora, o celibato fica muito aquém disso, meus amigos.

Nesta avaliação, acresça-se o fato de que se Paulo chegou a recomendar o celibato aos que receberam o dom especial para esse tipo de vida; ele também mostrou que uma das distorções do cristianismo consistiria na «proibição do casamento» (I Tim. 4:1-5). (AM B C LEA OS R)

## CELSO

Um oponente do cristianismo, que escreveu uma obra polêmica contra os cristãos. Seu tratado anticristão, *Verdadeiro Discurso*, de cerca de 177 D.C., foi devidamente respondido por Orígenes (que vide), em sua volumosa obra intitulada *Contra-Celso*. Orígenes é o único escritor cristão que nos faz saber alguma coisa sobre Celso, mas nem mesmo ali ficamos sabendo qualquer coisa sobre a história pessoal desse homem. Porém, sua obra provê copiosas citações da obra de Celso, permitindo-nos ver como os primeiros apologistas cristãos defendiam os pontos de vista do cristianismo. O que se torna evidente é que Celso era um filósofo platônico de tendências dualistas. Ele acreditava na existência de uma hierarquia de poderes espirituais, separando o homem de Deus. Outros filósofos platônicos do período de Celso foram Ático e Nicostrato (que vide). Interessante é observar que Celso conseguiu reunir todos os argumentos que a incredulidade pagã era capaz de desfilar contra o pensamento cristão, pelo que também a resposta de Orígenes é de extraordinário valor no estudo da apologética cristã. (E P)

## CEM, TORRE DOS

Essa era uma das torres da muralha norte da cidade de Jerusalém. Após o exílio babilônico, Eliasibe, o sumo sacerdote, com seus companheiros, restaurou essa torre (Nee. 3:1). Ela é mencionada no relato sobre o grande cortejo que celebrou a dedicação da nova muralha de Jerusalém (Nee. 12:39). Juntamente com a torre de Hananel, ela tinha a função de facilitar a proteção da área do templo. Ver o artigo sobre as Torres. Ver também sobre *Forte, Fortificação* e *Cidade Murada*.

## CEMITÉRIO

Ver o artigo sobre **Sepultamento, Costumes de.** A palavra «cemitério» nada tem a ver com *semi*, ou parcial, como se desse a entender que somente uma parte do homem fosse sepultado, enquanto a outra se foi para as dimensões espirituais. Embora isso seja um fato (ver sobre a *Alma* e a *Imortalidade*), esse vocábulo nada tem a ver com isso. Antes, vem da raiz grega *kometrérion*, «dormitório». O verbo grego para «dormir» é *koma*. E é daí que se deriva a palavra «cemitério». Os cuidados dos cristãos pelos mortos, e a sua fé na ressurreição, emprestaram grande valor aos cemitérios, desde o começo. Ver também o artigo sobre as *Catacumbas*. Os sepultamentos normalmente tinham lugar em um terreno reservado, adjacente ao templo cristão. Em tempos posteriores, os incrédulos, os suicidas e os excluídos, não podiam ser sepultados nesses cemitérios. Os modernos cemitérios das cidades substituíram os antigos cemitérios das igrejas; mas até hoje o povo sepulta seus mortos com o acompanhamento de ritos religiosos, pondo símbolos religiosos sobre os sepulcros. (E)

**CENÁCULO** Ver **Sala Superior.**

## CENCRÉIA

A palavra grega aparece somente em Atos 18:18 e Rom. 16:1. Era o porto oriental da cidade de Corinto. Até hoje o nome é Kenchreae, embora seu nome popular seja Kikries. Fica localizado cerca de treze quilômetros de Corinto. Em Atos 18:18 lemos que Paulo tomou um navio nesse porto. Em Rom. 16:1 ele menciona uma igreja que fora estabelecida ali. Havia uma aldeia naquele porto, o qual era essencialmente usado para transporte de mercadorias para Corinto e de Corinto, através do istmo de Corinto. A fim de evitar a rota geralmente perigosa em torno do cabo Melea, o extremo sul do Peloponeso, os navios eram arrastados por terra, de Cencréia a Lequeum, através do istmo. Se houvesse muita carga, esta era tirada do navio e transportada por meios terrestres. O nome Cencréia deriva-se do nome do filho do deus Poseidon e da deusa Pirene, e a área envolvida fora consagrada a essa divindade. O tirano de Corinto (cerca de 625-584 A.C.) planejara a construção de um canal para atravessar o istmo, e o imperador romano, Nero, deu início ao projeto. Porém, esse canal só se tornou uma realidade no ano de 1893. Foi em Cencréia que Paulo cortou os cabelos, como condição de um voto religioso judaico, e foi dali que velejou para a Síria, em companhia de Priscila e Áquila. Febe (vide) era diaconisa da igreja cristã de Cencréia (Rom. 16:1).

## CENDEBEU

Foi um general do rei helenista Antíoco VIII. Foi encarregado das terras costeiras da Síria-Palestina, em cerca de 138 A.C. Ele fortificou Cedrom, uma cidade existente na planície costeira, entre Jope e Asquelom, modernamente, Qâtra. Dali ele assaltou a região montanhosa, até que Simão enviou seus filhos João Hircano e Judas contra ele, com vinte mil homens. Os judeus obtiveram a vitória, mas Judas ficou ferido na batalha. E o inimigo foi expulso daquela região. Ver I Macabeus 15:37 *ss* e 16:8,9, quanto a narrativa a respeito.

## CENOBITA

Vem de um termo grego que significa **comum**. O termo era usado para designar monges que viviam em situação comunitária, distinguindo-os dos heremitas (que vide), ou dos ancoritas (que vide), que viviam solitários. O tipo de monasticismo cenobita foi instituído no Oriente por Basílio (que vide). Foi introduzido no Ocidente por Atanásio (que vide), em 340 D.C. O fundador do monasticismo ocidental foi Benedito (que vide). (E)

## CENSOR, CENSURA

Ver o artigo, *Julgamento (Censura) de Um por Outro*.

**1. Idéias Gerais.** Quando alguma demanda do **id** entra em choque com o **superego**, então o ego e o superego livram-se da mesma reprimindo-a para a porção inconsciente da psique. Esse ato repressivo, dentro da psicologia freudiana, é chamado de *censor*. Ver o artigo sobre *Freud*.

Mas a palavra «censura» também é usada para indicar um examinador oficial de manuscritos, livros, filmes, atos teatrais, etc., dotado do poder de proibir a publicação ou encenação dos mesmos. Idêntica função é efetuada pelas denominações cristãs que oprimem e criticam àqueles que não concordam com suas idéias, na tentativa de impedir a propagação das mesmas. A Igreja Católica Romana tem nos censores uma de sua funções oficiais.

**2. Censura Religiosa.** Na Igreja Católica Romana, trata-se da supervisão da publicação de livros. A fim de preservar a unidade do pensamento católico romano, àquela Igreja reserva-se o direito de proibir a publicação de qualquer livro, ou de censurar seu conteúdo, se não concordar com os ensinamentos da mesma. Qualquer pessoa tem o direito de publicar o que quiser, mas não como um católico romano. Se desejar publicar sua obra como tal, então terá de submeter-se à censura da Igreja de Roma. Desde 1571, a Igreja Católica Romana conta com um corpo de censores que realizam esse trabalho, chamado *Congregação do Índice*. O grupo foi estabelecido pelo papa Gregório XIII (que vide).

Vem do latim, *censura*, termo derivado da lei romana, que dá a entender uma pena eclesiástica que priva alguém de algum direito, como a participação nos sacramentos. A censura é imposta a pessoas batizadas que cometeram algum ato reputado erro sério pela Igreja Católica Romana. A censura é aplicada se a pessoa envolvida não se retratar.

**3. Censura.** No campo da **ética**, trata-se do vício de ser habitualmente crítico, o que é atitude proibida pela Bíblia. Ver Rom. 2:1 *ss*. Essa referência mostra-nos que, usualmente, aquele que julga é culpado dos mesmos pecados que ele censura. Mateus 7:1 também proíbe a prática, onde é afirmado que aquele que julga a outros, será julgado com a mesma medida com que julga. Apesar disso, algumas pessoas transmutam esse vício em virtude, tachando-o de defesa da fé ou de instrução moral a inferiores. A atitude censuradora caracteriza-se pela arrogância, e esconde-se atrás de uma falsa superioridade moral. O verdadeiro amor nunca se entrega a essa baixeza. A crítica genuína, construtiva, caracteriza-se pelo amor, com o intuito de ajudar, e não de ofender. Usualmente, a atitude censuradora está escoimada sobre o motivo da auto-exaltação o que se consegue rebaixando a outra pessoa, que é considerada um rival.

**4. Censura Civil.** O termo «censura» vem do vocábulo latino que significa **valor** ou **imposto**. Refere-se a alguma restrição agressiva ou supressão de declarações, opiniões, idéias ou atos. No contexto civil, os governos censuram publicações ou pessoas, a fim de defender a ordem estabelecida. Às vezes, — a segurança nacional — está em jogo, mas, com freqüência, tudo quanto está envolvido é que tiranos ou ditadores querem preservar o seu poder, enfraquecendo ou eliminando qualquer oposição. Na questão das publicações, a censura pode ser aplicada *post facto*, isto é, após uma publicação haver sido lançada, ou então, antes do lançamento, mediante uma ordem judiciária que proíba a circulação ou a publicação do material proibido. A censura civil envolve-nos na questão dos direitos individuais, e, portanto, nas questões éticas.

Os governos modernos, sobretudo no Ocidente, têm tido de enfrentar a crescente onda de material pornográfico, que envenena as mentes das pessoas, principalmente dos jovens. De modo geral, as leis têm-se mostrado laxas quanto a essas questões, a fim de preservar os direitos individuais, os quais sempre sofrem quando os governos começam a censurar livros e revistas. Em alguns lugares, livros de texto têm sido censurados por causa de idéias contrárias à moral ou ao patriotismo. Na censura, o alvo colimado muitas vezes é o de evitar um maior mal (a injúria aos direitos pessoais, mediante regulamentações governamentais), mediante a permissão a algum mal menor, isto é, a publicação de material pornográfico, ou livros que contenham elementos antipatrióticos.

**5. A Bíblia, a Religião e a Censura.** Dentro da antiga teocracia veterotestamentária, censura e ações drásticas a ela vinculadas, faziam parte da legislação mosaica. Para exemplificar, qualquer indivíduo que pregasse a idolatria deveria ser executado com a pena capital (Deu. 13:18). E outros atos ou declarações malignas eram tratados com o mesmo rigor. Houve reis que censuraram a profetas, embora laborando em erro de julgamento, conforme se vê em I Reis 22:8. Em Éfeso, os cristãos queimaram muitos livros de mágica (Atos 19:19). O patriarca Teófilo, em cerca de 390 D.C., queimou uma parte da biblioteca de Alexandria (que vide), a fim de eliminar os livros pagãos; e desse modo, destruiu a muitos tesouros da literatura antiga, em seu zelo mal orientado. Em Genebra, Calvino mesclou a Igreja e o estado, passando a controlar cada minúsculo detalhe das vidas dos cidadãos. Isso o levou ao erro de executar a várias pessoas, por motivos religiosos, censurando as idéias e os escritos de outras. A censura, no campo religioso, sempre usa a máscara da piedade, mas, usualmente, é apenas uma forma de ódio.

**6. Conclusão.** A leitura deste artigo alertará o leitor para o fato de que o problema envolvido no espírito censurador tem aspectos religiosos e civis, extremamente complexos e que não admitem qualquer solução simples. Cada situação precisa ser examinada por seus próprios méritos. Apesar de que a total licença pode tornar-se um pretexto para que se façam e escrevam coisas perversas, quando o governo ou a Igreja legisla a respeito, é afetada a liberdade de todos. Consideremos o seguinte exemplo: Durante algum tempo os adeptos de certas religiões orientais entravam nos ônibus que partiam de São Paulo e ofereciam a sua audiência, os seus livros e revistas, ou então solicitavam donativos. Muitos passageiros sentiam-se indignados diante disso, naturalmente, e a prática era lamentada. Não sei dizer se as companhias de ônibus censuraram ou não tal prática. Mas, seja como for, de certa feita, um missionário evangélico estava em um desses ônibus, quando a prática recomeçou. Imediatamente ele se pôs de pé e disse aos passageiros que ele estava certo de que eles não queriam aqueles livros; e passou a recolher os livros e a entregá-los ao homem que os havia distribuído. À primeira vista, isso pode ser um ato corajoso e recomendável. Porém, imaginemos que aquele missionário, no dia seguinte, fosse distribuir literatura evangélica de porta em porta ou postado em uma esquina. E imaginemos que o padre, pároco daquela área, saísse atrás dele a recolher o material, garantindo ao povo que eles não querem aquela literatura. Certamente, na maioria dos casos, o padre estaria certo na suposição. Pensaríamos que o padre agiu bem? É óbvio que não. Portanto, chegamos à seguinte conclusão: A fim de proteger a *nossa* liberdade, devemos proteger a liberdade *alheia*, mesmo que pensemos que eles estejam abusando dessa liberdade. Nos países comunistas, a pornografia é severamente censurada, e os líderes daqueles governos apontam para o fato como evidência da superioridade moral de seu sistema. Porém, quando olhamos a questão mais de perto, descobrimos que muitos direitos humanos são censurados juntamente com a pornografia. Talvez seja melhor relaxar um pouco certas leis, ao mesmo tempo em que protegemos as liberdades fundamentais do homem. Nos países comunistas, por exemplo, o controle da imprensa pelo governo é básico para o sistema. Tal erro dificilmente pode ser compensado pela pornografia que não existe nos jornaleiros. (E H I NTI)

••• ••• •••

## CENTO E QUARENTA E QUATRO MIL

Apo. 7:4: *E ouvi o número dos que foram assinalados com o selo, cento e quarenta e quatro mil de todas as tribos dos filhos de Israel.*

Chegamos agora à dificílima questão da identificação dos cento e quarenta e quatro mil. Há três posições extremadas, que mencionaremos em primeiro lugar, que são as de menor probabilidade de estarem com a razão:

1. A mais ridícula de todas as interpretações, que tem surgido em várias eras da história eclesiástica, é aquela que faz alguma «seita», «grupo» ou «denominação» de cristãos ser aquela companhia. Dessa forma os homens se têm glorificado estupidamente a si mesmos.

2. É também extremada a posição daqueles que pensam que os cento e quarenta e quatro mil representam *exclusivamente* a nação de Israel. Isso ignora totalmente a base histórica deste livro, pois, sem dúvida alguma, o vidente João visualizava os «mártires em potencial» como membros da igreja cristã, como o «Israel espiritual».

3. Por igual modo, é extremada a posição dos que pensam estar aqui em pauta somente a igreja, o Israel espiritual. Há muitas predições bíblicas que indicam a futura restauração de Israel, como nação, em que ela se converterá totalmente a Cristo (ver Rom. 11:26). Os místicos contemporâneos predizem a conversão da nação de Israel nos fins do nosso século XX, quando o sinal da cruz aparecer no firmamento (que seria o sinal do *Filho do homem*), o que dará início à intervenção divina que livrará Israel de adversários esmagadoramente superiores em número, que o ameaçarão de total extinção. É razoável supormos que após esse acontecimento, Israel se torne testemunha da verdade cristã, subseqüente à Terceira Guerra Mundial, mas antes da batalha do Armagedom, a qual fará parte ainda de uma outra guerra (subseqüente àquela que levará Israel à conversão). Supõe-se que primeiramente haverá a Terceira Guerra Mundial e depois, Armagedom (4ª Guerra Mundial), na primeira quarta parte do século XXI. Então se seguirá o milênio. Em algum ponto desses acontecimentos uma boa parte da nação de Israel será selada e virá a pertencer ao número dos cento e quarenta e quatro mil, sendo eles testemunhas de Cristo acerca daquele período de agonia.

4. Conjecturamos, pois, que o número «144.000» é simbólico, e não literal, envolvendo alguns elementos da igreja gentílica e outros da convertida nação de Israel, que serão instrumentos especiais da graça de Deus durante o período da Grande Tribulação, como testemunhas, embora não venham a ser necessariamente preservados do martírio, conforme parece indicar o trecho de Apo. 13:15, e onde se tem a impressão de que nenhum deles escapará ao martírio.

5. O nono versículo deste capítulo pode aludir a um grupo de mártires à parte dos cento e quarenta e quatro mil. Ou então poderia estar ali em foco o mesmo grupo de pessoas, embora sob uma descrição diferente. Todavia, o fato de que se trata de uma multidão *incontável*, mostra que estão em pauta mais do que os cento e quarenta e quatro mil, embora certamente estejam inclusos naquele número. Os mártires serão mais do que o número específico de cento e quarenta e quatro mil, sendo que esse número determinado tem algum propósito especial divino para a época da Grande Tribulação. Ou então os cento e quarenta e quatro mil são um número que «simboliza» a companhia inteira dos mártires. (Ver o ponto «oitavo», mais abaixo).

6. Rejeitamos aquela interpretação que faz dos cento e quarenta e quatro mil algum «grupo seleto» de crentes, extraídos dentre todas as eras da história da igreja. Pois pertencem aos últimos dias tão-somente.

7. Historicamente falando, o vidente João deve ter tido em mente a igreja. Isso poderia ser entendido de dois modos diversos: 1. Seriam judeus cristãos, que haveriam de sofrer martírio durante o tempo dos imperadores romanos. 2. Ou seria o «Israel espiritual», sem qualquer tentativa de dividir a igreja em judeus e gentios. A última dessas posições é a mais provável e correta. Portanto, supomos que se o vidente João fosse interrogado acerca do que ele quis dizer, responderia tratar-se do «Israel espiritual». Todavia, devemos encarar o texto também de acordo com seu aspecto profético. Desse modo, devemos incluir a nação literal de Israel, em conjunção com a igreja cristã, como testemunha em favor de Cristo, naqueles horrendos tempos do fim que logo nos alcançarão.

8. O vidente João pode ter tido em mente o *número de mártires* que será preenchido antes do segundo advento de Cristo. (Ver Apo. 6:11 sobre esse conceito). Os cento e quarenta e quatro mil, pois, representariam um número místico, dotado de algum sentido simbólico, ao referir-se sobre a companhia dos mártires do fim, embora, em seu número real, em muito excedessem aos cento e quarenta quatro mil. Parece que tal cifra indica a multiplicação dos «doze» por «doze», e então por «mil», dando a idéia de «número completo». Acerca do número «doze», Lange, em sua introdução na página 15, declara: «Doze (3 X 4), número do mundo espiritual; portanto, número do 'alicerce', da 'medição' e da consumação do reino de Deus. Número da plenitude das manifestações carismáticas, bem como número da restauração terminada. Número real e celestial de algo terminado». Esse raciocínio se adapta bem ao conceito do número «necessário» de mártires, conforme se vê em Apo. 6:11.

**Há ainda outros pontos de vista** sobre o simbolismo desse número, a saber:

1. De acordo com alguns, esse número se derivaria do conceito de «setenta», que simbolizaria a totalidade de Israel (ver Gên. 46:27); ou se derivaria da igreja, representada em seus líderes (ver o décimo capítulo do evangelho de Lucas; e comparar com as setenta nações do décimo capítulo do livro de Gênesis). A «forma mais completa» poderia ser «setenta e dois», mas a forma mais completa desse simbolismo seria representada por 72 X 1000 X 2 = 144.000.

2. O total de «doze mil», proveniente de cada tribo, simbolizaria igual participação na graça e na proteção divinas por parte de cada tribo.

3. O doze resulta da multiplicação de três por quatro, ou seja, a idéia divina multiplicada pela idéia da extensão mundial (porquanto quatro é o número simbólico da terra, segundo se vê nas notas expositivas, no NTI, sobre o primeiro versículo deste capítulo). Doze multiplicado por doze, portanto, implicaria em fixidez e número completo. O número mil subentende um mundo perfeitamente permeado pelo ser divino, conforme se verá no «milênio» (ver o vigésimo capítulo deste livro). Pois mil também representa este mundo («dez», ver Apo. 13:1), já que é o número «dez» elevado à sua «terceira» potência (pela *força divina*).

4. Alguns estudiosos abandonam toda a idéia de um simbolismo particular, e aludem aos cento e quarenta e quatro mil apenas como um «grande número representativo»; e o nono versículo deste capítulo talvez represente exatamente isso.

5. O número «doze» representaria testemunho e autoridade: doze patriarcas, doze apóstolos. Portanto, a multiplicação de doze por doze representaria o testemunho especial daqueles futuros e privilegiados mártires.

6. Há também os intérpretes que supõem que o número «doze» representa a igreja inteira, pelos meios dos seus principais representantes, os apóstolos.

Esses cento e quarenta e quatro mil serão as — mesmas pessoas — que figuram no décimo quarto capítulo do Apocalipse? Cremos que sim, por motivo ali expostos (ver, no *NTI*, notas sobre Apo. 14:1), embora não possamos afirmá-lo de maneira dogmática.

## CENTURIÃO

**Palavra que vem de um termo latino que significa «cem». Um centurião era capitão de cem homens,** portanto. Era uma espécie de oficial não comissionado. Um oficial comissionado é alguém que ocupa uma patente oficial no exército, o que, nos exércitos modernos, começa com o segundo tenente. Um centurião, embora destituído de patente oficial, tinha responsabilidades similares às dos subtenentes. Nos tempos romanos, um centurião não tinha o prestígio social dos oficiais regulares do exército, e poucos deles conseguiam promoção superior à de centurião-mor. Uma legião romana tinha sessenta centúrias, e cada uma delas tinha seu respectivo capitão ou centurião.

O emblema de sua autoridade era uma bengala de vinha. Contudo, a autoridade não era única, pois havia três classes de centuriões: 1. Havia os triarii; 2. os príncipes; e 3. os hastali. O exército romano estava dividido em legiões auxiliares, coortes e alas. Estas duas últimas divisões compunham-se de súditos das províncias, embora os judeus tivessem sido isentados desse serviço (Josefo, *Anti.* xiv.10,6). As coortes (no grego, *speira*) algumas vezes eram conhecidas por epítetos distintivos, como a coorte italiana de Atos 10:1 e a coorte imperial de Atos 27:1. Essas coortes estavam divididas em dez centúrias, ou grupos de cem homens; e, sobre cada centúria havia um capitão ou centurião.

**Centuriões Referidos no Novo Testamento.** Seis centuriões diferentes são aludidos nos livros do novo pacto, a saber: 1. Cornélio, o primeiro gentio convertido ao cristianismo (Atos 10:1,22). Ver o artigo separado sobre *Cornélio*. 2. O centurião de Cafarnaum, que pediu que Jesus curasse o seu criado (Mat. 8:5 *ss*). 3. O centurião encarregado da crucificação de Jesus (Mat. 27:54). 4. Um centurião que supervisionou o exame de Paulo sob açoites (Atos 22:25). 5. A referência a centuriões (no plural), em Atos 21:32, o que sugere que Cláudio Lísias convocou um grande número de homens para sair em socorro de Paulo, o qual, subseqüentemente, foi escoltado a Jerusalém por dois centuriões, com os seus respectivos soldados (Atos 23:23). Quando não havia guerras, os deveres de policiamento e da guarda rotineira eram entregues a esses homens. 6. Um centurião acompanhou o grupo que, de navio, levou Paulo até à cidade de Roma (Atos 27:1,6,11, etc.). (BIR ID UN)

## CERA

No hebraico, **donag.** Esse termo figura por quatro vezes: Sal. 22:14; 68:2; 97:5 e Miq. 1:4.

Esse vocábulo aparece na Bíblia somente de forma poética, usado como símile para a idéia de derreter-se, de perder o ânimo. Se pensarmos

literalmente na cera de abelhas, temos a informar que os antigos usavam esse material para selar documentos e para forrar a superfície de tabuinhas de escrita, pois era então sobre essa fina camada de cera que se escrevia com um estilete. Tal uso se assemelhava muito ao uso moderno do quadro negro e do giz, onde a pessoa pode apagar tudo para escrever outra coisa qualquer.

Naquelas quatro passagens, a idéia é que o salmista, os iníquos ou a natureza dissolvem-se e dissipam-se na presença majestosa de Deus, como se a glória do Senhor fosse tão avassaladora que a própria criação fosse incapaz de manter a sua forma e unidade, mas antes, tivesse de decompor-se e desmanchar-se na organização de seus átomos.

**CERÂMICA** Ver **Oleiro (Olaria; Cerâmica)**

**CERCA**

A palavra hebraica **gader** é usada por doze vezes: Sal. 62:3; 80:12; Ecl. 10:8; Eze. 13:5; 22:30; Núm. 22:24; Esd. 9:9; Isa. 5:5; Eze. 42:7; Osé. 2:6; Miq. 7:11.

Na antiguidade, as cercas podiam ser feitas de vários materiais, como ramos ou pedras. As cercas eram usadas para delimitar propriedades, separar áreas para animais dentro das quais eram guardados, etc. Nas cercas feitas de pedra, quando o trabalho era malfeito, as serpentes podiam esconder-se entre os interstícios das pedras (Ecl. 10:8; Amós 5:19).

*Usos Figurados.* No trecho de Sal. 62:3, os ímpios são comparados a indivíduos que pretendem derrubar o justo como se este fosse uma parede pendida ou um muro prestes a cair. Isso significa que os ímpios inclinam-se por destruir ao próximo. Os líderes de Nínive foram comparados a nuvens de gafanhotos que tivessem pousado sobre uma cerca (Naum 3:17). O trecho de Efé. 2:14 fala sobre a derrubada da parede de separação que não permitia a união, em torno de uma fé comum, entre os judeus e os gentios. Ver sobre Muro.

*Símbolos nos Sonhos e Visões.* Uma cerca, em um sonho ou visão, indica as coisas e instituições estabelecidas pelo homem, que contrariam e impedem. Também indica as próprias *inibições* e o *autocontrole*. Isso é especialmente verdadeiro quando, por detrás da cerca, há algum animal feroz preso, o que pode simbolizar os apetites carnais. Ou então, uma cerca pode representar os obstáculos ao progresso espiritual ou ao trabalho espiritual da pessoa. A derrubada de uma cerca significa a remoção de obstáculos.

**CERCO** Ver **Guerra.**

**CÉREBRO** Ver **Órgãos Vitais**, ponto 1.

**CERÍNTIOS**

Seguidores de Cerinto (que vide). Quanto às doutrinas deles, ver aquele artigo. O gnosticismo foi uma das antigas heresias que a Igreja cristã precisou combater por cerca de cento e cinqüenta anos. Vários livros do Novo Testamento, que alguns estudiosos calculam em número de oito, foram escritos, pelo menos em parte, a fim de refutar essa distorcida doutrina, a saber: João (reflexos), Colossenses, II Pedro, I, II e III João, Judas e Apocalipse (reflexos).

**CERINTO**

Foi o primeiro mestre gnóstico, judeu de raça, acerca de quem dispomos de informações definidas. Ele atuou por volta do ano 100 D.C., na região de Éfeso. De acordo com as tradições, ele tornou-se adversário do apóstolo João. É bem possível que a heresia denunciada em I João seja exatamente o gnosticismo (que vide) ensinado por Cerinto. De seus escritos, coisa alguma chegou até nós, pelo que, tudo quanto acerca deles sabemos, chegou a nós mediante os escritos dos primeiros pais da Igreja, além do conhecimento geral acerca do sistema gnóstico. No entanto, as declarações atinentes a Cerinto algumas vezes são vagas ou mesmo conflitantes. Seja como for, a leitura do artigo intitulado *Gnosticismo* dará ao leitor uma boa idéia sobre os ensinos gerais desse sistema pagão. Irineu informa-nos, em sua obra *Contra Heresias*, que Cerinto operava na porção oeste da Ásia Menor; e Epifânio, falecido em 403 D.C., afirma que ele nasceu no Egito e educou-se em Alexandria. Ele ensinava um sincretismo composto de elementos gnósticos e ebionitas, com noções judaicas e cristãs. Assim, ele asseverava que a criação não fora obra do Deus Supremo, mas de um poder intermediário, inferior, o que explicaria o mundo imperfeito em que vivemos. Também ensinava a necessidade da circuncisão e da observância do sábado. Por igual modo, dizia que Jesus não nasceu de uma virgem, porquanto seria apenas um homem comum, posto que extraordinário, que o Espírito de Cristo viera possuir por ocasião do batismo, o que explicaria a vida miraculosa de Jesus. Também ensinava a usual doutrina gnóstica de que a matéria é inerentemente má, e que o espírito somente é puro. Também dizia que, por ocasião da crucificação, o Espírito de Cristo abandonara a Jesus, o que significaria que nunca houve verdadeira identificação da natureza divina com a natureza humana. No entanto, Cerinto afirmava que Jesus havia ressuscitado dos mortos. Os seguidores de Cerinto tornaram-se conhecidos como cerintios. As idéias de Cerinto não eram originais. Ele apenas foi um dos expoentes bem conhecidos de idéias filosóficas pagãs que rivalizaram com o cristianismo em seus primeiros passos. Com todos os erros, o gnosticismo tem reaparecido em todas as eras da história da Igreja, com vários nomes. Uma de suas mais patentes manifestações modernas é o russelismo. Ver sobre as *Testemunhas de Jeová*.

**CERTEZA E DÚVIDA**

Esses fatores desempenham um importante papel na metodologia de Descartes. Ele supunha que um elemento necessário ao conhecimento é o da certeza, que uma pessoa alcança pondo em dúvida todas as proposições que admitem dúvida. Uma pessoa pode ter certeza, e, no entanto, ainda não saber, ou seja, estar equivocada. Não obstante, o verdadeiro conhecimento vem através do método de «duvidar de tudo para chegar à certeza». Duvidar de uma proposição dá ao indivíduo a oportunidade de aplicar à mesma todos os critérios de teste possíveis. Somente quando uma proposição qualquer resiste a esses testes, pode ser recebida como veraz. A primeira proposição que Descartes descobriu que não pode ser posta em dúvida é a da existência de Deus. Ele aceitava como válido o argumento ontológico (que vide) de Anselmo, além de aplicar idéias extraídas dos argumentos cosmológico e teleológico (que vide), como apoio. Com base nisso, ele assevera que o mundo exterior deve existir (contrariamente ao ceticismo), porquanto Deus não haveria de querer enganar-nos, fazendo-nos supor que o mesmo existe, quando, na realidade, não existe—em cujo caso, o conceito inteiro estaria baseado em uma ilusão

estribada na percepção dos sentidos. Portanto, a alma existe, pois essa é uma realidade pessoal, baseada na realidade divina. Quanto a isso, Descartes desenvolveu um dualismo radical, dentro do problema corpo-mente (que vide), chamado *interacionismo*. Para chegar à alma, ele proferiu o seu famoso «Cogito, ergo sum»: *Penso, portanto existo*. Se há um processo de pensamento, deve haver um ser pensante. Isso envolve uma certa lógica, embora não sejamos capazes de postular o conhecimento.

Através do método da verdade através da dúvida, ficam estabelecidos três princípios fundamentais do conhecimento: Deus, a alma, e a existência do mundo externo. Através da teoria da coerência da verdade (ver sobre *Teorias da Verdade*), pois, conseguimos estabelecer muitas outras crenças, como alicerçadas sobre a realidade dos fatos. (AM E F P)

## CERTEZA SEGUNDO A CRENÇA RELIGIOSA

Uma interessante afirmação pode estabelecer a disposição com que falamos sobre a certeza e as crenças religiosas. No tocante à teoria criacionista versus a evolução, alguém disse: «Os evolucionistas têm crenças com evidências; os criacionistas têm certeza sem evidências». É que a fé religiosa depende muito da revelação para chegar à verdade. Ver o artigo sobre as *Teorias da Verdade*. Nossas quatro maneiras básicas de chegar ao conhecimento são as seguintes: 1. A percepção dos sentidos: *empirismo* (que vide), 2. a razão: racionalismo (que vide), 3. a *intuição* (que vide), e 4. o *misticismo* (que vide). Esta última maneira, o misticismo, consiste no conhecimento que obtemos sobre um Ser ou sobre seres superiores a nós mesmos, como Deus, Cristo, o Espírito Santo, a alma, poderes angelicais, santos, espíritos humanos desencarnados, etc. Essa lista varia, dependendo do grupo religioso que esteja em pauta. O que todos os grupos religiosos têm em comum é a idéia que o conhecimento pode ser recebido como um dom divino, ou do Espírito Santo, etc. Usualmente concebe-se o conhecimento como transmitido por meio de um intermediário, como um profeta, um homem santo, um «médium», etc. Seja como for, o misticismo consiste apenas na idéia de que o conhecimento pode proceder de algum poder superior a nós mesmos, interno (segundo o misticismo oriental), ou externo a nós (segundo o misticismo ocidental).

Naturalmente, há excelentes evidências em favor da validade de *algumas* experiências místicas. A dificuldade surge quando se pensa que o conhecimento que nos é dado através desse meio, em contraste com outros métodos, automaticamente deve ser perfeito. Ora, meus amigos, preciso dizer, sem importar se vocês apreciam ou não a declaração: isso é um *dogma*. Em porção alguma as Escrituras Sagradas afirmam que esse método impossibilita o erro.

Notemos bem. Há muitos sistemas religiosos, no Ocidente e no Oriente, que afirmam que o misticismo (que inclui a *revelação*, que vide) é a base de sua fé. E quase todos esses sistemas afirmam que não há erro em seu sistema. Basta-nos ler, como exemplo disso, o artigo sobre o *Alcorão*. Ver o meu artigo sobre a *Inspiração das Escrituras*. Mas, retornando agora à citação sobre a evolução e o criacionismo, o ponto é que as pessoas que confiam na revelação embalam a idéia de que, visto ser essa uma maneira válida de obter conhecimento, como um *dom de Deus*, tal dom não pode apresentar qualquer falha. Em outras palavras, nem precisaríamos pensar e submeter a teste. Tudo quanto nos compete fazer é crer. E no entanto, até mesmo os crentes evangélicos, que têm essa crença básica, conseguem arquitetar diferentes sistemas. É possível que isso se deva ao fato de que os sistemas diferem quanto à sua abrangência (quanto mais fatores forem envolvidos em um sistema qualquer, mais este se aproximará da verdade; e, vice-versa, quanto menos fatores estiverem envolvidos, mais distante estará aquele sistema da verdade revelada). Seja como for, para contrabalançar esse fato, cada denominação tem a arrogância de dizer: «Mas o nosso grupo está com a razão, ao passo que os demais estão em erro crasso, ou expõem uma posição inferior». Isso, porém, meus amigos, é manipular a verdade. Não precisamos de perfeição para termos uma poderosa mensagem espiritual.

Aqueles que dependem somente do misticismo e exibem preconceitos antiintelectuais, desprezam a razão, bem como desprezam as descobertas da ciência. No entanto, a razão e a ciência são meios válidos de se chegar ao conhecimento, embora não sejam meios perfeitos. Ver o artigo sobre o *Antiintelectualismo*. Ver também o artigo sobre *Gnosiologia*, quanto a uma discussão geral sobre os meios do conhecimento. Deus é maior que qualquer sistema de conhecimento, mas opera através deles todos. A ciência tem conseguido alguns importantes esclarecimentos sobre a verdade. A idade ou antiguidade da terra é uma dessas questões. A idéia de que a criação teve lugar há cerca de seis mil anos (calculados com base nas genealogias do livro de Gênesis), conforme a ciência tem mostrado, é absurda. Pensemos na Via Láctea (a galáxia à qual pertence o nosso sistema solar e a nossa própria terra), que é tão vasta que a luz precisa de cem mil anos para atravessá-la. No entanto, nós, que vivemos no sistema solar, e que se encontra em um de seus extremos, podemos ver a luz que saiu da outra extremidade da galáxia, há cem mil anos atrás. Acrescente-se a isso que nossos instrumentos estão captando luz que partiu há dezesseis bilhões de anos. Portanto, a criação tem, pelo menos, essa antiguidade; e penso que estamos apenas começando a aprender quão antiga ela é. A verdadeira representação numérica da antiguidade da criação deixaria a mente atônita, tenho a certeza. Dessa maneira, a ciência nos tem ajudado a compreender um pouco melhor a grandeza de Deus. Mui provavelmente, nossa presente criação é apenas uma dentre várias outras, em uma série interminável, que surgiram e desapareceram. Se isso é verdade, então a criação de que ouvimos no relato sagrado, é apenas um capítulo recente da história sagrada, que deve ser uma enciclopédia, e não um mero verbete. Usualmente, os limites estabelecidos pelos homens são as limitações de sua própria mente, não refletindo as dimensões da mente divina.

**As pessoas religiosas** com freqüência supõem que o conhecimento está além do escopo da pesquisa empírica e racional. Em seguida, professam ter uma *gnosis* que depende diretamente de Deus. Ato contínuo, elas injetam a idéia de perfeição nessa gnosis. Agostinho, porém, declarou: *Credo ut intelligam*, «Creio, para que possa compreender». Essa é uma boa declaração. O ceticismo somente nos deixa nas trevas. Cumpre-nos abordar a fé religiosa dotados do espírito da fé, e sempre será melhor crer em demasia do que crer pouco demais. Não obstante, esse conceito de VERDADE SEM QUALQUER *erro* é de invenção humana, e não faz parte da revelação divina. Segundo esse conceito, é como se tivéssemos café instantâneo, em forma granulada.

Basta derramar água quente sobre o mesmo, e pronto! Aí está o café! Gostoso e perfeito! Além disso, existem aqueles crentes da mamadeira, que bebem suas fórmulas, mingaus cuidadosamente preparados pela mamãe, e que nada precisam fazer além de sugar. Jamais sentem necessidade de pesquisar pessoalmente a verdade, procurando entendê-la por si mesmos. Algumas vezes, uma pessoa pode topar acidentalmente com um tesouro, quase sem esforço. Mas freqüentemente, porém, a busca pela verdade assemelha-se mais àquele homem que procurava boas pérolas, tendo-se tornado um especialista em pérolas. Ele continuou procurando por muito tempo, antes de encontrar a pérola de grande preço. O apóstolo Paulo deixou claro que, neste lado da existência, a verdade nos é dada, por assim dizer, em doses homeopáticas: «Porque agora vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido» (I Cor. 13:12).

A obtenção da verdade, além disso, é cumulativa. Nenhum indivíduo, nenhum sistema, nenhuma época da história humana pode possuir uma fatia considerável da verdade, porquanto a verdade de Deus é infinita, e todos somos finitos. Apesar disso, o tanto que nos foi revelado é preciosíssimo, importantíssimo. As reivindicações de um conhecimento superior podem ser espúrias (ver I Tim. 6:20). A verdade é superior à sabedoria humana (ver I Cor. 1:17-25), e a interpretação da mesma, sempre estará sujeita a erros, por essa precisa razão. A verdade nos é conferida mediante a condescendente vontade de Deus, e sempre encontra uma maneira de deixar de lado os arrogantes (Mat. 11:25 e I Cor. 2:9-11). Outrossim, a verdade é por demais vasta para nós; quando a acertamos em um ponto, isso não significa que já a descobrimos por inteiro. As denominações cristãs têm um jeitinho de acertar diferentes aspectos da verdade; e então supõem que a sua minúscula descoberta pode solucionar todos os problemas, na terra e fora dela. Isso é pura arrogância. De fato, nenhuma época, e, muito menos, nenhum grupo particular, consegue acertar a verdade revelada de forma abrangente. Na verdade, nenhum sistema religioso consegue sondar mais do que alguns poucos pontos da verdade. A despeito dessa debilidade de nosso conhecimento, aquilo que nos é dado entender da verdade divina é extremamente importante, são fragmentos deveras preciosos.

## CERTEZA SEGUNDO A FILOSOFIA

De acordo com a filosofia, a certeza precisa ser encarada sob dois pontos de vista diferentes: 1. A certeza lógica é uma propriedade que pertence às conclusões válidas das inferências dedutivas. Em tais casos, a conclusão segue-se, necessariamente, das premissas. No entanto, ambas as premissas das quais extraímos uma conclusão, precisam ser válidas, isto é, correspondentes à realidade dos fatos, se tivermos de chegar a conclusões válidas. 2. No campo da psicologia, a certeza é um estado de crença na veracidade ou na falsidade de uma dada proposição. No entanto, esse estado de crença não assegura a veracidade das conclusões a que podemos chegar, mesmo que essas conclusões sejam obtidas mediante um raciocínio válido. (P)

## CERULÁRIO, MIGUEL

Suas datas foram 1043-1058, como patriarca de Constantinopla. Ele repudiou as reivindicações do papa Leão IX (que vide), que se declarava cabeça universal da cristandade. Cerulário apoiava sua contenção sobre a antiga posição de que cada patriarca era supremo dentro de seu próprio território. Os legados papais, enviados a Constantinopla, encontraram Cerulário inflexível em seu repúdio das reivindicações papais. Em conseqüência, ele foi excomungado, juntamente com todos os seus aderentes, a 16 de julho de 1054. Em revide, o papa de Roma e todos os seus aderentes foram excomungados pelo patriarcado de Constantinopla. Se esse duplo ato de exclusão vale alguma coisa diante de Deus, então tanto o sistema papal quanto os grupos derivados do patriarcado de Constantinopla foram excluídos do reino de Deus! O fato é que isso **inaugurou o *grande cisma* (vide) entre o Oriente e o Ocidente, o qual já vinha se arquitetando, durante** muito tempo antes dessa data. A divisão da Igreja, em Igreja Católica Romana e Igreja Ortodoxa Oriental persiste até os nossos próprios dias. Portanto, o catolicismo antigo excomungou-se a si mesmo. (AM E)

## CÉSAR

**Consideremos os pontos abaixo:**

1. *O Nome. Kaisar,* que se abrandou para César; quando do latim bárbaro, era um prenome pessoal masculino em latim. Tornou-se cognome da família Juliana, e acabou tornando-se uma espécie de título, como Faraó, aplicado a todos os imperadores romanos, desde Júlio César até Adriano. Em muitos idiomas modernos, o nome tem-se tornado um título para designar reis, além de servir de sinônimo de ditador ou déspota. Nas páginas do Novo Testamento, o termo é usado para indicar os imperadores romanos. Ver João 19:15 e Atos 17:7. Os judeus prestavam tributo ao imperador, porque ele era o símbolo do império romano. (Mat. 22:17; Luc. 23:2). Para ele, os judeus, na qualidade de cidadãos romanos, tinham o direito de apelar (Atos 25:11). Quando tal apelo era feito por alguém, esse alguém precisava ir a Roma para ter uma entrevista pessoal com o imperador (Atos 25:12,21). Ver a exposição desses versículos, no NTI, quanto a plenos detalhes sobre a questão.

2. *Os Césares do Novo Testamento.* a. Augusto (Luc. 2:1); b. Tibério (Luc. 3:1); c. Cláudio (Atos 11:28); d. Nero (Atos 25:8). Ver os artigos sobre cada um desses imperadores.

3. *Júlio César.* Esse homem foi um grande militar e estadista, autor e orador, um homem realmente incomum, que nasceu em 102 e faleceu em 44 A.C. Ele foi o último de uma série de comandantes que, durante um século inteiro de crises constitucionais e de agitações civis, haviam usado o poder do exército romano para impor soluções políticas. Dessa forma vinham sendo controladas as insurreições e a corrupção; mas foram exatamente essas indisciplinas que, finalmente, destruíram a república e forçaram o surgimento da ditadura. Júlio César foi assassinado em 44 A.C. Sua herança passou para Otávio, seu herdeiro adotivo, por seu sobrinho, o qual, mediante um processo legal, tornou-se Caio Otaviano César, mais tarde simplesmente chamado Augusto. Por essa altura, o termo César tornou-se o nome dinástico de todos os imperadores, até Adriano, inclusive (suas datas foram 117-138 D.C.). Palavras modernas como Tasar e Kaiser derivam-se de César. (AM UN WA)

## CESARÉIA

Desde o começo é mister salientar que havia duas

Cesaréias. A Cesaréia da costa do Mediterrâneo era designada Cesaréia Palestina, em contraste com a Cesaréia de Filipe. Outros autores simplesmente chamavam de Cesaréia à cidade costeira, visto que Cesaréia de Filipe já a distinguia daquela. De fato, historicamente, essa adição foi especialmente feita a fim de distingui-la daquela outra cidade. Ambas essas cidades receberam seu nome em honra a César Augusto, o imperador romano. Filipe, o tetrarca, durante o reinado daquele imperador, adornou a cidade de Cesaréia de Filipe, razão por que seu nome foi vinculado à mesma.

**No Novo Testamento há apenas duas referências a Cesaréia de Filipe: 1. Mateus 16:13, que descreve a** confissão de Pedro; e 2. Marcos 8:27, que é a passagem paralela no segundo evangelho. O local ficava situado na porção norte da Palestina, a oitenta quilômetros ao sul de Damasco. Ficava perto do sopé do monte Hermom. Assinalou o limite norte das viagens de Jesus pela Terra Santa.

Cesaréia, também chamada «Cesaréia Palestina», isto é, Cesaréia da Palestina, ocupou um lugar mais importante na história, tanto bíblica quanto secular, que a sua homônima, Cesaréia de Filipe. As informações abaixo restringem-se à Cesaréia Palestina.

**I. Referências Neotestamentárias a Cesaréia**

Todas as referências a essa cidade, no Novo Testamento, restringem-se ao livro de Atos:

1. Atos 8:40: Filipe, o evangelista, ficou ali por algum tempo, no fim de seu torneio de pregação. Evidentemente, ele fixou residência ali, afinal.

2. Atos 9:30: Pouco depois de sua conversão, Paulo foi levado para ali, a fim de evitar certos helenistas, que procuravam matá-lo.

3. Atos 10:1 *ss.* até v. 24 (onde ocorre outra referência específica a essa cidade): A cidade era o lugar onde habitava o centurião Cornélio, a quem Pedro ministrou. Essa ocorrência, em certo sentido, deu o ímpeto inicial à missão entre os gentios.

4. Atos 11:1: *Pedro*, tendo retornado a Jerusalém, relatou como os gentios, em Cesaréia, haviam aceitado a Palavra de Deus.

5. Atos 12:19: Tiago foi morto e Pedro foi lançado na prisão. Entretanto, por meios miraculosos, Pedro escapou. Herodes (Agripa I) foi à prisão em busca de Pedro. Não o encontrando ali, submeteu os guardas a um exame sobre a questão, e resolveu executá-los, de acordo com um antigo costume, segundo o qual eram justiçadas as sentinelas que deixassem um prisioneiro escapar. Agripa I foi dali para Cesaréia, e, pouco depois, faleceu ali.

6. Atos 18:22: *Paulo visitou Cesaréia*, tendo partido de Éfeso, a caminho de Antioquia. Dali, o apóstolo partiu para a Galácia e a Frígia. Essas viagens fizeram parte da segunda viagem missionária de Paulo.

7. Atos 21:8: Paulo, subindo para Jerusalém, parou em Cesaréia. Ali ficou hospedado na casa de Filipe, o evangelista. Esse homem tinha quatro filhas que profetizavam. Ágabo, um profeta, desceu da Judéia e encontrou-se com Paulo em Cesaréia. Avisou graficamente ao apóstolo, para que não subisse a Jerusalém, prevendo assim o seu encarceramento. Esses eventos aconteceram na terceira viagem missionária de Paulo.

8. Atos 21:16: *Discípulos de Cesaréia* acompanharam Paulo até Jerusalém.

9. Atos 23:23,33: Paulo foi aprisionado em Jerusalém. Imediatamente, alguns judeus planejaram tirar-lhe a vida. Mas o conluio foi descoberto, e, a fim de proteger Paulo, — os oficiais romanos removeram-no para Cesaréia, e ali ele foi guardado como prisioneiro, pelo espaço de dois anos.

10. Atos 25:1,4:6: Paulo apelou para César, a fim de ser julgado, o que garantiu sua remoção de Cesaréia para Roma. Festo, que estivera em Cesaréia, foi a Jerusalém, e, estando ali, ouviu as queixas de certos oficiais do judaísmo contra Paulo. Os judeus dali queriam que Festo enviasse Paulo a Jerusalém, porquanto haviam planejado matá-lo no caminho. Mas Festo fê-los irem a Cesaréia, como testemunhas de acusação, no julgamento. Festo permaneceu em Jerusalém durante dez dias, e então retornou a Cesaréia. Em seguida, houve o julgamento de Paulo.

11. Atos 25:13: Herodes Agripa II e Berenice vieram a Cesaréia saudar a Festo. Estando eles ali, Festo convidou-os para uma entrevista pessoal com Paulo, o qual, por essa altura, era um mui famoso prisioneiro.

Cesaréia foi uma importante cidade na história da Igreja primitiva. Foi ali que Pedro obteve um mais profundo discernimento sobre a natureza do evangelho e sobre o trato de Deus para com os gentios; e isso pavimentou o caminho para a missão geral de evangelização dos gentios. Cesaréia tornou-se um importante centro do cristianismo, dotado de uma forte igreja local, que evangelizou as regiões ao derredor. Cesaréia servia de centro de onde os missionários cristãos eram enviados e para onde retornavam, refrescando-se, e então partindo novamente. O próprio Paulo passou bastante tempo ali, incluindo mais de dois anos na cidade, como prisioneiro.

**II. Importantes Fatos Acerca de Cesaréia**

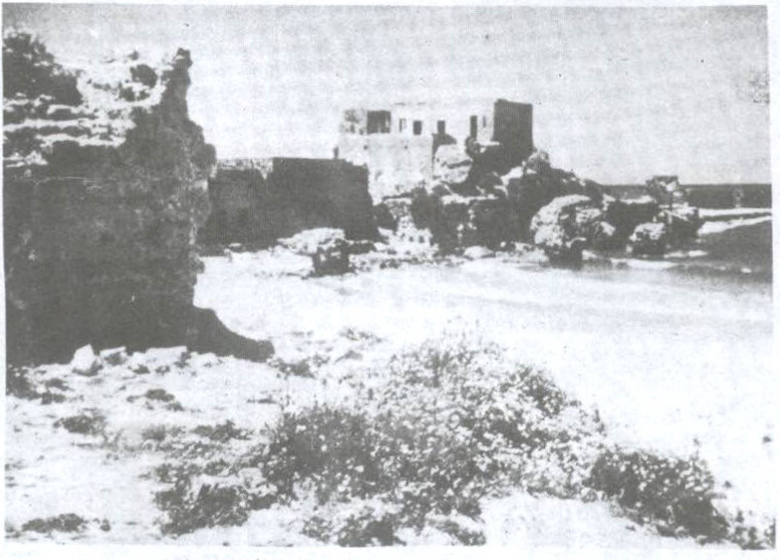
Havia uma fortificação fenícia em Cesaréia, em tempos muito antigos. Roma reedificou ali a cidade de Cesaréia, também chamada Sebaste, que significa «de Augusto», porquanto foi em sua honra que a cidade foi construída. Durante doze anos, grande soma em dinheiro foi gasta ali (25-13 A.C.), na construção e embelezamento da cidade. Por causa da importância que César dava a essa cidade, o historiador Tácito chamou-a de «a cabeça da Judéia». Ficava na estrada que ia de Tiro ao Egito, e acerca de cento e treze quilômetros ao norte de Jerusalém. Tinha um porto com cerca de trezentos metros de extensão, e um vasto quebra-mar. Esse mole existe até hoje. Um templo com gigantescas estátuas, consagrado tanto a César quanto a Roma, foi construído ali. Cesaréia era a residência oficial dos procuradores romanos, como Félix e Festo, referidos no livro de Atos. Os reis herodianos também tinham palácios ali. E a cidade era, igualmente, o local dos principais quartéis militares da província.

Cesaréia era um importante centro comercial e marítimo. A população era mista, mas os gentios formavam um contingente mais numeroso do que a população judalca. Uma insurreição hostil em Cesaréia, assinalou o estágio inicial da grande guerra dos judeus. Todos os residentes judeus foram massacrados por ocasião dessa rebelião, que teve lugar no ano de 66 D.C. Vespasiano foi declarado imperador romano em Cesaréia. Ele a transformou em colônia romana.

Já vimos a importância dessa cidade no tocante à primitiva Igreja cristã. Em tempos posteriores, ela continuou sendo um importante centro cristão. Era a terra natal de Eusébio, bem como foi a cena de muitos dos labores de Orígenes. Sua importância como centro do cristianismo também é ilustrada pelo fato de que um distintivo texto do Novo Testamento desenvolveu-se ali, chamado «texto cesareano».



Ruínas de um aqueduto de Cesaréia, Cortesia, John F. Walvoord



Ruínas de Cesaréia, Cortesia, Dr. John F. Walvoord

Golfo de Acabá





Aqueduto de Cesaréia — Cortesia, John F. Walvoord

Após o período romano, a cidade caiu em decadência. «A desgraça dos árabes caiu sobre a planície costeira, e os cruzados foram os únicos intrusos a darem atenção à restauração do porto. Suas grandes defesas são visíveis até hoje, de mistura e acima das memórias associadas à dominação romana». Antes de 640 D.C., os islamitas ocuparam o local. Cesaréia foi capturada pelos cruzados, liderados por Balduíno I, em 1101 D.C. Os cruzados reconstruíram e reergueram as muralhas de cerca de uma décima parte da antiga área. O sultão mameluco Baibars I, deixou a cidade desolada, em 1265. A moderna aldeia de Qisaya assinala atualmente o lugar onde Cesaréia antigamente floresceu. Essa aldeia está localizada cerca de trinta e cinco quilômetros ao sul da moderna cidade de Haifa.

**III. Descobertas Arqueológicas em Cesaréia**

1. *Um teatro romano* (em condições degeneradas) até hoje existe em Cesaréia. Josefo, o historiador e general judeu do século I D.C., aludiu ao mesmo em seus escritos, intitulando-o de «anfiteatro». Esse teatro era usado como local de reuniões de várias naturezas.

2. *Um quebra-mar* com sessenta metros de largura foi construído por causa das ondas que sopram da direção sul. Gigantescos blocos de pedra calcária, alguns deles com 15 metros de comprimento, 3 metros de largura e 2,70 metros de altura, foram usados como alicerces para um mole e um cais que ali foram construídos. Grande parte dessa construção tem sobrevivido até os nossos próprios dias.

3. Remanescentes de *outras edificações* romanas, como aquedutos, sistemas de drenagem, edifícios públicos, palácios e templos têm sido encontrados em Cesaréia. Desde 1958, a Frova, uma expedição arqueológica italiana tem descoberto as ruínas do teatro e cerca de dezesseis quilômetros de um aqueduto. Uma equipe israelense encontrou os restos de um grande templo, um pouco mais adiante daquele aqueduto, e várias fortificações dos cruzados. Foi descoberta na água uma moeda, retratando as instalações do porto de Cesaréia. Foi também encontrada uma inscrição em 1961, com o nome de Pôncio Pilatos. Ele governou a Judéia de 26-36 D.C.

Josefo (*Anti.* xv.9,6) descreveu a magnificência da original cidade de Cesaréia, mencionando seus teatros, palácios, templos, um hipódromo, aquedutos e muitas outras estruturas notáveis. Com base naquilo que ele deixou escrito, julgamos que tudo o que a arqueologia já descobriu representa apenas uma pequena fração da antiga glória da cidade de Cesaréia. (AM I IB FRE UN)

## CESARÉIA DE FILIPE

**À semelhança de muitas comunidades à beira do** mar Mediterrâneo, nos tempos neotestamentários, sua população era muito *variegada*. Dentro da história do NT, várias decisões e acontecimentos cruciais tiveram lugar ali. — O ministério do evangelista Filipe foi que lhes levou o cristianismo, tendo havido, dessa maneira, uma forma de missão gentílica preliminar. A missão oficial de Pedro, entre os gentios, também se verificou ali; e foi igualmente ali que a Pedro foi conferido grande discernimento sobre o caráter universal da fé cristã, o que foi um desenvolvimento importantíssimo para a expansão do evangelho. Paulo também fez de Cesaréia o seu porto de desembarque, quando retornava de sua segunda e de sua terceira viagens missionárias (ver Atos 18:22 e 21:8). Ali tomou a grande decisão de visitar Jerusalém (ver Atos 21:13), que o conduziu à sua detenção e aprisionamento. Também foi nessa cidade que Paulo foi julgado por Félix (ver Atos 23:23-33). Foi ali também que apresentou a sua impressionante defesa perante Festo e Agripa, tendo sido dali, por semelhante modo, que velejou em cadeias para Roma. (Ver Atos 25:11). Durante esse período de sua história, Cesaréia era a capital romana da Judéia, sendo uma base militar romana.

**Cesaréia de Filipe, por sua vez, era assim designada a fim de distingui-la daquela outra Cesaréia, descrita** acima. Ambas foram assim chamadas em honra aos Césares reinantes. Cesaréia de Filipe estava localizada no sopé do monte Hermom, próxima à fonte principal do rio Jordão, uma caverna denominada atualmente Mugharet Ras en-Neba, onde estava também centralizado o culto pagão do deus Pan. Essa cidade foi erigida por Filipe, o tetrarca. Um templo magnificente foi levantado ali por Herodes, o Grande, além de outras notáveis estruturas que ainda não foram desenterradas pela arqueologia. (Ver Luc. 2:1-4 e 9:7).

Cesaréia de Filipe foi o lugar onde Pedro fez sua famosa *confissão de fé* em Cristo, conforme o registro de Mat. 16:13 e *ss*. Talvez seja a mesma cidade que, no A.T., é chamada de Baal-Gade. No lugar de Baal, os gregos puseram Pan, motivo pelo qual, dali por diante, a cidade passou a chamar-se Paneas, até que Filipe, o tetrarca, talvez a tenha reedificado, dando-lhe o nome de Cesaréia. Quando o monarca selêucida Antíoco III conquistou a Palestina das mãos dos ptolomeus, esse lugar foi cena de uma das batalhas decisivas desse encontro.

Essa cidade, tal como o resto do mundo conhecido na época, passou para as mãos dos romanos, e Herodes, o Grande, construiu um magnificente templo de mármore ali, dedicado a César Augusto. Filipe, posteriormente, mas ainda sob o governo do mesmo imperador, adornou o lugar. Foi por causa de sua associação com essa cidade que ela veio a ser chamada «Cesaréia de Filipe», a fim de distingui-la da Cesaréia da Palestina, que ficava perto da costa marítima do Mediterrâneo. Agripa II reconstruiu a cidade (nos tempos de Nero), tendo-lhe dado o nome de Neronias, nome esse, porém, que não tardou a ser olvidado. (I IB ID)

## CESÁRIO DE ARLES

**Suas datas aproximadas são 470-542 D.C.** Foi um devoto monge galicano, pregador e legislador, monástico. Em adição a seu longo serviço nos mosteiros de Lerins e Arles, desde o ano de 502 até à sua morte, ele foi bispo nessa última cidade. Deixou uma *Regra* para os monges, e uma outra para as freiras. Essas regras enfatizavam a necessidade da renúncia, da disciplina, da dedicação à oração e do primado da Palavra de Deus na vida dos religiosos.

## CESÁRIO DE HEISTERBACH

**Faleceu em cerca de 1240. Foi um leal monge cis**terciense (que vide), o qual adquiriu fama devido à sua tentativa de erradicar as corrupções sociais e econômicas de sua ordem religiosa, e também por haver escrito um valioso comentário sobre a vida e a religião da época medieval, chamado *O Diálogo sobre os Milagres*. Essa obra foi traduzida para o inglês em 1929. (É)

## CESAROPAPISMO

**Esse vocábulo é usado para indicar a supremacia do**

estado sobre a Igreja, conforme se via no império bizantino e na Rússia, até o ano de 1917, antes do advento do comunismo. Outro tanto se tem dado nas relações entre a Igreja e o estado, na Inglaterra e na maioria dos países protestantes. Contudo, a questão real do caso não é que o estado deve dominar a Igreja, e, sim, que deve haver liberdade, tanto para a Igreja quanto para o estado, em suas respectivas esferas. Nesse sentido, o termo pode ser um sinônimo da idéia da separação da Igreja e do estado, um abençoado princípio bíblico, que nem sempre tem sido observado até mesmo por denominações evangélicas. (E)

## CESTO DE JUNCO

Era um pequeno cesto,, feito de junco, tornado estanque por meio de betume e piche. Na Bíblia, a expressão encontra-se apenas no caso do barquinho feito para conter o infante Moisés, e que foi posto a flutuar à superfície do rio Nilo, para proteger-lhe a vida. Ver a narrativa em Êxodo 2:3 *ss*. Nos tempos antigos, o junco medrava abundantemente às margens do Nilo e de outros rios, mas atualmente só se encontra no baixo rio Nilo. Sabemos que essa planta era usada na construção de pequenos botes (Isa. 18:2). Esse *cesto* de Moisés, bem como a *arca* de Noé, são chamados pelo mesmo vocábulo hebraico, *tebah*, o qual, mui provavelmente, é um termo emprestado do egípcio, de uma raiz que significa *caixa* ou *esquife*. Entretanto, a arca da aliança é chamada pelo termo hebraico *aron*. Alguns intérpretes têm destacado o sentido simbólico de ambas essas arcas (a de Moisés e a de Noé), que indicam segurança e proteção. (WAL)

## CESTO DE JUNCO, DE MOISÉS

O mesmo vocábulo hebraico, **tebhah**, usado para indicar a arca de Noé, é empregado para indicar o *cesto* no qual Moisés fora colocado quando criança, para flutuar nas águas do Nilo. (Ver Êxo. 2:3). Faraó baixara ordens no sentido de que todos os meninos nascidos entre os judeus fossem afogados no rio, porquanto estavam se multiplicando e se fortalecendo mais do que os egípcios. Porém, as parteiras hebréias não obedeceram à ordem. Seguiu-se então severa repressão contra os israelitas. A mãe de Moisés, temendo que seu filho fosse descoberto e morto, pô-lo em um cesto de junco e deixou-o flutuar nas águas do Nilo, esperando que alguém descobrisse a criança e a poupasse, por providência de Deus. Esse cesto fora feito de junco, que cresce naturalmente nas margens daquele rio, tendo sido recoberto com betume e piche. Plínio informa-nos que embarcações notáveis por sua rapidez eram *tecidas* com juncos. Isso é aludido em Isaías 18:2. Alguns imaginam que esse cesto era uma miniatura da arca de Noé, mas isso é por demais imaginativo. Seja como for, evidentemente era um cesto fechado, porquanto foi necessário abri-lo. (Ver Êxo. 2:6).

Somos informados que Sargão I, fundador do império semita da Babilônia, em cerca de 2400 a 2200 A.C., foi similarmente posto a flutuar, a fim de escapar de ser morto.

A fé da mãe de Moisés foi recompensada, acima de tudo quanto ela poderia ter imaginado. Moisés foi recolhido pela filha de Faraó, foi criado na corte real. E, ao tornar-se adulto, bandeou-se para a causa dos israelitas, tendo sido o instrumento usado por Deus para o livramento de Israel da servidão aos egípcios.

## CETERIS PARIBUS

Expressão latina que significa «segundo iguais as outras coisas», uma expressão empregada nas discussões filosóficas.

## CETICISMO

*Introdução*

I. Ceticismo na Filosofia
II. Ceticismo e Desobediência
III. O Ceticismo Leva à Rebelião Espiritual
IV. O Provincialismo do Ceticismo
V. Ceticismo Honesto e Ceticismo Desonesto
VI. A Utilidade do Ceticismo

«É mais fácil para mim pensar que dois professores norte-americanos disseram uma inverdade, que acreditar que pedras podem cair do céu». (Thomas Jefferson).

Ninguém está imune ao ceticismo exagerado, nem mesmo um homem sábio como foi Thomas Jefferson, ex-presidente dos Estados Unidos da América do Norte, que com as palavras acima transcritas expressou sua vigorosa objeção à possibilidade de que podem cair pedras do espaço exterior, depois que um meteorito caiu em terra, em 1807, perto da cidade de Weston, no estado de Connecticut, quando dois professores da Universidade de Yale foram recolhê-lo.

A razão para o ceticismo do ex-presidente Jefferson, de conformidade com o que nos esclarece Edward J. Olsen, encarregado da secção de mineralogia do Museu de Campo de História Natural de Chicago, pode ser atribuída à posição tomada pela prestigiosa Academia de Ciências de Paris, na França. Escrevendo no boletim de novembro daquele museu, Olsen revela que em 1772, a Academia de Ciências de Paris, que era então considerada o centro da erudição científica ocidental, declarou solenemente que 'a queda de pedras do céu é algo fisicamente *impossível*', mas que os meteoritos como tais não existem, sendo apenas pedaços de rocha terrestre que foram 'feridos por alguma descarga elétrica'.

Continua Olsen em seu relatório: «Esse pronunciamento foi assinado, entre outros, pelo brilhantíssimo Antoine Lavoisier, que hoje em dia é considerado como o pai da moderna ciência da química. O triste resultado disso é que algumas instituições e indivíduos ficaram embaraçados por causa de suas coleções de meteoritos, e as doaram ou jogaram fora».

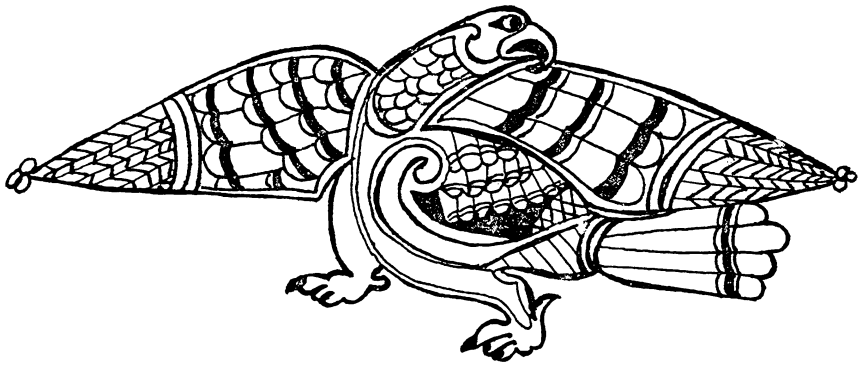
**Vemos nesse exemplo**, portanto, como as opiniões equivocadas podem ser defendidas ardorosamente pelos homens. Mas, uma vez que tais opiniões sejam comprovadas como equivocadas, causam grande embaraço aos seus defensores. Bem podemos supor que vários daqueles cientistas franceses, da Academia de Ciências de Paris, viveram o bastante para verem que ficara comprovado que os meteoritos, em realidade, são pedras que literalmente caem do céu, o que deve ter servido para deixá-los envergonhados, em face de sua anterior atitude em que declararam ousadamente seu parecer científico.

Ora, o cristianismo evangélico, firmado nas Escrituras Sagradas, faz declarações e apresenta reivindicações ainda *mais ousadas* do que as desses ilustres cientistas, a despeito do desfavor da comunidade científica de nossa época, o que significa que sustermos tal «esperança» é correr um risco de embaraço futuro. Paulo, entretanto, estava plenamente confiante que embora a grande e estupenda esperança do cristianismo, por enquanto não pudesse ser empiricamente demonstrada, satisfazendo assim



Cestos dos tempos bíblicos

Cortesia, Zondervan Pub. House



Arte céltica, a águia, símbolo do evangelho de João, Livro de Kells

Reprodução Artística de
Darrell Steven Champlin

os céticos, contudo, tratava-se de uma esperança suficientemente alicerçada na Palavra de Deus, jamais se prestando para motivo de embaraço ou desilusão para os crentes, no futuro. Tal esperança jamais servirá para deixar-nos desapontados ou para humilhar-nos. É interessante observarmos que o apóstolo dos gentios não se lança a uma longa defesa de sua proposição, mas menciona tão-somente dois fatores empíricos, existentes, que servem para firmar-nos nessa confiança.

Em primeiro lugar, há a questão do fato de que esse novo amor, derramado no crente por obra do Espírito Santo, lhe cativa a alma e a mente. Trata-se, sobretudo, do amor de Deus derramado em nós; mas também envolve nosso amor a Deus, bem como nossa amizade para com os nossos semelhantes. Pois o amor de Deus, exibido por nosso intermédio, atuante em nosso homem interior, qual força ativa, não pode deixar de expressar-se em todos os aspectos de nossa vida. Em sua própria experiência, Saulo de Tarso passou do ódio e do fanatismo para o amor cristão. E o trecho de Gál. 5:22,23 mostra-nos que Paulo considerava o amor um dos aspectos do fruto do Espírito Santo. Em outras palavras, em sua verdadeira forma, o amor é uma graça espiritual, implantada no coração do crente pelo ministério íntimo do Espírito Santo.

**I. Ceticismo na Filosofia**

A palavra vem do gr. **skepsis**, consideração, *dúvida*. O ceticismo é a idéia de que a razão, as percepções e os outros meios que podem ser utilizados para alcançar o conhecimento, são fracos, enganadores e inadequados para este fim, se o conhecimento for considerado uma coisa perfeita, fixa ou completa. O verdadeiro conhecimento *se existe*, está simplesmente além das capacidades humanas.

1. O *ceticismo radical* cai no *niilismo* (que vide), afirmando que nem a própria existência pode ser considerada real. Górgias (que vide) declarou que «nada existe, mas mesmo se existisse seria impossível entender; e mesmo se pudéssemos entendê-lo, seria impossível expressar este entendimento».

2. *Pireu*, 360-270 A.C., declarou-se em favor da suspensão de todos os juízos gnosiológicos. Os filósofos devem *se calar*.

3. *Timão*, seu discípulo, respondeu às críticas de seu mestre com poemas satíricos.

4. *Arcesilau* (que vide), o fundador da Segunda Academia platônica, expressou um ceticismo moderado, e interessou-se pelo desenvolvimento da teoria de *probabilidade*.

5. *Carnéades* (que vide), o fundador da Terceira Academia, enfatizou o ceticismo, utilizando de argumentos sobre a Conceito Divino e o princípio da casualidade.

6. *Cícero* continuava a tradição do ceticismo moderado como parte de seu sistema *eclético*.

7. *Sexto Epírico* (que vide), séculos II e III A.C., insistiu sobre a necessidade de critérios e definições. Nos seus sumários do assunto, temos uma rica fonte de informações sobre as idéias filosóficas céticas dos filósofos antes do tempo dele.

8. Agostinho (que vide), no quarto século D.C., argumentou que o ceticismo vence a si mesmo. Mesmo que uma pessoa seja enganada, ela deve existir para ser enganada: *Si fallor, sum*, se estou enganado, existo. Declarou também que o ceticismo é moralmente e espiritualmente uma esfera de *escuridão*, e o homem que insiste em ficar lá, nunca receberá qualquer iluminação. Neste sentido, o ceticismo também vence a si mesmo. Ele falou: *Creio para entender*, porque a crença, com sua mente aberta às realidades metafísicas, é a esfera da possibilidade de iluminação.

9. *Pico della Mirandola* (que vide), no séc. XV, utilizando os argumentos de Agostinho, numa forma desenvolvida, tentava dirigir os céticos para a fé cristã.

10. *Erasmo* (que vide), no início do séc. XVI, utilizou argumentos céticos para estabelecer sua doutrina do *livre-arbítrio* do homem.

11. *Agrippa von Nettesheim* (que vide), 1486-1535, empregou argumentos céticos para demonstrar a futilidade da ciência e assim dirigiu os homens à fé religiosa, como uma alternativa necessária.

12. *Montaigne* (que vide), 1553-92, perguntou: «O que é que sei?», e concluiu que a resposta é *nada*. Sendo que sou nada, e sei nada, devo, então, tomar refúgio na fé religiosa.

13. *Mersenne* (que vide), tomou uma posição entre o ceticismo e o dogmatismo, e estabeleceu a ciência nesta posição, declarando que a ciência está interessada somente no mundo *fenomenal*.

14. *Descartes* (que vide), 1596-1650, utilizou o método cético como um meio para adquirir o conhecimento, duvidando de tudo quanto possível, e aceitando somente aquelas proposições que não podem ser duvidadas, como Deus, alma e o mundo exterior. Através da *coerência* (que vide), construiu sua gnosiologia. Neste contexto nós temos sua declaração *Cogito ergo sum*, «Eu penso, portanto sou», porque é impossível ter um pensamento sem um pensador.

15. *Pascal* (que vide), 1623-1662, considerou o dogmatismo e o ceticismo como os pólos opostos da filosofia, e procurando escapar dos dois, achou refúgio na fé religiosa.

16. *Pierre Bayle* (que vide), 1647-1706, utilizando-se de argumentos céticos, destruiu as reivindicações da razão, e chegou a mostrar, através de sua argumentação, que devemos tolerar as opiniões dos outros.

17. *Voltaire* (que vide), 1694-1778, empregou os argumentos do ceticismo para atacar qualquer declaração sobre perguntas metafísicas e reconheceu a necessidade de tolerar as opiniões dos outros.

18. *Hume* (que vide), 1711-1776, construiu um sistema complexo, cético, pregando a *probabilidade* no lugar do conhecimento. A probabilidade se descansa sobre hábito e *fé animal*, não sobre qualquer conhecimento válido. As crenças religiosas devem ser mantidas em um nível mínimo e simples, porque quanto mais elaboradas forem, mais absurdos serão pronunciados.

19. *Kant* (que vide), influenciado por Hume, acordou-se de seu sono dogmático. A filosofia de Kant mantém a essência do ceticismo de Hume no seu tratamento sobre a *Razão Pura*, mas na sua *Razão Prática*, ele restaura tudo que o ceticismo roubou, através de seus postulados, em contraste com as *proposições* da *Razão Pura*.

20. *Clifford* (que vide), 1845-1879, exigiu evidências convincentes para apoiar qualquer idéia. Sem isso, devemos manter uma atitude cética.

21. *James* (que vide), 1842-1879, contra o ceticismo, enfatizou a *praticalidade* dos conceitos básicos, religiosos, e a *vontade de crer*, como uma atitude comum e inerente do homem.

22. *Royce* (que vide), 1885-1916, insistiu que a própria existência do ceticismo implica que o verdadeiro conhecimento existe, e deve ser procurado.

Existe uma verdade absoluta que o ceticismo não alcança, mas sugere.

23. *Santayana* (que vide), 1863-1952, aceitando a idéia básica do ceticismo, ensinou que devemos viver pela *fé animal.*

24. *Quando o ceticismo tem razão.* No sentido que todo nosso conhecimento é *incompleto*, seja conhecimento científico, filosófico ou teológico, o ceticismo tem razão. Não sabemos nada de modo completo. Somente Deus não compartilha esta situação. Porém, podemos saber algumas coisas, de modo completo, potencialmente, agora. Futuramente, poderemos alcançar grandes conhecimentos através da iluminação divina. Na *visão beatífica* (que vide), o ceticismo perde a batalha. Sabemos, *agora*, fragmentos extremamente importantes. Vale a pena viver em favor destes fragmentos da verdade.

**II. Ceticismo e Desobediência**

1. Os desobedientes foram reputados como **céticos** por terem se mostrado céticos diante da mensagem e da missão de Cristo.

2. Agostinho observou que o ceticismo é uma enfermidade espiritual, e não mera mentalidade duvidosa. Os céticos vivem em meio a trevas espirituais. A fé liberta o indivíduo desta esfera terrena e torna possível a iluminação espiritual.

3. A nós é ordenado que obedeçamos, e não meramente que creiamos no evangelho (ver II Tes. 1:8).

4. Consideremos as seguintes características da desobediência.

**III. O Ceticismo Leva à Rebelião Espiritual**

1. Essa rebelião é proibida por ser prejudicial ao bem-estar espiritual (ver Núm. 14:9).

2. Ela provoca Cristo (ver I Cor. 10:9).

3. Ela repele o governo divino (ver I Sam. 8:7).

4. Ela põe em dúvida o poder divino (ver Eze. 17:15).

5. Ela é um afastamento das instituições divinas (ver Êxo. 38:8,9).

6. Ela é um pecado contra a luz (ver João 15:22).

7. Ela é a preferência pelo caminho próprio, e não pelo caminho de Deus (ver Isa. 65:2).

8. A rebeldia agrava o pecado (ver Jó 34:37).

9. Ela oculta a hipocrisia (ver Osé. 7:14).

10. Leva Deus a tornar-se um inimigo (ver Isa. 63:10).

11. Produz empobrecimento (ver Sal. 68:6).

12. Deus pode perdoar a rebeldia (ver Dan. 9:9).

13. Ela é perdoada em face do arrependimento (ver Nee. 9:26,27).

14. Os ministros devem acautelar-se contra ela (ver Eze. 2:8).

15. A instrução religiosa tem por escopo impedir a rebeldia (ver Sal. 78:5,8).

16. Ela é uma obstinação espiritual, que nega a bondade de Deus (ver Êxo. 32:9).

17. Ela consiste na resistência proposital ao ministério do Espírito Santo (ver Atos 7:51).

**IV. O Provincialismo do Ceticismo**

1. O ceticismo se representa como se fora uma espécie de sabedoria especial. Mas tudo não passa de ilusão. Na realidade, trata-se de uma enfermidade espiritual, e não de uma iluminação mental.

2. Os céticos reconhecem somente aquilo que chega a eles por meio da percepção dos sentidos, ignorando o conhecimento adquirido pela razão, pela intuição ou pela revelação.

3. A própria ciência, em nossa época, está conseguindo ultrapassar o ceticismo. O mundo e seus fenômenos não podem ser explicados com base na mera percepção dos sentidos com suas evidências.

4. O ministério dos anjos transcende àquilo que os homens podem conhecer por meio da percepção dos sentidos. Esse é um dom de Deus. Ver Heb. 1:4.

**V. Ceticismo Honesto e Ceticismo Desonesto**

1. O cético honesto é aquele que não se satisfaz com supostos limites da verdade e que se dispõe a investigar além do que lhe foi ensinado. Sente-se incomodado com as cadeias impostas por qualquer sistema de pensamento.

2. Deseja avançar em seu conhecimento.

3. Está pronto a crer, uma vez que tenha as evidências.

4. Não limita seus meios de pesquisa somente à percepção dos sentidos ou ao método científico. Está preparado para receber a verdade através da razão, da intuição e do misticismo. Mas sua inteligência lhe serve de guia.

5. O cético desonesto, em contraste, tem o desejo de *não* crer, e confunde essa enfermidade espiritual como se fora a verdade. Praticamente nenhuma espécie de evidência é capaz de impressioná-lo.

6. O cético desonesto vive nas trevas, e as confunde com a luz. Praticamente, nenhuma revelação é capaz de iluminá-lo.

É somente em sentido extremamente qualificado, em questões de inquirição histórica e de pesquisa filosófica ou científica, que a dúvida pode ser chamada de progenitora do conhecimento, de acordo com o princípio exarado por Descartes: *'De omnibus dubitandum est'* (O princípio do conhecimento através da dúvida): Duvidar de tudo quanto é possível, a fim de que surja a verdade impossível de ser posta em dúvida. Essas verdades puras eram, para ele, Deus, a alma e alguma coisa sobre a verdadeira natureza do mundo. Em contraste com isso, disse Agostinho: *'Creio a fim de compreender'*, pensando ele que o espírito do ceticismo deixa o indivíduo *nas trevas* e que ali dificilmente se pode descobrir o verdadeiro conhecimento, a menos que Deus simplesmente outorgue tais coisas ao homem, através de sua pura graça, a fim de cumprir algum desígnio nessa vida e através dela.

**VI. A Utilidade do Ceticismo**

1. *Na Ciência*, o ceticismo é uma necessidade. O cientista só pode aceitar aquelas coisas que são baseadas em uma experimentação ampla e evidente. Sem isto não existe uma ciência física.

2. O ceticismo é uma *verdade básica* em relação ao conhecimento humano, em todos os campos, no sentido de que todo o nosso conhecimento é *parcial*. O reconhecimento deste fato nos ajuda a respeitar as idéias dos outros, e desenvolver uma atitude de tolerância. A tolerância desfaz a hostilidade e batalha contra o orgulho.

3. O ceticismo, mesmo na teologia, é uma *atitude útil*, se não se torna negativa e hostil. Devemos testar as nossas idéias, comparando-as com outras, e exigindo evidências. Não podemos aceitar idéias sem a devida investigação e comparação. O misticismo também erra, embora seja a base da crença religiosa, e deve ser controlado e examinado pela razão e pela experiência científica e prática.

## CETRO

**No hebraico temos duas palavras, e no grego, uma.** As palavras hebraicas são *shebet*, «vara», «cetro», que

aparece por cento e noventa vezes, a grande maioria das quais com o sentido de «tribo», mas por dez vezes com o sentido claro de «cetro»: Gên. 49:10; Núm. 24:17; Sal. 45:6; Isa. 14:5; Eze. 19:11,14; Amós 1:5 e Zac. 10:11. E também *sharebit*, «cetro», palavra que figura por quatro vezes, no livro de Ester (4:11; 5:2 e 8:4). No grego temos a palavra *rábdos*, «cetro», que é usada por onze vezes no Novo Testamento: Mat. 10:10; Mar. 6:8; Luc. 9:3; I Crô. 4:21; Heb. 1:8; 9:4; 11:21; Apo. 2:27; 11:1; 12:5 e 19:15. Há uma outra palavra que algumas versões têm traduzido também como «cetro», no hebraico, *matteh*, também muito usada no Antigo Testamento, duzentas e quarenta e sete vezes, principalmente com o sentido de «tribo», mas que, em Eze. 19:11, acompanhada pela palavra que significa *força*, segundo pensam alguns estudiosos, adquire também o sentido de cetro.

Na verdade, «cetro» é um uso especializado dos termos hebraicos, pois, seu sentido comum é «vara», «bastão». Assim, elas podem indicar a «vara de correção», de ocorrência comum no livro de Provérbios, o «cacete de um pastor», em Sal. 23:4, ou mesmo um «cacete com pontas de ferro» (Sal. 2:9; Apo. 2:27; 12:5; 19:15), ou até mesmo uma vara de malhar cereais, em Isa. 28:27.

Em sentido simbólico, temos ainda a palavra hebraica *mehogeg*, usada poeticamente para indicar um «cetro», em Gên. 49:10; Núm. 21:18; Sal. 60:7 e 108:8.

Usualmente eram os reis que usavam cetros, embora oficiais menores, algumas vezes, brandissem também um cetro, como emblema de seu ofício. No Antigo Testamento há alusão aos cetros dos governantes de Israel, Moabe, Egito, Damasco, Asquelom e Judá (ver Sal. 60:7; 108:8; Jer. 48:17; Eze. 19:11; Amós 1:5,8; Zac. 10:11).

Há duas passagens geralmente consideradas messiânicas, que associam um cetro a futuros governantes de Israel, a saber: Gên. 49:10 e Núm. 24:17. Os soldados romanos que zombaram de Jesus tinham um cetro real em mente, quando puseram nas mãos de Jesus um «caniço», com o qual também davam-lhe na cabeça (Mar. 15:16-20).

Vários trechos do livro de Ester exibem um uso especial do cetro, por parte dos reis persas (Est. 4:11; 5:2 e 8:4). O cetro de Assuero é descrito como feito de ouro, ou seja, ou de ouro puro, ou então adornado com ouro, como os cetros dos reis homéricos. As gravuras que representam os reis orientais mostram-nos brandindo duas espécies de cetro. Um deles é longo, fino e muito ornamentado; o outro é curto, mais parecendo um bastão pequeno. O primeiro tipo aparece em um relevo em pedra calcária, representando Dario. Ele segura na mão um cetro, quase no alto do mesmo, ao passo que sua extremidade inferior toca no solo. O tipo curto aparece em um relevo de Esar-Hadom.

## CÉU

*Esboço*:

1. Palavras Originais Envolvidas
2. Os Céus Materiais
3. Os Céus Não-Materiais
4. A Pluralidade dos Céus
5. Os Céus em Dois Níveis
6. Relação Entre Cristo e os Céus
7. Os Lugares Celestiais de Paulo
8. O Destino Final do Homem nos Céus.

### 1. Palavras Originais Envolvidas

Há uma palavra hebraica e uma palavra grega envolvidas neste verbete:

a. *Shamayim* ou *shemayin*, «coisas erguidas», «expansão». A primeira forma é hebraica e a segunda aramaica. A primeira forma aparece por quatrocentas e dezenove vezes. A segunda forma, por trinta e oito vezes. Portanto, trata-se de uma palavra de ocorrência freqüente. *Shamayim* aparece em trinta e um livros do Antigo Testamento; *shemayin* ocorre em Esdras e Daniel.

b. *Ouranós*, «céu». Termo grego que ocorre por quase duzentas e oitenta vezes, desde Mat. 3:2 até Apo. 21:10.

Há também a expressão grega *tà epourânia*, «coisas celestes», que é usada por seis vezes: João 3:12; Efé. 1:3; 2:6; 3:10; Heb. 8:5 e 9:23.

### 2. Os Céus Materiais

Tanto o termo hebraico quanto o termo grego podem indicar o mundo espiritual, onde residem os espíritos não-materiais, como aquilo que, em português, convencionou-se chamar de «firmamento», os céus visíveis, que inclui a nossa atmosfera terrestre e o céu estelado, a imensa expansão do universo. Os antigos eram muito ignorantes sobre as questões atinentes à *astronomia* (que vide). Isso significa que deles obtemos idéias bastante cruas, quando eles usavam a palavra traduzida por «céu» ou «céus», em português. Usualmente essa palavra aparece no plural, tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos. Há muitas referências literárias, dos hebreus e dos cristãos antigos, que mostram que eles acreditavam na pluralidade dos céus, ou mansões celestes. Portanto, erram aqueles que dizem que não há nenhuma diferença de sentido entre essa palavra no singular e no plural.

Visto que o termo hebraico *shamayim* significa «coisas erguidas», esse vocábulo pode referir-se aos corpos celestes, aos luzeiros do céu ou ao firmamento. Os antigos pensavam que esse firmamento seria uma espécie de abóbada, que formaria um semicírculo por cima da terra, feito de material sólido, que se apoiaria sobre montanhas existentes nas extremidades da terra. O firmamento separaria o lugar onde residem Deus e os espíritos, da terra. Por sua vez, a terra estaria sustentada sobre colunas, e todo esse conjunto sobre um abismo de águas. Não se dizia, porém, onde repousavam essas águas (II Sam. 22:8; Jó 26:11). No artigo sobre a *Astronomia*, provi uma ilustração dessa cosmogonia dos hebreus, juntamente com referências bíblicas apropriadas. Também no artigo intitulado *Cosmogonia*, expomos as crenças dos hebreus e de outros povos antigos sobre essas questões. Os grandes luzeiros, como o sol, a lua e as estrelas, seriam relativamente pequenos, fixados à concavidade inferior do firmamento. Não havia conceito de distâncias e dimensões.

Também havia o *céu* simples, a expansão do espaço que era chamado firmamento ou céu atmosférico. Nesse céu estariam as nuvens, a chuva e as condições atmosféricas em geral (Sal. 146:8; Zac. 2:6; 6:5; Isa. 55:9-11). Acreditava-se que as águas existentes acima do firmamento derramavam-se através de janelas ou comportas. Essa abóbada material separaria as águas da parte de cima do firmamento das águas da parte de baixo do firmamento. Isso explica a expressão «as portas do céu» (Sal. 78:23; Gên. 28:17). É errado e desonesto fazer os antigos hebreus terem grandes conhecimentos meteorológicos e astronômicos, dizendo que os trechos bíblicos que exprimem idéias assim obsoletas são expressões meramente poéticas. Assim, quando lemos que Deus fez cair «do céu» grandes pedras (Jos. 10:11), provavelmente há uma alusão a

um fenômeno de saraiva, juntamente com a idéia de que Deus controlava as condições atmosféricas. A angelologia dos hebreus retratava os anjos envolvidos em várias tarefas que diziam respeito à produção e controle das condições atmosféricas.

*Os céus estelados.* Não devemos supor que os hebreus pensassem que o sol, a lua e as estrelas, etc., estavam a tão grandes distâncias, conforme hoje sabemos. Por conseguinte, o céu das estrelas não estaria muito distante das nuvens e da atmosfera terrestre. Quando lemos que Deus pôs luzeiros no firmamento (Gên. 1:14), encontramos a noção de que os luzeiros foram preparados especificamente para iluminar a face da terra, e fica entendido que seriam de dimensões modestas. Os hebreus não tinham nenhum conceito sobre galáxias e sistemas solares. Portanto, não devemos extrapolar para a Bíblia as nossas noções astronômicas. Os céus estelados, na concepção dos hebreus, não estariam muito acima das nuvens.

**3. Os Céus Não-Materiais**

Aqui temos o lugar onde Deus reside, juntamente com os seres angelicais. A teologia judaica posterior era bastante coerente, ao pensar que havia uma pluralidade de céus, e que estes seriam em número de sete. Deus é o Deus dos céus (Jonas 1:9). Ali pulula um grande exército de seres espirituais (Nee. 9:6). Deus habita no mais alto e santo céu (Isa. 57:15). Segundo o mais antigo pensamento dos hebreus, esse céu habitava na luz primeva, algo distinto da luz produzida pelo sol. Por essa razão a luz já havia, na narrativa da criação da luz, antes mesmo da criação ou aparecimento do sol. Na concepção dos antigos hebreus, esse firmamento ocultaria essa luz dos olhos humanos. Mas alguns deles supunham que as estrelas seriam perfurações pelas quais resplandeceria a luminosidade do céu por cima da abóbada, ou firmamento.

**4. A Pluralidade dos Céus**

Os rabinos tinham como doutrina padrão o ensino de que há 7 céus. Para eles, a glorificação consiste em passar de um nível de ser para o próximo, cada nível com seu grau de transformação. Chegar à forma de vida dos anjos era considerado por eles como o clímax desse processo. Entretanto, o Novo Testamento ensina que o alvo é a participação na natureza divina, e não apenas na natureza angelical (II Ped. 1:4). Algumas indicações neotestamentárias da pluralidade dos céus são as seguintes: a. Quase sempre a palavra aparece no plural, «céus». b. Há o paraíso, ou céu inferior (Luc. 23:43), que os rabinos não concebiam como a habitação de Deus, e, sim, quando muito, a habitação de espíritos justos, no mundo intermediário. c. Jesus referiu-se a «muitas moradas», em associação às dimensões espirituais, como um lugar (aparentemente além ou inserido em) a ser preparado para os seus discípulos (João 14:2 *ss*). d. Além disso, haveria o *terceiro* céu, mencionado por Paulo, um elevado lugar, mas ainda não a habitação de Deus (II Cor. 12:4). e. O trecho de Hebreus 4:14 afiança que Jesus atravessou os «céus», a caminho de Deus Pai. f. Além disso, os diversos compartimentos do templo de Jerusalém seriam um retrato simbólico das divisões dos lugares celestiais, simbolizando um acesso gradual e crescente a Deus, e terminando no Santo dos Santos, o próprio lugar da habitação de Deus. O tratado aos Hebreus apresenta esses tipos de noções, no tocante ao templo e ao acesso que Jesus obteve para nós. Ver Heb. 4:14; 9:23 *ss*. g. Os lugares celestiais de Paulo. Não somente Paulo, mas também João e o autor da epístola aos Hebreus empregaram a expressão grega *tà epourânia*, «os lugares celestiais». Há certas nuanças de significado, dependendo dos respectivos contextos. Na epístola aos Efésios denota a esfera dos nossos privilégios espirituais em Cristo, salvo em Efé. 6:2, onde representa o mundo espiritual invisível, onde operam tanto forças boas quanto forças más. Sempre indica a esfera que transcende ao que é terreno. Porém, em I João 3:12, os lugares celestiais são postos em contraste com as «coisas terrenas», ou seja, aquelas coisas que podem ser submetidas ao teste das experiências humanas. Na epístola aos Hebreus, como já pudemos dizer, as *cousas celestes* são os arquétipos dos quais as coisas terrestres são apenas as sombras.

**5. Os Céus em Dois Níveis**

Na epístola aos Hebreus temos uma perspectiva da existência em dois níveis, segundo o modelo de Platão e Filo, segundo o qual as coisas neste mundo (os particulares) são moldadas de acordo com os arquétipos, ou seja, coisas existentes nos céus (os universais). Quanto a comentários completos sobre esse conceito, ver as notas expositivas no NTI, em Heb. 9:23. Isso significa que os particulares são cópias ou imitações das realidades celestiais. Hebreus 8:5 também exprime esse conceito.

**6. Relação Entre Cristo e os Céus**

As Escrituras dizem que Cristo já havia habitado nessa esfera espiritual. Platão pensava que isso ocorreu no caso de todos os homens, porquanto, para ele, as almas eram preexistentes, – tendo caído de um estado primevo de utopia. Os rabinos apegaram-se a essa doutrina, ou então, chegaram independentemente à noção de que as almas já tinham tido uma vida espiritual nos lugares celestiais. O Novo Testamento, porém, faz silêncio sobre o ponto, porquanto não ensina qualquer teoria especial acerca da origem da alma. No entanto, no que concerne a Cristo, o Filho de Deus, o Logos, o ensino é claro. Antes de sua encarnação, Jesus sempre estivera nos céus (João 1:1 *ss*; 17:5; Fil. 2:5 *ss*). Jesus Cristo desceu da glória celeste e identificou-se com os homens, de tal modo que, nele, agora os homens possam ascender ao céu, juntamente com ele. A doutrina do arrebatamento é um ensino que fala em ascensão, visto que será por meio do arrebatamento que os homens participarão do evento. Naturalmente, antes disso, os remidos participarão da morte e da ressurreição de Cristo (Rom. 3:25,26; 4:24,25). A descida de Cristo ao hades mostra-nos que a missão de Cristo foi universal, suficientemente ampla para atingir todas as almas de todas as esferas, e não apenas aquelas que estivessem na esfera terrestre. O trecho de Efésios 3:8 *ss*, mostra-nos que a descida de Cristo ao hades teve o mesmo propósito de sua ascensão, ou seja, a fim de que ele viesse a tornar-se tudo para todos. E a passagem de Efésios 1:10 ensina-nos qual a extensão da missão universal de Cristo. Ver o artigo sobre a *Restauração*.

**7. Os Lugares Celestiais de Paulo.** Em seus escritos, Paulo reteve a idéia da pluralidade dos céus. A antiga cosmologia judaica não encontra lugar em seus escritos, e ele lança-se, nessa discussão sobre os lugares celestiais, a uma teologia bem mais sofisticada. Ele refere-se aos «lugares celestiais» que são o lar das almas. Essa expressão paulina aparece somente na epístola aos Efésios (ver Efé. 1:3,20; 2:6 e 3:10). Nessa mesma epístola, lemos que é o ministério total de Cristo que garante que os demais filhos de Deus compartilham desse elevadíssimo destino. Eles recebem tal privilégio mediante a bênção geral de Deus em Cristo (Efé. 1:3), com base na eleição divina (Efé. 1:4). Eles recebem total identificação com o Filho amado do Pai (Efé. 1:6), mediante o seu sangue e a

sua expiação (Efé. 1:7). O próprio Cristo chegou àquela posição por haver completado com êxito a sua missão terrena (Efé. 1:20). Fomos espiritualmente ressuscitados com ele (Efé. 2:6) e chegando em sua presença, haveremos de compartilhar de suas incomensuráveis riquezas (Efé. 2:7). Portanto, a descida de Cristo ao hades e a sua ascensão ao mais alto céu garantem o sucesso do plano divino eterno (Efé. 4:8 *ss*).

**8. O destino Final do Homem nos Céus**

O céu é um lugar lindíssimo. O último capítulo do Apocalipse revela-nos que ali não haverá qualquer coisa prejudicial, não haverá lágrimas, nem tristeza, nem enfermidade e nem morte. O céu é a verdadeira utopia, real por ser criação de Deus. Porém, o céu é muito mais do que isso. De um ponto de vista mais elevado, o céu é sinônimo de *salvação* (que vide). Indica a participação na natureza divina, quando nos tornaremos autênticos filhos do Pai celeste, no mais alto sentido da palavra, bem como nos tornaremos irmãos de nosso querido Irmão Mais Velho. (Ver II Ped. 1:4). Todavia, isso não se concretizará em um único lance. Bem pelo contrário, será um processo eterno, que nos irá conduzindo de um nível de glória para o próximo, mediante o poder do Espírito (II Cor. 3:18). O céu consiste mais no que acontecerá conosco ali, do que um lugar onde habitaremos. É a mais elevada realização espiritual de Deus relativa aos remidos. Cada remido será um filho de Deus, conduzido à glória celestial (Heb. 2:10). (E NTI UN)

**CÉU (Firmamento)**

Uma palavra hebraica e uma palavra grega são traduzidas por «céu», com o sentido de «firmamento», ou seja, nosso céu de estrelas:

1. *Shachaq*, «nuvem tênue». Essa palavra hebraica ocorre por vinte e uma vezes (por exemplo: Deu. 33:26; II Sam. 22:12; Jó 37:18; Sal. 18:11; 77:17; Isa. 45:8; Jer. 51:9).

2. *Ouranós*, «céu». Palavra grega que ocorre por cerca de duzentas e oitenta vezes, principalmente nos evangelhos sinópticos e no livro de Apocalipse, começando em Mat. 3:2 e terminando em Apo. 21:10.

Por extensão, no Antigo Testamento, essa palavra hebraica é comumente usada com o sentido de «nuvem» (ver, para exemplificar, Deu. 33:26). Em português, tal como em grego, «céu» tanto é o lugar onde Deus habita como é a expansão celeste que abriga os corpos celestiais. O contexto de cada passagem envolvida é que decide que tipo de «céu» está em pauta.

**CÉU (TERCEIRO)**

Ver o artigo sobre o **Terceiro Céu.**

**CÉUS NOVOS, TERRA NOVA**

Ver **Nova Criação.**

**CEVA**

No grego, **Skeuas.** Talvez a palavra grega derive-se de *skeuos*, «utensílio». No Novo Testamento, é nome de um «sumo sacerdote» judeu que vivia em Éfeso (Atos 19:14-17). Incapaz de atuar como tal nas sinagogas de Éfeso e da Ásia Menor, ou ele exercia seu ofício em Jerusalém, ou era membro de alguma família sumo sacerdotal, ou então fora o chefe de uma das vinte e quatro turmas de sacerdotes, por causa do que continuava sendo honrado com aquele título.

Seus sete filhos percorriam muitos lugares, procurando exorcizar demônios, usando o nome de Jesus. Mas, de certa feita, um demônio negou-se a atendê-los, com a seguinte resposta: «Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?» (Atos 19:15). Faltando-lhes a autoridade espiritual de Jesus ou de Paulo, os sete filhos de Ceva foram atacados pelo endemoninhado, e tiveram de fugir «desnudos e feridos». O incidente foi largamente noticiado, com o resultado que sobreveio grande reverência e temor acerca do nome do Senhor Jesus entre todos os habitantes de Éfeso. Também houve um reavivamento e uma renovação na igreja cristã. Muitos crentes confessaram que não haviam desistido de suas práticas fetichistas e ocultistas, e voluntariamente entregaram seus livros mágicos, os quais foram queimados publicamente. Desse modo, foi singularmente demonstrado o poder do evangelho, e a palavra do Senhor prevaleceu contra todas as forças malignas rivais.

**CEVADA**

No hebraico é uma palavra que significa «cabelos longos», e no grego é *krithé*, «pontudo». Há trinta e seis referências a esse cereal na Bíblia, das quais três no Novo Testamento (João 6:9,13 e Apo. 6:6). Era um dos principais cereais consumidos na Palestina, sendo usado como alimento dos animais, por ser o mais barato. Mas os pobres também consumiam a cevada. Era cultivada no Egito (ver Êxo. 9:31) e na Palestina (Lev. 27:16; Deu. 8:8; Rute 2:17). É mencionada na Mishnah (Pseach. fol. 3) como forragem de cavalos e asnos. Preparava-se pão de cevada para os pobres (ver Juí. 7:13 e João 6:9,13). Usualmente era plantada durante as chuvas de outono, isto é, outubro e novembro. A primeira colheita da cevada era feita na época da páscoa, no mês hebraico de abibe, isto é, março/abril. A espécie silvestre, *Hordeum spontaneum*, até hoje é comum na Palestina. Há diversas variedades cultivadas. Os pães entregues a Jesus, segundo se vê em João 6:9, eram de cevada. Eliseu esclareceu que o preço da farinha de cevada era a metade do preço da farinha de trigo (ver II Reis 7:1). A cevada era colhida trinta dias ou mais antes da colheita do trigo. Isso explica o fato de que a cevada e o linho foram feridos, ao passo que o trigo e o centeio não, quando da sétima praga, a chuva de pedras, no Egito (ver Êxo. 9:31).

*Colheita da cevada.* Essa era uma das mais importantes colheitas de cereais que havia na Palestina, principalmente porque a cevada era tão útil como forragem para os animais. Nas terras baixas próximas de Jericó, essa colheita começava em abril, segundo se vê em Jos. 3:16. Na região montanhosa, a colheita da cevada só ocorria em maio, ou mesmo no começo de junho. As primícias da cevada eram trazidas como oferta ao Senhor (ver Lev. 23:10).

**Uso Metafórico.** 1. Em Juízes 7:13, simboliza a nação de Israel reformada. 2. O pão a ser lançado sobre as águas, em Eclesiastes 7:13, era feito de cevada, onde também se promete bom retorno pela generosidade no investimento. 3. A cevada também simbolizava algo de pouco valor, pelo que era associado ao preço de uma meretriz, além de servir de oferenda oferecida pelos pobres (ver Osé. 3:2 e Núm. 5:15). 4. Os árabes chamam os judeus, nestes dias modernos, de «bolos de cevada», em tom pejorativo. Os verdadeiros seguidores de Maomé, em contraste, são chamados de «trigo». Os midianitas, em Juízes 7:13, aparentemente chamavam os judeus de «pães de

cevada». (ID S Z)

## CHÂLON SUR-SAONE, CONCÍLIOS DE

Os concílios nesse lugar ocorreram nos anos de 603, 649, 813, 1062 e 1129. O concílio de 649 reafirmou as decisões dos concílios de Nicéia e Calcedônia. O concílio de 813 foi importante por haver adotado sessenta e seis cânones sobre o discipulado do clero e do corpo laico, sobre o ensino, a pregação, a ordenação de sacerdotes, a confissão, a penitência, as orações em favor dos mortos, as peregrinações, etc. Châlon Sur-Saone é uma cidade no nordeste da França acerca de cento e cinqüenta quilômetros a nordeste de Paris. A soberba catedral de Santo Etienne, construída no século XIII, é uma das principais obras arquiteturais da cidade. Outro notável templo católico ali existente é o de Notre-Dame-en-Vaux, que tem quatro torres e vitrais coloridos de excepcional qualidade. (AM E)

## CHAMADA

No hebraico, *qara*, «chamar», «nomear». Palavra usada por mais de setecentas e vinte vezes, desde Gên. 1:4 até Mal. 1:4. No grego, *kaléo*, «chamar», «nomear», palavra usada de Mat. 1:21 até Apo. 19:13.

Consideremos os três pontos abaixo, que nos ajudam no que precisamos saber a respeito:

**1. Vários Usos Bíblicos:**

a. Dar nome a uma pessoa ou a uma coisa; ser chamado por um nome, como os israelitas e suas respectivas tribos (Gên. 48:16). Além disso, há pessoas chamadas pelo nome de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento, como Israel, que foi chamado filho de Deus (Isa. 52:2; Osé. 11:1), ou como os crentes, que são chamados cristãos, entre outros nomes (Atos 11:26). Ver também Tia. 2:7:

b. O ato de convidar ou solicitar (Êxo. 2:7).

c. Nomear para algum ofício (Êxo. 31:2).

d. Criar, produzir coisas mediante o poder da palavra, ou por um ato da vontade (Rom. 4:17; Eze. 36:29).

e. Convidar alguém a assumir um dever, mediante a palavra, ou através do poder impulsionador do Espírito Santo (Isa. 22:12; Pro. 1:24; Mat. 22:14).

f. *O convite feito aos pecadores* para o estado de graça, por meio da pregação do evangelho. Essa chamada harmoniza-se com o propósito divino no tocante a cada pessoa (Rom. 8:28; II Tim. 1:9). Isso conduz os homens à mais elevada glória e felicidade (Fil. 3:14), mas essa chamada não é atendida por muitos dos sábios e poderosos (I Cor. 1:26,27). Trata-se de uma chamada santa e gloriosa (II Ped. 1:3). É uma chamada celestial (Heb. 3:1). É uma chamada determinada e mantida pela vontade divina (Rom. 8:29). É universal (João 3:16; Apo. 22:7; I Tim. 2:4). Tem resultados universais (João 12:32; Efé. 1:10), nos que se salvam ou nos que se perdem (II Cor. 2:14,15).

g. Proclamar (Joel 1:3). Apelar solenemente a Deus, convocando-o para que faça o registro da alma de alguém (II Cor. 1:23). Invocar a Deus equivale a adorá-lo, particularmente no caso das orações (I Ped. 1:17).

**2. Na Teologia Paulina:**

Desenvolvendo algumas das idéias citadas acima, vemos que, nas epístolas de Paulo, a *chamada* quase sempre denota o decreto de Deus Pai concernente à salvação dos homens, e isso se torna eficaz mediante as operações regeneradoras e transformadoras do Espírito Santo. Essa chamada produz a reação da fé (Rom. 8:30; I Cor. 1:9; Gál. 1:15; II Tes. 2:13 *ss*; II Tim. 1:9; Heb. 9:15; I Ped. 2:9). Os teólogos falam sobre a *chamada eficaz* que ocorre por meio da pregação do evangelho. (Ver Rom. 8:28-30; 9:23-26). O nono capítulo da epístola aos Romanos realmente limita essa chamada aos eleitos, de onde os calvinistas obtêm força, em seus argumentos. Mas Paulo, no décimo capítulo dessa mesma epístola, e daí por diante, mostra que não há limite para a questão, o que concorda com a universalidade do amor de Deus. Ver sobre o *Determinismo* e o *Livre-Arbítrio*, quanto a uma discussão sobre os problemas criados e sobre o exame em separado de cada um dos lados da questão.

**3. A Chamada ao Serviço.** Deus às vezes chama alguém para algum serviço ou ofício especial, como no caso do apostolado (Rom. 1:1), da pregação missionária (Atos 13:2; 16:10), do sacerdócio (Heb. 5:4), ou de alguma outra ocupação específica, mediante o que certos indivíduos terão de expressar-se e desenvolver-se espiritualmente (I Cor. 7:20). O trecho de Apo. 2:17, com sua doutrina do *novo nome*, mostra-nos que cada indivíduo é sui-generis e está encarregado de missões distintivas, tanto agora quanto na eternidade. Ver esse ensino sob o título *O Novo Nome*. (B K NTI)

## CHAMADOS MUITOS, ESCOLHIDOS POUCOS

Mateus 22:14: *Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.*

É evidente que Jesus repetiu certas declarações ou ensinos, algumas vezes com um sentido e de outras vezes com outro sentido ou conexão, conforme qualquer mestre pode fazer. Esta é uma dessas declarações. Aqui vemos uma *distinção* entre grupos que realmente tinham ouvido e aceito o convite. Os escolhidos, neste caso, são aqueles destacados dentre o grupo dos «chamados». Essa declaração realmente expressa a intenção geral da parábola, ou das duas parábolas construídas de modo a parecerem uma só. Do princípio ao fim, o convite foi feito para muitos. A maioria rejeitara totalmente esse convite, e esse grupo, naturalmente, estaria entre os «chamados, mas não escolhidos». Todavia, dentro do grupo que correspondera afirmativamente ao convite, havia aqueles que, embora chamados, contudo, não eram escolhidos. Tinham chegado ao salão do banquete, externamente haviam obedecido à convocação para a festa de casamento, mas tinham suas próprias opiniões acerca da necessidade e do valor de alguma forma especial de *vestes nupciais* isto é, de «riquezas espirituais». Tinham tudo quanto pensavam que era mister, e a despeito das claras indicações das exigências requeridas para quem quisesse estar presente ao banquete, exigências essas determinadas pelo próprio grande rei, possuíam suas opiniões pessoais e não se prepararam convenientemente. Por esse motivo é que houve outra seleção, feita pelo rei em pessoa, o qual passou em revista os convivas. Entre os «chamados» foram encontrados aqueles que realmente não eram convidados dignos de estarem no salão de banquete, e esses foram duramente tratados, sendo expulsos. Ao empregar a palavra «escolhidos», portanto, Jesus quis indicar aqueles que realmente possuíam a «justiça», identificada pelas «vestes nupciais». Esses eram os que tinham feito uma inquirição espiritual genuína e sincera.

Talvez tenhamos neste vs. uma alusão ao costume dos romanos, ao formarem suas milícias. Todos os cidadãos eram convocados, mas somente os que estivessem realmente *aptos* eram finalmente escolhi-

dos para desempenharem qualquer serviço real em prol da nação. «Chamados» e «escolhidos», portanto, neste caso não implica em mera diferença, mas indica uma *antítese* verdadeira. Segundo os ensinamentos de Jesus, como também acontecia com os escritos rabínicos, sempre se verifica uma rigorosa separação entre os dignos e os indignos. Alguns intérpretes encontram aqui uma idéia calvinista extremada, como se se tratasse da eleição externa e da *reprovação*; mas isso é exagerar o significado das palavras de Jesus. A idéia de «eleição» não tem alicerces dogmáticos. Quanto a essa questão, o leitor deveria ler as notas em Rom. 9:15,16 e Efé. 1:3-5 no NTI. Aqui temos antes o julgamento definido dos convidados por parte do rei, julgamento esse baseado no modo como os homens acolheram o convite, sem nada ficar subentendido acerca das ações dos indivíduos a quem foi lançado o convite. Deve-se notar, entretanto, que fica demonstrada aqui importantíssima questão doutrinária, e que a autoridade teocrática de Cristo é proclamada, bem como sua especialíssima relação para com Deus, por ser ele o filho do rei, e em face do fato de que a festa das bodas foi, ao mesmo tempo, o recebimento da noiva e a coroação do filho do rei. O autor do evangelho de Mateus, pois, ensinou que a antiga autoridade investida em Israel fora passada para os ombros de Cristo. O sinédrio portanto, tinha apenas uma aparência de autoridade. A grande verdade é que ao tempo da escrita deste evangelho, o sinédrio já havia sido destruído pelo poder romano e, em sentido muito real, a autoridade fora arrancada das mãos do povo de Israel.

— Mateus 22:14 não expressa *pessimismo* indevido; pelo contrário, mostra a *dura realidade*. Pouquíssimos judeus corresponderam de bom grado a Jesus e ao seu convite, e o autor deste evangelho escreveu num período quando a igreja estava sendo perseguida tanto pelos romanos como pelos judeus. Nada indicaria que haveria grande quantidade de conversões entre os judeus.

**A reversão.**

A Descida de Cristo ao Hades (vide) e a Restauração (vide) podem reverter qualquer situação humana.

## CHAMINÉ

No trecho de Oséias 13:3 há uma palavra hebraica que também figura por outras oito vezes, *arubbah*, «janela». Essa é a tradução que aparece em nossa versão portuguesa, naquela passagem, como lugar por onde passava a fumaça. Todavia, algumas versões preferem traduzi-la, nesse trecho de Oséias, por «chaminé», embora se saiba que, naquele tempo, ainda não se faziam chaminés nas casas. Todavia, no livro apócrifo de II Esdras 6:4, segundo a Vulgata Latina, temos a palavra *caminos*, que é a raiz latina para chaminé. Ali está em foco uma lareira ou um forno, mas não uma chaminé. Esse é o sentido original da palavra latina.

## CHAMPEAUX, GUILHERME DE

Suas datas foram 1070-1120. Foi um filósofo escolástico, discípulo de Anselmo. Estudou com Roscelin e foi mestre de Abelardo. Há artigos sobre cada uma dessas personagens. Champeaux foi bispo de Châlon-sur-Marne (que vide), —desde 1113 até o seu falecimento. Foi professor de lógica na Escola Catedral de Paris. Ele fundou a casa e escola de São Vítor, em 1108. Ele defendia a posição do *realismo extremo* (que vide), no tocante ao problema dos *universais* (que vide), acompanhando Platão. De acordo com a aplicação feita por Champeaux acerca desse ponto de vista, todas as espécies de uma entidade qualquer têm a mesma natureza essencial, e as diferenças são meros acidentes. Abelardo, porém, criticava essa posição, pensando que a mesma inclina-se para o panteísmo, pois Deus *é* Substância, e, nesse caso, todas as coisas seriam idênticas, participantes da substância de Deus. A fim de anular essa crítica, Champeaux passou a defender uma teoria da *indiferença* dos universais. Em outras palavras, os indivíduos que são membros de uma espécie não são idênticos essencialmente, embora o sejam indiferentemente. Isso significa que as essências dos membros individuais de uma espécie são similares, e que essa similaridade provê a base do nosso conceito de *espécies*. Esse conceito aplica-se, indiferentemente, a todos os membros de uma dada espécie. Sua principal obra literária foi *Sentenças*.

## CHAMPLIN, RUSSELL NORMAN

**O Dr. Russell Norman Champlin foi o autor do *Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo* e autor principal da presente *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. O seu co-autor é o pastor João Marques Bentes. Detalhados artigos biográficos aparecem sobre ambos na introdução da presente obra, logo após a página dedicatória.**

## CHANCE

*Esboço*:

1. Definição
2. Psicológica e Cosmológica
3. Tiquismo Puro
4. A Ciência e o Tiquismo
5. O Tiquismo e a Teologia
6. A Chance e a Ética
7. O Caos e a Chance
8. O Tiquismo e o Problema do Mal
9. O Teísmo e a Chance
10. Avaliação

**1. Definição. Chance** é uma palavra usada em muitos contextos importantes e de certa variedade de maneiras. A idéia básica do termo é a de que algumas, ou mesmo todas as coisas, acontecem sem predeterminação da natureza, do homem ou de Deus. O conceito pode incluir causas *desconhecidas*, de tal modo que as coisas *parecem* acontecer por puro acaso. Ou então, estariam em operação probabilidades indeterminadas.

**2. Psicológica e Cosmológica. Carl Jung (que vide) falava em coincidências significativas.** Todos nós podemos ver coincidências incomuns. Consideremos o seguinte exemplo. Duas famílias vivem perto uma da outra, em certo estado de nosso país. Os dois pais de família eram bons amigos. Mas eis que uma das famílias muda-se para um outro estado. Três anos depois, a outra família também muda-se para o mesmo estado, mas sem que nenhuma das famílias tivesse conhecimento do fato. No ginásio, dois adolescentes encontram-se e logo se tornam bons amigos. Um dia, a conversa deles gira em torno do fato de que *seus pais* eram bons amigos de alguém, há muitos anos, antes deles terem nascido, em um outro estado, quando viviam no mesmo bairro, perto desse alguém. Eles não o sabiam, mas eram precisamente os filhos daqueles homens que haviam sido bons amigos na outra cidade. Isso seria mera coincidência,

ou teria sentido? A opinião de Jung era que as duas ocorrências nada tinham a ver uma com a outra, nem haveria relação de causa entre elas. Não obstante, elas estão relacionadas, e há algum significado em tudo isso. Jung encarava a astrologia como segue. Os planetas não exercem qualquer influência sobre os homens, por causa de qualquer energia ou força que tenham. Mas as posições dos astros podem corresponder a certos eventos da vida humana, mediante algum estranho arranjo de coincidências significativas. Assim, os acontecimentos nas vidas das pessoas e as posições dos astros sucedem conjuntamente, com algum significado, embora não haja qualquer relação direta de causa e efeito. No entanto, alguns têm pensado que aquilo que Jung chamou de coincidências significativas apenas esconde *causas reais*. Mas, visto que essas causas são para nós desconhecidas, falamos em coincidências. Esse estranho sincronismo na realidade é alguma espécie de misteriosa situação de causa e efeito.

**3. Tiquismo Puro.** A palavra grega que significa «chance» é **tuché**, de cujo termo Charles Peirce (que vide), cunhou a palavra *tiquismo*. A palavra indica a chance dos eventos imprevisíveis. O tiquismo puro é a noção de que coisa alguma é determinada e acontece devido a alguma causa; antes, os eventos ocorreriam inteiramente ao acaso. Ora, a ciência, a filosofia e a experiência humana contradizem essa noção, embora seja quase certo que certos eventos sejam caóticos, sem qualquer causa significativa perceptível. William James (que vide) falava sobre a chance como a negação da necessidade. É mister supor que *alguns* eventos são desnecessários, mesmo que a vida humana, de modo geral, tenha um propósito por detrás da mesma. Alguns filósofos têm defendido a idéia do tiquismo puro, como Epicuro (que vide), e também Lucrécio (que vide). Usualmente isso é feito em conexão com o problema do mal e das dificuldades criadas por esse problema.

**4. A Ciência e o Tiquismo.** Deus predetermina todos os acontecimentos, tanto os bons quanto os maus, bem como os destinos de todos os homens, incluindo a redenção ou a perdição deles? Os calvinistas radicais respondem com um «sim». Os calvinistas moderados respondem com um «sim» e com um «não», explicando que Deus preordenou ativamente a eleição, mas permitiu que o pecador caísse na conseqüência natural de seus pecados. A teologia arminiana, por sua vez, supõe que a eleição também é causa, não por Deus, mas pela escolha humana. Ver sobre a *Predestinação* e sobre o *Determinismo versus Livre-Arbítrio* quanto a uma completa discussão sobre esses problemas. A teologia dos hebreus mostrava-se fraca no que concerne a segundas causas, tendendo por fazer Deus estar diretamente envolvido como causa de tudo; e esse é também o erro do calvinismo extremado. Isso faz Deus ser a causa do mal, o que não é um conceito teologicamente aceitável. O *ocasionalismo* filosófico (que vide) também faz Deus ser a única causa, o que redunda em certos resultados absurdos, no tocante ao *problema corpo-mente* (vide). — **O livre-arbítrio ao menos pressupõe a existência de alguns eventos** sem causa, de tal modo que o homem torna-se livre para manipular a sua própria vida e destino, dentro das regras estabelecidas por Deus, naturalmente.

**5. O Tiquismo e a Teologia.** Deus determina de antemão todos os antecimentos, bons e maus? Deus determina os destinos de todos os homens, para a redenção ou para a destruição? O Calvinismo radical (que vide) afirma que *sim*. Os calvinistas moderados dizem *sim* e *não*. Eles afirmam que os eleitos são predestinados para a vida eterna, mas os incrédulos simplesmente são ultrapassados e deixados a sofrerem as conseqüências normais de seus erros. O Arminianismo (que vide) ensina que é o homem que determina o seu destino e não Deus, porque faz parte do plano divino que as coisas aconteçam assim. Ver os artigos, *Determinismo* e *Livre-arbítrio* para discussões completas sobre estes problemas. A teologia judaica foi fraca em relação às causas secundárias, e por isso, alguns de seus teólogos atribuíram todos os acontecimentos a Deus, achando ser ele a única causa. O erro do Calvinismo radical foi de seguir esta fraqueza judaica. Realmente, nisto temos mais do que uma fraqueza; temos uma blasfêmia que faz de Deus a causa do mal. *Ocasionalismo* (que vide) na filosofia, também faz de Deus a única causa, com certos resultados absurdos em relação ao problema corpo-mente (que vide). O livre-arbítrio, como teoria, declara que pelo menos alguns acontecimentos são sem causa (tiquismo), e sempre supõe que o homem é também uma causa de acontecimentos. Existem causas secundárias. O homem é livre para manipular. De fato, o homem é um ser criador, retendo esta característica como a imagen de Deus. Entretanto, a teologia corretamente rejeita o tiquismo radical. Paulo, em Rom. 8:20, aceita a doutrina da futilidade. O caos existe, portanto, às vezes o tiquismo se expressa. Mas, ele ensinou também que até o caos, pela manipulação de Deus, afinal, será utilizado para convencer os homens a procurá-lo, Rom. 8:22 *ss*, Efé. 1:10. Portanto, o tiquismo existe às vezes, e cria caos, mas sempre na corrida curta. Na corrida longa, Deus vai desfazer os maus resultados do tiquismo.

**6. A Chance e a Ética.** Se todos os homens fazem exatamente aquilo que Deus preordenou, ou se alguma outra forma de necessidade transforma o homem em um autômato, então deixou de existir a responsabilidade moral. Uma pessoa não pode ser considerada responsável se fizer aquilo que não pode evitar. Algumas pessoas pensam que Deus tem o direito de punir um homem que não exerce controle sobre suas ações e seu destino. Porém, isso apenas cria uma noção de justiça que não apenas é duvidosa, mas é até repugnante. Observemos que o trecho de Romanos 5:7 estabelece a diferença entre o homem *justo* e o homem *bom*. O homem justo observa todas as regras religiosas. Ele é devoto e correto mesmo em sua vida privada. Mas o homem bom, além de ter essas qualidades, também mostra-se benevolente, pondo em prática a lei do amor. Uma justiça impessoal, que apenas julga e destrói, dificilmente pode ser a justiça de Deus. A justiça também precisa incluir a bondade, assim exprimindo aquele amor de Deus que abrange a humanidade inteira (João 3:16). Portanto, não se deve falar em uma justiça impessoal, que requeira retribuição ao pé da letra. A mensagem do evangelho é precisamente a de que a justiça de Deus não opera com essa inflexibilidade, porquanto é temperada por sua misericórdia e graça. Ora, se Deus requer que um homem seja bom, e não meramente justo, poderia ele mesmo ser menos do que isso? Por conseguinte, o homem é dotado de livre-arbítrio, e é responsável. Isso não significa, entretanto, que não existam forças limitadoras, ou que sua vida não tenha qualquer desígnio. Mas significa que, dentro dos limites estabelecidos por Deus, o homem tem a liberdade de agir.

**7. O Caos e a Chance.** A passagem de Romanos 8:20 fala a respeito da futilidade. É quase certo que alguns eventos ocorrem absolutamente sem qualquer causa, e que alguns desses eventos criam tragédias.

Em vista disso, os homens podem chegar a sentir a futilidade da vida. Paulo também supunha que esses acontecimentos fortuitos podem ocorrer. Não obstante, naquele mesmo capítulo, ele afirma que Deus mantém sob seu controle todas as tais ocorrências, e que, finalmente, ele haverá de reverter tudo isso, quando da restauração geral (que vide), bem como através da redenção (que vide), por ele planejadas. Esse oitavo capítulo da epístola aos Romanos também mostra-nos que a futilidade pode ter uma importante função. Pois quando os homens descobrem que sua vida termina na futilidade, se seguirem seus próprios caminhos pecaminosos, — finalmente eles poderão buscar refúgio em Deus, porque esta vida fútil não é digna de ser vivida.

**8. O Tiquismo e o Problema do Mal.** Por que motivo os homens sofrem? E por que motivo o homem *bom* também sofre? Por que ocorrem dilúvios, incêndios, desastres, enfermidades, morte? Quando fazemos perguntas assim, estamos adentrando no problema do mal (que vide). Uma das respostas supostamente adequadas a essas perguntas diz que as coisas ocorrem totalmente ao acaso. Isso é tiquismo puro. Uma outra versão dessa resposta é a do *tiquismo controlado*. Apesar de muitas coisas acontecerem por puro acaso, produzindo assim muito sofrimento, em minha espiritualidade criativa posso fazer com que certos acontecimentos tenham um certo propósito. Posso usá-los como degraus para um maior desenvolvimento espiritual. Por si mesmos, esses acontecimentos são fortuitos, mas eu forço sobre os mesmos um certo significado, em minha vida diária.

**9. O Teísmo e a Chance.** Os teístas supõem que Deus existe, e que Deus continua interessado em sua criação. Por esse motivo, Deus intervém, julga, recompensa e guia. Se for levada a um ponto extremo, essa doutrina transformar-se-á no ensino de que Deus é apenas imanente. Se for inteiramente negada, isso fará Deus tornar-se apenas um Ser transcendental. É então que caímos no *deísmo* (que vide). Os deístas supõem que Deus criou todas as coisas, mas que, ato contínuo, abandonou a sua criação, deixando-a sob o governo das leis naturais. Em conseqüência, Deus não recompensaria e nem castigaria (embora isso seja feito pelas leis naturais). Realmente, precisamos do consolo que o governo de Deus nos proporciona; mas também precisamos da responsabilidade moral decorrente do fato de sermos seres livres.

**10. Avaliação.** É fato que há coisas que acontecem por puro acaso, e isso inclui mais do que a taxa de probabilidades de coisas triviais, como o jogo. A chance ou sorte pode produzir tragédias, e ninguém está isento delas. A futilidade criada por essa possibilidade direciona as nossas mentes para Deus, como o nosso refúgio. De modo geral, porém, o desígnio controla os acontecimentos deste mundo, mesmo que, na maioria das vezes, não sejamos capazes de percebê-lo. Ver o artigo sobre a *Teleologia*. O homem tem a liberdade de agir, e assim desenvolver a sua espiritualidade e o seu destino. No entanto, ele só é capaz disso dentro dos limites estabelecidos por Deus, ou pela sua própria alma. Alguns eventos de nossas vidas são determinados de modo absoluto, embora não sem propósito e sem desígnio. E os eventos que foram predeterminados, foram de conformidade com um plano benevolente. O homem espiritual e bem desenvolvido, através de sua alma preexistente, determina pessoalmente esses eventos, pois sabe o que precisa enfrentar e experimentar, a fim de poder crescer. A alma pouco desenvolvida sofre sob a imposição de certos eventos necessários, como medidas de aprendizado e de disciplina. Dentro do arcabouço de alguns poucos eventos determinados de antemão, temos absoluta liberdade para agir, para crescer e para nos desenvolvermos. A chance pura é uma realidade, mas uma realidade meramente periférica. As experiências de quase morte (que vide), demonstram que a vida de cada um de nós é governada pelo desígnio divino, e não pelo puro acaso. A filosofia e a teologia sempre nos asseguraram isso. (EP H MM NTI)

## CHANG TSAI

**Suas datas foram 1020-1077. Foi um filósofo chinês** neoconfucionista, nativo de Chang-An, Shense, filho de um magistrado. Formou-se como Erudito Apresentado em 1057 e empregou-se na biblioteca imperial. Ocupou várias posições importantes, mas sua predileção era sobre a filosofia e a religião. Sua busca pessoal pela verdade levou-o do confucionismo, ao budismo, ao taoísmo, e daí de volta ao confucionismo.

*Idéias*: 1. As forças materiais devem ser identificadas ao grande princípio do *Yin* e do *Yang* (forças positivas e negativas), que são aspectos da força material, com base em oposições, constituindo um dinamismo e um equilíbrio, como os principais fatores da natureza do universo. O desenvolvimento espiritual também acompanharia essas forças positivas e negativas. 2. Chang eliminava as idéias espiritualistas, como seres espirituais ou espíritos dos mortos, como guias de sua filosofia e religião. Além disso, repelia as idéias do aniquilamento budista e da cessação do ser do taoísmo. 3. Em seu livro, *A Inscrição Ocidental*, ele identificou o amor como o maior de todos os princípios éticos, e situou todas as relações humanas dentro do arcabouço cósmico do respeito e da piedade filiais. 4. O seu ideal ético era a *moderação*. O mau resultaria da própria natureza do homem, que, em si mesmo, tem a possibilidade de cair em excessos. Afastar-se da moderação, pois, seria agir com maldade.

*Escritos*: *A Inscrição Ocidental* e *Corrigindo a Ignorância Juvenil*.

## CHANG TUNG-SUN

**Nasceu em 1886 e faleceu em 1979. Foi um filósofo** chinês, nativo de Chekiang. — Era um autodidata, editor de jornais e revistas, professor universitário em Xangai, Cantão e Pequim. Era líder do Partido do Estado Socialista quando foi aprisionado pelos japoneses, durante a Segunda Guerra Mundial. Terminada a guerra, juntou-se à Liga Democrática Esquerdista e tornou-se membro do Comitê Central do Governo Popular, em Pequim.

*Idéias*: 1. Ele era um pluralista epistemológico, pois supunha que tanto o mundo que conhecemos como a mente cognoscente são resultados de construção, apesar do que haveria alguns elementos de ordem e conteúdo que não resultariam da construção. 2. A síntese ocorreria continuamente, tanto no nível das sensações quanto no nível da concepção. Ele distinguia quatro categorias dentro desse processo: a. sensação; b. concepção; c. unificação; d. regulamentação, quando as idéias tornam-se categorias universais. 3. Haveria uma progressão natural das sensações para os outros níveis do processo do conhecimento. A percepção levaria a um traço; o traço tornar-se-ia um sinal; e o sinal, transferido para várias coisas, tornar-se-ia um símbolo. Esse símbolo já seria um conceito. Os conceitos envolveriam uma capacidade normalizadora. Essas capacidades criariam tipos epistemológicos. Além disso, haveria grupos de conceitos

relacionados entre si, que já formam categorias. 4. Dentro de cada categoria, o indivíduo descobriria que as sensações (percepções dos sentidos) não são o único controle dos nossos conceitos. As necessidades sociais também desempenhariam o seu papel. Assim, Deus, a substância, o absoluto são categorias que provêem à sociedade as suas forças de coesão. Portanto, nossas idéias mais gerais refletem não somente o mundo, mas, igualmente, as necessidades e os conflitos da sociedade em que vivemos.

*Escritos*: *Pluralismo Epistemológico* e *Conhecimento e Cultura*.

## CHANNING, WILLIAM ELLERY

Suas datas foram 1780-1842. Foi um líder religioso norte-americano. Educou-se em Harvard. Era um unitariano (que vide). Ele considerava o calvinismo um sistema imoral, por causa de sua ênfase sobre a ira de Deus, com a negação do amor de Deus pelo mundo inteiro, em qualquer sentido eficaz. Também ensinava que a doutrina da Trindade (que vide) não é bíblica e nem filosófica. Ele tem sido contado entre os transcendentalistas da Nova Inglaterra (que vide). Ver também o artigo sobre *Transcendental*. (AM P)

## CHAPÉU

Ver o artigo geral sobre **Vestimentas**.

## CHARACTERISTICA UNIVERSALIS

A expressão foi usada por Leibniz para indicar as *verdades da razão*, as quais ele considerava mais básicas ainda do que as verdades de fato, que nos chegam à consciência através da percepção dos sentidos. Ele acreditava no primado da razão. Ver sobre o *Racionalismo*. Todas as verdadeiras proposições são analíticas, e qualquer proposição falsa é uma contradição. Ver sobre *Leibniz*, décimo primeiro ponto.

## CHARISMATA

Ver os dois artigos: *Dons Espirituais* e *Movimento Carismático*.

## CHARTISMO

Termo usado para descrever o movimento criado por uma petição parlamentar intitulada, em inglês, *Peoples! Charter*. Esse documento foi traçado em 1836, e exigia o sufrágio dos homens, parlamentos anualmente convocados, voto por cédula secreta, abolição de qualificações para se ter o direito a propriedades, e o pagamento aos membros da Casa dos Comuns, da Inglaterra. A petição foi esmagadoramente derrotada na oportunidade; mas, pouco a pouco, todas as suas provisões tornaram-se parte da legislação inglesa. Foi esse o primeiro protesto do proletariado da Revolução Industrial. O movimento chartista também promoveu greves, e, embora alguns de seus membros tivessem sido deportados, isso deu margem ao começo das organizações radicais e progressistas que tão fortemente chegaram a influenciar o desenvolvimento da política britânica, na segunda metade do século XIX. (E)

## CHARTRES

Uma notável escola na França, fundada nos fins do século X, por Fulbert (que vide), bispo de Chartres. Outros líderes dessa escola foram Bernardo de Chartres, falecido em cerca de 1130, seu irmão mais novo Thierry, e Bernardo Silvestris, chanceler de Chartres, em cerca de 1156. E também Guilherme de Conches (que vide), cujas datas foram cerca de 1080-1145, Walter de Mortagne (que vide), bispo de Laon, falecido em 1174; e Gilberto de la Porrée (que vide), bispo de Poitiers e chanceler de Chartres em cerca de 1154. Quanto à teologia, essa escola seguia Boetius, e, quanto à filosofia, Platão. Os tratados lógicos de Aristóteles também eram muito valorizados nessa escola. Essa escola tornou-se conhecida por sua dedicação às ciências naturais. Muito estudo foi dedicado a Hipócrates, a Galeno e aos tratados médicos dos árabes. Uma das características dessa escola era seu grande amor aos clássicos e às obras humanistas do passado. (AM E)

## CHARVAKA

Um sistema filosófico indiano do **materialismo** (que vide), derivado do *Rig Veda* (que vide). Teve seu desenvolvimento inicial no escrito não mais existente, *Brhaspati Sutra*. No sânscrito, o princípio materialista é chamado *Lokayata*.

*Idéias*: 1. Os princípios de todas as coisas podem ser encontrados nos elementos básicos: a terra, o ar, o fogo e a água. 2. Aquilo que não pode ser percebido não existe, pois ser percebido é existir. 3. A inteligência é uma propriedade do corpo físico e de suas manipulações, e não de uma alma imaterial. 4. O propósito do homem, na vida, é encontrar o prazer. Ver sobre o *Hedonismo*. O céu e o inferno são invenções humanas, e são estúpidos e destituídos de significado. 5. A prática da religião é apenas um ganha pão dos religiosos. Os autores dos Vedas foram uns bufões, velhacos e demônios. 6. Os universais são apenas nomes de coisas que vemos e enumeramos. 7. Causa e efeito são apenas imagens da percepção, de uma coisa que antecede a outra. Não há base real para esse conceito. 8. Não podemos afirmar, com absoluta certeza, nem a existência e nem a não-existência. Ver sobre o *Ceticismo*.

## CHASIDISMO

Ver sobre o **Assidismo**.

## CHAVE (Ver também sobre **Chaves**).

No hebraico, **maphteach**, «abridor». Esse termo figura por três vezes: Juí. 3:25; Isa. 22:22 e I Crô. 9:27 (nesta última referência, o termo é traduzido pelo verbo «abrir»). No grego, *kleís*, vocábulo que aparece por dezesseis vezes: Mat. 6:6; 23:14; 25:10; Luc. 4:25; 11:7; João 20:19,26; Atos 5:23; 21:30; I João 3:17; Apo. 3:7,8; 11:6; 20:3; 21:25. A *chave* movimentava o pino da fechadura ou da trave.

A chave é um instrumento que, na antiguidade, usualmente era feito de madeira, embora também houvesse chaves de metal. Geralmente, as chaves antigas eram volumosas. Com freqüência era levada ao ombro, como símbolo de autoridade (Isa. 22:22; Apo. 3:7). Sempre é um símbolo de autoridade, nas Escrituras, indicando o direito de realizar alguma tarefa ou de exercer algum ofício. No sentido espiritual, Cristo é quem leva as chaves (Apo. 1:8). Há anjos que têm uma autoridade representada por alguma chave, como aquele que tem a chave do abismo ou hades (Apo. 9:1 e 20:1).

As chaves estão associadas ao conhecimento e à interpretação, como se segredos, instruções e informa-

ções fossem guardadas sob autoridade, mas pudessem ser abertas pelos ministros autorizados (Luc. 11:52). Aos apóstolos foram confiadas as «chaves do reino», visto que lhes foram dados o poder e a autoridade para abrirem o novo caminho espiritual, anunciando ao mundo a mensagem de Jesus (Mat. 16:18,19). As portas da Igreja foram abertas por Pedro, no dia de Pentecoste (Atos 2), e em Cesaréia (Atos 10), e por Paulo e Barnabé, na Ásia Menor (Atos 14:27).

O simbolismo da chave é apropriado porque os povos antigos imaginavam as dimensões espirituais guardadas por portas que só poderiam ser abertas por deuses ou por anjos. As regiões inferiores, como o hades, estariam sob a autoridade de forças demoníacas. Várias forças espirituais, divinas, ou demoníacas, eram retratadas nas culturas antigas como dotadas de chaves espirituais e metafísicas, como Shamash, entre os babilônios, Dike, entre os gregos, Jânus, entre os romanos, Aion-Cronos, no mitraísmo, Hélios, no período neoplatônico, etc. Nadu era uma divindade babilônica que guardava o mundo inferior. Além desses, temos Plutão, Aiacos, Persefone e Selena-Hecate, que seriam autoridades existentes no hades, além de Ísis, das religiões misteriosas.

Brandir uma chave equivalia a ter recebido autoridade e uma missão. Dar uma chave a alguém simbolizava conferir-lhe poder ou missão especiais.

## CHAVES

### I. Declaração Geral.

A idéia da *chave* é biblicamente ligada com o poder de *ligar* e *desligar*, como em Mat. 16:19. Poderes espirituais, delegados de Deus, determinam como a oportunidade espiritual é dada aos homens. O uso das chaves espirituais abre o caminho da oportunidade para o benefício dos homens. Os desobedientes encontram uma porta fechada, porque aquele que entra na porta deve obedecer às regras O *poder das chaves*, em Mat. 16:19, é associado com a autoridade de excomungar ou de receber pessoas na Igreja. Este assunto é comentado, com detalhes, no ponto II.

*A metáfora*. Muitos povos antigos pensaram nos lugares celestiais como protegidos pelo poder dos deuses (ou Deus), situados atrás de *portas*. Somente as autoridades espirituais superiores têm as chaves que podem ser usadas para abrir estas portas. Na religião babilônica o deus Shamash tinha as chaves; na religião grega, era Dike; na Romana, era Janus; em hades era Plutão, *Aiaco*, Persefone e Selena-Hecate. Na religião judaica, Deus ou um dos mais altos anjos, como Miguel, têm as chaves. O Talmude Babilônico fala sobre o relâmpago, o trovão, as chuvas, etc., como controlados pelas chaves dos anjos. Ver nesta conexão, Jer. 745.

*No Novo Testamento*. Pontos II e III falam sobre usos importantes do conceito de *chaves* no NT. Além deles, temos a *chave do conhecimento* em Luc. 11:52. As autoridades religiosas roubaram o conhecimento do povo, utilizando-se erradamente destas chaves. O livro da revelação ficou fechado pela perversidade dos homens.

*As chaves que abrem o reino*. Ver Mat. 16:19; 23:13. Os judeus imaginaram que Deus segurava quatro chaves: da chuva, da concepção, da ressurreição dos mortos e das ceifas. Mais importante, e relacionada com a ressurreição, é a chave do reino, pela qual, seus benefícios, na salvação, tornam-se disponíveis para os homens. Existem também as chaves do hades, que finalmente, os maiores anjos, como Miguel, utilizarão para libertar seres humanos, e anjos decaídos. Apocalipse 9:1 e 20:1 refletem estas idéias. Em Apoc. 11:6 temos o uso da chave dos céus, para fechar as fontes das águas, não permitindo chuva. Esta é uma velha idéia do judaísmo. Naquela fé, são os anjos que seguram as chaves que controlam os diversos elementos do tempo.

### II. As Chaves e Pedro, Mat. 16:19.

«**Dar-te-ei** chaves...» As «chaves» simbolizam o poder e a autoridade, o encargo especial e privilegiado. Talvez a menção de «portas» e a implicação do símbolo de um castelo tenham provocado o emprego desse outro símbolo—*chaves*. Cristo tem um castelo, o castelo do reino dos céus e da igreja. Esse castelo também tem «portas», e para alguém nele entrar é mister que outrem abra essas portas. Ora, para abri-las, é necessário usar as «chaves». «As 'chaves' são símbolos da capacidade de abrir e explicar as verdades do evangelho, e também uma missão e comissão, dadas por Cristo, para que alguém as use» (John Gill, em Mat. 16:19). Pedro fez uso das chaves, pregando o evangelho primeiramente aos judeus (Atos 2), e *depois* aos gentios (Atos 10 e 15:7,14).

A passagem de Isa. 22:20-22 ilustra os pensamentos de Mat. 16:19. «E será naquele dia que chamarei a meu servo Eliaquim, filho de Hilquias, e revesti-lo-ei da tua túnica, e esforçá-lo-ei com o teu talabarte, e entregarei nas suas mãos o teu domínio, e será como pai para os moradores de Jerusalém e para a casa de Judá. E porei a chave da casa de Davi sobre o seu ombro, e abrirá, e ninguém fechará, e fechará e ninguém abrirá». O palácio do grande rei subentende a existência de alguém, de um oficial subordinado ao rei, que tenha autoridade no palácio especialmente no tocante ao tesouro, mas cujos serviços não estariam limitados a essa função. O trecho de Apo. 3:7 usa o mesmo símbolo, relacionado à ampla pregação do evangelho, pregação essa que arrostará todos os obstáculos. A expressão *pedra* alude ao *núcleo* da igreja, como se deu no caso de Pedro; as *chaves* referem-se ao *exercício* do ofício apostólico na igreja.

Alford diz: «Eis outra promessa pessoal feita a Pedro, cumprida de maneira notável na sua atitude pioneira de admitir tanto os judeus como os gentios na igreja, assim ele usou o poder das chaves para abrir as portas da salvação». Alguns intérpretes, como Wordsworth, aplicam essa promessa principalmente a Pedro, mas, por extensão da idéia, a todos quantos pregam o evangelho ou exercem outras funções na igreja, incluindo as funções relacionadas à disciplina.

*Tenho as chaves da morte e do inferno...* «chave»: Essa palavra indica o controle sobre algo, a fim de «abri-lo» ou «fechá-lo». É assim indicado o poder sobre a morte e o inferno. Tal expressão é típica da linguagem rabínica, podendo ser comparada aos termos de Mat. 16:19. A «chave» é o sinal de autoridade, do poder de uso, de instrumento de controle.

*Morte*. Estão em foco os aspectos físico e espiritual da morte. Nas mãos de Cristo se acham as grandes «finalidades» da criação. Ele venceu à morte física através de sua ressurreição; e isso indica o começo da conquista da morte espiritual, por semelhante modo. Cristo tem autoridade para infringir a morte espiritual, bem como o poder de livrar dela. A morte transforma tudo; mas Cristo veio alterar o conceito inteiro da morte; ela resulta, finalmente, em vida, devido ao seu poder remidor. A morte física separa a alma do corpo; a morte física separa o espírito humano de Deus, mas Cristo transformou a morte em portal da vida eterna.

*A chave do hades*. Essa expressão pode significar

(conforme era freqüente na linguagem dos rabinos judeus) o poder de produzir a ressurreição, sem qualquer alusão aos «espíritos vivos», confinados ao «hades». — O contexto cristão entretanto, inclui, forçosamente, a idéia de que Cristo é poderoso para livrar as almas da prisão do «hades», bem como é poderoso para conferir aos remidos corpos ressurrectos. Naturalmente, a chave pode «fechar», tanto quanto abrir. E isso fala do fato de que Cristo tem autoridade para encerrar almas no hades, como castigo por sua maldade e impenitência.

*As chaves*, que representam o poder sobre a morte e o hades, de acordo com o Targum de Jeremias, em Gên. 30:22, pertencem exclusivamente a Deus. Elias teria solicitado essas chaves (ver *Sanhedrin*, Fol. 113), mas foi informado de que três chaves não são entregues a um mensageiro: — em nascimento da chuva e a da «ressurreição dos mortos» (e, portanto, do «hades»). A *midrash Tehillin*, sobre o Salmo 93, mostra-nos que o Messias possuiria as «chaves da morte e do hades», porquanto possuiria o poder que ressuscitaria aos mortos. Há um provérbio rabínico que expande isso até certo ponto: «Há quatro chaves aninhadas na mão de Deus, que ele não outorga nem a anjo e nem a serafim—a chave da chuva, a chave do alimento, a chave dos túmulos e a chave de uma mulher estéril».

Cristo, por ser o portador das chaves, consolou a João, o vidente, juntamente com seus companheiros perseguidos. Toda a autoridade «final» reside com Jesus Cristo. Ele usará as chaves (sua autoridade) para nosso benefício, e nunca para dano nosso. O dano que porventura possamos sofrer da parte dos homens, quando muito, é temporário. Deus triunfará, finalmente.

«Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão?» (I Cor. 15:54,55).

*A morte e as trevas arrumam-te as malas para partires,*
*Pois agora nada mais falta ao homem;*
*Todos os teus triunfos agora terminaram,*
*E aquilo que Adão maculou, foi corrigido;*
*As sepulturas agora são leitos para os cansados,*
*E a morte é um cochilo para mais nos alegrarmos.*
(Henry Vaughan, «*An Easter Hymn*»)

**III. Chaves de Davi**, Apo. 3:7.

**Tem a chave de Davi.** Aqui também precisamos considerar quatro particularidades, a saber:

1. A alusão é ao trecho de Isa. 22:22, uma predição sobre a subida de Eliaquim ao ofício de governador do palácio. A «chave de Davi» era símbolo do poder e da autoridade de seu ofício monárquico. Há certa autoridade, própria do palácio real, que é dada a Cristo, por ele brandir a chave de Davi.

2. Alguns intérpretes também vêem o uso das chaves reais para finalidade de ser aberto o tesouro real, pois Eliaquim era o mordomo principal da casa real. Aquele que possui a chave de Davi, pois, tem na ponta dos dedos as riquezas do reino. O Rei benévolo dará essa riqueza aos fiéis.

3. O vidente João, sem dúvida, nos faz uma promessa escatológica: a. O Cristo, que tem as chaves, dará ao mundo os benefícios do seu evangelho, e tornará os homens seus súditos, b. Aqueles que lhe estiverem sujeitos receberão acesso ao reino de Deus, bem como aos mundos eternos.

4. O poder de Cristo, para abrir o reino de Deus aos homens, seria administrado, pelo menos em parte, através da porta aberta de serviço (ver Apo. 3:10), que ele dará à sua igreja missionária, porquanto através dos esforços desta última é que muitos homens serão trazidos ao reino do Filho amado (ver Col. 1:13).

«Davi é tipo simbólico de Cristo, o governante supremo do reino dos céus. (Ver Jer. 30:9; Eze. 34:23 e 37:24). A casa de Davi é a designação típica do reino de Jesus Cristo (ver Sal. 122:5). O fato que Cristo brande as chaves, símbolo de autoridade, mostra que esse é um direito que lhe cabe, por ser Senhor do reino e da Igreja de Deus. (Ver Mat. 16:19). Ele admite e exclui conforme quer». (Vincent, Apo. 3:7).

«Cristo tem o poder de admitir e de excluir, segundo a sua vontade própria (ver Mat. 25:10 e *ss*; Efé. 1:22; Apo. 3:21; 19:11-16)». (Robertson, Apo. 3:7).

*Que abre e ninguém fechará, e que fecha e ninguém abre.* Essas palavras dão a entender o senhorio absoluto de Cristo. (Isso pode ser confrontado com a passagem de Mat. 28:18, onde se lê: «Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra...» O prazer de Cristo é o de abrir a porta para todas as nações, para que ouçam o evangelho, e o Apocalipse mostra que isso se realizará. Cristo tem o poder de trazer a muitos para o reino de Deus; e isso ele fará. Os rebeldes, entretanto, perderão esse destino, que foi planejado para os homens, sem importar o tipo de restauração que venham a receber, conforme nos mostra o primeiro capítulo da epístola aos Efésios. Não obstante, há um elevadíssimo destino para o homem remido—a participação em toda a plenitude de Deus e na natureza divina (ver Efé. 3:19; Col. 2:10 e II Ped. 1:4). Nem todos os homens, todavia, atingirão essa bênção; e isso por terem sido excluídos pelo uso das chaves, por causa de sua rebelião e infidelidade. Apo. 3:7 pode ser comparado ao trecho de Apo. 1:8, onde Cristo é visto como quem possui as chaves da Morte e do Hades; e também ao trecho de Mat. 16:19, onde a Pedro foram entregues as chaves do reino dos céus.

As chaves de Davi visam um fim beneficente. O senhorio de Cristo, o Salvador, nunca se transforma, voluntariamente, em motivo da «exclusão», de homens, e para detrimento destes. Arrependendo-se, eles serão lançados nos braços abertos de Cristo, para serem acolhidos.

*Nada, senão o arrependimento, poderá absolver;*
*E embora os pecados sejam horríveis, tão abertos são seus braços,*
*Com uma bondade infinita, que eles recebem*
*A todos quantos para eles se voltam.*
(Dante)

## CHEFE

**Essa palavra e seus sinônimos, que dão a idéia de** algum líder, precisa ser desdobrada quanto às palavras hebraicas e gregas que estão por detrás do conceito, e que, aliás, são muitas, a saber:

1. *Magen*, «escudo», palavra usada por sessenta vezes, uma das quais com o sentido de «chefe», em Oséias 4:18. A versão portuguesa diz «príncipe».

2. *Mashal*, «governante». Palavra usada por noventa e nove vezes (por exemplo: Gên. 45:8; Juí. 15:11; Sal. 105:20,21; Pro. 6:7; Isa. 14:5; Hab. 1:14).

3. *Nagid*, «líder». Palavra usada por quarenta e duas vezes (por exemplo: I Sam. 25:30; II Sam. 6:21; I Crô. 5:2; 28:4; Nee. 11:11).

4. *Nasi*, «exaltado». Palavra usada por cento e vinte e cinco vezes com o sentido de príncipe, chefe, etc., e por quatro vezes com o sentido de nuvem. No sentido que nos interessa aqui, ver, por exemplo: Êxo. 16:22;

Lev. 4:22; Núm. 13:2; Jos. 9:15,18,19,21; Eze. 7:27; 12:10,12; 48:21,22.

5. *Qatsin*, «capitão». Palavra usada por doze vezes. Por exemplo: Isa. 1:10; 3:6,7; Pro. 25:15; Dan. 11:18; Miq. 3:1,9.

6. *Rosh*, «cabeça». Palavra usada por cerca de seiscentas vezes, das quais por doze vezes com o sentido de «fel». Por exemplo: Deu. 1:13; Isa. 29:10; Deu. 1:15; 5:23; Jos. 11:10; 14:1; Isa. 7:8,9,20; 9:14, etc.

7. *Sar*, «controlador». Palavra usada por quatrocentas e dezoito vezes. Por exemplo: Gên. 47:6; Êxo. 18:21,25; Juí. 9:30; II Reis 10:1; I Crô. 21:2; Esd. 10:14; Nee. 3:9,14,15,19; Est. 3:12; 89:9; 9:3, etc.

8. *Seganim*, «prefeitos». Palavra usada por dezessete vezes. Por exemplo: Esd. 9:2; Nee. 2:16; 4:14,19; 5:7,17; Jer. 51:23,28; Eze. 23:6,12,23, etc. Todas essas últimas sete palavras hebraicas são traduzidas de variegadas maneiras em nossa versão portuguesa, o que é apenas natural, face o elevado número de vezes em que todas elas são usadas.

9. *Razan*, «príncipe», palavra usada por seis vezes. Ver Sal. 2:2; Juí. 5:3; Pro. 8:15; 31:4; Isa. 40:23; Hab. 1:10.

10. *Shatar*, «supervisor». Palavra usada por vinte e cinco vezes. Por exemplo: II Crô. 26:11; Êxo. 5:6,10,14; Núm. 11:16; Deu. 1:15; Jos. 24:1; II Crô. 19:11; 34:13.

11. *Shilton*, «autoridade». Palavra usada por duas vezes: Dan. 3:2,3.

12. *Shallit*, «governo». Palavra usada por catorze vezes, com diversas traduções em português. Por exemplo: Ecl. 10:5; Dan. 2:10; 5:29, etc.

13. *Radah*, «príncipe». Palavra usada por vinte e quatro vezes, também traduzida em português de diversos modos. Por exemplo: Sal. 68:27; Núm. 24:19; Gên. 1:26; Nee. 9:28; Juí. 5:13.

Em grego, precisamos pensar em três palavras:

1. *Árxon*, «líder». Palavra usada por trinta e sete vezes. Por exemplo: Mat. 9:18,23,34; Mar. 3:22; Luc. 8:41; 24:20; João 3:11; 16:11; Atos 3:17; 23:5; Rom. 13:3; I Cor. 2:6; 8:1; Efé. 2:2; Apo. 1:5.

2. *Hegemón*, «guia». Palavra usada por dezenove vezes. Para exemplificar: Mat. 2:6; 10:18; Mar. 13:9; Luc. 20:20; Atos 23:24,26,33; I Ped. 2:14.

3. *Kosmokrátor*, «ditador do mundo». Palavra usada somente em Efé. 6:12. Há outras palavras gregas que indicam posições de chefia, mas que serão tratadas quando os verbetes a respeito dessas posições forem abordados.

**CHEFE DA SINAGOGA**

No grego é **archisinagogos** (ver Luc. 8:41 e Mat. 9:18). Nas sinagogas maiores, parece que havia uma espécie de colégio ou concílio de anciãos (ver Luc. 7:3), a quem eram entregues vários aspectos do governo e dos cuidados da sinagoga. O termo em discussão aparentemente se aplicava a todos esses líderes (ver Mar. 5:22 e Atos 13:15), mas algumas vezes aplicava-se somente ao presidente desse concílio, visto que tinha uma jurisdição geral, superior à dos demais.

**CHEIRO** Ver **Odor.**

**CHEMNITZ, MARTIM**

Nasceu em 1522 e faleceu em 1586. Foi um teólogo luterano alemão, chamado o *príncipe* dos teólogos da Confissão de Augsburgo (qué vide). Era perito na matemática, na astrologia e na teologia. Sabia debater com maestria, pelo que deu grande vivacidade às controvérsias do tempo. Na qualidade de superintendente de Brunswick, ele tornou-se o líder da Igreja luterana da Baixa Saxônia, tendo exercido grande influência na unificação dos luteranos da Saxônia e da Suábia, com base na Fórmula da Concórdia (que vide), e da qual ele foi um dos principais autores. Seu *Loci Theologici*, publicado postumamente em 1591, é um comentário sobre o *Loci Communes* (que vide) de Melanchton, seu mestre. Contra os criptocalvinistas (que vide), ele escreveu a obra *De Duabus Naturis in Christo*, em 1570. Sua obra-prima, entretanto, foi o *Exame dos Concílios Tridentinos*, em catorze volumes (1565-1573), que foi uma incisiva análise dos pontos de vista católicos romanos, adotados pelo Concílio de Trento (que vide). Essa obra é uma apologia em favor do protestantismo. (AM E)

**CH'ENG I**

Suas datas foram 1033-1107. — Foi um filósofo chinês, nascido em Honan. Ele era neoconfucionista, o mais jovem dos irmãos Ch'eng. Recebeu seu grau de *Erudito Apresentado* em 1059. Era homem de espírito humilde, mas resoluto, que declinou de muitos ofícios elevados, preferindo trabalhar pela propagação de idéias e ideais. Expôs uma série de preleções, perante o imperador, acerca dos princípios de Confúcio, por um período de vinte meses. Tornou-se supervisor da Diretoria de Educação, em 1087, 1092 e 1100. Entre seus muitos discípulos estava Chu Hsi.

*Idéias*: 1. Ele enfatizava o princípio chamado *li* (que vide). Na filosofia, esse princípio é o princípio racional do universo, que permeia a todas as coisas, algo semelhante ao *Logos* dos gregos. Trata-se do princípio unitário com uma pluralidade de manifestações. 2. O universo é *produtivo*, princípio esse chamado *jen*. Esse princípio inclui as virtudes de retidão, propriedade, sabedoria e fidelidade, como guias e essências básicas da produção. Seguindo o princípio *jen*, o homem atinge a unidade com todas as coisas, tornando-se capaz de dominar o mal. 3. A obtenção da unidade requer a compreensão sobre todos os princípios, que incluem o autoconhecimento, o autocultivo e a investigação de todas as coisas, como um empreendimento científico.

*Escritos*: *Surviving Works*; *Additional Works*; *Collection of Literary Works by Ch'eng I*; *Commentary on the Book of Changes*; *Explanations of the Classics*; *Pure Words*. (P)

**CHENOBOSKION**

Ver **Nag Hamade, Manuscritos de.**

**CHESTER BEATTY, Papiros de.** Ver **Papiros de Chester Beatty.**

**CHESTERTON, GILBERT KEITH**

Suas datas foram 1874-1936. Foi um autor e jornalista inglês que produziu ensaios brilhantes, como *Heréticos* e *Ortodoxia*. Ele interpretava o cristianismo do ponto de vista do catolicismo. Muitas de suas opiniões e expressões vívidas são utilizadas largamente em nossos dias. — Ele escrevia de modo espirituoso, poderoso e em tom de debate. Além de ensaios, ele compunha poesia e escrevia novelas e peças teatrais. Muitas de suas obras tinham o intuito de servir de crítica social. Em 1922 ele converteu-se ao catolicismo romano, e, desde então, as suas obras passaram a incorporar a promoção de sua nova fé; mas ele nunca apenas repetiu idéias já existentes.

**CHIBOLETE, SIBOLETE**

No hebraico, «riacho fluente». Embora a palavra

hebraica apareça em trechos como Sal. 69:2; Jó 24:24; Gên. 41:5-7; Rute 2:2 e Zac. 4:12, em nossa versão portuguesa essa palavra, em suas duas formas, aparece somente no trecho de Juí. 12:6. A questão toda gira em torno da pronúncia que os efraimitas davam a essa palavra hebraica. Eles diziam «sibolete», em vez de «chibolete». Com isso, podiam ser identificados e mortos pelos gileaditas. Os gileaditas, que eram os homens de Jefté, mataram naquele dia quarenta e dois mil efraimitas. O episódio, por sua vez, mostra que mesmo nesse estágio inicial do povo de Israel, já haviam surgido regionalismos e diferenças de dicção, entre as diversas tribos de Israel. Essas diferenças de pronúncia dos fonemas de um idioma devem-se a vários fatores. Os gramáticos e outros dizem que as pessoas que se criam nas planícies falam de modo diferente dos que se criam nas regiões montanhosas, e que os que vivem nos climas quentes pronunciam os fonemas de maneira diferente dos que vivem nos climas frios.

## CHIFRES

No hebraico, **queren**. Ocorre por setenta e oito vezes, de Gên. 22:13 até Zac. 1:21. O termo aramaico *queren* ocorre por sete vezes, sempre no sétimo capítulo do livro de Daniel (vs. 7,8,11,20,21,24). No grego, *kéras*, «chifre», palavra que aparece por onze vezes no Novo Testamento: Luc. 1:69; Apo. 5:6; 9:13; 12:3; 13:1,11; 17:3,7,12,16.

O chifre de um animal servia de símbolo de sua força física. O touro com a sua enorme força física, domesticado pelo homem desde tempos tão remotos, fornecia um bom exemplo disso. E muitos animais selvagens usam seus chifres como sua principal arma de defesa e ataque. Visto que os chifres simbolizavam poder, muitas divindades do Oriente Médio eram retratadas como se fossem dotadas de chifres. Além disso, os capacetes dos reis, sacerdotes e guerreiros com freqüência tinham chifres.

Visto que o touro era um animal sagrado para vários povos, os chifres tornaram-se símbolos do poder divino, bem como da fertilidade. Por causa dessa conexão com a idéia de fertilidade, os chifres também vieram a indicar prosperidade e saúde. As pessoas costumavam pôr chifres nos lugares que queriam proteger, por causa de sua imaginária vinculação com os poderes divinos. Da idéia de abundância proveio o símbolo da *cornucópia*, o chifre da abundância, representado como um chifre que deixa extravasar frutos e legumes. Uma espécie de trombeta também era feita pelos antigos, mediante o uso de um chifre (ver sobre *Instrumentos Musicais*). Essa trombeta era usada para alertar as pessoas à ação, para fazer anúncios, etc. Além disso, muitos acreditavam que o sonido da trombeta de chifres era capaz de espantar maus espíritos e outros perigos, incluindo enfermidades.

**Usos Bíblicos.** 1. Na antiga nação de Israel, os chifres de boi eram usados como receptáculos para o azeite empregado nas unções cerimoniais (I Sam. 16:1, 13; I Reis 1:39). Um chifre de carneiro era usado como instrumento musical (Jos. 6:5). 2. Os chifres do altar são mencionados em Êxo. 27:2 e Lev. 4:7,18,25,30,34; 8:15; 9:9; 16:18. Os hebreus besuntavam-nos de sangue, porquanto é no poder da expiação que encontramos a proteção divina. O fato de que esses chifres eram lugares de proteção e refúgio é mencionado em I Reis 1:50 *ss*; 2:28 *ss*. 3. Quanto a um símbolo de poder, no Antigo Testamento, ver I Reis 22:11. *Usos Metafóricos*: a. Deus exalta o chifre dos justos mas decepa os chifres dos ímpios (Sal. 75:10), o que aponta para os poderes e para o bem-estar desses dois tipos de pessoas. b. O chifre de Davi seria levado a brotar, dando a entender poder e prosperidade. c. Há menção ao chifre da salvação, o que alude aos efeitos do poder expiatório de Deus (II Sam. 22:3; Sal. 18:2; Luc. 1:69). d. Nos capítulos sete e oito do livro de Cantares e nos capítulos treze e dezessete do Apocalipse, os chifres existentes em certas criaturas que apareceram nas visões representam governantes individuais de cada império mundial. Ver o artigo separado sobre os *Sete Chifres*.

## CHIFRES DO ALTAR

No hebraico, **qeren**, «chifre». Essa palavra, que tanto pode ser hebraica como aramaica, ocorre em um total de oitenta e cinco vezes, embora raramente em relação aos chifres do altar. Ver Êxo. 27:2.

Os «chifres do altar» eram as quatro protrusões nos cantos do altar de pedra, que se assemelhavam a chifres, o que lhes explica o nome. Essa era uma característica dos altares antigos, em Israel e em outras nações. A descrição desses chifres aparece em Êxodo 27:2. O altar de bronze conferia abrigo a quem se refugiasse ali. Quem segurasse o altar pelos chifres não podia ser atacado por quem quer que fosse (I Reis 1:50). Esse é um lindo símbolo sobre como há provisão sagrada para o pecador em necessidade, sem importar se ele merece ou não essa proteção. Ver sobre as *Cidades de Refúgio*.

## CHIH TAO-LIN

Suas datas foram 314-366. Um filósofo budista chinês. Ver o artigo sobre o *Budismo*. Ver também *Filosofia Chinesa* e *Religiões Chinesas*.

## CHI-I

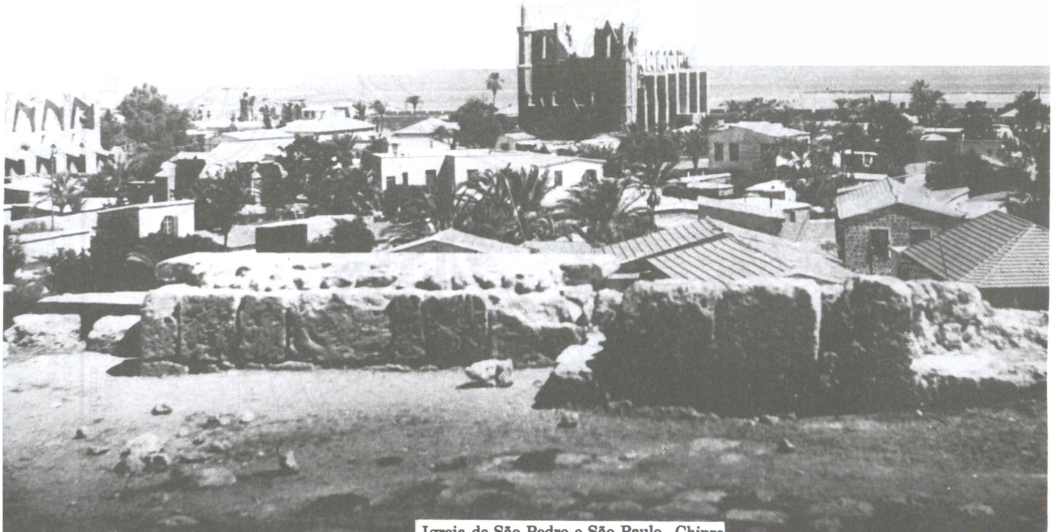
Suas datas foram 538-597. Foi um filósofo chinês, nativo de Chequiam. Foi o fundador da escola T-ien-Tai do budismo. Seu nome provinha do monte onde ele ensinava. Foi o mais notável sacerdote budista de sua época. Ele fazia muitas conferências, recebendo convites da parte de governantes dinásticos, com esse propósito. Ele adotava a comum idéia oriental de que a realidade física é ilusória. A imaginação cria as formas físicas que tomamos como reais. Porém, a realidade verdadeira seria a *Mente Pura*, chamada o Assim Verdadeiro. Essa realidade existiria sem sofrer qualquer modificação, sem qualquer diferenciação. A iluminação leva-nos à consciência de nossa unidade com a Mente Pura. Naturalmente, isso reflete uma filosofia idealista. Ver sobre o *Idealismo*.

## CHINA, Religião e Filosofia da.

Ver **Religião e Filosofia Chinesas**.

## CHIPRE

No Antigo Testamento, parece que a única menção a essa grande ilha do mar Mediterrâneo está em Ezequiel 27:6 (onde a nossa versão portuguesa diz «ilha dos quiteus»). A ilha de Chipre fica ao largo das costas da Síria. Tem cerca de 225 km de comprimento por 80 km de largura. A princípio foi habitada pelos fenícios. Em cerca de 447 A.C., os gregos passaram a controlá-la. Após o falecimento de Alexandre, passou a ser governada pelos reis Ptolomeus, juntamente com o Egito. Em 58 A.C., os romanos apossaram-se dela.



Igreja de São Pedro e São Paulo, Chipre
—Cortesia, Matson Photo Service



Reprodução Artística de
Darrell Steven Champlin

Arte céltica — o leão, símbolo do evangelho
de Marcos, Livro de Kells

Em 27 A.C., foi feita uma província imperial. Chipre é mencionada no Novo Testamento somente no livro de Atos (4:36; 11:19,20; 13:4; 15:39; 21:3,16; 27:4). No décimo primeiro capítulo de Atos, em conexão com a propagação do cristianismo. Paulo e Barnabé estiveram na ilha em cerca de 44 D.C. Por certo, foi o primeiro campo missionário do apóstolo Paulo (Atos 13:4-13). Os «Quitim», referidos em Gênesis 10:4, referem-se aos cipriotas. Os «quitim» são os mesmos «quiteus» de Eze. 27:6. Nossa versão portuguesa interpreta o «quitim», também referidos em Isaías 23:1, como a «terra de Chipre».

**Outros Detalhes.**

Na antiguidade, essa ilha era recoberta de densas florestas; mas acabou desnudada das mesmas, devido à intensa exploração da madeira. Além da madeira ali existente, Chipre era importante produtora de cobre e estanho. De fato, o seu nome grego, *Kúpros*, significa «cobre». Navios fenícios eram usados nesse comércio. Nossa palavra «cobre» deriva-se do termo latino *cyprium*, relacionado ao grego *kúpros*. Talvez esse fosse o antigo nome dado ao cobre; mas também é possível que essa palavra seja de origem incerta, e que o «cobre» veio a ser associado a esse nome porque havia muito cobre naquela ilha. A localidade chamada antigamente de Kítion, de onde vem «quitim», foi fundada em torno da indústria da extração do cobre. O termo cronológico, Era do Bronze (3200-1200 A.C.), tem vinculação com o início da extração do cobre, visto que, naquela época, o cobre era misturado com o estanho, a fim de ser produzido o bronze.

No século XV A.C., a civilização minoana penetrou em Creta, e no século seguinte, houve pontos ali, colonizados pelos micenos. Têm sido encontradas inscrições arqueológicas que nos prestam alguma informação sobre a história de Creta, entre os séculos XV e XII A.C. Nos séculos IX e VIII A.C., os fenícios vieram estabelecer-se em Chipre. Daí por diante, inscrições bilíngües, em fenício e em grego, de mistura com o cipro-minoanc clássico (atualmente denominado cipriota clássico), contam a história subseqüente. No século VI A.C., os egípcios passaram a dominar a ilha de Chipre, e as coisas continuaram assim até que se tornou parte do império persa, na época de Cambises, em 525 A.C. Em 333 A.C., foi conquistada por Alexandre; e, sob Antígono, passou para o domínio dos monarcas Ptolomeus. Em 58 A.C., tornou-se uma província romana.

## CHISHOLM, RODERIC

Nasceu em 1916. É um filósofo norte-americano, educado em Harvard. Ensinou nas Universidades de Pennsylvania e de Brown.

*Idéias*. 1. *Existência intencional*. Haveria existências psíquicas, expressas através de sentenças intencionais. Essas sentenças nem afirmam e nem negam essas existências. Chisholm criticava tanto o positivismo quanto o behaviorismo, por não serem capazes de manusear tais sentenças. 2. Ao enfatizar a idéia de *intencionalidade*, Chisholm aceitava o ponto de vista platônico das entidades abstratas. 3. Quanto às *declarações sobre as aparências*, precisaríamos tanto das observações apropriadas quanto das condições que descrevem as coisas percebidas. Mas, no caso das sentenças intencionais, não precisamos dessas coisas. Há outros meios de obtenção de conhecimento, além da percepção dos sentidos. 4. *Critério de conhecimento*. Para que consideremos algo verdadeiro, precisamos de uma crença a respeito que seja sem defeitos, justificada, autêntica. 5. No campo da *ética*, quando encontramos aquelas situações que são contrárias aos imperativos do dever, precisamos agir com base nas impressões *prima facie*. Essa expressão latina significa «primeiras impressões». Quando surgem tais conflitos, quando um dever parece opor-se a outro, devemos fazer o que nos parece melhor, *à primeira vista*. A reflexão pode alterar isso, mas o princípio é aplicado de modo geral. Ver o artigo sobre *Prima Facie* (*deveres*).

*Escritos: Perceiving; Realism and the Background of Phenomenology; Contrary to Duty Imperative and Deontic Logic; Theory of Knowledge; The Problem of Criterion; Empirical Knowledge.* (EP P)

## CHI-TSANG

Suas datas foram 549-623. Ele foi um filósofo chinês, nativo de Nanquim. Era monge budista e foi um dos principais filósofos budistas. Ele sistematizou a obra de Seng-Chao, desenvolvendo ainda mais os Três Tratados ou Escola Mahayana do budismo. Essa escola dominou na China entre os séculos IV e VII D.C., mas declinou a partir do século IX.

*Idéias*. 1. Seguindo a posição intermediária das oito veredas negativas de Agarjuna, ele argumentava que os Dharmas (elementos da existência) não são instâncias de ser ou de não ser, e nem das duas coisas misturadas. 2. O ponto construtivo a ser atingido é o conceito do *vazio*, livre de nomes e de caráter, incapaz de ser verbalizado ou imaginado.

*Escritos*: *Tratado sobre os Dois Níveis da Verdade; Sentido Profundo dos Três Tratados*. (P)

## CHOBA

Essa é uma aldeia mencionada em Judite 4:4. Aparentemente ficava situada na porção central da Palestina, e provavelmente é a mesma cidade chamada algures de Chobai. Foi uma das cidades que os judeus fortaleceram, quando Holofernes invadiu a Palestina, em cerca de 350 A.C. Com sua astúcia, Judite conseguiu decapitar Holofernes em sua tenda, o que causou considerável consternação entre os assírios, que terminaram fugindo. Os judeus perseguiram os assírios até Choba. A localização desse lugar é desconhecida em nossos dias, embora ela tenha sido confundida com Choba, na Mauritânia Sifitensis, na costa norte da África. Alguns estudiosos identificam-na com Cobais, visto que ela é mencionada com Jericó, no mesmo versículo. Ou poderia ser a Choba da Síria. Ver Gên. 14:15. Alguns estudiosos têm sugerido el-Mekhubbi, — cerca de dezoito quilômetros de Tubass e a cinco quilômetros de Besan.

## CHOLA

Um lugar mencionado em Juízes 15:4, juntamente com Betomastaim, Bebai e Choba. Tem sido identificado com o Holóm mencionado em Josué 15:51, embora não passe isso de uma suposição.

## CHOMSKY, A. NOAM

Ele nasceu em 1928. Trata-se de um filósofo-lingüista norte-americano, nascido na cidade de Filadélfia. Educou-se na Universidade da Pennsylvania, e tornou-se então mestre na M.I.T. A obra geral e as idéias desse filósofo estão fora do escopo da presente enciclopédia. Entretanto, parte de sua teoria de linguagem reveste-se de importância para nossos propósitos. Suas idéias entram na disputa entre os empiristas e os racionalistas. Ele argumenta que os

idiomas revestem-se de similaridades estruturais subjacentes, afirmando que devemos nascer dotados de certa compreensão de uma espécie de gramática universal. Em outras palavras, as *idéias inatas* (que vide) estão envolvidas na questão, sendo essa uma idéia favorita dos racionalistas. Ele também supõe que, quando somos crianças, usamos dessa capacidade inata para analisar as declarações que ouvimos. Somente com base nessa idéia poderíamos explicar como, após termos ouvido algumas poucas declarações, somos quase imediatamente capazes de produzir e entender novas declarações. Ora, isso é contra a contenção dos empiristas, —que dizem que todo o conhecimento deriva-se das experiências pós-natais. Estudos recentes, com alguns animais, têm demonstrado que eles também são capazes de certa espécie de linguagem, embora lhes falte o aparelho fonador necessário à fala. Os chimpanzés e os símios podem comunicar-se através de um teclado com letras, ou mediante a linguagem de sinais, usada pelos surdos-mudos. No caso desses animais, por igual modo, é aparente a capacidade de melhorarem, após terem aprendido alguns poucos símbolos básicos. Indicações como essas elevam a nossa estimativa sobre a vida em geral, e obtemos maior respeito pela inteligência, onde quer que ela se manifeste. (F P)

## CHORO

**Muitas palavras hebraicas e duas palavras gregas** estão envolvidas, com o sentido de «clamar», «chorar», «proclamar», etc. Porém, aqui queremos considerar a idéia do choro humano. É interessante observar que, no relato da vida de Jesus, nunca é mencionado que ele riu ou gargalhou. Mas lemos que «Jesus chorou» (João 11:35). Aí é usado o vocábulo grego mais típico, *dakrúo*, «chorar», «derramar lágrimas», usado somente nesse versículo.

O choro humano pode expressar diversas emoções, desde a angústia até o júbilo, passando pela raiva. A Bíblia reflete isso de vários modos:

1. O clamor de Jesus, em sua humanidade, quando ele implorou com lágrimas, em meio a súplicas e orações, mostrando a debilidade de sua natureza humana, e como ele compartilhava de nossa humilhação (Heb. 5:7). Nisso encontramos o típico choro humano de impotência, em meio ao conflito espiritual.

2. Os clamores proferidos na cruz, literais e simbólicos (Mat. 27:46; Luc. 23:46), porquanto Jesus sofreu agonias reais, simbolizando as nossas agonias. Ver o artigo sobre as *Sete Declarações da Cruz*.

3. O clamor da oração (Sal. 39:12), que mostra a sinceridade e o senso de urgência então expressos.

4. O clamor de muitas emoções, como a aflição (Êxo. 2:23; Mat. 27:46); o medo (Mat. 14:26); a alegria (Isa. 54:1; Gál. 4:27); a dúvida e a incerteza (Êxo. 17:4); o apelo (I Sam. 7:9); a tristeza (I Sam. 15:11; Mar. 15:34); a agonia (Jó 30:24; Mat. 27:46); a petição (Mat. 9:27).

## CHOU TUN-I

**Suas datas foram 1017-1073. — Foi um filósofo** não confuciano chinês, nativo de Tau-Chou, em Hunã. Foi mestre dos famosos irmãos Ch'eng.

*Idéias*. 1. O Grande Ultimato, através de suas atividades, geraria o *yang*. No limite dessa atividade a tranqüilidade vem à existência, a qual é chamada *yin*. Quando esses dois modos se intercambiam, vêm à existência elementos como a água, o fogo, a madeira, o metal e o ar. Então surgem o céu e a terra, que são, respectivamente, os aspectos macho e fêmea da existência. Esses dois elementos produzem uma interminável produção e transformação, e o homem faz parte dessa produção. 2. *Idéias Morais*. O homem teria cinco princípios morais: a atitude humanitária, a propriedade, a retidão, a sabedoria e a fidelidade. O homem sábio conduz sua vida seguindo a moderação, quando da aplicação apropriada das principais virtudes. 3. Os muitos elementos existentes no mundo equilibram-se, mediante compensação. Esses muitos elementos, em última análise, reduzem-se a apenas um, e esse um vem a ser diferenciado em muitos. E cada uma dessas coisas ocupa um papel importante no esquema das coisas.

*Escritos*: *Uma Explicação do Diagrama do Último; Penetrando no Livro das Transformações*. (AM P)

## CHUANG TZU

**Filósofo chinês da escola taoísta.** Nasceu em 399 e faleceu em 295 A.C. A seu respeito bem pouca coisa se sabe. Evidentemente, ele era um oficial subalterno do governo chinês. Também sabemos que ele não aceitou tornar-se o primeiro ministro a fim de não sacrificar a sua liberdade pessoal. Exerceu notável influência sobre o taoísmo e sobre o budismo zen.

**Idéias:**

1. *Paradoxos*. A relatividade de todo o nosso conhecimento torna possível que supostos opostos sejam ambos verdadeiros. De fato, os conceitos opostos podem produzir, subentender e ser idênticos entre si. Ver o artigo sobre o conceito de *Polaridade*.

2. A totalidade da natureza exprime um fluxo contínuo em todas as coisas, as quais desenvolvem-se de formas mais simples em formas mais complexas. De acordo com um ponto de vista mais profundo, embora exista uma miríade de coisas, a ordem delas é apenas uma.

3. Tao (o *caminho*, ou a *estrada*, o princípio fundamental do cosmos, de onde todas as coisas procedem) seria o princípio básico que existe em todas as coisas. Para que possa operar sobre uma pessoa, esse princípio deve relacionar-se tanto às muitas coisas quanto à unica coisa, dando margem a certa polaridade de atitudes. As atitudes mentais e éticas específicas que se fazem necessárias para esse equilíbrio na vida são as seguintes: vacuidade, tranqüilidade, brandura, quietude e sabedoria nas ações, ou *wu wei*, quando tal sabedoria faz-se necessária.

4. O começo de todas as coisas consiste no não-ser. Daí é que teria emergido o Um; e desse Um é que teria surgido a pluralidade, em que cada coisa tem o seu próprio caráter e virtude. O Um é a operação do destino, estando dividido nos princípios do *Yin* e do *Yang*, que seriam opostos cósmicos que produzem todas as coisas, mediante o movimento ou o repouso. Quando alguém cultiva as suas próprias virtudes, então retorna à Virtude. Através da virtude, o indivíduo vincula-se ao Um. A virtude é o caminho para a grandeza. Platão ensinava esse princípio, embora usando outra terminologia. E isso corresponde ao avanço metafísico e à transformação da alma. Naturalmente, de acordo com o sistema cristão e bíblico, essa transformação se processa segundo o nosso grande modelo, o próprio Jesus Cristo.

*Escritos*: O *Chuang Tzu*, por Chuang Tzu e seus seguidores. (P)

••• ••• •••

## CHUBB, THOMAS

Deísta inglês, nascido em East Harnham, em 1679. Essencialmente, foi um auto-ditada. Defendia o cristianismo natural, a ética cristã e o livre-arbítrio. Porém, mostrava-se cético quanto à profecia, os milagres, a revelação especial e a eficácia da oração. Voltaire aludiu às suas obras, considerando-o o mais lógico de sua escola. Jonathan Edwards refutou seus pontos de vista sobre o livre-arbítrio. Suas obras deixam entrever as deficiências de muitos autodidatas, e com freqüência, eram desprezadas por controversalistas teológicos mais eruditos. Seus folhetos tendiam por limitar a religião cristã a três características fundamentais: a crença na lei moral, divinamente ordenada; a crença na necessidade de arrependimento sincero diante do pecado; e a crença em recompensas ou punições futuras. Faleceu em Salisbury, a 8 de fevereiro de 1747.

*Escritos*: *The Supremacy of the Father Asserted; A Discourse Concerning Reason; The True Gospel of Jesus Christ Asserted; The True Gospel of Jesus Christ Vindicated.* (AM P)

## CHU HSI

Suas datas foram 1130-1200 D.C. Foi um filósofo chinês confuciano. Era nativo de Anhui. Foi homem dotado de pensamentos poderosos, com soberbas expressões, cujos escritos dominaram o pensamento chinês, coreano e japonês durante séculos.

**Idéias**:

1. Hsi sintetizou as doutrinas básicas do confucionismo (que vide), sistematizando-as. Ele enfatizou os analectos, o livro de Mêncio, a Grande Erudição e a Doutrina da Moderação. Os elementos de sua síntese consistiam no Grande Final, no princípio, na força material, na natureza, na investigação e na humanidade.

2. *O Grande Final* seria o princípio fundamental em sua totalidade. O princípio e a concretização precisam um do outro. A concretização envolveria tanto um princípio quanto uma força material. O primeiro desses aspectos teria relação com a universalidade das coisas, ao passo que o último desses aspectos teria relação com a individualidade das coisas. A natureza de alguma coisa física seria o seu princípio, mais a sua força material. A *investigação* resultaria da observação e da intuição. O sucesso na investigação obtém-se quando a mente do indivíduo entra em harmonia com a Mente do universo. A compreensão mais elevada depende do princípio de *jen*. Como uma substância, o *jen* é o caráter da mente do homem. Como uma função, o *jen* consiste em *amor*. O amor é a base de toda virtude e bondade. Por conseguinte, a verdadeira substância da mente e as expressões de benevolência sempre estão associadas entre si.

3. O sistema de Chu Hsi detinha a doutrina chinesa tradicional de *Yin* e do *Yang* (que vide). De acordo com o seu sistema, o Grande Final requer ambos esses princípios.

4. O princípio sempre tem prioridade sobre as funções; e sempre estão unidos a mente humana e os princípios. Para que alguém aja corretamente, é mister que esclareça, para si mesmo, a sua verdadeira natureza. Nessa conexão, recomendava Sócrates: «Conhece-te a ti mesmo». Se nos mostrarmos sérios para conosco mesmos, observando a nossa natureza e suas potencialidades, a razão da nossa existência, e o nosso destino, então haveremos de agir corretamente, em consonância com esse conhecimento. Precisamos permitir que nossa mente nos esclareça no que diz respeito à nossa própria natureza, e, por esse intermédio, precisamos criar a inspiração necessária para vivermos a lei do amor. (P)

## CHUMBO

No hebraico, **ophereth**, «chumbo». Esse vocábulo é usado por nove vezes: Êxo. 15:10; Núm. 31:22; Jó 19:24; Jer. 6:29; Eze. 22:18,20; 27:12; Zac. 5:7,8.

O chumbo é um metal mole, com densidade onze vezes maior que a da água. Seu ponto de fusão é 327 graus centígrados. Forma ligas com a prata (Eze. 22:18,20) e com o estanho (então chamado solda). Preenchia espaços esculpidos na rocha, para formar letras (Jó 19:24). Quando é absolutamente puro, o chumbo tem cor branca prateada, mas as impurezas fazem com que escureça. O minério do chumbo é a galena (sulfeto de chumbo) que é encontrado associado ao zinco, com pequenos vestígios de prata. Os depósitos de chumbo mais exploráveis ocorrem em veios que se depositam através de rochas sedimentares ou as substituem. Ninguém sabe quando os homens descobriram o chumbo, mas tem sido encontrado nos mais antigos lugares examinados pelos arqueólogos. Moedas de chumbo já eram feitas no antigo Egito. Era um dos componentes usados no esmaltamento de cerâmica; e também era usado como solda. Os famosos Jardins Suspensos da Babilônia estavam ancorados sobre lâminas de chumbo, soldadas umas às outras. Os fenícios comerciavam com o chumbo, explorando minas de chumbo no rio Tinto, na Espanha. Os gregos extraíam chumbo em Laurion, na Grécia.

**Referências Bíblicas.** O chumbo era conhecido por sua grande densidade (Êxo. 15:19) e também por sua rápida dissipação, devido à oxidação, às altas temperaturas (Jer. 6:29). O chumbo era menos valorizado que o estanho, sendo usado no fabrico de pesos (Zac. 5:8), e também para preencher inscrições esculpidas na rocha (Jó 19:24). No trecho de Zacarias 4:10, o «prumo» era um peso de estanho; mas, em Zacarias 5:8, o peso era de chumbo. Isaías 41:7 diz que o chumbo era usado na solda. O chumbo também era usado como material para o fabrico de tabletes de escrever, ou como material de construção, especialmente no preenchimento dos interstícios entre pedras desiguais. A arqueologia tem descoberto esse uso nas escavações feitas em Nínive. Também era usado para esmaltar cerâmica, um processo usado no Egito e em outros lugares. Isso significa que muita gente ficou intoxicada com o chumbo! Ver o artigo geral sobre *Minas, Mineração*.

## CHUVA

A grande importância da chuva para os habitantes de uma região onde chove pouco torna-se clara pela variedade de palavras hebraicas que a descrevem. O hebraico distingue a *chuva* do *chuvisco* (este último em Deu. 32:2). E também registra a ocorrência das chuvas próprias das estações do ano (ver abaixo).

As taxas anuais de chuva, em várias regiões da Palestina, são descritas no artigo *Palestina, Clima da* (que vide). Mas as taxas médias geralmente enganam, visto que os totais variam muito de ano para ano. Por exemplo, em Jerusalém, a média a longo prazo é de 66,3 cm anuais. Mas o máximo recebido em um ano foi de 1,01 m e o mínimo de 30,5 cm. Havendo flutuações dessa grandeza, o impacto sobre a sociedade que depende das chuvas para sobreviver facilmente pode ser imaginado.

Para os agricultores, o que mais importa é a distribuição das chuvas durante o ano. Essa distribuição é muito desigual, realmente. Nenhuma chuva cai durante os quatro meses mais quentes do ano, de junho a setembro. Isso é equilibrado por um inverno fresco e chuvoso; mas, do ponto de vista do agricultor, os dois períodos críticos são o começo e o fim da estação chuvosa, quando as temperaturas são altas o bastante para promover o crescimento das plantações, e o solo ainda está bastante úmido para o cultivo.

Portanto, as atividades dos agricultores prendem-se diretamente ao regime das chuvas, dependendo de seu início. As chuvas começam em outubro, geralmente com uma série de temporais, e a aragem e a semeadura podem então começar no solo compactado. Se o começo da estação chuvosa se adia, a produção anual sofre; e se o adiamento é muito grande, pode nem haver colheita. Portanto, essas «primeiras» chuvas são importantíssimas. Na outra extremidade do inverno, as chuvas continuam até abril e maio, quando as temperaturas são elevadas, sendo mais valiosas do que as chuvas de janeiro e fevereiro, quando as temperaturas são mais baixas; aquelas chuvas aumentam a produção por cada dia que elas se prolongam. Por isso é que os agricultores esperam ansiosos pelas «últimas» chuvas.

Essa combinação de primeiras e últimas chuvas é freqüentemente aludida na Bíblia (por exemplo, Deu. 11:14; Jer. 5:24; Osé. 6:3; Joel 2:23; Tia. 5:7). Muito temida é a ausência de chuvas, pois isso importa em fome, um evento que nunca se distancia muito dos pensamentos dos habitantes da Palestina, desde os dias de Abraão até os nossos próprios dias. Ver *Palestina, Clima da*. Em conclusão, a agricultura é mais bem servida com chuvas oportunas—tanto as primeiras, no hebraico, *yoreh* ou *moreh*; como as últimas, no hebraico, *malkos*—do que com chuvas pesadas.

## CHUVAS ANTERIORES E POSTERIORES

Ver o artigo sobre **Chuva**.

## CHUVAS DA PRIMAVERA

Ver sobre **Chuva**.

## CIAMOM

Um lugar defronte de Esdrelom, de acordo com Judite 8:3. Talvez seja a mesma Camom, que Eusébio disse estar situada na grande planície, cerca de dez quilômetros de Légio, um pouco mais para o norte. Alguns supõem que esse nome seria uma corruptela de Jocneão, porquanto os dois nomes parecem referir-se ao mesmo lugar, mas tal identificação é dúbia. Jocneão foi uma cidade cananéia, conquistada por Josué (Jos. 12:22), então entregue ao território de Zebulom (Jos. 19:11) e posteriormente, entregue aos levitas (Lev. 21:34). O moderno Tell Qeimum identifica o antigo local.

## CIBELE-ÁTIS

Ver sob **Religiões Misteriosas**, segundo ponto.

## CIBERNÉTICA

Vem do grego **kubernetes**, «piloto». O vocábulo «cibernética» foi cunhado por Norbert Wiener e Arturo Rosenblueth, para indicar o estudo das máquinas em termos de mecanismos de realimentação. O termo veio a indicar a ciência do controle e da comunicação, sem importar se na sociedade humana, entre indivíduos ou máquinas dotadas de inteligência artificial. Mecanismos de auto-regulagem, sistemas de sinalização e computadores são exemplos típicos de aparelhos cibernéticos.

Essa ciência levanta sérias questões religiosas e filosóficas, razão pela qual o verbete aparece em nossa enciclopédia, a saber:

1. Até qual ponto o cérebro humano é similar às máquinas «inteligentes»? Poderia a teologia desenvolver, finalmente, máquinas que possam ser superiores ao cérebro humano, e assim remover a inteligência da suposta esfera exclusiva das propriedades da alma?

2. O comportamento humano seria tão mecanicista como o das máquinas «inteligentes», o que removeria o comportamento da esfera da ética *proposital*? O homem seria apenas uma máquina programada, cuja conduta poderia ser explicada mediante elementos de sua herança genética, de mistura com fatores ambientais?

3. O desenvolvimento de computadores fantasticamente complexos poderá, algum dia, remover a necessidade de controle humano, visto que as máquinas poderiam, quem sabe, ser planejadas para interagir com o meio ambiente, aceitar ordens verbais, ser capazes de telepatia, captando assim o pensamento das pessoas, calcular o futuro e autoprogramar-se inteiramente. De nada adianta tentarmos limitar o escopo das possibilidades da ciência. Aqueles que o fazem, acabam se surpreendendo. Os aparelhos e computadores, que funcionam cibernèticamente, têm sido comparados aos mecanismos mentais e físicos do ser humano. A aparelhagem eletrônica assemelhar-se-ia ao aspecto mental do homem; o computador assemelhar-se-ia ao aspecto físico do homem. Porém, a sofisticação ainda maior das máquinas poderia eliminar até mesmo isso. Não há que duvidar que o cérebro físico tem funções que se assemelham às de um computador; mas o próprio cérebro é apenas um instrumento da mente. Ver o meu artigo sobre o *Problema Corpo-Mente*.

**Comentários.** Oponho-me a qualquer noção de que alguma máquina supersofisticada, dotada de super-inteligência artificial, possa duplicar a natureza humana, pelas seguintes razões:

1. Embora os criadores de computadores possam insuflar em uma máquina uma inteligência superior até mesmo à do homem, as qualidades da alma, como a vontade moral, a autoconsciência e o propósito espiritual não podem tornar-se propriedades de uma simples máquina. Por maior que seja a inteligência de uma máquina, tais qualidades jamais poderão ser duplicadas. Uma máquina fantasticamente sofisticada haverá de *amar* a alguém?

2. A ciência está fazendo progressos em muitas direções, e não apenas no campo da inteligência artificial. Ela está às vésperas de provar até mesmo a existência da alma e sua sobrevivência ante a morte física. Ver o artigo sobre a *Alma* quanto às diversas evidências a respeito, bem como o artigo intitulado, *Abordagem Científica à Crença na Alma e em sua Sobrevivência ante a Morte Física*. Esse artigo aparece, entre outros, sob o título geral de a *Imortalidade da Alma*. Ver também o artigo sobre *Experiências Perto da Morte*, que provê evidências acerca da realidade da sobrevivência da alma. Meu argumento, quanto a esse particular, é que apesar da ciência produzir certa inteligência artificial, que ultrapassa a capacidade de inteligência do ser

humano, ela também está provando a realidade da alma e de sua sobrevivência diante da morte. Isso significa que a espiritualidade do homem também é um assunto que pode ser demonstrado pela ciência, o que salvaguarda a importância da religião e da filosofia, como disciplinas que se aplicam ao homem.

3. As experiências religiosas e místicas levam-nos totalmente para fora do escopo das máquinas. Existem seres espirituais inteligentes que, algumas vezes, entram em contacto com o homem. O homem não é apenas um ser não-mecânico. Ver o artigo sobre o *Misticismo*. Ver também sobre *Satya Sai Baba*, quanto a evidências sobre poderes acima do que é meramente mecânico.

## CÍCERO, MARCUS TULLIUS

Suas datas foram 106-43 A.C. Foi um filósofo eclético e estadista romano. Mediante as traduções que fez e suas exposições da filosofia grega, ele nos concedeu muitos discernimentos quanto a Platão, Aristóteles e as principais escolas filosóficas, como a dos céticos, a dos estóicos e a dos epicúreos. Seu gracioso estilo literário empresta um certo encanto aos seus comentários. Além de suas realizações no campo da filosofia, Cícero tornou-se conhecido como orador eloqüente e estadista poderoso. Ele pertencia à classe eqüestre, um nível abaixo da classe senatorial. Era estudioso ávido e incansável, tendo-se tornado um erudito em muitos ramos do saber. Seus talentos na oratória conferiram-lhe rápida ascensão na política romana. Suas muitas vicissitudes políticas, com momentos de vitória e de derrota, levaram-no até os tempos da guerra civil romana, quando César e Pompeu tomaram lados opostos. Isso levou Cícero a um dilema. Ele não simpatizava com a causa de César, embora contasse com amigos íntimos que apoiavam a César. Turbulências políticas, e a perda de uma filha, que sempre lhe fora querida, fizeram-no passar tempos difíceis, durante a ditadura de César. Cícero não teve qualquer participação no assassinato de César; mas regozijou-se com a morte do ditador. Posteriormente, Cícero colaborou com os assassinos de César, Bruto e Cássio, a fim de restaurar a república romana. Isso fê-lo entrar em choque com Marco Antônio, contra quem fez catorze escaldantes discursos, chamados de as Filípicas, e por causa dos quais obteve grande apoio da parte do senado. Porém, as inevitáveis mudanças de poder terminaram entregando a Antônio as rédeas do poder e o nome de Cícero apareceu na lista daqueles que precisavam ser mortos. Os homens de Antonio puseram-se a caçá-lo, e a 7 de dezembro de 43 A.C., tiraram-lhe a vida. Sua cabeça e suas mãos foram decepadas e expostas na entrada do Fórum de Roma.

**Idéias Filosóficas:**

1. O princípio ético e tipicamente estóico da *moderação* é importante na filosofia de Cícero. Essa idéia ele aplicou tanto em sua ética quanto em sua epistemologia (gnosiologia). Ele advogava o ceticismo moderado (que vide), rejeitando tanto o dogmatismo quanto o ceticismo extremo. No campo da ética ele opunha-se ao ascetismo e ao hedonismo. Ele defendia as tradições, mas também promovia as mudanças. No terreno da política, pelo menos teoricamente, ele promovia a modificação pacífica, sem violências. O princípio estóico da moderação veio a tornar-se um dos grandes princípios cristãos, por meio de Paulo, cujos escritos éticos demonstram que ele conhecia e aprovava várias idéias daquela escola filosófica. Ver Filipenses 4:5: «Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens. Perto está o Senhor». A palavra grega aqui traduzida por moderação, *sophrosúne*, tornou-se um lema importante na Igreja Oriental.

2. No campo da metafísica, Cícero concebia uma divindade racional, cujos princípios foram incorporados no universo, sob a forma de leis naturais. Essas leis transcendem às leis e tradições dos homens, e os homens são considerados responsáveis diante delas. Essas leis naturais são, igualmente, os padrões segundo os quais os homens devem estabelecer as suas leis.

3. Cícero ensinava que a *retórica* tanto é a arte de falar bem quanto é a arte de expor os pensamentos de uma forma organizada e eficaz, estando necessariamente relacionada a todas as ciências, e, sobretudo, à filosofia, onde seu emprego é tão importante. Todavia, ele também ensinava que um bom orador também deve ser um homem bom, pois, do contrário, a sua habilidade será aplicada de maneira errada.

**CICÍLIO** Ver **Saco**.

## CICLO DO TEMPO

Há várias maneiras de encararmos a história. Uma delas é a *linear*. Esse termo significa que o tempo é visto dotado de um começo, continuação e fim, como se os eventos ocorressem ao longo de uma linha, mas não se repetissem formando um ciclo. O ponto de vista hebreu da história era linear. Os pais latinos da Igreja também interpretavam a história desse modo. Isso fornece-nos a desencorajadora visão do destino humano segundo a qual um homem nasce, recebe uma alma nessa oportunidade, leva uma vida terrena de alguns poucos anos, morre biologicamente, e então é julgado; e o seu estado fica estagnado no céu ou no inferno. Em contraste com isso, os pais gregos da Igreja falavam sobre a preexistência da alma, desde algum tempo remoto que não sabemos determinar. Dali, a alma passaria pelo perímetro de um círculo, e não de uma linha reta. Em nenhum ponto desse círculo poder-se-ia assinalar um ponto onde cessa a oportunidade de salvação da alma. Um círculo não tem começo e nem fim. Isso posto, a visão grega da vida e do destino humano é circular. Em minha opinião, isso não somente é otimista, mas também parece assemelhar-se mais à realidade dos fatos, em contraposição ao derrotismo e melancolia do ponto de vista linear dos pais latinos da Igreja. Esse ponto de vista circular também ensina que o progresso espiritual do homem é interminável, o que concorda com o conceito de que o homem precisa participar, finalmente, da natureza divina. Visto que há uma infinitude nessa participação, também deverá haver um preenchimento e uma transformação infinitos (II Cor. 3:18; II Ped. 1:4).

Os estóicos pensavam que há grandes ciclos repetitivos, supondo que o *Logos* emanava-se, mas depois recolhia-se em si mesmo. Nesse recolhimento, cessaria a individualidade, porquanto tudo seria reabsorvido pelo Logos; mas, devido a uma nova emanação, tudo seria restaurado à existência. A teoria do «big bang» da astronomia moderna é uma teoria similar, quando supõe a existência de vastos ciclos no universo. A grande explosão criaria um ciclo de vida. Porém, quando o universo volta a concentrar-se em si mesmo, isso seria o fim do mesmo. Mas, eis que ocorreria uma nova explosão, dando início a um outro ciclo de vida. É presumível que isso já se teria repetido por inúmeras vezes, e que os dezesseis bilhões de anos do presente representam uma minúscula porção da expansão total do tempo em que as coisas têm existido. O conceito de grandiosos ciclos exalta o Deus eterno, ao passo que a

declaração de que todas as coisas começaram somente há cerca de seis mil anos, além de não ser científica, é absurda e degrada a grandiosidade de Deus.

*Ciclos Dentro de Ciclos e Vastos Ciclos Cósmicos.* Por toda a natureza podemos observar os ciclos do começo ou nascimento, florescimento, declínio, decadência e destruição. Hesíodo falava sobre ciclos que terminam no declínio, tendo postulado as quatro eras do ouro, da prata, do bronze e do ferro, cada área pior que a anterior. Por igual modo, o zoroastrismo (que vide) dividia a duração do mundo em quatro eras de três mil anos cada. O hinduísmo antigo concebia que as eras do mundo perdurariam por um total de doze mil anos divinos, e que equivaleria a 4.320.000 anos humanos. Intérpretes posteriores ampliaram isso enormemente, adicionando ciclos noturnos entre os ciclos diurnos, e igualmente de vasta duração cada um. Os ciclos budistas começam com a destruição e avançam para a perfeição, em quatro vastos períodos, recuando novamente para a destruição. Grandes cataclismos cósmicos poriam fim aos ciclos, uma idéia não muito diferente das teorias estóica e do *big bang*. Parece haver uma grande verdade nessa filosofia dos ciclos, mas somente Deus sabe o que está envolvido na questão.

*Os Ciclos do Destino.* As vidas dotadas de propósito parecem passar por ciclos de florescimento e de declínio, cada qual com sua própria importância para o bem da vida total. Há desígnio por detrás de tudo, pois a vida assemelha-se a uma história com muitos capítulos, cada qual com seu propósito próprio, ao mesmo tempo em que todos esses capítulos, em seu conjunto, mostram a razão da existência. Essa história teria começado em tempos remotíssimos, e continuará se desenrolando interminavelmente. A vida presente, com os seus próprios pequenos ciclos, faz parte do total, que inclui um ciclo de existência interminável. O otimismo permeia a tudo, embora certos subciclos específicos possam ser períodos escuros, períodos noturnos. O próprio Deus é o Senhor dos ciclos, controlando-os para o bem do homem. Tudo aponta na direção da *restauração* final (que vide) conforme se vê em Efésios 1:10.

## CIDADANIA

1. *Entre os Hebreus.* Os israelitas tinham uma feroz identificação nacional, o que tem resistido à passagem do tempo, com todas as suas vicissitudes, guerras, exílios e caos. Entre os hebreus, a cidadania contava com várias instituições que a fortaleciam. Antes de tudo, desde o começo a consolidação da nação de Israel requeria muito trabalho e sofrimento. O que é ganho com esforço, não se larga com facilidade. Em segundo lugar, havia a suposição geral de que Yahweh estava executando a sua vontade através da nação de Israel, e coisa alguma era considerada mais importante do que a vontade divina. Em terceiro lugar, um complexo código legal, considerado divinamente transmitido, dava estabilidade e propósito ao povo de Israel. Essas leis eram bastante generosas até no caso de estrangeiros, exigindo plena proteção para os estranhos que habitavam dentro dos portões das cidades de Israel (Êxo. 12:19; Lev. 24:22; Núm. 15:15; 35:15; Deu. 1:16; 24:17). A única lei que discriminava os estrangeiros era a lei da usura. Os estrangeiros tinham de pagar juros sobre dívidas e empréstimos (Deu. 23:20), o que não era cobrado da parte dos israelitas. Havia provisões especiais para os órfãos, os pobres, etc. Estes compartilhavam dos dízimos e das ofertas feitas na época da colheita, e também eram beneficiados pelo ano do jubileu (Deu. 14:29; 16:10,14; 26:11; Lev. 25:6). Em quarto lugar, em Israel a cidadania nunca foi considerada uma questão meramente terrena. Ali acreditava-se que o homem é criatura de Deus, dotada de um destino em Deus e na espiritualidade. Enquanto que outras nações têm sido povos religiosos, ninguém pode comparar-se a Israel como uma *teocracia*, onde a vida religiosa e a vida civil confundiam-se, e onde os líderes religiosos eram, *ipso facto*, os governantes civis. Ser alguém cidadão de Israel era participar do plano de Deus para a nação, pois, doutra sorte, nem haveria razão para a existência dessa nação.

2. *No Novo Testamento: a Cidadania Romana.* A cidadania romana (ver Atos 27:38), a *jus civitatis civitas*, era concedida ocasionalmente, pelos imperadores, a cidades ou mesmo a províncias inteiras (Dion Cass. 41:25; Suet. *Aug.* 47), como também a indivíduos, como recompensa por algum serviço especial prestado ao estado ou à família imperial (Suet. *Aug.* 47). O trecho de Atos 22:28 indica que a cidadania romana podia ser adquirida a dinheiro. Paulo já nasceu cidadão romano porque, antes dele, algum membro de sua família, embora de sólidas tradições judaicas, adquirira esse direito. Ele usou sua cidadania romana para protestar por haver sido punido fisicamente, e também para apelar para César, mediante o que ele tinha o direito de ser julgado pelo próprio imperador, a fim de que o seu caso fosse decidido. Ver Atos 25:11 e 28:19.

A cidadania romana dependia, primariamente, de alguém nascer em algum lugar que fazia parte do império romano, cujos habitantes tinham esse direito. Porém, conforme vimos, Roma era bastante liberal nessa questão de conferir a cidadania a quem não tivesse essa qualificação básica. Por causa dessa liberalidade, os cidadãos romanos ocupavam, em grandes números, a maior parte do mundo civilizado da época. Todavia, não havia regras fixas para esse processo; tudo dependia do governante e das circunstâncias do momento, o que o tornava mais lento ou mais rápido. Júlio César tinha o desejo de estender a cidadania como medida consolidadora do império. A cidadania de Paulo tornara-se realidade por motivo de alguma medida liberal, mediante a qual os judeus da cidade de Tarso passaram a ser reputados cidadãos romanos, embora nos seja impossível determinar quando isso sucedeu. Algumas cidades eram favorecidas, como Filipos, que mantinha posição distinta e bastante cobiçada no começo do império romano, em contraste com outras cidades e províncias. De modo geral, o desenvolvimento da cidadania romana pode ser traçada historicamente. Parte disso, naturalmente, devia-se ao crescimento populacional. Ao fim da guerra púnica, em 240 A.C., os cidadãos de sexo masculino atingiam o número de 260 mil. Em 124 A.C., esse número crescera para mais de 390 mil. Em 85 A.C., eles já eram 963 mil. E isso era assim porque uma larga porção da Itália havia sido incorporada, quando o privilégio não continuou limitado à cidade de Roma e suas cercanias imediatas. Sob Augusto (quando houve recenseamentos em 28 A.C., 8 A.C. e 14 D.C.), as estatísticas falavam, respectivamente, em 4.063.000, 4.233.000 e 4.937.000. Em 47 D.C., o recenseamento feito na época do imperador Cláudio, deu 5.984.072 cidadãos.

3. *Condições.* Um cidadão tinha direitos (*iura*), privilégios (*honores*) e deveres (*numera*). Entre os direitos havia o *ius provocationis*, o direito de apelo ao imperador, nos casos de julgamento. Esse foi o direito

que Paulo usou, referido acima. Os deveres incluíam o *munus militare*, ou dever de serviço militar, e o *ius suffragii*, o direito de voto. Os *honores* eram privilégios especiais conferidos pelo senado a cidadãos notáveis. As referências neotestamentárias à cidadania romana (Atos 16:37,39; 22:25-27,29) mostram que, nos dias de Paulo, esse direito era muito cobiçado e respeitado. Em tempos posteriores, entretanto, a instituição inteira começou a degenerar.

4. *A Cidadania Espiritual, Celestial.* Temos o exemplo de Abraão, que buscava a cidadania celeste, confessando-se um estrangeiro neste mundo (Heb. 11:10). Paulo, em Filipenses 3:20, alude à cidadania espiritual e celeste dos membros da Igreja, onde Cristo é o Senhor absoluto. Isso subentende um novo e elevado destino. Isso também empresta uma nova perspectiva ao crente, sobre como ele deve usar apropriadamente a sua vida. Paulo exortou aos crentes de Filipos que vivessem de uma maneira digna do evangelho (Fil. 1:27). Os crentes filipenses, que tinham direito à cidadania romana, sem dúvida compreenderam bem a metáfora usada pelo apóstolo. O trecho de Colossenses 1:13 não usa a palavra «cidadania», mas fala sobre o crente como pertencente ao *reino* do amado Filho de Deus, o que subentende a nossa cidadania no mundo transcendental. (ID MOF NTI)

## CIDADE

*Esboço:*

1. As Palavras
2. Primeiras Referências Bíblicas
3. A Cidade: a Segunda Grande Revolução
4. Antigas Cidades Hebréias
5. Cidades Não-Israelitas
6. Nos Dias do Novo Testamento

### 1. As Palavras

Várias palavras hebraicas e gregas estão envolvidas neste verbete:

1. *Ir*, «cidade». Essa palavra aparece cerca de mil e cem vezes no Antigo Testamento. Se alguém seguir as referências bíblicas, notará que a nossa distinção moderna entre cidade e aldeia ou vila, baseada em número de habitantes, não fazia parte inerente das palavras hebraicas. Ver Gên. 4:17; 19:29; 24:10; Êxo. 1:11; Lev. 25:29,31; I Sam. 15:5; 20:6; II Reis 17:6; Jer. 51:42,43; Jon. 3:3; Naum 3:1. Unger, grande erudito presbiteriano moderno, supõe que se possa fazer distinção entre uma cidade e uma aldeia com base nas muralhas. Se havia uma muralha circundando a comunidade, então esta se chamava cidade; em caso negativo, a comunidade era chamada aldeia. Ver Lev. 25:29-31; I Sam. 6:18; Eze. 38:11.

2. *Qereth*, «cidade». Ver Jó 29:7; Pro. 8:3; 11:11. Cinco ocorrências.

3. *Qirya*, «cidade». Ver Núm. 21:28; Deu. 2:36; I Reis 1:41; Jó 39:7; Sal. 48:2; Pro. 10:15; 11:10; 18:11; Isa. 1:21, 26; 22:2; Jer. 49:25; Osé. 6:8; Hab. 2:8,12; Esd. 4:12-21. A palavra ocorre em um total de vinte e nove vezes.

4. *Saar*, «portão», mas que serve como sinônimo de cidade em Deu. 5:14; 12:14 e 14:27,28.

5. *Chatser*, palavra hebraica que, por quarenta e seis vezes, parece indicar uma vila sem qualquer proteção, em distinção às cidades fechadas com muralhas, segundo se vê, por exemplo, em Êxo. 8:13; Jos. 13:23,28; 19:6-8,15,16,22,30,31,38,48; I Crô. 4:32, 33; Nee. 11:25,30; Sal. 10:8.

As cidades fortificadas eram chamadas, em hebraico, *ir nibtsar*, conforme se vê, por exemplo, em Núm. 13:39; II Sam. 24:7; II Reis 8:12; Sal. 80:40.

6. *Pólis*, «cidade». Palavra grega que aparece por um total de cento e sessenta e quatro vezes, em todos os tipos de conexões. É termo de larga aplicação, podendo indicar tanto uma cidade quanto uma aldeia. Ver Mat. 8:33; 21:7; Mar. 11:19; Atos 8:9. Se acompanhada do artigo definido, «a cidade», então está em foco uma cidade principal, ou uma capital, como em Atos 8:5; Apo. 21:15. Na literatura secular, a palavra também era usada para indicar os habitantes de uma cidade, conforme se vê em Josefo (*Anti.* 1.200). Também foi usada para indicar a Cidade Celeste, a *Nova Jerusalém* (Apo. 21:2,10, etc).

*Metrópolis* é uma combinação de palavras gregas que indica uma cidade principal, e que, no Novo Testamento, aparece somente no subtítulo de I Timóteo. Mas há palavras cognatas, que expressam questões relacionadas, como *politarches*, «magistrado civil»; *politeia*, «cidadania» (que vide); *politeuma*, «comunidade» ou estado; *polites*, «cidadão»; *politeuomai*, o verbo, sem paralelo em português, mas que significa ter a cidadania, ou então governar, viver, conduzir-se.

### 2. Primeiras Referências Bíblicas

A mais antiga alusão bíblica à ereção de cidades fala sobre como Caim edificou a cidade de Enoque, em Gênesis 4:17. Após a confusão das línguas, surgiram muitas cidades. Assim, Ninrode construiu Babel, Ereque e outras. Assur edificou Nínive e Reobote (Gênesis 10:10-12,19). A arqueologia tem descoberto coisas inumeráveis relativas a muitas grandes cidades antigas. Escavações arqueológicas importantes têm sido feitas em Ur, Nipur, Quis, Eridu, Lagase, Nínive, Assur, etc. Oferecemos artigos sobre essas cidades, e no artigo sobre a *Arqueologia* damos um gráfico, em ordem alfabética, que fornecerá ao leitor alguma idéia sobre as descobertas feitas nesses locais antigos. A mais antiga descrição bíblica sobre uma cidade envolve Sodoma; mas a arqueologia tem retrocedido na história muito mais do que isso.

### 3. A Cidade: a Segunda Grande Revolução

A domesticação de certas plantas e animais, na agricultura neolítica, foi a primeira grande revolução cultural. Isso possibilitou a vida comunitária, e, em seguida, as cidades. As cidades representaram a segunda grande revolução cultural, um passo decisivo na civilização. As cidades tornaram possível todas as formas de avanço tecnológico, que a cultura meramente agrícola não requeria e nem podia prover. Entretanto, a vida citadina também traz problemas sociais, incluindo a questão quase insolúvel da criminalidade, que o meio ambiente agrícola não provoca. As cidades iniciam todo um novo conjunto de problemas, relacionados à interação social, à necessidade de leis mais complexas e completas, etc. Então, uma vez que as necessidades básicas da sociedade agrícola são satisfeitas, os habitantes das cidades têm tempo de seguir muitas veredas de erudição e conhecimentos técnicos. Foi assim que se verificou o desenvolvimento da filosofia e da ciência. Negócios e profissões desenvolveram-se que não seriam necessários nas sociedades agrícolas. Torna-se evidente, pois, que a cidade foi um desenvolvimento revolucionário, que explica a civilização e a cultura conforme a conhecemos. A cidade confere ao homem a oportunidade de diversificar o seu conhecimento, utilizando a sua inteligência de novas maneiras. Atualmente, os homens estão contemplando o espaço sideral, como passo inicial de uma nova grande área de exploração humana, o que representa ainda uma outra revolução cultural. É claro que cada novo

desenvolvimento traz consigo novos meios de explorar as potencialidades humanas. Alguns estudiosos olham de volta à vida agrícola não somente como a única forma de vida desejável para o homem, mas também como a única que está em consonância com o plano divino para o homem. Eles supõem que a vida citadina representa, para o homem, uma aberração quanto ao seu estilo de vida. Tal argumento, entretanto, não pode manter-se de pé. Os homens nunca poderiam ter desenvolvido a sua inteligência sem o advento da vida nas cidades.

**4. Antigas Cidades Hebréias**

Josué mencionou muitas cidades na Palestina. A julgar pela pequena população de Israel, podemos supor com segurança que as cidades eram bem pequenas. Seriam como muitas cidades orientais de nossos próprios dias, com ruas estreitas e tortuosas (Ecl. 12:4; Can. 3:2), com muitas praças perto dos portões das cidades, onde havia mercados e tribunais (Gên. 23:10; Rute 4:1; Mat. 6:5). Poucas ruas eram pavimentadas no interior das cidades, e menos estradas ainda eram pavimentadas fora das cidades. Mas somos informados por Josefo (*Anti.* 8,7) que Salomão pavimentou as estradas que conduziam a Jerusalém com pedras negras. Posteriormente, quando os romanos ensinaram aos homens quão vantajoso era pavimentar as vias públicas, foram pavimentadas as ruas de algumas cidades. Herodes o Grande pavimentou as ruas principais de Antioquia; e Herodes Agripa pavimentou com pedras brancas várias das ruas de Jerusalém. Muitas cidades contavam com muralhas, portões fortes com barras de bronze ou de ferro, — visando uma maior segurança para seus habitantes (Deu. 3:5; I Reis 4:13). As cidades maiores também contavam com torres de vigia. Nas capitais, como Jerusalém, as muralhas eram espessas e altas (II Crô. 26:6 *ss*; Zac. 1:16). Havia torres elevadas por sobre os portões das cidades (II Sam. 18:24). As cidades maiores tinham cidadelas (que vide), no interior das muralhas principais, como medida de proteção extra. O número de portões variava, geralmente dependendo das dimensões das cidades. A cidade ideal de Ezequiel tinha doze portões (Eze. 48:30-35), o que se vê também na Nova Jerusalém do Apocalipse (Apo. 21:12,13).

*Governo*. O conselho da cidade era a unidade governante das cidades hebréias. O conselho compunha-se dos importantes anciãos e juízes (Deu. 16:18). Eles precisavam ser sacerdotes. Nos tempos dos reis, emergiu a figura do governador (I Reis 22:26; II Crô. 18:25). Após o cativeiro babilônico, continuou a prevalecer o tipo de governo mediante um conselho (Eze. 7:25).

*Jerusalém*. Essa cidade representou um importante desenvolvimento, pois ali temos uma capital que enfeixava grande poder, como centro da lei, da religião e da potência militar da nação de Israel. Adicionemos a isso a veneração especial de que a cidade era alvo, como lugar onde Deus manifestava a sua presença de maneira especial. Ela teve origem na fortaleza dos jebuseus que Davi capturara. Isso posto, sua localização era neutra, não pertencendo a qualquer tribo particular de Israel. Jerusalém era a única cidade israelita que podia começar a comparar-se com outras grandes cidades não-judaicas da antiguidade, como Nínive e Babilônia. A cidade de Davi era bem pequena, talvez tendo três mil habitantes. Há muita incerteza acerca da história física de Jerusalém. Ela sofria tantos desastres periódicos que nunca pôde expandir-se muito. Apesar disso, gozou de significativa expansão na época dos reis. As ilustrações acerca da antiga Jerusalém mostram uma cidade relativamente pequena. Sabemos que a Jerusalém reconstruída após o exílio, sob Neemias, não diferia muito quanto às dimensões territoriais da época da monarquia dividida. Algumas linhas defensivas foram acrescentadas, cobrindo algum território a mais; mas a população não pode ter ultrapassado doze mil habitantes. Ver o artigo separado sobre *Jerusalém*.

**Características das Cidades Bíblicas.** Há quatro características que não podemos olvidar, a saber: 1. Em face dos constantes conflitos armados, uma cidade de qualquer tamanho, nos tempos bíblicos, era uma *fortaleza*, com muralhas, portões, torres e cidadelas internas. 2. As ruas eram estreitas e tortuosas, e as casas eram baixas; havia nas proximidades dos portões mercados, do tipo que hoje chamaríamos de feiras livres e também era ali que se faziam negócios e funcionavam os tribunais. 3. As cidades incorporavam lugares sagrados, como santuários e lugares de sacrifício e adoração. Ver sobre Betel (Juí. 20:18) e Silo (I Sam. 7:16 e 10:2). Havia templos tipo fortaleza, designados pela palavra hebraica *migdal* (ver Gên. 32:30-32; Êxo. 14:2; Jos. 15:37). 4. As cidades ficavam perto de algum bom suprimento de água, como rios ou fontes. As cisternas (que vide), eram uma parte essencial das cidades. Havia tanto cisternas públicas quanto cisternas particulares, onde se guardava água para as estações secas. Em certos lugares havia grandes sistemas de irrigação e de condução de água. Túneis e outras instalações para transporte de água eram características comuns nas fortalezas da Idade do Ferro, como se via em Megido, Siquém e Jerusalém. Algumas dessas instalações cobriam impressionantes distâncias, trazendo água desde rios ou mananciais.

Na antiguidade, esses agrupamentos humanos eram classificados com base, acima de tudo, se eram protegidos ou não por muralhas. Isso reflete-se tanto no hebraico quanto no grego, no tocante aos termos usados na Bíblia para indicar essas comunidades. Há diversas palavras hebraicas e gregas que precisamos considerar neste verbete.

**A. Cidades Muradas:**

1. *Qir*, «cidade». Palavra hebraica que figura por setenta vezes, e que, realmente, refere-se mais às muralhas do que à cidade propriamente dita. Para exemplificar: Lev. 14:37,39; Núm. 22:25; 35:4; I Sam. 18:11; 19:10; 1 Reis 4:33; Jos. 2:15.

2. *Pólis*, «cidade». Palavra grega que aparece por cento e sessenta vezes no Novo Testamento, principalmente nos evangelhos sinópticos, no livro de Atos e no Apocalipse, desde Mat. 2:23 até Apo. 22:19.

**B. Cidades Sem Muros:**

1. *Bath*, «filha». Com o sentido de «aldeia» ou «vila» a palavra ocorre por quarenta e quatro vezes. Por exemplo: Jos. 15:45,47; 17:11,16; Juí. 11:26; I Crô. 2:23; 7:28; 8:12; II Crô. 13:19.

2. *Chavvoth*, «povoado». Palavra hebraica que aparece por quatro vezes: Núm. 32:41; Jos. 13:30; I Reis 4:13 e I Crô. 2:23.

3. *Chatser*, «vila». Palavra hebraica que ocorre por quarenta e seis vezes, por exemplo: Êxo. 8:13; Lev. 25:31; Jos. 13:23,28; 15:32,36,41,44-47,51,54,57,59, 60,62; 18:24,28; I Crô. 4:32,33; Nee. 11:25,30; Sal. 10:8; Isa. 42:11.

4. *Ir*, «cidade», «lugar agitado». Palavra hebraica extremamente comum, que ocorre por quase mil e cem vezes, desde Gên. 13:12 até Zac. 14:2.

5. *Perazoth*, «aldeias abertas». Palavra hebraica que aparece por três vezes apenas: Zac. 2:4; Est. 9:19

e Eze. 38:11.

6. *Kóme*, «aldeia». Palavra grega que ocorre por vinte e sete vezes: Mat. 9:35; 10:11; 14:15; 21:2; Mar. 6:6,36,56; 8:23,26,27; 11:2; Luc. 5:17; 8:1; 9:6,12,52, 56; 10:38; 13:22; 17:12; 19:30; 24:13,28; João 7:42; 11:1,30; Atos 8:25.

7. *Komópolis*, uma combinação de *kóme* e *pólis*, dando a entender uma comunidade ainda sem muralhas, mas de dimensões bastante grandes. Essa palavra grega aparece por apenas uma vez, em Mar. 1:38.

Conforme indicamos acima, duas categorias básicas de cidades aparecem nas Escrituras Sagradas. Em Lev. 25:31, onde é empregada a palavra hebraica *chatser*, a vila é caracterizada pela ausência de muralhas; e, além disso, estava sujeita a uma diferente lei de redenção. Nas vilas sem muros, as casas precisavam ser devolvidas a seus proprietários originais, quando vendidas, ao chegar o ano do jubileu, ao passo que, nas cidades muradas, as casas não podiam ser redimidas se se passasse mais de um ano após o tempo da venda das mesmas. Conforme foi demonstrado no ponto A. 1, acima, o termo *qir* geralmente era usado juntamente com adjetivos qualificativos, indicando a presença ou ausência de muralhas, o que nos mostra que essa palavra não estava especificamente limitada ao sentido de cidade murada. Podia estar em foco até mesmo uma parede de uma construção qualquer.

**No período do Antigo Testamento**, — uma cidade murada era distinguida não somente por possuir muralhas, mas também por ser um centro defensivo, comercial e industrial; e, em alguns casos, era também onde residia o governador local. Já no período do Novo Testamento, a diferença essencial entre uma cidade e uma aldeia não era tanto a presença ou ausência de muralhas, e, sim, a posse de constituições e de leis que diferiam das leis referentes ao interior, porquanto essa legislação seguia as leis da coroa. Após os dias neotestamentários, uma cidade era assim chamada se se tivesse tornado sede de um bispado. A Mishna fazia uma tríplice distinção: a. cidade grande; b. cidade pequena; c. aldeia. Ver sobre *Vila*. Quando a palavra *bath*, «filha» era usada com o sentido de aldeia, e não com o seu sentido primário de «filha», — então indicava uma aldeia dependente de alguma cidade maior, murada. Essas aldeias eram, principalmente, centros agrícolas interioranos, dependentes das cidades muradas para sua proteção militar, onde também eram colocados os produtos agrícolas e outros. Nas aldeias, as edificações geralmente eram de qualidade inferior, geralmente cruas, sem ornamentações arquiteturais. Há evidências arqueológicas acerca de muitas centenas de aldeias e vilas pertencentes desde a época de Jeremias para trás. Porém, a maioria delas não chegou a ser repovoada, após o exílio babilônico. Rute e Davi, em suas atividades, ilustram a vida campesina da época.

Precisamos ainda considerar os topônimos hebraicos *kafar* e *haçor*. O primeiro aparece em locativos como Quefar-Amonai, «aldeia dos amonitas» (Jos. 18:24) ou Cafarnaum (Mat. 4:13, etc.). E o segundo como em Azor (Jos. 11:1). O primeiro desses topônimos significa «aldeia». Mas o segundo deles, *haçor*, merece um estudo mais detalhado. Essa palavra era usada principalmente para indicar os povoados que ficavam no limite entre a terra cultivada e o deserto. Os povos assim classificados geralmente eram protegidos por uma espessa sebe de plantas espinhosas ou por um muro de pedras, como proteção contra as feras, e dentro da qual os habitantes viviam em tendas, e não em casas de material mais permanente. Portanto, se *kafar* indicava uma população sedentária, *haçor* indicava uma população seminômade. Resta dizer somente que a cultura não era tão desenvolvida nas aldeias, vilas e povoados de qualquer categoria, como sucedia nas cidades muradas. No caso do povo de Israel, nesse particular, nenhuma outra cidade comparava-se às duas capitais: Jerusalém, do reino do sul, ou Judá; e Samaria, do reino do norte, Israel. Ver também sobre Vilas e sobre *Povoados*.

**5. Cidades Não-Israelitas**

A maioria das descrições das cidades de Israel se ajustaria à descrição de cidades estrangeiras. Houve muitas idéias tomadas por empréstimo. Em primeiro lugar, quando da conquista da Palestina, os israelitas simplesmente adaptaram muitas das idéias já existentes para nelas habitarem. Porém, no mundo antigo houve alguns notáveis exemplos de cidades diferentes e maiores que aquelas da Palestina, como Nínive e Babilônia. Há artigos separados sobre essas cidades, onde o leitor poderá obter novas informações.

**6. Nos Dias do Novo Testamento**

Quanto a uma discussão sobre as palavras gregas envolvidas, ver o começo deste artigo. Consideremos os pontos abaixo:

a. Muitas das cidades da Palestina foram destruídas total ou parcialmente durante as guerras dos Macabeus. Aquelas que foram reedificadas antes do domínio romano, eram similares àquelas que já foram descritas. Os romanos tomaram a região em cerca de 63 A.C. O rei Herodes governou sob os romanos entre 37 e 34 A.C. Ele foi um grande construtor de cidades. Reformou a muitas delas e edificou outras. A influência arquitetônica dos romanos foi grande. Um exemplo é a cidade de Samaria, que recebeu o nome novo de Sebaste (palavra grega correspondente a Augusto). A cidade recebeu novas torres, circundando a cidade com um formato oval irregular, de cerca de um quilômetro de lado a lado. Um gigantesco templo em estilo romano foi ali construído. Tinha 69 m de comprimento, com um fórum tipo romano no seu lado oriental. Cesaréia foi construída em cerca de 12 anos (25 a 13 A.C.). Os arqueólogos têm examinado detalhadamente essa cidade, onde há típicos remanescentes arquitetônicos romanos. Essa cidade era a sede do governo romano na Palestina. Foi ali que Paulo foi julgado diante de Festo e de Herodes Agripa (Atos 25:23 *ss*), e onde o centurião Cornélio foi envolvido, no estabelecimento de um igreja cristã gentílica, no começo da missão da Igreja ali. Ver Atos 10:18-22. Josefo informa-nos que o porto de Cesaréia era similar, se não mesmo maior que o de Atenas, na Grécia. Ali havia uma arena ligeiramente maior que o Coliseu de Roma.

b. Jerusalém cresceu em sua área com dois novos portões, muralhas e fortificações. Um magnificente templo foi construído na cidade. Herodes foi o grande responsável por isso. Expandiu o átrio, cuja porção suleste era sustentada por colunas e imensas abóbadas, chamadas Abóbadas de Salomão. Uma gigantesca muralha de retenção foi construída, que é a atual Muralha das Lamentações. Esse templo foi um dos mais magnificentes edifícios do mundo do século I D.C. Uma predição de Jesus anunciava a destruição de Jerusalém, em vista da rejeição do Messias. E Tito, ao pôr fim à revolta dos judeus contra Roma, cumpriu a profecia de Jesus no ano 70 D.C. Em 132 D.C., Jerusalém foi reconstruída, embora não mais no grandioso estilo de antes, e

recebeu o novo nome de Aélia Capitolina. Cobria então uma área de apenas cerca de 320 mil metros quadrados, com uma população de, talvez, entre dez e dezoito mil habitantes.

**Para os cristãos** dos dias de Jesus e posteriormente, Jerusalém continou a ser considerada uma cidade santa. Jesus chamou-a de «cidade do grande Rei» (Mat. 5:35). Até a sua destruição, em 70 D.C., Jerusalém era o principal centro cristão, o lugar de onde partiram as primeiras missões cristãs de evangelismo. Porém, o tratamento dado pela cidade ao Messias amargurou a muitos cristãos contra ela. O escritor do Apocalipse chamou-a de Sodoma e Egito, porquanto foi ali que o Senhor Jesus foi crucificado (Apo. 11:8). A tradição profética, bíblica e moderna, prediz que a Igreja terá novamente Jerusalém como seu grande centro, após a conversão dos judeus, o que se espera para um futuro não muito distante. Então Jerusalém tornar-se-á o centro e a protetora da civilização por um período de mil anos, tal como sucedeu a Roma, durante a Idade Média. Ver o artigo separado sobre *Jerusalém*. Os capítulos vinte e um e vinte e dois do Apocalipse encerram descrições da Nova Jerusalém, o que muitos intérpretes aceitam como descrições simbólicas da própria Igreja. Outros estudiosos pensam sobre uma habitação celestial literal, que descerá do céu à terra, ou ficará suspensa sobre a terra. A interpretação metafórica ajusta-se melhor à natureza do Apocalipse, de acordo com a qual, condições mileniais, utópicas, provavelmente devem ser entendidas. Os comentários sobre esses capítulos, no NTI, fornecem as muitas interpretações que estão envolvidas na questão.

c. Herodes, o Grande, edificou certo número de esplêndidos palácios e fortalezas na Palestina, como em Ascalom, Herodion (sul de Belém), Massada, Maquero, Qarn, Sartabé (norte de Jericó) e Jericó. Nessas cidades havia muitas coisas de estilo romano, como mosaicos, construções de pedra, com evidências de riquezas e prosperidade.

d. Um distinto grupo de cidades neotestamentárias são as cidades helenistas que vieram à existência nos séculos III e II A.C., na Transjordânia e em Citópolis (Bete-Seã). Essas cidades foram reunidas em um grupo, chamado Decápolis (que vide), e então postas sob o governo do governador romano da Síria. Entre elas havia as cidades de Gerasa, Filadélfia e Gadara, a última das quais é a única que faz parte do grupo, que teve qualquer importância dentro do ministério de Jesus. Essas cidades eram tão típicas quanto as demais cidades helenistas, mostrando a influência combinada da Grécia, de Roma, da Ásia Menor e da Síria.

e. Uma outra característica distintiva, refletida nas cidades da Palestina, era o caráter da Judéia que, segundo sabemos, reteve o sistema ptolemaico de vilas, com grupos ou distritos chamados toparquias. Cada toparquia tinha seus oficiais locais, incluindo o juiz, quase inteiramente autônomo (em contraste com os sistemas grego e romano, bem mais ordeiros, segundo se vê em Mat. 5:25). Esse juiz era responsável diante de algum rei vassalo. Uma vila maior atuava como centro administrativo da toparquia. A parábola dos talentos, em Lucas 19:17-20, alude a um sistema de distritos sob o controle de alguma vila maior. O tirano vassalo fazia parte do mundo das satrapias e de outros governos menores. Por essa razão, os aldeões judeus foram governados por uma sucessão de conquistadores.

f. No livro de Atos transparece muito mais a maneira romana de fazer as coisas, em parte modelada segundo os padrões gregos. Havia a *pólis*, dirigida por seu próprio governo municipal, dentro de um território específico. Os conselhos das cidades tinham muitos membros, talvez quinhentos ou seiscentos. Nenhuma pessoa, nem mesmo juiz, tinha autoridade sem controle. Os cidadãos tinham direitos, e havia sistemas legislativos bem desenvolvidos. Quanto mais nos aproximamos da cidade de Roma, mais as cidades seguiam o estilo romano. Porém, nas cidades mais distantes, prevalecia o modelo grego. E também havia cidades helenizadas, um amálgama desses dois estilos. Foi entre as cidades helenizadas que o evangelho se propagou com maior liberdade, ao passo que a situação judaica era quase impossível de se modificar em qualquer grau mais significativo.

g. *As Cidades Gregas*. Quando o evangelho penetrou na Europa, os pregadores cristãos encontraram cidades gregas com influência romana. Ver os artigos separados sobre Corinto, Atenas, Tessalônica e Beréia, para exemplificar.

h. *Caráter Diversificado das Cidades*. A discussão acima demonstra que as cidades do Novo Testamento tinham uma natureza muito mais diversificada do que as cidades do Antigo Testamento. O antigo estilo hebreu sofreu a influência ptolemaica, como também das cidades militares e das cidades-colônias de Roma, ao mesmo tempo em que as cidades-estado dos gregos continuavam a reter grande parcela de seu típico estilo grego. As sete cartas do Apocalipse, dirigidas a sete igrejas em sete cidades diferentes, exibem uma natureza diferente de cada uma dessas cidades. Com a passagem do tempo, as cidades tornaram-se maiores, melhor planejadas, muitas delas dotadas de verdadeiros monumentos arquiteturais e grandes feitos da engenharia. (ADA AH(1967) ND RAM Z)

## CIDADE BAIXA

Essa é a tradução, em nossa versão portuguesa, da palavra hebraica que aparece em Sofonias 1:10. O hebraico diz apenas *mishneh*, «segundo». Os intérpretes, entretanto, pensam que isso significa «segundo distrito», onde a palavra «distrito» fica entendida. Ver também II Reis 22:14 e II Crô. 34:22. Ali é dito que a profetisa Hulda habitava nesse segundo distrito da cidade de Jerusalém. Esse distrito ficava em um ângulo formado pela muralha ocidental do templo e pela antiga muralha norte da cidade. Posteriormente, foi incluído dentro da muralha mandada construir por Neemias.

Josefo nos dá a entender que esse distrito, que ele chamou Acra (ver *Guerras* i.1,4; 5,4 e 6:1), era, realmente a parte mais baixa da cidade, embora contígua à colina onde estava edificado o templo. Acra é a transliteração da palavra grega que significa «fortaleza». Essa fortaleza fora edificada por Antíoco Epifânio (168 A.C.). Nos dias de Simão Macabeu, não somente a fortaleza foi arrasada, mas até mesmo a colina sobre a qual ela ficava foi nivelada (ver Josefo, *Anti.* xiii.6,7; *Guerras* v.4,1). Mas, no Antigo Testamento hebraico, a expressão «cidade baixa» nunca aparece, pois o nome que ali é dado a essa porção da cidade é «Cidade de Davi». Portanto, o nome deve ter aparecido após o nivelamento daquela colina, nos dias dos Macabeus. Isso significa que a versão portuguesa nos apresenta uma interpretação, e não uma tradução do texto hebraico.

No seu sentido mais amplo, a «Cidade Baixa» incluía não somente aquela seção da cidade onde habitavam os mais abastados, mas também o trecho do vale do Tiropoeon, desde Siloé até à «Casa do Concílio», que ficava perto da «primeira muralha», a muralha norte da cidade, onde, sem dúvida, residiam

muitos pobres de Jerusalém. Quanto a uma descrição mais completa sobre a topografia de Jerusalém, ver sobre *Jerusalém*, na secção sobre *Topografia*.

## CIDADE CERCADA

Essa expressão serve de tradução para várias palavras hebraicas diversas:

1. *Bitstsarom*, «lugar cercado». Palavra usada somente em Zac. 9:12.

2. *Mibtsar*, «lugar cercado». Palavra usada por dezoito vezes. Por exemplo: Núm. 13:19; II Sam. 24:7; II Reis 8:12; Sal. 89:40; Jer. 48:18; Dan. 11:24; Miq. 5:11; Naum 3:12,14; Hab. 1:10.

3. *Maoz*, «fortim». Palavra usada por trinta e duas vezes. Por exemplo: Isa. 23:11; Naum 1:7.

4. *Metsad*, «fortaleza». Palavra empregada por sete vezes. Por exemplo: Juí. 6:2; I Sam. 23:14,19,29; Jer. 48:41.

5. *Metsudah*, «fortaleza». Palavra usada por dezessete vezes com esse sentido. Por exemplo: II Sam. 5:7; 22:2; Sal. 18:2; 31:3; 144:2.

6. *Matsor*, «rampa». Palavra usada por oito vezes com esse sentido: Zac. 9:3; Jer. 10:17; Miq. 7:2; Deu. 20:20.

7. *Metsurah*, «fortim». Palavra usada por duas vezes: II Crô. 11:11; Isa. 29:3.

Há uma clara distinção, no Antigo Testamento, entre uma cidade e uma aldeia. Uma cidade contava com uma muralha, e uma aldeia, não. Nesse particular, encontramos uma tríplice divisão: a. cidades; b. aldeias sem muralhas, c. aldeias com castelos ou torres (I Crô. 27:25). Ver o artigo sobre as *Cidades*. Sabemos, mediante a história, que o distrito a leste do rio Jordão, que formava os reinos de Moabe e Basã, contava com muitos castelos e fortalezas, construídos com o intuito de proteger os animais e desencorajar os inimigos (Deu. 3:5; II Crô. 26:10). Quando Israel invadiu a Palestina, encontraram muitas cidades muradas (Núm. 13:28; 32:17; Jos. 11:12,13; Juí. 1:27-33). As fortificações permitiam que os habitantes de uma cidade resistissem ao assédio de exércitos inimigos por muito tempo. Assim, Jerusalém foi mantida em poder dos jebuseus até os dias de Davi (II Sam. 5:6; I Crô. 11:5).

## CIDADE DA DESTRUIÇÃO

Ver sobre **Heliópolis**.

## CIDADE DAS PALMEIRAS

Esse título foi usado para indicar Jericó, em Deu. 34:2 e II Crô. 28:15. Fora uma cidade ocupada pelos queneus (Juí. 1:16), tendo sido capturada pelo rei de Moabe, Eglom (Juí. 3:13). Josefo descreve-a como local dotado de muitas palmeiras, incluindo certa variedade de espécies.

## CIDADE DE DAVI

Ver sobre **Sião**.

## CIDADE DE DEUS

Nome de uma obra literária de Agostinho (354-430 D.C.), onde ele expôs a sua teoria básica da história. Ele dá a entender que cada indivíduo é cidadão de duas cidades, que representam dois princípios fundamentais. Uma delas é a cidade de Deus, e a outra é a cidade do homem. A primeira é Jerusalém (a Igreja), e a outra é Roma (o estado secular). Das duas, a cidade de Deus deve ser considerada superior, permanente, mestra da cidade do homem. Essa filosofia exerceu importante influência na maneira como os homens vieram a pensar sobre as relações entre *a Igreja e o estado*. Ver o artigo separado sobre esse assunto. De conformidade com a concepção agostiniana, a Igreja é superior ao estado. Agostinho foi parcialmente impelido a escrever sua grande obra devido ao saque de Roma, em 410 D.C., pelas tropas do godo Alarico. Nesse episódio, Agostinho percebeu a natureza passageira do estado secular, contrastando isso com a permanência da Igreja, contra a qual nem mesmo as portas do inferno jamais prevalecerão. Em face da tensão entre a Igreja e o Estado, vem à tona uma terceira alternativa, a saber, o Estado moldado pela Igreja. E isso corresponde ao ideal político de Agostinho, o qual influenciou tremendamente a doutrina do papado, no que concerne ao poder secular. Quanto a outros detalhes a respeito, ver o artigo sobre Agostinho.

A expressão «cidade de Deus» também aparece no Antigo Testamento para dar nome a Jerusalém, em algumas poucas passagens. Ver Sal. 46:4, em comparação com Sal. 48:1,8. O trecho de Deuteronômio 12:5 diz: «...buscareis o lugar que o Senhor vosso Deus escolher de todas as vossas tribos, para ali pôr o seu nome, e sua habitação; e para lá ireis».

## CIDADE DE ENOQUE

Ver **Enoque, Cidade de**.

## CIDADE DE MOABE

Ver Números 22:36. Essa cidade ficava situada perto do rio Arnom, onde Balaque foi visitado por Balaão. Ela pode ser identificada com Ar, uma cidade moabita. Comparar com Núm. 21:15,28 e Isaías 15:1.

## CIDADE DO SAL

Uma cidade existente na região desértica de Judá (Jos. 15:62). Supõe-se que essa cidade estava na extremidade sudoeste do mar Morto, onde certas colinas são formadas de sal puro, de onde lhe provém o nome. Alguns a localizam no vale do Sal, uma ravina na fronteira entre os territórios de Judá e de Edom, ao sul do mar Morto. A região foi cena de várias batalhas registradas nas Escrituras, conforme se vê em II Samuel 8:13; II Reis 14:7; I Crônicas 18:12 e II Crônicas 25:11.

## CIDADE DO SOL

Assim diz a nossa versão portuguesa em Isaías 19:18. No original hebraico temos a expressão *ir haheres*, «cidade da derrubada», que algumas versões traduzem por «cidade da destruição». A Vulgata Latina é que traduz a expressão por «cidade do sol». Contudo, alguns eruditos textuais pensam que «sol» fazia parte do texto original, palavra que teria sido finalmente eliminada do texto, porquanto não há qualquer referência ao sol em um contexto onde vemos pagãos abandonando a idolatria e voltando-se para a adoração a Yahweh.

Contudo, se a alusão é a uma «cidade do sol», então estaria em foco a cidade de Heliópolis, no Egito. No grego, «heliópolis» significa «cidade do sol». Na antiguidade, essa cidade era um centro da adoração egípcia ao sol, onde eram honradas divindades solares como Ré e Atom. Da quinta dinastia egípcia em

diante, os Faraós do Egito eram conhecidos como «filhos de Ré». Na Bíblia, a cidade de Heliópolis é chamada de «Om», que aparece em Gên. 41:45,50 e 46:20. José, filho de Jacó, quando se tornou o primeiro ministro de Faraó, casou-se com a filha do sacerdote de Om. Quanto a outros detalhes, ver o artigo sobre *Heliópolis*.

## CIDADELA

No hebraico, **migdal**, «torre forte». Palavra que aparece por cinqüenta vezes como, por exemplo, em Gên. 11:4,5; Juí. 8:9,17; 9:46,47,49; 9:51,52; I Crô. 14:7; Nee. 3:1,11,25-27; Sal. 48:12; Can. 4:1; Isa. 2:15; Eze. 26:4,9; Miq. 4:8; Zac. 14:10. Uma outra forma da palavra é *migdol*, que figura por treze vezes, como, por exemplo, II Sam. 22:51; Eze. 29:10; 30:6.

A palavra hebraica aplica-se a uma defesa final, interior, em algum ponto de uma cidade. Essa idéia transparece logo na primeira menção, Gên. 11:4,5, onde os construtores da torre de Babel não pensaram em edificar uma torre isolada em campo aberto, conforme se vê em muitas gravuras de concepção artística moderna, mas disseram: «...edifiquemos para nós uma cidade, e uma torre cujo topo chegue até aos céus...» A idéia também transparece claramente na terceira passagem, Juízes 9:46,47,49, 51,52.

Com a passagem dos séculos, o termo hebraico passou a indicar todo o complexo de defesa interna de uma cidade, incluindo o palácio, o templo e quaisquer edifícios anexos. Sempre que possível, as cidadelas ou torres fortes eram construídas em uma colina íngreme, de acesso difícil, a fim de facilitar a defesa. Isso posto, a cidadela era uma espécie de cidade fortificada em miniatura, dentro da cidade, podendo ter sua própria muralha, portão e até fosso. Havia até mesmo cidadelas sem portões. As pessoas subiam até o alto das torres fortes por meio de uma escadaria.

## CIDADES ARMAZÉNS

No hebraico, **ir miskenoth**, «cidade armazém». A expressão ocorre no Antigo Testamento por sete vezes: Êxo. 1:11; I Reis 9:19; II Crô. 8:4,6; 16:4; 17:12 e 32:28.

Sob as fustigadas dos chicotes dos feitores de obras, os israelitas, escravizados no Egito poucas gerações após a época de José, tiveram de construir as «cidades celeiros» (conforme diz a nossa versão portuguesa na primeira dessas referências) de Pitom e Ramessés. Pitom tem sido identificada com o moderno Tell et-Retabah, e Ramessés com a antiga Tânis.

Salomão construiu certo número de cidades armazéns em Hamate (I Reis 9:19), bem como em outros lugares dispersos pelo seu reino, não registrados na Bíblia (I Reis 9:19; II Crô. 8:4,6). Durante o reinado de Baasa, do reino do norte, Israel, Ben-Hadade, da Síria, concentrou seus ataques sobre as «cidades armazéns», terminando por conquistá-las, no território de Naftali, juntamente com outras cidades (II Crô. 16:4). O rei Josafá, em seu programa de fortalecimento do reino de Judá, construiu tanto fortalezas quanto «cidades armazéns» (II Crô. 17:12). Ezequias também promoveu a construção de «cidades armazéns» (II Crô. 32:28).

As «cidades armazéns» aparentemente tiveram a sua origem na prática egípcia de prover armazenamento para as colheitas excessivas, durante os sete anos de abundância, como reserva para os sete anos de escassez, o que ocorreu na época em que José foi o primeiro ministro de Faraó. É possível que essas chamadas «cidades armazéns» fossem como grandes silos, com estruturas longas, retangulares, em forma de salão, encontradas em Bete-Semes, Laquis e outros lugares no território de Israel. A começar pelo reinado de Salomão, e continuando durante os governos de reis posteriores, essas cidades armazéns eram usadas para armazenar cereais e azeite de oliveira, para uso posterior nas cortes reais de Judá e de Israel. (Quanto a Jerusalém, ver I Reis 4:7,22,23). Esses produtos eram também recolhidos como parte dos impostos pagos ao governo, conforme se tem conhecimento através das ostracas encontradas em Samaria e outras localidades.

Alguns estudiosos pensam que esses armazéns não eram usados somente como depósitos de mantimentos, mas isso não pode ser defendido e nem desmentido por meio das Escrituras Sagradas, que nada revelam a esse respeito.

## CIDADES DA CAMPINA

Ver Gênesis 13:12 e 19:29 quanto a essa expressão. As palavras hebraicas envolvidas são comumente usadas para designar uma unidade monetária e também certo formato de pão. Seu sentido básico é «redondeza» ou «nivelamento». Ao referir-se a algum território, parece que prevalece a idéia de lugar plano. Todavia, a palavra também pode significar «oval», como no caso em foco, que se refere a uma região que vai da extremidade sul do mar da Galiléia até à extremidade norte do mar Morto, região essa que tem uma forma ovalada. Também se tem considerado que a área ia desde o ponto imediatamente acima de Jericó (I Reis 7:46; II Crô. 4:17), até à extremidade sul do mar Morto (Deu. 34:4). Seja como for, as cidades da campina, como Sodoma e Gomorra, além de outras estão em foco, segundo se vê em Gên. 13:10. Os nomes de Admá, Zeboim e Bela também fazem parte do texto sagrado. Todavia, os trechos de Gên. 17,25,28,29 parecem ampliar a área em consideração. Antes do aparecimento de cidades naquela área, compreendemos, com base em Gênesis 13:10, que a terra era fértil de tal modo que merecia comparação com o jardim do Éden ou com o delta do Nilo, no Egito. As descobertas arqueológicas confirmam a fertilidade da região. As condições climáticas têm-se modificado com a passagem dos séculos, e a região não é hoje tão fértil quanto antigamente. O trecho de Gênesis 19 narra a súbita destruição que sobreveio a quatro das cinco cidades mencionadas na área. Zoar, para onde Ló e suas filhas fugiram, foi poupada. Algum tipo de cataclismo natural atingiu a área. Talvez tivesse havido um abalo sísmico que liberou chamas resultantes da combustão de gás ou petróleo de depósitos naturais subterrâneos. Até hoje o betume aflora à superfície das águas do mar Morto. E, desde 1953, Israel tem bombeado petróleo e gás desse lugar.

Supõe-se que a área antiga está agora parcialmente coberta pelas águas do mar Morto, que tem uma área maior que na antiguidade. Em Bab edh-Dhra', um sítio arqueológico da região, tem-se encontrado peças de cerâmica de 2300 a 1900 A.C., confirmando a importância do lugar e os seus ritos religiosos. A região foi abandonada no começo do século XIX, quando as cidades da região deixaram de ser ocupadas. O trecho de Isaías 34:9,10 parece ter uma descrição gráfica de uma erupção de betume, o que poderia ser uma alusão à destruição das cidades da campina, embora usada em outra conexão. Naturalmente, alguns intérpretes preferem pensar em uma

explicação totalmente sobrenatural para a destruição ali havida. Seja como for, os habitantes daquelas cidades pecaminosas chegaram a um fim repentino. Diz-se que houve planos de reconstruir a área, com cassinos e lugares de prazer. Mas tais planos foram abandonados quando alguém objetou dizendo: «Oh, não comecemos tudo de novo!» Mas, na sociedade moderna, o estilo de vida de Sodoma e Gomorra tem-se tornado quase universal. Muitos homossexuais têm-se vangloriado disso. Por certo, o juízo divino não anda longe. (CLAP KY)

## CIDADES DE REFÚGIO

Ver o artigo separado sobre **Cidade**. As cidades de refúgio dos países antigos eram, essencialmente, medidas judiciais auxiliares, para ajudar o escape dos homicidas involuntários. Visto que o código de vingança era forte, os parentes de uma pessoa morta por outrem matavam sem misericórdia ao culpado pelo homicídio, sem temer qualquer ação da parte da lei. A lei da retribuição, em Israel, requeria punição igual ao crime (Gên. 9:6; Êxo. 21:12-14; Lev. 24:17; Eze. 18:20). Lemos que era considerado um *dever* o parente de um homem morto justiçar o assassino, mesmo que o homicídio tivesse sido feito involuntariamente, mesmo que com razão, em defesa própria. Os lugares de refúgio incluíam os templos, os santuários e os lugares santos de todas as variedades. No território de Israel, seis cidades levitas foram separadas com essa finalidade. Mas elas visavam somente os casos de homicídio acidental. Os criminosos não eram protegidos nessas cidades. Essas cidades serviam para modificar a inflexibilidade das leis vigentes. Ver as seis cidades de refúgio mencionadas em Josué 20:7,8. Essas cidades eram as seguintes:

1. Cades, cerca de 25 km ao norte do mar da Galiléia. 2. Siquém, — localidade no fim do vale que tinha um formato de «V», na linha leste-oeste, entre o monte Ebal e o monte Gerizim. 3. Hebrom (Quiriate-Arba), em Judá, cerca de 32 km ao sul de Jerusalém. 4. Bezer, nas terras altas orientais a leste de onde o rio Jordão deságua no mar Morto. 5. Ramote, cerca de oitenta quilômetros mais para o norte, nas terras altas de Gileade. 6. Golã, nas terras altas a leste do mar da Galiléia. A exata localização desta última é desconhecida. Essas cidades estavam localizadas em lugares estratégicos, dando aos habitantes de cada tribo um lugar de refúgio, não muito distante.

O trecho de Êxodo 21:14 dá a entender que um assassino proposital não podia esperar proteção em frente do altar; mas um homicida acidental podia fazê-lo, por algum tempo. As leis de Israel não proviam a remoção da culpa pelo homicídio, mas a morte do sumo sacerdote então atuante permitia que o homicida circulasse livremente, sem temor de retaliação. Alguns supõem que a morte do principal sacerdote da área tinha o mesmo efeito. Requeria-se que as estradas que levavam às cidades de refúgio fossem mantidas em boas condições (Deu. 4:41-43; 19:1-13). Havia qualificações específicas para aqueles que buscassem as cidades de refúgio, e os anciãos das cidades tomavam decisões referentes a cada caso. As cidades de refúgio provavelmente eram lugares de grande atividade; mas, curiosamente, não temos qualquer relato no Antigo Testamento que ilustre o costume.

Se os anciãos de uma cidade decidissem de modo favorável ao homicida, ainda assim este precisava confinar-se na cidade de refúgio, até à morte do sumo sacerdote (Núm. 35:25 *ss*), tornando tal refúgio um virtual aprisionamento. Em outras palavras, os homicidas involuntários ainda assim pagavam uma pena.

*Tipologia*. Como é óbvio, as cidades de refúgio representam o refúgio que temos em Cristo, o qual é nosso sumo sacerdote. A sua morte livrou-nos do temor ou retaliação do pecado, até onde está envolvido o destino da alma. A lei de Moisés era um código de justiça, e a misericórdia não era então um conceito tão patente como se vê em nossos dias. Apesar disso, as cidades de refúgio envolviam certa medida de misericórdia. Porém, em Cristo o pecador perdoado fica inteiramente livre de culpa e das conseqüências eternas de seu pecado.

*Contrapartes Modernas*. Antes do advento do cristianismo, lugares santos, templos, santuários, etc., agiam como asilos. Pelo menos desde os dias do imperador Constantino, os templos cristãos exerciam essa função. Teodósio, em 413 D.C., ampliou esse privilégio às casas, jardins e outros anexos de um templo cristão. O sínodo de Toledo, no século VII D.C., estendeu o privilégio de asilo a trinta lugares associados a cada templo cristão, quando cada igreja determinaria quais seriam esses trinta lugares. Na Idade Média, quando o poder papal tornou-se grande, esses costumes continuavam prevalecendo. Porém, — **à medida que o estado** se fortalecia e a Igreja se enfraquecia, os princípios de asilo foram-se tornando sujeitos mais à legislação secular, e menos à legislação eclesiástica. A maioria dos governos conta, atualmente, com uma legislação que cobre todos os casos possíveis dessa natureza, de tal modo que a Igreja não mais se envolve na questão. Às pessoas tidas como criminosas por razões políticas, ou consideradas culpadas por suas convicções políticas ou religiosas, com freqüência se permite o asilo em consulados estrangeiros que existam no país onde a perseguição esteja sendo efetuada. Entre as nações mais civilizadas, esse direito de asilo é respeitado. (AM E GREEN LAN)

## CIDADES E COLÔNIAS ROMANAS

«As cidades romanas pertenciam a duas classes: Havia as 'municipia' ou 'cidades livres' e as *colônias*. Essa distinção, entretanto, nem sempre era mantida inflexivelmente, de tal modo que, em alguns casos, encontramos uma mesma cidade chamada pelos dois títulos. Esses dois nomes, todavia, não envolviam qualquer diferença no tocante aos direitos ou privilégios. A diferença histórica entre colônia e uma cidade livre era que as cidades livres eram incluídas no estado, vindas de fora, ao passo que as colônias eram rebentos vindos de dentro. 'As cidades municipais insensivelmente se foram tornando iguais, em posição e esplendor, às colônias; e, no reinado de Adriano, passou a ser motivo de disputa qual era a condição preferível, a daquelas sociedades que haviam sido derivadas de Roma, ou a daquelas que haviam sido recebidas no seio de Roma'. (Giddon, *Decline and Fall*)». Vincent.

As colônias romanas serviam a três propósitos, a saber: 1. Eram postos avançados fortificados, em algum país conquistado. 2. Serviam de meios de subsistência dos pobres de Roma, porquanto dessas áreas eram levados produtos agrícolas, etc. 3. Eram lugares onde se estabeleciam os veteranos que haviam servido ali no exército durante um certo período; e isso fez com que se tornassem lugares onde se estabeleceram vários outros povos. Ora, Filipos pertencia essencialmente ao terceiro tipo de colônia.

A sociedade romana dividiu o mundo em duas grandes classes: os «estrangeiros» e os *cidadãos*. As colônias eram reputadas habitadas por «cidadãos». A idéia geral envolvida em uma «colônia» é que para os seus habitantes, Roma transferia a sua cidadania e os seus direitos. Algumas colônias foram formadas mediante a expulsão de todos os seus habitantes.

As colônias romanas desfrutaram de três notáveis direitos (de *libertas*, *immunitas*, e *jus italicum*), o que significa governo próprio, isenção de impostos imperiais e direitos iguais aos dos cidadãos italianos.

**CIDADES LEVÍTICAS** Ver **Levitas, Cidades de.**

**CIÊNCIA** Ver **Religião e a Ciência.**

**CIÊNCIA CRISTÃ**

1. *O Termo.* De acordo com o atual uso da expressão, Ciência Cristã designa uma denominação que, desde o ano de 1875, vem ocupando espaço no campo das denominações cristãs-históricas. Trata-se de um movimento centralmente organizado, com igrejas locais com seus próprios edifícios, líderes e *leitores*, períodos determinados e formas de adoração próprias. Portanto, não erramos quando falamos em *Igreja da Ciência Cristã*, e seus corpos locais como igrejas da Ciência Cristã. A igreja mãe, em Boston, entretanto, ocupa uma posição ímpar dentro da organização.

2. *Origens.* A fundadora do movimento, Mary Baker Eddy, chegou às suas crenças e práticas através de uma longa série de acontecimentos, experiências e influências de diversas filosofias, através de um certo número de anos. Ela mesma foi criada em um lar de tradição extremamente calvinista, no congregacionalismo da Nova Inglaterra. Porém, ela mostrou-se rebelde desde tenra idade. Ela ficou chocada diante das implicações da doutrina da predestinação, com seus poucos eleitos à salvação e com sua reprovação positiva, em que a vasta maioria dos seres humanos termina em um castigo eterno e aterrorizante. Desde bem cedo na vida, ela foi perseguida por tragédias e enfermidades. Esses foram os elementos que inspiraram sua independência de pensamento, enquanto ela buscava tanto respostas teológicas quanto cura para seus males físicos. No entanto, ela estava ficando rapidamente inválida. A ciência médica ortodoxa não lhe oferecia qualquer ajuda, e ela tentou a homeopatia e a sugestão mental. Em 1866, quando ela estava com quarenta e cinco anos de idade, Mary Baker Eddy passou por uma experiência decisiva. Ela obteve uma notável cura mediante a inspiração espiritual, que lhe veio quando lia a narrativa contida em Mateus 9:1-9, onde é descrita a cura de um paralítico por Jesus. Ao mesmo tempo, ela passou por uma experiência mística que lhe iluminou a mente, no tocante à *vida no e do Espírito*. Ela acreditava que a iluminação espiritual foi a responsável pela sua cura física, pelo que a cura mental (espiritual) tornou-se uma das práticas mais salientes que a Igreja da Ciência Cristã não tardou a desenvolver.

3. *Primórdios da Igreja da Ciência Cristã.* A maioria de seus primeiros membros eram membros de igrejas evangélicas, a maioria dos quais continuou freqüentando as reuniões de suas igrejas, e que, paralelamente, freqüentavam classes e reuniões do movimento da Ciência Cristã. Porém, em 1879, foi estabelecida uma distinta organização eclesiástica. Seu propósito original era o seguinte: «Organizar uma igreja cujo desígnio é comemorar as palavras e as obras de nosso Mestre, que reinstale o cristianismo primitivo e seu elemento perdido da cura» (Manual da Igreja, pág. 17). Em cerca de 1892, a organização havia expandido enormemente suas atividades, a partir de sua origem, em Boston, estado norte-americano de Massachussets. No ano de 1970, havia cerca de três mil e trezentas igrejas, dois terços das quais nos Estados Unidos, e o resto em muitos outros países do mundo.

4. *Idéias*: a. A teologia básica da Ciência Cristã defende um *idealismo* puro (que vide), que parte do pressuposto que o mundo material é uma ilusão, resultado da *idéia* ou espírito. O que é verdadeiramente *real* é Deus e o seu ideal. O termo «mente» é usado como um sinônimo de Espírito, de Alma e de Vida. Esse princípio, pleno de verdade e de amor, é tudo quanto existe. b. *O mal é ilusório*, pois a perfeita vontade de Deus, que emerge da mente divina, não pode incorrer em erro. O mal está associado à matéria, e, entre os seus efeitos, encontram-se as enfermidades. A morte é uma ilusão dos sentidos mortais, podendo continuar a ser real, até ser destruída pelo sentido espiritual. c. *O pecado é a crença* que resulta em aceitarmos a existência real de outras mentes, quando, na realidade, só existe a mente divina e a nossa participação na mente divina. O pecado pois, consiste em *crença falsa*. A enfermidade é uma crença falsa. d. A cura ocorre quando a ilusão da enfermidade é corrigida pelo pensamento iluminado, inspirado pelo Espírito. e. A doutrina primária desse sistema é a *regeneração do pensamento humano*, através da compreensão espiritual. A cura física segue-se facilmente a essa percepção. f. *O homem é o ideal espiritual* de Deus, e pertence, por direito, a uma ordem na qual não existe nem enfermidades, nem pecado, nem tristeza e nem morte. Essas coisas são meras ilusões da mente mortal. Elas não têm existência real exceto para aqueles que pensam que elas são reais. g. Jesus é mais do que um homem bom. Ele é o Cristo encarnado.

5. *Autoridades Espirituais*. A Bíblia, conforme eles a interpretam, é a principal autoridade dos cientistas cristãos. A outra obra autoritária é a obra da sra. Eddy, intitulada *Ciência e Saúde*, publicada pela primeira vez em 1875, e que foi subseqüentemente expandida, tendo passado por muitas edições. A Igreja da Ciência Cristã não tem clero formal. A lição-sermão toma o lugar dos sermões do pastor. Eles têm hinos, a oração do Pai Nosso, a leitura de trechos bíblicos selecionados, e também lêem trechos da Ciência e Saúde. Não há sacramentos, mas o espírito do que eles representam faz parte do ensino. (AM C E)

**CIÊNCIA E A RELIGIÃO** Ver **Religião e a Ciência.**

**CIÊNCIA E ÉTICA** Ver **Ética e a Ciência**

**CIÊNCIA, FILOSOFIA DA** Ver **Filosofia da Ciência.**

**CIÊNCIA NA BÍBLIA**

Pode-se definir «ciência» como o conhecimento organizado de leis naturais gerais, sobretudo aquelas obtidas através do método científico. E o método científico pode ser definido como os princípios e modos de proceder em busca do conhecimento sistemático, envolvendo o reconhecimento e a formulação de um problema, o recolhimento de informes através da observação e das experiências, e a formulação e comprovação das hipóteses.

**I. A Bíblia e o Método Científico**

O método científico, no sentido que lhe damos hodiernamente, surgiu nos séculos XVII e XVIII.

Antes disso, a coisa mais próxima do método científico era a especulação e a postulação, com pouca ou nenhuma referência a experiências e testes. A Bíblia, entretanto, é singularmente isenta de especulações e postulações acerca de verdades gerais e da operação das leis gerais, mormente no que concerne à natureza. Sempre que alguma questão científica é aludida na Bíblia, pois, deve haver alguma significação especial, porquanto tal conhecimento não foi obtido e nem testado através do método científico. O caso específico das ciências naturais será abordado em primeiro lugar, após o que consideraremos o caso geral de toda realidade sujeita a experiências.

### II. Ciência Natural

A ciência natural pode ser descrita como o conhecimento dos padrões estruturais e comportamentais que se vêem na natureza.

**A. Propósito, Plano e Padrão.** A Bíblia, em suas referências à natureza, interessa-se primariamente pela questão do propósito. A idéia de padrão relaciona-se à idéia de propósito, através da idéia de plano. Portanto, a Bíblia muito tem a dizer sobre a questão de propósito, plano e padrão na natureza. As Escrituras reconhecem a existência do universo físico, criado por Deus (Gên. 1:1). A criação, um assunto muito debatido pelos cientistas e teólogos do século XX, é o tema dominante das referências bíblicas à natureza. É explicitamente catalogada no primeiro capítulo de Gênesis e é repetidamente invocada tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos, a fim de identificar o único e verdadeiro Deus, e a fim de confirmar seu poder e sabedoria. Realizada como um ato da vontade de Deus (Sal. 33:9), a criação tem um propósito: Deus criou todas as coisas para si mesmo (Pro. 16:4; Col. 1:16; Apo. 4:11), e criou o homem para a sua glória (Isa. 43:7). O propósito coroador da criação é a salvação do homem através da fé em Cristo (II Cor. 5:17; Efé. 3:12,17; II Tim. 1:9,10). Esse propósito será cumprido quando a Igreja de Cristo tiver sido aperfeiçoada, e os inimigos de Cristo tiverem sido anulados (I Cor. 15:20-28). Quando esse propósito tiver cumprimento, então o próprio universo físico será destruído e um novo universo será criado (Isa. 65:17; II Ped. 3:10-13; Apo. 20:11; 21:1).

A fim de que esse propósito tivesse cumprimento, a criação foi cuidadosamente planejada (Pro. 8:22-31). O planejamento e a sabedoria evidenciada nesse planejamento são revelados na própria natureza (Jó 38-41; Sal. 19). Parte desse plano determina que o homem domine a natureza (Gên. 1:26,28; Sal. 8:6-8), explore a natureza a seu próprio benefício (Gên. 1:29,30; 9:1-4; Deu. 12:15), estude a natureza como algo que revela a glória (Sal. 19), o poder (Rom. 1:20), a providência (Sal. 104), e a constância de Deus (Sal. 89:2; Jer. 31:35-37; 33:20-26), derivando, da compreensão da natureza, uma grande sabedoria (Pro. 14:8) e uma grande recompensa (Sal. 19:7-11).

Faz parte do ensino bíblico que o universo seja organizado de forma inteligente, de acordo com o padrão divino completo, engenhoso e autocoerente, operando agora de acordo com as leis ou princípios divinamente determinados, invioláveis, de tal modo que o padrão básico e as leis de operação não se alteram com o tempo. A Bíblia também ensina que esses padrões e leis são inteligíveis para o homem, e que o bem-estar dos homens depende da correta compreensão desses padrões e leis. Esses conceitos básicos sobre a natureza contrastam violentamente com as noções e ensinos de outras culturas antigas, as quais retratavam as origens físicas como produtos de conflitos entre divindades em luta, e os fenômenos naturais como tão imprevisíveis como os caprichos dessas divindades voluntariosas.

**B. Os Alicerces da Ciência Moderna.** A origem da ciência moderna repousa sobre alguns poucos pressupostos básicos, que a experiência tem tornado auto-evidentes. Entre esses pressupostos podemos incluir a uniformidade da natureza quanto ao espaço e ao tempo, a inviolabilidade das leis naturais e o conceito de um universo mecanicista. Esses pressupostos só parecem auto-evidentes porque têm recebido credencial da parte das descobertas científicas. Não há necessidade e nem prova de que esses pressupostos sejam universalmente válidos na natureza. A menos que sejam aceitos pela fé, não há qualquer base para os esforços da ciência, no descobrimento dos mesmos. Contudo, não se pode dizer que o homem jamais teria chegado a tais pressupostos, à parte da cultura monoteísta dos antigos hebreus. Está historiado que esses pressupostos faziam parte da fé religiosa da cultura judaico-cristã; e sabe-se que a ciência moderna foi nutrida na cultura cristã da Europa Ocidental. Assim, a maioria dos homens que lançaram os fundamentos da ciência moderna também foram homens de vigorosa fé cristã. Entre eles podemos mencionar Copérnico, Galileu, Kepler, Newton, Francisco Bacon e René Descartes. Para eles, a uniformidade da natureza e a inviolabilidade das leis naturais faziam parte da fé religiosa. A idéia de um universo mecanicista foi postulada a fim de mostrar a perfeição da criação feita por Deus, bem como a fim de mostrar que não havia necessidade de um Deus que «preenchesse o vazio» para explicar os fenômenos naturais que a ciência fosse incapaz de explicar.

Uma conclusão razoável é que a ciência moderna muito deve à Bíblia. Seus principais conceitos de origem encontram-se na Bíblia, seus pressupostos fundamentais fazem parte da fé religiosa, e a inquirição das pesquisas científicas é algo encorajado nas Escrituras Sagradas.

**C. A Criação.** A Bíblia devota bem pouco espaço para a maneira como ocorreu a criação. A afirmação simples: «Pois ele falou, e tudo se fez» (Sal. 33:9), percorre o volume sagrado, do começo ao fim, como um fio de prata. Alguns poucos conceitos latos são oferecidos no primeiro capítulo do livro de Gênesis. Esse capítulo ensina-nos que a criação teve lugar mediante uma série de passos ou fases, cada qual levando avante o que fora feito na fase anterior, em preparação para o que se seguiria. Assim, a vida vegetal teria antecedido à vida animal. Diferentes formas de vida animal parecem ter sido criadas em diferentes ocasiões, dando a entender que a vida animal apareceu primeiramente, nos oceanos. O homem foi uma criação especial, subseqüente à criação de todas as demais coisas vivas. Todos esses ensinamentos coadunam-se com as observações científicas modernas, embora não necessariamente com as interpretações dadas a essas observações, por parte de determinados cientistas modernos.

**D. Padrão.** A Bíblia contém muitas referências aos padrões comumente observáveis na natureza. E isso não tanto para revelar os padrões, mas, sim, para chamar nossa atenção para o significado dos mesmos, pois testificam sobre a sabedoria e a providência de Deus. Assim, a garantida regularidade das estações, da semeadura e da colheita, ou dos dias e das noites, faz parte desse padrão. (Ver Gên. 8:22; Jer. 3:19; 5:24). Os mares, os montes e os vales são conservados em seus respectivos lugares por decreto divino (Jó

38:8-11; Sal. 104:8,9; Pro. 8:29; Jer. 5:22). A natureza foi posta em boa ordem pela sabedoria do Senhor (Pro. 8:1-4). A sabedoria de Deus é percebida até mesmo nos instintos dos pássaros (Jer. 8:7). Os relâmpagos e a chuva têm seus trajetos determinados pelas leis divinas (Jó 28:26). A interdependência entre as diferentes porções da natureza pode ser vista na alimentação da vida selvagem (Sal. 104:27 e 145:15). O reconhecimento desses fenômenos, em seus aspectos facilmente observáveis, atualmente é comum, de tal maneira que as maravilhas dos padrões da natureza são aceitas sem discussão. As relações de causa e efeito mais sutis, mediante as quais os padrões estruturais e comportamentais da natureza são cientificamente explanados, parecem mais desafiadoras para a ciência moderna. No entanto, a Bíblia é totalmente silente sobre esse aspecto da questão. Deus deixou que o homem procurasse descobrir tais relações, as quais, na verdade, são discerníveis e inteligíveis para a mente humana.

No relato da criação (Gênesis 1), a Bíblia oferece-nos um esboço geral de padrão que parece muito significativo para a ciência moderna. É feita a distinção entre radiação (luz), espaço (firmamento ou expansão) e matéria (águas, terras, mares, terras secas). Também se estabelece a distinção entre matéria bruta e matéria viva. A matéria viva é dividida em cinco grandes categorias. Essas categorias são: plantas (Gên. 1:12,13), animais marinhos e aves (Gên. 1:20,21), animais terrestres (Gên. 1:24,25) e o homem (Gên. 1:26,27; I Cor. 15:39). Dentro de cada uma dessas principais categorias, a matéria teve origem e agora persiste em classes invioláveis. A inviolabilidade de cada categoria fica entendida através da outorga, a cada classe, de um mecanismo hereditário que garante a perpetuação da espécie (Gên. 1; Mat. 7:16; I Cor. 15:37,38), protegendo cada espécie da mistura com outras classes e da conseqüente degeneração de todas as classes de seres vivos a um único conglomerado, composto de todas as características. Essas características gerais do padrão da natureza mostram-se coerentes com as observações científicas modernas.

Uma outra generalização de grande significação científica é o conceito do universo como uma peça de vestuário antiga, que se envelhece (Sal. 102:25,26; Isa. 34:4). Isso parece corresponder ao princípio científico da entropia crescente, dentro de um sistema fechado, conhecido como a segunda lei da termodinâmica. Entretanto, a aplicabilidade desse princípio ao universo, como um sistema, é uma questão debatida entre os cientistas.

**E. Antecipações da Ciência Moderna.** Alguns escritores têm encontrado trechos bíblicos nos quais vêem antecipações das modernas descobertas científicas. A teoria ondulatória da matéria pode ser vista em Gên. 1:2. A telegrafia sem fio, em Jó 38:35. O conceito de *parallage* é visto em Tiago 1:17. A teoria atômica da matéria figura em Hebreus 11:3, e a força de coesão atômica em Hebreus 1:3. A luz, como base de todas as substâncias, é vista em Gênesis 1:3; a fissão nuclear, em Gênesis 1:4, e a reação final em cadeia em Isaías 34:4 e Luc. 21:25-28. Um universo em expansão pode ser visto em Isaías 40:22. Veículos a motor, em Joel 2:3,4; aeroplanos em Isaías 31:5 e 60:8, e submarinos em Apocalipse 9:1-11. O rádio pode ser visto em Eclesiastes 10:20, e a televisão em Apocalipse 11:3-12. A esfericidade da terra é vista em Jó. 22:14; Provérbios 8:27; Isaías 40:22 e Marcos 13:35-37. A suspensão da terra no espaço é vista em Jó 26:7. O conceito do ar dotado de peso é visto em Jó 28:25. O ciclo da água, reconhecido pela ciência moderna, é visto em Jó 36:27,28; Salmos 104:10,13; Provérbios 8:28 e Eclesiastes 1:6,7. Ainda um outro grupo de escritores afirma que, em cada um desses casos, o contexto bíblico exclui interpretações que insuflam descobertas científicas modernas nesses significados. Entretanto, pode haver significação antecipatória em Jó 38:22,23, onde Deus fala com Jó a respeito dos tesouros (armazéns) da neve e da saraiva, em reserva para o dia de batalha e guerra. À luz do moderno conhecimento de armas, pode-se ver nisso uma alusão à constituição química da água e da neve, isto é, oxigênio e hidrogênio, daí inferindo a importância dos armamentos com base química, no oxigênio, ou com base no hidrogênio (bombas termonucleares), na grande guerra que porá fim à nossa dispensação.

**F. Planejamento Versus Acaso.** Na natureza, o planejamento pode dar lugar ao padrão, ou então este pode ser devido ao processo das meras chances. A validade da interpretação das observações científicas algumas vezes repousa sobre qual dessas alternativas se toma como pressuposto. A área das teorias da evolução orgânica provê muitos exemplos onde a direção das investigações e a interpretação dos informes podem depender, em grau significativo, do pressuposto de uma chance fortuita ou de uma criação proposital, como fator dominante, por detrás da formação dos padrões básicos. Mas, se por um lado, as Escrituras não eliminam o processo fortuito da chance dentre a cadeia de causas, por outro lado elas insistem em uma criação proposital e consciente da parte de Deus, como a verdadeira origem do universo e dos padrões fundamentais, estruturais e comportamentais, bem como em uma contínua providência divina como a base final da estabilidade das leis naturais.

**III. Toda a Realidade que Pode ser Experimentada.** Em seu sentido mais amplo, a ciência pode ser descrita como o conhecimento sistematizado da verdade, onde toda e cada verdade pode ser identificada. Ora, a Bíblia é um manancial prolífico de informações sobre a verdade (Sal. 119:160; João 17:17) e sobre a sua identificação (Mat. 7:15-20; João 14:6; I João 4:1-6).

**A. Sobre a Dimensão Espiritual.** A Bíblia ensina que o reino físico não compraz a realidade inteira, porquanto coexiste com uma dimensão espiritual (João 4:24; Apo. 16:14). A Bíblia ensina que a dimensão física é permeada pela dimensão espiritual (Gên. 2:7; Efé. 6:12; I Ped. 5:8), e que essas duas dimensões ou reinos atuam mutuamente um sobre o outro (Mat. 17:19,20; João 13:2; Atos 2:2-4). As Escrituras também ensinam que a dimensão espiritual é eterna, ao passo que a dimensão física é temporal (Mat. 24:35), e que a fonte final de todo o conhecimento e poder encontra-se na dimensão espiritual (Sal. 111:10; Mat. 28:18; Rom. 11:33-36).

**B. Sobre as Interações entre o Espírito e o Físico.** Os pagãos, tanto na antiguidade quanto em nossos dias, com freqüência atribuem os fenômenos naturais a uma atividade espiritual imprevisível. Os escritores bíblicos atribuem os fenômenos naturais às atividades de Deus. Em ambos os casos, a corrente natural de causas incluem agentes sobrenaturais. — À media que a ciência nos foi conferindo uma compreensão sempre crescente dos padrões do comportamento natural, as forças espirituais foram sendo eliminadas das cogitações científicas como elementos reconhecidos, dentro da corrente de causas e efeitos. Se os processos naturais tivessem de ser temporariamente modificados pela intervenção sobrenatural, as leis

naturais pareceriam estar sendo violadas, e tal acontecimento seria considerado miraculoso. Não obstante, a Bíblia contém muitos relatos sobre milagres e prodígios.

Em alguns casos, como o longo dia de Josué (Jos. 10:12), e o relógio de sol de Acaz (II Reis 20:11 e Isa. 38:8), uma interpretação não-crítica daria margem a ocorrências catastróficas, que teriam ficado registradas na história, mas acerca das quais nada encontramos nas crônicas mundiais. No entanto, de acordo com certos pensadores, o exame crítico dos textos bíblicos e a sua interpretação, à luz dos contextos sagrados, produz incerteza acerca de quais perturbações naturais, teriam realmente acontecido, além de diminuir grandemente a conseqüência das pesquisas em busca de explicações científicas. Em outros casos, nas páginas do Antigo Testamento, os milagres atribuídos a testemunhas de Deus são, na verdade, atribuídos ao próprio Deus, a fim de confirmar o testemunho de seus servos, parecendo ser casos evidentes da interação entre o físico e o espiritual.

Os milagres registrados no Novo Testamento, realizados durante o ministério de Jesus Cristo, demonstram claramente o poder espiritual sobre os fenômenos naturais (Mar. 4:39; 6:41-44,48; João 2:1-11; 11:44), exibindo para nós o poder que a fé tem para controlar as forças espirituais (Mat. 9:22; Tia. 5:16). Os milagres do nascimento virginal de Jesus (Mat. 1:18-25; Luc. 1:26-2:7) e o da ressurreição do Senhor Jesus (I Cor. 15:12-23) são questões centrais para a fé cristã.

### IV. A Ciência e a Teologia

A busca pelo conhecimento, dentro do campo da ciência e dentro do campo da teologia, desde há muito vem sendo considerada como duas atividades separadas, sem nenhuma relação uma com a outra. Entretanto, se a ciência procura descobrir «com o que Deus fez» alguma coisa, ao passo que a teologia aborda o «por que Deus fez» as coisas, então parece-nos que a combinação dessas duas atividades, em uma busca interdisciplinar pela verdade, beneficiaria profundamente a humanidade. Da mesma maneira que a combinação da filosofia e da tecnologia, na época de Newton, produziu a revolução científica que conduziu o mundo à revolução industrial, porventura a junção da teologia e da ciência, em nossos próprios dias, não produziria um «conhecimento da verdade» realmente revolucionário, conferindo aos homens uma compreensão sobre as forças espirituais que levariam a humanidade a uma autêntica revolução espiritual? Por conseguinte, assim como a revolução industrial libertou o homem da dependência ao trabalho estafante e da dependência às suas próprias pequenas forças físicas, a revolução espiritual libertaria o homem da servidão ao temor e da dependência ao seu próprio débil poder espiritual. Porventura, não prevalecerão, durante o milênio, condições similares às que estamos aqui antecipando? Ver sobre o *Milênio*.

## CILÍCIA

Esse é o nome clássico da região costeira da Ásia Menor, na porção oriental do mar Mediterrâneo. Correspondia às atuais províncias turcas de Icel e Adana. A região está separada do planalto central da Anatólia pela elevada serra das montanhas do Taurus. Em sua porção oriental, a região vai-se alargando gradualmente, transformando-se em uma fértil planície, regada por diversos rios. As montanhas de Amano, da Síria, formam a fronteira leste da região. A despeito desse confinamento geográfico, a Cilícia nunca se mostrou culturalmente isolada. As antigas cidades de Mersim, Adana e Tarso até hoje retêm a sua importância.

*História*. A mais antiga menção histórica à Cilícia data de cerca do século XIV A.C., quando a região foi chamada pelo nome de *Kizzuwatna*, como um estado hitita vassalo. Descobertas arqueológicas, principalmente de peças de cerâmica, confirmam as influências gregas, que ali chegavam por via marítima. Em 715 A.C., a área foi conquistada pelos assírios, que lhe deram o nome de *Que*. Quando os persas dominaram o lugar, no século VI A.C., ela se transformou em uma satrapia semi-independente do império persa. Após a derrota de Dario, por Alexandre o Grande, em 333 A.C., os herdeiros políticos deste último, os Selêucidas da Síria e os Ptolomeus do Egito, dividiram a região. Quando a autoridade deles declinou, muitas cidades da Anatólia obtiveram a sua independência. Os romanos enviaram uma expedição à Cilícia, sob o comando de Pompeu, em 67 A.C., a fim de pôr fim às atividades dos piratas e ladrões da região montanhosa ocidental. Finalmente, a Cilícia foi absorvida pelo império romano, passando a ser governada pela Síria, até tornar-se uma província separada, em 74 D.C.

*A Cilícia e o Cristianismo*. Os habitantes da região converteram-se ao cristianismo. Ela é melhor lembrada pelos cristãos como a região onde Paulo nasceu, visto que ele era natural de Tarso, uma das principais cidades cilicianas. Posteriormente, a Cilícia tornou-se uma das províncias bizantinas. Mas os árabes apossaram-se da região no século IX D.C. No século XI D.C. os armênios, expulsos do oriente da Turquia, fundaram ali o estado da Pequena Armênia. Esta acabou nas mãos dos mamelucos egípcios, nos fins do século XIV D.C. Os turcos otomanos tomaram deles a região, em 1516.

*Outros Detalhes*. Nos dias do apóstolo Paulo, os judeus tinham uma sinagoga na Cilícia (Atos 6:9). Paulo aprendeu ali o seu ofício de fabricante de tendas. Ele visitou a região após a sua conversão (Gál. 1:21 e Atos 9:30). Cícero (que vide), atuou como cônsul na Cilícia. Seu bom clima e seus luxos atraíam residentes gregos (Atos 15:41 e 21:39).

*A Cidadania Romana*. Paulo nasceu como cidadão romano, e ufanava-se de sua cidade nativa (Atos 21:39). A cidadania romana, conferida a uma porção da comunidade judaica de Tarso, provavelmente data da época em que Pompeu estabeleceu na parte leste da Cilícia uma colônia judaica, em 65 ou 64 A.C.

*O Evangelho na Cilícia*. Não sabemos como o evangelho chegou até aquela região. É possível que Paulo o tenha levado até ali, embora as Escrituras nada nos informem quanto a isso. A região cresceu até tornar-se um dos centros do cristianismo. Catorze centros principais de atividade cristã já haviam sido estabelecidos na Cilícia, pelos fins do século III D.C. (AM UN Z)

## CÍMBALO

Ver sobre **Música e Instrumentos Musicais**.

## CIMENTO (ARGAMASSA)

De acordo com uma definição lata, o cimento é qualquer substância usada para ligar as coisas entre si, incluindo os tijolos ou as pedras usadas na construção de qualquer edifício. Até recentemente, os estudiosos tinham quase a certeza de que os antigos não conheciam um verdadeiro cimento, no sentido moderno de concreto. No entanto, há estudiosos que

atualmente estão dizendo que as pirâmides do Egito não foram feitas de imensas rochas, mas antes, essas pedras foram montadas no local, mediante o uso de certa forma de cimento. Seja como for, a Bíblia refere-se claramente a certos materiais de ligação, conforme se vê abaixo:

1. O trecho de Gênesis 11:3 fala sobre o betume ou asfalto. No hebraico, *chemar*. Ver também Gên. 14:10 e Êxo. 2:3. Esse material foi usado na construção da torre de Babel. A mesma palavra é usada para indicar o material empregado para tornar estanque a arca de Moisés, onde ele foi posto em pequenino. Ver o artigo separado sobre *Asfalto*.

2. Os filhos de Israel usaram «barro» (em hebraico, *chomer*, usado por quinze vezes com esse sentido; por exemplo: Gên. 11:3; Êxo. 1:14; Isa. 41:25; Naum 3:14). O barro era pisado sob os pés para amaciá-lo (Naum 3:14). Os conquistadores pisavam sobre governantes como se fossem barro (Isa. 41:25). Essa mesma palavra hebraica é usada para indicar a argila usada pelos oleiros. De fato, essa palavra hebraica é usada na Bíblia de maneira frouxa, de tal modo que pode dar a entender tanto a argila usada pelos oleiros como a lama comum. A argila dos oleiros era trabalhada até que adquirisse a consistência certa, com a evaporação gradual da água. Ver o artigo separado sobre a *Argila*.

3. *Sentidos Figurados*. Nos sonhos e nas visões, o cimento ou qualquer material de ligação indica fatores que vinculam, dando continuidade e força a uma pessoa ou situação. Também podem estar em foco as realidades ou coisas que estiverem sendo empregadas em algum empreendimento em fases. No trecho de Isaías 41:25, a ação de conquistadores militares é retratada como se estivessem pisando o barro. Há paredes que os insensatos constroem e rebocam; e os profetas e mestres falsos podem rebocar as coisas que as pessoas constroem com cumprimento e predições, mas sem qualquer base na realidade, conforme se vê em Ezequiel 13:10 *ss*. Portanto, o ato de rebocar simboliza a hipocrisia ou a lisonja enganosa (Mat. 23:27; Atos 23:3). Aquilo que é sensaborão ou tolo é como um reboco (Jó 6:6; Lam. 2:14).

## CIMÉRIOS

Esse é o nome grego para o povo que o AT chama de Gômer, em Gên. 10:2,3 e Eze. 38:6. Gômer foi o filho mais velho de Jafé, o qual foi pai de Asquenaz, Rifá e Togarma. O povo chamado Gômer é visto como aliado do povo chamado Togarma, no exército de Gogue, na profecia de Eze. 38. Alguns teólogos modernos supõem que essa predição retrata a Terceira Guerra Mundial, com o envolvimento da União Soviética. Historicamente, o povo de Gômer pode ter sido o mesmo que as inscrições assírias do séc. VIII A.C. chamam de Gimirrai. A localidade desse povo era a atual Ucrânia. Dali eles migraram para o sul, para a antiga Urartu, que atualmente faz parte da porção ocidental da Turquia. Ali, pois, tornaram-se adversários dos assírios.

Gômer também era o nome da filha de Diblaim, que se tornou esposa do profeta Oséias, e que lhe deu três filhos, 1:3.

## CINAMOMO

Há uma palavra hebraica e uma palavra grega envolvidas, a saber:

1. *Quinnamom*, «casca do cinamomo», que aparece por três vezes: Êxo. 30:23; Pro. 7:16 e Can. 4:14.

2. *Kinámomon*, «cinamomo», palavra grega que aparece somente em Apo. 18:13.

O nome científico dessa árvore é *Cinnamomum zeylanicum*, que cresce até cerca de nove metros de altura, produzindo pequenas flores brancas. O melhor cinamomo vem de ramos com cerca de três anos de idade. Um óleo é extraído do material, que é suavizado mediante mergulho em água salgada, e de onde a substância é fabricada. Os hebreus pensavam que o odor do cinamomo é *glorioso*, conforme afirma uma das minhas fontes informativas; mas muitas pessoas de nossos dias simplesmente não concordam com esse parecer. Por essa razão, a substância não continua sendo usada como perfume, como nos dias antigos, embora continue sendo uma útil especiaria.

## CINCO ARGUMENTOS DE TOMÁS DE AQUINO EM FAVOR DA EXISTÊNCIA DE DEUS

*Comentário de F.C. Copleston.*

F.C. Copleston (1907), membro da ordem religiosa dos jesuítas, é mais conhecido por causa de sua obra em muitos volumes *History of Philosophy*, que está se tornando rapidamente uma obra padrão na língua inglesa. Esse autor se tem mostrado muito ativo, formando elos de ligação entre o tomismo e as demais áreas do pensamento.

*Extraído da obra de F.C. Copleston AQUINAS* (1955), *capítulo iii*.

**Naturalmente, Tomás de Aquino** não negava que os homens podem chegar a saber que Deus existe por outros meios que não pelas reflexões filosóficas. E nem jamais ele asseverou que a crença da maioria das pessoas, que aceitam a proposição que Deus existe, resulta de seus elaborados argumentos metafísicos que criaram por si mesmos, ou dos argumentos metafísicos alheios sobre os quais meditaram. *E nem também confundia* ele o assentimento puramente intelectual ante a conclusão a que se chega por tais argumentos metafísicos com a fé cristã viva e o amor de Deus. Mas pensava ele que a meditação sobre características perfeitamente familiares do mundo concedem-nos amplas evidências em prol da existência de Deus. A própria reflexão, sustentada e desenvolvida no nível metafísico, é difícil, e Aquino explicitamente reconheceu e confessou essa dificuldade: certamente não considerava ele que todos são capazes de reflexões metafísicas contínuas. Ao mesmo tempo, os fatos empíricos sobre os quais se fundamentavam suas reflexões eram, para ele, fatos perfeitamente familiares. A fim de ver as relações entre as coisas finitas e o ser da qual elas dependem, não é mister que alguém apele para pesquisas científicas, descobrindo assim fatos empíricos até então desconhecidos. E nem o metafísico descobre a Deus de maneira análoga à do explorador que subitamente descobre uma ilha ou uma flor até então desconhecidas. O que o investigador metafísico precisa é de atenção e de reflexão, e não de pesquisa ou exploração.

**Quais, pois,** são os fatos familiares que para Tomás de Aquino lhe davam a entender a existência de Deus? A menção desses fatos pode ser encontrada nos famosos «Cinco Argumentos» que provam a existência de Deus, esboçados em sua obra *Summa Theologica* Ia, 2,3. No primeiro argumento, Aquino começa por dizer que 'É certo, evidente para os nossos sentidos, que certas coisas do mundo se encontram em movimento'. Precisamos relembrar que ele, à semelhança de Aristóteles, entendia que o termo *movimento* tem o sentido lato de modificação, de

redução de um estado de potencialidade para o estado de ação; não se referia exclusivamente a um movimento local. No segundo argumento, ele começa com a observação que 'Neste mundo de coisas palpáveis descobrimos que há uma ordem de causas eficientes'. Em outras palavras, dentro da nossa experiência com as coisas e com suas relações mútuas, tomamos consciência de causalidade eficiente. Assim, ao passo que no primeiro argumento ele começa pelo fato de que algumas coisas sofrem a ação de outras, sendo assim modificadas, no segundo argumento ele se estriba sobre o fato de que algumas coisas agem sobre outras, como causas eficientes. No terceiro argumento, ele começa por dizer que 'Na natureza encontramos coisas que são possíveis serem e não serem; pois são geradas, podendo ser corrompidas; e, conseqüentemente — é possível que algumas coisas venham à existência e desapareçam'. Em outras palavras, percebemos que algumas coisas são corruptíveis ou perecíveis. Na quarta prova Aquino observa que 'Entre os seres existem alguns que são mais e outros menos bons, verazes, etc.' Finalmente, ele diz quanto ao quinto argumento que 'Percebemos que as coisas às quais falta o conhecimento, tal como os corpos naturais, atuam visando uma finalidade qualquer, o que se evidencia em todas as suas ações, o que fazem sempre da mesma maneira, de modo a obterem os melhores resultados».

**Penso que pouca é a dificuldade** encontrada na aceitação dos fatos empíricos que dão início aos três primeiros argumentos. Pois ninguém realmente duvida que algumas coisas sofrem a ação de outras, sendo modificadas ou 'movimentadas', que algumas coisas agem sobre outras, e que algumas coisas são perecíveis. Cada um de nós tem consciência, por exemplo, que ele sofre ações e é modificado, que algumas vezes ele age como causa eficiente, e que ele é perecível. E ainda que alguém zombasse da asseveração que ele tem consciência que nasceu e que morrerá, o fato é que sabe muito bem que outras pessoas nasceram e morreram. No entanto, os pontos iniciais dos dois argumentos finais de Aquino podem causar alguma dificuldade. Pois a proposição de que existem diferentes *graus de perfeição* nas coisas requer uma análise muito mais completa do que Aquino oferece em seu breve esboço sobre seu quarto argumento. E isso porque o esboço esquemático das cinco provas de existência de Deus não visava a satisfazer mentes críticas como é a mentalidade dos filósofos sazonados, mas como material introdutório dirigido aos 'novatos' nos estudos teológicos. Além disso, seja como for, Aquino pôde naturalmente apelar para idéias familiares de seus contemporâneos do século XIII, idéias essas que ainda não haviam sido sujeitas às críticas radicais que as assediaram posteriormente. Ao mesmo tempo, não é muito difícil compreendermos o que ele queria dizer. Estamos todos acostumados a pensar e a falar como se, por exemplo, houvesse diferentes graus de inteligência e de capacidade intelectual. A fim de calcularmos os diferentes graus, precisamos, como é lógico, de pontos fixos ou padronizados de referência. Porém, uma vez dados esses pontos de referência, estamos acostumados a fazer declarações que subentendem diferentes graus de perfeição. E embora essas declarações necessitem passar por uma análise mais íntima, referem-se a algo que cabe dentro da experiência ordinária, e que tem expressão na linguagem diária. No que diz respeito ao quinto argumento, o leitor moderno pode encontrar grande dificuldade ao tentar descobrir o que Aquino queria dizer, se porventura confinar sua atenção à relevante passagem da Summa Theologica. Porém, se o mesmo leitor examinar a *Summa contra Gentiles* (1,13), descobrirá que Aquino asseverava que vemos coisas de diferentes naturezas cooperando na produção e manutenção de uma ordem ou sistema relativamente estável. Quando Aquino afirmá que vemos coisas puramente materiais a agirem visando a uma finalidade qualquer, não queria dizer que agem de forma análoga à dos seres humanos, os quais agem conscientemente visando a propósitos definidos. De fato, o ponto chave do argumento é que não o fazem assim. O que ele queria dizer é que diferentes modalidades de coisas, como o fogo e a água, cujos comportamentos são determinados pelas suas diversas formas, cooperam, não conscientemente, mas como algo automático, de tal modo que surge uma ordem ou sistema relativamente estável. E novamente, embora muito mais pudesse ser dito, se tivéssemos de esperar uma discussão completa sobre essa questão, a idéia básica não encerra nada de particularmente extraordinário, e nem encerra qualquer coisa contrária às nossas experiências e expectações ordinárias.

**Também** não devemos perder de vista o fato de que Aquino fala com considerável disciplina: ele evita generalizações largas. Assim é que no seu primeiro argumento ele não afirma que todas as coisas materiais são movidas, mas sim, que vemos que algumas coisas, neste mundo, segundo percebemos, são movidas ou modificadas. Quanto ao seu terceiro argumento, ele não assevera que *todas* as coisas finitas são contingentes, e sim, que estamos cônscios de que *algumas coisas* vêm à existência e desaparecem. E, no tocante ao seu *quinto* argumento, ele não assevera que há uma ordem ou sistema mundial invariável, mas antes, que vemos corpos naturais que agem sempre ou quase sempre da mesma maneira. Portanto, a dificuldade que pode ser experimentada, no tocante às provas expostas por Tomás de Aquino sobre a existência de Deus, não diz tanto respeito aos fatos empíricos ou aos alegados fatos empíricos com que ele dá início aos seus argumentos, mas diz respeito à percepção como esses fatos dão a entender a existência de Deus.

**Talvez se deva dizer** imediatamente alguma coisa sobre essa idéia de **implicação**. Na realidade, Tomás de Aquino jamais usa essa palavra quando fala sobre os cinco argumentos, mas se refere a *prova* e *demonstração*. E pelo vocábulo *demonstração* ele quer dar a entender, nesse contexto, aquilo que ele denomina de *demonstratio quia*, a saber, uma prova causal da existência de Deus, procedente da afirmação de algum fato empírico, como, por exemplo, que existem coisas que se alteram, partindo daí para a afirmação de uma causa transcendental. Na realidade, é o segundo argumento que apresenta uma prova estritamente causal, no sentido que aborda explicitamente a ordem de causalidade eficiente; porém, em cada um de seus argumentos, transparece, de uma forma ou de outra, a idéia da dependência ontológica a uma causa transcendental. A convicção de Tomás de Aquino era que a plena compreensão dos fatos empíricos que foram selecionados para serem considerados naqueles cinco argumentos envolve a percepção da dependência desses fatos a alguma causa transcendental. A existência de coisas que se modificam, por exemplo, segundo a sua opinião, não se explica por si mesma: ela só pode tornar-se inteligível quando vista como dependente de uma causa transcendental, uma causa, por assim dizer, que não pertence à ordem das coisas que se modificam.

**Para o leitor moderno**, isso pode sugerir que Tomás de Aquino se preocupava com explicações causais no sentido que ele procurava formular uma hipótese empírica a fim de explicar determinados fatos. Porém, ele não considerava a proposição que afirma a existência de Deus como uma hipótese causal no sentido de ser revisável em princípio, como uma hipótese, ou seja, em outras palavras, que concebivelmente pode ser sujeita à revisão, à luz de novos informes empíricos, ou como uma hipótese que pode ser suplantada por uma hipótese mais econômica. Essa particularidade talvez possa ser percebida com maior clareza no caso de seu terceiro argumento, que se baseia sobre o fato de que existem coisas que podem vir à existência e desaparecer. Segundo a opinião de Aquino, nenhum novo conhecimento científico acerca da constituição física dessas coisas poderia afetar a validade do seu argumento. Ele não olhava para uma *demonstração* da existência de Deus como uma hipótese empírica no sentido em que a teoria eletrônica, por exemplo, é declarada como uma hipótese empírica. Naturalmente, todos podem objetar que, conforme a sua própria opinião, os argumentos cosmológicos em favor da existência de Deus na realidade são análogos às hipóteses empíricas das ciências e que esses argumentos se revestem de uma função preditiva; mas não se pode dizer daí que essa interpretação pode ser atribuída legitimamente a Tomás de Aquino. Não nos devemos deixar iludir pelas ilustrações que ele algumas vezes oferece com base em teorias científicas de sua época. Porquanto essas ilustrações são meras tentativas para elucidar um ponto qualquer em termos facilmente acessíveis à compreensão dos seus leitores: têm por intuito indicar que as provas acerca da existência de Deus eram, para ele, hipóteses empíricas, conforme o sentido moderno desse vocábulo.

**Significaria isso, por conseguinte**, que Tomás de Aquino reputava a existência de Deus como algo logicamente vinculado a fatos como as transformações ou o vir à existência e ao desaparecimento? Naturalmente que ele não considerava a proposição que diz que «é possível que algumas coisas venham à existência e desapareçam» como se essa proposição indicasse necessariamente aquela outra que afirma que «existe um ser absolutamente necessário ou independente», no sentido de que a afirmação de uma dessas proposições e a negação da outra envolvam alguém em contradição verbal ou em contradição lingüística formal. Mas ele pensava que a análise *metafísica* do que significa objetivamente ser uma coisa que vem à existência e desaparece mostra-nos que tal coisa deve depender existencialmente de um ser absolutamente necessário. E também pensava ele que a análise metafísica daquilo que significa objetivamente ser uma coisa em mutação, mostra-nos que tal coisa depende de um ser movimentador supremo, o qual não pode ser abalado. Segue-se daí que, para Tomás de Aquino, qualquer pessoa é envolvida em uma contradição se chegar a afirmar as proposições que «é possível [illegible] e algumas coisas venham à existência e desapareçam», e que «existem coisas que se modificam», ao mesmo tempo que nega as proposições que afiançam que «existe um ser absolutamente necessário» e «existe um movimentador supremo, que não pode ser abalado». No entanto, essa contradição só se patenteia através da análise metafísica. E o envolvimento em questão é, fundamentalmente, um envolvimento ontológico ou causal.

*Não são poucos* os filósofos (certamente todos os *empiristas*) que poderiam comentar que se isso representa realmente a mentalidade de Tomás de Aquino, então é claro que ele confundia a relação causal com o envolvimento lógico. Devemo-nos lembrar, entretanto, que embora Aquino estivesse convencido de que a proposição que assevera que tudo quanto começa a existir tem *uma* causa, por outro lado é absolutamente certo que ele não pensava que a existência de qualquer coisa finita envolve a existência de qualquer outra coisa finita, no sentido de que a existência de qualquer objeto finito pode ser declarado como algo que envolve logicamente a existência de Deus. Dentro da linguagem teológica, uma vez que admitimos que existe um Criador onipotente, podemos daí dizer que ele pode criar e pode manter em existência qualquer coisa finita, mesmo sem a existência de qualquer outra coisa finita. Mas não se segue disso que possa existir qualquer coisa finita independentemente de Deus. Em outras palavras, Tomás de Aquino não estava na obrigação de apresentar outros exemplos do envolvimento ontológico que ele assevera haver entre a existência das coisas finitas e a existência de Deus. E embora as relações entre as criaturas e Deus sejam análogas, quanto a certos particulares, às relações entre uma coisa finita e outra, quanto à dependência causal, aquelas relações anteriores, se as considerarmos como tais, são sem paralelo. Tomás de Aquino não confundia relações causais em geral com envolvimentos lógicos; pelo contrário, asseverava a existência de uma relação sem-par entre as coisas finitas e a causa transfinita transcendental da qual todas elas dependem.

**Talvez seja digno** de ênfase que não se segue necessariamente, com base nos pontos de vista de Tomás de Aquino, que a abordagem metafísica da existência de Deus é uma questão fácil. É verdade que ele confiava no poder da razão humana para atingir o conhecimento da existência de Deus; e, além disso, ele não considerava que os seus argumentos precisavam do apoio da retórica ou do apelo emocional. E na «Summa Theologica», na qual escrevia para novatos nos meandros teológicos, ele afirmava seus argumentos de forma ousada e talvez de maneira desconcertantemente impessoal. Porém, não podemos concluir legitimamente que ele pensasse que é fácil para um homem chegar ao conhecimento da existência de Deus mediante as meditações filosóficas isoladas. Na realidade, ele faz uma declaração explícita com o sentido oposto. Pois estava bem consciente de que, na vida humana, outros fatores além das reflexões metafísicas exercem uma poderosa influência. Outrossim, é evidente que ele concordaria que é sempre possível estacarmos o processo da reflexão em um ponto particular qualquer.

**Para Tomás de Aquino**, todo ser, até onde é ou tem vida, é uma entidade inteligente. Porém, podemos considerar as coisas partindo de ângulos diversos, quando então observamos aspectos diferentes de uma mesma verdade. Por exemplo, posso considerar o vir à existência e o desaparecimento simplesmente em relação a exemplos definidos e com base em um ponto de vista subjetivo. Entristece-me pensar que alguém a quem amo, provavelmente falecerá antes de mim, deixando, por assim dizer, um hiato em minha vida. Ou entristece-me pensar que poderei morrer, ficando incapacitado de completar a obra que iniciei. Ou posso considerar o vir à existência e o desaparecimento com base em algum ponto de vista científico. Quais serão as causas fenomenais finitas da decomposição orgânica ou da geração de um organismo? Porém, também pode considerar o *vir à existência* e o desaparecimento puramente como tais, objetivamen-

te, adotando um ponto de vista metafísico e dirigindo a minha atenção para o tipo de ser, considerado como tal, que é capaz de vir à existência e de desaparecer da existência. E ninguém poderá compelir-me a adotar este ou aquele ponto de vista. Se eu estiver resolvido a permanecer no nível, digamos, de alguma ciência particular, ali permanecerei; e todas as discussões terão de terminar ali. As reflexões metafísicas, nesse caso, não terão qualquer sentido para mim. No entanto, o ponto de vista metafísico é um ponto de vista possível, e a reflexão metafísica pertence a uma completa compreensão das coisas, tanto quanto isso é possível para as mentes finitas. E se porventura eu adotar esse ponto de vista e me conservar em um estado de reflexão contínua, segundo Tomás de Aquino estava convencido, tornar-se-á claro para mim uma relação existencial de dependência, o que não se tornaria claro para mim se eu permanecesse em um nível diferente de reflexão. Porém, tal como os fatores estranhos (tal como a influência da perspectiva geral promovida por uma civilização técnica) podem ajudar-me a produzir a minha decisão de permanecer em um nível não metafísico de reflexão, assim também podem os fatores estranhos influenciar as *minhas reflexões* dentro do nível metafísico. Para mim parece ser um erro crasso a sugestão de que Tomás de Aquino não reputava as reflexões metafísicas como uma maneira possível do indivíduo tomar consciência da existência de Deus, e que ele considerava tais reflexões, segundo têm sugerido alguns escritores, como mera justificação racional a uma certeza que é necessariamente atingida através de algum outro meio. Pois, se isso constitui uma justificação racional em qualquer sentido, então penso que essa é uma maneira possível de tomarmos consciência da existência de Deus. Não se pode concluir daí necessariamente, entretanto, que essa seja uma forma fácil ou comum de se chegar a tal conhecimento.

**Após essas observações de natureza geral**, volto-me para os cinco argumentos expostos por Tomás de Aquino acerca da existência de Deus. Quando de seu primeiro argumento ele asseverava que *movimento* ou alteração significa a redução de uma coisa que passa do estado de potencialidade para o estado de ação, e que uma coisa qualquer não pode ser reduzida da potencialidade para a ação exceto devido à influência de um agente que já se encontra em estado de ação. Nesse sentido, 'tudo quanto se movimenta é movido por outra coisa'. E argumenta ele, finalmente, que a fim de ser evitado o *retrocesso infinito* na cadeia de movimentadores, deve-se admitir a existência de um movimentador primário que não pode ser abalado. E todos compreendem que esse é Deus.

Uma declaração qualquer, como «todos compreendem que esse é Deus» ou como «a esse ser todos chamam de Deus», ocorre no fim de cada argumento, embora eu prefira adiar aqui as considerações a respeito para outra ocasião. Quanto à eliminação de um retrocesso infinito, explicarei o que Tomás de Aquino quis dizer ao usar a palavra *retirar*, após esboçar a sua segunda prova, que é similar à primeira, quanto à sua estrutura.

**Ao passo que no primeiro argumento** Tomás de Aquino considera uma coisa como a sofrer a ação de outra, como algo que é modificado ou *movimentado*, em seu segundo argumento ele as considera como agentes ativos, como causas eficientes. Argumenta ele que existe uma hierarquia de causas eficientes, em que uma causa subordinada é dependente da causa acima dela, dentro da hierarquia das causas eficientes. E, depois de excluir a hipótese de um retrocesso infinito, ele passa a tirar a conclusão de que deve haver uma primeira causa eficiente, — à qual chamamos de Deus.

**Ora, é obviamente impossível** discutirmos sobre esses argumentos de forma proveitosa a menos que eles sejam primeiramente compreendidos. E compreendê-los erroneamente é por demais fácil, posto que os termos e as frases empregadas nos são ou não familiares ou capazes de serem tomados em um sentido diferente do sentido tencionado pelo seu autor. Em primeiro lugar, é essencial compreendermos que, em seu primeiro argumento, Tomás de Aquino supôs que o movimento ou modificação depende de um *movimentador* que age aqui e agora, como também supôs, em seu segundo argumento, que existem causas eficientes no mundo que até mesmo em sua atividade causal são aqui e agora dependentes da atividade causal de outras causas. É por essa razão que falei sobre uma *hierarquia*, referindo esse vocábulo ao termo *série*. Aquilo sobre o que Tomás de Aquino pensava pode ser ilustrado da seguinte maneira. Um filho depende de seu pai, no sentido que não teria existido não fora a atividade causal de seu pai. Porém, quando o filho age por si mesmo, já não se mostra dependente, aqui e agora, de seu — genitor. Não obstante, é dependente aqui e agora quanto a outros fatores. Sem a atividade do ar, por exemplo, ele não poderia agir por si mesmo; e a atividade preservadora da vida do ar, por sua vez, depende, aqui e agora, de outros fatores, e estes, por sua vez, ainda dependem de outros fatores. *Não digo* que esta ilustração é adequada em todos os pontos, para o propósito aqui colimado; mas pelo menos ilustra o fato de que quando Aquino fala sobre uma *ordem* de causas eficientes, ele não pensava em uma série que retrocedia passado adentro, e, sim, pensava sobre uma hierarquia de causas, na qual um membro subordinado é aqui e agora dependente da atividade causal de um membro superior. Pois, se eu der corda ao meu relógio, durante a noite, o mesmo continuará funcionando sem qualquer outra interferência da minha parte. No entanto, a atividade da pena, que traça estas palavras sobre a página, é aqui e agora dependente da atividade de minha mão, o que, agora e aqui depende ainda de outros fatores.

**O sentido do repúdio à idéia** de um retrocesso infinito, por esta altura, deve estar claro para os leitores. Tomás de Aquino não rejeitava a possibilidade de uma série infinita como tal. Já pudemos demonstrar que ele não pensava que alguém já tivesse obtido sucesso na demonstração da impossibilidade de uma série infinita de acontecimentos que se estendesse passado adentro. Por conseguinte, ele não dava a entender que queria eliminar a possibilidade de uma série infinita de causas e efeitos, em que um dado membro dependia de um membro anterior, digamos $x$ ou $y$, mas que não dependa, uma vez tendo vindo à existência, aqui e agora, da presente atividade causal do membro anterior. Por assim dizer, não convém que imaginemos uma série linear ou horizontal, e, sim, uma hierarquia vertical, em que um membro inferior dependa, aqui e agora, da presente atividade causal do membro imediatamente superior, e assim por diante. É esse tipo vertical de série, prolongado ao infinito, que Tomás de Aquino rejeitou. E ele rejeitou essa idéia à base do fato de que a menos que exista um membro *primeiro*, um movimentador que por sua vez não é abalado, que por sua vez é uma causa que não depende da atividade causal de qualquer outra causa superior, não seria possível explicarmos o *movimento* ou atividade causal do membro inferior. Esse é o seu ponto de vista.

Suprima-se o primeiro movimentador que não pode ser abalado, e não haverá qualquer movimento ou alteração aqui e agora. Suprima-se a primeira causa eficiente e não haverá qualquer atividade causal aqui e agora. Por conseguinte, se descobrirmos que algumas coisas do mundo são modificadas, deve haver necessariamente um movimentador que não é abalado por qualquer outra causa. E se existem causas eficientes no mundo, deve haver uma primeira causa eficiente, totalmente independente de quaisquer outras causas. E a palavra *primeira* (ou sua cognata, primária) não indica primeiro quanto à ordem temporal, e, sim, suprema ou primeira dentro da ordem ontológica.

**Uma observação sobre** a palavra «causa» cabe bem aqui. O que Tomás de Aquino teria dito precisamente sobre os 'Davis Humes' do século XIV ou da era moderna, obviamente é impossível dizermos. Mas é indubitável que ele cria em eficácias causais reais, bem como em relações causais reais. Naturalmente que ele tinha consciência de que a eficácia causal não é objeto da visão, no sentido em que manchas coloridas são objetos da visão; mas ele considerava que o ser humano tem a consciência de relações causais reais; e, se ele realmente compreendia a palavra *percepção* como algo que envolve a cooperação dos sentidos e do intelecto, podemos dizer que 'percebemos' a causalidade. E é de presumir-se que ele teria dito que a suficiência de uma interpretação fenomenalista da causalidade, visando propósitos da ciência física, nada comprova contra a validade de uma noção metafísica de causalidade. É óbvio que é possível disputar a sua análise acerca de modificações ou «movimentos» e acerca da causalidade eficiente, se é válida ou inválida, bem como se realmente existe tal coisa como uma hierarquia de causas. E a nossa opinião acerca da validade ou invalidade dos argumentos de Tomás de Aquino sobre a existência de Deus depende extensamente de nossas respostas a essas questões. No entanto, a menção de uma série matemática de infinitos é irrelevante para a discussão sobre os argumentos desse teólogo. E é justamente esse o ponto que tenho procurado esclarecer.

**No seu terceiro argumento**, Tomás de Aquino parte do fato de que algumas coisas vêm à existência e perecem, de onde também conclui que é possível para essas mesmas coisas existirem ou não existirem: elas não existem *necessariamente*. Em seguida ele argumenta que é impossível para as coisas que pertencem a essa categoria existirem sempre, pois «aquilo que pode não ser, em algum período de tempo não existe». Ora, se todas as coisas pertencessem a essa categoria, em algum tempo nada existiria. É claro que Aquino estava supondo, por causa de seu argumento, a hipótese de um tempo infinito, e a sua prova tem por desígnio cobrir essa hipótese. Ele não diz que o tempo infinito é impossível—o que diz é que se o tempo é infinito, e se todas as coisas são capazes de não existirem, então essa potencialidade seria inevitavelmente cumprida no tempo infinito. Nesse caso, houve tempo em que nada existia. Mas, se realmente houve um tempo em que nada havia, também nada agora existiria. Porquanto nenhuma coisa pode trazer a si mesma à existência. No entanto, é patente que existem as coisas. Por conseguinte, jamais se poderia dizer em verdade que houve tempo em que nada existia. E, por conseguinte, é impossível que todas as coisas sejam capazes de existir ou de não existir. Deve haver, portanto, algum ser necessário. Mas quiçá esse ser seja necessário no sentido de que o mesmo deve existir se todas as demais coisas existem; em outras palavras, sua necessidade pode ser meramente hipotética. Todavia, não podemos prosseguir até o infinito, dentro da série ou hierarquia dos seres necessários. Se o fizermos, não explicaremos a presença aqui e agora, de seres capazes de existirem ou de não existirem. Portanto, devemos asseverar a existência de um ser que é absolutamente necessário (*per se necessarium*) e totalmente independente. E a esse ser chamamos de *Deus*.

Esse argumento pode parecer ser bem desnecessariamente complicado e obscuro; porém, é mister que o vejamos em seu contexto histórico. Conforme já tivemos ocasião de mencionar, Tomás de Aquino formulou o seu argumento de tal maneira que se tornasse independente das questões se o mundo existe ou não desde a eternidade. Mas quis mostrar que em qualquer dessas hipóteses deve ter havido um ser necessário. Quanto à introdução de hipotéticos seres necessários, ele queria mostrar que ainda que existam tais seres, talvez dentro dos limites do universo, que não são corruptíveis no sentido em que uma flor é corruptível, ainda assim deve existir um ser absolutamente independente. Finalmente, no que diz respeito à terminologia, Tomás de Aquino se utilizou da comum expressão medieval «ser necessário». Na realidade ele não usa o termo *ser contingente* no argumento, e em lugar disso, fala sobre seres *possíveis*, mas tudo resulta na mesma coisa. E embora os vocábulos *contingente* e *necessário* sejam atualmente empregados para indicar proposições, e não seres, tenho preferido reter a maneira de falar de Tomás de Aquino. Sem importar se alguém aceita ou não o seu argumento, não penso que exista uma dificuldade insuperável para que esse alguém entenda a sua linha de pensamento.

**Precisamos admitir** que o quarto argumento de Tomás de Aquino é de difícil apreensão. Aquino argumenta que existem graus de *perfeição* nas coisas. Tipos diferentes de coisas finitas possuem perfeições diferentes em diversos graus limitados. Em seguida ele argumentou não somente que se existem diferentes graus de uma perfeição como é a bondade, então é que existe um bem supremo do qual as outras coisas boas se aproximam, e também que todos os graus limitados de bondade são causados pelo bem supremo. E visto que a *bondade* é um termo intercambiável da palavra *ser*, até onde uma coisa é boa como ser, o bem supremo é o ser supremo, bem como a causa de ser de todas as outras coisas. Por conseguinte, deve haver algo que, para todos os seres, é a causa do ser de todos eles, de sua bondade e de todas as suas outras perfeições; e a isso chamamos de *Deus*.

Tomás de Aquino se refere a algumas observações de Aristóteles de sua obra *Metafísica*; mas esse argumento nos faz lembrar imediatamente das obras de Platão intituladas *Symposium e Republica*. E parece estar envolvida a doutrina platônica da participação. Tomás de Aquino não estava imediatamente familiarizado com qualquer dessas obras de Platão, mas a linha do pensamento platônico lhe era familiar através de outros escritores. E tal pensamento jamais desapareceu da filosofia. De fato, alguns daqueles teístas que rejeitam ou duvidam da validade dos argumentos *cosmológicos* parecem sentir uma marcante atração por certa variedade do quarto argumento de Tomás de Aquino, argumentando que no reconhecimento dos valores objetivos reconhecemos implicitamente a Deus como valor supremo. Porém, se a linha de pensamento, representado pelo quarto desses argumentos de Aquino tiver de significar alguma coisa para o leitor moderno médio, é mister que seja apresentado de forma bastante

diferente daquela como foi expressa por Tomás de Aquino, que foi capaz de supor que os seus leitores embalavam idéias e pontos de vista que não mais podem ser pressupostos.

**Finalmente, o quinto argumento** de Tomás de Aquino, se consideramos o apresentado no *Summa Theologica*, juntamente com o que ele diz na *Summa contra Gentiles*, pode ser expresso mais ou menos como segue: A atividade e o comportamento de cada coisa podem ser determinados por sua forma. Porém, observamos coisas materiais de tipos extremamente diferentes a cooperarem entre si de tal modo a produzirem e manterem uma ordem ou um sistema mundial relativamente estável. Obtêm uma *finalidade*, isto é, a produção e a manutenção de uma ordem cósmica. Entretanto, coisas materiais e sem inteligência certamente não cooperam conscientemente, tendo em vista algum propósito. Se porventura dissermos que cooperam na realização de uma finalidade ou propósito, isso não significa que tencionam a realização de tal ordem de forma análoga àquela como um homem pode agir conscientemente, tendo em vista a concretização de um propósito seu. Por semelhante modo, quando Tomás de Aquino fala sobre a operação «visando uma finalidade», nessa conexão, ele pensava mais sobre a utilidade de certas coisas para a raça humana. Não queria dizer, por exemplo, que a erva cresce a fim de alimentar as ovelhas, e que as ovelhas existem a fim de servirem de alimento e material para vestuário dos seres humanos. Antes, ele pensava sobre a cooperação inconsciente de diferentes espécies de coisas materiais, na produção e manutenção de um sistema cósmico relativamente estável, e não sobre os benefícios que nos advêm do uso que fazemos de determinados objetos. E o *seu argumento* tinha por intuito mostrar que essa cooperação, por parte de coisas materiais heterogêneas, mostra claramente a existência de um autor extrinsecamente inteligente dessa cooperação, o qual atua tendo em vista os seus propósitos. Se porventura Tomás de Aquino tivesse vivido nos dias da hipótese evolucionária, sem dúvida teria argumentado que essa hipótese evolucionária dá apoio e não invalida a conclusão de seu quinto argumento.

**Nenhum desses cinco argumentos** era inteiramente novo, conforme também o próprio Aquino estava perfeitamente consciente. Não obstante, ele os desenvolveu e os organizou para que formassem um todo coerente. Com isso não quero dizer, entretanto, que ele considerava que a validade de alguns desses argumentos em particular dependa da validade dos outros quatro. Pois pouca dúvida pode haver que ele pensava que cada argumento é válido por seu *próprio direito*. Entretanto, segundo já tive oportunidade de observar, conformam-se a um determinado padrão, e se complementam mutuamente no sentido que, em cada argumento, as coisas são consideradas de um ponto de vista diferente, ou sob um aspecto diferente. Existem *tantas formas* diversas de abordarmos a questão de Deus.

## CINCO ARGUMENTOS EM PROL DA EXISTÊNCIA DE DEUS

Tomás de Aquino (que vide), 1225-1274, é o mais famoso dos filósofos cristãos da era medieval. O seu grande empreendimento intelectual foi a expressão de uma filosofia cristã vazada em termos aristotélicos, ainda que anteriormente Aristóteles houvesse sido reputado como uma *ameaça* à fé cristã. Nos séculos que se passaram desde então, Tomás de Aquino veio a ser o virtual filósofo oficial da Igreja Católica Romana.

*A existência de Deus pode ser provada de cinco modos.*

**A primeira e mais manifesta** dessas maneiras é o argumento baseado no movimento. É certo, evidente para os nossos sentidos, que certas coisas do mundo se encontram em movimento. Ora, tudo quanto se movimenta é movido por outra coisa, pois nada pode mover-se exceto em potencialidade relativa àquilo na direção do que se movimenta; ao passo que uma coisa se move enquanto está em ação. Pois o movimento nada mais é senão a redução de algo da potencialidade para a realidade. Porém, nada pode ser reduzido da potencialidade para a realidade, a não ser por meio de algo que esteja em estado de realidade. Assim sendo, aquilo que é realmente quente, como o fogo, faz com que a madeira, que é potencialmente quente, tornar-se realmente quente, e assim movimenta e modifica a madeira. Ora, *não é possível* que a mesma coisa fosse, ao mesmo tempo, real e potencialmente capaz acerca de algum aspecto, mas somente no que toca a aspectos diferentes. Pois aquilo que é realmente quente não pode, simultaneamente, ser potencialmente quente; mas potencialmente é simultaneamente frio. Portanto, é impossível que, quanto a um mesmo aspecto e da mesma maneira, uma coisa seja tanto o objeto movedor como o objeto movido, isto é, que possa mover a si mesmo. Por conseguinte, tudo quanto se move, deve ser movido por outra coisa. E se aquilo pelo que um objeto é movido também se movimenta, então é mister que igualmente tenha sido movimentado por outro objeto, e assim por diante. Porém, isso não pode prosseguir até o infinito, porque nesse caso não haveria o movimentador primário, posto que os movimentadores subseqüentes se movimentam somente quando são movimentados pelo primeiro movimentador; tal como um cajado se move somente porque é movimentado pela mão. Por essa razão, pois, é necessário chegarmos a um primeiro movimentador, que não é movido por qualquer outra coisa; e todos compreendem que esse é Deus.

**A segunda dessas maneiras** se baseia na natureza das causas eficientes. Neste mundo de coisas palpáveis descobrimos que há uma ordem de causas eficientes. Não há nenhum caso conhecido (e nem mesmo isso seria possível) em que uma coisa qualquer é a causa eficiente de si mesma; pois, nesse caso, seria anterior a si mesma, o que é simplesmente impossível. Ora, no terreno de causas eficientes, não é possível retrocedermos *até o infinito*, porque em todas as causas eficientes que se sucedem por ordem, a primeira é a causa da causa intermediária, e esta causa intermediária é a causa da causa final, sem importar se a causa intermediária é uma só ou são diversas. Ora, retirar a causa é retirar o seu efeito. Portanto, se não há qualquer causa primária entre as causas eficientes, não haverá causa final, e nem haverá causa intermediária. Por outro lado, se fosse possível, quanto às causas eficientes, *retrocedermos até o infinito*, não haveria nenhuma causa primária eficiente, e nem haveria efeito final, como também não haveria qualquer causa eficiente intermediária. Mas tudo isso é claramente falso. Assim, pois, é necessário admitirmos uma primeira causa eficiente, à qual todos aplicam o nome de Deus.

**A terceira maneira de provar** a existência de Deus se alicerça na possibilidade e na necessidade, podendo ser exposta como segue. Na natureza encontramos coisas que são possíveis de ser e não ser, pois são geradas, podendo ser corrompidas; e, conseqüente-

mente, é possível serem ou não serem. Mas é impossível que essas condições perdurem para sempre. porque aquilo que pode não ser, em algum período de tempo não existirá. Portanto, se tudo pode não ser, então, em algum período de tempo coisa alguma havia em existência. Ora, se isso expressa uma verdade, então até mesmo agora nada haveria em existência, porque aquilo que não existe começa a existir somente através de algo já existente. Portanto, se houve tempo em que nada existia, seria impossível para qualquer coisa começar a existir; e assim sendo, até mesmo agora nada haveria em existência—o que é um absurdo. Por conseguinte, não é que todos os seres sejam meramente possíveis, mas também deve haver algo cuja existência é necessária. Porém, *toda a coisa necessária* necessariamente é causada por outra, ou não. Ora, é impossível retrocedermos até o infinito quanto às coisas necessárias, que têm sua necessidade causada por outra, conforme também já se descobriu ser impossível no que tange às cousas eficientes. E assim sendo, não podemos deixar de admitir a existência de algum ser que tem em si mesmo a sua própria necessidade, não tendo recebido essa necessidade de outro, mas antes que é a causa da necessidade de tudo o mais. E a esse ser todos os homens chamam de Deus.

**A quarta maneira de provar** a existência de Deus se firma no sistema de gradação que se encontra em todas as coisas. Entre os seres existem alguns que são mais e outros menos bons, verazes, nobres, etc. Porém, *mais* ou *menos* são atribuídos a diferentes coisas, conforme se assemelham, de diferentes modos, a algo que é o máximo, do mesmo modo que se diz que algo está mais quente, em relação àquilo que é menos quente. Assim sendo, existe algo que é o mais veraz, que é o melhor, que é o mais nobre, e, conseqüentemente, algo que é mais ser que os outros seres, porquanto aquelas coisas que são maiores na verdade são maiores em seu próprio ser, conforme está escrito em *Metaph.* II Metaph 1a, 1 (983b 30). Ora, o máximo dentro de qualquer gênero é a causa de tudo quanto existe nesse gênero, da mesma forma que o fogo, que é o máximo do calor, é a causa de todas as coisas quentes, conforme também é dito naquele mesmo livro. Idem (993b 25). Por conseguinte, deve haver algo que, para todos os seres, é a causa do ser de todos eles, de sua bondade e de todas as suas outras perfeições; e a isso chamamos de Deus.

**A quinta maneira de ser provada** a existência de Deus se alicerça no governo do mundo. Percebemos que as coisas às quais falta o conhecimento, tal como os corpos naturais, atuam visando a uma finalidade qualquer, o que se evidencia em todas as suas ações, o que fazem quase sempre da mesma maneira, de modo a obterem os melhores resultados. Por conseguinte, é patente que obtêm o seu alvo não fortuitamente, e, sim, por meio de algum desígnio. Ora, tudo aquilo ao que falta o conhecimento não pode dirigir-se a uma finalidade, a menos que seja orientado por algum ser dotado de conhecimento e inteligência; tal como a flecha é orientada pelo arqueiro. Portanto, existe algum ser inteligente por meio de quem todas as coisas naturais são dirigidas às suas respectivas finalidades. E a esse ser chamamos de *Deus*.

(Extraído da obra de Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, na obra intitulada *The Basic Writings of St. Thomas Aquinas* (1945), editada por A.C Pegis, parte 1, Q.2, artigo 3).

## CINCO PILARES DO DEÍSMO

Ver o artigo geral sobre o **Deísmo**. Herbert de Cherbury (que vide) (1583-1648) ofereceu-nos a sua opinião sobre os cinco ensinamentos centrais do deísmo, a saber: 1. A existência de um *Ser Supremo*. 2. Esse Ser Supremo é digno da nossa adoração. 3. Precisamos relacionar-nos com o Ser Supremo mediante a virtude e a piedade. 4. O pecado é expiado por meio do arrependimento. 5. A justiça requer que recebamos recompensa ou punição, após a morte, de conformidade com as nossas obras. Essas proposições, naturalmente, pressupõem a existência da alma e a sua sobrevivência diante da morte. Entretanto, elas não nos fornecem a distinção fundamental entre o deísmo e o teísmo. O *deísmo* supõe que Deus, após haver criado todas as coisas, deixou a sua criação aos cuidados das leis naturais, não intervindo na história da humanidade, nem para recompensar e nem para castigar. O *teísmo*, por sua vez, assume a posição que Deus continua interessado na sua criação, continua dirigindo todas as coisas e haverá de recompensar ou castigar os homens, de acordo com seus atos.

## CINCO PONTOS DO ARMINIANISMO

Em 1610, os arminianos dirigiram ao governo holandês um protesto, contido em **cinco artigos**, chamados a *Remonstração*. Esses artigos foram escritos em oposição aos cinco pontos do *calvinismo* (que vide). Foram preparados por Uytenbogaert e foram assinados por quarenta e cinco ministros, que foram chamados de os *Remonstrantes* (que vide).

**Os Cinco Pontos**

1. A *eleição* de condenação estão *condicionadas* à fé ou incredulidade do indivíduo, não sendo incondicionalmente determinadas pela vontade divina.

2. A *expiação* é *universal*, e seus benefícios foram postos à disposição de todos os homens, mas somente os crentes são os beneficiários.

3. O homem, sem a ajuda do Espírito Santo, é incapaz de vir a Deus. Mas *todos* os homens estão sujeitos a essa ajuda. Há uma graça geral que não exclui a qualquer indivíduo, e todo impulso humano na direção de Deus é automaticamente ajudado pelo Espírito.

4. A graça *não é* irresistível.

5. A doutrina da perseverança dos convertidos está sujeita a maiores inquirições. Um homem pode caír do estado de graça obtido antes. Ver os artigos sobre *Arminio* e sobre o *Arminianismo*. Ver abaixo os *Cinco Pontos do Calvinismo*, ao fim de cujo artigo há uma avaliação dos dois pontos de vista oferecidos neste e naquele artigo.

## CINCO PONTOS DO CALVINISMO

Esses pontos emergiram nos debates que tiveram lugar entre os arminianos e os calvinistas. Ver os artigos sobre *Calvino*, *João* e sobre *Calvinismo*.

**Os Cinco Pontos:**

1. *A Eleição é incondicional*. A eleição não está alicerçada nem sobre a fé e nem sobre as obras previstas. Origina-se na graça divina, inteiramente dependente da vontade divina, sem quaisquer condições.

2. *A expiação é limitada*. O calvinismo estrito afirma que Deus, desde o começo, não tinha qualquer intenção de fazer qualquer coisa acerca dos não-eleitos, reprovando-os ativamente ou deixando-os de lado. Isso posto, a expiação jamais tivera qualquer intenção de beneficiar aos não-eleitos. E isso, por sua vez, significa que Cristo não morreu pelo mundo, mas somente pelos eleitos. E também significa que o amor

não envolve o mundo inteiro. Isso seria apenas um gesto inútil.

3. *O homem é totalmente depravado.* Apesar de que o homem pode mostrar algum impulso para o bem, ele não pode ser considerado como dotado de qualquer mérito diante de Deus, exceto que um homem pode receber um julgamento menos severo. As fagulhas de bondade do homem de nada servem, nò tocante à salvação da alma, embora essas fagulhas possam impressionar a outros homens. A depravação do homem envolve os seus pensamentos, os seus motivos e as suas ações. Ele não é capaz de agir de uma maneira que agrade a Deus, e seus pensamentos são sempre maus.

4. *A graça divina é irresistível.* De acordo com qualquer definição prática, a graça divina beneficia somente os eleitos. Visto que o decreto da eleição é totalmente incondicional, tendo sido divinamente ordenado e garantido, segue-se que os eleitos não têm poder e nem desejo de resistir à graça divina, que lhes confere a concretização da eleição.

5. *Há uma perseverança absoluta.* Os eleitos não deixam de responder à chamada divina, visto que, do começo ao fim, a questão é divinamente impulsionada, não dependendo somente do homem. Uma vez que atenda à chamada, a pessoa eleita pode desviar-se, mas não poderá perder a sua salvação. Em outras palavras, uma pessoa eleita perseverará na fé, até a plena concretização de sua salvação, quando ela estiver na presença do Senhor.

**Avaliação dos cinco pontos do arminianismo e dos cinco pontos do calvinismo.** O que digo abaixo é um breve sumário, porquanto nos artigos intitulados *Arminianismo* e *Calvinismo* abordo os méritos de ambos esses sistemas. Minhas atuais observações, pois, limitam-se ao seguinte:

1. Ambos esses sistemas, mediante a **manipulação** de textos de prova, podem provar, adequada e biblicamente, as suas respectivas posições. Se os apóstolos e outros líderes cristãos primitivos se unissem em torno de uma grande mesa, e se os pontos acima fossem trazidos à tona, para discussão, haveria debate, e não concórdia quanto a todos os pontos. O próprio Novo Testamento não se mostra homogêneo quanto a essas questões; e os autores sagrados ora mostravam-se calvinistas, ora mostravam-se arminianos. Essas questões já haviam sido debatidas no judaísmo, antes do advento do cristianismo.

2. O princípio de **paradoxo.** As grandes idéias da teologia sempre se revestem de uma aura de paradoxo, quando seus elementos são examinados. E isso porque alguns de seus elementos aparentemente contradizem a outros. Quando um ensino qualquer parece contradizer a si mesmo, isso é chamado de paradoxo. Assim, o livre-arbítrio parece contradizer o determinismo; mas, de alguma maneira, para nós incompreensível, esses são elementos de alguma verdade maior. Por igual modo, chamamos o Logos, Cristo Jesus, de divino e humano; mas não há como explicar que um ser divino possa ser humano, ou como um ser humano possa ser divino. Essas definições não se ajustam bem uma à outra, pelo que temos aí um paradoxo.

3. O princípio de **polaridade.** Dentro de nosso assunto, o calvinismo é o pólo norte, e o arminianismo é o pólo sul. As suas posições jamais poderão ser totalmente harmonizadas uma à outra. Mas, assim como há dois pólos no globo terrestre, assim também a verdade bíblica apresenta um lado divino e um lado humano, destacados, respectivamente, pela posição calvinista e pela posição arminiana. Algumas grandes idéias não podem ser discutidas de maneira completa e significativa, a menos que reconheçamos que há pólos aparentemente contraditórios, mas que precisam ser igualmente levados em conta. O determinismo é um pólo, e o livre arbítrio humano é o outro pólo de uma verdade maior. Deus usa o livre arbítrio humano, sem destruí-lo, embora não saibamos dizê-lo *como*. Ver os artigos separados sobre *Paradoxos* e *Polaridade*.

4. Quanto ao problema da **perseverança** dos santos, penso que podemos dar, pelo menos, uma solução parcial a esse paradoxo. Suponho que uma pessoa realmente convertida pode cair da graça. Esse é um dos cinco pontos do arminianismo. Por outra parte, também suponho que toda pessoa realmente convertida, mesmo nesse caso, será trazida de volta ao estado da graça. E, de acordo com minhas crenças pessoais, isso pode ocorrer antes ou depois da morte biológica da pessoa. A missão de Cristo estendeu-se ao hades, mediante a sua descida ali, e a salvação tornou-se possível para além da morte biológica. Ver I Ped. 4:6. A doutrina da restauração (que vide) também abarca os longos ciclos da eternidade futura (ver Efé. 1:10). Isso significa que as almas tanto podem ser salvas quanto restauradas, após a morte biológica. Isso posto, depois que alguém realmente se converte ao Senhor, mas vem a desviar-se da fé, haverá de ser devolvida à posição certa, ao longo da história da alma, sem importar se antes ou se depois da morte biológica. Filosoficamente, isso concorda com um dos pontos básicos do calvinismo, o quinto. Isso significa que a perseverança final ou segurança eterna do crente (que vide), finalmente tornar-se-á uma realidade. Isso pode suceder e caracterizar uma pessoa que se convertera mas que se desviara, passando-se depois disso um período menor ou maior. Mas a segurança eterna do crente é uma verdade *absoluta*. Isso caracterizará, final e absolutamente, os crentes regenerados. Por outro lado, o desvio pode ser uma experiência desagradável para a alma, com conseqüências a longo prazo. Muito sofrimento, vagueação e vexação podem ser experimentados pela alma, em seu caminho de volta ao favor divino. Por essa razão, não devemos minimizar a questão, simplesmente porque, em última análise, seremos levados de volta à segurança. Se eu tivesse um filho que tivesse de passar quarenta anos encarcerado, por haver cometido algum crime grave, eu não haveria de minimizar a sua experiência, dizendo que, finalmente, ele seria posto em liberdade, algum dia.

5. **O orgulho e a arrogância dos sistemas teológicos.** A verdade nunca se beneficia mediante atitudes arrogantes e polêmicas. As denominações com freqüência orgulham-se de sua *verdade*, atacando amargamente aqueles de quem discordam. Todavia, a «verdade» defendida pelas denominações geralmente — é parcial, se não mesmo equivocada. Sempre podemos aprender coisas de outras pessoas. As denominações sempre poderão aprimorar-se comparando-se com outras, devido às modificações resultantes do confronto. Contudo, isso não acontece com muita freqüência, pois as denominações recusam-se a fazer tais comparações; mas, pelo menos, isso pode suceder no caso de *indivíduos* que não se contentam em seguir a linha teológica de qualquer sistema ou denominação isolada. Quando muito, até os mais aptos teólogos possuem verdades limitadas e parcialmente compreendidas. A busca pela verdade divina é um processo eterno. Todos nós nos encontramos em diferentes estágios da compreensão da verdade, ao longo do caminho; e, por isso, deveríamos estar dispostos a ouvir os outros, a fim de podermos

aprender e melhorar. Acima de tudo, há a lei do amor, que deveria governar todas as nossas ações e todos os nossos debates. Essa é a lei real da espiritualidade, bem como a sua própria essência, conforme aprende-se em I João 4:7 *ss*. Aquele que ama *nasceu* de Deus. Aquele que não, não nasceu de Deus.

## CINGIR O NAVIO

Ver sobre **Navios e Embarcações**.

## CÍNICOS, CINISMO

Esses nomes fazem-nos pensar em uma poderosa corrente filosófica que perdurou do século V A.C., ao século V D.C. Tais vocábulos vêm da palavra grega *kúnikos*, que significa «parecido com um cão». O edifício onde essa escola funcionou a princípio chamava-se *Cynosarges*, um nome relacionado àquele. A designação proveio de Diógenes de Sinope (que vide) por causa de sua conduta vergonhosa, semelhante à de um cão. De fato, ele chegou a ser chamado de *kyon*, cão. Ele foi uma espécie de *hippie* antigo, que pensava que a felicidade consiste em viver o homem de acordo com a natureza. Ele considerava desnaturais quaisquer desejos que não visassem de imediato à satisfação das simples necessidades do corpo. Tal como um cão na sociedade, ele opunha-se aos padrões de vida e de conduta usuais. Dessa circunstância é que se desenvolveu o moderno termo, «cínico», que significa que a pessoa é maliciosa, desconfiando de tudo, pondo em dúvida os motivos alheios e inclinada ao ceticismo e ao negativismo. Os cínicos modernos são pessoas amargas; mas, os antigos cínicos simplesmente não viam utilidade para a sociedade e seus padrões, preferindo viver, conforme eles diziam, mais de acordo com a natureza.

**Idéias:**

1. O prazer não seria o alvo da vida, conforme ensinavam os hedonistas. Antes, a virtude, por amor à virtude, seria esse alvo. A *virtude*, porém, consistiria em viver de acordo com a natureza, da maneira mais simples, satisfazendo os desejos naturais sem as peias ou floreios exagerados da sociedade.

2. Diógenes de Sinope era realmente um «cão», e muito esforçou-se para provar a sua contenção. Os antigos, da mesma forma que os modernos, apreciavam muito o sexo, como se fosse a melhor porção do hedonismo. Diógenes, ansioso por demonstrar o seu prazer diante das convenções sociais, masturbava-se em público a fim de mostrar quão fácil e naturalmente uma pessoa pode satisfazer seus impulsos sexuais.

3. A *virtude* seria o *único* bem, pelo que a filosofia inteira seria uma especulação ociosa, excetuando o aspecto da ética; e a ética teria apenas um alvo, a virtude. A virtude desenvolver-se-ia melhor por meio da vida ascética, porque as pessoas que se excitam diante das vantagens do mundo, envolvem-se em todas as formas de atividades inúteis. Todas essas atividades custam mais do que um homem sábio estaria disposto a pagar. Porém, os insensatos sempre haverão de pagar muito pelo nada. A *independência* do indivíduo das normas sociais resulta da busca apropriada pela virtude. A independência é muito desejável.

4. A *felicidade* seria o alvo da vida, alvo esse que seria atingido através da virtude, conforme foi acima descrito. Antístenes (que vide), que os estóicos de tempos posteriores consideravam o verdadeiro fundador do cinismo, desprezava o prazer. Ele dizia que preferia ficar demente a experimentar qualquer prazer. Pensava que a dor é o grande meio onde se desenvolve a virtude; e que o prazer só é capaz de corromper o homem. — Um homem sentir-se-ia feliz ao perceber a falsidade dos valores da sociedade, especialmente aqueles que exaltam os prazeres como algo desejável.

5. *Antístenes* foi um personagem interessante. Além de preferir a dor ao prazer, ele declarava que a pobreza também é boa para o desenvolvimento da virtude. Podemos entender isso. No entanto, ele também dizia que a má reputação é boa para o homem, porquanto os hipócritas, os ricos, os prósperos e os falsos da sociedade é que têm boa reputação, preocupando-se com coisas como o prazer. Um homem sábio não se importaria com o que os outros pensam a seu respeito, visto que os outros sempre pensam errado, afinal de contas. Antístenes também era um antiintelectual. A virtude seria obtida por meio de ações, e não por meio de palavras, do estudo e dos livros. Alguns cínicos consideravam qualquer prazer como errado e mau, até mesmo os prazeres mentais, como o estudo da filosofia.

Alguns cínicos praticavam o que pregavam. Diógenes percorria as ruas de Atenas levando uma lamparina acesa, em pleno meio-dia, em busca de um homem honesto e virtuoso. Ele conseguiu converter a sua causa a Crates de Tebas, que era homem riquíssimo, e que, depois disso, abandonou todas as suas riquezas e tornou-se um cínico mendicante. O que admira é que a esposa de Crates, Hipárquia, e o irmão dela, Metrocles, tenham seguido o exemplo de Crates.

Diógenes era discípulo de Antístenes, tendo levado a sério o seu mestre. Chegou mesmo a ultrapassá-lo quanto à busca ascética pela virtude. Outros cínicos importantes foram Crates de Tebas, Menipo de Gadara, Bíon de Borístenes, Demétrio, Díon Crisóstomo, Enomaus de Gadara, Demonax de Chipre, Luciano de Samosata, Peregrino Proteu, Máximo de Alexandria (que foi um cínico cristão, bispo de Constantinopla). Apresentamos artigos sobre cada um desses homens. No século V D.C., Salústio (que vide) combinou o cinismo com o misticismo e o neoplatonismo. O estoicismo sofreu a influência de Crates de Tebas, através do seu discípulo, Zeno de Cítium (que vide) o qual foi o fundador do estoicismo (que vide). (AM E EP MM P)

## CINTAS

No hebraico, **gishshurim**. Essa palavra hebraica aparece somente por duas vezes em todo o Antigo Testamento: Isa. 3:20 e Jer. 2:32. Em nossa versão portuguesa, ela aparece, respectivamente, como «cintas» e «cinto». No hebraico, a palavra está no plural. Os estudiosos pensam que está em foco alguma peça de pano, na forma de tira, que cobria a cabeça. Algumas versões fazem alguma confusão com a «venda» que o profeta pôs sobre o rosto, em I Reis 20:38. A natureza exata dessa peça do vestuário é desconhecida. Tudo quanto se pode dizer é que era uma peça para ser posta na cabeça. Ver o artigo geral sobre *Vestimentas*.

## CINTO

**Há cinco palavras hebraicas e uma palavra grega envolvidas neste verbete:**

1. *Abnet*, «faixa», «cinto». Palavra hebraica usada por nove vezes, como em Êxo. 28:4,39,40; Lev.

8:7,13; Isa. 22:21.

2. *Ezor*, «cinto». Palavra hebraica usada por catorze vezes. Por exemplo: II Reis 1:8; Isa. 5:27; 11:5; Jer. 13:1,2,4,6,10,11.

3. *Chagor*, «cinto». Termo hebraico usado por quatro vezes: I Sam. 18:4; II Sam. 20:8; Pro. 31:24; Eze. 23:15.

4. *Chagorah*, «cinto». Palavra hebraica usada por três vezes com esse sentido: II Sam. 18:11; I Reis 2:5; Isa. 3:24.

5. *Mezach*, «cinto», «faixa». Palavra hebraica que ocorre por uma vez com esse sentido, em Sal. 109:19.

6. *Zóne*, «cinto». Palavra grega que aparece por oito vezes: Mat. 3:4; 10:9; Mar. 1:6; 6:8; Atos 21:11; Apo. 1:13; 15:6.

Está em foco uma faixa de pano para ser usada à altura da cintura, como também certa variedade de cinturões. Os cintos eram usados para ajustar à cintura a roupa de baixo e a túnica. Alguns cinturões eram feitos de couro (II Reis 1:8; Mat. 3:4); outros eram feitos de tecido (Lev. 16:4; Jer. 13:1). O cinturão de alto luxo era de ouro (Dan. 10:5; Apo. 1:13). O cinto do sumo sacerdote de Israel era altamente decorativo, completo com bordados (Êxo. 28:39; 39:29). Além de deixar no lugar as peças de roupa, em torno do corpo, um cinto também era lugar conveniente para segurar uma espada ou outro instrumento.

Usos Figurados. «Cingir os lombos» significa preparar-se para o serviço (Luc. 12:35; I Ped. 1:13). Se um cinto era feito de pano grosso, isso indicava humildade ou tristeza (Isa. 3:24; 22:12). Também era símbolo de força, atividade ou poder. De fato, na lista de vocábulos hebraicos acima, a quinta dessas palavras, «mezach», em duas ocorrências significa «força» (Jó 12:21 e Isa. 23:10). O cinto do Messias refere-se à sua retidão e fidelidade (Isa. 11:5). Na metáfora da armadura, no sexto capítulo da epístola aos Efésios, o cinto simboliza a *verdade* (vs. 14).

## CINZAS

Há duas palavras no hebraico, *eper*, «poeira», e *desen*, «gordura». As cinzas do altar das ofertas queimadas, nos dias de grande festividade, podiam acumular-se para serem retiradas somente no dia seguinte por um sacerdote escolhido por sorte para fazer o trabalho. Uma espécie de lixívia era feita com as cinzas da novilha sacrificada no grande dia da expiação, usada para as purificações cerimoniais (ver Núm. 19:17,18). As cinzas resultantes de holocaustos especiais eram guardadas e misturadas com água corrente, para purificação das poluções e como sinal de jejum (ver Isa. 58:5 e Jon. 3:6).

*Usos figurados*. 1. A fragilidade humana (ver Gên. 18:27). 2. A humilhação (ver Est. 4:1; Jon. 3:6; Mat. 11:21; Luc. 10:13). 3. Assentar-se sobre cinzas era sinal de lamentação e luto (ver Jó 1:8; Lam. 3:16; Eze. 27:30). Outro tanto era indicado pelo ato de lançar cinzas sobre a própria cabeça (ver II Sam. 13:10; Isa. 41:3). 4. Alimentar-se de cinzas, misturando-as com o próprio alimento, representava a tristeza (ver Sal. 102:9). Porém, Isaías 45:20, aparentemente denota o labor que resulta em nada, porque não há nutrientes nas cinzas. 5. Total destruição (ver Eze. 28:18 e II Ped. 2:6). 6. Indignidade (ver Gên. 18:27). 7. Redução dos inimigos a nada (ver Mal. 4:3).

*No cristianismo*. Tertuliano usava cinzas nas cerimônias públicas de confissão e penitência (século II D.C.). Os penitentes punham cinzas sobre suas cabeças, e ficavam à porta dos templos, esperando readmissão à comunhão. Isso haveria de evoluir para tornar-se na formal Quarta-feira de Cinzas, largamente observada pela cristandade. Ver o artigo sobre esse assunto. (E ID S UN)

## CIPRESTE

No hebraico, **tirzah**. Esse vocábulo aparece somente por uma vez na Bíblia, em Isaías 44:14, onde também são mencionadas espécies vegetais como o cedro, o carvalho e o pinheiro. Alguns pensam que a *tirzah* seria o *Quercus ilex*, que é uma sempre-viva. Mas outros preferem pensar no *Platanus orientalis*. Todavia, poderia estar em foco o verdadeiro cipreste, cujo nome científico é *Cupressus semprevive*. Era uma árvore bem conhecida na Palestina, porque ali havia grandes áreas cobertas de florestas. Sua madeira era usada no fabrico de muitas coisas, incluindo ataúdes. Os arqueólogos têm descoberto ataúdes feitos dessa madeira, contendo múmias, o que demonstra a grande duração dessa madeira. É possível que, em Gênesis 6:14, esteja em foco a madeira de cipreste (onde a nossa versão portuguesa traduz o termo hebraico *gopher*, por «cipreste»), visto que a madeira de cipreste é muito resinosa.

## CIPRIANO DE CARTAGO

Suas datas foram 200-258 D.C. Foi o maior eclesiástico do século III D.C. Nasceu em Cartago, de família nobre e rica. Em cerca de 245 D.C., converteu-se a uma variedade ascética da vida cristã. Tornou-se bispo de Cartago e líder do clero cristão do Norte da África. Foi martirizado na época do imperador Valeriano, a 14 de setembro de 258 D.C. Suas principais contribuições foram em favor da teoria e da prática da administração eclesiástica e do discipulado cristão, e não em prol da teologia. Ele defendia a doutrina católica radical de que não há salvação fora dos limites da Igreja, e que a Igreja atua através dos bispos. Ele contribuiu para a doutrina da super-rogação (que vide) a qual desempenhou, mais tarde, um importante papel no sistema de penitências da Igreja Católica Romana. (E)

## CÍRCULO

No hebraico, **chug**, «círculo», «circuito». Palavra usada por três vezes: Isa. 40:22; Jó. 22:14 e 26:10. Somente nesta última referência a nossa versão portuguesa traduz o termo por «círculo». Na outra referência de Jó é usada a palavra portuguesa «abóbada», e em Isaías 40:22 é usada a palavra «redondeza».

No grego temos apenas o verbo *kukleúo*, usado em João 10:24 e Apo. 20:9. Mas os cognatos são usados por mais quinze vezes, de Marcos ao Apocalipse.

Os gregos deixavam-se fascinar pelo círculo. O mesmo não tem começo e nem fim, e a sua simetria é perfeita. Entre eles, o círculo era símbolo da eternidade. Talvez não tenha sido por acidente que a Igreja Oriental, seguindo os pais alexandrinos da Igreja (que vide), pensava que a alma é eterna, ou, pelo menos, de origem antiqüíssima, e também que o seu drama sagrado não é impedido e nem está limitado pelo nascimento ou pela morte física. O círculo simboliza a eternidade passada e a eternidade futura; e, segundo aqueles pais da Igreja, nenhuma linha pode assinalar um tempo em que a oportunidade de salvação não estaria aberta. Em contraste com isso, a Igreja Latina pensa em termos de linha. A alma

progrediria segundo uma linha. Essa linha teria começo no que se chama de nascimento biológico. E o julgamento começaria e terminaria com um ponto denominado morte biológica, além do que ocorreria a estagnação, pois fronteiras eternas estariam fixadas por esse ponto final. Quanto a esse particular, prefiro ficar com os pais gregos da Igreja. A teologia circular parece-me preferível à teologia linear. A engenharia não poderia existir sem o conceito do círculo, e a teologia é severamente empobrecida sem esse conceito circular. O Deus eterno ainda não terminou a sua obra; ele nunca fica plenamente satisfeito com o estado de uma alma humana. E o amor de Deus concorda com o conceito circular, sendo exatamente essa a idéia que defendo.

**Uso entre os Hebreus:**

Os hebreus às vezes usavam a palavra **chug** para dar a idéia do horizonte. Alguns estudiosos, usando a referência de Isaías 40:22, pensam que pelo menos alguns de Israel pensavam que a terra fosse redonda. Porém, aqueles que supostamente sabem essas coisas, informam-nos que o conceito da redondeza da terra nunca fez parte da cosmologia dos hebreus. Quanto a uma descrição acerca disso, ver o artigo sobre a *Astronomia*, onde comento detalhadamente o que os hebreus concebiam acerca da terra, do céu, do sheol, etc. Porém, sabemos que o conceito de um globo terrestre era conhecido entre os gregos desde muito antes de Cristo, pelo que tal idéia não é um desenvolvimento moderno. Os escritos deixados pelos hebreus mostram-nos que eles pensavam que o céu estrelado fosse um firmamento sólido, encurvado acima da terra; e talvez isso é o que esteja em foco em Isaías 40:22. No artigo sobre *Astronomia*, que tenho à minha frente, há um desenho onde aparece esse arco, ainda com outros detalhes típicos da cosmologia dos hebreus.

**CÍRCULO DE VIENA** Ver **Viena, Círculo de.**

**CÍRCULO MÁGICO** Ver **Magia, Círculo da.**

## CIRCUM-AMBULAÇÃO

A palavra não aparece na Bíblia. Ela indica a cerimônia mediante a qual pessoas faziam círculos em torno de um objeto ou de alguém. O rito usualmente envolvia três circuitos, em que as pessoas envolvidas sempre mantinham o lado direito do corpo voltado para o objeto a ser circum-ambulado.

*Usos do rito.* Para demonstrar respeito, oferecer proteção, consagrar, garantir a boa sorte, tentar estabelecer comunhão com o objeto circum-ambulado, extrair poder do mesmo, declará-lo como sagrado, ou tentar estabelecer comunhão com tal objeto ou pessoa. Fazer círculos na direção oposta, isto é, com o lado esquerdo do corpo de frente para o objeto ou indivíduo circum-ambulado, segundo se acreditava, tinha o sentido precisamente oposto, mostrando desrespeito. ou tencionando transmitir alguma maldição ou influência maligna para o mesmo. Ver sobre *Magia, Círculo da*. Com freqüência, os costumes antigos têm algum significado que está por detrás da cerimônia ou rito. É possível que haja alguma forma de transferência de energias envolvida na circum-ambulação. Talvez algum dia a questão seja melhor examinada pela ciência.

## CIRCUNCISÃO

*Esboço*

I. A Palavra
II. Antiguidade e Uso Largamente Espalhado
III. Origem e Propósitos
IV. No Judaísmo
V. Considerações no Novo Testamento

### I. A Palavra

O vocábulo português deriva-se do latim, que significa, literalmente, «cortar em redor», referindo-se à pequena operação cirúrgica mediante a qual o prepúcio do pênis masculino é removido.

### II. Antiguidade e Uso Largamente Espalhado

A **circuncisão** é a amputação do prepúcio masculino, sendo um dos mais antigos costumes da antiguidade, praticado por diversos povos. É, ou era, prática a circuncisão (embora com muitas variações quanto ao método, a idade e a realização do rito etc.), entre os judeus, islamitas, egípcios, polinésios e indígenas do Novo Mundo, bem como por muitas tribos primitivas da África e da Austrália. De fato, calcula-se que um sétimo da população masculina do mundo é circuncidada.

### III. Origem e Propósitos

Diversas teorias têm sido apresentados como explicação da origem e do propósito dessa medida, a saber: a. teria finalidades higiênicas; b. seria um sinal de afiliação tribal; c. seria uma preparação para a vida sexual; d. seria um teste iniciatório da coragem, antes de um jovem ser aceito pela tribo; e seria um meio que santifica as faculdades geradoras; f. seria uma sacrifício que redime o varão do deus que lhe outorgou a vida.

### IV. No Judaísmo

#### 1. O Pacto com Abraão

Para os judeus, a circuncisão é um dos mais importantes dos seus seiscentos e treze mandamentos. Geralmente é interpretada como sinal de pacto entre Deus e a nação de Israel, e, por conseguinte, indispensável como sinal característico de que alguém pertence à mesma. (Conf. com Gên. 17:10-14 e Êxo. 12:44-49).

No Talmude, coletânea de comentários rabínicos, muitas prescrições são estabelecidas, regulando o ato da circuncisão. Podia ser realizada a circuncisão até mesmo em dia de sábado, se isso coincidisse com o oitavo dia após o nascimento da criança. Conforme dizem os judeus, a circuncisão consiste dos seguintes passos: a. O «*milah*», ou seja, a amputação do prepúcio; b. o «*periah*», em que a glande é descoberta, e c. o «*metizitzah*», em que o fluxo de sangue é estancado. Bênçãos apropriadas eram recitadas antes e depois da circuncisão da criança, após o que o menino recebia o seu nome próprio. A cerimônia da circuncisão usualmente é acompanhada por uma refeição festiva, em que uma ação de graças especial é recitada, em alusão ao acontecimento. (*Encyclopedia of Religion*, editada por Vergilius Ferm, pág. 175).

O pacto abraâmico estava vinculado bem de perto ao símbolo da circuncisão, o que era, com efeito, a eliminação da natureza carnal (Gên. 17:11), apontando para o propósito ético de Deus, separando a nação israelita para si mesmo. Parte do destino do homem é que seja transformado moralmente, para que finalmente venha a participar das perfeições morais da natureza divina, mediante a presença habitadora do Espírito Santo, no íntimo do crente. (Ver Gál. 5:22,23 e Mat. 5:48).

*O pacto abraâmico*, pois, prometia a inauguração de uma nova nação, uma nação santa, para a qual Deus pudesse revelar os seus caminhos, e através da qual pudesse enviar o seu Messias ou Ungido. Ora, esse propósito divino só poderia ser perfeitamente

concretizado se essa nação viesse a participar da santidade de Deus; e isso envolve a necessidade da remoção da natureza carnal. Assim, pois, a circuncisão verdadeira, de natureza espiritual, é a do coração, não sendo apenas um ato externo, segundo também o apóstolo Paulo nos informa (ver Rom. 2:28). E isso, naturalmente, fala da expressão total do ser do crente, sendo equivalente à regeneração, pelo menos no que diz respeito aos seus aspectos morais. Para os judeus, como é claro, era um sinal nacional de identidade como povo de Deus, como uma nação separada para Deus, subentendendo o que Paulo escreve no segundo capítulo de sua epístola aos Romanos. Portantc, esse rito subentendia a operação da graça, mediante a qual Deus seleciona e assinala homens como seus.

O próprio ato físico da circuncisão era realizado em obediência a uma ordem divina; porém, por si mesmo, não tinha qualquer mérito e nem efeito espiritual, conforme Paulo demonstrou em Atos 7:8. Era um «sinal», ao passo que a *verdade simbolizada* era a diferença real que a graça de Deus faz no ser essencial do indivíduo. No trecho de Col. 2:11,12 encontramos uma vinculação um tanto frouxa entre o rito da circuncisão e o batismo cristão, de tal modo que, pelo menos em sentido bastante limitado, o batismo cristão tomou o lugar da circuncisão judaica. Isso nos é muito instrutivo, porque deixa óbvio, com base nas asseverações de Paulo, em Rom. 2:28 e *ss*, que os sinais externos, tal como o da circuncisão, não são agentes da graça, *mas tão-somente* símbolos daquela graça que verdadeiramente transforma o homem interior. E essa graça interior aparece como operação do Espírito Santo.

Contudo, o exagero posto nessa vinculação entre a circuncisão judaica e o batismo cristão têm criado a errônea doutrina do «batismo infantil», porquanto eram as crianças judias, — aos oito dias de idade, (quando do sexo masculino), que eram circuncidadas. Seja como for, a ausência da realidade espiritual torna inútil tal «sinal».

**2. Considerações Específicas**

a. Em Gênesis 17:10-14, Yahweh é declarado introdutor da circuncisão, como sinal do pacto estabelecido com Abraão. Naquele texto, parece estar indicado que Deus cedeu a Abraão novos poderes procriativos, no meio de sua esterilidade de velhice, para que ele pudesse tornar-se o pai de muitas nações, especificamente de Israel, através da qual a mensagem espiritual haveria de ser comunicada. Em outras culturas, encontramos a circuncisão como algo sacramental, talvez para identificar alguma casta sacerdotal. É possível que o povo de Israel compartilhasse dessa noção. A ciência moderna tem-nos ensinado que a circuncisão é uma medida higiênica. O homem circuncidado apanha menos infecções em seu aparelho genital, e, conseqüentemente, corre menor risco de ficar canceroso. A lavagem diária do pênis, sobretudo com um sabão desinfetante, produz o mesmo benefício, e isso poupa à mulher muitas infecções vaginais, visto que mais de trinta variedades de infecção podem ser transmitidas sexualmente, do homem para a mulher. Apesar de que os hebreus não conheciam essas coisas por vias científicas, podem tê-las conhecido mediante a observação e a prática. Por essa razão, é bem possível que, para eles, a circuncisão fosse um ato higiênico, e não apenas religioso. Heródoto informa-nos que os egípcios praticavam a circuncisão com finalidades de higiene. O prepúcio atua como incubador e transportador de bactérias; e, se os antigos não tinham uma teoria sobre germes, eles eram perfeitamente capazes de calcular por que tantas infecções estavam se espalhando.

b. *A marca tribal*. Entre os antigos, essa era uma das razões comuns para a prática da circuncisão, sendo possível que isso fizesse parte dos motivos da prática, entre os israelitas.

c. *Sinal de maturidade*. Um menino termina por tornar-se um homem. Em várias culturas antigas, a circuncisão assinalava a transição. Mas a idéia dificilmente poderia ser aplicada a Israel, visto que ali era praticada a circuncisão de infantes, idealmente aos oito dias de idade. Os convertidos ao judaísmo, vindos do paganismo, eram circuncidados; mas isso marcava a participação deles na aliança com Deus, e não qualquer maturidade física.

d. *Sacrifício humano*. — Em vez de sacrificar a pessoa inteira, um homem podia ser sacrificado simbolicamente, mediante a perda de uma pequena porção do seu corpo físico, como o prepúcio. Apesar dessa ser a razão da circuncisão em algumas culturas antigas, não parece haver motivo para pensarmos que a idéia tivesse qualquer coisa a ver com o povo de Israel.

**V. Considerações No Novo Testamento**

**1. Considerações Sobre Valores**

«No que diz respeito ao valor espiritual deste ato, o N.T. é taxativo: sem a obediência, a circuncisão se transforma em incircuncisão (ver Rom. 2:25-29). Esse sinal externo se reduz à insignificância, quando confrontado com as realidades da observância dos mandamentos (ver I Cor. 7:18,19), da fé que opera por meio do amor (ver Gál. 5:6), e da nova criação (ver Gál. 6:15). Não obstante, o crente não tem a liberdade de escarnecer desse antigo símbolo. Embora o crente deva evitar a circuncisão (ver Gál. 5:2 até o fim), no que diz respeito à expressão da suposta salvação através das obras (ver Col. 2:13; conf. com Isa. 52:1), contudo, segundo nos mostram estas passagens, ele precisa de seu significado interno. Em conseqüência, existe uma 'circuncisão de Cristo', o *despir* do corpo (mas não somente de uma parte—o prepúcio) da carne, em uma transação espiritual que não é realizada por mãos humanas, mas que consiste da relação com Cristo Jesus, em sua morte e ressurreição, selada pela ordenação iniciatória do novo pacto (ver Col. 2:11,12). Em resultado disso, os crentes são 'a circuncisão' (ver Fil. 3:3)». (Extraído de *The New Bible Dictionary*, Douglas, pág. 234).

O décimo quinto capítulo do livro de Atos mostra-nos claramente que até mesmo muitos cristãos primitivos, e, portanto, especialmente os judeus ordinários, eram da opinião de que a circuncisão era uma medida *necessária* para a salvação. Conforme a mentalidade judaica raciocinava, a circuncisão fazia parte do pacto abraâmico, e qualquer indivíduo que de alguma forma não fosse beneficiário do mesmo, não poderia ter esperança de que seria salvo. Ver o artigo sobre o *Pacto Abraâmico*. Quanto a comentários sobre o chamado «partido da circuncisão», os legalistas da igreja cristã primitiva, cujas atividades provocaram a escrita das epístolas aos Romanos e aos Gálatas, ver Atos 11:2 no NTI.

**A circuncisão tem valor, Rom. 2:25. Qual era o valor autêntico da circuncisão? De acordo com o que** diziam os judeus, tinha um valor absoluto, isto é, era uma garantia virtual da salvação, porquanto entre eles se pensava que todos os circuncidados, que eram israelitas por nascimento, já estariam automaticamente absolvidos de todo o julgamento. Entretanto, no dizer das Escrituras, qual era o real valor da circuncisão?

a. A circuncisão era o sinal do pacto abraâmico (ver notas no NTI em Atos 3:25), além de ser um dos muitos privilégios de Israel, o que fazia deles uma sociedade superior. (Ver Rom. 9:4,5).

b. Tinha valor como preparação para melhores coisas vindouras. Também falava sobre a santificação. Isso teria lugar em Cristo. Falava de identificação com a geração de Abraão, e isso, por sua vez, tipificava o que Deus faria através do filho de Abraão, Jesus, o Messias.

c. Falava de um povo que seria *separado* para a santidade e a salvação. Tornava os homens cônscios de que existiam esses privilégios, e, sabendo-o, talvez os buscassem, se ao menos fossem suficientemente sábios.

d. A circuncisão afetava o órgão gerador, e isso simbolizava a produção de vida. A vida eterna está em Cristo e os homens, por darem atenção à mensagem de Deus e tomando parte em seu conceito, podem aprender acerca da real fonte da vida.

e. Há uma real circuncisão, de ordem absoluta, isto é, a circuncisão do coração. A santificação genuína leva os homens à salvação. Isso Paulo mostra no vs. 29 do segundo capítulo da epístola aos Romanos.

f. A circuncisão era mero sinal. A verdade simbolizada era a salvação. Por semelhante modo, o batismo é apenas um sinal, um símbolo, e não a substância, ou qualquer parte da substância essencial da salvação. (Ver as notas no NTI em Col. 2:11).

**2. Buscando A Realidade**

a. A lei podia ter um efeito ilusório, conforme se vê em Rom. 7:11. Os homens esperavam demais da lei. Dela esperavam aquilo que ela não podia fazer, libertá-los. Afirmavam eles: «A vida vem pela lei», e isso com apoio de certos versículos do A.T. Mas Paulo demonstra que tudo isso era pura imaginação.

b. A circuncisão simbolizava todos os privilégios dos judeus, por ser o sinal do pacto abraâmico. Portanto, também fazia tropeçar os homens que eram superficiais em seu entendimento espiritual.

c. O caminho da lei era difícil por demais. Requeria a perfeição, mas não tinha o poder para conferir essa perfeição. — Conferia altos privilégios, mas os homens, observando as coisas externas, e substituindo por elas as verdades que haveriam de seguir-se, terminaram possuidores de uma espiritualidade inferior e inadequada.

d. A lei apontava para a realidade em Cristo.

**3. Externalidades na Religião**

«O ponto aqui focalizado é simples, mas importante. Certos indivíduos vivem sujeitos à tentação constante de confundirem as externalidades incidentais com as *realidades essenciais*. Têm a confiança de ocupar um lugar, dentro da comunidade cristã, por terem sido batizados ou por serem membros nominais de alguma igreja local; e ficam altamente indignados quando alguém sugere que realmente não são crentes. Em adição a essa suposição superficial de que os sinais externos são suficientes como substitutos da participação ativa na vida da fé, é mister observarmos uma forma paralela assumida pela confiança nos sinais externos, conforme tal coisa freqüentemente ocorre. Usualmente é a pessoa que confia em suas realizações religiosas externas que sente que os sinais visíveis da religiosidade são importantes. Não é necessário que isso seja produto de algum orgulho humano; pode, simplesmente, resultar de um ponto de vista limitado, que não leva em conta a distinção que há entre as verdades essenciais e as coisas inconseqüentes». (Gerald R. Cragg em Rom. 2:25).

«O sinal característico, que destacava os judeus, tinha dois lados; um era externo e formal, e o outro era interno e real. Sua essência dependia desse último aspecto, porquanto, sem essa circuncisão interna, tudo quanto era externo nada valia. Não é necessário alguém ter nascido judeu para possuir essa verdade essencial. Precisamente a mesma linguagem pode ser aplicada no caso dos sacramentos cristãos». (W. Sanday, em Rom. 2:25).

**4. O Partido da Circuncisão, Facções e Lutas**

Ver o artigo separado sobre a *Circuncisão, Partido da*. Esse artigo apresenta o argumento em favor da circuncisão, do ponto de vista do judaísmo antigo, o que nos confere a compreensão do motivo pelo qual o assunto revestia-se de tanta importância para a Igreja primitiva. Também são apresentados ali os modernos substitutos. Os homens continuam confiando em meras externalidades religiosas. Os homens confiam em ritos e cerimônias, atribuindo aos mesmos um valor atinente à eterna salvação da alma. Muitas denominações evangélicas ainda não conseguiram deixar esse sinal de primitivismo, em sua fé religiosa. Muitos homens ainda não chegaram a entender que a salvação, em todos os seus aspectos, está envolvida na transformação da alma por meio do Espírito de Deus. Esses aspectos podem ser *simbolizados* por meio de cerimônias, mas *nenhum* deles torna-se uma realidade por meios ritualísticos. Não admira que certos autores do Novo Testamento ainda se aferravam a certos primitivismos em sua fé, como a idéia da regeneração batismal, que, quase certamente, reflete-se em passagens como Atos 2:38 e Marcos 16:16. Creio, porém, que a teologia paulina afastou-se em muito de tal conceito. O trecho de Colossenses 2:11 subentende certo elo entre o batismo e a circuncisão, pelo que aquilo que a circuncisão significava para os judeus, o batismo continua a significar para alguns cristãos. Porém, tanto a circuncisão quanto o batismo em água são externalidades, são meros símbolos. Ver o artigo sobre o *Batismo*. (AM B BULT E ID NTI Z)

## CIRCUNCISÃO, FESTA DA

O dia primeiro de janeiro assinala o dia da celebração do sinal da circuncisão, que confirmava o pacto estabelecido entre Deus e a nação de Israel. Essa festa comemora a reverência de Cristo pela lei, ao submeter-se ele ao rito da circuncisão, oito dias após o seu nascimento. Tal festa tinha por intuito ajudar a substituir os excessos imorais do paganismo, vinculados à adoração ao deus Janus, naquele mesmo dia. Ver também *Celebrações do Ano Novo*.

## CIRCUNCISÃO, PARTIDO DA

Atos 15:1: *Então alguns que tinham descido da Judéia ensinavam aos irmãos: Se não vos circuncidardes, segundo o rito de Moisés, não podeis ser salvos.*

Ver o artigo sobre *Circuncisão*.

Neste ponto vemos o *partido da circuncisão* em operação, uma vez mais. É quase fora de dúvida que os *indivíduos* envolvidos foram os mesmos que causaram dificuldades para o apóstolo Pedro, conforme a narrativa do décimo primeiro capítulo deste livro de Atos, onde são chamados de «os que eram da circuncisão». O vocábulo *circuncisão*, se refere, como é óbvio, a algum grupo de *crentes judeus*, que se mostravam especialmente zelosos pelas leis cerimoniais do judaísmo, os quais estavam plenamente convictos de que a salvação, à parte das observâncias rituais, sobretudo da circuncisão, era simplesmente impossível. Esse mesmo termo é usado,

em sentido mais lato ainda, na passagem de Gál. 2:12, a fim de indicar os judeus cristãos como uma classe, mas esse emprego é mais amplo do que o encontrado no décimo primeiro capítulo deste livro, ou do que aqui, em Atos 15:1.

Como parte integrante desse estrito grupo legalista, sobressaíam os convertidos dentre o farisaísmo, os quais não eram capazes de ver a religião, à parte de formas cerimoniais e ritualistas, embora estivessem convencidos do fato de que Jesus era realmente o Messias. Isso significa que, apesar de serem cristãos, pertenciam a uma variedade judaica, de inclinações *legalistas*.

**Qual é a argumentação em prol da circuncisão?** **Não se pode ocultar a verdade que, nas sinagogas,** ensinava-se que a salvação é obtida mediante a observância da lei mosaica e que um dos mais importantes princípios dessa lei é a circuncisão. Disso podemos deduzir os seguintes pontos:

1. Não deixar alguém circuncidar-se era, segundo o ponto de vista judaico, uma *transgressão voluntária*, que impedia os homens de receberem a *salvação* que buscavam. Essa salvação, para os judeus, estava óbvia e necessariamente vinculada ao *pacto eterno*, estabelecido com seu antepassado, Abraão. (Ver Gên. 17:13).

2. Não se há de duvidar que salientavam vigorosamente, com suas Bíblias abertas e *citando* versículos do A.T., que esse pacto fora «estabelecido por Deus»; sendo parte da tradição seguida por todos os patriarcas.

3. Também deveriam ter procurado mostrar que esse sinal do pacto—a circuncisão—jamais fora ab-rogado, e que, por isso mesmo, os novos «meios» e «ensinamentos» de Pedro, de Paulo e de outros mestres cristãos, eram contrários à verdadeira «doutrina e prática», o que tornava o ensino desses apóstolos uma *heresia*.

4. Devem, por semelhante modo, ter salientado a magna importância da circuncisão, segundo pensavam, e sua necessidade para que os interessados obtivessem a *salvação* de Deus, mediante o fato de que antecedia à lei, tendo sido dada a Abraão como parte integrante da aliança que fora estabelecida entre ele e Deus, muito antes da entrega formal da lei mosaica. Portanto, tentar modificar essa instituição seria o mesmo que negar o valor e a importância do pacto abraâmico.

5. Além disso, segundo devem ter argumentado os legalistas, apesar de muitos haverem rejeitado Jesus, assim se separando da graça que só vem por intermédio dele, no ministério do Espírito Santo, os verdadeiros filhos de Abraão o haviam reconhecido como o Messias, e, esses, acima de todas as pessoas, deveriam estar ansiosos por «defender a fé» de quaisquer inovações heréticas.

6. Também certamente mostravam-se hábeis em demonstrar que a nova doutrina, que eliminava a circuncisão (pelo menos como necessária no caso dos convertidos dentre os gentios), era contrária à doutrina bíblica. Por conseguinte, era uma doutrina não meramente suspeita, mas também falsa.

7. Também devem ter exigido, da parte de Pedro e de Paulo, alguma *prova bíblica* para aquilo que lhes parecia uma inovação imposta à igreja cristã, que exercia influência deletéria entre os crentes.

8. Por semelhante modo, teriam exortado a outros a repreenderem aquela «nova doutrina», fazendo campanha contra ela, tanto nas igrejas como nos lares, em favor daquilo que pensavam ser a *verdadeira doutrina*.

9. Finalmente salientavam, supondo com isso pôr ponto final a toda a argumentação, que o próprio Senhor Jesus fora circuncidado, tendo dito que viera, não para destruir a lei, e, sim, para cumpri-la.

O argumento dos membros do partido legalista deve ter tido *forte* efeito de persuasão, e as indicações que nos são dadas, nas páginas do N.T., é que eles conseguiram persuadir grande número de pessoas, o que explica a grande controvérsia daí resultante, o que também levou o apóstolo Paulo a escrever sua epístola aos Gálatas. Todavia, embora convincentes e aparentemente alicerçados no A.T., esses argumentos do partido legalista **continham duas falhas seriíssimas.** a saber:

1. A circuncisão, apesar de ser sinal do pacto abraâmico, jamais foi dada como medida para *salvar* a alma.

2. Tendo servido de *sinal* de um dos pactos estabelecidos por Deus, durante o período de tempo determinado pelo Senhor, uma vez que suas relações com os homens sofreram modificações, esse sinal pôde também ser completamente eliminado. Assim argumentou Paulo no segundo capítulo de sua epístola aos Romanos. (Deve-se observar sobretudo os vss. 25-29 desse mesmo capítulo).

O argumento de Paulo se alicerça sobre o princípio fundamental de que coisa alguma, de natureza externa, serve de instrumento da salvação.

Ora, se um sinal ou rito não tem qualquer *mérito* por si mesmo, segue-se que Deus pode alterar esses símbolos e sua forma exterior, ao mesmo tempo que em nada ele precisa modificar a substância da espiritualidade. É exatamente isso que o cristianismo, às mãos dos apóstolos, e sob a orientação do Espírito Santo, se lançou a fazer. Todavia, era extremamente difícil aos homens libertarem suas mentes das cadeias às tradições e crenças que lhes haviam sido implantadas profundamente, tinham florescido por tantos e tantos anos e possuíam base na cultura e na tradição inteiras da nação em que viviam. A maioria dos homens dos primeiros tempos do cristianismo não compreendia de forma alguma o princípio espiritual, exarado por Paulo, do homem piedoso no íntimo, a despeito e sem importar as formas religiosas externas. Por isso mesmo, é admirável, não que tivesse havido uma controvérsia, e, sim, que a igreja cristã tivesse podido emergir desse tipo de mentalidade fixa, imóvel e inflexível.

**Substituições Modernas**

1. Hoje em dia, os homens dizem que o batismo é necessário à salvação, como se o batismo substituísse a circuncisão do A.T. Ver o artigo, *Regeneração Batismal*.

2. Outros expõem como substitutos os ritos e requisitos de várias denominações cristãs, mormente a eucaristia.

3. Os homens, num erro incurável, precisam de algo *externo*, como algum rito, alguma cerimônia, algo que lhes pareça valioso, mais ou menos como os pagãos têm seus ritos mágicos. Salvação? Pela fé somente!

John Gill mostra-nos como é que muitíssimos judeus acreditavam que nenhum homem pode ir para o inferno, se está circuncidado, e como todos os incircuncisos não escapam das penas eternas (ver Shemot Rabba, sec. 19, fol. 104.4). Na literatura judaica existem ensinos que contradizem esse parecer, especialmente no caso dos prosélitos do portão (os quais não eram circuncidados). Contudo, a outra idéia, sem dúvida alguma, era mais vigorosa na teologia judaica.

No tocante aos legalistas, Robertson (*in loc.*), nos brinda com uma descrição muito apta: «Eram homens de convicções sinceras, não se há de duvidar; mas eram obscurantistas, *incapazes* de receber *novas luzes* da parte do Senhor, em qualquer questão que envolvesse os seus preconceitos raciais e sociais. Lembravam-se de que o próprio Jesus fora circuncidado, e que ele dissera à mulher siro-fenícia que tinha vindo a fim de salvar somente as ovelhas perdidas da casa de Israel... (ver Mat. 15:24 e *ss*). Por semelhante modo, argumentavam que Cristo não havia repelido o rito da circuncisão. Desse modo teve início uma das maiores controvérsias religiosas entre todos os homens, isto é, aquela entre a religião espiritual e a religião ritualista e cerimoniosa. Continua entre nós até hoje, e o *batismo* em água tomou o lugar da circuncisão».

«A despeito das revelações especiais que haviam acompanhado o acolhimento dos primeiros gentios convertidos no seio da igreja cristã, o poderoso *partido judaizante* aderiu aos seus *antigos* preconceitos, atinentes à necessidade de conformação à lei de Moisés. Com esse partido, o apóstolo Paulo entrou em conflito durante todo o seu ministério, e mesmo depois de seu falecimento, encontramos esse partido a levantar novamente a cabeça, nas seitas dos ebionitas e dos nazarenos». (Alford).

«Observemos que existe em nós uma estranha inclinação para fazermos, das nossas próprias opiniões e práticas, uma regra e uma lei para todos os outros homens, para julgar tudo ao nosso derredor segundo nossos próprios padrões e para concluir que, porque agimos bem, todos os outros incorrem em erro, se não agem exatamente como nós». (Matthew Henry).

## CIRCUNCISÃO DE TIMÓTEO

**Paulo, revelador de grandes mistérios em Cristo,** pressionado, voltou para uma forma mais primitiva de religião, e circuncidou Timóteo, Atos 16:3. Fez bem ou mal? Os intérpretes se divertem e brigam sobre o assunto.

**Procurando solucionar o dilema.**

1. **Timóteo era cinqüenta por cento judeu,** pelo que, incircunciso que era, servia de ofensa aos judeus. Os decretos de Jerusalém (Atos 15) relaxaram o cumprimento da lei mosaica quanto aos gentios, mas isso não se aplicava a Timóteo, à luz do fato de que ele tinha sangue parcialmente judeu.

2. A recusa de Paulo por permitir a circuncisão de Tito se fez com base no fato de que ele era gentio puro, e que os legalistas não tinham o direito de exigir sua circuncisão.

3. Paulo agiu assim para que, de todas as maneiras, pudesse ganhar para Cristo alguns judeus (ver I Cor. 9:20). Paulo afirmou que faria tudo (quanto não fosse pecaminoso) contanto que ganhasse alguns judeus; mas, por esse motivo, alguns criticavam acerbamente.

4. A maioria dos intérpretes, entretanto, opina que sua atitude era um pragmatismo justificável.

5. Alguns chegam mesmo ao extremo de pensar que Paulo nunca realmente agiu desse modo, mas que somente criou uma estória a fim de suavizar as duras atitudes judaicas contra a sua pessoa. Mas tal idéia não é provável!

6. Outros supõem que ele estivesse exausto de tantos labores, e que simplesmente não resistiu à pressão; e assim permitiu a realização de uma operação que, de outra sorte, jamais teria sido tolerada por ele.

7. Precisamos lembrar-nos de que o N.T. reflete um período de transição. Ao judaísmo foi permitido fenecer honrosamente, no seio da igreja cristã. Abaixo expomos as opiniões de alguns intérpretes.

«Paulo circuncidou Timóteo a fim de abolir a circuncisão» (Crisóstomo, em Atos 16:3). O que esse grande escritor e pregador sacro do passado quis dizer é que a circuncisão de Timóteo abria uma porta de serviço entre os judeus, na expectativa da conversão dos mesmos ao cristianismo.

«Seria a mesma coisa que se agora eu fosse viver entre os judeus, a fim de pregar-lhes o evangelho, e descobrisse que eles estavam fracos; e, nesse caso, poderia eu, voluntariamente, submeter-me à circuncisão, e comer ou fazer abstenção de alimentos, tal e qual eles fazem. Porém, eu não agiria assim sob nenhuma outra hipótese e não por mais tempo do que me fosse necessário estar com eles, a fim de entre eles trabalhar em prol do evangelho». (Lutero, em Atos 16:3).

Referindo-se à mesma questão, Calvino expressou a idéia de que apesar do fato de que seria contrário à boa consciência realizar sacrifícios de animais, após o sacrifício de Cristo, a prática da circuncisão para os judeus, sobretudo durante aquele período de *transição*, era uma questão *indiferente*. Outrossim, declara esse mesmo autor: «Tudo isso foi melhor e mais verdadeiramente dito naquele antigo provérbio: 'A sinagoga deveria ser sepultada *honrosamente*'».

«A circuncisão de Timóteo foi uma medida ditada meramente pela *prudência*; uma medida tornada imperiosamente necessária, devido às circunstâncias do momento; e, visto que essa circuncisão foi realizada meramente a fim de atender a isso, Timóteo nem por isso ficou obrigado a observar o ritual mosaico». (Adam Clarke, em Atos 16:3).

«Não houve qualquer concessão de doutrina, e nem qualquer referência ao dever que Timóteo teria ante essa questão». (Alford, em Atos 16:3).

Brown chama a isso de *passo indispensável* para que a viagem missionária prestes a ter início fosse um sucesso. E o mesmo escritor assevera que a recusa de circuncidar a Tito, diferentemente do caso de Timóteo, se fundamentou sobre princípios doutrinários, com a finalidade de impedir que os judaizantes pensassem que Paulo concordara com a sua norma de «circuncisão para os crentes gentios», norma essa que incluía o conceito de que a circuncisão era necessária para a salvação.

••• ••• •••

## CIRCUNCISÃO FALSA

A expressão aparece na nossa versão portuguesa da Bíblia, em Filipenses 3:2. Outras traduções dizem «mutilação» ou algum sinônimo. Paulo empregou a expressão dentro de um jogo de palavras com o termo «circuncisão», a fim de estigmatizar o «partido da circuncisão», que procurava tornar a circuncisão uma norma obrigatória dentro da Igreja cristã. No Antigo Testamento grego (Septuaginta), o vocábulo grego em questão, *katatomé*, é usado para indicar as lacerações feitas no corpo, como no caso dos profetas de Baal (I Reis 18:28). O argumento de Paulo é que, *em Cristo*, a circuncisão foi abolida. Portanto, aqueles que insistem sobre a circuncisão tornam-se mutiladores da carne. Aquele que está em Cristo já recebeu a circuncisão espiritual, e não pode derivar qualquer vantagem da mutilação da carne literal. Ver Col. 2:11. Paulo escreveu essas palavras com ironia e desgosto, em uma das passagens bíblicas onde seu espírito mostra-se indignado. (B NTI)

## CIRCUNSTÂNCIAS

Essa palavra é importante dentro da **ética relativa**. Alguns supõem que as nossas ações deveriam ser determinadas pelas *circunstâncias* específicas do momento, e não mediante fixações predeterminadas, que presumivelmente devem aplicar-se a todos os casos. Pessoas e circunstâncias são diferentes, e ambas estão sujeitas a modificações. Isso posto, a conduta humana deveria ser algo humano, e a conduta deveria variar segundo as circunstâncias. Em conseqüência disso, o que é bom para mim, não é necessariamente bom para outrem. De fato, aquilo que é bom para mim, devido a diferentes circunstâncias, amanhã, pode não ser bom para mim. Contrastemos a ética relativa à ética absoluta, que ensina que existem regras fixas, espirituais e eternas, que deveriam guiar a conduta humana. A ética teísta usualmente é absolutista em seu caráter. Ver o artigo geral sobre a *Ética*.

## CIRENAICOS, CIRENAÍSMO

Houve três escolas filosóficas que se desenvolveram com base nas idéias de Sócrates (que vide), a saber: o cirenaísmo, o cinismo e o megarianismo (ver os artigos separados sobre essas três posições). O cirenaísmo deriva seu nome de Cirene da Líbia, lugar do nascimento de Aristipo (que vide), o qual foi o fundador dessa escola filosófica.

**Idéias:**

1. A felicidade é o alvo da conduta moral; mas, como alguém poderia ser feliz sem os prazeres? Ademais, os prazeres precisam ser intensos e freqüentes. Os prazeres mentais não seriam errados, mas nada se assemelharia aos intensos prazeres físicos.

2. Naturalmente, os prazeres podem redundar em dor, e a busca pelos prazeres pode ser dolorosa. Portanto, o verdadeiro critério da vida diária deveria ser: «Obtenha o máximo de prazer, com o mínimo de dor». Quando alguém obtém mais prazeres do que sofrimentos, então triunfa; e as pessoas que triunfam são felizes.

3. O único conhecimento que vale a pena é aquele que promove a busca pelos prazeres. O conhecimento vem através da percepção dos sentidos, e não nos deveríamos interessar pelo conhecimento tipo especulativo.

4. *Hegesias* (que vide) frisava mais a necessidade de evitar a dor do que a de cultivar os prazeres, como o alvo mais elevado da vida; mas ele não era avesso aos prazeres que pudessem ser obtidos sem o acompanhamento da dor.

5. *Annikeris* (que vide) também buscava os prazeres, mas preferia aqueles da gracilidade social no lugar dos crassos prazeres físicos.

6. *Teodoro*, o Ateu (que vide) negava a existência de todos os seres divinos, afirmando que a finalidade da vida consiste na permanente emoção da alegria, que é o maior de todos os prazeres. Ele não se interessava muito por prazeres momentâneos e fugidios. Mas acreditava que o maior prazer consiste em alguém fazer o que quer, mesmo que seja errado, sem ser pilhado. A dor residiria em ser apanhado. Ver o artigo geral sobre o *Hedonismo*. (AM E EP MM P)

## CIRENE

Nome de uma cidade no norte da Líbia, nas costas africanas, fundada em cerca de 632 A.C. por uma colônia de gregos vindos de Tera (Antonini), uma pequena ilha do mar Egeu. É mencionada somente no Novo Testamento: Mat. 27:32; Atos 2:10; 11:20 e 13:1. O adjetivo pátrio, «cireneu», também só aparece no Novo Testamento: Mar. 15:21; Luc. 23:26 e Atos 6:9.

Cirene tornou-se a principal cidade do antigo distrito da África do Norte chamado Cirenaica ou Pentápolis. Ficava localizada a 27 km do mar, sobre um planalto. Seu nome, segundo supõe-se, ter-se-ia derivado de uma fonte (Justino Mártir falava em um *monte*), chamada *kure* (Cyre), que ficava nas proximidades. A região da qual essa cidade era a capital, Cirenaica (Barca), ia desde o golfo de Platéia (Bomba) até à Grande Sirtes (golfo de Sidra). As cinco cidades de Pentápolis gozavam de considerável prosperidade, até que essa sofreu devido à competição das cidades ptolomaicas, às revoltas internas e ao abuso do solo. Em seu ponto culminante, tinham cerca de cem mil habitantes. Mas, aí por volta do século V D.C., não passavam de grandes ruínas.

A cidade de Cirene esteve sob o governo dos Batiadas até o estabelecimento da democracia, já no século IV A.C. Alexandre, o Grande conquistou-a em cerca de 331 A.C., e, mais tarde, passou para o império dos Ptolomeus. Nos tempos helênicos e romanos, havia ali uma numerosa população judaica, que falava o grego. A cidade foi doada aos romanos em cerca de 96 A.C., tendo-se tornado uma província senatorial romana, juntamente com Creta, em 27 A.C. Os trechos de Atos 2:10 e 6:9 mostram que Jerusalém contava com um bom contingente de pessoas provenientes de Cirene, juntamente com outros estrangeiros, ao ponto dos judeus cireneus terem uma sinagoga toda sua. Os cidadãos judeus de Cirene revoltaram-se em 115 e 116 D.C., derrubando monumentos pagãos e misturando-se nas batalhas que se seguiram. Dio Cássio informa-nos que cerca de duzentas mil pessoas morreram durante esse conflito. Adriano reconstruiu a cidade mas seu porto, em Apolônia, ultrapassava a cidade, quanto à importância.

*No Novo Testamento*. Simão, que levou a cruz de Jesus por um certo trajeto do caminho, era cireneu (Mat. 27:32; Mar. 15:21). Lúcio, um profeta e mestre da igreja cristã de Antioquia, era nativo de Cirene. A sinagoga com a qual Estêvão entrou em dificuldades, que estava em Jerusalém, e por cujos membros foi injustamente executado, tinha alguns membros que eram de Cirene (Atos 2:10 e 6:9). Os judeus cireneus convertidos ao cristianismo foram dispersos pelas perseguições, e chegaram a pregar o evangelho aos gentios, em Antioquia (Atos 11:20).

*Outras pessoas famosas de Cirene*. O poeta Calímaco, Carnéades, fundador da Nova Academia de Atenas, Aristipo, fundador da escola cirenaica de filosofia (ver *Cirenaicos, Cirenaísmo*), além de Eratóstenes, o historiador, eram naturais de Cirene. (AM ND Z)

## CIRILO DE ALEXANDRIA

Suas datas foram 376-444 D.C. Foi patriarca de Alexandria de 414 D.C. até a sua morte. Advogava a veneração à Virgem Maria, e opunha-se vigorosamente à heresia de Nestor. Ver sobre o *Nestorianismo*. Foi principalmente graças à sua oposição que esse sistema foi condenado, quando dos concílios de Éfeso e de Calcedônia. Cirilo era um homem muito combatido, difícil de se manter convivência pacífica com ele, amante das controvérsias. Sua rivalidade tipicamente alexandrina com os antioqueanos (que vide) fê-lo entrar em oposição ativa contra Crisóstomo (que

vide). Foi um polemista influente, embora não usasse de métodos inescrupulosos. Nem sempre os cristãos mais eminentes agem como cristãos. É conforme alguém já disse: «Os grandes pregadores algumas vezes são pequenos cristãos». (E P)

## CIRILO DE JERUSALÉM

Suas datas foram, aproximadamente, 315-386 D.C. Foi um influente cristão em sua época. Tornou-se bispo de Jerusalém em cerca de 350 D.C. De 357 a 381 D.C., esteve envolvido na controvérsia com os arianos (ver sobre o *Arianismo*), em defesa da fé nicena. Ver sobre o *Credo Niceno*. Cirilo era suficientemente liberal para ter comunhão e para cooperar, até certo ponto, com os bispos cristãos semi-arianos. Contribuiu de modo significativo para a doutrina dos sacramentos e para a liturgia católica romana. Tornou-se mais conhecido devido à sua série de discursos catequéticos, feitos durante a Quaresma, para aqueles que tivessem de ser batizados durante a páscoa. Esses discursos consistem na *Procatequese*, as calorosas boas vindas aos candidatos, e nas dezoito instruções *catequéticas* dadas aos candidatos. Cinco dessas catequeses falam sobre as exigências para o batismo e sobre certos aspectos da fé cristã; e as outras treze catequeses explicam os artigos do Credo de Jerusalém (que vide). (AM E)

## CIRO

Chamado Ciro II, o Grande. Foi conquistador da Babilônia, que governou desde 539 A.C. até a sua morte, em 530 A.C. Calcula-se que ele nasceu em cerca do ano 600 A.C. Foi o fundador do império persa. Heródoto informa-nos que ele foi o terceiro de sua linhagem a ter esse nome. Assim sendo, ele deveria ter sido intitulado Ciro III, e não Ciro II, mas foi com este último título que ele se tornou conhecido na história. Ele era filho de Cambises II, e neto de Ciro II. Seu bisavô foi Teispes II, que foi antecedido por Ciro I, Cambises I, Teispes I e Acaemenes. O nome Ciro vem do persa antigo, com o sentido de *cão jovem*, *kurush*.

1. *Conquistas*. Ciro herdou o trono de Ansã. Reuniu uma força armada dentre os persis (moderna província iraniana de Fars) e revoltou-se contra seu suserano medo, Astíages. Aliado com Nabonido, da Babilônia, dele derrotou Astíages, em cerca de 549 A.C., e assim ocupou a capital da Média, Ecbátana, moderna Hamadã. Em cerca de 547 A.C., ele marchou contra Creso, da Lídia, assediou sua capital, Sardes (perto da moderna Izmir), e assim aprisionou Creso. Então fez campanhas na direção do Oriente, entre muitas tribos, e ampliou os seus territórios até o rio Indo e até o sopé das montanhas do Hinducuxe. Retornando para o Ocidente, ele conquistou sua antiga aliada, a Babilônia, aparentemente sem encontrar resistência armada. Isso sucedeu em 539 A.C. Não demorou a controlar a Síria inteira, bem como a Palestina. Honrava o deus babilônico, Marduque, e também os deuses de vários povos capturados. Ele permitiu que exilados de lugares estrangeiros retornassem às suas terras, e isso incluiu os judeus exilados. Portanto, foi ele quem lançou os fundamentos do vasto império persa, sob cujo domínio a Judéia permaneceu província durante os próximos dois séculos. Ciro estabeleceu a sua capital em Pasárgade, na terra de Parsa. Ali têm sido descobertas pela arqueologia as ruínas de um palácio com a seguinte inscrição: «Eu, Ciro, o rei, o acamenida». Desse palácio nos vem a mais antiga peça em relevo da arte persa, um gênio com quatro asas, talvez representando o Ciro deificado.

2. *Seu Reinado*. Ecbátana foi a primeira capital acamenida, mas ruínas provenientes de Pasárgade mostram que Ciro edificou ali palácios e uma cidade. Ele tomou por empréstimo certos costumes e instituições dos medos. Em certo sentido, os medos eram aliados dos persas, e não tinham de pagar impostos, embora estivessem sob o controle persa. Os outros povos, portanto, chamavam o império de medo-persa. Ciro era tolerante para com os povos e suas religiões, conquistando o respeito e o apoio deles.

Heródoto informa-nos que Ciro faleceu em cerca de 530 A.C., quando combatia os massagetai, na Ásia central. Embora um homem de suaves maneiras, chamado pelos persas de *pai*, tal como a maioria dos reis, ele encontrou tempo suficiente para guerras e matanças.

**A Saga de Ciro**

Xenofonte escreveu e idealizou um livro didático sobre Ciro, chamando esse volume de Ciropédia, onde Ciro aparece como um soberano modelo. Xenofonte, Ctésias e Heródoto registraram a sua história. Muitos mitos têm surgido em redor dele. O épico nacional persa, o *Shah Nameh*, ou Livro dos Reis, registra muitas histórias míticas a respeito de Ciro. Vários motivos da lenda de Ciro tornaram-se parte do legado dessa história dos reis da Pérsia. As virtudes e a simplicidade de Ciro tornaram-se lições para outros seguirem. Isso significa que Ciro não somente fundou o multinacional império acamenida e lançou a base para o primeiro império realmente mundial, desde o rio Indo até o mar Egeu, mas também tornou-se o herói de uma saga que ainda sobrevive na época persa nacional. Ele deixou o seu nome em uma cidade central da Ásia, chamada Kureskhata, perto de Kurkath, não longe de Khojert, modernamente Leinabade, no sul da União Soviética.

3. *Seu Decreto*. Os trechos de II Crônicas 36:22,23 e Esdras 1:2,3 informam-nos que Ciro deu permissão aos cativos hebreus da Babilônia para retornarem à Palestina e reconstruírem o templo. A liberalidade de Ciro, no tocante às religiões, sem dúvida foi um fator em tudo isso. *O cilindro de Ciro*. Esse cilindro, descoberto no século XIX, retrata Ciro como um político politeísta, embora também demonstre paralelos com o ponto de vista bíblico a seu respeito, como um homem benévolo, que tinha misericórdia dos cativos. Esse cilindro fala sobre o deus Marduque, que teria procurado um governante justo e encontrou Ciro, o qual assim poupou as cidades e santuários sagrados, e os restaurou.

4. *Ciro e a Profecia Bíblica*. A profecia de Isaías, acerca de Ciro, começa em 41:2,25 e termina em 46:11 e 48:15. Isaías previu que Ciro não somente ordenaria a reconstrução do templo, mas também a reconstrução da própria cidade (Isa. 45:13; 44:28). Seu sucessor, Artaxerxes I, levou adiante o trabalho de reconstrução. O decreto de Ciro, mui provavelmente, incluiu a reconstrução da cidade, embora isso não seja dito especificamente. No trecho de Isaías 44:28-45:8, Ciro é chamado pelo nome, e assim os céticos têm pensado que as profecias envolvidas foram escritas após os eventos, e não antes dos mesmos.

5. *Ciro e as Inscrições*. A arqueologia tem descoberto certo número de inscrições que concordam com as declarações do Antigo Testamento quanto ao governo e às atitudes benevolentes de Ciro. O cilindro de Ciro (ver acima) demonstra isso com declarações ali inscritas. Visto que os judeus não tinham imagens de escultura, receberam permissão de restaurar o seu

templo, em Jerusalém. O édito real, registrado em II Crônicas 36:22,23 e Esdras 1:2,3, reflete o espírito daquele cilindro. Dessa maneira, Israel elogiou o homem que Deus determinara como libertador de seu povo (Isa. 45:1-4). O próprio Ciro, entretanto, afirmava-se inspirado pela divindade babilônica, Marduque. As inscrições naquele cilindro mostram a consciência que Ciro tinha de ser um homem do destino, divinamente nomeado para a sua tarefa. Essa incrível verdade, porém, aplica-se a muitos outros. Na verdade aplica-se a todos os homens, embora à vontade de Deus sejam necessários muitos séculos para levar todos os homens a se ajustarem ao plano de Deus. Para nós, os crentes, pela graça de Deus, essa oportunidade é chegada. (AM ND UN Z)

## CIRURGIA

Ver sobre **Medicina**.

## CISCO E REFUGO

No hebraico, **sechi**, que aparece somente por uma vez em todo o Antigo Testamento, em Lamentações 3:45. A outra palavra, que nossa versão portuguesa traduz por «refugo», aparece por nove vezes: I Sam. 16:7; Jó 34:33; Sal. 78:67; 118:22; Isa. 7:15,16; 8:6; Lam. 3:45; Eze. 5:6.

O termo grego *peripsema*, «varrido para o lado», e que nossa versão portuguesa traduz por «escória», aparece somente em I Cor. 4:13.

Está em foco algo que se desprende por abrasão, por lavagem, ou simplesmente a sujeira ou o lixo. As pessoas pensam que certos indivíduos são a escória da sociedade, mas nem sempre esse juízo humano está correto. A sociedade romana pensava que os primeiros cristãos não tinham nenhum valor, pelo que os seguidores de Cristo eram comparados com a escória. Em certo país comunista, não faz muito tempo, os ministros e missionários cristãos foram classificados como inferiores às prostitutas, dentro da gradação da cidadania. Muitos evangélicos modernos orgulham-se de seus templos luxuosos, com grandes áreas de estacionamento para seus veículos automotores. As condições externas têm-se modificado, mas o espírito não avançou muito. Bem pelo contrário.

## CISMA

No grego, **schisma**, «rasgadura». O substantivo aparece por oito vezes no Novo Testamento: Mat. 9:16; Mar. 2:21; João 7:43; 9:16; I Cor. 1:10; 11:18 e 12:25. O verbo cognato, *schízo*, «rasgar», aparece por onze vezes, desde Mat. 27:51 até Atos 23:7.

Nas três referências do quarto evangelho, quando os judeus estavam em disputa sobre quem seria Jesus, houve uma «divisão» entre eles. Na parábola de Jesus sobre o remendo de pano novo em pano velho, aparece mais a idéia de «rasgar». Na reprovação paulina às contendas e divisões que haviam surgido na igreja cristã de Corinto, nossa versão portuguesa a traduz por «divisão». No vocabulário moderno, um «cisma» é uma divisão eclesiástica, uma separação provocada por falta de harmonia e coordenação, por bons ou maus motivos. Historicamente, há dois grandes cismas: o do século XI, entre as porções Ocidental e Oriental da Igreja Católica, fundada por Constantino, o primeiro imperador romano «cristão»; e o *grande cisma* de 1378-1417, quando houve dois ou até mesmo três papas eleitos, cada qual excomungando um ao outro, uma condição que só foi sanada com a eleição de Martinho V, em novembro de 1417, quando, novamente, houve um só Papa.

A *Reforma Protestante* (*vide*) foi outro *grande cisma*. — Os Protestantes são considerados pelos Católicos tanto como *cismáticos* como *hereges*. Para os Protestantes, os Católicos são os hereges.

Ver o artigo separado sobre *Grandes Cismas* que contém mais detalhes do que este presente artigo sobre *cismas*.

## CISTERCIENSES

Essa ordem religiosa católica romana tornou-se uma realidade mediante o rígido reavivamento da *regra beneditina* (que vide), segundo a qual a erudição era substituída pelo trabalho manual. A ordem foi fundada por Roberto de Thierry, abade de Citeux, no latim, *Cistercium*, o que explica o nome da ordem. A ordem insiste sobre a simplicidade de suas igrejas, residências e vestes. O hábito consiste em uma batina branca com capuz da mesma cor, sobre um casaco negro. Uma capa negra era usada pelos monges, fora dos seus mosteiros. Os membros da ordem que se tornaram melhor conhecidos foram Estêvão Harding, seu terceiro abade (que vede), e Bernardo (que vide). A ordem espalhou-se rapidamente, tendo chegado até a Rússia, na direção leste, e até Jerusalém e a Inglaterra. Neste último país, os santuários da ordem testificam sobre a riqueza material que essa ordem, finalmente, adquiriu. Nos dias do rei Henrique VIII, setenta e cinco casas e vinte e seis conventos da ordem foram suprimidos na Inglaterra. (AM E)

## CISTERNA

No hebraico, **bor**, «lugar cavado», «poço». O termo hebraico é usado por sessenta e sete vezes. Por exemplo: Gên. 37:20-29; Êxo. 21:33,34; Lev. 11:36; I Sam. 13:6; II Reis 18:31; Pro. 5:15; Ecl. 12:6; Isa. 36:16; Jer. 2:13.

Uma cisterna era um lugar onde era guardada água potável (Pro. 5:15; Ecl. 12:6; Isa. 36:16; Jer. 2:13). A maioria das cisternas consistia em reservatórios cobertos, escavados na terra ou na rocha, para onde escorria o excesso de águas da chuva, das fontes ou dos riachos, que eram para ali canalizadas e guardadas. As chuvas tornavam-se raras entre maio e setembro na Palestina e as cisternas tornavam-se o principal meio de se contar com um bom suprimento de água, naqueles meses. As cisternas comuns eram apenas um grande poço, mas, sobre muitas delas foram construídas grandes abóbadas. Visto que a água ali contida era valiosa nos meses de seca, muitas cisternas eram cobertas e disfarçadas, de modo a não serem facilmente descobertas. Em Cantares 4:12 encontramos a expressão «fonte selada», a qual, provavelmente, alude a uma cisterna coberta. A cobertura também era uma medida de segurança, visto que a lama acumulava-se no fundo das cisternas, e qualquer pessoa que ali caísse corria o perigo de afundar na lama, não sendo capaz de dali sair sem falarmos na imensa dificuldade em subir pelas paredes internas da cisterna. Ver Jer. 38:6 e Sal. 40:2. Algumas cisternas de grande tamanho serviam às cidades, as quais eram mais cuidadosamente preparadas, escavadas na rocha ou forradas com tijolos. Cisternas complexamente construídas têm sido encontradas em Jerusalém, Samaria, Marasa, Massada e outros locais antes populados, pelos arqueólogos. Visto que a água era escassa, algumas vezes as cisternas eram causa de conflitos. Uma cisterna seca e

abandonada podia ser usada comó cárcere, conforme vemos nos casos de José e Jeremias (Gên. 37:22 e Jer. 38:6).

Por ocasião da conquista da Palestina por Israel, cisternas foram tomadas (Deu. 6:11). Governos progressistas eram assinalados por muitas cisternas que eram feitas, tal como, nos nossos dias, os governos de áreas secas constroem reservatórios e represas. As cisternas eram objetos das obras públicas (II Crô. 26:10). Além de serem usadas como cárceres, as cisternas secas ou abandonadas eram utilizadas como silos, onde eram guardados cereais ou outros bens; e também eram empregadas como túmulos.

*Usos Figurados*. 1. A quebra da roda que era usada para puxar o balde do fundo do poço (ver Ecl. 12:6), serve de símbolo da perda da vitalidade do corpo físico, do que resulta a morte. 2. Tomar água da própria cisterna indica desfrutar de prazeres legítimos (Pro. 5:15). 3. As «cisternas rotas» de Jer. 2:13 indicam as maneiras vãs dos homens tentarem satisfazer suas necessidades espirituais. Deus é a fonte das águas vivas, mas o homem, em sua ignorância e rebeldia, volta-se para meras cisternas rotas.

## CITA

Esse é um termo sânscrito que significa «material mental». Trata-se de um vocábulo chave na interpretação do «ego», dentro do sistema da ioga. O ego de uma pessoa desenvolver-se-ia com base no cita. Mas ambos, o ego e o cita, não teriam realidade última. Resultariam da confusão do não-eterno com o eterno. O cita parece ser uma espécie de estado intermediário entre o espírito e o ego. Os homens identificam, equivocadamente, o próprio «eu» como o corpo e a mente. Quando nos libertamos do cita, isso destrói o ego e revela a verdadeira personalidade. Ver o artigo sobre a Ioga, quanto a seus complexos conceitos acerca da natureza humana. (P)

**CITA (POVO)** Ver **União em Cristo, Seção I. c. Cita.**

## CITAÇÕES NO NOVO TESTAMENTO

1. Número e tipos.
2. Afinidades textuais.
3. Estilo das citações do A.T.
4. Propósitos das citações do A.T.
5. Citações de fontes externas ao A.T.

**1. Números e Tipos**

A maior parte das citações existentes no N.T. é extraída do A.T. A maioria delas ocorre nos evangelhos sinópticos, nas epístolas de Paulo, em Hebreus e no Apocalipse. Quantas delas são dependentes do número de citações alusivas ao A.T.?—essa é uma questão delicada. O número de citações explícitas do A.T. tem sido variegadamente calculado entre 150 e 300; e o número de citações alusivas, mais de mil. O livro de Apocalipse contém muitas citações alusivas, mas nenhuma explícita.

As citações explícitas do A.T. são de fácil identificação. São introduzidas, por muitas vezes, com fórmulas de citação. As citações alusivas são cláusulas, frases e, algumas vezes, palavras isoladas, que facilmente podem escapar à nossa atenção. Por exemplo, o leitor desatento pode perder de vista as palavras saídas da nuvem, por ocasião da transfiguração de Jesus (Mat. 17:5), que procedem de três trechos diferentes do A.T.: «Este é o meu Filho amado» (Sal. 2:7), «em quem me comprazo» (Isa. 42:1), «a ele ouvi» (Deu. 18:15). Mais facilmente negligenciadas ainda são as palavras mediante as quais *Mateus* descreveu José de Arimatéia. Em Mar. 15:43 ele é um «ilustre membro do Sinédrio», e em Mat. 27:57 ele é «um homem rico», a fim de ajustar-se à predição de Isaías, sobre o Servo Sofredor, que «com o rico esteve na sua morte» (53:9).

É possível que algumas coincidências de palavras e de fraseados entre o A.T. e o N.T. tenham sido fortuitas, como é provável no caso do relato das fugas para o Egito por parte de Jeroboão (I Reis 11:40) e da sagrada família (Mat. 2:13-15). Na maioria dos casos, porém, houve alusões conscientes, pois a educação judaica alicerçava-se sobre os relatos do A.T. Por força da memória, muitos dos rabinos eram «concordâncias vivas». Uma prática literária comum, da época do N.T., era a mescla da fraseologia do A.T. com a própria fraseologia dos autores sagrados.

**2. Afinidades Textuais**

Ao citarem o A.T., os escritores do N.T. ocasionalmente transliteraram o hebraico (ou aramaico) original. Por exemplo, «Emanuel» (Mat. 1:23), e «Eli, Eli, lama sabachtani» (Mar. 15:34). Usualmente, eles seguiram o texto da Septuaginta, mesmo quando esta tradução diferia do texto massorético. Todavia, o N.T. pode discordar da LXX por uma citação inteira, ou apenas por parte de uma citação. Algumas vezes, essa discordância com a Septuaginta exibe concordância com o texto massorético, os Targuns, o A.T. Peshita, Teodócio e até com textos variantes dos manuscritos hebraicos da tradição rabínica e com Josefo. E, noutras ocasiões, exibe total independência de qualquer tradição textual conhecida do A.T. Às vezes ocorrem combinações de diferentes tradições textuais, dentro de uma única citação do A.T. Isso ocorre principalmente no caso das chamadas *fórmulas de citação*, em Mateus, introduzidas por alguma declaração como «para cumprir-se o que o Senhor dissera pelo profeta».

Essas mesclas dificilmente derivam-se de citações inexatas, feitas de memória (como muitos dizem). Isso é improvável devido às numerosas concordâncias com várias tradições textuais e pela harmonia entre diferentes escritores do N.T., em contraposição a todas as outras fontes (ver Mat. 11:10; Mar. 1:2; Luc. 7:27 com Mar. 3:1; Rom. 9:33; I Ped. 2:6 com Isa. 28:16). Por isso, os estudiosos têm exposto várias hipóteses para explicar o fenômeno. A idéia tem sido parcialmente confirmada pelos textos messiânicos descobertos na caverna de Qumran. Outros pensam que houve uma espécie de «atualização» de certos trechos citados, como no caso do comentário de Habacuque, encontrado em Qumran.

**3. Estilo das Citações do A.T.**

As fórmulas introdutórias de citações são várias. «Está escrito» é fórmula que frisa a validade permanente das revelações do A.T. «Para que se cumprisse» aponta para a consumação de alguma revelação veterotestamentária nos eventos do N.T. Outras fórmulas são «diz a Escritura», «diz Deus», «diz o Senhor», «diz o Espírito Santo», etc. Todas essas introduções refletem o conceito de inspiração da parte de Jesus e dos escritores do N.T. Deus aparece como autor das Escrituras, ao ponto destas, às vezes, serem personificadas, embora também transpareça o elemento humano, nas referências a Moisés, a Davi, a Isaías e a outros.

Deve-se destacar o método *haraz* de citar dois ou três trechos do cânon hebraico. Por exemplo, Rom. 11:8-10, que cita Is. 29:10; Deu. 29:43 e Sal. 68:23 *ss*. Também há combinações baseadas em alguma palavra-chave, entre as quais destaca-se a citação sobre a «pedra», em Rom. 9:33 (Isa. 8:14 e 28:16), e em I Ped. 2:6-8 (Isa. 28:16; Sal. 118:22 e

Isa. 8:14).

Também há problemas de atribuição. Na citação de Mat. 27:9, sobre as trinta moedas de prata, a citação é atribuída a Jeremias, embora baseada em Zac. 11:13. Há tentativas de explicação desses casos, mas não são definitivas. E também há casos notórios de atribuição difícil, como nos casos de Mat. 2:23; João 7:38 e Efé. 5:14, pois por muitas vezes há citações sem a indicação da fonte. O que valia para os autores sagrados era o *sentido* tencionado, e não a fraseologia exata.

Os autores do N.T. são acusados de terem interpretado erroneamente o texto do A.T. Mas é que às vezes está em foco a tipologia de alguma passagem, sem ser negado o seu sentido original dentro do seu arcabouço histórico.

**4. Propósitos das Citações do A.T.**

É fortíssimo o motivo de cumprimento nas citações do A.T. As citações que cabem dentro da categoria de cumprimento dizem respeito tanto a predições diretas de eventos futuros quanto a significação tipológica por detrás do intuito dos escritores do A.T. No N.T., os principais motivos dessas citações são estes: Jesus age como o próprio Yahweh. Ele é o Rei messiânico que fora predito; o Servo de Yahweh, de Isaías; o Filho do homem, de Daniel. Ele culmina a linha profética, a sucessão dos sofredores justos do A.T. e a dinastia davídica. Ele reverte o efeito do pecado de Adão, cumpre as promessas divinas feitas a Abraão e recapitula a história de Israel.

Os sacerdócios de Aarão e Melquisedeque prefiguram (o primeiro, algumas vezes, contrasta com o segundo), o sacerdócio de Cristo. O cordeiro pascal e outros sacrifícios representavam a morte sacrificial e remidora de Jesus, e também o serviço cristão. Jesus é o pão transmissor de vida, como o maná, a rocha de onde mana a água viva, a serpente que fora levantada no deserto e o templo-tabernáculo onde Deus habitava entre os homens.

*João Batista* foi o precursor profético predito. Jesus inaugurou o período escatológico de salvação, que fora predito, bem como a nova aliança. Judas Iscariotes cumpriu o papel dos ímpios que foram oponentes dos sofredores justos do A.T. A Igreja (ou mesmo os crentes individuais) é a nova criação, a semente espiritual de Abraão, por motivo de sua incorporação em Cristo, o novo Israel e o novo templo. A lei mosaica prefigurava a graça positiva e negativamente. O dilúvio representava o juízo final e o batismo cristão. A passagem pelo mar Vermelho e a circuncisão também retratavam o batismo. Jerusalém representa a cidade celeste. — A entrada em Canaã prefigurava a entrada dos crentes no descanso espiritual. A proclamação do evangelho a todos os homens cumpre as promessas feitas a Abraão e as predições proféticas de salvação a todos os povos. As citações do A.T., pois, cabem dentro de um limitado conjunto de temas bem reconhecidos, o que contrasta com o tratamento confuso dos textos do A.T., nos escritos rabínicos. Os crentes primitivos devem ter aprendido a hermenêutica do A.T. com o próprio Jesus (cf. Luc. 24:27,32).

O conceito de «história da salvação» sublinha o cumprimento que aparece nas citações do A.T. Deus dirige a história segundo o seu propósito remidor. Ele revela o que fará através dos seus profetas. As predições deles têm o poder de produzir o seu próprio cumprimento, pois derivam-se do Senhor da história.

As citações do N.T., relativas a Jesus e à Igreja, derivam-se de enredos veterotestamentários bastante limitados:

a. Textos apocalíptico-escatológicos: Joel 2 e 3; Zac. 9-14; Dan. 7 (primários). Mal. 3:1-6; Dan. 12 (suplementares).

b. Textos sobre o novo Israel. Osé 13:9 e *ss*. Isa. 6:1-9:7; 11:1-10; 28:16; 40:1-11; Jer. 31:10-34 (primários). Isa. 29:9-14; Jer. 7:1-15; Hab. 1 e 2 (suplementares).

c. Textos sobre o Servo do Senhor e o Justo Sofredor: Isa. 42:1-44:5; 49:1-13; 50:4-11; 52:13—53: 12-61; Sal. 69:22; 31; 38; 88; 34; 118; 41; 42 e 43; 80 (primários). Isa. 58:6-10 (suplementares).

d. Textos miscelâneos. Sal. 8; 110; 2; Gên. 12:3; 22:18; Deu. 18:15,19 (primários). Sal. 132; 16; II Sam. 7:13,14; Isa. 55:3; Amós 9:11,12 (suplementares).

A isso pode-se adicionar Êxo. 1-4; 24; 34; Núm. 23 e 24; II Reis 1; Sal. 78; Dan. 2; a porção final de Dan. 11 e Dan. 12; Isa. 13; 34 e 35; e os últimos capítulos de Isaías; Miq. 4; 5; 7; Zac. 1-6; e o restante de Malaquias (além de 3:6).

O A.T. é a base de comentários (como no ensino de Jesus sobre o matrimônio e o divórcio, em Mar. 10:2-9 e paralelos). Ou a base de algum argumento (como no debate de Jesus com os saduceus acerca da ressurreição, em Mar. 12:18-27 e paralelos). Ou o A.T. é citado preceitualmente (cf. a reiteração de nove dentre os dez mandamentos, em passagens dispersas pelo N.T.).

**5. Citações de Fontes Externas ao A.T.**

À parte das citações do A.T., Mateus e Lucas citaram Marcos, e talvez, «Q» e outras fontes (ver o artigo *Problema Sinóptico*, e *cf*. Luc. 1:1-4). Nas epístolas há citações alusivas aos Ditos de Jesus. Paulo citou, em Atos 20:35, uma declaração de Jesus que não é registrada em qualquer outro lugar. Lucas cita, em Atos, certo número de sermões e discursos de cristãos. Os ensinos de Jesus foram citados pelos evangelistas, porém, nem sempre ao pé da letra. A diferença de estilo dos discursos de Jesus, em João e nos sinópticos, deve-se a pelo menos três fatores: a. Na tradução do aramaico e do hebraico para o grego, o pesado estilo grego de João fez-se sentir mais do que no caso dos sinópticos; b. João parafraseou mais vezes do que os sinópticos; c. João preservou deliberadamente uma linha de tradição que não transparece nos sinópticos. Mas, o fato de que Jesus falou no estilo joanino é indicado em Mat. 11:25-27 e Luc. 10:21,22.

Em uma classe inferior, situaríamos as citações de orações, hinos cristãos, credos e outro material tradicional. Alguns ajuntam a isso hinos litúrgicos, fórmulas credais, exortações para momentos de perseguição, extratos catequéticos, etc. Paulo pode ter citado trechos de suas epístolas anteriores, e os autores sagrados citaram-se mutuamente.

Há possíveis citações de livros apócrifos, como, por exemplo, em Mat. 11:28-30 (Eclesiástico 51:23 *ss*). Rom. 2:4 (Sabedoria de Salomão 11:23); Heb. 1:1-3 (Sabedoria de Salomão 7:25-27); 11:35-37 (II Macabeus 6 e 7). Judas 14 e 15 cita o pseudepígrafo de I Enoque 1:9, e, aparentemente, uma porção atualmente perdida da Assunção de Moisés (Jud. 9). A descida de Cristo ao Hades, I Ped. 3:18-4:6 é dependente de I Enoque. Muitas frases do Apocalipse têm sido atribuídas à literatura apocalíptica judaica extracanônica. Material vindo de escritores pagãos, como Epimênides, Arato, Cleantes, Calímaco e Menandro é citado em Atos 17:28; I Cor. 15:33; Tito 1:12. Paulo parece ter citado «slogans» de seus adversários em I Cor. 6:12; 8:1 e II Cor. 10:10.

●●● ●●● ●●●

## CITÔPOLIS

No grego, **Skuthópolis**; cf. **Skuthon pólis**, «cidade dos citas», em II Macabeus 12:29, e *Skuthopolítai*, em II Macabeus 12:30. Esse era o nome grego de Bete-Seã, atual Beisan. Na época de Cristo, era uma das cidades da Decápolis (que vide). O nome talvez relembre as invasões dos citas, nos fins do século VII A.C.

## CIÚME, ÁGUA DE

Ver **Água Amarga**.

## CIÚMES

É estranho que o ciúme geralmente venha acompanhar um intenso amor entre as pessoas. Alguém já disse que o ciúme é o mau cheiro do amor. Seria assim mesmo? No hebraico temos a palavra *qinah*, «ciúme», «zelo», que figura por quarenta e uma vezes. Por exemplo: Núm. 5:14,15,18,25,29,30; Deu. 29:20; Eze. 8:3,5; 36:5,6; Zac. 1:14; 8:2. No Novo Testamento temos a palavra grega *parazelóo*, «ter muito ciúme», que ocorre por quatro vezes: Rom. 10:19 (citando Deu. 32:21); 11:11,14; I Cor. 10:22. Em Rom. 11:14, «emulação»; em I Cor. 10:22, «zelos».

A palavra hebraica envolvida salienta o rubor do rosto, uma espécie de ira reprimida, indicando ardor ou zelo, de forma positiva ou negativa. Tal palavra pode ser traduzida como «ardor», «zelo» ou «ciúme».

1. *Ciúmes Positivo*. O ciúme é um tipo de apreensão mental, quando a pessoa que o sente, sente estar sendo preterida por aquele que a ama, em favor de outrem. Seria o temor de ser substituído por um rival qualquer. Também envolve a atitude de ânsia e vigilância acerca daquilo que é considerado propriedade de quem tem ciúmes, como se essa pessoa ou objeto pudesse ser perdido ou prejudicado de alguma maneira. No caso de Deus, o ciúme sempre é positivo, porquanto o rival é o reino do mal, que só pode prejudicar os amados do Senhor. Nesse caso, não temos a manifestação de um egoísmo insensato. Por isso as Escrituras afirmam que Deus é um Deus «zeloso» (Êxo. 20:5), razão pela qual ele quer que todos os seus mandamentos sejam cumpridos. O cumprimento dos mandamentos do Senhor é benéfico para aqueles que são amados por Deus. O amor é a base do zelo ou ciúme de Deus. Em outras palavras, trata-se de uma forma de amor. Essa emoção do ciúme também pode ser experimentada pelos homens, e pode ser genuína, embora seja muito difícil distinguir onde o amor termina e o egoísmo começa. O apóstolo Paulo manifestou esse tipo de ciúme pelos seus convertidos. Ver I Cor. 11:2.

2. *Ciúmes Negativo*. Esse tipo de ciúmes mistura o amor com o egoísmo. O critério de distinção deve ser o seguinte: sinto ciúmes porque temo que algo venha a prejudicar alguém a quem estimo, ou sinto ciúmes simplesmente porque não quero perder aquela pessoa ou coisa, com base em minha possessividade e egoísmo? Uma resposta bem pensada usualmente revela a existência desses dois elementos, que as *emoções* não conseguem separar adequadamente. Há casos em que o ciúme consiste em puro egoísmo. Um ciúme negativo foi que levou os irmãos de José a vendê-lo como escravo. Não houve qualquer motivo altruísta por detrás do ato deles. José era o suposto rival deles, que roubava todo o afeto e atenção do pai deles. Simplesmente, queriam livrar-se dele. Anos mais tarde, quando se reuniram todos no Egito, eles não choraram? É possível que, desde o início, houvesse o sentimento de amor, mas este foi afogado pela emoção mais imperiosa do ciúme. Seja como for, é impressionante como o ciúme pode transformar-se, rapidamente, em puro ódio. A razão para isso é simples: é mais fácil odiar do que continuar suportando mentalmente a forte emoção do ciúme. Acontece, portanto, que as pessoas que foram alvo do ciúme de outrem, acabam sendo o alvo do ódio dessa pessoa. O ciúme pode ser um sinônimo de «inveja». Porém, conforme já vimos, há um aspecto que pode ser positivo no ciúme, ao passo que a inveja sempre se manifesta como um sentimento negativo.

3. *Uma Obra da Carne*. Faz-nos pensar com sobriedade quando descobrimos que os ciúmes fazem parte da lista de vícios ou obras da carne, em Gálatas 5:19 e onde aparece a palavra grega *zelos*. Nesse caso, ciúmes é apenas um outro nome para egoísmo. Certamente envolve tanto o ódio quanto o ressentimento, levando a pessoa ciumenta a muitos atos desordenados. Mas tudo é feito na busca pelo conforto mental do indivíduo ciumento, e não visando ao bem da outra pessoa. O irmão do filho pródigo teve ciúmes dele e isso foi o começo de suas dificuldades (Luc. 15:25-30). As atitudes mentais impróprias são pecados (Mat. 5:21-31), além de serem a inspiração que impulsiona atos pecaminosos. O ciúme e a inveja manifestam-se tão comumente entre os homens porque o ser humano é, essencialmente, um ser egocêntrico. Amar consiste em deixar de lado o egocentrismo. O amor não arde em ciúmes (I Cor. 13:5); não ultrapassa seus legítimos direitos. O amor tem origem divina (I João 4:8), pelo que o crescimento na espiritualidade é o antídoto para todas as modalidades de vício humano.

## CIVILIZAÇÃO

Consideremos os pontos abaixo, a esse respeito:

1. *A Palavra*. O termo «civilização» vem do latim *civis*, «cidadão». Originou-se na França, tendo sido usado pela primeira vez em 1756, por Mirabeau. Ele utilizou-se do termo para indicar que o homem elevou-se acima de seu estado primitivo, até chegar a um estado mais humanizado. Com freqüência, a palavra tem sido usada com o sentido de *cultura*. Spengler (que vide) distinguia entre «civilização» e «cultura», fazendo a primeira referir-se ao estágio final do desenvolvimento cultural. Alfred Weber (que vide) também fazia distinção, supondo que o processo da civilização é contínuo, mas que o processo de cultura opera esporadicamente. Seja como for, o termo envolve a idéia, de modo geral, do progresso do homem desde as formas primitivas até as formas aprimoradas.

2. *Em Emanuel Kant*. Para ele, a civilização é o sinal do homem sofisticado, que inclui considerações estéticas e morais. Porém, ele também empregou o termo para aludir ao refinamento artificial. Esse refinamento pode ser superficial e forçado. Porém, a verdadeira *cultura* (em contraste com a civilização externa) é algo que pertence ao campo moral, interior, não consistindo em mera decência externa. A cultura, pois, é o *ens humanissimum*, em contraste com o homem civilizado apenas superficialmente.

3. *De acordo com Pestalozzi*, 1797. Com toda a razão, esse filósofo (que vide) falava sobre a lei do amor como a força moral que cria a cultura.

4. *De acordo com Karl Marx*. Ele usava a palavra «civilização» mais ou menos à maneira de Kant, denunciando suas qualidades externas que não satisfazem às necessidades do verdadeiro homem.

Para ele, a civilização pode ter um efeito contrário àquilo que deveria ter. Ela pode *desumanizar* uma pessoa, em vez de humanizá-la.

5. *De acordo com Nietzsche*. Ele falava sobre o antagonismo básico entre a cultura e a civilização. Os confortos da civilização fazem muitas coisas boas tornarem-se acessíveis aos covardes. Isso também tende por desenvolver os elementos mórbidos e prejudiciais que podem causar o declínio fisiológico da raça humana. Portanto, a cultura deve visar o aprimoramento verdadeiro do homem. Esse filósofo alemão observava com preocupação os efeitos da tecnologia que está transformando cada vez mais o nosso mundo, a partir do século XIX. Ele sentia que isso não contribui para o aprimoramento verdadeiro das pessoas, como indivíduos.

6. *De acordo com Goethe*. Ele observava que a humanidade, como um todo, certamente continuará progredindo, mas que o próprio *indivíduo* sempre permanecerá o mesmo. Essa declaração tem-se revestido de uma implicação assustadora, agora que enfrentamos o aniquilamento mediante armas atômicas e químicas. Foi mister um imenso avanço tecnológico para possibilitar que um único homem levasse consigo um dispositivo atômico de pequeno volume, capaz de destruir uma cidade inteira! Quando observamos essas coisas, somos tentados a aliar-nos aos filósofos que têm estabelecido clara distinção entre civilização e cultura. É possível que os movimentos jovens, que requerem mudanças radicais e imediatas, estejam alicerçados sobre uma intuição interna, talvez mais própria da juventude, que sente que grande parte da civilização consiste apenas em decadência em meio a abastança material. A fuga para o antimundo das drogas, encetada por tantos jovens modernos, talvez seja, pelo menos em parte, resultante dessa intuição. Por outro lado, cumpre-nos considerar o problema da qualidade da alma, a qual, segundo penso, cada indivíduo já traz consigo, porque, segundo sinto, a alma é preexistente, conforme também diziam vários dos pais gregos da Igreja. As almas que são débeis, moral e espiritualmente falando, sob a pressão externa, naturalmente fogem para esse antimundo, para essa irrealidade.

7. *De acordo com Albert Einstein*. Esse grande matemático queixava-se da civilização porque a mesma dispõe de *meios perfeitos*, mas de *finalidades confusas*. A civilização produz superestradas que facilitam a viagem física, mas que negam às massas qualquer lugar para a espiritualidade. A civilização tem a mania de querer ampliar a duração da vida física, atarefando-se em uma batalha constante contra as enfermidades e a morte. Mas, ao mesmo tempo em que, presumivelmente, promove a vida, olvida-se inteiramente da vida eterna.

8. *A Dimensão Espiritual*. Nada haveria de errado com a civilização propriamente dita. Os homens cunharam a palavra «cultura», para fazer contraste com o termo «civilização», não porque há uma diferença a ser notada, mas porque os homens têm pervertido a civilização. Nada há de errado com as grandes rodovias, com os medicamentos que curam as enfermidades, e com os confortos e conveniências que nos dão tempo para nos preocuparmos com coisas além daquelas necessidades básicas. Porém, os homens pervertem essas coisas: usam o dinheiro na prática dos vícios, usam seu tempo vago com propósitos errados e gastam-no com seus prazeres ociosos. Eles usam as máquinas e a tecnologia para prejudicar e matar. Não tenho dúvidas de que o destino físico do homem tem por finalidade incluir a ciência e a tecnologia de toda variedade. Parte desse propósito é ensinar à humanidade como se aprende a controlar o avanço físico por meio de princípios espirituais. Como um todo, o homem ainda não alcançou grande progresso nesse tipo de desenvolvimento; mas as tribulações que aguardam a humanidade haverão de proporcionar um grande avanço nessa área. Uma vez que os homens compreendam que a ciência, não controlada pela espiritualidade, torna-se mortífera, eles haverão de querer desenvolver a sua espiritualidade, a fim de poderem controlar a tecnologia e a ciência.

**História que Ilustra essa Tese.** — Havia um idoso rabino, famoso por sua sabedoria. Certo dia, ele foi visitado por um jovem que era figadalmente contrário à ciência e à tecnologia. Este queixou-se de que a tecnologia é inútil e prejudicial, quando são levados em conta os verdadeiros valores da vida. Mas, o sábio rabino afirmava que é possível aprendermos de *todas as coisas*. Diante disso, o jovem fez várias perguntas, que foram respondidas como segue: Que podemos aprender com as estradas de ferro? Resposta: Que em um breve instante, como em um acidente, podemos perder tudo. Portanto, convém que cultivemos a nossa espiritualidade. Que podemos aprender do telégrafo? Resposta: Que cada palavra deve ser contada e levada em consideração. Que podemos aprender por meio do telefone? Resposta: Que há alguém que nos ouve à distância, atentando ao que dizemos aqui e agora, considerando-nos responsáveis pelo que dizemos. O visitante entendeu, convencido por esses argumentos, e se foi.

## CIVILIZAÇÃO CRISTÃ

Quando a civilização romana da Europa ocidental foi destruída pelos bárbaros invasores (a própria cidade de Roma foi saqueada por Átila, o godo, em 410 D.C.), a Igreja Cristã tornou-se a única patrocinadora dos valores da civilização greco-romana que restaram no ocidente europeu, e, durante mil anos, ocupou esse papel. Novas invasões ameaçaram essa circunstância, até que, finalmente, a Europa ocidental foi superficialmente cristianizada, emergindo como uma nova civilização. Somente a Igreja produzia homens bem-educados, pelo que a educação formal tornou-se uma função da Igreja, e não mais do estado, como fora antes. Porém, a maioria dos líderes envolvia-se nas questões do estado e da Igreja, e as duas atividades mesclaram-se. Apesar desses tempos terem sido denominados «a Idade das Trevas», de barbarismo e de fanatismo religioso, misturados, os historiadores mais recentes nos têm fornecido uma estimativa mais favorável a respeito. As realizações no campo da filosofia, nesse período, foram óbvias e duradouras. Foram lançados os fundamentos da mecânica e da astronomia, sobre os quais Copérnico, Kepler e Galileu edificaram mais tarde. A autoridade da Igreja sobre o estado, na nova Europa, foi mantida. Ver o artigo sobre a *Cristandade*. Isso foi interrompido pelo surgimento do nacionalismo e do secularismo; e as mudanças foram consolidadas pela renascença (que vide) e pela Reforma Protestante. Dali, a civilização cristã foi passando por estágios seculares. É nessa fase que a encontramos essencialmente em nossos dias, à parte de sua expressão na própria Igreja Católica Romana. Não devemos esquecer que, além da educação em geral, escolas de todos os níveis, uma grande herança literária, hospitais e outras organizações filantrópicas foram desenvolvimentos que tiveram origem na civilização cristã da Idade Média. (C)

••• ••• •••

## CLÃ

**Não há nenhuma palavra hebraica ou grega que** corresponda exatamente à idéia de «clã», nas páginas da Bíblia. Mas o conceito está embutido nos três vocábulos hebraicos e no vocábulo grego básico, a saber:

1. *Eleph*, «mil», em Juí. 6:15, que nossa versão portuguesa traduz por «família».

2. *Bayith*, «casa», que aparece, por exemplo, em I Crô. 13:14; II Crô. 35:5,12; Sal. 68:6. Esse vocábulo hebraico é de ocorrência bastante comum. O contexto é que decide se devemos entendê-lo literalmente, referindo-se a uma construção, ou se devemos entendê-lo metaforicamente, com o sentido de família.

3. *Mishpachah*, «família». Termo hebraico que figura por quase trezentas vezes, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 10:5,18,20,31,32; Êxo. 6:14-25; Lev. 20:5; Núm. 1:2,18,20; 3:15 *ss*; 4:2,18,24,29,34-38,40,41,42,44,45,46; Jos. 7:14,17; 13:15,23,24,28, 29,31; Juí. 1:25; I Sam. 9:21; II Sam. 14:7; I Crô. 2:53,55; 7:5; Jer. 1:15; Eze. 20:32; Amós 3:1,2; Zac. 12:12-14; 14:17,18.

4. *Patriá*, «família». Palavra grega que ocorre por três vezes: Luc. 2:4; Atos 3:25 e Efé. 3:15.

Os idiomas semíticos usam palavras para indicar as relações de família de maneiras diferentes das línguas européias. Assim, podemos pensar em uma única família, com laços de unidade bem definidos, ou em uma família com grande complexidade de relações e descendência. Essa complexidade podia incluir até mesmo pessoas que não tinham vínculos de sangue, como concubinas, servos, etc., e não somente os verdadeiramente aparentados por motivo de descendência ou casamento.

## CLAPHAM, SEITA

**Esse foi o nome dado a um grupo de abastados e** influentes evangelistas anglicanos, que viveram no século XVIII. Adoravam na igreja da paróquia de Clapham, de onde lhes veio o nome. J. Venn foi o reitor dessa capela de 1792 a 1813. Talvez William Wilberforce (que vide), também pertencesse ao grupo. As ênfases específicas do grupo eram as seguintes: a. A abolição da escravatura. b. A promoção do trabalho missionário no estrangeiro. c. O socorro aos pobres. d. A ênfase sobre a leitura da Bíblia, a guarda do dia de sábado, vidas puritanas e bem disciplinadas. Portanto, eles foram cristãos sérios. Wilberforce opôs-se à guerra da Inglaterra contra a América do Norte (a chamada Revolução Americana). Também tentou obter um decreto, através do parlamento inglês, abolindo a escravidão. E ajudou a fundar a Sociedade Bíblica inglesa. (C E)

## CLARIVIDÊNCIA

**Esse termo significa, literalmente, «visão clara».** Mas está em vista a percepção psíquica, e não uma visão física aguçada. De acordo com a definição popular, essa palavra indica a capacidade de ver coisas que não são visíveis para a visão humana normal, capacidade essa chamada de visão interior. De modo frouxo, o termo aponta para a sagacidade intuitiva. Também tem sido utilizado como sinônimo de telepatia (que vide), sem falarmos nas *habilidades psíquicas* em geral. Entretanto, a definição que lhe dá a emergente ciência da parapsicologia, contrasta essa palavra com a telepatia, restringindo-a a apenas uma habilidade psíquica especial. Nesse caso, clarividência é a capacidade psíquica de conhecer coisas não sujeitas à percepção dos sentidos, e que não envolve qualquer troca de informações entre as mentes. Para exemplificar, saber onde se encontra um objeto perdido é clarividência. Outro tanto se dá com a capacidade de localizar o lugar onde foi sepultado um cadáver, ou se o mesmo está em um rio, em um lago, etc. Ou então saber que um incêndio começou em um lugar distante, ou que houve um terremoto. Porém, uma vez que ocorre a intercomunicação entre mentes, já precisamos pensar na telepatia. Ambas essas capacidades são naturais e inerentes, conforme inúmeros testes de laboratório as têm demonstrado. Ambas as coisas operam nos nossos sonhos, o que tem sido abundantemente provado por aqueles que se dão ao trabalho de registrar e interpretar os seus sonhos. E ambos os fenômenos também estão sujeitos à atividade de espíritos estranhos, os quais, visto serem espíritos, têm essas capacidades, podendo-as impor aos espíritos humanos.

Os homens, sem importar se conscientemente ou não, empregam constantemente essa capacidade. A vinha dos sonhos é um importante fator de informações psicológicas e de instrução espiritual. Os sonhos dependem das nossas funções psíquicas. Isso faz parte da natureza humana, não sendo algo estranho à mesma. Como tal, está sujeito ao uso e orientação do Espírito de Deus. Não há homem vivo que não seja também um entidade não material, uma *psique*. E todos usamos, diariamente, nossas capacidades psíquicas. De fato, sem elas, seria impossível movermos um dedo, e muito menos trabalhar. A mente controla o corpo, em todas as coisas, mediante seus poderes psicossinéticos. Toda ação origina-se na vontade, a qual manipula a porção física do homem por meio dos poderes psíquicos intermediários. Isso se chama *psicossinésia* (que vide). A *psique* (ou espírito) usa constantemente o veículo que chamamos de corpo; e os poderes psíquicos são o *modus operandi* dessa interação.

Também há uma constante intercomunicação entre as mentes, sobretudo durante o sono. Nada existe de desnatural ou maligno nisso. Isso faz parte da natureza humana. Abusar desses poderes, porém, já é uma outra questão. Todas as coisas estão sujeitas ao abuso, por parte do homem pecaminoso, e não somente as capacidades psíquicas humanas. Mas isso não quer dizer que os poderes dos quais abusamos sejam maus por si mesmos. As pessoas que aludem a todos os poderes psíquicos como se fossem inerentemente maus, ou, pelo menos, como coisas que deveríamos evitar, não cessam de usar seus poderes psíquicos, pois isso nos é simplesmente impossível. E isso não os torna mais pecadores que o resto da humanidade. Ver o artigo sobre a *Parapsicologia*, onde apresento uma descrição geral acerca das capacidades psíquicas e de como esses fenômenos se manifestam, e onde defendo, com maiores detalhes, a tese aqui discutida. (AM CHE DRE E EC)

## CLARK, GORDON HADDON

**Nasceu em 1902. Autor das seguintes obras:** *Readings in Ethics; A Christian View of Men and Things; Religion, Reason and Revelation.*

*Idéias*: 1. A tarefa da ética é prestar orientação moral. Esta deve repousar sobre leis universais, e não sobre o ceticismo moral. 2. Essa tarefa requer uma teoria de justificação moral. A fim de encontrar essa justificação, Clark olhava para as Sagradas Escrituras e para a razão. Na revelação divina, encontramos as leis universais de que precisamos. Através dessas leis

universais e através do uso da razão, podemos deduzir outras leis, no caso de situações particulares que não são especificamente cobertas na Bíblia. 3. As teorias empíricas são logicamente injustificáveis, visto que lhes faltam qualquer argumento indutivo válido, capaz de derivar obrigações morais dos fenômenos observáveis. O sistema dedutivo, por outra parte, não conta com argumentos válidos baseados em princípios abstratos, que sejam então aplicados a casos específicos. A fim de evitar os problemas das teorias empíricas, Clark começava pela revelação bíblica. Em outras palavras, um teólogo bíblico escrevia sobre assuntos éticos. 4. A ética reveste-se de natureza *absoluta*. Deus estabeleceu as regras e então revelou-as nas páginas da Bíblia. Deus é soberano e estabelece leis. A honestidade é a melhor norma, precisamente porque Deus constituiu as coisas e suas relações de maneira honesta. 5. O *voluntarismo* (que vide) faz parte do pensamento desse escritor. Tudo quanto Deus faz é correto, precisamente porque Ele assim faz. (H)

## CLARKE, ADAM

Autor e erudito metodista, nascido em 1760 e falecido em 1832, melhor conhecido por sua exposição da Bíblia inteira, essencialmente versículo por versículo. Ele era um escritor capaz, que incluía muitas ilustrações e observações curiosas em seus escritos, de tal modo que lê-los é como percorrer uma loja de curiosidades. Não obstante o seu estilo, há muito material sólido em seu comentário. Contudo, ele mostrava-se unilateral, fortemente arminiano. Devido à época em que foi escrito, o comentário não conta com informes arqueológicos ou com crítica textual, embora seu valor seja inegável. O próprio fato de que seu comentário continua sendo vendido em nossos dias, tendo sido reimpresso em edições modernas, serve de prova de seu valor. (SPU)

## CLARKE, JAMES FREEMAN

Suas datas foram 1810-1888. Foi ministro unitário, nascido em Hanover, estado de New Hampshire, EE.UU. Formou-se pelo Harvard College and Divinity School, tendo-se tornado ministro em Louisville, Kentucky, e professor da Harvard Divinity School. Ele fundou uma igreja evangélica em Boston, livre quanto às suas crenças e costumes, tendo trabalhado em favor de reformas religiosas, morais, sociais e políticas. Ele mostrou-se ativo na igreja, na escola e nas lides políticas. Opunha-se à escravidão, promovia o sufrágio de homens e mulheres e defendia a temperança. Seus escritos mostram-se pacíficos e poderosos, exibindo vasta erudição da parte do autor.

*Obras*: *Orthodoxy: Its Truths and Errors; Ten Great Religions; Commonsense in Religion; Vexed Questions in Theology*.

## CLARKE, SAMUEL

Suas datas foram 1675-1727. Filósofo e teólogo inglês, educado em Cambridge. Muito apreciava Descartes e dominava a ciência de Newton. Tomou ordens religiosas e foi reitor em várias instituições de ensino superior, tendo publicado muitos livros filosóficos, teológicos e bíblicos. Mantinha correspondência com Leibniz, a qual foi publicada sob o título *The Leibniz-Clarke Correspondence*.

*Idéias: Infinitude do espaço e do tempo*. Clarke defendia a idéia newtoniana da infinitude do espaço e do tempo, bem como a noção de que espaço e tempo são atributos de um Ser infinito, imaterial e espiritual. Essas idéias ele defendia, contrariamente à filosofia de Leibniz.

**Prova da Existência de Deus.** As seguintes suposições comprovam a existência de Deus, de acordo com Clarke: a. Algo tem existido desde a eternidade; b. esse algo é imutável e independente; c. sua essência é incompreensível para nós, mas podemos demonstrar algumas de suas evidências, como a eternidade, a infinitude, a onipresença, a unidade, a inteligência, a liberdade, a vontade, a onipotência, a onisciência, a sabedoria perfeita, a bondade, a justiça, a veracidade e as perfeições morais. Em outras palavras, isso justifica uma completa teologia bíblica.

*Na Ética*. Deus teria estabelecido certa *propriedade* nas coisas, o que significa que, por meio da razão, podemos saber o que é certo ou errado. Existem verdades éticas auto-evidentes visto que Deus fez as coisas desse modo. Buscamos harmonia e unidade entre os pensamentos e as ações; e essa relação pode ser descoberta, visto que o próprio Deus estabeleceu tal relação, da mesma maneira que arranjou de forma bem ordenada as leis físicas da natureza.

## CLARO, CLAREZA

Quatro palavras hebraicas e três palavras gregas podem ser assim traduzidas, ou por sinônimos. Os termos geralmente são usados para aludir à luz e como a mesma manifesta-se nos objetos, como opacos, translúcidos ou transparentes, a saber:

1. *Or*, «iluminado». Palavra hebraica que aparece por cerca de cento e setenta vezes, mas, com esse sentido de claro, apenas em Amós 8:9; I Sam. 14:27,29.

2. *Bar*, «claro», «filho». Palavra hebraica que, com o sentido de «claro» aparece apenas em Can. 6:10.

3. *Yagar*, «precioso», «raro». Palavra hebraica que aparece por quarenta e seis vezes, embora apenas por duas vezes com o sentido de «claro»: Zac. 14:6 e Jó 31:26.

4. *Tsach*, «brilhante». Palavra hebraica usada por quatro vezes, mas, com o sentido que nos interessa, apenas por duas vezes: Isa. 18:4 e Can. 5:10.

5. *Agnós*, «puro». Vocábulo grego usado por oito vezes: II Cor. 7:11; 11:2; Fil. 4:8; I Tim. 5:22; Tito 2:5; Tia. 3:17; I Ped. 3:2; I João 3:3.

6. *Katharós*, «limpo». Palavra grega empregada por vinte e cinco vezes: Mat. 5:8; 23:26; 27:59; Luc. 11:41; João 13:10,11; 15:3; Atos 18:6; 20:26; Rom. 14:20; I Tim. 1:5; 3:9; II Tim. 1:3; 2:22; Tito 1:15; Heb. 10:22; Tia. 1:27; I Ped. 1:22; Apo. 15:6; 19:8,14; 21:18,21.

7. *Lambrós*, «brilhante», «iluminado». Palavra grega que aparece por dez vezes: Luc. 16:19; 23:11; Atos 10:30; Tia. 2:2,3; Apo. 15:6; 18:14; 19:8; 22:1,16.

Os céus são adjetivados como claros, em Êxo. 24:10. O resplendor do sol é enfatizado em Can. 6:10, e a clareza do dia em Amós 8:9. No Novo Testamento, a Nova Jerusalém aparece como feita de ouro puro, clara como vidro cristal, o que, aparentemente dá a entender que o ouro é de qualidade tão especial que chega a ser translúcido. Além disso, o rio da água da vida é claro como o cristal.

**Implicações Morais.** As palavras hebraicas e gregas dão a idéia de algo isento de toda poluição e defeito. No tocante à *consciência*, a idéia é de que esta está livre de qualquer fator condenatório, o que estaria alicerçado sobre algum defeito moral. Quando

aplicada à *inteligência*, a idéia subentende total compreensão sobre alguma questão. No tocante à *espiritualidade*, os termos usados referem-se a ela estar sem qualquer coisa que a obscureça ou distorça.

## CLASS, GUSTAV

Suas datas foram 1836-1908. Foi professor de filosofia em Erlangen, na Alemanha. Sofria a influência de Fichte e Steffensen (que vide). Ele exprimia certa metafísica do espírito, o que empresta à religião uma significação universal.

## CLASSE (na Filosofia)

A palavra portuguesa vem do latim **classis**. Uma classe consiste em certa multiplicidade de entidades que compartilham de alguma característica comum. A idéia de classes surgiu paralelamente ao desenvolvimento da lógica, estando presente em todas as culturas que atingem certo nível de raciocínio filosófico. Consideremos os três pontos abaixo:

1. Na opinião de Aristóteles, as classes aparecem sob as formas de gênero, espécie, propriedade, diferença e acidente. Isso veio a ser conhecido como qualidades *predicáveis* (que vide). Porfírio ajudou a organizar melhor tais idéias, como também o fizeram vários eruditos da era medieval.

2. Uma classe é considerada em sua *extensão* quando é definida em termos de entidades individuais em sua multiplicidade. Em outras palavras, vários objetos compartilham de alguma ou de algumas características específicas. Ver o artigo sobre *Extensão*, segundo ponto. E uma classe é considerada em sua *intensidade* (que vide) quando é definida em termos das características que a distinguem de outras classes.

3. Os desenvolvimentos posteriores, dentro do conceito de classes, deveram-se às contribuições da matemática e da lógica simbólica, incluindo as duas classificações gerais de classe, inclusão e exclusão, além de algum complemento de classe, como a negociação (que vide). (P)

## CLASSES SOCIAIS

1. *Elementos de Distinção*. Há distinções que formam as classes dentro de uma sociedade, a saber: a. O montante e a qualidade da educação. b. O montante e as fontes de renda. c. Os tipos de associação, incluindo clubes e organizações, aos quais alguém se filia. d. Os tipos de ocupação que as pessoas conseguem. e. A localização: onde uma pessoa reside, local bom, intermediário ou impróprio. f. Os tipos de coisas acumuladas que facilitam a vida diária, como utensílios, veículos, artigos de luxo, facilidades de lazer, etc.

2. *Classes Principais*. a. As pessoas muito pobres, que dependem diariamente da ajuda alheia para o seu sustento. b. As pessoas pobres e mal nutridas, que sobrevivem independentemente, apenas com ocasional ajuda alheia. c. As classes baixas, independentes de outras, constituídas por pessoas que têm empregos, mas que recebem salário mínimo, chegando a padecer necessidade ocasional, mas nunca obtêm mais do que o necessário para as necessidades básicas de sobrevivência. d. A classe média baixa, com melhores empregos que os indivíduos da classe anterior, melhor educação, e alguns poucos extras humildes, não absolutamente necessários para a sobrevivência. e . A classe média intermediária, com boa educação, residências respeitáveis, veículos automotores, aplicações econômicas modestas. f. A classe média alta, afluente, composta por pessoas que têm bons empregos, bons níveis de poupança econômica e muitos artigos extras, desnecessários à sobrevivência. g. Os ricos sem prestígio. Essa classe compõe-se daqueles que têm muito dinheiro, e possuem tudo quanto podem comprar; mas não fazem parte de famílias tradicionais, que lhes confiram prestígio social, do ponto de vista de estirpe. h. Os ricos prestigiosos que, além de todas as vantagens econômicas acima, também pertencem a famílias tradicionais, o que lhes confere ainda maior atenção e respeito, devido à sua grande sofisticação.

3. *As Denominações Religiosas e as Classes Sociais*. Há uma correlação geral entre as classes sociais e as denominações religiosas. Assim, as denominações pentecostais têm obtido um crescimento fenomenal entre as classes pobres, mas comparativamente pouco avanço entre as **classes média e abastada**. No outro extremo do espectro, movimentos como a Ciência Cristã, a Igreja Episcopal e algumas denominações congregacionais contam com forte representação entre as classes mais altas. Os presbiterianos, os batistas e os mórmons são denominações constituídas, principalmente, por indivíduos da classe média. O catolicismo romano, devido ao seu gigantismo, conta com seguidores pertencentes a todas as classes sociais.

4. *A Classe Média como Meio Equilibrador*. Aristóteles pensava que a classe média, em cada sociedade, pode exercer uma saudável função ética. Ele supunha que o desenvolvimento de uma forte classe média poderia modificar a pobreza e o tipo de comportamento animalesco das classes menos privilegiadas, e, ao mesmo tempo, servir de elemento de compensação dos excessos das classes abastadas. Isso posto, a classe média expressaria o seu famoso *meio equilibrador*. Isso corresponderia à ação intermediária entre dois extremos, evitando-se tanto os vícios de deficiência como os vícios do excesso. Ver o artigo sobre *Aristóteles*.

5. *O Novo Testamento e as Classes Sociais*. Para começar, o evangelho destina-se a todos aqueles a quem Deus ama (João 3:16), o que, como é óbvio, conta com pessoas pertencentes a todas as classes sociais. Apesar disso, alguns autores sagrados do Novo Testamento exibem notável prevenção contra os ricos, segundo se patenteia em trechos como Tiago 1:9 *ss*; 2:5,6 e 5:1. Naturalmente, na época do império romano, eram os ricos e poderosos que perseguiam os cristãos primitivos. Além disso, Tiago 2:2 *ss* mostra-nos que, devido ao respeito humano, os ricos eram favorecidos até mesmo entre os cristãos primitivos, às expensas dos pobres; e Tiago revolta-se contra esses atos de bajulação. Tiago 2:5 é trecho que mostra que Deus favorece especialmente aos pobres, a fim de que se tornem ricos na fé e na espiritualidade. Tiago queixou-se de que são os ricos que oprimem à Igreja, arrastando os crentes aos tribunais e abusando deles de várias maneiras (Tia. 2:6). Além de outros pecados, os ricos também costumam blasfemar da fé religiosa (Tia. 2:7). Paulo, por sua vez, em I Coríntios 1:26, mostra que geralmente os que se convertem não procedem de nobre nascimento, nem das classes abastadas e poderosas, etc. Antes, procedem das classes pobres, humildes e desprezadas, o que desencoraja todas as manifestações do orgulho humano (I Cor. 1:29).

O próprio Senhor Jesus falou sobre a imensa dificuldade dos ricos em pensar mais demoradamente sobre as necessidades da alma (Mat. 19:23). A

despeito desses reparos, a mensagem geral do Novo Testamento é universal. Além disso, temos a declaração, em Efésios 1:10, concernente à restauração final (que vide), que garante que o efeito do evangelho finalmente atingirá todas as classes de modo absoluto. Entretanto, isso requererá várias eras, entrando até mesmo nos ciclos intermináveis da eternidade futura. (H NTI)

**CLÁSSICO ARGUMENTO DO RELÓGIO, em favor da existência de Deus**

Ver o artigo sobre *Paley, William*, onde aparece esse famoso argumento teleológico.

**CLAUBERG, JOHANNES**

Suas datas foram 1622-1665. Foi um filósofo alemão, um dos primeiros filósofos a usar o termo *ontologia* (que vide). Ele foi um dos filósofos ocasionalistas. Ver sobre o *Ocasionalismo*. Entre os seus escritos podemos mencionar os seguintes: *Elements of Philosophy* ou *Ontosophia* e *Cartesian Defense.*

**CLAUDA**

Essa pequena ilha é mencionada na Bíblia somente em Atos 27:16. Modernamente ela se chama Gaudos ou Gozo, situada acerca de oitenta quilômetros ao largo da costa de Creta. Algumas traduções lhe dão o nome de Clauda; outras, de Cauda. No livro de Atos, a ilhota aparece associada ao naufrágio sofrido por Paulo. A embarcação em que ele viajava velejava costeando a ilha de Creta, a fim de escapar do vento que soprava do sudoeste, o que não permitia o cruzamento direto do mar Egeu. Mas, quando o navio chegou à metade ocidental da longa ilha de Creta, o vento, pressionando ao norte da massa montanhosa, que forma aquela região, desceu como um tufão poderoso e desastroso para a navegação. Lutando para escapar desses fortes ventos, o navio acabou navegando a sotavento de Clauda, isto é, protegido por essa ilhota, de tal modo que os marinheiros puderam puxar o bote auxiliar para dentro, que até ali vinha sendo puxado a reboque, perturbando o direcionamento do navio.

**CLAUDA**

Forma alternativa de **Cauda** (que vide).

**CLÁUDIA**

Nas páginas da Bíblia, esse foi o nome de uma figura feminina e de uma ilha do mar Mediterrâneo.

1. *A Pessoa*. Cláudia é a forma feminina do latim, Claudius. Esse apelativo, com variações como Clodius, era o nome de uma família romana, com membros patrícios e plebeus. No latim, a palavra significa *aleijado*. Da mesma raiz nos vem o termo português «claudicante». Porém, como esse adjetivo veio a ser vinculado àquela família, é algo perdido na história. No Novo Testamento, *Cláudia* é o nome de uma crente, mencionada em II Timóteo 4:21, que enviava saudações a Timóteo. Juntamente com Êubulo, Lino e Prudente, Cláudia foi grande cooperadora de Paulo, que o ajudou durante seu segundo período de aprisionamento, em Roma. Nas *Constituições Apostólicas* (vii.46), Cláudia é considerada mãe de Lino (o genitivo simples, porém, deixa a questão em dúvida, conforme sabem os que têm estudado o grego «koiné»). Lino é conhecido como o primeiro bispo de Roma. Várias identificações têm sido propostas, situando-a entre as elites de Roma, como aquela que diz que estaria em foco Cláudia Rufina, esposa de Aulus Pudens, amigo do poeta Marcial, ou então Cláudia Quinctilla, esposa de Claudius Pudens. Esse casal deixou uma inscrição sobre o túmulo de seu filho infante, entre Roma e Óstia (CIL vi.15,066). Porém, os nomes Cláudia e Pudens eram bastante comuns, e as tentativas de identificação não passam de conjecturas. As tradições, sempre ansiosas por atribuir grandes realizações a nomes obscuros, dizem-nos que Timóteo, filho de Pudens, participou da evangelização dos bretões, visto que a romana Cláudia era bretã. (CIL FA UN Z)

2. Cláudia é o nome de uma ilha ao largo da costa de Creta, mencionada em Atos 27:16. Essa ilha é chamada Gaudos em outras fontes históricas. Ver Mela. ii.7; Plínio, Hist. Nat. iv.42. Os italianos modernos chamam essa ilhota de Gozo, uma forma corrompida do grego Claudanesa ou Gaudonesi.

**CLÁUDIO**

Quanto a comentários sobre o significado do nome Cláudio, ver o artigo sobre *Cláudia*.

O nome do quarto imperador romano era Tibério Nero Druso Germânico. Reinou de 41 a 54 D.C., como sucessor de Calígula. Era filho de Nero Druso. Nasceu em 9 A.C., tendo vivido na privacidade até que se tornou imperador. Isso ocorreu principalmente por causa da influência de Herodes Agripa I (Josefo, *Anti.* xix. 2, partes 1,3,4). Por sua vez, Cláudio ampliou os territórios governados por Herodes, fazendo com que incluíssem a eles a Judéia, a Samaria e parte do Líbano. Também nomeou o irmão de Herodes para governar Calcis e para ser presidente do templo de Jerusalém. Durante o seu reinado, ocorreu a fome mencionada em Atos 11:28-30, que atingiu a Palestina e a Síria, em cuja ocasião os procuradores eram Cúspio Fado e Tibério Alexandre. Suetônio (*Claud.* 25) escreveu a seu respeito: «Cláudio expulsou os judeus de Roma, visto que eles provocavam constantes perturbações, por instigação de um certo Cresto». Isso teria ocorrido entre 50 e 52 D.C. Alguns interpretam essa declaração como um exemplo de como os escritores antigos podiam ser bastante ignorantes com relação aos fatos. Esse *Cresto* provavelmente seja Jesus *Cristo*. Os romanos antigos com freqüência não estabeleciam distinção clara entre os cristãos e os judeus. Cláudio envenenou a sua quarta esposa, Agripina, mãe de Nero, em 54 D.C. Suetônio informa-nos que ele foi um governante fraco, agindo mais como servo de outros do que como príncipe.

**Cláudio e o Cristianismo.** Esse imperador tomou três medidas diferentes que tiveram algum efeito sobre o cristianismo: 1. Ele expulsou os judeus de Roma por perturbarem a ordem, instigados por Cresto (Suetônio, *Claud.* 25). Os intérpretes não têm sabido exatamente como entender essa referência. *Cresto* pode ser uma alusão a Cristo, pelo que aquele historiador misturou judeus e cristãos naquela referência. Ou então, Cresto pode ter sido o nome próprio de algum agitador judeu, desconhecido em qualquer outra fonte histórica. Ou então a referência pode apontar para o messianismo judaico, sem qualquer alusão ao Cristo dos cristãos. 2. Cláudio reprimiu agitadores judeus importados da Síria para a cidade de Alexandria. Na opinião de alguns, estudiosos, entre eles haveria cristãos. 3. Houve um decreto imperial, talvez de autoria de Cláudio, que ordenava a punição dos violadores de túmulos,

decreto esse que, aparentemente, foi publicado na Galiléia. Não se sabe dizer se a questão da ressurreição de Jesus teve qualquer coisa a ver com isso. (CAD (1955) FA ND Z)

## CLÁUDIO DE TURIM

**Sabe-se da data de sua morte, 827 D.C. Foi bispo** na Espanha, tendo exercido influência sobre a **doutrina do adopcionismo** (que vide). Era favorecido pela corte carlovíngia, por causa de sua grande erudição bíblica. Escreveu um comentário bíblico de Gênesis aos livros dos Reis, e então de Mateus às epístolas paulinas. Opunha-se a várias práticas eclesiásticas, como a adoração aos santos, o uso de imagens, gravuras e crucifixos. Por causa disso, ele sofreu oposição por parte de várias figuras eclesiásticas importantes de sua época. (E)

## CLÁUDIO LÍSIAS

**Quanto a comentários sobre o significado do nome** *Cláudio*, ver o artigo sobre Cláudia. Cláudio Lísias é mencionado no Novo Testamento, como comandante da guarnição romana em Jerusalém, na época do aprisionamento de Paulo ali. Ele ocupava a posição de tribuno militar (no grego, *chiliarchos*), dotado de autoridade sobre a coorte estacionada na fortaleza de Antônia (que vide) contígua à área do templo. Ele comprara a cidadania romana mediante polpuda soma em dinheiro, não podendo ocultar certa consternação ao saber que Paulo nasceu livre, por ser nativo de Tarso, na Cilícia. Ver o artigo sobre a *Cidadania*, onde damos descrições acerca da natureza da cidadania romana. Quanto à narrativa bíblica sobre o episódio, ver Atos 22:28. O serviço que esse homem prestou em favor de Paulo consistiu em livrá-lo da multidão furiosa, que pretendia linchá-lo (Atos 21:31-36 e 22:24). Lísias levou Paulo para um lugar seguro, no templo.

As autoridades romanas tinham sido testemunhas de vários levantes, e, na Judéia, as coisas viviam em constante turbilhão. Houve revolucionários como Judas da Galiléia e Teudas (Atos 5:36,37), e aparentemente Paulo pertencia a essa categoria de gente. Lísias também pensou ser ele um certo egípcio, talvez um dos líderes dos *sicários*, os quais ainda recentemente, e em número de quatro mil, tinham ido com ele para o deserto. Mas, quando Lísias descobriu quem Paulo realmente era, permitiu-lhe dirigir a palavra à multidão enfurecida. Em seu discurso, assim que Paulo mencionou a palavra «gentios», dentro da missão da Igreja cristã, o tumulto começou novamente. Conforme era usual na época, Lísias estava disposto a examinar Paulo sob tortura, para descobrir a verdade do caso; mas, ao descobrir que Paulo era cidadão romano, abandonou prontamente a idéia. A chamada *Lex Porcia* proibia a tortura de qualquer cidadão romano. Em vista disso, Paulo foi entregue ao Sinédrio, a fim de ser interrogado. Isso, porém, só resultou em maior tumulto e divisão sobre o caso, e certos judeus resolveram que o matariam à traição. Informado do conluio, mediante um sobrinho de Paulo, Lísias resolveu enviar Paulo, sob a proteção da noite, até Félix, governador romano, em Cesaréia, a principal sede da autoridade romana na Palestina. Ver o artigo sobre *Cesaréia*.

Lísias deve ter temido muito as conseqüências do conluio contra Paulo, se os perturbadores tivessem obtido sucesso. Ele não estava disposto a perder a cidadania romana. Por essa razão, deixou Paulo aos cuidados de uma forte escolta, tão forte que alguns intérpretes duvidam dos números envolvidos: duzentos infantes, setenta cavaleiros e duzentos lanceiros. O livro de Atos registra os pontos essenciais de uma carta enviada por Lísias a Félix, acerca do caso de Paulo. Ver Atos 23:26-30. Alguns estudiosos pensam que essa carta não foi redigida por Félix, porquanto contém certa contradição com o trecho de Atos 23:25-27. Mas qualquer pessoa pode incorrer em um erro, ou então exagerar um pouco. Em Atos 23:25-27 lemos que Félix livrou Paulo porque sabia que o apóstolo era cidadão romano. Porém, o trecho de Atos 22:24 mostra que ele havia ordenado que Paulo fosse açoitado, embora desistisse disso, ao descobrir que ele era um cidadão romano, não podendo ser interrogado dessa maneira violenta. (CAD (1955) Z)

## CLAUSTRO

**Vem do latim, claustra, «lugar fechado». A palavra** pode significar um pátio aberto, cercado por uma calçada arcada com teto, conforme se vê em muitos mosteiros, ou mesmo em algumas catedrais. A intenção é prover um passeio sombreado para os monges e outras pessoas. Mas a palavra «claustro» também tem sido constantemente usada como sinônimo de mosteiro. Os claustros para passeio eram construídos de tal modo que os protegiam das intempéries, sendo usados para preleções, reuniões informais, recreação, etc. A origem dos claustros parece ter sido de certas construções arquiteturais dos lares dos mais abastados romanos. A Universidade Católica de São Paulo conta com claustros como se fossem corredores em torno de alguns edifícios. (AM E)

## CLAVER, PEDRO

**Suas datas foram 1580-1654. Foi um jesuíta** espanhol que, pelo espaço de trinta e cinco anos, foi ministro e servo dos negros africanos que haviam sido trazidos para Cartagena, na Colômbia, para serem vendidos como escravos. Dessa maneira, ele realizava um trabalho de amor e solidariedade humana que poucos estariam interessados em realizar. (E)

## CLEANTES

**Suas datas foram 331-232 A.C., um filósofo grego** estóico. Nasceu em Assôs e foi discípulo de Zeno, o fundador do estoicismo (que vide). Cleantes atuou em Atenas; e, após a morte de Zeno, tornou-se o líder daquela escola de filosofia. Crisipo (que vide) foi um de seus discípulos.

*Idéias*. 1. Ele dividia a filosofia em seis aspectos: dialética, retórica, ética, política, física e teologia. 2. Ele pensava que Deus residia no sol. Dali procede o fogo doador de vida, bem como a inteligência que permeia toda a existência. Também há a opinião de que ele considerava o mundo uma divindade. 3. Ele ensinava uma espécie de imortalidade condicional, afirmando que a vitalidade da alma, após a morte física, depende de sua vitalidade nesta vida. 4. No campo da ética, ele promovia a *apatia*. Os maus pensamentos seriam piores do que os atos maus, porquanto dos pensamentos originam-se todas as maldades.

**Cleantes e o Novo Testamento. O Hino a Zeus é a composição mais substancial que dispomos dos** escritos de Cleantes, os quais são altamente fragmentados. Paulo citou do mesmo, em Atos 17:28: «Pois nele vivemos e nos movemos e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele

também somos geração». O pensamento central dessa citação é o do universo visto como um ser vivo, tendo Deus como sua alma e o sol como seu coração. Paulo, naturalmente, deu às palavras de Cleantes um sentido todo seu, enfatizando a personalidade, a vitalidade e a presença de Deus, contrastando essa idéia com a da idolatria estúpida, que é uma questão morta. (EP MM P)

## CLEARCO

Viveu em cerca de 340 A.C. Foi um filósofo de tendências aristotélicas. Escreveu interpretações de Platão, tratados sobre as emoções humanas e sobre as ciências naturais.

## CLEMENTE

**A Personagem do Novo Testamento.** O nome próprio vem do latim, *Clemens*, que significa «misericordioso». A palavra grega que aparece no Novo Testamento é uma forma adaptada com base no vocábulo latino. Há um homem com esse nome, mencionado em Filipenses 4:3, onde aparece como um dos cooperadores de Paulo em Filipos. Paulo estava certo de que o nome de Clemente encontrava-se no livro da vida (que vide), o que não é nenhuma declaração sem importância. É óbvio que esse homem era uma figura fiel e poderosa da Igreja primitiva, em Filipos. O contexto sugere que Paulo pensava que ele era um homem que poderia estabelecer a concórdia estremecida entre Evódia e Síntique (que vide), duas mulheres crentes que tinham trabalhado juntamente com Paulo, mas que depois entraram em alguma espécie de disputa pessoal uma contra a outra. Excetuando a sua identificação como o bispo de Roma (e, na opinião de alguns, um dos papas), ele entra na narrativa neotestamentária de forma muito humilde. Desse documento sagrado, não obtemos nenhuma maior informação a seu respeito.

*Seria esse o mesmo Clemente de Roma?* Que houve uma personagem com o nome de Clemente de Roma é algo indisputável. Mas, poderíamos identificá-lo com o Clemente mencionado em Filipenses 4:3? Vários dos pais da Igreja fizeram essa identificação, incluindo Tertuliano, Irineu, Orígenes e vários outros, de data posterior. Os argumentos apresentados contra essa identificação são os seguintes: 1. Tal identificação depende somente da similaridade de nomes, bem como do desejo da tradição oral de glorificar personagens do Novo Testamento, tornando-as mais poderosas e bem conhecidas, após a era apostólica. 2. Não existe tradição que possa confirmar essa identificação. 3. Não há qualquer prova de que Clemente (um nome comum) de Filipos tenha ido jamais a Roma. 4. O bispo de Roma, desse nome, só aparece associado a essa cidade, não havendo qualquer evidência de que ele tenha estado, ao menos por uma vez, em Filipos. 5. Não há o menor indício de que Clemente de Filipos tenha vivido até o final do século I D.C., ou até 110 D.C., quando Clemente de Roma, segundo se sabe, faleceu. A única coisa que podemos dizer em favor da identificação é a suposição, talvez pouco fundamentada, de que os primeiros pais da Igreja tinham maiores evidências, à sua disposição, do que nós, do século XX. Ver o artigo sobre *Clemente de Roma*.

## CLEMENTE I DE ROMA, PAPA?

Segundo Tertuliano, ele foi consagrado pelo próprio Pedro. Ver os artigos sobre *Clemente* e *Clemente de Roma*.

## CLEMENTE II

Seu pontificado foi de 1046 a 1047, data em que morreu. Seu nome original era Suidger. Pertencia a uma nobre família saxônica. Tornou-se o cânone de Halbestadt em 1032, e então capelão da corte imperial. O imperador nomeou-o bispo de Bamberg, em 1040. Quando o imperador expulsou o antipapa Silvestre III e o papa Gregório VI do papado, quando do sínodo de Sutri, ele nomeou Suidger para ser o novo papa. Então ele assumiu o título de Clemente II, tendo sido entronizado a 5 de dezembro de 1046. Ele coroou Henrique e sua esposa, Agens. Seu breve pontificado incluiu várias medidas reformistas. Faleceu perto de Pesaro, menos de um ano após ter sido feito papa, a 9 de outubro de 1047. Foi sepultado em Bamberg. Em 1943, seu túmulo foi aberto, e suas vestimentas foram encontradas ainda em boas condições de preservação. (AM)

## CLEMENTE III

Foi papa de 1187 a 1191, quando morreu. Nasceu em Roma, com o nome de Paulo Scolari. Serviu como bispo-cardeal de Palestrina. Foi eleito papa em Pisa, a 19 de dezembro de 1187. Mostrou-se muito hábil como diplomata. Negociou um tratado com o senado romano, em 1188, pondo fim a um longo conflito e fazendo reconhecer o pontífice supremo como o senhor temporal de Roma. Ele procurou unificar os vários príncipes belicosos da Europa, em ação comum contra o sultão islamita Saladino, por ocasião da Terceira Cruzada. Sob Clemente III, a Igreja da Escócia caiu sob o controle direto de Roma. Esse papa protegia aos judeus e a outras minorias perseguidas. Faleceu a 27 de março de 1191. (AM E)

## CLEMENTE III (Antipapa)

Nasceu com o nome de Wilbert de Ravena. Serviu como chanceler imperial na Itália. Deu apoio ao candidato do imperador, Cadato, como antipapa, em 1061, mas reconciliou-se com o papa Alexandre II, e foi feito arcebispo de Ravena. Juntamente com a família Cenio e com o Cardeal Ugo Cândido, ele deu apoio ao imperador Henrique IV contra o papa Gregório VII, naquilo que a história chama de Conflitos da Investidura, em razão do que foi eleito antipapa em Bressanone, a 25 de junho de 1080. Governou em Roma com o título de Clemente III, e foi apoiado pelo partido imperial italiano. Em 1098, a família Perleoni o depôs. Faleceu a 8 de setembro de 1100.

## CLEMENTE IV

Governou como papa de 1265 a 1268. Nasceu com o nome de Guy le Gros Foulques, em St. Gilles, na França. Estudou advocacia na Universidade de Paris e foi nomeado conselheiro legal do rei Luís IX. Após o falecimento de sua esposa, em 1247, deu início a seus estudos clericais. Após ter sido ordenado, subiu rapidamente de padre a bispo, e daí a arcebispo de Narbone, e então a legado cardeal enviado à Inglaterra. Em 1265, foi eleito papa e convocou Carlos de Anjou para ser protetor da Santa Sé contra o avanço militar de Hohenstaufen, que vinha do norte. Obteve os chamados estados papais e estabeleceu a dinastia Angevina na Itália. Opunha-se vigorosamente à prática do nepotismo. Faleceu em Viterbo, na Itália, a 29 de novembro de 1268.

••• ••• •••

## CLEMENTE V

Nasceu com o nome de Bertrando de Got, em Bordelais, na França. Estudou a lei canônica em Orleãs e em Bolonha. Tornou-se bispo de Comminges, e então arcebispo de Bordeaux, em 1299. Foi eleito papa em Perúgia, a 5 de junho de 1305, e foi coroado com o título de Clemente V, em Lyon, a 14 de novembro daquele mesmo ano. Permaneceu na França devido às múltiplas agitações e conflitos em Roma. O imperador Henrique VII estava exigindo coroação em Roma, mas os agentes papais franceses haviam sido desfavoravelmente acolhidos na Itália. A permanência de Clemente V na França deu início a uma série de papas daquele país, que não exerceram seu pontificado em Roma. A história chama esse período de Cativeiro Babilônico do Papado. Clemente V viu-se envolvido nas várias lutas e complicações políticas da época. Desaprovou as táticas de extorsão e de aprisionamento em massa, usadas por Filipe IV, em sua campanha contra os Cavaleiros Templários. Todavia, cedeu às exigências de Filipe IV e suprimiu essa ordem, quando do concílio de Viena, em 1312. Clemente V teve mais sucesso em seus conflitos com outros imperadores do Santo Império Romano, e proclamou o direito da Santa Sé de manter ascendência sobre o império, mediante seu decreto intitulado *Pastoralis cura*. No documento *Multorum Querela*, ele tentou estabelecer controle sobre a Inquisição (que vide), que por ele era desaprovada. Estabeleceu a Universidade de Perúgia, na Itália, em 1307, e criou uma cadeira de idiomas asiáticos. Procurou diligentemente centralizar a autoridade papal, mas encontrou constante resistência à idéia por parte dos monarcas europeus. Entrementes, muitos elementos de proa da Igreja Católica Romana acusavam-no de não impedir o avanço da heresia, porquanto procurava tolher o trabalho dos inquisidores. Após uma vida agitada, faleceu a 20 de abril de 1314. (AM BR)

## CLEMENTE VI

Foi papa de 1342 a 1352. Nasceu como Pierre Roger, em Correze, na França. Foi monge beneditino, doutor em teologia, bispo de Arras, arcebispo de Sens, e então de Rouen. Tornou-se cardeal em 1338, e então sucedeu a Benedito VII como papa, em 1343.

Uma permanente agitação política na Itália forçou Clemente VI a permanecer em Avignon, na França, seguindo o exemplo de Clemente V, que fizera o mesmo. Esse período em que vários papas pontificaram fora de Roma é historicamente intitulado de Cativeiro Babilônico do Papado. Conseguiu estabelecer a concórdia entre a Igreja de Roma e o Santo Império Romano depondo Luís IV da Bavária, e arranjando a eleição de Carlos IV, de Luxemburgo, como imperador, em 1347. Procurou centralizar o poder da Igreja de Roma. Uma de suas medidas, nesse sentido, foi o decreto que dizia que somente o papado tinha o direito de conceder benefícios eclesiásticos, que consistiam em propriedades que rendiam largos proventos, pertencentes à Igreja. As autoridades seculares e eclesiásticas objetaram a esse decreto, em 1345. O rei Eduardo III encampou todos os benefícios que havia na Inglaterra, em mãos de poderes estrangeiros. Filipe VI fez outro tanto na França, com a única exceção dos cardeais e dos membros da família e da cúria papais. Isso em muito diminuiu os recursos financeiros do papa, prejudicando seu generoso patrocínio das artes. Muitos outros opuseram-se ao papa, dentro e fora da Igreja de Roma. Ele era homem extravagante, e sua corte vivia no luxo e na ostentação. Contudo, estamos informados de que sua *vida pessoal* era ordeira. Dava bom exemplo de moralidade e demonstrou coragem e caridade durante a praga da Morte Negra, que ocorreu durante o seu pontificado. (AM)

## CLEMENTE VII

Governou como papa de 1523 a 1534. Nasceu com o nome de Giulio de Médici, em Florença, na Itália, a 26 de maio de 1478. Era filho ilegítimo de Giuliano de Médici. Seu pai foi morto durante a notória conspiração de Pazzi, pelo que foi criado por seu avô, Lorenzo, o Magnificente. Seu primo, Leão X, foi papa. Durante o pontificado deste, subiu rapidamente os degraus do poder, na Igreja. Foi eleito para ser o papa sucessor de Adriano IV, em 1523.

Foi homem moral e capaz; mas faltava-lhe a habilidade política e organizacional para manusear os problemas de seu reinado. O imperador Carlos V, da Alemanha, e o rei Francisco I, da França, estavam em conflito, cada qual procurando obter a supremacia na Europa; e Clemente VII tentava ser o árbitro da contenda. Mas, falhando na mediação, aliou-se à causa da França. Em face disso, Carlos V retaliou, saqueando Roma sem qualquer compaixão, em 1527. Então Clemente VII ficou virtualmente aprisionado no castelo de Sant'Angelo. Depois que a paz foi restabelecida, esse papa coroou Carlos V como imperador do Santo Império Romano, em 1530. Foi exatamente nesse período da história que Henrique VIII, da Inglaterra, exigiu a anulação de seu casamento com Catarina de Aragão. O papa, porém, procrastinava quanto a uma decisão, o que levou Henrique VIII a revoltar-se contra Roma, nomeando a si mesmo chefe da Igreja da Inglaterra. E ainda maiores dificuldades estavam à espreita. Surgiu em cena o movimento luterano, e grandes reformas da Igreja Católica Romana, que poderiam ter impedido o sucesso do luteranismo, nunca foram levadas a efeito. (AM BR)

## CLEMENTE VIII

Foi papa de 1592 a 1605. Nasceu com o nome de Ippolito Aldobrandini, em Fano, na Itália, a 24 de fevereiro de 1536. Estudou advocacia; tornou-se cardeal em 1585, e foi eleito papa em 1592. Mediante vários estratagemas políticos, foi capaz de pôr fim ao domínio espanhol sobre Roma. Promoveu um tratado que pôs ponto final à luta entre a França e a Espanha, em 1598, e incorporou a cidade de Ferrara aos estados papais. Ver o artigo sobre os *Estados Papais*.

Clemente VIII foi mediador de uma controvérsia entre os frades jesuítas e os frades dominicanos acerca da natureza da *graça* divina. Clemente editou uma nova edição da Vulgata Latina. Faleceu em Roma, a 5 de março de 1605. (AM)

## CLEMENTE VIII (Antipapa)

Foi antipapa, de 1424 a 1429. Nasceu com o nome de Aegidius Muñoz e foi o sucessor do antipapa Benedito VIII, o qual, durante o grande Cisma Ocidental, reinou em Avignon como rival do papado romano. Benedito VIII, embora deposto pelo concílio de Constança, recusou-se a abdicar e a reconhecer o papa Martinho V, de Roma.- Em vez disso, nomeou os seus próprios cardeais e insistiu que, após a sua morte, eles elegessem um sucessor seu. Foi precisamente o que fizeram, elegendo a Clemente VIII. O rei Alfonso, de Aragão, mostrou-se hostil ao papa Martinho V, pelo que coroou a Clemente VIII como

papa. Posteriormente, porém, Alfonso reconciliou-se com o papa Martinho, e Clemente VIII foi obrigado a resignar. (AM)

## CLEMENTE IX

Seu pontificado estendeu-se de 1667 a 1669. Nasceu com o nome de Giulio Rospigliosi, em Pistóia, na Itália, a 28 de janeiro de 1600. Ocupou cargos políticos antes de haver sido eleito papa. Obteve sucesso ao persuadir os bispos jansenistas da França a se submeterem à Santa Sé. Isso pôs fim à controvérsia jansenista, que vinha se arrastando por trinta anos. Ver o artigo sobre o *Jansenismo*. Mediou uma disputa entre a França e a Espanha. Pouco depois, procurou ajudar a defender a ilha de Creta da invasão turca, mas seus esforços foram inúteis, pois a ilha caiu diante dos turcos pouco depois de sua morte, que ocorreu em Roma, a 9 de dezembro de 1669. (AM)

## CLEMENTE X

Governou como papa de 1670 a 1676. Seu nome de batismo era Emílio Altieri. Nasceu em Roma, a 13 de julho de 1590. Como ministro, serviu em várias funções eclesiásticas e diplomáticas, sob diversos papas. Chegado o tempo de sua eleição, Altieri protestou que tanto era indigno quanto era idoso demais; mas, a despeito de tudo, foi eleito, após uma longa sessão, como um candidato de transigência. Durante seu pontificado, apoiou a Polônia contra a invasão turca e deu sua ajuda a João Sobieski, que reivindicava o trono polonês. Opôs-se à política de extensão de Luís XIV, que queria ampliar os direitos da realeza e desejava promover a paz entre os estados europeus. Clemente X faleceu em Roma, a 22 de julho de 1676. (AM)

## CLEMENTE XI

Governou como papa de 1700 a 1721. Seu nome era Gian Francesco Albani. Nasceu em Urbino, na Itália, a 22 de julho de 1649. Foi educado pelos jesuítas e tornou-se um notável erudito. Fez certo número de obras gregas para o latim. Serviu sob quatro papas sucessivos, e tornou-se uma figura importante e influente. Inocente XII nomeou-o cardeal. Em 1700, Albani foi eleito papa como candidato de transigência. Como papa, tentou manter posição neutra durante a guerra da Sucessão Espanhola. Durante o seu papado, reapareceu a controvérsia do jansenismo (que vide), cuja doutrina era promovida pelo teólogo francês Pasquier Quesnel (que vide). O papa publicou dois documentos que condenavam o movimento, chamados *Vineam Domini* e *Unigenitus*. Tentou conquistar Pedro, o Grande, da Rússia, para o catolicismo romano, mas fracassou, não querendo ele abandonar a Igreja Ortodoxa Russa. Mostrou-se zeloso promotor das missões ao estrangeiro, embora desaprovasse os ritos da China e do Malabar, os quais, segundo ele pensava, orientalizava em demasia o cristianismo. Faleceu em Roma, a 19 de março de 1721. (AM E)

## CLEMENTE XII

Governou como papa de 1730 a 1740. Nasceu em Florença, Itália, a 7 de abril de 1662, tendo recebido o nome de Lorenzo Corsini. Estudou no Colégio Romano e na Universidade de Piza. Passou por postos eclesiásticos sérios e importantes. Ficou cego em 1732, apenas dois anos após ter-se tornado papa. Mas isso não impediu que dirigisse ativamente a causa missionária, combatesse o jansenismo (que vide) e condenasse a maçonaria. Durante seu período pontifical, o papado perdeu os direitos feudais sobre os ducados de Parma e Piancenza. Faleceu em Roma, a 6 de fevereiro de 1740. (AM)

## CLEMENTE XIII

Pontificou de 1758 a 1769. Seu nome era Carlo Della Torre Rezzonico. Nasceu em Veneza, a 7 de março de 1693. Seu treinamento era a diplomacia, mas terminou servindo como eclesiástico. Foi ordenado em 1716 e foi galgando rapidamente os vários ofícios eclesiásticos. Em 1737, já era cardeal. Durante o seu papado, a Igreja Católica Romana, e especialmente os jesuítas, sofreram ataques por parte de certos membros do movimento de Iluminação, na França. A Sociedade de Jesus foi suprimida em Portugal, na França e na Espanha. Clemente procurou contrabalançar essas medidas, mas sem êxito. Ele reconheceu perigos ao ensino da Igreja de Roma nas doutrinas da filosofia francesa, pelo que condenou várias obras, sobretudo as de Diderot e de Helvétius. Mostrou-se ativo em obras de caridade, durante certo período de seca e fome na Itália. Faleceu a 2 de fevereiro de 1769. (AM)

## CLEMENTE XIV

Governou como papa de 1769 a 1774. Seu nome de batismo era Giovani Ganganelli. Nasceu em Sant' Arcangelo, na Itália, a 31 de outubro de 1705. Estudou com os jesuítas e com os piaristas. Tornou-se membro da ordem dos Frades Menores e adotou o nome de Lorenzo. Tornou-se um dos líderes de sua ordem e foi nomeado consultor do Santo Ofício, por Benedito XIII. Foi feito cardeal por Clemente XIII, em 1759. O tempo de sua eleição como papa caracterizou-se pela confusão, devido às pressões para que se elegesse um papa que pudesse agradar os poderes temporais da França, da Espanha e de Nápoles. Ganganelli foi considerado o melhor homem do momento, pelo que foi eleito papa e tomou o título de Clemente XIV. Os jesuítas eram alvos de ataque, e Clemente cedeu às pressões para censurá-los, o que foi feito mediante a bula *Dominus ac Redemptor*. Clemente procurou aplacar o monarca, o que fez com sucesso parcial, restaurando à Igreja de Roma diversos territórios que haviam sido perdidos. Entre eles estavam Avignon e Venaissin, na França, e Benevento e Pontecorvo, na Itália. Também teve a satisfação de efetuar a reunião com Roma de um grupo de nestorianos. Organizou o valioso museu Pio-Clementino, no Vaticano. Faleceu a 22 de setembro de 1774. Muitos disseram que ele morrera envenenado, mas a maioria dos estudiosos pensa que tal rumor não tinha fundamento. (AM E)

## CLEMENTE, EPÍSTOLAS DE

### I. Primeira Epístola de Clemente

*Declaração Introdutória.* Dentre os muitos escritos atribuídos a Clemente de Roma (ver o artigo anterior, sobre Clemente I, Papa), somente sua primeira epístola aos Coríntios é considerada autêntica. De acordo com Irineu (que vide), que considerava essa carta *importantíssima*, e de acordo com Eusébio (que vide), que chamou-a de *magnífica*, essa carta era lida publicamente nas assembléias da Igreja antiga, pelo que obteve uma posição canônica ou quase canônica, nos anos após a era apostólica.

*Esboço*:

1. Autor
2. Data
3. Propósito e Conteúdo
4. Fatos Importantes sobre a Carta
5. Sua Relação com o Cânon do Novo Testamento
6. Texto

**1. Autor**

O nome de Clemente não aparece na carta, mas que é de autoria genuína de Clemente é fortemente confirmado pelos pais da Igreja. Nenhuma razão realmente boa tem sido encontrada para rejeitar essa confirmação. O autor não escreveu como uma grande autoridade, conforme se pensa que um papa moderno deve fazer, embora demonstrasse ser homem de conhecimento e habilidades, mesmo que não tivesse sido um filósofo ou teólogo de grande distinção. Ele viveu na geração imediatamente após aquela dos apóstolos, sendo perfeitamente possível que tivesse conhecido pessoalmente o apóstolo Pedro, mesmo que não tivesse sido consagrado por ele, como Tertuliano supunha. Quanto ao que se sabe a respeito dele, ver a declaração introdutória, acima.

**2. Data**

A julgar pela própria carta, parece que os oficiais nomeados pelos apóstolos continuavam atuantes nas igrejas (xliv.3). E é possível que as tribulações às quais o autor da carta se refere (1.1) eram aquelas causadas por Domiciano (81-96 D.C.), já quase no fim do seu reinado, o que nos confere uma data aproximada de 95 D.C.

**3. Propósito e Conteúdo**

O *propósito* da carta foi acalmar as perturbações e mal-entendidos que haviam surgido na igreja de Corinto, principalmente entre os ministros e os membros (1:10-16). Essa carta tinha o propósito de repreender o espírito *faccioso* da igreja cristã em Corinto, o que nos permite entender que eles não haviam aprendido muito com as epístolas de Paulo (ver I Cor. 3:1 *ss*). Entre eles havia «inveja e contenda». Tais condições geralmente apagam a luz de qualquer igreja cristã. A fim de combater tal situação, a origem e os efeitos da inveja e do espírito contencioso são traçados. A humildade de Cristo, por outro lado, é exaltada. Foi ele quem, pacífico como era, trouxe a paz. Na carta de Clemente, a humildade e a paz são referidas como grandes virtudes.

*Outros Elementos do Conteúdo da Carta*. O autor refere-se à ressurreição futura, e o símbolo clássico da ressurreição é mencionado, a fênix (que vide), como ilustração. Essa ave fictícia morre e torna-se em cinzas; mas então volta à vida, dentre as suas próprias cinzas. A carta de Clemente contém muitas exortações à santidade, à fé e às boas obras. Os crentes são comparados a um exército, que precisa obedecer às ordens dos superiores. São ordenados a boa ordem e a ajuda mútua. Ali é dito que a liderança espiritual é ordenada por Deus, pelo que deve ser respeitada pelos homens. As divisões e as contendas entre os líderes são condenadas. A deslealdade e o orgulho geralmente operam nesses casos. A lei do amor (que vide) é exaltada. O autor vê no amor cristão a solução para todos os problemas da Igreja. O princípio do amor requer sacrifícios pessoais. A carta se encerra com uma intercessão pedindo ajuda, purificação e paz, ao que uma bênção é acrescentada. Ver os detalhes abaixo, sob o ponto quatro.

**4. Fatos Importantes sobre a Carta**

Essa carta é o mais antigo escrito, após o Novo Testamento, cujo autor e cuja data podem ser determinados com razoável certeza. Em certo sentido, a história pós-apostólica da Igreja começa com essa missiva. Inclusos há vários dados históricos importantes, como o martírio de Pedro e de Paulo, bem como a informação de que Paulo morreu após ter chegado aos *limites do Ocidente*, uma alusão à sua viagem missionária entre os dois períodos de aprisionamento em Roma (v.7), mas sobre a qual o livro de Atos nada conta, visto que termina sua narrativa no seu primeiro aprisionamento na capital do império. A epístola de Clemente afirma a base apostólica da mensagem da Igreja. A expiação pelo sangue de Cristo é referida em 7:4; 21:6 e 49:6. O trecho de Isaías 53 é usado nessa conexão, em 16:5. A ressurreição é o tema dos capítulos 24 a 26.

Há um item que precisa ser destacado, devido à sua omissão. Se um papa escreveu uma carta à igreja de Corinto, e se ele tinha poderes especiais, conforme os papas sempre têm, então é difícil concluirmos por que Clemente não fez uso dessa autoridade, para sublinhar a mensagem contra o espírito faccioso da igreja de Corinto. Por outra parte, poderíamos indagar *por que* o bispo de Roma escreveu tal carta a Corinto, cidade que, como é óbvio, ficava fora de sua jurisdição. Estaria ele escrevendo apenas como um bom irmão universal, ou, na qualidade de bispo de *Roma*, exercia mais autoridade e tinha mais prestígio do que os bispos ordinários? Penso que, embora não tenhamos em Clemente uma figura papal, encontramos nele um bispo de Roma, investido de maior autoridade que os outros bispos, por consentimento dos demais, o que lhe permitiu escrever a uma igreja fora de sua área, esperando que a sua reprimenda fosse respeitada. O autor da carta não fala em seu próprio nome, mas em nome da Igreja. Porém, a menos que sua jurisdição fosse reconhecida como uma autoridade que ia além de sua própria cidade e cercanias, seria improvável que ele tivesse tomado sobre si mesmo a tarefa de instruir uma igreja tão distante quanto a de Corinto. Mas, sem importar tudo isso, essa carta preserva preciosas descrições da antiga vida, práticas e doutrinas do cristianismo antigo.

**5. Sua Relação com o Cânon do Novo Testamento**

O fato de que os escritos dos chamados pais da Igreja eram altamente considerados, e as alusões específicas ao fato de que essa carta era lida nos primeiros tempos da Igreja pós-apostólica, mostram que, na época, ela ocupava posição canônica ou quase canônica, pelo menos em alguns lugares. Devemo-nos lembrar que o cânon do Novo Testamento ainda estava em formação, e que, ao tempo do uso de I Clemente, o cânon neotestamentário consistia, essencialmente, dos quatro evangelhos e das epístolas de Paulo. Somente após alguns séculos a coletânea de vinte e sete livros do Novo Testamento recebeu aceitação universal. Ver o artigo separado sobre o *Cânon*.

**6. Texto**

O Codex Alexandrinus contém o texto grego inteiro de I Clemente, excetuando uma página, correspondente a 57.6-64.1. Naquele manuscrito, aparece imediatamente após o Apocalipse. Um outro manuscrito contém o texto grego em sua inteireza, o qual aparece após o *Didache* (que vide). Há várias versões no siríaco, no latim e duas versões em cóptico. Os textos latinos sofreram algumas modificações escribais, exaltando a autoridade de Roma. Em certo manuscrito siríaco de data posterior, seguem-se as epístolas católicas. Certos itens da primeira epístola de Paulo aos Coríntios aparecem refletidos na epístola de Clemente, em 42:1-4, da epístola aos Romanos, em 35:5,6; da epístola aos Hebreus em 9:3; 17:1 e 19:2; de Tito 3:1, em 2:7; e de I Pedro 4:8 em 49:5.

Também é patente que o autor estava familiarizado com os evangelhos sinópticos.

**II. II Clemente**

**Embora chamada de epístola, essa obra é muito** mais um sermão, sendo o mais antigo sermão cristão, completo, à parte do Novo Testamento. O título atribui esse escrito a Clemente de Roma, embora nada exista capaz de dar apoio a essa tradição. Na antiguidade era comum atribuir livros e cartas a autores famosos, a fim de lhes conferir maior prestígio e maior circulação, ou mesmo para honrar o nome do suposto autor escolhido. Essa segunda epístola de Clemente talvez date de 150 D.C., e teve origem em Roma ou em Corinto. Hilgenfeld e Harnack atribuíam-na ao bispo Soter de Roma (166-174 D.C.); mas, até que ponto essa opinião pode estar certa é dificílimo determinar. Talvez tenha-se originado quando dos Jogos dos Istmos que parece serem aludidos em 7.1-4; mas também pode ter sido enviada de Roma para Corinto, como foi o caso de I Clemente.

O autor exorta os seus leitores a pensarem sobre Jesus Cristo como Deus (1:1), e, por conseguinte, a obedecerem aos seus mandamentos. Também relembra os seus leitores acerca da brevidade desta vida, destacando assim a importância da inquirição espiritual. Haverá a ressurreição e haverá o julgamento. Portanto, o crente deveria preservar o selo do batismo mediante uma vida santificada (6.6; 8.6). A santidade é o caminho da salvação. O amor oculta uma multidão de pecados, e a oração *liberta da morte*. Contudo, ali é dito que «o jejum é melhor que a oração, e o dar esmolas melhor do que ambos» (16.4). Esses são pontos de vista interessantes, mediante os quais voltamos à importante lei do amor cristão.

O sermão faz parte do Codex Alexandrinus, bem como de um manuscrito encontrado em 1873 por Bryennios. Também há uma versão em siríaco.

**III. Outra Literatura Clementina Não-Autêntica.**

**Há duas epístolas** *Ad Virgines* **(às solteiras), que** datam do século III D.C.; as *Homilias Pseudoclementinas;* as *Constituições Apostólicas*; a *Liturgia Clementina*; os *Cânones Clementinos*. Estes últimos consistem em cinco cartas, postas no começo das *Falsas Decretais de Isidoro* (que vide). (AM E GR LIG Z)

## CLEMENTE DE ALEXANDRIA

**1. Vida**

Suas datas foram 150-215 D.C. Foi teólogo cristão, provavelmente originário de Atenas, e não de Alexandria, apesar do nome com que é conhecido. Foi pastor da igreja de Alexandria. Sucedeu a Pantaeno, como chefe da escola de catequese; foi mestre do famoso Orígenes, e de Alexandre, o qual tornou-se bispo de Jerusalém. Juntamente com Orígenes (que vide), foi o principal expositor da escola teológica alexandrina. Pouco se sabe sobre a sua vida pessoal. O que se sabe dele é colhido em informes dados em seus próprios escritos, bem como nas obras dos historiadores Eusébio e Pótio. Seu nome era Tito Flávio Clemente. Seus pais **eram pagãos bem-educa**dos e cultos, e a riqueza material deles lhe deu a oportunidade de viajar e de receber uma educação superior. Sua educação inicial foi em Atenas, onde adquiriu amor pela filosofia e pela literatura helênicas. Ali, converteu-se ao cristianismo. De volta a Alexandria, tornou-se estudante do filósofo cristão Pantaeno, um ex-filósofo estóico, que encabeçava a escola catequética cristã da cidade. Ficou em Alexandria de 175 a 202 D.C., ensinando e escrevendo. Mas teve de fugir por causa da perseguição iniciada pelo imperador Sétimo Severo. Praticamente nada sabemos sobre os anos restantes de sua vida, embora, provavelmente, tivessem sido consagrados à vida pastoral, em Jerusalém e Antioquia da Síria. Faleceu em cerca de 215 D.C.

Notável foi a sua contribuição para a erudição cristã e para a teologia. Ver sobre a *Teologia Alexandrina*.

**2. Obras Principais.** No *Protrepticus* (Exortação), **Clemente ataca os absurdos das divindades pagãs,** exortando os seus leitores a voltarem-se para o cristianismo. No *Paedogogus* (Tutor) ele instrui os cristãos quanto à vida espiritual. Sua principal obra, o *Stromateis* (Colcha de Retalhos), nunca foi terminada, embora ali ele procurasse expor seus principais raciocínios filosófico-teológicos. Essa obra teve esse nome por tratar de assuntos diversos. Em parte, ela atacava o gnosticismo, como autor que era, um verdadeiro gnóstico (conhecedor). Ele asseverava que o conhecimento medra no terreno da fé, não sendo contrário à fé. Salientava o monoteísmo e a liberdade moral, contra a idéia do determinismo ético (que vide). Suas obras deram início à teologia especulativa da Igreja. Sua educação helenista capacitava-o a ter amplos pontos de vista, e assim ele pôde conferir à fé cristã uma teologia dotada de alicerce científico-filosófico. Esforçava-se por tirar proveito da erudição secular, de todas as fontes possíveis, a fim de melhor exprimir a sua teologia. Suas obras contêm muitas úteis referências à filosofia grega, bem como à literatura e às ciências físicas. Sua obra em oito volumes, *Stromata*, aborda basicamente a relação entre o cristianismo e a filosofia grega, de onde emergiram os princípios de seu cristianismo platônico.

**3. Idéias:**

a. O alvo do cristianismo, como também o da melhor filosofia grega, é uma vida mais nobre e mais santa. Aquilo que foi visto como meros vislumbres, pelos filósofos gregos, Cristo trouxe à plena luz e esclareceu.

b. Cristo é o *Logos*, o princípio divino entre os homens, o revelador de Deus, Aquele que implanta as Suas sementes por toda a parte. A verdade do Logos não pode ser limitada a qualquer filosofia ou religião isolada, visto que as suas sementes são plantadas e germinam por toda a parte, de acordo com a sua soberana vontade. Isso posto, a melhor porção da filosofia grega atuava como um mestre-escola, preparando os homens para Cristo, papel esse que a lei mosaica teve, em relação aos judeus. O Logos reveste-se de um caráter transcendental que não pode ser contido em qualquer sistema isolado; mas é no cristianismo que o Logos resplandece com maior brilho, e é para esse sistema que todos os demais apontam, como o mais excelente cultivo do plantio do Logos.

c. Deus Pai é Absoluto, a Mônada, isento de todas as características que possam ser expressas mediante a linguagem humana, porquanto ele é superior às distinções sensíveis dos seres humanos.

d. *Em Cristo*, os homens passam da fé para o conhecimento, por meio do amor. Nesse processo, eles adquirem autocontrole e poder moral, tornando-se livres das paixões comuns, desviando-se do caminho da busca pelos vãos prazeres. Os cristãos, pois, tornam-se os *verdadeiros* gnósticos (conhecedores).

e. Os indivíduos são preparados para o cristianismo e para sua mensagem superior; mas isso também sucede no caso da própria humanidade. Muito

daquilo que acontece aqui, mas que não é uma expressão direta do cristianismo, continua sendo meios usados pelo Logos para preparar a salvação dos homens. Não deveríamos desprezar qualquer das operações de Deus.

f. A *filosofia* é um dom de Deus aos homens. Os gregos, mediante a razão, foram capazes de perceber muitos e grandes princípios espirituais, estando assim preparados para uma mais profunda manifestação da verdade. Há muitos níveis da verdade; mas, quanto ao propósito e à função, esses níveis tornam-se um só.

g. O grande problema da filosofia grega é que ela é *incompleta*, e não tanto que ela está essencialmente equivocada. A crença e a revelação cristãs são necessárias a fim de separar a verdade do erro. O verdadeiro gnóstico é o cristão, cujo conhecimento recebeu a iluminação provida pelo Logos. Nele encontramos uma iluminação mesclada com o amor. Portanto, há dois grandes pilares ou sustentáculos da verdade: o conhecimento e o amor. O crente, bem preparado em seu conhecimento, pode usar a dialética da filosofia para aclarar e melhor expor a verdade que ele obteve por parte da fé. Nisso, há uma elevação da simples fé em dogmas para o conhecimento sólido quanto às questões espirituais.

h. A *interpretação alegórica* (que vide). Nos Livros Sagrados há certas coisas que não se prestam para a interpretação literal. No Antigo Testamento, por exemplo, há incidentes nos quais os autores hebreus descrevem Deus a fazer coisas bastante duvidosas do ponto de vista moral. Nesses casos, vemos um sentido alegórico ou simbólico, e não um sentido literal.

i. O Logos é *a fonte* da verdade. Qualquer pessoa que encontrou a verdade em qualquer tempo, em qualquer lugar, em qualquer sistema, na verdade encontrou a verdade suprida pelo Logos. Todas as revelações, onde quer que sejam encontradas, são inferiores ao Logos, porquanto a Mente Divina nunca é acessível ao homem em sua perfeição ou inteireza, pois isso é impossível para a finitude humana. Portanto, a revelação precisa ser progressiva, exigindo a disciplina suprida pela razão.

j. A *missão do Logos* e a salvação humana. A alma é preexistente, e vasta é a sua oportunidade de salvação. A história da descida de Cristo ao hades (I Pedro 3:18-4:6) mostra-nos que ele pregou o evangelho aos perdidos, naquele lugar. E isso indica que a oportunidade prossegue, mesmo após a morte biológica. Os apóstolos teriam estado envolvidos nessa missão ao hades, após a morte deles. E isso faz do hades um campo missionário.

l. Os grupos e as filosofias arrancam algum membro da verdade, e supõem que têm toda a verdade. Mas a verdade é o composto de todos os membros, mostrando-se maior que aquela verdade contida em qualquer lugar ou grupo particular. As muitas partes constitutivas são unificadas em torno do Logos. A verdade contida na filosofia é parcial, embora real. Outro tanto pode ser dito no tocante a muitos grupos e denominações cristãs. Clemente compartilhava da noção de que os gregos tiraram proveito de certas idéias dos hebreus. Essa é uma noção que, mui provavelmente, não corresponde à verdade dos fatos. Mas é verdade que Platão tem várias idéias paralelas aos ensinos dos hebreus.

m. O *conhecimento* tanto é lógico quanto é espiritual. A visão espiritual e o raciocínio bem ordenado levam-nos à mesma verdade, através de diferentes caminhos. O conhecimento espiritual consiste no crescimento em Cristo, na consciência da presença universal de Deus e na união com ele, em amor. O conhecimento racional é o Grande Intelecto em operação, nos intelectos humanos. O conhecimento sempre será uma unidade complexa. A fé é uma unidade simples. O conhecimento, por ser complexo, requer uma abordagem complexa, para que obtenhamos um mais amplo e profundo conhecimento.

n. *O problema do mal e o destino do homem*. Deus não impede que o mal se manifeste. O sofrimento acompanha inevitavelmente a existência humana. Mas Deus faz redundar o mal em bem, visando o benefício do homem. No sofrimento há disciplina e ensino. Na vida física, Deus pode usar o sofrimento a fim de corrigir os pecadores. *Após a morte física*, Deus dá prosseguimento à mesma norma. Os pecadores são santificados por meio do sofrimento, o que Clemente chamava de — *fogo não-material, inteligente*. As chamas do juízo, pois, seriam inteligentes, e não meramente vindicatórias e arbitrárias. Elas teriam uma obra a realizar, em favor dos pecadores. Para alguns, isso poderia assemelhar-se à noção católica do *purgatório* (que vide); mas Clemente estava se referindo a todos os pecadores, e não a crentes que precisam ser purgados de pecados remanescentes. Em outras palavras, o julgamento é *remedial*, e não apenas retributivo; e essa é a única doutrina sobre o julgamento divino que faz algum sentido. É precisamente o que I Pedro 4:6 ensina. Ver os meus artigos sobre a *Restauração* e sobre o *Julgamento*. Ver também sobre o *Problema do Mal*.

o. *O destino final do homem*. Clemente falava em termos de *assimilação* final em Deus. Ele pensava que o homem, por ocasião da criação, recebeu a semelhança de Deus. Mas na redenção, por meio da assimilação, ele adquirirá a natureza divina. Platão, em seu diálogo intitulado *Theaetetus*, dissera algo similar. O homem vem a adquirir a natureza divina mediante o processo da bondade. As Escrituras fazem da santificação e da consagração elementos necessários à salvação da alma (Heb. 12:14). E o trecho de II Pedro 1:4 fala da participação do crente na natureza divina. Isso significa que Platão e Clemente concordavam com essas idéias bíblicas.

p. *Princípios éticos*. Em seu *Paedagogus*, Clemente enfatizou o autoconhecimento mencionado por Platão, bem como o conceito do mal como ignorância e da virtude como conhecimento. A virtude nos vem mediante a *disciplina* e a *busca* pela bondade, e tal busca deve ser livre dos motivos enganosos da vantagem egoísta. Clemente tomou por empréstimo de Aristóteles o princípio da virtude como uma função. Assim, um homem precisa cumprir sua função tencionada, a fim de obter a realização e o efeito da virtude. Toda ação, pois, precisa ser governada pelo intermédio áureo, que também é uma idéia aristotélica. Há certa classe de coisas que não estão sujeitas à vontade humana. O homem deveria reconhecer as coisas que ele pode modificar, bem como as coisas que ele não pode alterar, evitando assim ser dominado por paixões e desejos inúteis. Essa idéia ele tomou emprestada do estoicismo, e, naturalmente, Paulo fez o mesmo tipo de empréstimo quando falou sobre a *moderação* como um grande princípio cristão, em Filipenses 4:5. Tal como em toda a sua teologia e ética (que vide), Clemente encontrava princípios na filosofia grega, que ele ampliava e aprimorava na revelação cristã.

### 4. A Teologia Alexandrina e as Denominações Cristãs

Em termos bem gerais, Clemente falou sobre duas teologias que predominam no cristianismo (que vide).

Uma delas é a teologia *latina*, derivada da interpretação dos pais latinos da Igreja cristã, completa com textos de prova apropriados, extraídos das Escrituras. No tocante à salvação do homem, essa teologia supõe que a alma é criada por ocasião do nascimento ou da concepção (ver sobre a *Alma, Origem da*). Assim, pois, a alma vive dotada de um corpo físico, durante uma breve vida física, neste mundo. Mas, quando o corpo físico morre, a alma é julgada e seu destino eterno é fixado. Podemos apelar para Hebreus 9:27 quanto a essa maneira de pensar. Porém, de acordo com a teologia grega (alexandrina), que emerge da interpretação dos pais gregos da Igreja, que também se alicerça sobre textos de prova bíblicos, obtemos uma visão bastante diferente acerca da questão. De acordo com os pais gregos da Igreja, a alma é preexistente, e já chega a esta vida física possuidora de certa qualidade espiritual. A origem da alma humana seria bem remota, ou na eternidade passada, antes do tempo, ou quando da criação dos seres angelicais. Então a alma humana experimenta uma vida física. Por ocasião da morte biológica, seu destino ainda não está determinado, porquanto o mesmo Logos que busca o homem aqui na terra, continua a fazê-lo nas dimensões espirituais. Isso posto, o destino não é fixado por ocasião da morte física. Via de regra, os pais alexandrinos da Igreja não acreditavam na reencarnação (que vide), mas acreditavam em múltiplas vidas no espírito, todas as quais direcionam a alma para Deus.

**Como as denominações cristãs** se postam diante desses dois sistemas? A Igreja Romana e as organizações dela derivadas, como as igrejas reformadas, e a maioria dos grupos evangélicos, seguem o sistema latino. As Igrejas orientais (ortodoxa, grega, eslava e russa) representam muito mais o ponto de vista dos pais gregos da Igreja. A Igreja Anglicana também tem seguido essa orientação em seus comentários e teologias oficiais. O relato da descida de Cristo ao hades é apontado como prova bíblica (ver I Ped. 3:18-4:6), como apoio bíblico para essa posição teológica, incluindo textos como o de Efésios 1:10, que aludem à restauração a longo prazo, de todas as coisas. Quando iniciei meu comentário, *O Novo Testamento Interpretado*, que acompanha o Novo Testamento versículo por versículo, minha teologia era essencialmente latina, visto que fui criado como crente batista. Mas, ao longo dos estudos que fiz, foram confirmadas as minhas *tendências* orientais. Mediante a razão e as Escrituras, tenho assumido uma filosofia tipicamente alexandrina. Nas muitas obras que consultei, fiquei surpreendido em ver quantos teólogos, dentro da Igreja histórica, têm ensinado os pontos de vista dos pais gregos da Igreja, em contraste com as opiniões dos pais latinos, quanto a certos pontos de doutrina, em torno dos quais eles concordam. Mas, no tocante à doutrina do homem, no tocante às dimensões da alma humana e de sua oportunidade de salvação, tornou-se evidente para mim que os pais gregos da Igreja mostraram-se mais sábios que os pais latinos. (AM C E EP)

## CLEMENTE DE ROMA (Clemente I, Papa?)

Clemente foi um dos primeiros bispos de Roma, depois de Lino e Cleto (Anacleto), por muitos considerado o terceiro sucessor de Pedro, como papa da hierarquia romana. De acordo com Tertuliano (*De praesc.* 32), ele foi consagrado pelo próprio apóstolo Pedro. Mas essa declaração é difícil de entender, levando-se em conta que ele foi o *terceiro* sucessor de Pedro, e não o primeiro. Seu bispado foi de cerca de 92 a 101 D.C. A maioria dos eruditos modernos rejeita a identificação desse homem com aquele Clemente mencionado em Filipenses 4:3. Ver o artigo sobre Clemente (personagem do Novo Testamento), quanto à argumentação contra e a favor dessa identificação. Uma outra identificação rejeitada pela maioria dos intérpretes modernos é aquela com Tito Flávio Clemente, parente dos imperadores Flavianos. Entretanto, é possível que ele estivesse vinculado à família imperial, como filho de um liberto que vivia na corte A tradição afirma em termos decididos que ele sofreu o martírio, embora não disponhamos de detalhes autênticos sobre a questão.

A obra Atos dos Mártires, do século IV ou V D.C., afirma que Clemente foi exilado para a península de Queronese, na área do mar Negro, e foi atirado ao mar com uma âncora amarrada ao seu pescoço. Porém, um grande milagre teria tido lugar, pouco depois. O mar retrocedeu, revelando o seu cadáver envolto em um santuário de mármore. Cirilo, apóstolo dos eslavos, encontrou alguns ossos com uma âncora amarrada aos mesmos, e proclamou que ali estavam os restos mortais de Clemente. Finalmente, esses ossos foram postos na basílica de São Clemente, em Roma. Os frades dominicanos tomam conta do lugar, onde os ossos citados são honrados. Essas fantásticas narrativas lembram-nos das longas tradições que adornam coisas sobre as quais nada sabemos. As tradições humanas não se ressentem da falta de muita imaginação! Mas as pessoas gostam de acreditar nessas coisas, pois a fé de algumas pessoas prefere depender de coisas concretas, sobre as quais pode-se apoiar.

Durante o reinado de Constantino (que vide), foi erigida uma cripta em memória de Clemente. Seja como for, Clemente é considerado o primeiro dos pais apostólicos. Usualmente ele é imaginado pelos artistas com uma âncora amarrada ao pescoço.

Sua memória é festejada a 23 de novembro, na Igreja ocidental e a 24 de novembro na Igreja grega, síria e russa.

*Escritos*: Um grande número de escritos tem sido atribuído a Clemente, mas os estudiosos modernos supõem que a única obra genuína é aquela que atualmente é conhecida como Primeira Epístola de Clemente. Ver o artigo abaixo. (AM E)

## CLÉOPAS

Esse nome é uma contração do termo grego *Kleópatros*, cujo sentido é duvidoso, embora alguns pensem em «pai famoso». Cléopas foi um dos dois discípulos aos quais Jesus se reuniu, a caminho para Emaús, na tarde do dia de sua ressurreição (que vide). O relato, narrado no trecho de Lucas 24:13-32, é um dos mais dramáticos e comoventes dos evangelhos, tendo servido de base para muitos milhares de sermões e tendo inspirado a muitos hinos, sem falar nas muitas lágrimas vertidas por sua causa. Eu mesmo tenho me sentido profundamente comovido ao sermonar a respeito, e tenho visto reações emocionais da parte de outras pessoas. Trata-se de uma história de triunfo incomum e *inesperado*, em meio à aparente derrota. Contém trechos especiais, como: «E disseram um para o outro: Porventura não se nos *abrasava o coração*, quando pelo caminho (Jesus) nos falava e quando nos abria as Escrituras?» Somente mais tarde, quando partiam o pão na companhia de Jesus, quando o sol já estava se pondo no horizonte, eles reconheceram que o Senhor Jesus, a quem tinham considerado morto, tinha andado em companhia deles, tendo-lhes aberto o entendimento para

compreenderem as Escrituras, e que sentara à mesma com eles. O texto tem todos os sinais de ser um relato de testemunhas oculares, sendo possível que o próprio Cléopas tenha contado o episódio a Lucas, que o registrou no terceiro evangelho.

Quando o grupo chegou à aldeia de Emaús, Jesus agiu como se quisesse continuar. Porém, já era o fim da tarde, e a noite aproximava-se rapidamente. Portanto, insistiram com ele para que ficasse com eles naquela noite. O coro do **tabernáculo mórmon canta** um glorioso hino que comemora o acontecimento:

*Fica comigo, já é tarde, o dia está avançando;*
*Caem as sombras da noitinha, a noite se aproxima.*
*Em meu coração, um hóspede querido, no meu lar um descanso.*
*Oh! Salvador, passa esta noite comigo! já é tarde.*
*Fica comigo, já é tarde. O Senhor andava hoje comigo,*
*Meu coração em mim ardia, a comungar contigo;*
*Tuas palavras encheram minha alma.*
*Oh, Salvador, fica esta noite comigo! já é tarde.*

Um outro hino dá prosseguimento ao mesmo tema:

*Fica comigo; desce depressa a escura noite;*
*As trevas se aprofundam; Senhor, fica comigo.*
*Quando falham outras ajudas e o consolo foge,*
*Ajuda dos desamparados, oh! fica comigo.*
*Rápido se aproxima o fim da breve vida.*
*O júbilo terreno diminui, sua glória passa.*
*Mudança e decadência em tudo vejo ao meu redor.*
*Ó tu, que não mudas, fica comigo!*

Somente Lucas registra o episódio, como parte da tradição que ele encontrou em suas investigações. O fim mais longo do evangelho de Marcos, não original do segundo evangelho (Mar. 16:9-20), menciona de forma breve o episódio, ao dizer: «Depois disto, manifestou-se em outra forma a dois deles que estavam de caminho para o campo» (Mar. 16:12).

Alguns identificam o Cléopas deste texto com o Clopas mencionado em João 19:25. Embora Cléopas possa ser a forma grega do hebraico ou aramaico «Clopas», transliterado, não há qualquer evidência que consubstancie essa identificação. (ID NTI)

## CLEÔPATRA

**Esse foi o nome de várias princesas egípcias,** derivado da filha de Antíoco. A mais famosa delas foi aquela associada a Júlio César e a Marco Antônio, que ocupa o terceiro lugar, abaixo:

1. A esposa de Ptolomeu Epifânio, rei do Egito, talvez a princesa referida em Dan. 11:17 como «uma jovem».

2. Uma filha de Ptolomeu VI, Filômetro, e da Cleópatra mencionada acima, cujo primeiro casamento fora com Alexandre Balas (150 A.C.; I Macabeus 10:58). Posteriormente ela foi dada em casamento, por seu pai, a Demétrio Nicator, quando este invadiu a Síria (I Macabeus 11:12; Josefo, *Anti.* xiii.4.7). Porém, estando ele cativo na Pártia, Cleópatra teve ainda um terceiro casamento, dessa vez com o irmão de seu segundo marido, de nome Antíoco VII Sidertes. Quando o segundo marido de Cleópatra retornou do cativeiro, foi assassinado. E alguns historiadores crêem que Cleópatra esteve envolvida (Josefo, *Anti.* xxx.9,3). Mas o informe parece justificado, visto que sabemos que ela matou Seleuco, o Velho, a fim de permitir que Antíoco VIII subisse ao poder. Porém, ele não estava disposto a satisfazer as ridículas ambições dela. Por causa disso, ela tentou matá-lo por envenenamento. Mas ele percebeu o que ela estava fazendo, e forçou-a a beber a taça envenenada, e ela morreu, em cerca de 120 A.C.

3. A última da linhagem das Cleópatras da degenerada linhagem ptolomaica. Pouco mais elas faziam do que arrancar do povo o máximo de dinheiro possível, sem causar revolta. Essa Cleópatra ficou famosa por causa de seu envolvimento na história romana, em vista do que fez em seu próprio país. Ela foi uma culta e brilhante princesa macedônia, que usava seus encantos pessoais para promover seus desígnios. Ela se considerava filha do deus-sol, Ra, e levava a sério a religião do povo. Júlio César interveio na política dos Ptolomeus no fim de 48 A.C. Nesse tempo, Cleópatra estava exilada da corte de seu irmão, e tinha vinte e dois anos de idade. Conheceu César quando ele visitou o Egito. Ele resolveu torná-la sua amante. Ela lhe deu um filho e voltou a Roma com ele. Depois que César foi assassinado, Cleópatra voltou ao Egito. Em 41 A.C., Marco Antônio, membro do triunvirato do qual participavam Otávio e Lépido, convocou Cleópatra e outros governantes orientais para lhe prestarem contas. Ela viu uma segunda oportunidade de aumentar seus poderes, e voltou a sua atenção para Antônio. Eles tiveram um rápido romance. E, depois que Antônio rompeu relações com Otávio, em 37 D.C., casou-se com Cleópatra. Ela obteve poder absoluto sobre Antônio, tornando-se sua companheira e confidente. Cleópatra assassinou sua irmã mais jovem, Arsinoé, porque esta ameaçava remotamente a seu trono, e assim consolidou o seu poder. Antônio já tinha uma esposa em Roma, a irmã de Otávio. E, assim sendo, estava iniciando um perigoso ato de equilíbrio. Cleópatra teve gêmeos de Antônio. Diante disso, Antônio cuidou para que as terras e o império dela fossem imensamente aumentados. Ela recebeu territórios no centro da Síria, a ilha de Chipre, boa parte das costas da Fenícia, propriedades na Judéia, etc. Conseguiu apagar Otávio totalmente, havendo escândalos que sacudiram Roma. Isso laborava contra Antônio, que foi perdendo gradualmente os seus partidários. Mas Cleópatra acompanhava-o por onde quer que ele fosse, até mesmo ao campo de batalha. O desastre, porém, estava prestes a ocorrer. A família Otaviana declarou guerra a Antônio, a Cleópatra e ao império dela. Quando os dois comandantes encontraram-se em Ácio, no ano 31 A.C., para decidir quem haveria de governar o império romano, Antônio seguiu o plano de batalha traçado por Cleópatra. Porém, sua flotilha quase inteira o abandonou, e foi nos navios dela que Antônio fugiu, e tudo se perdeu. O exército dele, **Em vez de segui-lo** para Alexandria, simplesmente rendeu-se.

**O sonho com Antônio havia terminado; e Cleópatra percebeu que ele não mais podia ser usado para** concretizar os seus sonhos de poder. Ela provocou o suicídio dele, espalhando o falso rumor de que ela se matara. Em vista disso, Cleópatra tentou influenciar Otávio com os seus encantos, a fim de conseguir para si o máximo possível. O plano dela de oferecer a sua família inteira, como oferenda a Ra, fracassou. Porém, ela conseguiu ocultar uma áspide (símbolo de Ra) em uma cesta de figos. Cleópatra fez a áspide picá-la, e assim ela morreu em sacrifício a Ré. O último pedido dela de ser sepultada ao lado de Antônio, foi concedido. Tinha quarenta anos de idade, quando morreu. Os historiadores dizem-nos que os romanos não temiam a ninguém mais do que a Cleópatra, excetuando Aníbal.

A vida de Cleópatra tem produzido uma volumosa literatura, em prosa, verso e peças teatrais. Isso começou desde tempos antigos, porque os atos

astuciosos e violentos de Cleópatra provocavam repúdio e terror entre os romanos. Foi assim que ela veio a fazer parte das *Odes* de Horácio, das *Éclogas* de Vergílio, da *Bella civilia* de Apiano, e das *Vidas* de Plutarco. Ovídio, Luciano e Plínio narram certos detalhes de sua história. A literatura e o teatro modernos têm-na retratado como uma sereia ávida por sexo, que nutria um descontrolado desejo de maior autoridade. Os historiadores, porém, dizem-nos que ela não foi tão má como a pintam; e, na verdade, nem todos os escândalos espalhados a respeito dela correspondiam à verdade. Ela tinha algumas qualidades. Era dotada de forte determinação, energia, inteligência e propósito firme. Ela é lembrada como contendora quase bem-sucedida pelo controle do mundo helênico de seus dias. Ver o artigo sobre *Ptolomeu*. (AM WEI)

## CLÉRIGOS REGULARES

Esse nome indica alguma instituição religiosa masculina, como, por exemplo, os jesuítas, que combinam as atividades dos padres seculares com os votos solenes da vida monástica.

## CLÉRIGOS SECULARES Ver Ministros Seculares.

## CLERO

Essa palavra aponta para as ordens santas. Os artigos a serem examinados em conexão com as santas ordens e o clero são: *Sucessão Apostólica; Bispo; Ancião; Diácono; Diaconisa; Ordens; Ordenação; Papa; Padre; Sacramentos; Vigário.*

## CLERO, CLERICAL

A origem dessa palavra é o termo grego **kléros**, que significa *porção*, herança ou *partilha*. Quando da eleição de Matias, para ocupar o ofício apostólico perdido por Judas Iscariotes, encontramos as *sortes* mediante as quais ele foi eleito. Destarte, o termo pode significar um ofício ou alguma possessão. No Antigo Testamento, o *clero* de Yahweh era a nação de Israel. Em I Pedro 5:3 os anciãos são exortados a não dominar os seus respectivos *kléroi*, ou seja, as suas esferas pastorais e o povo que a eles cabia. Dali temos a palavra grega cognata, *kleronomia*, que significa «herança». Foi dessa última palavra que se desenvolveram as palavras portuguesas *clero* e *clerical*. Esse uso começou na época de Tertuliano. Veio a significar o grupo inteiro de homens separados mediante ordenação, para serem os líderes da igreja local, em contraste com os leigos. No início da Idade Média, o clero era, praticamente, as únicas pessoas alfabetizadas, pelo que a educação passou para as mãos da Igreja e seu clero. Na Idade Média, o termo *clericatus* (em francês antigo *clergie*) incluía um largo espectro de pessoas: os bispos, os padres, os diáconos, os subdiáconos, aqueles que pertenciam às ordens religiosas menores, os porteiros, os leitores, os exorcistas e os atendentes, que se ocupavam de deveres subordinados.

Visto que, na Idade Média, o clero formava a classe dominante, seus membros, naturalmente, envolviam-se em cada função da sociedade, havendo então uma absoluta mistura de funções eclesiásticas e seculares (que vide). A Reforma Protestante (que vide) produziu a revolta contra tal envolvimento, acompanhada pelo desejo de ver a Igreja fora da política, tal como o papa João Paulo II atualmente o está expressando. Houve movimentos pró e anticlericais na Europa. A Revolução Francesa envolvia forte tendência anticlerical. Em vários grupos protestantes houve medidas para eliminar a distinção entre o clero e o corpo laico, nos quais não há um ministério treinado ou pago, mas apenas alguns poucos irmãos, entre irmãos, que assumem a liderança nas igrejas locais. (AM C WA)

## CLITÔMACO

Suas datas foram 157-110 A.C. Foi um filósofo grego, nascido em Cartago, África do Norte. Estudou em Atenas, sob a orientação de Carnéades, o cético, cujas idéias ele passou a propagar, mediante cerca de quatrocentos tratados. Sucedeu a Carnéades como chefe da Nova ou Terceira Academia, em 129 A.C. Dispomos apenas de fragmentos de seus escritos. Cícero informa-nos que ele muito devia ao tratado de Clitômaco, *Sobre a Suspensão do Juízo*, quanto a algumas de suas idéias.

## CLOE

No grego significa «ramo tenro» ou «erva verde», nome de uma crente de Corinto. Alguns membros de sua família forneceram a Paulo informações sobre as condições na igreja de Corinto, condições essas não muito favoráveis (I Cor. 1:11). Ela mesma vivia em Corinto ou em Éfeso. Alguns têm pensado que esse nome refere-se a um grupo pagão, associado ao culto de Demeter, mas isso parece improvável.

## CLOPAS

Esse nome próprio masculino aparece somente em João 19:25. Alguns estudiosos pensam que esse nome grego, *Klopás*, é transliteração de uma palavra hebraica de onde também se deriva o apelativo masculino Alfeu. Na verdade, esses dois nomes, Cléopas e Clopas (que vide) têm sido confundidos um com o outro, o que também se dá com os dois homens diferentes que aparecem no Novo Testamento, cada qual com um desses nomes. Clopas pode ser uma forma grega de Alfeu (que vide). A forma aramaica para Alfeu é Halphai, que poderia ser transliterada para Clopas. Têm sido feitas tentativas para identificar Alfeu com o Cléopas de Lucas 24:18 ou com o Clopas de João 19:25. Alguns chegam mesmo a supor que todos esses três nomes referem-se ao mesmo indivíduo. A comparação entre João 19:25, Lucas 24:10 e Mateus 10:3 parece identificar Alfeu com Cléopas, mas muitos intérpretes resistem a essa identificação.

Clopas era marido (embora no grego possa ser entendido como *filho* ou como pai) de uma das mulheres que estiveram ao pé da cruz de Jesus, quando ele estava crucificado (João 19:25). O nome da esposa desse homem era Maria, embora distinta de Maria, mãe de Jesus, e de Maria Madalena. O texto grego não deixa claro se essa Maria aparece em aposição com a irmã de sua mãe, tornando-a tia de Jesus, ou se o autor sagrado queria que compreendêssemos que estavam presentes quatro mulheres. Tanto Mateus quanto Marcos mencionam uma certa Maria, «mãe de Tiago e José», entre as mulheres que estiveram próximas da cruz (Mat. 27:56; Mar. 15:40). Marcos identifica esse Tiago como «Tiago, o menor», a fim de distingui-lo de Tiago, filho de Zebedeu. Todas as quatro listas dos apóstolos mencionam um certo Tiago, filho de Alfeu. Se esse é o mesmo Tiago mencionado em Mat. 27 e Mar. 15; então Clopas e Alfeu foram, realmente, a mesma pessoa. Esse é um pequeno quebra-cabeças quase impossível de solucionar. Porém, a identificação de Clopas (Luc. 24:18)

com Cléopas é muito mais duvidosa. Aumentando ainda mais a confusão, vários pais da Igreja fizeram toda espécie de declarações conflitantes. Tudo o que é razoavelmente certo é que houve um certo Clopas, que tinha dois filhos, chamados Tiago e José, e que a sua esposa esteve entre as mulheres que se aproximaram da cruz de Cristo. Mas, alguns intérpretes pensam que nem mesmo quanto a isso há plena certeza. (S UN Z)

## CLÓVIS

**Suas datas foram 466-511 D.C. Foi o fundador** do reino franco, ou germânico. Adotou o cristianismo, para si mesmo e seu povo. Ampliou os seus domínios territoriais às expensas de seus vizinhos arianos. Também lançou os alicerces de um estado forte e novo, formativo da Europa. De acordo com esse novo estado, as civilizações romana e teutônica mesclaram-se. Embora se dissesse cristão, através da guerra e do assassinato, ele removeu reis francos rivais, unindo os francos e ampliando os seus territórios. Todavia, sua conversão ao cristianismo, posto que apenas nominal, é considerada mais importante, para os historiadores, do que seus feitos militares e pessoais. Na verdade, ele não foi o primeiro chefe franco a tornar-se cristão; mas, por causa dele, estabeleceu-se um laço de união entre os francos e a Sé de Roma, que foi um dos mais duradouros e críticos elementos da história medieval, o que envolveu, ao longo da história, tanto cooperação, quanto ajuda mútua e antagonismo. Esse começo da igreja nacional dos francos, posteriormente incorporada à igreja galicana, produziu séculos de conflito entre o papado e os francos, e, posteriormente, entre o papado e o Santo Império Romano, onde muitos dos seus imperadores foram germânicos.

O controle da Igreja Católica por parte de Clóvis também foi um outro incidente histórico da mistura absoluta entre a Igreja e o Estado. (AM E)

## CLUNIACENSE

**Esse era o nome dos membros da ordem** ou congregação de Cluny, fundada em 910 D.C. pelo abade Berno e seus sucessores imediatos. Eles buscaram reformar a vida monástica mediante uma aplicação mais disciplinada das regras beneditinas (que vide). Eles enfatizavam a pobreza, o trabalho árduo e a simplicidade. Entretanto, essa atitude foi-se modificando gradualmente, e pouco a pouco a ordem foi-se envolvendo nos meandros da política papal. Entraram privilégios pessoais e a decadência, fraquezas muito comuns na história humana. (E)

## CLUNY

**Um mosteiro beneditino fundado em Cluny, na** França, no começo do século IX A.C., que se tornou famoso como residência e escola de muitos distinguidos personagens da era medieval, como o papa Gregório VII (que vide). Esse mosteiro adquiriu uma autoridade e uma influência extraordinárias, pois a abadia tinha a permissão de crescer sem interferências da parte de bispos ou de reis. Os abades de Cluny algumas vezes falavam com uma autoridade que era **maior até mesmo que a autoridade dos papas. Porém, à medida que seu poder e riquezas aumentavam,** seu fervor religioso declinava. O templo ali construído, chamado de igreja de São Paulo e São Pedro, foi o maior da Europa, até ser construída a catedral de São Pedro, em Roma. Era um excelente espécime de arquitetura romanesca. Após a Revolução Francesa, foi vendida a abadia, e muitos dos seus edifícios foram demolidos, com a passagem do tempo. Alguns edifícios da abadia, porém, continuam de pé, e vários itens das esculturas e dos tesouros originais encontram-se em vários museus. (AM)

## CNIDO

**Esse nome designa uma aldeia e uma península na** antiga Cária que se projetavam da porção sudoeste da Ásia Menor, entre as ilhas de Rodes e de Cós. Nos tempos clássicos, era uma colônia grega, uma cidade comercial com conexões tanto com o Egito como com a Itália, já desde o século VI A.C. Havia ali uma escola de mágica e elaboradas instalações próprias para ritos religiosos, incluindo aquelas para a adoração à deusa Afrodite. Havia ali uma famosa estátua de Afrodite, esculpida por Praxíteles. A cidade era famosa por sua adoração idólatra, segundo nos diz Estrabão (xiv. par.965) e Plínio (*Hist. Nat.* xxxvi.15). O famoso astrônomo Eudoxo, era natural da ilha. Juntamente com a totalidade da Ásia Menor, a ilha de Cnido caiu sob o domínio persa, no século VI A.C. No século V A.C., a ilha tornou-se membro da liga de Delos, dominada por Atenas. Não é bem conhecida a sua história, nos períodos helênico e romano. Sabe-se que era uma cidade livre, na província da Ásia. Os romanos escreveram para a cidade de Cnido, em favor dos judeus, durante o tempo dos Macabeus (I Macabeus 15:23). Ali havia uma **população judaica, desde o século II A.C. Era uma importante cidade de centro marítimo. Essa cidade,** que ficava situada no fim de uma longa península, entre duas ilhas, Rodes e Cós, com seus dois portos, estava equipada para servir de ponto de partida e chegada do comércio. Paulo passou pela ilha em sua viagem para Roma, após seu período de aprisionamento em Jerusalém, Atos 27:7.

## COA

**Essa palavra aparece somente em** Ezequiel 23:23. O profeta declara ali que o povo de Israel precisava ser punido, por haver adotado a idolatria e as noções fantásticas dos pagãos. Coa aparece entre os povos que influenciaram adversamente a Israel. Essa localidade, evidentemente, deve ser identificada com os Kutu, localizados a leste do rio Tigre e ao sul da porção inferior do rio Zabe, ou seja, a nordeste da cidade da Babilônia.

## COABITAÇÃO

**Essa palavra exprime a idéia de um homem e de** uma mulher que convivem fora da relação matrimonial legal. De outras vezes, o termo é usado somente para referir-se ao ato sexual. Certa forma de coabitação tem aumentado dramaticamente em anos recentes, a saber, a de estudantes universitários. Uma das razões para isso é a razão econômica. É mais barato um casal alugar uma casa para viverem, do que cada qual viver separadamente, em um dormitório da universidade. Outra razão é que os padrões morais muito frouxos da sociedade moderna têm removido o estigma que antes era associado a uma situação similar, pelo que os estudantes sentem-se livres para viverem juntos, do ponto de vista da opinião pública. Uma outra razão é que estudantes que não dispõem de recursos financeiros para casarem-se, mas desenvolveram uma relação pessoal, querem viver juntos, sem as obrigações do casamento. Ainda outros simplesmente pensam que é mais interessante viver com um membro do sexo oposto, do

que com alguém do mesmo sexo. Mas ainda há outra razão, a saber, o temor das enfermidades venéreas, porquanto existem várias delas que não têm cura. Os que assim pensam dizem que é melhor ter uma companhia constante, com o envolvimento de uma amizade especial, do que viver na promiscuidade, que a maioria dos estudantes universitários vêm praticando há longas décadas.

A *ética relativista*, naturalmente, afirma que a coabitação não é errada se as duas pessoas envolvidas se beneficiam mutuamente, se seu relacionamento não redunda em resultados prejudiciais para nenhum deles. Esse é o ponto de vista pragmático; e vários dos itens acima mencionados fazem a coabitação parecer benéfica, do ângulo relativista. Ver o artigo sobre o *Relativismo*.

A *ética absoluta*, isto é, a idéia de que existem padrões morais determinados por Deus, pela natureza, ou pelas demandas do próprio indivíduo, condena a prática da coabitação. A ética teísta, como também a ética da maioria das religiões, é uma forma de ética absoluta. A ética bíblica tem aspectos teístas e absolutos, pois ali fica entendido que as normas éticas procedem de Deus, e não dos atos e padrões relativistas dos homens. A fornicação é errada, sem importar o fato de que as despesas dos estudantes universitários aumentaram muito. O valor da verdade da ética teísta depende de quão fidedigna é a revelação divina, bem como de quão fidedigna é a razão. Ver sobre *Revelação*. Ver também I Cor. 6:18 quanto a um mandamento bíblico que tem aplicação a essa questão. Naturalmente, a Bíblia ensina que os mandamentos de Deus nos foram dados, não a fim de servirem de obstáculos, mas para ajudar-nos, porquanto são sempre benéficos a nós (Deu. 10:13). Pode-se mesmo argumentar que em nossos próprios dias, dentro da cena temporal, é bom negócio obedecer à Palavra de Deus, sem nada dizermos sobre o progresso da alma e sobre o julgamento vindouro. Ver o artigo geral sobre a *Ética*.

## COATE, COATITAS

O termo hebraico **Kohate** significa «assembléia». Coate foi o segundo dos três filhos de Levi: Gérson, Coate e Merari (Gên. 46:11). Foi o pai de Anrão, Jizar, Hebrom e Uziel (Núm. 3:19). Acerca dele, porém, sabemos apenas que foi para o Egito, na companhia de Levi e Jacó (Gên. 46:11) e que sua irmã chamava-se Joquebede (Êxo. 6:18). Viveu em torno de 1870 A.C. Seus descendentes, os coatitas, formavam uma das três grandes divisões dos levitas, que continha a família sacerdotal que descendia Arão (Êxo. 6:18-20). Seus deveres específicos incluíam o de transportar a arca e os vasos sagrados (Núm. 4:15; 7:9). A herança deles (daqueles que não eram sacerdotes) cabia entre a meia-tribo de Manassés, em Efraim (I Crô. 6:61-70) e em Dã (Jos. 21:5,20,26).

Após a conquista da Palestina, os coatitas eram tratados conforme eram tratadas todas as famílias levíticas. Eles receberam cidades e pastagens, nada menos de dez (Jos. 21:20-26), quatro delas no território de Efraim, quatro outras no território de Dã, e duas no território da meia-tribo de Manassés. Nos dias de Davi, estiveram envolvidos no serviço da casa do Senhor. Hemã e Uriel foram os principais coatitas ocupados desse serviço. Eles ajudaram no retorno da arca a Israel, depois que a mesma fora tomada pelos filisteus (I Crô. 15:3-5). Também estiveram envolvidos em dois movimentos reformadores, a saber, aquele durante o reinado de Ezequias, entre 715 e 687 A.C. (II Crô. 29:12-16) e aquele durante o reinado de Josias, quando o templo de Jerusalém sofreu reparos. Zacarias e Mesulão eram levitas e coatitas que foram postos sobre o trabalho do templo (II Crô. 34:12).

## COBERTA

No hebraico, **semikhah**, de sentido ainda incerto. A palavra aparece somente em Juí. 4:18, para indicar o artigo usado por Jael, mulher de Héber, queneu, para cobrir Sísera, general do rei cananeu Jabim, que por vinte anos vinha oprimindo duramente a Israel. Em batalha contra as forças dirigidas por Débora e Baraque, Sísera fugiu e refugiou-se na tenda de Jael. Apesar dele estar fugindo para não perder a vida, isso representava uma grande falta contra a intimidade e bom nome da esposa de um homem. Astutamente ela fingiu-se acolhedora, cobrindo-o com algum tipo de coberta. Mas, quando Sísera dormia de cansado, Jael apanhou uma estaca e cravou-a na fronte do general cananeu, o qual morreu. Os estudiosos reconhecem que a palavra hebraica em foco pode indicar um tapete, um cobertor, uma capa, etc., pelo que a tradução «coberta», usada em nossa Bíblia portuguesa, é boa, pois não define a natureza exata do artigo usado por Jael.

## COBERTA PARA A CABEÇA, VÉU

A arqueologia tem descoberto muitas informações sobre as antigas cobertas para a cabeça. As evidências incluem pinturas, relevos e referências literárias. As descobertas arqueológicas mostram que os primeiros habitantes da Palestina andavam de cabeça descoberta. As primeiras cobertas para a cabeça eram simples faixas (I Reis 20:38,41; onde nossa versão portuguesa diz «venda»), ornamentadas de vários modos. As mulheres, naturalmente, usavam um véu que cobria totalmente os seus cabelos. Também punham panos na cabeça, quando transportavam cargas equilibradas no alto da cabeça. Ver o artigo sobre *Véu*. Os sacerdotes usavam turbantes de pano feitos de linho (Êxo. 39:28). Todas as cobertas dessa natureza eram tiradas em tempos de lamentação (Isa. 61:3; Eze. 24:17,23). Nessas ocasiões, a cabeça era coberta com as mãos, ou recoberta de pó ou cinzas (II Sam. 13:19; Lam. 2:10). O sumo sacerdote usava seu próprio tipo de turbante (Êxo. 28:4; 29:9; Lev. 8:13). Tanto os homens quanto as mulheres de alta classe usavam o *sanip*, uma coberta para a cabeça feita de pano retorcido.

*Regulamentos Paulinos*. O uso generalizado de cobertas para a cabeça, entre os homens, nos dias do Antigo Testamento, tem feito alguns questionarem os preceitos de Paulo a respeito, em I Cor. 11:4. Segundo ele, um homem não deveria orar ou profetizar com a cabeça coberta. É de presumir-se que os judeus da época apostólica não podiam participar das funções religiosas com a cabeça coberta. Porém, isso não impediria que eles usassem algum tipo de turbante, ou coisa parecida, em outras oportunidades. A regra de Paulo não estava alicerçada sobre meros costumes. Antes, ele afirma que essa regra estava baseada no fato de que o homem é a imagem de Deus, pelo que o homem não deveria desfigurar essa imagem, cobrindo-a por ocasião da adoração. Antes, essa imagem deveria ser evidente, por ocasião da adoração. Por outra parte, a mulher deve cobrir a cabeça, durante os cultos religiosos, mormente ao orar e profetizar, porque isso serve de sinal da sua sujeição ao marido. Ver o artigo geral sobre *Vestes*.

••• ••• •••

## COBIÇA

Há várias palavras hebraicas e gregas envolvidas, a saber:

1. *Avvah*, «desejo por si mesmo». Palavra hebraica usada por quatro vezes: Deu. 5:21; Pro. 21:26; Sal. 45:11; Pro. 23:3.

2. *Chamad*, «desejar». Verbo hebraico usado por catorze vezes. Por exemplo: Êxo. 20:17; Jos. 7:21; Miq. 2:2; Deu. 5:21; 7:25; Jó 20:20; Isa. 1:29; 53:2.

3. *Batsa*, «ganhar (ilegalmente)». Palavra hebraica usada por oito vezes com o sentido de cobiçar. Por exemplo: Hab. 2:9; Pro. 1:19; 15:27.

4. *Epithuméo*, «fixar a mente sobre». Palavra grega usada por dezesseis vezes: Mat. 5:28; 13:17; Luc. 15:16; 16:21; 17:22; 22:15; Atos 20:33; Rom. 7:6; 13:9 (citando Êxo. 20:15,17); I Cor. 10:6; Gál. 5:17; I Tim. 3:1; Heb. 6:11; Tia. 4:2; I Ped. 1:12; Apo. 9:6.

5. *Orégomai*, «estender os braços para». Termo grego usado por três vezes: I Tim. 3:1; 6:10; Heb. 11:16.

6. *Pleoneksía*, «desejo de mais». Substantivo grego usado por dez vezes: Mar. 7:22; Luc. 12:15; Rom. 1:29; II Cor. 9:5; Efé. 4:19; 5:3; Col. 3:5; I Tes. 2:5; II Ped. 2:3,14. O adjetivo, *pleonéktes*, «cobiçoso», aparece por quatro vezes: I Cor. 5:10,11; 6:10; Efé. 5:5.

A cobiça pode ser definida como o desejo desordenado de adquirir coisas, posição social, fama, proeminência secular ou religiosa, etc. Pode incluir a tentativa de apossar-se do que pertence ao próximo. A cobiça geralmente aumenta com a idade, ao invés de diminuir, dando origem a certo número de males. A cobiça promove a alienação de Deus, a opressão e a crueldade contra o próximo, a traição e as manipulações e desonestidades de toda espécie. É um dos principais fatores por detrás de todas as guerras. Os indivíduos e os grupos mostram-se cobiçosos. As nações incorporam o princípio da cobiça em suas leis. Os hebreus condenavam esse pecado, que aparece como um dos dez mandamentos (que vide). Aparece em Êxodo 20:17. A mensagem é que coisa alguma pertencente a outrem, deve ser desejado. Quase sempre, o desejo desordenado da cobiça provoca alguma ação para que o cobiçoso adquira o que quer, ou para que persiga o possuidor do objeto ou da pessoa cobiçados. Esse mandamento chega perto do adultério, visto que uma das coisas que pode ser cobiçada é a esposa de outro homem.

*O Novo Testamento Condena Também a Cobiça.* Os cobiçosos anelam por ter mais dinheiro (Atos 20:33; I Tim. 6:9; Rom. 7:7). A cobiça pode expressar-se sob a forma de violência (II Cor. 2:11; 7:2). Mas Jesus repudiou o espírito ganancioso (Mat. 7:22). A cobiça é alistada entre os pecados frisados por Paulo, em Efésios 4:19. A cobiça é uma forma de auto-adoração que expulsa Deus de nossas vidas (Efé. 5:5; Col. 3:5). Aparece na lista dos vícios dos povos pagãos, em Romanos 1:29. Apesar de não ser especificamente alistada entre as obras da carne, em Gálatas 5:19-21, a cobiça é uma das causas de várias daquelas obras carnais, como o adultério, o ódio, as dissensões, a beligerância, etc., devendo ser incluída entre as «tais coisas» que Paulo mencionou, e que não permitem que uma pessoa chegue ao reino de Deus (Gál. 5:21).

**Exemplos Bíblicos de Cobiça.** Labão (Gên. 31:41); Acã (Jos. 7:21); os filhos de Eli (I Sam. 2:12); Saul (I Sam. 15:9,19); Acabe (I Reis 21:2); os nobres dos judeus (Nee. 5:7); a Babilônia (Jer. 51:13); Judas Iscariotes (Mat. 26:14,15); os fariseus (Luc. 16:14); Ananias (Atos 5:1-10); Félix (Atos 24:26); Balaão (II Ped. 2:15; Jud. 11).

A cobiça é alistada como um dos pecados mortais, pela Igreja Católica Romana. Ver o artigo sobre *Pecados Mortais e Veniais*. (TOR S)

**COBRA** Ver **Serpentes (Serpentes Venenosas)**.

## COBRE

O cobre é um elemento metálico não ferroso que ocorre em estado metálico livre, na natureza. A arqueologia tem mostrado que o cobre já era usado em cerca de 8000 A.C. Os objetos eram moldados a marteladas. — Foi o substituto da pedra, usada pelos homens neolíticos. Talvez desde 6000 A.C. o cobre vem sendo moldado em moldes, assumindo objetos de muitos formatos. Em cerca de 5000 A.C., apareceram armas e instrumentos de muitos tipos, feitos de cobre. Muitos desses objetos têm sido encontrados pelos arqueólogos nos túmulos antigos do Egito e em outros lugares, onde, supostamente, serviriam aos falecidos. Em cerca de 3700 A.C., esse metal foi fundido juntamente com o estanho, sendo produzido o bronze (que vide). A julgar pelas observações feitas por Hesíodo e Lucrécio, a arte do fabrico de instrumentos de cobre é mais antiga que a do ferro. Era encontrado em grandes massas, podia ser fundido e moldado com maior facilidade do que o ferro, e isso o tornava uma opção preferível. O trecho de Deuteronômio 8:9 indica que havia muito cobre na Palestina. Davi deixou grande quantidade desse metal, para ser usado na construção do templo de Jerusalém (I Crô. 22:3-14). Muitos dos vasos usados nesse templo eram feitos de cobre (Lev. 6:28; Esd. 8:17), como também armas, capacetes, armaduras, escudos e lanças (I Sam. 17:5,6,38). Também havia correntes feitas desse material (Juí. 16:21).

Chipre era um dos grandes centros produtores de cobre, desde cerca de 3000 A.C. E suas minas de cobre era uma das razões pelas quais egípcios, assírios fenícios, gregos, persas e romanos tanto se interessavam por controlar a ilha. Os romanos chamavam o minério de cobre de *aes cyprium*, isto é, «minério de Chipre». Até hoje o cobre é extraído em Chipre.

A arqueologia tem mostrado que havia minas de cobre na península do Sinai, desde cerca de 3800 A.C. As condições que prevaleciam nessas minas são mencionadas em uma inscrição pertencente ao reinado de Amenemete III, de cerca de 1800 A.C.

Moisés instruiu o povo de Israel a buscar cobre (Deu. 8:9), e um dos acampamentos relacionados às vagueações por quarenta anos, no deserto, Dofca, mencionado em Números 33:12, contava com depósitos de cobre nas proximidades. Esse lugar tem sido identificado com a moderna Serabit el-Khadem. Ali os egípcios extraíam cobre e turquesas desde os tempos mais remotos. Salomão extraía cobre da Arabá. Havia fundições perto de Eziom-Geber, no começo do golfo de Áqaba, bem como em várias localidades ao longo do vale do rio Jordão. Esse metal era exportado a partir de Eziom-Geber (I Reis 9:26-28).

O cobre, em seu estado natural, tem cor vermelho-cobre, é dúctil e maleável. Algumas vezes é encontrado sob a forma de folhas ou placas, mas geralmente é descoberto sob a forma de grandes massas. (S Z)

## COCEIRA

Ver sobre as **Doenças**.

••• ••• •••

## COCHEIRO

Ver o artigo geral sobre as **Carruagens**. No Antigo Testamento encontramos o termo «cocheiro» (I Reis 22:34 e II Crô. 18:33; no hebraico *rakkab*), em alusão ao carro de guerra de Acabe. — Algumas vezes, um carro de guerra era tripulado por um único guerreiro ou capitão; mas, usualmente, havia um cocheiro que guiava o carro, deixando o capitão livre para a sua tarefa de matar. E também podia haver um terceiro homem, o escudeiro.

## CODEX

Vem do latim, onde, a princípio, significava «tronco», depois «casca» e finalmente, uma «tábua», tanto aquela munida de uma camada de cera, como aquela usada para servir de capa de um livro. Portanto, a palavra veio a indicar um LIVRO, em contraste com um rolo. O formato de livro é bastante antigo, sendo usado para receber grande variedade de anotações, como uma caderneta, um livro de contabilidade ou um livro de estudos. Alguns intérpretes supõem que alguns dos livros originais do Novo Testamento foram preparados em forma de livro, e não em forma de rolos. O uso de livros parece ter surgido primeiramente no Ocidente. Por volta do século III D.C., esse formato passou a ser preferido, com o prejuízo do formato de rolo, e as Escrituras cristãs, a partir desse tempo, começaram a ser registradas por escrito quase exclusivamente no formato dos livros. Os códices eram manuscritos, encadernados à mão, e feitos de vários materiais, como papel, tecido ou velino. O vocábulo «codex» veio a assumir o sentido de coletânea ou código de leis, visto que esse código geralmente aparecia em uma coleção de livros.

Há muitos antigos e importantes códices das Escrituras. No artigo sobre os *Manuscritos*, oferecemos a descrição sobre vários deles. Ver sobre *Manuscritos do Novo Testamento*, III. Ali aparece uma lista, em forma de tabela, que inclui importantes detalhes, inclusive o tipo de texto. No fim daquela seção, são descritos individualmente os seguintes importantes manuscritos unciais: A, B, C, D, Aleph, I, L, W e Pi. Ver o artigo separado sobre os *Papiros Chester Beatty* e os *Papiros Bodmer*. O artigo sobre os *Manuscritos* também descreve os mais importantes códices das versões latina, siríaca, copta, etc.

## CÓDIGO DE HAMURABI

Ver sobre **Hamurabi, Código de**.

## CÓDIGO DE MANU

Trata-se de um poema métrico do hinduísmo, com 2.685 versos, que apresenta o ponto de vista ortodoxo do bramanismo sobre religião, leis, costumes e política. Seu conteúdo essencial distribui-se como segue:

1. São descritos os quatro estilos de vida, ou quatro ordens ou *ashramas*, a saber, os estilos do estudante, do dono-de-casa, do eremita e do asceta. Nessa lista, o melhor estilo seria o do dono-de-casa. Porém, segundo esse tratado, é aconselhável que o homem experimente algo de todos os quatro estilos de vida. Assim, o estilo do eremita é recomendado a fim de que o indivíduo possa tentar liberar-se das fortes influências que o mundo físico tem exercido sobre ele, a fim de receber iluminação espiritual.

2. Os deveres das quatro castas são esboçadas, como segue: a. Os *bramas*: ensinar, estudar, realizar sacrifícios, aceitar dádivas da parte dos homens puros. b. Os *kshatriyas*: esses seriam os protetores da sociedade. Entre os seus deveres particulares, eles devem proteger o próprio sistema de castas. c. Os *vaisyas*: esses deveriam atarefar-se na agricultura e no comércio. d. Os *sudras*: esses eram os que trabalhavam manualmente. Se servissem bem, eralhes prometido o renascimento em uma casta superior, na próxima vez em que se reencarnassem (ver sobre a *Reencarnação*).

3. As mulheres eram honradas, mas conservadas sob a dependência dos homens, antes de tudo pelo pai, então pelo marido, e, na perda deste, pelos filhos homens. Às esposas fiéis é dada a promessa de compartilharem da sorte que seus respectivos maridos obtiveram na outra vida.

4. A maior de todas as virtudes é o respeito por todas as formas de vida, encontrando nelas algo do Grande Eu. (P)

## CÓDIGO DE SANTIDADE

Ver **Santidade, Código da.**

## CÓDIGO SACERDOTAL

Nas obras bíblicas em inglês, a abreviação desse código é *P*. Essa é considerada a mais recente e a mais ampla das quatro camadas literárias e legislativas principais do Pentateuco. Essas quatro camadas literárias chamam-se «J» «E» «D» e «P», supostas fontes de material histórico. No artigo sobre o Pentateuco, nesta enciclopédia, prestamos informações sobre essa questão, onde é abordada a história da alta crítica (que vide), no que concerne aos cinco primeiros livros da Bíblia. Presumivelmente, o documento «P» teria sido a fonte para os trechos de Êxo. 25—31; 35—40; Lev. 1—16; Núm. 11:1—10:28, além de porções dispersas pelo livro de Gênesis, Êxo. 1—24; Lev. 17—16; Núm. 11—36 e porções de Deu. 31—34. Alguns estudiosos também atribuem considerável porção do livro de Josué a essa fonte. O documento «P» é considerado como o mais recente dentre as fontes literárias do Pentateuco, estando inspirado pelo espírito do legalismo e do separatismo que, presumivelmente, surgiu entre os exilados judeus na Babilônia, nos séculos VI e VII A.C. Refletiria os pontos de vista de sacerdotes ativistas descendentes de Sadoque (que vide) que teriam retornado da Babilônia em 458 A.C., e depois. Foi composta na Palestina, essencialmente no quinto século A.C., e registra (falando em termos gerais) os rituais religiosos do templo em Jerusalém, de c. 400 A.C., e depois. Foram os escritores e redatores posteriores de P (S=código sacerdotal) que, antes dos outros, incorporaram o mais antigo *código de santidade* (Lev. caps. 17-26, dos séculos III a VI A.C.), nas escrituras deles, e então combinaram os documentos mais antigos, J, E e D, com seus próprios escritos, assim formando o *hexateuco* (que vide). Depois, por razões teológicas, omitiram Josué, e com isto, formaram o Pentateuco. A teoria inteira, com críticas, é discutida no artigo sobre o *Pentateuco*. Aqui eu tenho retido as abreviações inglesas, que naquele artigo são esclarecidas com seus equivalentes portugueses. Ver as abreviações separadamente: J=Jeová; E=Elohim; *D*=escritores-redatores de Deuteronômio; P=priestly, ou em português: S=Sacerdotal.

## CODORNIZ

Embora a origem do nome seja incerta no hebraico, é quase certo que a tradução «codorniz» seja correta,

porque nenhuma outra ave ajusta-se tão bem à narrativa bíblica (Êxo. 16:13; Núm. 11:31,32; Sal. 105:40). Tal ave teria de ser limpa e teria de viver em bandos. A revoada miraculosa de codornizes ocorreu por duas vezes: no deserto de Sim, a sudoeste da península do Sinai, cerca de seis semanas após a partida do Egito; e em Quibrote-Ataavá, não muito distante dali, um ano mais tarde. Na primavera e no outono, o vento leva essas pesadas aves migratórias para o Egito, e, em número mais reduzido, para a península da Arábia. A carne da codorniz é saborosa, também apreciada pelos egípcios (Heródoto 2.77; Aristóteles, *Hist.* 7:14; Plínio, *Hist. Nat.* 10.24,64). O elemento miraculoso do caso foi o momento preciso do fenômeno.

Há alguma dificuldade quanto à tradução do trecho de Núm. 11:31. Há versões que dizem que as aves ficaram espalhadas pelo arraial dos israelitas «cerca de dois côvados sobre a terra» (conforme diz nossa versão portuguesa). A RSV, em inglês, dá a entender que elas voam baixo, cerca de dois côvados (um metro) do chão, uma tradução preferível. As codornizes precisam da ajuda de vento forte para voar longas distâncias, embora possam voar vigorosamente pequenas distâncias sem tal ajuda. Isso explica a menção do «vento do Senhor», em Núm. 11:31.

## COELE-SÍRIA

Esse nome vem do grego, e tem o sentido de «Síria oca», expressão usada para indicar certas porções da Síria-Palestina. Existe desde o século IV A.C., referindo-se ao grande vale que se estende desde a planície de 'Amq, ao norte, até o mar Morto, ao sul. Era expressão usada especificamente para aludir à planície de Biqâ, entre as montanhas do Líbano e do Antilíbano. Nos tempos helenistas, monarcas selêucidas e ptolomeus exerceram ali a sua autoridade. No século III A.C., os Ptolomeus controlavam a região, chamando-a simplesmente de *Síria*. Porém, em 200 A.C., os Selêucidas conquistaram essa porção da Síria, e, a fim de distingui-la de certas porções do mesmo território, que eles já controlavam, chamaram-na de Coele-Síria. Os membros da família dos Hasmoneanos usaram o termo em sentido mais restrito, aplicando-o somente à planície de Biqâ. No século II D.C., Sétimo Severo criou uma nova província que incluía a totalidade do norte da Síria, excluindo a planície de Biqâ, usando esse nome como designação. Naquele tempo, a planície de Biqâ tornou-se parte da Síria Fenícia. A Bíblia canônica não envolve o nome, mas este aparece nos livros apócrifos, em I Macabeus 10:69; II Macabeus 3:5,8; 4:4; 8:8; 10:11; I Esdras 2:17,24,27; 6:29; 7:1; 8:68, com alguns paralelos em Esdras 4:11,16,20; 6:8,13; 8:36. Em I Esdras 6:3 a área é simplesmente chamada de Síria. A Coele-Síria era uma divisão administrativa da província da Síria, após a ocupação romana, em 64 A.C. Herodes foi nomeado governador militar dessa região por Sexto César, em 47 A.C., e novamente, por Cássio, em 43 A.C. (ND S Z)

## COELESTIUS

Foi o mais notável seguidor de Pelágio (que vide), promovendo a mesma doutrina. Coelestius era muito mais jovem e ousado que seu mestre. Treinado como advogado, provavelmente ele era italiano; mas abandonou a carreira de advogado para seguir uma vida de ascetismo. Quando Roma foi saqueada pelos godos (410 D.C.), os dois amigos atravessaram o mar para a África. E quando Pelágio partiu para a Palestina, Coelestius permaneceu em Cartago à espera de ordenação ao ministério. Mas ele foi acusado de certos erros graves de doutrina. E mesmo quando ele se defendeu, afirmando que ele se manifestara sobre pontos acerca dos quais a Igreja nunca se pronunciara oficialmente, foi excluído e condenado. Contudo, ele partiu para Éfeso onde foi ordenado. As datas de seu nascimento e morte não são conhecidas.

**COELHO** Ver sobre **Lebre.**

## COELHO (ARGANAZ)

No hebraico, **shaphan**, que ocorre em Lev. 11:5; Deu. 14:7; Sal. 104:18 e Pro. 30:26.

Geralmente é difícil identificar itens da flora e da fauna, na Bíblia. Os nomes antigos não foram cunhados de acordo com alguma classificação científica. Essa palavra hebraica tem sido variegadamente traduzida, como «lebre», «texugo». Os eruditos modernos preferem pensar em um animal cuja aparência externa o classificaria juntamente com o coelho. Nossa versão portuguesa, com a tradução arganaz, dá a entender que se trataria antes de um animal parecido com o rato do campo. A determinação do animal envolvido requer a observação do que a Bíblia diz sobre sua natureza e seus hábitos, além do conhecimento se a Palestina era habitat desse animal, ou não. A espécie preferida pelos estudiosos modernos é um animal pequeno, semelhante ao coelho, dotado de cascos nas patas. Seu moderno nome científico é *Procavia*, que abriga-se nas fendas das rochas. Também há uma variedade que é arbórea, cujo nome científico é *Dendrohyrax*. Portanto, não estamos realmente tratando com algum rato ou coelho. A referência de Deu. 14:7 de que esse animal rumina mas não tem o casco fendido, e a de Sal. 104:18, que diz que ele se refugia nas rochas, concorda com os hábitos da Procavia. Embora similar ao coelho, quanto ao tamanho e ao peso, bem como à aparência externa, anatomicamente o animal é classificado como aparentado do elefante. As espécies encontradas nos jardins zoológicos modernos usualmente são da variedade síria, o animal referido na Bíblia. O Antigo Testamento proíbe o uso desse animal na alimentação humana, embora não saibamos os motivos exatos dessa proibição. Os árabes consomem esse animal, o qual também é muito caçado em certas regiões da África. Dizem que sua carne é rija e seca. Atualmente, esse animal é muito mais raro na Palestina do que nos dias antigos, mas ainda pode ser encontrado na Alta Galiléia. (WALK)

## COENTRO

No hebraico, **gad**, termo que figura apenas por duas vezes: Êxo. 16:31 e Núm. 11:7. O coentro é uma semente aromática redonda. A planta do coentro (*Coriandrum sativum*) medra nativa na Palestina e em países circunvizinhos. Suas sementes são globulares, e, quando secas, são agradáveis ao paladar e ao olfato. Podem ser salpicadas com açúcar, tornando-se uma espécie de confeito. As sementes de coentro eram usadas para dar sabor aos alimentos. Estamos informados de que as partículas do maná (que vide) tinham o formato de sementes de coentro. Ver Êxo. 16:31 e Núm. 11:7. Modernamente, usa-se o coentro para dar maior sabor ao gim ou então para dar certo sabor aos doces ou ao pão.

## COERÇÃO

A coerção é um ato mental ou físico que exerce uma pressão sobre alguma pessoa, ou por outra pessoa, ou pela lei ou por alguma circunstância. O

valor moral da coerção legítima depende dos propósitos e motivos envolvidos. A mensagem do evangelho, por si mesma, com seu código moral e espiritual, é uma coerção legítima. Porém, também há uma coerção ilegítima e criminosa, quando uma pessoa é forçada a fazer algo, ou a refrear-se de fazer alguma coisa. A extorsão é um exemplo radical de coerção não violenta, embora também haja atos violentos, envolvidos na coerção ilegítima. Ver Sal. 140:11; Luc. 3:4 quanto a menções bíblicas dessa natureza. Também existe a tirania política que cria uma variedade social de coerção, cujo alvo é atingir as massas populares, e não algum indivíduo particular. As leis injustas são um outro exemplo de coerção social ilegítima. A escravidão é outro exemplo de coerção social injusta. Essa escravidão pode manifestar-se através de meios econômicos, por parte de indivíduos contra indivíduos, ou de nações contra nações. Até mesmo crentes envolvem-se nesse erro grave, quando pagam salários inadequados aos seus empregados ou a pessoas que lhes prestam serviços. (H)

## COERÊNCIA, TEORIA DA VERDADE DA

Em meu artigo sobre o **Conhecimento e a Fé** *Religiosa*, discuti sobre muitas teorias padronizadas da verdade, entre as quais destaco agora a teoria da verdade da coerência. De modo geral, podemos dizer que a ciência depende de teorias empíricas da verdade, como a da correspondência e a do pragmatismo. O *racionalismo*, por outra parte, depende do valor da verdade de certas idéias, que são coerentes com outras idéias. A teoria da verdade da coerência também está vinculada ao idealismo (que vide). Ela afirma que a verdade se estabelece, essencialmente, dentro do contexto de um sistema. O progresso no conhecimento é um avanço na direção de um único e completo sistema de pensamento; e a verdade só pode ser predicada a esse sistema. Aquilo que normalmente chamamos de proposições verdadeiras ou falsas poderia ser melhor intitulado de parcialmente verdadeiro e de parcialmente falso. A experiência humana faz parte do sistema. O conjunto das verdades incorpora todas as verdades individuais, e cada verdade subentende o conjunto inteiro. Uma idéia é verdadeira quando se ajusta ao sistema abrangente do universo ou da realidade. Mas, com freqüência, não conhecemos o grau de verdade de qualquer idéia que tenhamos; e essa é exatamente a razão pela qual o nosso conhecimento sempre está em estado de evolução.

Filósofos bem conhecidos que têm defendido essa teoria foram Leibniz, Spinoza, Hegel e Bradley. O cristianismo, naturalmente, concorda em essência com essa teoria, porquanto, para o cristianismo, a verdade é uma só — a verdade que se deriva de Deus, A Fonte Única onde toda a verdade é encontrada, especificamente na pessoa de Cristo, segundo ele mesmo disse: «Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida...» (João 14:6). E os meios para descobrirmos essa verdade, segundo afirma essa teoria, são essencialmente racionais, e também através da revelação.

**A Coerência como um critério da Verdade.** Cumpre-nos estabelecer a distinção entre uma teoria e um critério. Uma verdade é estabelecida como um critério mediante a sua coerência com outras proposições que são tidas como verazes. Para exemplificar, comecemos por alguma verdade moral pronunciada na Bíblia. Dali poderíamos deduzir, mediante o princípio do que é coerente com essa verdade, muitas outras verdades. «Não matarás» é um mandamento. Pode apontar para a violência física, mental ou moral. Jesus considerava que esse pecado manifesta-se até mesmo nos pensamentos e nas intenções, e não apenas nos atos realizados. A maioria dos princípios morais têm corolários que se originam do princípio de coerência. (F P)

## COFE

Essa é a décima nona letra do alfabeto hebraico. Em Salmos 119, a letra é usada para introduzir a décima nona porção. Ali, cada versículo começa com essa letra, no original hebraico. Ver sobre o *Alfabeto*.

## COGITABILITAS, PRINCÍPIO DA

Esse é um princípio que era defendido por Christian August Crusius (que vide). Os princípios lógicos da identidade e da contradição dependem desse princípio. Aquilo que é *cogitável*, é *pensável*. Aquilo que não pode ser concebido como falso é verdadeiro; aquilo que não pode ser concebido de modo nenhum é falso. (P)

## COGITATIO

Essa é a palavra latina para indicar a faculdade do pensamento ou da reflexão. Foi termo empregado por Spinoza (que vide), a fim de designar, juntamente com a extensão, os dois atributos de Deus, conforme são conhecidos pelo homem.

••• ••• •••

## COGITO, ERGO SUM

Essas são as palavras latinas para «Penso, portanto existo». Foi a famosa declaração de Descartes (que vide), mediante a qual ele estabeleceu sua primeira certeza. Descartes buscava o elemento da certeza através da dúvida, ou, dizendo-se a mesma coisa, o conhecimento por via do ceticismo (que vide), assim revertendo o impacto do ceticismo. Ele pensava que devemos duvidar de tudo quanto pode ser posto em dúvida; e o que restar, depois disso, torna-se uma certeza. Ele partia do ser humano, conforme se manifestava nele mesmo. Ao dizer, «Penso, portanto existo», ele sentia que havia estabelecido a certeza de sua própria existência, pois, se existe o processo do pensamento, deve haver um ser *pensante*. Os lógicos têm objetado a essa abordagem, afirmando que ninguém pode predicar a existência. Não podemos dizer que «Isto ou aquilo existe», e, só com isso, garantir que qualquer coisa existe, exceto sob a forma de uma declaração. Apesar dessa ser uma boa regra geral, a declaração de Descartes contém uma lógica e uma convicção que é difícil de contradizer. Esse tipo de argumento havia sido antecipado por Agostinho, em sua obra *Cidade de Deus* (que vide), na qual ele afirma: «Si fallor, sum», que significa: «Se estou enganado, existo». Pois, para que haja um engano, então deve haver alguém que é enganado. Campanella (que vide) asseverou a mesma coisa quando disse: «A única certeza que pode ter é a da sua própria existência; mas, após análise, isso contém o conhecimento tanto do mundo quanto de Deus». O homem encontra em si mesmo os vestígios do Ser Divino. Esses raciocínios dependem, quanto ao seu conteúdo de valor, da validade da razão como conhecedora da verdade. Ver sobre o *Racionalismo*. (EP P)

## COGNIÇÃO

Esse vocábulo vem do latim **cognitio**, «conhecimento» ou «reconhecimento». A palavra refere-se tanto ao processo de cognição quanto ao próprio conhecimento. Há várias teorias do conhecimento em competição. Provi um artigo sobre o *Conhecimento e a Fé Religiosa*, onde apresento as teorias básicas do conhecimento. Consideradas em seu conjunto, essas teorias, bem como outros dados acerca do conhecimento, são chamadas *Gnosiologia*, na filosofia, ou então *Epistemologia*, dentro do estudo científico do conhecimento. A teoria do conhecimento é um dos seis ramos tradicionais da filosofia (que vide). O termo *cognição* também envolve questões relacionadas à percepção, à memória, à intuição e ao juízo.

## COGNITIVO

Um termo filosófico que significa estes pontos: 1. Os processos mentais, mormente aqueles relacionados à compreensão, à aquisição de conhecimento, aos processos volitivos, às crenças, aos desejos e intenções. 2. As declarações verazes ou falsas, em contraste com outras, que não podem ser assim classificadas, como ordens e exclamações, que, apesar de significativas, não podem ser consideradas quanto ao seu valor de verdade. Alguns filósofos céticos e positivistas vêem todas as declarações de avaliação, incluindo as de cunho moral, como destituídas de valor de verdade. Supostamente, essas declarações seriam apenas reações pessoais às situações circunstanciais com base em considerações pragmáticas. (F)

## COGNOSCENDUM

Vem do latim, **cognoscere**, «conhecer». A palavra aponta para qualquer *objeto do conhecimento*, sem importar se verídico, fictício, abstrato ou ideal.

## COHEN, HERMANN

**Suas datas foram 1842-1918.** Foi um filósofo neokantiano alemão. Nasceu em Coswig, Alemanha. Foi professor na Universidade de Marburgo, e fundador da Escola de Marburgo do neokantianismo (que vide).

*Idéias:*

1. Ele se opunha a qualquer conceito de conhecimento «anterior». Antes, todo o conhecimento nos chegaria através da experiência diária. Ele contradizia a idéia da coisa em si mesma, de Kant, como a entidade absoluta. Para ele, isso tem de permanecer como um dado desconhecido.

2. A filosofia e o conhecimento desenvolver-se-iam das categorias da cognição. Ele aplicava as categorias de Kant, ainda com maior elaboração. Ver o artigo sobre as *Categorias*. Ao aplicar as categorias, ele trabalhava nas três áreas específicas da lógica, da ética e da estética.

3. Para ele, a lógica é a elaboração das categorias da compreensão física e matemática.

4. A ética é uma ciência das categorias morais, dependendo da vontade pura e da idéia de obrigação.

5. A estética é a ciência das categorias do sentimento puro.

6. A religião. Após Cohen ter-se retirado da vida ativa, ele ensinou, por algum tempo, em um seminário de rabinos, em Berlim; e em seus últimos anos, modificou algumas de suas opiniões. Então ele não mais subordinava a religião à filosofia, mas chegou a crer que se trata de um fator independente da existência humana. Várias obras estabeleceram-no como a influência dominante da filosofia subseqüente dos judeus alemães.

*Obras*: *Kant's Theory of Experience; Kant's Foundation of Aesthetics; System of Philosophy; Logic of Pure Knowledge; Ethics of Pure Will; Aesthetics of Pure Feeling.* (EP F P)

## COHEN, MORRIS RAPHAEL

**Nasceu em 1880 e faleceu em 1947. Nasceu na** Rússia e emigrou para a América do Norte em sua juventude. Foi professor na Faculdade da Cidade de Nova Iorque.

*Idéias*:

1. A fim de progredir na filosofia, o indivíduo deve formular problemas de natureza tal que possam ser manuseados de forma proveitosa. Ele se opunha ao dogmatismo, tanto no empirismo (ciência) como na razão (racionalismo).

2. Para ele, a ciência progride a cada vez em que descobre relações objetivas dentro do fluxo da experiência humana. Uma das tarefas da filosofia consistiria em prover uma base para esse movimento.

3. A lógica deveria prover regras referentes às relações invariáveis de todos os objetos possíveis (realismo lógico). As leis científicas fornecem-nos as regras invariáveis para serem aplicadas a domínios especializados.

4. Ele pensava que o princípio de polaridade (que vide) é indispensável em todo raciocínio filosófico.

*Escritos: Reason and Nature; Law and the Social Order; An Introduction to Logic and Scientific Method; The Meaning of Human History; Reason and Law.* (EP P)

## COINCIDÊNCIA SIGNIFICATIVA

Todos nós temos visto **aparentes** coincidências que nos surpreendam e admiram. Certo dia, eu estava lendo, em uma enciclopédia, um artigo sobre Neal Armstrong, simplesmente porque meus olhos caíram sobre o artigo a respeito dele, quando eu estava procurando por outra coisa. Armstrong foi o primeiro homem a caminhar à face da lua, pelo que o seu nome atraiu-me a atenção. Naquele mesmo dia, Armstrong estava visitando o Brasil, representando uma companhia fabricante de aviões; e, à noite, li um artigo, em um jornal, que versava sobre ele. Coincidência? Na semana passada, fiz uma viagem a outra cidade. No caminho, eu fui pensando sobre um antigo amigo. Quando cheguei àquela cidade, entre a multidão que se encontrava na rodoviária daquela cidade, totalmente por acidente, encontrei-me com meu amigo. Coincidência ou telepatia? Faz agora um mês, tive um sonho com um antigo amigo, com quem eu não entrava em contacto fazia alguns anos. À noite, três dias mais tarde, recebi um telefonema daquele amigo. (E aquele amigo, que é este tradutor, lembra-se que telefonou para o Dr. Champlin por sentir-se impelido por forte senso de que era preciso entrar em contacto com ele. Peguei o automóvel e percorri nove quilômetros até achar um «orelhão azul», isto é, um telefone interurbano). Coincidência? Precognição por meio de sonho? A mão orientadora de Deus?

Richard Bach conta a história de como ele estava pilotando um antigo avião (algo que ele tem feito como passatempo, há muito tempo) e acabou tendo de fazer um pouso forçado, no campo de um fazendeiro. A aterrissagem foi difícil, tendo-se

quebrado o suporte de uma das rodas dianteiras do aparelho. O avião, como já dissemos, era antigo, e apenas alguns exemplares tinham sido feitos. Parecia não haver como encontrar uma peça de reposição para a roda. Talvez tivesse de ser encomendada especialmente da fábrica. Quando o fazendeiro aproximou-se de Bach e seu avião, perguntou: «Posso ajudá-lo em alguma coisa?» Bach respondeu, em tom de ironia: «Sim, dê-me um suporte de roda para este antigo aeroplano!» Em seguida, Bach deu os nomes técnicos, os números e as especificações. O fazendeiro saiu quase correndo para o seu celeiro e procurou ali por uns poucos minutos. Quando chegou novamente diante de Bach, entregou-lhe a peça que ele precisava. — Issc ficou registrado no livro que Bach escreveu, intitulado «Nothing by Chance!» Todos nós, sem dúvida, temos sabido de coincidências similares, algumas simplesmente fantásticas. E então perguntamos: «Será que tudo não passou, realmente, de mera coincidência?»

**Consideremos Este Caso.** Meu irmão, que é missionário evangélico, é bom amigo do presidente de uma faculdade num estado do sul dos Estados Unidos da América, veio a conhecer esse homem quando visitava faculdades para promover a vocação missionária entre os estudantes. Mas eu mesmo entrei em contato com aquele presidente de faculdade. Sucedeu que, em certa época de minha vida, estive procurando por uma posição de professor em alguma escola evangélica, nos Estados Unidos; e escrevi para aquele presidente de faculdade. Um diálogo entre esse homem e meu irmão revelou o fato de que ele, nos seus dias estudantis, foi *colega de quarto* de um bom amigo meu, que vive no Brasil. Poderíamos comentar com um simples: «Como o mundo é pequeno!» Mas, não será que algo maior está em operação, em casos dessa natureza?

Quando eu estava procurando reunir fundos para a publicação de *O Novo Testamento Interpretado*, escrevi para um ministro anglicano em Londres, que era oficial de uma organização promotora de literatura, daquela denominação. Então esse oficial foi a Caracas, na Venezuela, levando minha carta consigo. Ali, ele encontrou-se com um homem, membro de uma missão evangélica interessadíssima pelo meu trabalho. Esse encontro foi inteiramente casual. Meu amigo, em Caracas, começou a falar sobre o meu projeto do comentário, tentando interessar o homem de Londres acerca do mesmo. Foi um pequeno momento dramático quando o homem de Londres puxou do bolso a carta que eu lhe enviara do Brasil! «Tremenda coincidência!» diríamos. Ali estavam três pessoas e uma carta. Uma delas vinha do Brasil, outra de Londres, e outra era de Caracas. Algo as reuniu ali. O que seria esse algo? Coincidência pura ou propósito divino?

*O que é uma Coincidência?* Diz um certo dicionário: «Uma notável ocorrência de acontecimentos, idéias, etc., ao mesmo tempo ou da mesma maneira, aparentemente por mero acidente». Isso informa-nos verbalmente no que consiste uma coincidência; mas não nos diz por que tais coisas sucedem, se é que há um *por quê* a ser investigado.

**Idéias:**

1. Carl Jung interessou-se pelo problema. Ele supunha que eventos não relacionados entre si, como fatores de causa e efeito, podem coincidir de maneira significativa. Embora um evento possa não estar relacionado a outro, por meio de qualquer causa, isso significa que temos aí coincidências significativas. A fim de exemplificar, ele falou em dois tipos de adivinhação. Ele supunha que os planetas e suas configurações na realidade não exercem qualquer influência sobre nós, do ponto de vista de qualquer *força física*. Todavia, ele presumia que há alguma verdade na astrologia, porque as configurações das posições dos planetas *correspondem* às vidas dos indivíduos mediante coincidências significativas. Por detrás de tais coincidências, que não ocorrem por mero acidente, deveríamos perceber alguma grande Mente planejadora e executora. Chamamos tal correspondência de coincidência, meramente porque não sabemos como essa correspondência ocorre. Um outro exemplo mencionado por Jung é o *I Ching* (que vide), o qual, presumivelmente, opera mediante a pura chance, mas que produz alguns resultados deveras chocantes.

2. *As Piadas da Natureza.* Algumas coincidências poderiam ser espécies de piadas cósmicas. Digamos que nossos anjos guardiães, ou outras forças espirituais que estão interessadas por nossas vidas, tenham um certo senso de humor. Algumas coincidências espetaculares poderiam ser algumas piadas contadas por essas forças. É como se elas dissessem para nós: «Vejam como tudo não passa de uma loucura!» Não obstante, essas piadas revestem-se de significado, pois não são *apenas* piadas. Essas entidades espirituais dizem-se através dessas aberrações: «Vocês não estão sozinhos. Há padrões e planos que estão sendo postos em execução!» Uma coincidência é apenas um pequeno sinal disso.

3. *O Tiquismo.* Essa palavra vem do termo grego que significa «acaso», «sorte». É provável que *algumas* coisas neste mundo aconteçam de modo inteiramente fortuito, não se revestindo de qualquer significação. De fato, algumas coincidências poderiam dever-se à mera chance. Entretanto, muitas dessas coincidências não nos permitem pensar que essa explicação explica tudo.

4. *Sinais de Desígnio.* Poderíamos supor, provavelmente de forma correta, que há algum intricado desígnio que nos une a outras pessoas, e que certos acontecimentos servem de sinal disso. É possível que o lema de Bach, «Nada acontece por acaso!», seja um tanto exagerado. Porém, quero afirmar a meus leitores que não penso que haja exemplos em número demasiado de tiquismo puro. Ver o artigo separado sobre *Chance*, que desenvolve mais plenamente esse assunto.

## COINERÊNCIA

Essa palavra vem do latim **circumincessio**, que indica a doutrina que denota a interpenetração das três pessoas da Trindade, mediante o que uma delas invariavelmente encontra-se nas outras duas, e elas estão nela. A base neotestamentária dessa doutrina encontra-se em João 10:28-38. Novaciano (que vide) foi o desenvolvedor da idéia. E, a partir do século IV D.C., veio a estar ligada à teoria do *homoousios*. Ver o artigo sobre *Homoeanos* e *Homoeoussianos*. Essa doutrina ensina que cada pessoa pertence às outras duas (Atanásio, Cirilo de Alexandria). Os pais capadócios (que vide) favoreciam esse ensino por causa do forte pluralismo deles. Assim como o Deus onipresente permeia o universo, assim cada pessoa da Trindade interpenetra as demais. No Ocidente, Hilário e Agostinho enfatizavam esses pontos de vista. Cada pessoa da *Trindade* se relaciona com e reflete as outras. O Espírito é o laço de amor que une o Pai e o Filho (*vinculum amoris*, conforme dizia Agostinho). A base dessa doutrina é o ponto de vista místico da natureza. Não se origina de alguma manipulação

lógica de conceitos. O termo grego *perichóresis*, usado para indicar a idéia de coinerência, não apareceu senão já no século VII D.C. E então era usado por Máximo, o Confessor, para referir-se à inter-relação entre as duas naturezas de Cristo. Porém, João Damasceno tomou por empréstimo o termo e aplicou-o à Trindade. No entanto, a *idéia* por detrás do termo é muito mais antiga, retrocedendo até Irineu, no século II D.C., embora outros vocábulos também fossem usados para exprimir tal idéia. O termo tem sido retido na teologia moderna, como nos escritos de Barth e de outros. Ver o artigo sobre a *Trindade*. (C)

## COISA EM SI

Expressão que Kant usou para descrever **noumena** atrás dos *fenômenos* que podemos observar. Ver o artigo sobre *Ding-an-sich*.

## COISAS CONSAGRADAS

O termo hebraico envolvido é **cherem**, usado por cinco vezes nesse sentido: Lev. 27:21,28,29; Núm. 18:4. Esse vocábulo hebraico indica algo consagrado ao serviço divino, embora também possa indicar algo maldito, ou algo determinado para a total destruição. Esse termo hebraico está relacionado à palavra árabe *haram*, «consagrado», como é o caso da área consagrada da Mesquita de Omar, em Jerusalém. É precisamente dessa palavra que nos vem o termo *harém*, o lugar consagrado à guarda das mulheres de um homem, ou o próprio grupo dessas mulheres, vedadas a qualquer outro homem que não o senhor delas. O termo hebraico é muito amplo, referindo-se a qualquer tipo de destruição, como aquele que ocorre nas guerras, ou quando são proibidas certas coisas. Ver Lev. 27:21,28,29; Núm. 18:14; Eze. 44:29, onde há o uso religioso da palavra, e onde aparecem oferendas *consagradas* a um uso santo. O trecho de Lev. 27:28 encerra a declaração geral de que todas as coisas consagradas a Deus são santas. Também havia pessoas que se consagravam ao Senhor (Lev. 27:29). Em sentido negativo, certas coisas eram separadas para serem destruídas (Lev. 27:29, onde estão em foco cativos de guerra). Os amalequitas foram postos sob interdição, a fim de serem destruídos (I Sam. 15:3-33). Apesar de ser verdade que a guerra mais total é aquela em que pode haver a destruição de inocentes, devido a uma misericórdia mal orientada (Sal. 106:34-38), também é verdade que em tudo isso estamos abordando uma sociedade constituída por homens brutais. A violência é um dos grandes sinais da degradação humana, sem importar em que época e de que maneira se manifeste essa violência.

## COLA

Um lugar mencionado juntamente com Cabai, em Judite 15:4. Esse lugar nunca foi identificado, embora alguns eruditos o identifiquem com Holom, que figura em Jos. 15:51.

••• ••• •••

## COLAÍAS

No hebraico, «a voz de Yahweh». Há dois homens com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um antepassado de uma família benjamita, que se estabeleceu em Jerusalém, após o exílio babilônico (Nee. 11:7).
2. O pai do profeta falso, Acabe (Jer. 29:21).

## COLCHAS

No hebraico, **marbaddim**. O sentido dessa palavra hebraica é incerto. Ela ocorre somente em Pro. 7:16 e 31:22. Isso não impediu, porém, que a mesma palavra hebraica fosse traduzida por «cobertas», em Pro. 31:22. Nada mais se pode dizer a respeito, além do fato de que deviam ser uma espécie de «coberta». É muito difícil que esteja em foco alguma espécie de «tapete», conforme dizem algumas versões estrangeiras, porquanto, na primeira dessas referências, está em pauta um leito: «Já cobri de colchas a minha cama...» O resto desse versículo, além disso, dá-nos a entender que se tratava de um tecido fino: «...de linho fino do Egito, de várias cores».

## COLCHETES

No hebraico, **qerasim**, palavra que ocorre por dez vezes: Êxo. 26:6,11,33; 35:11; 36:13,18,33.

Seriam ganchos ou colchetes, usados no tabernáculo, armado no deserto. A LXX traduziu a palavra por *kríkoi*, anéis, mas é evidente que os tradutores se equivocaram quanto ao sentido da palavra. Havia cinqüenta colchetes de ouro que juntavam cortinas de linho uma à outra; e havia cinqüenta colchetes de cobre, que juntavam as cobertas de peles de cabras. Ver sobre o *Tabernáculo*.

Nesses trechos, onde a palavra ocorre, aparecem as especificações para a ereção do tabernáculo, com provisões para o seu transporte de um lugar para outro. No tocante à natureza dos colchetes, parece que estes compunham-se de uma espécie de botão que prendia um laço, que vinha da outra cortina. Talvez em um lado de cada cortina houvesse botões e do outro lado da mesma cortina houvesse laços. Quando esses laços eram presos nos respectivos botões, as cortinas ficavam unidas (Êxo. 26:4-6).

Há uma dificuldade envolvida nas orientações baixadas em Êxo. 26:33, onde se lê que o véu que separava os dois lugares — o Lugar Santo do Santo dos Santos — ficava pendurado «debaixo dos colchetes». Se supormos que os colchetes haviam sido postos na metade do comprimento total do tabernáculo, isso faria os dois lugares santos terem exatamente as mesmas dimensões, contrariamente à noção comum de que o Lugar Santo teria o dobro das dimensões do Santo dos Santos. Portanto, o termo «debaixo» deve ser interpretado com alguma latitude, ou então o conceito ordinário sobre o arranjo das cortinas, ou sobre as dimensões dos dois aposentos santos, terão de ser revisados. Na realidade, a descrição do livro de Êxodo não se refere a dimensões.

## COLEÇÕES DE CÂNONES APOSTÓLICOS

Trata-se de uma antiga coletânea de decretos visando ao governo eclesiástico, supostamente estribados sobre a autoridade apostólica. Ver o artigo sobre as *Constituições e Cânones Apostólicos*.

## COLÉGIO APOSTÓLICO

A primeira palavra da expressão vem do latim *collegium*, que significa grupo. O termo indica os apóstolos (que vide), que formavam um corpo. Pedro seria o *primus inter pares* do colégio apostólico. Isso não fazia dele um papa, isto é, o chefe de uma hierarquia, mas tão-somente o principal ou o mais destacado entre os apóstolos.

## COLÉGIO DE CARDEAIS

O corpo de eclesiásticos mais próximo do pontífice

da Igreja Católica Romana, no tocante à dignidade e à autoridade. Desde a época do papa Xisto V (que vide), em 1586, o colégio de cardeais compõe-se de setenta membros, dos quais seis são bispos-cardeais, cinqüenta são padres-cardeais e catorze são diáconos-cardeais. Os cardeais (que vide) não são membros de algum parlamento formal, mas constituem uma espécie de concílio de conselheiros, com o dever de assistir ao papa no governo da Igreja Católica Romana. Eles têm a grande responsabilidade de administrar as questões eclesiásticas durante a vacância do trono papal. Também têm a responsabilidade de eleger dentre eles um novo papa, quando surgir a necessidade para tanto. Ver o artigo separado sobre os *Cardeais*.

## COLÉGIO PONTIFICAL

Na antiga Roma, o título designava os conselheiros mais próximos do Sumo Pontífice da religião pagã, ajudando-o quanto a problemas legislativos e administrativos, incluindo aqueles de natureza religiosa.

Dentro da Igreja Católica Romana, durante o período imediatamente após a Reforma protestante, o título veio a designar qualquer colégio ou seminário em Roma ou fora dela, fundado ou dirigido pela Santa Sé. O termo chegou a ser aplicado especialmente à Sagrada Congregação da Propaganda, que visa à educação e treinamento de missionários católicos romanos destinados a servir na Inglaterra, na Escócia e na Irlanda. Colégios missionários foram estabelecidos em Douai, Pária (França), Valadolid (Espanha), Lisboa (Portugal) e outros lugares. Posteriormente, o termo também veio a ser aplicado às escolas de treinamento de missionários católicos romanos, a serem enviados a qualquer país estrangeiro. Desde a publicação do decreto papal, *Deus Scientiarum Dominus*, de 24 de maio de 1931, o título tem sido aplicado a todas as universidades e instituições de ensino importantes da Igreja Católica Romana, onde são conferidos graus acadêmicos. Se uma dessas escolas só pode conferir grau em alguma área, é chamada de Instituto Pontifício. Também há um terceiro título, *Academia Pontifícia*, que se refere àquelas escolas sob a tutela dos papas, que são associações de homens eruditos para a promoção das ciências e dos ideais religiosos. (E)

## COLERIDGE, SAMUEL TAYLOR

Suas datas foram 1772 a 1834. Poeta inglês, educado em Cambridge. Ele atravessou diversos períodos de influência, como o do racionalismo, o do unitarismo e o da filosofia crítica e transcendental alemã, tendo prosseguido caminho em meio a vários *ismos*, influenciado por eles. Era um inquiridor da verdade; porém, após suas tortuosas jornadas mentais, ele voltou à fé cristã como a melhor solução para sua busca. Sua obra, publicada postumamente em 1840, fala de sua busca, intitulada *Confessions of an Inquiring Spirit*.

Coleridge negava qualquer contradição entre a ciência e a religião; frisava os princípios morais; cria na revelação gradual; não temia a crítica e a investigação bíblicas; acreditava na inspiração das Escrituras, pois, conforme afirmava, «A Bíblia encontra-me em um nível mais profundo do que qualquer outro livro». Essa linha de pensamento, bem como essa própria citação, tornou-se comum na moderna apologética cristã.

### Tão Moderno Quanto Possível

*Esta busca, este anelo, esta sede de saber,*
*Tão modernos quanto possível,*
*Apenas me levaram de volta a Ti.*

*Fortes inclinações, águas revoltas a correr,*
*Veredas distorcidas do pensar, descendo por muitas vertentes,*
*Apenas me fizeram esperar de novo em Ti.*

*De noite, de dia, em esperanças, desespero, vagueando*
*Por ásperas ravinas montanhosas, em cumes altíssimos e gélidos,*
*Em veredas estranhas, ainda ali Te achei perto.*

*Sorvos intoxicaram meu cérebro quando,*
*Desejando e aprendendo, provei da fonte Pieriana;*
*Mas, bebendo mais, isso me devolveu à sobriedade.*
(Russell Champlin)

## COLET, JOHN

Ver o artigo sobre os **Platônicos de Cambridge**.

## COLETA

A palavra grega **koinonia** significa «partilha», «comunhão», bem como alguma quantia em dinheiro, dada por meio do espírito de participação e partilha. O trecho de Atos 6:1 *ss*, mostra-nos que havia considerável necessidade de cuidar das viúvas da igreja de Jerusalém. A experiência de comunidade de bens, na igreja de Jerusalém, demonstrou a mesma coisa no tocante a todos os níveis da Igreja (ver Atos 2:44,45; 4:34,35). A igreja de Antioquia compartilhou com a igreja de Jerusalém, de suas bênçãos materiais (Atos 11:27-30). Também houve a questão do sustento do ministério (I Cor. 9:8 *ss*). O Novo Testamento não ordena o dízimo, mas é natural supormos que esse princípio foi transferido do Antigo Testamento para a maioria das igrejas neotestamentárias. Mediante dízimos e ofertas é que o ministério é sustentado, e as missões de evangelismo são um dos grandes e mais importantes empreendimentos cristãos. Portanto, essa questão das coletas tornou-se muito importante. Se o Novo Testamento não determina o dízimo, e nunca se torna um dever sob o sistema da graça divina, é difícil imaginar um crente sério que contribua com menos do que essa porcentagem.

Nas páginas do Novo Testamento temos a famosa coleta feita por Paulo, para benefício dos santos pobres de Jerusalém. Em meio à fome e às perseguições, os crentes judeus haviam sido reduzidos à extrema pobreza. Nem sempre a prosperidade é sinal de espiritualidade e de aprovação divina. Quanto a essa coleta, ver os trechos de I Cor. 16:1; II Cor. 9:12; Atos 24:17; Rom. 15:25,26; II Cor. 8:1 *ss*. Paulo atribuía considerável importância à questão. Antes de tudo, era um ato de caridade e amor, demonstração da lei do amor e a prova mesma da espiritualidade. Em segundo lugar, foi um ato de diplomacia. A coleta era oferecida pelas igrejas gentílicas para as igrejas judaicas, como sinal de fraternidade, em um período em que talvez não fosse fácil aceitar tal oferta, por parte daqueles que contavam com um puro pano de fundo judaico, e para quem os gentios não eram exatamente agradáveis. É em conexão com essa coleta que encontramos a expressão «no primeiro dia da semana», provavelmente indicando que os cristãos gentios reuniam-se para cultuar no primeiro dia da semana, e não no sábado. Ver I Cor. 16:2. Esse versículo também tem sido

considerado como o modelo do recolhimento de ofertas. Não se fala ali nos dez por cento. Antes, a medida da doação era a prosperidade material de cada crente. O homem *espiritual*, entretanto, nunca encontrará um momento em que não dê pelo menos uma décima parte de suas rendas para o trabalho do ministério e manutenção da Igreja, embora o Novo Testamento não estabeleça qualquer especificação quanto à porcentagem a ser contribuída.

Ver a *oferta* de I Cor. 16:1,2. Este texto emprega a palavra grega *logeía*, que significa *coleta*. O princípio de dons e ofertas foi estabelecido no Antigo Testamento, para sustento do sistema religioso judaico e para ajudar os pobres. Ver II Crô. 31:3,10,12,14; Nee. 10:37,39; 12:44; 13:5; Eze. 20:40.

**As Coletas na Igreja Moderna.** Todas as igrejas locais precisam de coletas e contribuições para a manutenção do trabalho do ministério. A coleta recolhida por Paulo, conforme se descreveu acima, bem como alguns de seus ensinamentos específicos, como os que se encontram em I Cor. 9:9 *ss* e II Cor. 9:6 *ss*, demonstram que a coleta e a doação de coisas materiais, com o propósito de sustentar o ministério espiritual, fazem parte do ensino bíblico. No entanto, algumas igrejas não adotam o recolhimento de coletas *públicas*. Além disso, as diversas denominações cristãs não concordam quanto ao uso do dinheiro recolhido. Algumas delas não dispõem de um ministério profissional, que receba sustento da Igreja. Outras pensam que isso faz parte necessária do trabalho da igreja local. Seja como for, a Igreja e os seus projetos precisam de fundos, e todo crente sério deveria contribuir. Ver o artigo sobre a *Contribuição*. (B NTI)

## COLETA

Essa é a oração breve, dos ritos cristãos ocidentais, que envolve: a. ou o *sumário* das devoções do povo; b. ou a oração e a reunião quando o povo se dirigia, em cortejo, à igreja onde a missa seria celebrada. No missal romano (que vide) a coleta anterior à epístola é chamada de *Oratio*. (E)

## COLETIVISMO

A definição básica do termo é a de que a sociedade, como um todo, é mais importante do que os seus membros individuais, e que, por esse motivo, o indivíduo deve subordinar os seus interesses aos interesses da sociedade, cedendo diante dos desejos da coletividade, ou, pelo menos, dos desejos expressos pela maioria. O *coletivismo* usualmente implica que o povo, como um todo, deveria possuir e controlar os meios materiais de produção, os quais não deveriam ser deixados nas mãos de indivíduos. Contrastemos o coletivismo com o *individualismo*, o qual é enfatizado pelo capitalismo (que vide). Usualmente, essas coisas são como os lados opostos de uma mesma moeda; mas, através da história, encontramos conflito entre esses dois lados. O coletivismo olha para o individualismo como a *atomização* da sociedade, o último inimigo a ser eliminado.

Encontramos uma forma de ideal coletivista na *República* de Platão, embora limitada às classes mais elevadas, pois Platão pensava que as classes inferiores jamais atingiriam uma atitude mediante a qual todas as coisas pudessem ser compartilhadas. Alguns historiadores supõem que o mais perfeito exemplo desse conceito que jamais funcionou foi a sociedade feudal do período medieval, desenvolvido sob a autoridade da Igreja Católica Romana, cujo intuito era o estabelecimento de um reino de Deus na terra. Tal experiência, finalmente, fracassou; mas continuou sendo um magnífico exemplo histórico.

A **Reforma Protestante** exibiu elementos de coletivismo, especialmente no caso de João Calvino e sua igreja-estado policial, em Genebra, na Suíça, onde todos os membros da sociedade eram severamente controlados e forçados a uma expressão comum, embora não pudessem ser forçados a uma atitude comum. Na sociedade secular, com o aparecimento das monarquias, houve várias tentativas coletivistas nacionais. Diversos autores promoveram o coletivismo secular dentro do conceito de UTOPIA. Poderíamos mencionar Sir Thomas More, em seu livro *Utopia*, e Rousseau, em seu ideal democrático. E também o conde de Saint Simon, em sua obra *Du System Industrial*. Naturalmente, não podemos nos esquecer de Karl Marx e do seu ideal da ditadura do proletariado, uma tentativa humanista e atéia de estabelecer o coletivismo.

Um verdadeiro coletivismo requereria comunhão de idéias, de crenças, de ideais, e não meramente uma unidade organizacional. Certamente isso requereria alguma forma de governo ditatorial, de acordo com o qual a escola e todas as facetas da sociedade pudessem ser estritamente controladas. Elementos de tais noções podem ser encontrados nos livros de C. Virgil Georghiu, Aldous Huxley, George Orwell e Herbert Harcuse.

Tentativas mais recentes de estabelecer o coletivismo incluem o nazismo, na Alemanha, o fascismo, na Itália, e o comunismo internacional. Talvez a tentativa mais ambiciosa das últimas décadas tenha sido a da China Vermelha. No entanto, recentemente, foi anunciado ali, pelos círculos oficiais chineses, que o sistema funciona melhor com certa injeção de capitalismo individualista.

**Princípios Éticos Envolvidos.** Apesar do princípio democrático reconhecer que a vontade da maioria deveria fazer parte das decisões, como uma norma social, há algo no espírito humano que resiste ao totalitarismo, sem importar se de esquerda ou de direita. Além disso, a experiência mostra-nos que indivíduos resolutos, com o lucro como seu alvo, fazem a economia florescer muito melhor do que os burocratas impelidos por algum fantasioso ideal coletivista. A pior expressão do coletivismo é aquele modelo ateu absurdo, totalmente humanista, que oficialmente declara que Deus não existe, transformando o homem em um deus de metal. Essa modalidade de coletivismo chega mesmo a recusar-se a reconhecer o que o homem é, supondo que o homem consiste apenas em seu corpo físico, e que o maior bem possível é a prosperidade do homem físico, em um mundo material. Há algo no espírito humano que resiste a tal degradação. Por essa razão, destaca-se o fenômeno histórico que quase todos os sistemas dessa natureza têm sido inaugurados e são mantidos mediante a força militar, nunca havendo eleições livres, com escolhas genuínas, que confirmem a preferência popular quanto ao método. Essa imposição, de cima para baixo, mostra o equívoco em que se encontram os seus mentores e executores. Dizem as Escrituras Sagradas: «Diz o insensato no seu coração: Não há Deus» (Sal. 14:1).

**O Coletivismo Cristão.** A redenção nunca será uma questão meramente individual. É o corpo de Cristo que está sendo remido. A restauração (que vide) não será uma questão apenas individual. *Todas as coisas*,

finalmente, haverão de encontrar seu centro na pessoa de Cristo (Efé. 1:10), e ele será tudo para todos (Efé. 1:23). Além disso, temos o ensino bíblico de que todas as coisas estão sob o governo e a autoridade de Deus, por meio do *Logos*. Ver sobre o *Verbo*. Por conseguinte, o crente precisa mostrar-se contrário ao totalitarismo e a todas as formas de coletivismo ateu; porém antes, deve promover o coletivismo espiritual. Visto que o coletivismo espiritual é criado e governado segundo normas teístas, e que forças espirituais e benfazejas é que o criam e governam. Essa modalidade merece nossa total dedicação e apoio. O coletivismo só funciona quando o ideal que o inspira cativa o espírito humano. (H)

## COLETIVO

No tratamento das **probabilidades** (vide), por von Mises, essa palavra indica uma infinita seqüência de elementos, alguns dos quais correspondentes a certo atributo ou resultado, que satisfaz as condições de convergência e imprevisto (que vide). Ver também os artigos sobre *Chance* e sobre as *Coincidências Significativas*.

## COLETORES DE IMPOSTOS

No grego, **telónes**, vocábulo que aparece por vinte e duas vezes, somente nos evangelhos sinópticos: Mat. 5:46; 9:10,11; 10:3; 11:19; 17:17; 21,31,32; Mar. 2:15;16; Luc. 3:12; 5:27,29,30; 7:29,34; 15:1; 18:10,11,13.

Essa palavra grega é incorretamente traduzida por «publicanos», em nossa versão portuguesa, como em outras versões estrangeiras. Os *publicani* (palavra latina) eram homens ricos, geralmente romanos, que pagavam pelo privilégio de fazer a cobrança de impostos e taxas, em certas localidades. Mas nem sempre os publicanos eram romanos, pois parece que o judeu Zaqueu (Luc. 19:2-10), que é chamado *architelónes*, «maioral dos publicanos», era um *publicanus*, no sentido real do termo latino.

Os publicanos empregavam os serviços de judeus locais para fazerem o trabalho real de recolhimento de impostos, em lugar deles. Estes últimos eram indicados pelo termo grego *telónes*, pelo que é preferível a tradução «cobrador de imposto», e não «publicano».

Os impostos cobrados pelo governo romano, aos habitantes do império, eram muitos e variegados. O principal de todos era o *tributum capitis*, que tinha de ser pago por toda pessoa do sexo masculino acima de catorze anos, e por toda pessoa do sexo feminino acima de doze anos (os idosos estavam isentos). Havia um imposto territorial (*tributum agri*), que precisava ser pago em espécie. Ambos esses impostos eram diretamente coletados por oficiais romanos, residentes na Palestina.

Em adição a isso, havia muitas formas de taxação indireta. Eram feitas cobranças sobre todas as mercadorias importadas e exportadas, incluindo até mesmo o transporte de escravos. Essas cobranças eram feitas pelos *telônai* dos evangelhos. Eles examinavam as mercadorias e cobravam taxas nas estradas e nas pontes. Herodes também introduziu um mercado de cobrança de impostos, em Jerusalém.

Há estudiosos que opinam que os impostos cobrados em Cafarnaum, na Galiléia, eram enviados para o tesouro de Herodes Antipas. Nas províncias administradas pelo senado romano, este é que cuidava do dinheiro recolhido. No entanto, a Judéia era uma província imperial, pelo que todo o dinheiro assim recolhido seguia diretamente para os cofres do imperador. Essa foi a base da pergunta que dirigiram, astuciosamente, ao Senhor Jesus: «Dize-nos, pois, que te parece? É lícito pagar tributo a César ou não?» (Mat. 22:17; Mar. 12:14 e Luc. 20:22).

Como uma classe profissional, os coletores de impostos («publicanos», em nossa versão portuguesa) eram odiados por seus compatriotas judeus. Isso era quase inevitável, pois eles representavam a dominação estrangeira de Roma sobre a Judéia. Os métodos empregados pelos cobradores de impostos eram necessariamente inquisitoriais. Geralmente eles cobravam do povo acima do que era devido, metendo no bolso o que ultrapassava disso. Isso é refletido na confissão penitente de Zaqueu: «...se nalguma cousa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais» (Luc. 19:8). Por essa razão, nos escritos rabínicos, os coletores de impostos são classificados juntamente com os ladrões. Nos evangelhos sinópticos, eles foram classificados juntamente com os «pecadores» (ver Mat. 9:10; 11:9; Mar. 2:15 e Luc. 5:30; 7:34). Isso reflete a atitude comum do povo judeu para com os cobradores de impostos. Eles eram considerados renegados, os quais vendiam os seus préstimos aos dominadores estrangeiros opressivos, enriquecendo-se às custas de seus próprios compatriotas.

Jesus reconheceu essa atitude comum, acerca dos coletores de impostos, ao observar: «Porque se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? não fazem os publicanos também o mesmo?» (Mat. 5:46). Ao mesmo tempo, porém, o Senhor Jesus repreendeu a justiça própria dos fariseus, quando disse: «Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus» (Mat. 21:31). Quando fez essas declarações, Jesus não estava defendendo ou justificando os erros particulares de coletores de impostos e de fariseus. O que ele estava ensinando é que há perdão disponível até para os piores pecadores, contanto que se arrependam. Por outra parte, o pecado coroador dos fariseus era a recusa deles de arrependerem-se, preferindo eles a sua justiça própria, conforme Jesus retratou tão vividamente na parábola do fariseu e do cobrador de impostos (Luc. 18:9-14).

A aceitação dos cobradores de impostos penitentes, por parte do Senhor Jesus, ficou demonstrada não somente pelo fato de que ele acolheu a Zaqueu, o qual se tornou um dos seus seguidores, mas também pelo fato de que ele escolheu o coletor de impostos, Mateus (Levi), como um de seus doze apóstolos. Quando Mateus ofereceu um banquete de despedida a seus ex-associados — momento em que, provavelmente, apresentou a eles o seu novo Senhor e Mestre — os fariseus indagaram dos discípulos de Cristo: «Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?» (Mat. 9:11). A resposta dada pelo Senhor Jesus, a essa indagação, revelou a natureza e o propósito de sua missão neste mundo: «...não vim chamar justos, e, sim, pecadores (ao arrependimento)» (Mat. 9:13).

É muito apropriado, e até mesmo dramático, que, diante do arrependimento de Zaqueu, que se notabilizara como um odiado e desonesto coletor de impostos, o Senhor Jesus tivesse definido tão claramente a sua missão: «Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido» (Luc. 19:10).

## COLETORIA

A palavra grega **telónion**, «coletoria», aparece em todos os três evangelhos sinópticos: Mat. 9:9; Mar. 2:14 e Luc. 5:27. A menção à coletoria ocorre por ocasião da chamada de Mateus, por parte do Senhor

Jesus. Foi na coletoria que estava Mateus, na ocasião. O *telónion* podia ser a barra, a mesa, a sala, etc., onde os pagadores de impostos vinham pagar seus impostos. A taxa, que no grego é *télos*, era uma das principais fontes de renda dos governos, tal e qual sucede em nossos dias. Muitas práticas abusivas entraram nessa situação, o que explica a horrenda reputação dos cobradores de impostos (que vide) os quais, erroneamente, nossas versões portuguesas chamam de publicanos. Mateus ganhava bom dinheiro nessa atividade (a maioria dos cobradores de impostos ficava rica) mas Jesus ofereceu-lhe algo muito melhor para seguir, isto é, a ele mesmo, quando lhe disse: «Segue-me!» (Mat. 9:9).

Ver sobre *Impostos*, *Taxação*.

## COLHEITA

No hebraico, **terminar**. No grego, **therizo**. Ato de cortar e recolher o produto dos campos, usualmente no fim do verão. No litoral e no vale do Jordão, a colheita do trigo começa em abril; na região montanhosa a cevada é colhida em meados de maio, o trigo ligeiramente mais tarde. Assim, toda a colheita durava cerca de três meses. O produto da terra era cortado com uma foice, ou arrancado à mão pelas raízes. No livro de Levítico há uma legislação acerca da colheita. Os colhedores deveriam deixar intocadas as extremidades dos campos, para benefício dos pobres (Lev. 19:9; 23:22). No sétimo e no qüinquagésimo anos, não havia colheita.

A semeadura e a colheita serviam para ilustrar o investimento e sua recompensa. Para exemplificar, lemos em Pro. 22:8: «O que semeia a injustiça segará males...» Algo um tanto oposto se lê em Sal. 126:5: «Os que com lágrimas semeiam, com júbilo ceifarão». «E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada», lemos em Apo. 14:16.

O Pentecoste era a festa que melhor guardava seu caráter de festa da colheita. A origem da festa dos tabernáculos ligava-se com a colheita das uvas, que começava em agosto e podia terminar em outubro. As primícias e os dízimos da colheita eram entregues no santuário de Jerusalém. Em sentido figurado, o resultado dos atos humanos é chamado de colheita (Pro. 28:8; Jó 4:8). O homem colhe o fruto de suas obras (Gál. 6:7 *ss*; I Cor. 9:11; II Cor. 9:6; João 4:36-38). Nos profetas e no N.T., a intervenção escatológica de Deus também é uma colheita, a qual torna-se símbolo do juízo, no fim de nossa dispensação (Joel 4:13; Isa. 27:11; Mat. 3:12; 13:30; Mar. 4:29 e Apo. 14:15 ss).

Ver o artigo sobre o *Calendário*, onde há um gráfico que alista as diversas colheitas que se faziam na Palestina, bem como as condições atmosféricas, etc., mês após mês. A palavra «colheita» com freqüência é usada para indicar o recolhimento dos produtos agrícolas. As principais colheitas, referidas nas Escrituras, eram as do trigo, cevada, uvas, azeitonas, figos, romãs (Deu. 8:8), linho, lentilha, sésamo, centeio, feijão, ervilha, pepino, alho, alho-porro, melão e cebola. — Das árvores frutíferas eram colhidas as amêndoas, as tâmaras, as castanhas e as nozes. Ver o artigo geral sobre a *Agricultura*, quanto a maiores detalhes.

**Usos metafóricos**. 1. O julgamento, Jer. 51:33; Apoc. 14:15. 2. A colheita espiritual de almas pela pregação do evangelho, Mat. 9:27; João 4:35. 3. O *fim* do mundo, Mat. 13:39. 4. *Elementos*. Orvalho, no tempo da colheita = o cuidado de Deus, Isa. 18:4. O frio neste tempo simboliza um mensageiro fiel.

Ver o artigo separado sobre *Lei Moral da Colheita Segundo a Semeadura*.

## COL-HOZE

No hebraico, «vidente total». Era descendente de Judá, filho de Hazaías e pai de um homem de nome Baruque (Nee. 11:5). Viveu em cerca de 445 A.C. Teve um descendente de nome Salum, que ajudou a reparar as muralhas de Jerusalém, após o cativeiro babilônico (Née. 3:15). Mas alguns intérpretes pensam que essa palavra significa antes o nome de uma família, e não o nome de um indivíduo; ou então ambas as coisas, um nome individual e um nome coletivo.

## COLIGAÇÃO

Palavra que se deriva de dois termos latinos, **col**, «junto com» e *ligare*, «ligar». Consideremos os três pontos abaixo, ligados ao assunto:

1. A colocação de alguma informação isolada, sob um título ou concepção geral.

2. O processo da indagação consiste, essencialmente, em coligação. Mas o conhecimento baseado nos poderes da intuição, embora arranjado em grupos, pode não ser chamado de indução, o que já subentende um processo formal ou científico de alguma espécie.

3. A expressão também tem sido aplicada ao processo da dedução. Nesse processo, uma pessoa coliga premissas, e então determina o que se pode derivar da comparação das duas premissas. (P)

## COLÍRIO

No grego, **kolloúrion**. Aparece exclusivamente em Apo. 3:18. Era um ungüento medicinal aplicado aos olhos. Pode ter-se tratado de um pó frígio, que tornou famosa a escola de medicina de Laodicéia. O Senhor Jesus referia-se à restauração da visão espiritual, por parte dos membros da igreja de Laodicéia.

## COLLINGWOOD, ROBIN GEORGE

Nasceu em 1889 e faleceu em 1943. Foi um filósofo inglês, professor em Oxford, também conhecido como estudioso no campo da arqueologia e como historiador especializado na história da Bretanha romana.

*Idéias*:

1. Quanto à natureza da filosofia, ele ensinava que a mesma consiste em *conhecimento humano* transmutado em uma forma sistemática de conteúdo. A filosofia diferiria da ciência porque os seus conceitos se justapõem, exigindo métodos especiais de abordagem.

2. A metafísica teria a função de trazer à luz o pressuposto fundamental do pensamento humano.

3. Cada campo da experiência humana, como as artes, a religião, a ciência, a história e a filosofia, conteriam aspectos parciais da verdade, embora cada uma delas, separadamente, seja unilateral.

*Obras*: *Speculum Mentis; Essay on Philosophical Method; The Principles of Art; The Idea of Nature, An Essay on Metaphysics; The Idea of History*. (EP P)

## COLOCÍNTIDAS

No hebraico temos duas palavras, **sadeh paqquoth**, que figuram apenas em II Reis 4:39. A grande dificuldade consiste em identificar a espécie vegetal em foco.

Visto que a palavra *sadeh*, «silvestre», vem de uma raiz que significa «planície», está em foco alguma planta que cresce em lugares abertos. A nossa

tradução portuguesa dá a entender que seria a espécie que, cientificamente, é denominada *Citrullus colocynthus*, uma espécie de vinha selvagem do Mediterrâneo, da família da cabaça, ou cuia. Ela produzia um pequeno fruto de gosto amargoso, que era usado como catártico. Essa espécie também era chamada de «maçã amarga».

Outros estudiosos, porém, preferem pensar em uma espécie de pepino selvagem, cujo nome científico seria o *Ecballium elatrium*. Essa espécie, efetivamente, podia ser encontrada na região referida em II Reis 4:39. No entanto, poderíamos indagar: Por qual motivo o moço que fora apanhar ervas teria preferido colher esse fruto espinhento para pôr na panela?

Por outra parte, se estava, realmente, em foco, a *Citrullus colocynthus*, isso seria confirmado pelo fato de que as «colocíntidas» foram apanhadas de uma «trepadeira selvagem», que o original hebraico chama de «vinha selvagem». Por esses motivos, parece-nos que a tradução «colocíntidas» é melhor que uma outra, preferida por algumas versões estrangeiras, que falam em pepinos silvestres. Entretanto, queremos observar que as questões que envolvem a fauna e a flora do Antigo Testamento são dificílimas de deslindar, visto que os escritores sagrados não usaram uma linguagem científica para aludir a essas espécies, o que dificulta, ou mesmo impossibilita, em vários casos, uma precisa identificação dos animais e das plantas envolvidas.

Alguns estudiosos também têm pensado na mamona, a qual, com o nome hebraico *qiqayon*, aparece no quarto capítulo do livro de Jonas (vs. 6,7,9,10), e onde nossa versão portuguesa prefere não arriscar uma identificação, dizendo apenas «planta». A maior dificuldade dessa identificação é que a mamona não é uma trepadeira, e sim, um arbusto da família das *Euphorbiaceae*.

## COLÔNIA (COLONIALISMO)

Essas palavras derivam-se do latim **colere**, «cultivar». Um *colonus* era um agricultor, e uma *colônia* era um grupo desses agricultores. O colonialismo, fenômeno histórico típico da era contemporânea, caracteriza-se pelos seguintes pontos: 1. Os países ou impérios têm espalhado sua população, adquirindo assim novas terras e novas riquezas. 2. Postos avançados militares e entrepostos comerciais são estabelecidos. 3. Cidadãos menos desejáveis, incluindo criminosos condenados pela justiça, são exilados para os novos territórios, para todos os propósitos práticos. 4. A proteção das fronteiras ou das posições estratégicas nas colônias é garantida, visando ao bem da mãe pátria. 5. Dessa maneira realiza-se a satisfação do desejo de aventura. 6. Novos empregos e novas oportunidades para a iniciativa privada são criados.

A história universal informa-nos que os romanos, dentro da Itália, colonizaram lugares como Óstia, Âncio e Terracina, no século IV A.C. Por volta de 200 A.C., essas colônias romanas costeiras já eram numerosas. Fora da Itália, Caio Graco tentou estabelecer uma colônia em Junônia. A tentativa fracassou, mas, posteriormente, Júlio César e Augusto lograram bom êxito ali.

As primeiras colônias extensas, fora da Itália, foram criadas, pelo menos em parte, para solucionar o problema de desemprego dentro da bota italina. Muitos legionários veteranos, retirados da vida ativa, estavam desempregados e agitados. Foram então enviados para colonizar o mundo mediterrâneo. Em certo sentido, eles formavam uma força militar que consolidava o poder romano sobre os seus territórios que abrigavam tantas raças diferentes.

Colônias romanas como as de Filipos, Antioquia da Pisídia, Listra, Corinto e, talvez, Icônio, tornaram-se realidades pela razão acima. No Novo Testamento só encontramos um uso específico da palavra «colônia», ou seja, em conexão com Filipos, em Atos 16:12. Para ali, Augusto havia enviado um grupo de veteranos desmobilizados, em 30 A.C. Isso resultou em uma espécie de posto militar que deu a Roma um pouco mais de segurança. Cidadãos romanos, em tais lugares, formavam uma espécie de pequena elite, porquanto tinham mais privilégios e poder que os habitantes locais. Eles também tinham certos direitos de que outros não desfrutavam, como a isenção da supervisão dos governadores locais, a imunidade de vários impostos, incluindo aqueles que incidiam sobre as propriedades, e os direitos judiciais próprios dos cidadãos romanos. A narrativa lucana demonstra o zelo com que eram resguardados esses privilégios. As autoridades locais de Filipos ficaram muito preocupadas e temerosas pelo fato de que Paulo, cidadão romano que era, fora maltratado naquela cidade (Atos 16:37 *ss*). Os colonos estavam isentos do serviço militar, porque ter ido para uma colônia equivalia a estar prestando serviço ao exército.

**O Colonialismo e a Autodeterminação.** Algumas colônias romanas alcançaram a condição de estados livres. A tendência das colônias é desenvolverem-se em entidades separadas, desejando ser livres do domínio do país de origem. Os problemas econômicos, geralmente são os fatores mais decisivos. Assim, as colônias inglesas na América do Norte objetavam à taxação sem a devida representação americana no parlamento inglês. Geralmente os habitantes das colônias, quando muito, tornam-se cidadãos de segunda classe. Acresça-se a isso o fato de que, nas colônias, a população que ali se desenvolve deve-se à miscigenação de raças, bem como a diferenças culturais e geográficas. Torna-se difícil as pátrias de origem governarem as suas colônias; e revoluções acabam aparecendo. Isso sucedeu no caso da Revolução Americana, bem como no caso de todos os países da América Latina, incluindo o Brasil. Aqui, graças à argúcia política de Dom Pedro I, não houve necessidade de uma longa guerra de libertação; mas, mesmo assim, houve lutas entre forças portuguesas fiéis à coroa portuguesa e tropas brasileiras, fiéis a Dom Pedro.

A maioria das pessoas prefere ser mal governada por si mesma do que ser governada por estrangeiros, mesmo que esse governo seja justo e progressista. Esse fato tem sido novamente demonstrado por várias vezes; na história recente, na África, o último bolsão do colonialismo moderno. A autodeterminação harmoniza-se com a dignidade do homem, pois não há tesouro tão grande quanto a *liberdade*. Até mesmo o governo estrangeiro, quando este existe, deveria trabalhar com vistas à autodeterminação do povo que estiver sendo colonizado. Por igual modo, as missões evangélicas no estrangeiro devem trabalhar com o intuito de criar igrejas nacionais. (H Z)

## COLOSSENSES

I. Autoria
II. Data e Proveniência
III. Motivo e Propósitos
IV. Integridade da Epístola
V. Temas Principais
VI. Confirmação Antiga e Aceitação

da Epístola
VII. Estado do Texto Grego
VIII. Conteúdo
IX. Bibliografia

Com base em estilo gramatical e literário e no uso de palavras e de temas, as epístolas aos Romanos, I e II aos Coríntios e Gálatas são universalmente aceitas como clássicos paulinos. A aceitação de uma delas como paulina requer a aceitação de todas, e vice-versa, a rejeição de uma delas requer a rejeição de todas, tão convincente é a evidência interna de que procedem da mesma pena. Por isso mesmo é que pouquíssimos têm sido os críticos que se têm aventurado a negar a origem e a natureza autenticamente paulinas dessas quatro epístolas. Outras cinco epístolas têm sido acrescentadas a essa lista, com pouca hesitação, por estudiosos liberais e conservadores, antigos e modernos. São elas Filipenses, Colossenses, I e II aos Tessalonicenses e Filemom. Sobre o *corpus paulino*, ver o artigo sobre Romanos, primeiros parágrafos, e seção II.

Dentre as treze epístolas comumente atribuídas a Paulo, sete são reputadas «epístolas da prisão», ou seja, aquelas que supostamente o apóstolo dos gentios teria escrito quando era prisioneiro. Desde os tempos antigos, tornou-se costume supor que todas essas epístolas foram escritas em Roma, lugar onde Paulo passou seu mais prolongado e famoso período de encarceramento. Os eruditos modernos, entretanto, têm pensado ser possível, ou até mesmo provável, que algumas das chamadas «epístolas da prisão» foram escritas em outros lugares onde Paulo esteve aprisionado, como Cesaréia ou Éfeso. As *epístolas da prisão* são Filipenses, Efésios, Colossenses, Filemom, I e II a Timóteo e Tito. Quando se investiga de perto o conteúdo das mesmas, especialmente observando-se os companheiros de Paulo, além de algumas circunstâncias prevalentes, parece quase certo que nem todas essas epístolas foram escritas na mesma cidade, sob as mesmas circunstâncias, e nem na mesma época em geral.

**Uma coisa, porém, é certa** — as epístolas aos Colossenses, Efésios e Filemom formam uma unidade distinta, tendo sido escritas na mesma época, sob as mesmas circunstâncias, ou seja, foram compostas na mesma localidade. Essa questão é discutida no artigo sobre cada uma dessas epístolas, mas, especialmente, na seção II do presente artigo, sob o título *Proveniência*. Dentre essas três epístolas, Colossenses é ordinariamente considerada como a de maior importância e autoridade, a despeito do fato que a epístola aos Efésios, na realidade, é mais sublime. As dúvidas, entretanto, que alguns têm lançado sobre sua autoria paulina, de acordo com o parecer de alguns eruditos, têm-na feito perder o lugar de primeira importância entre as três, e de fato, entre a coletânea paulina inteira, o que, de outra maneira, certamente teria desfrutado. Este artigo defende a autoria paulina da epístola aos Efésios, por razões declaradas no artigo sobre aquele livro, sob o título *Autoria*. Com ou sem essa afirmação, a epístola aos Efésios é um livro sem comparação. Contudo, a epístola aos Colossenses compartilha de alguns de seus mais profundos raciocínios no tocante à redenção humana. Pelo menos no tocante a certas questões, ela apresenta uma visão mais elevada da pessoa de Cristo do que o faz a epístola aos Efésios ou qualquer outro livro do N.T. Melhor é a epístola que mais exalta a Cristo; por essa razão, pois, os capítulos primeiro e segundo da epístola aos Colossenses e o primeiro capítulo da epístola aos Efésios, são os «melhores».

Colossos era uma cidade pertencente à província romana da Ásia, na parte ocidental do que agora é a Turquia Asiática, situada cerca de dezesseis quilômetros do vale de Lico, partindo-se de Laodicéia, às margens da estrada principal de Éfeso para o oriente. Originalmente, ocupava o ponto onde se dividiam as estradas para Sardes e Pérgamo. Nos tempos antigos foi uma importante cidade do reino Lídio e, posteriormente, do reino de Pérgamo. Quando Roma construiu uma estrada até Pérgamo, que ficava um pouco mais a leste, deixando de lado Colossos, esta perdeu muito de sua anterior importância. Foi nessa época que Laodicéia tornou-se cidade maior e mais próspera. O local da antiga cidade de Colossos é, atualmente, desabitado. Essa cidade ficava situada a dezesseis quilômetros a leste da moderna aldeia de Denizli.

**Evidentemente Paulo** não foi o fundador da igreja de Colossos, segundo se depreende de Col. 1:4 e 2:1, passagens que subentendem que ele não conhecia pessoalmente a maior parte de seus leitores. É provável que o evangelho tenha chegado até eles quando Paulo vivia em Éfeso (ver Atos 19:10); e isso talvez mediante os serviços de Epafras, que era colossense (ver Col. 1:7 e 4:12,13). É patente que o desejo que Paulo tinha de visitar esse lugar se cumpriu (ver File. 12), em algum tempo posterior. Filemom e seu escravo, Onésimo, também eram membros dessa igreja (ver File. 1:10 e Col. 4:9).

A grande cidade de Éfeso ficava cerca de cento e setenta quilômetros para oeste; Laodicéia ficava a dezesseis quilômetros para oeste e ambas essas cidades vizinhas vieram a eclipsar Colossos antes dos tempos de Paulo, embora todas elas ainda estivessem intimamente associadas entre si pelos laços do comércio, especialmente vinhos, fazendas tingidas e lã, que eram seus principais produtos de exportação. Colossos mui provavelmente, era a cidade de menor importância para onde Paulo escreveu uma de suas epístolas.

A maior parte dos crentes de Colossos se compunha de gentios (ver Col. 1:27 e 2:13); porém, desde os tempos de Antíoco, o Grande, havia uma numerosa e influente população judaica ali. Contudo, os problemas que vieram a afligir a comunidade cristã ali existente não eram de origem judaica. Esta epístola foi escrita para combater o gnosticismo (ver o artigo sobre *Gnosticismo*) ensinamento esse que tinha base nas religiões orientais misteriosas, de invenção gentílica. Oito livros do N.T. foram escritos como defesa da fé cristã, diante dos assédios do *gnosticismo*. São eles: essa epístola, as três epístolas pastorais, as três epístolas joaninas e a epístola de Judas. O evangelho de João, o livro de Apocalipse e a epístola aos Efésios também aludem a essa antiga heresia, embora não tivessem sido primariamente escritos a fim de combatê-la.

## I. AUTORIA

(Quanto a comentários gerais sobre a autoria da *coletânea paulina*, ver as notas preliminares anteriores). A epístola aos Colossenses cabe dentro do «segundo grupo» de cinco epístolas, após os quatro «clássicos» (Romanos, Gálatas e I e II aos Coríntios). Essas cinco epístolas do «segundo grupo» são Filipenses, Colossenses, I e II aos Tessalonicenses e Filemom, as quais são normalmente aceitas como de autoria paulina, sem qualquer disputa séria. Entretanto, no caso desta epístola aos Colossenses, tem-se duvidado de sua autoria paulina, pelos seguintes motivos:

1. *O tipo de heresia atacada.* Certa forma de gnosticismo, conforme pensam alguns, pertenceria a um período posterior; pelo que não seria algo que Paulo pudesse combater, em seus dias. O trecho de Col. 1:15 e *ss* e a maior parte do segundo capítulo, mostram que Paulo (ou o autor, que escreveu em nome de Paulo, conforme alguns pensam) atacava alguma forma de heresia gnóstica. As características doutrinárias distintivas da epístola aos Colossenses foram dadas especificamente como repreensões contra a crença errônea. Essa epístola foi escrita com o propósito de revelar a natureza da verdadeira cristologia e da ética cristã, em contraste com as idéias gnósticas, que tinham impressionado alguns membros da comunidade cristã de Colossos.

2. *A exaltada cristologia* desta epístola é considerada, por alguns estudiosos, como por demais «avançada» para a teologia paulina normal, o que, uma vez mais, refletiria um período posterior, em que Cristo se tornou tão elevado, acima de todo outro nome, e até mesmo acima de todos os poderes angelicais. (Ver Col. 1:15 e *ss*, e 2:9 quanto aos principais exemplos dessa *cristologia*).

3. *Considerações literárias e de estilo.* Ainda uma outra dificuldade para a aceitação da autoria paulina desta epístola (de acordo com o que dizem alguns eruditos) reside em seu caráter literário. Os estudiosos procuram demonstrar que o estilo desta epístola aos Colossenses não é paulino, se tomarmos em consideração os quatro escritos «clássicos» de Paulo, Gálatas, Romanos e I e II aos Coríntios, como modelos da expressão e do vocabulário básico do apóstolo dos gentios. Esses eruditos argumentam que o vocabulário desta epístola é diferente, faltando-lhe as frases curtas e azedas de Paulo. Seu estilo é mais expansivo, mais semelhante ao da epístola aos Efésios. Algumas vezes o original grego é mau e ocasionalmente, é virtualmente ininteligível, conforme se vê em Col. 2:18,19.

Retornando às objeções levantadas pelos eruditos, procuramos respondê-las uma por uma, *nos pontos seguintes*:

**1. O primeiro argumento contra a autoria paulina é o mais fácil de ser rebatido.** A maior parte dos estudiosos modernos admite agora que o gnosticismo é anterior ao cristianismo. Em outras palavras, havia idéias gnósticas no mundo helênico, antes mesmo do advento de Cristo. Apesar de ser verdade, naturalmente que «combinações» de pensamentos religiosos e filosóficos tornaram-se diferentes, devido ao surgimento da teologia cristã — de tal modo que os gnósticos pré-cristãos eram diferentes em seus conceitos daqueles que apareceram dentro da era cristã — o fato é que tudo quanto podemos identificar como essencialmente gnóstico, já existia antes de Cristo. O gnosticismo combinava o misticismo oriental, a filosofia, a mitologia, a astrologia e o neoplatonismo gregos, elementos do judaísmo, além do que, inseria, nessa mistura já confusa, elementos da fé cristã. Cristo, para eles, era apenas um dos «aeons» (emanações angelicais de Deus); mas esses «aeons» já existiam como idéias gnósticas antes de «Cristo» ser considerado como um deles. Em alguns lugares, a ética cristã tornava-se *ascética* pelos gnósticos, embora o ascetismo já fizesse parte do gnosticismo, antes do advento de Cristo. Em outros lugares, a ética cristã se tornava licenciosa; mas a licenciosidade já fazia parte do gnosticismo, antes mesmo do aparecimento do cristianismo no mundo. Os gnósticos «cristãos» de tempos posteriores adoravam anjos; mas outro tanto faziam os de tempos anteriores. Os gnósticos «cristãos» não tinham idéia de «expiação pelo sangue», mas a mesma coisa ocorria entre os da época anterior ao cristianismo. Os gnósticos «cristãos» falavam sobre a grande hierarquia de poderes angelicais, os «aeons» sombrios, que seriam mediadores entre Deus e os homens; mas os gnósticos pré-cristãos eram «deístas», dependendo desses «aeons» para obter um conhecimento secundário de Deus. Os gnósticos «cristãos» elevavam o «conhecimento», em contraste com a «fé», como meio de «salvação», mas outro tanto faziam os gnósticos mais antigos. O judaísmo helenista já ensinava a existência de muitas ordens de poderes angelicais e o próprio Paulo, evidentemente, aceitava esse ponto de vista sobre os anjos (ver Fil. 2:5-10). O neoplatonismo também defendia essa posição, o que fazia parte da atmosfera do pensamento religioso do primeiro século de nossa era, muito antes de Paulo começar a escrever suas epístolas. Paulo meramente insistiu que tais ordens angelicais, sem importar sua natureza, estavam todas sujeitas a Cristo, porque, na realidade, fazem parte de sua criação, estando isso longe da idéia de que o próprio Cristo era apenas um dentre muitos *aeons*, que recebera uma incumbência terrena. Deveria ser claro, portanto, que coisa alguma, nesta epístola aos Colossenses, precisa ser atribuída a tempos pós-paulinos; de fato, a maior parte de seus elementos poderia ter precedido à época de Paulo. Por essas razões, a maior parte dos eruditos de nossos dias admite que todas as *condições religiosas* e todos os «elementos teológicos», refletidos nessa epístola, facilmente poderiam ter existido na época de Paulo, pelo que também poderiam ter sido combatidos em uma epístola como esta de Paulo aos Colossenses.

**2. É verdade que a epístola aos Colossenses** contém a mais exaltada cristologia que aparece em qualquer livro do N.T. Todavia, seus conceitos sob hipótese alguma se limitam a esta epístola. Não nos devemos esquecer que, para Paulo, o Cristo sempre foi o Cristo exaltado à mão direita de Deus Pai, e jamais o mero Jesus histórico (embora, de forma alguma, ele o rejeitasse como homem, e nem tivesse jamais lançado qualquer dúvida sobre a sua missão terrena); o Cristo de Paulo é o Senhor da glória, que ele conheceu mediante experiências místicas. Apesar de que, em suas outras epístolas, sua ênfase sobre a exaltada posição de Cristo seja menor, de fato, isso é básico em sua teologia inteira. (Ver Rom. 1:4; observar o uso que ele faz do termo *Senhor*, apontando para Cristo, bem como citações suas em que o nome de Cristo substitui a Yahweh, nas passagens do A.T.). Notemos, por igual modo, quão freqüentemente, por todos os escritos de Paulo (sobretudo nas introduções, doxologias e conclusões de suas epístolas), o Filho (Cristo) é posto em justaposição a Deus Pai. Certamente nenhuma mera criatura poderia ocupar tal posição. Graça e paz são sempre derivadas de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo; e quase todas as introduções e conclusões incluem esse elemento. Notemos como o Espírito de Deus é igualmente chamado «Espírito de Cristo» (ver Rom. 8:9; ver também os versículos chamados «trinitários», onde os três nomes divinos aparecem juntos, em funções variadas, I Cor. 12:3 e 15:24,27). De alguma maneira especial e elevada, Deus é o Pai de Cristo (ver II Cor. 1:3). Então, em Fil. 2:6, fica claro que o Filho possui igualdade inerente ao Pai, ainda que, devido à sua encarnação, ele tenha posto de lado essa igualdade. O nono versículo daquele mesmo capítulo declara que ele é exaltado acima de todo nome. E esse é o tema central da epístola aos Colossenses, que alguns estudiosos supõem que seja reflexo da teologia cristã

posterior, e não conceitos genuinamente pertencentes a Paulo. Porém, a mera leitura da coletânea paulina mostra que transparece ali um único Cristo. A ênfase maior acerca da exaltada posição de Cristo, nesta epístola aos Colossenses, tornou-se necessária porque o apóstolo dos gentios se opunha a uma heresia que degradava tanto a pessoa como a missão do Filho de Deus. Mas essa ênfase está em perfeita consonância com a teologia paulina básica, conforme é refletido em todas as suas demais epístolas, em nada contrária ao que ali se aprende. «Assim sendo, é perfeitamente natural que vejamos Paulo a frisar tão elaboradamente, e até com extravagância, a completa supremacia e natureza adequada de Cristo. Não há qualquer necessidade de adoração aos anjos ou a quaisquer outros espíritos. Tal ato não somente seria absurdo, mas também seria ultrajante: pois Cristo é o Senhor de todos». (Morton Enslin, «The Literature of the Christian Movement», pág. 291).

**3. Admite-se que o estilo** desta epístola aos Colossenses seja muito semelhante ao da epístola aos Efésios, isto é, mais expansivo, com sentenças mais longas que noutras epístolas, faltando-lhe aquelas frases mais curtas e cáusticas, e sem os parênteses abruptos e interrupções na seqüência de pensamentos. Mas isso poderia ser explicado com base no «desenvolvimento» do estilo, e *não* supondo-se que isso seja *contraditório* às expressões tipicamente paulinas. Outrossim, a eloqüência paulina aparece em Colossenses e Efésios, sendo base das expressões fluentes e poderosas, e não contraditória a essas coisas. O oitavo capítulo da epístola aos Romanos é similar, em estilo, ao primeiro capítulo das epístolas aos Efésios e aos Colossenses. Esse capítulo é um dos «clássicos» paulinos, o qual mostra que Paulo, quando impelido pela inspiração e por ondas de pensamento poderoso, produzia sentenças elevadas e expansivas, em vez das sentenças curtas, desligadas e azedas das suas passagens «polêmicas», que se vêem nas epístolas aos Romanos e aos Gálatas. Poderíamos dizer que as epístolas aos Colossenses e aos Efésios mostram como Paulo escrevia quando se mostrava eloqüente, quando atingia os mais elevados cumes de sua expressão verbal.

É verdade que, algumas vezes, a gramática da epístola aos Colossenses é deficiente; mas até mesmo um bom autor, quando escreve apressadamente, e se não revisa o seu material, mostrará má gramática, com construções estranhas, que ocasionalmente chegam a ser ininteligíveis, segundo se vê em Col. 2:18,19. Outrossim, a qualidade da gramática e das expressões pode variar de uma época para outra, dependendo das circunstâncias, do cansaço físico e do espírito, do estado de ânimo, etc. Contudo, o grego desta epístola não é essencialmente inferior ao grego literário «koiné» que é normalmente bom nas epístolas paulinas.

Há uma certa ausência de expressões paulinas, havendo muitas palavras, na epístola aos Colossenses, que não figuram em outros escritos paulinos. Pode-se pensar em «dikaios» e seus derivados; «apokalupsis», «dokimadzein», «upakoe», «soteria», «koinonia», «nomos», «pisteuo» e conexões adverbiais, como «ara», «dio», «diote» e «gar», que são freqüentes nos escritos paulinos «clássicos», mas que são menos freqüentes ou mesmo totalmente ausentes na epístola aos Colossenses. Tais considerações (a menos que sejam muito pronunciadas), porém, não são necessariamente convincentes em favor de um autor «diferente». Deve-se notar que listas similares podem ser compiladas se fizermos o confronto até mesmo dos escritos paulinos «clássicos» entre si. O termo «dikaiosune» (um dos grandes vocábulos da epístola aos Romanos) aparece apenas por uma vez na primeira epístola aos Coríntios; e *dikaios* não figura ali nem uma vez sequer. O vocábulo «soteria» não é usado nessa referida epístola e nem em Gálatas. E «*sodzo*» figura apenas por uma vez na segunda epístola aos Coríntios. Já «pisteuo» ocorre apenas por uma vez nesta última (ver II Cor. 4:13). A palavra «ara» não ocorre em Filipenses; e «ara oun», tão freqüente em Romanos, não faz parte de I e II aos Coríntios. Além disso, as sentenças muito longas, comuns nesta epístola aos Colossenses, têm paralelo literário em outras epístolas paulinas, como em Rom. 1:1-7; 2:5-10,14-16; 3:23-26; Gál. 2:3-5; 6:9 e Fil. 3:8-11. É perfeitamente possível que Paulo, tendo resolvido defender a cristologia, tenha naturalmente produzido uma composição literária mais formal e polida, do que é evidente em algumas seções de suas epístolas anteriores, que possuem natureza mais espontânea. As diferenças quanto ao vocabulário (novos termos, nesta epístola, que não se acham em outras epístolas paulinas) podem ser explicadas pela simples observação de que a *matéria* abordada exige um vocabulário diferente daquele que Paulo empregara. Ao opor-se ao gnosticismo, mui naturalmente Paulo teve de usar certa variedade de vocabulário que não figura em outras epístolas. Devemo-nos lembrar que a totalidade dos escritos de Paulo que chegaram às nossas mãos utiliza-se apenas de uma pequena parte de seu vocabulário total. Se ele houvesse escrito outras epístolas, teriam palavras que não se achariam em epístolas anteriormente escritas; e sem dúvida um grande número de novos vocábulos surgiria se ele houvesse abordado novos assuntos.

**Nenhuma dúvida** acerca da autenticidade da natureza paulina desta epístola aos Colossenses apareceu, até a escola de Tubingen, no século XIX. E a objeção levantada por essa escola visava, essencialmente, o conteúdo «gnóstico» deste livro. A maioria dos eruditos, porém, não mais leva a sério essa objeção. A objeção à elevada cristologia desta epístola também tem sido facilmente derrubada. Aquelas objeções com base no estilo e no vocabulário são mais sérias; mas podem ser respondidas daquela maneira sugerida acima. Filemom é livro que virtualmente não tem sido criticado quanto à sua autoria paulina, pelo que empresta sua genuinidade a esta epístola aos Colossenses, ajudando a estabelecer a autenticidade desta última (se tal for considerado necessário), já que essas epístolas são companheiras literárias e históricas. A presente epístola foi escrita à igreja de Colossos, e Filemom foi escrita a um de seus membros; e ambas foram escritas sob as mesmas circunstâncias, ao mesmo tempo, na mesma prisão, sem falar-se sobre a questão que Paulo era ajudado pelos mesmos companheiros de trabalho. Não é provável que um forjador tivesse tido tanto cuidado em fazer esta epístola concordar tão de perto com a epístola a Filemom, quanto aos próprios detalhes. Pois que necessidade teria um forjador de fazer uma falsa epístola paulina concordar sobre tantos detalhes intricados, e especialmente com uma epístola tão insignificante como é a de Filemom? (Ver a seção II, intitulada *Data e Proveniência*, quanto a provas sobre como essas duas epístolas, Colossenses e Filemom, são companheiras).

De boa fé, portanto, podemos considerar esta epístola aos Colossenses como genuinamente paulina; e muitos eruditos modernos concordam com isso.

## II. DATA E PROVENIÊNCIA

As epístolas aos Efésios, aos Colossenses e a

Filemom devem ser todas vinculadas juntamente, escritas na mesma época em geral, na mesma prisão. Talvez tivessem sido escritas em um período de encarceramento anterior ao de Roma, quiçá em Éfeso. A comparação entre Col. 4:7,8 e Efé. 6:21,22 com File. 23;24 mostra que todas elas foram escritas sob circunstâncias comuns. Paulo era ajudado pelos mesmos companheiros; Tíquico (acompanhado pelo escravo fugido de Filemom, Onésimo) foi o portador dessas epístolas (ver Col. 4:9 e File. 10-12). Todas essas três foram escritas na prisão (ver Efé. 4:1; Col. 4:18 e File. 22,23). Mas nem todos os eruditos concordam que Roma tenha sido o lugar de aprisionamento. De fato, o trecho de File. 22, ao mencionar que Paulo esperava logo ser solto, e por tencionar fazer uma viagem a Colossos, o lugar onde morava Filemom (conforme sabemos em Col. 4:9), indica, em primeiro lugar, que esse encarceramento não foi efetuado em Roma, durante o qual ele não sabia se seria morto ou solto (ver Fil. 1:20 e ss). Em segundo lugar, o lugar onde Paulo foi aprisionado provavelmente não ficava muito longe. Roma ficava a mais de mil e trezentos quilômetros de distância, ao passo que Éfeso ficava, quando muito, a cento e cinqüenta quilômetros. Sabemos que a intenção de Paulo, quando ele foi a Jerusalém, e dali para Roma, era prosseguir para o ocidente (para a Espanha), não retornando ao oriente; e não é provável que ele tivesse feito uma viagem redonda de quase três mil e duzentos quilômetros antes de cumprir sua intenção. (Ver Rom. 15:24,25). Parece mais natural, pois, supormos que a «visita» de Paulo para breve—tão breve que Paulo pediu que lhe fosse reservado um lugar de hospedagem, da parte de Filemom (ver File. 22)—significa que ele não estivesse distante, como também que ele tinha quase certeza de que seria solto em breve, nenhuma dessas condições se adapta a seu aprisionamento posterior em Roma. Por isso é que vários eruditos têm conjecturado o local próximo de Éfeso como o lugar onde ele estava encarcerado. Apesar de não contarmos com qualquer menção direta de tal aprisionamento, nas páginas do N.T., é possível que a passagem de I Cor. 15:32, que menciona o fato de que ele «combateu contra as feras em Éfeso», favoreça a conjectura de que Paulo ali fora aprisionado. Se escritas em Éfeso, as cartas, Colossenses e Filemom, devem ser datadas em cerca do verão de 54 D.C. Quando Paulo deixou a área ao redor de Éfeso, foi para a Macedônia e Corinto, e talvez tenha querido visitar novamente alguns lugares da proximidade, ou então quisesse visitar, pela primeira vez, algumas das cidades menores e menos importantes da área (como Colossos), antes de dar início a uma nova missão. Essa conjectura, pelo menos, adapta-se bem às notas que encontramos nas três epístolas sobre as quais discutimos. (Segue-se um sumário dos argumentos sobre o *aprisionamento em Éfeso*).

**Alguns estudiosos** identificam o lugar de encarceramento como Cesaréia (ver Atos 24:27). Porém, contrário a essa posição pode-se frisar que o trecho de File. 22 indica que Paulo planejava visitar Colossos em breve; mas o livro de Atos mostra-nos que quando Paulo estava em Cesaréia, encaminhava-se para Roma (portanto, para o ocidente, e não para o oriente), não havendo nenhuma indicação que, naquele tempo, Paulo pudesse esperar ser solto em breve. Conforme já se mencionou, naquele estágio da carreira de Paulo, planejava ele uma missão ao ocidente (Espanha, ver Rom. 15:23,24), não sendo provável que ele tivesse adiado seu desígnio ao fazer, antes disso, tão longa e cansativa viagem pelo oriente. Além disso, não é fácil explicar por que razão Onésimo, o escravo fugido, fora para Cesaréia. Muito mais provável é que se tivesse refugiado em uma cidade grande e não muito distante, a fim de encontrar esconderijo seguro. Ou então, se porventura tivesse querido arriscar-se a uma viagem longa, mais provavelmente teria ido para a cidade de Roma, que era uma autêntica «meca» de escravos fugidos. Éfeso, a capital da província, deve ter-lhe parecido um lugar convidativo, onde poderia ocultar-se com facilidade, sem arriscar-se a ser apanhado, se tentasse executar alguma longa viagem.

Não fora posto em dúvida o aprisionamento de Paulo em Roma senão já em data recente, porque isso era aceito com unanimidade nos primeiros séculos. Tal aceitação, porém, estava alicerçada principalmente sobre a idéia de que todas as epístolas da prisão foram escritas no mesmo lugar, ao passo que, examinando-as, vemos que diversos lugares facilmente podem ter estado envolvidos, tão diferentes são as condições que houve, ligadas à sua escrita. Ainda que os trechos de Fil. 1:13 («guarda pretoriana») e Fil. 4:22 (casa de César) indiquem Roma (o que não é necessidade imperiosa), isso significaria apenas que a epístola aos Filipenses, e nenhuma outra, foi escrita ali. O argumento mais vigoroso em favor de Roma é a natureza *avançada* da cristologia da presente epístola, bem como a avançada natureza da doutrina da igreja, na epístola aos Efésios, o que talvez reflita um «período posterior» da vida de Paulo; e isso se coadunaria bem à idéia do encarceramento em Roma, e não antes, em algum outro lugar. Esse argumento, todavia, é inteiramente alicerçado sobre a conjectura de que tais idéias não tiveram pleno desenvolvimento senão quando Paulo atingiu idade avançada, apesar de não haver provas quanto a isso. Todos os elementos distintivos das epístolas aos Efésios e aos Colossenses, como a hierarquia de anjos, os «*aeons*» e as idéias éticas, existiam no mundo antigo, muito antes da época de Paulo; e teria sido apenas natural que Cristo fosse colocado como cabeça de todas essas gradações de poder e autoridade, uma vez que ele fosse aceito como Senhor e Messias. Não teria havido necessidade da passagem de muitos anos, já no fim de sua vida, para que ele chegasse a tal conclusão. É mais seguro dizer-se que Paulo, pouco depois de sua conversão, por causa de suas muitas visões e de sua iluminação espiritual, tivesse visto Cristo como o Senhor da glória; e tal ponto de vista não teria exigido qualquer grande extensão de tempo, até que se desenvolvesse. Em todos os escritos de Paulo, e não somente nas epístolas aos Efésios e aos Colossenses, Cristo figura como o Senhor de tudo; e isso nos faz saber que sua elevada cristologia não foi um desenvolvimento posterior de sua teologia. Seja como for, é tão fácil supor que a epístola aos Colossenses representa o desenvolvimento de suas idéias, ao ponto em que elas tinham chegado em cerca de 54 D.C., como é fácil dizer que isso representa um desenvolvimento de data pouco posterior, isto é, depois de 58 D.C. E ainda que datemos o aprisionamento em Roma tão tarde quanto o ano de 62 D.C. conforme fazem alguns estudiosos, contudo, haveria uma diferença de apenas oito anos entre um proposto encarceramento em Éfeso e o aprisionamento na cidade de Roma, o que não é, na realidade, tempo por demais dilatado para consubstanciar um caso em favor do «desenvolvimento posterior» da teologia paulina, o que teria dado supostamente, a Paulo, o tempo de chegar às idéias cristológicas que transparecem evidentemente na presente epístola.

**O caso em favor de Éfeso pode ser expresso através**

**dos seguintes pontos:**

1. Teria sido apenas natural que Onésimo, o escravo fugido, tivesse buscado imediato refúgio em uma cidade grande e próxima, em vez de arriscar-se a uma longa viagem até à cidade de Roma.

2. Epafras, o principal pastor da igreja cristã de Colossos, por estar enfrentando uma heresia e a confusão na comunidade cristã de Colossos, poderia ir rapidamente à cidade próxima de Éfeso, a fim de buscar o conselho de Paulo, ao passo que a longa viagem até Roma não faria tal viagem ser viável. (Ver Col. 4:12,13, que indica que esse foi o propósito da visita de Epafras a Paulo).

3. No período do aprisionamento em Roma, parece que a Paulo faltaram amigos e apoiadores autênticos, excetuando Timóteo e Epafrodito (ver Fil. 2:20 e o seu contexto). Isso dificilmente poderia ser reconciliado com a longa lista de fiéis companheiros, conforme se vê em Col. 4:7-15, na qual estão incluídos tanto Marcos como Lucas.

4. O *pedido de hospedagem*, por parte de Paulo, preparada por Filemom, bem como a certeza que tinha o apóstolo de que logo seria solto, indicam um aprisionamento anterior e menos perigoso que aquele que mais tarde, teve lugar em Roma, além de apontar para um local não muito distante. (Ver File. 22).

5. Finalmente, sabemos que Paulo, quando estava em Roma, queria ir à Espanha (o ocidente) e não voltar ao oriente (ver Rom. 15:23,24). Não é provável que, uma vez solto da prisão, tivesse o apóstolo feito uma viagem redonda de três mil e duzentos quilômetros, saindo da rota certa, o que era viagem que consumia extremamente muito tempo naqueles dias, antes de cumprir seu longamente cultivado desejo de anunciar o evangelho no ocidente. Somente algum motivo extremamente compelidor poderia tê-lo inspirado a tanto.

**Contra a teoria do aprisionamento de Paulo em Éfeso:**

1. Tudo não passa de uma conjectura, porque não há qualquer informação neotestamentária certa sobre isso, excetuando, talvez, o trecho de I Cor. 15:52.

2. Não há quaisquer citações, dos primeiros pais da igreja ou da tradição cristã, em apoio a essa teoria.

3. Muitos bons eruditos modernos, considerando todos os ângulos do problema, continuam afirmando que o aprisionamento em Roma é o mais provável.

4. Uma viagem confirmatória pelas igrejas do oriente poderia ter sido efetuada antes de Paulo dirigir-se ao ocidente, pois parece ter sido costumeiro, entre os grandes pregadores do evangelho, efetuarem viagens confirmatórias a áreas mais antigas, antes de se lhes abrirem novas frentes de trabalho.

A questão inteira do *local de encarceramento* de Paulo é de importância relativamente pequena, exceto no que tange ao nosso desejo de obter mais exato conhecimento da vida dele e de questões da cronologia do N.T., em relação à produção de seus documentos formadores. Seria interessante se pudéssemos determinar, com acurácia, sob quais circunstâncias, no tocante à história do livro de Atos, é que foi escrita cada uma das epístolas paulinas. Infelizmente, não contamos com informações suficientes, dentro ou fora do N.T., acerca da vida e da correspondência do apóstolo dos gentios, para fazermos isso; portanto, toda a «reconstituição» dessas questões não passa de uma conjectura, pelo menos em parte. Se tais reconstituições pudessem ser compostas com exatidão, certamente obteríamos maior discernimento quanto àquilo que Paulo escreveu, porque então poderíamos interpretar seus escritos à luz das circunstâncias históricas. A propensão por aceitar o que os antigos pais da igreja disseram sobre essas coisas, sem que se faça qualquer investigação, não tem caracterizado a muitos dos eruditos de nossa época, pois se tem raciocinado, com razão, que grande parte do que disseram os pais da igreja, com relação a essas coisas, compunha-se de meras conjecturas, pois suas fontes de informação, em muitos casos, eram inferiores às de nossos dias. A arqueologia tem iluminado grande parte do N.T., tendo podido acrescentar diversos esclarecimentos de natureza histórica, que cercam os documentos neotestamentários.

## III. MOTIVO E PROPÓSITOS:

Epafras fora falar com Paulo, a fim de narrar-lhe as dificuldades da igreja de Colossos, além de descrever seu estado geral, o que incluía certos pontos encorajadores (ver Col. 1:4-8). Sem dúvida, foi ele quem informou o apóstolo sobre a penetração da heresia gnóstica nas fileiras cristãs daquela localidade. E foi principalmente para responder a esse problema que esta epístola aos Colossenses foi escrita. Naturalmente, a epístola teve o intuito de servir de instrução positiva quanto às crenças e à ética cristãs, não servindo de mera polêmica contra o gnosticismo. Paulo combinou, habilidosamente, esses dois propósitos, neste seu escrito. A seção da epístola, composta por seus capítulos terceiro e quarto, que é de natureza essencialmente ética, está inteiramente livre de assuntos polêmicos.

Paulo conhecera Onésimo, o escravo fugido de Filemom, no cárcere; ou então alguém o trouxe à presença do apóstolo. Tendo-o conduzido a Cristo, e em seguida tendo-o conduzido à idéia de que era seu dever retornar a Filemom, Paulo enviou por seu intermédio uma missiva a Filemom, a fim de garantir a aceitação favorável do portador por parte de Filemom. Também aproveitou o ensejo para enviar uma epístola geral à igreja de Colossos (que é a nossa epístola aos Colossenses).

**O erro que havia na comunidade cristã de Colossos.**

A natureza de tudo quanto estava envolvido nesse erro é deixado em dúvida porque o combate a esse erro está envolvido em linguagem própria dos hereges, o que, para nós é ininteligível pelo menos em parte. Não obstante, é claro que alguma forma antiga de gnosticismo está em foco; e vários de seus elementos não são distinguidos com dificuldade. Ver o artigo sobre o *Gnosticismo*. Cada área geográfica, sem dúvida alguma, tinha certa mistura de idéias, embora tudo continuasse sendo, de modo geral, conceitos representativos do pensamento gnóstico. A heresia gnóstica assediou a igreja cristã por cerca de cento e cinqüenta anos, e oito dos livros do N.T. foram escritos contra a mesma, a saber, esta epístola aos Colossenses, as três epístolas pastorais, as três epístolas joaninas e a epístola de Judas.

*Quanto à situação em Colossos* e o tipo de gnosticismo que prevalecia ali, podemos distinguir os elementos seguintes:

1. Grande importância era conferida aos «aeons» ou ordens de seres angelicais (emanações de Deus), com prejuízo para a posição de Cristo. Os gnósticos não viam o Cristo como a «encarnação» do Logos, mas somente como um dentre muitos «aeons», dotados de alguma missão terrena. Para eles, Cristo era apenas um dos mediadores e salvadores, um pequeno deus, e não, necessariamente, o mais elevado dos «aeons». Rejeitavam qualquer «encarnação» real para os «aeons», como se isso lhes fosse impossível. Muito menos isso poderia suceder no caso do poderoso

«Logos». Assim pensavam eles porque tinham a matéria como o princípio mesmo da maldade; e o corpo físico, como é óbvio, participa da matéria. Portanto, nenhum «aeon» santo poderia, na realidade tomar carne humana, sem contaminar-se a si mesmo.

2. *Os aeons* (poderes angelicais) eram objetos de adoração entre os gnósticos. Cristo, na qualidade de «aeon», era adorado, mas somente em pé de igualdade com muitos outros «aeons». E assim era tremendamente diminuída a estatura de Cristo, com a conseqüente degradação de sua pessoa. Certamente os gnósticos não reconheciam a existência do Deus triúno, o único que, com razão, pode ser adorado pela criatura humana; e nem reconheciam Cristo como o cabeça de toda a criação. (Ver Col. 2:18-19). O universo não era «Cristo-cêntrico», na opinião deles, conforme normalmente se aprende no cristianismo normal. (Ver Col. 1:15-19). Deus trataria indiretamente com sua criação, através de muitos mediadores e salvadores, e não apenas através de um só. O trecho de I Tim. 2:5 foi escrito em favor do caráter medianeiro e único de Cristo, em contraposição à heresia gnóstica, que propunha grande quantidade de mediadores.

3. Os gnósticos propunham a idéia de *muitos criadores*, pois os «aeons», segundo sua doutrina, tinham o poder de criar. Paulo insiste que só há um poder capaz de criar (ver Col. 1:16). Outrossim, o criador é o alvo de sua criação — esta deverá encontrar nele toda a razão de sua existência, não dirigindo sua atenção para alguma quase interminável sucessão de sombrias emanações angelicais. Paulo não nega (e nem afirma) que os anjos possuem poderes de criação. É provável que os tenham. Porém, qualquer poder que porventura possuam, segundo afirma o apóstolo, vem a eles por delegação de Cristo, que é o cabeça de todos os principados, poderes e domínios; de fato, é o criador deles. Ora, se Cristo é o criador desses poderes, é impossível que seja nomeado entre eles, como um de seus iguais.

4. Os gnósticos, em Colossos, evidentemente tinham incorporado em seu sistema alguns elementos das *leis cerimoniais judaicas*, assim encorajando as suas tendências para o ascetismo. (Ver Col. 2:16 e *ss*). Os gnósticos criam que o desígnio do sistema cósmico é destruir toda a natéria, incluindo o corpo físico, visto que a matéria seria o princípio mesmo do mal. Poderíamos cooperar com esse desígnio se abusássemos do corpo, o que poderia ser feito através do ascetismo ou da licenciosidade extremados. Os gnósticos de Colossos tinham escolhido o ascetismo como esse meio de abuso, ao passo que, em outras áreas, esse meio era a licenciosidade. E isso se tornou parte oficial do sistema de ética esposado por eles. Os demais sete livros do N.T. que foram escritos contra o gnosticismo, refletem a variedade licenciosa do gnosticismo. (Ver II Tim. 3:6 acerca disso). Os gnósticos tinham a idéia equivocada de que não importa o que fazemos com nossos corpos, pois estes, conforme pensavam, seriam veículos incuráveis do princípio do pecado; outrossim, pensavam que deveriam abusar do corpo, sem que isso em nada prejudicasse à alma, como o ouro que é mergulhado na lama não tem sua natureza modificada.

5. Os gnósticos se jactavam de uma *filosofia superior*, que incorporava certa forma de *misticismo*. O gnosticismo era um misticismo basicamente oriental, apresentado como filosofia. Se por acaso tivesse vencido a luta com o cristianismo, este último teria sido transformado em outra mera religião misteriosa greco-romana O misticismo deles era falso, porquanto não contava com Cristo como seu objeto (ver Col. 2:4,8,18). Outrossim, o misticismo deles não os transformava moralmente, o que sucede, sem dúvida, aos místicos verdadeiros. O misticismo deles, portanto, era falso. É seguro dizermos que toda a experiência mística, quando é autêntica, transforma o homem moralmente. Os gnósticos supunham-se «fora» das questões morais, devido às suas visões e êxtases.

6. Os gnósticos eram falsamente humildes, pois guiavam-se por uma forma de verdadeira auto-exaltação, já que o *ascetismo* deles somente promovia o orgulho espiritual. Precisavam fazer de Jesus Cristo o seu grande exemplo, sem apelarem para seus costumes extremados (ver Col. 2:20-23).

7. Os gnósticos tinham uma sabedoria e um conhecimento falsos, pelo que negligenciavam a Sabedoria de Deus, o seu *mistério*, a saber, Cristo (ver Col. 2:8; 1:27 e 2:2). Para eles, a salvação deveria ser obtida através do «conhecimento», e não através da «fé». Julgavam que a fé pertenceria a espíritos menos desenvolvidos, a qual poderia levar somente a uma forma inferior de redenção, ao passo que o tipo de conhecimento que possuíam (mediado através de ritos sagrados, das artes mágicas e de misticismo) os conduziria à completa redenção, a saber, a reabsorção pelo Espírito divino, com a perda da identidade pessoal, em que o *ego* seria transformado no «super-ego».

8. Os gnósticos *rejeitavam* a expiação pelo sangue, pelo que também não viam qualquer valor na morte de Cristo. Criam eles que o «Espírito-Cristo», um dos «aeons», na realidade não se encarnara, porquanto não poderia sofrer e nem morrer. Tomara conta do corpo de Jesus, o homem, quando de seu batismo, tendo-o abandonado por ocasião de sua crucificação. Para eles, a morte de Jesus, quando muito, foi somente a morte de um mártir por uma boa causa. Não poderia ter qualquer valor expiatório. Em contraste com essa opinião, Paulo declara que a expiação de Cristo tem valor cósmico, e não meramente significação terrena (ver Col. 1:20 e *ss*).

9. Os gnósticos pensavam que os «aeons» angelicais, considerados em seu conjunto, seriam a *plenitude* de Deus, isto é, a emanação de sua natureza e dos seus atributos. Cristo, nesse caso, seria apenas um dentre muitos «aeons», podendo participar da natureza e dos atributos de Deus apenas em parte, de modo fragmentário. O pensamento de Paulo, em contraste com isso, é que Cristo encerra a «plenitude» (*pleroma*) de Deus (ver Col. 2:9).

10. Os gnósticos supunham que a redenção humana, em seu nível mais elevado, indicava a *reabsorção* pelo Espírito de Deus, com a perda da identidade pessoal. Bem ao contrário disso, a redenção do homem, em seus estágios mais elevados, indica a participação em toda a plenitude de Deus a «pleroma» total — ver Efé. 3:19 e Col. 2:10, tal como Cristo dela participa, sem qualquer perda de identidade pessoal, do mesmo modo que Jesus Cristo não perdeu sua identidade pessoal ao participar da plenitude de Deus. Isso ensina, portanto, que os homens remidos chegarão a participar da natureza divina (ver II Ped. 1:4); mas isso é declarado contra o pano de fundo da polêmica contra o gnosticismo.

11. Os gnósticos classificavam os homens em três grupos: a. Os «*hilicos*», ou «terrenos», que só se importariam com a matéria. Esses homens, que seriam a vasta maioria da humanidade, visto estarem totalmente imersos na matéria, não poderiam mesmo escapar dela, o que significa que teriam de perecer

com ela, quando da grande conflagração que haverá. b. Os «*psíquicos*», ou «animae». Esse grupo, que incluiria os profetas do A.T., se comporia de homens que «através da fé» (não do «conhecimento») haveriam de atingir uma redenção inferior. c. Os «*pneumáticos*» ou verdadeiramente «espirituais» (que seriam os gnósticos), os quais, mediante o «conhecimento», haveriam de atingir à mais elevada redenção, a saber, a reabsorção pelo Espírito divino. Para os gnósticos, pois, somente alguns poucos seriam passíveis de redenção. O trecho de Col. 1:20 e *ss*, certamente combate essa noção; e as enfáticas declarações do segundo capítulo da primeira epístola de Timóteo, no sentido que Deus quer que «todos sejam salvos e venham ao pleno conhecimento da verdade» são ataques diretos contra o exclusivismo dos mestres gnósticos.

**De modo geral**, pois, pode-se dizer que o gnosticismo de Colossos pertencia à variedade ordinária, talvez com um pouco mais de mistura de judaísmo do que era normal. Também pedira por empréstimo idéias comuns às religiões misteriosas orientais e ao neoplatonismo e o resultado disso era uma horrorosa conglomeração. Foi contra essas crenças sincretistas que Paulo escreveu esta epístola aos Colossenses, pois, como é claro, os gnósticos começavam a fazer adeptos seus na Ásia Menor.

A ausência de qualquer análise direta nesta epístola, acerca das doutrinas combatidas, não nos permite maior exatidão em nossas definições do gnosticismo, se contarmos exclusivamente com o N.T. Há muitas informações sobre as crenças gnósticas em vários livros apocalípticos do N.T., como o evangelho de Tomé e o evangelho de Pedro. Na introdução ao NTI há um artigo dedicado à descrição dos livros apócrifos do N.T. Alguns dos primeiros pais da igreja também descreveram as doutrinas gnósticas; e ainda que algumas de suas descrições estivessem equivocadas, devido ao calor da controvérsia, ou devido à falta de maior compreensão, há ali muitas informações válidas. Os primeiros pais da igreja, bem como os apóstolos antes deles, reconheciam com razão a ameaça que o gnosticismo representava para a igreja. Diz-se que o apóstolo João negava-se a ir aos banhos públicos de Éfeso quando sabia que Cerinto (um dos primeiros mestres gnósticos), seu oponente, também estava naqueles banhos.

Os mestres gnósticos, evidentemente, aludiam a seu sistema como uma «filosofia», ao passo que o apóstolo Paulo preferia chamá-lo de «vãs sutilezas» (ver Col. 2:8). Evidentemente afirmavam possuir certo apoio nas «tradições», dizendo-se representantes de antigas verdades. Platão alude a certas pessoas que vendiam livros de Orfeu ou Museu, em Atenas, na sua época, as quais, por igual modo, davam continuidade a certas tradições transmitidas da parte dos deuses. (Ver *República* II.364E). No hino homérico a Demétrio, vê-se que muitos pensavam que os ritos eleusianos (originalmente celebrados em Eleusis, uma cidade que ficava a noroeste de Atenas) tinham sido ordenados pelo próprio Demétrio, preservados por tradições entregues e transmitidas pela família de Eumolpides desde tempos pré-históricos. Por igual modo, as seitas mais recentes gostam de traçar suas origens a algum tempo remoto, sendo possível que os hereges combatidos por Paulo, em Colossos, não agissem de maneira diferente. Suas «tradições» eram meramente de «homens», para o apóstolo dos gentios; não tinham qualquer autoridade divina. (Ver Col. 2:8).

Conforme já se disse, os gnósticos de Colossos não pertenciam à variedade comum de religiosos licenciosos. Parecia antes que pregavam uma doutrina de «desprendimento», o ideal estóico, embora tivessem pervertido tal ideal, levando-o a assumir o caráter negativo do ascetismo extremado. Isso fazia o sistema deles favorecer o cerimonialismo mosaico, as restrições dietéticas, os jejuns e as provisões ritualistas intermináveis. Evidentemente eram vegetarianos e celibatas. Pregavam uma doutrina que ordenava: «Não manusear», «Não provar». A primeira dessas proibições parece ter tido subentendidos sexuais. É quase certo que eles praticavam a circuncisão. Observando essas coisas, percebemos que eles se assemelhavam aos essênios quanto a certos particulares. Ver o artigo sobre os *Essênios*. Alguns estudiosos têm pensado que a heresia combatida em Colossos era apenas uma forma um tanto modificada de crenças essênias; mas essa posição não tem atraído atenções sérias em tempos recentes, por ser um substituto pobre da idéia de que Paulo combatia o *gnosticismo*. As evidências históricas, que são abundantes, favorecem a suposição de que o gnosticismo foi a heresia combatida nesta epístola. O gnosticismo, e não o essenianismo, sem dúvida alguma, foi a doutrina que ameaçou o cristianismo por tantas décadas. (Quanto às práticas «vegetarianas e celibatárias do gnosticismo», com seu ascetismo em geral, ver as notas expositivas sobre Col. 2:16,20,21 no NTI). O trecho de Col. 2:11-13 subentende que eles davam grande valor à circuncisão. Parece que tinham tomado por empréstimo — exagerando-as então — várias provisões das leis cerimoniais mosaicas.

**Os gnósticos** defendiam a doutrina dos «espíritos elementares» (ver Col. 2:8), as «stoicheia», os «elementos animados da natureza»; pois, para eles concordando com outros povos antigos, a matéria não era reputada «inanimada». Essa idéia pode ser confrontada com o que diziam os hilozoístas jônicos, que pensavam que a matéria é cheia de força vital, provocando todas as mudanças e desenvolvimentos na natureza, resultando no que chamamos de «vida». O termo «stoicheia» (e o que nele fica implícito) foi transferido pelos gnósticos para indicar as «essências espirituais», que seriam as «ordens angelicais». Foi assim que as «stoicheia» dos pagãos se transformaram nos anjos do conceito hebraico. Na astrologia, o termo «stoicheia» era usado para indicar os «corpos celestes», que eram então considerados os «corpos» de espíritos celestiais, ou, em alguns sistemas, os lugares onde habitavam esses espíritos. Não sabemos quanto da astrologia antiga os gnósticos incorporaram no seu sistema; mas é certo que sua observância de festividades, luas novas, sábados, ciclos anuais, etc., eram mais que empréstimos do cerimonialismo judaico. Seja como for, o judaísmo helenista estava muito envolvido na astrologia, segundo nos mostra o livro de Jubileus e outros documentos do período. Visto que as «stoicheia» teriam influência sobre os homens, era natural supor que mereciam atenção e até adoração da parte dos homens. Os gnósticos, pois, veneravam esses espíritos elementares do universo (ver Col. 2:18), que eles arranjavam em muitos grupos e ordens, nos quais haveria poderes gradualmente decrescentes, segundo se distanciavam cada vez mais do Sol central, que é Deus. Nesse particular, eles tomaram por empréstimo idéias neoplatônicas, como a das *emanações*, através das quais esses espíritos vieram a ser reputados como «*partículas*» do Espírito divino; e todos eles, em seu conjunto, seriam a «plenitude» de Deus, incluindo sua natureza e seus atributos. Os termos «principados», «domínios», «poderes», etc., descrevem as ordens descendentes dos

«aeons» (ver Col. 1:16). Cada um desses termos representa classes existentes entre as «stoicheia».

**O erro combatido nesta epístola seria o judaísmo?** Alguns comentadores mais antigos, não percebendo a importância do ataque gnóstico contra a igreja primitiva, e influenciados pelo ponto de vista simplista do trecho de Col. 2:11-17, têm pensado que o erro aqui combatido é o legalismo do judaísmo. Mas a epístola aos Colossenses de modo algum é apenas uma versão diferente da epístola aos Gálatas (onde é combatido o «legalismo»). Apesar do gnosticismo incorporar certos aspectos do cerimonialismo comum ao judaísmo, era muito pior que o judaísmo normal. A moderação acerca das bebidas alcoólicas, transformou-se em abstinência absoluta; a vida sexual regulamentada foi transformada no celibato; a restrição de certas carnes transformou-se no vegetarianismo; a observância de luas novas e dias santificados, com base nos ciclos anuais, transformou-se em meios de adoração das «stoicheia». Na presente epístola, não há qualquer indício de que Paulo se opunha ao simples *legalismo*, o que teria sido importante elemento, se o judaísmo fosse o objetivo de sua polêmica. A necessidade de salientar as ordens angelicais (ver Col. 1:16), em que se assevera que Cristo é seu criador e Senhor, exigindo ele a nossa adoração, que não pode ser conferida aos anjos (ver Col. 2:18), o fato de que há alusão aos *mistérios* (ver Col. 1:26 e 2:2), o ataque contra o ascetismo exagerado (ver Col. 2:20 e *ss*), a definição de «sabedoria» e de *conhecimento* (ver Col. 2:2,3), como algo pertencente originalmente a Cristo e o fato de que a «plenitude» (*pleroma*, no grego) é dele (ver Col. 2:8,9), a necessidade de salientar que toda a criação deverá encontrar em Cristo o Alfa e o Ômega (ver Col. 1:16 e *ss*), a negação do *deísmo* (vide), em razão do fato de que Cristo é visto como a *imagem* (e, portanto, a manifestação) do Deus invisível (ver Col. 1:15), a ênfase sobre o seu senhorio universal (ver Col. 2:19), e a descrição da salvação para todos (ver Col. 1:20), além do valor da morte de Cristo como expiação (ver Col. 1:20 e *ss*), tudo aponta para o gnosticismo como a heresia aqui atacada, e não o legalismo, ou qualquer forma de essenianismo.

## IV. INTEGRIDADE DA EPÍSTOLA

A palavra **integridade**, aplicada à natureza de livros e epístolas, fala de questões concernentes à sua forma atual, em contraste com sua forma original. A presente epístola, conforme a conhecemos, representa a epístola original ou foi modificada com adições ou subtrações? Foram levantadas dúvidas quanto à sua autenticidade (seria de Paulo ou não?) nos meados do século passado, o que também atingiu sua integridade. A primeira dessas questões é amplamente estudada na primeira seção deste artigo. Quanto à questão da «integridade», H.J. Holtzmann propôs a complicada teoria que uma breve e autêntica epístola de Paulo aos Colossenses foi usada por um paulinista posterior como base da composição da epístola aos Efésios, cujo resultado foi então interpolado dentro da epístola aos Colossenses. Hermann von Soden («Die Briefe and die Kilosser, Epheser, Filemom», 1891) sujeitou essa teoria a exame cuidadoso, mas sua conclusão é que a mesma é altamente exagerada, pois haveria apenas algumas poucas interpolações por parte do autor posterior. Em seu comentário, impresso alguns anos mais tarde, a única interpolação por ele identificada foi a de Col. 1:16,17. William Sanday (em artigo no «Dictionary of the Bible», editores W. Smith e J.M. Fuller) apresenta uma revisão do problema, oferecendo fortes provas em favor da integridade e da autenticidade da presente epístola. A mais completa dissertação sobre essa questão (que também inclui a epístola aos Efésios), é a de Ernst Percy, intitulada «Die Probleme der Kolosser und Epheser-briefe». Ele apresentou poderosos argumentos em favor da autenticidade e da integridade de ambas essas epístolas, com base em considerações lingüísticas e teológicas. No caso da epístola aos Colossenses, pelo menos, a maioria dos eruditos concorda que ela é autenticamente paulina, tendo-se conservado praticamente segundo a forma como foi originalmente produzida. O antigo ataque contra a epístola aos Colossenses, no sentido que a mesma representa um «milieu» religioso posterior (isto é, do segundo século de nossa era), ou seja, não poderia ter sido escrita pelo apóstolo Paulo, tem sido abandonado, conforme tem aumentado nosso conhecimento sobre as condições religiosas do primeiro século de nossa era.

## V. TEMAS PRINCIPAIS

A leitura da seção terceira, intitulada «Motivo e Propósitos», exporá ao leitor muito do que pode ser dito nesta seção. Consideremos os pontos seguintes:

O seu grande tema central é a pessoa de Cristo, o Cabeça do cosmos, o Mistério de Deus; ele é divino, mas é humano, pois efetuou autêntica expiação, mediante sua morte genuína. A grandeza de Cristo é retratada de forma gráfica na presente epístola aos Colossenses, mais do que em qualquer outro livro do N.T. Isso é assim porque Cristo, em sua pessoa e estatura espiritual, estava sendo atacado pelos gnósticos nas igrejas da Ásia Menor, interna e externamente; e, assim sendo, fazia-se mister forte defesa a fim de preservar a fé dos crentes. Quanto à específica cristologia assim defendida, convém que pensemos nos elementos abaixo:

a. Cristo é o doador da graça, não sendo ela conferida por alguma linhagem sombria de mediadores angelicais;

b. Cristo aparece associado ao próprio Pai, pelo que é superior aos chamados «aeons»; 1:2;

c. Cristo é o verdadeiro objeto da fé (ver Col. 1:2,4);

d. Cristo é o doador da glória celestial, o Cabeça do reino celeste;

e. Cristo é o objeto da inquirição ética, do andar diário (ver Col. 1:10 e seus capítulos terceiro e quarto), 1:5,13;

f. Cristo é o doador da herança (ver Col. 1:12);

g. Cristo fez expiação: sua encarnação foi real, como reais foram a sua morte e a sua importância cósmica (ver Col. 1:14,20,21);

h. Cristo é o Reconciliador e isso em escala cósmica (ver Col. 1:21);

i. Cristo é a Imagem do Deus invisível, seu revelador (ver Col. 1:15); e tal ofício não pode ser atribuído aos «aeons»;

j. Cristo é o criador (até mesmo dos «aeons») e o sustentador da criação (ver Col. 1:17), o alvo mesmo da criação e de todos os seres inteligentes (ver Col. 1:16), isto é, ele é o Alfa e o Ômega;

k. Cristo é o Cabeça da Igreja, o primogênito, que ocupa o lugar de maior proeminência;

l. Em Cristo habita toda a «plenitude» («pleroma») de Deus (ver Col. 1:18,19 e 2:9);

m. Cristo, em sua missão terrena, sofreu e morreu; ele não é algum «aeon» que tornou-se possuidor do corpo humano e que agiu como se fosse tal. Podemos participar dos seus sofrimentos (ver Col. 1:24);

n. A grande realidade mística do cristianismo é a presença de Cristo em nós, mediante seu Espírito.

Isso traz o divino ao humano, pelo que é declarada falsa a posição do *deísmo* que haveria um ser supremo, mas que nada tem a ver com o seu universo, pois seria sempre transcendental (ver Col. 1:27);

o. Cristo é o alvo de toda a busca pela perfeição (ver Col. 1:28);

p. Cristo é o inspirador dos labores apostólicos (ver Col. 1:25,29), pelo que devemos lealdade ao evangelho apostólico;

q. Cristo é o mistério de Deus, em quem residem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (em contraste com o pretenso conhecimento dos gnósticos) (ver Col. 2:2);

r. Cristo compartilha conosco da plenitude de Deus, pelo que chegamos a participar da natureza divina (ver II Ped. 1:4 e Col. 2:10); e assim a plenitude divina é por nós compartilhada sem a perda da identidade pessoal, conforme ensinavam erroneamente os mestres gnósticos;

s. Temos comunhão mística com Cristo, em sua morte e ressurreição; e isso é a base de toda a moralidade, pois ele é o padrão da moralidade (ver Col. 2:11-12 e seus capítulos terceiro e quarto);

t. Cristo é o vencedor de todo o mal, o qual dá liberdade à alma e aos homens, em suas observâncias religiosas (ver Col. 2:14-18);

u. Cristo é o Cabeça cósmico de tudo, devendo ser reconhecido como tal pelos homens (ver Col. 2:19);

v. Cristo não nos confere o espírito de ascetismo, mas de liberdade (ver Col. 2:20-23);

w. A vida ressurrecta de Cristo nos é transmitida misticamente, de tal modo que obtemos vitória sobre o pecado (ver Col. 3:1 e *ss*);

x. A morte de Cristo, além de ter servido como expiação pelo pecado, igualmente nos é misticamente transmitida, pois o seu Santo Espírito leva-nos a morrer para o mundo e viver para Deus (ver Col. 3:1-5);

y. Cristo vence todos os vícios pagãos que antes nos cativavam (ver Col. 3:5-10);

z. Cristo regulamenta toda a conduta cristã, pois ele é o Homem ideal (ver Col. 3:11 e *ss*).

Assim sendo, pode-se ver que todas as grandes doutrinas da presente epístola são apoiadas sobre a natureza de Cristo como Cabeça e como Deus; mas sob hipótese alguma sua humanidade autêntica ou sua missão terrena é apagada ou ignorada dentro desse elevadíssimo acontecimento. A seção prática desta epístola também se alicerça sobre a pessoa de Cristo (ver os capítulos terceiro e quarto deste livro), pois a vida piedosa, na realidade, consiste em participarmos de sua vida eterna e ressurrecta, uma vez que tenhamos morrido para o mundo (ver Col. 3:1-5). E todas as questões práticas e morais, bem como todas as questões de lealdade, têm solução em Cristo.

## VI. CONFIRMAÇÃO ANTIGA E ACEITAÇÃO DA EPÍSTOLA

Já que o *cânon* do N.T. na realidade não teve começo, de modo formal, senão no tempo de Márcion (150 D.C.); que se situa bem dentro do tempo em que a epístola aos Colossenses começou a ser universalmente conhecida e usada, todos os *cânones* antigos a incluem. Ver o artigo sobre *Cânon*. O cânon mais antigo consistia dos quatro evangelhos e de dez epístolas paulinas, e a presente epístola fazia parte dessa lista. Todas as coletâneas das epístolas paulinas, desde os tempos mais remotos, incluíam a epístola aos Colossenses. Ela é alistada no «cânon» marcionita, no fragmento *Muratoriano* (o que reflete o uso da comunidade cristã de Roma, por volta do ano 200 D.C.). Também foi incluído nos mais antigos manuscritos que possuímos acerca das epístolas paulinas, inclusive o antiqüíssimo ms P(46), que talvez date dos começos do fim do século II D.C., embora a maioria dos estudiosos o situe dentro do século III D.C.

O que é surpreendente é que a confirmação e uso desta epístola, pelos pais pré-canônicos e nos escritos cristãos, é inferior ao do caso da epístola aos Efésios. Nossas fontes informativas não falam de qualquer confirmação no primeiro século; mas, nos primórdios do segundo século, a epístola já era largamente conhecida e usada. Contudo, não há qualquer evidência de que esta epístola foi lançada na suspeita, por parte da igreja antiga; e nem houve jamais qualquer sugestão de que ela não pertencesse ao 1º séc., ou de que Paulo não a tenha escrito. Não há qualquer traço desta epístola nos escritos de Clemente de Roma (primeiro século de nossa era) ou no Pastor de Hermas (140 D.C.). Nos escritos de Barnabé (começo do segundo século) parece haver uma alusão a Col. 1:16 (em xii.7); e Policarpo (155 D.C.) parece ter-se baseado nesta epístola (ver *Pol.* x.1, citando Col. 1:23). Essa mesma passagem, evidentemente, foi a base de Inácio, Efésios x.3, em 110 D.C. Inácio (*Esmirna* vi.1) parece fazer alusão ao trecho de Col. 1:16; e Pol. xi.2 parece ter sido passagem sugerida por Col. 1:23,24 e 3:5, no tocante à idolatria e à cobiça. Irineu e Tertuliano (segunda metade do segundo século de nossa era) — citaram quase cada capítulo da presente epístola; e Clemente de Alexandria, bem como Orígenes, o seu grande sucesso, citam-no como epístola de Paulo.

## VII. ESTADO DO TEXTO GREGO

Possuímos os mesmos manuscritos gregos antigos de Colossenses que possuímos acerca da coletânea paulina inteira. Esses são os mss P(46) (século III D.C.), Aleph e B (século IV D.C.), AC (século V D.C.), e então os unciais posteriores, do século VI em diante, HLIPS, e um grande número de manuscritos minúsculos pertencentes ao séc. IX, e depois. (Quanto a informações completas sobre os manuscritos antigos do N.T., ver o artigo existente sobre esse assunto).

Devido à grande similaridade entre as epístolas aos Colossenses e aos Efésios (ver a lista desses pontos similares em Col. 1:1 no NTI), podem ser encontradas algumas adições e assimilações harmonísticas. (Ver Col. 1:14 quanto às questões mais famosas dessa categoria). Tal como se dá no caso de todos os livros do N.T. esta epístola tem suas dificuldades textuais, algumas das quais não podem ser satisfatoriamente solucionadas. Nesses casos, o problema não consiste de textos «perdidos», mas antes, os textos existentes são confirmados com tal equilíbrio, a favor desta ou daquela variante, que é difícil dizer quais variantes representam o original. Os principais problemas são encontrados em Col. 1:2,6,12; 2:2 e 3:16. Ver as notas textuais sobre estas referências no NTI. A restauração do texto, naturalmente, tem sido efetuada com alto grau de exatidão, o que também se dá no caso do N.T. inteiro. Conforme se sabe bem, o N.T. é o mais bem confirmado documento da antiguidade, pois conta com o maior número de manuscritos verdadeiramente antigos que o confirmam quanto a seu texto.

Apesar de que as variantes textuais realmente importantes sejam poucas, conforme é comum quanto aos livros do N.T., há muitas variantes secundárias. Ver Col. 1:2,3,7,10,12,12,12,20,22,22,23,27; 2:2,7, 10,12,13,14,18,23; 3:4,5,6,7,13,14,15,16,17,20,21,

22:; 4:8,12,23,15,18. A repetição de números inidica que naqueles versículos há mais de uma variante.

**VIII. Conteúdo**

I. *Introdução Geral* (1:1-14)
1. Saudação (1:1-2)
2. Ação de graças pela fé e amor dos irmãos, bem como pelo fruto produzido entre eles, mediante a pregação do evangelho (1:3-8)
3. Oração em favor do crescimento dos crentes na compreensão espiritual e nas boas obras (1:9-14)

II. *A Grandeza de Cristo* — Polêmica contra os Mediadores Angelicais postulados pelos Gnósticos (1:15-3:4)
1. As onze superioridades de Cristo (1:15-19)
a. Imagem de Deus (vs. 15)
b. Primogênito (vs. 15)
c. Criador (esfera da criação: Cristo como *Alfa*, vs. 16)
d. Criador (agente da criação: Cristo como *Alfa*, vs. 16)
e. Criador (alvo da criação: Cristo como Ômega, vs. 16)
f. Primeiro quanto ao tempo e à importância (vs. 17)
g. Sustentador de tudo (vs. 17)
h. Cabeça da Igreja (vs. 18)
i. Princípio (vs. 18)
j. Primogênito dentre os mortos (vs. 18)
k. Em quem habita a plenitude de de Deus (vs. 19)
2. Sua grandeza quanto à reconciliação — uma décima segunda superioridade; até os anjos estão sujeitos à sua redenção (1:20-23)
3. Sua grandeza demonstrada no ministério apostólico (1:24-2:1)
a. O ministério do sofrimento (1:24)
b. Propagação do evangelho, no qual Cristo é visto como a grande realidade mística, o divino no humano (1:25-29)
c. O interesse pessoal de Paulo por seus leitores (2:1)
4. Sua grandeza como mistério de Deus (2:2,3)
5. Sua grandeza em contraste com os ensinamentos e as práticas falsas (2:4-23)
a. O perigo dos ensinos ludibriadores, não alicerçados em Cristo (2:4-7)
b. Contra a filosofia e o legalismo falsos (2:8-17)
i. A filosofia vã é um vão engano e há tradições mal alicerçadas (2:8)
ii. Nada pode ser adicionado à perfeição (2:9-13)
iii. A lei foi abolida em Cristo (2:14-17)
c. Advertência contra o misticismo falso (2:18-19)
d. Advertência contra o asceticismo (2:20-23)

III. *A Ética*. A Inquirição Espiritual — Alicerçada sobre a Grandeza de Cristo (3:1-4:6)
1. A união espiritual do crente com Cristo, agora e para sempre (3:1-4)
2. Fruto da união com Cristo — o andar santo (3:5-17)
3. Deveres domésticos, submissão mútua no lar cristão (3:18-4:4)
4. Conduta para com os pagãos (4:5,6)

IV. *Apresentações e Saudações Pessoais* (4:7-18)
1. Tíquico e Onésimo (4:7-9)
2. Os companheiros de Paulo saúdam os colossenses (4:10-14)
3. Saudações a Laodicéia, instrução e bênção finais (4:15-18)

**IX. Bibliografia**: AM BA EN I IB MOF NTI TI TIN VIN RO Z

## COLOSSOS

Uma cidade da Frígia (que vide), às margens do rio Lico, cerca de dezenove quilômetros de Laodicéia, numa região que faz parte da Turquia moderna. Presume-se que a Igreja cristã que ali existia foi fundada por Epafras (Col. 1:2,7; 4:12). O trecho de Colossenses 2:1 parece indicar que o próprio Paulo ainda não havia visitado pessoalmente o lugar, ao escrever a epístola aos Colossenses. A cidade foi destruída por um terremoto no nono ano do reinado de Nero, mas foi reconstruída. A moderna aldeia de Denizli fica próxima do local da antiga cidade de Colossos. Essa cidade ficava localizada na antiga província romana da Ásia. Colossos ficava na estrada principal que partia de Éfeso para o Oriente, e revestia-se de certa importância comercial. Ali também se dividiam as estradas para Sardes e para Pérgamo, pelo que, nos reinos lídio e pergamênio, Colossos era cidade de alguma importância. Mais tarde, porém, já nos tempos dos romanos, a estrada para Pérgamo passava um pouco mais ao oeste, daí resultando que Laodicéia se tornou maior e mais importante do que Colossos.

O evangelho chegou ao vale do rio Lico enquanto Paulo achava-se em Éfeso (Atos 19:10), provavelmente através de ministros que ele, ou seus discípulos, haviam enviado a áreas adjacentes. Filemom e Onésimo, seu ex-escravo, eram membros da igreja local para a qual Paulo escreveu (ver Col. 4:9 e File. 1 e 10). A cidade tinha uma população mista, composta por judeus, gregos e frígios, sendo provável que a Igreja cristã dali refletisse essa situação. O gnosticismo (que vide), em alguma de suas formas, ameaçava o cristianismo dali, o que, igualmente reflete uma situação cultural mista. Porções da epístola aos Colossenses têm o propósito de combater essa heresia.

Originalmente, parece que a cidade contava com várias indústrias, incluindo as que trabalhavam com lã, que era uma das atividades básicas da cidade próxima de Laodicéia, por igual modo. Nos tempos persas, Colossos tivera importância consideravelmente maior. Xerxes passou pela cidade (Her. 7:30), como também Ciro (Xenofonte, *Anab.* 1.2,6). A cidade servia de quartel de exércitos. Foi fundada cerca de duzentos e cinqüenta anos antes de Laodicéia, que terminou por se tornar sua grande rival.

Colossos conseguiu manter-se próspera até os séculos VII e VIII D.C., quando o esboroamento do poder bizantino, na Ásia Menor, deixou a cidade sujeita aos ataques de diversos inimigos. A população restante foi transferida para Conae, que atualmente chama-se Conas. A destruição final de Colossos ocorreu por ocasião da invasão turca, no século XII D.C. Atualmente, o antigo local da cidade não é ocupado. Fica cerca de dezesseis quilômetros da cidade moderna de Denizli. As escavações feitas no sítio arqueológico têm descoberto um antigo templo cristão e algumas outras coisas interessantes para os arqueólogos. (ND Z)

## COLPORTAGEM

Essa palavra vem do francês **colporter**, «magarefe». As palavras formadoras são *col*, «pescoço» e *porter*, «carregar». A palavra deriva-se do fato de que os

magarefes levavam uma sacola pendurada ao pescoço, onde transportavam as suas quinquilharias. Um colporter é um vendedor de livros, revistas e almanaques, em distritos interioranos. Em sentido secundário, a palavra indica um agente de viagens que distribui gratuitamente Bíblias, livretos religiosos, panfletos, folhetos, etc. Ver o artigo sobre o *Movimento de Tratados e Folhetos*. (E WA)

## COLUMBANO

Suas datas foram 543-615 D.C. Foi abade de Luxeuil e de Bobbio. Era de origem irlandesa. Em cerca de 583, ele partiu para Borgonha, com doze outros companheiros de vida monástica. A convite do rei Gontram, erigiu um mosteiro em Annegray; e, mais tarde, fundou outros mosteiros, em Luxeuil e Fontaines. Preparou uma regra para esses mosteiros, incorporando costumes de mosteiros celtas. Passou vinte anos sucessivos na Borgonha, até que foi banido pelo dissoluto monarca Thierry II. Após muito vaguear, estabeleceu-se em Bobbio, localizada entre Milão e Gênova, na Itália. Ali fundou o mosteiro que, posteriormente, tornou-se famoso, e onde agora descansam os seus ossos. Escreveu uma regra para esse mosteiro; mas essa regra veio a ser substituída, mais tarde, pela regra beneditina. A festividade em honra a Columbano é celebrada a 21 de novembro. Ver o artigo geral sobre o *monasticismo*. (AM E)

## COLUNA

Há oito palavras hebraicas e uma palavra grega envolvidas:

1. *Ammud*, «coluna». Termo hebraico que ocorre por cento e nove vezes. Por exemplo: Êxo. 13:21,22; Nú. 3:36,37; Juí. 16:25,26,29; II Reis 11:14; Sal. 7:53, Can. 3:10; Jer. 1:18; Eze. 40:49; 42:6.

2. *Omenoth*, «colunas». Palavra hebraica no plural que só ocorre em II Reis 18:16.

3. *Misad*, «suporte». Palavra hebraica que também só aparece por uma vez, em I Reis 10:12.

4. *Matstsebah*, «algo levantado». Palavra hebraica usada por doze vezes. Por exemplo: Gên. 28:18,22; Êxo. 24:4; II Sam. 18:18; Isa. 19:19.

5. *Matsuq*, «coisa fixa». Palavra hebraica usada, com esse sentido, apenas por uma vez, em I Sam. 2:8.

6. *Natsab*, «estabelecido». Palavra hebraica usada no A.T., apenas por uma vez, com o sentido de «coluna». Ver Juí. 9:6.

7. *Netsib*, «monumento». Palavra hebraica usada por apenas uma vez com esse sentido, em Gên. 19:26.

8. *Timeroth*, «colunas». Palavra hebraica empregada por duas vezes com esse sentido, porque geralmente significa «palmeiras»: Can. 3:6; Joel 2:30.

9. *Stúlos*, «coluna». Palavra grega usada por quatro vezes: Gál. 2:9; I Tim. 3:15; Apo. 3:12; 10:1.

Uma coluna é um poste firme, posto na posição vertical, que pode ser usado para suportar porções superiores de um edifício, embora também em posição ereta, isolada ou em grupo, sem qualquer função de apoio.

1. *Uso Antigo*. Talvez o mais antigo uso de uma coluna seja o de servir de marco, como monumento ou como sinal de voto (símbolo e função religiosos). Nesses casos, usualmente uma única coluna era usada. Poderia ser apenas uma pilha de pedras (Gên. 28:18; 31:46). A «pedra de Ezel» (I Sam. 20:19), provavelmente era alguma espécie de marco, sob a forma de uma coluna. Jacó erigiu uma espécie de coluna sobre o sepulcro de Raquel (Gên. 35:20). A coluna monolítica e os obeliscos de Petra, em Iduméia, são exemplos de uso similar. Absalão mandou levantar uma coluna monumental em memória sua (II Sam. 18:18). Embora ali seja usada a palavra hebraica *massebah*, «estátua», a nossa versão portuguesa a traduz por «coluna».

A adoração dos cananeus empregava a coluna votiva e a coluna memorial. Ao povo de Israel foi ordenado que derrubassem as colunas usadas na adoração pagã, como a dos cananeus (Êxo. 23:24). Essas colunas eram erigidas ao ar livre, ou então no interior de algum lugar de adoração (II Reis 10:26; 17:10). Essas colunas eram chamadas «colunas de Baal» (II Reis 3:2). Os arqueólogos encontraram e reergueram uma coluna que havia defronte do templo de Baal-Berite. Os israelitas não podiam usar colunas em seu culto religioso (Lev. 26:1). Contudo, era-lhes permitido usar pedras memoriais, que podiam ser empilhadas, formando uma espécie de coluna.

2. *Nas Construções*. As casas e os templos do Oriente tinham muitas colunas. Ver o artigo sobre *Casa* II.14. Ver também o artigo sobre a *Arquitetura*. Colunas eram usadas para fechar área, para sustentar tetos planos, ou para dar apoio a toldos ou cortinas. Sansão fez um templo inteiro vir abaixo, quando derrubou suas duas principais colunas de sustentação (Juí 16:26). A prática geral, nas construções orientais, de sustentar tetos planos mediante colunas, ou para cobrir espaços abertos mediante toldos estendidos em colunas, levou ao grande uso delas, nas construções antigas. As colunas eram feitas de madeira, de pedra ou de vários metais. Têm sido descobertos exemplares de colunas de madeira, em Nínive.

3. *No Templo de Jerusalém*. Salomão lançou mão de colunas, no templo e em seu palácio, em Jerusalém. Em seu palácio havia o Salão das Colunas, que era uma espécie de pórtico com colunas (I Reis 7:6). Essas colunas eram feitas de madeira de cedro, embora também houvesse colunas feitas com a rara madeira de sândalo (I Reis 10:12). As colunas gêmeas de bronze, chamadas Jaquim e Boaz, foram postas do lado de fora do templo de Jerusalém. Talvez elas sustentassem a arquitrave do vestíbulo da entrada, ou podem ter sido simples colunas memoriais, que nada sustentavam, fazendo o povo de Israel lembrar-se da coluna de nuvem e fogo que guiou o povo de Israel no deserto. Notemos que certas colunas recebiam nomes específicos (I Reis 7:15,22,41,42). As colunas referidas em Ezequiel 40:49 provavelmente eram pilastras (colunas retangulares, com capitel e base). O trecho de Ester 1:6 fala de colunas de mármore, existentes no palácio persa de Susã.

4. *Usos Figurados*. a. Jeremias postava-se como uma coluna de ferro, contra a ímpia nação de Judá (Jer. 1:18). b. A casa da sabedoria está erigida sobre sete colunas (Pro. 9:1). c. A coluna de fogo e de nuvem (que vede) representavam a orientação e os cuidados de Deus por seu povo (Êxo. 13:21,22; 33:9). d. O poder de Deus sacode as colunas da terra (Jó 9:6), e as colunas do céu estremecem diante de sua palavra (Jó 26:11; ver também I Sam. 2:8 e Sal. 75:3). e. Os membros inferiores de um ser humano são as suas colunas (Can. 5:15; Jer. 18:18), onde a idéia de força está em pauta. f. A verdade é comparada a uma coluna e a um alicerce, sobre os quais podemos edificar (I Tim. 3:15). g. As principais personagens da Igreja primitiva, como Tiago, Pedro e João, seriam colunas da fé (Gál. 2:9). h. Aqueles que vencem espiritualmente recebem a promessa de que serão feitos colunas no templo espiritual de Deus (Apo. 3:12). i. As pernas de certo anjo, visto em visão, em Apo. 10:1, eram como colunas de fogo.

**COLUNA de Apocalipse 3:12**

**I. A PROMESSA**

*Fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus.* Apo. 3:12. Há aqui, mui provavelmente, alusão ao fato de que na área onde estava localizada a cidade de Filadélfia havia terremotos freqüentes, com o resultado que muitas construções, incluindo templos, eram abalados, rachavam-se e, algumas vezes, tombavam. *Estrabão* escreveu nessa conexão: «E Filadélfia não deixou de sofrer em suas muralhas, mas diariamente são abaladas de algum modo, e há brechas nas mesmas. Mas os habitantes continuam a ocupar o local, a despeito de seus sofrimentos e de terem de edificar novas casas» (*xii*, pág. 868). No ano de 17 D.C., a cidade foi destruída por um terremoto, mas uma doação imperial ajudou em sua recuperação. O vidente João dizia, por conseguinte, que, em contraste com os templos dos deuses pagãos, cujas colunas eram abaladas e destruídas por terremotos, os vencedores perseverantes tornar-se-ão colunas no templo do Deus vivo, a comunidade formada de pedras vivas, que compõem o templo de Deus, isto é, o lugar onde ele manifesta a sua presença. (Ver Efé. 2:22 e I Ped. 2:5 e *ss.*, quanto ao simbolismo da igreja cristã como um *templo*).

*Deus e o Cordeiro, na qualidade de templo.* O livro de Apo. 21:22 afirma que o Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro são o templo da Nova Jerusalém. Se o vidente João tenciona dar a entender tal, então, ser alguém uma coluna nesse templo divino implica em comunhão mística íntima com Deus, como quem faz parte real da personalidade divina. Já que os filhos de Deus compartilham da vida e da natureza do Filho, eles chegam a participar da «natureza divina»; também terão toda a plenitude de Deus, ou seja, sua natureza e atributos (ver Efé. 3:19 e Col. 2:10), possuindo sua mesma «modalidade de vida». Diferem do Pai não quanto ao «tipo de vida», mas somente quanto à extensão da participação na vida divina. A eternidade inteira será a oportunidade de ir aumentando cada vez mais a «extensão» dessa participação. Já que há uma infinitude com que teremos de ser cheios, também haverá um enchimento infinito. O trecho de Heb. 2:10 e *ss.* mostra que haverá uma «comunidade» de natureza dentro da família divina.

**II. SIGNIFICADOS DA COLUNA AQUI REFERIDA**

1. *Estabilidade* (de natureza espiritual), em contraste com os templos da cidade de Filadélfia, que viviam abalados por terremotos.

2. *Glória na estabilidade*, pois a «permanência» da alma conduz à transformação divina dos homens segundo a imagem de Cristo. (Ver as notas expositivas sobre esse conceito, em II Cor. 3:18 no NTI).

3. *Comunhão mística* com Deus, mediante o que a transformação do crente é produzida. Essa é uma operação do Espírito Santo. Essa comunhão visa tanto ao presente como à eternidade, e continuará aumentando sempre.

4. *Infusão da natureza divina* na natureza humana, formando um processo eterno, pois Deus é o templo, e nós somos as colunas desse templo.

5. O conceito da «coluna» fala da mesma verdade que o faz a idéia da «âncora da alma». Em meio a um mundo atribulado, com temores íntimos e terrores externos, a alma se sente segura em seu Deus, contanto que lute, disposta a pagar o preço para ser vencedora.

6. «Encontro, união, adoração, unidade, comunhão a mais profunda, esconderijo nos mistérios, luz, manifestações imperturbáveis e aprazimentos de Deus e de nosso Salvador, são as idéias principais. A esse templo santo o vitorioso cristão chega como um adorador, a fim de abeberar-se dessa luz inefável, compartilhando da plenitude dessa bem-aventurança indescritível...Não apenas como adorador, mas como habitante perpétuo, o vitorioso cristão entrará no templo celestial, porquanto 'daí jamais sairá'» (Seiss, em Apo. 3:12).

7. Em Apo. 3:12 nos é ensinada a *segurança* do crente (que vide), mas também está envolvido muito mais do que isso. Essa segurança se verifica agora e para sempre, referindo-se à *beleza* dos santos, que farão parte do magnificente templo divino. Esses serão adornados com a natureza e os atributos do próprio Deus, pois Deus é o pináculo de toda a beleza.

8. As «colunas» da igreja são seus membros mais fortes e sustentadores. Esses dão seu apoio ao trabalho da igreja, servindo de elementos fundamentais na mesma; e assim continuará sendo, por toda a eternidade, pois o trabalho de Deus é eterno. Todos os crentes podem ser vencedores e até no próprio estado eterno não haverá qualquer estagnação no progresso.

9. Os muitos templos e festividades religiosas de Filadélfia conquistaram para ela o nome de «Atenas em miniatura». Mas o vidente João viu um templo magnificente, dotado de colunas, e muitíssimo mais atrativo para a alma remida do que toda a glória pagã de Filadélfia.

10. As colunas falam sobre a *força espiritual* mediante a qual a alma será eternamente segura e abençoada. A coluna, embora talvez seja um elemento ornamental, «reveste-se de beleza», é çolocada na estrutura de um edifício a fim de ocupar certa função; e, para tanto, precisa ser forte.

**COLUNAS DA TERRA**

Ver os trechos de Jó 9:6; I Samuel 2:8 e Salmos 75:3. Os antigos hebreus pensavam que a terra repousa sobre gigantescas colunas, e que a terra e suas colunas, por sua vez, repousassem sobre um grande abismo de águas. A terra era imaginada como se fosse plana, com o hades abaixo de sua superfície. Como se fosse uma abóbada por cima, havia o firmamento, uma substância sólida que separava os céus da terra. Por cima do firmamento havia os céus e a luz primeva. Sob o firmamento estavam fixados os luzeiros secundários, o sol, a lua e as estrelas, especificamente para iluminar a terra. Isso é devidamente explicado no artigo sobre a *Astronomia*, onde o leitor encontrará maiores detalhes. Devemos entender que essas expressões são poéticas. Embora pudessem ser assim utilizadas, essas colunas representavam o que os hebreus antigos acreditavam. De nada adianta tentarmos modernizar essas concepções, atribuindo aos hebreus noções que só surgiram na astronomia moderna. Ver o artigo sobre as *Cosmogonias*, onde oferecemos descrições sobre as crenças de vários povos antigos, inclusive os hebreus.

**COLUNAS DE FOGO E DE NUVEM**

Quanto a referências bíblicas a respeito, ver Êxo. 13:18,21,22; Núm. 14:14 e também Gên. 9:12-19. Quando Israel vagueava pelo deserto, após sair do Egito, Deus passou a guiá-los, a partir de certo momento, de dia por meio de uma coluna de nuvem, e, à noite, mediante uma coluna de fogo. A nuvem fornecia tanto sombra quanto orientação, e o fogo fornecia tanto luz quanto orientação. Isso faz-nos

lembrar das fogueiras que as pessoas acendem, quando viajam. Também sabemos que os persas antigos levavam fogo, que eles chamavam de *sagrado e eterno*, sobre altares de prata, à frente de seus exércitos que avançavam. Os romanos apreciavam muito cortejos liderados por tochas. Muitas tochas provocavam nuvens de fumaça. Segundo somos informados pela Bíblia, no caso de Israel, a nuvem se pôs atrás do acampamento de Israel, como proteção contra os egípcios (Êxo. 14:19,20,24).

Também há menção à coluna de nuvem que desceu e pôs-se à entrada da tenda da congregação, quando Moisés ali entrou (Êxo. 33:7-9). Quando Miriã e Arão murmuraram contra Moisés, uma nuvem apareceu em protesto. Essa visão confirmava o fato de que a presença divina acompanhava Moisés. E quando Moisés faleceu, uma nuvem apareceu, na qual manifestou-se a presença divina, a fim de fornecer instruções a Josué (Deu. 31:5). Essas passagens bíblicas têm provocado muitas interpretações, dentre as quais damos abaixo alguns exemplos:

1. *A Interpretação Naturalista*. A Bíblia encerra interpretações poéticas espiritualizadas, acerca de coisas naturais. Assim, a coluna de nuvem podia ter sido formada pela fumaça das tochas que os israelitas levavam enquanto caminhavam, o que também pode ser a explicação da coluna de fogo, à noite. Já vimos como os exércitos antigos iluminavam seu caminho mediante o uso de tochas. Ou então as colunas eram apenas postes onde se levava azeite que queimava produzindo o efeito descrito na Bíblia. Em conexão com isso, pode-se observar que as grandes colunas de bronze, postas na parte da frente do templo de Salomão em Jerusalém, parecem ter sido utilizadas como tochas, de onde subiam nuvens de fumaça. Em I Reis 7:15 são chamadas colunas; mas, essencialmente, de acordo ainda com essa interpretação, haveria no alto das mesmas, grandes taças onde era queimado óleo ou betume.

Apesar dos paralelos óbvios com outras coisas, a narrativa do Antigo Testamento não parece descrever fenômenos naturais. Tem sido argumentado, porém, que as narrativas sagradas envolvem adornos piedosos, cujo intuito seria fazer a atenção dos leitores centralizar-se mais em Deus, conferindo a essas narrativas uma significação mais religiosa. Porém, tudo quanto realmente sucedeu foi que o povo de Israel marchou através do deserto, com suas tochas, que produziam colunas de fumaça, como se fosse um antigo exército.

2. *A Interpretação Mitológica*. As mentes piedosas anelam por encontrar intervenções sobrenaturais, quando recontam as histórias de seus heróis ou deuses. Assim são criados muitos acontecimentos que, na realidade, nunca ocorreram. A literatura de quase todas as nações tem esses adornos mitológicos; e por que haveríamos de pensar que os hebreus também não criaram os seus mitos?

3. *A Interpretação Sobrenatural*. Não há como ajustar o texto sagrado a qualquer explicação meramente natural. Essas nuvens e chamas agiam como se fossem controladas por alguma mente superior, como quando o fogo ameaçou destruir aqueles que haviam murmurado. Ver Núm. 17:10, ou quando saltou sobre os rebeldes e os consumiu de todo (Lev. 10:2). A mesma ação inteligente é atribuída à conduta das colunas de nuvem e fogo, no relato sobre a caminhada pelo deserto.

## COMBUSTÍVEL

Embora o petróleo seja abundante nos países árabes, até hoje Israel não dispõe de reservas ou de produção suficientes. Nas antigas terras bíblicas, os combustíveis derivavam-se de hidrocarbonos vegetais, como madeiras, cascas de árvores, palha, arbustos, raízes secas, etc. O único material animal usado como combustível era o estrume seco que, naturalmente, queimava lentamente e soltava um incrível mau cheiro. Os antigos descobriram como fabricar carvão de madeira, em cerca de 2000 A.C., o qual era usado para fundir metais. Isso deu um grande impulso à civilização. Os lares dos nobres, dos ricos e alguns templos contavam com lugares onde o carvão de madeira era queimado para produzir calor, pelo que esse carvão tornou-se um item de exportação ou importação. Quanto a referências veterotestamentárias a respeito, em algum sentido, ver Jer. 36:22; I Reis 17:10; Eze. 4:12 *ss*; Isa. 44:14-16; Mat. 3:12; 6:30. O trecho de Lam. 5:4 mostra-nos o uso comum dos combustíveis em Israel, porquanto viver sem esses combustíveis era considerado uma grande dificuldade.

## COMENIUS, JOÃO AMÔS

Suas datas foram 1592-1670. Nasceu em Nivnice, no sul da Morávia, atualmente porção formativa da Checoslováquia. Educou-se na Universidade dos Irmãos, em Herbrom, em Nassau e na Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Foi expulso da paróquia de Fulnek, no começo da Guerra dos Trinta Anos, mas encontrou refúgio em Leszno, na Polônia. Foi ali que estabeleceu sua reputação como reformador da educação superior, ao escrever sua obra intitulada *Janua linguarum reserata*. Recebeu a tarefa de reformar o sistema escolar da Suécia; e, mais tarde, o da Hungria. Tornou-se conhecido como «pai da moderna teoria e prática educacional», e suas idéias sobre o assunto acham-se no seu livro *Opera didactica omnia*.

No campo da religião ele tornou-se conhecido como advogado da união dos cristãos, em razão do que ele é chamado de profeta do ecumenismo moderno. Também foi um bem conhecido pastor evangélico. Como filósofo, ele defendia uma visão pansófica da cultura, segundo a qual várias disciplinas eram unificadas, tornando-se o guia da erudição e da prática. Ele tentou estabelecer um colégio em Londres, na Inglaterra, com a finalidade de propagar as suas idéias, porém, o irrompimento da guerra civil da Inglaterra impediu a realização desse projeto. Morreu em Amsterdã, na Holanda, em 1670. (AM E)

## COMENTÁRIOS SOBRE A BÍBLIA

*Esboço*:

Introdução
- a. Observações Preliminares
- b. Utilidade
- c. O Impulso para Escrever
- d. O Número é Grande
- e. Um Testemunho

I. Os Pais da Igreja
II. A Idade Média
III. A Reforma Protestante
IV. O Século XVII
V. O Século XVIII
VI. O Século XIX
VII. O Século XX
VIII. Comentários na Língua Portuguesa

*Introdução*

**a. Observações Preliminares.** Indagou o eunuco

etíope: «Como poderei entender, se alguém não me explicar?» (Atos 8:31). Ele vinha lendo o rolo do profeta Isaías. Filipe lhe perguntara se ele entendia o que estava lendo, e sua resposta foi aquela que acabamos de citar. O eunuco precisava de um *comentário* sobre o texto sagrado. Filipe expôs uma explicação verbal. Um comentário escrito é tão legítimo quanto um comentário verbal. Pregar também é comentar. Uma lição de Escola Dominical. Os judeus mostravam-se fanáticos quanto às suas Escrituras Sagradas, reverenciando-as em alto grau. Em consonância com isso, o Talmude (que vide) foi compilado como um guia sobre as Escrituras e a vida judaica. O Talmude é uma verdadeira enciclopédia de conhecimentos e tradições judaicas. Foram necessários sete séculos de desenvolvimento e compilação para ser produzido. Somente nos fins do século V D.C. é que o Talmude chegou ao seu estágio final. Apesar de versar principalmente sobre as Escrituras, inclui copiosas discussões sobre os campos da religião, da ética, das instituições sociais, da história, do folclore e da ciência.

b. *Utilidade*. No tocante a comentários sobre o Antigo ou o Novo Testamentos, coisa alguma de autoridade comparável ao Talmude tem surgido entre os cristãos. Mas, podemos estar certos de que os comentários bíblicos que existem têm exercido notável influência sobre como a Igreja tem sido e continua sendo interpretada. Há indivíduos e igrejas que degradam os comentários; e, no entanto, a cada domingo, os pastores e os mestres estão fazendo comentários, embora de forma verbal. O que esses não querem reconhecer é que aquilo que dizem poderia ser melhorado em muito se consultassem um ou mais comentários escritos. Se pensam que Deus lhes pode revelar algo, que passam a declarar verbalmente, por que haveriam de negar que o mesmo Deus pode revelar coisas a outras pessoas, que registram sob forma escrita?

O propósito deste artigo é mostrar, sob forma de esboço, a história dos comentários bíblicos.

c. *O Impulso para Escrever*. Todas as grandes vidas, bem como todas as obras literárias importantes, produzem escritos subseqüentes. Trata-se da busca pelo conhecimento e pela significação das coisas. Os comentários bíblicos variam muito quanto ao seu planejamento. Alguns deles assemelham-se muito a sermões, como os comentários de Crisóstomo, que foi um eloqüente pregador; outros são essencialmente gramaticais e críticos, como vários volumes do International Critical Commentary; e ainda outros são essencialmente devocionais, com pouco conhecimento técnico, como o de Matthew Henry.

d. *O Número é Grande*. Ninguém sabe quantos comentários já foram escritos. Mas o *Dictionary of the Holy Bible*, de Calmet (1722), afirma que, até então, havia pelo menos mil e quatrocentos comentários diferentes. Alguns comentários envolvem um único volume. Outros comentários consistem de uma série. A Enciclopédia de Strong (1867-1881) alista cento e sessenta e cinco comentários sobre a Bíblia inteira. Charles Spurgeon escreveu um livro exclusivamente sobre comentários, para servir de guia na seleção dos melhores comentários para alguém adquirir. Sua lista consistia em 1437 títulos. Até mesmo na antiguidade, os comentários eram numerosos. C.H. Turner, em um longo artigo que foi incorporado no *Hastings Dictionary of the Bible*, alista cento e quinze títulos, desde os pais da Igreja até o século VIII D.C. Entretanto, sua lista cobriu somente as epístolas paulinas, pelo que teríamos de acrescentar comentários sobre o restante do Novo Testamento, para chegarmos a uma idéia clara de quanto já havia sido produzido. Além disso, devem ter existido inúmeros comentários, escritos na antiguidade, acerca dos quais nada sabemos, por não terem chegado até nós.

e. *Um Testemunho*. Esses fatos constituem um testemunho, entre muitos outros, a respeito da grandeza da Bíblia Sagrada. Indiretamente, confirmam sua divina inspiração, porquanto nenhum livro comum poderia ter provocado tanta reação da parte dos homens.

Os comentários abaixo alistados só podem esperar representar parcialmente essa atividade.

**I. Os Pais da Igreja:**

1. *Heráclion*. Foi seguidor de Valentino, um mestre gnóstico do século II D.C. Escreveu um comentário sobre o evangelho de João, embora seja atualmente conhecido apenas através de citações em outros autores, como Orígenes. Ele escreveu em grego.

2. *Hipólito*, cerca de 204 D.C. Comentou sobre o livro de Daniel. Essa é a mais antiga obra cristã exegética de que dispomos. Hipólito escreveu cerca de quarenta obras sobre muitos livros bíblicos, do Antigo e do Novo Testamentos. Isso posto, sua influência foi grande. Goodspeed referia-se a ele como a mais destacada figura do cristianismo grego, no Ocidente. Ele também escreveu em grego.

3. *Orígenes*. Foi o maior erudito bíblico da Igreja antiga. Suas datas foram 185-274 D.C. A quantidade de material escrito por ele produzido é espantosa. Ele escreveu treze livros sobre Gênesis, quarenta e seis livros sobre quarenta e um Salmos, trinta livros sobre Isaías, quinze livros sobre Lucas, cinco livros sobre Gálatas, três livros sobre Efésios, além de muitos outros. Ocorre que, em certas ocasiões, ele ditava a sete diferentes amanuenses, que se revesavam, anotando o que ele interpretava, segundo três ângulos diferentes: a. o ângulo literal; b. o ângulo simbólico ou alegórico; e c. o ângulo místico, o que corresponderia ao corpo, à alma e ao espírito do ser humano. Ele mostrava-se bastante independente no manuseio das Escrituras, especialmente no caso de passagens do Antigo Testamento que retratam Deus de um modo que ele reputava ser imoral. Ver o artigo sobre a *Teologia Alexandrina*, que dá informações sobre essa questão. Ver também sobre a *Interpretação Alegórica*, bem como o artigo separado acerca de *Orígenes*. Ele escreveu na língua grega.

4. *Dionísio de Alexandria*. Faleceu em 264 D.C. Escreveu uma interpretação alegórica do Apocalipse, que desapareceu. Escreveu em grego.

5. *Vitorino*. Faleceu em 304 D.C. Escreveu vários livros de comentário, dentre os quais sobrevive até hoje aquele que versa sobre o Apocalipse. Escreveu em grego.

6. *Eusébio*. Suas datas foram 260-340 D.C. Foi autor de um volumoso comentário sobre Isaías, que Jerônimo traduziu para o latim. Também comentou sobre os livros de Lucas, Provérbios, Cantares, Daniel e outros. Objetava ao método alegórico de interpretação, muito usado em seus dias, o qual, para ele, permitia liberdade demais, obscurecendo o sentido das Escrituras. Escreveu em grego.

7. *Atanásio*, bispo de Alexandria. Suas datas foram 296-374 D.C. Escreveu um comentário sobre os Salmos, que sobrevive até nós sob a forma de fragmentos. Escreveu em grego.

8. *Dídimo, o Cego*. Suas datas foram 313-398 D.C. Escreveu comentários sobre Mateus, João, Jó, Provérbios, algumas epístolas paulinas, sobre as epístolas católicas e sobre Isaías. Foi intitulado de

o último grande mestre da Escola Catequética de Alexandria. Escreveu em grego.

9. *Hilário de Poitiers*. Viveu em torno de 350 D.C. Foi o autor do primeiro comentário produzido na Igreja Ocidental. Preparou um comentário sobre os Salmos que sofreu influências da parte de Orígenes. Jerônimo e Agostinho citaram suas obras. Escreveu em latim.

10. *Basílio, o Grande*. Suas datas foram 330-379 D.C. Escreveu comentários acerca de quase a Bíblia inteira, muito usados por intérpretes posteriores, como Ambrósio e Agostinho. Escreveu em grego.

11. *Deodoro*, bispo de Tarso. Viveu em torno de 390 D.C. Foi líder da escola teológica de Antioquia. Preparou comentários sobre Hebreus, as epístolas católicas e o Apocalipse. Escreveu em grego.

12. *Crisóstomo*. Suas datas foram 347-407 D.C. Um dos mais eloqüentes pregadores de todos os tempos. Ver o artigo separado sobre ele. Também foi autor de comentários. Escreveu a mais antiga exposição de que dispomos do evangelho de Mateus. Também contamos com cinqüenta e oito de suas homilias sobre os Salmos, e com cinqüenta e cinco homilias sobre o livro de Atos. Seu comentário sobre o livro de Atos é o único comentário completo que temos sobre esse livro, proveniente dos primeiros cinco séculos da era cristã. Não conhecia o hebraico, pelo que seus escritos refletem certas inexatidões quanto ao Antigo Testamento. Mas, ele compensava isso por ser grande conhecedor do coração humano. Seu nome significa «boca de ouro», um apodo que lhe foi dado devido à sua eloqüência. Seu verdadeiro nome era João de Antioquia. Escreveu em grego.

13. *Jerônimo*. Suas datas foram 347-420 D.C. Foi o supremo comentador da Igreja latina, e um dos maiores da Igreja universal. Comentou primeiramente sobre o livro de Obadias, e então sobre o de Daniel. Finalmente, comentou sobre Mateus, sobre as epístolas paulinas (Gálatas, Efésios, Tito e Filemom), e então sobre Ezequiel. Também escreveu um livro sobre os comentadores da Bíblia, referindo-se a cento e trinta e quatro autores diferentes. Escreveu em latim.

14. *Teodoro de Mopsuéstia*. Suas datas foram 350-428 D.C. Comentou sobre os Salmos, sobre as epístolas paulinas, sobre os profetas menores e sobre o evangelho de João. Rejeitava a interpretação alegórica e dava muita atenção à gramática e ao propósito dos autores sagrados envolvidos. Escreveu em grego.

15. *Agostinho*. Suas datas foram 354-430 D.C. Talvez foi o maior e mais influente de todos os pais da Igreja. Escreveu obras de cunho filosófico e político, confissões e comentários bíblicos. Comentou sobre alguns capítulos do livro de Gênesis, sobre os Salmos, sobre o evangelho de João e sobre a epístola aos Romanos. Descreveu os tesouros das Escrituras,—os quais considerava tão vastos e profundos que ninguém, no decurso de uma vida inteira, poderia descobri-los todos. Parte dessa sua apreciação derivou-se dos seus trabalhos de pesquisa, ao escrever os seus comentários. Suas obras foram escritas em latim.

16. *Gregório Nazianzeno*. Suas datas foram 328-389 D.C. Mas há algumas dúvidas a respeito. Foi bispo de Sásima e Constantinopla. Escreveu sobre a narrativa da criação, no livro de Gênesis, sobre os subtítulos dos Salmos, além de homilias sobre os livros de Eclesiastes e Cantares, além de outras obras de menor envergadura.

17. *Policrênio*. Faleceu em 430 D.C. Foi bispo de Apamea. Escreveu comentários sobre Jó e Ezequiel, que chegaram até nós. Mas seus comentários sobre Daniel e sobre os livros do Novo Testamento pereceram. Escreveu em grego.

18. *Cirilo de Alexandria*. Faleceu em 444 D.C. Escreveu comentários sobre Isaías, sobre os profetas menores e sobre o evangelho de João, que sobreviveram, além dos fragmentos de suas exposições sobre os Salmos e as epístolas de Paulo. Escreveu em grego.

19. *Teodoreto*. Suas datas foram 393-458 D.C. Comentou sobre Cantares, Isaías, Jeremias, os profetas menores, as epístolas de Paulo, e sobre alguns detalhes dos livros de Reis e de Crônicas. Lightfoot pensava que seus comentários a respeito dos livros de Paulo eram os melhores dentre as obras dos expositores patrísticos. Escreveu em grego.

20. *Ecumênico*, que viveu no século VI D.C. Escreveu um comentário em grego sobre o Apocalipse.

21. *Ambrosiaster*. Viveu no século IV D.C. Também é conhecido como Pseudo-Ambrósio. Escreveu comentários sobre as epístolas paulinas, de considerável valor. Não se consegue identificar a sua pessoa. Seus comentários eram incorretamente atribuídos a Ambrósio, durante a Idade Média. Escreveu em latim.

22. *Gregório, o Grande*. Suas datas foram 540-604 D.C. Foi papa. Foi o último dos doutores tradicionais da Igreja. Seu comentário sobre Jó exerceu notável influência sobre o pensamento de sua época e posteriormente. Também escreveu homilias sobre os evangelhos, além de outros comentários, que não sobreviveram até nós. Escreveu em latim.

Os escritos dos chamados pais da Igreja eram cristocêntricos, guiados pela crença na inspiração divina das Escrituras. O método alegórico era comum a muitos dentre eles, embora fosse rejeitado por outros. A escatologia foi um de seus temas preferidos. A totalidade dessas obras ilustra o profundo interesse que a Igreja antiga tinha pelo estudo das Sagradas Escrituras.

**II. A Idade Média**

1. *Venerável Bede*. Suas datas foram 673-735 D.C. Esse homem dedicou a sua vida inteira ao estudo das Escrituras. Preparou comentários sobre os livros de Gênesis, Samuel, Esdras, Neemias, Provérbios, Cantares, Habacuque, Marcos, Lucas, as epístolas católicas e o Apocalipse. Era autor de nota, mas dependia muito de Basílio, Ambrósio e Agostinho. Escreveu em latim.

2. *Bernardo de Clairvaux*. Suas datas foram 1090-1153 D.C. Publicou oitenta e seis sermões sobre o livro de Cantares, empregando as interpretações histórica, moral e mística. Tornou-se conhecido por seu extraordinário conhecimento sobre as Escrituras. Escreveu em latim.

3. *Hugo de São Vítor*. Suas datas foram 1097-1141 D.C. Escreveu interpretações místicas sobre alguns dos livros da Bíblia. Escreveu em latim.

4. *André de São Vítor*. Faleceu em 1175 D.C. Escreveu extensos comentários sobre os primeiros oito livros da Bíblia, e também alguns sobre Cantares e Eclesiastes. Fez muitas citações das obras de Orígenes, Agostinho e Jerônimo. Escreveu em latim.

5. *Stephen Langton*. Viveu no século XII D.C. Foi arcebispo de Canterbury. Comentou sobre os primeiros oito livros da Bíblia, sobre a maioria dos profetas e sobre Cantares. Escreveu em latim.

6. *Tomás de Aquino*. Suas datas foram 1225-1274 D.C. Escreveu extensas obras teológicas e filosóficas, através das quais o seu nome foi imortalizado. Mas também escreveu sobre os evangelhos, em cujas obras

citou vinte e dois escritores gregos — e vinte escritores latinos. Comentou sobre Isaías, Jeremias, Salmos, Jó e as epístolas paulinas. Era homem dotado de vasta erudição, de inquestionável devoção, de piedade pessoal e de poderoso intelecto. Um dos fatos mais significativos que se sabe a respeito dele é que, já perto do fim dos seus dias (faleceu com 49 anos), ele passou por uma experiência mística, quando, certo dia, caminhava pelo interior da capela. A revelação foi tão grande que ele deixou de escrever. Quando seus alunos indagaram por que ele deixara de produzir literatura, Aquino respondeu: «O que me foi revelado é tão grande que os meus escritos me parecem como palha». Talvez seja significativo que ele tenha recebido essa iluminação apenas três meses antes de sua morte. Porventura, não teria ele recebido essa revelação tão tarde, a fim de que sua missão de comentador pudesse continuar? Embora suas obras lhe parecessem como palha, quando confrontadas com a forte luz da iluminação recebida naquela experiência mística, têm resplandecido como ouro entre as composições literárias dos doutores da Igreja, a despeito de algumas coisas às quais podemos objetar. Escreveu em latim.

7. *Nicolau de Lira*. Farrar chamou-o de Jerônimo do século XIV. Lutero afirmava que preferia Nicolau de Lira a qualquer outro intérprete das Escrituras. Sua famosa obra, *Postillae Perpetuae in Universam S. Scripturam*, foi o primeiro comentário bíblico a ser impresso, o qual exerceu vasta influência. Entre ele e a Reforma Protestante não houve qualquer adição significativa à exposição da Bíblia.

### III. A Reforma Protestante

1. *Martinho Lutero*. Nasceu em 1483 e faleceu em 1546. Segundo ele mesmo afirmava, sua mente estava cativa à Palavra de Deus. Ele lia a Bíblia inteira duas vezes por ano. Escreveu pouco sobre o Novo Testamento, excetuando seu famoso comentário sobre a epístola aos Gálatas, o qual tem sido traduzido para muitos idiomas, com base no seu original em alemão. Não aceitava todo o Novo Testamento sobre bases iguais, tendo chamado a epístola de Tiago de «epístola de palha», e tendo rejeitado a posição canônica do Apocalipse. Parte de suas preleções sobre Romanos e Hebreus sobrevive até hoje. Escreveu mais sobre o Antigo Testamento, tendo comentado, principalmente, sobre os livros de Gênesis e de Salmos. Rejeitava a autoridade da versão latina, e comentava com base no hebraico e no grego, em latim. Uma tradução alemã de seus escritos, apareceu em 1539.

2. *João Calvino*. Suas datas foram 1509-1564. Comentou sobre o Novo Testamento inteiro, excetuando apenas o Apocalipse. Escreveu muitas outras obras, além do comentário. Também comentou sobre o Antigo Testamento, embora não sobre os livros de II Samuel, Reis, Crônicas, Rute, Ester e Cantares. Escreveu originalmente em latim, mas suas obras têm sido traduzidas para outros idiomas; muitas delas têm aparecido em inglês desde 1578. Seus comentários demonstram sólido conhecimento sobre os escritos de Orígenes, Crisóstomo e vários outros pais da Igreja. Ele também citou escritores clássicos do grego e do latim. Seus comentários eram mais habilidosos que os de Lutero, bastante informativos, embora freqüentemente cáusticos.

### IV. O Século XVII

1. *Joseph Hall*. Suas datas foram 1574-1656. Escreveu comentários sobre o Antigo e o Novo Testamentos. Escrevia em latim.

2. *Patrick Lowth*. Em parceria com Thitby e Lowman, produziu muitos volumes comentando sobre o Antigo e o Novo Testamentos. Originalmente escreveu em latim, mas depois esses escritos foram traduzidos para o inglês.

3. *Matthew Poole*. Suas datas foram 1624-1679. Escreveu comentários sobre o Antigo e o Novo Testamentos, em latim, embora o próprio Poole só tenha preparado comentários até o capítulo cinqüenta e oito de Isaías. Suas obras foram traduzidas para o inglês, sendo muito usadas por muitos. Eram altamente recomendadas por John Wesley, Cotton Mather, Doddridge, bispo Tomline, e outros.

4. *Hugo Grotius*. Suas datas foram 1583-1645. Foi um teólogo holandês que escreveu valiosos comentários sobre a Bíblia, usando o latim.

### V. O Século XVIII

1. *Matthew Henry*. Seu comentário sobre o Novo Testamento foi publicado entre 1708 e 1710. Esse comentário estava dividido em parágrafos, não acompanhando versículo após versículo. Ele escreveu até o livro de Atos, antes de falecer. Outros autores, de idênticas convicções, terminaram o comentário do Novo Testamento. Esse é o mais difundido de todos os comentários bíblicos em língua inglesa. A obra continua sendo publicada, embora existam várias obras similares, em inglês, que lhe são vastamente superiores. A obra de Matthew Henry é essencialmente devocional, faltando-lhe erudição quanto a vastas áreas do estudo bíblico, incluindo o conhecimento do hebraico e do grego, das descobertas arqueológicas e dos manuscritos, tudo o que se desenvolveu muito depois de sua época. Mas Matthew Henry tem assegurado o seu lugar como pioneiro entre os comentadores da Bíblia na língua inglesa. Ele estabeleceu uma trilha que outros escritores têm alargado em auto-estrada. Se já há valor no conhecimento da trilha, muito maior é o proveito de quem pode valer-se da auto-estrada.

2. *Philip Doddridge*. Suas datas foram 1702-1751. Publicou cinco volumes de comentários sobre a Bíblia inglesa, os quais têm sido reeditados por muitas vezes.

3. *Thomas Scott*. Suas datas foram 1747-1821. Escreveu um comentário sobre a Bíblia inteira, o primeiro comentário volumoso dessa natureza a ser publicado nos Estados Unidos da América. Sua obra não é muito original ou imaginativa, pelo que pouco a tenho usado.

4. *John Gill*. Suas datas foram 1697-1771. Foi um pregador e erudito batista calvinista. Escreveu o primeiro comentário versículo por versículo da inteira Bíblia inglesa, publicado em Londres, em 1763, e reimpresso em nossos próprios dias pela Baker Book House. Essa obra é muito superior às congêneres de sua época, incluindo o trabalho de Matthew Henry. Ele era um dos grandes eruditos de sua época sobre as questões judaicas, e sua obra continua sendo de imenso valor. Geralmente comentava extensamente, e isso não agrada ao leitor moderno, que vive pressionado pela exigüidade do tempo.

5. *A.A. Calmet*. Publicou vinte e três volumes de comentários sobre as Escrituras, em francês.

6. *J.A. Bengel*. Publicou um comentário do Novo Testamento em 1742, bastante útil do ponto de vista do grego e do latim. Foi feita uma tradução do mesmo, para o inglês, em 1857.

### VI. O Século XIX

Os comentários bíblicos preparados no século XIX foram tão numerosos que, abaixo, incluímos somente aqueles de importância primária.

1. *Adam Clarke*. Suas datas foram 1760-1832. Foi contemporâneo e amigo de João Wesley. Publicou seis

volumes sobre a Bíblia inglesa, de grande valor, que continuam sendo publicados. Foi o principal comentador bíblico metodista de seus dias. Sua obra se assemelha a uma loja de antiguidades, cheia de curiosidades, mas também há excelentes comentários. Escreveu em inglês.

2. *Edward Greswell.* Em 1834-1835, publicou seis volumes de comentários sobre as parábolas do décimo terceiro capítulo de Mateus. Longos, mas profundos comentários. Escreveu em inglês.

3. *Henry Alford.* Suas datas foram 1810-1871. Seu *Greek Testament and Exegetical Commentary*, em cinco volumes, com toda a justiça tem passado por muitas edições, sendo reimpresso atualmente pela Moody Press. É obra de grande importância, muito útil e informativa. Ele escreveu em inglês, comentando quase versículo por versículo o Novo Testamento grego.

4. *Bispo Lightfoot.* Suas datas foram 1828-1889. Escreveu maciços comentários sobre os livros de Gálatas, Filipenses, Colossenses e Filemom. Escreveu em inglês.

5. *C.J. Ellicott.* Suas datas foram 1819-1905. Foi editor e contribuidor de um comentário sobre a Bíblia inteira, que leva o seu nome, publicado em oito volumes. Está repleto de boas informações e é extremamente útil, sendo reimpresso até hoje. Escreveu em inglês.

6. *Albert Barnes.* Publicou doze volumes sobre as Escrituras, intitulados *Notes*. Têm sido reeditados por muitas vezes, vendendo muitíssimas cópias. Escreveu em inglês.

7. *A.R. Fausset, Robert Jamieson* e *David Brown.* Publicaram conjuntamente o seu *Commentary Critical, Experimental and Practical on the Old and New Testaments*, entre 1864 e 1870, em seis volumes. A obra tem passado por muitas edições, tendo sido reimpressa pela última vez em 1945. É obra que contém muita informação e reveste-se de grande valor. Escreveram em inglês.

8. *F.C. Cook.* Editor do *Speaker's Commentary* publicado entre 1871 e 1881, em dez volumes. Contou com notáveis contribuidores. Seu grande propósito era de defender a Bíblia de uma onda crescente de ceticismo. A obra foi escrita em inglês.

9. *Bispo Perowne* e *A.F. Kirkpatrick.* Publicaram a *Cambridge Bible for Schools and Colleges*, com dignos contribuidores. Perdurou até o nosso próprio século XX. Foi publicada em inglês.

10. *Dods, Chadwick, Kellogg, Maclaren*, etc., foram os contribuidores da obra editada por W. Robertson Nicoll, intitulada *The Expositor's Bible*, em 48 volumes. Obra muito usada, embora de difícil leitura, devido ao tipo de impressão em que foi lançada.

11. *The International Critical Commentary.* Os editores e contribuidores foram Alfred Plummer, Samuel Rolles Driver, Charles Augustus Briggs, que também se valeram da obra de muitos outros contribuidores. A obra foi iniciada em 1895, mas nunca foi terminada completamente. Os volumes são de variegada qualidade. Alguns deles são por demais gramaticais e técnicos para o leitor comum. Esses volumes com freqüência sacrificam um sólido comentário bíblico em favor de tecnicalidades. No entanto, diversos dos seus volumes sobre o Antigo e o Novo Testamentos têm servido de marcos na interpretação da Bíblia. Foram escritos em inglês.

12. *H.D.M. Spence* e *J.S. Exell*, editores dos quarenta e nove volumes do *Pulpit Commentary*, publicado entre 1880 e 1896. De natureza principalmente homilética, com grande riqueza de material.

13. *W. Robertson Nicoll*, editor, conjuntamente com vários contribuidores, produziu o *Expositor's Greek Testament*, entre 1897 e 1907. Obra não muito volumosa, mas de elevado valor. Foi escrito em inglês, comentando o Novo Testamento grego quase versículo por versículo.

Além dessas séries, temos inúmeras obras individuais sobre um ou mais dos livros da Bíblia, lançados em língua inglesa. Vários comentários em alemão foram publicados no século XIX, os quais têm sido traduzidos para o inglês, tendo exercido considerável influência, conforme alistamos abaixo:

14. *John Peter Lange.* Suas datas foram 1802-1884. Foi editor e contribuidor do *Lange's Commentary*, cuja publicação teve início em 1864. Vinte e dois volumes foram impressos sob o título *Theologische-homiletisches Biblewerk*. Philip Schaff, famoso historiador e erudito, fez anotações, juntamente com outros, para a edição inglesa. Algumas dessas notas são melhores que os comentários originais. Para mim, esse comentário tem sido um dos mais úteis, pelo qual tenho um profundo respeito. *O Novo Testamento Interpretado*, de minha autoria, tem muitas citações do mesmo (original em alemão, com tradução inglesa).

15. *J.K.F. Keil* e *Franz Delitzsch*, dois dos maiores eruditos dos costumes e das línguas semitas de sua época, produziram o *Commentary on the Old Testament*, uma obra que nunca foi ultrapassada em sua linha de ataque, que continua sendo publicada em inglês. (Alemão, com tradução para o inglês).

16. *H.W. Meyer.* Deu início, em 1828, à publicação de seu célebre *Kritischexegetischer Commentar uber das Neue Testament*, em dezesseis volumes. A obra foi terminada em 1852, tendo sido publicada uma tradução inglesa da mesma nesse mesmo ano. Contém um exaustivo tratamento do texto, mas tenho visto que é menos útil que o comentário de Lange.

**VII. O Século XX**

Nosso século XX tem produzido um número quase inacreditável de comentários, formando coleções ou volumes isolados, principalmente na língua inglesa.

1. *Charles R. Eerdman*, editor. Uma série de manuais sobre a Bíblia, essencialmente de caráter devocional, no começo do século XX. Escritos em inglês.

2. *R.C.H. Lenski.* Lançou um comentário sobre a Bíblia em onze volumes, no começo do século XX. Escreveu em inglês.

3. *Moffat New Testament Commentary* (1926-1950). Obra lançada em dezessete volumes. Editor e contribuidor, James Moffat. Obra escrita em inglês.

4. *The Westminster Commentary Series.* Vários contribuidores notáveis. A série teve início no começo do século XX. Ainda não foi completado o comentário sobre a Bíblia inteira. Essa obra varia em valor de autor para autor, quanto ao grau de conservatismo ou de liberalismo. Está sendo escrita em inglês.

5. *The Interpreter's Bible.* Comentário publicado em 1951, em doze volumes. Editor e contribuidor, G.A. Buttrick. Comenta a Bíblia inteira. Trinta e seis eruditos contribuíram para a obra, alguns conservadores, e outros liberais. Li pessoalmente treze comentários inteiros sobre o Novo Testamento, de Mateus ao Apocalipse, quando da produção de *O Novo Testamento Interpretado*. Posso afirmar que o mais eloqüente desses comentários é o *Interpreter's Bible*, embora eu não concorde com muitos pontos de vista expostos por alguns dos contribuidores. No entanto, há muito material de excelente qualidade

nessa obra. Uma das lições que aprendemos na mesma é que, na inquirição pelo conhecimento, muito temos a aprender até mesmo da parte daqueles com quem não concordamos completamente quanto à posição teológica, sobre vários assuntos. Uma outra coisa que ali podemos aprender é que podemos dizer coisas sem ódio e sem contenção, e, mesmo assim, asseverar o que queremos. Os autores dessa obra tentaram temperar sua linguagem, não entrando em choque desnecessário com aqueles que não pertenciam à sua linha de pensamento teológico. No mundo inteiro não há coisa alguma tão importante quanto a lei do amor. Isso deveria levar-nos a aprender a usar de moderação e gentileza naquilo que dizemos, mesmo quando sentimos que é necessário protestar contra algum parecer. Essa atitude não é tão visível em nenhuma outra série como no *Interpreter's Bible*. Tenho procurado emular esse bom exemplo, depois que li essa obra do começo ao fim. A obra foi escrita em inglês.

6. *W.F. Albright* e *David N. Freedman*, autores da *Anchor Bible*, que contém muito material valioso. Escrita em inglês.

7. *Bible Guides*, publicado em 1862. Escrito em inglês. Editores, Wm. Barclay e F.F. Bruce.

8. *Black's New Testament Commentary*, publicado em 1957. Escrito em inglês.

9. *The Clarendon Bible*. Comentário iniciado em 1929. Escrito em inglês.

10. *Everyman's Bible Commentary*. Publicado em inglês.

11. *Layman's Bible Commentary*. Publicado em inglês.

12. *The Old Testament Library*. Esse é o comentário bíblico dos Adventistas do Sétimo Dia, que inclui os comentários de Ellen G. White no final de cada capítulo.

13. *Torch Commentary*. Publicado em 1960. Editores: J. Marsh e A. Richardson. Escrito em inglês.

14. *Shield Bible Study*. Publicado em inglês.

15. *Tyndale Bible Commentaries*. Editados por R.V.G. Tasker e D.J. Wiseman, em dezenove volumes, em inglês.

Numerosos comentários em um único volume, tratando da Bíblia inteira, têm sido dados a público, conforme se vê abaixo:

16. *Commentary on the Holy Bible*, por J.R. Dummelow, 1909. Escrito em inglês.

17. *Commentary on the Bible*, por A.S. Peake. Escrito em inglês.

18. *A New Commentary on Holy Scripture*, editado pelo bispo Gore.

19. *Abingdon Century Bible Commentary*, 1929.

20. *Twentieth Century Bible Commentary*, 1955.

21. *A Concise Bible Commentary*, por W.K.L. Clarke.

22. *The New Bible Commentary*, com 140 contribuidores. Editado por J.D. Douglas, em 1962. Esse comentário editado em inglês em um só volume, foi traduzido em português e publicado em três volumes. É um excelente trabalho para as suas dimensões, mas não se pode pôr um oceano em uma taça de chá. É lamentável que melhores obras não tenham sido escolhidas para serem traduzidas em português. As razões podem ser econômicas. Porém, há coisas mais importantes do que o dinheiro. Também há coisas mais importantes do que poupar tempo. Também há coisas mais importantes do que realizar apressadamente certos projetos literários.

23. *A Catholic Commentary on the Holy Scriptures*, 1969.

24. *Wycliffe Bible Commentary*, editado por C.F. Pfeiffer e Everett H. Harrison, 1962.

25. *Interpreter's One-Volume Commentary on the Bible*, 1971. Naturalmente, é uma boa obra para um volume só, considerando os eruditos que contribuíram para a mesma. Útil para quem quer um comentário aligeirado; mas, na verdade, os comentários de um volume só geralmente dizem pouco demais.

Os livros individuais da Bíblia também têm sido comentados mediante comentários de um volume só. Em inglês há uma vasta biblioteca, que não especificamos aqui por não se revestir de interesse primário para os leitores de língua portuguesa.

**VIII. Comentários na Língua Portuguesa**

1. *Série Cultura Bíblica*
Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão

*Gênesis*, Derek Kidner; Tr. Odayr Olivette, 1979.
*Êxodo*, Alan Cole; Tr. Carlos Oswaldo Pinto, 1979.
*Levítico*, K. Harrison; Tr. Gordon Chown, 1983.
*Números*, Gordon J. Wenhan; Tr. Adiel Almeida de Oliveira, 1985.
*Deuteronômio*, J.A. Thompson; Tr. Carlos Oswaldo Pinto, 1982.
*Juízes e Rute*, J.A. Thompson; Tr. Carlos Oswaldo Pinto, 1982.
*Esdras e Neemias*, Derek Kidner; Tr. Gordon Chown, 1985.
*Jó*, Francis Anderson; Tr. Gordon Chown, 1984.
*Salmos* (1-72), Derek Kidner; Tr. Gordon Chown, 1980-1981.
*Salmos* (73-150), Derek Kidner; Tr. Gordon Chown, 1981.
*Provérbios*, Derek Kidner; Tr. Gordon Chown, 1980.
*Eclesiastes*, Michael A. Eaton; Tr. Gordon Chown, 1980.
*Jeremias*, R.K. Harrison; Tr. Hans Udo Fuchs, 1980.
*Ezequiel*, John R. Taylor; Tr. Gordon Chown, 1984.
*Daniel*, Joyce G. Baldwin; Tr. Ênio R. Mueller, 1983.
*Ageu, Zacar. e Malaq.*, Joyce G. Baldwin; Tr. Hans Udo Fuchs, 1983.
*Mateus*, R.V.G. Tasker; Tr. Odayr Olivette, 1980.
*Marcos*, R.V.G. Tasker; Tr. Odayr Olivette, 1980.
*Lucas*, Leon Morris; Tr. Gordon Chown, 1983.
*Atos*, Howard Marshall; Tr. Gordon Chown, 1982.
*Romanos*, F.F. Bruce; Tr. Odayr Olivette, 1979.
*I Coríntios*, Leon Morris; Tr. Odayr Olivette, 1981.
*Gálatas*, Donald Buthrie; Tr. Gordon Chown, 1984.
*Efésios*, Francis Foulkes; Tr. Márcio Loureiro, 1984.
*Filipen.* Ralph P. Martin; Tr. Oswaldo Ramos, 1985.
*Colos. e Filemom*, Ralph P. Martin; Tr. Gordon Chown, 1984.
*I e II Tessalon.*, Howard Marshall; Tr. Gordon Ghown, 1984.
*I e II Tim. e Tito*, J.N.D. Kelly; Tr. Gordon Chown, 1983.
*Hebreus*, Donald Guthrie; Tr. Gordon Chown, 1984.
*Epístolas de João*, John R. Stott; Tr. Odayr Olivette, 1983.
*I Pedro*, Ênio Mueller, 1983.
*II Pedro e Judas*, Michael Green; Tr. Gordon Chown; 1983.
*Apocalipse*, George Ladd; Tr. Hans Udo Fuchs, 1980.

2. *Comentário Bíblico Moody*
Vol. I: *Gênesis-Deuteronômio*, 1984.
Vol. II: *Josué-Cantares*, 1985.
Vol. IV: *Os Evangelhos e Atos*, 1980.
Vol. V: *Romanos à Apocalipse*, 1983.

*Tradução* de Yolanda M. Krievin
Imprensa Batista Regular

3. *O Novo Comentário da Bíblia*: três volumes, A.T. e N.T. Original em inglês, redator, F. Davidson; versão em português, redator, Russell P. Shedd, Edições Vida Nova, SP, 1963.

4. *Comentários Individuais*

*Panorama do Novo Testamento*, Roberto H. Gundry, Soc. Rel. Edições Vida Nova, 1972, 490 p.
*Como Estudar os Quatro Evangelhos*, W.H. Griffith Thomas, Casa Editora Presbiteriana, 1953, 61 p.
*Harmonia dos Evangelhos*, S.L. Watson e W.E. Allen, 4ª edição, Casa Publicadora Batista, 1964, 267 p.
*Comentário do Evangelho de Mateus*, John A. Broadus, 3ª edição, Casa Publicadora Batista, 1966-67, 2 vols., 368, 363 p.
*Comentário do Evangelho segundo São Mateus*, J.C. Ryle, Imprensa Metodista, 1959, 150 p.
*Comentário...São Marcos*, J.C. Ryle, Imprensa Metodista, 1958, 176 p.
*Comentário...São Lucas*, J.C. Ryle, Imprensa Metodista, 1955, 342 p.
*O Evangelho de João*, C.R. Eerdman, Casa Editora Presbiteriana, 1965, 158 p.
*Evangelho segundo João*, W.C. Taylor, 2ª edição, Casa Publicadora Batista, 1957, 487 p.
*Atos dos Apóstolos*, C.R. Eerdman, Casa Editora Presbiteriana, 1960, 180 p.
*Atos dos Apóstolos*, Mário Neves, Casa Editora Presbiteriana, sem data (s.d.), 384 p.
*O Livro dos Atos dos Apóstolos*, Frank Stagg, Casa Publicadora Batista, 1958, 397 p.
*O Evangelho Segundo Paulo: um estudo da Carta aos Romanos*, Clifton J. Allen, 1961, 199 p.
*Estudos sobre o Livro aos Romanos*, C.N. Beggs, Espada do Senhor, Portugal, s.d., 111 p.
*Romanos*, G.B. Wilson, Publicações Evangélicas Selecionadas, 1981, 227 p.
*Comentário à Epístola de São Paulo aos Gálatas*, C.R. Eerdman, Casa Editora Presbiteriana, s.d., 133 p.
*A Epístola aos Gálatas*, tradução e comentário, W.C. Taylor, 2ª edição, Casa Publicadora Batista, 1954, 360 p.
*Epístola aos Efésios*, H.E. Alexander, Ação Bíblica s.d., 159 p.
*Efésios: o Evangelho das Regiões Celestiais*, N.B. Harrison, 2ª edição, Emprevan Editora, 1967, 180 p.
*Alegrai-vos no Senhor* (*Filipenses*), Russell P. Shedd, Vida Nova, 1984, 128 p.
*Andai nEle*, (*Colossenses*), Russell P. Shedd, ABU Editora, 1979, 92 p.
*Colossenses: Tradução e Comentário*, R. Sturz, Livraria Editora Evangélica, 1956, 128 p.
*As Cartas aos Tessalonicenses*, C.M. Keen, Imprensa Batista Regular, 1959, 88 p.
*Exposição das Epístolas Pastorais: I e II Timóteo, Tito*, B.H. Carol, Casa Publicadora Batista, 1961, 178 p.

*Estudos na Segunda Carta a Timóteo*, L. Soares, Associação para Orientação Bíblica, 1969, 78 p.
*Tu Porém, a Mensagem de II Timóteo*, J.R.W. Stott, ABU Editora, 1982, 123 p.
*A Carta aos Hebreus*, H.H. Hobbs, Casa Publicadora Batista, 1958, 169 p.
*A Epístola de Tiago: Tradução e Comentário*, W.C. Taylor, Casa Publicadora Batista, s.d., 154 p.
*I Epístola de Pedro*, P.S. Rees, Junta Bautista de Publicaceónes, 1963, 166 p.
*Estudos nas Epístolas de Pedro*, R.D. Jones, Edições Cristãs, 1984, 62 p.
*Epístolas de João: comunhão na família de Deus* William MacDonald; Escola Bíblica Emaus, s.d., 100 p.
*Apocalipse de João*, C.R. Eerdman; Casa Editora Presbiteriana, 1960, 142 p.
*Apocalipse Ontem e Hoje*, J.A. Ferreira; Luz Para o Caminho, 1983, 184 p.
*Apocalipse: O Drama dos Séculos*, H. Lockyer, Editora Vida, 1982, 248 p.
*A Mensagem do Apocalipse: Digno é o Cordeiro*, R. Summers; Casa Publicadora Batista, 1972, 203 p.

**5. O Novo Testamento Interpretado**, seis volumes, interpretação versículo por versículo, com o texto grego do Novo Testamento e um comentário sobre as variantes principais dos manuscritos antigos; Russell N. Champlin, Tr. João Marques Bentes; 1ª edição (1979), A Soc. Relig. A Voz Bíblica Brasileria; outras edições, Milenium.

O autor deste comentário também foi o autor desta presente Enciclopédia. As duas obras tinham o mesmo tradutor.

O original em inglês consistiu em vinte mil páginas datilografadas. Foram necessários oito anos de trabalho árduo para ser produzido. Foi lançado em seis volumes, nas dimensões dos volumes da Encyclopaedia Britannica, com pouco mais de mil páginas cada volume. Foram lidos treze comentários bíblicos diversos, versículo por versículo, dos quais foram extraídos os melhores elementos. Muitas outras obras em inglês foram consultadas. Foi feita uma seleção de poemas brasileiros e portugueses pela professora Áurea Lúcia de Araújo, a qual foi incorporada nesse comentário. A revisão foi realizada, com grande dedicação, por Neusa Maria da Silva e Vera Lúcia de Oliveira. O propósito foi o de produzir um comentário do Novo Testamento grego, versículo por versículo. Recebi permissão para usar a terceira edição do texto grego do Novo Testamento editado pela United Bible Societies, como também para traduzir e incorporar no comentário o seu *Comentário Textual*. Esse comentário explica as razões para a seleção de duas mil variantes do texto do Novo Testamento. Isso significa que as duas mil mais importantes variantes textuais dos manuscritos gregos foram discutidas no meu comentário. Minha equipe e eu preparamos as páginas para impressão, mediante trabalho de fotocomposição. — Esse aspecto do trabalho requereu quatro anos de trabalho ininterruptos. Minha principal auxiliar foi minha esposa, Irene Champlin, que compôs a maior parte do texto. Ela recebeu a ajuda da irmã Zélia de Araújo. O tradutor incansável da obra e também desta Enciclopédia foi João Marques Bentes (que vide). Muitos contribuíram para as necessidades financeiras, possibilitando o lançamento do comentário. Dentre as igrejas, desejo destacar a Ajax Baptist Church of Ajax, Ontario, Canadá, que se encarregou da porção financeira mais pesada. Dentre as pessoas que contribuíram financeiramente, de seu próprio bolso, quero salientar a Sra. Margaret Hutzel, de Ann Arbor, Michigan, dos Estados Unidos da América. Na qualidade de professor do Departamento de Humanidades da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá, no estado de São Paulo, Brasil, fui capaz de fazer poupanças que também foram lançadas no custeio da obra. Meu distribuidor tem sido Gunther Neuwahl, da Milenium Distribuidora de São Paulo, São Paulo, que trabalhou sem reservas para finalizar esta obra. O



John Gill — 1697-1771

Pastor, escritor e doutor, batista por denominação; produziu o primeiro comentário, versículo por versículo sobre a Bíblia inteira — na língua inglesa.



Adam Clarke — nasceu em 1782
metodista por denominação, escreveu um comentário em inglês sobre a Bíblia inteira — de grande valor.

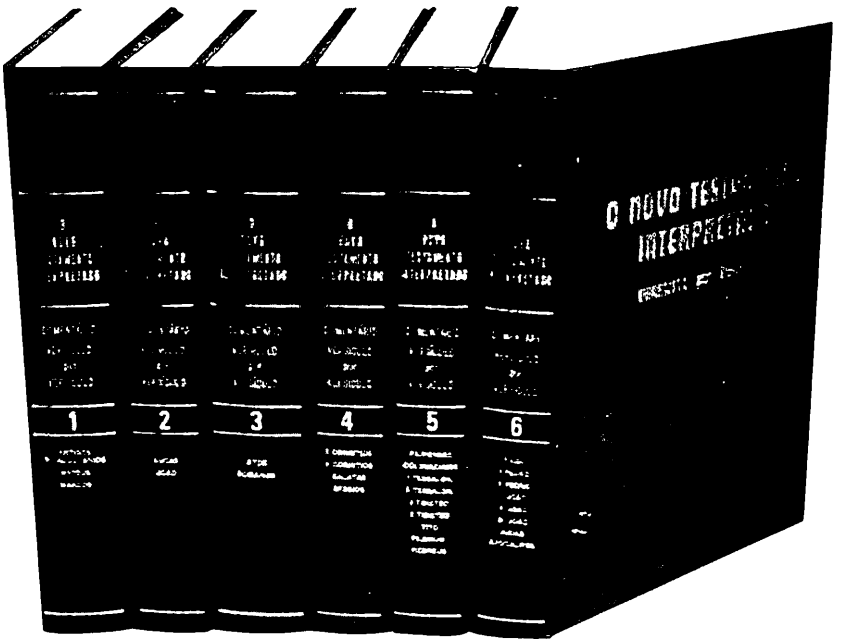
*AGORA EM PORTUGUÊS*

# UM COMENTÁRIO

# VERSÍCULO POR VERSÍCULO

## SOBRE O NOVO TESTAMENTO

*EM SEIS VOLUMES*




# *O NOVO TESTAMENTO INTERPRETADO*

(*por* Russell Norman Champlin, Ph. D.)

# HOMENAGEM

ao missionário Bill Barkley

••• ••• •••



Agradeço Bill Barkley pela composição dos artigos sobre *Dicionários* e *Comentários* bíblicos. Ele é o diretor da Biblioteca Evangélica do Brasil em São Paulo e é presidente da Editora, Publicações Evangélicas Selecionadas, através da qual tem publicado 44 livros. Ele sempre me tem encorajado no trabalho de literatura bíblica. É um homem de dedicação e convicção que ele combina com tolerância e generosidade.

••• ••• •••

•••

comentário já está na quarta edição, de 1979 a esta data (janeiro de 1986).

*N.B.* Agradeço a gentil cooperação de *William Barkley*, diretor da Biblioteca Evangélica de São Paulo, pela preparação das informações sobre comentários bíblicos *em português*.

*Bibliografia.* ABB AG BULL CAM DAR SPU Z

## COMER

Ver o artigo geral sobre os **Alimentos**. Quanto a aplicações espirituais dos atos de comer e beber, ver o artigo sobre *Comer a Carne e Beber o Sangue de Jesus*. Ver também sobre *Jesus como o Pão da Vida*.

## COMER A CARNE e Beber o Sangue de Jesus

João 6:53: *Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos.*

Grande volume de literatura tem sido escrito com referência ao sentido deste versículo, em torno do qual a passagem encontra o seu significado central. Abaixo, as notas oferecem, em forma de sumário, as diversas interpretações.

*Primeiramente* consideraremos os sentidos dos termos *carne* e *sangue*:

1. A interpretação *literal* dos judeus foi rejeitada por Jesus; mas, apesar disso, alguns estudiosos vêm nisso uma indicação da doutrina da transubstanciação, embora seja óbvio que se trata de uma interpretação literal. De acordo com essa doutrina, a *substância* ou *essência* do pão e do vinho, na eucaristia, é transformada na essência do corpo e do sangue de Jesus. Os meros *acidentes* físicos, como o peso, o sabor, o odor, a contextura (ou qualquer outra coisa sujeita à observação comum ou científica, o que, na linguagem filosófica se convencionou chamar de «acidentes», em contraste com a natureza real e essencial de qualquer coisa), não se alteram. (Quanto a uma completa discussão sobre o sentido da chamada *transubstanciação*, bem como sobre os problemas que envolvem a questão, ver as notas concernentes aos trechos João 6:48, Mat. 26:26 e I Cor. 11:24 no NTI. Essas notas também abordam e discutem a doutrina similar da *consubstanciação*, que é mera variação da teoria da transubstanciação).

2. Por si mesma, nas Escrituras, *a carne* pode denotar *a natureza humana*, em suas manifestações concretas mais plenas (ver João 3:6). Não precisamos supor, com o uso desse termo (e, naturalmente, não resta dúvida alguma sobre o assunto), que nenhuma idéia de natureza pecaminosa está aqui em vista, conforme Paulo emprega o vocábulo com freqüência. (Ver, por exemplo, Rom. 7:18). A expressão «carne e sangue» pode denotar a natureza humana herdada, conforme nos mostra a passagem de Mat. 16:17. (Ver também Gál. 1:16). Assim sendo, pode-se falar de uma herança cultural, como era o caso da cultura judaica e suas associações. Porém, esse termo pode significar, tal como o vocábulo «carne», considerado isoladamente, a natureza humana terrena, em contraste com a natureza espiritual. (Ver I Cor. 15:50).

3. Combinando essas idéias, chegamos à conclusão de que a carne e o sangue de Cristo, nesta passagem bíblica, em seu sentido primário, referem-se à sua *natureza humana verdadeira*, talvez subentendendo sua descendência particular por intermédio de Israel. Ou então, o que temos aqui é o «Cristo histórico». Nesse caso, ficaria subentendida a missão do Messias, que veio a fim de salvar a humanidade. Acreditamos em um Cristo histórico e não em meras invencionices teológicas. Mediante o Cristo histórico, real, homem que realmente viveu sobre a face desta terra, é que a humanidade recebeu o privilégio de participar da vida celestial, a «vida eterna»; e todos os benefícios atinentes ao N.T. são descritos como bênçãos conferidas àqueles que exercem fé em Cristo.

4. Não obstante, a morte de Cristo fica também aqui implicada, porquanto ele se deu a si mesmo, em favor dos homens, e isso completa a idéia de sua missão como o Messias prometido. Ninguém poderia extrair benefícios espirituais de uma missão parcial do Messias, e nem mesmo o Cristo histórico, que viveu entre os homens, não fora o fato de que ele morreu em expiação pelo pecado. A vida de Jesus foi mais importante, todavia, pois é através dela que ele participou plenamente da natureza humana, a fim de que possamos participar, —finalmente, na vida divina, tal como ele participou dessa vida. É justamente a isso que chamamos de *vida eterna*.

**Não é provável que Jesus** tivesse querido ensinar qualquer coisa semelhante ao que disse Aristóteles, quando falou de sua carne e de seu sangue como elementos que os homens podem comer e beber, como se, de alguma maneira, os homens pudessem compartilhar da *substância* desses elementos, mediante algum processo de transferência da essência mística para o pão e o vinho, quando da celebração da missa da Igreja Católica Romana ou quando da celebração da ceia, dentro da denominação luterana e outras. Pode haver aqui alguma alusão à eucaristia; mas não temos de compreender aqui que esses elementos do pão e do vinho são misticamente modificados ou transformados, de tal maneira que a substância do pão e do vinho venha a ser transformada na substância do corpo e do sangue de nosso Senhor. (Quanto a uma descrição dessa doutrina da «transubstanciação», ver I Cor. 11:24 no NTI. Essa nota esclarece como algumas facções da igreja têm tomado de empréstimo a idéia aristotélica, a fim de tentar explicar passagens difíceis como essa).

*No que diz respeito às interpretações gerais, vinculadas a esta passagem do evangelho de João, damos o seguinte sumário*:

1. Esta passagem visa ensinar a *morte expiatória* de Cristo. Assim opinaram muitos intérpretes, tanto antigos como modernos, a saber, Agostinho, Lutero, Melancton, Calvino, Beza, Grotius, Lucke, Meyer, Tholuck, Neander, Lange, Ebrar, Weiss e Ewald.

2. A passagem alude à *vida inteira* de Cristo, ao Cristo *histórico*, bem como aos benefícios que ele nos trouxe, por meio de seu ministério divinamente determinado. Naturalmente isso inclui a sua morte. (Assim pensavam Paulus, Frommann, De Wette, e muitos outros).

3. Alguns estudiosos, ao enfatizarem a *missão histórica* de Jesus, parecem forçar a exclusão de qualquer pensamento à transmissão de sua vida, por intermédio de sua morte. «Não à dádiva de sua carne, mas à sua própria carne, é que Jesus chamou de alimento». (Delitzsch).

4. Alguns encaram esta passagem, em sua inteireza, como um *discurso profético* que descreve a ceia do Senhor ou a eucaristia. (Assim pensavam Crisóstomo e a maioria dos pais da igreja). Muitos teólogos católicos romanos aferram-se a esse ponto de vista; mas nisso são seguidos por muitos outros, como Bengel, Olshausen, Wordsworth, etc. (todos eles intérpretes protestantes).

5. Alguns acreditam que temos aqui um discurso *mítico* ou fabricado, destituído de qualquer base nos acontecimentos históricos, antecipando o ensino sobre a ceia do Senhor ou sobre a eucaristia. (Assim têm imaginado os intérpretes mais críticos ou racionais, como Bretschneider, Strauss e Baur).

6. Outros, finalmente, dizem que a *própria ceia* do Senhor não é aqui focalizada, e, sim, a idéia ou *realidade espiritual* (isto é, participação na vida essencial do Cristo) sobre a qual se *fundamenta a ceia do Senhor*. (Esse parecer é de Meyer, Lange, Alford e Olshausen).

**Avaliação e Conclusão**

O sentido parece ser **geral**, e não restrito, conforme algumas dessas interpretações nos indicam. Assim sendo, poderíamos combinar a primeira e a segunda posições, com algumas modificações da quarta e da sexta posições. Certamente o autor deste evangelho estava fazendo *uma alusão* à eucaristia, quando registrou esta passagem. Os ouvintes de Jesus estavam a caminho da festa da páscoa, quando este discurso foi proferido; por conseguinte, é como se tivesse sido dito: a verdadeira páscoa é Jesus, em sua morte expiatória. E assim, dentro do contexto da polêmica cristã, isso significaria que a verdadeira páscoa é Jesus, o que é simbolizado, no seio da cristandade, pelos ritos eclesiásticos da ceia do Senhor ou da eucaristia.

Entretanto, deve-se acrescentar que o ensino *não é* sacramental, *nem* meramente simbólico. A doutrina da «transubstanciação» está alicerçada na noção aristotélica da «substância», o mais certo é que essa noção jamais fez parte dos ensinos cristãos primitivos, e nem está em vista neste evangelho. Jesus, em sua vida histórica, levou a vida necessária para conduzir os homens a Deus. Assumiu a natureza humana, foi aperfeiçoado como homem (segundo o dizer de Heb. 5:9), e, uma vez aperfeiçoado em sua missão, tornou-se o autor da eterna salvação de todos quantos nele confiam, conforme o versículo acima referido, na epístola aos Hebreus. Portanto, a realização bem-sucedida e a consumação de sua vida terrena eram elementos necessários para que ele pudesse verdadeiramente conferir vida eterna aos homens. Ele participou da nossa natureza, para que *pudéssemos participar da dele*. A *metáfora* da assimilação de elementos de comida implica a intimidade da comunhão com Cristo, através da qual, compartilhamos a própria natureza deles. Ver II Cor. 3:18.

Participando na «vida espiritual» dele, ganhamos sua *forma de vida*, i.e., participação na sua divindade (II Ped. 1:4). Ver o artigo sobre *Jesus como o pão da vida*.

Uma vez que foi assim completamente aperfeiçoado em sua missão (sendo ele o pão de Deus, enquanto esteve entre os homens, porquanto por meio dele é que foi transmitida a mensagem da vida eterna), em seguida *ofereceu a sua vida*, em sua morte expiatória. Essa morte completou a sua missão, e por meio dela a sua carne e o seu sangue *foram dados* aos homens, posto que levou nossos pecados sobre o madeiro, em seu próprio corpo. E assim a sua natureza humana verdadeira foi levada a experimentar a morte, a fim de que nossa *natureza humana pudesse ser conduzida à vida eterna*. Nisso é que consistiu a expiação pelo pecado, que remove a barreira do pecado entre Deus e os homens e os impede de se proverem da vida que lhes é oferecida por Deus.

**Como Cristo Trouxe a Vida Eterna aos Homens**

1. Ele se identificou completamente com os homens, participando da humanidade deles. Ver Fil. 2:7.

2. Nessa identificação, ele mostrou aos homens o caminho do desenvolvimento espiritual. Ver Heb. 2:10. Ele também se tornou o Pioneiro nesse caminho.

3. Por igual modo, ele é o próprio Caminho. Ver o artigo sobre *Caminho, Cristo como*.

4. Na qualidade de homem representativo, em sua ressurreição, ele recebeu uma nova forma de vida, a própria vida de Deus, a qual, agora, pode transmitir aos demais filhos de Deus. Ver João 5:16,27.

5. Dessa maneira, ele sustenta toda vida que participa da forma de vida divina, por ser ele o Pão da vida. Ver João 6:48.

6. A metáfora que ele usou, de comermos sua carne e bebermos seu sangue, sem dúvida chocou seus ouvintes. Mas isso alude a quão completamente o homem *depende dele* quanto à sua *sustentação espiritual*, ao crescimento espiritual e à continuação da vida espiritual. Por igual modo, assim aprendemos que ele é a única provisão posta à disposição dos homens, o que significa que a salvação vem pela graça (ver notas em Efé. 2:8 no NTI), e isso por meio da fé, ver Heb. 11:1.

7. Agora, o homem desfruta de união espiritual com Cristo (ver notas em I Cor. 1:4 no NTI), porquanto, está «em Cristo». Essa expressão é usada por 164 vezes nas epístolas de Paulo.

8. Agora os remidos podem compartilhar da plenitude de Cristo. Ver Efé. 1:23 e Col. 2:10.

A ceia do Senhor relembra-nos essa *união e participação* na vida de Cristo; mas não precisamos pensar em alguma participação literal dos elementos místicos de seu corpo e de seu sangue. «Quando Lutero rabiscou com um pedaço de giz sobre uma mesa (em sua disputa com outros, sobre o sentido da eucaristia), 'Este é o meu corpo', como se isso fosse final e conclusivo: 'Cristo disse assim e Cristo assim quis dizer, e assim tem de ser', alguém poderia ter escrito: 'Eu sou a porta', ajuntando' Cristo disse assim, e Cristo assim quis dizer, e assim devemos crer'. Não restam dúvidas! Mas nenhum ser humano, por causa dessa declaração, pensa em Cristo como uma porta literal, a abrir e fechar em suas dobradiças. Por que uma metáfora deve ser lida com uma atitude tão literal, enquanto todas as demais não o são?» (Arthur John Gossip, em João 6:53).

Finalmente, é instrutivo para nós notarmos que a vitalidade das relações entre Cristo e os homens é aqui enfatizada pelo fato de que essa comunhão, declaradamente, é a mesma que aquela existente entre o Pai e o Filho. (Ver o vs. 57 deste mesmo capítulo). O propósito dessa relação, da salvação que há na pessoa de Cristo, na realidade é a condução dos remidos à unidade com Deus, a fim de que venham a possuir a sua mesma natureza e santidade, a fim de que participem de sua vida divina, conforme ele se manifesta em Cristo, implicando em igualdade de natureza essencial no caso de Cristo e dos filhos adotivos que estão sendo levados à glória juntamente com ele.

## COMÉRCIO, NEGÓCIOS E INTERCÂMBIO

**Definição dos Termos.** O intercâmbio consiste no escambo ou troca de mercadorias. Na época anterior à invenção da moeda, assim eram feitas as negociações entre indivíduos e nações. A idéia sobrevive, por exemplo, em expressões como «intercâmbio de idéias» ou «intercâmbio de tecnologias». O comércio é o intercâmbio em larga escala, sobretudo em níveis internacionais, embora não exclusivamente. Os negócios, por sua vez, envolvem um comércio

altamente sofisticado, envolvendo questões como crédito, negociações futuras e múltiplas trocas de mercadorias, geralmente envolvendo tratados ou acordos. Passando dos conceitos mais simples para os mais complexos, estudaremos a questão na seguinte ordem de apresentação:

1. Intercâmbio Local
2. Intercâmbio nos Períodos Intertestamental e Neotestamentário
3. Comércio Internacional
4. Negócios

**1. Intercâmbio Local**

Os principais produtos locais, transportados pelas estradas da antiga Palestina, eram alimentos de todas as variedades. Esses produtos incluíam os cereais, mormente o trigo, a cevada e outras sementes, como as lentilhas, os feijões e o gergelim. Também devemos pensar nos frutos produzidos em diferentes estações do ano. Os habitantes das cidades consumiam tanto frutos verdes quanto frutos maduros. As uvas, a fruta mais apreciada em Israel, não somente nos tempos antigos, mas também na moderna Israel, onde é a cultura mais largamente difundida na vida agrícola do país, eram consumidas frescas, ressecadas na forma de uvas passas, fermentadas sob a forma de vinho ou vinagre, ou então cozidas até formarem uma espécie de xarope. À semelhança das uvas, os figos eram ressecados para serem usados durante os meses de inverno, e não apenas durante o verão. As tâmaras sempre foram consideradas um alimento ideal, por estarem sempre frescas e por conterem um alto teor de glicose.

No que concerne aos «adoçantes», havia o mel, tanto da variedade silvestre como da variedade cultivada em apiários cuidados pelo homem. O mel produzido na Palestina podia ser adquirido em diversos sabores, visto que as colméias eram transportadas ao redor, para as abelhas tirarem proveito das flores que apareciam em diferentes estações do ano. As azeitonas, um outro alimento que os israelitas empregavam durante o ano inteiro, eram preservadas em solução salina ou em azeite. O azeite de oliveira era utilizado de várias maneiras — na cosmetologia, na culinária ou como combustível de lâmpadas antigas, correspondendo às qualidades de primeira, segunda ou terceira categorias. Castanhas de todas as espécies—das quais a amêndoa e a castanha de pinheiro eram as mais vendidas—eram muito procuradas devido ao seu conteúdo oleoginosó, visto que a gordura animal era muito dispendiosa. Legumes de muitas variedades eram vendidas aos habitantes citadinos; em Jericó produziam-se legumes todos os meses do ano.

A maior parte das carnes, como de ovelhas e cabras, era transportada aos mercados como animais vivos. Os compradores ocupavam-se do abate dos animais. O gado vacum servia, primariamente, de animal de fazenda, ocupando o lugar que o cavalo, somente muito mais tarde, veio a ocupar nas fazendas. Somente quando um boi se tornava muito velho para trabalhar, ou quando emagrecia por causa de algum período de seca, era vendido para sua carne servir de alimento. Entretanto, os ricos sempre contavam com carne, no seu cardápio diário, para o que dispunham de gado alimentado em estábulos. Animais selvagens, como os pertencentes à família do gamo, além de grande variedade de aves, encontravam um mercado sempre ativo. Outro tanto se dava no caso dos peixes; mas, nesse caso, as distâncias percorridas pelos vendedores eram necessariamente mais curtas, pois o peixe, se não for congelado, é um alimento extremamente perecível. —E, nos dias da antiguidade, quando não havia ainda frigoríficos e congeladores, o congelamento dependia da neve e do gelo trazidos das montanhas mais altas da porção norte de Israel, pelo que a área que podia dispor dessa vantagem era bastante reduzida. O remédio era apelar para o peixe salgado, que então podia ser consumido em todas as estações do ano e em qualquer lugar. A própria cidade de Roma importava peixes apanhados no mar da Galiléia, onde a pesca tornou-se uma indústria rendosa, regularmente organizada. Os laticínios, como o leite, a coalhada e o queijo, faziam parte de um comércio rendoso.

**Alimentos não facilmente perecíveis**, como os cereais, o azeite e o vinho eram vendidos em pequenos armazéns, existentes nas cidades. Mas os alimentos perecíveis eram geralmente vendidos em mercados diários, semelhantes às modernas feiras, armados extramuros. Nas cidades maiores, animais de porte como ovelhas e cabras, eram talvez vendidos em alguma das portas da cidade, ao passo que legumes e frutas eram vendidos em outra das portas. Chegada a estação das frutas, os vendedores saíam a oferecer os seus produtos de rua em rua.

Tanto os ricos quanto os pobres apreciavam os condimentos e as especiarias. Naturalmente, o motivo disso era o problema da preservação dos alimentos, em uma época em que o congelamento era desconhecido, a não ser em escala muito reduzida, mediante o uso da neve e do gelo extraídos dos montes mais elevados. Entre os condimentos podemos incluir o anis, as folhas de louro, o coriandro, o cominho, a alcaparreira, várias espécies de mostarda, a hortelã, o açafrão e a arruda. Entre os artigos favoritos, dessa classe, estavam as cebolas, os alhos e os alhos porros, que os israelitas da época do êxodo tanto sentiram falta, enquanto vagueavam pelo deserto do Sinai. As especiarias empregadas pelo povo de Israel eram, usualmente, importadas do estrangeiro, principalmente da Arábia. As especiarias mais importantes eram a cássia, o cinamono e o cravo-da-índia.

**Os habitantes das cidades** iam buscar seu combustível, para ser usado na cozinha, ou no interior, ou nas portas da cidade, onde havia vendedores de lenha ou carvão, ou ainda algum outro material. O melhor combustível era o carvão vegetal; depois vinha a lenha; e, finalmente, os arbustos de espinheiro.

Alguns alimentos eram «mercadorias manufaturadas». Para exemplificar, uma pessoa podia ir a uma padaria comprar pães, bolos e massas, —em vez de preparar esses alimentos em casa. Também era possível comprar uma refeição em uma pequena venda, ou comprar uma bebida em uma adega. A maioria das pessoas, entretanto, pensava em mercadorias manufaturadas em outros termos. Um cozinheiro, por exemplo, precisava de jarras de barro para guardar farinha de trigo, azeite e vinho. Tal pessoa também precisava de jarras para guardar água extraída de cisternas ou poços, jarras para resfriar a água servida à mesa, e copos para servi-la às pessoas. Também eram necessários panelas e pratos, nos quais as refeições preparadas pudessem ser servidas. Objetos de cerâmica eram, quase sempre, uma manufatura local, embora a cerâmica importada atraísse os ricos, como ainda sucede em nossos dias.

Após a indústria da alimentação, a indústria do vestuário ocupava o segundo lugar na ordem de importância. Sempre houve um bom mercado, aberto para a indústria de tecidos e de roupas. As vestes mais caras sempre fizeram parte das listas dos despojos de guerra. O material mais comumente usado, na

indústria do vestuário, era a lã; mas o linho era mais caro que a lã. Nos tempos do Novo Testamento, a seda era disponível para os fabricantes, como também o algodão; mas faltava a este a popularidade que se dava à seda. No inverno, usavam-se sobretudos e calçados de lã. As fundas dos pastores eram feitas de lã tecida, embora também houvesse fundas de couro.

Em Israel conhecia-se a arte de trançar talas e ramos diversos. Cestos eram os principais tipos de receptáculos, para transporte de muitos tipos de material. Tapetes de palha trançada tornaram-se uma das coberturas preferidas de pisos. Também havia cabanas feitas com esse material, especialmente no caso daquelas existentes nas vinhas e pepinais, para servirem de postos de vigia. Quando havia necessidade de guardar água, sendo que a cerâmica não era apropriada para esse propósito, usava-se o couro. As sacolas nas quais os semeadores transportavam a semente a ser semeada, eram feitas de tecido ou de couro. Mas os surrões dos pastores mais provavelmente eram feitos de couro. Os odres para vinho e os receptáculos para água eram feitos de couro.

Quando alguém tinha meios suficientes para usar calçados, então havia sandálias, sapatos e botas, todos feitos de couro. Lemos que João Batista usava um cinto de couro. Os fabricantes de artigos de couro ocupavam-se também no fabrico de selas e arreios para os animais. E, nos dias do Novo Testamento, eles também fabricavam as chamadas filactérias. Couro fino também era usado para nele serem copiados exemplares do Antigo Testamento, dos livros do Novo Testamento, que estavam sendo recopiados, além de outros escritos valiosos.

Os que sabiam trabalhar com madeira tinham muito trabalho a fazer. Fabricavam os arados, os trilhos de trilhar o grão, os forcados e as cangas para os animais de carga. Eles também fabricavam as portas e os batentes das mesmas, as janelas e seus batentes, usados nas casas das cidades, sem falarmos em toda a mobília geralmente usada nas antigas residências.

Nas cidades maiores, era comum que todos aqueles que pertenciam a algum ofício vivessem em certa porção da cidade. Assim, havia o quarteirão dos oleiros, o quarteirão dos costureiros, a rua dos padeiros, o mercado de alimentos, etc.

**Diferentes seções da Palestina** faziam o escambo de seus produtos. Assim, por exemplo, os pastores e os agricultores trocavam suas ovelhas por cereal ou por legumes. Os carvoeiros encontravam um mercado nas áreas onde as florestas já haviam sido derrubadas, e onde, portanto, era muito difícil conseguir lenha. As cidades costeiras, e também Jericó, mandavam sal para as populações distantes da beira mar. Os carpinteiros, mui provavelmente, eram pagos não com dinheiro, mas com outras mercadorias, pelas pessoas para quem prestavam os mais diversos serviços.

**A Palestina contava com bem poucas mercadorias a serem exportadas para as nações circunvizinhas.** Na verdade, essa situação perdura até hoje, quando a moderna nação de Israel tanto depende das importações. Mas, visto que a Fenícia ressentia-se com a escassez de alimentos, os habitantes do centro e do norte da Palestina vendiam às cidades fenícias cereais, azeite de oliveira, vinho e outros alimentos animais. O Egito era rico em grãos e animais, mas faltavam-lhe o azeite de oliveira e o vinho. Na Síria e na Palestina cultivavam-se os mesmos produtos agrícolas, pelo que havia bem pouco comércio internacional, quanto a esses itens, naquela região em geral, excetuando nos períodos de seca ou de guerra. Quando o uso do camelo generalizou-se, o comércio com a Arábia se tornou comum, e as caravanas chegavam à Palestina, de onde levavam os mais variados alimentos. Uvas passas, figos secos e tâmaras, mui provavelmente, eram produtos desse comércio internacional, porquanto eram facilmente transportados. O linho era vendido para os habitantes da Palestina e para todas as nações circunvizinhas, excetuando o Egito, que era onde se fabricava o melhor linho do mundo, na época.

Os produtos naturais que ainda não foram incluídos na relação acima, eram, primariamente, o cobre, o betume e a lã em estado bruto. Os períodos de maior prosperidade do cobre ocorreram durante a época dos patriarcas, durante o reinado de Salomão e quando da divisão do império salomônico, em sua porção sul. Os períodos intermediários não deixaram indícios em favor da exploração ou não dos grandes depósitos de cobre, nas montanhas de ambos os lados da Arabá, ao sul do mar Morto.

A campanha militar, historiada no décimo quarto capítulo de Gênesis, foi ocasionada pelo desejo de controlar os valiosos depósitos de cobre em Edom e na península do Sinai. Visto que o ferro era o metal ideal, nos dias de Salomão, além de ser relativamente barato (embora outros estudos indiquem que era muito valioso), ele vendia o cobre extraído em seu reino para os povos subdesenvolvidos que viviam em torno do mar Vermelho. Em troca, Salomão recebia ouro, incenso e especiarias raras. O betume encontrava bons compradores no Egito e nas terras adjacentes à Palestina. O betume era extraído na área do mar Morto, que tinha o nome de mar de Asfalto, durante os dias intertestamentários. Todavia, o betume dali era de excelente qualidade, embora existisse em quantidade limitada, precisamente o contrário do que sucedia na Mesopotâmia. O enxofre também era um produto natural da área do mar Morto. A Palestina sempre produziu maior quantidade de lã do que era capaz de manufaturar, pelo que a lã em estado bruto sempre foi um produto constantemente exportado, especialmente para as áreas densamente povoadas. Moabe era o principal produtor de lã de toda aquela região. Não se sabe quando o ferro começou a ser produzido em massa na Palestina, embora saibamos que não foi antes da época de Davi. Gileade era o principal centro produtor de ferro. A Palestina também exportava resinas raras, e gomas, como a mirra e o bálsamo. O bálsamo era um produto caríssimo, tendo sido um dos principais produtos que produzia rendas a Herodes, o Grande, que possuía extensos bosques de bálsamo nas cercanias de Jericó.

**A era real das manufaturas, na Palestina,** começou mais ou menos na época do profeta Isaías. Devemos observar que o Pentateuco não inclui qualquer legislação referente às manufaturas. Isaías, pois, foi testemunha do começo da era manufatureira na Palestina, da mesma forma que Jeremias contemplou o ponto culminante, e então o final cataclísmico de toda a indústria manufatureira na região. Foi entre Isaías e Jeremias (792-586 A.C.) que tiveram começo as modernas técnicas de linha de montagem, quando então surgiram cidades que se especializavam na fabricação de um único produto. Os fazendeiros e agricultores passaram a migrar para as cidades industriais, onde eram absorvidos pelas diversas indústrias da época. Houve um excesso de suprimento de mão-de-obra, e os salários caíram a níveis ridículos, que praticamente nem eram suficientes para a mera sobrevivência.

Miquéias, fazendeiro contemporâneo de Isaías,

atacou as cortes reais do sul e do norte, Judá e Israel, por seu crime de conivência com os crimes econômicos da nação. Em Miq. 3:1-3, o autor sagrado, usando o pano de fundo da matança de ovelhas, chama os negociantes envolvidos de magnatas, enquanto seus defensores seriam os canibais que viviam da carne de seus indefesos empregados.

Os oleiros passaram a empregar técnicas de produção em massa, utilizando-se da idéia da linha de montagem, produzindo produtos de boa qualidade a preços módicos. Aqueles antigos oleiros eram conhecedores de todas as habilidades necessárias ao seu negócio, e um ceramista moderno não pode fazer mais do que admirar tais produtos.

Porém, a maior modificação ocorreu na indústria do vestuário. Quando foi escavada pelos arqueólogos, Quiriate-Sefer mostrou que fora cidade de uma única indústria. Estava localizada em uma excelente região produtora de lã, e todos os seus habitantes dedicavam-se ao trabalho de tecer a lã e de fabricar tecidos tingidos. Cada casa contava com grandes teares e com instalações para tingimento de tecidos, tudo padronizado. A matéria bruta, por assim dizer, encontrava-se na porta da «fábrica», e ambas essas indústrias contavam com um mercado consumidor constante e sempre pronto a absorver toda a produção. Todavia, quase toda a produção dos bens manufaturados na Palestina eram vendidos na própria região manufatureira, não chegando aos mercados internacionais, o que significa que não havia produção excelente.

As principais importações da Palestina parecem ter sido mercadorias de luxo. A natureza humana sempre gostou de encontrar, nos produtos comprados, a tarjeta que diz «feito em (algum país estrangeiro)». Quanto a uma descrição detalhada sobre as rotas comerciais na Palestina e no Oriente Próximo, ver o artigo sobre — *Viagens*. Tanto Abraão quanto Salomão eram negociantes em escala internacional. As atividades deste último, nesse campo, são bem conhecidas; mas os estudiosos somente agora começaram a apreciar o fato de que Abraão era um grande negociante, de acordo com a terminologia moderna.

**Abraão era um príncipe** entre os negociantes, cujo território de vendas ia desde Harã até o Egito, embora ele se concentrasse em torno, especialmente, de três áreas: a porção da Palestina ao sul de Siquém, o Egito e a Arábia. Não dispomos de menção específica sobre os itens vendidos por Abraão, mas, sem dúvida eram as usuais mercadorias de luxo que eram trocadas entre os ricos de todos os países da época...Esses itens seriam especialmente proveitosos para Abraão, o qual comprava o cobre bem barato, nas minas de Edom ou da península do Sinai, e então o transportava à Fenícia ou à Síria, que eram, então, os principais centros manufatureiros. Partindo destas últimas, ele podia vender esses produtos em qualquer lugar, desde a Anatólia até o Egito ou a Arábia.

Harã foi a capital original dos negócios realizados por Abraão. Ficava localizada a meio caminho entre a costa do Mediterrâneo e a grande cidade de Nínive. Harã seria uma São Paulo em miniatura, com rotas comerciais irradiando-se em quase todas as direções. Essa cidade era um misto de duas culturas distintas, a semítica e a hurriana, ambas as quais refletem-se na narrativa do livro de Gênesis. O pai de Abraão, Terá, sem dúvida operara na venda de territórios, em Ur-Harã, em um período histórico em que Ur era a cidade comercial mais influente do mundo. A família deve ter sido muito influente, porquanto pelo menos três cidades adotaram nomes de antepassados de Abraão, especificamente, Serugue, Naor e Terá. Sara também era mulher rica, por seus próprios direitos, porquanto ela é referida como «esposa-irmã», um termo legal, usado pelos hurrianos, em Harã. Esse título identificava Sara como membro da aristocracia de Harã.

Posteriormente, Abraão concentrou seus esforços no comércio entre a Palestina e o Egito. Gerar, o coração comercial da região palestina do Neguebe, tornou-se a cidade adotiva de Abraão. Tal ação foi necessária para conferir-lhe uma base legal de suprimentos de seu comércio com o Egito.

A primeira parada de Abraão na Palestina foi em Siquém, que era um centro comercial relacionado a Harã. Essa cidade ficava localizada na Palestina central, dispondo de boas rotas comerciais em todas as direções. Abraão adquiriu ali direitos territoriais, comprando terras de pastagens na região virgem da cadeia montanhosa entre Siquém e Hebrom. Mais tarde, Jacó estendeu esse território mais para o norte, até Dotã. Somente um homem muito rico poderia controlar tão extensas pastagens. O trecho de Gênesis 13:2 menciona o gado, juntamente com muito capital, consistente em ouro e prata. Por ser ótimo negociante, Abraão aplicava seu dinheiro em empreendimentos os mais diversos. Suas caravanas sempre precisavam de alimentos para os homens, e de forragem para os animais, e Abraão supria ambas essas necessidades, com base em seus próprios projetos agrícolas.

### 2. Intercâmbio nos Períodos Intertestamental e Neotestamentário

Alexandre, o Grande, e seus sucessores helênicos revolucionaram parte dos negócios realizados na região da Palestina. A cultura grega tornou-se a influência dominante. Pelo mundo inteiro, pessoas de muitas nacionalidades subitamente tornaram-se gregas, chegando a tomar para si mesmas novos nomes gregos. Em Marissa, na Palestina, os túmulos mostram que, no espaço de uma única geração, muitas famílias semitas mudaram os seus nomes, helenizando-se. Algumas das piores características da vida grega apareceram na Palestina, sob os governantes ptolomeus e selêucidas da região.

Grande parte da escravidão que havia entre os israelitas, nos dias do Antigo Testamento, devia-se ao fato de que era costume um homem saldar sua dívida, contraída diante de alguém, servindo a esse alguém por certo período de tempo. Entre os gregos, porém, a escravidão dependia de fatores inteiramente diferentes. Na verdade, a cultura grega girava, em grande parte, em torno da escravidão. Um escravo não era considerado uma pessoa, mas apenas uma mercadoria, como outra qualquer. E, visto que a Palestina era uma região disputada pelos monarcas ptolomeus e pelos monarcas selêucidas, com freqüência os judeus eram feitos cativos, como despojos de guerra. E os monarcas selêucidas, nesse comércio infame da escravatura, eram os piores ofensores, porquanto vendiam os seus prisioneiros de guerra, incluindo mulheres e crianças, a preços irrisórios. Antíoco IV Epifânio, que transformou Jerusalém em uma cidade grega e pagã, tornou-se o principal culpado desse crime. A Palestina, pois, tinha duas culturas; e a revolta dos Macabeus foi o desesperado mais bem sucedido retorno dos judeus ao judaísmo, embora este, mesmo após esse triunfo, continuasse maculado por algumas características próprias da cultura grega pagã. Os líderes judeus posteriores eram gregos virtuais, pelo menos no que dizia respeito às suas ações. Não obstante, desde a época da restauração da verdadeira adoração judaica em Jerusalém, sob os primeiros líderes Macabeus, a Palestina continuou

contando com duas culturas — uma delas judaica, e a outra judaico-grega, melhor representada pela cidade de Jerusalém, onde Herodes, o Grande, introduzira muitas características próprias da cultura helenista. A influência mais intensa dessa cultura grega evidenciava-se especialmente nas cidades da Decápolis, na Transjordânia. Samaria era um outro exemplo disso, na porção ocidental da Palestina, visto que a cidade contava com um templo dedicado ao imperador Augusto.

Não há muita informação referente ao período intertestamental, no tocante ao comércio e aos negócios na Palestina. Uma das grandes melhorias, contudo, dizia respeito à qualidade do linho, que passou então a ser confeccionado no melhor tecido, destinado ao mercado internacional. Herodes, o Grande, possuia grandes propriedades perto de Jericó, onde ele plantava o bálsamo, que era uma das gomas mais caras que havia. A indústria de pesca, ao redor do mar da Galiléia, prosperava. O peixe, ali pescado e salgado, era exportado até mesmo à capital do império, Roma.

Os negócios internacionais entre diferentes agrupamentos nacionais, era algo inevitável. Os sidônios negociavam com a cidade palestina de Marissa; e os egípcios negociavam com a cidade transjordaniana de Filadélfia, a qual não deve ser confundida com a Filadélfia da Ásia Menor, que figura no livro de Apocalipse. A influência grega podia ser percebida até mesmo no sistema de propriedades da Palestina. Marissa foi planejada como uma cidade grega, e a Samaria dos tempos neotestamentários foi arquitetada de acordo com os mesmos planos daquela. Os nabateus, com suas caravanas de camelos, efetuavam grande parte do tráfico que os egípcios transportavam, para o outro lado do mar Vermelho, com os seus navios.

Quando o mar Mediterrâneo tornou-se uma possessão romana, o comércio marítimo adquiriu um novo impulso. Os principais portos tiveram suas instalações expandidas, a fim de poderem manusear esse comércio intensificado. Os habitantes de Roma eram alimentados, em grande parte, pelo cereal plantado e colhido nos vales dos rios Orontes, Nilo (e outros rios do norte da África).

O livro de Atos faz seus leitores tomarem consciência do fato de que os judeus eram cidadãos do mundo. Por ocasião da festa de Pentecoste, ali relatada, havia judeus provenientes de dezesseis países diferentes:

> «...como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna, partos, medos e elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia; da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes; como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?»

**Viajando Paulo pelo mundo Mediterrâneo oriental, ele percorria um novo mundo comercial. Grande** parte desse mundo comercial era antigo, embora também houvesse novas atrações. Para exemplificar isso, Paulo tanto era homem que costumava viajar de *navio*, como costumava viajar pelas *estradas* romanas. Ver sobre *Viagens*.

Paulo fez de Antioquia sobre o Orontes o ponto central do evangelismo mundial da era apostólica. «Antioquia sobre o Orontes» era o nome completo dessa cidade, porquanto havia dezesseis cidades com esse nome, Antioquia. Nessa época, Antioquia sobre o Orontes era a mais influente cidade do mundo, embora Alexandria a ultrapassasse em número de habitantes. Antioquia era o fim da estrada de todo o comércio que se processava por terra, vindo desde a China, por meio da Pérsia, e daí até as margens do Mediterrâneo, o que significa que esse comércio atravessava todo o continente asiático. Alexandria, por sua vez, era o porto por onde escoava todo o comércio africano, sem importar se ali chegava através do rio Nilo ou do mar Vermelho. Não havia qualquer outro grande porto marítimo entre essas duas cidades, mas havia apenas um bom número de portos locais, alguns dos quais Paulo usou. Antioquia especializava-se, principalmente, no comércio de artigos de luxo, e o mundo mostrava-se tão ávido por esses artigos assim como se dá até os nossos próprios dias. Alexandria, por sua parte, concentrava-se tanto no comércio de artigos de luxo como no comércio comum, incluindo a exportação de cereais, que se destinavam à mesa dos romanos.

**Tarso era a cidade natal de Paulo. Ficava na extremidade sul do melhor passo entre o grande platô** da Anatólia, atravessando as agrestes montanhas do Tauro, na porção suleste da Ásia Menor, e o mar Mediterrâneo. Em nossos dias, a estrada de ferro Berlim-Bagdá usa o mesmo passo. Tarso era um grande centro comercial, porquanto também tinha acesso direto ao mar Mediterrâneo. Icônio era um dos centros chaves da vida comercial do grande platô de Anatólia. Com freqüência ela tem sido chamada pelos escritores de «a Damasco da Turquia», por causa de seu abundante suprimento de água. Quando os turcos tornaram-se os senhores do mundo oriental romano, fizeram de Icônio a sua capital. Foi dali que eles lançaram seu ataque contra Constantinopla, capital do império romano do oriente, e a capturaram. Os territórios em torno de Constantinopla são os únicos territórios europeus ainda sob o domínio dos turcos, pois a maior parte da moderna Turquia fica no lado asiático desse extenso país.

Quando Paulo quis chegar à Bitínia ele dirigiu-se na direção de Constantinopla, também chamada Bizâncio desde tempos antigos. Essa sempre foi uma grande cidade comercial, porquanto domina o comércio que se faz com o mar Negro. A moderna União Soviética chega até a margem norte do mar Negro. É possível alguém percorrer a cavalo toda a imensa planície russa, quase desde as margens do Atlântico até o Pacífico, e só ocasionalmente será interrompido por grandes massas montanhosas. Paulo, pois, deve ter compreendido que aquele centro comercial seria, no futuro, um centro evangelístico mundial. Ele sempre apreciou o arrojo dos negociantes, tendo estabelecido os principais centros da igreja cristã em importantes centros comerciais da época (ver sobre cidades como *Antioquia*, *Tessalônica*, Corinto e Éfeso).

Paulo desejava visitar a província romana da Ásia, mas o Senhor negou-lhe o privilégio de entrar ali, naquela ocasião, embora, posteriormente, ele tivesse efetuado um glorioso ministério em Éfeso, capital da província da Ásia. A Ásia era a mais populosa província do império romano. Até os nossos próprios dias, as ruínas de suas grandes cidades testificam sobre a anterior prosperidade daquela região do mundo. Essa província era a porção mais fértil da Anatólia, e, igualmente, a área mais fértil das proximidades do mar Egeu. Não é de se admirar que os gregos tanto admirassem aquela região, e a tivessem colonizado desde tempos bem remotos.

Tessalônica era a segunda maior cidade comercial a ser visitada por Paulo. Ela ficava situada na

extremidade sul do melhor desfiladeiro entre o vale do Danúbio e o mar Mediterrâneo. O comércio que passava por aquele desfiladeiro era muito intenso, visto que as civilizações, existentes nas duas extremidades daquela rota comercial, eram tão diferentes uma da outra. O vale do Danúbio era tão valioso, comercialmente falando, que o imperador Trajano o adicionou ao império romano no século II D.C. E ele também dominou os nabateus, conferindo a Roma um acesso direto ao comércio árabe.

**Nos dias de Paulo, Atenas, na Grécia, estava vivendo as glórias do seu passado. Corinto havia se** tornado «a cidade» da Grécia. Seu crescimento fora tão rápido e tão espetacular quanto a moderna São Paulo, no Brasil. Júlio César havia reconhecido que essa cidade, então quase em ruínas, poderia tornar-se um dos principais centros comerciais do império romano. Contudo, foi assassinado antes que pudesse recuperar a cidade; posteriormente, porém, seu desejo foi atendido, e a cidade recebeu um nome que honrava o imperador. Corinto era o maior centro de transbordo de mercadorias do Mediterrâneo (ver sobre *Viagens*). Corinto também desenvolveu-se rapidamente em uma grande cidade manufatureira, onde quase todo o labor era realizado por escravos. As epístolas de Paulo aos Coríntios oferecem-nos a melhor descrição sobre uma cidade comercial que há no Novo Testamento.

Em Corinto, Paulo era um dos trabalhadores «livres». Por ofício, ele era fabricante de tendas, usadas nos grandes mercados, e também de velas, empregadas pelos navios que aportavam nos dois portos de Corinto, um em cada lado do istmo onde estava a cidade. Foi ali que o cristianismo obteve o seu direito legal de ser uma «religião permitida» no império romano. No império romano, toda religião precisava de uma licença do governo para poder existir legalmente. Os judeus de Corinto tentaram persuadir Gálio, procônsul da Acaia, de que o cristianismo era uma religião ilegal, diferente, portanto, da religião judaica. Gálio, entretanto, rejeitou a acusação, e assim conferiu ao cristianismo a posição de *religio licita*. Nero perseguiu à igreja cristã em Roma, mas fê-lo a fim de preservar a sua influência e autoridade como imperador. No século que se seguiu ao dele, porém, houve muita perseguição contra o cristianismo, por parte das autoridades do império. E Corinto pôde demonstrar que, naquela época, como até hoje, os portos de mar **geralmente são lugares iníquos, e *Corinto* tornou-se um sinônimo de imoralidade da pior espécie.** Antioquia seguia bem de perto, nessa má fama, àquela cidade grega. Não obstante, ambas essas cidades tornaram-se grandes centros de evangelismo mundial.

Em Éfeso, Paulo esteve por alguns anos na cidade que, posteriormente, era reconhecida como a capital do império romano, quando o imperador encontrava-se na sua porção oriental. A prédica paulina desafiou severamente duas das maiores indústrias dessa cidade. Os publicadores de livros sobre mágicas viram suas publicações, avaliadas em cinqüenta mil peças de prata, serem queimadas (Atos 19:19). Essa soma equivalia ao salário de um dia de trabalho pago a cinqüenta mil homens. E os fabricantes de nichos de prata da deusa Diana sofreram prejuízos tão grandes que terminaram provocando um levante popular (Atos 19:23-41).

O livro de Apocalipse encerra as sete cartas às sete igrejas da província da Ásia. O evangelho fora anunciado, com base em Éfeso, com tal ímpeto, que fortes igrejas locais haviam sido estabelecidas nas cidades adjacentes, cada uma delas, por sua vez, um forte centro comercial. Laodicéia (ver Apo. 3:18) era um grande centro bancário, mas os membros daquela igreja foram admoestados como segue: «Aconselho-te que de mim (de Cristo) compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres...» (Apo. 3:18). Essa cidade também era famosa porque ali eram fabricadas as pesadas capas de feltro negro, de pêlos de cabra, para serem usadas durante o severo inverno do planalto da Anatólia, mas, aos membros daquela igreja foi recomendado: «Aconselho-te que de mim compres... vestiduras brancas para te vestires...» Dessa mesma cidade provinha um dos famosos «medicamentos» da antiguidade, o «colírio». Os crentes dali, pois, foram aconselhados a adquirir «colírio», a fim de que ungissem os seus olhos e pudessem ver as realidades espirituais.

**3. Comércio Internacional**

**O principal parceiro comercial** da Palestina, ao sul, era o Egito, berço de uma das grandes civilizações da antiguidade. Não é de surpreender, assim sendo, quando descobrimos a forte influência do comércio egípcio nos objetos encontrados nas escavações arqueológicas da Palestina. Da Etiópia vinha o ébano que chegava à Palestina, e, pelo menos parte do marfim chegava ali através do Sudão, embora houvesse elefantes na Síria, nos primeiros tempos patriarcais.

A principal rota comercial partia do Egito, mais ou menos onde fica localizado o moderno canal de Suez. Dali essa estrada seguia ao longo da costa marítima, passando por Rafia, e dali até Gaza. Essa cidade sempre foi a maior cabeça de ponte de toda a história do Egito, até tão tarde quanto a Primeira Guerra Mundial.

O outro parceiro comercial da Palestina, mais ao sul, era a Arábia. O comércio marítimo com a Arábia processava-se através de Eziom-Geber, no golfo de Áqaba. A partir dali, as mercadorias eram transportadas em lombo de camelo que seguiam para o norte, até Macã. Uma das rotas terrestres das caravanas, provenientes da Arábia, também terminava ali. O wadi Sirhan era uma outra longa rota de caravanas vindas da Arábia; mas essa ficava a leste da Palestina propriamente dita, e seu comércio chegava até a rota comercial norte-sul, em Rabate-Amom. O comércio árabe consistia inteiramente de itens de luxo, como ouro, incenso, mirra, corais, pérolas, esmeraldas, ágatas e outras pedras preciosas. Especiarias raras e madeiras odoríferas de várias espécies, trazidas desde a Índia, também chegavam à Palestina por meio da Arábia. Durante os períodos intertestamental e do Novo Testamento, os nabateus dominavam o comércio efetuado entre a Arábia e a Palestina. Quanto ao comércio internacional, podemos observar que uma capa babilônica foi alistada entre os despojos recolhidos em Jericó (Jos. 7:21), embora Jericó fosse apenas uma pequena fortaleza, no começo da história de Israel na Terra Prometida.

Ao norte da Palestina ficava a Síria, que não servia de bom mercado para as mercadorias produzidas na Palestina, pois ambos esses países produziam as mesmas mercadorias. A Síria e a Palestina, entretanto, efetuaram algumas negociações comerciais, pois as dinastias de Onri e de Ben-Hadade contavam com feiras na capital um do outro. Importa-nos observar que a rota através da qual tanto o comércio mesopotâmico quanto o comércio hitita (ou da Anatólia) se processava com o Egito, passava através da Síria e da Ásia Menor, sendo uma das principais fontes de metais da antiguidade. Os hititas

e seus sucessores foram os grandes mineiros, fundidores e refinadores de cobre, de prata e de ferro do mundo antigo. Eles também manufaturavam todos os tipos de objetos de metal. Antes da época de Davi, essa área detinha um dos grandes monopólios do fabrico do ferro. O cobre era tão importante para o progresso da ilha de Chipre, que o nome dessa ilha significa «ilha do cobre». Damasco, com toda a razão, era intitulada «porto de mar de todos os habitantes do deserto», embora ficasse localizada a mais de oitenta quilômetros de distância das costas do Mediterrâneo.

A Suméria e sua sucessora, a Babilônia, eram as únicas antigas primeiras civilizações manufatureiras a rivalizarem-se com o Egito. Abraão, de certo modo representava esses dois gigantes comerciais, pôrquanto seu pai, Terá, percorria as rotas comerciais de Ur a Harã, à sombra da Anatólia, onde Abraão negociou, antes de chegar ao Egito. Abraão tinha um grande escritório bancário em Damasco, sob a direção de Eliezer. A rota comercial da Babilônia tinha início no golfo Pérsico, acompanhando o rio Eufrates até os montes do Taurus, na Ásia Menor, em Harã e Carquêmis. A capital assíria, Nínive, igualmente era um grande centro comercial. Não era distrito manufatureiro tão grande e importante quanto a cidade da Babilônia, que ficava mais ao sul, mas servia de local para onde convergia o comércio que vinha desde a Pérsia e de outros locais do Oriente e também servia de ponto de junção de mercadorias vindas de Urartu e de outras localidades mais ao norte. Partindo de Nínive, a rota comercial acompanhava o sopé das montanhas a oeste de Harã e de Carquêmis.

**Imediatamente ao norte** da Palestina, e bordejando o mar Mediterrâneo, ficava a Fenícia, cuja fronteira oriental usualmente eram as montanhas do Líbano. Os vales do Litos e do Orontes normalmente pertenciam aos sírios. A Fenícia, tal como a Inglaterra durante os seus dias de auge econômico, era tanto uma nação de marinheiros como de manufaturadores. A Fenícia foi a nação que ensinou a Grécia a tornar-se uma nação manufaturadora. Os gregos também adaptaram o seu alfabeto, copiando o alfabeto fenício, tendo aprendido a escrever com seus mestres fenícios, que lhes ensinaram a comerciar. O principal recurso natural da Fenícia eram suas florestas de cedros, cuja madeira era apreciada pelo mundo inteiro da antiguidade. A Fenícia, tal como o Japão antes da Segunda Guerra Mundial, era uma boa imitadora e modificadora de outras culturas. Seus artigos variavam desde os mais excelentes até os mais medíocres. O mais importante produto internacional, manufaturado pelos fenícios eram os tecidos tingidos de púrpura. A lã era importada do estrangeiro, mas o tecido de lã e a tintura eram de origem fenícia. Parte do comércio que seguia para a Fenícia acompanhava um trajeto terrestre, acompanhando as fontes do rio Jordão, ao norte do lago Hulé, e então penetrando na Fenícia, na cabeceira do rio Litos. Alguns negociantes acompanhavam a estrada que marginava o mar Mediterrâneo, de Aco a Tiro. Mas a maior parte do comércio provavelmente se dava por via marítima, partindo de algum porto palestino até chegar a algum porto fenício, mais ao norte. Na verdade, quase todo o frete marítimo da Palestina se dava por meio de navios fenícios. No entanto, é provável que o Egito enviasse seus próprios navios até a Palestina. Quando a Pérsia chegou a uma posição de dominação mundial, os persas utilizavam-se dos fenícios como seus marinheiros e agentes marítimos. Os sucessores de Alexandre controlavam o comércio que se processava no Mediterrâneo, até que o império romano fez desse mar um lago romano.

Grande parte da indústria manufatureira do Egito era monopólio do governo, o qual também controlava, pelo menos em parte, a produção e o comércio de cereais. Salomão exercia um bem definido monopólio sobre o cobre. Salomão também foi o grande «negociante de cavalos» da nação de Israel, o que incluía o comércio de carros de combate (I Reis 10:28,29). Salomão e Hirão, de Tiro, lançaram-se a uma aventura comercial conjunta, no mar Vermelho (I Reis 9:26-28; 10:11,12,22). Gerações mais tarde, Josafá planejou uma aventura similar, mas os seus navios naufragaram em Eziom-Geber (II Crô. 20:36,37).

**4. Negócios**

Quando o dinheiro torna-se um dos fatores fundamentais no comércio e nas negociações, a ênfase recai sobre os negócios, pois o denominador comum de todos negócios é o dinheiro. No Antigo Testamento havia três métodos principais de vendas: a. permuta; b. peso em ouro ou prata; e c. moedas. A venda por permuta era o método mais comum entre os povos mais pobres, embora o rei Salomão e o rei Hirão, de Tiro, também tivessem usado esse método. Hirão fornecia madeira de cedro e de cipreste a Salomão, o qual, por sua vez, entregou-lhe trigo e azeite de oliveira (I Reis 5:10,11). Esses produtos agrícolas eram as taxas que Salomão havia recolhido, pois, na época, os impostos geralmente eram recolhidos em espécie. Assim, os agricultores pagavam seus impostos com trigo, azeite de oliveira e vinho; e os pastores os pagavam com ovelhas, cabras, etc. Cada indivíduo pagava seus impostos com aquilo que produzia. Quando o governo de Israel se dividiu, o reino do sul providenciou para ter jarras de tamanho padronizado, com o selo do governo na asa. Essas jarras eram usadas para recebimento de impostos, em espécie.

Para ser bem-sucedido, o comércio nos mercados internacionais precisa de um meio básico de trocas. Era o ouro e/ou a prata, — entre os povos antigos. A segunda era a mais valiosa, pois o ouro não foi extensamente usado, enquanto a metalurgia não conseguiu solucionar o problema da fundição e do refino do minério de ouro. Depois disso, o ouro tornou-se mais valioso, devido às propriedades superiores desse metal. Uma outra razão do encarecimento do ouro era que o ouro de aluvião estava se tornando raro, ao passo que o ouro extraído em minas era difícil de se conseguir. O ouro e a prata apareciam no mercado em várias dimensões, em forma de anéis, barras, etc. O fraseado de Deuteronômio 14:25 dá a entender que esse dinheiro tinha a forma de argolas, pois as argolas podiam ser atadas umas às outras. Devemo-nos lembrar da «língua» de ouro que Acã encontrou em Jericó. O termo hebraico para dinheiro era «prata». Se algum metal menos valioso porventura era usado para servir como dinheiro, esse metal era o cobre. Gemas raras e jóias de alta qualidade também serviam como dinheiro. Pedras preciosas e jóias proviam um meio através do qual grandes riquezas podiam ser transportadas fácil e secretamente.

Os metais preciosos eram pesados, em um ato que podia ser honesto ou desonesto. Os arqueólogos têm encontrado pesos com os quais eram comprados os itens desejados, e também pesos com os quais os mesmos itens eram vendidos. «Dois pesos e duas medidas». Essa desonestidade é referida em Deuteronômio 25:13: «Na tua bolsa não terás pesos diversos, um grande e um pequeno». No trecho de Amós 8:5, esse profeta reflete o mesmo tempo, e acrescenta que medidas para secos eram desonestamente empregadas

em seus dias (cf. Deu. 25:14).

O passo seguinte no desenvolvimento do dinheiro foi a criação da moeda. Não somente os homens mostravam-se desonestos quanto ao peso das argolas e barras de ouro, de prata, etc., mas também havia grande variedade quanto à pureza dos metais empregados, sobretudo no caso da prata. Esse problema foi resolvido quando os governos começaram a cunhar moedas, garantindo assim o peso e a pureza de cada moeda cunhada. Isso era feito apondo-se o símbolo do governo (estado ou cidade) sobre cada moeda. A primeira moeda desse tipo a ser mencionada na Bíblia é o dárico persa, de ouro (Esd. 2:69). Os persas permitiram que os judeus cunhassem suas próprias moedas de prata, ao voltarem eles à Judéia. Todavia, as moedas não se tornaram comuns na Palestina senão já na época dos monarcas Ptolomeus e Selêucidas. Quanto a detalhes sobre permutas, metais e moedas, ver o artigo sobre as *Moedas*.

Onde quer que o dinheiro seja usado — na forma de pesos de ouro ou de prata, ou na forma de moedas — os banqueiros fazem-se presentes, e o próprio dinheiro transforma-se em uma outra mercadoria. Nas páginas do Antigo Testamento não há qualquer vestígio sobre a existência de banqueiros, embora saibamos que, na Mesopotâmia, os métodos bancários já funcionavam de forma muito eficiente. Durante o exílio babilônico, os judeus aprenderam as técnicas bancárias babilônicas. Banqueiros judeus, vindos da Babilônia, foram largamente usados, posteriormente, pelos sucessores de Alexandre, o Grande. Alguns estudiosos acreditam que bons métodos bancários foram a razão mais provável pela qual os antepassados de Paulo obtiveram a cidadania romana em Tarso. O exílio assinalou o começo da ênfase tão decisiva dos judeus sobre as atividades bancárias e comerciais, em geral. Isso expandiu-se ainda mais devido às negociações feitas pelos exilados judeus durante o período intertestamental. Esses exilados haviam sido levados a Alexandria, onde chegaram a controlar grande parte das atividades comerciais na cidade. Isso significava que os judeus contavam com filiais, em todos os portos marítimos do império romano, para os seus empreendimentos.

**Na época do Novo Testamento,** o sistema bancário já envolvia o império romano inteiro; e os banqueiros recebiam licença para operar, a fim de que ficassem sob o controle do governo. Naquele tempo, como agora, os banqueiros recebiam depósitos em dinheiro, pagando juros pelo uso que faziam do mesmo. Jesus referiu-se a esse costume em sua parábola dos talentos (ver Mat. 25:27). Nos dias do Senhor Jesus e dos apóstolos, uma taxa comum de juros era de oito por cento. Também segundo acontece hoje em dia, os banqueiros emprestavam dinheiro com base em propriedades hipotecadas. A primeira referência bíblica ao método das hipotecas aparece em Neemias 5:3 *ss*. As pessoas tomavam dinheiro emprestado a fim de pagarem as suas dívidas e impostos, tal como as pessoas fazem na atualidade. Um dos elementos exponenciais da fraternidade dos banqueiros eram os cambistas; e Cristo tratou com eles (ver sobre os *Cambistas*). Já naquele tempo, tal como hoje, havia o uso de cheques; também era possível depositar dinheiro em uma cidade, e recebê-lo em outra, o que indica que havia uma verdadeira organização bancária. O sistema bancário moderno agilizou-se muito mais nesta nossa época da eletrônica e da informática, mas as bases do sistema bancário foram lançadas desde a antiguidade. Bancos relacionados entre si estavam dispersos por todo o império romano. Um bom sistema de contabilidade já havia antes mesmo do aparecimento do sistema bancário; pode-se perceber traços dessa técnica já no tempo dos primeiros sumérios, os quais também foram os inventores da escrita.

**COMIDA** — Ver **Alimentos.**

## COMIDA SABOROSA

Por seis vezes, no capítulo vinte e sete do livro de Gênesis, a palavra hebraica *matamot* refere-se a uma comida saborosa que Rebeca e Jacó usaram a fim de enganar Isaque. Rebeca preparou a comida com dois cabritos (vs. 9). Em Provérbios 23:3, os delicados manjares dos governantes são descritos como «enganadores». O sexto versículo desse mesmo capítulo adverte contra comer em companhia de um homem mau, cujos alimentos deliciosos servem de atração para que as pessoas lhe façam companhia. Salmos 141:4 apresenta também a comida como uma espécie de chamariz, que atrai os homens a companhias e atos maus. Gênesis 49:20, que prediz a condição futura da tribo de Aser, no contexto das bênçãos de Jacó, diz que Aser prosperaria, o que é simbolizado pelo pão e pelos acepipes. Além disso, a glutonaria resultado da ingestão abusiva de alimentos, sempre foi uma praga para os homens. Os ímpios são dados à glutonaria (Fil. 3:19; Jud. 12). Tal pecado é proibido no caso dos crentes sérios (I Ped. 4:3). Há algo de desagradável no pastor gordo demais de tanto comer e por fazer bem pouco trabalho físico. O perigo da glutonaria é ilustrado em Lucas 12:45,46. Os homens, por pensarem que a *parousia* (que vide) ainda está distante, afrouxam em seus costumes, deixando-se arrastar pelos excessos com comidas e bebidas. Um dos aspectos do fruto do Espírito, porém, é o autocontrole, e isso, sem dúvida, inclui a questão da alimentação. A glutonaria é um dos pecados capitais, juntamente com o alcoolismo. Ver o artigo separado sobre a *Glutonaria*. Ver também sobre os *Alimentos*.

## COMINHO

No hebraico **kammon;** no grego, **kyminon**. Essa planta é mencionada tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos. Juntamente com o coentro e o anis, continua sendo cultivado até os nossos próprios dias.

O cominho produz uma semente aromática, muito usada para dar maior sabor aos alimentos. É mencionado pela primeira vez em Isaías 28:25, que indica que a espécie era intensamente cultivada na época. A erva é o *Cuminum cyminum*, da família das *Umbelíferas*. Chega a sessenta centímetros de altura na Palestina, embora fique bem mais baixa nos climas mais amenos. As sementes dessa planta são preparadas de forma a tornarem-se uma especiaria para dar sabor a carnes e pães. É um estimulante do apetite. Tem sido usada com propósitos medicinais, especialmente para os olhos. Durante a Idade Média, era usada como um condimento barato. O trecho de Mateus 23:23 mostra-nos que, nos dias de Jesus, os escribas e os fariseus eram tão criteriosos em seus dízimos que chegavam a separar a décima parte dessa semente, juntamente com o endro e a hortelã. Porém, se eles mostravam-se tão cuidadosos quanto a essas coisas triviais, omitiam as questões realmente importantes da lei, como a justiça, a misericórdia e a fé. Todas as pessoas religiosas são culpadas desse pecado, até certo ponto, porque abominam certos erros, mas toleram outros nos quais estão envolvidos, em pensamento, ação ou omissão.

## COMISSÃO, A GRANDE

1. Ocasião Histórica
2. Versões Bíblicas
3. Observações sobre a Grande Comissão

### 1. Ocasião Histórica

O ministério de Jesus Cristo havia terminado. A ressurreição fora comprovada como uma realidade, pelos discípulos de Jesus, mediante Suas diversas aparições a eles, de tal modo que todas as possíveis dúvidas haviam sido dirimidas. Agora, a partida do Senhor para as dimensões celestes era iminente. Um novo movimento religioso havia sido inaugurado, que só esperava ser mundialmente propagado. Era preciso contar com a colaboração de obreiros para esse mister. Esses obreiros precisavam ser devidamente instruídos e comissionados. A obra missionária de Jesus precisava ter prosseguimento, pelo esforço dos apóstolos e de seus discípulos. A Grande Comissão, pois, foi a autoridade e a grande inspiração para esse imenso empreendimento.

### 2. Versões Bíblicas

O primeiro dos evangelhos, o de Marcos, conta com uma outra versão, segundo a qual o seu último capítulo conta com um término mais longo. O original grego de Marcos vai somente até 16:8. Mas, o término que finalmente foi consagrado pelo uso envolve até 16:20, o que significa um acréscimo de doze versículos, que procuram sumariar o que os outros evangelhos e o começo do livro de Atos historiam. Quanto a uma completa discussão sobre esse problema, ver as notas expositivas no NTI em Mar. 6:9. No evangelho de Marcos, essa comissão acha-se nos vs. 15 e 16, onde se lê: «E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer, será condenado». Além dessa comissão, temos uma adição concernente aos sinais que acompanhariam aos que crêem e pregam o evangelho. Eles expulsariam demônios, falariam novas línguas, não seriam prejudicados com picadas de serpentes ou com a ingestão de algum veneno, e curariam os enfermos. Tudo isso é material adicional àquilo que encontramos no relato sobre a Grande Comissão, nos outros evangelhos e em outras porções do Novo Testamento. Todo esse acréscimo foi provido por escribas posteriores, com base naquilo que estava ocorrendo na Igreja primitiva. O autor ou autores desse acréscimo injetou na Grande Comissão a idéia de regeneração batismal (ver também Atos 2:38), para consternação de muitos intérpretes de todos os séculos, que têm procurado extrair a idéia por meio de interpretações forçadas. O problema só é resolvido, de fato, quando se reconhece que esses doze versículos finais do evangelho de Marcos não fazem parte do original grego desse evangelho. A idéia das picadas de cobras provavelmente foi tomada por empréstimo de Salmos 91:13. Certas seitas modernas têm procurado demonstrar a sua espiritualidade manuseando serpentes venenosas durante as suas reuniões, somente para ficar provado freqüentemente que eles não são imunes ao veneno dos ofícios.

Quanto à Grande Comissão a *versão de Mateus* é a mais comumente citada. Ela reza como segue: «Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias, até à consumação do século» (Mat. 28:18-20). O que há de mais surpreendente no evangelho de Mateus é que ali não está registrado o relato da ascensão de Jesus. Podemos entender que a Grande Comissão é uma espécie de sumário das afirmações finais de Jesus, e não uma única declaração. Outras informações, que aparecem nos demais evangelhos e no livro de Atos, certamente confirmam essa opinião.

A versão lucana da Grande Comissão aparece em Luc. 24:46-49, vinculada à aparição de Jesus aos seus discípulos, imediatamente antes de sua ascensão. Esse evento é registrado como se tivesse ocorrido no mesmo dia da ressurreição, sem qualquer intervalo de tempo. O livro de Atos, entretanto, informa-nos que entre a ressurreição e a ascensão houve um período de quarenta dias, durante o qual Jesus apareceu por diversas vezes a seus discípulos, para instruí-los acerca do reino de Deus. Ver o artigo sobre a *Ascensão*, que discute sobre essa questão e sobre o problema de harmonia que isso envolve. No terceiro evangelho, a Grande Comissão diz como segue: «...e lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer, e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia, e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém. Vós sois testemunhas destas cousas. Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder». No evangelho de Mateus, pois, aprendemos que a *autoridade* divina foi investida nos apóstolos mediante o dom do Espírito. Em Marcos, essa autoridade é ilustrada mediante os feitos miraculosos que os discípulos seriam capazes de realizar. Novamente, devemos supor que todas as narrativas sumariam o conteúdo geral de diversas declarações de Jesus, provavelmente feitas em diversas ocasiões, e não em uma única oportunidade.

**No evangelho de João.** No quarto evangelho a Grande Comissão é bastante diferente, não se tendo apoiado sobre as mesmas fontes informativas que os evangelhos sinópticos. Ver João 20:21-23: «...Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio. E, havendo dito isto, soprou sobre eles, e disse: Recebei o Espírito Santo. Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhe perdoados; se lhos retiverdes, são retidos». Tal como no caso do evangelho de Lucas, encontramos menção ao Espírito, que dá poder e autoridade. Tal como no caso desse evangelho, temos também a questão do perdão dos pecados, com ênfase sobre o poder apostólico de perdoar ou de reter os pecados, mediante o ministério deles. Quanto aos problemas teológicos envolvidos na versão de João, ver no NTI, nessa referência joanina.

**No Livro de Atos.** Nesse livro há menção ao intervalo de quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão de Jesus (Atos 1:3). Ali a Grande Comissão é vinculada de perto com a promessa do Espírito (Atos 1:8), mas também é associada ao diálogo entre Jesus e seus discípulos sobre os *tempos dispensacionais*, em conexão com a restauração de Israel (Atos 1:6,7). Isso é completamente diferente do que se vê no contexto dos outros registros sobre a Grande Comissão. A própria Grande Comissão está contida nestas palavras: «...mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra» (Atos 1:8). A menção a Jerusalém, Judéia, Samaria, e, finalmente, os confins da terra, é peculiar ao livro de Atos. E a ascensão é registrada como se tivesse ocorrido imediatamente após Jesus haver dado instruções e anunciado a Grande Comissão.

a. Esse variegado testemunho acerca da Grande Comissão assegura-nos a sua autenticidade. b. Mas

essa mesma variedade também revela-nos que as várias formas em que aparece a Grande Comissão devem corresponder a porções ou sumários de uma série de ensinos de Jesus, após a sua ressurreição. c. A porção final de tais instruções aparentemente foi dada imediatamente antes da ascensão, e isso deve ter adicionado vigor ao que Jesus dizia, pois, afinal de contas, a Grande Comissão representa as palavras finais de Cristo, selando suas instruções. d. A Grande Comissão teve por propósito encorajar a continuação de sua missão, e também ampliá-la, até tornar-se absolutamente universal. O provincialismo relativo do judaísmo foi assim deixado para trás, e o cristianismo haveria de ser uma fé realmente universal, no sentido de estar dispersa pelo mundo inteiro. e. Não há como cumprir a Grande Comissão sem o concurso do poder, da autoridade e do batismo no Espírito Santo. f. A Grande Comissão convoca os homens de todos os lugares para arrependerem-se e confiarem no evangelho. Ela tem um intuito evangelizador, e a salvação das almas encontra-se no foco das atenções. g. Uma grande responsabilidade é posta sobre os homens, porquanto a eles cumpre executar a Grande Comissão. Entretanto, o trecho de I Pedro 3:18-4:6 mostra que o próprio Cristo mostrou-se e continua mostrando-se ativo na ampliação de sua missão salvatícia, até mesmo no hades. Destarte, o Senhor é sempre o Senhor, é sempre o poder principal no evangelismo. Ele compartilha dessa tarefa com os crentes, mas nunca se ausenta dessa atividade. Portanto, o resultado será absolutamente universal, conforme Efésios 1:10 nos assegura. Os homens, em sua falsa espiritualidade e em seu orgulho, pensam que a evangelização depende inteiramente deles. Mas o Salvador sempre, e em toda parte será o Salvador. Se isso não fosse verdade, então o propósito da Grande Comissão teria falhado desde há muitos séculos. (AND FRO GLO)

## COMISSÕES BÍBLICAS, AS

**A Commissio Pontificia de re biblica**, estabelecida a 30 de outubro de 1902, pelo papa Leão XIII (que vide), formada por certo número de cardeais e consultores, foi organizada com o propósito de garantir a devida interpretação e defesa das Sagradas Escrituras, do ponto de vista da Igreja Católica Romana. Essa comissão também promove pesquisas bíblicas, decide sobre controvérsias acerca de questões sérias que surgem entre os eruditos, mantém a biblioteca do Vaticano bem estocada e atualizada, publica obras sobre as Escrituras, e também tem a autoridade para conferir, àqueles que são aprovados nos exames necessários, o grau de Licenciatura ou de Doutor nas Sagradas Escrituras. (E)

## COMISSÕES ECLESIÁSTICAS

Na Igreja Católica Romana há corpos jurídicos aos quais competem certas funções e deveres, a saber:

1. *Comissões Pontificais*. Essas comissões compõem-se de cardeais nomeados pelo papa, a fim de realizarem tarefas específicas. Assim, a preparação da Vulgata Latina foi feita por uma comissão dessa natureza, bem como a reforma da lei canônica.

2. *Comissões Prelaciais*. Essas comissões compõem-se de prelados, secretários e consultores, talvez sob a presidência de um cardeal. Os membros dessas comissões envolvem-se em tarefas especiais, como aquela da arqueologia sagrada.

3. *Comissões Diocesanas*. Há quatro tipos de comissões diocesanas. Elas existem em cada diocese da Igreja Católica Romana. Assim, há comissões para: a. promoção de seminários; b. o exame do clero, para evitar competição quanto aos benefícios paroquiais vagos; c. música sacra; d. supressão do modernismo (que vide). O escopo e a autoridade dessas comissões estão limitados por documentos pontificais e pelas leis eclesiásticas.

## COMMUNICATIO ESSENTIAE

Essa expressão latina designa a doutrina de que o Filho recebe a sua essência da parte do Pai; e que o Espírito Santo recebe a sua essência da parte do Pai e do Filho. Mas essa comunicação teria lugar dentro do contexto da essência única da natureza de Deus. Essa doutrina reputa o Pai como a Fonte da Trindade inteira (que vide), bem como a origem das diversas relações. Calvino argumentou contra o conceito, insistindo que não há qualquer processo de derivação. Quando ele usou o termo *autotheos*, para referir-se ao Filho, foi acerbamente criticado pelos teólogos católicos romanos contemporâneos, porquanto parecia que, com isso, ele estava negando o Credo Niceno, quando o mesmo diz «Deus de Deus», ao aludir à eterna geração do Filho, por parte do Pai. Entretanto, Calvino não estava negando a doutrina da geração eterna, e nem defendia a idéia do autoteísmo, como se Cristo fosse Deus *a se ipse, non a Patre* (por si mesmo, independentemente do Pai). Os teólogos dividiram-se por causa de minúsculas tecnicalidades da questão, de tal modo que não se sabe o que, exatamente, Calvino e seus seguidores acreditavam sobre esse particular. Os defensores afirmam que Calvino errou quanto à escolha das palavras, mas não quanto à doutrina propriamente dita. Alguns afirmam que é uso empregar o termo *geração*, visto que uma essência nem gera e nem é gerada. Mas, se a palavra «geração» for usada como uma metáfora para indicar relacionamento, e não uma sucessão cronológica, então nada haverá de errado com esse uso. Quando usamos a palavra «eterno», já eliminamos qualquer idéia cronológica. Karl Barth frisou a natureza inefável da tentativa de exprimir origens, no tocante a qualquer discussão sobre a deidade. A idéia da *communicatio essentiae* salvaguarda a *monarquia* (ver sobre o monarquismo) do Pai como a origem da Trindade inteira. Porém, quando alguém pensa em termos de produção, em relação à comunicação de essência, termina com uma espécie de Filho criado ou produzido, subordinando-o desnecessariamente ao Pai. O protesto de Calvino teve o intuito de salvaguardar a divindade autêntica do Filho. Discussões teológicas como essas, apesar de serem interessantes e curiosas, presumem que sabemos mais do que realmente sabemos. Outrossim, não temos meios para descrever adequadamente a natureza de Deus, e nem a doutrina da Trindade. Obtemos mais sucesso quando procuramos falar sobre os atributos mais óbvios de Deus e sobre as suas obras. (C)

## COMMUNICATIO IDIOMATUM

Essa expressão latina alude à participação nos atributos ou propriedades de Jesus Cristo, por parte de suas duas naturezas, mutuamente. Cristo, em sua dupla natureza, tem atributos de ambas as naturezas, os quais se comunicam entre si. Mas, de alguma maneira, permanecem atributos de uma pessoa total, sem sinal algum de dupla personalidade. A questão inteira é um aspecto da *cristologia* (que vide), a qual foi debatida durante séculos, sem que se chegasse a uma opinião de consenso. O problema consiste no fato de que não podemos entender como uma pessoa

pode ser, ao mesmo tempo, divina e humana. E qualquer tentativa no sentido de descrever essa situação ímpar, só pode gerar controvérsia e incerteza.

A controvérsia acerca do título *theótokos* (mãe de Deus), entre Cirilo de Alexandria e Nestor, estava centralizada em torno da legitimidade do princípio do *communicatio idiomatum*. A doutrina de Lutero sobre a eucaristia exigia a transferência do atributo de onipresença da natureza divina de Cristo para a sua natureza humana, a fim de que a presença de Cristo pudesse estar sob as espécies do pão e do vinho; e o princípio do *communicatio idiomatum* foi considerado um princípio conveniente a ser aplicado ao caso. Porém, outros reformadores não podiam perceber qualquer sentido nessa idéia, e os próprios luteranos a abandonaram. Pois, como pode o finito conter o infinito? (C)

## COMMUNICATIO OPERATIONUM

Essa expressão indica a **participação nas operações.** Foi expressão empregada pela segunda geração de luteranos, especificamente por Cheminitz, a fim de dar a entender e delimitar a interpretação realista do *communicatio idiomatum* (que vide).

## COMPACTATAS

A palavra refere-se aos acordos firmados entre o concílio de Basiléia (que vide), principalmente através de seu representante, o legado Palomar, e os partidos hussitas (que vide), da Boêmia. As negociações prolongaram-se por quatro anos. A 5 de julho de 1436, em Jihlava, tais negociações foram concluídas. Os exércitos hussitas haviam sido fragorosamente derrotados em Lipany, em 1434, e o concílio foi capaz de ditar os seus próprios termos. Embora os hussitas checos tivessem recebido a permissão de administrar os elementos do pão e do vinho na Eucaristia, entretanto, não obtiveram qualquer outra concessão importante. Porém, esse concílio revogou as anteriores condenações decretadas contra os hussitas, as calistinas, conforme foram denominadas, passando a ser considerados filhos fiéis da Igreja Católica Romana. Isso pôs fim ao conflito hussita, dentro do romanismo. (E)

## COMPAIXÃO

A compaixão é o amor em ação. Forneci ao leitor desta enciclopédia um artigo suficientemente longo sobre o *Amor*, que deveria ser consultado. Para mim, o assunto é suficientemente importante para merecer este artigo mais breve sobre a *Compaixão*. Todos falamos em melhor tom do que realmente somos. Todas as religiões, e quase todas as filosofias, concordam que o amor é básico a toda a motivação e ação dos homens. No entanto, quase todos os homens estão envolvidos até o pescoço nos seus interesses egoístas.

*No que consiste a compaixão?* Consiste na cura dos males físicos e psicológicos. Consiste em ajudar àqueles que padecem carências, para que venham a possuir aquilo que necessitam, para que aprendam a produzir. Consiste em ajudar a carregar os fardos e em compartilhar dos mesmos. Consiste em cumprir o mandamento de Jesus, de que devemo-nos amar mutuamente (I João 3:11-18). Consiste em imitar a atitude de Jesus, da qual resultavam boas ações, como quando ele teve compaixão das multidões, pois eram como ovelhas sem pastor (Mat. 9:36). Consiste em nos envolvermos no evangelismo, cujo propósito é salvar as almas (Mat. 28:19,20). Consiste em nos interessarmos por ensinar as pessoas para que as ajudemos a crescer espiritualmente (Heb. 6:1 *ss*). Consiste em observarmos as cargas que outras pessoas têm de suportar, ajudando-as quanto a isso (Gál. 6:2; 5:14). Consiste em perdoar àqueles que nos têm prejudicado (Efé. 4:32; Col. 3:13). Consiste em participarmos das tristezas alheias (Luc. 7:13), o que, de alguma maneira, permite que as outras pessoas suportem melhor suas tristezas. Consiste em termos dó do próximo, a exemplo do que Deus faz (Sal. 103:13). Envolve o incentivo que o amor nos confere, com o correspondente olvido de nosso próprio egoísmo (Fil. 2:1,2). Quem se mostra compassivo, nada faz impelido pelo motivo do egoísmo, mas, em humildade, pensa sobre os outros em termos melhores do que pensa sobre si mesmo (Fil. 2:3). Quem se compadece sacrifica os seus próprios interesses, a fim de servir ao próximo (Fil. 2:5 *ss*), assim imitando a Cristo, em sua missão neste mundo. A pessoa compassiva mostra respeito até pelos animais, e não somente pelos seres humanos. A Bíblia mostra-nos que Deus se interessa até pela queda de um passarinho (Mat. 10:29). Até o boi mudo, que trilha o grão, tem o direito à provisão alimentar, de conformidade com a lei (Deu. 25:4). Isso envolve servirmos a outras pessoas, que talvez não sejam o nosso tipo favorito, por reconhecermos que qualquer ser humano é nosso próximo (Luc. 10:29-37), conforme se vê na história do bom samaritano.

A compaixão envolve mais do que as emoções de piedade ou de simpatia. A compaixão consiste em *um ato* que procura consolar ou melhorar a situação do nosso próximo, e não meramente porque nos sentimos mal diante dessa situação adversa. A piedade pode existir apenas nos sentimentos e na mente; mas a compaixão, por força de sua própria definição, só se manifesta por meio da ação apropriada. O trecho de I João 3:18 recomenda: «Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade». (B H)

## COMPANHEIRO

Há várias palavras hebraicas e gregas envolvidas, a saber:

1. *Chaber*, «companheiro». Palavra hebraica usada por doze vezes. Por exemplo, Sal. 119:63; Pro. 28:24; Can. 1:7; Isa. 1:23; Eze. 37:16.

2. *Chabbar*, «companheiro». Palavra hebraica usada por somente uma vez, isto é, Jó 41:6.

3. *Chabar*, «companheiro». Palavra hebraica que figura por três vezes: Dan. 2:17; 2:13,18.

4. *Chabereth*, «companheira». Palavra hebraica usada apenas por uma vez, em Mal. 2:14.

5. *Kenath*, «íntimo». Termo hebraico empregado por oito vezes, sempre no livro de Esdras (4:7,9,17,23; 5:3,6; 6:6,13).

6. *Merea*, «amigo». Palavra hebraica que ocorre por sete vezes. Por exemplo: Juí. 14:11,20; 15:2,6.

7. *Rea*, «amigo». Palavra hebraica usada por mais de cento e oitenta vezes. Por exemplo: Êxo. 32:27; I Crô. 27:33; Jó. 30:29; Sal. 122:8; Isa. 34:14; Jon. 1:7; Zac. 3:8.

8. *Raah*, «deleitar-se», «desfrutar». Verbo hebraico usado por cinco vezes, como em Pro. 13:20; 28:7; 22:24.

9. *Koinonós*, «quem tem algo em comum». Palavra grega usada por dez vezes: Mat. 23:30; Luc. 5:10; I Cor. 10:18,20; II Cor. 1:7; 8:23; File. 17; Heb. 10:33;

I Ped. 5:1; II Ped. 1:4.

10. *Sugkoinonós*, «companheiro». Palavra grega usada por quatro vezes: Rom. 11:17; I Cor. 9:23; Fil. 1:7; Apo. 1:9.

11. *Sunergós*, «companheiro de trabalho». Palavra grega que ocorre por treze vezes: Rom. 16:3,9,21; I Cor. 3:9; II Cor. 1:24; 8:23; Fil. 2:25; 4:3; Col. 4:11; I Tes. 3:2; File. 1,24; III João 8.

12. *Sunékdemos*, «companheiro de viagem». Palavra grega usada por duas vezes: Atos 19:29 e II Cor. 8:19.

Os sinônimos dessas palavras hebraicas e gregas são: «associado», «vizinho», «próximo», etc. O termo hebraico *rea* transmite a idéia de duas pessoas tecidas juntas, formando uma única entidade. Isso é paralelo ao conceito aristotélico de que a verdadeira *amizade* consiste em *uma alma com dois corpos*. No trecho de Zacarias 13:7 temos o vocábulo hebraico *amith*, «próximo», «amigo».

No grego também temos a palavra *plesíon*, «próximo», que significa, basicamente, «alguém que está perto» (ver Mat. 5:43, citando Lev. 19:18; 19:19; 22:39; Mar. 12:31,33; Luc. 10:27,29,36; João 4:5; Atos 7:27; Rom. 13:9,10; 15:2; Gál. 5:14; Efé. 4:25; Tia. 2:8; 4:12). A palavra grega mais comum para «amigo» é *phílos*, que significa «querido», «estimado», e que figura por vinte e oito vezes, de Mat. 11:19 a III João 15. Ver o artigo geral sobre *Amizade*, que desenvolve os conceitos aqui introduzidos. Ver também sobre *Comunhão*.

## COMPANHEIRO DE JUGO

A rigor, a expressão aparece somente em Filipenses 4:3, onde o original grego diz *súnzugos*, «companheiro de jugo». Lemos ali: «A ti, fiel companheiro de jugo, também peço que as auxilies...» Paulo dirigia-se a quem? As conjecturas chegam a formar uma legião: Lucas, Lídia, Epafrodito, Barnabé, Silas, Timóteo, e até mesmo uma possível esposa de Paulo, embora a existência dessa esposa seja pura conjectura. Devido a essa dificuldade de interpretação, alguns eruditos têm chegado a pensar que o termo grego *súnzugos* deveria ser considerado como um nome próprio, referente a um homem que, em português, teria o nome de Sínzigo. Mas isso criaria mais problemas ainda, pois nada se sabe sobre um companheiro de Paulo com esse nome. Por essa razão, outros estudiosos pensam que Paulo estaria se dirigindo ao líder da igreja cristã de Filipos.

Paulo, nesse trecho, estava recomendando a alguém que ajudasse a Evódia e a Síntique, duas mulheres que eram membros da igreja filipense, para que conseguissem sanar suas divergências.

Quanto ao que significaria «companheiro de jugo», as opiniões também variam. Alguns pensam que seria alguém que estivera aprisionado com Paulo, em Filipos. Se assim fosse, então ninguém seria melhor para ocupar o lugar do que Silas. Ver Atos 16:19 *ss*. Mas, se pensarmos na raiz da palavra de onde veio essa expressão, raiz essa que no grego é *zeũgos*, «jugo», talvez seja melhor pensar mesmo no líder daquela igreja. A idéia de *súnzugos*, nesse caso, estaria vinculada ao trecho de Mateus 11:29, onde lemos: «Tomai sobre vós o meu jugo...» Nesse caso, o apóstolo Paulo estaria se dirigindo a algum crente consagrado. Na verdade, porém, não há indícios bíblicos suficientes que nos capacitem identificar com certeza esse «companheiro de jugo» de Paulo.

## COMPENSAÇÃO, PRINCÍPIO DE

**Compensar** significa retribuir, fazer emendas apropriadas, remunerar, contrabalançar, prover algo em substituição a alguma perda sofrida. O princípio de compensação é importante no campo da psicologia, bem como na experiência humana em geral. Também é importante no que se relaciona ao cumprimento de nossas missões espirituais. Ralph Waldo Emerson (que vide) fez declarações instrutivas sobre a questão. — Ele estava interessado no autodesenvolvimento do indivíduo. Acreditava que todos os homens dispõem de recursos especiais, visto que o homem é um microcosmo dentro do macrocosmo. Portanto, haveria certa correspondência entre a alma humana e tudo quanto existe no universo. Na natureza, através da providência divina, opera o *princípio de compensação*. Se a um homem falta um dote, a natureza lhe proveu um dote diferente. Faz parte de sua responsabilidade desenvolver o dote que ele possui, porquanto isso representa um investimento divino em sua pessoa. Aristóteles ensinava algo similar a isso, com sua doutrina da *virtude como função*. É óbvio que nem todos os homens possuem as mesmas capacidades ou funções em potencial; mas o que todos têm é a responsabilidade de desenvolver aqueles dotes que receberam. No corpo místico de Cristo, a Igreja, há muitos membros. Seria algo grotesco se um membro qualquer tentasse realizar as funções próprias de um outro membro. Paulo criticou aqueles que pensavam ser possuidores de todos os dons espirituais e que, por motivo de ostentação, julgavam ser necessário exibirem-se, realizando várias funções na mesma reunião. Ver I Cor. 14:26 *ss*. Antes, aos crentes foi recomendado que permitissem aos demais realizarem seus respectivos papéis. Ver o artigo sobre o *Corpo de Cristo*.

É importante que uma criança tenha boa saúde e equilíbrio mentais, sendo ajudada nisso por seus pais, a fim de descobrir seus pontos fortes e tirar proveito dos mesmos. Se, por exemplo, uma criança não se mostra forte quanto aos assuntos acadêmicos, deveria ser encorajada a exercer alguma outra habilidade. Se uma criança tem dificuldade com a leitura, mas é boa quanto à matemática, deveria ser encorajada a ser tão bem-sucedida na matemática que não sinta ser demasiada qualquer crítica que venha a receber no tocante à sua leitura. A auto-imagem de uma pessoa depende muito do que ela pode fazer, que a destaque entre outras pessoas. Temos a responsabilidade de conferir aos nossos semelhantes uma boa auto-imagem, ajudando-os a se destacarem em alguma coisa. No seio de uma igreja local, às vezes ocorre aquele erro fatal de competição entre os membros. Nisso, certos dons são exaltados, e outros são desprezados. Ministros entram em competição, exibindo seus dotes como itens que precisam ser admirados em uma exposição. A real necessidade é a da compensação, em que cada crente contribui com alguma coisa, sem degradar o que algum outro tem para oferecer. Todos nós conhecemos essas coisas; mas, na prática, é fácil glorificarmos a nós mesmos e humilharmos aos outros. Portanto, há duas aplicações práticas do princípio de compensação. Uma delas é de natureza *pessoal* ou individual: preciso descobrir e desenvolver minhas habilidades e dons particulares. A outra é de natureza *coletiva*: uma vez que eu tenha me destacado em algo, preciso participar da comunidade como um membro que compensa e que é compensado. (P)

## COMPETÊNCIA

A **competência** consiste em se ter habilidade ou autoridade suficiente para realizar certa tarefa ou cumprir certo dever. Cada indivíduo possui qualidades inatas, que pode desenvolver de tal modo que se

torne *competente* em alguma coisa. Uma triste coisa que vemos nas igrejas locais é como as pessoas passam de ano para ano sem nunca se aprimorarem, sem nunca aumentarem o seu conhecimento, sem nunca melhorarem as suas funções. Neste mundo, uma pessoa ganha mais ou menos em razão de sua competência. É verdade que os governos penalizam a competência, cobrando mais altos impostos dos que produzem e ganham mais do que dos incompetentes e preguiçosos. A despeito disso, é melhor o crente procurar ser competente, para que seja mais útil ao Senhor, em seu reino e em sua Igreja.

## COMPETIÇÃO

Há vários tipos de competição, alguns bons e outros ruins. O princípio econômico do capitalismo (que vide) é a competição. Se uma pessoa tiver de competir com outras a fim de vender o seu produto, terá de procurar produzir um produto melhor, em menos tempo, com menores gastos. Se chegar a concretizar esses alvos, chegará a ganhar mais dinheiro. Em caso contrário, talvez tenha de abandonar o negócio, ou então contentar-se com menor taxa de lucro. A ausência de competição rebaixa a qualidade e eleva o preço das coisas. No entanto, a competição econômica com freqüência assume aspectos imorais ou mesmo criminosos, quando as pessoas apelam para os meios desonestos e trapaceiros. As leis foram feitas precisamente para regulamentar as práticas comerciais. Mas, infelizmente, as estatísticas falam sobre um pequeno número de negociantes honestos. A lei mosaica (Deu. 25:15) requeria a honestidade, e uma sociedade dificilmente torna-se próspera onde impera a desonestidade.

Também há uma *competição espiritual* boa ou má. É vantajoso vermos o exemplo de alguém melhor que nós mesmos, deixando-nos estimular à melhoria. Dessa maneira, disporemos de uma espécie particular de competição. Mas aquela competição pública entre ministros evangélicos ou entre membros, algo muito comum nas igrejas locais, não passa de manifestações de egoísmo, jamais produzindo resultados espirituais. A melhor e mais produtiva forma de competição espiritual é aquela que disputamos conosco mesmos. Todo crente está na obrigação moral de estabelecer elevados alvos para si mesmo, procurando corresponder ao ideal que tiver imaginado e fixado como sua meta.

## COMPLEXO DE CARÁTER

Expressão usada para designar os **informes dos sentidos** (que vide), empregada no movimento do *realismo crítico* (que vide), primeiro ponto.

## COMPLEXO DE ÉDIPO

Segundo as lendas gregas, Édipo era filho de Laio e Jocasta. Foi abandonado por ocasião de seu nascimento, por causa de um oráculo que predizia que, finalmente, mataria seu pai, em vingança contra algo que este último fizera.

O nome *Édipo* significa «pés inchados», porque o bebê teve seus pés atravessados, por ordem de seus pais, tendo sido deixado para morrer à míngua. Porém, o escravo que fora encarregado de cuidar da questão, poupou a criança e a entregou aos cuidados de um pastor. Esse pastor pertencia ao rei de Corinto, pelo que, finalmente, o menino acabou sendo adotado pelo rei. Foi, pois, criado pelo rei de Corinto, mas, finalmente, regressou a Tebas, lugar de onde provinha. Após ter resolvido o quebra-cabeça da esfinge, e de haver morto acidentalmente seu próprio pai, sem o saber, casou-se com sua mãe, e assim tornou-se o rei de Tebas. Porém, ao descobrir que Jocasta era sua própria mãe, cegou-se e morreu no exílio. Com base nessa circunstância, um apego forte, usualmente inconsciente, de um filho por sua mãe, é chamado de complexo de Édipo. Tal apego usualmente tem certa conotação sexual, algumas vezes de forma consciente. Pode manifestar-se sob a forma de hostilidade contra o pai, além de várias desordens neuróticas, porquanto perpetua um sentimento de culpa que não é resolvido. A expressão algumas vezes é usada de maneira muito ampla, para referir-se ao mesmo tipo de apego de uma filha por seu pai, embora, nesse caso, exista o termo mais preciso de complexo de Electra. Ver o artigo geral sobre *Freud*.

## COMPLEXO DE ELECTRA

De acordo com as lendas gregas, Electra era filha de Agamenom e Clitemnestra. Ela persuadiu seu irmão, Orestes, a matar a mãe deles e o amante dela, Egisto, para vingar o assassinato do pai deles. Com base nessa circunstância, o desejo sexual compulsivo de uma filha, por seu pai, tem o nome de complexo de Electra. Trata-se do equivalente feminino do complexo de Édipo (que vide). Em sua prática, Freud (que vide) encontrou, ocasionalmente, um caso dessa natureza. Em um grau ou outro, e com diversas manifestações, esse complexo é mais comum do que gostaríamos de acreditar.

## COMPRAR

Ver sobre **Comércio e Viagem**.

## COMPREENSÃO

Quando o homem caiu no pecado, não foi apenas a sua moral que foi afetada, incapacitando-o a praticar o bem, no sentido de ser plenamente aprovado por Deus, mas também o seu entendimento foi afetado. Esse embotamento é universal: «Não há quem entenda, não há quem busque a Deus» (Rom. 3:11), diz o apóstolo Paulo, citando Salmos 53:1-3. Conforme se vê nessa citação, essa falta de compreensão diz respeito a Deus e às coisas relativas a Deus. No seu estado natural, pecaminoso, o homem não tem entendimento sobre as realidades das dimensões celestes: «Ora, o homem natural não aceita as cousas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente» (I Cor. 2:14). Isso posto, a sabedoria deste mundo, o conhecimento que os homens são capazes de adquirir, usando dos poderes de observação, raciocínio e da intuição, são reduzidos nas Escrituras, à mais perfeita nulidade: «...expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada» (I Cor. 2:6). Por falta de revelação divina, os homens nem ao menos sabem a resposta para as três perguntas básicas da filosofia: Quem somos? de onde viemos? para onde estamos indo? Não admira, pois, que muitos homens, nessas trevas do entendimento, cheguem à conclusão de que nada se pode saber com qualquer grau de certeza. Assim nasceu o ceticismo e o agnosticismo.

O homem moderno jacta-se dos grandes avanços de sua ciência. Isso foi até mesmo previsto nas Escrituras: «...o saber se multiplicará» (Dan. 12:4).

No entanto, nunca os homens se sentiram mais inseguros do que nesta nossa era de tanto avanço tecnológico. É que o conhecimento do homem, mesmo acerca das coisas naturais, pende muito mais para empreendimentos destrutivos, que infelicitam a humanidade, do que para projetos beneficentes. E, mesmo quando, mercê de Deus, alguém foge à regra, não demora para que tudo aquilo que antes visava ao bem do ser humano seja desvirtuado por uma multidão de outros, malfazejos. Destarte, todas as instituições humanas têm sido sujeitadas a esse abuso. Manipulados pela maldade humana, os valores mais sagrados têm-se tornado uma desgraça. Penso que não há exemplo mais chocante disso do que o desvirtuamento do cristianismo. Quando Deus revelava a João, e, através dele, a nós, como a Igreja de Cristo seria imitada, e como Satanás enganaria os homens com um engodo perverso, ao contemplar «a mãe das meretrizes e das abominações da terra», o apóstolo admirou-se «com grande espanto» (Apo. 17:1-6). Tudo isso é sumariado na epístola de Judas, quando ele escreve: «Estes, porém, quanto a tudo o que não entendem, difamam; e, quanto a tudo o que compreendem por instinto natural, como brutos sem razão, até nessas cousas se corrompem» (vs. 10).

Embotado em seu entendimento e dotado de tendências morais pervertidas, os homens colhem corrupção até mesmo do que entendem por instinto natural. E zombam das realidades espirituais, que não compreendem. Se o homem tiver de ter compreensão sobre as realidades espirituais, só as terá se houver intervenção da misericórdia e da graça divinas. A essa intervenção a Bíblia chama de iluminação. Se não houver iluminação, o embotamento continuará indefinidamente. «A revelação das tuas palavras esclarece, e dá entendimento aos simples» (Sal. 119:130). E também: «Naquele dia, os surdos ouvirão as palavras do livro, e os cegos, livres já da escuridão e das trevas, as verão» (Isa. 29:18). E o Novo Testamento mostra-se ainda mais claro quanto a isso: «Porque Deus que disse: De trevas resplandecerá luz — ele mesmo resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo» (II Cor. 4:6). «...o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação, no pleno conhecimento dele, iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos, e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos...» (Efé. 1:17-19).

**Paulo considerava essa iluminação** do entendimento algo tão importante para o crente que, em várias de suas epístolas, ele incluiu uma secção na qual ora por seus leitores, para que o Senhor lhes abra a compreensão espiritual. Além do texto acima citado, ver também II Cor. 1:10; Col. 1:9.

O entendimento iluminado do crente, pois, chega ao ponto de compreender qual o grandioso plano de Deus, e como esse plano gira em torno da pessoa de Cristo. Para os apóstolos, pois, o segredo da compreensão espiritual era ter conhecimento experimental de Cristo: «...para que os seus corações sejam confortados... e tenham toda riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente o mistério de Deus, Cristo, em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos» (Col. 2:2,3).

Evidentemente, as Escrituras reconhecem que, por maior que seja a iluminação do nosso entendimento, neste lado da existência, somente no outro lado, já glorificados com Cristo, seremos capazes de compreendê-lo realmente, pois então teremos a mesma natureza que ele tem. Isso é lindamente expresso por João, quando ele diz: «Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é» (I João 3:2). Isso envolverá uma tremenda promoção. Os crentes glorificados serão imensamente elevados na escala do ser. Sendo agora inferiores aos anjos, tornar-se-ão semelhantes ao Filho glorioso de Deus.

Tendo chegado a este ponto em nossa exposição, resta-nos somente ficar no aguardo da volta do Senhor, quando seremos ressuscitados e glorificados, e quando nosso entendimento subirá até níveis exaltadíssimos, como agora nem podemos imaginar. Podemos aplicar aqui as palavras de I Coríntios 2:9 «...como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam». Há infinitos tesouros de conhecimento à nossa espera, nas dimensões celestes. Essa expectação pela nossa transformação segundo a imagem de Cristo é que a Bíblia chama de virtude da esperança, uma das três virtudes cardeais da vida cristã. Ver o artigo sobre *Esperança*.

**No hebraico**, há várias palavras que lançam luz sobre esse assunto, a saber:

1. *Bin*, «compreender», «considerar». Palavra que aparece por cerca de cento e sessenta vezes. Trata-se de uma palavra tão rica de significado que as traduções usam muitas palavras e expressões para traduzi-la, como «considerar», «usar de sabedoria», «perceber», «usar de prudência», «discernir», etc. Para exemplificar, ver Nee. 8:8, Jó 13:1; 42:3; Sal. 19:12; 92:6; Pro. 2:5; Dan. 9:2,23; Osé. 14:9; Isa. 56:11; Sal. 119:110.

2. *Yada*, «conhecer», «estar familiarizado com». Palavra que é usada por mais de novecentas vezes. Por exemplo: Núm. 16:30; 9:3; Deu. 9:6; I Sam. 4:6; 26:4; II Sam. 3:37; Sal. 81:5; Pro. 1:2; Ecl. 1:17; Isa. 1:3; Jer. 10:23; Eze. 2:5; 5:13; Joel 3:17; Zac. 2:9; 11:11.

Há várias outras palavras hebraicas correlatas; mas, para nossas finalidades, basta-nos considerar essas principais.

**No grego** também há vários vocábulos que ainda lançam mais luz sobre o assunto do que as palavras hebraicas, a saber:

1. *Oida*, «conhecer (por informação)». Termo usado por mais de trezentas e quarenta vezes, desde Mat. 2:2 até Apo. 21:22. Esse vocábulo é usado principalmente nos quatro evangelhos, no livro de Atos e no Apocalipse.

2. *Ginósko*, «conhecer (por experiência própria)». Termo usado por mais de duzentas e dez vezes, desde Mat. 1:25 até Apo. 3:9. Quem mais emprega esse vocábulo é o apóstolo João, no seu evangelho e na sua primeira epístola.

3. *Noéo*, «ponderar», «pensar». Termo usado por catorze vezes: Mat. 15:16; 16:9,11; 24:15; Mar. 7:18; 8:17; 13:14; João 12:40; Rom. 1:20; Efé. 3:4,20; I Tim. 1:7; II Tim. 2:7; Heb. 11:3.

4. *Punthánomai*, «aprender por inquirição». Palavra que é usada por onze vezes: Mat. 2:4; Luc. 15:26; 18:36; João 4:52; Atos 4:7; 10:18,29; 21:33; 23:19,20,34.

5. *Suniemi*, «compreender». Palavra usada por vinte e sete vezes: Mat. 13:13,14,15,19,23,51; 15:10; 16:12; 17:13; Mar. 4:9,12; 6:52; 7:14; 8:17,21; Luc. 2:50; 8:10; 18:34; 24:45; Atos 7:25; 28:26,27; Rom.

3:11; 15:21; II Cor. 10:12; Efé. 5:17.

6. *Pronéo*, «fixar a mente ou os afetos». Vocábulo usado por vinte e seis vezes: Mat. 16:23; Mar. 8:33; Atos 28:22; Rom. 8:5; 11:20; 12:3,16; 14:6; 15:5; I Cor. 13:11; II Cor. 13:11; Gál. 5:10; Fil. 1:7; 2:2,5; 3:15,19; 4:2,10; Col. 3:2; I Tim. 6:17.

## COMPULSÃO

Esse termo refere-se àquela condição em que alguém está sendo compelido ou forçado a fazer ou não alguma coisa. A compulsão pode ser errada, correta ou indiferente. Não é errado os pais forçarem seus filhos a freqüentarem a escola e estudarem. Porém, é errado forçar as crianças aprenderem o ateísmo, ou a imoralidade; é errado forçar as escolas religiosas cerrarem suas portas. Coisas assim estão ocorrendo nos países comunistas, com o apoio de leis injustas e do poder militar.

Nem toda a compulsão é física. As pessoas estão sendo forçadas a fazerem certas coisas mediante a influência psicológica. — Algumas vezes, isso se efetua mediante autocompulsão, porque uma pessoa que começa a praticar algum vício, em breve sente-se obcecada pelo mesmo. E então chegamos àquilo que os psicólogos chamam de síndrome de compulsão obsessiva; e, quando isso se instala, pouca margem resta para a correção nas ações. Alguns casos de autocompulsão são moralmente indiferentes. Conheci um homem que sentia a compulsão de pintar quadros, e ficava acordado até altas horas da noite, praticando a sua arte. — Algumas vezes, ele ficava pintando a noite inteira, e dormia durante o dia. Se, porventura, ele não estava prejudicando a outros, com sua compulsão, esta não envolvia nenhum erro. Mas, na verdade, ele não precisava agir daquele modo. Não teria incorrido em qualquer erro se deixasse inteiramente de pintar. Também existem atos compulsivos, como a lavagem exagerada das mãos ou como vários ritos pelos quais as pessoas sentem que devem passar. Quase todas as pessoas exibem algo desse tipo de compulsão, em sua conduta diária. Porém, em alguns casos, isso envolve uma enfermidade psicológica. Usualmente, por detrás dos atos compulsivos, há a ansiedade ou o temor. Tais coisas não são erradas em si mesmas, mas podem ser sinal de alguma distorção psicológica.

Finalmente, existem compulsões boas, mesmo que elas não pareçam razoáveis para outras pessoas. Um trabalhador compulsivo fará muita coisa, enquanto outros estão se divertindo na praia. É possível que a missão de um homem requeira que ele seja uma pessoa obcecada. Por outra parte, algumas pessoas ficam obcecadas com o dinheiro, e todos os seus esforços centralizam-se em torno de como ganhar mais dinheiro, por meios honestos ou desonestos. Isso é apenas uma forma de egoísmo. Outras pessoas deixam-se impulsionar por fantasias de fama e poder. Isso é pura arrogância. Outras são obcecadas pela fé religiosa e pela busca da santidade, ao ponto em que têm fome e sede dessas coisas. Isso já é espiritualidade. É que o Espírito de Deus é a força compelidora, nesses casos raros.

## COMTE, AUGUSTO

Suas datas foram 1798-1857. Foi filósofo francês. Nasceu em Montpellier. Freqüentou a École Polytechnique de Paris. Foi secretário de Saint-Simom, ao qual muito influenciou, de 1817 a 1824. Foi o fundador da filosofia positivista. Ver o artigo sobre o *Positivismo Lógico*. Muitos políticos, ao redor do mundo, entre outros, têm seguido suas idéias. Getúlio Vargas, ditador do Brasil por quinze anos, e mais tarde eleito legalmente presidente, deixava-se orientar pelas idéias positivistas.

Comte costumava conferenciar sobre o tema, o que fez por dois anos, até que precisou interromper suas preleções devido ao desequilíbrio mental que sofreu. Estranhamente, ele advogava uma religião da humanidade em que o objeto de adoração era simbolizado pelas formas de um corpo humano feminino, com bustos dos benfeitores da humanidade expostos nas capelas, em cuja honra deveria haver dias festivos, de acordo com um calendário criado pelos positivistas. Mas ele não obteve sucesso, na tentativa de estabelecer essa forma de igreja. Isso representa o humanismo (que vide), em forma extremamente exagerada. Contudo, isso é levemente superior à veneração a estrelas de cinema ou a figuras políticas e militares que foram culpados da morte de milhares de pessoas. Comte teria sido o criador das palavras *altruísmo* e *positivismo*.

**Idéias:**

1. Todas as sociedades necessariamente passam por diversos estágios de pensamento. Haveria os estágios teológico e metafísico, mas, finalmente, chegaria o estágio do positivismo, mediante o desenvolvimento da ciência e sua influência crescente. Antigas explicações teológicas e metafísicas cederão lugar às explicações científicas.

2. As próprias ciências atravessarão desenvolvimentos progressivos, sendo purificadas de velhas maneiras de pensar, conforme se vê no primeiro ponto, acima. A ordem do desenvolvimento das ciências puras compor-se-ia da matemática, da astronomia, da física, da química, da biologia e da psicologia. Algumas dessas ciências ainda não seriam totalmente livres. A sociologia estaria se tornando uma ciência, e ainda teria de passar por certa depuração.

3. O mais importante progresso da sociedade seria o desenvolvimento intelectual. Esse desenvolvimento estaria destinado a atingir o verdadeiro altruísmo. Uma verdadeira religião humanista unirá o intelecto e os sentimentos.

4. Comte via a sociedade como um todo *orgânico* que não pode ser decomposto em individualismo, da mesma maneira que uma superfície não pode ser reduzida a meras linhas.

5. A sociedade orgânica ainda terá de tornar-se uma realidade. Os ideais gêmeos são a *ordem* e o *progresso*. (Esse é o lema da bandeira do Brasil). Vários estágios históricos têm enfatizado uma ou outra dessas duas coisas. O período feudal, por exemplo, era caracterizado pela *ordem*. A Reforma Protestante, vinculada à Revolução Francesa, criou um período de *progresso*. A ciência é que poderá unir e promover a combinação da ordem com o progresso. Em um estágio ainda mais avançado, as virtudes individuais da liberdade, da consciência individual e da tolerância, serão destiladas sob a forma de leis gerais, científicas.

6. Na *epistemologia*, Comte requeria o governo do método científico, com o abandono da metafísica, com suas especulações não verificáveis sobre as primeiras causas ou sobre as finalidades. Nesse caso, a filosofia tornar-se-ia um meio para a promoção do positivismo (que vide).

Comte e seus seguidores erraram ao reduzir a realidade, e aquilo que pode ser conhecido, às informações que nos são dadas pela percepção dos sentidos, visto que esses são os meios utilizados pelo método científico. A razão, a intuição e o misticismo

também são meios válidos para a obtenção de conhecimentos, mas esses meios não são reconhecidos pelo positivismo. E nenhuma epistemologia razoável pode estar baseada somente sobre a percepção dos sentidos. A insistência do positivismo de que todo o conhecimento nos chega através dos cinco sentidos físicos deixa de lado grandes dimensões da existência, como a doutrina de Deus, a doutrina da alma, os valores morais e espirituais, que transcendem a este mundo material, etc. Não obstante, o positivismo serviu de norma à ciência, facilitando o desenvolvimento de seu método, mesmo que não tenha ajudado quanto a outras áreas das atividades humanas.

*Escritos*: *Course on the Positive Philosophy*, em 6 volumes; *System of Positive Polity*, 4 volumes; *Catechism of Positivism; The Subjective Synthesis*. (AM F P)

## COMUM

No hebraico, **chol**, palavra que ocorre por seis vezes. Por exemplo, I Sam. 21:4,5. No grego, *koinós*, «comum». Essa palavra ocorre por treze vezes: Mar. 7:2,5; Atos 2:44; 4:32; 10:14,28; 11:8; Rom. 14:14; Tito 1:4; Heb. 10:29; Jud. 3 e Apo. 21:27.

Essas palavras indicam aquilo que é comum, no sentido de que *pertence a todos*, e, por extensão, aquilo que é *profano* e *vil*. Em Atos 10:14,28 e 11:8 encontramos uma boa ilustração neotestamentária. Pedro viu o lençol descendo com todas as espécies de quadrúpedes e répteis, proibidos como alimentos humanos nas leis levíticas. Diante da ordem de matar e comer, ele exprimiu repulsa, porque, durante toda a sua vida, havia-se mantido longe de tal contaminação. A narrativa é uma metáfora concernente à aceitação dos gentios na família da fé; pois estes sempre foram considerados imundos, aos olhos dos judeus. As traduções refletem corretamente a forte ênfase judaica sobre a pureza ou sobre a impureza cerimoniais. Em Marcos 7:2 temos a tradução «impuras»; em Romanos 14:14, por duas vezes; «impura». O verbo grego *koinoo* pode ter o sentido de *contaminar*, embora signifique, literalmente, «fazer comum». O outro uso do termo grego acha-se em Tito 1:4, dentro da expressão «a fé comum»; ou em Judas 3, «nossa comum salvação». Quanto a detalhes completos sobre essa questão, juntamente com descrições sobre a legislação veterotestamentária, do assunto, ver o artigo sobre *Puro e Impuro*.

## COMUNHÃO

*Esboço:*

1. Definição
2. Comunhão Prática
3. Tipos Específicos de Comunhão
4. Koinonía

### 1. Definição

A comunhão consiste em um acordo em que diversas pessoas unem-se e chegam a participar juntas de uma determinada coisa (II Cor. 6:14 e I João 1:3). A união de propósitos e interesses em torno da Ceia do Senhor é um exemplo disso; e, por essa razão, a Eucaristia (que vide) é também chamada de *comunhão*. Também há a *comunhão geral dos santos*, acerca da qual há um artigo separado nesta enciclopédia. O termo grego *koinonía* envolve as idéias de participação, comunhão, companheirismo e *contribuição*, pois essa é uma maneira de compartilharmos com outras pessoas de nossas posses materiais.

No grego, a idéia é expressa por um verbo e um substantivo, a saber:

1. *Omiléo*, «comungar com». Esse verbo aparece em Luc. 24:14,15; Atos 20:11 e 24:26.

2. *koinonía*, «comunhão». Esse substantivo ocorre por dezoito vezes: Atos 2:42; Rom. 15:26; I Cor. 1:9; 10:16; II Cor. 6:14; 8:4; 9:13; 13:13; Gál. 2:9; Fil. 1:5; 2:1; 3:10; File. 6; Heb. 13:16; I João 1:3,6,7.

*Elementos Importantes da Comunhão*:

a. A comunhão começa com o Pai e com o Filho, e amplia-se para os filhos de Deus (João 17:3,6,10,11, 14).

b. Quando da restauração, haverá a comunhão universal (Efé. 1:10,23).

c. Ela nos é conferida, com base na oração feita por Cristo (João 17:20,21).

d. A nossa comunhão é com Deus (I João 1:3).

e. Também é com os santos no céu (Heb. 12:22-24).

f. Também com os outros crentes (Gál. 2:9).

g. É desfrutada em torno de Cristo (Mat. 18:20).

h. Em torno da ordenança da Ceia do Senhor (I Cor. 10:17).

i. Mediante a oração (II Cor. 1:11; Efé. 6:18).

j. Mediante as exortações cristãs (Col. 3:16).

l. Foi ordenada (Efé. 4:1-3).

m. Não devemos manter comunhão com os ímpios (II Cor. 6:14-17).

n. A reconciliação deve preceder a nossa comunhão com Deus (Amós 3:3).

o. A comunhão com Deus é prometida aos obedientes (João 14:23).

p. Exemplos bíblicos de comunhão: Jônatas (I Sam. 23:16); Davi (Sal. 119:63); Daniel (Dan. 2:17,18); os apóstolos (Atos 1:14); a Igreja primitiva (Atos 2:42); Paulo (Atos 20:36-38).

### 2. Comunhão Prática

O homem é um ser comunitário. Somente alguns poucos indivíduos apreciam a solidão, preferindo viver sem a ajuda, o consolo e a amizade de outras pessoas. Até mesmo os indivíduos mais introvertidos precisam de algumas pessoas. Por essa razão temos a unidade básica, a *família*. E esta oferece uma forma muito básica de comunhão, sem a qual a raça humana dificilmente teria sobrevivido. Além disso, há o clã, e também a tribo. Segue-se a aldeia, o estado, e, finalmente, a nação. Tudo isso apresenta formas de comunhão. No seio de um povo, surgem organizações de toda a espécie, algumas das quais poderíamos classificar de comunhões. Trata-se das organizações que se expressam de forma cooperativa. As organizações religiosas destacam-se acima de todas, como comunhões. Uma igreja, uma associação religiosa ou uma denominação evangélica são tipos de comunhão. É precisamente nisso que se encontra um dos grandes poderes das igrejas e denominações: elas atraem pessoas para a atmosfera reconfortante de uma comunhão, pela qual anela o espírito humano.

### 3. Tipos Específicos de Comunhão

a. **Comunhão festiva**. Até onde a história nos faz retroceder, encontramos pessoas reunindo-se para comer. É agradável participarmos de uma boa refeição; e é ainda mais agradável compartilhar da mesma com amigos e entes queridos, o que provê oportunidade para discutirmos idéias, compartilharmos de ideais e sonhos, divertir-nos, ou simplesmente, estarmos juntos com eles, desfrutando de sua companhia. Na minha própria família, isso sempre foi importante, e a hora do almoço sempre foi uma oportunidade para trocarmos idéias, sobre os mais

variados assuntos. É provável que eu tenha participado de mais ensino religioso e de debate filosófico, à hora do almoço, com os membros de minha família, do que na hora do culto, na igreja. Sinto que isso tem redundado em bem para a minha família. No mínimo, muita informação foi trocada entre nós, e o desenvolvimento do conhecimento é algo muito importante.

A história mostra-nos que as tribos primitivas reuniam-se para festejar, e que essas festividades usualmente estavam associadas a algum acontecimento importante, religioso ou secular, relacionado à vida da tribo. Também havia a comunhão das famílias. Abraão, em consonância com os bons costumes sociais de sua época, convidou os três estranhos a comerem em sua companhia; e, sem saber, recebeu seres celestes como hóspedes (Gên. 18:1-8; Heb. 13:2). O Novo Testamento afirma que a hospitalidade é um dos requisitos necessários aos bons pastores ou diáconos da igreja (Tito 1:8).

A *páscoa* (que vide) era uma forma ímpar de comunhão. Tornou-se uma instituição nacional em Israel (Êxo. 23:15), a comemoração do livramento do povo de Israel da servidão sofrida no Egito, bem como da escravidão ao pecado. A Ceia do Senhor é um equivalente cristão (I Cor. 5:7). Sabe-se que os essênios, em Qumran, tinham refeições rituais que envolviam a participação de toda a comunidade. Eles também contavam com grupos menores, de dez homens, que se reuniam em companhia de um sacerdote, o qual fazia uma oração de agradecimento, enquanto um dos membros da comunidade lia uma passagem da lei. O *agapé* dos cristãos primitivos era uma ocasião de comunhão especial. Tinha lugar em conexão com a Ceia do Senhor, mas era uma comemoração que envolvia uma refeição e o lava-pés. Entraram abusos, conforme se vê mediante I Coríntios 11:20-22 e Judas 12. Finalmente, devido a esses abusos, a refeição foi descontinuada, mas a participação nos elementos do pão e do vinho continuou.

b. *Comunhão fiscal.* — Algumas vezes, o motivo para se efetuar uma refeição comunal era a falta de fundos. Desse modo, os participantes contribuíam com algo, e preparavam refeições em comum. Compreendemos, por meio da história, que a pobreza material foi um dos principais fatores na prática das refeições comunais entre os essênios de Qumran. O livro de Atos mostra-nos que a Igreja primitiva praticou isso por razões financeiras, ao menos temporariamente (Atos 2). Os fundos comunais, recolhidos em Jerusalém, eram espontâneos e voluntários, tendo atendido a uma necessidade específica, por algum tempo.

c. *A comunhão de contribuição.* O vocábulo grego *koinonía* pode significar «contribuição». Ver Romanos 15:26, onde esse termo refere-se à contribuição das igrejas gentílicas para os crentes pobres de Jerusalém. Um bom membro da comunidade cristã compartilhava de sua abundância material com aqueles que possuíam menos; e isso era um tipo de comunhão.

d. *A Ceia do Senhor.* Para muitos cristãos, os termos «comunhão» e «Ceia do Senhor» são sinônimos. A Ceia do Senhor foi originalmente instituída por ocasião da celebração da páscoa, quando Jesus tornou-se a nossa páscoa (I Cor. 5:7). O pão e o vinho tornaram-se símbolos de seu corpo e de seu sangue. Misticamente falando, é através da comunhão com seu corpo e com seu sangue que temos a redenção. Jesus tornou-se o Pão da Vida. Ver o artigo sobre *Jesus, o Pão da Vida*, que apresenta completos detalhes sobre essa doutrina. Ver as passagens do Novo Testamento sobre a Ceia do Senhor, em Mat. 26:26-28; Mar. 14:22-24; Luc. 22:14-19; I Cor. 11:23-26. Ver também o artigo sobre a *Eucaristia*. O cálice da bênção que abençoamos, porventura não é a comunhão em torno do sangue de Cristo? E o pão que partimos, porventura não é a comunhão em torno do corpo de Cristo? Visto que há somente um pão, nós, que somos muitos, formamos um único corpo, porquanto todos participamos do pão único, que é Cristo (I Cor. 10:16 *ss*).

e. *A comunhão da congregação.* As igrejas locais dispõem de certa variedade de meios para fomentar a comunhão entre os seus membros. Há a Ceia do Senhor, há as reuniões para a prédica da Palavra, para oração, para louvor e para recolhimento de dízimos e ofertas. A Igreja une todas as classes sociais, e declara que elas são *uma só* (Gál. 3:28). Cada membro da Igreja de Cristo faz parte do corpo místico, como um de seus membros (Rom. 12:4,5). Cada membro é como um pedra que faz parte da superestrutura do edifício que foi fundado e está sendo edificado por Cristo (I Ped. 2:5). Escreveu o salmista: «Companheiro sou de todos os que te temem, e dos que guardam os teus preceitos» (Sal. 119:63). Paulo adverte-nos que a comunhão inerente na Igreja — pode ser debilitada se permitirmos associações prejudiciais, que intervenham com o nosso companheirismo (II Cor. 6:14 *ss*).

f. *A comunhão espiritual.* Há uma comunhão com Deus, por meio do Espírito. O espírito humano é capaz de ter comunhão com o Espírito Santo. Paulo, por mais de cento e sessenta vezes, falou em estarmos «em Cristo», retratando, com essas duas palavras, a nossa comunhão mística. Ver I Cor. 1:4. As notas expositivas, no NTI, sobre aquele versículo, detalham essa doutrina. A comunhão não tem apenas a dimensão humana, do homem com homem; também tem a dimensão divina, do homem com Deus. O trecho de Efésios 4:1-6, e vários trechos paralelos, dão-nos esse ensino. Diz I João 1:3: «...a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo». O Espírito Santo reside em nós e nos confere comunhão divina (João 14:16 *ss*). Cristo é a vinha, e nós somos os ramos, pelo que devemos pensar em uma comunhão orgânica (João 15). Há a comunhão do Espírito (Fil. 2:1 *ss*). «A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós» (II Cor. 13:13).

**4. Koinonia**

A comunhão indica «partilhar» de alguma coisa (II Cor. 8:23; Rom. 11:7; Fil. 1:7; I Ped. 5:1). Também indica participar com algo (II Cor. 9:13; Fil. 1:5; Rom. 15:26; Atos 2:44; 4:32). Também indica partilhar (Atos 2:42; Gál. 2:9; I João 1:3 *ss*). (DAV GEO NTI Z)

## COMUNHÃO, ABERTA OU FECHADA

Ver o artigo sobre a **Comunhão Fechada**.

## COMUNHÃO ANGLICANA

**Nome dado, desde o século XIX, ao grupo de igrejas autônomas, reformadas, de governo episcopal, em comunhão com a fé de Canterbury e reconhecendo seu primado. O grupo inclui algumas poucas dioceses missionárias. Base da fé delas: A Bíblia e o credo Niceno. Seus bispos afirmam estar na sucessão apostólica, derivada do episcopado inglês do século**

XVI. Tem havido um esforço consciente para combinar o que se aceita como o melhor dentro das tradições católica e protestante, paralelamente à tolerância de larga gama de crenças. A organização se compõe de mais de 340 dioceses, agrupadas em dezoito igrejas nacionais ou províncias regionais.

*História da formação*. O cristianismo romano-britânico, que data do século II D.C., espalhou-se pelo País de Gales, Irlanda, Escócia, Inglaterra, embora não com grande vitalidade. A conversão da Inglaterra começou com a missão de Agostinho a Canterbury, em 597. Vários grupos de igrejas unificaram-se sob a liderança do arcebispo Teodoro de Tarso (668-690). Após o ano 1000, as duas províncias de Canterbury e York funcionavam como parte da Igreja ocidental, mas havia lutas de poder entre o papa, o rei e oficiais locais. A Carta Magna de 1215 estipulava a liberdade da Igreja da Inglaterra. O rei tinha autoridade para nomear oficiais eclesiásticos, usualmente dentro de uma lista apresentada pelo papa.

A política e a vida pessoal de Henrique VIII forçaram o repúdio da autoridade papal, e começou o cisma (1531 em diante). Sob Eduardo VI (1547-1553) houve um rápido movimento em prol do protestantismo, com uma breve contra-reforma sob a rainha Maria (1553-1558). Isabel rejeitou ambos os extremos da controvérsia católico-protestante, e isso assinalou a natureza da comunidade anglicana nos séculos seguintes. A denominação mantém o governo episcopal e a adoração litúrgica. O puritanismo e o metodismo exerceram vasta influência, como também os evangélicos, após 1760, e os anglo-católicos após 1833.

*Tradição literária e teológica do anglicanismo*: Ela se declara nem católica e nem protestante, embora alguns grupos dentro da comunidade possam ser classificados como uma ou outra coisa. Há uma longa tradição de erudição anglicana, que tem provido a maioria das obras de referência de peso na Inglaterra, e por meio da Inglaterra, para outros idiomas. As contribuições e os contribuidores dessa tradição são por demais numerosos para serem alistados. Grande respeito se dá aos pais da Igreja como intérpretes da Bíblia, e os pais gregos têm exercido forte influência sobre o pensamento anglicano que diz respeito ao destino humano final. O anglicanismo usualmente vê oportunidade de salvação para além da morte biológica, que era a posição comum dos pais gregos. Muitos representantes da Igreja oriental (ortodoxa, eslava, etc.) também têm mantido essa posição otimista sobre aquilo que a missão de Cristo tenciona realizar. Talvez a maior lição a ser aprendida dos anglicanos seja a disposição deles em evitar extremos, não hesitando em fazer empréstimos e combinar tradições na busca por um mais profundo conhecimento. Ver também sobre *Anglo-catolicismo* e *Episcopalismo*.

## COMUNHÃO DO ALTAR

Termo usado pelos luteranos para aludir à participação na eucaristia, a fim de indicar a unidade da fé. «Comunhão mista do altar» alude à comunhão aberta. «Comunhão singela do altar» alude à comunhão fechada. Ver o artigo sobre *Comunhão, aberta e fechada*. (E)

## COMUNHÃO DOS SANTOS

A expressão específica, **communio sanctorum**, aparentemente apareceu, pela primeira vez, em um sermão de Nicetas de Remesiana, que faleceu em cerca de 414 D.C. Tal expressão não se encontra nas páginas do Novo Testamento, embora a idéia certamente esteja ali. Ver Col. 1:12 e I João 1:3 *ss*. A comunhão dos santos está baseada e envolvida na comunhão com Deus. O trecho de II Coríntios 13:13 mostra que a comunhão é no Espírito.

**A santorum communionem** tornou-se a segunda cláusula do nono artigo do Credo Apostólico; e essa pode ser traçada ao uso mencionado acima, feito por Nicetas. Seu próprio uso foi uma expansão da cláusula anterior, a *santa igreja católica*, dando a entender aquela comunhão que existe entre os membros dessa igreja. A Reforma Protestante enfatizou a comunhão dos crentes, dentro da Igreja na terra. Os teólogos católicos romanos, com razão, têm enfatizado a comunhão dos santos como algo que envolve TODOS os santos de todos os lugares, sobre a terra, no céu e até mesmo no purgatório. Naturalmente, quanto aos supostos santos no purgatório, não concordamos. Não obstante, alguns pensem que nisso há um certo fundo de verdade, pois alguns eleitos já passaram pela morte biológica, mas ainda não foram chamados à companhia dos crentes, embora finalmente o façam, porquanto a missão de Cristo envolve até mesmo os que se encontram no hades, sempre sob a condição de arrependimento e fé (ver I Ped. 3:18-4:6). Portanto, até mesmo aqueles crentes em potencial fazem parte da comunhão universal dos santos. Esse conceito pode ser novamente ampliado, incluindo a comunhão com todos os seres espirituais, como os anjos, que não pertencem à espécie humana, pois Deus é o Pai de muitas *famílias*, segundo se aprende em Efésios 3:15. Na Idade Média, essa expressão era usada para designar aquela comunhão criada pela comum participação nos sacramentos, tendo sido assim empregada por Tomás de Aquino, por Abelardo e pelo concílio de Nimes. Karl Barth combinou essa idéia com a do companheirismo geral dos crentes, formando um único corpo místico.

O conceito justifica, para muitos teólogos, a doutrina da *mediação* das orações dos crentes por almas humanas glorificadas. (B C E)

## COMUNHÃO FECHADA

Expressão usada para descrever a prática de admitir à mesa da Ceia do Senhor somente aqueles que fazem parte do rol de membros da igreja local que celebra o rito. Essa é a prática da Igreja Católica Romana, bem como de vários grupos não-católicos, como alguns grupos batistas e dos Irmãos. Usualmente, a prática envolve três princípios, a saber: *Primeiro*, somente os membros (de acordo com a definição denominacional) da igreja fazem parte do corpo de Cristo, e assim têm o *direito* de participar da comunhão, pois os demais não seriam membros da verdadeira Igreja. *Segundo*, quando a arrogância denominacional não é uma consideração, então a comunhão fechada é usada como uma medida disciplinar. Aqueles que não fazem parte da igreja local podem ser bons crentes, mas suas vidas não são conhecidas por parte daquela igreja local, pelo que a mesma não se deve arriscar. Além disso, a menos que alguém seja membro da igreja local, haverá alguma dúvida acerca dessa pessoa, pelo que seria mais aconselhável excluí-la do rito. *Terceiro*, é uma atitude altruísta, e não apenas uma medida preservadora da pureza da cerimônia que está em pauta. O trecho de I Coríntios 11:29 profere uma severa advertência contra aqueles que participam indignamente da Ceia do Senhor. Portanto, estranhos à igreja local, se chegarem a participar do rito, poderiam adoecer, ou mesmo morrer; e a igreja local não quer arriscar-se, juntando uma atitude exclusivista e disciplinadora à observância da Ceia do Senhor. Esses grupos

argumentam que a primeira Ceia do Senhor, que envolveu Jesus e os seus apóstolos, certamente foi fechada. Contrariamente a isso, aqueles que não são praticantes da comunhão fechada dizem que a Ceia é *do Senhor*, e não da Igreja, pelo que a Igreja não teria o direito de torná-la uma cerimônia exclusivista, permitindo a participação de todos os regenerados, sem importar a quais igrejas locais pertençam. Esses opinam que a Ceia do Senhor deveria ser franqueada a todos quantos estão *instruídos* quanto à santidade da cerimônia, em cujo caso cada pessoa, de acordo com a sua própria consciência, deveria decidir se participará ou não do rito.

## COMUNHÃO SANTA

Ver o artigo sobre a **Eucaristia**.

## COMUNICAÇÃO INDIRETA

Trata-se de um processo que, gradualmente, vai eliminando as alternativas que envolvem uma questão qualquer, até que resta somente uma solução possível. A solução restante exprime a verdade daquela questão. Ver o artigo sobre *Kierkegaard*, quarto ponto, onde há uma ilustração a respeito. Mas, uma comunicação por meio de símbolos ou de impulsos intuitivos, e não através de conceitos expressos, também é chamada de comunicação indireta. Ver o artigo sobre *Jaspers*, quinto ponto. Desse modo podemos aprender sobre o Ser e a transcendência, embora estejam acima de nosso conhecimento conceptual.

## COMUNIDADE

Essa palavra indica o povo de um estado, o próprio estado, ou um grupo de pessoas unidas em torno de algum interesse comum. O termo é usado para designar dois períodos distintos da história de Israel, quando essa nação tinha uma organização governamental independente, dotada de autoridade. O primeiro desses períodos foi o dos reis, de Saul a Jeoaquim (1075-597). O segundo foi o do governo sob Zorobabel, após o cativeiro babilônico, e daí até à queda de Jerusalém, de 537 A.C. até 70 D.C.

No Novo Testamento, encontramos a palavra grega *politeía*, que pode ter esse significado, conforme se vê em Efé. 2:12 em nossa Bíblia portuguesa. Ali a comunidade de Israel é aludida, dando a entender Israel como o depósito e a fonte originadora das bênçãos e dos privilégios espirituais. Os gentios estavam alienados dessas bênçãos e privilégios, até que Cristo possibilitou que se tornassem em uma comunidade espiritual. O trecho de Filipenses 3:20, no original grego, traz a palavra *políteuma*, um *hapax legomenon* (palavra usada somente por uma vez em um documento, nesse caso, o Novo Testamento), que significa «comunidade», pois é apenas um sinônimo de *politeía*. Essa referência bíblica alude à comunidade celeste, à qual pertencemos espiritualmente. O trecho aponta para o aspecto comunal e coletivo das operações do evangelho, porquanto a redenção nunca aparece como uma questão meramente individual. Devemos pensar na redenção do corpo inteiro dos crentes, que se tornam cidadãos da pátria celestial; e também haverá a restauração final de 'todas as coisas, conforme se aprende em Efésios 1:10. Neste mundo, a Igreja de Cristo funciona como uma espécie de comunidade espiritual, entre as nações.

••• ••• •••

## COMUNIDADE

Ver o artigo sobre a **Civilização**.

## COMUNIDADE DE BENS

Vários tipos dessa prática são encontrados nas páginas do NT. O principal episódio foi o da experiência de comunhão de bens de Jerusalém, em bases voluntárias. Ver o artigo geral sobre *Comunismo*, ponto sexto: *O Comunismo e a Igreja*. a. A experiência de Jerusalém; e b. Estabelecimentos religiosos comunistas. Ali são descritas as tentativas, feitas através da história da Igreja, de pôr em prática essa teoria social e política. Ver os trechos de Atos 2:42-46 e 5:32-6:4. A partilha informal, naturalmente alicerçada sobre o amor de um crente por outro, é o padrão das virtudes cristãs; mas isso não precisa transformar-se em uma partilha formal e obrigatória de bens. Ver o artigo sobre o *Amor Cristão*. Tiago salientou enfaticamente esse princípio básico. Não basta que sejamos ouvintes da palavra de Deus (Tia. 1:22). A religião pura inclui a ajuda prestada aos necessitados (Tia. 1:27). Há aquela *lei real* que consiste no amor ao próximo. Não basta desejarmos uma bênção para os que padecem necessidades. O amor existe quando há uma aplicação prática, quando provemos para as necessidades básicas dos que sofrem (Tia. 2:16). Esse princípio sempre foi valorizado no judaísmo, e foi emprestado, intacto, pelo Novo Testamento. O Manual da seita do mar Morto mostra-nos que eles praticavam total comunhão de bens, banindo os fraudulentos. Filo louvou os essênios por causa da *koinonía* deles, o que incluía a comunhão de casas, vestes, alimentos e salários (Q. O. P. L., partes 84 e 91). Josefo informa-nos que vários grupos, em muitas cidades, estiveram envolvidos nessa prática.

Jesus alimentou a multidão, valendo-se de uma bolsa comum (João 12:6). E os seus discípulos também viviam com base em fundos comuns, aceitando doações de várias pessoas, que os sustentavam (Luc. 8:3). Na Igreja primitiva de Jerusalém, a fim de manter a *koinonía* descrita no segundo capítulo de Atos, muitos vendiam as suas possessões (Atos 4:36,57 e 5:1). Vários foram os fatores envolvidos nessa prática: 1. Os cristãos estavam enfrentando uma crise, provocada pela perseguição e pela fome. 2. Eles estavam esperando uma *parousia* imediata (que vide), porquanto não antecipavam a longa era da graça em que vivemos, entre a primeira e a segunda vindas de Cristo. 3. Eles foram inspirados pela lei do amor, ao ponto em que suas possessões materiais pessoais não eram consideradas importantes. A *koinonía* não demorou a dar lugar à *diakonía* organizada (Atos 6:1,2), ou seja, a ajuda da Igreja inteira aos pobres, provavelmente através de um fundo comum, controlado pelos apóstolos, sem a necessidade das pessoas disporem de tudo quanto possuíam. Isso fez a Igreja cristã retornar à prática judaica tradicional. No caso das igrejas gentílicas, Paulo exortava os seus convertidos a porem em prática o sistema da *diakonía*. Paulo também encorajava as igrejas gentílicas a ajudarem os crentes pobres de Jerusalém; e, dentre elas, recolheu uma oferta com essa finalidade (Rom. 15:25). Deveríamos notar que mesmo em meio à experiência de Jerusalém, foi mantido o princípio da propriedade privada (Atos 5:4). Paulo ensinava que os crentes individuais são os *mordomos* responsáveis por aquilo que possuem; e, em lugar algum, encorajou as igrejas gentílicas a emularem a experiência de Jerusalém. Ver I Cor. 4:1,2. O princípio de propriedade privada

também era um princípio posto em prática no judaísmo. O judaísmo ensinava a santidade do indivíduo e de suas propriedades (Êxo. 20:15; 21:26—22:13). O ideal profético é que todos terão sua própria vinha e sua própria figueira, para suprimento de suas necessidades básicas, segundo se aprende em Zacarias 3:10. (B Z)

## COMUNIDADE DE INQUIRIÇÃO

Charles Sanders Peirce (que vide) reconheceu a natureza incompleta de toda a nossa inquirição, e também a interdependência de todos os meios de que dispomos na busca do conhecimento. Contudo, ele sentia que não devemos desistir dos valores absolutos atinentes à verdade, à beleza, à bondade, etc., pois a inquirição é autocorretiva. Sem importar quão tola seja a nossa maneira de pensar no momento, podem ser encontrados meios de detectarmos os absurdos nos quais nos envolvemos. Ele acreditava que o homem, finalmente, está destinado a conhecer a verdade. Os princípios gerais da inquirição podem ser vistos nas disciplinas da lógica, da ética e da estética, segundo ele. A estética deve fazer-se presente no *ideal* da vida; a lógica deve prover-nos as *regras* racionais da inquirição. E essas duas disciplinas, consideradas juntamente, conferem-nos o *ideal racional* da conduta, ao que chamamos de *ética*. Isso posto, seria através dessa ilimitada comunidade de inquirição que os homens podem chegar à verdade. A experiência da humanidade é vasta, e deve obter resultados. A verdade, pois, não é apenas uma questão individual. Também é um empreendimento comunal.

Um aspecto dessa busca seria o *agapismo*, aquela tendência objetiva para o estabelecimento de relações humanas apropriadas na sociedade, alicerçadas sobre a lei do amor, que é fundamental. O indivíduo que busca a verdade e o ideal, através de um ou de um limitado número de meios, está condenado a obter uma forma distorcida da verdade. Mas os homens, coletivamente falando, atingirão tanto a verdade quanto o amor. Naturalmente, nesse conceito há uma grande verdade, porquanto as próprias Escrituras Sagradas ensinam que a *redenção* (que vide) é algo comunal, sendo da vontade de Deus a restauração de toda a humanidade, e não apenas de indivíduos isolados (Efé. 1:10). Deus amou o *mundo*, e o *Logos* implanta as suas sementes do conhecimento por toda a parte. Portanto, de várias maneiras, a comunidade está envolvida na inquirição pela verdade, embora de muitos pontos de vista diferentes. (P)

## COMUNIDADE DE INTERPRETAÇÃO

Josiah Royce (que vide), empregou e ampliou o conceito de *comunidade de inquirição* (que vide), de Charles Sanders Peirce. Em seu livro, *The Problem of Christianity*, ele encara o mundo como uma única *comunidade de interpretação*. Todas as instituições existentes no mundo, incluindo seus objetos materiais, estariam relacionados uns aos outros de maneiras significativas. Essa comunidade teria qualidades espirituais como a esperança, a fé e o amor; e, coletivamente, teria a memória. Haveria uma graça remidora, operando através da comunidade. A nossa tarefa consistiria em trabalhar com e em favor dessa comunidade. Deus seria o grande Espírito dessa comunidade, bem como a própria essência da lealdade. Portanto, a comunidade requer a nossa lealdade. Cada segmento da comunidade interpenetra os demais segmentos sociais. Se todos esses segmentos forem considerados em seu conjunto, chegaremos a uma interpretação do conhecimento e da verdade que é muito superior àquilo que pode ser obtido por algum indivíduo ou grupo isolado. Os indivíduos são apenas interpretações fragmentares, e as organizações isoladas não são muito melhores do que isso. A súmula só aparece quando somamos todas as porções constitutivas. O infinito é uma entidade auto-interpretativa; mas os seus fragmentos são pesados na balança e são achados em falta. Esses princípios, naturalmente, correspondem à verdade. Podemos perceber como, no cristianismo, as várias denominações cristãs, em sua arrogância, apresentam-se como melhores, se não mesmo exclusivamente corretas. As seitas religiosas quase sempre surgem devido à arrogância e ao senso da auto-importância. Todas as formas de mitos religiosos são inventadas na tentativa de consubstanciar a superioridade de cada grupo, em contraste com os demais. Porém, chegamos mais perto da verdade quando levamos em conta a comunidade cristã inteira, e não apenas uma parte da mesma. Não deveríamos considerar apenas o testemunho de cada denominação cristã isolada, mas também o testemunho das religiões não-cristãs, em nossa busca pela verdade. É verdade que Deus se revela em Cristo, através das Sagradas Escrituras, mas, às vezes, as jóias mais preciosas podem ser descobertas em lugares os mais inesperados. Os pais gregos da Igreja pensavam que o *Logos* implanta suas sementes por toda a parte; e isso expressa um conceito verdadeiro.

## COMUNIDADE ILIMITADA

Ver **Peirce, Charles S.** pontos 13 e 14.

## COMUNISMO

*Esboço*:

1. Definição
2. Origens
3. Platão
4. Incidentes Históricos
5. Marx e Engels
6. O Comunismo e a Igreja
7. O Comunismo e a Ética
8. O Comunismo e os Mártires
9. Os Serviços do Comunismo
10. O Comunismo e a Tradição Profética

Quanto aos avanços do comunismo na Igreja cristã moderna, ver o artigo sobre a *Teologia da Libertação*.

**1. Definição.**

Essa palavra vem do latim, **communis**, que significa «comum», «universal», «público». Quanto ao uso, o termo designa uma espécie de estrutura social ou estado político, onde todas as coisas são desfrutadas em comum, incluindo os meios de produção e os seus resultados. Os sistemas comunistas usualmente requerem a abolição da propriedade privada, bem como o controle da comunidade sobre todas as fontes de riqueza e sobre as questões econômicas.

**2. Origens**

A doutrina política comunista supõe que, no começo, a humanidade vivia sob condições similares às do comunismo, e que esse é o alvo da existência da humanidade. Porém, não há quaisquer evidências históricas quanto a isso, e como todos os sistemas, o comunismo tem os seus mitos. Historicamente, dispomos da declaração de Aristóteles, no sentido de que os filósofos pré-socráticos Faléias de Calcedônia e Hipódamo de Mileto, tinham idéias comunistas.

**3. Platão**

A primeira discussão sistemática de certa modalidade de comunismo aparece no diálogo *República*, de Platão. Ele dividia o estado em diversas classes sociais

ou categorias, cada qual com seus próprios deveres e privilégios. Havia os *produtores*: agricultores, artesãos, negociantes, produtores de bens de consumo, que são pintados como a classe mais baixa, correspondendo aos apetites inferiores do indivíduo. Havia os *protetores:* soldados e policiais, que encarregavam-se da proteção da sociedade, correspondendo à vontade, ao elemento dotado de espírito do indivíduo. E havia os *governantes*, os quais deveriam ser *filósofos* longamente treinados, que correspondem ao espírito imortal do indivíduo. Esses governantes deveriam preparar-se, mediante muitos anos de treinamento, em várias esferas de conhecimento, incluindo a política. Também deveriam ser submetidos a muitos testes. Deveriam ser não somente os mais sábios dentre os homens, mas também os mais morais e espirituais. Platão considerava o ateísmo uma ofensa contra o estado, dizendo que os ateus deveriam ser punidos. Os filósofos, que, na linguagem de Platão deveriam ser não somente os sábios, mas também os indivíduos da mais alta moralidade e espiritualidade, deveriam ser os dirigentes, formadores de uma espécie de elite social. Era entre esses, segundo Platão pensava, que o comunismo funcionaria, havendo comunidade de bens e até de esposas entre eles. Ele pensava que tal sistema não funcionaria entre as classes inferiores, cujo egoísmo sempre se mostra uma força muito poderosa. Aristóteles, entretanto, objetava ao ponto de vista social de Platão, com base no fato de que o mesmo debilita a família, a unidade fundamental do estado, com o conseqüente debilitamento do próprio estado. Dentro do diálogo de Platão, *Leis*, esse filósofo modifica o seu ponto de vista, promovendo um tanto mais o ideal democrático, mediante o senso de liberdade, cuja força impulsionadora deriva-se da fibra moral.

**4. Incidentes Históricos**

Antes do surgimento do comunismo na Rússia, houve várias figuras que, em diversos países, promoveram essa doutrina política. Foi advogada por François Babeuf (1760-1797), durante a Revolução Francesa. Por isso, por algum tempo essa doutrina política foi conhecida por *babouvismo*. Antes mesmo dele, foi expressa por Sir Thomas More, em sua *Utopia*, na primeira metade do século XVI. Isso tornou-se a base de uma teoria política idealista e pacífica, na obra de Êtienne Cabet, *Voyage en Icarie*, 1840. Porém, as idéias de um comunismo *revolucionário* podem ser traçadas a partir da Revolução Francesa, conforme dissemos acima. Foram as crenças políticas de Babeuf, de que essa revolução seria seguida ainda por uma outra, que emanciparia o proletariado, que deram forças a essa doutrina. Tal noção foi propagada por Luis Auguste Blanqui, entre 1836 e 1849, em sociedades secretas em Paris, e foi então que o termo COMUNISMO foi cunhado. Os operários foram exortados a se rebelarem, estabelecendo uma ditadura com a finalidade de reorganizar a França segundo moldes comunistas.

**5. Marx e Engels**

A fundação teórica do comunismo moderno foi lançada pelos alemães Karl Marx (que vide) e Friedrich Engels, em seu *Manifesto Comunista*, de 1848. Eles aproveitaram as idéias que já haviam sido expostas e misturaram-nas com a noção hegeliana da tese, antítese e síntese, mediante o que predisseram que o processo histórico finalmente produziria um estado comunista mundial. O processo seria como segue: O estado original da antiga utopia comunista cederia lugar à escravidão segundo a qual alguns homens tornavam-se propriedade de outros. O feudalismo medieval modificaria e melhoraria um pouco a situação. O próximo passo evolutivo foi quando o capitalismo modificou o feudalismo. Então o socialismo modificou o capitalismo. Finalmente, o comunismo supostamente veio a substituir tanto o socialismo como o capitalismo, como a síntese final. De acordo com a teoria de Marx, esse processo dialético é determinado mormente por fatores econômicos, o que significa que temos um materialismo determinista e dialético. O capitalismo funciona com base na exploração dos trabalhadores, de tal modo que o proprietário se enriquece à custa do trabalho dos operários. Essa contradição moral, segundo o comunismo, condena o sistema, porquanto resulta na miséria do trabalhador. O que não foi antecipado foi que o mesmo operário está condenado a *permanecer* em sua miséria pela ausência de competição, inerente ao comunismo, o que rebaixa as taxas tanto de produção quanto de qualidade. Um outro fator que não foi considerado é o espiritual. Enquanto o homem continuar sendo o que é, se não experimentar a regeneração moral, sempre haverá de trabalhar e produzir melhor se puder fazê-lo impulsionado pelo *auto-interesse*, e não motivado por um vago ideal do bem-estar comum. Atualmente, o comunismo está reconhecendo a natureza egoísta geral do homem, injetando em sua sociedade o motivo impulsionador do lucro. Em outras palavras, estamos contemplando o espetáculo de um comunismo modificado pelo capitalismo! Isso foi algo que os teóricos originais do comunismo não haviam antecipado. Mas qualquer teólogo cristão poderia ter antecipado o fenômeno, com base no que se sabe sobre a natureza humana. Um outro ideal comunista diz que a ditadura formada para garantir a aplicação da idéia, haveria de ir-se dissolvendo, de tal modo que uma verdadeira ditadura do proletariado tomaria o seu lugar. Isso ainda não sucedeu em qualquer estado comunista. Aqueles que conservam as rédeas do poder, nos países comunistas, adiam indefinidamente a decisão, dizendo que as massas ainda não estão prontas para se autogovernarem. Em vez disso, as mais brutais ditaduras, que ignoram os direitos humanos, operam em nossos dias por causa do comunismo. Além disso, os políticos comunistas indagam se esse ideal final da ditadura do proletariado é mesmo desejável. A classe operária será capaz de dirigir o estado?

*A questão da miséria*. É uma miséria alguém ser pobre; e é mister admitir que a esmagadora maioria das classes trabalhadoras vive na pobreza. Porém, maior ainda é a miséria do indivíduo quando lhe falta a liberdade individual. E o pior estado de todos é o estado de pobreza espiritual. O comunismo tem promovido aberta e ativamente essa pior forma de miséria, reprimindo e perseguindo a Igreja e proibindo a liberdade religiosa.

**6. O Comunismo e a Igreja**

**a. A Experiência de Jerusalém.** O trecho de Atos 2:44 *ss*, mostra-nos que a igreja de Jerusalém passou por uma experiência de comunhão de bens, voluntária, por razões econômicas. A pobreza extrema dos cristãos judeus, devido à perseguição religiosa e a fome, forçaram esse estado de coisas. Porém, não há qualquer dogma, no Novo Testamento, no sentido de que a experiência deveria ser universal, compulsória e permanente. Antes, foi uma medida em momento de crise, e não a concretização de alguma teoria política. A maior parte dos comentadores da Bíblia pensa que essa experiência fracassou. A Bíblia também não diz isso; mas o fato é que as igrejas gentílicas, fora de Jerusalém, não

adotaram a prática. E, até mesmo entre os judeus cristãos de Jerusalém, a experiência era voluntária. Além disso, foi efetuada em meio à mais total liberdade religiosa, e, em segundo lugar, tinha por finalidade a inquirição pela espiritualidade. Por causa desses elementos, é impossível usarmos esse episódio como antecedente para um sistema ateu, que persegue à Igreja cristã. Alguns dos primeiros pais da Igreja pensaram que a experiência de Jerusalém poderia ser reiterada em outros lugares; e várias seitas hereges fizeram a tentativa. Mas, o grupo maior de cristãos pensou ser mais acertado não adotar a prática.

**b. Estabelecimentos Religiosos Comunistas.** A história revela um número bastante elevado de grupos, muitos deles com alguma espécie de profissão cristã, que experimentaram um estilo de governo comunista. A maior parte desses grupos tem salientado a comunhão de bens entre seus membros, tendo organizado comunidades segundo os ideais comunistas. Usualmente, porém, não têm feito qualquer modificação nos campos da família e da religião, permitindo que as relações sexuais sejam regulamentadas pelos valores bíblicos e tradicionais, e não tentando impor o ateísmo.

*Os Maniqueus do Século III D.C.* Eles consideravam que as possessões particulares eram uma corrupção, em si mesmas, pelo que desfrutavam de tudo em comum. Os *beneditinos*, do século VI D.C., foram a primeira ordem monástica a reintroduzir o comunismo no cristianismo ortodoxo. Os *anabatistas*, durante a Reforma Protestante alemã no século XVI, seguiam a vida comunitária. Os *jesuítas*, no Paraguai, entre 1602 e 1767, quando foram expulsos da Espanha, tinham uma forma de vida comunista em suas comunidades. Eles cultivavam «os campos comuns de Deus» e recebiam partilhas privadas de bens materiais, de acordo com suas necessidades. Nessas comunidades estavam envolvidos cerca de cem mil índios, distribuídos em cerca de trinta comunidades agrícolas.

**Vários grupos cristãos**, considerados hereges por alguns, como os *waldenses*, os *albigenses* e os *cátaros* (que vide), seguiram o ideal comunista. Também houve a seita *apostolicana* de Alanzo, na Itália e na França, os *beghards* da França e da Alemanha, os *lolardos* da Inglaterra, a *Sociedade Holandesa de Vida Comum*, os *taboritas* boêmios e os *irmãos* morávios.

Um bom número de comunidades dessa ordem chegou a existir nos Estados Unidos da América, como os *labadistas*, no estado de Maryland, cujo fundador foi um padre jesuíta. Essa colônia praticava um ascetismo extremado (que vide), quanto às questões sexuais, opunha-se à escravatura e ao uso do tabaco; mas, por questões de sobrevivência econômica, finalmente acabou aceitando ambas essas práticas. Um de seus líderes de época posterior tornou-se um capitalista, subordinando o bem comum aos seus interesses particulares, e faleceu como homem riquíssimo. A natureza humana nunca deixará de manifestar-se.

George Rapp, um pietista luterano, formou um grupo de separatistas, que chegou a contar com cerca de duzentas famílias. Foram perseguidos, de tal forma que Rapp e seu grupo mudaram-se para o solo norte-americano. A colônia estabeleceu-se em Butler County, no estado da Pennsylvania, e prosperou. O próprio Rapp continuou em sua séria inquirição religiosa. Porém, o movimento desintegrou-se na época de seus sucessores, tendo-se dissolvido totalmente em 1906. Os *amaritas* foram uma outra seita de vida comunal, um grupo de pietistas alemães que emigrou para os Estados Unidos da América. Eles organizaram-se como a Sociedade Ebenezer e se estabeleceram no estado de Nova Iorque. Alguns canadenses vieram juntar-se a eles. Levavam uma vida simples e austera, com muitas práticas ascéticas; mas, com o tempo, essas práticas foram abandonadas. Além disso, o movimento se foi secularizando. Em 1932, o grupo reorganizou-se como uma companhia de ações, cujos acionistas eram tanto os proprietários quanto os empregados. O movimento começou sendo semicapitalista, o qual existe até hoje. Outras comunidades formaram-se em Betel, no estado de Missouri, e em Aurora, no estado de Oregon, com imigrantes alemães. Em Bishop Hill, estado de Illinóis, formou-se uma colônia comunal luterana, com base em imigrantes escandinavos. Eles sofreram muitas dificuldades. Então, em cerca de 1848, muitos abandonaram o grupo, visto que o líder do grupo, na época, Eric Jansen, afirmava ser a reencarnação de Jesus Cristo. Finalmente, Jansen foi assassinado, e, quando ele não ressuscitou ao terceiro dia, conforme seus seguidores esperavam, muitos ficaram totalmente desiludidos. Contudo, o grupo arrastou-se até 1862. Houve também as comunidades dos *Shakers*, que tomaram o nome de Sociedade Unida dos Crentes na Segunda Vinda de Cristo. O fundador do grupo foi a mãe Ana Lee (1736-1784), que muitos aceitavam como uma reencarnação de Cristo. A seita originou-se entre alguns quacres ingleses. Seguindo visões da fundadora. a seita estabeleceu-se e floresceu no estado de Nova Iorque, e, finalmente, em outros estados norte-americanos. Eles obtiveram sucesso econômico, chegando a contar com seis mil membros, em 1840, exercendo até mesmo alguma influência na política norte-americana. No entanto, atualmente a seita praticamente desapareceu. As fraternidades das comunidades *huteritas* foram fundadas por Jacot Huter, um menonita do começo do século XVI (que vide). Eles emigraram da Alemanha e da Rússia e estabeleceram-se em South Dakota, nos Estados Unidos da América. Alguns deles entraram no Canadá, em 1917. A colônia ainda existe. mas o seu número tem sido grandemente reduzido. Eles se abstinham de toda a tentativa de lucro, de usura e de todas as atividades políticas, além de serem pacifistas.

**O Comunismo Mórmon.** Joseph Smith (que vide) dizia ter recebido uma visão que ordenava aos seus seguidores que consagrassem todas as suas propriedades para que fossem gerenciadas por ele; e então cada indivíduo tornar-se-ia um cooperador. Em resultado disso, formou-se a *Ordem Unida de Enoque*, tendo operado, no começo, no condado de Thompson, estado de Ohio, e no condado de Jackson, no estado de Missouri. Porém, a perseguição expulsou-os dali. Quando eles se estabeleceram no estado de Utah, várias comunidades tentaram praticar os princípios da Ordem Unida. Mas, simplesmente isso não funcionou bem em Utah; e, após uma experiência de dez anos, a idéia foi abandonada e as propriedades foram distribuídas entre os membros. O movimento nunca progrediu muito entre os mórmons, e, em nossos dias, esse grupo é radicalmente anticomunista. Um certo número de seitas de importância secundária também desenvolveu-se nos Estados Unidos da América; e a Alemanha tem tido uma longa história de tais seitas, que se têm derramado, até certo ponto, para outros países europeus. Conferi os detalhes acima para mostrar que o ideal comunista tem exercido alguma influência, mas muito mais entre os

grupos heréticos, que se têm separado de outros grupos religiosos, mas nunca em qualquer grande denominação cristã.

**c. A Teologia da Libertação.** O movimento comunista sempre foi ínfimo na Igreja cristã, e sempre se manifestou-se em grupos separatistas, secundários. No entanto, não ocorre o mesmo no caso da Teologia da Libertação, que vai obtendo ímpeto nos países latino-americanos e até mesmo na Europa. Alguns estudiosos supõem que a ameaça representada por esse movimento, contra a Igreja, sobretudo contra a Igreja Católica Romana, é maior do que aquela representada pela Reforma Protestante. Portanto, se o ideal comunista tem exercido alguma influência sobre o pensamento cristão, através de sua história, agora essa influência é mais definida, e vai-se agigantando. O leitor pode consultar o artigo separado sobre esse tema, quanto a detalhes mais completos. Talvez não exista nenhum outro problema isolado tão grande, para a Igreja Católica Romana, como a influência que vem sendo exercida por esse movimento teológico. Conforme declarou o papa João Paulo II, a Teologia da Libertação na realidade é a secularização da teologia.

**7. O Comunismo e a Ética**

A base abertamente declarada de toda a ação ética, dentro do sistema comunista, é a base material e econômica. Ao assim dizer, naturalmente estou olvidando aquelas formas que têm sido praticadas por pessoas religiosas que não representam o comunismo político, internacional. A base ética do comunismo internacional é certa forma de humanismo materialista. Assim sendo, devemos entender, desde o começo, que nem Deus e nem a alma humana são centrais para esse sistema. De acordo com essa ética, temos a presunção de dizer que o cristianismo é aliado das classes exploradas. Isso tem sido declarado até mesmo por padres e bispos da Igreja Católica Romana que são os propugnadores da Teologia da Libertação. Outrossim, a religião, de modo geral, é chamada de «ópio do povo», é considerada um empecilho para o avanço do sistema comunista. Todos os sistemas éticos são encarados como sistemas que promovem os interesses especiais de grupos, e as mudanças de classes só ocorrem mediante a luta de classes. Os padrões éticos dominantes em qualquer período histórico são aqueles defendidos pelas classes privilegiadas. No campo da ética, tanto quanto no campo da teoria histórica, estaria em operação a dialética hegeliana com sua tese, antítese e síntese. Portanto, novas sínteses produzem a percepção de uma ética superior. E assim, no comunismo acredita-se que somente no triunfo do mesmo poderemos atingir a perspectiva ética apropriada. Porém, no que consiste essa perspectiva, se for algum dia atingida? Ela está baseada na prosperidade material das massas. Para o comunismo, não há nenhum Deus que estabeleça as regras éticas, e não há qualquer alma humana a ser julgada ou recompensada de acordo com a sua conduta, após a morte biológica. Indago: Toda essa luta na vida tem algum valor se, no fim de tudo, o que ganhamos é apenas mais riquezas materiais, somente para morrermos após alguns breves anos, perdendo tudo quanto se ganhou em meio a tantos esforços? Esse *pouco* justifica o terrorismo, as guerras e as perseguições, que se têm feito em nome do comunismo?

*O que dizer sobre a luta de classes?* Quando examinamos o que realmente sucede no comunismo, vemos claramente que uma nova classe substitui a antiga classe dominante. Essa nova classe é a dos chefes do partido, que usam de tirania, abusam dos direitos humanos e lançam mão do homicídio para impor-se. O comunismo não obtém uma sociedade sem classes. Bem pelo contrário, o comunismo é a forma mais bem-sucedida de fascismo. Essa nova classe dominante é apoiada pelo poder militar. Qualquer resistência aos chefes do partido não somente produz reprimenda, mas também repressão mediante períodos de encarceramento, de exílio e até mesmo confinamento em hospitais psiquiátricos. A liberdade pessoal, essencial em qualquer sistema ético, simplesmente desaparece.

*O lema de Karl Marx.* Disse ele: «De cada um segundo a sua habilidade, a cada um segundo a sua necessidade». Esse é um alvo desprezível. Há um Deus que dá ricamente aos homens, através de Jesus Cristo (Efé. 1:3), e é nisso que consiste o evangelho. Há uma evolução espiritual, baseada na transformação ética, a qual nos torna participantes da natureza divina, e não meramente a uma melhor participação no que este mundo material pode suprir-nos. Essas declarações poderão ser consideradas «ingênuas» por alguns; mas a própria ciência está produzindo evidências convincentes acerca da existência da alma e sua sobrevivência ante a morte física. O momento da morte reveste-se de alto significado *espiritual*, quando a ética, a fé e a teologia operam poderosamente. Ver o artigo sobre *Experiências de Quase Morte*, quanto a demonstrações acerca disso.

**8. O Comunismo e os Mártires.**

Penso que é útil salientarmos, neste ponto, que o comunismo tem produzido mártires cristãos em maior número que qualquer outro sistema político da história. As matanças, por motivos religiosos, que têm tido lugar na Rússia, na China e nos países asiáticos, são espantosas. No entanto, alguns oficiais cristãos de países não comunistas, em nossos dias, estão apelando para esse sistema, como guia sobre como devem conduzir sua ética e suas atividades. Isso envolve uma cegueira quase inacreditável. E também devemos pensar nas perseguições que não terminam em assassinato. A liberdade pessoal de muitos indivíduos é tolhida, a liberdade de imprensa é destruída, igrejas cristãs são fechadas ou restringidas em suas atividades. Escolas evangélicas e cristãs em geral são simplesmente eliminadas, e as crianças são forçadas a receber doutrinamento comunista ateu, sem qualquer voz de protesto, a não ser aquela que se processa nos lares, em secreto. O próprio frade Leonardo Boff, o padre e teólogo brasileiro criador da Teologia da Libertação, disse em Campinas, em 1985, que ele não queria ver o Brasil tornar-se um país comunista. Tudo quanto ele quer é tomar por empréstimo alguns discernimentos extraídos dos dogmas comunistas, referentes à teoria política e social. Ele não quer um Brasil comunista, por tudo aquilo que esse sistema faz à liberdade pessoal e à liberdade religiosa. No entanto, ele tem se esforçado vigorosamente para aproximar o Brasil do comunismo mediante sua influência, no seio da Igreja Católica Romana e fora dela. Um grande número de pessoas que dão apoio ao padre Boff também dão apoio ao comunismo, no Brasil.

**A Igreja cubana e o comunismo** — Uma Ilustração

Fidel Castro destruiu a Igreja Católica em Cuba. Em 1958, havia 90% de cubanos batizados, numa população de 10 milhões. Hoje a porcentagem é de 39%. Em 1958, 24% dos católicos praticavam ali a religião, indo à missa aos domingos. Hoje esta prática tombou a 0,5% e vai descendo sem cessar. Em Cuba

havia, em 1958, algumas centenas de colégios católicos. Hoje não resta um só. Havia, em 1958, mais de 700 sacerdotes. Hoje há 211. Em 1958, a Igreja cubana dispunha de jornais, revistas, emissoras de rádio e programas de TV, para difundir a fé. Hoje tudo isto lhe foi arrebatado violentamente. Desde 1961, Castro ignorou os bispos cubanos e se recusou a recebê-los. O gelo só rompido em setembro de 1985, e uma segunda visita já teve lugar em novembro de 1985, porque agora é o «degelo da simpatia tática». Durante 25 anos, toda a infância e juventude cubanas, privadas de ensino religioso (a não ser dentro dos templos, e sob o controle do Partido) foram endoutrinadas, encharcadas de materialismo e de marxismo. Agora, Castro quer entender-se com a Igreja — com uma pobre Igreja totalmente marginalizada da sociedade. Da qual tudo nos levaria a dizer que está moribunda, se não soubéssemos que, quanto à Igreja de Cristo, «suas portas nunca se fecharão» (Apoc. 21:25). *O Estado de SP*, 26 de jan. de 1986.

A Revolução Cubana produziu dez mil execuções, a detenção de 90 mil pessoas em campos de concentração e a fuga, para Miami, de 500 mil cubanos (aos quais se juntaram os 125 mil que se haviam refugiado, antes, na Embaixada do Peru em Havana. Isto aconteceu em 1980, portanto não há muito tempo). Todavia, as execuções sumárias, conforme documento do chamado Comitê Cubano de Defesa dos Direitos Humanos, prosseguiram em 1984 e 1985, enquanto os julgamentos de crimes políticos permanecem clandestinos, precedidos de torturas, e mantendo-se ainda o antigo costume de reter os condenados políticos na prisão mesmo após a expiação de suas penas. Amigos e familiares de pessoas recém-detidas correm riscos ao tentar descobrir seus paradeiros. E, nas prisões cubanas, a situação, como antes, é também agora extremamente deplorável. Citam-se casos em que o pessoal médico participa de sessões de tortura, havendo sérias suspeitas de que se realizam experiências médicas em prisioneiros sem seu consentimento. O escritor e poeta Armando Valladares qualificou, aliás, as prisões cubanas de «Gulag das Américas», afirmando que a tortura é ali praticada, sistematicamente, como meio de forçar os detentos a aceitar o comunismo. Os prisioneiros políticos que resistem à mudança — conhecidos como *plantados* — são enquadrados como presos comuns, tornando-se alvo de abusos especiais. (O Estado de São Paulo, de 15 de fevereiro de 1986).

**9. Os Serviços do Comunismo**

Haveria alguma coisa no comunismo que poderíamos usar de modo proveitoso? Naturalmente, sim. Em primeiro lugar, não deveríamos permitir que esse sistema político pense que é dono dos pobres. E a oposição ao comunismo deveria forçar os homens de todos os lugares a buscarem melhores soluções para a pobreza. Também não deveríamos esquecer que, a despeito de todas as falhas da Igreja Católica Romana, ela tem prestado bons serviços aos pobres, mediante hospitais, orfanatos e escolas de todas as modalidades. Ela não merece todas as críticas que lhe são dirigidas. Ademais, consideramos o seguinte: Deve haver uma maneira de servirmos aos pobres, aprimorando as condições deles, sem alguma luta de classes que promova o ódio, o conflito e as matanças. Deve haver alguma maneira melhor de servirmos aos pobres além de dizer-lhes que tudo quanto eles podem almejar é a melhoria nas condições materiais. Que dizer sobre as riquezas da alma? Um homem não é rico em vista daquilo que possui, mas em vista daquilo que ele é. Somente Deus, operando na alma humana, pode infundir valor em um homem. Ninguém faz um homem pobre tornar-se verdadeiramente rico cercando o seu corpo físico de confortos, ao mesmo tempo em que lhe sufoca a alma. Isso posto, a própria existência do sistema comunista alerta-nos para o fato de que o capitalismo explora, que os proprietários são egoístas, que muitas pessoas são economicamente oprimidas. Esses são fatos sem os quais o comunismo nunca teria vindo à existência. Os governos também são egoístas e são agências exploradoras; pois, de outra sorte, ninguém se revoltaria contra eles. Nem tudo é bom, simplesmente por não ser comunista. Finalmente, há líderes comunistas que interessam-se genuinamente pelo bem-estar dos homens. Convém que imitemos o zelo deles, dedicando-nos mais intensamente à nossa fé e às coisas a que essa fé nos inspira.

**10. O Comunismo e a Tradição Profética.**

Os comunistas têm a certeza de que Hegel (adaptado segundo a maneira de pensar do comunismo) disse o que sucederá no futuro: o mundo inteiro terminará aceitando os ideais do comunismo! Mas, o que a *tradição profética* assevera? a. O conflito entre o comunismo e as forças que lhe fazem oposição não terminará com a vitória do comunismo. Antes, terminará em devastadora destruição para ambos os lados em luta. As grandes potências comunistas não triunfarão e governarão, afinal. Antes, serão destruídas por aqueles que tiverem destruído, em uma destruição mútua. b. Primeiramente, os Estados Unidos da América e a União Soviética quase aniquilar-se-ão mutuamente. A China levantar-se-á maciçamente em armas. Então o anticristo, com sua aliança de países ocidentais, enfrentará os chineses e os derrotará. c. Dentre as cinzas, para surpresa de todos, *Israel*, uma vez convertida ao cristianismo, tornar-se-á a cabeça das nações. d. Jerusalém será a nova capital da civilização, tal como Roma o foi, até o fim da Idade Média. O centro da Igreja cristã voltará a orbitar em torno de Jerusalém. e. Seguir-se-á uma notável era de prosperidade, com base em princípios espirituais, e não materialistas. Isso significa que a própria filosofia que deu origem ao comunismo desaparecerá, e ideais muito superiores e verdadeiros tomarão o lugar do comunismo e de todos os sistemas de governo que têm tido a chance de atuar e têm fracassado. Estamos falando sobre o governo de Jesus Cristo na terra, durante o milênio. (AM BE E H JL P)

## COMUTAÇÃO DA PENITÊNCIA

Essa expressão indica a alteração da penitência prescrita (que vide), usualmente mediante o abreviamento do período da disciplina, com a intensificação correspondente da mesma, mas, às vezes, com a total liberação da penitência. Naturalmente, estamos falando sobre a doutrina da Igreja Católica Romana. (E)

## CONA

Esse é o nome de uma cidade mencionada em Judite 4:4. Nas traduções dos livros apócrifos, seguindo um texto diferente, aparece como o nome de uma vila. Todavia, o local é desconhecido.

## CONANIAS

No hebraico, «Yahweh está fundando». Há dois homens com esse nome, no Antigo Testamento, a saber:

1. Nome do principal oficial e levita, que

administrou as coletas feitas durante o reinado de Ezequias (II Crô. 31:12,13). Há uma certa confusão textual no tocante ao seu nome, e aparecem variantes, como *Jeconias*.

2. Um líder levita que esteve associado à administração do rei Josias (II Crô. 35:9).

## CONATO

Esse adjetivo vem do verbo lat. **conari**, «tentar». O vocábulo refere-se ao desejo inato ou impulso para realizar alguma coisa. Na filosofia de Spinoza, todas as coisas são assistidas por esse impulso, que é o desejo de qualquer criatura de perpetuar a sua espécie. Ver o artigo sobre *Spinoza*.

## CONCEIÇÃO IMACULADA

Ver **Imaculada Conceição**.

## CONCEITO

Vocábulo derivado das palavras latinas *con*, «junto», e *capere*, «agarrar» ou «amansar»; em outras palavras, uma *idéia* (que vide) distinguida de uma percepção (que vide) ou de uma sensação (que vide). O termo percepção usualmente é empregado para indicar a união das sensações com as percepções. No uso real, é difícil distinguir entre percepção e conceituação. *Locke* faz a conceituação ser mais geral do que a percepção. Hume torna a conceituação mais vívida que a percepção. Kant interpreta a conceituação como *esquemas*. Para ele, as funções da lógica e da matemática são instâncias da interpretação de conceitos como esquemas de vários tipos.

Um *conceito* é aquilo a que uma pessoa chega quando entende ou é capaz de usar alguma porção de seu idioma, de maneira útil. Os critérios que nos permitem averiguarmos se chegamos a um conceito podem ser simples ou complexos. Uma criança, após ter visto cães de várias raças ou variedades, pode dizer «cão»; porque já chegou ao conceito de que é um cão. Mas um cientista, ao definir o conceito de «cão», pode chegar a escrever diversos volumes sobre o assunto.

*O Conceito e a Intuição*. Henri Bergson recebeu importante discernimento sobre a natureza do conceito em contraste com a natureza da intuição. Ele deu-nos a metáfora da fonte de água. A *intuição* assemelha-se a uma fonte que jorra água no espaço, como se fosse um ser vivo. O *conceito* é como a água que retornou ao solo, e se estagnou como uma poça. A intuição é viva, sempre procurando novos modos e aplicações. O conceito é um item fixo do conhecimento, que se tornou parte integrante de um sistema. Isso se aplica às mil maravilhas aos credos da fé religiosa. Esses credos estão freqüentemente contidos sob a forma de conceitos estagnados, que não podem ser revistos e nem aprimorados. Mas o Espírito é um ser vivo, sempre crescendo e renovando. (E F P)

## CONCEITUALISMO

Esse é um termo que expressa uma posição particular no tocante aos *universais* (que vide). Para que o leitor entenda melhor a questão, preciso fornecer-lhe as idéias básicas. No que consistem os universais? Alguns dizem que é apenas um termo da linguagem. Por exemplo, *vermelho* é termo que uso para certa classe de cor. *Quadrado* é o termo que uso para indicar certa classe de configuração geométrica. *Justiça* é um termo que uso para descrever as ações corretas. Quando o universal é apenas um termo, temos o *nominalismo* (que vide). Porém, digamos que o universal, na realidade, seja uma *entidade*, ou um atributo de uma entidade. A *justiça* pode ser personificada e pode ser chamada de Deus, ou podemos dizer que a justiça é um dos atributos de Deus. Platão idealizava um mundo de idéias ou de universais, onde existiriam entidades de alguma espécie, que seriam os arquétipos de todas as coisas que conhecemos no mundo físico. Quando o universal é uma realidade, quando é real em si mesmo, e não meramente um termo qualquer da linguagem, ou um nome, então temos o *realismo* (que vide). Em outras palavras, o universal é alguma coisa real, e não apenas um termo que usamos para criar classes de coisas. A forma platônica do realismo é chamada de *realismo radical* porque os universais existem em si mesmos, isto é, possuem existência independente. Nas obras de Aristóteles, temos aquilo que se chama de *realismo moderado*, pois, enquanto o universal é real, nunca se encontra isolado. Sempre encontra-se nos particulares, isto é, nos objetos materiais. O *vermelho* é real, mas não é algo que exista independentemente do objeto dessa cor. Sócrates, por sua vez, pensava no universal como um *conceito* da mente divina ou universal. Dentro do cristianismo, podemos dizer que a justiça é um *conceito* da mente divina. Isso faz a justiça ser muito mais que um termo da linguagem humana. Quando um universal é chamado de conceito, quer da mente humana, quer da mente divina ou universal, então temos o *conceitualismo*. Os conceitos são universais e existem nas mentes, mas não possuem existência independente. Os filósofos que têm promovido o conceitualismo são: Sócrates, Abelardo, Tomás de Aquino, Hugo de São Vítor, João de Salisbury, Locke, Berkeley, Reid, Kant, John Stuart Mill. O cristianismo expressa tanto o realismo radical quanto o conceitualismo, que não se anulam mutuamente. (B E F P EP)

## CONCÍLIO

A palavra latina **consilium** significa «assembléia», «ajuntamento». O termo grego, usado no Novo Testamento, é *synedrion*, que significa «estar sentado com», e que é empregado por vinte e duas vezes, de Mat. 5:22 a Atos 24:20.

1. *O Concílio Celestial*. Deus é freqüentemente descrito na Bíblia como quem entra em concílio com as hostes celestiais (Jó 15:8; Sal. 89:7; Jer. 23:18; Amós 3:7). Apesar de que poderíamos encarar essas declarações como expressões poéticas, quando aplicadas a Deus, elas são instrutivas porque se referem à Mente divina que põe em ordem todas as coisas, e diante da qual todos os homens são tidos por responsáveis. A existência de todas as coisas, bem como a continuação das mesmas, depende dessa organização, traçada e mantida por Deus (Col. 1:16,17).

2. *Os Conselhos dos Reis*. Em português, fazemos a distinção entre «concílio», sempre com um sentido eclesiástico, e «conselho», que é seu paralelo no mundo político e administrativo. Na antiguidade, os reis tinham seus conselhos, formados por conselheiros e nobres. Os membros desse conselho tinham o privilégio de ver sua face sempre que necessário, isto é, podiam entrar em contacto com ele, sem terem de marcar audiência prévia (II Reis 25:19; Jer. 52:25).

3. *O Sistema Judaico dos Concílios*. O tribunal superior judaico era o *Sinédrio* (que vide). Esse tribunal ficava em Jerusalém. Mas também havia as *sunedria*, ou seja, os tribunais locais (Mat. 10:17; Mar. 13:9). Havia dois desses tribunais locais em Jerusalém, e um em cada cidade de Israel. Mas, como funcionavam esses tribunais locais, e quantas pessoas estavam envolvidas nos mesmos, é algo sobre o que não há informações. Provavelmente esses detalhes

eram variáveis. O número de juízes era de vinte e três, nos lugares onde a população era de cento e vinte para cima; e de três, quando a população era inferior a isso. Mishna, *Sanhedr.* I, seção 6. Josefo, porém, refere-se a cifras diferentes, ao dizer que Moisés nomeara sete juízes, cada um dos quais contava com dois levitas como assessores (Deu. 16:18; *Anti.* 4:8, seção 14). Josefo (*Guerras* 2:20, seção 5) informa-nos, igualmente, que sete era o número de juízes para os casos de crimes leves.

No Novo Testamento, qualquer grupo de pessoas reunidas para tratar de alguma questão específica é um *sumboulion* (concílio), como no caso daqueles que conspiraram contra Jesus (Mat. 12:14). Festo, o procurador romano em Cesaréia, consultou-se com um conselho, para concluir sobre o que faria com o prisioneiro Paulo. A maior parte das referências do Novo Testamento é ao sinédrio, o tribunal superior, que consistia em setenta membros, sob a presidência do sumo sacerdote.

## CONCÍLIO DE JERUSALÉM

Esse primeiro concílio da Igreja cristã, que muitos estudiosos aceitam como o único realmente autoritário, por contar com a presença dos apóstolos, ocorreu em 48 ou 49 D.C. O relato está registrado no décimo quinto capítulo do livro de Atos. Embora ali não apareça a palavra grega correspondente, *sunédrion*, aparece o fato em si.

*Esboço*:

1. Motivos
2. Atos 15 e Gálatas 2:1-10
3. Provisões do Concílio de Jerusalém

### 1. Motivos

A Igreja cristã começou como um grupo religioso judaico, que observava, essencialmente, leis e costumes judaicos, e que estava começando a sofrer o influxo de membros gentios, por causa da missão gentílica da Igreja primitiva. Não havia como reconciliar o estilo pagão de vida, mesmo quando refinado pela fé cristã, ao caminho judaico cristão. Não podemos olvidar que os convertidos à fé cristã, em Jerusalém, apesar de reconhecerem Jesus como o Messias, e sabendo que um novo movimento religioso estava começando, não viram razão alguma para abandonarem seus costumes religiosos, alguns dos quais reputavam como importantíssimos. Muitos cristãos primitivos, assim sendo, continuaram crendo que a circuncisão era necessária à salvação (Atos 15:5). Esse mesmo versículo mostra-nos que muitos fariseus (que vide) convertidos ao cristianismo, vieram a fazer parte da liderança da Igreja cristã primitiva. O problema tratado pelo primeiro concílio cristão consistiu, portanto, em determinar quanto do judaísmo os convertidos gentios ao cristianismo precisavam observar, a fim de que não se rompesse a concórdia entre convertidos gentios e convertidos judeus.

### 2. Atos 15 e Gálatas 2:1-10

Alguns estudiosos pensam que aqueles versículos da epístola aos Gálatas aludem aos acontecimentos retratados em Atos 15, embora Paulo não tivesse observado precisão cronológica. Mas, segundo esses intérpretes, mesmo assim Paulo teria aludido a aspectos do primeiro concílio da Igreja cristã. Mas outros eruditos pensam que aquela passagem da epístola aos Gálatas deve ser associada à visita da fome, feita por Paulo a Jerusalém, registrada em Atos 11:30. Isso significaria que quando Paulo escreveu a epístola aos Gálatas, ainda não havia tido lugar o concílio de Jerusalém. Isso parece ser confirmado pelo fato de que, em seu debate com os judaizantes, Paulo poderia tê-los esmagado mediante a simples evocação às decisões do concílio de Jerusalém, claramente contrárias às pretensões dos líderes judaizantes, e, no entanto, não o fez. Sem importar qual tenha sido a seqüência exata dos acontecimentos, aquela passagem na epístola aos Gálatas fornece-nos o discernimento para perceber as lutas pelo poder e as transigências que ocorreram na Igreja, ocasionadas pela entrada de convertidos gentios no cristianismo primitivo. A narrativa do livro de Atos, por sua vez, ignora essencialmente a severidade do conflito, nada nos adiantando sobre o choque entre Paulo e Pedro. A epístola aos Gálatas, de 2:11 até o fim, revela-nos que certos conflitos persistiram, apesar de acordos prévios. Portanto, de nada nos adianta tentar minimizar a controvérsia legalista, que houve na Igreja cristã primitiva. A questão era importante e manteve-se ativa por muito tempo, mais do que poderíamos compreender se contássemos apenas com o livro de Atos como fonte informativa. Exatamente por esse motivo, era urgente que houvesse um concílio. Vários delegados reuniram-se, incluindo aqueles da igreja de Antioquia, liderados por Paulo e Barnabé. Os apóstolos e anciãos da igreja de Jerusalém estavam presentes.

### 3. Provisões do Concílio de Jerusalém

Houve um acirrado debate. Mas Paulo, em seu apelo pela legitimidade da Igreja cristã gentílica, obteve a vitória essencial, ainda que não em todos os pormenores da questão. O próprio Tiago, pastor ou bispo de Jerusalém, foi retratado a reconhecer a obra de Deus entre os gentios, citando trechos bíblicos apropriados do Antigo Testamento, em apoio ao ponto (Amós 9:11,12; Jer. 12:15). Foi Tiago quem concluiu, mostrando quais deveriam ser as conclusões, e dirigindo a redação de uma carta que deveria propagar por todo o mundo cristão as decisões do concílio.

**Provisões.** a. Os gentios convertidos não deveriam ser considerados sujeitos à legislação mosaica, como condição de salvação ou como condição de fraternidade na Igreja cristã (Atos 15:19). b. Paulo e Barnabé foram reconhecidos como autênticos ministros cristãos, daí derivando-se a legitimidade da missão cristã entre os gentios (Gál. 2:9,10). c. *Proibições religiosas.* Toda a contaminação idólatra precisava ser evitada (Atos 15:20a), incluindo a ingestão de alimentos oferecidos aos ídolos (Atos 15:29). d. *Proibições morais.* Todas as formas de imoralidade foram proibidas (vs. 20b). e. *Proibições higiênicas.* Os crentes foram aconselhados a absterem-se de comer carnes de animais sufocados ou mortos de maneira indevida (Atos 15:20c). Os pagãos consideravam que a carne preparada em seu próprio sangue, além de vários pratos preparados com sangue, eram deliciosos. No Brasil temos o famoso «sarapatel» que, quando preparado segundo a receita, sempre inclui sangue. Ora, isso parecia ofensivo para os judeus, pelo que a proibição foi incluída na carta. f. *Proibições civis.* A abstinência de toda a forma de violência, crueldade, homicídio, assassínio, levantes, etc., tão comuns no mundo gentílico da época (Atos 15:20d). Isso não deve ser confundido com o sangue como parte dos alimentos. A abstenção que temos aqui, quase certamente, é uma alusão às diversas formas de violência. O texto grego ocidental diz «derramamento de sangue». Essa variante, embora uma interpretação, provavelmente expressa corretamente a idéia envolvida.

Essas provisões foram reduzidas à forma escrita, e então enviadas às igrejas gentílicas por meio de

delegados de confiança, a fim de que as decisões do concílio fossem implementadas entre as igrejas cristãs gentílicas. A história subseqüente demonstrou que esses atos e provisões não solucionaram definitivamente o problema. Muita luta continuou agitando a Igreja cristã por causa dessas questões. A transição do judaísmo para o cristianismo não se fez suavemente. Além disso, conforme podemos perceber, muitas das provisões do concílio de Jerusalém tiveram o intuito de agradar aos judeus convertidos, mormente os pontos ligados a questões alimentares. No entanto, outras dessas provisões têm cunho eminentemente moral, pelo que são importantes para a espiritualidade. Ver os artigos sobre *Judaizantes* e sobre o *Partido da Circuncisão*, quanto a outros detalhes sobre a questão. Ver também sobre a *Circuncisão de Timóteo*, onde Paulo, de maneira prática, procurou manter a concórdia. (IB ID LAN NTI RAM Z)

## CONCÍLIO MUNDIAL DE IGREJAS

Ver o artigo sobre **Concílios Ecumênicos**, VIII., Os Grupos Protestantes.

## CONCÍLIO INTERNACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS.

Ver o artigo sobre **Concílios Ecumênicos**, VIII., Os Grupos Protestantes.

## CONCÍLIOS BUDISTAS

Vários concílios foram efetuados pelos altos oficiais dessa religião (ver sobre o *Budismo*), entre o século V A.C. e o século I D.C., com o propósito de estabelecer o cânon das escrituras budistas e para fixar questões de disciplina. O primeiro desses concílios, atendido por quinhentos monges, foi efetuado em Rajagaha, imediatamente após a morte de Buda (cerca de 483 A.C.). Prolongou-se por sete meses, e foi presidido pelo discípulo de Buda, Mahakassapa. O feito principal foi a fixação do primeiro cânon budista, o *Dhamma* e o *Vinaya*. O segundo desses concílios foi efetuado cem anos mais tarde (cerca de 383 A.C.), e contou com setecentos participantes. Reuniu-se em Vasali, tendo por finalidade condenar certas práticas ilegais que se tinham desenvolvido entre os monges. Medidas disciplinares foram baixadas. Esse concílio prolongou-se por dezoito meses. Um grupo de budistas liberais, chamado os Mahasanghikas, efetuou um concílio rival, fora da cidade, e opôs-se aos monges ortodoxos de Theravadas. Um terceiro concílio budista ocorreu em cerca de 240 A.C., do qual participaram mil oficiais budistas. Durou nove meses. Foi efetuado em Pataliputta. Nessa ocasião, foi preparada uma coletânea de tratados, a *Abhidhamma*, que foi acrescentada ao *Dhamma* e ao *Vinaya*, completando-se assim os famosos três cestos, ou seja, o cânon dos livros sagrados do budismo, também chamado de *Tripitaka*.

Todas as escolas do budismo aceitam os dois primeiros concílios como autoritários. O terceiro não é mencionado nas obras escritas em pali, ou nas obras dos Sarvastivadins. Porém, a maioria dos eruditos modernos aceita o mesmo como legítimo. A tradição do budismo nortista adiciona um quarto concílio, ocorrido em Kashmir, em cerca de 70 D.C. Nessa época, foi promulgada a doutrina mais liberal e otimista, a doutrina Mahayana, tendo sido também compilados comentários sobre as três divisões do cânon budista, usando pela primeira vez o sânscrito, como idioma, em vez do pali. (E P)

## CONCÍLIOS ECUMÊNICOS

*Esboço*:

I. Importância dos Concílios
II. Participantes
III. Pontos de Vista Protestantes
IV. Concílios Reconhecidos pela Igreja Católica Romana
V. Concílios Plenários e Outros
VI. A Ortodoxia Oriental
VII. A Comunidade Anglicana
VIII. Os Grupos Protestantes
IX. O Antigo Problema da Autoridade

### I. Importância dos Concílios

Quanto a uma apreciação mais ampla desse assunto, o leitor deveria consultar o artigo sobre a *Autoridade*. Na história eclesiástica, os concílios têm desempenhado um papel de destaque, sendo aceitos como autoritários, juntamente com as Escrituras Sagradas, as afirmativas dos pais da Igreja e os pronunciamentos *ex cathedra* (que vide) dos papas. A autoridade dos concílios pesa até mesmo sobre os papas. A interpretação de suas decisões é crítica, e sínodos (que vide) são organizados como corpos interpretativos.

As listas dos concílios ecumênicos variam, segundo dois conceitos diversos acerca do que está envolvido em um concílio ecumênico. No passado, seguindo o sentido da palavra *ecumênico*, a idéia era que um concílio era ecumênico quando contava com representantes de todos os grupos cristãos. Com o tempo, porém, desenvolveram-se outras idéias a respeito. A primeira, segue essa idéia original. Mas a segunda afirma que um concílio ecumênico consiste, essencialmente, em contar com a cabeça e os membros, isto é, o papa e outros representantes eclesiásticos. É lógico que isso representa um desvirtuamento da expressão. A função declarada, primária, é a interpretação fiel da fé tradicional. E, de acordo com a Igreja Católica Romana, nenhuma declaração conciliar é considerada válida sem a chancela papal. A verdade, porém, é que desde a divisão entre Igreja Católica Romana e Igreja Ortodoxa Oriental, e, mais tarde, com a Reforma Protestante, um concílio verdadeiramente ecumênico tornou-se muito difícil. Quando há um concílio católico romano, ortodoxos gregos e protestantes enviam apenas observadores, sem nenhuma voz ativa válida. As assembléias protestantes equivalentes também só contam com observadores de outros grupos cristãos. Não há que duvidar que um dos alvos do moderno movimento ecumênico é sarar essa situação de divisão. Mas, as divergências são muito profundas e radicais para permitir a unificação da cristandade, sobretudo porque o grupo cristão mais numeroso, a Igreja Católica Romana, só aceitaria unidade em torno do papa; e isso, pelo menos até o momento, tem sido considerado inaceitável por ortodoxos e protestantes. E ainda que, em algum futuro imprevisível, tal unidade organizacional fosse possível, podemos ter a certeza de que sempre haveria grupos cristãos dissidentes, que se aglutinariam em torno das Escrituras Sagradas cristãs, exclusivamente.

### II. Participantes

Cardeais, patriarcas, primatas, arcebispos, bispos, gerais de ordens religiosas, abades e outros líderes eclesiásticos. Ainda outros podem ser convidados como conselheiros teológicos, alguns leigos importantes, e até mesmo observadores que não pertencem à Igreja Católica Romana. Os concílios da Igreja Católica Romana são convocados pelo papa, o qual os preside e lhes determina a agenda, encerra-os e promulga os decretos baixados. A moderna teologia católica romana, querendo preservar o dogma que se desenvolveu em torno dos concílios, salienta o ensino

que, juntamente com o papa, um concílio ecumênico é o órgão coletivo da Igreja, e que, juntamente com o papa, representa o ensino autoritário e infalível da Igreja Católica Romana, em questões de fé e moral.

**III. Pontos de Vista Protestantes**

Os vários grupos protestantes afirmam que, por mais importante que tenha sido o papel dos concílios, estes estão sujeitos ao erro. Pois, de fato, as decisões dos concílios discrepam umas das outras, em grande número de casos, sem falarmos no fato de que os grupos protestantes consideram a Bíblia como único guia infalível da fé e da moral. Não obstante, os protestantes de tendências liberais também rejeitam o conceito de uma Bíblia isenta de erros, afirmando que a verdade divina não pode ser contida em um único volume, conformando-se a escritos humanos (ainda que produzidos pela inspiração divina) ou a decisões de concílios. A busca pela infalibilidade seria apenas a busca pelo conforto mental, permitindo às pessoas que cessam na busca da verdade, — em vez de prosseguirem nessa inquirição. Entretanto, podemos ter a certeza de que se há discrepâncias bíblicas que afetam questões de números e dados históricos pormenorizados, não há contradições quanto à revelação da verdade. Quando muito, os estudiosos encontram aspectos menos ou mais avançados da revelação, que se tornam complementares, e não discordantes. Também precisamos admitir que a revelação bíblica não cobre todos os ângulos possíveis. As próprias Escrituras declaram que há coisas que não foram reveladas e que pertencem somente a Deus. (Deu. 29:29). Isso dificulta a formação de uma teologia *sistemática*. Acertamos à medida que incluímos o maior número possível de facetas; erramos à medida que nos esquecemos dos fatores revelados que devem ser levados em conta. Mas, aquilo que foi revelado, é preservado de erro pela Mente superior que é o verdadeiro autor das Escrituras. Foi por isso que o Senhor Jesus declarou: «...e a Escritura não pode falhar» (João 10:35).

**IV. Concílios Reconhecidos pela Igreja Católica Romana**

1. Nicéia I (325 D.C.), quando foi formulado o credo niceno (que vide), em oposição ao arianismo (que vide).

2. Constantinopla I (381 D.C.), que elaborou o credo niceno, definindo mais explicitamente a divindade do Espírito Santo.

3. Éfeso (431 D.C.), que definiu a unidade pessoal de Cristo, bem como a Virgem Maria como *Theŏtokos* (mãe de *Deus*), contra o nestorianismo (que vide).

4. Calcedônia (451 D.C.), que definiu as duas naturezas de Cristo e as relações entre elas.

5. Constantinopla II (553 D.C.), que reafirmou as decisões dos quatro concílios e condenou os erros de Orígenes e de outros.

6. Constantinopla III (680-681 D.C.), que definiu a existência de duas vontades em Cristo, em oposição ao monotelismo (que vide).

7. Nicéia II (787 D.C.), que regulamentou a veneração de imagens.

8. Constantinopla IV (869 D.C.), que tratou do cisma fotiano (que vide). O cristianismo oriental e ocidental se fez presente, mas não foi universalmente reconhecido.

Os concílios oitavo a vigésimo primeiro são considerados «ecumênicos» pela Igreja Católica Romana, com base no princípio do «papa no concílio», porquanto, desde o nono concílio em diante, nunca mais houve representação universal da cristandade. A partir desse ponto, os concílios dos outros grupos cristãos precisam ser investigados à parte. Ver os artigos separados sobre os *Concílios Lateranos*.

9. Primeiro concílio laterano (1123).
10. Segundo concílio laterano (1139).
11. Terceiro concílio laterano (1179).
12. Quarto concílio laterano (1215).
13. Lyons I (1245).
14. Lyons II (1274).
15. Viena (1311-1313).
16. Constança (1414-1418).
17. Basle-Ferrara-Florença (1431-1439).
18. Quinto concílio laterano (1512-1517).
19. Trento (1545-1563).
20. Vaticano I (1869-1870).
21. Vaticano II (1962-1965).

Ver o artigo separado sobre *Vaticano, Concílios do*. Além disso, cada um dos concílios acima alistados tem seu artigo separado.

**V. Concílios Plenários e Outros**

Os concílios plenários são aqueles compostos por bispos e outros oficiais eclesiásticos de diversas províncias da Igreja Católica Romana, convocados com propósitos regionais especiais e presididos por algum legado papal.

Os chamados *concílios provinciais* são aqueles constituídos pelos líderes episcopais de alguma província da Igreja Católica Romana. Esses concílios reúnem-se ao menos a cada vinte anos, sob a direção de um arcebispo metropolitano. Suas decisões precisam ser aprovadas pela Santa Sé. As conferências episcopais nacionais estão abarcando, na atualidade, quase todas as funções antes atribuídas aos concílios provinciais. Os *sínodos diocesanos* reúnem-se pelo menos uma vez a cada dez anos, atuando como corpos que aconselham e sugerem medidas. Compõem-se de representantes de cada arcebispado, de capítulo de catedral e das ordens religiosas.

**VI. A Ortodoxia Oriental**

Sete concílios ecumênicos são reconhecidos ali como autoritários, os mesmos primeiros sete concílios reconhecidos na lista da Igreja Católica Romana (acima). Eles aceitam aquelas decisões como irreversíveis e obrigatórias. Sínodos subseqüentes, com a representatividade de vários patriarcas, como o de Moscou (1945-1948), discutiram sobre problemas de disciplina eclesiástica ou sobre a interpretação dos primeiros concílios. Após o declínio do império bizantino, os sínodos patriarcais tornaram-se o centro das atividades conciliares.

**VII. A Comunidade Anglicana**

Para o anglicanismo, os órgãos sinodais tradicionais são as duas convocações de Canterbury e de York, que se reúnem por duas ou três vezes anualmente. A Assembléia da Igreja, formada em 1919, consiste em três casas, a dos bispos, a dos clérigos e a dos leigos. Esses sínodos propõem legislações eclesiásticas ao parlamento inglês. Os anglicanos que vivem fora da Grã-Bretanha têm a liberdade de formar seus próprios órgãos controladores.

**VIII. Os Grupos Protestantes**

Devido à grande diversidade desses grupos, os corpos controladores também são os mais diversos, desde as hierarquias denominacionais até o governo de uma única igreja local. O tipo congregacional de governo eclesiástico só reconhece a autonomia das igrejas locais, rejeitando qualquer autoridade eclesiástica superior à igreja local.

**O Concílio Mundial de Igrejas** é um corpo eclesiástico não-romanista, estabelecido em 1948, cujos membros são as denominações protestantes mais importantes, e as Igrejas Anglicanas e grupos ortodoxos orientais. Seu órgão principal é a Assembléia Geral, que se reuniu em Amsterdan, na Holanda, em 1948; em Evanston, Ill., nos Estados Unidos da América, em 1954; em Nova Déli, na Índia, em 1961; e em Upsália, na Suécia, em 1968. Esse grupo envolve corporações conservadoras e liberais, quanto aos pontos de vista teológicos. Embora afirmando acreditar oficialmente na divindade de Cristo, por meio de interpretações distorcidas tem sido capaz de assumir posições liberais, até mesmo radicais. Esse grupo eclesiástico tem promovido causas políticas duvidosas, onde a violência é o *modus operandi*. Tem condenado o governo sul-africano por causa da opressão dos negros, por parte de uma minoria branca dominante, mas tem feito virtual silêncio quanto às perseguições, matanças e abusos contra a liberdade religiosa, nos países de governo comunista. Seus envolvimentos políticos e sociais com freqüência têm anulado os esforços bíblicos e espirituais, sob a forma de evangelização e ensino, que o grupo tem envidado.

**O Concílio Americano de Igrejas Cristãs** foi formado para opor-se ao Concílio Mundial de Igrejas, provendo uma alternativa para as igrejas de tendências conservadoras, que assim podem contar com um concílio universal. Foi organizado em 1951. Defende o fundamentalismo teológico. Porém, assim como o ceticismo é a grande fraqueza do liberalismo, assim também o espírito contencioso é a fraqueza do fundamentalismo. Daí, o Concílio Americano de Igrejas Cristãs tornou-se vítima de conflitos internos, com resultantes defecções. Em seu ponto culminante, esse Concílio congregava cerca de um milhão de pessoas, em certa variedade de denominações evangélicas. O ramo internacional deste movimento foi o *Concílio Internacional de Igrejas Cristãs*.

**A Associação Nacional de Evangélicos** ocupa uma posição intermediária entre os dois concílios acima descritos. Também mostra tendências conservadoras, mas sem o radicalismo do Concílio Americano de Igrejas Cristãs. Foi formada em 1942, com o propósito de preservar a fé cristã de forma positiva, evitando a beligerância que com freqüência caracteriza o fundamentalismo (que vide). A Associação Nacional de Evangélicos enfatiza tanto o lado social quanto o lado evangelístico da ação cristã, tendo promovido organizações como a Comissão para Alívio do Após-Guerra (1944), que enviou ajuda às vítimas da guerra da Europa. Muitos dos líderes desse grupo têm defendido a teologia neo-evangélica, uma posição de meio termo entre o fundamentalismo e a neo-ortodoxia, procurando reinterpretar conceitos cristãos como a inerrância e a inspiração das Escrituras. Mas essa reinterpretação tem provocado virulentos ataques por parte dos direitistas teológicos. Ver o artigo sobre o *Protestantismo*, quanto a uma discussão sobre as várias nuanças doutrinárias que devem ser levadas em conta, no estudo do protestantismo, quanto a seus desenvolvimentos teológicos.

**IX. O Antigo Problema da Autoridade**

Há alguma coisa na mente religiosa, do Oriente ou do Ocidente, cristã ou não, que precisa apoiar-se sobre a segurança da inerrância e de alguma autoridade específica, que possam ser utilizadas para definir e solucionar todos os problemas. Em primeiro lugar, a maioria dos grupos religiosos que surgem não tarda a proclamar-se o melhor, se não mesmo o final, definitivo. Além disso, as escrituras sagradas que eles produzem são declaradas a *revelação final* de Deus. As crianças gostam de contar com algum ponto de segurança, correndo para as saias da mamãe ante à menor provocação. Os religiosos também exibem certa infantilidade, em sua necessidade de encontrar uma verdade final, uma autoridade final, a inerrância em assuntos religiosos. É possível que esse seja um dos imperativos da alma humana.

**O padrão de autoridade** é bastante complexo na Igreja Católica Romana e na Igreja Ortodoxa Oriental; mas, o que tem em comum é que, além dessa complexidade, eles terminam crendo em uma verdade imutável, por ser inerrante. Os grupos protestantes, por sua vez, objetam aos supostos decretos infalíveis do papado, negando que as decisões dos concílios eclesiásticos sempre estão certas. Os protestantes conservadores declaram depender exclusivamente das Escrituras Sagradas; mas, na prática, o que lhes interessa é a sua própria interpretação das Escrituras, visto que inúmeros grupos protestantes afirmam a mesma coisa, e, no entanto, exibem tão diversificadas natureza e crenças. Os protestantes de tendências liberais negam a inerrância das Escrituras, e exortam-nos a buscar a verdade mediante a preservação daquilo que é bom no antigo, mas não ignorando voluntariamente o fato de que a verdade é uma questão de conquista perene, e não uma realização única e definitiva. É bom lembrarmos que as Escrituras não reivindicam inerrância quanto a tudo quanto afirmam, mormente quando examinadas através das traduções, ou mesmo através de manuscritos que foram sujeitados, através de vários séculos, às manipulações dos copistas. A Bíblia adapta-se à linguagem e aos conceitos populares da época em que ela foi escrita; e seu propósito também não foi o de ensinar fatos científicos, e, sim, como podemos corrigir nossas relações com Deus e o próximo, dirigindo nossa alma no caminho certo para o mundo espiritual. Portanto, a idéia da inerrância da Bíblia, a respeito de tudo quanto ela afirma, é um dogma humano sobre as Escrituras. Outrossim, é impossível limitarmos a sabedoria de Deus a um livro. A própria Bíblia ensina-nos que há coisas que não nos foram reveladas. Ver Deu. 29:29. A sabedoria de Deus, pois, é infinitamente maior do que qualquer livro ou biblioteca. Isso posto, a verdade é vasta demais para ser reduzida a uma simples coleção de regras e listas de corpos interpretativos autorizados. Isso é o que procurei salientar no meu artigo sobre a questão da *Autoridade*. A busca pela verdade é uma aventura, a qual se prolongará pela eternidade. Isso não significa, porém, que mesmo neste lado da existência não possamos dispor de grandes verdades bíblicas que requerem nossa atenção e lealdade, ou que não devemos defender a revelação bíblica até o último de nossos dias na terra. A Bíblia é uma das grandes e valiosas revelações divinas. Ver II Tim. 3:16,17. Todavia, nossa busca pela verdade, em todos os seus aspectos — e não somente no religioso — não pode limitar-se às Escrituras. Isso é um dogma humano, tendo sido o grande erro de muitos eclesiásticos da Idade Média, que faziam da Bíblia o padrão até mesmo para o conhecimento científico, tendo perseguido aos que discordavam de tão grande limitação. Os que defendem os dogmas, partam eles de onde partirem, não apreciam declarações como essas. Porém, a busca autêntica pela verdade é mais importante do que ser aceito pela maioria, conformando-se aos padrões restritos dos dogmáticos. Se

alguém limitar-se à verdade que *eles* aceitam, restringir-se-á à limitada verdade *deles*. Quanto a mim, busco a verdade de Deus, e não dos homens. A verdade de Deus rasga as costuras de todas as declarações denominacionais, credais, limitadas pelos sistemas religiosos dos homens.

## CONCÍLIOS LATERANOS

Os concílios lateranos foram os de números nove, dez, onze, doze e dezoito, dentre os vinte e um concílios eclesiásticos reconhecidos pela Igreja Católica Romana. O nome desses cinco concílios deve-se ao fato de que foram efetuados no palácio de Latrão, dos papas de Roma. Esse palácio, por sua vez, deriva-se do fato de que, em tempos antigos, pertencia à família italiana Laterani. Alistamos abaixo esses cinco concílios:

1. Laterano I (1123), sob o papa Calisto II, que confirmou o tratado de Worms (que vide), com Henrique V, da Alemanha, pondo fim à controvérsia das investíduras (que vide).

2. Laterano II (1139), sob Inocente II, que excomungou Rogério da Sicília e os bispos nomeados pelo antipapa, Anacleto II (que vide). Esse concílio também estabilizou o *privilegium canonis*, em defesa dos clérigos, reprovando o decreto de Nicolau II, acerca da eleição dos papas.

3. Laterano III (1179), sob Alexandre III (que vide), que pôs fim às controvérsias entre o papado e o imperador Frederico I, da Alemanha, confirmando a paz de Veneza.

4. Laterano IV (1215), sob Inocente III, que confirmou o uso do termo *transubstanciação* (que vide). Também exigiu a participação na hóstia por ocasião da páscoa, com a ameaça de exclusão para os desobedientes.

5. Laterano V (1512-1517), sob o papa Júlio II, convocado para reestabelecer a paz entre os príncipes cristãos europeus, para promover a guerra contra os turcos e para determinar várias reformas «no cabeça e nos membros» da Igreja Católica Romana.

As *atas* desses concílios foram publicadas por bem conhecidos compiladores como Mansi, em seu *Conciliorum nova et amplissima collectio*, Paris (1901-1924), e Hefele, em seu *Conciliengeschichte*, Frieburgo, 1886. Além desses concílios, considerados «ecumênicos» pela Igreja Católica Romana, houve outros conclaves, de natureza local, chamados *sínodos* (que vide), também efetuados no palácio de Latrão. (AM E)

## CONCÍLIOS VATICANOS

Ver **Vaticano, Concílios de.**

## CONCLAVE

Essa palavra vem do latim **cum**, «com», e **clavis**, «chave». Esse termo é usado para referir-se à reunião secreta dos cardeais, ao se congregarem para eleger um novo papa. O papa Gregório X, em 1274, ordenou tal reunião secreta com esse propósito, e, de alguma maneira, a eleição dos novos papas passou a incluir a medida. A palavra *conclave* também é usada para indicar os apartamentos existentes no Vaticano onde os cardeais reúnem-se para escolher um novo papa, aposentos esses mantidos trancados até o fim da eleição do novo sumo pontífice. (E WA)

## CONCOMITÂNCIA

Essa palavra significa «companheirismo»; mas é usada como termo técnico pela Igreja Católica Romana, em sua teologia, para descrever a presença tanto do corpo quanto do sangue de Cristo, em cada uma das espécies da Ceia, o pão e o vinho. A presença sagrada é usada como uma razão pela qual os leigos não podem participar do cálice. Um cuidado extremo deve ser empregado na sua manipulação, e seria desastroso qualquer derramamento do vinho. Mas o pão, segundo a doutrina católica romana, também contém o Cristo inteiro, isto é, sua divindade e sua alma humana, juntamente com seu corpo e seu sangue, em virtude da união hipostática, ou seja, aquele que participa somente do pão da Ceia, nada perdeu. A Igreja Católica Romana também afirma que Cristo, em sentido nenhum, morre durante a missa, visto que o Cristo *vivo* é a presença que se encontra nos elementos. Tomás de Aquino descreve esse detalhe teológico em sua *Summa Theologica* (3.76). A base da idéia é a comunhão mística ao nível da substância espiritual, mas nada disso tem a ver com os elementos materiais da Eucaristia (que vide), que permanecem os mesmos. Quanto a maiores explicações a respeito, ver o artigo sobre a *Transubstanciação*. (B C)

## CONCORDÂNCIA (Concordâncias da Bíblia)

Uma concordância é uma tabela em ordem alfabética de palavras usadas em obras literárias, com referências, para encontrá-las nos lugares especificados. Há muitas concordâncias da Bíblia, mas também há concordância para obras de certos grandes autores, como Shakespeare, Milton, Spenser, Tennyson, Dante, etc. A primeira concordância bíblica importante foi a do rabino Issac Nathan, que trabalhou na mesma por dez anos, de 1438 a 1448, produzindo sua obra sobre a Bíblia hebraica. Essa concordância foi posteriormente aprimorada pelo hebraísta John Buxtorf, em sua *Concordantia Bibliorum Ebraicae*, publicada em Basel, em 1632. Houve concordâncias no período medieval, da Vulgata Latina. Em 1896, Mendelkern, de Leipzig, publicou uma concordância hebraica que se tornou uma espécie de trabalho padrão, a qual foi muito usada. A melhor concordância da Septuaginta é a de Hatch e Repath, publicada em Oxford, na Inglaterra, em 1897-1900. Quanto ao Novo Testamento, temos a concordância de Moulton e Geden, publicada em 1897. Uma obra muito útil, intitulada *Greek Analytical Lexicon*, que tem algumas características de uma concordância, por causa de seu amplo sistema de referências das principais palavras, com seus derivados, foi publicada por Samuel Bagster & Sons, e continua sendo impressa, agora em edição melhorada.

No idioma inglês, o começo dessa atividade foi a concordância do Novo Testamento de autoria de Thomas Bybson, publicada em 1540. A primeira concordância em inglês da Bíblia inteira foi a de John Marbeck, publicada em 1550. Por motivo desse esforço, ele quase foi executado pelo estado! Samuel Newman, um graduado de Oxford, produziu uma concordância que foi publicada em 1672. Seu título era *Cambridge Concordance*, porquanto uma edição melhorada da mesma foi publicada em Cambridge. Provavelmente, a mais largamente usada concordância da Bíblia em língua inglesa tem sido a de Alexander Cruden, publicada em 1737, até hoje reimpressa. Ao ser lançada, afirmava-se ser *completa*, o que não corresponde à verdade, embora seja bastante abrangente. Durante cento e cinqüenta anos, foi a concordância bíblica mais completa em uso. Uma concordância realmente completa é aquela de autoria de Robert Young, que foi publicada pela primeira vez em 1873, e continua sendo impressa. Tem sido

freqüentemente revisada. Anos depois apareceu a concordância de James Strong, publicada em 1890. Acompanha os vocábulos hebraicos e gregos, de tal modo que o leitor pode descobrir facilmente as palavras dos textos originais, por detrás da tradução para o inglês. Essa é a concordância que este autor tem usado por muitos anos, que tem servido como *sine qua non* no tocante a certos aspectos do labor da exposição das Escrituras. Paralelamente, o tradutor desta Enciclopédia, João M. Bentes, tem usado a *Young's Analytical Concordance to the Bible*, quanto a todos os verbetes sobre temas bíblicos. Isso significa que o leitor e usuário desta Enciclopédia tem o duplo benefício dessas duas excelentes concordâncias da Bíblia em inglês. Quanto aos termos gregos, usados no Novo Testamento, o tradutor tem empregado tanto o *Greek Analytical Lexicon* quanto a *Concordance to the Greek Testament*, de Moulton & Geden, obras referidas acima.

Em inglês há várias concordâncias do tipo grego-inglês, que nos dão valiosas informações sobre as palavras gregas. No *Englishman's Greek Concordance of the New Testament*, compilada por George V. Wigram, e impressa desde 1839, mil páginas apresentam ao leitor o vocabulário grego do Novo Testamento, arranjado em ordem alfabética. Uma obra similar é a de J.B. Smith, da Herald Press, de Scottdale, estado da Pennsylvania, impressa em 1955. Apresenta um gráfico de cada palavra grega, completa com todos os modos como foi traduzida na versão inglesa King James do Novo Testamento, e com referências completas onde cada palavra foi encontrada. Ainda de origem mais recente é uma obra similar, de J. Stegenga, chamada *The Greek-English Analytical Concordance of the Greek-English New Testament*, 1963.

Obras similares têm sido preparadas para o leitor inglês que deseja investigar a porção hebraica da Bíblia. Em cerca de 1876 apareceu a *A Hebrew Concordance*, de John Taylor, adaptada para a Bíblia inglesa. Aaron Pick, professor de hebraico na Universidade de Praga, publicou uma obra similar, em 1874.

No tocante a outras traduções inglesas, que não a King James Version, há uma concordância da Revised Version, de 1883, bem como uma da Revised Standard Version, de 1957. Além dessas, a New English Bible tem uma concordância, especialmente preparada para ela, que foi dada a público em 1964.

••• •••

**Concordâncias em Português**

1. *Concordância Bíblica*, baseia-se na edição Revista e Atualizada no Brasil, da tradução de João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil.

2. *Chave Bíblica*, baseia-se na edição Revista e Atualizada no Brasil, da tradução de João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil.

3. *Concordância Bíblica Abreviada*, edição Revista e Corrigida. Editora Vida.

4. *Concordância Grega-Portuguesa*. A Editora Fiel de Atibaia, SP, está nos últimos passos (1986) na preparação de uma concordância baseada no NT grego, com definições e todas as referências onde as palavras gregas aparecem, com a estatística apropriada em relação a freqüência do uso.

*N.B.* Agradeço a gentil cooperação de *William Barkley*, diretor da Biblioteca Evangélica de São Paulo, pela preparação das informações sobre concordâncias *em português*. (E Z)

## CONCORDATA

Uma **concordata** é um acordo feito entre os mais altos oficiais da Igreja Católica Romana e o estado a respeito das relações mútuas, feitas com o intuito de evitar fricção. Esses acordos envolvem muitos assuntos, mas, com freqüência, são feitos no interesse do papado e das propriedades da Igreja de Roma. A concordata usualmente subentende alguma forma de vitória diplomática da Igreja Católica Romana, visto que ocorre quando Roma é ameaçada de alguma maneira, e quando acontecimentos negativos são evitados mediante a diplomacia. Algumas concordatas ocorrem mediante bulas papais aceitas pelos governos. São acordos bilaterais, considerados garantias ou fianças que não podem ser rescindidas, alteradas ou abolidas, sem o consentimento de ambos os lados envolvidos. Naturalmente, se algum acordo for feito compulsoriamente, então nenhum dos lados envolvidos é considerado obrigado a observar os termos da concordata.

*Três Teorias sobre Concordatas*. 1. A *teoria legalista*. O estado é considerado supremo, obrigando-se a fazer algo que a Igreja solicita. Não há acordo feito entre duas partes iguais. 2. A *teoria do pacto*. O contrato seria verdadeiramente bilateral. 3. A *teoria do privilégio*. Somente o estado tem a obrigação de cumprir as condições do documento, porquanto é a Igreja que concede os privilégios envolvidos. Na prática, a teoria predominante é a segunda dentre essas três variedades.

*Concordatas Históricas Importantes*. A Concordata de Worms, de 1122, que pôs fim ao conflito sobre as investidores (ver *Worms...*). A concordata Constança de 1418. A Concordata Francesa, de 1516. A Concordata entre Napoleão Bonaparte e a Igreja de Roma, chamada Concordata de 1801. O Tratado e a Concordata de Latrão, de 1929, entre Pio XI e a Itália, que pôs fim à chamada Questão Romana. Desde 1926, na Alemanha e em outros países predominantemente protestantes, evangélicos e não-católicos, tem havido concordatas assinadas entre os governos e as autoridades eclesiásticas da Igreja Católica Romana. (B E)

## CONCÓRDIA, FÓRMULA DE

Esse longo documento encerra a série de confissões luteranas que fazem parte do Livro da Concórdia. Foi compilado em 1577 por Jacó de Andreas, de Tubingen, em cooperação com outros. Foi aprovado pelos estados luteranos alemães, em 1580, tendo sido publicado em Dresden. Um dos propósitos da fórmula foi de eliminar as posições radicais assumidas nas controvérsias que taxavam a Igreja Luterana. Os luteranos uniram-se em oposição tanto ao papado quanto aos seguidores dos reformadores suíços; mas não estavam totalmente acordes quanto a doutrinas como a justificação pela fé, a relação entre a fé e as boas obras, a liberdade da vontade humana, a realidade da presença de Cristo nos elementos da Eucaristia. A Fórmula de Concórdia, segundo esperava-se, poria fim às controvérsias em torno dessas questões. Lutero é ali freqüentemente citado com referência, como uma autoridade, na tentativa de encerrar os debates.

**Itens Importantes da Fórmula de Concórdia.** Quatro itens destacam-se: 1. O pecado original corrompe totalmente, de tal modo que a vontade do homem torna-se completamente hostil a Deus e incapaz do bem, enquanto não for renovada pelo Espírito Santo. 2. A doutrina da justificação exclusivamente pela fé. 3. As boas obras resultam da

salvação, não sendo a causa da salvação. 4. Aparecem as definições de Lutero a respeito da Eucaristia, da pessoa de Cristo, de sua descida ao hades, da predestinação, além de outros itens da doutrina cristã. A doutrina do *communicatio idiomatum* (que vide), aparece como um apêndice.

A Fórmula de Concórdia, juntamente com a Confissão de Augusburgo, a Apologia, os Artigos de Smalcald e os Catecismos de Lutero compunham, em 1580, o *Livro da Concórdia*, que tornou-se a constituição doutrinária da Igreja Luterana. Ver o artigo geral sobre o *Luteranismo*. (AM C)

## CONCRETO UNIVERSAL

Hegel (que vide) usou a expressão para indicar seu ponto de vista de que o ato de pensar deve ser algo universal, que se origina de uma lei universal, como um dos aspectos do *absoluto*. As leis do estado, que se originam da vontade geral, seriam universais em sua forma, pelo que a vontade geral também poderia ser chamada de *universal*. Essa vontade, porém, também é a vontade de alguma comunidade histórica particular, e nesse sentido, torna-se *concreta*. (F)

## CONCUBINA

Vem do lat. **con**, «com», e **combere**, «deitar». Portanto, «deitar com».

A palavra aparece somente no Antigo Testamento, havendo dois termos hebraicos envolvidos, a saber:

1. *Lechenah*, «donzela cantora». Palavra que aparece por somente três vezes: Dan. 5:2,3,23. Essa palavra aparece na porção aramaica de Daniel.

2. *Pilegesh*, «concubina». Palavra que figura por trinta e sete vezes (por exemplo, Gên. 22:24; 25:6; Juí. 8:31; 19:1,2,9,10,24,25,27,29; 20:4-6; II Sam. 3:7; 5:13; 15:16; I Reis 11:3; I Crô. 1:32; 2:46,48; II Crô. 11:21; Est. 2:14; Cant. 6:7,8).

Havia variedades de concubinas. Talvez a mais comum fosse a mulher escrava, a qual, como propriedade de seu senhor, era usada com finalidades sexuais. Quase sempre isso resultava em uma outra família, distinta da família legítima, gerada através da esposa ou esposas legítimas. Porém, de acordo com os costumes dos hebreus, tal mulher podia ser adquirida a dinheiro, ou poderia ser uma mulher cativada na guerra, ou então poderiam ser mulheres hebréias contratadas com esse propósito. Algumas vezes, quando o casamento regular não produzia os herdeiros desejados, era usada uma concubina com esse propósito, conforme se vê no bem conhecido caso de Abraão e Hagar, em Gênesis 16:2. Os pais das noivas com freqüência davam criadas às suas filhas, quando se casavam, como presente de casamento. Subseqüentemente, essas criadas tornavam-se concubinas dos maridos de suas patroas. Foi o que sucedeu a Zilpa, em Gên. 29:24, e a Bila, em Gên. 29:29. A lei mosaica protegia as concubinas (Êxo. 21:7-11; Deu. 21:10-14), embora fossem conhecidas como mulheres de posição inferior às esposas legítimas (Juí. 8:31), pelo que também os homens podiam divorciar-se delas mais facilmente (Gên. 21:10-14).

A prática era tão comum na cultura do Antigo Testamento que a concubina podia aspirar desfrutar do afeto do homem com quem estava ligada, não menos que no caso de uma esposa legítima (Juí. 19:1-3), e, por muitas vezes, desfrutava de iguais privilégios àqueles dados à esposa, no lar. Algumas concubinas eram mesmo consideradas mais importantes que as esposas legítimas, — como seria de esperar. A mente dos hebreus não via qualquer coisa de errado com certas formas de poligamia, pois ao homem era concedido grande liberdade sexual. O que era severamente punido era o adultério, quando um homem seduzia a esposa de outro. Se indagarmos por que essa prática era tão universal, há várias respostas:

1. A natureza polígama natural dos homens. 2. A questão da herança, pois nenhum homem podia deixar de ter herdeiros e ser respeitado como membro da comunidade. Havia esposas estéreis, o que exigia que o homem tomasse outras mulheres. 3. A doutrina hebréia de que ter muitos filhos era sinal do favor divino. O fruto do ventre era a *recompensa* de um homem (Sal. 127:3). Naturalmente, a prática estava sujeita a abusos. Para exemplificar, os monarcas orientais competiam uns com os outros, para ver quem conseguia o harém mais numeroso, com a maior variedade de mulheres. Houve até mesmo *princesas* que vieram a fazer parte desses haréns, aumentando a importância dos mesmos, e o gabarito dos monarcas. Portanto, é errado pensarmos nas concubinas apenas como uma segunda escolha, como mulheres de baixa envergadura, como uma escrava. Houve muitas exceções notáveis quanto a esse tipo de concubinato. O mais incrível exemplo foi dado por Salomão, nas páginas do Antigo Testamento. Ele tinha setecentas esposas, muitas delas princesas, além de trezentas concubinas (I Reis 11:3). Muitos dos homens invejavam abertamente a sua situação, a despeito do fato de que o mesmo versículo diz que essas mulheres perverteram o coração desse monarca. Sem dúvida, certas práticas idólatras foram envolvidas, para agradar as mulheres mais importantes de Salomão.

**Por que o Concubinato Diminuiu nos Tempos do Novo Testamento?** A primeira razão era de origem *econômica*. É preciso muito dinheiro para manter até mesmo um harém modesto. Somente os ricos e poderosos podem destacar-se. Sabemos que os mórmons, no começo da história do movimento, embora até mesmo encorajados a praticar a poligamia, por suas doutrinas religiosas, não o faziam em grandes números. A época dos pioneiros não era um tempo de dinheiro fácil para que muitos homens pudessem assumir a responsabilidade por mais de uma esposa. Além disso, Joseph Smith havia avisado a seus seguidores de que a poligamia era uma responsabilidade sagrada, não devendo ser assumida sem os recursos próprios e a atitude mental apropriada. A segunda razão era *espiritual*. Já vimos que — no caso de Salomão — a prática da poligamia havia prejudicado espiritualmente a esse rei de Israel. A terceira razão era a *voz profética*, a qual, nos últimos estágios do Antigo Testamento, tinha começado a ressaltar a monogamia como o ideal no matrimônio. Ver Mal. 2:14 *ss*. Jesus também frisou esse ideal (Mat. 19:8), e Paulo proibiu os casamentos plurais, no caso dos líderes da Igreja cristã (I Tim. 3:2). O próprio fato de que essa regra teve de ser determinada mostra-nos que ainda havia casamentos plurais na Igreja primitiva. A história mostra-nos, entretanto, que a monogamia tornara-se o costume padrão da sociedade hebréia, na época de Jesus, embora ainda houvesse exceções. A lei mosaica permitia a poligamia, e muitos judeus ainda seguiam tal provisão.

**A Moderna Igreja Cristã** tem tido problemas com a poligamia, especialmente na África, onde tal costume ainda está bem vivo. A princípio, os missionários evangélicos proibiam a poligamia para qualquer líder das igrejas. Mas, quando se descobriu que muitas das esposas rejeitadas tornavam-se prostitutas, muitos

missionários mudaram de parecer, permitindo a continuação da poligamia, como algo não tão nefasto quanto a prostituição. O problema é que poucas mulheres, dentre as rejeitadas, tinham qualquer meio de sustentação, e assim voltavam-se para a prostituição, se quisessem sobreviver. Em um sínodo recente, efetuado em dezembro de 1985, efetuado para revisar algumas das medidas tomadas quando do concílio do Vaticano II (ver o artigo sobre os *Concílios da Igreja*), foi debatido o problema da poligamia na África. Um bispo católico romano da África afirmou que impor a monogamia na África é impossível. O papa João Paulo II reagiu, consternado, diante dessa declaração, erguendo as mãos ao céu, em um gesto espontâneo. É interessante observar que, durante quase o debate inteiro, o papa João Paulo II ouviu tudo em atitude quase passiva, mesmo quando problemas difíceis precisavam ser enfrentados pela Igreja Católica Romana. Porém, foi a poligamia dos africanos que produziu a reação mais emocional. Ver o artigo separado sobre a *Poligamia*. (H ND)

## CONCUPISCÊNCIA

Precisamos levar em conta três palavras hebraicas e quatro palavras gregas, a saber:

1. *Nephesh*, «alma», «respiração», «desejo». Essa palavra hebraica é de ocorrência comum, mas com o sentido de «concupiscência» aparece somente por duas vezes: Êxo. 15:9; Sal. 78:18.

2. *Sheriruth*, «teimosia», «inimizade», «imaginação». Palavra hebraica usada por dez vezes, embora apenas por uma vez com o sentido de «concupiscência»: Sal. 81:12.

3. *Taavah*, «objeto de desejo». Palavra hebraica usada por quinze vezes. Por exemplo: Sal. 78:29,30; 112:10; Pro. 10:24; 21:15; Isa. 26:8.

4. *Epithumía*, «desejo forte», «concupiscência». Palavra grega usada por trinta e sete vezes. Alguns exemplos são: Mar. 4:19; Luc. 22:15; João 8:44; Rom. 1:24; Gál. 5:16,24; Efé. 2:3; Fil. 1:23; Col.3:5.

5. *Hedoné*, «prazer», «doçura». Palavra grega usada por cinco vezes: Luc. 8:14; Tito 3:3; Tia. 4:1,3; II Ped. 2:13. É desse termo que nos vem o vocábulo português «hedonismo» (que vide).

6. *Óreksis*, «desejo ansioso». Palavra grega usada por somente uma vez: Rom. 1:27.

7. *Páthos*, «sofrimento», «afeto». Palavra grega usada por três vezes: Rom. 1:26; Col. 3:5; I Tes. 4:5.

O pecado da concupiscência é combatido no *Decálogo* (que vide) de várias maneiras. Os pecados sexuais são proibidos pelo sétimo mandamento (Êxo. 20:14), e a cobiça de todas as formas é proibida em Êxodo 20:17. Porém, nenhuma outra atitude e ação é mais comum entre os homens do que a concupiscência e a cobiça. Isso harmoniza-se bem com a natureza basicamente egoísta do homem. Todavia, há palavras hebraicas e gregas que podem ser usadas em sentido negativo ou em sentido positivo. Quanto ao termo grego *epithumía*, tão importante no Novo Testamento, ele é usado em sentido positivo em Luc. 22:15 e I Tes. 2:17. Assim, Jesus *desejou* comer a páscoa com os seus discípulos; e Paulo tinha o grande desejo de visitar os crentes de Tessalônica. Mas o sentido negativo é muito mais freqüente no Novo Testamento. Os pagãos tinham desejos impuros, que os corrompiam (Rom. 1:24). Os jovens mostram a tendência de experimentar os desejos pecaminosos. Por esse motivo, Timóteo foi aconselhado a evitar as paixões da juventude (II Tim. 2:22). Paixões e maus desejos precisam ser mortificados pelos crentes (Col. 3:5). As concupiscências carnais precisam ser evitadas (I Ped. 2:11). Esses desejos distorcidos produzem toda a espécie de males e corrupções neste mundo (II Ped. 1:4; 2:10) que impedem o desenvolvimento da alma.

Os estóicos procuravam anular os desejos, mostrando que o indivíduo cai em um ciclo louco por causa dos mesmos. Primeiramente, a pessoa deseja; então obtém aquilo que quer; tendo obtido o que quer, deseja algo mais e quanto mais deseja, mais obtém, e mais deseja, *ad infinitum*. O resultado final desse ciclo vicioso é a frustração, porquanto tal ciclo não pode ser interrompido, e nem satisfaz, realmente. O estoicismo (que vide) recomendava a *apatia*, a fim de substituir os desejos. Mas o cristianismo recomenda o cultivo de desejos espirituais, em substituição aos desejos carnais.

**A concupiscência** até mesmo os apetites naturais, são classificados como concupiscência exagerada, sem falar nada sobre aquelas coisas diretamente proibidas. Algumas pessoas desejam intensamente alimentos; mas não há apetite que se possa comparar com o desejo sexual. Schopenhauer queixava-se que os jovens desperdiçam metade de seu tempo promovendo essa forma de concupiscência, supondo que tal desejo é uma *insanidade* que pode ser curada por meio do casamento. Ele percebia claramente que aquilo que quase todas as pessoas chamam de «amor», na realidade não passa de concupiscência. Contudo, ele se referia favoravelmente à simpatia, porquanto todos nos encontramos na mesma condição de miséria. Ver o artigo sobre o *Pessimismo*. Recentemente li um artigo sobre aconselhamento cristão. Ali os pastores são advertidos sobre o fato de que podem ser apanhados na teia das paixões, por causa de seus próprios *impulsos elementares*. Isso é um eufemismo, para dizer que até mesmo as pessoas mais religiosas continuam impelidas por paixões físicas, visto que todos nós somos animais sexuados. Naturalmente, há o lado espiritual do homem que combate contra o descontrole acerca dessas paixões. Paulo refere-se a esse conflito interno no sétimo capítulo da epístola aos Romanos, o que se tornou uma exposição clássica e um tanto mais impressionante, porque a questão é uma confissão feita pelo próprio apóstolo. Em Gálatas 5:16 ele alude aos desejos da carne. A Bíblia ensina que o último inimigo a ser vencido é a morte. Mas, se ele tivesse falado sobre o último vício a ser conquistado, provavelmente teria dito: «O último vício a ser conquistado é a concupiscência». Ver o artigo sobre os *Vícios*. Esse artigo mostra quantos problemas temos de enfrentar. O trecho de Efésios 5:5 informa-nos que tais vícios precisam ser conquistados, antes que possamos herdar o reino de Deus e de Cristo. Se não forem dominados, esses vícios haverão de levar-nos a juízo (Efé. 5:6). A passagem de Efésios 1:10 assegura que a vitória final espera por todos nós, mas um homem pode desviar-se para longe, e por muito tempo, antes que chegue a obter a vitória sobre as suas próprias paixões.

## CONCURSO

Vem do latim **con**, «com», e **currere**, «correr», ou seja, «correr juntamente com». Na linguagem teológica, essa palavra é usada para aludir àquele aspecto da providência divina mediante o qual Deus coopera com as diversas operações da sua criação, estando envolvido, de alguma maneira, nas causas secundárias. Essa doutrina abraça a idéia de que Deus preserva e guia todas as coisas, de tal modo que a sua vontade é cumprida. No tocante à vida humana,

a idéia aparece mesclada ao problema da soberania divina, no tocante ao livre-arbítrio humano. Tomás de Aquino e os escolásticos muito tiveram a dizer sobre o assunto, embora continui sendo questão sujeita a muito debate. A questão envolve-nos no problema da imanência e da transcendência de Deus.

*Aspectos*: 1. *O concurso moral.* Esse aspecto diz respeito à relação entre a influência divina e as intenções e atos morais dos homens. 2. *O concurso físico,* que aborda a relação entre Deus e a sua criação material. Até que ponto, em ambos os casos, a vontade predestinadora de Deus está envolvida? Até que ponto as coisas acontecem impelidas pelas leis naturais, ou seja, de forma caótica? e até que ponto o homem tem a liberdade de agir? Por que existe o mal, se Deus continua agindo? Ver o artigo sobre o *Problema do Mal.* Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo, embora não saibamos dizer *como* o faz. As duas doutrinas, da imanência e da transcendência de Deus são verdadeiras, embora não seja fácil explicar de qual maneira. (B E)

**CONDENAÇÃO** Ver também **Condenar.**

Rom. 8:1: *Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.*

*Condenação.* Está aqui em foco a sentença condenatória, segundo lemos no trecho de Rom. 5:16, o qual versículo deixa claro que se trata da condenação pronunciada contra o pecador, que o leva à morte, ou seja, especificamente, à morte eterna, ao julgamento da segunda morte, em contraste com a vida que nos tem sido proporcionada por intermédio de Cristo. Paulo dizia, por conseguinte, que o crente verdadeiro jamais poderá entrar no juízo do qual participarão os ímpios, ainda que, ao longo do percurso, o crente talvez tenha que experimentar castigos severos, além de juízos de outra natureza, medidas essas que têm por finalidade ensiná-lo a ser santo, a desejar receber a imagem de Cristo em sua própria alma.

Dizemos que o crente não pode participar do mesmo destino do incrédulo, ainda que, ao longo do caminho, assim pareça que ele está destinado. No entanto, finalmente, Deus haverá de trazê-lo de volta ao rebanho, sem importar até que ponto o crente se desvie. E essa recondução é feita ou através do histórico Senhor Jesus Cristo ou através do Verbo eterno, que é a mesma pessoa que aquela, posto que em ofício e em manifestação diferentes. Decair da graça, até o ponto de ficar «perdido», no caso do crente, se é que isso realmente pode acontecer (e algumas passagens bíblicas ensinam que, pelo menos como hipótese, isso pode suceder), é algo *relativo.* Em outras palavras, tal possibilidade pode ser aplicada somente a um determinado período, experimentada durante algum tempo. Porém, se falarmos em termos absolutos, conforme faz aqui o apóstolo Paulo, nenhuma das ovelhas poderá jamais vir a perder-se.

1. *Não existe condenação final,* como penalidade ou conseqüência do pecado, tanto do pecado original como dos pecados individuais, no caso dos que estão «em Cristo Jesus».

2. Mas isso não quer dizer que nada existe, na vida do crente, que seja digno de condenação; antes, essa total ausência de condenação se deve ao fato de que o crente está justificado em Cristo, já tendo sido aceito nele, achando-se, além disso, no processo da santificação, o que significa que virá a ser totalmente santo, quando então nada terá em si que seja digno de condenação.

3. Essa ausência total de condenação, portanto, aplica-se tanto à função da justificação como à função da santificação, porque é resultante de ambas essas obras do Espírito Santo.

4. Considerada essa declaração em seu sentido mais lato, não há nenhuma condenação para os que estão «em Cristo Jesus» porque o processo inteiro da salvação — a justificação e a santificação — culmina na absolvição final e na glória eterna. A ausência total de condenação, pois, antecipa o cumprimento de todas as promessas que temos na pessoa de Cristo Jesus, e a atuação interna do Espírito Santo é a garantia da fruição final e total de cada graça que Deus tem estendido aos crentes.

**Condenação e os incrédulos**

Algumas denominações da igreja cristã ensinam um destino fixo dos incrédulos, já determinado na hora da morte biológica. Os pais gregos ensinaram a continuação da oportunidade para fazer possível a participação na salvação, depois da morte biológica. Eles viram que a *descida de Cristo ao hades* (que vide), I Ped. 3:16-4:6, abre uma nova perspectiva para a humanidade, especialmente, porque 4:6 declara enfaticamente que, nessa descida, o evangelho foi pregado aos mortos. Com este pensamento, muitos representantes da Igreja Ocidental, e da Igreja Anglicana, têm concordado. Estes mesmos pais também entenderam que textos como Efésios 1:10, falando sobre o *mistério* da vontade de Deus, exigem o entendimento de que, afinal, a missão e o poder de Cristo, garantirão uma restauração universal. Podemos entender que esta restauração será uma tremenda obra de Cristo entre os incrédulos, ou não eleitos, e que resolverá o problema do mal (que vide). Devemos entender de Efé. 1:23, que a igreja será envolvida nesta obra, porque o corpo fará o trabalho do Cabeça, fazendo-o ser tudo para todos. Alguns teólogos entendem que o mistério da vontade de Deus exige a salvação final de todos os seres. Ver sobre Universalismo. Outros entendem que existirá uma *restauração* em contraste com a *redenção* dos eleitos. Neste caso o próprio julgamento será um instrumento (entre muitos) para efetuar esta realização, trazendo uma glória secundária para os não-eleitos. Assim, os efeitos negativos do julgamento (que vide) serão anulados, enquanto seus efeitos positivos serão aplicados. Todos os seres obterão uma glória digna do *Redentor* e *Restaurador.* Nisto, o famoso amor de Deus ganhará a vitória, e não o inimigo das almas, Satanás. Ver maiores detalhes sobre esses pensamentos no artigo sobre a *Restauração.*

**CONDENAR** Ver também **Condenação.**

Estão envolvidas três palavras hebraicas e cinco palavras gregas, a saber:

1. *Rasha,* «fazer ou declarar errado». Palavra hebraica usada no A.T. por quinze vezes, com o sentido de «condenar» (por exemplo: Êxo. 22:9; Deu. 25:1; Jó 9:20; 10:2; Sal. 37:33; Pro. 12:2; Isa. 50:9; 54:17).

2. *Anash,* «oprimir», «taxar». Palavra hebraica que ocorre por duas vezes com o significado de «condenar»; II Crô. 36:3 e Pro. 17:26.

3. *Shaphat,* «julgar», «agir com magistrado». Palavra hebraica usada por duzentas e três vezes. Por exemplo: Gên. 16:5; 31:53; Êxo. 5:21; 18:13; 16:22,26; Lev. 19:15; Núm. 35:24; Deu. 1:16; 16:18; Juí. 3:10; 4:4; 16:31; I Sam. 3:13; 4:18; 7:6,15,16,17; I Reis 3:9,10; II Reis 15:5; I Crô. 16:33; II Crô. 1:10,11; Jó 21:22; Sal. 7:8; 9:4,8; Pro. 29:14;

Ecl. 3:17; Isa. 1:17,23; Jer. 5:28; Lam. 3:59; Eze. 7:3,27; 11:10,11; 16:38; Dan. 9:12; Joel 3:12; Oba. 21; Miq. 3:11; 4:3.

4. *Kataginósko*, «saber algo contra». Palavra hebraica usada por três vezes: Gál. 2:11; I João 3:20,21.

5. *Katadikázo*, «julgar contra». Palavra grega que aparece por quatro vezes: Mat. 12:7,37; Luc. 6:37; Tia. 5:6.

6. *Katakríno*, «condenar». Termo grego usado por dezoito vezes: Mat. 12:41,42; 20:18; 27:3; Mar. 10:33; 14:64; 16:16; Luc. 11:31,32; João 8:10,11; Rom. 2:1; 8:3,34; 14:23; I Cor. 11:32; Heb. 11:7; II Ped. 2:6.

7. *Krino*, «julgar». Palavra hebraica usada por cerca de cento e quinze vezes, desde Mat. 5:40 até Apo. 20:12,13.

8. *Autokatákritos*, «condenado por si mesmo». Palavra grega usada somente em Tito 3:11.

Ver o artigo geral sobre o *Julgamento*. A palavra «condenar», nas Escrituras, pode referir-se ao juízo final, quando haverá a grande condenação, ou pode referir-se à condenação comum dos homens, como em Deu. 25:1. Em Mateus 12:7, encontramos os juízos adversos que os homens fazem, maldosamente, sobre seus semelhantes. A condenação divina sobrevém aos homens que eles, em meio à luz que foi dada aos homens, preferem viver nas trevas (João 3:19). Sem essa luz divina, os pagãos estão condenados por sua própria voz interna, a consciência (Rom. 2:14,15). Aquele que dá ouvidos às palavras de Cristo escapa da condenação (João 5:24). Aqueles que estão em Cristo Jesus escaparam da condenação (Rom. 8:1). Os homens, de modo diferente do que Deus faz, condenam os inocentes (Sal. 94:21); mas, no fim, Deus reverte todos os julgamentos dessa espécie (I Reis 8:23; Sal. 109:31; Isa. 50:9). Jesus nos proíbe de condenarmos uns aos outros, mediante a atitude censuradora (Luc. 6:37; Rom. 2:1). Noé, ao agir em conformidade com as ordens de Deus, e ao pregar a retidão, condenou o mundo, tendo servido como instrumento de Deus (Mat. 12:41 *ss*). Um homem pode condenar a si mesmo, através de suas próprias ações e palavras (Jó 9:20; 15:6; Tito 3:11). O coração e a consciência de um homem podem condená-lo (I João 3:20). Os magistrados, como representantes de Deus, condenam àqueles que praticam a iniqüidade (Rom. 13:1-5). Jesus não veio a este mundo para condenar, mas para salvar. Portanto, a condenação ocorre porque os homens, pervertidamente, negam-se a aceitar a salvação oferecida no evangelho (João 3:17). Apesar de que o julgamento é real e severo, também é remedial, o que envolve uma grande esperança para todos os seres humanos (I Ped. 4:6).

## CONDIÇÕES ATMOSFÉRICAS

Ver **Palestina**.

## CONDILLACE, ÉTIENNE BONNOT DE

Suas datas foram 1715-1780. Filósofo francês que, apesar de padre, associou-se às tendências secularizadoras e racionalizadoras dos enciclopedistas (que vide). Ele admirava Locke, e, em suas obras *Essai sur l'origine des connaissances humaines* e *Traité des sensations*, promoveu abertamente os pontos de vista de Locke sobre a natureza da percepção e da compreensão humanas. Chegou mesmo ao ponto de afirmar que a vontade e o entendimento dos homens são modificações do acúmulo de impressões, associações, etc., que surgem com base no estímulo dos órgãos dos sentidos. Desse modo, ele deixou sem menção considerações sobre a intuição, a razão e o misticismo, que deveriam também ser considerados porções constitutivas da formação mental de qualquer homem religioso. Ele encontrava no *hábito* a base de todas as funções intelectuais, incluindo a atenção, a rememorização, a comparação, o juízo, a imaginação e o reconhecimento. Visto que só conhecemos os nossos próprios pensamentos, não pode haver qualquer prova absoluta de um mundo externo (ver sobre o *Nihilismo*). Porém, nossas percepções, sobretudo aquelas que envolvem sensações desagradáveis, dão-nos a entender a real existência do mundo exterior. O *ceticismo* (que vide) pode ser um interessante exercício intelectual, mas nunca ganhou coisa alguma para a alma. (F P)

## CONDIMENTOS

Várias palavras hebraicas e uma grega devem ser consideradas neste verbete, a saber:

1. *Basam*, *besem* ou *bosem*, «especiaria». Essa palavra, que aparece nessas três formas, ocorre por trinta vezes. Por exemplo: Êxo. 25:6; 30:23; I Reis 10:2,10,25; II Crô. 9:1,9,24; Can. 4:10,14,16; Isa. 39:2; Eze. 27:22; Can. 5:1.

2. *Nekoth*, «arômatas». Palavra hebraica que figura por duas vezes: Gên. 37:25; 43:11.

3. *Sammim*, «substâncias odoríferas». Palavra hebraica usada por dezesseis vezes. Por exemplo: Êxo. 30:34; 37:29; Lev. 4:7; 16:12; II Crô. 2:4; 13:11.

4. *Ároma*, «aroma», «especiaria». Palavra grega que aparece por quatro vezes: Mar. 16:1; Luc. 23:56; 24:1 e João 19:40.

4. *Reqach*, «mistura aromatizada». Palavra hebraica que figura somente em Can. 8:1.

5. *Raqach*, «composto». A palavra aparece por oito vezes. Por exemplo: Eze. 24:10; Êxo. 30:25; II Crô. 16:14.

Originalmente, as especiarias aromatizantes eram usadas quase inteiramente nos cultos de adoração. Muito antes da época de Abraão, os egípcios já usavam especiarias aromatizantes. Nas escavações arqueológicas, essas especiarias têm sido encontradas em receptáculos especiais. O direito dos sacerdotes usarem especiarias aromáticas foi confirmado por Moisés (Êxo. 30:22 *ss*). As principais especiarias usadas eram a mirra, o cinamono, o cálamo e a cássia. Essas especiarias, sob a forma de pó, quando misturadas, eram misturadas com puro azeite de oliveira, a fim de compor o que a Bíblia chama de «óleo da santa unção». Parece que cerca de 22 kg de especiarias aromatizantes eram misturados com cerca de 5,7 litros de azeite puro de oliveira.

O trigésimo capítulo do livro de Êxodo deve ser lido com atenção aos detalhes, para que se note as instruções que dizem que as especiarias deveriam ser preparadas por um apotecário, ou, conforme o chamaríamos atualmente, por um farmacêutico. Esses «perfumistas» não podiam preparar tais fragrâncias com qualquer outro propósito, senão aquele que visava à adoração ao Senhor. Entretanto, posteriormente, os filhos de Israel desobedeceram a essa instrução, pois, quando eles clamaram, solicitando um rei, como se dava nas nações circunvizinhas, Samuel avisou-os de que o rei, sem dúvida alguma, tomaria algumas das filhas do povo para serem perfumistas (I Sam. 8:13).

Quando um certo rei de Judá faleceu (ver II Crô. 16:14), os judeus «...puseram-no sobre um leito, que

se enchera de perfumes e de várias especiarias, preparados segundo a arte dos perfumistas. Foi mui grande a queima que lhe fizeram destas cousas». É possível que assim tivesse acontecido ao rei Asa por causa de sua doença «dos pés», que era muito grave (II Crô. 16:12). É possível que essa enfermidade fosse a gangrena, que emitia um considerável mau cheiro, devido à putrefação dos pés. O uso de especiarias, nesse caso, presumivelmente poderia ser considerado um uso religioso, porquanto teve lugar em um funeral!

Bem mais tarde, já nos dias de Zedequias, o profeta Jeremias aludiu aos perfumes que seriam «queimados» por ocasião da morte desse rei (Jer. 34:5; cf. Lev. 26:31 e Eze. 20:28). É possível que haja nisso a sugestão à cremação, conforme pensam alguns estudiosos. Nesse caso, o emprego de especiarias aromáticas teria o intuito de disfarçar o mau cheiro que exalava das carnes e ossos queimados. Essa idéia quase certamente é enfatizada por Ezequiel, onde o profeta diz, segundo o original hebraico: «...cozinha a carne, põe muita especiaria...», mas onde nossa versão portuguesa diz: «...cozinha a carne, engrossa o caldo...», o que é uma tradução para a qual não encontramos razões.

As especiarias usadas em Gênesis 37:25 e em Cantares 5:1 e 6:2, provavelmente envolvem as seguintes espécies vegetais, aqui apresentadas segundo seus nomes científicos: *Astragalus tragacantha*. Disso consistiriam as «arômatas» ali mencionadas, embora em Cantares tenhamos, respectivamente, «especiaria» e «canteiros de bálsamos».

É dificílimo traduzir palavras hebraicas que dizem respeito à fauna, à flora, às pedras preciosas, etc., porque a Bíblia não foi escrita numa época de linguagem científica. Por isso, as opiniões dos eruditos e especialistas são extremamente díspares. Quanto a posteriores discussões sobre especiarias e condimentos, consultar os seguintes artigos: *Aloés; Bálsamo; Cálamo; Cana; Cássia; Cinamono; Cosmetologia; Cominho; Incenso; Goma; Hena; Mirra; Nardo; Ungüento; Perfumaria; Açafrão; Cana Aromática; Estoraque; Substâncias Odoríferas*.

## CONDUTA

No latim, **con**, «com» e **ducere**, «guiar», o que dá a entender uma *maneira de agir e de viver*. O assunto reveste-se de capital importância para a ética (que vide), visto que o propósito da ética é indicar como se consegue a *conduta ideal*. Algumas respostas que têm sido propostas são as seguintes: *O prazer* (hedonismo) seria o alvo da conduta; a *felicidade* (eudaimonismo) seria esse alvo; a *virtude* (função específica de cada virtude) seria a luz orientadora; a *apatia* seria o estado ideal a ser obtido. A fé cristã situa a questão da conduta dentro da esfera da espiritualidade. A conduta do corpo visa promover o bem-estar de nossos semelhantes (o que seria viver a lei do amor), mas também visa promover a salvação de nossos semelhantes (Filipenses 2:12). Os *galardões* (que vide) dependerão de nossa conduta (I Cor. 3:10 *ss*). O *julgamento* final será determinado pela conduta de cada um (Rom. 2:6; Apo. 20:12). Ver os vários artigos referidos, quanto a uma completa discussão sobre o assunto.

## CONDUTA IDEAL

**O exemplo do apóstolo Paulo.**

«Nenhum escravo romano, tangido pelo açoite ou pelo aguilhão, poderia ter trabalhado como Paulo trabalhou. Paulo exigiu o máximo de seu corpo frágil e de seu espírito sensível; e durante a vida inteira teve de enfrentar a oposição, a zombaria e a perseguição, da parte daqueles que deveriam ter sido seus amigos, e que de fato se mostraram amigáveis para com ele, até o momento em que entrou para o serviço de Jesus Cristo... Segundo o ponto de vista do mundo, ele dera muito e ganhara pouco, além das tribulações e do opróbrio. Desistira de distinguida posição na comunidade judaica, a fim de tornar-se o homem mais odiado entre aquele povo capaz de ódios apaixonados. Apesar de que seus esforços, em favor dos gentios, haverem terminado, uma terceira vez, em aprisionamento em uma prisão gentílica, da qual, segundo ele via claramente, só poderia ser libertado através da morte física... contudo, a despeito disso, o apóstolo Paulo se mostra triunfalmente exultante... É que ele media as tribulações dentro do tempo pelas glórias da eternidade. Com olhos da fé ele divisava para além de seu aparente fracasso e percebia a coroa da justiça, que o justo Juiz já tinha em reserva para ele, bem como para os milhares e milhares de outros também — a saber, para todos aqueles que tiverem aprendido a esperar anelantemente pelo tempo em que o seu Senhor voltará. Em tudo isso podemos perceber, em miniatura, a história da cristandade, desde a morte do apóstolo». (Plummer, em II Tim. 4:7).

«Nada há de sutil ou obscuro nessa afirmativa profundamente comovente; e aquilo que ele nos diz em II Tim. 4:7 é claro como o cristal. Lembra-nos que a vida cristã é um conflito contra o mal, em nós mesmos e ao nosso derredor... Lembra-nos que a carreira não está ganha enquanto não tivermos cruzado a linha da chegada, não podendo haver afrouxamento do esforço ao longo do caminho. Entre as mais penetrantes parábolas de Jesus, encontram-se aquelas nas quais ele salienta o fracasso daqueles que começaram bem, mas não foram capazes de prosseguir até o fim. (Ver Luc. 14:25-33; Mat. 13:5,6,20,21; 25:8-10). Lembra-nos que nos temos oferecido a Cristo, a quem devemos lealdade fiel». (Noyes, em II Tim. 4:7).

**Completei a carreira**, II Tim. 4:7. No grego, o substantivo é «dromos», que significa «pista de corrida», onde é efetuada a competição. (Quanto a essa metáfora, em sentido mais extenso, ver Fil. 3:13,14). O «prêmio» buscado é a «vida eterna», isto é, tornar-se o que Cristo é e compartilhar de sua natureza e atributos, ou perfeições, que procedem da parte de Deus Pai, mas que Cristo outorga aos homens (ver Efé. 3:19; 1:23; Col. 2:9,10; II Cor. 3:18; Rom. 8:29 e II Ped. 1:4), para que assim venham a compartilhar de sua herança e glorificação (ver Rom. 8:17,29,30). Neste caso, naturalmente, essa carreira completa aponta para o sucesso obtido no ministério; contudo, não podemos destacar disso o sucesso individual na obtenção da vida eterna (ver o trecho de I Tim. 4:16, onde o prêmio conquistado através da conduta de um autêntico ministério é a própria salvação e a de outros; e ver também a passagem de I Tim. 6:12, onde o «combater o combate da fé» é equivalente ao «apossar-se da vida eterna»).

A vida cristã é retratada como uma longa carreira, como uma maratona, repleta de obstáculos e dificuldades que esmagam os homens que não possuem a força conferida por Cristo. Nisso não pode haver vitória a menos que o corredor prossiga até à linha de chegada; mas essa linha é cruzada triunfalmente. Aprendemos que a carreira exige dedicação e coragem, bem como o poder espiritual do Espírito Santo, pois, de outro modo, será inteiramente impossível concluí-la com êxito, o que também é

comprovado pela experiência diária. Sabemos, com base de tudo quanto encontramos e sofremos, que correr com sucesso a carreira cristã não é coisa fácil. Cristo exige a total dedicação de nossas almas, a outorga da própria vida às mãos de Cristo, que é aquela atitude a que denominamos de «fé». (Ver o artigo sobre a *fé*).

«Sabes tu que em uma carreira correm todos os corredores, mas somente um pode obter o prêmio? Deves correr de tal maneira que possas obter o prêmio» (I Cor. 9:24, segundo a tradução inglesa de Williams, aqui vertida para o português).

«Porém, em nada (nos sofrimentos, nas perseguições e nos encarceramentos) considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus» (Atos 20:24).

Clemente de Alexandria expande essa metáfora, até seus detalhes mais completos, em seu *Quis dives salvetur*, capítulo terceiro. «Cristo já nos deu o exemplo, como o *precursor* (ver Heb. 6:20)». (Locke, em II Tim. 4:7).

**Guardei a fé**, II Tim. 4:7. Se porventura a metáfora tem continuação, então temos aqui o «compromisso» de um atleta de que «observaria as regras», de que «se esforçaria legitimamente» (ver II Tim. 2:5 no NTI quanto a notas a esse respeito). Em sua aplicação, isso indica: 1. Esforçar-se legitimamente, como autêntico ministro de Cristo, em obediência às suas ordens, trabalhando sob a sua autoridade. 2. Confiar na mensagem cristã, sem adições e nem corrupções. 3. Defender a fé (a doutrina e a prática paulinas ortodoxas) contra os assédios da heresia. 4. Propagar a «fé» aos perdidos. 5. Ensinar a fé em toda a sua pureza, aos novos convertidos. A fé, neste caso, é a *fé objetiva*, ou seja, o ensinamento cristão ortodoxo, especialmente como interpretado por Paulo, exibida nas *epístolas pastorais*. (Para detalhes, ver no NTI nas exposições sobre I Tim. 1:2. Ver Hebreus 11:1 quanto à *fé subjetiva*, que consiste da outorga da alma aos cuidados de Cristo). 6. Em tudo isso está envolvida a «fidelidade» pessoal para com o Senhor. É como se Paulo tivesse dito: «Tenho sido fiel às minhas promessas e ao meu compromisso com ele; tenho feito o seu trabalho e tenho sido seu servo fiel. Tenho transmitido a sua mensagem aos homens, em sua forma original e pura».

Aqui está a perseverança dos santos, os que «guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus» (Apo. 14:12). A alusão que temos aqui é à dificuldade de guardar a fé, em oposição contra o anticristo, durante o negro período da Grande Tribulação.

### A Conduta Ideal

Paulo terminou a sua carreira, — a sua «missão determinada», o seu destino terreno. Todos os homens têm tal curso e destino, e todos são indivíduos ímpares, sem-igual, conforme se aprende em Apo. 2:17. E o alvo final não é necessariamente a «felicidade», como também por certo não é o bem-estar físico. O texto à nossa frente ilustra isso perfeitamente. A conduta ideal consiste da tentativa de cumprirmos nossa carreira e nosso destino fixos. Para Aristóteles, a virtude consistia de *função*; e função indicava o cumprimento do desígnio específico para o que o indivíduo estava melhor preparado e dotado. Faz parte de nosso dever moral saber que função é essa, saber o que podemos fazer, e realizá-la ao máximo de nossas forças e de nossas habilidades. Há nisso certa verdade, se a aplicarmos às nossas vidas espirituais. Deus nos coloca na posição em que nos encontramos, e confere-nos uma tarefa, para então a realizarmos com todas as nossas forças. O N.T. não recomenda a preguiça, e nem o viver diário meramente para desfrutar dos seus prazeres. Mas é entristecedor o fato de que, nas igrejas, muitas pessoas, incluindo ministros e mestres, vão passando de um ano para outro sem nenhuma tentativa séria de se aprimorarem, em suas próprias vidas cristãs e em seu trabalho. Mas se essa atitude fosse tomada no que concerne às atividades comuns do mundo dos negócios, todos ficariam estagnados. Portanto, o que não é permitido no mundo, devido ao seu espírito competitivo, é praticado na igreja praticamente sem qualquer reprimenda. Mas é por isso mesmo que tantas pessoas sentem que a igreja é monótona e maçante, e alguns declaram-no francamente.

## CÔNEGOS Ver Cânegos (Cônegos).

## CONFERÊNCIA DE THORN

Ver **Thorn, Conferência de.**

## CONFESSAR, CONFISSÃO

*Esboço:*

I. Palavras Envolvidas
II. Usos Bíblicos
III. Usos Eclesiásticos
1. A Confissão Pública de Cristo
2. Credos Formais Escritos
3. A Confissão da Igreja Católica Romana
4. Substituições Protestantes

### I. Palavras Envolvidas

1. *Yada*, «confessar» (mediante o estender da mão). Palavra hebraica que é usada por mais de novecentas vezes, e que as traduções traduzem por muitas palavras e expressões diferentes, como «compreender», «reconhecer», «saber», «tomar conhecimento», etc. A maioria das passagens envolvidas tem algo a ver com a confissão de pecados, conforme se vê em Salmos 32:5: «Confessei-te o meu pecado e a minha iniqüidade não mais ocultei». O povo de Israel, ao sofrer tantos reveses, reconheceu a necessidade de confessar e abandonar o pecado (I Reis 8:33 *ss*).

2. *Homologéo*, «dizer a mesma coisa», «confessar». Palavra grega usada por vinte e cinco vezes: Mat. 7:23; 10:32; 14:7; Luc. 12:8; João 1:20; 9:22; 12:42; Atos 7:17; 23:8; 24:14; Rom. 10:9,10; I Tim. 6:12; Tito 1:16; Heb. 11:13; 13:15; I João 1:9; 2:23; 4:2,3,15; II João 7 e Apo. 3:5.

3. *Eksomologéo*, «anunciar a mesma coisa», «confessar». Palavra grega empregada por dez vezes: Mat. 3:6; 11:25; Mar. 1:5; Luc. 10:21; 22:6; Atos 19:18; Rom. 14:11 (citando Isa. 45:23); 15:9 (citando Sal. 18:50); Fil. 2:11 e Tia. 5:16.

No Novo Testamento a idéia envolvida é a de confissão ou reconhecimento do pecado. O trecho de I João 1:9 condiciona o perdão à confissão. O termo grego *homologéo* tem os sentidos básicos de promessa, acordo, reconhecimento, declaração e louvor. A forma verbal da palavra é usada por vinte e três vezes no Novo Testamento.

### II. Usos Bíblicos

1. A tentativa do homem libertar-se de reveses, causados pelo pecado, faz-se mediante o arrependimento e a confissão de pecados (II Reis 8:33).

2. O perdão dos pecados é buscado mediante a confissão (I João 1:9).

3. Também há a *profissão de fé* (Fil. 2:11), que envolve o reconhecimento de Jesus Cristo em nossa vida. Isso posto, ele é declarado o Senhor da vida do crente (Rom. 10:9). Isso está envolvido na confissão batismal, quando a fé do batizando é publicamente

declarada, quando ele passa a considerar-se um discípulo.

4. A vida geral do crente, diante dos homens, é a confissão dada mediante a sua conduta diária (I Tim. 6:12). Nesse versículo, lemos: «Toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado, e de que fizeste a boa confissão, perante muitas testemunhas». O próprio Jesus Cristo fez boa confissão, na presença de Pilatos, conforme o mesmo trecho afirma.

5. Por meio da confissão, Jesus é referido como o Filho de Deus (I João 4:15), e também como o Cristo, ou Ungido de Deus (João 9:22).

6. Confessar uma doutrina é concordar com a sua validade (Atos 23:8).

7. A confissão feita por Cristo, reconhecendo certos homens, é a sua confissão escatológica, confirmando que eles lhe pertencem, por terem vivido a vida espiritual, porque também o reconheceram diante dos homens (Mat. 10:32; Luc. 12:28). Naturalmente, é nesse ponto que encontramos o verdadeiro discipulado cristão, e não no mero reconhecimento verbal.

8. Nos trechos de Hebreus 3:1; 4:14 e 10:23, a confissão é sinônimo de *fé religiosa*, com a conseqüente *espiritualidade*. Ver também, nessa conexão, o trecho de II Coríntios 9:13.

9. A *confissão doxológica* consiste no louvor prestado a Deus pela sua bondade e misericórdia, com ação de graças (Sal. 42:4; Rom. 15:9; Mat. 11:25).

10. A *confissão pneumatológica* é aquela inspirada pelo Espírito Santo, que leva os homens a confessarem a Cristo (I João 4:2; I Cor. 12:3).

11. A *confissão terapêutica* é aquela feita de modo informal, segundo a qual os crentes confessam seus pecados uns aos outros, um de cujos resultados é o início do processo curador (Tia. 5:16). Os conselheiros modernos por muitas vezes ficam atônitos diante do poder físico e psicológico da confissão.

**III. Usos Eclesiásticos**

1. *A Confissão Pública de Cristo*. Muitas igrejas evangélicas usam a confissão pública de Cristo como meio de levar o indivíduo a declarar a sua fé em Jesus Cristo e a sua lealdade a ele. Essa confissão assinala a ocasião quando o indivíduo declarou publicamente que recebeu Cristo como seu Senhor e Salvador. Fica entendido que esse anúncio público corresponde à verdadeira conversão, embora coisa alguma garanta isso. Nesse instante, a alma estaria começando a ser uma discípula séria de Cristo.

*Os Abusos*: Com demasiada freqüência, a confissão é reduzida à anuência diante de um credo, com uma pública declaração do fato. Geralmente, isso assume a forma de uma cerimônia, mais ou menos paralela ao batismo católico romano, que, supostamente, teria um efeito semimágico. Por outro lado, tal confissão é aceita de modo muito superficial. Quando alguém profere uma oração de confissão de pecados, a par das palavras declaradas de que acaba de receber a Cristo como Salvador, aceita-se que aquela pessoa foi salva. Isso envolve o que se convencionou chamar de *fácil-crelsmo* (que vide). Isso significa que a confissão não passa de uma afirmação credal, como se fosse uma cerimônia mágica, e não uma verdadeira conversão, que consiste em arrependimento e fé. Muitos exercem maior confiança nesse tipo de confissão do que seria razoável esperar. Seja como for, tal confissão deveria ser devidamente precedida por ensinos sobre a absoluta necessidade de arrependimento, fé correspondente e verdadeiro discipulado. Sem essas coisas, a confissão não passa de um aglomerado de palavras ocas. De nada adianta alguém afirmar que concorda com um credo que anuncie quais são as crenças aceitas. Não forçamos Deus a fazer coisa alguma, simplesmente porque dizemos: «Aceito a Jesus Cristo como meu Salvador»! A salvação é dada quando outorgamos a nossa alma aos cuidados de Cristo, com os passos contemporâneos e subseqüentes do arrependimento, da verdadeira fé, da santificação e da transformação da alma segundo a imagem de Cristo. Se esses estágios não estiverem envolvidos, a confissão verbal nada significará. Ver o artigo separado sobre a *Confissão de Cristo*, quanto aos vários itens da doutrina envolvida.

Na antiga Igreja cristã, o *confessio* envolvia a profissão de fé por parte de algum mártir, que sofrera perseguição por causa de sua fé, mas não cedera, e do que resultara a mais firme convicção, publicamente professada. É interessante observarmos que essa palavra latina aparece no santuário de São Pedro, no Vaticano. Ele fez uma verdadeira confissão, cuja fé chegou a amadurecer plenamente. A mesma palavra latina tem sido encontrada no túmulo de outros mártires cristãos. A moderna Igreja cristã tem barateado o sentido da confissão; geralmente a reduz a um rito quase mágico, no qual se deposita uma exagerada confiança. Na verdade, porém, a confissão de um homem deve ser a sua vida de fé.

2. Com base na confissão oral e pública, surgiu o *credo formal escrito*. Isso posto, encontramos credos tão antigos como o credo Apostólico e o credo Niceno. Ver o artigo sobre *Credos*. As igrejas reformadas, ansiosas por reafirmarem aquilo que julgavam ser a fé apostólica, produziram uma série de confissões escritas. Houve a Confissão de Augsburg, de 1530, e a Confissão de Westminster, de 1643. Ver os artigos separados sobre as mesmas. Os decretos do Concílio de Trento (1545-1563) tinham o intuito de reafirmar a posição católica romana, combatendo certas idéias salientadas pelos reformadores protestantes. A Igreja Anglicana tem seus Trinta e Nove Artigos, que buscam reconciliar pontos de vista conflitantes nas confissões, tendo em vista a unidade da Igreja. Naturalmente, esses artigos também são uma declaração geral das crenças da comunhão anglicana. Ver o artigo separado sobre as *Confissões da Igreja Histórica*, quanto a outros detalhes.

3. *A Confissão da Igreja Católica Romana*. O título desse tipo de confissão é *confissão sacramental*. Dentro do catolicismo romano moderno, esse tipo de confissão, também chamada «confissão auricular», tornou-se a principal obra pastoral dos sacerdotes romanistas. A Igreja de Roma ensina que a confissão auricular é obrigatória antes da participação na comunhão, e que a mesma deve ser feita pelo menos uma vez por ano. Fica entendido que o padre, como suposto representante de Deus, pode reter ou perdoar os pecados, por meio de seu ofício, e que, sem essa absolvição, os pecados continuam sem perdão. A base bíblica para essa prática são os trechos de Mat. 16:19; João 20:23 e Tia. 5:16. Os teólogos evangélicos objetam ao uso das duas primeiras dessas três referências, em apoio à confissão auricular, afirmando que o que Jesus disse aplica-se aos apóstolos, e não aos padres de alguma das denominações cristãs. O trecho de Tiago nada tem a ver com alguma função eclesiástica. Em Tiago vemos uma confissão informal de pecados, entre crente e crente, que, entre outras coisas, tem o propósito de contribuir para a cura dos males físicos.

A confissão de pecados é um momento de auto-exame. Dentro da Igreja Católica Romana, o padre tem o dever de fazer certas indagações, que

fazem a pessoa lembrar-se de seus pecados. Devem ser confessados tanto os pecados mortais quanto os pecados veniais, assim chamados. Se alguém que está se confessando ao padre não disser a verdade, ou não mencionar algum pecado, propositalmente, todo o processo fica automaticamente anulado.

*A Confissão nas Igrejas Ortodoxa e Anglicana.* A Igreja Ortodoxa Oriental recomenda a seus adeptos que se confessem anualmente. A Igreja Anglicana ensina a seus membros fazerem confissão tão freqüentemente quanto sintam ser necessário.

*Requisitos da Confissão.* Do penitente são requeridos estes pontos: 1. que ele se sinta contrito; 2. que faça confissão apropriada; 3. que preste *satisfação*, mediante o auto-exame, a tristeza, a correção dos erros praticados, em todos os casos possíveis. Também precisa cumprir quaisquer atos de penitência determinados pelo padre confessor.

4. *Substituições Protestantes*

Entre essas substituições devemos destacar o *aconselhamento*. O ato de aconselhamento tem surgido dentro do aconselhamento religioso e psicológico. Acredita-se que esse aconselhamento exerce um efeito terapêutico. No entanto, faz-se totalmente ausente o elemento sacramental. Não se acredita que o ministro conselheiro tenha a autoridade de reter ou de perdoar os pecados alheios. Dentro do aconselhamento pastoral, a confissão de pecados está sendo adotada novamente. E os conselheiros profissionais também pensam que a confissão de pecados é valiosa. De fato, há certo valor terapêutico na confissão dos próprios erros e pecados, se isso for acompanhado pela resolução de *mudar* a conduta. Se não houver tal resolução, os efeitos da confissão serão apenas temporários, porquanto a causa profunda dos sentimentos de ansiedade não é removida. A medicina moderna tem comprovado que a mente pode promover ou causar todas as variedades de mazelas físicas. Se a mente for restaurada, disso resultará a cura física, ou então futuras enfermidades físicas serão evitadas. O livro de Provérbios (23:7), estipula: «Porque, como imagina (o homem) em sua alma, assim ele é...» Quando alguém, mediante a confissão de seus pecados, corrige as coisas com outra pessoa ou com outras pessoas, então também se manifesta o efeito terapêutico da comunhão restaurada. Isso pode constituir *a solução para a comunhão*, conforme dizia Bonhoeffer. (AM B BOW C E)

## CONFESSOR

Consideremos, a respeito, os três pontos abaixo:

1. Esse termo era aplicado aos primitivos cristãos que confessavam com denodo a sua fé em Cristo, em tempos de perseguição e martírio, estando sujeitos a todas as formas de perigos, mas que, finalmente, não foram martirizados.

2. Por extensão, esse termo veio a aplicar-se aos indivíduos dotados de especiais qualidades espirituais, embora não expostos a quaisquer testes ou perigos especiais. Por volta do século VI D.C., a Igreja começou a honrar publicamente os confessores, mesmo quando eles não sofriam o martírio. Alguns desses confessores têm sido canonizados.

3. O termo também se aplica a um padre da Igreja Católica Romana, quando, por detrás do confessionário, ouve confissões de seus paroquianos.

## CONFIAR

Nas Escrituras, o ato de confiar envolve dois aspectos básicos: a. entregar-se aos cuidados de outrem; e b. deixar-se persuadir. Essas idéias fundamentais aparecem tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, até mesmo no sentido das palavras hebraicas e gregas envolvidas. A moderna noção de «fé», apenas como crença na existência ou funcionabilidade de algo ou de alguém, é muito superficial. É extremamente comum alguém dizer que «crê em Deus», quando tudo que ele quer dizer é que sabe que Deus existe. Essas pessoas nunca se entregaram aos cuidados de Deus, quanto à segurança eterna de suas almas, nem jamais se deixaram persuadir pelas promessas e garantias dadas pela palavra de Cristo.

**A. Termos Originais**

Vocábulos que transmitem a idéia de outorga:

1. *Batach*, «apoiar-se em». Palavra hebraica usada por cento e vinte vezes. Por exemplo: Deu. 28:52; II Reis 18:5; 19:10; Sal. 4:5; 13:5; 49:6; Pro. 3:5; 16:20; Isa. 12:2; 26:4; Jer. 7:4; 17:5; Eze. 33:13; Amós 6:1; Sof. 3:2.

2. *Galal*, «rolar sobre». Palavra hebraica empregada por dezoito vezes. Por exemplo: Sal. 22:8; 37:5; Pro. 16:3.

3. *Chasah*, «refugiar-se». Palavra hebraica que ocorre por trinta e sete vezes. Para exemplificar: Deu. 32:37; Juí. 9:15; Rute 2:12; II Sam. 22:3; Sal. 2:12; 7:1; 31:1; 118:8,9; Pro. 30:5; Isa. 57:13; Naum 1:7; Sof. 3:12.

4. *Elpízo*, «esperar em». Palavra grega usada por trinta e uma vezes: Mat. 12:21; Luc. 6:34; 23:8; 24:21; João 5:45; Atos 24:26; 26:7; Rom. 8:24,25; 15:12,24; I Cor. 13:7; 15:19; 16:7; II Cor. 1:10,13; 5:11; 8:5; 13:6; Fil. 2:19,23; I Tim. 3:14; 4:10; 5:5; 6:17; File. 22; Heb. 11:1; I Ped. 1:13; 3:5; II João 12 e III João 14. O substantivo *elpís* «esperança», ocorre por cinqüenta e uma vezes, desde Atos 2:26 até I João 3:3.

Vocábulos que transmitem a idéia de deixar-se persuadir:

1. *Chil*, «permanecer». Palavra hebraica que figura por nove vezes. Por exemplo: Juí. 3:25; Miq. 1:12.

2. *Mibitach*, «confiança». Palavra hebraica que aparece por catorze vezes. Por exemplo: Jó 18:14; Sal. 65:5; Pro. 14:26; Jer. 2:37; Eze. 29:16.

3. *Kesel*, «firmeza». Palavra hebraica que figura por quatro vezes. Por exemplo: Pro. 3:26; Jó 8:14.

4. *Kislah*, «confiança». Palavra hebraica que, com esse sentido, aparece em Jó 4:6.

5. *Parresía*, «ousadia». Palavra grega que aparece por trinta e uma vezes: Mar. 8:32; João 7:4,13,26; 10:24; 11:14,54; 16:25,29; 18:20; Atos 2:29; 4:13,29, 31; II Cor. 3:12; 7:4; Efé. 3:12; 6:19; Fil. 1:20; Col. 2:15; I Tim. 3:13; File. 8; Heb. 3:6; 4:16; 10:19,35; I João 2:28; 3:21; 4:17; 5:14.

6. *Peítho*, «estar persuadido». Termo grego usado por cinqüenta e três vezes: Mat. 27:20,43; 28:14; Mar. 10:24; Luc. 11:22; 16:31; 18:9; 20:6; Atos 5:36,37,40; 12:20; 13:43; 14:19; 17:4; 18:4; 19:8,26; 21:14; 23:21; 22:26; 27:11; 28:23,24; Rom. 2:8,19; 8:38; 14:14; 15:14; II Cor. 1:9; 2:3; 4:11; 10:7; Gál. 1:10; 5:7,10; Fil. 1:6,14,25; 2:24; 3:3,4; II Tes. 3:4; II Tim. 1:5,12; File. 21; Heb. 2:13; 6:9; 13:17,18; Tia. 3:3; I João 3:19.

7. *Pepoíthesis*, «confiança». Substantivo grego usado por seis vezes: II Cor. 1:15; 3:4; 8:22; 10:2; Efé. 3:12 e Fil. 3:4.

A principal palavra hebraica é «batach». Alguns estudiosos, além de aceitarem para ela o sentido de «apoiar-se», também pensam que talvez, mais radicalmente, signifique *estar aberto*, o que reflete a idéia original de «confiança», dando a idéia que nada

há a ocultar da pessoa em quem se confia.

A Bíblia ensina-nos o valor da confiança (Isa. 30:15; Heb. 10:35), mas não no «ouro» (Jó 31:24), e nem no homem, por maior e mais importante que este seja (Sal. 118:8,9; Jer. 17:5). Fica excluída, das Escrituras, até mesmo a confiança própria (Pro. 14:16; Fil. 3:3). Na Bíblia, a única confiança válida é aquela posta em Deus (Sal. 65:6; Pro. 3:26; 14:26), conforme Deus se revelou na pessoa de Cristo: «...pelo qual temos ousadia e acesso com confiança, mediante a fé nele» (Efé. 3:12). «Estas cousas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em nome do Filho de Deus. E esta é a confiança que temos para com ele, que, se pedirmos alguma cousa segundo a sua vontade, ele nos ouve» (I João 5:13,14).

Tal como sempre faz, a Bíblia vai desenvolvendo o tema da confiança, desdobrando as várias idéias que fazem parte do conceito. Assim, a Bíblia tanto exorta-nos à confiança (por exemplo, Sal. 115:15), como faz promessas firmes àqueles que puserem sua confiança em Deus (por exemplo, Isa. 26:3), assim como também fornece-nos muitos exemplos de confiança em Deus. Quanto a este último aspecto, nenhum capítulo é mais eloqüente que Heb. 11:1-40. Finalmente, para desencorajar a atitude humana da incredulidade, tão natural em nós, Deus nos apresenta muitas advertências contra essa atitude que tanto desonra ao Senhor. Dessa reprimenda não escaparam nem mesmo os discípulos originais, conforme lemos em Mar. 16:14: «Finalmente, apareceu Jesus aos onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não deram crédito aos que o tinham visto já ressuscitado». E o autor da epístola aos Hebreus adverte como segue, àqueles crentes judeus que pareciam dispostos a retroceder da sua nova fé em Cristo: «Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo...» (Heb. 3:12).

**No Novo Testamento, o ensino sobre a «confiança» no Senhor atinge o seu ponto culminante.** Quanto os escritores sagrados usam o verbo *peítho*, «estar persuadido», eles mostram que a confiança, na Bíblia, nunca envolve a idéia de mera expectação confiante. Antes, ela nos mostra que confiar é estar persuadido por argumentos celestes, usados pelo Espírito de Deus, capazes de convencer o crente sobre as realidades reveladas. «E assim, a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo» (Rom. 10:17). Que essa persuasão não vem apenas por meio de provas externas de qualquer espécie, lemos: «E, embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele; para se cumprir a palavra do profeta Isaías, que diz: Senhor, quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor?» (João 12:37,38). Essa persuasão vem do céu. «Certa mulher chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às cousas que Paulo dizia» (Atos 16:14).

É por esse motivo que os crentes não se caracterizam por uma confiança tímida e hesitante. Antes, a fé deles pode crescer e fortalecer-se até tornar-se *parresía*, ou «ousadia». Talvez em nenhuma outra passagem essa ousadia transpareça tão claramente como na epístola aos Hebreus (10:19 *ss*), onde lemos: «Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus...aproximemo-nos com sincero coração, em plena certeza da fé... Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel».

## CONFIRMAR, CONFIRMAÇÃO

Ver também o artigo sobre a **Iniciação Cristã**.

1. *Usos Bíblicos*. Muitas palavras hebraicas e três palavras gregas estão vinculadas a esse conceito. As palavras hebraicas, nenhuma das quais teologicamente importante, são traduzidas como «endurecer», «fortalecer», «segurar», «estabelecer», «preencher», e «confirmar». Mais importantes, teologicamente falando, são os três vocábulos gregos envolvidos, a saber:

1. *Bebaióo*, «firmar». Esse vocábulo aparece por oito vezes: Mar. 16:20; Rom. 15:8; I Cor. 1:6,8; II Cor. 1:21; Col. 2:7; Heb. 2:3; 13:9. O substantivo, *bebaíosis*, «firmeza», figura por duas vezes: Fil. 1:7; Heb. 6:16.

2. *Episterízo*, «confirmar plenamente». Esse vocábulo aparece por três vezes: Atos 14:22; 15:32,41.

3. *Kuróo*, «validar». Essa palavra figura por duas vezes: II Cor. 2:8 e Gál. 3:15.

Usando a primeira dessas três palavras gregas, em Fil. 1:7 e Heb. 6:16, o apóstolo dos gentios fala sobre a confirmação de coisas, e não de pessoas. Em Atos 8:12-17, Lucas diz-nos que a pregação de Filipe, em Samaria, foi *confirmada* pelos apóstolos Pedro e João, que ali foram e impuseram as mãos sobre os convertidos, a fim de que recebessem o Espírito Santo. O derramamento do Espírito sobre aqueles recém-convertidos, pois, serviu de confirmação do trabalho de Filipe. Em outros trechos bíblicos, o recebimento do Espírito está vinculado ao arrependimento ou ao ato do batismo em água. Ver Atos 2:38 e 10:44-48. Há referências à confirmação dos discípulos, por parte de Paulo, em Atos 14:22; 15:32 e 18:23. No entanto, não parece ter havido algum rito eclesiástico envolvido nessas referências. Paulo simplesmente conferiu àqueles crentes ensinos e encorajamento.

2. *O Sacramento da Confirmação*. A confirmação ou crisma é um dos sete sacramentos da Igreja Católica Romana e da Igreja Ortodoxa Oriental. A primeira afirma que esse sacramento foi instituído pelo próprio Cristo, por meio de seus discípulos. Tal como no caso de outros dogmas, a história mostra-nos que a confirmação veio a transformar-se em sacramento mediante um desenvolvimento teológico. Recebeu posição de sacramento por Pedro Lombardo, no século XII D.C., e por Tomás de Aquino no século XIII D.C.

Um sacramento é um rito qualquer através do qual, segundo se crê, o Espírito de Deus confere sua graça e suas operações. O concílio de Trento, no século XVI, também pronunciou-se sobre a confirmação como um sacramento. Na Igreja Católica Romana, os bispos administram esse rito, cujo propósito é tornar os crismados fortes na fé e filhos da Igreja. É administrado a crianças, mediante a imposição de mãos e a unção, antes delas receberem a chamada primeira comunhão (que vide), mais ou menos com doze anos de idade. Tomás de Aquino comentou: «A confirmação é para o batismo, o que o crescimento é para a concepção». Em outras palavras, mediante esse rito, a graça administrada pelo Espírito levaria os cristãos a crescerem espiritualmente, encorajando-os à firmeza na fé. As palavras da crisma são as seguintes: «Assinalo-te com o sinal da cruz, e confirmo-te com a crisma da salvação». Presumivelmente, o ato confere um *caráter indelével* ao crismado, pelo que é administrado somente uma vez. Através desse rito, os sete dons do Espírito fluiriam

até o crismado. Em algumas igrejas protestantes como as dos luteranos, o ato é realidade, embora não seja considerado um sacramento, ou meio de graça. Antes, o indivíduo batizado, mediante a crisma é confirmado no tocante aos votos que seus pais fizeram em seu favor, quando foi batizado. A confirmação é ministrada ao término do estudo do primeiro catecismo. Após isso, a pessoa é admitida à comunhão da Igreja Católica Romana. Na Igreja Episcopal, a confirmação é considerada um sacramento que completa o batismo em água, mediante a unção e a imposição de mãos.

Em muitas igrejas evangélicas, um equivalente geral à confirmação é a chamada ao «altar», para que a pessoa dedique sua vida a Cristo. Não há o acompanhamento de qualquer rito, mas o espírito da coisa é idêntico ao que sucede na crisma católica romana.

De acordo com o rito romano, o bispo (ou padre para isso nomeado) aplica à criança um tapinha no rosto, após haver aplicado o óleo à sua testa. Isso significa que aquele crismado deve esperar sofrimento e bofetes, se for um autêntico discípulo de Cristo. O oficiante então declara: «Defende, ó Senhor, este Teu filho (ou servo), com tua graça celestial, para que ele continue teu para sempre; e aumenta sobre ele, diariamente, o teu Santo Espírito, até que ele chegue ao teu reino eterno. Amém». Essas são belas palavras, prenhes de significado. Mas, no caso de seus escolhidos que já se converteram, o Espírito realiza essa missão, com ou sem esse rito. (AM E)

## CONFISCO

Essa é a expropriação compulsória de alguma propriedade, por parte das autoridades do governo de um país, sem qualquer compensação. Mas, a *expropriação* mediante uma justa compensação não constitui confisco; todavia, se a compensação paga for abaixo do que é justo, terá havido um confisco parcial. Durante a era cristã, tem havido uma longa história dessa prática. A partir do século IV D.C., propriedades pagãs, e subseqüentemente, islâmicas, foram confiscadas pela Igreja Católica. Durante a Reforma, autoridades protestantes confiscaram propriedades da Igreja Católica Romana. Durante a Revolução Francesa, na França e em outros países europeus, propriedades eclesiásticas foram tomadas sem qualquer compensação. Durante o século XX, tem sido prática dos governos comunistas confiscar propriedades de estrangeiros e de instituições religiosas de todos os tipos. O confisco sempre foi uma das armas poderosas dos perseguidores. Freqüentes confiscos foram impostos aos judeus, em todas as épocas. Isso tem ocorrido em diversos países europeus, e o exemplo mais notável de nosso século foi aquele praticado pelo regime nazista de Adolf Hitler.

*Confisco na Bíblia.* Coisa alguma é dita na legislação mosaica acerca desse ato. Na prática, porém, a mesma começou em Israel com o surgimento da monarquia. O profeta Samuel predisse que, com a instituição da monarquia, os reis haveriam de confiscar propriedades privadas, para seu próprio uso e enriquecimento (I Sam. 8:14-16). Saul chegou ao poder como homem relativamente pobre; porém, não demorou muito e já tinha propriedades suficientes para distribuir terras entre seus oficiais mais diretos (I Sam. 22:7). Ao falecer, era homem rico em propriedades (II Sam. 8:7-10). Alguns textos parecem indicar que foram baixadas leis para refrear essa prática (I Reis 21:15,16; II Reis 4:12,25,26). Após o exílio, foi permitida a medida do confisco no tocante aos que desobedecessem à lei. Durante o período do governo romano, essa prática teve prosseguimento. Herodes esteve envolvido na mesma (Josefo, *Anti.* xvii.307; *Guerras* ii.3).

O trecho de Hebreus 10:34 mostra-nos que os cristãos da época apostólica, e da imediatamente depois, sofreram essa injustiça. (AM Z)

## CONFISSÃO

Ver os artigos gerais sobre **Confessar, Confissão; Confissão de Cristo; e Confissões da Igreja Histórica.**

## CONFISSÃO AURICULAR

Consulta religiosa particular com um clérigo ou conselheiro leigo, uma prática comum na Igreja antiga. A confissão formal, para efeito de disciplina, fazia-se publicamente; e as confissões particulares serviam de orientação. A confissão secreta de pecados ao «padre» normalmente figura nos livros penitenciais das igrejas celtas. Uma confissão anual, de natureza secreta, foi decretada como obrigatória a todos pelo quarto concílio laterano, em 1215.

## CONFISSÃO BELGA

Um credo reformado de trinta e sete artigos, preparado em 1561 por Guido de Bres, e posteriormente emendado e adotado por vários sínodos, de 1566 a 1581, e finalmente, pelo importante sínodo de Dort, em 1619. O credo tornou-se o padrão das igrejas reformadas da Holanda e da Bélgica, e então da Igreja Reformada (Holandesa) da América. (E)

## CONFISSÃO DE CRISTO

Ver o artigo sobre *Confessar, Confissão, sob o* 3º ponto. *Usos Eclesiásticos da Confissão,* 1. *A Confissão Pública de Cristo.* Ali discuto sobre os *abusos* que têm caracterizado a confissão pública, na moderna Igreja cristã, incluindo o abuso do *fácil-crelsmo* (que vide).

1. *Seriedade do Ato.* Em tempos de perseguição, como ocorreu durante os primeiros trezentos anos da história da Igreja cristã, é coisa séria alguém ser um discípulo sincero de Cristo. Na antiga Igreja cristã, o *confessio* indicava a profissão de fé, feita por um mártir, que resistira à perseguição e não abandonara a sua fé em Cristo. Essa mesma palavra latina tem sido encontrada nos túmulos dos mártires cristãos da antiguidade, bem como na catedral de São Pedro, no Vaticano. Em tempos de liberdade religiosa, é fácil baratear a confissão cristã, transformando-a em mera afirmação verbal, diante de um credo, sem a necessidade de reconhecer que a confissão deve ser dada pela própria vida de fé, dos discípulos sérios de Cristo. Podemos confessar a Jesus como Senhor e como Filho de Deus, sem que ele signifique isso, pessoalmente, para nós. Podemos afirmar a crença que ele se encarnou entre os homens, sem que ele se torne o Senhor e Diretor das nossas vidas.

2. *As Idéias Doutrinárias.* Não obstante, desde os próprios dias neotestamentários, quando o discipulado cristão era algo vital, a substância doutrinária da profissão cristã era considerada um fator importante. Assim, a homologia (confissão) cristã inclui os seguintes itens:

a. Jesus era o Messias (João 9:22).

b. Jesus era o Filho de Deus (I João 4:15).

c. A encarnação de Jesus foi o nascimento genuíno do Logos, em forma humana (I João 4:2).

d. Ele era o Senhor, o que ficou comprovado pela sua ressurreição (Rom. 10:9; Fil. 2:11).

e. Jesus deve ser confessado diante dos homens e seguido e obedecido com sinceridade (II João 7).

Uma confissão envolvendo esses elementos era feita, por ocasião do batismo em água, na Igreja primitiva, assinalando o começo do discipulado cristão. O arrependimento e a fé eram compreendidos como condições imprescindíveis (Atos 2:38; 20:21).

## CONFISSÃO DE FÉ

Ver os artigos gerais sobre *Confissão, Confissão de Cristo* e *Confissões da Igreja Histórica*.

A princípio, a confissão era feita oralmente, como um reconhecimento público, feito diante de testemunhas (I Tim. 6:12), por ocasião do ato do batismo em água, ou em outras oportunidades. Com o tempo, essa confissão oral assumiu forma escrita, do que surgiram os credos, como o Credo Apostólico e o Credo Niceno. A Reforma protestante foi uma época em que as igrejas evangélicas, ansiosas por fixar seus credos sobre bases concretas, formularam credos escritos. Disso resultaram quase quarenta confissões formais, durante aquele agitado período da história do cristianismo. As principais confissões luteranas foram as seguintes: A Confissão de Augsburg, de 1530, que foi, essencialmente, obra de Malanchton (que vide), com a aprovação de Lutero; os artigos de Smalkald, de 1573; a Fórmula de Concórdia, de 1577; o Livro da Concórdia, de 1580. As confissões reformadas (calvinistas) chegaram a ser mais de trinta, dentre as quais as principais foram: A Confissão Helvética, de 1536; os Cânones do Sínodo de Dort, de 1618; a Confissão de Westminster, de de 1646. Os decretos do Concílio de Trento (1546-1563) tiveram o intuito de reafirmar a posição da Igreja Católica Romana, em oposição a certas idéias defendidas pelos reformadores protestantes. A Igreja Anglicana tem os seus Trinta e Nove Artigos revisados em 1642. Essa confissão tem sido usada pela Igreja da Escócia desde 1647, tendo sido aprovada pelo parlamento, em 1648. A maioria dos credos acima mencionados mereceram o tratamento de um artigo separado, nesta enciclopédia. Ver também o artigo sobre *Credos*.

## CONFISSÃO DE FÉ DE DORDRECHT

Essa é a confissão de fé dos menonitas holandeses. Essa confissão foi adotada em uma conferência efetuada em Dordrecht, na Holanda, a 21 abril de 1632. Essa confissão contém dezoito artigos, cada qual com o apoio de amplos textos de provas. A maior parte desses artigos consiste em proposições evangélicas comuns. Os artigos distintivos são: XI, sobre a necessidade de observar o lava-pés; XIV, que é o direito de defender-se mediante o uso da força; XV, a proibição contra os juramentos; XVII, a necessidade de evitar os excluídos. Ver o artigo geral sobre os *Credos*, bem como o artigo sobre as *Confissões de Fé*.

## CONFISSÃO DE PECADOS

Ver os artigos sobre *Confessar, Confissão*, sob o segundo ponto, *Usos Bíblicos*, e sob o terceiro ponto, *Usos Eclesiásticos*, sob a., b., c. e d.

Parte da *homologia* (confissão) cristã era o reconhecimento da própria indignidade e da própria natureza pecaminosa, do que resulta uma vida em que inúmeros pecados são cometidos. Ver Lev. 26:40; Jos. 7:19 e Mat. 27:4. A confissão é uma espécie de sinal de arrependimento e fé no evangelho, e não o descarregamento psicológico do senso de culpa (Mar. 1:1-5). A confissão assim é condição para o recebimento do perdão (Sal. 32:5; I João 1:9), por ocasião da conversão ou posteriormente. A confissão de pecados é um pré-requisito para a vida de oração eficaz (I Reis 8:33; Nee. 1:6; Sal. 66:18 e Luc. 18:9-14). A lei levítica exigia confissão e restituição, em todos os casos possíveis, antes do recebimento da remissão dos pecados, de natureza individual ou coletiva (Lev. 5:5; Núm. 5:7; Lev. 16:21). E esse é um princípio que deveríamos seguir.

A confissão deve ser feita, primariamente, diante de Deus (Sal. 51:3,4; Rom. 14:10-12), mas também pode ser feita diante de outras pessoas, ou mesmo em público (Eze. 9:6; Tia. 5:16). O desvendamento, em público, de pecados secretos e escandalosos, pode ser algo muito vergonhoso (Efé. 5:12). Mas isso pode revestir-se de um valor terapêutico enorme, quando feito diante de conselheiros, de pastores, das pessoas que tivermos ofendido, etc. Em Tiago 5:16, a confissão de pecados aparece como uma ajuda terapêutica. Isso concorda com o que sabemos acerca das doenças psicossomáticas. Também há perturbações mentais que se manifestam meramente porque alguém não descarrega sua carga de senso de culpa. Se a confissão de pecados for feita com a firme resolução de *mudar* de atitude, então, algumas vezes, é admirável como a pessoa que confessa melhora. Alguns psicólogos modernos têm tentado livrar os seus pacientes de algum senso de culpa, e, ao fazê-lo, têm chamado o pecado por todo o tipo de nomes, a fim de ocultar a sua realidade. Porém, quando alguém pratica um *erro* que prejudica a si mesmo ou ao próximo, não basta chamar esse erro de fraqueza ou de mecanismo de autopreservação. Os homens são pecadores, e não apenas autopreservadores.

É medida saudável reconhecer um pecado cometido contra algum irmão a quem ofendemos ou prejudicamos de algum modo (Mat. 5:21). Isso cura não apenas o indivíduo culpado, mas também a comunidade dos crentes. De algumas vezes, uma ofensa deve ser levada ao conhecimento da Igreja inteira (Mat. 18:17). Em determinadas ocasiões, vale a pena até mesmo repreender os anciãos, quando eles praticarem algum erro, fazendo-o publicamente (I Tim. 5:20). Isso anula o mau exemplo dado.

## CONFISSÃO DE WESTMINSTER

Ver **Westminster, Confissão de.**

## CONFISSÃO ESCOCESA

Ver **Escocesa, Confissão**

## CONFISSÃO GALICANA

Também conhecida como Confissão de La Rochelle, essa confissão foi redigida por João Calvino (que vide), e ampliada e adotada pelo Sínodo de Paris, em 1559, como confissão de fé e ordem disciplinar. Depois disso, essa confissão foi reiteradamente revisada, sob a direção de Beza. Quando do sétimo sínodo nacional, em La Rochelle, em 1571, na presença da rainha de Navarra e de seu filho, Henrique IV, essa confissão foi ratificada. Ela consiste em quarenta artigos que sumariam a doutrina e a disciplina calvinista. Em 1872, essa confissão foi ultrapassada pela «Declaração de Fé da Igreja Reformada», na França. Ver os artigos gerais sobre os *Credos* e sobre outras Confissões. Ver também os *Cinco Pontos do Calvinismo*.

## CONFISSÃO TETRAPOLITANA

Ver **Sacramentarianos.**

## CONFISSÕES DA IGREJA HISTÓRICA

O Novo Testamento é a base principal dos credos cristãos, pois contém os artigos essenciais da fé cristã. Em face da necessidade de interpretação e ênfase,

surgiram os credos eclesiásticos. A palavra «credo» vem do latim, *credo*, que significa «creio». Em meu artigo sobre o *Credo*, apresento o pano de fundo histórico, bem como as primeiras fórmulas, pelo que tal informação não é repetida aqui. Os três grandes credos clássicos são: o Credo dos Apóstolos; o Credo Niceno, de 318 D.C., e o Credo de Atanásio (pós-agostiniano). Cada um desses é tratado nesta enciclopédia em um artigo separado. Historicamente, a maioria dos credos originou-se nos séculos IV e V D.C., e então nos séculos XVI e XVII D.C. quando a Reforma protestante foi o grande motivo da renovação dos credos. O século XX tem visto o reavivamento da preparação de credos. Os credos surgem quando há algum conflito sobre doutrinas, ou quando novos grupos cristãos estão procurando interpretar as suas doutrinas. Os credos tornam-se autoritários até certo ponto, de tal modo que tornar-se alguém membro de muitos grupos cristãos depende, de modo absoluto, da aceitação ou não deste ou daquele credo.

**1. O Catolicismo Oriental.** A definição da fé cristã, segundo esse segmento da Igreja cristã, é o Credo Niceno, segundo as declarações dos concílios de Éfeso (431 D.C.), Calcedônia (451 D.C.), Constantinopla (553 D.C.), Constantinopla (680 D.C.), e Nicéia (787 D.C.). A isso foram adicionados os vinte artigos da Confissão de Gonádio, em 1453. Além disso, temos as quatro respostas de Jeremias II (que vide), patriarca de Constantinopla, que criticava certos aspectos da teologia luterana de Tubingen (1547-1581), conforme os mesmos são exemplificados na Confissão de Augsburg. A confissão de Metrófanes Critópulo (1625), composta para os teólogos de Helmstaedt, publicada em 1661, reconhecia apenas o batismo, a penitência e a eucaristia como mistérios necessários. Essa confissão encerra uma polêmica contra o catolicismo romano, excluindo os livros apócrifos do cânon da Bíblia Sagrada. Também devemos levar em conta a Confissão de Cirilo Lucas (1629, 1631, 1633), que foi influenciada pelo calvinismo em dez ou dezoito parágrafos. O seu segundo parágrafo aceita a Bíblia como dotada de autoridade superior à da Igreja. Os sete sacramentos são ali reduzidos a dois; a presença real mas espiritual de Cristo substitui a doutrina da transubstanciação; o purgatório é rejeitado; e a justificação pela fé é afirmada. Entretanto, esse patriarca de Constantinopla enfrentou muitos problemas, tendo sido deposto por cinco vezes, por cinco vezes foi reinstalado, e, finalmente, foi estrangulado. Pedro Mogilas, metropolita de Kiev, pai da teologia russa, compôs, em 1638, uma confissão que se tornou canônica e padrão da Igreja russa. Essa confissão foi composta parcialmente com o propósito de repelir vários itens da confissão de Cirilo. Por ocasião do sínodo de Jerusalém, de 1672, foi expedida uma rejeição formal do credo de Cirilo Lucar, de tal modo que ficou muito reduzida a simpatia pelo calvinismo, naquele segmento do cristianismo. Doseiteu, patriarca de Jerusalém, era fanaticamente ortodoxo, e os dezoito artigos de sua confissão, bem como as quatro questões finais, fizeram a Igreja Oriental reaproximar-se novamente da posição da Igreja Católica Romana, afastando-a do calvinismo.

**2. O Catolicismo Romano.** Além dos antigos credos tradicionais, acima mencionados, a Igreja Católica Romana aceita as decisões de vários concílios da Igreja (que vide), os quais, pelo menos em parte, são alistados acima, nas informações dadas sobre a Igreja Oriental. Então o concílio de Trento (que vide), 1545-1563, serviu de importante meio para definir a doutrina católica romana, em oposição a certas doutrinas reformadas. Esse concílio reafirmou a declaração de alguns papas, consideradas autoritárias como confissões cristãs. O papa Pio IV reservou-se o direito de interpretar as decisões do concílio de Trento, e confirmou os decretos de duzentos e cinqüenta e cinco padres que sustentavam itens do Credo Niceno. Foram mantidas as doutrinas referentes ao pecado original, à autoridade das Escrituras, à justificação mediante a participação nos sacramentos e a doutrina do purgatório.

A confissão da fé Tridentina (que vide), que é a do papa Pio IV, de 1564, é considerada obrigatória para todos os padres e mestres públicos católicos romanos. Consiste na forma ocidental do Credo Niceno de 381 A.C., um sumário das conclusões do concílio de Trento, além de artigos adicionais e compromissos solenes de lealdade à fé católica e ao papa. O Catecismo Romano, de 1566, trata sobre o Credo dos Apóstolos, sobre os sete sacramentos, sobre o decálogo e sobre a oração do Pai Nosso.

*Definições Papais.* A Imaculada Conceição da Virgem Maria tornou-se doutrina oficial de Roma, em 1854. A teoria da infalibilidade papal (que vide) foi confirmada em 1870. O pontífice romano falaria *ex cathedra* ao fazer pronunciamentos específicos com base em seu ofício de vigário de Cristo, e de suprema autoridade apostólica. O papa fala como grande pastor e doutor de todos os cristãos, e, mediante seus pronunciamentos formais, seria infalível. Porém, o que ele disser em outras oportunidades, de maneira instrutiva, não tem esse caráter.

**3. Confissões Protestantes.** Apresentei a substância dessa questão no artigo sobre **Confissões de Fé.** O número de confissões luteranas e reformadas (calvinistas) aproxima-se de quarenta. O Livro de Concórdia, de 1580, contém nove itens básicos: o Credo dos Apóstolos, o Credo Niceno (com o *filioque*, que significa que o Espírito procede do Pai *e do Filho*), o Credo de Atanásio, a Confissão de Augsburg, a Apologia da Confissão, os Artigos de Schmalkald, os dois grandes catecismos de Lutero e a Fórmula de Concórdia. Em edições impressas na Saxônia, desde 1700, apareceram os Artigos de Visitação, de 1592. Por volta de 1530, o luteranismo foi definido essencialmente; mas os vários credos refinaram e aprimoraram essa definição. Pontos centrais da confissão luterana são a justificação pela fé e a autoridade exclusiva das Sagradas Escrituras. O sistema de penitências do catolicismo romano foi rejeitado, e o sacerdócio de todos os crentes foi asseverado. O luteranismo permaneceu ocidental em seu caráter, no tocante a doutrinas sobre as quais a Igreja ocidental e a Igreja oriental discordam uma da outra; e também tornou-se conservador e crescentemente evangélico.

As doutrinas das igrejas reformadas (calvinistas) foram afirmadas em mais de trinta credos separados, os mais importantes dos quais alistei no artigo intitulado *Confissão de Fé.*

A doutrina *batista* foi antecipada na Assembléia de Londres, ou Segunda Confissão de Londres, de 1677. A Confissão de Filadélfia, de 1677, foi muito importante para as igrejas batistas, bem como para as igrejas presbiterianas e congregacionais.

Os Trinta e Nove Artigos (que vide quanto a detalhes) aparecem como bases da teologia da Confissão de Augsburg, com algumas modificações e adaptações. Esses artigos derivam-se dos anteriores Quarenta e Dois Artigos Eduardianos, bem como dos Treze Artigos, de 1538. Forte sentimento anti-romanista transparece em alguns desses artigos. Ali é

declarado que as igrejas de Jerusalém, de Alexandria, de Antioquia e de Roma erraram, tanto no tocante a questões de fé como no que concerne à conduta dos cristãos. Ver o artigo sobre *Westminster, Confissão de.*

**Os anabatistas**, antepassados espirituais dos menonitas, prepararam a sua confissão de fé em 1527. Pontos que são especialmente mencionados são o batismo em água, a exclusão, o partir do pão, a exclusão de pastores pecaminosos, o pacifismo e a instrução para não se fazerem juramentos. A confissão menonita de 1580 contém quarenta artigos. Cada um desses artigos é acompanhado por textos bíblicos de prova. Rejeita especificamente o batismo infantil, os juramentos e a guerra, mas reconhece um poder justo e moderado.

Grupos **evangélicos** de todas as modalidades têm aparecido, em grande proliferação de denominações e de fragmentação de denominações. Também há as igrejas bíblicas independentes, muitas das quais de tendências batistas, que seguem as confissões padronizadas dos ramos protestantes da Igreja cristã, servindo de base de interpretação e de fé. No entanto, muitas denominações evangélicas, e até mesmo igrejas locais isoladas ou missões evangélicas, sentem que devem ter suas próprias confissões de fé. A maioria dessas confissões consiste em declarações simples de doutrinas principais, acompanhadas por textos bíblicos de prova. Mas também temos a considerar as *inúmeras seitas*, muitas das quais originadas de grupos protestantes. Essas seitas têm seus próprios credos, e até mesmo livros sagrados extras. Importantes exemplos dessas seitas são os mórmons (ver sobre a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias), os cientistas-cristãos (que vide) e os Adventistas do Sétimo Dia (que vide). Todos esses fragmentos têm suas próprias confissões. (E)

## CONFISSÕES DE AGOSTINHO

Essa é uma daquelas poucas autobiografias imortais, a qual tem exercido enorme influência no mundo religioso e no mundo intelectual da civilização. Agostinho (que vide) escreveu essa obra pouco depois de tornar-se bispo de Hipona, imediatamente antes do ano 400 D.C. Na ocasião, ele tinha pouco mais de quarenta anos de idade. Pode-se dizer que as Confissões representam uma espécie de relato sobre o coração e a alma de Agostinho. Ele confessa um número razoável de pecados, em sua vida; mas a obra consiste, essencialmente, em uma declaração de louvor por tudo quanto Deus fizera por ele, através dos anos, levando-o ao estado espiritual que ele havia atingido. Na leitura da descrição dos conflitos e vitórias de Agostinho, recebemos muitos preciosos discernimentos sobre a vida humana, bem como sobre as motivações e inspirações dos homens. Naturalmente, Agostinho foi uma das mais profundas figuras intelectuais de todos os tempos, o que explica sua extraordinária capacidade de descrever essas coisas. Suas excursões no campo da psicologia infantil são interessantes. Ele nos mostra como sendo ainda criança, era impelido por definidas tendências contrárias à lei, tendências essas que nele eram naturais, não sendo fruto da influência do meio ambiente no qual vivia. Ele era negligente nos estudos, tendo aprendido valiosas lições não porque seguia regras, mas através de exemplos. Ele odiava o estudo do grego, favorecia histórias fantasiosas, queixava-se da qualidade da educação, mas, finalmente, dava crédito ao que a educação foi capaz de fazer por ele. Agostinho tinha consciência da autopiedade, pois gostava de ter pena de si mesmo, lançando sobre outras pessoas a culpa pelos seus problemas pessoais. Ele também revela o quanto o afeto pessoal significava para ele, pois, neste vasto mundo, nada se compara ao *amor*. Finalmente, foi a sua genitora quem impediu que ele continuasse semeando as sementes do mal, em sua juventude, fazendo sua mente, finalmente, voltar-se para Deus. Agostinho chegou a perceber que seu raciocínio e seus poderes intelectuais não podiam, finalmente, conferir-lhe a satisfação espiritual que ele tanto desejava. Acima disso, avulta a crença, no coração e na alma. Quando lhe perguntaram o que ele mais queria saber, Agostinho retrucou: «Deus e a alma!» E, diante da pergunta: «Nada mais?», ele respondeu: «Nada mais!» De alguma maneira, tudo deve ser encaixado dentro desse arcabouço, pois, doutra sorte, o homem fracassará naquilo que ele é requerido. Foi Agostinho quem declarou: «Creio para que possa compreender». Ele pensava que o ceticismo é prejudicial, e que somente mediante a fé uma pessoa pode aprender as grandes lições da vida. Porém, tudo quanto dissermos não pode substituir a leitura das *Confissões* de Agostinho, pelo que este artigo tem apenas o propósito de despertar a curiosidade do leitor. Quando fazia estudos de pós-graduação em Línguas Clássicas, fui forçado, pelo meu excelente professor, a ler as *Confissões* de Agostinho, em latim. Foi uma aventura difícil, mas proveitosa. (AM AUG)

## CONFISSÕES HELVÉTICAS

Esse é o nome dado a dois documentos que expõem a fé comum das igrejas protestantes suíças. O primeiro desses documentos (1536) mostrou ser por demais abreviado, e exageradamente luterano para os gostos dos membros daquelas igrejas. Por esse motivo foi substituído por uma outra confissão, redigida por Bullinger (que vide) publicada em 1562 e em 1564. Essa confissão terminou sendo largamente aceita tanto na Suíça quanto na Escócia, na Hungria, na França e na Polônia. Foi uma das mais largamente reconhecidas confissões das igrejas protestantes reformadas (que vide). Ver o artigo sobre as *Confissões*, quanto a detalhes sobre essa questão. Ver também sobre os *Credos*.

## CONFLITO DE DEVERES

Ver o artigo sobre **Transigência**, quanto às implicações religiosas da expressão. Dentro do jargão governamental, a expressão é usada para referir-se a oficiais que são profissionais, envolvidos em interesses particulares que interferem com o cumprimento apropriado de seus deveres, como funcionários públicos. Duas medidas são aplicadas nesses casos: Em primeiro lugar, pessoas com interesses divididos não deveriam exercer cargos públicos. Além deles não disporem de tanto tempo para dedicar aos seus deveres oficiais, estão sujeitos à tentação de usarem sua autoridade para fomentar seus interesses financeiros. Em segundo lugar, eles não deveriam aceitar presentes e nem subornos. Aqueles que presenteiam oficiais do governo podem estar esperando um tratamento especial, privilegiado, mediante o afrouxamento das sanções governamentais, mediante as autoridades envolvidas.

## CONFORMIDADE

A forma verbal dessa palavra significa «tornar-se semelhante a», ou então, «seguir o padrão de». Usualmente, a conformidade refere-se ao ato de

algum indivíduo, mediante o qual ele faz seus padrões de vida ou de crença, ou ambas as coisas, coincidirem com um certo conjunto de valores, de ideais ou de práticas diferentes daquilo que ele anteriormente considerava seu. O termo pode também referir-se à mesma coisa, quando envolve grupos.

1. *Quanto às Idéias*. Aquele que, mediante estudo ou influência, resolve aderir a algum sistema específico de idéias, como uma filosofia, uma religião, etc., conformou-se a esse sistema. Os discípulos de um sistema de idéias são considerados conformistas, dentro da esfera das idéias.

2. *Quanto às Práticas Éticas*. Paulo adverte-nos a não nos conformarmos com este mundo (Rom. 12:2). Aquele que não evita isso, termina por adotar os padrões éticos do mundo, tornando-se uma pessoa mundana. Para Paulo, o remédio para isso é a transformação do ser, mediante a renovação da mente. Sem dúvida isso envolve um processo espiritual, porque o homem, entregue a si mesmo, termina por amoldar-se ao mundo, em suas idéias e práticas. A fé cristã requer a denúncia do mundo, mediante uma correspondente transformação, segundo os ideais éticos e morais do evangelho.

3. *O modelo arquétipo* da transformação do crente é a imagem de Cristo (II Cor. 3:18). Esse trecho mostra-nos que passamos de um estágio de glória para o seguinte, no decurso de nossa inquirição, sendo mais e mais transformados segundo a imagem de Cristo. Essa é a transformação *metafísica*, que é um processo eterno, e não apenas temporal. O trecho de Romanos 8:29 mostra-nos que adquirir a imagem e a natureza do Filho é o alvo mesmo da salvação. Ver o artigo sobre a *Transformação Segundo a Imagem de Cristo*. Isso elimina toda a conformação com o mundo.

4. *Conformidade ao Exemplo*. Paulo exortou-nos a sermos seus seguidores, tal como ele seguia a Cristo (I Cor. 11:1. Ver também Efé. 5:1 e I Tes. 1:6, quanto a declarações similares). Desse modo, o crente amolda-se ao caminho e ao ideal cristãos. A referência em I Tessalonicenses diz que isso ocorre mediante a Palavra, o que, provavelmente, aponta para a Palavra de Deus, residente na mensagem do evangelho. Tomás a Kempis (que vide) enfatizou a verdade de que, em última análise, a homem escolhe conformar-se ou a Cristo ou ao anticristo. É praticamente impossível alguém mostrar-se neutro.

5. *Conformidade Eclesiástica*. Grupos que dissentem podem ser chamados de *não-conformistas*, visto que se recusam a ser como o sistema predominante. Na Inglaterra temos o caso daqueles que, no século XVI e posteriormente, recusaram-se a conformar-se ao estilo de fé e de ritual da Igreja Anglicana. Os puritanos eram não conformistas.

6. *A Independência Mental e Espiritual*. Qualquer pessoa que gosta de pensar com independência, e não aceita cegamente qualquer sistema denominacional, e nem se deixa agrilhoar por qualquer fé religiosa, é uma pessoa não-conformista. Grande parte do conformismo deve-se ao desejo de aceitação, que é muito forte em algumas pessoas. — Algumas vezes, a conformidade a uma denominação cristã tem motivos sociais. Ninguém gosta de ser um pária. Em outras oportunidades, a razão é mais econômica. Muitas pessoas ganham a vida servindo à religião, sendo-lhes mais conveniente aquietarem-se quanto a possíveis diferenças. Mas, podemos ter a certeza de que aquele que se conforma a qualquer sistema de idéia, nisso mesmo limita o seu conhecimento, porquanto nenhum sistema é completo, e todos os sistemas têm inúmeros erros. (B H)

## CONFORMIDADE NA NATUREZA

Ver **Uniformidade na Natureza**.

••• ••• •••

## CONFÚCIO, CONFUCIONISMO

Ver o artigo geral sobre a **Religião e a Filosofia Chinesas**.

Confúcio (551-479 A.C.) foi um filósofo e líder religioso chinês. Nasceu no estado de Lu e na aldeia de Tsou, na porção sudoeste da província de Xantungue. Tornou-se o primeiro mestre profissional da história chinesa. Seus primeiros estudantes, que se tornaram discípulos em seu movimento religioso, segundo os registros antigos, foram vinte e quatro. Confúcio recebeu educação liberal em estudos de humanidades como poesia e literatura, havendo transmitido essa cultura aos seus discípulos. Muitos deles vieram a ocupar posições importantes no governo e na sociedade chinesas. O próprio Confúcio serviu em postos governamentais, mas ele, acima de tudo, era um mestre. Embora tenha exercido alguma influência, durante seus dias de vida, o triunfo do confucionismo não ocorreu senão já no século II A.C.

Um dos segredos de Confúcio era a ligação entre professor e estudantes, que ele cultivava, algo que veio a tornar-se um ideal chinês, muito imitado por outros. Quando foi instituído um dia do professor, na China, em nosso século XX, foi escolhida a data lendária do nascimento de Confúcio, 28 de setembro.

**Idéias**. Confúcio não se afirmava pensador original, mas somente transmissor de idéias que ele tomara emprestadas da antiguidade. Na realidade, porém, ele foi um pensador muito original.

1. *Alvos*. A filosofia de Confúcio centraliza-se em torno do homem e seu bem-estar, na vida presente. Ele queria instituir uma boa sociedade, caracterizada por relações sociais harmônicas.

2. As *relações sociais harmônicas* dependeriam do que Confúcio chamava de *li*, ou seja, *caminho do bom gosto*, a conduta de um cavalheiro. Se isso envolve a pessoa na realização de ritos apropriados, religiosos e outros, consiste muito mais em cumprir as próprias *funções*. Isso deve ser feito dentro das cinco relações cardeais: a. pai e filho; b. irmão mais velho e irmão mais novo; c. marido e mulher; d. amigo e amigo; e. soberano e súdito. A piedade filial é uma das importantes bases do sistema.

3. O senso de *propriedade* é um meio do desenvolvimento do caráter. Assim como uma casa dotada de alicerce sólido também precisa ter um aspecto agradável, ou um formato arquitetônico harmonioso, assim também o homem bom deve caracterizar-se por boas maneiras, mostrando-se cheio de consideração, no trato com o próximo. Isso é fomentado pelo estudo da música e da poesia. Nisso, Confúcio mesclava a ética com a estética. As qualidades humanas, segundo ele, seriam estimuladas pelas artes. A mente é despertada pela poesia para a prática do bem.

4. *Regra Áurea do Confucionismo*. «O que não quiseres que te seja feito, não o faças a outros». Naturalmente, isso corresponde à Regra Áurea ensinada por Jesus, embora afirmada negativamente. Ver Mateus 7:12. Ali Jesus declara: «...porque esta é a lei, e os profetas». E, naturalmente, temos nisso uma aplicação da lei do amor. Ver o artigo geral sobre o *Amor*. A necessidade da comunicação de um bom caráter ocupa posição central nos ensinos de Confúcio. Primeiramente o homem deve estabelecer

seu próprio bom caráter, e então deve transmitir os seus princípios a seus semelhantes.

5. *O Princípio do Jen*. O «jen» indica aquilo que é próprio e justo, mas, acima de tudo, o *amor*. Deste último fluem a retidão, o respeito, a sinceridade, a lealdade, a liberalidade, a veracidade, a diligência, a generosidade, que são virtudes cardeais. Isso pode ser comparado à declaração paulina, em Gálatas 5:22,23. O amor é o solo onde são cultivadas todas as demais virtudes cristãs.

6. *O Tao, ou «Caminho»*. A correta aplicação dos princípios leva o indivíduo a seguir o *Tao*, ou «Caminho». Isso torna o indivíduo superior em seu caráter e em suas ações. E também conduz o seu próprio ser à *dimensão cósmica*.

7. *O T'ien ou «Céu»*. Esse termo parece indicar um padrão impessoal de justiça, o qual permite que um homem, mesmo solitário, ou como parte de uma minoria, esteja correto em seus pontos de vista e em sua vida diária. O *T'ien* é uma espécie de providência ética, à qual a pessoa pode correlacionar a sua vida, e assim triunfar em espírito, mesmo que não materialmente falando. Esse T'ien parece ser o equivalente aproximado do Espírito de Deus da concepção cristã, sem quaisquer subcategorias metafísicas.

8. *Política*. Não haveria tal coisa como reforma do estado, ou realização de um elevado ideal, sem a espiritualização do indivíduo e da família. Um monarca deveria ser selecionado, por causa de seus méritos morais, e não com base no poder pessoal. Esse conceito é um paralelo do ideal platônico do *filósofo-rei*. Para Confúcio, pois, poder não é direito. O direito depende do caráter moral, e o poder real não se origina no poder militar. Ou então, dizendo a mesma coisa em termos mais modernos: «O poder não vem do cano de um fuzil», no dizer de uma outra famosa figura chinesa.

9. *Religião*. Confúcio não foi fundador de uma religião, no sentido usual. Ele acreditava na força moral universal, tendo usado as expressões «céu» e «vontade do céu» para referir-se a essa força moral. Tal como Buda, ele foi, essencialmente, um filósofo moral, e não um filósofo metafísico. Quando um de seus alunos indagou dele algo sobre a adoração aos espíritos, ele retrucou: «Ainda não sabemos como servir aos homens; e como poderemos saber como servir aos espíritos?» Quando indagado sobre a vida além-túmulo, sua resposta foi: «Ainda não sabemos muito sobre a vida. Como podemos saber muito sobre a morte?» (*Analects of Confuscius*, cap. 11, seção 2). Confúcio jamais se apresentou como profeta de Deus; mas dedicou-se ao que ele pensava ser uma missão celestial. Ele não conferenciava sobre Deus, como um ser descrito mediante proposições teológicas. Mas a história mostra-nos que ele foi homem voltado para as questões espirituais. Em períodos de tribulação, de tristeza e de busca, ele invocava o céu. Era dono de uma espiritualidade particular que não gostava de exibir diante dos homens. Na qualidade de homem piedoso, ele esperava poder desenvolver essa mesma atitude em outras pessoas.

Posso afirmar com segurança de que o *Logos* divino plantou algumas de suas sementes nos ensinamentos de Confúcio, embora possamos obter mais importantes declarações sobre questões metafísicas em outras fontes.

**O Confucionismo.** Os ensinamentos de Confúcio não se tornaram o ideal dominante na China, senão já no século II A.C. Finalmente, ele passou a ser considerado o mais importante entre tantas centenas de grandes filósofos da era clássica chinesa. Porém, uma vez firmado, o confucionismo teve uma longa história. Durante dois mil anos tem sido considerado como o credo ou religião oficial da China. Como fé religiosa, o confucionismo pode ser descrito como um *humanismo idealista*. Apesar de que vários aspectos de seu sonho de paz e harmonia universal nunca chegaram a concretizar-se, a China tem desfrutado de considerável unidade cultural e continuidade, até o estabelecimento do comunismo. Países circunvizinhos, como a Coréia, o Japão, o Vietnã e as ilhas Riu-Quiu também resolveram adotar Confúcio como seu principal líder e sábio religioso.

*Tradições Preservadas*. Um dos aspectos incomuns do confucionismo é que a linhagem de sua família pode ser acompanhada por mais de dois mil anos, até aos nossos próprios dias. Um descendente conhecido de Confúcio, da septuagésima sétima geração, estava residindo na ilha de Formosa, nos fins da década de 1960. A casa onde Confúcio viveu e ensinou continua existindo na cidade de Ch'ufu. Durante o reinado de Shih Huang, quando os tetos confucianos estavam sendo destruídos (270-221 A.C.), um descendente de Confúcio ocultou seus vários livros dentro das paredes duplas da casa. Esses livros foram recuperados durante a dinastia ocidental Han (202 A.C.), e assim prosseguiu a tradição confuciana. Essa casa recebeu o nome de *Lu-pi*, que significa «parede de Lu». Confúcio foi sepultado por seus discípulos no subúrbio nortista de Ch'ufu, perto do rio Su. O terreno inteiro do sepulcro, incluindo o túmulo mesmo de Confúcio, tem sido preservado.

*Ensinamentos de Confúcio*. Ver a porção deste artigo intitulado *Idéias*.

*Escritos*: Os escritos básicos de Confúcio são os seus próprios livros, suas declarações coligidas, chamadas *Lun Yu*, ou *Analects*. Também há aquela chamada *Ch'un-ch'iu, Anais da Primavera e do Outono*, ou *Estado de Lu*, além do *Shu Ching*, ou *Clássicos da História*, e o *Yi Ching*, ou *Clássico das Mudanças*. Um importante discípulo seu, Tseng Shen, produziu a *Grande Erudição*. Tzu Su produziu o *Chung Yung* ou *Doutrina do Homem*. O cânon confuciano coligido consiste dos *Quatro Livros* e dos *Cinco Clássicos*. (AM E HP)

## CONFUSÃO DAS LÍNGUAS

Ver o artigo sobre **Babel, a Cidade e a Torre.**

## CONGREGAÇÃO

Etimologicamente, essa palavra aponta para uma assembléia de pessoas. Usualmente o termo é usado em relação a atividades religiosas: 1. Uma reunião efetuada em alguma ocasião particular, com finalidade de adoração. 2. Um grupo organizado que se reúne regularmente para adorar, ou para outros propósitos religiosos. 3. Dentro do uso da Igreja Católica Romana, um ramo de uma ordem monástica, ou uma associação de um corpo administrativo, como, por exemplo, a Congregação da Propaganda (que vide).

## CONGREGAÇÃO COMO TERMO BÍBLICO

1. A congregação, assembléia ou assembléia solene, são expressões que se aplicam à congregação do povo de Israel. Uma das palavras hebraicas traduzidas como «congregação», *edah*, aparece por cerca de cento e cinqüenta vezes no Antigo Testamento, a maioria no Pentateuco. Só o livro de Números tem 78 ocorrências. Encontra-se também nos livros de Josué, Juízes, I Reis, II Crônicas, Jó, Salmos, Jeremias e

Oséias. No trecho de Êxodo 34:31, temos os líderes ou representantes escolhidos das tribos de Israel. Em Números 1:16, esses líderes são intitulados «princípes das tribos».

2. Uma outra palavra hebraica, *qahal*, «assembléia de chamados», ocorre por cento e vinte e três vezes. Ver II Sam. 20:14, que indica aqueles convocados para a guerra; Núm. 10:7, que indica os convocados para propósitos religiosos; e Deu. 5:22, que aponta para o povo reunido para ouvir a leitura da Palavra.

3. O termo hebraico *aseret* vem de uma raiz que significa «restringir», «confinar», podendo indicar uma assembléia solene, conforme se vê em Isa. 1:13; Nee. 8:18. No Novo Testamento, o vocábulo grego *panegúris*, que aparece em Heb. 12:23, refere-se a essa palavra hebraica.

4. No Novo Testamento temos o termo grego *ekklesia*, traduzido por «igreja». Lucas o emprega em Atos 19:32, com seu sentido clássico de assembléia política convocada; e, em Atos 19:32,41, para aludir a um ajuntamento popular desordenado. O vocábulo *ekklesia* tornou-se o nome técnico da Igreja cristã, a assembléia daqueles que adoram e servem a Deus, segundo termos cristãos. Também pode estar sendo designada a Igreja universal, à qual todos os regenerados pertencem (Mat. 16:18; I Cor. 12:28), ou então alguma assembléia local formada por crentes (Atos 8:1; Rom. 16:1). Estêvão usou essa palavra, em seu discurso, ao referir-se à congregação de Israel, em Atos 7:38.

A palavra *sunagogé* tem sentido similar ao de *ekklesia*. Contudo, geralmente é aplicada às congregações locais dos judeus, ou sinagogas, e não tanto às igrejas cristãs locais. Talvez a única exceção seja Tiago 2:2, onde sinagoga é uma igreja cristã, provavelmente formada por crentes convertidos do judaísmo. Aparece também em Luc. 4:16 e Atos 13:5. Em Apocalipse 2:9 e 3:9 é usada negativamente, para indicar uma assembléia de Satanás, uma alusão a congregações religiosas apóstatas, de tendências gnósticas ou judaizantes, em contraste com a verdadeira Igreja de Deus.

5. *Usos Não-Religiosos*. Podem estar em foco: a. Um rebanho de bois (Sal. 68:30; ou um enxame de abelhas (Juí. 14:8). b. Assembléias legislativas, encabeçadas por juízes, anciãos, chefes de família, etc. (Êxo. 12:3; Deu. 31:28). c. Assembléias formadas para declarar guerra (Juí. 20:1), ou para estabelecer a paz (Juí. 21:13-20), ou para escolher governantes (I Sam. 10:17; I Reis 12:20), ou para ratificar decisões (I Sam. 11:14,15). No uso judaico posterior, o sinédrio passou a ser considerado a congregação suprema, reunida por razões religiosas ou seculares de todas as variedades.

6. *O Conceito de Congregação*. Os interesses do indivíduo são os interesses de sua comunidade; os interesses da comunidade são os do indivíduo que faz parte dela. Ninguém é uma autoridade em si mesmo. Cada pessoa está sob a autoridade da comunidade. A mensagem de Deus é dirigida à congregação. A redenção também tem um aspecto coletivo, e não apenas pessoal. Existem autoridades devidamente nomeadas para liderar a comunidade, o que envolve considerável responsabilidade.

## CONGREGAÇÃO, MONTE DA

A expressão figura somente no trecho de Isaías 14:13, em todo o Antigo Testamento. Alguns intérpretes supõem que a referência original é à «congregação dos deuses», o que seria uma alusão à religiões pagãs, mencionada nos textos acádicos e ugaríticos. É possível que esteja em foco o monte Moriá. Mas, a referência ao norte, dentro desse texto de Isaías, não nos permite pensar no monte Moriá, e nem em Sião, que não ficava na porção norte de Jerusalém. Diz Delitzch, em seu comentário sobre o livro de Isaías: «O profeta faz o rei da Babilônia falar segundo a noção geral de seu povo, que localizava a sede da divindade no cume das montanhas do norte, perdidas em meio às nuvens. Outros intérpretes, para evitar a referência pagã, declaram que nada que se pareça com isso pode ser asseverado, e nem pode tal referência ser identificada com qualquer localização geográfica específica. Isso significa que não sabemos o que o autor sagrado tinha em mente.

## CONGREGACIONALISMO

1. *O Termo*

A palavra aplica-se a qualquer grupo religioso autônomo em todas as questões eclesiásticas, e que usualmente toma decisões mediante o voto democrático. Quando a palavra é usada para indicar algum movimento religioso, a alusão é àquele movimento, dentro do protestantismo, que se originou na Inglaterra, nos fins do século XVI e no século XVII, cujo alvo era o de purificar (os puritanos) ou o de separar-se (os separatistas). A Igreja Anglicana foi o objeto dessa purificação, a organização da qual o movimento se separou.

2. *Situação Histórica*

Surgiu o movimento congregacional quando várias figuras religiosas da Inglaterra julgaram ser mister frisar a autonomia das congregações individuais, evitando-se assim a interferência da hierarquia eclesiástica anglicana. Os mentores do movimento buscaram textos bíblicos de prova para sua posição neotestamentária. No começo, a teologia do congregacionalismo era essencialmente calvinista. Foram perseguidos durante o reinado de Isabel I, mas floresceram no período da comunidade britânica. Oliver Cromwell, primeiro ministro do reino, considerava-se membro do movimento. Porém, depois a perseguição contra os congregacionais foi renovada. As perseguições forçaram o exílio, primeiramente para a Holanda e para Genebra, e então para a América do Norte. Os exilados puritanos estabeleceram-se na baía de Plymouth, na América do Norte, em 1620, após um período de exílio em Leiden, na Holanda.

O congregacionalismo tornou-se dominante na Nova Inglaterra, onde eles, imitando os seus perseguidores, estabeleceram uma espécie de estado teocrático, não se mostrando tolerantes para com aqueles que discordavam de seus pontos de vista. Elementos congregacionais bem conhecidos do Novo Mundo incluem elementos como Jonathan Edwards (que vide), e Cotton Mather (que vide). Com o desenvolvimento da nação norte-americana, o que envolveu intensa imigração, o congregacionalismo não conseguiu manter sua anterior preeminência. O metodismo e o unitarismo tornaram-se dominantes nos lugares onde, antes, o congregacionalismo fora poderoso. No campo teológico, tem havido uma gradual mudança do calvinismo para uma interpretação mais liberal da fé cristã. O congregacionalismo inglês, galês e norte-americano, como denominação, atualmente envolve cerca de dois milhões de membros. O ramo norte-americano uniu-se à Igreja Evangélica e Reformada, em 1961, e o novo grupo passou a ser chamado de United Church of Christ.

*Períodos Históricos Distintos do Congregacionalismo*. Esses períodos são seis, a saber: a. Os

«dissentires», entre os anglicanos; b. exílio na Holanda e em Genebra, na Suíça; c. mudança para a América do Norte; d. predomínio numérico nas colônias da Nova Inglaterra; e. perda da preeminência, o que foi uma condição irreversível em meados do século XIX; f. liberalização doutrinária e fusão com outros grupos evangélicos.

3. *O Congregacionalismo Como Forma de Governo*

A ênfase sobre a autonomia das igrejas locais não se confinou à denominação congregacional. Os batistas, os presbiterianos (em menor escala), e muitas igrejas bíblicas independentes, além da maioria dos grupos pentecostais, em essência ou na prática, defendem um governo eclesiástico tipo congregacional, ou seja, não centralizado. Entre os pentecostais, uma notável exceção são as igrejas brasileiras, extremamente centralizadas. Um fato interessante a ser observado é que a mais antiga igreja evangélica brasileira foi uma igreja congregacional, organizada na cidade do Rio de Janeiro. (E H)

## CONGRESSOS

Assembléias que promovem o bem-estar espiritual, social e intelectual dos católicos romanos. Esses congressos variam muito quanto ao seu propósito, podendo ser de natureza religiosa, política ou social, e podendo ser regionais, diocesanos, nacionais ou internacionais. O primeiro congresso de nota a ser convocado realizou-se em Mainz, na Alemanha, em 1848.

## CONGRUÊNCIA, INCONGRUÊNCIA

1. *Na Gnosiologia.* Uma série de declarações mostra-se congruente, mesmo quando envolve alguma contradição ou tem conseqüências contraditórias, mas é coerente quanto a outros aspectos. Na linguagem popular, o termo é aplicado a crenças ou atos que, ao seguirem certa linha de eventos, mostram-se coerentes. Crer em uma contradição, qualquer que seja ela, é destruir a congruência. De acordo com a lógica dedutiva, mostrar-se congruente é obedecer às leis estabelecidas dos silogismos válidos. A congruência refere-se aos requisitos da teoria da *coerência* da verdade. Ver os artigos sobre *Coerência* e sobre o *Conhecimento e a Verdade Religiosa*, porção terceira, *Teorias da Verdade*.

2. *Na Ética.* As proposições éticas concordam umas com as outras, se seguirem padrões da congruência. Em outras palavras, uma proposição deriva-se lógica e naturalmente de outra, e a soma total das proposições conta com a mesma filosofia geral como sua base. Para exemplificar, se alguém acredita que os padrões das ações morais devem ser extraídos da Bíblia, é congruente crer que um indivíduo não pode agir como bem entender, ignorando as leis bíblicas. Além disso, a base bíblica dá a entender que os padrões de conduta foram revelados por Deus aos homens, não sendo produtos de experiências humanas relativas às questões éticas.

3. *Na Teologia.* Uma pessoa mostra-se congruente quando se apega a um sistema ordeiro de crenças, com base nos mesmos conceitos gerais que lhe servem de fundamento, acerca de Deus, do homem e da humanidade. Por exemplo, um Deus que seja naturalmente bom exige bondade da parte do homem, de tal modo que o padrão das ações humanas passa a ser a bondade de Deus. Na teologia, a congruência depende da formação de um sistema coerente. Para exemplificar, se Deus é considerado um ser todo-poderoso, então é coerente supor que o mundo, repleto de males como está, é governado pelo caos e está fora de controle.

*Mas Isso Envolve um Paradoxo.* Visto que a teologia é um estudo de realidades que ultrapassam ao nosso atual entendimento, ela envolve certos paradoxos. Assim, crer no livre-arbítrio humano e no determinismo divino, ao mesmo tempo, ou na transcendência e imanência de Deus, simultaneamente, aparentemente estabelecem contradições. No entanto, podemos raciocinar que esses conceitos são os pólos opostos de alguma verdade mais profunda, que é maior que seus elementos constitutivos. Portanto, pode parecer que alguém se mostre irracional, por crer em paradoxos (que vide), bem como no princípio da polaridade (que vide); mas esses são elementos indispensáveis na boa teologia, sob pena dela reduzir-se à *humanologia*. Os artigos sugeridos esclarecem a questão.

*O Vício da Congruência.* Os homens gostam de constituir sistemas teológicos inteiramente congruentes, que satisfaçam aos requisitos da *razão* humana. Entretanto, uma teologia totalmente racional terá de envolver, necessariamente, muitos erros e distorções. Com freqüência, as sutilezas da razão humana nos desviam da verdade, quando os pontos teológicos considerados não se prestam bem ao exame por parte da razão humana. Consideremos as contorções dos homens, ao procurarem formar uma cristologia (que vide), com seus argumentos que giram em torno de detalhes ínfimos. Os homens assemelham-se a um grupo de macacos, em uma árvore, quando começam a apresentar argumentos a respeito de certas verdades teológicas, que ultrapassam ao entendimento humano. A verdade é uma aventura, uma busca de fé, com muitos retrocessos e surpresas. Nesse exame, a intuição desempenha um importante papel, e não apenas a razão. A intuição assemelha-se à água que jorra de uma fonte. Ela se lança no ar e floresce. É como uma entidade viva. Mas os *conceitos* ou juízos teológicos assemelham-se à água que já se empoçou, e que ficou estagnada à superfície do solo. Os sistemas teológicos puramente conceptuais, como aqueles que aparecem bem ordenados em compêndios, com índices intricados, são sistemas estagnados.

*A Loucura das Declarações Doutrinárias.* As igrejas e as instituições de ensino têm o mau hábito de alicerçar suas atividades sobre declarações doutrinárias que se tornam meios que levam à prática da exclusão e da hostilidade. O leitor já encontrou um desses sistemas que ao menos mencionasse a lei do amor? A resposta tem de ser negativa. No entanto, o amor é o maior de todos os princípios espirituais.

## CONGRUIDADE

Esse termo vem do latim, **congruus**, «apto», ou «adaptado». O vocábulo subentende certa relação moral segundo a qual uma pessoa que deve receber algum direito ou privilégio não é considerada em pé de igualdade, mas inferior ou superior àquela que faz a concessão. Isso posto, o beneficiário não se sente na obrigação de retribuir ao direito ou privilégio recebido.

## CONGRUÍSMO

Essa palavra vem do latim, **congruitas**, «aptidão». Na teologia, o termo é empregado para indicar a *aptidão* de alguém para receber a graça divina. A questão não envolve mérito versus graça, dentro da salvação; mas se um homem pode viver de modo a merecer a graça. Os escotistas (que vide) defendiam essa posição. Os tomistas (que vide) supunham que os

homens podem chegar a merecer a graça, mas somente mediante a ajuda de Deus. O artigo XIII dos Trinta e Nove Artigos nega, especificamente, essa possibilidade.

Uma outra idéia teológica é aquela associada à idéia de que a graça, naturalmente, impele os eleitos a se entregarem aos cuidados de Deus, com *congruência*, isto é, movidos por sua própria livre vontade. Em outras palavras, o livre-arbítrio humano é condicionado para essa atitude pelo Espírito Santo.

## CONHECENDO A DEUS

1. No V.T., **conhecer a Deus** é algo ético e prático. Os homens que fazem a vontade de Deus, o conhecem. Esta idéia continua no N.T. Mas o *Logos* é o revelador de Deus em todos os sentidos, na eternidade passada, agora e para sempre. Ver João 1:18.

2. Por meio do Espírito, o alter ego do Filho. Ver João 4:24.

3. Nas Escrituras, onde ele é revelado.

4. Intelectualmente, mas também mística e intuitivamente (ver Efé. 1:17, onde há exposição plena sobre o conceito apresentado em João 17:3).

5. Conhecer a Deus é receber a vida, se esse conhecimento for experimental e espiritual, e não apenas intelectual. Esta *vida* vem através da *transformação* da alma à imagem de Cristo (II Cor. 3:18, Rom. 8:29), e resulta na participação na *natureza divina*, II Ped. 1:4, Col. 2:10. Ver o artigo sobre *Salvação*.

6. A polêmica: a ordem para que se conheça a Deus, através de Cristo, envolve um tom polêmico. O povo de Israel pensava conhecer a Deus e ter vida nele, no entanto, rejeitava ao Filho, o que significava que não tinha conhecimento de Deus, e nem vida.

*O único Deus verdadeiro*, João 17:3. Temos aqui uma importantíssima frase, que nos ensina diversas grandes verdades, a saber:

1. Deus Jeová é aqui *contrastado com as divindades imaginárias* do mundo pagão (ver Rom. 16:27; Jud. 25 e Apo. 15:4). Esse tema é ventilado com clareza em I Cor. 8:5,6, onde lemos: «Porque, ainda que há também alguns que se chamem deuses, quer no céu ou sobre a terra, como há muitos deuses e muitos senhores, todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as cousas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as cousas, e nós também por ele».

2. Essa declaração de Cristo também desfecha um golpe mortal no *gnosticismo*, que com freqüência anunciava que Cristo é o Deus deste mundo, embora postulasse muitos outros mundos habitados, possuidores de *seus próprios deuses*. Que possa haver outros mundos habitados por seres inteligentes não é um tema apoiado ou negado aqui, embora outros textos bíblicos subentendam uma vasta multiplicação de vidas, em outras regiões (ver, por exemplo, o primeiro capítulo da epístola de Paulo aos Efésios); mas pelo menos temos, em João 17:3 a negação da existência de outros «deuses», que exerceriam sua autoridade em outros mundos ou dimensões. Pois na realidade só existe um único Deus verdadeiro, assim chamado com toda a razão, — cuja glória não pode ser de maneira alguma empanada por qualquer rival.

3. Indiretamente, aqui também temos uma invectiva contra o *judaísmo apostatado* dos tempos de Jesus e seus apóstolos, que se foi desviando cada vez mais das verdades bíblicas do Antigo Testamento; pois, apesar do fato de que tal judaísmo reconhecia a existência de um único verdadeiro Deus, tinha rejeitado a sua mais elevada de todas as manifestações, na pessoa de Jesus Cristo. Assim, apesar de reconhecerem intelectualmente a existência de Deus, na realidade não o conheciam por experiência própria. Pois tal conhecimento chega aos homens exclusivamente por intermédio do Filho de Deus, mediante a sua encarnação; mas igualmente em seu estado posterior à encarnação, isto é, uma vez assunto aos céus, por meio do ministério do seu Espírito Santo.

4. Essa declaração de Cristo, pois, é uma das *mais claras* do N.T., em apoio e confirmação da doutrina *monoteísta*. (Quanto aos diversos conceitos de Deus, na teologia e na filosofia, ver no NTI, as notas expositivas referentes ao trecho de Atos 17:27. Ver o artigo sobre *Trindade*).

«O único Deus real, essencial...fazendo antítese com os deuses irreais, simbólicos e míticos deste mundo, e não somente do mundo gentílico, mas também do judaísmo posterior, em seu estado de apostasia da fé revelada, segundo se vê em I João 5:20; Apo. 5:7 e I Tes. 1:9. Esse é o Deus revelado na pessoa de Cristo, o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, na expressão de Efé. 1:3. E isso não faz antítese com a idéia de Deus segundo o Antigo Testamento, ou com a idéia de Cristo, mas antes, contrasta com toda a crença falsa e obscura sobre Deus; por conseguinte, temos aqui o verdadeiro Deus segundo ele se revela em Cristo, embora distinto quanto à sua consciência divina e distinto de Cristo» (Lange, em João 17:3).

*E a Jesus Cristo, a quem enviaste*. Estas palavras se relacionam à cristologia em geral, tal como aquelas primeiras estão vinculadas ao conhecimento de Deus Pai. Também estas, como aquelas, têm sido variegadamente interpretadas, e, tal como no caso daquela primeira declaração de Cristo e outras similares (como a que temos em I Cor. 8:5,6) têm servido de campo de batalha, desde a antiguidade, no que diz respeito aos conceitos de Deus e de Cristo. Podemos desdobrar suas implicações como segue:

### I. Em João 17:3

1. Equivale a conhecer a Deus que é, igualmente, a fonte da vida. Esse é um tema constante do quarto evangelho. (Ver João 1:12,18; 3:16; 5:25,26 e 14:6). O conceito inclui a idéia de exclusividade. Só no Filho há vida, Atos 4:12. Essa vida é a participação na forma de vida de Deus, e não apenas existência sem fim. (Ver sobre esse conceito em II Ped. 1:4).

2. Os arianos, os seguidores das idéias de *Socínio* e os unitários têm-se utilizado com freqüência do terceiro versículo do décimo sétimo capítulo do evangelho de João para demonstrarem uma suposta diferença de natureza entre Deus Pai e Deus Filho, porque, segundo argumentam eles, há um só Deus verdadeiro, e há também o seu Filho, Jesus Cristo. Porém, isso é uma interpretação artificial, que ignora outras passagens das Escrituras, igualmente, autoritárias (como de resto, a Bíblia inteira é autoritária), e que indicam a perfeita unidade de natureza do Pai e do Filho, bem como a legítima deidade do Filho, Jesus Cristo. (Ver, por exemplo, João 1:1; 5:19,20; 10:30,33,36; 14:9,10; Heb. 1:3 e Col. 2:9).

3. Em contraste com a posição herética acima, os crentes autênticos têm deduzido ao fato de que conhecer a Deus Pai é, ao mesmo tempo, conhecer o Filho (implicando em unidade de conhecimento), que há entre Deus Pai e Deus Filho, unidade de natureza. Isso está claramente implícito no texto, ainda que não seja diretamente declarado.

4. Apesar de que o conhecimento é o mesmo, isto é,

que conhecer a Cristo é, ao mesmo tempo, conhecer a Deus Pai, contudo, fica salientada na passagem de João 17:3 a distinção de pessoas—o Pai não é o Filho, e vice-versa. Em Cristo chegamos a conhecer a Deus. Por conseguinte, em certo sentido, o Pai é conhecido tanto em Jesus como juntamente com Cristo.

5. O texto em foco *subentende* que há um *conhecimento místico* de Deus através do Espírito Santo, apesar do fato de que conhecer a Deus, no quarto evangelho, sempre é encarado do ponto de vista prático, isto é, produz resultados práticos na vida e nas ações do crente.

6. Isso quer dizer que a fé é aqui contemplada teologicamente—trata-se de um conhecimento contemplativo, com alvos e propósitos: a fé conduz ao conhecimento contemplativo, e o conhecimento contemplativo conduz à transformação do ser do crente.

Confirmando o terceiro ponto, dado mais acima, Alford observou em João 17:3: «A própria justaposição que aqui há entre Jesus Cristo e o Pai serve de prova, por implicação, da deidade de nosso Senhor. Pois conhecer a Deus e a uma criatura 'no caso, Jesus Cristo, se ele não fosse divino' não poderia ser a vida eterna, e tal associação de um com o outro, nessas condições, seria algo inconcebível».

Brown, definindo a vida eterna, escreveu: «A vida eterna da qual Jesus fala, e que, segundo ele declara, cabe a ele mesmo conferir, não consiste meramente em uma existência consciente e interminável, e, sim, de uma vida cuja característica mais distintiva é a intimidade com o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, bem como com o próprio Jesus, na qualidade de 'caminho' para o Pai, bem como na qualidade de 'verdade' e vida».

«Somente na Palavra 'ou Verbo' que se fez carne é que podemos ouvir a voz da misericórdia, do perdão, do amor, da paternidade; o que chega aos homens como o sopro da vida, a fim de que se tornem almas vivas» (Ellicott, em João 17:3).

Filo costumava dizer: «Fugir para o ser divino é vida eterna; mas correr para longe dele é morte». (*De Profugis*, pág. 461).

*Digo que o reconhecimento de Deus, em Cristo,*
*Aceito pela razão, soluciona para ti*
*Todas as questões da terra e fora dela,*
*E te faz avançar de tal modo na sabedoria*
*Que melhorarias a ponto de reprovar o provado?*
*No mísero minuto da vida, com poder de usar essa prova*
*Deixarias o conhecimento e reverterias à sua origem?*
*Tu o possuis; usa-o, e avança ou morre.*
*Pois digo que isso é morte, e a única morte,*
*Quando a perda de um homem procede de seu lucro,*
*As trevas vindas da luz, do conhecimento para a ignorância,*
*E a falta de amor se manifesta dentre o próprio amor.*

(Robert Browning, *A Death in the Desert*).

### II. Em Efésios 4:13

*Pleno conhecimento do Filho de Deus.* As palavras *pleno conhecimento* traduzem um único vocábulo grego, «epignosis», mas, visto que essa palavra é uma forma intensificada (com um prefixo preposicional), é tradução correta dizer como temos aqui. Quem recebe tal conhecimento, conhece experimentalmente ao Filho de Deus. Quanto a isso, consideramos os pontos abaixo:

1. Essa palavra indica conhecimento intelectual, mas não somente isso.

2. Também significa o *conhecimento experimental* da alma, mediante a «comunhão» com o Filho de Deus, em sua natureza essencial e em suas manifestações. Paulo via Cristo como uma personalidade transcendental que, em sua grandiosidade, só pode vir a ser conhecido por métodos espirituais. E assim conhecido ele passa a transformar os homens, para que estes assumam sua natureza e suas riquezas. É por isso que Paulo declarou, em Fil. 3:10: «...para o conhecer e o poder da sua ressurreição e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte...»

3. Esse conhecimento, pois, é de natureza «mística», conforme diz a teologia paulina do princípio ao fim. Em outras palavras, tal conhecimento nos chega através da «iluminação e transformação» operadas pelo Espírito Santo. (Comparar isso com Efé. 1:18, onde Paulo ora para que os crentes tenham seus olhos do entendimento «iluminados», a fim de que possam «conhecer» a esperança da nossa vocação, as riquezas da glória de herança nos santos; e assim «conheceremos» seu grande poder, que foi exercido em Cristo, e que será exercido em nós. (Ver Efé. 1:19). Conhecer e experimentar tais coisas, portanto, faz parte do que significa «conhecer» a Cristo.

A revelação, além disso, leva-nos a *conhecer ao próprio Deus*, conforme aprendemos no décimo sétimo versículo de Efésios 4. O tema da segunda oração de Paulo, neste livro, é que possamos «conhecer» o «amor de Cristo», e nesse amor se encerra o «conhecimento de tudo quanto o amor de Cristo está fazendo por nós e em nós». Pois, nas páginas do N.T., conhecer é amar, pois o «conhecimento-amor» é a «gnosis» neotestamentária, em contraste com os conceitos dos gnósticos. Sim, o amor é a real *gnosis* cristã, por ser essa a fonte originária de todas as bênçãos espirituais.

### CONHECENDO O AMOR DE CRISTO

Efé. 3:19: *e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios até a inteira plenitude de Deus.*

*Conhecer o amor de Cristo.* Não temos nessas palavras o nosso amor a Cristo, pois esta oração ultrapassa tal pensamento, já que se centraliza antes no amor de Deus por nós, conferido por intermédio de Cristo—está em foco o amor divino por nós. (Ver João 3:16; II Cor. 5:14; Rom. 5:8; 9:37,39; Gál. 2:20; Efé. 2:4,5:2; I João 4:10, 11, 19 e Apo. 1:5, quanto a outras passagens neotestamentárias que enfatizam o «amor de Deus», expresso por meio de Cristo).

«...*conhecer*...» De que maneira? Vejamos os pontos abaixo:

1. Conhecer *intelectualmente*. Mas entra em jogo muito mais que a nossa capacidade intelectual, porquanto o amor de Deus em Cristo excede à razão humana, a meras fórmulas racionais.

2. Conhecer *intuitivamente*, sem quaisquer fórmulas intelectuais.

3. Conhecer *experimentalmente*, na vida diária e no nível consciente.

4. Mais particularmente, está em foco o conhecimento *místico*, como entendimento e expressão da alma, que não necessita de fórmulas verbais e racionais para existir e para impor-se.

5. Finalmente, tal «conhecimento» do amor de Cristo, tal experiência, torna-se plenamente concretizada, quando estivermos no estado eterno. (Ver I

Cor. 13:12). Por conseguinte, tanto agora como então o amor será sempre o caminho pelo qual podemos conhecer o que era impossível de ser conhecido.

O conhecimento do amor de Cristo constrange-nos a alma a amar aos nossos semelhantes. O vigésimo quinto capítulo do evangelho de Mateus mostra-nos que amar aos homens é, em certo sentido, amar a Cristo. O trecho de II Cor. 5:14 mostra-nos que o amor de Cristo por nós leva-nos a amar aos outros e a buscar o seu bem-estar eterno. A passagem de I João 4:11,12,19,20 ensina-nos que o amor é um princípio normativo da fórmula divina, e que amamos a Deus porque primeiramente ele nos amou; e assim, visto que amamos a Deus, a quem não temos visto, amamos aos irmãos, filhos de Deus, porquanto, ao amarmos a eles, estamos honrando e amando a Deus.

O amor busca o bem-estar, o bem-estar eterno do ente amado. O amor consiste em desejarmos para os outros aquilo que desejamos para nós mesmos; o amor consiste em nos interessarmos pelo próximo, como algo tão natural como quando nos interessamos por nós mesmos, sem motivos egoístas, mas por causa de um puro altruísmo. Deus também buscou o bem-estar eterno do homem, e enviou o seu Filho em sua missão terrena. O Filho de Deus, que ama ao homem com a mesma intensidade de amor que Deus Pai, levou a efeito a sua missão. E os remidos, ao receberem na alma esse amor, transmitem-no a outros homens, sendo esse o impulso inspirador da missão evangelizadora da igreja, mas também de todas as nossas ações individuais uns pelos outros, dentro da comunidade religiosa de que fazemos parte. E assim se expressa o grandioso ciclo do amor.

«Quando esse amor a Cristo enche os nossos corações e penetra até os seus recessos mais profundos, então sentimos forças para lançar fora todos os nossos preconceitos e podemos ultrapassar nossas dificuldades e limitações intelectuais. Então temos a coragem de adotar a regra simples de comunhão estabelecida por Cristo: 'Quem fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe'». (Findlay em Efé. 3:19).

**Que excede todo entendimento.** — Essas palavras mostram-nos que o amor de Cristo ultrapassa a capacidade humana de compreendê-lo intelectualmente, não podendo nós defini-lo, descrevê-lo, pô-lo dentro de uma categoria. O termo grego aqui empregado é «uperballo», que quer dizer «ultrapassar», «ir além». A mente humana, até mesmo aquilo que vai além da capacidade cerebral, não é instrumento que possa descrever quão infinito é o amor de Deus, pelo menos no presente estágio de nosso desenvolvimento. Contudo, um homem pode conhecer de maneira intuitiva, experimental e mística, os estágios mais avançados do amor de Cristo, que desafiam toda a capacidade intelectual de compreensão e de descrição. Duas idéias se mostram inerentes nessa expressão, a saber:

1. Esse amor se reveste de natureza tal que vai além de quaisquer atividades ou fórmulas cerebrais, racionais.

2. Mas o amor também ultrapassa o «conhecimento», em sua importância e qualidade.

O amor é de *qualidade superior* ao conhecimento. Os gregos davam importância demasiada ao «conhecimento», conforme o primeiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios nos mostra. Mas o décimo terceiro capítulo dessa mesma epístola é o grande «hino ao amor», onde descobrimos que o amor é muito maior que todo o conhecimento e sabedoria, devendo ser buscado acima de todas as demais virtudes. O amor, pois, é uma espécie de «gnosis divina», preferível à «gnosis» dos gnósticos e da filosofia grega. É bem provável que Efé. 3:19 pelo menos faça alusão a essa verdade, ao exaltar tão soberanamente o «amor de Cristo». A passagem de I Cor. 8:1-3 se caracteriza pela mesma ênfase. O conhecimento infunde orgulho, mas o amor edifica. E edifica também aos outros, e não somente a nós mesmos. «Mas se alguém ama a Deus, esse é conhecido por ele» (I Cor. 8:3). Por conseguinte, o amor é melhor do que o conhecimento, embora os esforços humanos, isolados, não possam chegar até ao verdadeiro amor. Mas, visto que o amor chega até Deus e lhe presta honrarias, o amor é a maneira de conhecermos o que, de outro modo, não podia ser conhecido. O amor é a «sabedoria divina».

## CONHECIMENTO, CONHECER

Dois longos artigos aparecem nesta enciclopédia que abordam o conhecimento do ponto de vista filosófico, naquilo que diz respeito à fé religiosa. Esses artigos têm o título de o *Conhecimento e a Fé Religiosa* e a *Crença Religiosa e o Problema de Verificação*. Na primeira parte, seção I, do primeiro desses artigos, expomos os principais pontos de vista sobre o conhecimento, como o empirismo, o racionalismo, a intuição, o misticismo, o ceticismo, o positivismo e o psiquismo. Na segunda parte, II, apresentamos as teorias e os critérios da verdade, como o realismo, os sentimentos, os costumes e tradições, o tempo, a intuição, a revelação, o instinto, a maioria, a pluralidade, a autoridade, a correspondência, o pragmatismo, a conformidade e a coerência. Além disso, cada uma dessas questões é abordada em separado, cada qual em seu respectivo artigo. O segundo dos artigos acima intitulados trata sobre como o conhecimento religioso pode ser averiguado. A esses artigos acrescentamos algumas observações gerais, abaixo. Ver também o artigo separado sobre *Conhecimento e Ética*.

**1. A Palavra Conhecimento.** O termo grego **ginoskein** significa «decidir», «determinar», «decretar», estando relacionado ao verbo português «conhecer». O vocábulo latino *cognoscere* é uma palavra cognata, de onde vem aquele verbo português. Essa palavra tem os sentidos de «familiarizar-se com», «notar», «conhecer» e «reconhecer».

**2. Principais Usos da Palavra «Conhecimento».** a. O resultado ou produto do processo de aprendizagem ou informação. b. O aprendizado, incluindo o conhecimento acumulado na cultura humana. c. A firme convicção da verdade. d. O ato ou processo de conhecer, de tomar conhecimento. e. O objeto de qualquer conhecimento. f. O possível alcance do conhecimento humano. g. Algum conhecimento ou informação específicos. h. Dentro da fé religiosa, os itens dados por Deus, através da razão, da intuição ou das experiências místicas, que constituem o conjunto dos conhecimentos sobre as coisas espirituais, reveladas ou adquiridas.

**3. Distinções e Declarações Filosóficas**

a. Platão usava a palavra **episteme** (conhecimento) em contraste com *doxa* (opinião). A opinião estaria baseada sobre a percepção dos sentidos, ao passo que o conhecimento estaria alicerçado sobre a razão, a intuição e o misticismo. O conhecimento consistiria na certeza da genuinidade de alguma coisa. A opinião consistiria na incerteza, estando sempre em fluxo. A *sofia* (sabedoria) seria a mais elevada forma de conhecimento, por ser o conhecimento da *totalidade* de alguma coisa. Ver o ponto «d» quanto a outros pontos de vista platônicos. Nos escritos de *Aristóteles*,

a sabedoria consiste no conhecimento dos princípios fundamentais, e a intuição participa ativamente.

b. *Aristóteles*. Para ele, o conhecimento seria científico, e seria adquirido através dos sentidos (embora não exclusivamente). O conhecimento é a completa descrição de qualquer coisa, em todas as suas porções, funções, características, etc.

c. De conformidade com *Weigel* (que vide), o conhecimento autêntico é interno e espiritual, ao passo que o conhecimento externo sobre as coisas não é autêntico.

d. *Swedenborg* (que vide) afirmava que a alma tem um conhecimento total, e que a queda no pecado tornou esse conhecimento inoperante, o que, naturalmente é um ponto de vista platônico. Platão partia do pressuposto que a alma, uma entidade eterna, pertencente ao mundo dos universais ou idéias, possuía todo o conhecimento; mas, a sua associação com o corpo terreno ocultou isso. Portanto, o conhecimento envolve recuperação ou recordação. Os estudos no campo da parapsicologia até certo ponto confirmam essa teoria, mostrando que o conhecimento de um ser humano não é apenas o acúmulo de fatos que ele consiga reunir em suas experiências diárias.

e. A *tradição empírica* tem sido destacada por Locke e pela ciência moderna em geral. Ali, a percepção dos sentidos, desassistida ou através do uso de instrumentos, é a fonte de todo o conhecimento. De acordo com o *positivismo*, esse conhecimento é visto somente como uma taxa de probabilidades, pelo que nada haveria de certo ou fixo. No *pragmatismo*, o conhecimento não é aquilo que é perfeito em sua teoria (o que não existe), mas é aquilo que é prático e funciona bem. Ver os artigos separados sobre esses assuntos.

f. Todo conhecimento está alicerçado sobre certas proposições que não podem ser investigadas. Usamos Deus para explicar muitas coisas; mas a sua natureza continua sendo misteriosa para nós. Os cientistas começam por aquilo que já existe e examinam suas características. Porém, não sabemos como explicar como as coisas vieram à existência. Ortega y Gasset (que vide) afirmava que o conhecimento precisa estar arraigado em uma crença pré-racional.

g. Algum conhecimento consiste em verdadeira e justificada crença, sem nenhum defeito. Ver sobre *Chisholm*, quarto ponto, sobre essa idéia. Também pode consistir em crença não contradita. Por exemplo, se eu morrer e então descobrir que continuo existindo, em forma espiritual, terei uma crença não contradita, embora não saiba descrever o tipo de vida que então estarei vivendo. Simplesmente estarei vivendo, sem qualquer explicação.

**4. O Conhecimento e a Fé Religiosa.** O conhecimento que as ciências adquirem vem através dos cinco sentidos físicos, com a ajuda da intuição e da razão. Porém, o conhecimento sobre as coisas espirituais vem através da *razão* (ver sobre o *racionalismo*), através da *intuição* (que vide), mas, principalmente, através do *misticismo* (que vide). A *revelação* (que vide) é uma subcategoria do misticismo. A mente religiosa busca a certeza de certas coisas e com freqüência, demonstra pouca paciência para fazer investigações. Muitas pessoas religiosas são francamente antiintelectuais em sua abordagem do conhecimento. A necessidade de segurança e conforto mental leva as pessoas religiosas a suporem que o misticismo, quando genuíno (como no caso da revelação bíblica), é perfeito. Porém, essa suposição envolve um *dogma*, estando sujeito à inquirição. Não há modo de conhecimento que nos confira um conhecimento perfeito. Antes, o conhecimento é uma busca permanente, eterna, e não um acontecimento único, divinamente conferido. Ademais, os meios de que dispomos nesta vida dão-nos um conhecimento muito elementar e primitivo, sem importar se esse conhecimento é científico ou espiritual. De nada adianta alguém mostrar-se pretencioso quanto a essa questão, pois, quanto mais pensamos que sabemos, mais absurdos e ridículos nos tornamos. Não obstante, alguns itens do conhecimento que temos são muito importantes. Entre esses itens alisto pontos como a existência de Deus; a existência, a sobrevivência ante a morte física e o destino da alma; a missão universal de Cristo, incluindo os aspectos da redenção e da restauração. Esses são temas importantíssimos, sobre os quais muito temos a aprender, sem falarmos em inúmeros outros assuntos. Além disso, há a *lei do amor*, o mais importante e poderoso de todos os princípios éticos. Todas as virtudes cristãs estão arraigadas no solo do amor cristão. O amor é a prova mesmo da espiritualidade. Ver I João 4:7 *ss*.

5. *O Dom da Fé*. No campo espiritual, a alma não está limitada em sua inquirição pelo conhecimento. Também há um dom de fé, operação do Espírito Santo. Certas coisas nos são dadas a conhecer pela fé, para o que não precisamos de provas. Naturalmente, há aquela fé que consiste em «crer no que não é verdade», mas que a pessoa defende tenazmente. Porém, isso é uma perversão da fé, e não uma manifestação da mesma. Agostinho insistia sobre a idéia de que o ceticismo situa o cético na área das trevas espirituais, onde a luz de Deus não pode penetrar. Mas, a atitude da fé aclara o céu e permite que a luz resplandeça. Não podemos separar o conhecimento da iluminação do Espírito (Efé. 1:17). (E EP NTI)

## CONHECIMENTO E A ÉTICA

Cada sistema de conhecimento aborda o problema da ética de um ângulo diferente. Todos esses sistemas têm certo valor, e também envolvem certos problemas especiais.

1. O *empirismo* (que vide) mostra a tendência de ver a ética como uma questão *relativa*, com base nas experiências acumuladas dos homens, através da percepção dos sentidos. Nesse sistema, a ética torna-se parte do *humanismo*.

2. No *racionalismo* (que vide) acredita-se que a razão pode descobrir os mais importantes princípios éticos, inteiramente à parte da experiência. Sócrates ensinava que a alma e a mente subconsciente do homem já possuem o conhecimento do que é certo e errado, dos princípios éticos gerais, e também que a razão, quando bem disciplinada, pode trazer à tona esse conhecimento.

3. A *intuição* (que vide) parte do pressuposto que a mente e a alma são capazes de conhecer as coisas de forma imediata, sem o concurso da razão ou da percepção dos sentidos. Esse conhecimento pode provir da alma, de Deus ou de alguma outra entidade espiritual, ou então de alguma fonte desconhecida. Sabemos intuitivamente o que é certo, tal e qual Deus, porquanto somos seres dotados de intuição. O bispo Butler supunha que a consciência humana é um meio poderoso e digno de confiança para a obtenção do conhecimento, e isso aborda as funções da razão e da intuição.

4. No *misticismo* (que vide), o conhecimento ético nos seria dado como um dom de Deus, mediante as experiências místicas e a revelação divina (que vide). Simplesmente seríamos informados sobre o que é certo e o que é errado. A revelação tornar-se-ia

concreta sob a forma de livros sagrados, e a Igreja teria a função de proteger e interpretar esses livros. Eles tornam-se livros de texto da ação ética, conferindo-nos, ao menos, os grandes princípios éticos gerais, além de muitas sugestões quanto às subcategorias e normas que nos ajudam a refletir sobre outros assuntos que não são especificamente ventilados.

5. Na *razão*, na *intuição* e no *misticismo*, normalmente encontramos uma ética absoluta (e, com freqüência, teísta). As leis éticas seriam verdadeiras e absolutas, não estando sujeitas às vicissitudes das experiências humanas.

6. No *positivismo* (que vide), o único conhecimento reconhecido é o científico. E os julgamentos de valores, tal como na ética, são rejeitados por estarem além do escopo do conhecimento humano, pelo que envolveriam proposições destituídas de significado. Aquilo que não pode ser diretamente confirmado, em laboratório, é chamado de *sem significado*.

7. No *pragmatismo* (que vide) as proposições éticas são determinadas por aquilo que funciona na experiência humana, por aquilo que é *prático*, e não por aquilo que é teoricamente certo ou perfeito (cujas condições nunca existiriam). Essa forma de ética é relativa. Os pensadores pragmáticos pensam que nunca houve leis éticas eternas e imutáveis; e, se porventura existem, estão acima do alcance de nossos atuais meios de obtenção de conhecimento.

8. Dentro do *pensamento cristão*, usualmente aceita-se que as funções da razão e da intuição nos digam o que é certo. O primeiro capítulo da epístola aos Romanos dá apoio a esse pensamento, porquanto até os pagãos teriam um conhecimento básico sobre o que é certo e errado. Porém, nessa questão entra a idéia inteira do *ministério do Espírito*, o qual nos ensina o que é certo. Na Bíblia encontramos uma orientação escrita, com base na revelação divina. Apesar disso deixar muitas questões abertas a debate, temos ali um guia geral. Além disso, o ministério do Espírito preenche os detalhes. Diferentes indivíduos, partindo de pontos de vista diversos, podem interpretar essas revelações de modo diferente, mas isso não anula o método geral. O crescimento na espiritualidade vai melhorando continuamente a nossa capacidade de interpretar. Outrossim, apesar de sempre haver detalhes que precisarão ser discutidos, e problemas sociais que não são diretamente mencionados nas Escrituras, esse método é superior ao método relativista dos empiricistas e dos ateus. É uma tragédia espiritual quando alguém deixa os princípios éticos ao sabor das especulações humanas. O homem, em seu progresso espiritual, apesar de ainda ter muito para conquistar, tem obtido alguns notáveis avanços no conhecimento ético, os quais precisam ser preservados, apesar de seu conhecimento ainda ser primitivo. A idéia inteira da *responsabilidade* e do *dever* repousa sobre a admissão do homem ter atingido a um significativo estado de conhecimento ético.

## CONHECIMENTO e A Fé Religiosa

*Esboço*

Introdução
*A Filosofia e a Ciência*

I. *Pontos De Vista Filosóficos Sobre A Natureza E As Fontes Do Conhecimento*
1. Empirismo
2. Racionalismo
3. Intuição
4. Misticismo
5. Ceticismo
6. Positivismo
7. Psiquismo

II. *Teorias da Verdade — critérios*
1. Realismo
2. Sentimentos
3. Costumes e Tradições
4. Tempo
5. Intuição
6. Revelação
7. Instinto
8. Maioria, Pluralidade
9. Autoridade
10. Correspondência
11. Pragmatismo
12. Conformidade
13. Coerência

III. *Bibliografia*

### *INTRODUÇÃO*

*Importância do Tema.* Os religiosos estão interessados em «como sabemos as coisas», que já aceitamos como verdade, e também em «como se aprende mais». Esse interesse, para a pessoa que pensa, envolve-a naturalmente em aspectos daquilo que, na filosofia, recebeu o nome de «teoria do conhecimento» ou—gnosiologia (epistemologia). O artigo aqui apresentado procura expor, em forma de esboço, os diversos sistemas de conhecimento e as teorias de verdade, relacionando-as, de forma breve, à crença religiosa.

**Conhecimento Linear.** O Ocidente ficou quase tomado de obsessão pelo chamado conhecimento «linear», ou seja, o tipo de conhecimento que se baseia sobre o «pensar em uma linha», informe após informe, com conclusões tiradas da investigação «empírica». Essa quase obsessão tornou-se um ídolo, ao ponto de qualquer conhecimento «extra-empírico» ser tido como impossível. No Oriente, em contraste, que o conhecimento pode ser obtido através da razão, da intuição e do misticismo é tomado como algo pacífico, e o conhecimento «linear» é degradado por muitos como um tipo inferior de conhecimento.

Conhecimentos dos hemisférios esquerdo e direito do cérebro: Pesquisas recentes indicam que os tipos de conhecimento *linear* (empírico) são governados pelo hemisfério esquerdo do cérebro, ao passo que os discernimentos intuitivos ou místicos são governados pelo hemisfério direito. É possível melhorar as funções intuitivas mediante o desenvolvimento do hemisfério direito do cérebro, através do exercício e da prática. A «disposição» de um indivíduo, pois, quanto aos «modos de obter conhecimento» pode ser uma questão de desenvolvimento cerebral, ou mesmo questão de pura chance; mas isso está sujeito a modificações, para um lado ou para outro. O fato de que o «conhecimento» é governado pelo «cérebro» não prova que o conhecimento é função meramente cerebral, entretanto. As pessoas que têm experimentado os fenômenos «fora do corpo», isto é, a capacidade da alma de deixar o corpo físico temporariamente e voltar, dizem-nos que são retidas a «consciência» e a «razão», ao mesmo tempo que a faculdade intuitiva é imensamente incrementada. Isso indica, portanto, que apesar do cérebro ser um veículo do conhecimento, governando-o no complexo humano normal de alma-corpo, é tão-somente um «veículo», e não a fonte da inteligência ou do conhecimento, e que o conhecimento, na personalidade humana, no nível da alma, existe e funciona sem

o luxo do cérebro.

Este artigo expõe o tema de modo *filosófico*, porquanto a filosofia, e não a teologia, é que tem desenvolvido uma sistemática «teoria do conhecimento».

A filosofia surgiu como uma forma de pesquisa científica, na tentativa de encontrar uma explicação racional para a natureza do mundo. Os primitivos filósofos também eram cientistas; mas, como é típico na história da filosofia, foram mais do que isso, incorporavam em si mesmos o espírito do poeta e do místico.

*Tales de Mileto* (600 A.C.) é o filósofo mais primitivo que se conhece. Ele se interessava por explanar os processos do movimento e das alterações bem como a natureza da *multiplicidade*; e, com esse fim, criou a teoria chamada «hilozoísmo». Era uma teoria chã, terrena, que não ascendia às questões da razão universal, à primeira causa ou Deus. Não obstante, como homem, Tales tinha os olhos fitos nas estrelas. No fim de uma tarde, quando as estrelas começavam a ficar visíveis, Tales contemplava embevecido a cena, sem observar para onde ia. Subitamente, caiu em um poço. Uma espirituosa criada trácia observou imediatamente que Tales desejava tanto saber o que ocorria no firmamento, que não via onde punha os pés. Há um refrão moderno, que diz respeito especialmente às pessoas religiosas, no sentido que vivem tão absorvidas pelas coisas celestiais que não têm qualquer utilidade terrena.

### Filosofia e Ciência

A filosofia e a ciência, como disso se depreende, encaram os problemas sob luz diferente, a menos, naturalmente, que a filosofia seja reduzida a mero método científico, conforme se dá no positivismo lógico. Os cientistas se preocupam com *utilidade*, «preço», «trabalho», «delito», «energia», «densidade». Os filósofos concentram seu interesse em «experiência», «conhecimento», «justiça», «significação», «verdade», «propósito», «Deus» e «alma».

*O fenômeno social do furto*. As ciências sociais falam da influência do ambiente, dos fatores hereditários físicos e mentais, como também dos modos e meios de correção, incluindo escolas especializadas ou instituições corretivas. A filosofia, pois, faz os seguintes tipos de aquilatação: a. Julgamentos de valores—o roubo é mau porque contradiz o que se sabe acerca da conduta ideal. b. Julgamentos morais—o roubo é uma função da consciência pervertida. c. Juízos antropológicos: o roubo é propensão de uma alma corrupta, a qual, de alguma outra existência, trouxe consigo essa má tendência. d. Julgamentos espirituais—o roubo, considerado como forma de perversão moral, provoca a função da justiça de Deus, ou de alguma elevada força cósmica; e a punição é seu resultado. e. Julgamentos metafísicos—as almas más podem sofrer punição que transcende aos limites do tempo e do espaço, ao passo que as almas boas aguardam a bem-aventurança

Pode-se perceber facilmente, através dessa ilustração, como a filosofia é capaz de ultrapassar em muito ao campo das pesquisas da ciência, em sua inquirição por conhecer qualquer coisa, ou em suas descrições sobre a natureza de qualquer coisa. Isso se aplica à esfera da gnosiologia. A mente estritamente científica, por sua vez, não se mostra mui simpática para com grande parte do que a filosofia tem a dizer acerca do conhecimento, de seu escopo, de suas limitações, de suas possibilidades, de seus propósitos e de seus métodos.

Não há que duvidar que se a filosofia considera problemas dessa monta, sob um prisma diferente do que o faz a ciência é certo que assim também o faz a religião. A crença religiosa necessariamente apela a um «tribunal superior», em relação a qualquer problema de conhecimento e solução de problema, e não pode sentir-se restringida ao conhecimento que se deriva apenas dos sentidos (empirismo). Segundo determinado ponto de vista, a religião é um meio de conhecimento que transcende ao modo de pensar linear.

### I. Pontos de Vista Filosóficos sobre a Natureza e as Fontes do Conhecimento

1. *Empirismo*. a. Acredita que todo o conhecimento humano vem através da percepção dos sentidos. b. A percepção dos sentidos é concretizada nos informes fornecidos pela «experiência». c. A experiência desenvolve a memória. d. A memória desenvolve a linguagem. e. A linguagem desenvolve a faculdade discursiva. f. A faculdade discursiva desenvolve todas as vastas sutilezas da intelecção humana, as complexidades do conhecimento humano. Tudo isso tem por alicerce a percepção dos sentidos ou a «experiência».

Empirismo é «conhecimento mediante a percepção dos sentidos». Tem-nos dado máquinas e medicamentos e outras coisas—úteis. Pode atuar como veículo para um conhecimento superior, para uma visão, por exemplo a qual pode ser «vista» ou que aparentemente pode ser vista pelos olhos. Mas a mentalidade religiosa não fica satisfeita ante tal pensamento, e com razão, pois todo o conhecimento não deve ser medido através dos cinco sentidos.

2. *Racionalismo*. Consiste na supremacia da razão. a. Esse sistema crê que o conhecimento ultrapassa a mera percepção dos sentidos, fundamentando-se em uma faculdade superior da natureza humana, usualmente equiparada com «alma» ou «mente». b. A «mente» tem afinidades com a natureza do universo. c. Existiriam idéias latentes. d. A percepção dos sentidos pode até mesmo servir de obstáculo para o conhecimento humano. e. O racionalismo se interessa por verdades «finais»—o empirismo se interessa por verdades terrenas.

Os pensadores religiosos, tanto quanto os filosóficos, supõem, e com razão, que a razão pura, inteiramente à parte dos sentidos físicos e dos informes por eles fornecidos, pode chegar a alguma verdade. O conhecimento de Deus e dos valores éticos pode ser conseguido desse modo, conforme Paulo sugere em Romanos, capítulo 1.

3. *Intuição*: a. Acredita no conhecimento imediato. b. Até mesmo sem o auxílio dos meios da experiência e da razão. c. Tal conhecimento se derivaria de uma fonte desconhecida, a «mente universal», «Deus», a «comunidade das mentes», de natureza humana ou de outra categoria. A intuição reconhece a natureza essencial de um objeto, o que a experiência pode descrever apenas parcialmente.

A intuição, que tem a forma de «conhecimento imediato», não mediado nem pelos sentidos e nem pela razão, pode chegar ao «discernimento» acerca da verdade espiritual, incluindo os problema éticos e as questões relativas à alma, sua existência, sobrevivência e destino. O exercício na meditação espiritual pode desenvolver a intuição.

4. *Misticismo*. Trata-se do conhecimento proveniente de um ser superior, de uma força cósmica, interna ou externa. Segundo o misticismo oriental, essa força seria interna, isto é, a alma. Segundo o

misticismo ocidental, seria externa, isto é, Deus, a mente cósmica, os anjos, os santos, os espíritos dos mortos, etc. «O conhecimento é dom dos deuses».

O misticismo é a verdadeira base de toda a crença religiosa, pois as «visões» e «profecias», concretizadas nas Escrituras ou «livros sagrados», dão à religião a sua autoridade. O misticismo crê que Deus pode revelar-se e realmente revela-se a si mesmo. Em outras palavras, é algo altamente «teísta», e não deísta. O teísmo ensina que Deus está interessado pelos homens e faz intervenções na história humana. Suas intervenções geralmente se dão através de indivíduos, e mediante meios místicos. Já o deísmo nega que Deus se faça presente; e mesmo que Deus exista, conforme dizem os deístas, ele trata com os homens somente através das leis naturais.

5. *Ceticismo*. Diz que o conhecimento é impossível, se nos referimos a um conhecimento certo ou infalível. O ceticismo radical segue o «nihilismo»: nada existe. Conforme diz Georgias: «Nada existe; e se algo existisse, seria incognoscível; e, mesmo que se pudesse conhecer, seria incomunicável». Já o ceticismo moderado postula um nível de probabilidade, ainda que suficiente para que «arrisquemos a vida», nessa proposição. Por exemplo, que o sol surge no oriente e se põe no ocidente. O ceticismo é resultado natural do empirismo. A percepção dos sentidos é básica nesse sistema, mas a percepção dos sentidos não é digna de confiança em sentido absoluto, sendo meramente uma «percepção mental» das coisas, e não o verdadeiro conhecimento da realidade das coisas. Por exemplo, a cor «alaranjada» pode ser descrita como certa intensidade da vibração da luz; porém, se examinarmos a natureza da luz, descobrimos que, na realidade, não sabemos o que é a luz. «Alaranjado», assim sendo, é apenas um termo conveniente que descreve uma percepção mental acerca de alguma coisa, e em nada contribui para descrever qualquer fator sobre a natureza real da luz.

**De modo geral,** o ceticismo é grande oponente da crença religiosa. Agostinho, sem dúvida, tinha razão quando supôs que a esfera do ceticismo é a esfera das trevas. Em outras palavras, quando um homem possui mente cética, naturalmente «habita espiritualmente» em um lugar onde sua iluminação é impossível. Somente quando abre a mente para a «crença» é que se possibilita o avanço no conhecimento espiritual. O ceticismo é freqüentemente uma «condição espiritual», e não apenas uma «atitude mental». Agostinho declarou: *Creio, para que possa entender*. Aquele que se aproxima da vida com a mente aberta da crença, embora possa cair no precipício de «crer demais», é passível de obter o «entendimento», pois tem o tipo de mente que o Espírito pode ensinar. É melhor crer demais do que pouco demais, simplesmente porque a «crença» é uma forma de busca espiritual que permite à mente receber iluminação ao nível da alma. Isso não significa que estejamos dispensados da «investigação honesta», que empregará todos as nossas faculdades do conhecimento, incluindo a empírica. Existe tal coisa como dogma morto e amortecedor, que também é adversário da verdadeira fé. O ceticismo é a maldição do liberalismo; mas o dogma amortecedor é a maldição do fundalismo.

6. *Positivismo lógico*. É uma forma de ceticismo, que limita a filosofia ao método científico empírico. Rejeita todas as proposições metafísicas como «destituídas de significação», porquanto não cabem no terreno da percepção humana. O ateísmo, portanto, incorreu em erro tanto quanto o teísmo, porque, não menos do que este, pretende fazer uma declaração de conhecimento sobre algo que nos é impossível conhecer. Até mesmo o conhecimento «científico» não passa de mero nível de probabilidade, ou seja, de «inferência lógica».

O positivismo lógico é o máximo do ceticismo, até onde vai a religião. Não acredita que os problemas religiosos sejam dignos de atenção, ou mesmo sejam sujeitos à investigação, e rejeita todo o conhecimento «empírico» por não poder ser «conhecimento certo», sobretudo qualquer outra forma de «conhecimento». Deve-se admitir que o positivismo lógico, como um «método científico», tem seu valor; mas, no tocante à religião, é apenas destrutivo. Nesse campo, é o homem exibindo a sua ignorância.

7. *Psiquismo*. Esse nome se deriva do termo grego «psuche», que quer dizer «mente» ou «alma». Esse é o campo dos estudos da parapsicologia: a telepatia, a clarividência, a psicossinésia (capacidade de mover objetos pelo poder do pensamento), a psicofotografia e o conhecimento anterior. Talvez essa habilidade seja em parte empírica (baseada em alguma energia física, posto que ainda desconhecida) e em parte intuitiva, em parte racional e em parte mística. A revolta contra o materialismo e o empirismo radical (ceticismo) é que tem provocado o intenso interesse em torno da parapsicologia.

A parapsicologia é a investigação feita sobre os temas acima mencionados. É uma ciência legítima, e deve ser tratada como tal. Contudo, existe o «oculto negro» contra o qual devemos ser advertidos, que penetra em esferas proibidas do conhecimento e em atividades espirituais de cunho negativo.

## II. Teorias da Verdade—Critérios

### 1. Realismo:

a. *Realismo ingênuo*. Trata-se do realismo em oposição ao idealismo. Seus criadores foram James McCash, Thomas Reid e outros filósofos escoceses. A realidade seria exatamente o que parece aos sentidos, e não um concurso imperceptível de átomos em movimento, conforme os físicos atômicos afirmam. Este objeto à minha frente é uma escrivaninha, um objeto sólido e marrom, com várias configurações geométricas. Uma árvore, o firmamento, um edifício, etc., são todos exatamente o que parecem ser. Cores, dimensões, solidez, formas, peso, tudo é conforme parece ser. Os realistas ingênuos procuram eliminar tudo quanto crêem ser uma complicação desnecessária da filosofia.

**Observações Acerca do Realismo Ingênuo:**

1. Preserva a verdade do «bom senso», no âmbito em que todos vivemos. Embora os objetos, cientificamente falando, não sejam «sólidos», dois automóveis que colidam de frente apóiam a realidade do realismo ingênuo. Um jovem enamorado de uma bela jovem não se interessa muito pela sua estrutura atômica. Basta-lhe a beleza física evidente que ela tem.

2. Todavia, a verdade do realismo ingênuo é parcial. Nas coisas há uma natureza mais profunda, que essa escola prefere ignorar; e essa natureza pode ser o «espírito», como energia ou ser invisível, isto é, a estrutura atômica invisível das coisas, ou energias, como ondas de luz, raios-x, etc.—a verdadeira natureza das coisas.

3. O realismo ingênuo depende da percepção dos sentidos, e o faz com uma fé simples; no entanto, essa percepção pode ser enganosa, errônea, débil ou totalmente falsa. Ilustrações: Os trilhos de uma estrada de ferro, que parecem encontrar-se em um ponto distante. Um graveto fino, lançado na água, parece ondear em seguida.

b. *Realismo crítico*. Segundo essa posição, o mundo externo é real, e não depende da «mente» ou da «percepção mental», para que tenha realidade; e nem deixa de existir meramente porque nenhum ser inteligente a percebe. No entanto, não é ainda aquilo que a percepção dos sentidos nos diz. (Seus defensores são George Santayana; C.A. Strong; R.W. Sellars, Durant Drake e Bertrand Russell).

**Observações sobre a Realismo Crítico:**

1. Nossos sentidos nos dão uma verdade prática, embora esta fique muito aquém de qualquer noção da verdadeira essência das coisas.

2. A ciência nos fornece descrições das coisas, e se refere a átomos, eléctrons, nêutrons, prótons, quarks e outras partículas; mas essas descrições, apesar de chegarem mais perto da verdadeira natureza das coisas do que o faz a percepção dos sentidos, nos outorgam um conhecimento ainda incompleto, se, de fato, qualquer conhecimento sobre a realidade final é possível.

3. Com a expressão «fé animal» aceitamos a existência de um mundo objetivo e real, apesar de que, no momento, não contamos com meios precisos para descrevê-lo.

c. *Novo realismo*. (Defendido por E.B. Holt; W.T. Marvin e W.P. Montague). O objeto conhecido é o verdadeiro objeto, sendo real a apresentação do mesmo, e não mera representação (como se dá no caso do realismo crítico). Os objetos que podem ser percebidos são reais, e as descrições sobre os mesmos, apesar de parciais, são descrições reais.

**Observações sobre o Novo Realismo:**

1. Nessa escola há uma posição intermediária entre o realismo ingênuo e o realismo crítico, que preserva o «monismo» do realismo ingênuo.

2. Simplesmente tem mais «fé» do que o realismo crítico, removendo assim o elemento de ceticismo.

A maioria dos religiosos, pelo menos no Ocidente, se compõe de «realistas», no sentido que crêem que o que se vê com os olhos e se toca com os dedos, representa a realidade «objetiva». Mas nem por isso desprezam «outra realidade» que não possa ser conhecida, mas que depende de «meios» superiores de conhecimento, além dos sentidos, como sejam a «razão», a «intuição» e o «misticismo». A realidade conhecida pelos «sentidos», para os tais, é uma «realidade inferior». Desde que as coisas são exatamente assim, sem importar se as conhecemos ou não perfeitamente, e sem importar se as podemos conhecer perfeitamente, essas questões se tornam secundárias.

**2. Sentimentos.** Estes são usados como critério para a seleção dos alimentos; também atuam quase exclusivamente na questão da escolha do «companheiro da vida», no matrimônio. Também transparece por detrás das ações de todos os homens, de muitos modos diversos. Por igual modo, transparece por detrás de sua «escolha» das teorias: compare-se, por exemplo, Agostinho, filho de Mônica, influenciado por Ambrósio, com o filho criado por um cientista materialista e ateu; não é difícil predizer que tipo de religião, filosofia ou teoria científica os atrairá.

**Observações sobre os Sentimentos:**

1. Os sentimentos, como critério para averiguação da verdade, são um meio débil e ilusório, porquanto os sentimentos usualmente são vagos e mal definidos, se não entram mesmo em conflito uns com os outros; e no campo das pesquisas científicas e filosóficas os sentimentos também são estéreis.

2. Porém, nenhuma outra teoria ou base de teoria é tão poderosa na tomada de decisão sobre as coisas como os sentimentos, influenciados como vivemos por anos de condicionamento aos mesmos.

É óbvio que os «sentimentos» muito têm a ver com as crenças e o sistema religioso de uma pessoa. Contudo, a crença religiosa transcende aos sentimentos humanos, e tudo pode ser reorientado ou mesmo revolucionado por uma fonte superior de conhecimento. Os «sentimentos» são mais condicionadores da verdade do que um meio real para obtê-la. Os sentimentos, como é claro, também podem tornar-se em empecilhos à verdade, e não somente aquilo que determina a «escolha das crenças».

**3. Costumes e Tradições.** Os critérios para averiguação da verdade ética e para as idéias políticas e religiosas, com freqüência se baseiam em vários costumes ou tradições. Os atos diários também se alicerçam sobre os mesmos. A maioria das pessoas não chega aos princípios morais através de ações racionais ou empíricas, e, sim, seguindo costumes prevalentes na igreja, no governo, na família, na nação, na cidade ou no bairro. As mulheres se sentem particularmente embaraçadas por usarem um vestido noturno durante o dia, ao fazerem compras, sem importar quão belo e funcional seja fal vestido. E a maior parte daquilo que as pessoas fazem é similarmente obrigatório.

**Observações Sobre os Costumes e Tradições:**

a. Os costumes se transformam em tradições mediante o uso, com a passagem do tempo.

b. Os costumes e tradições não servem de critérios válidos para verificação da verdade no sentido absoluto, pois os costumes e tradições variam de cultura para cultura. O costume das tribos esquimós de deixarem ao relento os membros idosos do clã, ou de entregarem a mulher para passar a noite com um visitante, como parte da hospitalidade doméstica, não é exemplo aprovado em outras sociedades. No entanto, um costume pode ser um critério válido para a averiguação da verdade, quando se toma o ponto de vista pragmático sobre a verdade.

**4. Tempo.** Alguém poderia dizer: «Sei que o cristianismo é verdadeiro, porque tem resistido ao teste do desgaste do tempo». Porém, o judaísmo, o hinduísmo e algumas outras religiões são ainda mais antigas que o cristianismo. *Tal critério* faria de muitas superstições verdades automáticas, pois dificilmente qualquer delas é uma inovação. Apesar de virtualmente inútil como critério da verdade, o «tempo» é uma poderosa força unificadora entre os aderentes de qualquer sistema, sem importar se é de natureza religiosa, social ou política.

**5. Intuição.** Seus mentores foram Henri Bergson; Borden Parker Bowne; George Santayana; Carl Jung, pai da psicologia analítica. Segundo essa posição, a verdade é encarada como algo que nos chega imediatamente, sem o concurso da razão ou da experiência, através da percepção dos sentidos.

a. Intuição científica. Todo conhecimento se baseia na percepção dos sentidos; mas o cérebro pode atuar como computador, armazenando e avaliando a experiência adquirida pela percepção dos sentidos; e subitamente, sem qualquer explicação aparente, o cérebro tira uma conclusão. Um cientista pode despertar no meio da noite com a solução para seu problema, que o havia deixado perplexo durante meses. Porém, apesar desse processo ser deveras misterioso, não é mister que o consideremos «extraempírico».

b. Todavia, o sistema filosófico que se chamou de *intuição*, não pertence a esse tipo de intuição

mecânica ou empírica: o conhecimento chega imediatamente ao homem interior, no nível do subconsciente (a alma), e este é então transmitido à mente consciente. Sua origem é: 1. desconhecida; 2. a mente universal; 3. a percepção da alma; 4. Deus, os deuses, os poderes cósmicos.

Thomas Edison, inventor da lâmpada elétrica, os discos fonográficos e outras invenções, afirmava ter recebido desse modo as suas idéias. Ao receber a idéia sobre a lâmpada elétrica, isto é, de que se poderia obter iluminação, eletricamente, de uma lâmpada incandescente, também lhe sobreveio, repentinamente, a idéia como essa energia elétrica poderia ser medida e vendida comercialmente.

**Observações sobre a Intuição**

1. A intuição se impacienta ante o mecanismo da experiência e dos sentidos, estando convicta de que tais meios fornecem apenas descrições das coisas, e não da essência das mesmas, isto é, de sua natureza real e distintiva.

2. O conhecimento intuitivo é imediato e profundo, porque se trata de «compreensão», e não de mera fórmula. O conhecimento científico é *simbólico* e *discursivo* e, por sua própria natureza, é parcial, e, algumas vezes, superficial.

3. O conhecimento intuitivo nos faz entender as grandes «verdades», como «Deus», a «Mortalidade», os «princípios morais»; enfim, as grandes verdades metafísicas. Já o conhecimento científico nem ao menos chega à verdade completa do que seja a matéria.

Os poetas tendem por aceitar pontos de vista intuitivos sobre o conhecimento, conforme se depreende do seguinte poema de Walt Whitman:

*Quando se ouvia o erudito astrônomo*
*Quando as provas, as cifras, foram catalogadas perante mim;*
*Quando me foram mostrados os mapas, os diagramas,*
*Para adicionar, dividir e medi-los;*
*Quando eu, sentado, ouvia o astrônomo que conferenciava*
*Sob muitos aplausos, no salão de conferências,*
*Quão logo, inexplicavelmente, fiquei cansado e enfadado;*
*Até que, levantando-me e saindo sem ruído, pus-me a vaguear,*
*Ao ar úmido e místico da noite, e, de vez em quando,*
*Olhava, em silêncio perfeito, as estrelas.*

As provas astronômicas e os mapas do firmamento deixavam Walt Whitman profundamente insatisfeito. O astrônomo falava muito sobre as estrelas, mas não as mostrava. No entanto, uma contemplação silente e pacífica, desvendou muito mais para a alma do poeta.

Um impulso em um bosque primaveril
Pode ensinar-nos mais sobre o homem,
Sobre o mal ou o bem morais,
Do que todos os sábios podem fazer.
Doce é a história que nos conta a natureza;
Nosso intelecto intruso
Distorce as belas formas das coisas—
Matamos quando dissecamos.
Basta de ciência e de arte;
Fechem-se aquelas folhas estéreis;
Apresentai-vos, e trazei um coração
Que observe e que acolha.
(William Wordsworth)

4. O conhecimento intuitivo tende por ser antiintelectual; e por certo é antiempírico, sendo mesmo ocasionalmente hostil ao empirismo.

A intuição tem servido de força e fonte poderosa da verdade (ou daquilo que se julga ser a verdade) em quase todos os sistemas religiosos. Nem todos os indivíduos que aderem a um sistema religioso acham valor especial na intuição. Porém, às raízes de quase todos os sistemas religiosos avulta a crença de que a verdade pode vir através de «meios imediatos», deixando de lado a necessidade das investigações empíricas, e «ultrapassando» até mesmo o poder da razão. O indivíduo religioso usualmente crê que da parte de sua alma podem provir certas informações às quais o seu corpo não tem acesso. A alma, por ser a porção imaterial do homem, está sujeita ao contacto com as realidades imateriais, pelo que também pode receber um «dom do conhecimento» vindo da parte de Deus, sem a necessidade da compilação de informes e da avaliação dos mesmos, feitas pelo cérebro. Acredita-se que a intuição tem valor especial na apreensão das verdades «morais». «Intuimos» as ações corretas e erradas. Não dependemos do «tempo» e das «circunstâncias», para que estes nos ditem de que maneira devemos viver corretamente. Outrossim, a verdade ética reside nas realidades espirituais, e não nas considerações temporais. A verdade ética deve transformar o que é temporal, elevando-o a um nível superior de existência, e nunca ser transformada pelo mesmo em uma espécie de «licença» para nos servirmos a nós mesmos.

**6. Revelação** (misticismo). É a posição de Kierkegaard (do existencialismo moderno, da teologia do neo-ortodoxismo), de Agostinho, de Platão e da maioria das religiões do mundo. A verdade se derivaria de Deus, dos deuses, de forças espirituais mais elevadas que o homem, quer pessoais quer impessoais, ou então da alma interior, como um ser superior. As primeiras origens são postuladas pelo misticismo ocidental; e a última, pelo misticismo oriental. O misticismo ensina que as verdades são conferidas por Deus ou pelos deuses, sem a mediação da percepção dos sentidos (embora os sentidos possam servir de veículos), sem o concurso da razão, e até mesmo sem a presença da intuição. No entanto, há variedades do misticismo que admitem a ajuda da intuição, sobretudo em suas variedades orientais.

**Observações sobre o Misticismo:**

1. Diversas dessas supostas revelações são contraditórias, e a verificação das mesmas é dificílima. Algumas dessas revelações podem ser meras alucinações, ou resultantes de um sistema nervoso desequilibrado.

2. O cristianismo tradicional tem aplicado vários critérios para testar as experiências e as revelações místicas: a. Tomás de Aquino asseverava que Deus jamais daria uma revelação contrária à lógica, apesar de que as revelações possam ultrapassar os limites da lógica formal. b. Toda a revelação deve ser de natureza «moral», esse seria o teste ético. c. Poderíamos aplicar também o teste da autoridade: uma revelação qualquer concorda com o que Jesus, Pedro, o Novo Testamento, ou o papa dizem?

3. A revelação, a exemplo da intuição, tenta outorgar ao homem as verdades divinas: a natureza de Deus e suas obras, a imortalidade e o destino da alma, a conduta moral ideal, etc., e tem pouca paciência com o conhecimento que se prende às questões diárias da vida, como as invenções de maquinismos, o descobrimento de drogas ou o prolongamento e preservação da mera existência física.

4. A *fé* ocupa lugar de máxima importância no misticismo.

*Fé*

*Oh, Mundo, não escolheste a melhor parte!*
*Não é sábio ser apenas sábio,*
*E fechar os olhos para a visão interior,*
*Mas é sabedoria acreditar no coração.*
*Colombo achou um mundo, e não tinha mapa,*
*Salvo o da fé, decifrado nas estrelas;*
*Confiar na empresa invencível da alma*
*Era toda sua ciência, toda a sua arte.*
*Nosso conhecimento é uma tocha fumegante*
*Que ilumina o caminho um passo de cada vez,*
*Através de um vazio de mistério e espanto.*
*Ordena, pois, que brilhe a luz terna da fé,*
*A única capaz de dirigir nosso coração mortal*
*Aos pensamentos sobre as coisas divinas.*

(George Santayana)

É óbvio que o maior «meio» isolado de obtenção da verdade, até onde diz respeito ao indivíduo religioso, é o misticismo, a fonte da revelação. As Escrituras são as visões concretizadas dos profetas. Os dons espirituais, que são necessários para o desenvolvimento da igreja (Efé. 4; Rom. 12 e I Cor. 12-14) são misticamente mediados, porquanto são inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo.

**7. Instinto.** (Postulado por Sigmund Freud e George Santayana). Crê que aquilo que é necessário, por determinação da natureza, representa a verdade. A sede subentende tanto a existência quanto a necessidade da água. O sono implica na verdade de um corpo que precisa de restauração e repouso. O sexo mostra a necessidade da procriação. Os impulsos ou sentimentos religiosos revelam a verdade das proposições religiosas, pelo menos em termos fundamentais e gerais. O instinto que nos faz buscar a bondade e a justiça bem como punir a má conduta e o mal, revela-nos algo sobre a verdade moral. O instinto do artista, que o leva a pintar, a compor poemas ou música, fala-nos de algo sobre a verdade estética.

**Observações sobre o Instinto:**

1. Os instintos, tal como os sentimentos, são vagos e muitas vezes contraditórios.

2. Grande variação de discrepâncias pode ser observada entre os instintos de pessoas diferentes.

3. Mesmo admitindo a validade dos vários instintos e das verdades que os mesmos buscam, o conhecimento religioso, filosófico e científico tem de ultrapassar os limites alcançados pelos instintos.

**8. Maioria.** Pluralidade, «consensus Gentium». As organizações democráticas, de ordem religiosa, política, social ou governamental, se fundamentam sobre a suposição da validade desse critério para averiguação da verdade. Cícero dizia: «Aquilo sobre o que concorda a natureza de todos os homens é necessariamente verdadeiro». (De Natura Deorum, i.16). Agostinho baseou um argumento em favor da existência de Deus e da alma imortal humana sobre a suposição de que a maioria dos homens e das culturas tem alguma forma dessa crença, a menos que sejam ensinados a não fazê-lo, tendo sido educados propositalmente de modo contrário; e isso nos levaria à forçosa conclusão de que tanto Deus quanto a alma existem.

**Observações sobre a Opinião da Maioria:**

1. Embora a decisão da maioria seja método desejável de resolver questões de natureza política ou social, dificilmente é adequado para solucionar problemas científicos, filosóficos ou mesmo religiosos.

2. Esse método é aplicável à verdade prática, tal como o realismo ingênuo; no entanto, é de valor dúbio no descobrimento da verdade objetiva sobre qualquer coisa. As antigas idéias cosmológicas se alicerçavam nesse método, tendo assim surgido os conceitos de que a terra é chata, que o sol gira em torno da terra, etc. Tudo era apenas a opinião da maioria, — mas finalmente se comprovou sua falsidade.

**9. Autoridade.** Tomás de Aquino, muitos filósofos do escolasticismo, a maioria dos teólogos e a maioria dos religiosos, aceitam certas verdades com base na autoridade. Visões e revelações estão concretizadas em escrituras santas. A verdade bíblica é uma das colunas mestras das supostas verdades da cultura ocidental. Pois da igreja, bispos, papas e organizações eclesiásticas derivam sua «verdade» da autoridade; e eles mesmos se fazem autoridades. Porém, a «ciência», segundo é atualmente interpretada, tanto para muitas pessoas não religiosas como para muitas pessoas religiosas, é uma «autoridade», da parte da qual aceitam a «verdade», sem qualquer tentativa de investigação pessoal. A autoridade é o critério usado na averiguação das verdades científicas, filosóficas, morais e religiosas. Por exemplo, o papa pronunciou-se contrariamente ao uso da pílula anticoncepcional, e milhões de pessoas, ao redor do mundo, não fazem mais indagações sobre a correta ação moral a ser tomada em relação à mesma.

**Observações sobre a Autoridade:**

1. A verdade que é aceita por meio da autoridade repousa sobre a premissa que as autoridades, em qualquer campo do saber humano, devem conhecer mais que os observadores externos.

2. A autoridade religiosa se alicerça sobre a validade da revelação, e se esboroa totalmente quando a suposta revelação mostra ser produto de uma ilusão ou alucinação.

3. A autoridade científica se fundamenta sobre a base claudicante da percepção dos sentidos e de um conjunto de teorias em eterna mutação. É bem possível que quase toda a verdade, com base na autoridade, seja prática e subjetiva, e não objetiva.

O mundo religioso oferece uma incrível variedade de «autoridades»; de fato, há quase tantas autoridades quanto indivíduos religiosos. Contudo, há algumas autoridades básicas que recebem aclamação quase universal, como a dos «livros sagrados». Realmente, tais autoridades possuem maior dose de verdade do que aquela que geralmente seguimos.

**10. Correspondência.** (Postulada por Bertrand Russell). Afirma que quando uma idéia concorda com seu objeto, isto é, corresponde ao mesmo, então essa idéia é verdadeira. Por exemplo, tenho a idéia de que choveu em São Paulo a 5 de fevereiro de 1968. Se primeiramente concordarmos sobre o que significa «chover», então mediante meios objetivos, como os registros dos jornais, as tabelas meteorológicas ou a palavra de alguém dotado de excelente memória, que diga se realmente choveu ou não nesse dia, poderei afirmar a veracidade ou falsidade dessa idéia. Todas as «idéias» científicas podem ser similarmente comprovadas, mediante a experiência e a prática reais, e as idéias comprovadas por informes e provas, que «correspondam» à realidade dos fatos são idéias verdadeiras.

**Observações sobre a Posição da «Correspondência»:**

1. Problemas de definição podem modificar essa questão: Qual é a natureza exata da minha «idéia»? Quão válidas são as minhas observações confirmatórias dessa idéia? Por exemplo, o que significa «chover»? O que é «São Paulo»? ou até que ponto se cumpriram as previsões da meteorologia a 5 de fevereiro de 1968?

••• ••• •••

2. Mais profundamente ainda, que tipo de *verdade* procuro demonstrar: verdade prática, absoluta ou teórica?

A teoria da correspondência da verdade é, essencialmente, a verdade do «empirismo», pelo que, quanto à crença religiosa, tem valor limitado. Sem dúvida, reveste-se de algum valor, pois algumas crenças repousam sobre «acontecimentos históricos». A ressurreição, por exemplo, do ponto de vista histórico, pode ser sujeitada à teoria da correspondência. Há registros concretos que podem corresponder ao «fato» crido.

**11. Pragmatismo.** (Ensinado por William James, Charles Sanders Pierce e John Dewey). Consideremos os pontos seguintes:

a. Charles Sanders Pierce ensinava certa forma de *pragmatismo científico*: uma espécie de positivismo lógico cauteloso, que reconhecia a necessidade do método científico e de que todas as proposições devem estar finalmente alicerçadas na experiência, embora também não rejeitasse algumas formas da «metafísica», como se fossem necessariamente impossíveis. Assim sendo, as proposições que se prestam à investigação talvez não sejam total e finalmente investigadas, mas o sentido de uma declaração ou idéia consiste da súmula de suas conseqüências verificáveis; e os fatos ficam necessariamente implícitos em tais conseqüências. O método de Pierce, na verificação do conhecimento, se assemelha ao do *realismo crítico*. Juntamente com o positivismo, assevera que algumas proposições não têm significação, porquanto ultrapassam as possibilidades humanas de resposta. Algumas proposições, como «Deus existe», não estão mais perto de serem demonstradas do que há mil anos passados. Todavia, o problema reside na própria proposição, e não no conhecimento humano. Algumas proposições, de fato, não estão meramente «sem solução», mas são «insolúveis». Quando Pierce vivia, a proposição «Existe uma alma imortal?» figurava entre essas proposições, segundo sua maneira de pensar. Porém, conjecturo que se ele estivesse vivo até hoje, e pudesse examinar as novas evidências comprobatórias da existência da alma, admitiria a possibilidade de comprovar, experimental e cientificamente, esse item do pensamento metafísico.

b. O pragmatismo como *algo prático* (Pensamento de William James). Segundo esse filósofo, permanece de pé a necessidade de investigação; mas o valor e a veracidade de uma idéia dependem de sua utilidade ou função, e não de sua verificação científica. Não buscamos, na verdade, aquilo que é final, e, sim, qual a diferença que as idéias fazem em nossa existência pessoal, em nosso bem-estar psicológico e em nossa conduta. Ilustração com a pessoa de Deus: Podemos estar razoavelmente certos de que, se de fato Deus existe, ele fica mais satisfeito com nossa crença em sua existência do que com o ateísmo. Posto que não podemos averiguar a validade dessa crença, ou da religião em geral, e nem podemos negar sua veracidade, podemos ao menos seguir a orientação expediente de sermos religiosos, como uma espécie de garantia para o futuro. Se porventura, em última análise, Deus realmente não existir, e nem a imortalidade—não teremos perdido coisa alguma. Mas, se pelo contrário, Deus existe e a imortalidade é fato, então só teremos a ganhar com nossa cautela. Isso é pragmatismo no mais alto nível, e se reveste de uma astúcia que ultrapassa aos limites do tempo e do espaço.

«Qualquer um que insiste que há um planejador, e está certo de que esse planejador é divino, deriva certo benefício pragmático do termo; de fato, o mesmo benefício que vimos derivar-se dos termos Deus, Espírito ou o Absoluto. O 'planejamento', por mais inútil que seja como mero princípio racionalista, posto acima ou por detrás das coisas, para a nossa admiração, se a nossa fé se concretiza em algo teísta, torna-se um termo de 'promessa'. Fazendo isso redundar em experiência, obtemos uma perspectiva mais confiante sobre o futuro...Essa vaga confiança no futuro é o único significado pragmático que se pode discernir no presente, nos termos 'planejamento' e 'planejador'...Mais do que essa significação prática não possuem as palavras 'Deus', 'livre-arbítrio', 'desígnio', etc. Entretanto, por mais obscuras que elas possam ser em si mesmas, ou por mais intelectualmente que as aceitemos, quando as pomos junto à passagem da vida, conosco, as trevas da existência tornam-se em luz ao nosso redor...Somente o pragmatismo pode infundir certa significação positiva a essas trevas, e por causa disso ela volta inteiramente as costas ao ponto de vista intelectualista» (William James, *Pragmatism*, págs. 114,115, 121 e 122).

**William James pensava que se pode basear a religião sobre o pragmatismo.** — «Quais são as conseqüências práticas de minhas crenças?» «Elas me ajudam a viver melhor» «Elas me infundem esperança diante da tragédia e da morte?» Nesse caso, elas possuem «valor veraz», simplesmente porque têm valor prático na vida, sem importar a «verdade última» acerca de qualquer questão. É óbvio que a maioria dos religiosos sente que essa maneira de buscar a verdade é muito inferior, se é que é válida. Contudo, a maior parte das pessoas religiosas apega-se «ainda mais» à sua fé religiosa porque, de fato, traz benefícios a «curto prazo», de natureza prática, e não apenas promessas a «longo prazo», que se concretizem em «mundos eternos da imortalidade». Desse modo, valorizam o pragmatismo como meio de buscar a verdade, embora não digam tal mediante alguma espécie de afirmação lógica.

c. *Pragmatismo ético* ou humanista (idealizado por F.C.S. Schiller). De acordo com essa idéia, verdadeiro e falso são apenas sinônimos de «útil» e «inútil». Quando uma pessoa declara que uma crença qualquer é verdadeira, simplesmente quer dizer que ela cabe dentro da soma total de seus interesses. As verdadeiras crenças, pois, podem modificar-se juntamente com as circunstâncias e os interesses. Ninguém procuraria uma verdade absoluta, porquanto, mesmo que ela existisse, estaria fora do alcance da pesquisa humana. A verdade se resume no «interesse humano», estando especialmente vinculada à atividade ética.

«No que tange ao fato físico da avaliação da verdade, pode-se chamar a verdade de função final de nossas atividades intelectuais. No que concerne aos objetos avaliados como 'verdadeiros', a verdade é aquela manipulação dos mesmos objetos que, sob experiência, mostram ser úteis, primariamente para alguma finalidade humana, mas, em análise final, para aquela perfeita harmonia da totalidade de nossa vida, que forma a nossa aspiração final». (*Humanism*, pág. 61). A verdade pode ser egoísta ou altruísta. Porém, de acordo com Schiller, ela é essencialmente egoísta, de tal modo que todo indivíduo tem sua própria 'verdade'. Esse sistema ignora ou subordina a verdade objetiva da ciência, e faz da verdade uma questão de interesse social.

d. Verdade *experimental* (ensinada por John Dewey). A verdade seria o êxito na inquirição, em qualquer campo da atividade humana. Determinamos o valor verdadeiro das proposições na ação real

da existência diária. Incorporamos o método científico em todas as nossas pesquisas, e absorvemos o que é melhor nas teorias tradicionais da correspondência e da coerência; mas insuflamos nisso a idéia da verdade como um «valor». Ora, os valores são humanos e precisam ser comprovados pela experiência.

«O acordo ou correspondência se verifica entre o propósito ou plano e sua própria execução ou cumprimento; entre o mapa de um curso de ação, traçado a fim de guiar nosso comportamento, e o resultado obtido ao agirmos de conformidade com as indicações desse roteiro. Exatamente até que ponto esse acordo difere do êxito?» (Essays in Experimental Logic, págs. 239 e 240). John Dewey apresenta-nos a ilustração de alguém que se perdeu em uma floresta, e que passa a utilizar-se de um mapa ou de outras indicações disponíveis, para sair da mesma. Nesse processo, pois, o indivíduo lança mão da razão, da tentativa e do erro, bem como de indicações concretas. O seu «êxito», ao conseguir sair a salvo da floresta, será a sua «verdade». De fato, seria a única forma de verdade de que ele necessitaria ou poderia vir a ter. Toda a atividade humana, incluindo as pesquisas científicas, teria esse mesmo caráter.

**Observações sobre o Pragmatismo:**

1. Obviamente, em relação à vida diária, os cristãos, como todos os demais homens, agem de acordo com o que é prático, quando não existem princípios morais e espirituais que devem governar as ações.

2. Mas para o cristão sincero, é impossível basear uma vida sobre tais princípios. O melhor dos sistemas pragmáticos, do ponto de vista religioso, é o de William James. Mas até o sistema dele não tem nada a ver com uma fé verdadeira. No lugar da fé ele tem colocado uma aposta piedosa. Ele aposta que Deus existe; ele aposta que a alma existe e sobreviverá, e deixa estes princípios terem alguma influência na vida dele. Isto é melhor do que o ateísmo cru, mas dificilmente pode agradar a Deus, porque somente uma verdadeira fé pode fazer isto (Heb. 11:2,6).

3. O pragmatismo, basicamente, é um tipo de agnosticismo ou ceticismo que tem abandonado qualquer busca de uma verdade fixa ou absoluta. Ora, a fé cristã declara que tal tipo de conhecimento pode ser alcançado, não por meios meramente práticos baseados nas percepções, mas através da razão, da intuição, e especialmente pela revelação.

**12. Conformidade.** Divide-se nas duas variedades abaixo discriminadas:

a. «Conformidade *frouxa*», que seria a mera ausência de qualquer contradição. Por exemplo: «João gosta de milho», «Hoje é quinta-feira», «O Brasil produz muito café» (o que se sabe só de viver algum tempo no Brasil). Trata-se de um critério muito fraco para averiguação da verdade, ainda que, com freqüência, se mostre correto.

b. «Conformidade *rigorosa*» (criada por Borden Parker Bowne). É o método do «vigor e rigor». As declarações ou proposições precisam ser feitas, necessária e logicamente, cada qual com base na anterior. Por exemplo: «Todos os homens são mortais. Sócrates é um homem. Portanto, Sócrates é mortal». (Lógica dedutiva). Entretanto, temos nesse caso um sistema fechado de conhecimento, que depende da validade de cada uma de suas proposições. Essa afirmativa sobre Sócrates é perfeitamente provável: mais do que isso, é certa. Porém, considere-se esta outra: «Todos os homens são racionais. Os portugueses são homens. Portanto, todos os portugueses são racionais». As religiões dogmáticas erigem seus sistemas de acordo com a idéia de «conformidade». Todavia, nem sempre seus seguidores se sentem felizes ante suas suposições fundamentais. Por exemplo, como ilustração a premissa fundamental do «teísmo».

**13. Coerência** (pensamento de Edgar S. Brightman e Hegel). Qualquer julgamento é verdadeiro, contanto que seja autocompatível e esteja coerentemente vinculado ao nosso sistema de juízos como um todo. «Coerência» é um dos termos técnicos para a razão; pelo que também a «coerência» é a teoria básica do racionalismo, no que tange à verdade. Em suas formas mais radicais, essa posição aceita as idéias latentes, a faculdade da razão como uma espécie de atividade da alma, e até mesmo a alma como fagulha da divindade, como também que o pensamento disciplinado leva o homem, automaticamente, às verdades essenciais da natureza. Em suas formas menos extremas, a posição tomada pela «coerência» pode incorporar os demais critérios de averiguação da verdade, aplicando aos mesmos o raciocínio coerente, em suas formulações e em sua busca pelas soluções. Mas, ordinariamente, esse sistema é mais racionalista do que científico. Como ilustração do fato, basta-nos pensar sobre a tríada de Hegel—a crença que diz que o universo, e tudo quanto nele existe, devem operar de acordo com os princípios básicos de «tese», «antítese» e «síntese». Aplicando essa tríada ao mundo das artes, teríamos: 1. Arquitetura—escultura—pintura. 2. Pintura—música—poesia. 3. Poesia epopéia—poesia lírica—poesia dramática. Assim sendo, a síntese das artes seria a arte dramática, teatro.

As pessoas religiosas dependem, mais do que imaginam, da teoria da coerência sobre a verdade. Quando ouvem alguma doutrina que não lhes «soa bem», declaram-na «falsa». E por qual motivo ela não lhes «soa bem»? Simplesmente porque não é *coerente* com o sistema que já aceitaram. É possível, naturalmente, dar início com proposições basicamente «inverídicas». Nesse caso, é tolice fazer outras proposições mostrarem-se «coerentes» com elas. Já que a teoria da coerência sobre a verdade se alicerça sobre o «racionalismo», convém supormos que se «treinarmos a própria mente» para reconhecer a verdade, então poderemos obter proposições iniciais basicamente boas. Nesse caso, tais proposições servirão de guias para a adição de outras, as quais, por sua vez, devem ser coerentes com as proposições anteriores.

**Sumário:**

1. É útil para cristãos sinceros saber alguma coisa sobre o que os homens pensam sobre os meios, alcance e limites do conhecimento. Este artigo tenta demonstrar o que os homens têm pensado e escrito sobre a gnosiologia. Aqui e lá, no artigo, oferecemos pequenas avaliações das idéias apresentadas, do ponto de vista religioso.

2. O homem que quer saber algo sobre a alma e Deus (os objetos verdadeiros de conhecimento significante) não vai ficar satisfeito com o que as percepções dos sentidos podem alcançar. O cristão, como qualquer outro homem, aprecia o que este tipo de conhecimento nos tem dado; isto é, máquinas, confortos, remédios, as façanhas da ciência. Mas estas coisas pertencem a este mundo, que não é o objeto principal do conhecimento do homem de fé.

3. O sistema do racionalismo tem alguma coisa para oferecer ao homem de fé. Provavelmente, filósofos como Platão e Descartes tinham razão em supor que o raciocínio, sem ajuda qualquer dos sentidos, pode fazer-nos compreender princípios

éticos, aceitar a grande realidade da existência e sobrevivência da alma, e a existência de Deus, bem como suas exigências. A razão humana tem uma afinidade com a razão divina, e por si mesma alcança dados de conhecimentos que são importantes para a vida espiritual. Rom. cap. 1 indica que o homem pode conhecer a Deus, e saber quais são as exigências de seu governo, pela razão, sem a ajuda da revelação.

4. A intuição (conhecimento sem os meios da razão, ou das percepções), pode ser usada pelas forças espirituais para dar ao homem um conhecimento significante. A própria alma da pessoa, ou forças superiores (inclusive o Espírito Santo) podem ser as fontes de um «conhecimento imediato» que tem muito para nos ensinar a respeito das exigências da nossa fé. O homem, crescendo espiritualmente, será sempre mais sujeito às intuições que promovem a fé. Certamente, existe no homem uma faculdade intuitiva que pode transcender os dados do conhecimento que vem através das percepções físicas.

5. Nosso artigo tem demonstrado que a fé religiosa se baseia principalmente sobre o misticismo, ou a «revelação». Deus, na sua bondade, tem se revelado através dos profetas. As visões e mensagens dos profetas têm sido concretizadas nas Escrituras. Assim, as Escrituras foram dadas como «um dom de Deus». Nas escrituras temos a fonte principal do nosso conhecimento, e a «autoridade» da nossa fé.

6. A vida diária do homem de fé também se baseia numa forma do misticismo, isto é, no ministério do Espírito Santo. A vida cristã, verdadeiramente vivida, depende deste ministério, isto é, depende da presença e influência do Espírito. É impossível ser um verdadeiro discípulo de Cristo sem esta influência que funciona como uma força transformadora.

7. A palavra «misticismo», neste artigo, significa simplesmente «um contato verdadeiro» com uma força ou forças, com uma pessoa, ou pessoas, sobrenaturais. Segundo esta definição básica, até as doutrinas da conversão e santificação se baseiam no misticismo, porque nelas está envolvido «um contato» com o Espírito, que transcende o mero humano. Sem o «toque divino», a fé cristã seria simplesmente uma outra filosofia religiosa. É o misticismo que dá à fé sua natureza divina, e que comunica, afinal, a própria natureza metafísica de Cristo a todos os homens que têm entregado as suas almas a ele.

**III. Bibliografia**: (CARN CHI GE HIC RP)

## CONHECIMENTO ESPIRITUAL

### I. A Natureza de

1. Nas páginas do A.T., «conhecer Deus» é reconhecer a validade de seus mandamentos e obedecê-los. Esse conhecimento é ético e prático, e não essencialmente místico. O N.T. dá prosseguimento a essa maneira de pensar, mas faz-lhe muitos importantes acréscimos. Esse aspecto, entretanto, não deveria ser negligenciado por nós, porquanto é refletido em um avantajado número de ensinos éticos que figuram no N.T.

2. Além disso não nos deveríamos esquecer de que a transformação ética é o poder por detrás da transformação metafísica. A santidade resulta de uma real transformação em nossa natureza essencial, em razão do que, quanto mais santos nos tornamos, mais nos assemelhamos a Cristo em sua natureza; e, — finalmente, isso nos leva à real participação em sua natureza metafísica, em sua modalidade de vida (ver Col. 2:10).

3. Existe um assentimento místico da alma perante Deus, contemplando-o diretamente, em uma espécie de visão beatífica preliminar. Poucos homens passam por essa experiência na esfera terrena. Porém, se servirmos ao próximo, movidos pelo amor, estaremos servindo a Deus, e assim nossa qualidade espiritual é aprimorada e chegamos a «conhecer Deus» de maneira bem real. (Ver Mat. 25:35 e *ss*).

4. O intelecto também desempenha um papel no conhecimento de Deus. Foi-nos dada a *razão* para guiar-nos espiritualmente. A *intuição* também tem parte nisso, pois há um conhecimento intuitivo que transcende à razão. E existem, igualmente, experiências místicas, mediante as quais a alma ascende a Deus, e assim a espiritualidade é aprimorada. Esses meios são adicionados ao caminho «prático», que foi descrito acima.

### II. Seu Poder e Efeitos

1. O conhecimento postulado pelos gnósticos deixava os homens agrilhoados aos seus pecados, pois presumiam que é bom para o homem abusar do próprio corpo, como meio de libertação da alma. O N.T. tacha essa noção de fantástica mentira, porquanto a verdade diz exatamente o contrário a isso. A salvação vem por meio da santificação (ver II Tes. 2:13).

2. O conhecimento ensinado pelo N.T. retém a idéia do A.T. no sentido de que, «conhecer a Deus» é algo prático e moral, desde o início. Consiste em conhecer as exigências da legislação divina, e de obedecer à mesma. Essa é a grande característica que falta aos pagãos, o que os torna pagãos.

3. O N.T. ensina que só se pode conhecer o Pai por intermédio do Filho. (Ver sobre esse conceito em João 17:3). Esse versículo também demonstra que esse conhecimento resulta na salvação.

4. Na medida que o Filho vai sendo duplicado nos filhos de Deus (em sua natureza e atributos — ver Col. 2:10), esses filhos chegam a conhecer o Pai, naquilo que está sucedendo neles, porquanto discernem a natureza do Pai tomando forma em seus próprios seres. Essa é uma elevadíssima maneira de se conhecer a Deus, e nisso está envolvido um grande poder espiritual.

5. O ministério do Espírito entra em cena em tudo isso, por ser ele tanto o iluminador (ver Efé. 1:18), quanto o transformador (ver II Cor. 3:18). A operação do conhecimento, portanto, é uma operação divina, que ultrapassa em muito às capacidades humanas. O conhecimento é sempre algo moral. Jamais poderá ser meramente informativo e intelectual. Ora, por ser algo moral, também é algo espiritual. E, sendo algo espiritual, transforma a natureza mesma do espírito humano, a ponto de ser criada uma espécie de ser totalmente diferente. Ver II Ped. 1:4, II Cor. 3:18.

### III. Os Ignorantes: Heb. 5:11

Sobre isso temos muito que dizer, mas de difícil interpretação, porquanto vos tornastes tardios em ouvir.

Presumivelmente o autor sagrado queria indicar os vários aspectos do sacerdócio de Melquisedeque, como também outros aspectos da elevada glória e do serviço do Cristo ressurrecto. Esses assuntos merecem um estudo mais amplo do que foi possível ao autor sagrado expor, devido ao estado de infantilidade espiritual em que se achavam os seus leitores originais. E quão comum é essa situação! Todavia, é dever dos pastores ensinar o seu povo, tirando-os dessa situação; mas poucos são os capazes de fazê-lo ou que estão dispostos a tal esforço. Pois ensinar verdadeiramente é trabalho muito árduo.

«Não damos valor suficiente ao conhecimento cristão. Evitamos o doutrinamento porque acentua diferenças de opinião, tendendo a dividir a igreja local em campos. Talvez essa 'modéstia' reflita a incerteza, a perda de convicções que caracteriza a igreja evangélica de hoje em dia. A maioria dos crentes se sente francamente embaraçada ante a oportunidade de expressar suas convicções religiosas. A força do ceticismo hostil se faz presente por toda a parte, e os membros das igrejas preferem não arriscar sua fé argumentando abertamente. Na ausência do conhecimento, propõem-se ter fé como substituto do conhecimento, com o que querem dar a entender—e essa interpretação é bastante generalizada—a crença que certas doutrinas são verdadeiras. Mas isso é uma perversão da fé neotestamentária, que sempre tem o sentido de confiança, isto é, de total entrega a Cristo. O perigo é duplo: o enfraquecimento da convicção e a intelectualização da fé». (Purdy).

Prossegue esse mesmo autor: «O N.T. nunca diminui o valor do conhecimento. O quarto evangelho apresenta Jesus a dizer: 'E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste' (João 17:3). O lamento de Jesus sobre Jerusalém, é que ela não reconhecia as coisas que lhe traziam a paz (ver Luc. 19:42). Paulo expunha a Jesus Cristo como 'a sabedoria de Deus' (ver I Cor. 1:24), tendo antecipado o dia em que não mais conheceremos 'em parte', mas antes, 'entenderemos plenamente, tal como somos conhecidos plenamente' (ver I Cor. 13:12). Assim também, nesta passagem, o escritor sagrado lamenta a falta de conhecimento por parte de seus leitores».

Infelizmente, os leitores originais deste tratado eram embotados, preguiçosos, indiferentes—intelectualmente falando. Tinham feito pouco esforço por se aprimorarem, ou por melhorarem seus conhecimentos. Pouco sabiam sobre Cristo, mesmo anos depois de sua conversão. Havia grandes e significativas coisas que poderiam ser ditas sobre ele, que poderiam parecer estranhas ou totalmente ininteligíveis. Esses não estavam preparados para avançar. Já tinham começado a desviar-se. Corriam o perigo de apostatar. A estagnação leva o indivíduo ao desvio; e o desvio leva à inutilidade, e daí, à apostasia. Quantas igrejas estagnadas vemos hoje em dia! Não admira que, em tantos lugares, seja perigoso até mesmo ensinar o N.T. em sua inteireza.

**Exemplos Ruins**

**Tardios em ouvir.** No grego temos o vocábulo *nothros*, que significa *preguiçoso*, «lento», «descuidado». As palavras, *em ouvir*, indicam o «entendimento espiritual», porquanto o ouvir e aplicar o ensinamento espiritual é aquilo que está em foco em Heb. 5:11. A expressão que aqui temos aparece na literatura grega para indicar, literalmente, «dureza de ouvir», em que a faculdade de audição é diminuída. (Ver *Heliodoro* 5:1,5). O autor sagrado fala acerca do embotamento da capacidade espiritual para receber, para compreender e para aplicar ensinamentos espirituais. Platão (*Thaet.* 144) empregava o termo *nothros* para indicar os «estudantes estúpidos». Nosso autor, pois, lamenta o embotamento espiritual que caracterizava a muitos de seus leitores originais, e que até hoje caracteriza a muitos daqueles que se dizem seguidores de Cristo.

*Difíceis de explicar.* Alguns estudiosos preferem aqui «difíceis de interpretar». Essa dificuldade se origina de duas razões: 1. Do embotamento espiritual e das baixas realizações espirituais dos ouvintes; 2. da dificuldade e novidade do tema — o sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque—que o autor sagrado desejava expor. Isso também pode basear-se na circunstância de que um mestre evangélico esteja despreparado e seja preguiçoso ou dotado de baixo nível de espiritualidade. Vemos muitos exemplos disso, também. Mas isso não é aludido em Heb. 5:11. Por essas razões, o autor sagrado abandonou seu tema momentaneamente e começou a apresentar algumas severas advertências. Finalmente, volta à sua tese e a desenvolve um pouco mais (ver Heb. 6:20 e *ss*), na esperança de que seu ensino haveria de produzir algum bem. A «incapacidade» deles não era natural; antes, fora criada pela indiferença e pela preguiça. Não foi imposta sobre eles, porquanto não tinham tido «oportunidade» de aprender; antes, toda a oportunidade fora rejeitada.

«Tardios em ouvir. Vossas almas não acompanham o passo das doutrinas e exortações que vos são feitas. Tal como 'nothros' indica a pessoa que anda pesadamente e caminha com lentidão, assim também esse termo é aqui elegantemente aplicado àqueles que são chamados para a carreira cristã, cujo caminho está claramente delineado à sua frente, cujas bênçãos a ser obtidas são enumeradas, mas que não se esforçam por avançar, mas antes, estão sempre aprendendo, nunca sendo capazes de chegar ao pleno conhecimento da verdade» (Adam Clarke).

**CONHECIMENTO, Natureza Parabólica do.**
Ver **Símbolos e o Conhecimento.**

**CONHECIMENTO PRÉVIO** Ver sobre **Precognição.**

**CONHEÇO AS TUAS OBRAS**

Apo. 2:2: *Conheço as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua perseverança; sei que não podes suportar os maus, e que puseste à prova os que se dizem apóstolos e não o são e os achaste mentirosos;*

1. É salientada assim a onisciência de Cristo. Essa declaração é reiterada no caso de todas as sete igrejas.

2. O interesse de Cristo por sua igreja é focalizado, porque ele «conhece» as suas condições, a fim de louvar ou de repreender à mesma, tudo o que visa produzir modificações espirituais favoráveis.

3. As «obras» que Jesus «conhece» representam as *condições espirituais em geral* da igreja, e não apenas aquilo que chamamos de «serviço ativo». Portanto, a palavra «obra» neste caso, indica o «caráter geral», a natureza da pessoa que age, mas também aquilo que ela faz. Equivale à expressão veterotestamentária «temor do Senhor», expressão usada a fim de exprimir as condições «espirituais em geral» daquele que professava tentar agradar a Deus, reconhecendo o seu senhorio. O termo geral, «obra» é desdobrado, em Apo. 2:2, para que tenha os seguintes significados:

a. Labor (serviço ativo, prestado sob pressão).

b. Paciência (resistência nesse labor, e sob as perseguições).

c. Ódio e oposição ao mal e aos atos malignos, de homens que pervertem o evangelho e promovem a impiedade em nome de Cristo.

d. Cristo, que é o Senhor, vê através de todos os disfarces e pretensões, apresentando autêntica avaliação da condição de cada indivíduo, bem como a condição geral de cada assembléia local.

Ele não vê o que «esperamos ser», nem o que «temos feito», nem o que «pensamos que podemos fazer», e, sim, as nossas condições reais, o nosso caráter. O seu poder, que «tudo vê e tudo sabe», é, ao mesmo tempo, uma ameaça e um conforto. É uma ameaça aos

hipócritas e pretenciosos; é uma ameaça para aqueles que brincam com a fé religiosa. Mas é um conforto aos fiéis, que são perseguidos e desprezados por outros, dentro ou fora da igreja. Isso nos promete uma recompensa justa, bem como a contínua ajuda para a concretização dos ideais espirituais do cristianismo.

«Nossas tristezas, que talvez não possamos relatar, nossas tribulações, que ninguém mais conhece, nossas dificuldades, nossos reversos, os ais e as dores que jazem ocultas em nossas almas, nossas fraquezas e nossas lutas íntimas, nossos temores e dúvidas ocultos, nossa honestidade quanto a coisas que outros censuram e criticam, nossos verdadeiros motivos e esforços, que os outros não entendem, tudo é conhecido por nosso amoroso Salvador, o qual pode ser tocado com o senso de nossa debilidade, ordenando-nos que tenhamos bom ânimo, porque a sua graça nos será suficiente». (*Seiss*, em Apo. 2:2).

«O verniz de uma fé formal talvez impressionasse ao mundo, mas não pôde escapar a seu escrutínio (ver Atos 1:24). Ele também conhece, e aceita amorosamente, os atos não exibidos e nem requisitados de verdadeiro amor (ver Mat. 10:42 e 26:13), e aparecia, em meio a todas as suas falhas, a lealdade genuína a ele (ver João 2:17)». (Carpenter).

## CONOTAÇÃO

Ver também o artigo sobre **Denotação**. Conotação vem do latim, *con*, «com», e *notare*, «notar» ou «marcar». Por conseguinte, a palavra refere-se ao grupo de características ou qualidades essenciais a um termo, o conjunto de coisas ao qual se refere qualquer termo da linguagem. Sinônimos de conotação são «compreensão», «intenção» e «significação». Ver os artigos separados sobre esses termos. Alguns filósofos fazem a distinção entre conotação e denotação. A primeira dessas palavras alude a alguma qualidade; e a segunda, ao objeto qualificado. Assim, na frase «cavalo branco», *branco* é a conotação, e *cavalo* é a denotação. Entretanto, outros estudiosos invertem o sentido desses termos, embora mantendo a distinção entre eles. Dentro do uso moderno, a conotação veio a indicar o conjunto de características (na forma de adjetivos), e a denotação veio a indicar o próprio conjunto. Isso posto, os nomes próprios são denotações.

## CONRADO DE GELNHAUSEN

Suas datas foram 1320-1390. Foi teólogo e professor da Universidade de Paris, e, mais tarde, chanceler da Universidade de Heidelberg, na Alemanha. A sua *Epistola Concordiae*, que advogava o método conciliar de pôr fim ao grande cisma ocidental, influenciou a maneira de pensar dos teólogos conciliares posteriores, destacando-se, entre eles, Henrique de Langenstein e Jean Gérson (ver os artigos sobre eles).

## CONSAGRAÇÃO DA EUCARISTIA

Trata-se de um ato solene, mediante o qual o pão e o vinho da Ceia são «santificados». A teologia católica do Oriente e do Ocidente supõe que, nesse instante, o pão e o vinho adquirem a *substância* (mas não os acidentes) do corpo e do sangue de Cristo. Ver o artigo sobre a *Transubstanciação*. No Ocidente, são proferidas as palavras da consagração: «Este é o meu corpo»; e também: «Este é o meu sangue». No Oriente, são ditas as mesmas palavras, mas juntamente com a invocação do Espírito, para que isso se realize. Alguns grupos protestantes, embora sem aceitarem que os elementos da Ceia adquiram a *substância* real do corpo e do sangue de Cristo, acham que adquirem certo caráter sagrado. Porém, a maioria dos evangélicos pensa que a cerimônia e a ocasião são solenes e sagradas, a despeito do que os elementos da Ceia continuam sendo apenas simbólicos. Esperam que a presença mística do Espírito Santo torne sagrada a ocasião. Quanto ao ponto de vista de Lutero (não seguido pela maioria dos luteranos), ver sobre a *Consubstanciação*.

## CONSAGRAR, CONSAGRAÇÃO

### 1. Uso Geral

Como crentes, somos convidados a dedicar ou consagrar as nossas vidas a Jesus Cristo, como parte natural de nossa inquirição espiritual. Ver Romanos 12:1,2 quanto a um convite desses. A palavra *consagrar* vem do latim *consecrare*, formado por *con*, «inteiramente», e *sacer*, «santo». Portanto, «consagrar» e *santificar* são sinônimos. Os termos hebraicos usados no Antigo Testamento incluem as idéias de separação de algum uso comum ou profano e de separação para o serviço divino. Coisas e pessoas eram separadas para o serviço divino, ou seja, eram *consagradas*. Nessa separação há uma *aceitação* das coisas e das pessoas, em suas novas funções. Assim, Aarão e seus filhos usavam vestes especiais, em suas funções sacerdotais, como sinal de sua aceitação e consagração (Êxo. 29:29,33,35). Animais também eram consagrados, conforme vemos em Êxo. 29:22, 31,34. Outro tanto no caso das ofertas movidas (Lev. 8:27,28), e nas oblações de cheiro suave (Lev. 8:28).

*No Novo Testamento*. As palavras gregas empregadas são: 1. *Egkainízo*, «dedicar»; 2. *teleióo*, «completar» e 3. *agiázo*, «santificar». A primeira delas encontra-se em Heb. 9:18 e 10:20, em conexão com o novo e vivo caminho aberto pelo Senhor, dando acesso aos lugares e privilégios celestiais. Ele abriu e consagrou para nós esse novo caminho. Essa palavra pode significar «renovar», «inaugurar», «dedicar». O substantivo é usado para indicar a idéia de rededicação, como por exemplo, a purificação e rededicação do templo de Jerusalém, pelos Macabeus (I Macabeus 4:36-39). A segunda delas tem o sentido primário de «completar», «realizar», «levar a termo», «aperfeiçoar». Essa palavra grega era usada no vocabulário das religiões misteriosas para indicar iniciação e consagração. Aparentemente, é com base nesse uso técnico que o Novo Testamento aplica o vocábulo à consagração e iniciação de alguém em um ofício qualquer. Em Hebreus 7:28, *teleióo* é usada para descrever como o Filho de Deus, o nosso Sumo Sacerdote, foi *aperfeiçoado* em seu ofício e função. Sua eterna *dedicação* a esse ofício, fica assim salientada.

A terceira dessas palavras, *agiázo*, «santificar», «reconhecer como qualificado», é usada, por exemplo, em João 10:36; 17:17,19; I Cor. 7:14; I Tim. 4:5; II Tim. 2:21. Quando é aplicada a Jesus, a idéia envolvida é a de perfeita dotação de graça e de verdade, juntamente com a idéia de autodedicação de Jesus à sua obra remidora. No tocante a seus discípulos, o termo indica o fato de que foram separados e consagrados para essa função. Quando aplicado aos alimentos, o vocábulo indica que os mesmos são purificados para o consumo humano. No tocante ao cônjuge incrédulo, no caso de um casamento misto, o termo aponta para a legitimidade desse relacionamento.

Jesus foi aperfeiçoado quanto à sua natureza

humana e quanto à sua inquirição espiritual (Heb. 2:10; 5:9; 7:28). Nisso, Jesus agiu como Pioneiro, porque, como homem, tal como qualquer outro homem, ele precisou sujeitar-se ao processo do aprendizado. Isso em nada prejudica ou diminui o conceito da divindade de Jesus Cristo; mas apenas nos apresenta um paradoxo. Tal necessidade harmoniza-se à verdadeira humanidade de Jesus. Ver o artigo sobre a *Humanidade de Cristo*.

**2. A Consagração Cristã**

Jesus chamava os homens à **renúncia** (Mar. 8:34 *ss*). Ele não convidava os homens a *incorporarem* seus ensinamentos em sua vida e maneira de pensar. Quase todos nós estamos envolvidos no afã da incorporação, e não na tarefa da renúncia; mas isso não reflete um verdadeiro discipulado cristão. Alguns crentes deixam tudo e passam a seguir ao Senhor; mas a maioria permanece onde se acha, incorporando em suas vidas alguns elementos da fé e da prática cristãs. Paulo exortou aos crentes de Roma a repelirem toda a conformidade com o mundo, conformando-se de forma total e nova com Cristo. Isso requer a total renovação da mente, de acordo com o princípio espiritual. Ver Rom. 12:1,2. O Novo Testamento inteiro, em certo sentido, é a convocação dos homens para consagrarem suas vidas ao novo e vivo caminho. O propósito da consagração é a espiritualização. Os crentes estão envolvidos em uma evolução espiritual, no fim da qual ele deixará de ser mortal para tornar-se imortal; no fim da qual ele deixará de ser humano para revestir-se da natureza divina. Ver II Cor. 3:18 e Col. 2:10. Nesse processo, chega-se a compartilhar da imagem de Cristo, tal como ele compartilha da imagem de Deus. Entretanto, esse elevado alvo não poderá cumprir-se sem a total consagração ao Senhor. A própria vida espiritual é uma longa tentativa de consagração, onde os sucessos parciais vão-se tornando sucessos mais completos. Todos os meios espirituais de desenvolvimento estão envolvidos nesse processo, como o treinamento espiritual do intelecto, no estudo dos documentos sagrados e de outros livros, a oração, a meditação, a santificação, a prática da lei do amor e os toques místicos.

**3. Consagração Eclesiástica**

a. No Antigo Testamento temos a consagração de homens ao serviço religioso, e de coisas, à mesma finalidade, o que foi comentado no começo deste artigo.

b. No Novo Testamento, encontramos a consagração eclesiástica, na consagração de ministros da Palavra (Tito 1:5). Ver o artigo sobre a Ordenação. Ver também sobre os *Anciãos* quanto a uma discussão sobre o que está exatamente envolvido nos ofícios eclesiásticos do Novo Testamento.

c. No século II D.C., começamos a encontrar a ordenação de bispos, e não somente de pastores. O padrão neotestamentário inclui oração, imposição de mãos e unção com óleo. Na obra *Constituições Apostólicas* há uma indicação de alguma elaboração, que ultrapassa o método do Novo Testamento, com a inclusão de alguma forma de sacrifício, posta nas mãos do homem consagrado. Essa oferenda era então levantada no ar pelo candidato, provavelmente em imitação à lei, em Lev. 8:26,27, no trecho que aborda a questão da consagração dos sumos sacerdotes do Antigo Testamento.

d. *Uso Medieval*. O rito da ordenação de ministros do evangelho tornou-se ainda mais elaborado durante a Idade Média. No Ordo Romanus xxxvb, encontramos a seguinte descrição: a. Havia um exame moral e doutrinário do candidato. b. O candidato aprovado vestia os trajes próprios de seu ofício. c. O candidato punha suas mãos sobre uma cópia dos evangelhos. d. Eram feitas orações, juntamente com a imposição de mãos. e. Durante as orações, o candidato era ungido com óleo, primeiramente na cabeça, e depois, nas mãos. f. Atenção especial era dada à unção do polegar da mão direita, com a qual o bispo gesticulava na bênção, o que talvez indique uma influência de Lev. 8:23. g. Então era abençoado o anel que seria usado pelo bispo, e posto em seu dedo anular da mão direita. h. O cajado pastoral era abençoado e entregue ao candidato. i. Finalmente, havia o ósculo da paz.

A Igreja Ortodoxa Oriental retém um rito mais simples, mas também com os detalhes da imposição de mãos e da outorga do cajado pastoral.

e. *A Reforma Protestante*. Os reformadores do século XVI estavam interessados na simplificação da maioria das coisas, e o rito consagratório foi um dos itens afetados. Os reformadores opinavam que somente aquilo que pode ser traçado até ao Novo Testamento é necessário, devendo ser eliminados todos os acréscimos feitos pela tradição humana. Isso posto, a oração e a imposição de mãos tornaram-se os únicos elementos do rito. Na Igreja Anglicana, os ritos, determinados a partir do ano de 1550, consistiam na imposição de mãos, na colocação da Bíblia sobre a nuca do candidato (simbolizando o jugo de Cristo) e a apresentação do cajado pastoral. Porém, em 1552, o cajado passou a ser omitido, e, em seu lugar, começou a ser presenteada uma Bíblia ao candidato.

**4. Consagração de Igrejas**

Em I Reis 8:63 lemos sobre a dedicação do templo de Jerusalém. Isso estabeleceu o precedente para a dedicação de templos cristãos. Até o final do século VII D.C., nenhum rito especial fora criado; e a celebração da Ceia, no interior do templo, assinalava adequadamente o início das funções. Porém, no século VIII D.C., surgiu um cerimonial elaborado, que incluía os seguintes itens: a. um cortejo com relíquias; b. o bispo entrava no novo templo e seus associados traziam cimento para selar a pedra do altar; água de exorcismo era usada para lavar o altar; c. os clérigos saíam do interior do templo; d. entravam todos os envolvidos na cerimônia, e os quatro ângulos interiores da cavidade do altar eram ungidos; as relíquias eram postas sobre o altar e eram seladas; e. o templo era abençoado juntamente com todos os vasos e instrumentos de adoração; f. eram acesas as lâmpadas no interior do templo; g. era celebrada uma missa. De acordo com alguns ritos, a própria igreja era batizada por aspersão, e o bispo escrevia letras do alfabeto com seu cajado, sobre o soalho, em imitação ao antigo método romano de possessão de algum terreno, quando os limites eram traçados literal ou simbolicamente. E então as paredes do templo eram ungidas com azeite.

Nas Igrejas Ortodoxas Orientais o altar é ungido, e as paredes do templo são aspergidas e ungidas com azeite. Nenhuma cerimônia especial era seguida na Igreja Anglicana até o século XVII, e até mesmo em nossos dias cada diocese efetua ritos de acordo com seus próprios padrões. Nas igrejas protestantes e evangélicas há apenas um culto especial, sem nenhum batismo e unção do templo.

**Idéias por Detrás dos Ritos.** Dedicação do templo a Deus e à sua Igreja. Libertar o local de quaisquer influências demoníacas. Locais antes profanos, tornam-se consagrados em face dos ritos. Há expressão de ação de graças, e o funcionamento de

uma nova igreja local é declarado. (B C LOW)

## CONSALVI, ERCOLE

Nasceu em 1757 e faleceu em 1824. Foi cardeal e secretário de estado sob o papa Pio VII (que vide). Tornou-se famoso por seu entusiástico patrocínio das artes e das ciências. A Concordata (que vide), firmada entre o papado e Napoleão, deveu-se quase inteiramente aos seus grandes dotes de estadista.

## CONSANGUINIDADE — Impedimento Marital

Ver outras informações nos artigos sobre *Afinidade* e *Impedimentos ao Casamento*.

As pessoas com alto grau de parentesco biológico não podem se casar, por proibição religiosa, civil, ou ambas. Esse parentesco serve de impedimento marital. E mesmo quando o casamento é contraído, propositalmente ou por ignorância dos fatos, tal aliança é anulada. A lei canônica da Igreja Católica Romana alicerça-se sobre as leis romanas (*Código de Justiniano* V.4.18,19; *Cod. Theol.* III.12.1-3), bem como sobre passagens das Escrituras, como Levítico 18:7-14, além das interpretações de pais da Igreja, como Ambrósio e Agostinho. Entre os séculos VI e XIII D.C., muitos decretos papais e conciliares proibiram o casamento entre pessoas aparentadas até o sétimo grau; mas tal rigor foi afrouxado por ocasião do quarto concílio laterano, de 1215, que limitou a proibição ao parentesco de quarto grau. Após muito debate, Alexandre II (papa entre 1061 e 1073) chegou à conclusão que, finalmente, foi aceita de modo geral. Ele mantinha que o grau de parentesco corresponde ao número de gerações entre as partes interessadas e um ancestral comum, excluindo esse ancestral. Migne, Patrologiae, 146, (1379-1381). O papa Gregório IX (1227-1241) decretou que quando as partes envolvidas estivessem aparentadas a um ancestral comum, em graus diferentes, a linhagem mais longa deveria servir de padrão determinante, quanto ao número do grau de parentesco (*Decretais* 4.14,9). O termo *afinidade* é contrastado com o termo *consangüinidade*. A afinidade é afetada por relações adquiridas mediante casamento, embora sem haver qualquer relação de sangue. Aqueles que estão vinculados por relação de sangue são chamados *parentes*. Quando as pessoas estão relacionadas entre si mediante linha direta, como avô-pai-filho-neto, a linha de descendência é chamada *linear*. Se as pessoas estiverem aparentadas por descenderem de um ancestral comum, mas não linearmente, como um tio e seu sobrinho, a descendência é chamada *colateral*. (AM E)

## CONSCIÊNCIA

Essa palavra vem do latim **con**, «com», e **scire**, «saber». O equivalente grego é *suneídesis*, que ocorre por trinta vezes: Atos 23:1; 24:16; Rom. 2:15; 9:1; 13:5; I Cor. 8:7,10,12; 10:25,27-29; II Cor. 1:12; 4:2; 5:11; I Tim. 1:5,19; 3:9; 4:2; II Tim. 1:3; Tito 1:15; Heb. 9:9,14; 10:2,22; 13:18; I Ped. 2:19; 3:16,21.

Em sua evolução, esse termo tem servido de sinônimo de consciência, no sentido de «percepção», conforme se dá com o francês e o português. Geralmente, porém, o vocábulo «consciência» tem assumido a idéia da faculdade de distinguir entre o certo e o errado. Na filosofia e na teologia há muitas idéias acerca da natureza da consciência, conforme se vê abaixo:

1. Sócrates falava sobre a consciência como uma espécie de voz interna de advertência, que ele reputava originar-se no ser divino. Talvez ele pensasse na consciência como uma entidade pessoal, como no caso de seu próprio «demônio», que sempre o aconselhava a não fazer certas coisas. Ver o artigo sobre *Sócrates*.

2. Nos escritos dos *estóicos*, a consciência aparece como a voz da Razão (Logos), uma fagulha do ser divino no homem, derivada da razão universal, que serve de força orientadora do ser humano.

3. *Jerônimo*, bem como certos teólogos e filósofos da Idade Média, referiam-se à *sundéresis* (que vide) como aquela faculdade humana que torna o homem instintivamente cônscio das regras universais e obrigatórias de conduta. O termo latino *conscientia* era usado para indicar a aplicação de regras gerais a casos específicos. Nessa conexão, o termo *scintilla conscientias*, «fagulha da consciência», era empregado. A ciência do *casuísmo* veio à existência como o exercício segundo o qual as leis morais são aplicadas a situações concretas.

4. Na terminologia moderna, os termos *sundéresis* e *casuísmo* entraram em desuso (exceto na literatura, e, quanto à última, na política), ao passo que a palavra *consciência* passou a incluir tanto as leis universais quanto os casos particulares.

5. O *bispo Butler* (que vide), um grande filósofo moral e teólogo, via a consciência como uma faculdade mental, e, de fato, *a* faculdade da razão que é capaz de distinguir entre o certo e o errado, uma faculdade inerente, divinamente outorgada.

6. *John Henry Newman* pensava que a consciência é uma espécie de visão luminosa, concedida por Deus à sensibilidade humana, mediante a qual a pessoa concorda que certas coisas são erradas. Segundo esse ponto de vista, a consciência é uma forma de elo entre Deus e o homem, inerente, uma qualidade do espírito.

7. Para *Freud*, a consciência é o *superego* do homem, a internalização das admoestações e requisitos da sociedade em que convive o indivíduo. De acordo com esse ponto de vista, Deus fica fora da questão. Uma criança, por temer castigo, adota essencialmente as proibições de seus pais, sentindo-se culpada se não adotar as mesmas.

8. Os *naturalistas sociólogos* afirmam que a consciência resulta da pressão da sociedade sobre o indivíduo, o que seria uma espécie de reflexo de costumes.

9. *No Novo Testamento*. «Consciência» é um termo que não aparece no Antigo Testamento, embora haja trechos como I Samuel 24:5 e II Sam. 24:10, onde lemos que «sentiu Davi bater-lhe o coração», quando ele fez o que sabia estar errado. Por igual modo, em Jeremias 31:33 lemos que a lei no coração é escrita por Deus. Nos evangelhos sinópticos, não figura a palavra «consciência»; mas sabemos das funções da consciência nos mandamentos obedecidos de todo o coração e de acordo com a luz do entendimento (Mat. 6:22,23). Várias descrições sobre a consciência mostram-nos a sua natureza geral, embora o Novo Testamento não nos ofereça alguma definição metafísica, ao gosto da filosofia.

**A Consciência no Novo Testamento:**

Dependendo de como o espírito humano reage ao Espírito de Deus, a consciência pode ser descrita das seguintes maneiras: 1. Fraca (I Cor. 8:7,12). 2. Má ou contaminada (Heb. 10:22; Tito 1:15). 3. Cauterizada (I Tim. 4:2). 4. Pura (II Tim. 1:5). 5. Livre de ofensa (Atos 24:6). 6. Boa ou honrada (Heb. 13:7; I Ped. 3:16). 7. Ativada por ocasião da conversão, e ativa durante a vida inteira (João 2:1 *ss*; Fil. 2:12 *ss*.).

Paulo confiava, pois, que o crente, dotado de uma faculdade interna e devidamente treinada, que reconhece *instintivamente* o bem e o mal, dando preferência ao bem, agirá de acordo com a vontade de Deus. O trecho de Romanos 2:14,15, referindo-se aos gentios, afirma que até os pagãos podem fazer, *por natureza*, aquilo que Deus requer. Portanto, Paulo não pensava que a consciência é implantada no homem por ocasião da conversão. Porém, o desenvolvimento espiritual confere à consciência maior sensibilidade e exatidão. O Novo Testamento não afirma abertamente, mas deixa entendido que a consciência é uma faculdade da alma, uma quaiidade inerente mediante a qual o indivíduo reconhece o bem ou o mal, devido à própria natureza de seu ser. Portanto, a consciência pode ser melhorada, piorada ou modificada pela experiência, mas existe antes da experiência e independentemente dela. Quer dizer que o homem é um *espírito*, e esse espírito é dotado de inteligência, independente das experiências do corpo físico. Alguns teólogos, como os pais alexandrinos da Igreja, supõem que o espírito é preexistente, dotado de larga experiência de vida antes de associar-se ao corpo físico. Parte desse conhecimento sobre o bem e o mal, ou quando o espírito se utiliza de suas faculdades mentais e espirituais de modo ético, é aquilo que chamamos de *consciência*. Com ou sem a idéia de preexistência, dentro do sistema cristão, supomos que a consciência é uma qualidade espiritual, inerente ao espírito humano, e não algo que se desenvolve à medida que o cérebro cresce.

*No sentido cristão*, naturalmente, a consciência humana nunca se manifesta isolada. Supõe-se que o Espírito de Deus tem acesso à consciência, capaz de influenciá-la. As várias referências que Paulo alista, no tocante à sua própria experiência, mostram-nos que ele pensava que o *Espírito* concedera-lhe as convicções apropriadas (I Cor. 2:4 *ss*; I Tes. 1:5). A conversão começa pela obra do Espírito, e o processo continua sob a sua influência (Fil. 2:12 *ss*; João 3:1 *ss*, Efé. 2:1 *ss*). O Espírito abre o coração (Atos 16:14) e ilumina o entendimento do homem (Efé. 1:17 *ss*).

10. Citações Notáveis

«Consciência e reputação são duas coisas diferentes. A consciência deve-se a nós mesmos; a reputação deve-se ao próximo» (Agostinho).

«Há um outro homem, dentro de mim, que se ira contra mim» (Sir Thomas Browne, *Religio Medici*).

«Trata-se de voz suave e calma» (William Cowper, *The Task*).

«Uma boa consciência é um Natal permanente» (Benjamim Franklin).

«Aquela coisa feroz, que costumeiramente chamamos de consciência» (Thomas Hood, *Lamia*).

«Não há testemunha tão terrível e nem acusador tão poderoso, como a consciência, que habita no peito de todo homem» (Políbio, *Histórias*).

«O verme da consciência observa as mesmas horas que a coruja» (Schiller, *Kabale und Liebe*).

«Não confie em coisa alguma, sobretudo no homem sem consciência» (Lawrence Sterne, *Tristam Shandy*). (AM B C E NTI)

## CONSCIÊNCIA (COMO PERCEPÇÃO)

Essa palavra vem do latim **con**, «com», e **scire**, «saber». O termo tem sido usado na filosofia como sinônimo de «consciência», como a capacidade inata de distinguir entre o certo e o errado. Mas tem chegado a representar diversos conceitos, a saber:

1. *A Escola da Consciência Apenas*. Também é chamada de *Caminho da Ioga*, estabelecido por Asanga (que vide), e que foi sistematizada por Vasubandhu (que vide). Essa posição encontra a própria existência na consciência, mas afirma que se trata de uma consciência pura, que não se manifesta mediante objetos externos ou mediante o ego humano empírico. O homem pode chegar a participar dessa consciência mediante a liberação. Esse conceito é uma descrição do ser divino, pois somente em Deus há uma consciência imortal.

2. *Galluppi* (que vide), ao argumentar contra o *solipsismo* (que vide), ensinou que a consciência envolve a percepção simultânea tanto do próprio eu, denominado *ego*, quanto das coisas objetivas, das quais tomamos consciência.

3. *William James* opinava que a consciência não é uma entidade, mas uma função. Ele afirmava que se trata de uma corrente da inteligência que toma conhecimento das coisas, cujos estados posteriores são capazes de perceber os seus antecedentes.

4. *Locke* referia-se à consciência como um senso de *autoconhecimento*, adquirido em virtude da capacidade que a mente humana tem de refletir sobre si mesma, em atos de introspecção. Essa posição supõe que essa é uma propriedade geral dos estados mentais.

5. A função do *autoconsciente* distingue um homem, ou um animal, de um objeto inanimado; e, segundo alguns estudiosos, isso dá a entender a existência da *alma*. Isso é uma verdade, pois evidentemente é impossível explicar o autoconsciente com base em qualquer teoria materialista. Como poderia uma máquina ter consciência de si mesma?

6. Na *psicologia*, a consciência é frisada como indicação de que existem estados mentais que não estão sujeitos à consciência ordinária; e nisso encontramos um outro uso do termo. Isso nos envolve na consciência e na mente subconsciente. Portanto, a consciência consiste naquilo em que nos apercebemos, em estados normais. A mente subconsciente é aquele aspecto do autoconhecimento que se oculta nos estados normais, mas no qual entramos nos sonhos, nos estados hipnóticos, nas experiências místicas, e que, mediante a análise, traz à tona indícios de sua existência.

7. *A Consciência e o Superconsciente*. O superconsciente é aquele estado mental que transcende ao conhecimento ordinário do homem. O termo pode aludir ao nosso «eu superior», às dimensões mais elevadas de nosso próprio ser. Pode, igualmente, referir-se aos poderes acima do que é meramente humano, incluindo capacidades divinas.

8. A palavra *consciência* pode ser sinônimo de mente ou de alma; ou pode ser considerada como a função cognitiva da mente ou da alma. A menos que incluamos a idéia de alma, em algum ponto de nossos conceitos, como uma *entidade capaz de conhecer*, será extremamente difícil, ou mesmo impossível, falar em consciência. Pois, como poderia uma mera combinação de átomos em movimento produzir essa função cognitiva, — percebendo a si mesma, e tendo conhecimento das coisas externas, conforme sabemos que o ser humano faz?

9. *Experiências que Expandem a Consciência*. É claro que o homem ordinário vive *desperto* apenas em parte. O homem tem pouca consciência de si mesmo e da realidade que o cerca. Mas a consciência pode ser ampliada mediante as experiências místicas, nos sonhos, sob hipnose, ou com o uso de certas drogas. Realidades superiores e inferiores podem ser percebidas, e podemos obter uma iluminação que nos

permita tomar consciência de uma realidade superior, capacitando-nos a avaliar a mesma. Aqueles que buscam iluminação buscam uma consciência superior das coisas. Paulo falou da iluminação mediante o Espírito, através das experiências místicas (Efé. 1:17 *ss*). Alguns supõem que os eventos que expandem a consciência podem não passar de alucinações, destituídos de real valor, sem qualquer realidade espiritual. As experiências clínicas mostram que aqueles que usam drogas quase sempre sofrem alucinações. Com freqüência, as perturbações mentais são um corolário dessas experiências; o resultado pode ser o suicídio ou muitas outras tragédias. Isso não significa que as drogas nunca possam expandir a consciência. Há mesmo razões para crermos que as drogas podem produzir mais do que meras alucinações, expandindo a percepção mental das pessoas, embora não em um sentido moral e correto. Os meios artificiais, mesmo que, ocasionalmente, sirvam para expandir a percepção, não são lícitos aos homens espirituais.

A fé cristã supõe que um profeta pode ter uma consciência que ultrapassa à percepção do homem ordinário. Isso pode ser parcialmente inerente, e parcialmente produzido pelo Espírito de Deus. Espera-se que todos os crentes vão crescendo na iluminação, porquanto estamos sendo transformados segundo a consciência de Cristo. Lemos que possuímos a sua *mente*, em I Coríntios 2:16.

10. *A Consciência Final.* No processo de transformação do crente segundo a imagem de Cristo (Rom. 8:29; II Cor. 3:18), que envolve a participação na natureza divina (II Ped. 1:4), chegamos a compartilhar da consciência divina, de modo finito, mas realmente admirável. O conhecimento que Deus tem torna-se nosso. Essa percepção final das coisas faz parte do destino humano. Então deixará de existir a separação de mente, e o homem virá a participar integralmente da *mente divina*. (AM EP P F)

## CONSCIÊNCIA CÓSMICA

O que está implícito nessa expressão é que a pessoa pode vir a participar da mente universal, e não apenas na mente individual. Ver o artigo sobre a *Mente Universal*. A expressão também dá a entender que há uma espécie de depósito universal de inteligência, no qual a mente individual pode penetrar. Sabemos que Deus é possuidor de uma mente universal ou cósmica. Deus sabe de tudo ao mesmo tempo. O espírito humano, mesmo agora, é capaz de uma elevada, embora finita participação na mente cósmica. As experiências místicas conferem iluminação em graus variegados, o que se relaciona à consciência cósmica. De algumas vezes, uma pessoa recebe uma súbita e inesperada experiência mística, na qual a sua mente penetra na mente cósmica, e sua consciência é assim grandemente expandida. Isso significa que tal pessoa está participando da consciência cósmica, até certo ponto. Algumas pessoas são capazes de ter repetidas experiências dessa natureza, tornando-se pessoas dotadas de notável experiência espiritual. Entretanto, a maioria das pessoas faz apenas visitas ocasionais à mente cósmica, enquanto que outras passam apenas por uma experiência dessas. Naturalmente, a maioria das pessoas, durante a vida inteira nunca passa por qualquer experiência dessa ordem. Somos informados que Sócrates, buscando solução para algum problema ético, e desejando conhecer a verdadeira natureza da justiça, da bondade, etc., algumas vezes passava um dia inteiro meditando, em um alterado estado de consciência. Diz-se que ele obteve consciência cósmica até certo grau. Algumas das informações assim obtidas por ele aparecem nos diálogos platônicos. O mesmo tipo de busca ética era a substância mesma da vida de Buda (que vide). Ele não especulou sobre temas metafísicos, pouco tendo falado sobre a natureza da alma ou de Deus. Quanto a essas questões, precisamos buscar informações em outras fontes. Porém, no campo da ética podemos aprender algumas preciosas verdades, ao lermos o que esse homem descobriu em sua inquirição. Penso que o Logos divino plantou algumas das suas sementes no budismo. Ver o artigo sobre *Cristo Como a Verdade*, onde é declarado que um dos aspectos da missão do Logos, chamado Jesus Cristo em sua encarnação, foi o de plantar sementes em todas as esferas da atividade humana, como na filosofia, na religião e na ciência. Nessa conexão, ver também o artigo sobre a Missão *Universal do Logos* (Cristo).

Certos momentos de consciência cósmica ocorrem às pessoas sob a forma de sonhos ou visões; e de outras vezes, por meio da hipnose. A iluminação (que vide) é uma das principais fontes informativas. A expressão *Cristo-consciência* (que vide), refere-se ao avanço do crente no campo da consciência cósmica, através do poder do Espírito Santo, e em união com Cristo. Em nossa época, muitas pessoas têm experimentado as drogas, a fim de tentarem expandir a mente e receber algo da consciência cósmica. Usualmente, essa prática produz meras alucinações, embora pareça haver casos em que há mais do que isso. Com freqüência, as *viagens* ao inconsciente obtêm resultados apenas negativos, quando então os experimentadores recebem vislumbres da real natureza do mal, e ficam aterrorizados. Quando essas viagens são «positivas» (quando então, não consistem apenas em alucinações), são vistas algumas coisas notáveis. Não obstante, preciso tachar enfaticamente essa busca de *imoral*, sem importar os resultados obtidos. Os registros médicos demonstram claramente a confusão que isso tem trazido para muitas pessoas. Ademais, não temos o direito de usar meios artificiais, potencialmente perigosos, para provocar experiências místicas. Isso é uma depravação, sem importar quais sejam os resultados. Satanás sempre tem substitutos fáceis para as experiências espirituais genuínas e benéficas. Os dons cristãos espirituais do conhecimento, do ensino e da profecia podem participar em certos aspectos da consciência cósmica; mas essas experiências, embora relacionadas a isso, em alguns casos, não são a mesma coisa que as experiências legítimas, e nem o mecanismo é idêntico. Místicos cristãos do Oriente e do Ocidente têm falado sobre experiências de consciência cósmica, segundo termos cristãos, nos casos de experiências místicas superiores pelas quais têm passado. Ver o artigo sobre o *Misticismo*.

## CONSCIÊNCIA DE CRISTO

Há duas maneiras possível de compreender a questão: 1. Como Cristo, em sua vida terrena, pensava sobre si mesmo e sua missão. 2. Como o homem pode participar da mente de Cristo. Quanto a este segundo aspecto, o leitor deveria examinar o artigo intitulado *Cristo-Consciência*. O presente artigo aborda o primeiro desses dois sentidos possíveis.

**1. Declaração Introdutória.** O que Jesus pensava sobre sua natureza e missão envolve-nos na antiga controvérsia sobre as naturezas divina e humana residentes em uma única pessoa. Visto que isso constitui um *mistério*, e visto que aquilo que Jesus

pensava sobre si mesmo e sobre sua missão é uma subcategoria desse mistério, a *consciência de Cristo* também é um mistério. Isso posto, apesar de podermos dizer algumas coisas úteis a respeito, não podemos integrar todos os trechos bíblicos que aludem ao assunto, e nem podemos satisfazer à curiosidade dos homens que têm tratado de tais questões. Aqueles que tentam chegar a esse ponto, sentem-se forçados a distorcer alguma coisa, em algum lugar. Para exemplificar: se eu lançar mão somente dos evangelhos sinópticos, terei a impressão de um Jesus que procurava entender e que, apenas gradualmente, chegou à consciência da natureza de sua elevada missão. Porém, se usarmos também o evangelho de João, então desde o começo terei um Cristo divino que não conhece conflitos íntimos e nem embala dúvidas. Esses dois pontos de vista são simplesmente opostos. Um deles vê as coisas do ângulo da humanidade de Jesus Cristo; e o outro vê as coisas pela perspectiva da divindade de Cristo Jesus.

**2. Fontes Informativas.** Alguns intérpretes supõem que é quase impossível recuperarmos a **ipsissima** *verba* de Jesus, ou seja, suas palavras literais. E isso significa que todas as declarações chegaram até nós já coloridas pelos dogmas da Igreja cristã. Parte do problema, supostamente, reside no fato de que, desde o começo, as palavras de Jesus chegaram até nós como textos gregos traduzidos do aramaico. Apesar de admitirmos que tudo isso constitui um problema, não há razão para supormos que aquilo que temos no Novo Testamento não seja uma correta representação do que Jesus realmente disse e experimentou. Aqueles que foram os autores sagrados do Novo Testamento conviveram com o próprio Senhor. Não podemos supor que eles o malentenderam excessivamente.

**3. Testemunho dos Evangelhos Sinópticos.** Para começar, temos Jesus, homem nascido de mulher. Portanto, o elemento humano está presente. O trecho de Hebreus 2:10 mostra-nos que Jesus precisou ser aperfeiçoado. Isso não alude ao pecado, em nenhum sentido. Antes, está em foco o aperfeiçoamento espiritual, no conhecimento e nas virtudes divinas. Além disso, Jesus precisou aprender, conforme lemos em Hebreus 5:9. Jesus aprendeu a obedecer, mediante aquilo que sofreu. Os estudiosos liberais têm salientado corretamente que havia um *segredo messiânico*, embora isso seja peremptoriamente negado pelos eruditos conservadores. Ver Mar. 5:43; 9:9; 7:36; Mat. 8:4; 9:26; 16:15 *ss*, e 17:9. A referência de Marcos 9:9 parece dar a entender que a primeira declaração evidente do caráter messiânico de Jesus só foi feita após a ressurreição. O trecho de Mat. 16:15 *ss*, onde há a confissão de Pedro de que Jesus era o Ungido de Deus, aparece quase no fim do ministério de Jesus. Notemos que a história de sua transfiguração vem imediatamente após a confissão de Pedro. Jesus proibiu os seus discípulos de falarem sobre a questão, antes de sua ressurreição (Mat. 17:9). Com base nessas referências, parece que Jesus, como homem, chegou a perceber apenas gradualmente as dimensões de sua missão, da mesma forma que qualquer homem espiritual recebe o desvendamento de sua missão apenas *gradualmente*. Naturalmente, desde os doze anos de idade, pelo menos, Jesus sabia que não era uma pessoa comum; porquanto ninguém podia confundir os doutores na lei e ser um homem comum, e muito menos, ser um garoto qualquer. (Ver Luc. 2:41 *ss*). Lucas fornece-nos uma significativa declaração ao final dessa narrativa: «E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens» (Luc. 2:52). É precisamente isso que estou procurando salientar neste parágrafo. Como ser humano, Jesus cresceu na estatura do Messias, e, tanto para ele como para outros, o segredo nisso envolvido foi aclarado: Jesus, realmente, era o Messias, o Filho de Deus unigênito, em sentido todo especial.

*Em outros trechos bíblicos*, porém, não temos a idéia de crescimento, aprendizado, revelação do segredo messiânico, e idéias paralelas. Assim sendo, Marcos começa com a ousada declaração de que Jesus é o Filho de Deus, em sentido especial. Mas até mesmo em Mateus 5:1 vemos Jesus Cristo como o Novo Moisés, o novo Legislador, que teve a coragem de dizer: «Moisés disse... Eu, porém, vos digo...» Não há que duvidar que Jesus falou com elevadíssima autoridade, desde o começo de seu ministério, embora, gradualmente, ele viesse a compreender, mais e mais, a plena implicação de seu caráter messiânico. A questão inteira dos milagres também é muito significativa. Jesus era dotado de imenso poder, e nunca encontrou quem se lhe igualasse. Ele deve ter compreendido que o Espírito Santo operava nele de forma singular. Com base nisso, naturalmente, ele tinha consciência de seu caráter messiânico, embora tal consciência também se tenha desenvolvido. Ele tinha plena consciência do supremo propósito que nele operava (Luc. 9:51). Ver também as explícitas *declarações soteriológicas* de Mar. 10:45; 14:24; Mt. 20:28. Ele tinha consciência de seu ofício como profeta especial (Mat. 21:11; Mar. 7:15; 8:27,28; Luc. 7:16). E essa convicção era compartilhada por outros, conforme algumas dessas referências demonstram. Os contemporâneos de Jesus diziam ser ele um grande profeta, talvez um dos profetas do Antigo Testamento, reencarnado (Mat. 16:13 *ss*). Pedro foi além disso, tendo identificado Jesus como o Messias prometido, o maior de todos os profetas. Ademais, consideremos o termo *Senhor*, que foi freqüentemente aplicado a Jesus, por outras pessoas e por ele mesmo, conforme vemos em Marcos 11:3. A mesma coisa pode ser dita em relação ao uso do termo *Filho*. Ver Mat. 12:8; 14:33; 16:16 e 19:28. O trecho de Mateus 22:42 é especialmente significativo, nessa conexão. No que concerne ao Messias, Jesus seria apenas o filho de Davi? Essa foi a pergunta que Jesus fez aos fariseus. Mas, Davi chamou-o de *Senhor!* Como podia Jesus ser apenas o filho de Davi, se era o Senhor de Davi? Os fariseus não foram capazes de solucionar o dilema. O trecho citado do Antigo Testamento é Salmos 110:1.

**4. O Testemunho do Evangelho de João.** No quarto evangelho não transparece o chamado segredo messiânico. Desde o começo, Jesus é associado ao termo de Logos eterno, que é o mesmo Deus (João 1:1-3). O Logos nunca hesitou; antes, sempre soube de todas as coisas, nunca se sentiu perturbado. João é o *evangelho teológico*, do qual inúmeras referências podem ser extraídas para demonstrar a consciência que Cristo tinha de que Jesus não somente era o Messias, mas também era o próprio Deus. Não existia ele antes mesmo de Abraão, e não era ele o grande «Eu Sou» do Antigo Testamento? Ver João 8:28. Todos os grandes discursos de Jesus, como aqueles sobre a água da vida, a porta, o pão do céu, o caminho, a verdade e a vida, foram feitos do ponto de vista de sua autoridade divina, dando a entender a sua deidade, tão claramente afirmada no prólogo do quarto evangelho. Notemos que, em vez de um segredo messiânico, desde o começo da narrativa do quarto evangelho os seus discípulos tê-lo-iam reconhecido como o Messias (João 1:41). Nesse evangelho, por dezessete vezes Jesus chamou-se de «Filho» ou de «Filho de Deus». Acrescente-se a isso a percepção sempre consciente de sua relação especial com o Pai

(João 5:19; 6:57; 8:29; 12:49). Ele é o Filho a quem o Pai haveria de ressuscitar para atingir a glória eterna (João 17:1,5). A missão divina do Filho é enfatizada, porquanto é dito que Cristo foi enviado pelo Pai, nesse evangelho, por mais de quarenta vezes. Isso subentende a sua preexistência, a sua missão divina e messiânica, a sua união com o Pai em propósito e ações, o seu caráter representativo. Ele pertence às dimensões eternas, e estava realizando uma missão sobre a terra. Ver o artigo sobre *Cristo, Enviado do Pai*.

Torna-se patente, com base no contraste entre os evangelhos sinópticos e o evangelho de João que, por detrás das declarações relativas à consciência que Jesus tinha de si mesmo e de sua missão, que havia fatores divinos e humanos em operação. Entretanto, não há como harmonizar com sucesso esses fatores. No entanto, é certo que ele tinha consciência de seu caráter messiânico e de sua divindade, talvez desde bem cedo em sua vida terrena, a despeito das limitações da sua natureza humana. Quanto a isso, porém, precisou haver crescimento, conforme indicam os próprios evangelhos.

**5. O Testemunho dos Gigantes Espirituais.** Aqueles dotados de menor estatura espiritual, especialmente quando influenciados pelo ceticismo (que vide), dificilmente poderiam pensar nos mesmos termos que os gigantes espirituais. Os céticos, ao abordarem os elementos, temas da natureza messiânica de Cristo e de sua natureza divina, sempre que podem negam essas realidades. Dotados de mentalidade negativa, mui naturalmente eles tentam dizer-nos que o próprio Jesus nunca reivindicou a divindade ou a natureza messiânica para si mesmo. Segundo dizem os céticos, teria sido a Igreja que fez tais afirmativas, para então construir toda uma teologia de apoio, que o próprio Jesus não teria apoiado. Porém, isso é encarar a questão com olhos de anões espirituais. Os gigantes espirituais sempre se mostram muito conscientes da missão que eles possuem. Eles têm consciência da presença divina em suas vidas. Mostram-se crentes firmes na missão e no destino que desempenham em tudo isso. Jesus não era diferente deles quanto a esse particular.

**6. O Testemunho de Satya Sai Baba.** Ver o artigo sobre esse homem. Ele é um homem santo do hinduísmo, que está duplicando os milagres de Jesus, diante dos olhos de todos, em plena luz do dia, até mesmo na presença de cientistas. Esse homem diz-se dotado de uma elevada missão, afirmando ser um *Avatar* (que vide). Não é meu propósito defender aqui as reivindicações dele. Mas quero salientar o fato de que, como um elevado poder espiritual (alguns pensam que ele é positivo, e outros que ele é um poder negativo — que Deus resolva), ele tem plena consciência do elevado poder espiritual que nele opera. Não há que duvidar que Jesus, o Cristo, fez reivindicações acerca de sua pessoa; e os evangelhos assim afirmam. Uma vez que admitamos que Jesus fez essas reivindicações, e que a Igreja não inventou a história toda, cabe a cada indivíduo ajustar-se às mesmas. Há muitas coisas na consciência de Jesus, no tocante à sua própria natureza e missão, que os céticos jamais conseguirão compreender. Quanto a nós, é melhor confiarmos no poder que Deus tem manifestado neste mundo e na natureza humana, do que nos envolvermos na futilidade da incredulidade dos céticos. (BARC FA NTI Z)

## CONSELHEIRO (ACONSELHAMENTO)

Os ministros evangélicos com freqüência são chamados a dar conselhos, de maneira formal ou informal. Em anos recentes, o aconselhamento cristão tem recebido um renovado impulso e interesse, com o surgimento de especialistas, dotados de bom treinamento nesse campo de atividades. Considerável literatura tem surgido sobre o assunto. Mas também tem havido muito *abuso*, por parte de ministros que pouco ensinam da Bíblia, porquanto eles se tornaram mais psicólogos do que pastores e mestres, e sua prédica está eivada do vocabulário usado na psicologia. Outro tanto tem sucedido a conferências onde, antes, a Bíblia era o centro das atenções. Mas agora elas se assemelham mais a sessões psicológicas populares, com algum verniz de religiosidade. Por outra parte, é bom que os ministros do evangelho tenham algumas noções básicas sobre o assunto, sabendo também como outros ministros, que se tornaram especialistas nesse campo, manipulam essas questões. Assim, são melhor capazes de examinar, expressar e manipular idéias. A ignorância nunca é recomendável. Um ministro do evangelho deve estar bem informado em muitas áreas, e quanto mais, melhor, ao mesmo tempo em que jamais deve olvidar-se dos requisitos de seu alto chamamento como pregador do evangelho de Cristo.

Em nosso moderno e complexo mundo, o ministro é uma pessoa que se dispõe a ajudar a outros, e cuja ajuda não seja dispendiosa em termos econômicos. Portanto, um pastor será procurado para aconselhar e ajudar quanto a muitos problemas, como aqueles envolvidos no matrimônio, no vício com drogas, nos casos de ansiedade, de tristezas, de aspirações, de necessidade de orientação, ou de qualquer coisa que aborde a vida humana diária. Ocasionalmente, um ministro do evangelho não se sentirá apto a aconselhar sobre determinados problemas, pelo que deveria ser capaz de encaminhar as pessoas a médicos, advogados, etc. Naturalmente, no campo das questões religiosas, um pastor jamais poderá desistir de suas funções, deixando o bem-estar das almas entregue aos cuidados de quem não entende que o principal problema humano é como corrigir seu relacionamento com Deus e com os nossos semelhantes. Infelizmente, isso tem sucedido.

Um dos mais bem conhecidos conselheiros cristãos da atualidade, um pastor presbiteriano, surpreendeu-se quando descobriu, na universidade onde estava estudando psicologia, que a melhor técnica de aconselhamento é aquela que segue os moldes bíblicos, ou seja, fazendo os pacientes enfrentarem sua realidade moral, diante de Deus, dos homens e de si mesmos. A esse método ele chamou de aconselhamento *noutético*, ou seja, alicerçado sobre a iluminação da mente do paciente, com o uso da Palavra de Deus. Esse conselheiro cristão, Jay E. Adams, evoca trechos bíblicos como Rom. 15:14 e Col. 3:16, entre outros, como base bíblica de sua contenção.

O ministro evangélico que busca aconselhar, deve dispor-se a enfrentar certo número de responsabilidades. Em primeiro lugar, ele precisa ser um homem de sólidos conhecimentos. A ignorância, oculta por detrás de citações bíblicas, não é grande ajuda. Além disso, ele precisa ser um exemplo de espiritualidade, a fim de que suas palavras tenham peso. Também é mister que entenda a linguagem das emoções. Nunca deveria devolver hostilidade pela hostilidade recebida, prestando conselhos com termos aceitáveis. Haverá de tratar com mulheres, casadas, viúvas e solteiras, que enfrentam muitos problemas com homens, mas têm sede de afeição. Isso posto, será objeto de tentativas de sedução. No caso de mulheres especialmente

atraentes, será tentado a seduzi-las, porquanto um pastor é uma pessoa como outra qualquer, impulsionado por impulsos irracionais, como qualquer outra pessoa. Um dos piores escândalos que envolvem o tratamento psiquiátrico é a freqüência das relações sexuais entre os médicos e suas pacientes.

Acrescente-se a isso que um ministro do evangelho, tal e qual um médico ou um advogado, deve saber guardar segredos, sempre que as pessoas aconselhadas solicitarem segredo, e sempre que o senso de propriedade do pastor assim mostrar que deve ser. Há aquele velho escândalo da esposa do pastor que espalha tudo quanto ouve. E um ministro também não deve usar os casos que trata como ilustrações em seus sermões. As pessoas não terão dificuldade em perceberem a quem ele se refere.

Quando um ministro torna-se conselheiro profissional, deve cuidar para não promover sua igreja ou sua denominação, embora, necessariamente, promova princípios bíblicos e espirituais. Em todo o seu envolvimento no campo da psicologia, sempre deveria conferir suprema importância à espiritualidade do homem, tratando com as pessoas como almas necessitadas, e não apenas como mentes perturbadas. Um pastor sabe que o Senhor Jesus é o médico da mente, das emoções, do espírito, e não apenas do corpo! (H)

## CONSELHO, CONSELHEIRO

No hebraico, **etsah**, «conselho», palavra que ocorre por oitenta e seis vezes, como, por exemplo, Deu. 32:28; Juí. 20:7; II Sam. 15:31,34; 16:20,23; I Reis 1:12; II Crô. 10:8,13; Esd. 10:3,8; Nee. 4:15; Jó 5:13; 10:3; 12:13; Sal. 1:1; 13:2; 14:6; Pro. 1:25,30; 8:14; 12:15; 19:20,21; Isa. 5:19; 11:2; Jer. 18:18,23; Eze. 7:26; Zac. 6:13. As idéias envolvidas nesse termo e seus cognatos são «sessão», «assembléia», «julgar», «defensor», «conselheiro».

Os pensamentos das pessoas transparecem em suas reuniões, e isso empresta autoridade às suas palavras, de uma maneira como não se verifica quando alguém fala isoladamente. No entanto, também há conselhos ímpios, negativos, e também aqueles conselhos que são desobedecidos e ignorados (Sal. 33:10,11; II Sam. 15:34; Isa. 49:19; 19:3).

*O Messias como Conselheiro.* Isaías previu a vinda do grande Conselheiro (Isa. 9:6; 11:2). O conselho da paz seria estabelecido entre o Messias vindouro e o sumo sacerdócio (Zac. 6:13). Um conselheiro sugeria soluções sábias sobre qualquer questão, sendo esse um conceito geral do Antigo Testamento (Pro. 11:14; II Crô. 25:16; II Sam. 15:12; Eze. 7:28). Porém, o Messias é o maior de todos os conselheiros, cujos conselhos exerceriam um impacto universal.

No Novo Testamento, entre os judeus os conselheiros usualmente eram membros do Sinédrio (que vide) segundo se vê em Mar. 15:43 e Luc. 23:50. José de Arimatéia foi chamado de *bouleutês*, isto é, membro do concílio, e era um conselheiro. O conselho de Deus é imutável, pois exprime o seu propósito eterno (Heb. 6:17). O julgamento de Deus, quanto à validade ou não de nossas ações, é mais importante do que a nossa própria consciência (I Cor. 4:4). Nenhuma determinação humana pode ser ocultada de Deus; e os juízos divinos ultrapassam e frustram todas as racionalizações humanas (Rom. 11:33).

## CONSELHO PLENÁRIO

Dentro do vocabulário da Igreja Católica Romana, um conselho plenário é um concílio de bispos e arcebispos de uma região, com um representante papal que atua como presidente. Sua jurisdição alcança somente questões de disciplina e de governo eclesiástico de uma determinada região.

## CONSELHOS EVANGÉLICOS

Essa expressão indica os principais mandamentos e requisitos da vida cristã, conforme estão contidos na fé evangélica. O evangelho de Cristo não deixa de ter os seus requisitos. A doutrina do fácil creísmo (que vide) tem distorcido a mensagem do evangelho. O fácil creísmo dá ênfase demasiada à correção do credo, às expensas do ensino neotestamentário sobre a santificação, as boas obras e a vida segundo os ditames da lei do amor. O evangelho cristão é uma força transformadora do caráter, e não uma lista de doutrinas que devem ser cridas (Rom. 8:29). Os seus preceitos morais, mormente a lei do amor, recebem impulso da parte do ministério do Espírito Santo, através de cujo ministério a transformação moral deve ocorrer. Visto que a participação na natureza divina é o alvo mesmo da vida cristã (Col. 2:10; II Ped. 1:4), podemos estar certos de que há uma imensa transformação da alma a ser conseguida. E, visto que há uma infinitude que nos deverá encher, também deve haver um enchimento infinito (Efé. 1:23; II Cor. 3:18). O Novo Testamento tem um sistema de *amor conhecimento*. O nome grego para isso é *gnosis*. O amor e o conhecimento são os dois grandes alicerces da espiritualidade. O amor é a virtude cardeal sobre a qual se alicerçam todas as demais virtudes, a prova mesma da espiritualidade de alguém (I João 4:8 *ss*). Os conselhos evangélicos, pois, exortam-nos a reconhecer esses fatos, envolvendo-nos em uma ativa vida espiritual, não meramente em uma afirmação de algum credo específico, posto por escrito no papel. É nesse ponto que podemos aprender algo do budismo, ainda que não nos queiramos tornar budistas. Consideremos o seu *Caminho de Oito Elementos* (que vide). Somente um desses elementos dá atenção à crença em doutrinas. Os demais elementos abordam a espiritualidade prática, de todos os dias. As crenças são importantes, mas a transformação da alma, mediante a atuação do Espírito de Deus, é a própria substância da nossa fé cristã.

## CONSENSO COMUM, ARGUMENTOS DE

Esses são argumentos alicerçados sobre a aceitação quase universal de certas crenças. A expressão latina é *consensus gentium* (que vide), que significa «concórdia dos povos». Um argumento de consenso comum é um critério da verdade. Por exemplo: Deus deve existir, porquanto todos os povos e culturas crêem em um ser ou em seres divinos. Esse argumento não requer acordo quanto a detalhes e quanto ao caráter, mas apenas o conceito de um poder ou ser acima dos homens. Por igual modo, a alma deve existir, visto que todos os povos e culturas têm essa crença de alguma maneira. Naturalmente, também há exemplos diametralmente opostos. Somente um pequeno número de pessoas, na antiguidade, acreditava que a terra era redonda. A crença em uma terra chata, porém, não fazia a terra ser chata. Os povos antigos pensavam que o sol girava em torno da terra, e não o contrário; mas isso em nada alterou as leis que regem o universo. Apesar de que, logicamente falando, os argumentos baseados na crença comum não provam um caso qualquer, contudo aquelas crenças que persistem entre todas as culturas, não podem ser facilmente desconsideradas como meros erros. Usualmente há alguma *verdade* em tais noções.

**O Consenso Comum e a Existência de Deus.** Se aplicarmos esse argumento especificamente à existência de Deus, teremos as seguintes declarações específicas:

1. A crença em Deus é uma *herança comum* da humanidade. Os homens crêem porque Deus, realmente, existe. Eles crêem em face da existência de Deus, e não porque essa é uma idéia consoladora, apenas. A idéia de Deus é *inata* ao ser humano. Sendo essa a verdade, todos os homens crêem na existência de Deus, até mesmo os ateus, os quais, em seu nível consciente, afirmam que não crêem. No nível subconsciente, pois, todos os homens crêem na existência de Deus, bem como nas verdades metafísicas básicas da alma.

2. A crença do homem na existência de Deus, portanto, é *instintiva*, e não empírica, embora possamos encontrar *consubstanciação* para essa crença nas coisas que observamos na natureza e em nós mesmos. Mediante o raciocínio filosófico, podemos tanto consubstanciar quanto descrever essa crença inerente.

3. No ser humano há um *anelo inerente* por Deus. Todos os homens buscam a Deus a seu modo, embora essa busca seja inepta e incompleta. Paulo pressupõe essa crença como verdadeira, nos capítulos primeiro e segundo da epístola aos Romanos, embora não se mostre bem impressionado com o resultado final dessa inquirição natural. Para que essa inquirição produza os resultados almejados, torna-se mister a missão de Cristo e do Espírito.

4. As instituições de ensino encorajam o *ceticismo*. Os homens, naturalmente, crêem na existência de Deus, mas as escolas e as suas filosofias ensinam-nos a duvidar. Chega mesmo a ser um sinal de intelectualidade quando um estudante afirma: «Sou ateu». Os cientistas são culpados da promoção dessa falácia e ilusão. Apesar de que o *ateísmo prático*, dentro da ciência, é útil, o ateísmo teórico é destrutivo. O ateísmo prático consiste na recusa de explicar fenômenos físicos misteriosos dizendo-se que *Deus assim fez*. Uma declaração desse tipo impede os cientistas de buscarem soluções para problemas que a ciência é capaz de resolver, sem ter de apelar para a teologia. Mas o ateísmo teórico, que nega o conceito de Deus, é destrutivo porque deixa o homem apenas com um universo mecânico. Os homens, por disposição inata, voltam-se contra esse conceito.

5. O problema da *malignidade*. A Bíblia ensina que existem forças satânicas que afetam as mentes dos homens. Os incrédulos, em certo sentido, são anormais. Eles ficaram sujeitos às forças negativas que lhes furtam até mesmo da crença básica correta. Eles chegam a negar a si mesmos, porquanto o homem é um espírito, ao passo que o corpo físico é apenas o seu veículo de expressão. Porém, certos incrédulos fazem com que o corpo físico seja o próprio âmago da pessoa, o que é uma noção absurda. As experiências de quase morte, entretanto, mostram que os ateus, bem como aqueles que negam a realidade da alma, para a própria surpresa deles, descobrem que a morte física não põe um ponto final à existência. A.H. Strong, em sua *Systematic Theology*, vol. I, pág 46, oferece uma ilustração gráfica, ao dizer que o carvalho não deve ser julgado pelas espécimes atrofiadas que aparecem perto do círculo polar Ártico. Por semelhante modo, não podemos julgar a *natureza humana* através das perversões que têm sido introduzidas pelos céticos.

6. A *moralidade* está baseada na crença teísta. É a existência e a influência moral de Deus que nos conferem um senso moral. A maioria das pessoas deseja ver o direito imperar, embora lhes falte a força para garantir isso. Até mesmo os ateus que são indivíduos morais e altruístas (é isso existe), são tais por que contam com o testemunho teísta em seu espírito, embora, com a sua mente consciente, neguem essa realidade de modo enfático.

## CONSENSUS GENTIUM

A expressão latina significa «opinião geral do povo». Esse é um dos critérios que muitos homens usam para determinação da verdade. Ver o artigo sobre *Conhecimento e a Fé Religiosa*, na porção II, *Teorias da Verdade*. Essa expressão refere-se à doutrina que supõe que quando o povo em geral, uma civilização ou todos os homens da terra, coletivamente, *concordam* sobre alguma questão, esse consenso mostra onde está a verdade. Para exemplificar, a maioria das culturas acredita na existência de Deus e na existência da alma humana. A maioria das culturas acredita no poder da lei do amor. Isso posto, essas idéias devem ser verdadeiras. A opinião unânime sobre alguma coisa qualquer, porém, é algo que jamais será conseguido; e isso quer dizer que tal argumento perde a sua validade. Por isso mesmo, esse conceito tem sido atacado por alguns filósofos, que têm investigado a questão, e têm encontrado diversas opiniões, até mesmo no tocante a questões como a existência de Deus e da alma. Mas essas doutrinas, apesar da discordância de alguns poucos, são *quase* universalmente cridas e defendidas. Cícero deixou escrito: «Aquilo sobre o que todos os homens concordam, deve ser verdadeiro» (*De Natura Deorum*, 1.16). Outros objetam a esse argumento salientando que a maioria dos homens antigos ignorava totalmente a esfericidade da terra, usualmente imaginando-a chata; e, no entanto, estavam equivocados. A maioria dos antigos também pensava que o sol gira em torno de uma terra plana; mas eles estavam redondamente enganados (sem nenhum trocadilho!) Essas razões mostram que o *consensus gentium* é um critério apenas sugestivo, mas não válido para todos os casos.

Em favor do argumento do *consensus gentium*, porém, temos as idéias do racionalismo e da intuição. O homem possui intelecto porque participa da inteligência do grande *Intelecto*, que é Deus. Além disso, à semelhança de Deus, o homem sabe de certas coisas sem investigação prévia, simplesmente por ser um ente que sabe das coisas. A intuição é capaz de dar ao homem o conhecimento de certas verdades sem que ele utilize os seus cinco sentidos, ou mesmo além do poder da razão. Portanto, certas idéias que os homens generalizam como verdadeiras, são verdadeiras, realmente, sendo generalizadas como tais.

Concluo dizendo que o critério do *consensus gentium*, apesar de fraco, reveste-se de algum valor. Mas, cada caso precisa ser julgado em separado. Nunca podemos usar esse critério de modo absoluto; e esse argumento só pode servir de fator de apoio a outro argumento, mais definitivo. (E EP RP)

## CONSENSUS PATRUM

No latim, «consenso dos pais». A expressão alude ao acordo sobre questões de fé e moral, entre os pais da Igreja, que então se tornam obrigatórias para todos os cristãos. Além disso, aquilo que, em voz uníssona, eles declaram como heresia, deve ser considerado como tal por todos os cristãos. Outrossim, as conclusões lógicas que eles extraíram unanimemente

das doutrinas principais, devem exprimir a verdade. No entanto, quando os pais da Igreja abordavam questões filosóficas e científicas, a autoridade deles em muito se reduzia, embora continuasse respeitada. O *consensus patrum* faz parte do conceito de autoridade (que vide), na Igreja Católica Romana. Os reformadores protestantes repeliram a autoridade dos pais da Igreja, alçando bem alto o lema: «Somente as Escrituras». A despeito de tratar-se de um nobre ideal, o lema é deficiente, pelas seguintes razões: em primeiro lugar, nunca houve uma ocasião em que não houvesse alguma *interpretação* das Escrituras. Portanto, na prática, mesmo que não na teoria, esse lema, na verdade, significa: «As Escrituras somente, conforme eu ou minha denominação particular as interpreta». Isso nos leva de volta à filosofia do *consensus patrum*, cuja regra é: as Escrituras, conforme os pais da Igreja as interpretavam. Em segundo lugar, ninguém pode afirmar, sob pena de cair em ridículo, que qualquer livro pode conter toda a verdade de Deus. Essa crença não é um ensino da própria Bíblia, mas um dogma humano que, naturalmente, não pode ser imposto à consciência livre dos homens.

Estabelecido esse ponto, devemos indagar: devemos preferir a interpretação de quem? A minha e a de minha denominação cristã, ou a dos pais da Igreja? Todavia, é mister frisar que nem mesmo uma correta resposta a essa indagação (se é que alguém pode dá-la) pode resolver o problema da *autoridade*. Minha conclusão é a seguinte: a verdade, por ser algo extremamente complexo, requer uma complexa regra de autoridade. Outrossim, é regra óbvia que ninguém pode formular um critério que jamais se modifique, porquanto a verdade é algo dinâmico, e a nossa compreensão a respeito da verdade está sempre em estado de evolução. Portanto, nossas regras sobre a questão da autoridade, se tiverem de continuar valendo alguma coisa, também devem sofrer um contínuo processo de evolução.

## CONSENTIMENTO

O termo indica a concordância **voluntária**, a cooperação ou o assentimento diante de uma proposta ou de um ato. O consentimento é o contrário da *coerção* (que vide). O consentimento não subentende um completo acordo, mas anula totalmente a imposição. Todavia, não elimina os argumentos racionais, as trocas de idéias, e o consenso em torno de algum terreno comum. Assim, um crente consente com as leis, com as situações e com as forças externas, guiado pela consciência do seu homem espiritual. Por sua parte, o homem natural consente com as práticas erradas, porque tais práticas moram, latentemente, em seu coração.

*Áreas Específicas Importantes*. Podemos pensar em questões como o matrimônio, o divórcio, as situações de trabalho, os envolvimentos militares, todas as formas de contrato e acordo, bem como as leis do estado ou da comunidade, quando democraticamente estabelecidas. (H)

## CONSEQÜÊNCIALISMO

Esse é um termo muito geral para indicar qualquer e todas as teorias morais que afirmam que um ato está certo ou errado, ou então é bom ou mau, dependendo exclusivamente dos *resultados* produzidos. Esses resultados podem envolver conseqüências imediatas ou reais de nossos atos, ou podem incluir conseqüências tencionadas de atos, pensamentos, etc., que nunca, realmente, chegam a concretizar-se. Além disso, há resultados de *classes* de atos, conseqüências a longo prazo, e não apenas resultados imediatos. Isso significa que a teoria se torna extremamente complexa. Seja como for, esse é um dos principais conceitos do *pragmatismo* (que vide) e do *utilitarismo* (que vide). Sem dúvida, aquilo que acontece é importante, mas há muitos fatores morais e espirituais que transcendem a tudo isso. Jesus interessava-se pelo que um homem pensa, e não meramente pelo que ele termina fazendo. Dizemos popularmente que o que vale são as intenções; e, em alguns casos, isso corresponde à verdade dos fatos. Mas também precisamos levar em conta a qualidade espiritual de cada indivíduo, se ela é boa ou má, qualidade essa que poderá manifestar-se ou não mediante atos externos. (F)

## CONSERVAÇÃO DE VALOR

A expressão foi cunhada por Harold Hoffding (que vide), em seu livro intitulado *Philosophy of Religion*. Ele tinha em mente a teoria científica da conservação de energias e por analogia, tentou mostrar que há uma *lei ética* que corresponde àquela teoria. A teoria diz que nos sistemas éticos e religiosos há uma espécie de função inerente de preservação de valores, a despeito das alterações sofridas. O contínuo aumento do valor é uma medida que salvaguarda contra a desintegração. A fé é então definida como a contínua percepção dos valores mais altos que podem ser atingidos acima das limitações que a experiência e a história humanas tendem por nos impor. Dentro desse sistema, as fórmulas de fé variam, em consonância com a teologia dos pensadores envolvidos. Para alguns, o próprio Deus é a origem dos valores, e os conceitos humanos sobre os valores derivam-se da mente divina. Para outros, porém, Deus é o sistema impessoal e objetivo de valores. Os nomes associados a essa teoria, além do próprio Hoffding, são W.R. Sorley (que vide) e E.S. Brightman (que vide).

## CONSERVANTISMO ÉTICO

O termo indica a crença que os padrões éticos de conduta precisam ser lentamente modificados, se é que devem ser modificados, de tal modo que possam ser preservados os valores estabelecidos. Podemos encarar essa doutrina como negativa ou positiva, dependendo das circunstâncias e das perspectivas históricas. A Igreja primitiva, ao recusar-se a cooperar com os padrões da sociedade romana, cuja moral era lassa e pagã, poderia ser tachada de inovadora, ou seja, contrária ao conservantismo ético. Porém, no seio da própria Igreja cristã há um conservantismo ético que é defendido tenazmente, pois ali as inovações são consideradas prejudiciais ao cristianismo. Essa atitude alicerça-se principalmente sobre os ensinamentos bíblicos, que são considerados bons para qualquer época. Naturalmente, as interpretações dão margem a modificações, de tal modo que as pessoas chamadas cristãs, na realidade podem ser inovadoras. Ver o artigo geral sobre a *Ética*. O conservantismo ético harmoniza-se melhor com a *ética formal*, também conhecida como *ética absoluta*, a qual parte do pressuposto de que os valores éticos não são apenas humanos e são constantes e perfeitos, não estando sujeitos a modificações devidas às vicissitudes da experiência humana. Ver o artigo sobre o *Liberalismo Ético*. (H)

••• ••• •••

## CONSISTÔRIO

O termo tem sentido genérico, indicando uma assembléia de oficiais eclesiásticos, que se reúnem a negócios. Dentro do uso da Igreja Católica Romana, indica uma reunião de cardeais, sob a presidência do papa. Ali, os consistórios podem ser públicos, semipúblicos ou particulares. Nas igrejas reformadas, um consistório geralmente compõe-se de um pastor e da junta de anciãos e diáconos. Esses têm autoridade sobre uma congregação. Tal grupo também pode ser chamado de *sessão* (que vide). No luteranismo, o consistório compõe-se de um corpo administrativo de clérigos e leigos. Nos primeiros anos do luteranismo, as autoridades civis tinham o direito de fazer nomeações; mas, no luteranismo posterior, isso foi descontinuado. Na Igreja Anglicana, permanecem os tribunais consistoriais das dioceses, o que se deriva da prática medieval, quando os bispos administravam suas dioceses mediante um tribunal consistorial.

*Origem do Termo.* Esse vocábulo originalmente referia-se à antecâmara dos palácios imperiais, onde o imperador se sentava para dispensar justiça, e onde era ajudado por assessores chamados *consistentes*.

## CONSOLAÇÃO Ver Consolo, Consolação.

## CONSOLADOR

No sentido geral, qualquer pessoa que age como tal. A palavra grega, *parákletos*, também pode significar advogado e exortador. Ver o artigo sobre *Consolo*.

Em um sentido especial, esse é um dos títulos do Espírito Santo. Ver o artigo geral sobre esse assunto, e também sobre o *Paracleto*.

## CONSOLAMENTUM

A palavra refere-se a um rito purificador associado ao batismo em água, administrado pelos cátaros, um grupo cristão dissidente, anterior à Reforma protestante. O intuito era liberar a alma do crente dos poderes da carne, visando ao seu bem espiritual, com o perdão de seus pecados. Esse rito era efetuado mediante a imposição de mãos, por alguém que já havia recebido os supostos benefícios da cerimônia. Além disso, uma cópia do evangelho de João era posta sobre a cabeça da pessoa beneficiada. A *consolação* era usada em conexão com a ordenação de ministros, dentro do sistema da *sucessão apostólica* (que vide). Ver sobre os *Cátaros*.

## CONSOLO, CONSOLAÇÃO

O consolo consiste nestes pontos:

1. Alívio em face da tristeza, com desafogo em face do desapontamento e da consternação. Na literatura ascética e devocional, o termo é usado para denotar a felicidade que se segue a períodos de depressão espiritual ou de aridez nas orações. 2. O termo também é empregado para denotar a refeição vespertina dos monges, após a refeição diária normal. Geralmente era tomada altas horas da noite. Essa refeição extra era uma espécie de compensação pelas tensões dos tempos de oração e trabalho diligentes. Alimentos mais substanciais e ricos geralmente eram oferecidos na ocasião. 3. Quanto aos usos bíblicos, ver a continuação deste artigo.

No hebraico temos três palavras, e no grego, uma:

1. *Tanchumim*, «consolos». Palavra hebraica usada por três vezes: Sal. 94:19; Isa. 66:11; e Jer. 16:7.

2. *Tanchumoth*, «consolos». Palavra hebraica usada por duas vezes: Jó 15:11 e 21:2.

3. *Nacham*, «consolo». Palavra hebraica usada por cento e três vezes (para exemplificar: Gên. 5:29; 37:35; Rute 2:13; II Sam. 10:2,3; I Crô. 7:22; Jó 2:2,11; 7:13; Sal. 23:4; Isa. 12:1; 22:4; 40:1; Jer. 16:7; Lam. 1:2,17,21; Eze. 14:23; Zac. 1:17; 10:2).

4. *Paráklesis*, «consolação». Palavra grega usada por vinte e nove vezes: Luc. 2:25; 6:24; Atos 4:36; 9:31; 13:15; 15:31; Rom. 12:8; 15:4,5; I Cor. 14:3; II Cor. 1:3-7; 7:4,7,13; 8:4,17; Fil. 2:1; I Tes. 2:3; II Tes. 2:16; I Tim. 4:13; File. 7; Heb. 6:18; 12:5; 13:22.

O nome do profeta de Israel, Neemias, vem de uma raiz hebraica que significa «consolo» (ver o número 3, acima). O vocábulo grego é usado como um dos nomes do Espírito Santo, o *Paracleto* (que vide). Essas palavras são largamente usadas para indicar todas as formas de consolo, em que a tristeza se transmuta em júbilo. Ver Isa. 40:1; 49:13; 51:3. As palavras hebraicas também podem indicar o refrigério físico ou mental (Gên. 18:5; Juí. 19:5,8). Porém, é a Palavra de Deus que, acima de tudo, aparece como o grande consolo dos crentes (Sal. 119:50). Inerente ao uso há a idéia de mudança da tristeza para a alegria. A presença de Alguém que cuida de nós e que conosco simpatiza, transparece com freqüência. Isso sucede até mesmo quando a alguém faltam as palavras próprias para consolar a outrem. De alguma maneira, a tristeza compartilhada chega a consolar, mesmo quando pensamos que isso é impossível.

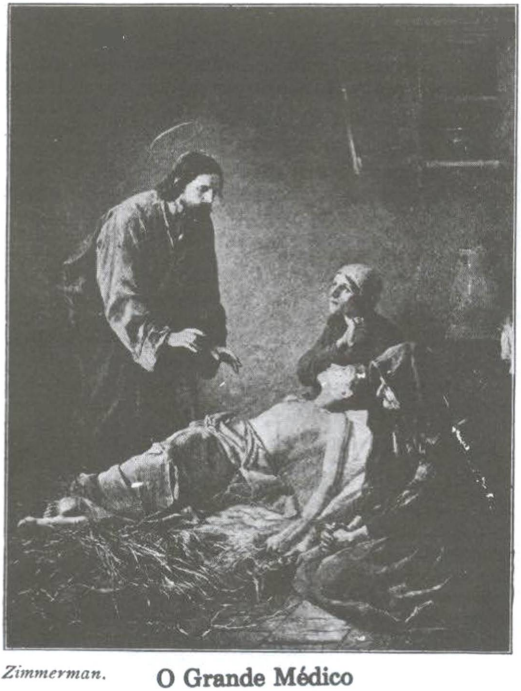
**No Novo Testamento, — há muitas aplicações da palavra grega e da idéia de consolo.** O trecho de Mateus 5:4 promete consolo àqueles que choram. Os três membros da Trindade (que vide) envolvem-se na obra da consolação (II Cor. 1:5,6; Fil. 2:1; Atos 9:31). Jesus compartilha de nossas tristezas e é o nosso Consolador (Luc. 7:13; Heb. 2:18). O Espírito Santo, o Alter ego de Cristo, e perpetuador de sua missão, também é chamado de Consolador (João 14:16). Essa palavra pode significar «advogado»; e, nesse sentido, é aplicada a Jesus Cristo, em I João 2:1. O estado futuro dos remidos é descrito como um estado de consolação, para aqueles que pouco tiveram na vida terrena (Luc. 16:22). A segunda epístola aos Coríntios tem sido chamada de «epístola do consolo», porquanto contém a palavra grega *paráklesis* por dez vezes. Ver II Cor. 1:3-7; 7:4,7,13; 8:4,17. No Novo Testamento, a forma nominal, *paráklesis*, é usada por vinte e nove vezes; a forma verbal, por cento e oito vezes; a forma pessoal, PARÁKLETOS, por cinco vezes, a saber, em João 14:16,26; 15:26; 16:7; I João 2:1.

*Métodos de Consolo.* Pode-se consolar a outrem de várias maneiras: compartilhando de sua tristeza; oferecendo simpatia; procurando modificar as condições entristecedoras; conferindo a outrem o conhecimento da salvação, que cura a tristeza da alma; oferecendo encorajamento; edificando e inspirando. E, no tocante à tristeza causada pelas privações físicas, aliviando as necessidades materiais, segundo se vê em Col. 4:11 e I Tes. 2:11.

Barnabé significa, em hebraico, «filho da consolação» (ver Atos 4:36). Ele era alguém que aconselhava de modo correto, visando ao benefício espiritual dos aconselhados. A epístola aos Hebreus é caracterizada como «palavra de exortação», refletindo a atitude demonstrada por Barnabé. A prontidão para dar apoio a quem se acha atribulado deveria ser uma das principais virtudes cristãs, no conceito dos crentes (I Tes. 2:11; Rom. 1:12; Col. 4:11). O consolo é uma dentre as várias obras de amor, comprovação e prova da espiritualidade (I João 4:7 *ss*). (A B)



*Ary Scheffer.* **Cristo, o Consolador**



*Zimmerman.* **O Grande Médico**

Palavras de Consolação

•••

Vinde a mim, todos os que
estais cansados e oprimidos, e
eu vos aliviarei.
(Mat. 11:28)

Não se turbe o vosso coração;
Credes em Deus, crede
também em mim.
(João 14:1)

...quando vier o Consolador, que eu
da parte do Pai vos hei
de enviar, aquele Espírito de
verdade, que procede do Pai,
ele testificará de mim.
(João 15:26)

...O Espírito e a esposa dizem:Vem.
E quem ouve, diga: Vem.
E quem tem sede, venha;
e quem quiser, tome de
graça da água da vida.
(Apo. 22:17)

••• ••• •••

**CONSTÂNCIA** Ver **Perseverança.**

## CONSTÂNCIA, CONCÍLIO DE

Ver o artigo geral sobre os **Concílios Ecumênicos.** O concílio de Constança, na Suíça, foi efetuado entre 1414 e 1418. Asseverou que a autoridade dos concílios eclesiásticos deriva-se de Cristo, e que até o papado precisa sujeitar-se a essa autoridade. Teve o intuito de pôr fim ao escândalo da existência, na época, de três papas simultâneos. Esses três papas foram: João XXIII (Pisa), Gregório XII (Roma) e Benedito XIII (Avignon). O concílio de Constança conseguiu pôr fim ao grande cisma (que vide). Outras coisas decididas durante esse concílio foram a exigência para serem feitas reformas capazes de impedir os abusos clericais, e a condenação das «heresias», como o hussismo e o wycliffismo.

Em julho de 1417, os três papas simultâneos haviam sido retirados; e, a 11 de novembro daquele mesmo ano, foi eleito o cardeal Otto Colonna como papa, —que pontificou com o título de Martinho V.

João Huss foi levado a tribunal, foi condenado e executado, em 1415. Jerônimo de Praga também foi executado, e os supostos erros de Wycliffe foram anatematizados.

Também foram tomadas medidas para impedir outro cisma, incluindo a provisão de que os concílios poderiam reunir-se sem a necessidade de serem convocados sob circunstâncias extremas. Martinho V, o papa da conciliação, aceitou os decretos daquele concílio para salvaguardar a inviolabilidade do ofício papal, juntamente com a idéia de sua supremacia.

## CONSTÂNCIA NA NATUREZA

Ver **Uniformidade na Natureza.**

## CONSTANTINO, O GRANDE

Imperador romano cujas datas foram 280 e 337 D.C. Era filho de Constâncio Cloro. Foi, sucessivamente, César e Augusto da Gália, um soldado competente, e, acima de tudo, um governante construtivo. Sua mãe foi Helena. De 292 a 305 D.C., ele residiu na corte de Diocleciano, presumivelmente a fim de educar-se; na realidade, porém, ele era mantido ali a fim de que suas atividades fossem circunscritas. Após a abdicação de Diocleciano, Constantino fugiu da corte imperial para juntar-se ao seu pai, que se tornara Augusto. Quando seu pai faleceu, no ano seguinte (306 D.C.), Constantino foi designado Augusto, mediante o testamento de seu pai e o poder do exército, que se manifestou favorável a ele. Na Gália, os cristãos simpatizavam com ele, devido ao tratamento racional que lhes conferia. Seu poder aumentou em face da vitória militar que obteve sobre Maxêncio, na batalha da ponte Mílvia, por motivo da qual obteve total autoridade em Roma. A caminho da batalha, ele teria recebido uma visão da cruz com as palavras por cima da mesma: *In hoc signo vinces* («Com este sinal vencerás»). No ano de 313 D.C., com a ajuda de Licínio, ele expediu o célebre *Edito de Tolerância*, por meio do qual a cristandade obteve o favor imperial, com a conseqüente cessação das perseguições.

Constantino agora controlava a Gália e a Itália. Terminou declarando guerra a Licínio, em parte porque este continuava perseguindo aos cristãos. E a vitória de Constantino garantiu a total aplicação daquele decreto imperial. Em 325 D.C., Constantino convocou e participou do concílio de Nicéia (que vide). Em 326 D.C., em face de acusações feitas por sua esposa, Fausta, Constantino ordenou a execução de seu filho, Crispus; e, não muito depois, ordenou também a execução de sua esposa. Em 330 D.C., o monarca inaugurou a cidade de Constantinopla, no local da antiga Bizâncio. Depois transferiu a capital do império romano para aquela cidade. Os últimos anos de governo de Constantino foram passados em meio a conflitos armados, de mistura com atividades eclesiásticas. Foi batizado no leito de morte.

Constantino foi homem de muitas contradições, um pagão a quem o evangelho influenciou de alguma maneira. Até que ponto, é questão muito debatida. No entanto, ele estava destinado a alterar o curso da história da Igreja, a qual passou do período de perseguições imperiais para o período de favor imperial, com profundas modificações na esfera do governo eclesiástico. Disso surgiram o papado e a Igreja Católica Romana, e a civilização ocidental ficou sujeita à custódia da Igreja, e não mais à custódia do Estado, pelo espaço de mil anos, ou seja, durante toda a Idade Média. (AM E P)

## CONSTANTINOPLA, CONCÍLIOS DE

1. *Concílio de* 381 *D.C.* Ver o artigo geral sobre os *Concílios Ecumênicos*. Esse concílio foi convocado pelo imperador romano Teodósio, tendo sido o segundo concílio geral da Igreja, e o primeiro dos três que foram efetuados em Constantinopla. Sua importância histórica jaz no fato de que pôs fim à controvérsia ariana (ver sobre o *Arianismo*). O arianismo foi condenado e o concílio endossou a fórmula do HOMOOUSIOS, que afirma que o Filho é da mesma substância do Pai. Essa fórmula foi o resultado principal do primeiro concílio geral de Nicéia (que vide). Em Constantinopla, foi melhor definida a doutrina do Espírito Santo. Foi declarado que o Espírito Santo procede *do Pai*. Na época de Carlos Magno, foi feita uma adição, com a palavra latina «filioque», que significa «e do Filho». Portanto, segundo a teologia ocidental, o Espírito Santo procede tanto do Pai quanto do Filho. Mas a Igreja Oriental rejeitou a adição do «filioque», o que provocou a grande divisão em Igreja Católica Romana e Igreja Ortodoxa Oriental. Naturalmente, essa não foi a única razão da divisão, mas foi a gota de água que entornou o balde. A razão verdadeira, porém, eram as reivindicações de superioridade e supremacia do papa de Roma, sobre todos os bispos da cristandade. Esse tem sido o grande obstáculo à conciliação entre essas duas facções da antiga Igreja Católica, iniciada pelo ato protetor de Constantino, em 313 D.C. Ver sobre *Constantino, o Grande* e sobre o *Edito de Tolerância*.

Esse concílio também determinou que o bispo de Constantinopla só perdia em honra e autoridade ao bispo de Roma, porquanto Constantinopla, por assim dizer, tornara-se a Nova Roma. Constantino, o Grande (vide), fez de Constantinopla a nova capital do império romano, em 330 D.C. Isso significa que Constantinopla ultrapassara a Alexandria em importância, um significativo acontecimento histórico.

2. *Concílio de* 553 D.C. O concílio de Constantinopla, realizado nesse ano, foi convocado pelo imperador Justiniano (527-565 D.C.), tendo sido assistido principalmente por eclesiásticos do Oriente. O imperador dirigiu as negociações, tendo conseguido declarações contra Teodoro de Mopsuéstia, contra Teodoreto de Chipre e contra o bispo Ibas, de Edessa (ver os artigos a respeito, que esclarecem as questões envolvidas). Isso foi interpretado como uma censura às provisões do concílio de Calcedônia (que vide). O papa Vigílio, que vinha sendo um virtual prisioneiro em Constantinopla, desde 547 D.C., objetou. Mas, finalmente, cedeu em 554 D.C.

3. *Concílio de* 680 D.C. O concílio que houve em Constantinopla, nesse ano, foi convocado pelo imperador Constantino IV Pogonato (668-685 D.C.). Seu propósito principal foi tratar da doutrina apelidada *monotelismo*. Essa teoria afirma que apesar de Cristo ter possuído duas naturezas - a divina e a humana — em uma única pessoa, contudo, era governado por *uma única vontade*, que dirigia ambas as Suas naturezas. Essa teoria da vontade única chegava bem perto de endossar o *monofisistismo* (que vide), o qual ensina que em Cristo há uma só natureza, a divina, visto que o Logos, encarnando-se em Jesus, transformou a carne em substância divina. Os jacobitas sírios, os coptas, os abissínios e os armênios eram monofisistas. O papa Honório, de Roma, também adotara o *monotelismo*. Mas o concílio de Constantinopla, de 680 D.C., rejeitou a teoria da vontade única e anatematizou o papa Honório. Em seguida, o concílio definiu a sua cristologia (que vide) afirmando que, em Jesus Cristo, havia duas naturezas e duas vontades, mas uma única pessoa.

Os concílios de Constantinopla foram, respectivamente, o segundo, o quinto e o sexto concílios ecumênicos. Nem o quinto e nem o sexto desses concílios decretaram quais cânones, pelo que um concílio suplementar foi efetuado em Constantinopla, em 691 D.C., que corrigiu a omissão. (E P)

## CONSTELAÇÕES

Ver **Pléiades (E Outras Constelações)**

## CONSTITUCIONALISMO

A idéia básica dessa palavra é que a ordem e a justiça podem ser melhor mantidas, dentro da comunidade política, mediante o império da lei. Os governos humanos tendem por ser despóticos (e demoníacos, segundo alguns pensam), e o império da lei tem a intuito de impedir os abusos de tais sistemas. Supõe-se que há um conjunto de leis que a consciência humana aprova, e que é popularmente aceito. Esse conjunto de leis, na opinião de alguns, foi divinamente conferido, estando refletido na Bíblia. Outros, porém, pensam que todos os homens podem discernir essas leis através da razão, ou das evidências da experiência humana. Entretanto, sem importar sua origem, tanto os governantes quanto os governados devem viver de acordo com esse código. Vários modelos de constitucionalismo têm influenciado as constituições dos tempos modernos, como os modelos de Platão, de Aristóteles, de Cícero e naturalmente, as leis do Antigo e do Novo Testamentos. Nos tempos modernos, as constituições começaram a aparecer no século XVI, nos estados europeus. E, através das mesmas, às minorias religiosas foram conferidos certos direitos. E outros segmentos da sociedade foram igualmente beneficiados. A Revolução Puritana, no século XVII, na Inglaterra, expandiu as demandas por maiores direitos, no caso de muitas pessoas. Isso culminou na revolução de 1688 e na Carta de Direitos, de 1689, na Inglaterra. O constitucionalismo abarcou tanto a Grã-Bretanha quanto os Estados Unidos da América, e muitos outros países aceitaram também a idéia. Essa doutrina requer a existência de constituições escritas, que limitem os poderes do governo e salvaguardem os direitos dos cidadãos individuais. Também contém provisões relativas a alterações, quando elas se fizerem necessárias. As constituições escritas impedem o aparecimento de atos governamentais arbitrários, que prejudiquem o bem-estar individual e coletivo. Muitas igrejas e instituições de ensino têm adotado esse princípio constitucionalista. (H)

## CONSTITUIÇÕES E CÂNONES APOSTÓLICOS

As constituições apostólicas, das quais os Cânones são a seção final, formam um corpo de leis eclesiásticas, provavelmente do século IV D.C., embora seja chamado tradicionalmente de «apostólico». Presumivelmente são de autoria apostólica, coligidas por Clemente, mas nenhum erudito considera que isso corresponde aos fatos.

O concílio de Trullan (692) aceitou os cânones como autoritários, posto que não as *constituições*, porquanto haviam sofrido muitas interpolações não ortodoxas, muitas das quais poderiam ser devidas a um compilador do quarto século, pertencente à igreja de Antioquia ou do norte da Síria. Aparecem afirmativas de tendências arianas, talvez pertencente ao período anteniceno (antes de 325 D.C.), quando a precisão teológica não era essencial.

*Títulos e conteúdo*. Por meio dos títulos, obtemos boa idéia do conteúdo geral da compilação: 1. Maneiras e hábitos dos leigos; 2. episcopado e adoração; 3. viúvas, o clero e batismo; 4. ajuda aos pobres e virgindade; 5. martírio; 6. cismáticos. Então, no sétimo livro: Caps. 1:32, baseados no Didache (ver o artigo); caps. 33-49, descrição de práticas litúrgicas. Oitavo livro: Caps. 1-2, dons espirituais; caps. 3-27, liturgia antioqueana de João Crisóstomo; caps. 28-46, cânones; cap. 47, aparentemente uma adição posterior, com 85 cânones apostólicos. Os primeiros cinqüenta desses cânones foram reconhecidos como autoritários pela Igreja ocidental. Esses cânones abordam questões como ordenação, responsabilidades e conduta moral do clero. Os cânones têm exercido um considerável poder na história da Igreja, embora não sejam reconhecidos como apostólicos. (B BA E DA S Z)

## CONSTITUIÇÕES PAPAIS

Há importantes leis ou concessões papais, usadas em declarações dogmáticas e disciplinadoras. Desde o ano de 1911, as *Constituições* têm sido usadas para formar ou dividir dioceses. As Constituições podem ter a forma das antigas bulas (que vide).

••• ••• •••

## CONSTRUIR, CONSTRUÇÃO

No hebraico, **banah** ou **benah**, palavra que figura por cerca de quatrocentas vezes, desde Gên. 4:17 até Mal. 1:4. No grego, *oikodoméo*, «construir uma casa», palavra que figura por quarenta vezes, desde Mat. 7:24 até I Ped. 2:7. *Oikodomé*, «construção», aparece por dezoito vezes, de Mat. 24:1 a Efé. 4:29.

*Uso Literal*. Esse inclui o uso de vários materiais para construir edificações ou objetos, empregando um labor habilitado (II Crô. 34:11). No caso de edificações de grande porte, o trabalho era feito sob a supervisão de um «construtor» (I Cor. 3:10). O local da construção era escolhido pelo edificador (ver Gên. 4:17, que se refere à cidade de Enoque, construída por Caim). O povo de Israel foi forçado a edificar cidades-armazéns, como Ramisés e Pitom. Os gaditas reedificaram Dibom (Núm. 32:34); os rubenitas, Hesbom (Núm. 32:37). Altares foram levantados em muitos lugares (Êxo. 17:15; 32:5; Deu. 27:5). Davi construiu muito em Jerusalém (II Sam. 5:9). Salomão reconstruiu e ampliou as cidades de Milo, Hazor, Megido e Gezer, com portões e muralhas. Ele edificou Tadmor (Palmira) (II Crô. 8:4), como um posto avançado comercial. Porém, a maior obra arquitetural de Israel foi o templo de Jerusalém (que vide), erigido por Salomão, para comemorar o nome remidor de Yahweh (I Reis 6:1 *ss*). Nos dias de Israel e Judá, muitos palácios foram erigidos (I Reis 12:25; II Crô. 26:19; I Reis 16:23,32).

Após o exílio babilônico, Jerusalém e suas muralhas foram reconstruídas, conforme se lê nos livros de Neemias e Esdras. Durante o período intertestamentário, a Jerusalém dos hasmoneanos foi ampliada. Então foi efetuada a principal construção de Jerusalém, o templo de Herodes, em substituição ao templo de Esdras.

No antigo Israel, idéias e materiais eram importados de outros povos, sobretudo dos fenícios (Tiro) (II Sam. 5:11; I Reis 5:1 *ss*), o que significa que o templo de Jerusalém foi um projeto essencialmente dos fenícios. Israel nunca desenvolveu um estilo arquitetural distintivamente judaico. Os principais edificadores da história do antigo Israel foram Davi, Salomão, Uzias e Jotão. As construções feitas por Herodes seguiam o estilo romano.

*Usos Metafóricos*. a. Deus é o edificador de todas as coisas (Heb. 3:4, 11:10) incluindo seu grande ato de criação (Gén. 1:1), seu planejamento e sua energia, que traz à existência e empresta propósito a todas as coisas (I Cor. 8:6). b. O Filho de Deus está envolvido diretamente em cada um dos aspectos de tal criação e planejamento (João 1:1; Col. 1:16). c. Deus é o edificador de famílias, cidades e nações prósperas (I Crô. 17:10; Sal. 69:35; Jer. 18:9). d. Deus edifica o trono de Davi, tanto na nação de Israel como dentro da promessa messiânica, com alcance mundial e cósmico (Sal. 89:4). e. Deus edifica as muralhas de Jerusalém, fazendo a nação de Israel prosperar como um grande veículo espiritual (Sal. 51:18). f. A Igreja é edificada por Cristo, sobre ele mesmo, como pedra angular, e sobre os apóstolos e profetas como fundamentos (Col. 2:7; Efé. 2:21,22). Cristo é o alicerce da Igreja (I Cor. 3:11). g. Os santos são edificados em sua santíssima fé, o que os leva a prosperar espiritualmente (Judas 20). h. Os crentes são comparados a uma edificação que está sendo construída como uma entidade espiritual (I Ped. 2:4-6). i. O crescimento na graça é um processo de edificação espiritual (Col. 2:7), o que indica que se trata de um desenvolvimento gradual, passo a passo (ver Heb. 5:11-6:3). (ID S Z)

## CONSUBSTANCIAÇÃO

Vem do latim, **con**, «com», e **substantia**, «substância». Indica a doutrina promovida por Lutero, como substituta da doutrina católica romana da *transubstanciação* (que vide), a qual declara que, na *eucaristia* (que vide), o corpo e o sangue de Cristo encontram-se em uma «presença real substancial» no pão e no vinho, embora a substância desses elementos não seja em nada transformada na substância do corpo e do sangue de Cristo. Tal doutrina requer a idéia monstruosa da onipresença do corpo e do sangue de Cristo. Tal doutrina tem sido rejeitada pela maioria dos luteranos. Ver o artigo sobre *Jesus, o Pão da Vida*, quanto a explicações místicas sobre a questão. (B C P)

## CÔNSUL

Título igual à palavra latina que significa «deliberar», «considerar», «consultar». No latim, *consularis* é a forma adjetivada, com o sentido de relacionado a uma consulta. *Consulatus* refere-se ao ofício do cônsul, de onde vem a moderna palavra portuguesa *consulado*. O termo grego correspondente é *úpatos*, «supremo» (em seu ofício). Esse título indica os dois principais magistrados da república romana. Eles pertenciam à classe senatorial, servindo por um ano na cidade de Roma. Em conseqüência, recebiam postos administrativos nas províncias, quando eram então intitulados *procônsules*. Esse ofício teve prosseguimento durante o período imperial romano, embora tivesse sido alterado o seu caráter, passando a confinar-se a funções judiciais, à presidência do senado e à administração dos jogos públicos. Com freqüência, os imperadores nomeavam a si mesmos, ou a membros de suas famílias, a esse ofício. A idade avançada não era considerada um empecilho, e nem a pouca idade. Assim, Honório foi feito cônsul ao nascer. O ofício sobreviveu na porção ocidental do império romano até o século VI D.C.

Menções a esse ofício aparecem em I Macabeus 15:16, ao referir-se à comunicação feita pelo cônsul romano, Lúcio, provavelmente Lúcio Culpúrnio Piso, ao rei Ptolomeu. Declarava a amizade do senado romano e do povo judeu. A Septuaginta usa o termo para referir-se a um sátrapa, em Dan. 3:2,6,7. Tal palavra nunca aparece no Novo Testamento. (Z)

## CONSULTAR

Vem do latim **consulere**, «aconselhar-se». Em I Reis temos o termo hebraico equivalente, onde se lê que os homens se aconselharam mutuamente. Também havia a idéia de consultar a deidade, com o propósito de determinar as ações futuras e os acontecimentos futuros. De algumas vezes, os meios usados nessa consulta são especificados; de outras vezes, não. Ver Jos. 9:14; I Sam. 14:37; 23:2. Algumas vezes, um profeta era usado para ser feita essa consulta (Jer. 38:14,27). Ou então o sumo sacerdote usava o urim e o tumim (Núm. 27:21; Esd. 2:63). Certas formas de consulta eram proibidas, como aquelas dirigidas aos espíritos ou aos ídolos (Dan. 18:11; Isa. 8:19 *ss*). Os pagãos costumavam fazer esse tipo de consulta (Isa. 19:3; Eze. 21:21). Também há o famoso caso de Saul (I Sam. 28:3 *ss*). A oração é uma forma do crente consultar a vontade do Senhor. Uma vida piedosa é um dos meios do crente consultar eficazmente a Deus. A maior parte das coisas que as pessoas buscam tem base no egoísmo. Porém, a consulta a Deus deveria ser um dos meios da promoção espiritual. As orações de Paulo buscam a iluminação e o desenvolvimento espirituais. Ver Efé. 1:17 *ss*.

## CONSUMO CONSPÍCUO

Ver o artigo sobre **Veblen**, primeiro ponto. Ver o artigo geral sobre o *Capitalismo*.

## CONTAMINAR

Mais de uma dúzia de palavras hebraicas e gregas são traduzidas por «contaminar», «contaminação» ou sinônimos: *goel*, «poluição», *chalal*, «poluir»; *chanep*, «profanar»; *tame*, «tornar imundo»; *tanaph*, «contaminar»; *alal*, «rolar»; *anah*, «humilhar». Dentre essas palavras hebraicas, a mais comumente usada é *tame*, que figura por cerca de duzentas e cinqüenta vezes, como verbo, substantivo ou adjetivo (por exemplo: Gên. 34:5,13,27; Lev. 11:44; 15:31; 20:3; Núm. 5:3; 6:9; 19:13; 35:34; II Reis 23:8,10,13; Sal. 79:1; Isa. 30:22; Jer. 2:7; 32:34; Eze. 5:11; 9:7; 18:6; 43:7,8). As palavras gregas são as seguintes: 1. *Koinóo*, «tornar comum» (usada por catorze vezes: Mat. 15:1,18,20; Mar. 7:15,18,20,23; Atos 10:15; 11:9; 21:28; Heb. 9:13). 2. *Miaíno*, «tingir», «contaminar» (usada por cinco vezes: João 18:28; Tito 1:15; Heb. 12:15; Jud. 8). 3. *Molúno*, «contaminar», «tornar imundo» (usada por três vezes: I Cor. 8:7; Apo. 3:4; 14:4). 4. *Spilóo*, «manchar», «contaminar» (usada por duas vezes: Tia 3:6; Jud. 23). 5. *Phtheíro*, «corromper», «depravar» (usada por oito vezes: I Cor.,

3:17; 15:33; II Cor. 7:2; 11:3; Efé. 4:22; II Ped. 2:12; Jud. 10; Apo. 19:2).

*Contaminação entre os Judeus.* 1. Contaminação física (Can. 5:3). 2. Contaminação sexual, por relações ilícitas (Lev. 18:20), ou por relações com uma mulher durante o seu período menstrual (Lev. 15:24; I Sam. 21:5). 3. Contaminação moral ou ética (Isa. 59:3; Eze. 37:23). 4. Contaminação cerimonial. Ver o artigo geral sobre *Limpo e Imundo*. A imundícia cerimonial desqualificava a pessoa, não podendo participar do culto (Lev. 11:24; 15:19; 22:6). 5. Contaminação religiosa. Esse tipo de contaminação estava envolvido com a contaminação cerimonial, mas também envolvia o coração ou espírito, porquanto é possível alguém participar de uma reunião de culto com precisão cerimonial, mas ter um espírito corrompido (Núm. 25:33; Jer. 3:1; Mal. 1:7,12). Os líderes religiosos da época de Jesus tinham feito das contaminações cerimoniais um item muito importante, alistando inúmeras coisas, o que tornava a questão uma carga insuportável (Mar. 7:2; João 18:28), esquecendo-se assim do espírito real da lei. O ensino de Jesus sobre a contaminação sempre envolve a imundícia espiritual (Mat. 15:18; Mar. 7:19; Heb. 12:15). A exaustiva lista dos vícios, no primeiro capítulo da epístola aos Romanos, mostra-nos que os apóstolos estavam interessados em combater a contaminação moral. Ver o artigo sobre os *Vícios*, quanto a uma discussão completa a esse respeito.

## CONTAR, CONTO

No hebraico encontramos quatro palavras, cada uma das quais empregada apenas por uma vez:

1. *Hegeh*, «meditação», «declaração». Aparece em Sal. 90:9.

2. *Mispar*, «narração». Aparece em I Crô. 9:28.

3. *Mathkoneth*, «medida». Aparece em Êxo. 5:8.

4. *Token*, «peso», «medida». Aparece em Êxo. 5:18.

No grego encontramos a palavra *lêros*, que figura apenas em Luc. 24:11, que nossa versão portuguesa diz como segue: «Tais palavras lhes pareciam um como *delírio*, e não acreditaram nelas». A palavra em itálico corresponde ao orinal grego. Porém, a palavra grega tem mais o sentido de «absurdo», «despropósito», «disparate».

A tradução de Salmos 90:9 tem sido muito disputada. Há versões que dizem: «...como um conto que é relatado». Outras versões dizem:«...como a teia de uma aranha». Nossa versão portuguesa diz: «...como um breve pensamento». A tradução literal diria: «...como uma meditação». Portanto, nossa versão portuguesa é a que mais se aproxima da idéia.

Quando Moisés requereu permissão para entrarem os israelitas três dias de viagem deserto adentro, a fim de oferecerem sacrifícios a Yahweh, Faraó, o rei do Egito, replicou exigindo a «mesma conta» e a «mesma quantidade» de tijolos que os israelitas costumavam fabricar, e que ainda tivessem de ajuntar a palha que antes lhes era provida (Êxo. 5:8,18; ver também I Sam. 18:27 e I Crô. 9:28).

## CONTEMPLAÇÃO

A contemplação é um assunto muito mais vasto e profundo que a maioria dos crentes percebe. Um número demasiadamente grande de líderes religiosos fica satisfeito com o estudo bíblico e com a oração, como meios de desenvolvimento espiritual. A ênfase sobre a correção no credo tem estagnado as inclinações naturais dos homens, que buscam o Deus vivo e procuram sentir sua presença e poder.

1. *O Termo.* Contemplação vem do latim *con*, «com», e *templum*, «lugar onde são observados sinais e portentos», o que indica lugares onde se faziam adivinhações. Partindo daí, a palavra veio a significar, em sentido religioso, «meditação», a busca pelas experiências místicas, mediante exercícios espirituais, etc. O vocábulo também pode indicar qualquer tipo de hábito religioso constante, que contenha os elementos da meditação, da oração e da expectação espiritual da presença de Deus. Por esse motivo, falamos na «vida contemplativa», que aponta para esse tipo de atividade espiritual. O *templum*, naturalmente, veio a ser «templo», em português.

2. *Como Meio de Conhecimento.* A contemplação busca o conhecimento através da meditação, da intuição e das experiências místicas, e não pelas experimentações e pela percepção dos sentidos.

3. Nos escritos de *Platão*, a contemplação envolve elevados princípios espirituais e grandes realidades, como aquilo que é verdadeiro, bom e belo. Para ele, o conhecimento tem suas formas inferiores na percepção dos sentidos. E então, como que subindo os degraus da sublimidade, chegamos à razão, à intuição e às experiências místicas, como gradações possíveis do conhecimento. Nas experiências místicas, similares à contemplação, visionamos a verdade diretamente, como se a alma contemplasse o Espírito divino. O grande alvo da contemplação é a reabsorção pelo Ser divino, o que requer a contemplação feita pela própria alma. O equivalente cristão é a *visão beatífica* (que vide).

4. Nos escritos de *Aristóteles*, é o Impulsionador Inabalável (o seu deus) quem estaria envolvido, acima de tudo, na contemplação da alma. A contemplação, segundo Aristóteles, é a mais elevada e nobre atividade em que um homem pode ocupar-se. Trata-se de uma maneira de pensar sobre o ato de pensar, uma pura atividade mental, em contraste com o que é prático e poético. O ser humano parece-se mais com Deus quando se atarefa na contemplação.

5. Nos escritos de *Plotino*, a contemplação é, ao mesmo tempo, tanto uma atividade intelectual quanto uma atividade espiritual. Seu alvo é a união com o Ser divino, visto que, nessa atividade, a alma envolve-se na absorção no Ser divino, e na sua própria transformação, segundo o modelo do objeto contemplado.

6. Nos escritos de *Hugo de São Vítor*, a *contemplatio* é considerada como o terceiro e final estágio de conhecimento, na ascensão da alma, a qual deve passar, antes disso, pela *cognitatio* e pela *meditatio*, como formas de preparação.

7. De acordo com o *quietismo* do século XVII, um momento de verdadeira contemplação era reputado como o valor de mil anos de boas obras.

8. Na *Igreja Ocidental* e na *Igreja Oriental*, durante mais de um milênio, a contemplação tem sido salientada como um meio de obtenção da iluminação. Nesse sentido, a palavra é um sinônimo de *meditação* (que vide).

9. *Fora do cristianismo*, ver as idéias que circundam o assunto, sob os títulos *Moksha* e *Satori*.

10. *Negligência quanto à contemplação.* Os grupos protestantes e evangélicos, que tanto se envolvem na correção de seus credos e na ênfase sobre as doutrinas bíblicas, como a justificação pela fé, os quais também promovem o estudo bíblico e a oração como, virtualmente, os únicos meios de desenvolvimento espiritual têm negligenciado a sábia prática da contemplação. Ocasionalmente, vê-se mesmo o espetáculo de líderes religiosos que condenam

qualquer forma de meditação ou contemplação. O que eles não entendem é que a doutrina do Espírito Santo, mediante definição básica, é uma doutrina mística, que envolve o contacto real entre o espírito humano e o Espírito de Deus. O conceito do Espírito em nós residente é uma doutrina mística. Por definição básica, o misticismo (que vide) é o contacto da alma com alguma forma mais elevada de realidade espiritual. Esse contacto pode ocorrer com a porção mais alta da própria pessoa, ou com algum ser espiritual superior, como um anjo, Deus, o Filho ou o Espírito Santo. O Espírito do Senhor nos proporciona tanto a Luz interna quanto a Luz externa, e a contemplação é um dos meios pelos quais buscamos essa iluminação. Ver o trecho de Efésios 1:17 quanto à *iluminação*, e ver o artigo sobre esse assunto, nesta enciclopédia. Paulo usou a expressão «em Cristo», por mais de cento e sessenta vezes, em suas epístolas. Essa breve mas significativa expressão reflete o *Cristo-misticismo* (que vide).

11. *Relações Eclesiásticas*. A busca pela iluminação espiritual, por meio da meditação, tem sido honrada pela antiguidade, em muitos segmentos da Igreja Oriental. E mesmo no Ocidente encontramos as ordens monásticas contemplativas, como os cartusianos e carmelitas, cujos membros procuram levar vidas essencialmente contemplativas. Talvez os *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loiola sejam os escritos cristãos mais bem conhecidos, dessa natureza. Nas religiões orientais não-cristãs, naturalmente, à prática da contemplação se reserva um papel importantíssimo. (C EP H P)

## CONTENDAS

**Há seis palavras hebraicas envolvidas e cinco palavras gregas, a saber:**

1. *Din*, «contenção». Palavra hebraica que ocorre por vinte vezes. Por exemplo: Sal. 9:4; Pro. 29:7; Jer. 5:28; Pro. 22:10.

2. *Madon*, «contenda». Palavra hebraica que aparece por quinze vezes. Por exemplo: Sal. 80:6; Pro. 15:18; 29:22; Jer. 15:10; Hab. 1:3.

3. *Medanim*, «brigas», «contendas». Palavra hebraica usada por duas vezes: Pro. 10:12; 6:19.

4. *Matstsah*, «debate», «discussão». Palavra hebraica empregada por três vezes: Pro. 13:10; Isa. 58:4; Pro. 17:19.

5. *Rib*, «causa». Palavra hebraica usada por cerca de cento e quarenta vezes. Para exemplificar: Nee. 13:17,25; Jó 9:3; Isa. 49:25; Amós 7:4; Miq. 6:1; Deu. 17:8; 19:17; II Sam. 15:2; II Crô. 19:8; Jer. 25:31; Osé. 4:1; 12:2.

6. *Meribah*, «contenda», «controvérsia». Palavra hebraica usada por seis vezes: Gên. 13:8; Núm. 27:14; Sal. 106:32; Eze. 47:19; 48:28 e Sal. 95:8.

7. *Antilogía*, «contradição». Palavra grega usada por quatro vezes: Heb. 6:16; 7:7; 12:3; Jud. 11. O verbo, *antilogéo*, «contradizer», aparece por nove vezes: Luc. 2:34; 20:27; João 19:12; Atos 13:45; 28:19,22; Rom. 10:21; Tito 1:9 e 2:9.

8. *Eritheía*, «querela». Palavra grega usada por sete vezes: Rom. 2:8; II Cor. 12:20; Gál. 5:20; Fil. 1:17; 2:3; Tia. 3:14,16. O verbo, *erízo*, «querelar», aparece somente em Mat. 12:19, citando Isa. 43:2.

9. *Éris*, «briga», «contenda». Palavra grega que é empregada por nove vezes: Rom. 1:29; 13:13; I Cor. 1:11; 3:3; II Cor. 12:20; Gál. 5:20; Fil. 1:15; I Tim. 6:4; Tito 3:9.

10. *Máche*, «contenda», «batalha». Palavra grega usada por quatro vezes: II Cor. 7:5; II Tim. 2:23; Tito 3:9; Tia. 4:1. O verbo *máchomai*, «contender», também aparece por quatro vezes: João 6:52; Atos 7:26; II Tim. 2:24; Tia. 4:2.

11. *Philoneikía*, «contenda», «disputa». Palavra grega utilizada por apenas uma vez, em Luc. 22:24. O adjetivo *philóneikos*, «disputador», também só aparece por uma vez, em I Cor. 11:16.

Salomão nos dá a razão do espírito contencioso, quando diz: «Lança fora o escarnecedor, e com ele se irá a contenda; cessarão as demandas e a ignomínia» (Pro. 22:10). O espírito briguento, contencioso, é próprio dos inconformados com as coisas como elas são. Essa atitude negativa é muito bem retratada por Judas: «Estes, porém, quanto a tudo o que não entendem, difamam; e, quanto a tudo o que compreendem por instinto natural, como brutos sem razão, até nessas cousas se corrompem» (Jud. 10). Essa atitude é muito bem ilustrada no caso de Abraão, Ló e seus respectivos pastores. Estes últimos entraram em contenda, mas Abraão, que era dotado de outras atitudes, procurou entender-se com Ló, dizendo-lhe: «Não haja contenda entre mim e ti, e entre os meus pastores e os teus pastores, porque somos parentes chegados» (Gên. 13:7,8). Essa passagem, pois, mostra-nos que o afeto e a cordialidade são a vacina para o espírito contencioso. Acima de meros interesses materiais, que poderiam levar à controvérsia, Abraão punha o valor maior do parentesco.

O espírito contencioso faz parte das obras da carne. Esse espírito manifesta-se de vários modos, conforme se vê em Gálatas 5:20,21: «...inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissenções, facções, invejas...»

**As diversas palavras hebraicas** usadas no Antigo Testamento para expressar essa atitude carnal demonstram a gravidade desse pecado. Todavia, há um aspecto da questão que é pouco ventilada. É que Deus mostra-se contrário aos que lhe são desobedientes, que lhe fazem oposição. Enquanto o povo de Israel foi obediente, Deus os abençoou com sua graça providencial; no entanto, quando eles se rebelaram, Deus mostrou-se o grande opositor deles. Isso é bem expresso em Miquéias 6:2: «Ouvi, montes, a controvérsia do Senhor, e vós, duráveis fundamentos da terra; porque o Senhor tem controvérsia com o seu povo, e com Israel entrará em juízo». É que, ocasionalmente, a controvérsia está baseada em uma «causa» justa. A perversidade e maldade dos homens provocam a Deus, —que se sente forçado a defender o direito e a justiça. Nunca isso se tornará mais evidente do que nos dias finais de nossa era: «...o Senhor tem contenda com as nações, entrará em juízo contra toda carne; os perversos entregará à espada, diz o Senhor» (Jer. 25:31). Essa idéia é reiterada em Oséias 4:1: «...o Senhor tem uma contenda com os habitantes da terra; porque nela não há verdade, nem amor, nem conhecimento de Deus». Esse aspecto da questão exibe o aspecto punitivo do trato de Deus com os homens: «O Senhor também com Judá tem contenda, e castigará Jacó segundo o seu proceder; segundo as suas obras o recompensará» (Oséias 12:2). O remédio para esse juízo divino encontra-se quatro versículos adiante: «...converte-te a teu Deus, guarda o amor e o juízo, e no teu Deus espera sempre» (Osé. 12:6).

Talvez nenhuma passagem do Antigo Testamento seja mais ilustrativa do espírito contencioso e provocador a Deus do que o caso de Meribá, relatado em Êxodo 17:1 *ss*. Comentando a esse respeito, diz o salmista: «Não endureçais o vosso coração, como em Meribá, como no dia de Massá, no deserto; quando

vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, não obstante terem visto as minhas obras. Durante quarenta anos estive desgostoso com essa geração, e disse: «É povo de coração transviado, não conhece os meus caminhos. Por isso jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso» (Sal. 95:8-11). Ali vemos que o espírito contencioso equivale a submeter Deus a teste. Tal espírito merece, da parte de Deus, a atitude de repúdio e reprovação. O Espírito de Deus nos ensina, nesse Salmo, que o contencioso é assim contrário porque desconhece os caminhos do Senhor. Esse espírito de conflito com Deus só pode colher o amargo fruto que dali resulta. Os contenciosos levam Deus a resolver que eles não serão salvos.

*O Espírito Contencioso no Novo Testamento.* O crente aparece nas páginas do novo pacto como alguém que, mediante a autodisciplina e a ajuda do Espírito transformador, vai eliminando os vícios e cultivando as virtudes que são opostas a esses vícios. Visto que ainda trazemos bem vivo em nós a natureza adâmica, enquanto estivermos deste lado da existência haveremos de manifestar essa tendência para as querelas, dissensões, controvérsias, etc. Nos primeiros estudos sobre o temperamento, os psicólogos antigos pensavam que esse espírito contencioso se devia a um excesso de bílis, o que tornaria a pessoa amarga e negativa acima do normal. Isso é até possível, mas não como uma causa em si, e, sim, como estado resultante do espírito contencioso. A causa está na alma, podendo haver, quem sabe, um efeito *psicossomático*. O homem, em seu estado natural e de perdição, acha-se em estado de revolta contra Deus. Isso reflete-se também na dimensão horizontal, azedando e amargurando todo o relacionamento humano. Ora, não convém que o crente continue nesse estado. Daí as muitas injunções e instruções neotestamentárias a esse respeito. Existem contenções de várias espécies. Há os «debates sobre a lei» (Tito 3:9, cf. II Tim. 2:23); há a «mania por questões e contendas de palavras» (I Tim. 6:4); há as «sedições» que podem levar ao homicídio (Luc. 23:19; Atos 24:5).

Que os crentes não são curados facilmente da tendência muito humana e carnal, verifica-se através das palavras dirigidas por Paulo aos crentes, em I Cor. 11:16: «Contudo, se alguém quer ser contencioso, saiba que nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus».

Queremos concluir observando que se a tendência de muitos estudiosos liberais é o ceticismo diante do elemento miraculoso, a tendência de muitos estudiosos fundamentalistas é o espírito contencioso. Precisamos evitar tanto aquele quanto este extremo. A todos nós cabe atentarmos às palavras de Paulo: «Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e, sim, deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente; disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento, para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez...» (II Tim. 2:24-26).

De acordo com Tiago, o espírito faccioso não reflete a sabedoria que vem do alto, mas antes, é «terrena, animal e demoníaca» (Tiago 3:14,15). A atitude oposta já é uma grande virtude. Tiago a descreve com estas palavras: «A sabedoria, porém, lá do alto, é primeiramente pura; depois pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento» (Tia. 3:17). Quem herdará a terra? Os contenciosos? Não, os mansos. (Ver Mat. 5:5).

Um inquebrantável espírito contencioso, no dizer do apóstolo dos gentios, é sinal seguro da perdição dos que o toleram em suas vidas: «Evita o homem faccioso, depois de admoestá-lo primeira e segunda vez, pois sabes que tal pessoa está pervertida e vive pecando, e por si mesma está condenada» (Tito 3:10,11). A mansidão é sinal de fortaleza espiritual; os grandes homens de Deus foram mansos. Acerca de Moisés ficou registrado: «Era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra» (Núm. 12:3). Em contraste, o espírito contencioso reflete a falta de desenvolvimento espiritual. Portanto, evitemos o espírito contencioso e cultivemos a mansidão.

## CONTENDER, CONTENDA

**Há muitas palavras hebraicas e gregas** por detrás dessa tradução, referindo-se a disputas e hostilidades, motivadas por desígnios egoístas, pelo orgulho e pela má vontade. As palavras hebraicas são, no mínimo, oito, com o sentido de «contender», «esforçar-se», «entrar em juízo», «preocupar-se», «contenda», «debate». Os termos gregos envolvidos são os seguintes:

1. *Diakríno*, «julgar de modo diferente». Verbo grego que ocorre por dezenove vezes: Mat. 16:3; 21:21; Mar. 11:23; Atos 10:20; 11:2,12; 15:9; Rom. 4:20; 14:23; I Cor. 4:7; 6:5; 11:29,31; 14:29; Tia. 1:6; 2:4; Jud. 9:22.

2. *Epagonízomai*, «contender». Verbo grego que aparece por apenas uma vez, em Jud. 3.

3. *Agón*, «contenda». Substantivo grego que figura por seis vezes: Fil. 1:30; Col. 2:1; I Tes. 2:2; I Tim. 6:12; II Tim. 4:7; Heb. 12:1.

4. *Éris*, «briga», «contenda». Substantivo grego que é usado por nove vezes: Rom. 1:29; 13:13; I Cor. 1:11; 3:3; II Cor. 12:20; Gál. 5:20; Fil. 1:15; I Tim. 6:4 e Tito 3:9.

5. *Eritheía*, «contenda». Substantivo grego usado por sete vezes: Rom. 2:8; II Cor. 12:20; Gál. 5:20; Fil. 1:17; 2:3; Tia. 3:14,16.

6. *Paroksusmós*, «disputa acalorada». Substantivo grego empregado por duas vezes: Atos 15:39 e Heb. 10:24.

Em Gálatas 5:19,20, esse ato é alistado entre as obras da carne, dentro da lista de vícios preparada por Paulo. Tito foi admoestado a evitar o espírito contencioso (Tito 3:9). Tal ato é pecaminoso quando impulsionado pela ira ou pelo egoísmo. No entanto, pode ter um aspecto positivo quando é usado em defesa da fé (Jud. 3). Ver o artigo geral sobre os *Vícios*. Na nossa transformação espiritual gradual, aprendemos a pôr de lado todas essas atitudes e ações, embora a lição precise de muito tempo para ser aprendida, porquanto o homem é um ser decaído, realmente muito distante de Deus. O homem chega a apresentar os seus vícios como se fossem virtudes, em autodefesa e fingida justa indignação.

## CONTENTAMENTO

**Há uma palavra hebraica e três palavras gregas** diretamente envolvidas, a saber:

1. *Yaal*, «estar satisfeito». Palavra hebraica que aparece por onze vezes com esse sentido. Por exemplo: Êxo. 2:21; Jos. 7:7; Juí. 17:11; 19:6; II Reis 5:23; 6:3; Jó 6:28.

2. *Arkéo*, «considerar suficiente». Palavra grega que ocorre por oito vezes: Mat. 25:9; Luc. 3:14; João 6:7; 14:8; II Cor. 12:9; I Tim. 6:8; Heb. 13:5 e III João 10.

3. *Autárkes*, «auto-suficiente». Palavra grega que figura apenas por uma vez, em Fil. 4:11.

4. *Poiéo tò ikanón*, «fazer o suficiente». Expressão grega que aparece somente em Mar. 15:15.

O contentamento consiste naquela perfeita fé ou confiança que torna o crente independente das circunstâncias externas (Fil. 4:11; I Tim. 6:7,8). Assim sendo, o crente tem confiança no seu destino final, sabendo que tudo foi adredemente preparado pela providência misericordiosa de Deus. O homem destituído de fé, porém, não tem a certeza de que Deus fez provisão acerca do que ele precisa realizar. Na verdade, nem tem certeza se tem uma missão na terra, pelo que olha para este mundo como se o mesmo fosse governado pelo puro acaso e pelo caos. O contentamento também está alicerçado sobre o espírito de humildade. Algumas pessoas são por demais orgulhosas e egoístas para se contentarem com pouca coisa, dilapidando seus poderes físicos e mentais na tentativa de acumular coisas que lhes confiram segurança. O crente contente, porém, não se deixa perturbar pela inveja, pela competição e pela ansiedade (Tia. 3:16; Mat. 6:25,26). As Escrituras consideram o contentamento uma virtude, recomendando-o por diversas vezes (Luc. 3:14; Heb. 13:5). O contentamento está associado à piedade, pelo que também faz parte do desenvolvimento espiritual (I Tim. 6:6). A espiritualidade de Paulo exibia grande dose de contentamento (Fil. 4:11; I Tim. 6:8).

**Convém distingamos o contentamento da inércia.** Paulo conseguia estar contente e trabalhar arduamente, ao mesmo tempo. Parte do seu segredo consistia no fato de que ele não cobiçava as coisas materiais que excitam a maioria das pessoas. Os filósofos epicúreos (que vide), reputavam o contentamento como uma das principais virtudes, pois se o prazer, para eles, era o alvo da existência humana, esse prazer precisava ser apreciado em meio ao espírito contente, salientando os prazeres mentais, e não os prazeres carnais. Eles empregavam a palavra grega *ataraxia*, «tranqüilidade», «calma», para indicar uma espécie de estado mental sereno e imperturbável, o que, para eles, representava um grande prazer. Uma antiga canção popular falava sobre o homem dotado de mente contente. Os filósofos que promoveram esse ideal, foram: Demócrito, Epicuro, Pirro e Lucrécio. Cada um deles merece um artigo separado, nesta enciclopédia. A *apatia* dos estóicos ia além dos requisitos próprios da *ataraxia*, porquanto envolvia uma total liberdade de toda forma de emoção, positiva ou negativa, visto que, segundo a doutrina estóica, das emoções é que procedem todos os nossos sofrimentos.

O contentamento cristão envolve mais do que alguma emoção humana. Não depende da pessoa ajustar-se ao *status quo*. Antes, trata-se de uma convicção íntima de que nenhum mal pode sobrevir ao homem piedoso, porquanto Deus proveu para ele tudo quanto é necessário, em todas as ocorrências de sua vida, durante todos os seus dias. Trata-se também de uma influência do Espírito Santo, sobre a maneira do crente olhar para as coisas. É o contrário da petulância, do egoísmo e da ansiedade. Exclui a inveja (Tia. 3:16), a avareza (Heb. 3:5) e o espírito queixoso (I Cor. 10:10). Um crente contente não entra em pânico quando seus recursos materiais escasseiam, porquanto ele sabe que a Fonte de todos os recursos jamais perde o seu poder. Mais do que isso, Deus nunca perde o interesse por qualquer de seus filhos. O contentamento consiste em uma feliz dependência de Deus, mostrando-se humilde, isento de lutas insanas em prol das coisas materiais. Os cuidados do Pai celeste por seus filhos torna a ansiedade tanto desnecessária quanto pecaminosa (Mat. 6:25-34). Alguns indivíduos chegam a tentar obter vantagens materiais por serem religiosos (I Tim. 6:5). Mas a piedade é o maior de todos os lucros e vantagens.

## CONTEXTUALISMO

Uma teoria referente à interpretação estética, que afirma que uma obra de arte deveria ser compreendida em seu contexto cultural total, e que cada obra de arte está historicamente condicionada. Esse conceito pode ser contrastado à idéia do isolacionismo (que vide).

## CONTINÊNCIA

Essa palavra indica a temperança e a restrição em relação a qualquer tipo de apetite. Geralmente é usada no tocante ao apetite sexual, em tal caso refere-se à *abstinência* sexual, embora os dicionários definam de modo bastante lato a palavra, incluindo a idéia de *moderação* na atividade sexual, com vistas à manutenção da castidade. Nessa conexão, Paulo ensinou tanto a abstinência quanto a moderação. Ver o sétimo capítulo de I Coríntios. Para ele, porém, a abstinência não se reduz a alguma lei eclesiástica, mas antes, é uma prática que deve ser ditada por decisão voluntária de quem a pratica, tendo em vista o cultivo da espiritualidade. Quanto à controvérsia que gira em torno dessas idéias, ver o artigo separado sobre o *Celibato*. Não há que duvidar que Paulo considerava o celibato uma elevada virtude em potencial, contanto que levada a efeito com os propósitos corretos. Mas ele nunca fez do celibato uma obrigação para o clero. De fato, ele sugeriu o celibato para todos os cristãos, indistintamente, e não, especificamente, para a classe clerical. Em um sentido secundário, a teologia cristã tem usado a palavra «continência» para indicar a abstinência sexual, fora do casamento. E Jesus também promoveu o ideal da monogamia (Mat. 19:3 *ss*).

Em um sentido mais geral, as traduções usam a palavra «continência», e seus sinônimos, como «temperança» e «moderação», para aludirem ao autocontrole e à satisfação moderada de qualquer apetite. Paulo empregou a ilustração do atleta que desiste de muitas coisas, disciplinando-se, a fim de poder desenvolver as aptidões necessárias para triunfar na luta (I Cor. 9:25). No trecho de Gálatas 5:23, aparece, no original do Novo Testamento, o vocábulo grego *egkráteia*, «autocontrole» ou «moderação», indicando um dos aspectos do fruto do Espírito. Com base nisso aprendemos que nossos apetites normais só podem ser devidamente controlados com a ajuda da influência e das operações do Espírito Santo.

## CONTINGÊNCIA

Esse vocábulo vem do latim **contingere**, «acontecer». A palavra é usada na filosofia e na teologia de várias maneiras, a saber:

1. São contingentes aquelas entidades que não precisam existir, o que significa que sua existência deriva-se de alguma outra fonte, da qual dependem para continuar existindo. Nesse sentido, todos os seres são contingentes, com a exceção única de Deus. Essa palavra pode ser contrastada com o termo *necessário*, que designa Deus como o Ser que não pode deixar de existir.

2. *No Tocante a Eventos*. Os acontecimentos que não precisam ocorrer são reputados como contingentes. Porém, os eventos que precisam ocorrer são chamados «necessários». Parece que na vida de cada pessoa há eventos contingentes e eventos necessários. Os acontecimentos necessários controlam o desdobrar geral da vida. Os acontecimentos contingentes podem ser simplesmente caóticos, resultantes de causas secundárias. Sobre estes últimos, exercemos algum controle. Mas os acontecimentos necessários evidentemente fazem parte das escolhas feitas, pelo menos no caso das almas mais bem desenvolvidas. Estou especulando aqui que a alma humana é preexistente, participando das decisões que determinariam o tipo de vida que ela viria a ter neste mundo, com todos os seus eventos e alvos. O desígnio divino é o grande fator controlador dos eventos necessários. E os eventos contingentes podem ser harmonizados com o desígnio divino.

3. *Quanto a Proposições*. Uma proposição contingente é aquela que não é necessariamente veraz. Alguns filósofos abandonaram totalmente a tentativa de descobrir alguma verdade necessária, supondo que esse tipo de verdade só pode ser concebido na matemática, nas proposições analíticas e nas tautologias, como: «Este quadro negro é preto». De acordo com esse ponto de vista, pois, todo o conhecimento é apenas contingente, e a própria vida deve ser vivida em consonância com princípios pragmáticos, em meio a uma atitude cética no que concerne à verdade e ao conhecimento. Ver o artigo sobre o *Ceticismo*. Ver também sobre o *Positivismo* e sobre o *Positivismo Lógico*.

4. *Quanto ao Tempo*. O futuro é considerado uma contingência, por alguns pensadores, e uma necessidade, por outros. Ver sobre o *Determinismo* e sobre o *Livre-Arbítrio*. Partindo da idéia de que o futuro é contingente, alguns supõem que ninguém, nem mesmo Deus, pode prever o futuro. Se o futuro é necessário, porém, pode ser previsto tanto pelo homem quanto por Deus. Entretanto, Agostinho demonstrou que Deus pode prever um futuro contingente, e também que, ao prever o futuro, Deus não o torna necessário. Isso é verdade porque Deus pode prever que um homem agirá livremente, e que certos acontecimentos terão lugar de forma contingente. E isso significa que a presciência de Deus está por detrás da contingência, e não dos acontecimentos necessários, inevitáveis. A verdade parece ser que certos eventos futuros são necessários, para a vida cósmica, humana e individual, ao passo que outros eventos são contingentes.

5. *Uma Prova da Existência de Deus*. Tomás de Aquino (que vide) alicerçou uma de suas cinco provas tradicionais da existência de Deus sobre os princípios da contingência e da necessidade. Ver o artigo sobre os *Cinco Caminhos* de Tomás de Aquino. Todos os seres são contingentes, com a única exceção de Deus. Isso quer dizer que todos os seres estão sujeitos à extinção final. Para que qualquer coisa exista, torna-se mister que o *Ser Necessário*, Deus, exista como fonte dos seres e coisas contingentes. Essa prova, porém, contém a falácia de fazer todas as coisas saírem da existência ao mesmo tempo, o que não precisamos supor. Por outra parte, há uma certa lógica nessa prova que é bastante sugestiva. A intuição e a razão parecem dizer-nos que para que qualquer coisa exista deve haver um Ser necessário. Os mistérios da criação simplesmente são grandes demais para que possamos supor que a contingência é a regra da vida.

6. *A Contingência, a Necessidade e o Plano de Redenção*. A questão da contingência entra no campo da soteriologia. Embora a alma humana sobreviva à morte biológica, ainda assim, pela lógica, ela poderia deixar de existir, visto que se trata de um ser contingente. Porém, quando a alma remida vem a participar da natureza divina (ver II Ped. 1:4), ela torna-se um ser necessário, devido ao próprio fato de que ela atingiu uma espécie de vida que não pode deixar de existir. O Pai deu essa vida necessária ao Filho; e o Filho dará essa vida aos filhos de Deus, por ocasião da ressurreição dos remidos (João 5:25,26). Isso ocorre mediante a transformação do homem segundo a imagem do Filho (Rom. 8:29; II Cor. 3:18). Portanto, o que é contingente, tornar-se-á necessário. Desse modo, os homens deixarão de ser apenas eternos, tornando-se verdadeiramente *imortais*. Ver o artigo geral sobre a *Imortalidade*.

7. *A Necessidade Torna Necessária a Contingência*. Alguns filósofos, como Avicena (que vide), supõem que o homem, na qualidade de ser contingente, recebe uma espécie de necessidade pelo fato que Deus, o Ser necessário, por sua soberana vontade, decreta que certas contingências não podem deixar de existir. Em conseqüência disso, apesar dessas coisas não serem necessárias por sua própria natureza, são preservadas pela vontade de Deus.

## CONTINUUM

Esse é um conceito da realidade, ou uma dimensão desse conceito, que afirma que a realidade deverá continuar para sempre. A idéia pode incluir o pensamento adicional de que essa realidade sempre existiu. Os eventos que envolvem o espaço e o tempo parecem ocorrer em sucessão; mas a própria realidade não pode ser dividida dessa maneira. A expressão cunhada por Dewey (que vide), «means-end continuum» indica aquelas coisas que buscamos como alvos ou fins, mas somente enquanto não se concretizam. Uma vez atingidos, eles tornam-se novos começos, o que prossegue indefinidamente. Nesse sentido, não existem fins fixos na natureza.

*O Grande Continuum*. Essa expressão pode ser usada para referir-se à própria vida. Apesar da vida envolver sucessivos acontecimentos, que entram e saem de muitas crises, com suas alegrias e tristezas, como seus aparentes começos (como os nascimentos) e com seus aparentes fins (como a morte), na verdade ela constitui um grande continuum. Prossegue interminavelmente, e nós, de diferentes maneiras, sempre a acompanhamos.

## CONTRABANDO

Trata-se do ato de fazer sair ou entrar de um país, estado ou território, algum item proibido por lei, ou cuja venda é controlada ou taxada, com o intuito dos contrabandistas não arcarem com as despesas alfandegárias. Todo contrabando visa aumentar os lucros das vendas dos artigos contrabandeados, mediante o não pagamento dos impostos que incidem sobre os mesmos. De outras vezes, o termo aplica-se a pessoas que se mudam de um lugar para outro, contrariamente à vontade expressa pelas autoridades do governo. Armamentos são freqüentemente contrabandeados para forças guerrilheiras ou para nações beligerantes, desobedecendo às leis dos países de onde essas armas saem e onde entram. Com freqüência, até mesmo diplomatas, e não somente criminosos comuns e fanáticos, envolvem-se nessa forma de contrabando. O termo «contrabando» vem do espanhol e do italiano, onde o sentido é «contra a lei». No italiano, *contra*, «contra», e *bando*, «lei». Mais remoto ainda é o vocábulo latino *bannum*, «lei». De acordo com o

décimo terceiro capítulo da epístola aos Romanos, os crentes não podem praticar o contrabando, exceto em certos casos de abuso de autoridade, quando Bíblias são introduzidas disfarçadamente para os países onde sua publicação é proibida por lei.

## CONTRACEPTIVOS

Ver os artigos sobre *Aborto* e *Controle de Natalidade*. Um contraceptivo é qualquer meio, natural ou artificial, mediante o qual o concepção é impedida. O artigo sobre o controle de natalidade aborda a moralidade envolvida nessa prática.

## CONTRACONVERSÃO

Uma contraconversão ocorre quando uma pessoa, que fazia parte de um sistema qualquer, aceitando suas várias regras e doutrinas, passa a aceitar outro sistema, que ele considera mais avançado ou frutífero. Algumas vezes, essa mudança é acompanhada por grande conflito mental, ou por rejeição da pessoa envolvida, por parte de outras. As pessoas envolvidas, porém, consideram o fato um desenvolvimento religioso ou espiritual. Mas aqueles que não concordam com elas, geralmente consideram-nas hereges ou mesmo apóstatas. Alguns dos melhores líderes religiosos e dos mais produtivos escritores religiosos, têm passado por esse tipo de experiência. No entanto, certos casos parecem envolver mais um retrocesso do que um avanço, quando as pessoas passam a fazer parte de seitas exclusivistas e pessimistas, caracterizadas por atitudes mentais depressivas.

## CONTRADIÇÃO

No latim, **contra**, «contra» e **dicere**, «dizer». Em outras palavras, afirmar ou fazer algo que é contra alguma coisa que outrem disse, ou é algo feito de uma maneira diferente do que seria normal esperar. Nas proposições, indica uma assertiva simultânea e negação de uma proposição qualquer, que ocorre dentre ou entre pressupostos ou assertivas em choque. Uma contradição também pode ocorrer posteriormente, em alguma declaração falada ou escrita, contradizendo algo que fora dito ou escrito em ocasião anterior. De outras vezes, o termo é usado para indicar os conflitos e as tensões. Por exemplo: «Há muitas contradições na sociedade», frase que pode significar apenas que há muitas tensões e conflitos na sociedade humana.

*Contradições Bíblicas*. Os céticos são capazes de encontrar algumas contradições na Bíblia, e algumas delas parecem genuínas. Os estudiosos ultraconservadores têm uma resposta engatilhada para cada uma dessas alegações, mas algumas dessas respostas envolvem falsidade. Há duas falácias envolvidas nessa questão. A primeira, é que os céticos equivocam-se ao suporem que a Bíblia deixa de ser um guia moral e espiritual, porque algumas contradições podem ser encontradas na mesma. Isso é exigir mais da Bíblia do que ela declara acerca dela mesma. A teoria do balão diz que se alguém fizer uma perfuração em um lugar do balão, todo o ar ali contido sairá pelo buraco, e que o balão entrará em colapso. Porém, a Bíblia e a fé cristã não se assemelham a um balão. A *segunda* falácia é a dos defensores fanáticos da Bíblia, que sentem ser necessário agarrarem-se a essa teoria do balão furado. No entanto, a espiritualidade não opera desse modo. Não precisamos de um livro perfeito para que o Espírito de Deus opere em nossas vidas, utilizando-se de princípios espirituais genuínos, que nos são oferecidos nas Sagradas Escrituras. Acresce-se a isso que a revelação bíblica, embora poderosíssimo meio de comunicações divinas, em nenhuma página da Bíblia é declarada perfeita, necessariamente. Os homens é que dizem tal coisa. Mas a Bíblia nunca afirma tal conceito. O conflito inteiro a respeito das contradições da Bíblia é um jogo que crianças costumam brincar. Não produz qualquer efeito sobre a fé e a espiritualidade.

**Contradições Teológicas**. Essa é uma porção necessária de qualquer teologia, a menos que o sistema seja tão perfeito que se torne falso, ou parcialmente falso. Para ilustrar, consideremos o caso das várias narrativas sobre a ressurreição de Jesus, nos quatro evangelhos. É impossível a harmonização das mesmas. Porém, longe disso laborar contra a veracidade do fato descrito, isso contribui para a credibilidade do relato. Se a Igreja cristã pudesse harmonizar tais narrativas, poderia tê-lo feito. Antes, os crentes primitivos deixaram esses relatos tais e quais foram escritos. Esses relatos apareceram sob forma fragmentar, porquanto foram redigidos apressadamente, com profundo senso de urgência. Isso demonstra que um evento muito incomum havia ocorrido, que não foi abordado de maneira racional ou sistemática. A própria revelação divina veio à existência dessa maneira apressada. A epístola aos Hebreus refere-se à natureza fragmentar e diversificada da revelação divina (Heb. 1:1). Qualquer teologia que seja perfeitamente sistemática e isenta de paradoxos, na realidade é uma *humano*logia. Por causa de sua própria natureza, a *teo*logia deve conter seus *paradoxos* (que vide). Muitas verdades só podem ser entendidas se considerarmos os pólos opostos da verdade, e não apenas um dos lados da questão envolvida. Muitas verdades parecem ser contraditórias com outras, como o livre-arbítrio humano e o determinismo divino, cujos lados compõem uma verdade mais ampla, embora não compreendamos exatamente como. Sucede que alguns defendem um dos pólos, como o do livre-arbítrio humano, ao passo que outros defendem o pólo do determinismo humano; porém, esses são pólos opostos de alguma verdade maior, que não foi nitidamente enfocada para nós, nas Escrituras, porquanto as coisas ocultas pertencem a nosso Deus, e as reveladas nos pertencem. A luta toda consiste em formular teologias sistemáticas que não distorçam alguma verdade, a fim de promover outra. Mas, de algumas vezes, esse conflito é simplesmente fictício, e não envolve qualquer contradição autêntica.

*Contradições Morais*. Essas têm lugar quando uma pessoa faz algo que contradiz seu caráter normal e aprovado, ou contradiz coisas nas quais ela afirma acreditar. Todas as pessoas, mui freqüentemente, estão envolvidas nisso, porquanto é nisso que consiste o *pecado*. Quanto mais uma pessoa sabe, e quanto maior for a experiência de um crente, mais clamorosas são as suas contradições.

## CONTRA-EXEMPLO

Trata-se de algum exemplo dado para mostrar que alguma proposição é falsa, ou essencialmente falsa. Por exemplo: «Todos os cisnes são brancos». Se alguém encontrar um único cisne negro, então ficará imediatamente demonstrado que aquela proposição, supostamente universal, é falsa. Os contra-exemplos têm importância nas pesquisas científicas, a fim de refinar proposições. Uma longa série de testes pode mostrar, aparentemente, uma verdade da qual

podemos depender. Mas, um único contra-exemplo pode mostrar que tal proposição é falsa ou parcialmente falsa. Por outra parte, a importância dos contra-exemplos pode ser exagerada. Uma proposição realmente veraz pode ter grande valor, não devendo ser rejeitada por causa de alguma exceção. Há necessidade de investigação, para que se verifique o porquê de tal exceção.

No campo da *teologia*, esse princípio pode operar quando abordamos trechos bíblicos aparentemente contraditórios, o que se tem tornado um instrumento para os céticos atacarem a fé religiosa. No campo da *moral*, os contra-exemplos são aqueles de natureza negativa, que *não* devem ser seguidos. Assim, no episódio do homem rico, ele estava interessado somente em obter mais e mais bens materiais; mas, subitamente, sua alma lhe foi requerida (Luc. 12:20). Esse é um exemplo que deve ser evitado, porquanto labora contra as realidades espirituais.

## CONTRA-REFORMA

Ver sobre a **Reforma Católica**.

## CONTRATOS

A feitura de contratos, com o intuito de controlar todas as formas de negociação, além de muitos outros atos e atividades humanas, tem uma história muito antiga. Os contratos podem envolver tratados, pactos, alianças, hipotecas, venda e compra de mercadorias, testamentos, casamentos, etc. Há várias menções bíblicas a essa prática, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 21:27,30,31; 26:28,29; 31:50; I Sam. 11:1,2; Nee. 9:38; 10:1; Eze. 17:12-20; Luc. 6:34. A legislação mosaica proibia a quebra de um contrato (Núm. 30:2,4,12)! Legalmente falando, um contrato é um acordo entre duas pessoas, que se dispõem a ganhar ou perder coisas especificadas. Um contrato impõe obrigações estipuladas a ambos os lados envolvidos. Para os crentes, um contrato põe em jogo sua honestidade e sua qualidade espiritual, porquanto fica entendido que os crentes têm a obrigação moral de agradar a Deus em qualquer empreendimento, e não somente a obrigação moral de agradar àqueles que fizerem algum contrato com eles. Um crente está na obrigação de cumprir plenamente todas as estipulações contratuais, a menos que, entrando em acordo com a outra parte, um contrato seja anulado ou modificado. Surge para os crentes um dilema, quando a outra parte não cumpre o seu lado no contrato. Um crente não tem a permissão bíblica de levar outros crentes diante dos tribunais seculares, para solucionamento de tais disputas (I Cor. 6:1 *ss*), mas essa regra não se aplica, necessariamente, no caso de contratos quebrados por pessoas incrédulas. Todavia, a longanimidade é uma boa prática cristã (Mat. 5:39,40), embora haja casos em que a perda justifica a ação legal contra aquele que fugiu de suas obrigações contratuais.

## CONTRIÇÃO

As palavras hebraicas envolvidas são:

1. *Dakka*, «contrito», «ferido». Esse termo é usado por vinte e cinco vezes (por exemplo: Sal. 34:18; Isa. 57:15; Sal. 51:17).

2. *Nakeh*, «ferido». Palavra usada por apenas uma vez, com esse sentido, em Isa. 66:2. Com o sentido de aleijado é usado por duas vezes: II Sam. 4:4; 9:3.

Em todas essas referências, menos nas do livro de II Samuel, o sentido é metafórico. Assim, o coração sente-se ferido e esmagado, sob o peso e o choque do pecado. O Espírito sente-se humilhado e quebrantado por ter-se envolvido no que é errado. A pessoa espiritualmente sensível é dotada de uma consciência ativa, que envia dardos sobre os sentimentos conscientes, quando há alguma contradição moral na vida da pessoa. O arrependimento (que vide), quando a pessoa muda inteiramente de rumo, é necessário para que haja uma contrição curadora.

*Uso Eclesiástico*. O vocábulo *attritio* era usado na teologia medieval para indicar o arrependimento originado no medo. Já a palavra *contritio* indicava o arrependimento acompanhado pelo amor a Deus, com o propósito de abster-se do pecado e de corrigir-se do erro ou erros praticados. Alguns estudiosos medievais caíram no erro de pensar que o *attritio* é suficiente para o perdão dos pecados, se acompanhado pela indulgência respectiva, que podia ser comprada a dinheiro. Lutero, em suas Noventa e Cinco Teses, usou a palavra latina correspondente a *contrição* com o intuito de mostrar a necessidade do verdadeiro arrependimento; e, naturalmente, ele rejeitava o sistema inteiro das indulgências (que vide). Os homens sempre anseiam por desviar-se para atalhos, quando querem chegar à espiritualidade.

De acordo com a teologia católica romana, a contrição é um dos elementos da penitência (que vide). Nessa teologia, haveria três passos. O primeiro seria a *contrição*, a tristeza pelo pecado, lado a lado com a intenção de não continuar na prática do mesmo. O segundo seria a *confissão*, o reconhecimento dos próprios pecados, aos ouvidos de um sacerdote. O terceiro seria a *satisfação*, quando a pessoa cumpre certos atos prescritos, como jejum, esmolas, rezas, reparação, a fim de pagar por seus erros.

**O perdão dos pecados e atitudes diferentes**. Na base de João 20:23, a Igreja Ocidental acredita que o perdão dos pecados, embora num sentido *final*, pertence somente a Deus, num sentido *secundário*, e *real*, está nas mãos do clero. Isto quer dizer que os pecados são realmente perdoados através do ministério da Igreja, e os homens precisam disto para serem perdoados, menos em casos excepcionais. Os *protestantes* negam esta possibilidade, afirmando que o perdão dos pecados se realiza somente pelo próprio ato de Deus. Afirmam também que mesmo se os apóstolos originais receberam este poder, é um pulo de fé bastante grande supor que seus sucessores receberam o mesmo. É um dogma que garante isto, não as próprias escrituras. No nível popular, pela ação de ministros não espirituais, muitos abusos têm entrado no quadro, com o resultado de que os ricos podem pecar, pagar e ser perdoados, enquanto que os pobres não têm este privilégio. Os mais esclarecidos e espirituais ministros da Igreja Ocidental também deploram os abusos. Pessoalmente, acho que a interpretação da Igreja Ocidental de João 20:23 está equivocada. Ver a exposição no NTI. Em todas as nossas atitudes, palavras e ações, devemos observar a lei do amor, que é a própria medida da nossa espiritualidade. Não observar esta lei é *pior* do que interpretar mal os versículos da Bíblia. A Bíblia exige uma reparação prática da parte da pessoa que prejudica outras pessoas. No sentido absoluto, Cristo na sua *expiação* (que vide), fez a reparação que agrada a Deus. (B E H)

## CONTROLE DE NATALIDADE

Ver os artigos relacionados: aborto, anticoncepcionais, esterilização, controle da população. O tema

do *controle de natalidade* aparece nesta Enciclopédia porque se reveste de muitas implicações morais, e porque, ultimamente, é um assunto muito debatido por teólogos e filósofos morais. O controle da natalidade busca limitar a procriação humana por meios naturais ou mecânicos. De acordo com uma definição lata, trata-se de qualquer ato que impeça duas pessoas, capazes de procriar, de chegarem a fazê-lo. Os moralistas falam em meios naturais e desnaturais, supondo que os meios naturais são permissíveis, e que os desnaturais são condenáveis.

1. *Meios mecânicos.* Esses envolvem o uso da pílula anticoncepcional, de vários cremes ou espumas que matam os espermatozóides, lavagens vaginais, aparelhos de plástico ou arame que são inseridos na boca do útero, ou apenas as «camisinhas», etc. Todos esses meios têm sido condenados pela Igreja Católica Romana, mas não oficialmente por outras denominações cristãs, pelo que são, largamente, postos em prática entre elas. Seria errado matar os espermatozóides, embora isso em nada prejudique as pessoas que praticam tal método? Alguns dão uma resposta afirmativa, porquanto acreditam que os espermatozóides representam vidas humanas em potencial. Nesse caso, que dizer sobre a destruição dos óvulos femininos? Outros pensam que a fantástica multiplicação de espermatozóides, em que cada homem produz milhões deles a cada dia, parece indicar que o aniquilamento deles não é grande coisa, pelo menos não é algo mais grave que a matança de milhões de bactérias, que também são formas de vida. Em favor do *uso* de tais meios, podemos enumerar as seguintes razões: a. Eles diminuem a taxa dos nascimentos. b. Abrandam os sofrimentos humanos envolvidos em casos de gravidez não desejados, sem importar se dentro ou fora das relações do matrimônio. c. São medidas que ajudam economicamente as famílias, sobrecarregadas com grande número de filhos. d. Longe de serem uma ameaça à vida humana, esses meios melhoram sua qualidade, impedindo a superpopulação.. e. A longo prazo, poderiam servir de grande ajuda na preservação da própria vida humana no planeta, mantendo sob controle o número de habitantes no mundo, pois, se esse número não fosse impedido de continuar crescendo, poderia resultar em fomes generalizadas, condições de emprego impossíveis, a saturação de todos os campos profissionais, deixando milhões de pessoas não somente desempregadas, mas também na impossibilidade de encontrarem ocupação. Essas condições, naturalmente, fazem-nos pensar em guerras, matanças e suicídios em massa.

**Argumentos contrários a medidas anticoncepcionais.** A idéia de que os espermatozóides masculinos ou os óvulos femininos representam vidas humanas, devendo ser respeitados como tais, esbarra com a seguinte consideração: o ser humano não se forma da junção de um óvulo feminino com um espermatozóide masculino? Nesse caso, enquanto não houver tal junção, também não haverá qualquer vida humana envolvida, a não ser potencialmente, mas não na realidade. Todavia, uma vez iniciado o corpo humano, mesmo que nos primeiros estágios do zigoto, então sim, a vida deve ser respeitada. Respeitar o espermatozóide isolado ou o óvulo isolado, como se já fossem seres humanos, é nada saber de biologia, tornando-se uma posição insustentável diante dos fatos. b. Por outra parte, o uso dos anticoncepcionais permite a promiscuidade. Isso é uma verdade, embora tenhamos de admitir que a promiscuidade sempre existiu, mesmo quando ninguém pensava em anticoncepcionais, embora seja melhor haver promiscuidade sem casos de gravidez, que resultarão em crianças não queridas, do que promiscuidade que resultará em grande número de crianças não desejadas. Uma pessoa promíscua é apenas um pecador, e seu uso de anticoncepcionais não a torna mais ou menos pecadora por causa disso. Contudo, tal uso torna-a mais *previdente*, impedindo muito sofrimento humano, a curto e a longo prazo. E isso parece envolver um ponto importante.

2. *Meios mecânicos mais radicais.* A esterilização de homens e mulheres, mediante processos cirúrgicos, apresenta mais perigo que outros métodos. Moralmente, porém, em nada diferem de outros meios, pelo que aquilo que dissemos acima, aplica-se também a esses meios mais radicais.

3. *Os chamados meios naturais.* Tanto a Igreja Católica Romana como qualquer grupo evangélico aceitam métodos que envolvem abstinência sexual em certos dias «críticos» da mulher. Esse método também é chamado de método do ritmo da ovulação, pois a temperatura do corpo da mulher aumenta quando se avizinham os seus dias «críticos». Todavia, o método exige abstinência sexual ao menos durante um terço dos dias de cada mês, e isso sujeita alguns homens a experiências extramaritais. Paulo proibiu a abstinência sexual senão por períodos limitados, por razões especialíssimas, como períodos de jejum e oração (I Cor. 7:5). Os outros métodos aqui mencionados são impraticáveis, a menos que o organismo de uma mulher funcione de maneira muito regular, e é exatamente por essa razão que foram criados meios mecânicos anticoncepcionais. Além disso, em muitos casos, sobretudo nas classes mais pobres e menos educadas, as pessoas não sabem como calcular um período seguro, e nem o fariam, mesmo que soubessem fazê-lo.

4. O aborto (ver o artigo) está fora de questão, por razões morais. As legislações dos países só aprovam o aborto em casos de estupro (e mesmo assim os juízes mostram-se bastante hesitantes, em alguns casos), ou quando a vida da mãe corre perigo e não há outra maneira de salvá-la (o que já depende de uma decisão médica).

5. A interrupção do coito antes da ejaculação é um método largamente praticado. Mas muitos cristãos opõem-se a esse método por ser o pecado de Onã (ver Gên. 38:8,9). Alguns voltam a evocar a questão do desperdício de espermatozóides como um mal moral. Porém, o que é importante é a relação entre a alma e o corpo, e essa questão só está envolvida quando ocorre o aborto forçado, nada tendo a ver com métodos de controle de natalidade, que atuam antes de haver qualquer união da alma com o corpo. (H SP)

## CONTROLE DO PRÓPRIO SER

Ver também sobre **Autocontrole.**

No grego, *egkráteia*, «domínio próprio». Essa palavra aparece por quatro vezes no Novo Testamento: Atos 24:25; Gál. 5:23; II Ped. 1:6. O verbo, *egkrateüomai*, aparece somente em I Cor. 7:9 e 9:25. E o adjetivo, *egkratês*, figura somente em Tito 1:8.

A palavra aparece como designação de uma das virtudes cristãs básicas. Consiste no domínio do próprio «eu», no exercício da auto-restrição, especialmente no aspecto dos prazeres sensuais. O autocontrole é o seguro humano contra a auto-indulgência na imoralidade, no alcoolismo, no espírito belicoso, na maledicência, no senso de importância pessoal e na ganância. Mediante o autocontrole, o crente consegue evitar os excessos até mesmo quanto a atividades

perfeitamente legítimas, como no comer, no beber e nas suas conversações.

**1. Ausência de Autocontrole.** Diz um antigo provérbio bíblico: «Como cidade derribada, que não tem muros, assim é o homem que não tem domínio próprio» (Pro. 25:28). O autocontrole fortalece ao homem interior. O autocontrole levanta uma muralha de defesa em torno do crente, contra as destruidoras forças do pecado e do mal. A patética tragédia do homem vigorosamente forte, Sansão, consistiu na sua intemperança quanto aos desejos sexuais. Seu amor sexual por mulheres ímpias acabou decretando a sua destruição (Juí. 14:2 *ss*). O amado rei de Israel, Davi, colheu trágicos resultados devido a sua falta de autocontrole quanto aos impulsos sexuais (II Sam. 11:2 *ss*), e outro tanto sucedeu a seu filho, Salomão (I Reis 11:1-4). Paulo tinha plena consciência do perigo da concupiscência sexual. Em conseqüência disso, ao escrever à igreja cristã na devassa cidade de Corinto, ele baixou instruções específicas sobre o assunto, particularmente no que diz respeito ao casamento. Ele recomendava o autocontrole como uma salvaguarda e medida de segurança contra a imoralidade, «...para que Satanás não vos tente por causa da incontinência» (I Cor. 7:5).

**2. A Prática do Autocontrole.** Bons exemplos e ensinos sábios são oferecidos aos crentes, nas páginas do Novo Testamento.

Tanto João Batista quanto Jesus Cristo praticavam o autocontrole, embora seus adversários tivessem acusado João de ter um demônio, e a Jesus de ser «...um glutão e bebedor de vinho...» (Luc. 7:33,34). João seguia um curso estrito de autocontrole e abstinência, em certos aspectos similar às práticas dos essênios (que vide). E Jesus, embora sociável, homem que gostava de fazer amigos entre as classes sociais simples, deixou-nos o exemplo perfeito de autocontrole, que não depende de meras aparências externas, e, sim, da decisão de viver uma vida consagrada a Deus. Jesus desfrutava das bênçãos da natureza e dos seres humanos, mas abstinha-se dos prazeres sensuais.

O autocontrole, tal como as demais virtudes cristãs, não é uma virtude fácil de ser cultivada. Requer o exercício da vontade e a ajuda do Espírito Santo. Os pagãos mais resolutos podem ressentir-se da ausência de domínio próprio. Paulo deixou alarmado o governador romano, Félix, ao dissertar acerca «...da justiça, do domínio próprio e do juízo vindouro» (Atos 24:25). E, quando escrevia «aos solteiros e viúvos» da igreja de Corinto, sobre as questões sexuais, ele demonstrou estar plenamente consciente de quão difícil é exercer o autocontrole (ver I Cor. 7:8,9). As jovens igrejas cristãs, implantadas em meio ao paganismo, por todo o império romano, tinham de enfrentar uma grande luta contra o mundanismo. Creta era uma das piores localidades do mundo, repleta de «...mentirosos, feras terríveis, ventres preguiçosos...» e outros répobros (ver Tito 1:12). Sabendo que a igreja cristã estava em tal meio ambiente, Paulo percebia quão difícil seria, para os líderes cristãos, manterem em Creta a boa conduta cristã. Em conseqüência, ele determinou que Tito apontasse pastores dotados de firmes qualidades cristãs. Segundo Paulo, um bispo precisa ser «...hospitaleiro, amigo do bem, sóbrio, justo, piedoso, que tenha domínio de si» (Tito 1:8).

O autocontrole é essencial para o sucesso na busca por qualquer alvo digno do nome. «Todo atleta em tudo se domina; aqueles para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível» (I Cor. 9:25). Em seguida a essas palavras, Paulo asseverou que ele, à semelhança de um atleta, constantemente mantinha seu próprio corpo em sujeição, para benefício de seu ministério cristão. O autocontrole era um tema constante nos ensinamentos de Jesus, em relação a questões como o homicídio, a concupiscência sexual, os juramentos, a retaliação, a hipocrisia, a cobiça e a ansiedade (Mat. 5:21-6:34). Por semelhante modo, Paulo catalogou as fontes de tentação, tendo aconselhado como podemos combater e vencer as mesmas: «Ora, as obras da carne são conhecidas, e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissenções, facções, invejas, bebedices, glutonarias, e cousas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já outrora vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais cousas praticam. Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas cousas não há lei» (Gál. 5:19-23). E, no que concerne ao ministério cristão, Paulo encorajou Timóteo como segue: «Por esta razão, pois, te admoesto que reavives o dom de Deus, que há em ti pela imposição das minhas mãos. Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação» (II Tim. 1:6,7). Esta última palavra, «moderação», é tradução de uma outra palavra grega, *sophrosúne*, «sanidade mental», mas que pode ser considerada sinônimo de *egkráteia*. Pedro ensina que se quisermos ser participantes da natureza divina, precisamos de cultivar virtudes cristãs que se complementam umas às outras, entre as quais figura o «autocontrole» (ver II Ped. 1:4-7).

## CONTROVÉRSIA

1. *Considerada como um Mal Moral.* O marinheiro Popeye, dos desenhos animados, declara que ele briga pelo direito e para divertir-se. Quando os homens brigam para divertir-se, isso representa um mal. Há pessoas que gostam de brigar, dentro ou fora da Igreja; e que se sentem frustrados enquanto não conseguem provocar alguma cena desagradável. Assim como o *ceticismo* é a maldição do liberalismo, assim também o *espírito de controvérsia* é a maldição do fundamentalismo. Em minha própria experiência, tenho visto muitas igrejas e denominações caírem em controvérsias, dividindo grupos e separando amigos de longa data. Esse espírito maligno também persegue as escolas teológicas, onde é muito fácil fazer os estudantes se dividirem em grupos antagônicos. Vi tal atitude destruir uma faculdade teológica. A despeito disso, os homens gostam de brigar a fim de divertir-se. É surpreendente ver quantos homens causam divisões por motivos mínimos. Sei de uma escola teológica que se dividiu em torno do debate se os dias da criação foram ou não dias literais, de vinte e quatro horas. Usualmente, por detrás da suposta «contenda pela fé», há muitas razões pessoais, egoísticas, envolvendo lutas pelo poder. Nas igrejas, todas as formas de falsas questões são levantadas, quando certas pessoas querem livrar-se de um pastor que não lhes tolera os pecados.

2. *Como uma Obra da Carne.* O trecho de Gálatas 5:20 usa dois termos gregos, *dichostasía* e *aíresis*, «divisões» e «rivalidades», respectivamente, e que a nossa versão portuguesa traduz por «facções» e «dissensões», —a fim de indicar os males de que estamos falando. É instrutivo notar que esses erros são chamados obras da carne, figurando entre os vícios cardeais. O homem nunca peca sozinho. Está sempre envolvido no mal cósmico. Portanto, afirmo: «Quanto erro cósmico manifesta-se na Igreja cristã, quando os crentes se envolvem nas contendas e

controvérsias!» No entanto, muitos gostam de apresentar suas campanhas contenciosas e combativas mascaradas de espiritualidade e defesa da fé.

3. *Quando a Controvérsia é Boa?* Há ocasiões em que o crente deve contender pela boa teologia, ou pelas boas maneiras. Ver Judas 3. Há ocasiões em que elementos malignos precisam ser expelidos; e essa expulsão pode envolver a necessidade de contendermos. Nem sempre é possível manter a paz. Nem Cristo e nem Paulo conseguiram o feito, pois sempre encontravam adversários gratuitos. Também devemos pensar nos debates ordeiros, que estimulam as idéias e produzem mudanças necessárias ao nosso crescimento espiritual. Todos esses debates deveriam ser efetuados no espírito de fraternidade, com o propósito específico de examinar as crenças e as práticas — e não de atacar personalidades — tendo em vista a correção das mesmas. Orígenes confessou que muito havia aprendido em debates com supostos hereges! Nosso conhecimento avança aos ziguezagues; a cada reversão os debates renovam-se, e assim avançamos mais algum passo. O debate teológico, quando envolve raciocínios filosóficos bem colocados, pode ser bastante frutífero. Mas, quando os homens valem-se da oportunidade de debater a fim de destruir e causar divisões, o campo já foi inteiramente infeccionado por uma atitude carnal e pecaminosa.

A passagem de Tiago 3:16 é muito instrutiva, nessa conexão: «Pois onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de cousas ruins». A experiência humana mostra que essa declaração está cem por cento correta.

## CONTROVÉRSIAS ICONOCLÁSTICAS

Ver os artigos sobre **Iconoclasmo (Controvérsias Iconoclásticas)** e **Imagens**.

## CONTROVÉRSIA LAPSARIANA

Ver sobre o **Lapsarianismo.**

## CONVENCER, CONVICÇÃO

No grego, **elégcho**, «convencer (do erro)», «reprovar». O vocábulo é empregado por dezoito vezes no Novo Testamento: Mat. 18:15; Luc. 3:19; João 3:20; 8:46; 16:8; I Cor. 14:24; Efé. 5:11,13; I Tim. 5:20; II Tim. 4:2; Tito 1:9,13; 2:15; Heb. 12:5 (citando Pro. 3:11); Tia. 2:9; Jud. 15,22; Apo. 3:19.

Na linguagem comum, o termo é usado em sentido forense de «demonstrar a culpa». Na teologia, além desse sentido, geralmente a palavra adquire o significado de «condenar» alguma ação errada e pecaminosa.

No Novo Testamento, às vezes é a própria consciência do indivíduo quem o convence de erro (João 8:9). Mas faz parte das atuações do Espírito Santo convencer os homens acerca do mal moral e dos requisitos espirituais (João 16:8). A autêntica convicção de pecado é seguida pelo arrependimento (que vide). Há vários meios pelos quais os homens são levados à convicção de pecado: a consciência, as circunstâncias, a verdade do evangelho, as aflições, o conhecimento das verdades morais; mas, acima de tudo, as operações do Espírito sobre o coração humano.

O *Breve Catecismo de Westminster* afirma que a convicção é obra do Espírito, sendo o primeiro passo na direção da salvação (questão 30). O ritual veterotestamentário relativo às ofertas pelo pecado, visavam ajudar os homens a chegarem à convicção e ao arrependimento (Lev. 16:21,22). Essa idéia foi transferida para o Novo Testamento, mediante Cristo (Heb. 13:11-13). Jesus levava as pessoas à convicção de pecado (João 4:17,29), e seus ensinamentos sempre incluem a reprimenda calculada a produzir a convicção de pecado (João 8:24,44; Mat. 21:33-45). O sermão de Pedro, no dia de Pentecoste, levou os seus ouvintes à convicção de pecado (Atos 2:37). Os psicólogos e os psiquiatras têm procurado minimizar a importância da convicção de pecado, intitulando-a de ansiedade, perplexidade e tensão, cuja causa seria algum conflito moral, geralmente desnecessário ou baseado em costumes tolos. — A Bíblia, porém, mostra-nos que a convicção de pecado é muito mais do que algum truque espiritual. A verdade é que o homem é um espírito, embora dotado de um corpo físico, razão pela qual se deixa influenciar por forças espirituais. Deus existe, e transgredir as suas leis é coisa séria. Todavia, também há o perdão divino (que vide), o qual cura a alma.

*Elementos da Convicção de Pecado.* Não se trata de mero truque psicológico. Antes, é uma experiência evangélica definida. Consiste na percepção do abismo que separa o pecador de Deus, juntamente com o anelo de abandonar o que é mundano e físico, a fim de buscar o que é mais nobre e espiritual. A convicção de pecado pode vir mediante a visão de Deus (Isa. 6:1-5), ou então mediante a presença e operação do Espírito Santo (João 16:7 *ss*). Inclui o remorso, mas também prepara a alma para o arrependimento (que vide), e conduz à conversão (que vide).

## CONVENCIONALISMO

Palavra que vem do latim, **con**, «com», e **venire**, «vir». Na filosofia, o termo indica uma decisão que foi tomada com base no acordo comum. Mas a palavra é igualmente usada como antônimo de natural, real ou autêntico.

1. Os sofistas, como Trasímaco (que vide) e Calicles (que vide), afirmavam que os padrões morais são determinados convencionalmente, devido a meros costumes sociais, etc., e não pelas verdadeiras demandas da natureza. Rousseau (que vide) dizia que os padrões convencionais debilitam a moralidade, no que tinha toda a razão.

2. Demócrito (que vide) asseverava que questões como gosto, cores, etc., são meras convenções da nossa percepção, e que a realidade por detrás desses acidentes são os átomos e o vazio. Falando mais ou menos no mesmo tom, Locke referiu-se às qualidades *secundárias*, em contraste com as qualidades *primárias*. As qualidades secundárias seriam todos os tipos de convenção, apêndices do que é real.

3. Os filósofos sofistas Protágoras (que vide) e Górgias (que vide) faziam o contraste entre o que é real e o que é convencional. Dizia Protágoras que «o homem é a medida de todas as coisas». Para ele, portanto, não haveria verdade acima e além dessa convenção. Isso posto, a convenção seria a definição daquilo que é verdadeiro. Isso permite-nos entender que, de acordo com tal sistema filosófico, não há tal coisa como verdade absoluta. Mas Protágoras via somente metade da questão. Pois, se é verdade que «seja todo homem mentiroso» (Rom. 3:4), existe um em Quem reside a «verdade», por ser ele a própria Verdade (João 14:6). Mas Protágoras não sabia disso.

4. *A Teologia e o Convencionalismo.* Há um ditado popular que diz: «A voz do povo é a voz de Deus». Isso é convencionalismo puro. Os credos e as declarações doutrinárias vão-se tornando convencionais porque tentam sumariar as verdades teológicas mediante

algumas poucas declarações superficiais, mas em torno das quais muitos se aglutinam. Além disso, os credos e as declarações doutrinárias criam muita contenda quanto a qualquer coisa que contradiga essas afirmações convencionais. As teologias sistemáticas, como é óbvio, têm valor, embora consistam em prolongadas declarações doutrinárias convencionalizadas, que contêm elementos verídicos e falsos. Mas a espiritualidade e seu conhecimento jamais poderão ser convencionalizados com sucesso. A letra mata, e o Espírito vivifica. Porém, os homens gostam de simplificar a verdade, porque partem de um raciocínio que diz: «Até uma criança pode entender a verdade». Essa simplificação, pois, produz uma verdade infantil. Porém, nada existe de tão complexo e não-convencional quanto a verdade.

## CONVENTÍCULO

Vem do latim **conventus**, «assembléia», mas na forma diminutiva da palavra. A palavra portuguesa significa uma reunião religiosa *secreta*, ou então *proibida* por lei. Assim, as reuniões dos «dissenters» protestantes, na Grã-Bretanha, eram ilegais, como também as reuniões dos «covenanters» (que vide). A palavra «conventículo» também indica o lugar onde alguma adoração ilegal estiver tendo lugar.

## CONVENTOS

Essa palavra vem do termo latino **conventus**, «assembléia». A palavra pode ser empregada de três maneiras diferentes: 1. Uma comunidade religiosa de homens ou de mulheres, usualmente governada por algum superior ou superiora. A princípio, a palavra foi usada nesse sentido, a partir do século IV D.C., quando monges eremitas do Oriente começaram a formar grupos. Na Igreja ocidental, onde não havia o costume de serem formados conventos de eremitas, o termo era usado para descrever as comunidades de monges ou de freiras, sob as ordens de um superior ou superiora. 2. A palavra também é usada para designar o edifício ou edifícios onde residem as freiras. Em português, os conventos são formados por freiras, e os frades formam mosteiros; em outros idiomas, os conventos podem ser de frades ou de freiras. 3. No Brasil e outros países de língua portuguesa, os conventos sempre são formados por freiras.

A vida nos conventos varia, de acordo com os propósitos de cada sociedade religiosa. Os conventos das ordens religiosas mais antigas voltam-se mais para a vida contemplativa, para as orações, para o ascetismo. Porém, muitos conventos de ordens monásticas modernas incluem atividades como o ensino de crianças, obras de caridade, hospitais, orfanatos, asilos para velhos e instituições para crianças excepcionais. Um labor útil, voltado para as necessidades sociais, usualmente caracteriza esses conventos.

No cristianismo antigo, os conventos desempenharam importante papel na propagação da cristandade. Nos tempos modernos, continuam importantes dentro das atividades caridosas da Igreja Católica Romana. A antiga acusação, contida na declaração: «A virtude enclausurada não pode ser louvada», não mais pode ser aplicada a muitos conventos e mosteiros. Até mesmo em grupos não-católicos, a vida monástica tem seus paralelos, geralmente de variedade comunal. Ver o artigo sobre *Comunidades Comunais*.

••• ••• •••

## CONVENTUAIS

**Esse é o nome de um ramo autônomo da ordem** mendicante dos Frades Menores (que vide), da Igreja Católica Romana. Tal designação vem sendo usada desde o ano de 1431, a fim de designar os frades que seguem a regra menos rigorosa, embora o grupo só tenha sido reconhecido oficialmente por Roma em 1517. Três papas diversos foram eleitos, antes pertencentes a essa ordem. Outras ordens que seguem uma regra similar, mas menos estrita, também têm sido chamadas pelo mesmo nome. (E)

## CONVERSÃO

**I. As Palavras Envolvidas.** Latim, **com** (totalmente) + **vetere** (virar), portanto, fazer uma mudança radical, girar completamente. No hebraico temos *sub*, que significa girar ou voltar, que é usado em ações físicas, morais e espirituais. No grego temos *epistrepho*, que tem estes mesmos significados e usos.

**II. Usos Bíblicos.** As idéias bíblicas principais são o abandono da maldade e pecado, Jer. 18:8, com a dedicação do ser a Deus, Mal. 3:7. Deus é a força ativa nesta virada. Jer. 31:18. As pessoas que recusam esta operação espiritual terminam castigados, Amós 4:6-12. O Novo Testamento harmoniza-se com o Velho Testamento sobre este assunto. Ver Atos 14:15, 26:18. A verdadeira conversão envolve fé e arrependimento, Atos 3:19, 26:18. Um exemplo radical de conversão é o caso de Paulo, Atos 9:1-18. A conversão pode vir de súbito, mas normalmente tem um longo tempo de preparação.

**III. Tipos de Conversão**

1. *Não religiosa, política.* As pessoas são convertidas a certos sistemas políticos, às vezes de súbito, por forças humanitárias, racionais ou egoístas. Subseqüentemente, elas procuram utilizar estes sistemas para o melhoramento da sociedade ou para fins egoístas, ou os dois.

2. *Conversão biológica.* Os adolescentes, freqüentemente, são mais religiosos naquela idade do que em qualquer outra época da vida. Mais do que zelo jovem pode ser envolvido nisto. Psicólogos nos informam que há evidências que indicam que este tipo de conversão pode ser simplesmente a sublimação das energias sexuais em ideais religiosos. Muitos jovens que são radicalmente religiosos nesta época, uma vez casados, cessam de ter qualquer zelo religioso. Alguns psiquiatras acham que a própria religião é somente um refinamento do libido.

3. *O nascimento de um novo ser.* Este novo ser pode ser simplesmente a entrada de um jovem na vida do adulto. Os jovens têm muito zelo natural, e muitos ideais. Aproximando-se a idade de tornarem-se adultos, eles podem expressar esta qualidade num tipo de novo nascimento, quando deixam a vida de crianças, e começam a vida de adultos. Embora esta transição possa ter elementos fortes de envolvimento na religião, ela não é necessariamente, espiritual. Muitas vezes, alguma coisa permanente de valor é assim levada para a vida de adulto, mas isto, em si, não qualifica a experiência como um produto do Espírito.

4. *Uma resolução de conflito.* Paulo nos ensina que o conflito entre o bem e o mal no homem é um terror, Rom. cap. 7. A maioria das religiões procuram resolver este conflito, embora por meios diferentes. Também as filosofias, psicologias e políticas prometem resolver este conflito. Em qualquer caso, no qual, alguma resolução seja alcançada, resulta em uma experiência de conversão. Os filósofos fazem «conver-

tidos» aos seus sistemas, resolvendo conflitos entre idéias. As religiões fazem a mesma coisa, e normalmente, neste caso, o problema do pecado está envolvido. Portanto, todos os tipos de religiões, cristãs ou não, produzem seus convertidos. Muitos deles tornam-se fanáticos e procuram propagar sua fé, porque, dizem eles, «isto funciona», e como prova, eles se apresentam. Tudo isto pode ter algum valor, embora não tenha nada a ver com a conversão bíblica. Naturalmente, muitos acham que todas as conversões são essencialmente iguais, sendo exercícios psicológicos, e não há razão para exaltar a variedade bíblica acima das outras.

5. *Uma revolução copernicana.* Este tipo de conversão resulta de uma evolução gradual de idéias, ideais e ambições, embora possa-se manifestar de súbito. Se a conversão for religiosa, então a pessoa, depois de uma longa busca e transformação, alcança uma posição de satisfação, da qual, pode ver claramente o avanço que foi realizado. Neste avanço, a pessoa tem ultrapassado totalmente além do tipo de ser que era antes. Na religião temos a designação *almas nascidas duas vezes*. Esta conversão pode ser biblical ou não, porque todas as religiões têm seus exemplos de pessoas cuja expressão espiritual tem passado uma revolução radical, —ou copernicana, porque a alma tem o novo centro, o Sol da Espiritualidade. Nisto, a terra cessa de ser o centro da existência. O avanço é do terrestre para o celeste.

6. *A conversão da mente sã.* Algumas pessoas que passam através de uma luta severa com doenças mentais, quando curadas, ou melhoradas significantemente, têm uma experiência de conversão. Alcançando uma mente sã, elas muitas vezes tornam-se advogadas radicais dos sistemas através dos quais elas obteram seus melhoramentos. Se a psiquiatria as ajudou, então, são convertidos psicológicos. Se a religião, em qualquer forma foi o agente, elas ficam devotas daquela religião.

7. *A conversão bíblica.* Esta conversão é espiritual e mística, porque envolve a participação do Espírito Santo que atua sobre a natureza humana, convertendo-a. Embora esta conversão possa envolver elementos dos diversos tipos discutidos, deve transcender os mesmos, ou não se qualifica como uma verdadeira conversão cristã. Ofereço maiores descrições sob os pontos II, IV e V.

•••

**IV. Elementos da Conversão Bíblica**

Alguns encaram o novo nascimento ou regeneração como conversão, mas isso é muito *inadequado*. A conversão, por si só, não é ainda regeneração, mas é tão-somente *parte* da regeneração. A conversão consiste em uma meia volta na vida, em que a alma se volta para Deus. Nas páginas do N.T., a palavra *epistrepho* é utilizada para expressar essa idéia, e é aplicada tanto para os desviados, que retornam à sua anterior comunhão com Deus, como para os incrédulos, ao se voltarem para Deus. (Ver os trechos de Luc. 22:32; Apo. 2:5,16; Mat. 17:3; Atos 3:19 e 26:18). A conversão é descrita como um voltar-se das trevas da idolatria, do pecado e do domínio de Satanás, para a adoração e o serviço ao verdadeiro Deus (conforme se vê nas passagens de Atos 14:15; 26:18; I Tes. 1:9) e ao seu Filho, Jesus Cristo (como se vê em I Ped. 2:25).

A conversão consiste no exercício do *arrependimento e da fé*, elementos esses que tanto o Senhor Jesus como o Apóstolo Paulo vinculam como sumários das exigências morais do evangelho. (Ver Mar. 1:15 e Atos 20:21). O arrependimento é uma mudança de mente e de coração para com Deus; a fé significa a confiança na Palavra de Deus e em seu Cristo. A conversão, pois, encerra ambas essas idéias.

1. A conversão é inspirada pela força das Escrituras, Sal. 19:7.

2. É operada pelo Espírito, Sal. 51:12.

3. Grava no coração a lei moral de Deus (ver II Cor. 3:3), e isso pelo poder do Espírito.

4. Ela é absolutamente necessária para a salvação, Mat. 18:3.

5. Prepara o caminho para o serviço espiritual, Luc. 22:32.

6. A tarefa da igreja é conduzir todos os homens à conversão, Tia. 5:19,20.

7. Ela é a base do perdão dos pecados, Atos. 3:19.

8. Ela consiste na fé e no *arrependimento*, (vide), Atos 20:21.

9. Ela prepara a alma para a união espiritual com Cristo, Rom. 6:3.

10. A conversão pode ser gradual (como no caso da maioria das pessoas), ou dramática (como no caso de Saulo). A iluminação pode ser parcial e levar aos poucos à conversão. Muitas pessoas são parcialmente iluminadas (e assim, melhoradas), embora nunca cheguem a converter-se.

11. A conversão é um ato divino, mas requer a cooperação do livre-arbítrio do homem. Portanto, é um ato divino e humano, ao mesmo tempo.

12. A conversão necessariamente resulta na santificação, pois, do contrário, não será real.

**V. Bases Espirituais**

**Por meio de Deus (I Reis 18:37; João 6:44; Atos 21:19).**

Por meio de Cristo (Atos 3:26; Rom. 15:18).
Pelo poder do Espírito Santo (Pro. 1:23).
Vem da graça (Atos 11:21 com vs. 23).
Segue-se ao arrependimento (Atos 3:19; 26:20).
Resulta da fé (Atos 11:21).
*Pela instrumentalidade de*:
As Escrituras (Sal. 19:7).
Os ministros (Atos 26:18; I Tes. 1:9).
Auto-exame (Sal. 119:59; Lam. 3:40).
Aflições (Sal. 78:34).
*Dos pecadores, motivo de alegria*:
Para Deus (Eze. 18:23; Luc. 15:32).
Para os santos (Atos 15:3; Gál. 1:23,24).
É necessária (Mat. 18:3).
Determinada (Jó 36:10)
Exortações atinentes (Pro. 1:23; Isa. 31:6; 55:6; Jer. 3:7; Eze. 33:11).
Promessas vinculadas à mesma (Nee. 1:9; Isa. 1:27; Jer. 3:14; Eze. 18:27).
Oremos pela mesma (Sal. 80:7; 85:4; Jer. 31:18; Lam. 5:21).
É acompanhada pela confissão de pecados e pela oração (I Reis 8:35).
Perigo de negligenciá-la (Sal. 7:12; Jer. 44:5,11; Eze. 3:19).
Dever de conduzirmos os pecadores à mesma (Sal. 51:13).
Encorajamento para conduzirmos os pecadores à mesma (Dan. 12:3; Tia. 5:19,20).
Dos gentios, predita (Isa. 2:2; 11:10; 60:5; 66:12).
De Israel, predita (Eze. 36:25-27).

## CONVERSÃO DE PAULO

**A Conversão de Saulo: Atos 9:1-31; 22:6-11 e 26:12-18.**

**A Vida de Paulo**

*Paulo, apóstolo enviado aos gentios.* Sabemos mais acerca do apóstolo Paulo do que sobre qualquer outra das personagens apostólicas. No N.T., as nossas fontes informativas a seu respeito são o livro de Atos e as suas próprias epístolas. Fora disso só há mais uma alusão a ele, em II Ped. 3:15, onde ele é chamado de *nosso amado irmão.*

A arqueologia fornece-nos muitas informações quanto aos locais visitados por Paulo, embora não sobre a sua pessoa. Nossos conhecimentos sobre os primeiros anos de sua vida são escassos. Desde o seu nascimento até o seu aparecimento, em Jerusalém, como perseguidor dos cristãos, possuímos informações meramente esparsas, parte das quais não passa de conjectura. Sabemos, contudo, que ele nasceu em Tarso, «...cidade não insignificante da Cilícia...» (Atos 21:39), descrição essa que as escavações arqueológicas de *Sir William Ramsay* confirmaram amplamente. Tarso da Cilícia foi incorporada à província da Síria e tivera história importante durante um período de muitos séculos. Era a principal cidade da Cilícia, e com sua região, sintetizava o Oriente e o Ocidente, isto é, as culturas grega e oriental, incluindo, por igual modo, a cultura romana. Era centro da filosofia estóica da variedade romana, onde os filósofos pregavam as suas doutrinas nos mercados e nas praças públicas, mais ou menos como os missionários de Cristo têm feito tradicionalmente. As epístolas de Paulo, em suas ilustrações e em algumas de suas idéias básicas, por isso mesmo, refletem o que há de melhor no estoicismo. É ponto muito bem conhecido e amplamente discutido que Paulo deixa transparecer muito da mesma erudição refletida por Sêneca, o importante filósofo estóico romano, que foi igualmente martirizado por Nero, à semelhança de Paulo.

**1. O treinamento de Saulo**, quanto à sabedoria profana, mui provavelmente incluiu a educação filosófica ordinária, a retórica e a matemática, sem falarmos em seus estudos sobre a religião judaica. (Ver Atos 22:3; 26:4 e diversas referências, em suas epístolas, a questões como coroas , jogos atléticos, lutas, etc., o que também serviam de principais ilustrações entre os filósofos estóicos para ilustrar os princípios éticos). O fato é que o grego utilizado por Paulo, em suas epístolas, é uma excelente variedade do grego literário «koiné», o que nos mostra quão bem alicerçada fora a sua educação na linguagem, além de ficar demonstrado o fato de que ele falava o grego como seu idioma nativo, provavelmente do mesmo modo que o hebraico (isto é, o aramaico). Não se há de duvidar que esse apóstolo também conhecia o latim, e, antes do fim de suas viagens missionárias, já teria aprendido mais um idioma ou dois.

**2. O Testemunho pessoal de Paulo**, em Gál. 1:14, mostra que ele era indivíduo intensamente religioso, desde a juventude. Costumava freqüentar regularmente as sinagogas judaicas, antes de sua conversão, e, quando já atingira idade suficiente, tornou-se seguidor fiel do farisaísmo. Esse versículo também indica que, mui provavelmente, ele era o jovem que mais se destacava em Jerusalém, sendo grande a sua fama como homem de grande zelo religioso. Sabemos também que ele estudou com o famosíssimo rabino fariseu, Gamaliel (ver Atos 22:3). (Ver o artigo sobre *Gamaliel*). A erudição maior de Paulo fora adquirida em Jerusalém, naquela escola de fariseus, o que também contribui com algo para explicar o caráter geral de sua vida e de suas crenças, alicerçadas firmemente no judaísmo tradicional.

**3. Conversão de Saulo.** Intensa discussão se tem centralizado em redor das razões psicológicas por detrás de sua conversão a Cristo. Saulo se tornara um intenso perseguidor de cristãos, tendo chegado ao assassínio, não poupando nem mesmo a mulheres. E no entanto, repentinamente, tornou-se igualmente zeloso defensor e propagador do evangelho de Cristo. Que ocorrência teria sido suficientemente drástica e decisiva para produzir tão notável modificação em suas atitudes? As respostas dadas por certos indivíduos são repugnantes para a fé e a sensibilidade cristãs. Porquanto alguns querem fazer-nos crer que Paulo era um esquizofrênico, ou que de outra maneira sofrera um desequilíbrio mental qualquer, e que teriam sido essas aberrações mentais que criaram as condições necessárias para suas experiências místicas. No entanto, não nos devemos admirar ante essa opinião adversa sobre Paulo, porque até mesmo pessoas moderadamente dotadas de dons psíquicos são consideradas um tanto estranhas. Quanto mais poderosos são esses dons e quanto mais elas reivindicam possuir experiências místicas, mais são consideradas fracas da cabeça. Todavia, a verdade é que tais pessoas geralmente não são *subnormais*, e sim, *supranormais*. Por isso mesmo é que santos e homens piedosos, bem como os operadores de milagres, geralmente servem de escândalo para o mundo. Isso continuará nesse pé, até que o mundo seja suficientemente espiritualizado para compreender (se é que isso algum dia se tornará realidade) que assim deve ser a «normalidade» para a humanidade, embora, ordinariamente, os homens não passem de feras um pouco mais inteligentes de que os animais irracionais.

Outros críticos supõem que o senso de culpa, reprimido durante anos, em face de suas perseguições e assassinos contra os cristãos, teria subitamente explodido em experiências pseudomísticas, o que resultou em vir a ser ele justamente o contrário do que vinha sendo, ou seja, a sua *conversão*. Assim sendo, ainda segundo esse ponto de vista, a experiência de Saulo poderia ter sido meramente «psicológica», e não verdadeiramente mística. Ora, nesse caso, Lucas, o autor do livro de Atos, teria exagerado em suas narrativas, adornando com um colorido mais vivo a realidade da vida de Paulo.

É perfeitamente possível, entretanto, que o próprio Paulo soubesse muito bem que aquilo que lhe ocorrera era uma experiência mística da mais elevada ordem, como seja um encontro pessoal com o próprio Senhor Jesus. Nada existe no campo do bom senso ou da experiência religiosa sã que contradiga tal coisa. De fato, a maioria das doutrinas e das práticas religiosas, originalmente, se alicerça em alguma forma de experiência mística. Os modernos estudos da parapsicologia tendem a confirmar a realidade das experiências místicas válidas, embora algumas dessas experiências, como é normal, não passem de ilusões psicológicas. O fato de que a personalidade de Paulo foi transformada tão radical e permanentemente é um ponto positivo em favor da validade de sua experiência e em prol da realidade de sua origem, porquanto o Senhor Jesus está vivo, e não se há de duvidar que teve contactos pessoais, após a sua morte, ressurreição e ascensão aos céus, com Paulo, desde o momento de sua conversão, na estrada de Damasco.

**4. Referências Bíblicas.** A história da conversão de Saulo de Tarso é narrada em *três* lugares no livro de Atos (ver Atos 9:3,19; 33:6-21 e 26:12-18), havendo algumas variações quanto às minúcias, o que nenhuma pessoa sensata pode negar, ante a simples leitura dessas passagens (ver notas sobre estas

diferenças, 22:6 no NTI). É possível que o próprio Paulo, ao narrar a história, inconscientemente tenha variado um tanto o seu conteúdo. No entanto, muitos eruditos, até mesmo da escola liberal, concordam que há uma harmonia essencial entre essas várias narrativas bíblicas, além de certas coincidências verbais que confirmam o fato de que há uma fonte informativa única para todas elas. Dessa maneira, essas narrativas são interdependentes entre si, e não narrativas independentes umas das outras. As histórias de Lucas, mui provavelmente, se basearam em narrativas pessoais, apresentadas pelo próprio Paulo, porquanto Lucas foi quase constante companheiro de viagens daquele apóstolo, em suas jornadas missionárias. Os sentimentos de temor, a luz brilhante, a purificação psicológica, a sua renovação, a sua conversão, são todos sinais de uma experiência mística genuína; e são exatamente esses os elementos que reaparecem em todas as narrativas sobre o evento da conversão de Saulo. Em sua vida posterior, Paulo recebeu outras grandes e *importantes visões*, e a sua doutrina repousa essencialmente sobre essas diversas revelações. Por que pensaríamos ser estranho que Deus se revele a alguém? De fato, o cristianismo, como revelação distintiva de Deus, se alicerça em tais revelações, sobretudo sobre as revelações outorgadas ao apóstolo Paulo, porquanto nelas é que encontramos as grandes distinções que separaram o cristianismo do judaísmo.

*A condição* original para alguém entrar no apostolado, entre outras, era que o candidato tivesse *visto* ao Senhor (ver Atos 1:21). Ora, essa exigência teve cumprimento na experiência de Saulo. Quando já apóstolo, refere-se Paulo por quatro vezes, em suas epístolas, à sua experiência de conversão; essas passagens mostram que ele estava convicto da realidade objetiva da mesma, considerando-a como equivalente a «ver» a Cristo, o que o qualificava ao ofício apostólico. (Ver Gál. 1:15,16; I Cor. 9:1; 15:8 e II Cor. 4:6). Paulo não estabeleceu distinção alguma entre essa forma de ver e aquelas que os demais apóstolos experimentaram, antes da ascensão de Cristo, porquanto todas essas aparições foram do «Senhor ressurrecto».

**Importância da Conversão de Paulo**

As duas grandes pedras fundamentais, que servem de características distintivas do cristianismo, são a ressurreição do Senhor Jesus e a conversão de Saulo, bem como as proposições que se seguem, coerentemente, desses dois fatos históricos.

Paulo recebeu o nome de *Saulo* ao nascer, em honra ao primeiro rei de Israel, Saul, mas posteriormente, passou a ser chamado Paulo, que se deriva do latim e significa *pequeno*. Isso talvez seja uma alusão à sua pequena estatura física. Todavia, alguns eruditos pensam que se trata antes de um reflexo de algum apelido familiar, como «nosso pequeno», ou coisa parecida. Porém, é possível que ele mesmo houvesse escolhido o nome Paulo por ser *um tanto similar* a Saulo, sem que nisso haja qualquer significação especial, como também, no mundo moderno, não damos muita significação aos nossos nomes próprios, ainda que, originalmente, todos os nomes próprios tivessem a sua respectiva significação.

## CONVICÇÃO COMO CERTEZA ESPIRITUAL

Há um uso do termo «convicção» que ultrapassa aquilo que expomos no verbete chamado «Convencer, Convicção». Há oportunidades em que esse termo indica a certeza que podemos ter sobre as questões espirituais e morais. Isso sucede quando dizemos: «Estou convicto que...», com o que queremos dizer que nossas crenças sobre questões espirituais e morais são inabaláveis, afetando nossos atos. Também podemos aplicar o termo à certeza de que podemos ter sobre nossa salvação pessoal. Ver sobre *Segurança dos Salvos*.

## CONVIDADO

No hebraico, **qara**, «chamar», «convidar». Verbo hebraico usado por mais de quinhentas e cinqüenta vezes, embora por poucas vezes com o sentido de «convidar». Por exemplo: I Reis 1:41,49; Pro. 9:18; Sof. 1:7.

No grego, *anákeimi*, «convidar» ou «ser convidado»: Mat. 9:10; 22:10,11; 26:7,20; Mar. 6:26; 14:18; 16:14; Luc. 22:7; João 6:11; 12:2; 13:23,28.

Ver o artigo sobre a *Hospitalidade*. Essa palavra é usada para indicar aqueles que são convidados a certos eventos, ou para passarem a noite, ou para estarem com alguém por algum tempo. Ver II Sam. 15:11; Jó 19:15. Em certos trechos, onde a palavra não é usada, a idéia está presente. A hospitalidade é recomendada como um exercício espiritual, porquanto é um ato que cumpre a lei do amor cristão. O Novo Testamento tem um ponto de vista sério sobre a questão, e faz da mesma uma das qualificações para os líderes da Igreja cristã (I Tim. 3:2). O trecho de Heb. 13:2 sugere que a hospitalidade para com os estranhos pode até levar uma pessoa a entreter involuntariamente a anjos, tal como sucedeu a Abraão e Sara (Gên. 18), ou nos casos de Ló (Gên. 19) e Manoá (Juí. 13).

No Novo Testamento, um convidado é alguém que se *reclina* à nossa mesa (o divã dos gregos e romanos), conforme a palavra grega nô-lo indica. Um convidado compartilha de nossa residência e de nossas refeições (Mat. 14:9; Mar. 6:22,26). São aqueles que freqüentam o palácio do rei e compartilham dos luxos que ali são desfrutados (Mat. 14:9). No trecho paralelo da festa de casamento (Mat. 22:10,11), encontramos um uso metafórico da palavra. Os *convidados* são aqueles que atendem ao chamado para o Reino de Deus; e a festa de casamento representa as alegrias próprias desse reino. Alguns estudiosos têm pensado que os convidados são pessoas fora da Igreja, e que a Igreja é constituída pelos *filhos*, o que significa que «convidados» seria um sinônimo dos «amigos do noivo», de João 3:29. Porém, isso é um refinamento indevido, empregado para excluir da Igreja àqueles que não pertencem a alguma denominação particular, mas que atingirão certo nível de glória. No trecho de Mateus 9:15, os discípulos de Jesus são denominados «filhos do noivo» (embora nossa versão portuguesa diga ali «convidados»).

## CONVIDADOS PARA O CASAMENTO

Essa expressão encontra-se na nossa versão portuguesa em Mat. 9:15; Mar. 2:19 e Luc. 5:34, como tradução de uma expressão hebraica que, mais literalmente, significa «filhos do noivo», que indica tanto os companheiros do noivo quanto os convidados ao casamento.

## CONVOCAÇÃO MILITAR

A maioria dos países do mundo moderno conta com a convocação militar obrigatória. Isso representa um problema para certas pessoas religiosas, ou então por motivos inteiramente humanitários. Abordei demoradamente as implicações éticas a respeito em meu artigo sobre *Objetores Conscientes*. Ver também

sobre o *Pacifismo*. Ver também o artigo sobre *Conflitos de Deveres*. Algumas vezes é difícil tomar uma decisão, porquanto isto envolve conflitos de interesses ou de deveres, de tal modo que é impossível se tomar uma decisão inteiramente livre de dúvidas.

## CONVOCAÇÃO SANTA

O «ajuntamento da congregação» era a reunião do povo de Israel com a finalidade de adorar a Yahweh (Êxo. 12:6). Nesse trecho somos informados de que os primeiros sete dias da páscoa (que vide) era um tempo de «santa assembléia». Nenhum trabalho manual era permitido, com exceção da preparação de alimentos. As convocações santas eram as seguintes: 1. Os sábados (Lev. 23:2,3). 2. A páscoa, no seu primeiro e no seu sétimo dia (Êxo. 12:16; Lev. 23:7,8). 3. O dia de Pentecoste, ou festa das semanas (Lev. 23:21; Núm. 28:26). 4. A festa dos Tabernáculos, no seu primeiro e no seu último dia (Lev. 23:35,36). 5. A grande festividade, o dia da expiação, uma vez por ano (Lev. 23:27; Núm. 29:7). Nenhum trabalho manual podia ser feito nesses dias, excetuando a preparação de alimentos; mas, no caso do sábado, até mesmo a preparação de alimentos era proibida.

## COOPERAÇÃO, A GRANDE

II Cor. 5:1: Em nós, cooperando com ele, também vos exortamos a que não recebais a graça de Deus em vão;

Paulo havia mostrado, em II Cor. 5:17, que a reconciliação leva o indivíduo a uma completa transformação de seu ser, não sendo isso mero termo teológico ou proposição doutrinária. Portanto, até mesmo a igreja local de Corinto ele conclamou à reconciliação com Deus (ver II Cor. 5:20), embora sem dúvida cresse que já se encontravam nesse estado por longo tempo. Porém, uma vez que lhes faltava a evidência sólida da «transformação», é possível que lhes faltasse ou tivessem perdido a graça da «reconciliação».

### A Grande Cooperação

1. O Pai, sabendo da necessidade de redenção, proveu o plano necessário e enviou o seu Filho (ver João 3:16). Deus nos proveu uma ampla graça (ver notas completas a respeito, em Efé. 2:8). Ele destinou homens para que operassem de conformidade com essa graça (ver Efé. 2:10).

2. Deus enviou seu Filho na forma de um ser humano (ver Fil. 2:5 e *ss*), a fim de que pudesse elevar eficazmente a outros homens. Ele concedeu aos homens essa «filiação», a fim de que chegassem a ter a natureza do Filho. Ver Rom. 8:29, II Cor. 3:18 e II Ped. 1:4

3. Por meio do seu Espírito, ele inspira os homens a cooperarem para a propagação da mensagem divina, e assim exercerem um papel ativo no plano remidor (ver Mat. 28:19,20). Ora, esse não é um privilégio desprezível.

Seja como for, o fato de que Paulo falou tão prolongada e severamente sobre a necessidade da reconciliação, até mesmo para uma igreja cristã local, indica a verdade que até mesmo os crentes precisam dar cuidadosa atenção a essa questão, a fim de que não recebam a graça de Deus em vão. Essa é a única conclusão que podemos derivar desta secção, e que foi escrita para uma igreja cristã, não sendo uma epístola evangelística, dirigida aos incrédulos.

*Na qualidade de cooperadores com ele.* Em outras palavras: «...trabalhando juntamente com Deus, pois, nós vos rogamos que...», o que seria uma tradução mais literal, porquanto o grego tem o simples particípio. O «esforço de cooperação», que tem por alvo a reconciliação humana, é uma cooperação com Deus e o seu Cristo, conforme fica entendido nos versículos vigésimo e vigésimo primeiro. Todavia, é possível que Cristo esteja mais especificamente em foco aqui, posto que é em favor dele que agimos como embaixadores, conforme se aprende em II Cor. 5:20. No entanto, a passagem de I Cor. 3:9 fala especificamente de ser cooperadores de Deus. Portanto, cooperamos com Deus em sua missão remidora, agindo sob as suas ordens, embora não possamos excluir o Senhor Jesus do quadro, sob hipótese nenhuma. O verbo grego aqui empregado, «sunergo», significa «trabalhar com», «auxiliar». O apóstolo Paulo, nessa qualidade, era um cooperador especial comissionado no ministério da reconciliação; e por causa disso possuía elevada autoridade, como representante de Cristo, nessa questão.

## COOPERADORES DE DEUS

I Cor. 3:9: *Porque nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus.*

Pequena troca na posição das palavras daria a tradução literal do grego, neste caso, a saber: «*...somos cooperadores de Deus...*», o que indica a idéia de possessão, «somos...de Deus». Há versões, entretanto, que dizem: «somos cooperadores em favor de Deus», ficando destacada mais a idéia de origem. Isso é mais ou menos o que transparece na tradução portuguesa que serve de base textual deste artigo.

### Os Cooperadores de Deus

1. Eles são «de Deus», o que denota o seguinte: a. ele é a causa e a fonte da habilidade de que têm de se identificarem dessa maneira com ele (ver I Cor. 15:10). Pela graça de Deus eu sou o que sou, e faço o que faço. b. A idéia de possessão também se faz presente: «pertencemos a Deus» (Somos «de Deus»). c. Tudo quanto porventura estivermos fazendo, estará sendo feito *em cooperação* com o poder divino.

2. Outros estudiosos vêem a Deus como o objeto do labor efetuado: nosso objetivo seria servir a Deus. (Ver II Cor. 5:20). Aquilo que fazemos, fazêmo-lo para cumprir a missão que nos foi dada por Deus, a fim de glorificá-lo, cumprindo os seus desígnios.

3. Seja como for, a expressão dá a entender uma íntima associação com o Espírito Santo, na missão conferida a cada remido.

4. O resultado prático disso é que nenhum indivíduo pode jactar-se em si mesmo, pois, se lhe foi dada uma missão espiritual qualquer, Deus é a origem e o alvo da mesma. Ele inspira em nós o bem e o efetua em nós; ele inspira os nossos esforços e lhes confere bom êxito. A ele seja toda a glória, portanto!

5. Essa expressão é uma censura contra o espírito de partidarismo que havia em Corinto. Uma censura contra a adoração a ídolos humanos e contra o denominacionalismo.

Os estudiosos que pensam aqui que no original grego temos o genitivo possessivo opinam que Deus aparece nesta passagem como o principal sócio na aventura da vida de cada crente, participando de suas realizações, derrotas, alegrias e tristezas. Essa é uma verdade, embora não possamos estar certos sobre como podemos compreender o genitivo que envolve o termo «Deus». A interpretação de I Cor. 3:9 oferece várias possibilidades, cada uma das quais representa uma verdade, embora não tenhamos certeza sobre o que Paulo queria dar a entender neste ponto. (Com

isso comparar os trechos de II Cor. 5:20 e 6:1). Assim sendo, alguns intérpretes sugerem a tradução «*...cooperadores uns com os outros no serviço de Deus...*» Mas essa sugestão não goza do apoio do original grego; pois se Paulo tivesse querido dizer isso, tinha meios claros para expressá-lo no grego. Contudo, essa sugestão apresenta uma verdade, embora talvez não seja aquela que o apóstolo queria dar a entender.

Ora, se os homens podem estar tão intimamente associados com Deus, a ponto de poderem ser chamados de seus «cooperadores», então dificilmente é próprio que sejam estabelecidas distinções entre eles, com o aparecimento de «heróis» deste e daquele partido, o que só serve para derrubar por terra a harmonia que deve haver na igreja cristã e entre os seus ministros. Os ministros, pois, são um com Deus, nesse serviço do evangelho, e não rivais; e ninguém tem o direito de lançar uns contra os outros.

## COORTE

No grego é **speira**, «coisa torcida», «corda», «companhia». As referências bíblicas são Mat. 27:27; Mar. 15:16; João 18:3,12; Atos 10:1; 21:31 e 27:1. Ver o artigo geral sobre *Exército*.

Uma *coorte* geralmente tinha uma décima parte de uma legião romana, ou seja, seiscentos homens. Portanto, uma legião romana compunha-se de seis mil homens, ou dez coortes. As coortes, por sua vez, estavam divididas em três manípulas ou seis centúrias. A centúria tinha cem homens, comandada por um centurião. Nas províncias, o recrutamento era local, e os homens formavam unidades auxiliares. Uma unidade auxiliar podia contar com cerca de quinhentos a mil homens, e incluía tanto infantes quanto cavaleiros. Prefeitos e tributos cuidavam dessas unidades auxiliares. As traduções do Novo Testamento apresentam palavras como comandante, capitão ou chefe, para o termo grego *chiliarchos*, comandante de mil homens.

No Novo Testamento há coortes específicas, mencionadas como a «italiana», em Atos 10:1, da qual Cornélio era o centurião. Esse grupo tem sido identificado como a *Cohor ii Italica*, que os registros históricos mostram ter estado ativa na Síria, em 88 D.C. Em Atos 27:1 temos a «Coorte Imperial». Paulo foi entregue aos cuidados de Júlio, o centurião do batalhão, a fim de ser levado a Roma, como prisioneiro. Além dos seus deveres militares, a coorte era usada como tropa de guarnição e como polícia militar local, conforme se evidencia nos trechos de Mat. 27:27 e João 18:3.

## COORTE IMPERIAL

Esse título aparece em Atos 27:1. Algumas versões preferem traduzir por «coorte Augusta». Sabemos que uma coorte, entre os romanos, era uma décima parte de uma legião (ver sobre o *exército*). Cada coorte era dividida em seis centúrias, cada qual comandada por um centurião. Portanto, a coorte contava com seiscentos homens, embora esse número variasse de acordo com as circunstâncias. Algumas das coortes tinham deveres especiais preestabelecidos, e algumas tomavam nomes particulares, como a coorte Italiana (ver Atos 10:1) e a coorte Imperial (ver Atos 27:1). A palavra grega *speira*, «batalhão», normalmente era traduzida pelo termo latino *manipulus*, que englobava duas coortes. (Ver Políbio xi.23.1). Porém, há alusões suficientes para nos levar a crer que alguns manipuli tinham apenas uma coorte, conforme se vê em Atos 10:1 e Josefo (*Anti.* IV.iv.2). Essas questões permanecem incertas. Permanece de pé a pergunta por que a Coorte Imperial era comandada por um centurião? Ver Atos 27:1. Alguns têm imaginado que o próprio centurião era chamado Augusto (traduzido esse nome por «Imperial», em nossa versão portuguesa), mas o original grego do versículo proíbe tal suposição. Se o centurião tinha mesmo esse nome, então Lucas teria cometido um erro de identificação. Além disso, no texto, não há qualquer indicação absoluta de que esse homem era o comandante da coorte. Ele pode ter sido apenas um centurião que pertencia à mesma. Ou, se aquela unidade do exército era nome de um corpo especial de estafetas imperiais, chamados *frumentarii*, que funcionavam como oficiais de ligação entre o imperador e suas forças armadas, segundo supunha M. Ramsay, então o centurião mencionado poderia ter sido o comandante do destacamento. Sendo assim, teríamos de supor que a coorte em foco não era uma coorte comum, mas provavelmente compunha-se de um menor número de homens. Há alguma evidência arqueológica em favor da *coorte Augusta* em operações na Síria, no tempo de César Augusto. Josefo escreveu acerca de um corpo de cavalaria intitulado *Sebastan*, forma grega para o latim *Augusto*. (ID IB RAM Z)

## COPEIRO

No hebraico, **shaqah**, palavra que aparece por cerca de setenta e três vezes no Antigo Testamento, cuja raiz é «dar a beber». Com o sentido de copeiro, aparece por doze vezes (por exemplo: Gên. 40:1-23; 41:9; I Reis 10:5; Nee. 1:11).

Na corte de Salomão o «copeiro» ocupava elevada posição social, paralelamente ao ofício de copeiro do tempo dos Faraós. Era mais do que um homem que provava os líquidos a serem tomados pelos reis. Antes, era uma espécie de assessor pessoal, dotado de grande importância, devido à sua influência política junto ao monarca. Copeiros aparecem em pinturas murais nos túmulos do Egito. Os copeiros impressionaram grandemente a rainha de Sabá (I Reis 10:5). Neemias intitulou-se copeiro do rei Artaxerxes (Nee. 1:11). Esses oficiais com freqüência tornavam-se confidentes e favoritos dos reis, desfrutando da confiança dos monarcas. Algumas vezes eram por estes consultados, nas decisões importantes que precisavam fazer. Um copeiro real provava do vinho, para certificar-se de que o mesmo não estava envenenado, e assumia a posição de protetor pessoal do rei. Não há que duvidar que muitos copeiros apenas traziam o vinho ao rei, mas outros encarregavam-se de muitas espécies de deveres, em nada relacionados com esse ato relativamente simples. (IB ID Z)

## COPÉRNICO, NICOLAU

Suas datas foram 1473-1543. Foi um filósofo polonês. Nasceu em Torun. Foi educado na Corcóvia, em Bolonha, em Pádua e em Ferrara, estas três últimas cidades na Itália. Ele foi o arquiteto da teoria heliocêntrica do nosso sistema solar. Ele reteve a idéia dos dezessete epiciclos de Ptolomeu (que vide), ao mesmo tempo em que supunha que as órbitas dos planetas eram perfeitamente circulares. Posteriormente, Tycho Brahe (que vide) e Kepler (que vide), abandonaram inteiramente o conceito dos epiciclos, afirmando que as órbitas dos planetas têm forma elíptica. Não obstante, as teorias de Copérnico foram revolucionárias para a sua época. Em primeiro lugar, era crença comum que a terra se mantém parada no espaço. As pessoas não podiam crer que a terra podia

movimentar-se, sem que as coisas se projetassem no espaço. Além disso, com base nas idéias de Aristóteles, o conceito da imobilidade era vinculado à perfeição. Aquilo que se move seria imperfeito e está em decadência. No dia em que Copérnico declarou que a terra se movimenta, isso foi considerado um insulto à criação de Deus. Além disso, pensava-se que a terra era o centro do universo. Reduzir o globo terrestre a uma pequena massa, comparativamente falando, que se movimenta em redor do sol, também foi considerado um insulto à *filosofia* da criação de Deus. A verdade é que, tempos depois, Newton negou até mesmo a centralidade do sistema solar; e, atualmente, sabemos que a nossa própria galáxia, a Via-Láctea, não é o centro do universo.

Uma outra questão envolvida nos ensinos de Copérnico é que a teologia ficou despida de qualquer autoridade, quando se trata de descrever a natureza e as funções do universo, o que passou a fazer parte das tarefas da matemática, da física, da astronomia, etc. Naturalmente, Deus continua sendo o grande matemático e físico cósmico; mas foi preciso muito tempo para que os teólogos se adaptassem às novas verdades da ciência. Nisso aprendemos a dura verdade que, quanto a certos aspectos, as ciências vão além da teologia, quanto ao conhecimento. E isso envolve questões importantes. Precisamos admitir que a Bíblia não foi escrita para nos ensinar fatos científicos, e, sim, para nos ensinar a corrigir nosso relacionamento com Deus e com os nossos semelhantes, e para nos guiar no destino final da alma.

Atualmente, estamos em meio a um debate sobre a antiguidade da terra, bem como sobre o criacionismo (que vide). Jamais nos deveríamos mostrar dogmáticos sobre questões como essas, especialmente diante do fato de que a ciência continua fazendo novas descobertas, mas a teologia não o está. A dificuldade é que certos teólogos, em virtude da própria estrutura fixa de seus sistemas, não querem avançar, e nem ampliar seus pontos de vista. Eles pensam que já sabem tudo quanto se pode saber. Essa posição é absurda, refletindo uma *humano*logia, e não a verdadeira *teo*logia. Já deveríamos ter aprendido a lição que a teologia, em qualquer período da história, é parcialmente determinada pelas idéias científicas ortodoxas correntes, e que, se algum pioneiro aparece em cena, ultrapassando a ortodoxia do momento, geralmente ele é rejeitado. Essa rejeição é tão grande que, às vezes, somente uma nova geração aceita novas idéias. A geração antiga fixou-se nas velhas idéias, chegando a perseguir em defesa das mesmas!

## COPO

Várias palavras hebraicas poderiam ser evocadas aqui. A mais importante, porém, é o termo *kos*, «copo», usado por trinta e uma vezes. Para exemplificar: Gên. 40:11,13,21; Sal. 11:6; 116:13; Isa. 51:17; Jer. 25:15; Eze. 23:31-33; Hab. 2:16. No Novo Testamento encontramos a palavra grega *potérion*, «vaso de beber», utilizada por trinta vezes: Mat. 10:42; 20:22,23; 23:25,26; 26:27; 26:39; Mar. 7:4; 9:41; 10:38,39; 14:23,36; Luc. 11:39; 22:17,20, 42; João 18:11; I Cor. 10:16,21; 11:25,26; 11:27,28; Apo. 14:10; 16:19; 17:4; 18:6.

**Usos Gerais:**

1. Um vaso de beber feito de vários materiais, como ouro, prata, vidro, cerâmica, madeira, etc. (Gên. 40:13). No grego, a palavra *potérion* também pode aludir ao líquido contido no copo (I Cor. 11:27).

2. Essas palavras também eram empregadas para denotar *taças* e *bacias*. Na época do Antigo Testamento, esse vaso era uma espécie de taça. A arqueologia tem descoberto muitas informações sobre as taças, encontrando taças ou gravuras de taças em desenhos e relevos.

**Em Várias Culturas:**

1. *No Egito*. Eram usadas taças de muitos tipos, formatos e cores. As pinturas murais exibem copos de desenho elegante, ao passo que outros eram bastante comuns. Ouro e prata eram materiais preferidos para a confecção das taças dos ricos (Gên. 44:2; Núm. 7:84). Algumas dessas taças eram cravejadas com pedras preciosas, ou com aplicações de vidro de várias cores, ou então eram esmaltadas. Também eram feitas de pedra dura, cerâmica, vidro e porcelana.

2. *Na Assíria*. Grande variedade de formas, de desenho e de cores caracterizava as taças assírias. Eram usados os mesmos materiais que se usavam no Egito. Algumas taças da Assíria terminam com a cabeça de um leão, e têm asas. As taças festivas também eram comuns ali.

3. *Em Israel*. As taças dos hebreus refletiam os modelos egípcios e fenícios. As taças de Salomão eram de ouro (I Reis 10:21). Tal como em outras culturas antigas, as taças ou copos dos hebreus também podiam ser uma espécie de bacia (Êxo. 24:6; Can. 7:2). As taças mencionadas em I Crônicas 28:17 eram vasos de boca larga, usados nas libações (ver também Êxo. 25:28; 37:16; Núm. 4:7).

4. *No Novo Testamento*. As taças descobertas, pertencentes à época do Novo Testamento, refletem objetos idênticos de várias culturas, conforme a descrição acima; mas também incluíam modelos gregos e romanos. O termo grego *potérion* denota um vaso de beber de qualquer formato. A cerâmica era um material comum, empregado nesses vasos (Mar. 7:4), embora os ricos e os nobres contassem com seus vasos de metais preciosos. Normalmente tinham a forma de um cálice. A taça usada na Última Ceia provavelmente era uma espécie de taça de cerâmica, suficientemente grande para que todos pudessem tomar dela um pouco (Mat. 26:27).

**Usos Figurados:**

1. A *parte do seu cálice* (Sal. 11:6; 16:5), indicava a condição geral da vida, próspera ou cheia de carências e necessidades.

2. A *atração tentadora* (Pro. 23:31; Jer. 51:7; Eze. 17:4; 18:6) pode ser ilustrada no caso da Babilônia, atrativa, mas maligna.

3. O *copo da consolação* (Jer. 16:7) deriva-se de um costume oriental mediante o qual o consolo era oferecido aos que estivessem de luto, ou em período de lamentação, oferecendo-se aos mesmos alimentos e vinho. Ver Pro. 31:6.

4. O *cálice da salvação* (Sal. 116:13) provavelmente refere-se às ofertas de libação, em ação de graças a Deus (Núm. 15:5; 28:7), um símbolo da redenção efetuada por Deus.

5. O *cálice da bênção* (I Cor. 10:16), ou *cálice do Senhor* (I Cor. 10:21) era o cálice de vinho sobre o qual se proferia uma bênção, consagrado para uso sacro. O termo derivou-se da festa da páscoa, referindo-se à terceira taça de vinho que era tomada durante as cerimônias daquela celebração.

6. O *cálice dos demônios* (I Cor. 10:21), faz contraste com o cálice da bênção (número 5, acima).

7. O *cálice de atordoamento*, ou de intoxicação, representa o estado de insensibilidade espiritual (Isa. 51:17; Zac. 12:2).

8. O *copo de espanto e de desolação* (Eze. 23:33), aponta para o estado mental e emocional que essas palavras indicam.

9. O *cálice da ira do Senhor* (Isa. 51:17,22) indica a retribuição indignada do Senhor contra os desobedientes contumazes.

10. O *copo de adivinhações* (Gên. 44:5) pode representar poderes psíquicos, mas também pode indicar um copo literal, provavelmente cheio de água e usado como se fora uma bola de cristal. José afirma que usava um desses copos, para consternação de alguns intérpretes que supõem que a *adivinhação* (que vide) é errada por si mesma. A maior parte dos poderes psíquicos é natural, podendo ser provocada de vários modos. Ver o artigo sobre a *parapsicologia*. Naturalmente, um indivíduo psíquico pode envolver-se em poderes divinos ou em poderes demoníacos. (S UN Z)

**COR** Ver sobre **Cores**.

**COR**

Ver sobre **Pesos e Medidas**.

## CORAÇÃO

### I. Uso Geral

*Coração*. Nas páginas da Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamentos, é o vocábulo mais completo para indicar todas as faculdades humanas, como os sentimentos (ver Rom. 9:2), a vontade (ver I Cor. 4:5) e o intelecto (ver Rom. 10:6). É assim apontado o homem interior, o homem essencial, aquela porção da personalidade humana que possui os meios naturais através dos quais todo o homem deveria elevar seu conhecimento de Deus a níveis mais altos, em gratidão. Todavia, é justamente o coração que se torna obscurecido. O «coração» pode ser o lar do Espírito Santo (ver Rom. 5:5), ou a maldade pode dominar ali (ver Rom. 1:24). A passagem de Mar. 7:21 e *ss*. alista os vícios que podem proceder do homem interior, ali também chamado de «coração».

### II. A Perversão de

Rom. 1:21 descreve de forma abreviada como as faculdades naturais do homem, que lhe permitem vir a conhecer a Deus e a ter comunhão natural com ele, foram pervertidas, através de uma degeneração progressiva, mediante a rejeição proposital do conhecimento de Deus e da distorção da verdade, tudo o que faz parte do misterioso e primeiro deslocamento do homem para fora da harmonia original que ele desfrutava com Deus.

O homem só tem razão quando pensa corretamente, e só pensa corretamente se está em harmonia com o Criador.

*Antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios*, Rom. 1:21. A palavra *nulos*, neste caso, significa «inúteis», «vãos», «vazios». «A compreensão humana foi reduzida a trabalhar em um 'vácuo'. De certo modo se tornou *fútil*». (Godet em Rom. 1:21). Ou, conforme diz Vincent. «Suas idéias perderam o valor intrínseco, correspondente à verdade».

O vocábulo «*vaidade*», nos contextos judaicos (o que também deve ser verdade nos escritos de Paulo), diz respeito às práticas e tendências idólatras dos homens, os quais loucamente, em lugar do Deus vivo, colocam alguma outra coisa, usualmente uma imagem de escultura, feita por seus próprios dedos, ainda que isso também possa ser expresso na forma da adoração aos corpos celestes, em lugar de adoração ao próprio criador dos corpos celestes. (Ver Jer. 2:5; II Reis 17:15 e Atos 14:15).

*Raciocínios*. — Alguns intérpretes preferem a tradução alternativa — *imaginações* —, o que se referia à intranqüilidade da mente depravada, que começa por inventar idéias, por especular, por raciocinar, mas tudo com resultados negativos, pervertendo tão somente qualquer luz à verdade que porventura já possua. É a «verdade humana» que os homens substituem pela «verdade de Deus». A verdade dos homens leva os homens à perversão moral, conforme se vê tão patentemente no nosso mundo atual. Os males, portanto, exercem um efeito cumulativo, e isso concorda com a experiência humana.

Tudo isso esclarece por quais razões e como os homens são *inescusáveis*. Os próprios homens fizeram descer o dilúvio sobre eles, e isso deu início a um espírito de ingratidão.

«A injustiça deles consiste nisso — imediatamente afogaram, por sua própria depravação, a semente do correto conhecimento, antes que esta pudesse amadurecer». (Calvino).

Quanto a essa verdade bíblica podemos examinar um trecho paralelo no livro apócrifo de Enoque 99:8,9, onde também se reflete a idéia e a mentalidade judaica sobre essa questão: «E eles 'os homens' tornar-se-ão ímpios em razão da insensatez de seus corações e seus olhos serão cegos pelo temor que haverá em seus corações, bem como através das visões de seus sonhos. Mediante essas coisas se tornarão ímpios e temerosos, porquanto fazem todas as suas obras na mentira, e adoram um pedra».

### III. A Variedade de Usos da Palavra

1. Como paralelo de «inteligência» (ver Rom. 1:21; II Cor. 3:15; 4:6 e Efé. 1:18).

2. Como equivalente a «escolha moral» (ver I Cor. 7:37 e II Cor. 9:7).

3. Como algo que dá impulso e caráter às ações (ver Rom. 6:17; Efé. 6:6; I Cor. 3:3; I Tim. 1:5 e II Tim. 2:22). A obra da lei está escrita no coração do homem (ver Rom. 2:15). A igreja em Corinto foi inscrita como epístola de Cristo, em corações de carne (ver II Cor. 2:23).

4. Especificamente, o coração é a sede do Espírito divino (ver Gál. 4:6; Rom. 5:5; II Cor. 1:22). Essa é a esfera das diversas operações, orientações, consolos e confirmações do Espírito Santo (ver Fil. 4:7; Col. 3:15; I Tes. 3:13; II Tes. 2:17 e 3:5). O coração é igualmente a sede da fé e o órgão do louvor espiritual (ver Rom. 10:9; Efé. 5:19; Col. 3:16).

5. O coração equivale ao *homem interior* (ver Efé. 3:16,17).

Assim, pois, podemos falar sobre o homem essencial, o homem real, que é a alma humana, em contraste com o mero homem físico, o homem animal.

## CORAGEM

**Essa palavra vem do latim, cor, «coração».** Um homem corajoso é aquele que não recua diante de conseqüências adversas, na realização de seu dever. A coragem é uma qualidade mental que leva o homem a enfrentar perigos ou oposição com intrepidez, calma, firmeza e propósito. Envolve ousadia, bravura, arrojo, fortaleza, temeridade, resolução. Pode ser demonstrada mediante atos físicos ou atitudes mentais independentes. O contrário da coragem não é, necessariamente, a covardia, pois também pode ser a acomodação, a aceitação dos fatos, a vacilação e a conformidade com aquilo que outros esperam de nós.

*Na Filosofia*. De acordo com os filósofos gregos, a coragem é uma das quatro virtudes cardeais do homem, paralelamente à sabedoria, à moderação e à justiça. Na *República* de Platão, a coragem aparece como a virtude especial da classe dos guardiães, os

encarregados de proteger a sociedade. Para Aristóteles, a coragem é o meio termo entre a deficiência da covardia e os excessos da temeridade. Para Paul Tillich, a coragem é aquela qualidade que se faz necessária para nos aproximarmos da realidade última. A coragem é uma das virtudes básicas, e as virtudes são pontos fortes básicos do homem. A coragem repousa sobre a integridade e a honestidade do indivíduo, de onde se derivam os recursos mentais e espirituais de todos nós. A coragem não envolve, necessariamente, algum ato de bravura. Também pode envolver perseverança em defesa de alguma causa tida como justa, resistência diante dos reveses. É preciso coragem para alguém buscar a verdade, porquanto por todos os lados há forças que procuram fazer o homem conformar-se com algum sistema, onde a verdade supostamente foi aperfeiçoada e fixada de modo definitivo.

No Antigo Testamento, há duas palavras hebraicas que exprimem o espírito corajoso, a saber: *hazaq*, «fortaleza», e *ruah*, «espírito». O trecho de Sabedoria 8:7 apresenta a coragem como uma das virtudes fundamentais. O oposto é qualquer forma de covardia (Eclesiástico 2:12,13). Há muitos exemplos físicos de coragem em campo de batalha, no Antigo Testamento; mas também há a coragem moral e mental, como em Isa. 41:13,14; Jer. 1:8 e Eze. 2:6. A ausência da palavra «coragem», nas páginas do Novo Testamento, pode parecer surpreendente. Mas podemos vê-la exemplificada nas vidas dos grandes líderes, como Jesus, Pedro e Paulo, os quais agiram motivados pela coragem, moral e espiritual. Há também aquela coragem, que se manifesta em meio à adversidade e à oposição, que resulta em triunfo (I Cor. 15:58; 16:9).

No nosso mundo moderno, onde a degradação e a desintegração dos costumes vem aumentando de forma alarmante, até mesmo no seio da Igreja cristã, é preciso grande coragem para o crente manter-se firme em seus propósitos e em seus atos. Parece que são aqueles que praticam o erro, que odeiam, que perturbam e que matam é que são os corajosos. E, ao que parece, com grande freqüência, Deus observa compassivamente. Mas as profecias bíblicas asseguram-nos de que as condições dos últimos dias, antes do retorno de Cristo, serão caracterizadas pela violência e desrespeito dos filhos de Belial. Certo poeta conseguiu captar essa atitude, quando escreveu:

*A SEGUNDA VINDA*

*Girando e girando, em círculos cada vez maiores,*
*O Falcão não pode ouvir seu treinador;*
*As coisas se despedaçam; o cetro não pode manter-se;*
*A maré sangrenta sobrevém, e, por toda parte,*
*A cerimônia da inocência é abafada.*
*Aos melhores, falta convicção;*
*Os piores, são cheios de paixão.*
(William Butler Yeats).

## CORAL

No hebraico, **ramoth**, que aparece somente por duas vezes no Antigo Testamento: Jó 28:18 e Eze. 27:16. Essa mesma palavra significa algo que cresce alto, o que indicaria o acúmulo nos recifes de corais, como aqueles encontrados nos mares Mediterrâneo e Vermelho. A palavra é mencionada em alusão às jóias egípcias. Pequenos enfeites, como contas, etc., eram feitos desse material. O coral, embora considerado uma pedra preciosa, na verdade é um esqueleto calcáreo, secretado por uma comunidade ligada de pequenos pólipos, que cercam e escondem inteiramente esse arcabouço, enquanto vivem. A espécie envolvida é o minúsculo organismo conhecido como *Anthozoa*, ou «bicho flor», conforme esse termo grego dá a entender. Eles vivem em colônias muito densas, em mares não mais frios do que a média de 20° centígrados. Há cerca de duas mil e quinhentas espécies que variam em dimensões e em formato. Os corais de cor vermelha e negra são aqueles usados como pedras preciosas. Na antiguidade, os corais eram até mesmo importados ou exportados, vindo de lugares tão distantes quanto a Índia. Alguns, na antiguidade, pensavam que o coral tem propriedades sagradas. Ver Jó. 28:28; Lam. 4:7; Eze. 27:16. A colheita de corais continua sendo uma importante indústria na parte oriental do mar Mediterrâneo.

## CORAL

Hino sacro cujo estilo foi iniciado pelos reformadores luteranos. O texto sempre era cantado em alemão, e não em latim, e toda a congregação participava no cântico. As melodias eram escolhidas dentre as melhores melodias gregorianas (que vide), de canções seculares que poderiam ser adaptadas, e de obras originais de vários compositores luteranos, especialmente Johann Walther. O propósito original desse cântico era conferir à congregação uma maior participação nos cultos, do que fora possível até aquele ponto da história. As melodias eram métricas e harmoniosas, embora mais formais que os modernos hinos sacros. A melodia principal era cantada por tenores.

O coral foi usado como base para outras obras, por compositores notáveis como Bach, que compôs os chamados prelúdios para coral, ao órgão; ou por Felix Mendelssohn que usou corais familiares em suas sonatas para órgão, em suas cantatas (que vide) e em seus oratórios (que vide). Modernas composições para órgão, empregando o estilo do coral, ou outros estilos, formam uma valiosa porção de música para órgão, apropriada para uso nos cultos de adoração dos evangélicos. (E)

## CORANTES Ver Tintureiros.

## CORASÃ

No hebraico, «fornalha fumarenta». Uma cidade na parte sudoeste do território de Judá, mencionada somente em I Sam. 30:30, e que figura entre as localidades por onde Davi e seus homens vaguearam, antes dele tornar-se rei de Israel. Algumas versões têm emendado o nome para a forma Borasã. Talvez se trate da mesma Asã que aparece em Jos. 15:42.

## CORAZIM

Uma cidade mencionada nos trechos de Mateus 11:21 e Lucas 10:12, em conexão com Betsaida e Cafarnaum, em razão do que se supõe que ela ficaria nas proximidades dessas duas outras cidades. Ficava perto do mar da Galiléia (que vide). Achava-se entre aqueles lugares que Jesus denunciou por causa de sua atitude de incredulidade contínua, a despeito da vantagem de seus habitantes terem sido testemunhas de muitas ocorrências espirituais. Excetuando essa circunstância, pouco se sabe sobre o local. Seu local tem sido identificado como Khirbet Kerazeh, a três quilômetros ao norte de Cafarnaum, o que concorda com as informações que nos são supridas por Eusébio, em seu *Onomasticon* (174). Khirbet Kerazeh fica localizada acima de Cafarnaum, em colinas de basalto. A arqueologia tem demonstrado que o local vinha sendo habitado desde a Idade da Pedra

posterior. O Talmude informa-nos que a cidade era famosa pela qualidade do seu trigo, *Menahoth* 85a. Uma sinagoga feita de pedras de rocha vulcânica negra foi desenterrada ali, embora seja uma construção menos impressionante que a sinagoga achada em Cafarnaum (que vide). Entre as ruínas havia uma pedra esculpida, com uma inscrição em aramaico, onde aparece o nome de seu doador. Ali poderia ser a «cadeira de Moisés» (ver Mat. 23:2). Esse assento era usado pelos principais mestres rabinos. Os rabinos eram herdeiros de Moisés que, por assim dizer, proferiam *ex cathedra* os ensinamentos de Moisés. Quanto a notas completas sobre esses assentos e as declarações que dizem respeito aos mesmos, ver as notas expositivas no NTI, em Mat. 23:3. (KO NTI Z)

## CORBÃ

A palavra é transliteração de um termo hebraico que significa «oferenda». Mas, conforme ela é usada em Marcos 7:11, alude a algo dedicado a propósitos religiosos, como o templo. Jesus frisa que os hipócritas, com uma piedade fingida, haviam descoberto um meio de desobedecer ao quinto mandamento («Honra a teu pai e a tua mãe»). Muitas pessoas acham conveniente ignorar princípios espirituais encastoados em passagens bíblicas claras, mediante algum *caso especial* ou *necessidade pessoal*, o que, para elas, transcende a claros ensinamentos espirituais. Essa tradição sobre o *corbã*, um voto proferido a respeito de alguma oferta, era tão forte que quem fizesse tal voto era proibido de usar a coisa votada, qualquer que ela fosse, para outra finalidade. No entanto, a hipocrisia desconhece limites. Os antigos judeus descobriram um modo de evitar pagarem os seus votos, tornando-os tão vagos que podiam interpretá-los como bem entendessem.

Um filho que quisesse evitar cuidar de seus idosos genitores, para que pudesse usar do dinheiro para si mesmo, poderia declarar esse dinheiro um «corbã», isto é, uma oferta pertencente ao templo. E em seguida, mediante um outro golpe de astúcia, ele podia acabar retendo o dinheiro para si mesmo. Destarte, ele apenas fingia dedicar o dinheiro ao templo. Todavia, também havia quem realmente entregasse o dinheiro ao templo, visando à promoção da religião judaica; e isso significava que os seus pais perdiam aquilo que lhes pertencia. Jesus, pois, condenou a prática, em qualquer de suas variedades.

Esse antigo costume tem paralelo, nos tempos modernos, nos grupos religiosos que exploram os sentimentos de pessoas idosas, a fim de arrancar o dinheiro delas, ou sob a forma de doações, enquanto estão vivas, ou sob a forma de testamentos, em que deixam seus bens a esses grupos. Ocasionalmente, ouvimos falar no caso de alguma família que foi deserdada, total ou parcialmente, pela intrusão de alguma igreja ou denominação cristã, que perturbou a questão de herança da família.

A palavra hebraica empregada em Lev. 1:2; 22:27 e 23:14 tem o sentido geral de oferenda. A Mishna (*Ned.* iii.6.9) afirma que qualquer coisa consagrada como *corbã* jamais podia reverter ao uso ordinário, mesmo que o voto tivesse sido feito precipitadamente. No entanto, a história revela-nos que havia toda espécie de burla, no tocante a coisas proibidas. A palavra «corbã», só é usada no Novo Testamento em Marcos 7:11, embora o mesmo incidente histórico seja ampliado em Mateus 15:1 *ss*. Ali o Senhor mostra que os judeus, com suas *tradições* humanas, anulavam a lei de Deus. Êles honravam a Deus com suas palavras, mas não nas suas ações (Mat. 15:8,9) o que tornava *vã* a adoração deles. Todos os sistemas religiosos e teologias, bem como as denominações cristãs que os seguem, incluem *tradições* humanas que contradizem os princípios espirituais do evangelho.

## CORÇA

No hebraico, **tsebi**, «beleza». Essa palavra indica um pequeno antílope, abundante nas porções mais selvagens da Palestina. Seu nome científico é *Gazella dorcas*. É animal bem conhecido por sua velocidade, beleza e movimentos graciosos. É mencionado nos seguintes trechos: Deu. 12:15,22; 14:5; 15:22; II Sam. 2:18; I Reis 4:23; I Crô. 12:8; Pro. 6:5; Can. 2:7,9,17; 3:5; 8:14; Isa. 13:14. Esse animal era suficientemente bem distribuído pela Palestina para servir de comum fonte de alimento. É provável que esse animal estivesse envolvido no relato sobre Esaú, em Gênesis 25:28; 27:3 *ss*. À medida que a civilização avança, o habitat desse arisco animal vai-se encolhendo. Nos tempos modernos, escasso controle sobre os caçadores tem permitido a redução drástica da população dessa espécie. Em Israel há leis de caça, e há também reservas que estão dando oportunidade para esses animais sobreviverem, e não serem extintos definitivamente na Palestina. O nome feminino Dorcas (Atos 9:36) está baseado sobre o nome desse animal.

## CORÇA DA MANHÃ

No Salmo 22, no título do mesmo, encontramos as palavras hebraicas *Ay-ye-leth Shachar*, que significa precisamente «corça da manhã». Nossa versão portuguesa interpreta o título como se esse fosse o nome de uma melodia, ao som do qual o Salmo 22 deveria ser cantado.

Todavia, há uma outra interpretação, que diz que *Shahar* e o seu irmão gêmeo, Shalem, eram filhos de El, o principal deus do panteão cananeu. Shahar seria o deus da aurora, e Shalem o deus do pôr-do-sol. Seriam similares a Castor e Pólux da mitologia clássica, que tem reflexos na lenda católica romana de Cosme e Damião, que os macumbeiros brasileiros abraçaram como dois de seus «santos». É difícil pensar que uma tradição pagã tenha penetrado no título de um dos Salmos de Davi. Por isso, optamos pela primeira interpretação, aquela que pensa no nome de uma melodia antiga, segundo é refletido em nossa versão portuguesa da Bíblia.

## CORÇO

No hebraico, **yachmur**, palavra que aparece somente em Deu. 14:5 e I Reis 4:23. Seria, cientificamente, o *Alcephalus busephalus*, um tipo de veado, bem conhecido no Egito, onde têm sido encontrados espécimes mumificados, vindos do período greco-romano. Aparentemente, não era um animal nativo da Palestina. Atualmente é raro, ou mesmo extinto. O animal é mencionado como um item do cardápio de Salomão.

## CORDA

No hebraico temos de considerar duas palavras, e no grego, uma, a saber:

1. *Chebel*, «corda». Essa palavra é usada por sessenta vezes, com variadas traduções em português (para exemplificar: II Sam. 17:13; I Reis 20,31,32; Jos. 2:15; Sal. 140:5; Miq. 2:5).

2. *Aboth*, «tira». Essa palavra é usada por vinte e

nove vezes (para exemplificar: Juí. 15,13,14; Sal. 2:3; Isa. 5:18).

3. *Schoinion*, «corda». Palavra grega usada por apenas duas vezes (ver João 2:15 e Atos 27:32).

Qualquer desses termos indica uma corda de qualquer espessura, feita de fibras, cabelos ou couro. Pinturas em cavernas no oriente da Espanha, pertencentes ao período paleolítico posterior (cerca de 12.000 A.C.), mostram o que parece ser uma corda usada para ajudar alguém a subir por um penhasco. No Egito, as cordas eram feitas de junco (cerca de 4000 A.C.), de fibras, de linho, de capim, de papiro ou de pêlos de camelo. Cordas de até 6,5 cm de espessura têm sido encontradas em locais do antigo Egito. As cordas eram importantíssimas no mundo antigo, porque permitiam aos homens projetos de construção. Algumas inscrições antigas (por exemplo, Rekmire, do século XV A.C.) mostram qual o processo do fabrico de cordas, no Egito.

Nas páginas da Bíblia, vemos que cordas eram usadas na guerra, para destruição de cidades (ver II Sam. 17:13), para arrear cavalos (ver Jó 39:10 e Isa 5:18), no cordoame de embarcações (ver Atos 27:32,40), para baixar pessoas que estivessem em lugares elevados (ver Jos. 2:15 e Jer. 38:6 *ss*), para armadilhas (Jó 18:10) e para amarrar pessoas (ver Juí. 15:13 *ss*).

Uma corda, — em vez de tecido ou couro, representava pobreza ou opróbrio (ver I Reis 20:31 *ss;* Isa. 3:24). O «gancho» enfiado nas bochechas do leviatã (ver Jó 41:2), talvez fosse melhor traduzido por «corda», visto que a palavra hebraica, no original, indica uma corda feita de junco. O «azorrague de cordas» que Jesus usou (ver João 2:15) para expulsar os vendedores de animais e os cambistas que infestavam o templo, e o «cabo» cortado pelos soldados para deixar o bote ir-se embora, são traduções de uma mesma palavra grega. (Ver Atos 27:32).

**Usos Figurados**: a. Enrolar-se com uma corda indicava tristeza e humilhação (Jó 12:18; I Reis 20:31,32). b. Uma herança dada era representada pelo uso de cordas, que eram usadas para medir um terreno (Sal. 105:11). De fato, o termo traduzido por «corda» podia indicar uma medida de superfície. c. Estender uma corda em torno de uma cidade indicava que a mesma estava destinada à destruição (Lam. 2:8). d. O *fio de prata*, partido por ocasião da morte física, representa o momento de não-retorno do espírito (Ecl. 12:6). Alguns estudiosos pensam que a alusão é à quebra da espinha dorsal, mas a referência é ao fio de energia que vincula o espírito ao corpo físico, como se fosse uma espécie de cordão umbilical, por meio do qual, aparentemente, há uma comunicação de energias vitais. Ocasionalmente, o fio de prata pode ser visto, quando há a projeção da psique (que vide), ou durante o processo da morte física (ver sobre *Experiências de Quase Morte*). Enquanto o fio de prata não se parte é possível o retorno do espírito ao corpo físico. Quando o mesmo é cortado, isso equivale ao *nascimento* para uma nova vida. Portanto, há algo parecido ao momento em que se corta o cordão umbilical de um recém-nascido. Ver o artigo sobre o *Fio de Prata*. e. As *cordas de Deus* são as suas restrições aos atos humanos (Sal. 2:3). f. Há também as *cordas do amor* de Deus, isto é, sua boa vontade e interesse pelo bem-estar do homem (Osé. 11:4). g. Há o poder dos pecados e dos hábitos maus, que, por assim dizer, amarram os pecadores (Pro. 5:22). h. Há as cordas da vaidade (Isa. 5:18) e as cordas da aflição (Jó 36:8). i. Nos sonhos e nas visões, uma corda pode ter vários sentidos simbólicos. Se assume uma forma circular, pode indicar a porção genital feminina. Ou pode significar o cordão umbilical e tudo quanto o mesmo representa, como proteção, apego à mãe, segurança; mas também, negativamente, falta de liberdade e senso de confinamento. Também devemos considerar uma corda pendurada, em cujo caso o simbolismo envolve alguma grave ameaça, punição ou dificuldade. Todavia, uma corda também pode simbolizar os elementos salvatícios, visto que um homem lança uma corda a uma pessoa que se está afogando, com a qual esta poderá salvar-se do afogamento. (CHE FOR)

**CORDA DE PRATA** Ver **Fio de Prata.**

## CORDÃO

Em Núm. 15:38 lemos sobre «um cordão azul» que os filhos de Israel deveriam usar nas fímbrias de suas vestes, para atar às mesmas as borlas (que vide). O azul era símbolo de espiritualidade. Alguns estudiosos interpretam que esse cordão azul indicava que os israelitas deveriam voltar-se para as realidades espirituais, considerando como secundárias as atividades terrenas.

**CORDEIRO** Ver **Ovelha.**

## CORDEIRO DE DEUS

**I. Em João 1:29**

1. Neste vs., alguns vêem o *cordeiro pascal.* (Assim pensavam Grotius, Lampe, Hofmann e Vincent). O problema que acompanha essa interpretação é que o cordeiro pascal não era encarado como lavador do pecado, mas antes, como símbolo do livramento do povo de Israel, e comemorava o livramento dos israelitas de serem mortos pelo anjo destruidor, quando este aniquilou os primogênitos no Egito. Não obstante, paralelamente ao cordeiro pascal e ao rito da aspersão do sangue, desenvolveu-se o cordeiro do sacrifício pelo pecado. (Ver I Cor. 5:7). Da maneira aventada em João 1:29, é que o apóstolo Paulo expressou a idéia, sendo perfeitamente possível que, nos dias de Jesus, tal conexão fosse comumente compreendida, provavelmente como empréstimo tirado do sentido dos cordeiros diariamente sacrificados pelos pecados, idéia essa que pelos judeus foi transferida para a festividade anual em que era sacrificado o cordeiro pascal.

2. Alguns estudiosos desviam-se inteiramente da verdade, crendo que *nenhum cordeiro sacrificial* está em foco em João 1:29, mas que estava em vista apenas a pessoa de Jesus, o Messias, como homem pleno de bondade, que pacientemente tolerou os males dos seres humanos, tendo assim participado, com toda a paciência, das dolorosas vicissitudes da existência humana (demonstrando assim qualidades de caráter que podem ser atribuídas a um cordeiro).

3. Estariam no foco da atenção as ofertas pelo pecado. (Assim opinaram Baumgarten-Crusius e Meyer). Tratar-se-ia dos cordeiros sacrificados a *cada manhã e tarde*; ou mesmo dos diversos animais (além dos cordeiros) que eram usados nesses sacrifícios. Contudo, a questão não é se tais sacrifícios serviram de tipos simbólicos ou não do sacrifício de Cristo e, sim, se João 1:29 realmente se refere a isso ou não, se João Batista tinha por escopo ou não dizer tal coisa. Sabemos, alicerçados em I Cor. 5:7; Atos 8:32 e I Ped. 1:19, que o sistema geral de sacrifícios do judaísmo chegou a ser aceito como símbolo do sacrifício de Cristo, na teologia do cristianismo primitivo.

4. Outros eruditos acreditam que Cristo, na qualidade de Cordeiro de Deus, é um cumprimento

profético de predições como a que lemos em Is. 53:6; e que, apesar disso assemelha-se a outros conceitos judaicos sobre os *sacrifícios cruentos*, na realidade um assunto distinto estava em consideração aqui. Dessa maneira, o conceito do Messias deveria incluir a idéia do *cordeiro conduzido ao matadouro*, segundo também expressa distintamente o trecho de Is. 53:7. Essa passagem, naturalmente, vincula o cordeiro com o tirar do pecado, o que falta essencialmente na primeira interpretação ventilada acima. Essa é, para todos os efeitos, a interpretação de Alford, e, naturalmente, conta com suas vantagens óbvias; todavia, podemos indagar por que precisaríamos excluir as demais idéias, e por que deveríamos referir-nos a esta idéia com exclusividade, se o capítulo cinqüenta e três do livro de Isaías fala do cordeiro sacrificial. Sim, por que não poderia haver mais algumas referências gerais ao sistema de sacrifícios do judaísmo, do que o cordeiro sacrificial não fazia parte. (Ver Lev. 4:32 e Núm. 5:8). O cordeiro sacrificial era um animal especialmente preparado, separado, de determinada idade, sem defeito algum. Todas essas idéias parecem exigir que o simbolismo por detrás do Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, deve ser mais lato do que aquilo que está contido em uma única passagem profética, a saber, o capítulo cinqüenta e três de Isaías.

5. Todas as considerações expostas acima parecem conduzir à necessidade de aceitarmos uma explicação mais complexa, ou pelo menos uma combinação de outras explanações. «Ele (João Batista) usou o cordeiro como símbolo *do sacrifício em geral*. É como se ele tivesse dito: Aqui está a realidade, da qual todos os sacrifícios animais eram meros símbolos». (Bruce, em João 1:29). O cordeiro pascal fala-nos acerca do livramento de Israel da escravidão; e a passagem de I Cor. 5:7 mostra-nos que a teologia cristã lançava mão desse cordeiro como tipo simbólico de Cristo, a despeito do fato de que não era assim que se achava, no pensamento judaico mais primitivo.

**Efeitos do sacrifício de Jesus:**

1. Foi o cumprimento de todos os tipos do A.T., no tocante ao sistema de sacrifícios.

2. A oferta da salvação plena. Ver notas completas em João 1:12 no NTI.

3. O perdão dos pecados. Ver o artigo.

4. A santificação. Ver o artigo.

5. A plena participação na vida e imagem do Logos, II Cor. 3:18.

6. A reconciliação universal, Col. 1:20 e Efé. 1:10.

7. O exemplo da humanidade dedicada a Jesus. Ver notas em Fil. 2:7 e Heb. 5:1-19 no NTI.

Que tira o pecado do mundo, João 1:29. Porque o sentido das palavras é tão elástico, existem tantas e tão variadas interpretações acerca desta declaração, dependendo do que se compreender pelo verbo aqui traduzido por «tira». No original grego, trata-se de um verbo no particípio presente, tendo por intenção esclarecer qual deve ser considerada a principal característica do «Cordeiro». As interpretações acerca dessa função ou característica do Cordeiro de Deus, são as seguintes:

1. Lançar fora. A idéia de expiação pode ser eliminada por esse termo, porquanto não se trata de uma referência necessária à morte ou sacrifício do cordeiro.

2. Outro tanto se dá quanto à idéia de *apoio*, que é defendida por alguns estudiosos.

3. Até mesmo idéias como *suportar, sofrer, tirar, levar*, etc. têm sido desnudadas, por alguns intérpretes, do conceito de sacrifício expiatório; mas sem dúvida essa posição labora contra a teologia neotestamentária sobre o assunto, e necessariamente ignora trechos bíblicos como I Cor. 5:7; Atos 8:32 e I Ped. 1:19; ou, pelo menos, assevera que tais versículos abordam um assunto inteiramente diferente daquele ventilado pelo trecho de João 1:29; mas não é provável que assim realmente aconteça. O verbo grego «airo» pode ter, essencialmente, três significados: a. levantar ou soerguer (como se vê em João 8:59); b. suportar ou carregar (como se percebe em Mat. 16:24); c. remover ou tirar (como se lê em João 20:1). As duas últimas definições podem ser bons veículos para interpretações que favorecem a expiação, isto é, interpretações que afirmam que o tirar o pecado do mundo veio por intermédio da expiação de Cristo.

4. Assim sendo, o que está em foco na expressão «...que tira o pecado do mundo...» é ou a *remoção* ou a *expiação* do pecado, e a primeira idéia está incluída na segunda.

Podemos comparar com isso diversos versículos da primeira epístola de João, que podem ser reputados interpretações dessa idéia aqui exposta: I João 3:5: «*...ele se manifestou para tirar os pecados...*»; I João 1:7: «*...e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado...*»; e I João 2:2, que ainda mais incisiva e exatamente declara o que temos aqui: «*...e ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro*». Essa linguagem obviamente é de natureza sacrificial. A idéia dominante é a remoção da infecção causada pelo pecado, a fim de que os remidos possam entrar em comunhão com um Deus santo. O singular, «pecado», é empregado no trecho de João 1:29; devemos observar, entretanto, que o trecho de I João 2:2 emprega o plural, «...pecados...». O mais provável é que o singular aponte para o princípio pecaminoso, ou seja, os pecados considerados coletivamente, isto é, todos os pecados, de todos os pecadores, referidos por uma palavra só. Cristo remove ambos os tipos de pecado, tanto os atos, considerados em sua pluralidade, como o pecado, considerado como um princípio.

Cristo na qualidade de Cordeiro de Deus. Apresentamos aqui um sumário das idéias inclusas nesse simbolismo: a. A expressão «...Cordeiro de Deus, que tira o pecado...», só se encontra por duas vezes, a saber, em João 1:29 e 36; e, dessas duas ocorrências, a primeira contém, ou é uma interpretação; b. Expressões similares podem ser encontradas em Atos 8:32 e I Ped. 1:19 (as quais se referem ao cordeiro do sacrifício); c. No livro de Apocalipse se acha, com bastante freqüência, o título de Cristo, *Cordeiro*. Tal vocábulo é usado nesse livro nada menos de vinte e oito vezes. Ali, muitos conceitos adicionais sobre a pessoa de Cristo são indicados por esse título, além do de expiação. No livro de Apocalipse ele é visto como o Cordeiro sacrificial, mas também como o elevado e transcendental Rei (Apo. 5:8 e 7:9); como a mais alta Autoridade celestial (Apo. 6:1,6 e 7:9-14); como o chefe dos exércitos celestiais (Apo. 17:14 e o cap. 19); e como o compartilhador do trono eterno (Apo. 22:1,3).

**II. Em Apo. 5:5,6**

**Cordeiro.** O Leão (aludido no versículo anterior) é agora retratado como um Cordeiro. Ambos esses animais pintam algo acerca do caráter e da missão do Cristo. Na qualidade de Leão, ele é o corajoso Rei, que defende seu povo e assume o poder universal. Na qualidade de Cordeiro, ele faz expiação e assume seu ofício de Sumo Sacerdote. (Ver João 1:29, onde Cristo aparece como Cordeiro. Ver Heb. 2:17; 4:14; 5:10 e 9:24, onde Cristo aparece como Sumo Sacerdote). No

Testamento de José 19:8, um leão presumivelmente de Judá, assiste ao Messias, o qual é retratado como um cordeiro. É possível que o vidente João tivesse esse simbolismo em mente, e que agora tivesse mesclado os dois símbolos em uma única pessoa. Na citada passagem do Testamento de José, o «cordeiro» é «vencedor»; mas, visto que aqui ele é «morto», sabemos que parte de sua vitória veio através da «expiação» do Cordeiro, e não meramente através de seu ofício monárquico. O vidente João, portanto, não apresenta um símbolo contrário ao do evangelho de João ou ao da tipologia judaica, —mas tão-somente suplementa o simbolismo, referindo-se aos efeitos conquistadores do sacrifício do Cordeiro. Nas páginas do A.T., conforme devemos estar lembrados, o cordeiro pascal conferiu aos israelitas a vitória sobre o Egito, não sendo apenas aquilo que forneceu a expiação. Paulo alude a Cristo como a páscoa cristã, que se sacrificou por nós (ver I Cor. 5:7).

Somente o vidente João, em todo o N.T., ao referir-se a Cristo como Cordeiro, usa o termo grego *«arnion»*. Em todas as demais passagens do N.T., é empregado o vocábulo grego «amnos». (Ver João 1:29,36; I Ped. 1:19 e Atos 8:32 quanto a essa última palavra). No Apocalipse também se pode ver o Cristo na qualidade de Cordeiro em Apo. 5:8,12,13; 6:1,16; 7:9,10,14,17; 12:11; 13:8,11; 14:1,4,10; 15:3; 17:14; 19:7,9; 21:14,22,23 e 22:1,3. O termo *arnion* é a forma diminutiva de «arnos», mas, nos tempos neotestamentários, essa palavra não tinha necessariamente esse sentido. Não há qualquer diferença de significado entre «amnos» e «arnion».

*Como tinha sido morto.* O Cordeiro fizera expiação (que vide), e assim obteve a vitória para os homens. Sua missão terrena conferiu-lhe a sua exaltação celestial, conforme se aprende em Heb. 1:9 e Rom. 1:3,4. A passagem de Col. 1:20 mostra que a paz com Deus e a reconciliação universal dependem desse ato de sacrifício de Cristo. Não é bastante, pois, que Cristo seja o Leão; também era mister que ele fosse o Cordeiro.

## CORÉ

No hebraico, «pregoeiro» ou «perdiz». É nome de dois homens, no Antigo Testamento:

1. Um levita, filho de Ebiasafe, pai de Salum, porteiro do tabernáculo (I Crô. 9:19), chamado pai de Meselemias (Selemias), em I Crô. 26:1. Cerca de 960 A.C.

2. Um levita, filho de Imna, nomeado para ser o supervisor das ofertas voluntárias, na época de Ezequias (II Crô. 31:14). As ofertas recolhidas deveriam ser distribuídas entre os sacerdotes. Cerca de 719 A.C.

## CORÉ (CORÁ)

No hebraico, «calvo». Foi nome de quatro ou cinco pessoas referidas na Bíblia, a saber:

1. O terceiro filho de Esaú e sua concubina cananéia, Aolibama (Gên. 36:5,14,18; I Crô. 1:35), em cerca de 1950 A.C. Ele nasceu em Canaã, antes que Esaú partisse para o monte Seir (Gên. 36:5-9), e se tornasse cabeça de uma tribo iduméia (Gên. 36:18).

2. O filho de Elifaz, filho de Esaú e Ada, filho de Elom, o hitita (Gên. 36:16). Entretanto, a maioria dos estudiosos pensa que esse versículo envolve um erro escribal, pois a palavra teria sido copiada, por engano, do vs. 18. A palavra não ocorre nem em Gên. 36:11 e nem em I Crô. 1:35.

3. Um filho de Hebrom (I Crô. 2:43).

4. Um neto de Coate e antepassado de um grupo de músicos sacros (filhos de Coré), aos quais são atribuídos os Salmos 42 e onze outros (I Crô. 6:22).

5. Um levita, coatita (ver *Coate, Coatitas*), da casa de Izar e que talvez deva ser identificado com o Coate de número 4, acima. Ele era filho de Jizar e neto de Coate (Êxo. 6:21,24). Esteve envolvido em uma conspiração contra Moisés e Arão, juntamente com Datã, seu irmão Abirão, um rubenita, e cerca de outros duzentos e cinqüenta homens, que lhes davam apoio. O relato aparece no décimo sexto capítulo de Números, e há alusão a isso no Novo Testamento, em Judas 11. A única coisa que sabemos sobre esse homem é aquilo que ficamos sabendo nesse incidente. É lamentável que algumas pessoas só se tornem conhecidas pelas maldades que praticam. E pior ainda é quando as pessoas vangloriam-se desse tipo de fama.

a. *As acusações.* Coré e seus associados acusaram Moisés de exaltar-se aos olhos do povo; de usurpar privilégios e poderes acima do que era próprio; e de deixar de cumprir a promessa de levá-los a uma terra prometida. Moisés defendeu-se, dizendo que os motivos deles é que eles estavam à cata de poder e queriam controlar o sacerdócio e os ministros do Senhor. Provavelmente, o antigo motivo da inveja também estivesse por detrás do caso, o que, por muitas vezes, encontra-se atrás das tentativas de obter poder e de exibir-se diante das outras pessoas.

b. *A reação.* Moisés ficou profundamente consternado diante da rebelião, e prostrou-se com o rosto em terra. Então deixou a questão aos cuidados do Senhor, desafiando os rebeldes a virem conferenciar com ele, à entrada da tenda da congregação. Cada homem deveria tomar um incensário para oferecer incenso ao Senhor. Datã e Abirão recusaram-se a ir ao encontro de Moisés. No dia seguinte, os rebeldes apresentaram-se diante do tabernáculo.

c. *A destruição.* A congregação inteira de Israel reuniu-se para ver o espetáculo, por instigação de Coré. A glória do Senhor ou *shekinah* (que vide) apareceu, e uma voz ordenou a Moisés e Arão que os dois se separassem da congregação de Israel. Todos os israelitas estavam prestes a ser destruídos, por darem apoio a uma causa injusta. Porém, Moisés ordenou que os israelitas abandonassem o lugar. E eles retrocederam. Em seguida, Moisés rogou ao Senhor para que perdoasse o povo, e também para que resolvesse a questão. Então a terra abriu-se sob as tendas de Coré, Datã e Abirão, e fechou-se em seguida. Os duzentos e cinqüenta rebelados, que provavelmente permaneceram diante do tabernáculo, foram consumidos pelo «fogo do Senhor». Subseqüentemente, os incensários usados pelos rebeldes foram transformados em placas para formarem uma cobertura exterior para o altar, çomo advertência acerca do fim de todos os rebeldes contra o Senhor.

d. *A rebeldia nos corações do povo.* Na manhã seguinte, a congregação inteira murmurou contra Moisés e Arão, acusando-os de terem feito morrer o povo do Senhor. Isso provocou ainda um outro desastre, uma praga que destruiu nada menos de catorze mil e setecentas pessoas. E isso bastou, como lição objetiva.

e. *Misericórdia.* Visto que os descendentes de Coré posteriormente serviram como levitas, podemos ter a certeza de que seus filhos e sua família foram poupados. Provavelmente esses viviam em tendas separadas, não se tendo envolvido no ato de rebelião.

f. *O comentário do Novo Testamento.* Em Judas 11,

Coré, juntamente com Caim e Balaão, é mencionado como um mau exemplo, cujas ações não devemos emular. Essas personagens representam os mestres desviados, presunçosos e interesseiros, que jamais deveriam ter recebido autoridade, no seio da Igreja cristã. Provavelmente, estão em foco os primeiros gnósticos. Ver o artigo sobre o *Gnosticismo*.

g. *Explicações naturais*. Alguns intérpretes supõem que a narrativa inteira acerca de Coré tenha uma explicação natural. Algum tipo de terremoto ou de ação vulcânica poderia ter ocorrido. Nesse caso, tais ocorrências foram muito seletivas, havendo atingido somente aqueles que estavam envolvidos na rebelião, apesar de haver centenas de milhares de pessoas em volta.

## CORES

As Escrituras não mencionam muitas cores diferentes. A variedade de cores depende muito da tecnologia, excetuando aquela imensa variedade que a natureza nos oferece. Poderíamos presumir que a língua hebraica tinha muitos nomes de cores que não foram registrados na Bíblia. O vocabulário total do Antigo Testamento chega acerca de dez mil palavras, e devemos supor que o vocabulário ativo entre os hebreus era bem maior que isso. Seja como for, abaixo damos um sumário das cores mencionadas na Bíblia:

1. *Branco*. Em sentido plano, o branco fala dos raios do sol e daquela cor produzida pelo calor extremo, visto que todas as cores do espectro estão unidas para formar a cor branca. O trecho de Mateus 17:2 refere-se à brancura das vestes de Jesus, por ocasião da transfiguração. Os campos semeados que estavam prontos para a colheita foram chamados de «brancos», visto que o trigo maduro é branco, distinguido do trigo ainda imaturo, que é verde. O termo grego envolvido é *leukós*, que aparece por vinte e cinco vezes no Novo Testamento, por dezesseis vezes só no livro de Apocalipse (1:14; 2:17; 3:4,5,18,4:4; 6:2,11; 7:9,13; 11:11; 20:11). Esta minha lista é parcial, mas dá uma boa idéia do sentido da palavra, incluindo seu uso metafórico. No Antigo Testamento temos o termo hebraico *laban*, aplicado a muitos objetos, como o leite (Gên. 49:12), o maná (Êxo. 16:13), a neve (Isa. 1:18), a lua (Isa. 24:23). Também temos a palavra hebraica *sah*, «ensolarado» ou «ofuscante», como em Can. 5:10. *Hiwwar* também é usado para indicar a neve ou a palidez da vergonha (Dan. 7:9 e Isa. 29:22). *Sib* é o branco das cãs de uma pessoa idosa. Outras palavras hebraicas também foram usadas, talvez primariamente como tipos de tecido, mas incluindo a sua cor, como no caso das cortinas do tabernáculo (Êxo. 28:6) e das vestes sacerdotais (Êxo. 28:6).

2. *Negro*. Essa palavra era usada para indicar as cores densas e não apenas o negro propriamente dito. Assim temos os vocábulos hebraicos *shahor*, «sombrio», «pardo», aplicado à cor dos cabelos (Lev. 13:31 e Can. 5:11); *hum*, que literalmente significa «queimado», como um tom do marrom (Gên. 30:52); *qadar*, que significa «sujo», dando a entender a cor escura que poderíamos chamar, mais apropriadamente, de «negro» (Jó 30:30, onde se aplica aos efeitos produzidos pela enfermidade ou pela tristeza). Além disso, o firmamento cheio de nuvens (I Reis 18:45), ou a noite (Miq. 3:6; Jer. 4:28), são negros. Um riacho de águas turvas, da neve dissolvida, misturada com lama (Jó 6:16), aparece descrito pela palavra hebraica que significa negro. No Novo Testamento, o termo grego *mélas*, «negro», é empregada apenas por três vezes: em Mat. 5:36, onde é dito que não temos a capacidade de tornar um cabelo nosso branco ou preto; em Apo. 6:5, que alude ao cavalo negro, referindo-se à morte como um juízo divino; e em Apo. 6:12, onde o sol é obscurecido devido a um grande terremoto.

3. *Vermelho*. O termo hebraico *adom*, usado para essa cor, refere-se ao sangue (II Reis 3:22), a uma veste tinta de sangue (Isa. 63:2), e a uma novilha dessa cor (Núm. 19:2). Também a um prato de lentilhas (Gên. 25:30), a um cavalo (Zac. 1:8; 6:2), à tez de uma pessoa (Gên. 25:25; Can. 5:10), a uma mancha leprosa (Lev. 13:19; 14:37). Uma outra palavra hebraica, *saruq*, significa «da cor de uma raposa», um tom de vermelho, de uma espécie de vinha que produz uvas púrpuras (Isa. 5:2), simbólico de derramamento de sangue (Zac. 6:2). No Novo Testamento, o termo grego *éruthros* é usado apenas por duas vezes (Atos 7:36, para indicar o mar Vermelho; e em Heb. 11:29, para indicar esse mesmo mar). A palavra grega *kókkinos*, «escarlate», porém, encontra-se por séis vezes: Mat. 27:38; Heb. 9:19; Apo. 18:12,16; 17:3,4, em várias conexões.

4. *Escarlate*. Esse é um vermelho profundo. Essa palavra figura na Bíblia em Isa. 1:18; Jer. 4:30; Gên. 38:28-30 e Êxo. 25:4. Diversas palavras hebraicas têm sido traduzidas por «escarlate». Ver também II Crô. 2:7,14 e 3:14. O termo hebraico *shani* parece envolver a idéia de «brilho». O termo hebraico *towla* fala de um *inseto* do qual se fabricava um pigmento dessa cor. A única coisa natural chamada de Escarlate, no Antigo Testamento, são os lábios, comparados a um fio escarlate (Can. 4:3). Várias peças do vestuário eram tingidas de escarlate (II Sam. 1:24; Pro. 31:21; Jer. 4:30 e Apo. 17:4). Essa cor era usada pelos gregos e romanos para indicar uma túnica militar. Ver Mat. 27:38. Os livros de Marcos e João dizem «púrpura», pelo que é possível que o povo comum não tivesse uma palavra separada para isso. Porém, os dicionários clássicos falam em palavras separadas, pelo que deve haver alguma razão para essa diferença.

5. *Vermelhão*. No hebraico, *shashar*, um pigmento usado para as pinturas afresco, para representar figuras de ídolos, nas paredes e nos templos (Eze. 23:14), ou para colorir os próprios ídolos (Sab. 13:14). Também era palavra usada para indicar as decorações nas paredes e traves das casas (Jer. 22:14). Era cor muito favorecida pelos assírios, conforme a arqueologia tem demonstrado, mediante as esculturas de Ninrode e Corsabade.

6. *Amarelo*. No hebraico, *yeraqraq* (Sal. 68:13). Palavra aplicada ao ouro e a uma mancha de lepra (Lev. 13:49). Parece haver certa confusão com o verde; ou então o amarelo era considerado como um tom do verde, visto que a palavra que significa «esverdeado» também é aplicada ao ouro.

7. *Verde*. O termo hebraico *ra'anan* era usado para indicar aquilo que é vigoroso e florescente (Jó 15:32; Sal. 37:35; 52:8; Osé. 14:8). Também era usado para indicar o azeite fresco (Sal. 92:10). O termo hebraico *yerek* tem o sentido de planta que brota, sendo usado para todos os produtos alimentares (Gên. 1:30; 9:3; Êxo. 10:15). Contudo, essa cor pode também indicar uma cor doentia, a da *palidez*. No Novo Testamento, o vocábulo grego *chlóros* significa «verde» (Mar. 6:39), indicando, por exemplo, a relva onde se sentou o grupo em favor do qual Jesus multiplicou os pães e os peixinhos; a relva queimada pelos juízos divinos, em Apo. 8:7, e o verde das árvores (Apo. 9:4). Em Apocalipse 6:8, aparece como a cor de um dos quatro cavalos que trarão o juízo divino. Ali as traduções dão

*amarelo* ou *pálido*, como cor que representa a morte.

8. *Azul.* No hebraico, *tekeleth*. Por muito tempo, essa cor tem estado sujeita à disputa. Essa palavra tem sido variegadamente traduzida como púrpura, verde, índigo e amarelo. O Talmude (que vide) afirma que o nome dessa cor deriva-se do extrato puro de certa ostra. A origem dessa cor atualmente está identificada, de acordo com Irving Ziderman, do Instituto de Fibras de Israel, de conformidade com uma reportagem publicada na revista *Science News*. Esse animal é aparentado do caracol espinhento, chamado caramujo rajado. Se essa opinião está correta, conforme os estudiosos de Israel supõem, então a cor envolvida é o azul purpurino. Josefo (*Anti.* 3:7,7) e Filo usaram essa palavra para indicar a cor do firmamento. Porém, devemos supor que essa é uma referência inexata, a menos que o firmamento, no Oriente, seja de um azul mais escuro do que no Ocidente. Em Ester 1:6, algumas traduções dizem «violeta». Essa cor era usada nas vestimentas dos príncipes e dos nobres (Eze. 13:6; Ecl. 40:4), bem como nas vestes dos ídolos da Babilônia (Jer. 10:9).

9. *As Cores Sacerdotais.* O Antigo Testamento fala nas cores púrpura, azul, escarlate e branco, como aquelas que eram usadas em conexão com as vestes sacerdotais. As mesmas cores eram usadas no tabernáculo e nas decorações do templo de Jerusalém, nas cortinas, nos móveis, etc.

10. *Púrpura.* No hebraico, *argaman*. Essa cor era obtida de uma espécie de molusco chamado *Murex trunculus*, segundo seu nome científico moderno, especificamente de uma secreção glandular pegajosa, e não do seu sangue. Essa secreção normalmente é branca; mas, em contacto com o ar, torna-se amarela, então verde, e, finalmente, torna-se púrpura. Os fenícios quase monopolizaram a produção desse corante. Foi em Tiro que se comercializou, pela primeira vez, o produto. A arqueologia tem descoberto indícios dos lugares onde esse tipo de corante era produzido. O corante púrpura era um produto dispendioso nos dias da supremacia romana. Uma veste ou um manto colorido de púrpura era considerado um luxo que somente os ricos podiam usar. Vestes tingidas de púrpura eram usadas pelos reis (Juí. 8:26), —pelos oficiais do governo e pelos ricos em geral (Jer. 10:9; Luc. 16:19; Apo. 17:4; 18:16). Lídia, que se converteu ao evangelho, era negociante de panos tingidos dessa cor (Atos 16:14). No Apocalipse, as vestes dessa cor são mencionadas entre os itens de luxo de Roma.

11. *Tingimento.* No início do relato do Antigo Testamento, temos alusões a essa prática (Gên. 38:28 e Êxo. 26:1). Os hebreus aprenderam a arte com os egípcios e fenícios. As cores mais comumente usadas eram a púrpura, mais clara e mais carregada, o azul, o escarlate, o vermelhão. Os corantes, na sua maioria, eram extraídos de plantas e de moluscos. O corante mais caro era a púrpura extraída do *Murex*. Eram precisos cerca de duzentos e cinqüenta mil desses animais para produzir apenas 30 miligramas do corante! Isso mostra por que razão a púrpura era sinal da realeza e de grande abastança. Ver o artigo sobre *Artes e Ofícios*, 4.g, e sobre os *Tintureiros*, quanto a outros detalhes sobre a arte da tinturaria.

12. *Sentidos Metafóricos e Simbólicos das Cores*

a. *Branco.* Pureza, luz, vida, santidade, vitória. Os sacerdotes hebreus vestiam-se de branco, por serem os servos do Deus Santo. O branco era a cor básica do véu que dividia o santuário. As vestes da salvação são brancas como a luz (Sal. 27:1). Também há o branco luminoso da glória e da majestade (Dan. 7:9; Eze. 9:3). O branco é a cor das vestes dos remidos, que foram lavados no sangue do Cordeiro (Apo. 3:4,5; 7:14). A cabeça e os cabelos do Cristo exaltado eram brancos (Apo. 1:14), o qual veio para anunciar sua vitória sobre o mal, sob a forma de julgamento. O branco é também a cor do grande trono de juízo, onde a justiça é servida (Apo. 20:11).

**Símbolos psicológicos e nos sonhos.** O branco ou o azul claro indica o intelecto, uma das faculdades da mente, bem como a espiritualidade. É também a cor da iluminação, do autoconhecimento, da sabedoria, da mente divina, da inocência e da pureza. O branco sujo indica polução e defloramento, oposto das vestes brancas de uma virgem.

b. *Negro.* Essa é a cor oposta ao branco, sendo vinculada à lamentação, à morte, às aflições, às calamidades (Jer. 14:2; Lam. 4:8; 5:10; Apo. 6:5). Pode indicar a humilhação (Mal. 3:14), ou um presságio de mal vindouro (Zac. 6:2).

*Símbolos psicológicos e nos sonhos.* A cor cinzenta pode indicar retrocessos, perturbações, escândalo, etc., mas o negro representa a morte. Também estão em foco a depressão e as premonições. As coisas que são obscuras, misteriosas, nebulosas, são simbolizadas pela cor negra. O submundo ou hades é um lugar escuro ou negro. Se alguém sonha com um animal branco e com um animal negro, ao mesmo tempo, terá sonhado com sua própria natureza boa e com sua própria natureza má. As figuras feminina e maternal são representadas pelo negro e pelo vermelho, mas o branco também pode representar a figura feminina, por estar relacionada à lua (uma luz no firmamento escuro da noite), que é uma figura feminina. O sol é um símbolo masculino.

c. *Vermelho.* Essa é a cor do fogo, e, como tal, simboliza a *vida*. Mas também é a cor do sangue, em cujo caso simboliza o sofrimento, o homicídio, o julgamento divino mediante a matança. Visto que o sangue era considerado a vida biológica de uma pessoa ou de um animal, essa cor pode simbolizar o princípio da vida (Gên. 9:4-6). Disso deriva-se o sentido metafórico de *expiação*, que liberta do pecado e provê a vida eterna (Isa. 63:2 e Heb. 9:22).

*Símbolos psicológicos e nos sonhos.* Sangue, fogo, vinho, emoções fortes, excitação sexual e ira são coisas comumente simbolizadas pela cor vermelha. Juntamente com o negro, pode simbolizar a feminilidade. Mas o róseo, um tipo de vermelho esbranquiçado, simboliza algo agradável, mas ilusório. Assim falamos sobre a *visão rósea* da vida, uma visão otimista, mas sem razões adequadas para tanto. As prostitutas e o sexo ilícito são simbolizados pelo vermelho. Os místicos, capazes de perceber a aura humana, dizem que as prostitutas têm uma emanação avermelhada em redor dos quadris.

d. *Verde.* Simboliza a verdura, o vigor, a prosperidade (Sal. 92:14), o desabrochar das flores (Sal. 37:35). É a cor da vida natural.

**Símbolos psicológicos e nos sonhos.** Tudo quanto cresce é simbolizado por essa cor, indicando o vigor e a vitalidade. A esperança, os pastos verdejantes pelos quais aguardamos, mas que ainda não obtivemos, pode ser simbolizada por essa cor. Contudo, o verde também pode simbolizar a inexperiência e a simplicidade, a necessidade de maior desenvolvimento. Além disso, a inveja também é retratada como verde. Visto que o verde pode estar associado à palidez, também pode indicar as enfermidades.

e. *Azul.* Cor do intelecto e da espiritualidade. Quanto mais apuradas forem, tanto mais claro será o azul. Os místicos dizem-nos que as pessoas especial-

mente inteligentes têm muito azul em suas auras. Entretanto, essa cor também representa a santidade, visto que o firmamento é azul. Para os hebreus, o azul simbolizava o divino ou o próprio Yahweh (Êxo. 24:10; Eze. 1:26), bem como as revelações divinas.

*Símbolos psicológicos e nos sonhos.* O intelecto, conforme dissemos acima. Essa cor simboliza a energia espiritual e a fidelidade. O azul escuro, devido à sua associação com o mar, pode indicar a intuição introvertida, bem como a compreensão intuitiva das realidades interiores e dos mistérios divinos. O azul profundo, misturado com o verde, pode indicar a liberação, a liberdade, a união de princípios opostos, como sensações e intuição.

f. *Púrpura.* Simboliza a realeza, as riquezas materiais e a majestade (Juí. 8:26; Est. 8:16; Can. 3:10; Dan. 5:7).

*Símbolos psicológicos e nos sonhos.* Essa cor simboliza o poder vital e a autoridade. Mas a púrpura clara representa a morte, devido à sua associação com o lilás.

*Outras cores*, não referidas na Bíblia. Referimo-nos abaixo aos símbolos psicológicos e nos sonhos:

g. Cores escuras, como negro, marrom, etc.: depressão, retrocesso, morte.

h. Cores brilhantes: alegria, vitalidade, esperança.

i. Mudança de cores escuras para cores claras: possibilidades de melhoria, crescimento espiritual. Mudança de cores claras para escuras: humilhação, perda, enfermidade.

j. Mudança de cores para a luz. Indica o movimento gradual do que é vil e sensual para o conhecimento e a participação na realidade superior.

l. *Marrom.* Representa os excrementos do corpo, a porção inferior do corpo humano. Visto que está associada à terra, essa cor pode indicar as sensações físicas. Porém, também pode indicar o dinheiro, visto que, nos sonhos, os excrementos geralmente simbolizam o dinheiro, os recursos materiais ou as riquezas de origem profana.

m. *Dourado.* Simboliza o sol, e, portanto, a mente consciente e a verdade. Visto que o sol representa o princípio masculino, o ouro também pode simbolizar a masculinidade. Visto que o ouro é amarelo, pode estar em foco a intuição. A combinação ouro e prata nos apresenta os princípios masculino e feminino.

n. *Amarelo.* Pode indicar a intuição e a intelectualidade. Visto que as pessoas intelectuais olham todos os lados de uma questão, podem parecer *hesitantes*, o que é injustamente associado à covardia. Um amarelo escuro ou maculado pode apontar para a morte. Visto que a urina é um líquido do corpo, e é amarela, essa cor pode simbolizar o próprio corpo.

o. *O arco-íris.* No arcoíris há a mescla das cores básicas, que formam o branco, dando a entender a esperança ou novas perspectivas. Visto que o arco-íris geralmente aparece após as tempestades, pode indicar um estado melhorado ou mais feliz, depois de um período de provação. Na Bíblia, o arco-íris é sinal da paciência de Deus, como quando resolveu que não mais destruiria a humanidade, mediante um dilúvio (Gên. 9:13 *ss*). (CHE GUI ID UN)

## CORÍNTIOS, PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS

*Esboço*

Introdução
I. Autor
II. Data e Proveniência
III. A Igreja em Corinto
IV. A Correspondência com Corinto
V. Razão dessa Epístola
VI. Temas Principais
VII. Conteúdo
VIII. Bibliografia

### Introdução

Ver algumas observações gerais sobre o corpus das Epístolas Paulinas no artigo sobre Romanos, primeiros parágrafos e na secção II.

A primeira epístola aos Coríntios é um dos escritos *clássicos* de Paulo; acima de tudo ela preserva para nós não tanto a doutrina cristã, e, sim o padrão da ética cristã. Neste livro encontramos os problemas enfrentados pelos primeiros cristãos gentios, e como Paulo deu solução a esses problemas. As epístolas aos Romanos e outras revelam com maior aptidão a elevada mente de Paulo; mas nenhuma delas revela mais claramente do que I Coríntios aquilo que os psicólogos modernos gostam de chamar de «situações de vida real». Diferentemente daqueles problemas que Paulo tentou solucionar para os crentes da Galácia, que eram sobretudo questões de opinião religiosa, este livro aborda antes questões relativas à conduta cristã, questões morais da mais séria natureza. Paulo, homem de formação essencialmente judaica, tendo recebido idéias ainda mais elevadas por causa das revelações que recebeu acerca do cristianismo, ficava perplexo ante os costumes tolerados na igreja em Corinto, e que eram praticados por membros firmes da mesma.

*Caráter da Primeira Epístola aos Coríntios.* A fim de poder discernir o tipo de situação que o apóstolo Paulo enfrentou, o leitor faria bem em examinar as notas expositivas no NTI sobre Corinto e sobre o ministério de Paulo nessa cidade (Atos 18:1), bem como as notas introdutórias gerais sobre esse citado capítulo. Estrabão revela-nos que havia mil prostitutas religiosas oficiais associadas aos cultos religiosos daquela cidade, que tinham por principais divindades a Mãe Suprema, Melcarte, Serápis, Ísis e Afrodite. Naturalmente, isso atraía a Corinto um avantajado número de turistas. Todavia, isso não expressava toda a situação moral da cidade, porquanto muitos de seus habitantes ocupavam-se de seus empreendimentos particulares. *Viver como um coríntio* se tornou uma expressão proverbial para indicar uma vida de dissipação moral. Alcifrom escreveu em suas memórias: «Jamais estive em Corinto, porquanto sei bem qual o tipo animalesco de conduta os ricos desfrutam ali, e qual a miséria dos pobres». A população da cidade de Corinto era a mais cosmopolita dos centros gregos, e, de fato, era menos distintamente helênica do que todas as outras cidades, tendo incorporado em sua estrutura todos os vícios do paganismo, e isso de forma exagerada.

O incisivo primeiro capítulo da epístola aos Romanos foi escrito sob a influência da cultura corintia, visto que essa epístola foi escrita em Corinto; e a simples leitura desse citado capítulo mostra-nos a atitude mental provocada no apóstolo pela observação dos espantosos vícios do paganismo que ali havia.

Embora existisse na mesma localização, a cidade que Paulo conheceu não descendia diretamente daquela que encabeçara a liga aqueana, durante o período helenístico. Aquela primeira cidade fora destruída em cerca de 146 A.C., por Lúcio Múmio, tendo ficado em ruínas por cem anos. A cidade foi então reconstruída, provavelmente por ordem de Júlio César, tendo-se tornado colônia romana. Os romanos, por conseguinte, é quem tinham reedificado a cidade de Corinto; e bastaria isso para explicar por que,

dentre todas as cidades gregas, Corinto era a única que dispunha de um anfiteatro, uma das construções favoritas dos romanos. Por essa mesma razão é que muitos dos nomes pessoais, associados a Corinto, que se podem encontrar nas epístolas de Paulo aos crentes dessa cidade são de origem latina, e não grega, como Crispo, Tito Justo e Fortunato. Por semelhante modo, a maioria das inscrições atualmente achadas nessa cidade são latinas, e não gregas. A própria cidade, entretanto, não demorou a caracterizar-se como cidade cosmopolita, incluindo uma numerosa colônia judaica. Ver o artigo sobre *Corinto*.

**I. Autor**

Conforme lemos nas observações introdutórias, acima, existem quatro epístolas paulinas clássicas, entre aquelas que chegaram até nosso conhecimento, havendo acerca das mesmas pouquíssima desarmonia entre os estudiosos. A primeira epístola aos Coríntios ocupa lugar entre essas quatro. Questões como estilo literário, vocabulário e conteúdo confirmam a comum autoria de Romanos, Gálatas, I e II Coríntios. (Quanto às datas relativas da *coletânea* paulina, ver o artigo sobre à epístola aos Romanos, secção II, que também contém diversas comparações e observações que são úteis ao estudante). Mas, posto que a autoria da primeira epístola aos Coríntios não é posta em dúvida, talvez seja mais útil observarmos nesta altura as relações que havia entre Paulo e os crentes de Corinto.

Paulo considerava a igreja cristã de Corinto uma das provas palpáveis do seu ministério apostólico. Por causa da penetração de certos problemas ali, como práticas más e vis, contendas e divisões, que chegaram a ameaçar a sua aceitação como um apóstolo de Cristo por aquela igreja, que Paulo lhes escreveu com consternação mesclada com repreensão e demonstrações de seu afeto. (Ver I Cor. 3:10; 4:15; 9:2; II Cor. 7:3-5; 12:15; 7:8 e *s*; 3:1, quanto a esses diversos elementos, que demonstram a relação existente entre a igreja de Corinto e o apóstolo dos gentios).

Quantas teriam sido as visitas feitas por Paulo a Corinto? Alguns eruditos pensam que o trecho de II Cor. 12:14—13:10 subentende três visitas separadas do apóstolo, em que duas já teriam sido feitas, e uma terceira estava prestes a ter lugar. E essa suposição é mais natural do que a daqueles outros, que opinam que o apóstolo tencionara por três vezes fazer essas visitas, mas que, por algum motivo, principalmente porque sabia que o encontro seria doloroso para ele e para eles, ele ainda não os tinha realmente visitado nenhuma vez. O livro de Atos menciona apenas uma visita de Paulo a Corinto. Porém, devemos notar que o livro de Atos é notoriamente abreviado sobre tais questões, e a sua exposição sobre os ministérios de Paulo sempre é parcial, faltando-lhe muitos pormenores sobre diversas visitas que podemos depreender terem sido feitas no teor das próprias epístolas paulinas. O trecho de II Cor. 2:1 menciona que Paulo queria poupar os crentes coríntios de outra visita «dolorosa»; mas a visita descrita no livro de Atos não pode ser reputada *dolorosa*, razão pela qual precisamos postular um maior número de visitas do que aquela sobre a qual lemos no livro de Atos. (Quanto a notas expositivas sobre como o livro de Atos e as epístolas aos Coríntios se suplementam entre si, em que se destaca o fato de que mais detalhes históricos se depreendem das epístolas do que do livro de Atos, ver as notas introdutórias sobre o décimo oitavo capítulo do livro de Atos no NTI).

Paulo, portanto, já havia visitado os crentes de Corinto e permanecera algum tempo com eles, o que significa que tinha mais íntimas relações com eles do que com qualquer outra igreja cristã, com a única exceção possível da igreja em Éfeso.

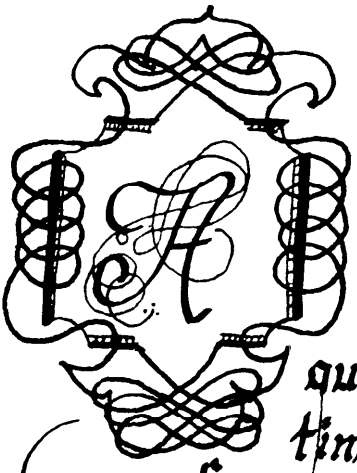
A autenticidade da autoria paulina é confirmada por diversos dos pais da igreja dos primeiros anos, a saber: Clemente de Roma (Ep., cap. 47), Policarpo (Ep. aos Filipenses, cap. 11), Inácio (aos Efésios, cap. 2) e Irineu (Contra os Heréticos, iv.27,3). Por semelhante modo fizeram Hermas (100 D.C., *Sim.* 5,7) e Barnabé (que fez alusões a I Cor. 3:16, em sua epístola, 6:16). O lugar de I Coríntios no cânon dos livros sagrados é tão antigo como o de qualquer das demais epístolas paulinas, fazendo parte integrante das primeiras coletâneas de escritos paulinos, segundo eram conhecidas pelos pais da igreja desde o ano de 150 D.C. Seu lugar no «cânon», por conseguinte, é tão antigo como qualquer dos livros do N.T., visto que algumas das epístolas de Paulo foram escritas antes de qualquer dos quatro evangelhos, e quase todas elas foram escritas antes de qualquer desses evangelhos, com a única exceção do evangelho de Marcos. Quando foi preparado o primeiro «cânon» dos livros do N.T., a primeira epístola aos Coríntios já se encontrava entre os livros selecionados. (Ver o artigo sobre o «Cânon do N.T.). O artigo sobre o «Apóstolo Paulo» transmite-nos o que se sabe acerca do passado, da vida e das viagens missionárias de Paulo, descritas no livro de Atos, e também de seus ensinos, conforme se tem conhecimento hoje em dia sobre ele.

**II. Data e Proveniência**

O período da permanência de Paulo em Corinto, em contraste com suas visitas a outras localidades, pode ser determinado com grande precisão. No trecho de Atos 18:2, há menção do fato de que Priscila e Áquila chegaram a Corinto devido à expulsão dos judeus da cidade de Roma, por decreto do imperador Cláudio. (Isso é igualmente mencionado por Suetônio, em *Vida do Divinizado Cláudio*, 25:4). Ora, a data mais provável desse acontecimento é 49 D.C. Outrossim, a passagem de Atos 18:12 informa-nos como Gálio foi feito procônsul da Acaia. Sabe-se que esse personagem se chamava Lúcio Júnio Anaeu Gálio, irmão do famoso filósofo estóico romano Sêneca, que foi o tutor do terrível imperador Nero. Além disso, certa inscrição encontrada em Delfos tornou possível dar data a esse proconsulado dentro de bem estreitos limites de tal modo que se tem podido calcular que ele começou a agir nesse ofício a 1° de julho de 51 D.C.

Alguns estudiosos têm sugerido a inauguração do ofício de Gálio um ano mais tarde; porém, seja como for, podemos inferir com segurança que Gálio estava em Corinto em 50 D.C., pelo que também Paulo se encontrava ali. Mui provavelmente o apóstolo chegou àquela cidade na primavera de 50 D.C., tendo partido dali no outono de 51 D.C. Essa citada inscrição contém as palavras de uma carta de saudações enviada pelo imperador Cláudio à cidade de Delfos, na qual ele menciona a pessoa de Gálio. Com base nessa inscrição, portanto, podemos datar, com qualquer grau de certeza, a única dentre as viagens do apóstolo Paulo. (Quanto a outras notas expositivas sobre essa inscrição, ver as notas introdutórias sobre o décimo oitavo capítulo do livro de Atos no NTI).

Por conseguinte, pelo menos sabemos que a primeira epístola aos Coríntios foi escrita algum tempo depois disso. A epístola aos Gálatas já havia sido escrita, sendo muito provável que a primeira e a segunda epístola aos Tessalonicenses foram escritas



Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse Caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o DOM de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse Caridade, NADA seria. E ainda que distribuísse toda minha fortuna para o sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e NÃO tivesse Caridade, nada disso

ME Aproveitaria.

1 aos Coríntios 13
1-3

Caligrafia de Darrell Steven Champlin



Vaso corintiano, Século VII, A.C., — Cortesia, Fogg Art Museum, Harvard University

pouco mais tarde, após a permanência de Paulo em Corinto, ou mesmo enquanto ele ainda se encontrava ali, ou seja, antes da primeira epístola aos Coríntios ter sido escrita. Porém, a primeira epístola aos Coríntios é reputada como a quarta das epístolas de Paulo, na ordem da escrita, tendo sido composta em Éfeso, durante sua permanência ali, que provavelmente se deu desde o verão de 52 até o outono de 54 D.C.

Mui provavelmente Paulo escreveu essa primeira epístola aos Coríntios poucos meses antes de deixar Éfeso, a fim de visitar novamente as igrejas que havia fundado na Macedônia e em Corinto. Podemos considerar as suas palavras em I Cor. 16:19, que dizem: «*As igrejas da Ásia vos saúdam...*» Ora, Éfeso era o centro de operações do apóstolo Paulo enquanto ele esteve na Ásia, pelo que é lógico supormos que ele escreveu essa epístola dessa cidade. Sua longa permanência em Éfeso, e as perturbações que estouraram quase imediatamente na igreja de Corinto servem para indicar que é natural a conclusão de que essa epístola foi escrita nessa cidade, quando Paulo ali permaneceu por cerca de três anos. Devemos notar, por semelhante modo, que esse versículo também faz alusão a Áquila e Priscila, mencionando a congregação que se reunia na casa deles; e isso subentende que ele residia onde havia um grupo de cristãos, o que, por sua vez, subentende Éfeso. Ver I Cor. 16:5, que não dá a entender que a epístola provinha da Macedônia, mas meramente que o apóstolo passaria por ali, a caminho de Corinto, com o propósito de fazer a esta cidade uma outra visita. Em contraste com isso, pode-se depreender, de II Cor. 7:5,6 que a segunda epístola aos Coríntios foi escrita da Macedônia. Porém, a referência que não mais permite lugar para disputas é a de I Cor. 16:8, que diz: «Ficarei, porém, em Éfeso até ao Pentecoste». Assim, pois, Paulo ficou em Éfeso até o festa do Pentecoste, esperando poder partir dali pouco depois; não obstante, foi inesperadamente impedido de fazê-lo, tendo de adiar sua partida, conforme nos informa o trecho de I Cor. 16:8 e *s*. É bem provável, pois, que Paulo tenha escrito a epístola de I Coríntios durante a primavera, pouco antes da festa de Pentecoste, em 54 D.C.

### III. A Igreja em Corinto

Paulo foi o primeiro missionário cristão a chegar à Grécia, de conformidade com os registros históricos de que dispomos. Chegou ele em Corinto proveniente de Atenas, sentindo-se muito desencorajado, porquanto seus esforços ali haviam dado bem pouco fruto. Parece-nos que ele não estava nada confiante. (Ver I Cor. 2:3). Ficou em companhia de um casal de judeus, Áquila e Priscila, que eram cristãos e tinham vindo de Roma, em face da expulsão dos judeus da capital do império, por decreto do imperador Cláudio. A igreja de Corinto, por conseguinte, teve início na casa deles; e Silas e Timóteo não se demoraram a vir reunir-se a Paulo em Corinto, trazendo boas notícias sobre o ministério do evangelho na Macedônia. Assim, pois, renovado em suas forças e em seu ânimo, Paulo iniciou seu trabalho com grande intensidade em Corinto. (Ver I Tes. 3:6). Contudo, a oposição, especialmente da parte dos líderes eclesiásticos dos judeus, se tornou intensa. É possível que a esse tempo é que Priscila e Áquila arriscaram suas vidas em favor de Paulo (ver Rom. 16:3). Entretanto, Deus se pôs ao lado de seu apóstolo, primeiramente na forma de uma visitação mística, que assegurou a Paulo tanto o êxito em sua missão em Corinto como a sua segurança física pessoal. (Ver Atos 18:9 e *ss*). E foi assim que Paulo foi protegido por Gálio, que não se deixara influenciar pelos judeus radicais, que haviam apresentado queixa falsa contra o apóstolo.

A permanência de Paulo em Corinto se prolongou por dezoito meses, o que, para ele, representou uma longa permanência em qualquer lugar. À parte de Éfeso, onde Paulo ficou por três anos, Corinto foi o lugar onde mais o apóstolo permaneceu, durante todo o seu período de atividades missionárias. Ora, isso lhe deu a oportunidade de desenvolver um ministério mais profundo do que já pudera efetuar em outros lugares, o que também fica implícito em I Cor. 3:6. E, fazendo contraste com Atenas, parece que em Corinto o cristianismo *prosperou* grandemente, pelo menos numericamente falando, razão pela qual a cidade de Corinto se tornou um dos mais importantes centros da primitiva igreja cristã. Com os crentes de Corinto o apóstolo manteve a sua mais extensa correspondência; e da cidade de Corinto pelo menos três das epístolas de Paulo foram escritas, a saber; Romanos e I e II Tessalonicenses.

Depois da partida do apóstolo Paulo, chegaram em Corinto outros mestres do evangelho, entre os quais se destacava um outro rabino judeu, de nome Apolo, homem dotado de eloqüência singular, que deu prosseguimento à obra iniciada por Paulo, não se tendo deixado envolver pessoalmente no espírito de partidarismo que afetou aquela igreja. Priscila e Áquila ajudaram a Apolo com seus dons naturais, instruindo-o com maior precisão acerca da doutrina de Cristo. (Ver Atos 18:24 e *ss*).

Todavia, depois do afastamento do apóstolo, a igreja de Corinto desceu de forma alarmante quanto ao seu nível moral e espiritual. Estouraram divisões amargas (ver o terceiro capítulo); permitiram os vícios mais baixos entre eles (ver o capítulo quinto e 6:9 e *ss*); abusaram da liberdade cristã (ver os capítulos oitavo e décimo); deixaram-se influenciar por mestres legalistas, que ensinavam de modo contrário a Paulo (ver o nono capítulo); corromperam as formas cristãs de adoração, agindo de forma ultrajante, até mesmo quando da participação na Ceia do Senhor, comendo em excesso, deixando-se embriagar e negligenciando os pobres da igreja, que ficavam famintos e esquecidos. A celebração da Ceia do Senhor, naquela época, incluía o *agape* ou «festa de amor», imitação da refeição da páscoa, o que nos explica a oportunidade de alguns terem um opíparo banquete, ao passo que outros ficavam famintos (ver o décimo primeiro capítulo). Além disso, os crentes de Corinto se mostravam extremamente ativos no uso dos dons miraculosos; no entanto, abusavam desses dons, criando a desordem nos cultos da igreja (ver os capítulos doze e catorze). Também surgiram falsas doutrinas entre eles, sendo tolerados os falsos mestres, sobretudo aqueles que pervertiam o ensino acerca da ressurreição (ver o décimo quinto capítulo). Esses se tornaram os graves vícios da igreja de Corinto, condições essas que impeliram o apóstolo a escrever a primeira epístola aos Coríntios.

### IV. A Correspondência com Corinto

Trata-se este de um assunto complexo, e as investigações feitas sobre o mesmo não têm produzido qualquer coisa como resultados certos. Pode-se dizer com confiança, entretanto, que houve mais do que duas epístolas de Paulo aos crentes de Corinto, e que as próprias epístolas I e II Coríntios representam mais do que duas epístolas. Diversas reconstituições têm sido sugeridas, conforme os exemplos que damos abaixo:

É provavel que Paulo tivesse escrito ao menos quatro epístolas ao Coríntios, partes das quais estão contidas em nossas duas epístolas tradicionais. Devemos observar que em I Cor. 5:9 há menção de alguma outra epístola que o apóstolo escreveu para eles, e que evidentemente antecedeu o material apresentado na primeira epístola aos Coríntios. Na reconstituição da correspondência com a igreja de Corinto, as sugestões têm sido como a que mostramos abaixo:

1. II Cor. 6:14-7:1 seria fragmento de uma carta que fora escrita acerca da questão do jugo desigual, mas que, mais tarde, veio a ser incorporada com outros materiais da correspondência paulina com a igreja de Corinto, tendo, finalmente, sido formulada em uma única epístola, conforme a conhecemos hoje.

2. A primeira epístola aos Coríntios representa essencialmente uma única carta, embora o sétimo capítulo da mesma possa ser uma secção separada; e o trecho de I Cor. 7:1 parece indicar uma correspondência entre os coríntios e Paulo que provavelmente consistiu da troca de várias cartas.

3. O trecho de II Cor. 10—13 parece ser uma carta separada, que alguns eruditos têm chamado de «carta amarga», por causa de seu conteúdo severo. Essa epístola parece estar um tanto *deslocada*, na presente posição em que se encontra, pois os primeiros capítulos da segunda epístola aos Coríntios expõe uma atmosfera de alívio e ações de graças, para então, subitamente, Paulo apelar para o sarcasmo e para as denúncias violentas. Parece-nos melhor pensar que tais denúncias na realidade pertençam ao tempo anterior à composição da primeira porção da segunda epístola aos Coríntios, e que elas faziam parte de outra missiva, que foi enviada antes de II Coríntios. Alguns estudiosos também têm procurado situar os capítulos décimo a décimo terceiro antes da secção dos capítulos primeiro a nono, porquanto aqueles capítulos parecem referir-se a questões futuras (ver II Cor. 10:6 e 13:2, 10), ao passo que os capítulos primeiro a nono fazem alusões ao passado (ver II Cor. 1:23 e 2:3,9), tudo o que sugere que houve deslocação de material, ou mesmo que se tratavam de duas cartas paulinas separadas, que mais tarde foram unidas, embora numa ordem cronológica revertida.

4. A passagem de II Cor. 1—9, menos a secção de II Cor. 6:14—7:1, parece formar uma unidade, escrita após a grande crise que houve entre Paulo e a igreja de Corinto. Essa passagem, pois, tem sido denominada pelos estudiosos de «carta pacífica». Mas a secção dos capítulos décimo a décimo terceiro, embora pesada e amarga, preserva para nós um bom material biográfico, que se reveste de valor porque nos permite conhecer um pouco mais da vida de Paulo. E aquela «carta amarga», a que já nos referimos (II Cor. 10:13), provavelmente foi enviada entre I Coríntios e as outras porções de II Coríntios.

Porém, outras reconstituições da correspondência paulina com os crentes de Corinto têm sido propostas, como as idéias de Johannes Weiss, *The History of Primitive Christianity*, I, págs. 356-357.

1. A carta pré-canônica, referida em I Cor. 5:9, conteria II Cor. 6:14—7:1; I Cor. 10:1-23; 6:12-20; 11:2-34, e talvez 16:7,8,20.

2. A resposta de Paulo à carta trazida de Corinto continha talvez I Cor. 7:9; 10:24—11:1, 12:1—16:6 e talvez 16:16-19.

3. Uma terceira carta, que versava sobre as facções existentes em Corinto, talvez tenha incluído os trechos de I Cor. 1:1—6:11 e 16:10-14,22-24.

Maurice Goguel, em sua obra *Introduction au Nouveau Testament*, 'Les 'epistre pauliniennes', Paris, Ernest Leroux, 1926, IV, págs. 72-86, 1926, diz essencialmente a mesma coisa, embora com alguma redistribuição de material, a saber:

1. II Cor. 6:14—7:1; 6:12-20; 10:1-22.

2. I Cor. 5:1—6:11; 7:1—8:13; 10:23—14:40; 15:1-58; 16:1-9,12.

3. I Cor. 1:10—4:21; 9:1-27; 16:10,11.

Na realidade, *não existem meios* para a defesa dessas teorias, com qualquer grau de certeza, não sendo provável que qualquer dessas opiniões represente a verdade da questão. Parece perfeitamente certo, todavia, que as duas epístolas que possuímos, escritas pelo Apóstolo Paulo aos Coríntios representam mais do que duas cartas, embora a primeira epístola aos Coríntios pareça ser uma unidade, apesar do que pequenas porções da mesma talvez tenham feito parte de alguma carta ou cartas separadas, que mais tarde foram incorporadas à mesma.

Já a segunda epístola aos Coríntios pode ser mais facilmente dividida, com muito maior grau de exatidão potencial. Pouca dúvida pode haver que a complexa situação que houve em Corinto não poderia ter sido solucionada por apenas uma epístola ou duas, o que nos explica a complexidade das duas epístolas propostas, as quais na realidade não seriam apenas duas, mas antes, representariam três ou talvez até mesmo quatro cartas diversas. E então, quando a coletânea de escritos paulinos foi recolhida, o que ele escrevera a Corinto veio a ser incorporado em apenas duas unidades, conforme as conhecemos atualmente. E também é provável que tivessem sido escritas ainda outras epístolas de Paulo a Corinto, mais curtas ou mais longas, das quais não possuímos um fragmento sequer.

As indagações que têm sido levantadas, no tocante à correspondência de Paulo com a igreja de Corinto não incluem qualquer idéia de dúvida acerca da autenticidade dessas cartas—isto é, não se põe dúvida de que o apóstolo Paulo foi o autor das mesmas—porquanto esse ponto é concordado pela maioria esmagadora dos intérpretes de todas as escolas. (Ver as notas expositivas sob o título «Autor», da secção I deste artigo). — (Quanto a fontes informativas acerca da natureza da correspondência paulina com Corinto, ver as seguintes obras: J.H. Kennedy, *The Second and Third Epistles to the Corinthians;* Kirsop Lake, *The Earlier Epistles of Paul*, 1927, págs. 144 e *ss*; R.V.G. Tasker, *Expository Times*, XLVII, 1935-1936, págs. 55-58; e ainda outras discussões acerca da correspondência de Paulo com Corinto, podem ser encontradas no artigo sobre à segunda epístola aos Coríntios).

**V. Razão desta Epístola**

A primeira epístola aos Coríntios é complexa por si mesma, e aborda muitos problemas, motivo pelo qual é extremamente difícil atribuirmos uma razão que teria levado o apóstolo Paulo a compor a mesma. E isso se torna especialmente veraz se aceitarmos a idéia de que temos na mesma, trechos reunidos de mais de uma carta. Todavia, uma declaração de âmbito geral pode ser feita, e que incorpora a maioria das muitas *razões*. A conduta ética comum em Corinto, evidenciada pelos próprios costumes da cidade, encontrara algum apoio na igreja cristã dali. Isso produziu uma espécie de ética que era uma mescla de princípios pagãos e cristãos. Esta primeira epístola, por conseguinte, trataria de situações de conduta ética, na vida diária. Além desses fatores, podemos pensar nos ataques dos legalistas, dos falsos mestres e dos detratores do apóstolo Paulo, que ameaçavam

destruir não somente a obra realizada ali por Paulo, mas também a sua reputação e autoridade como apóstolo de Cristo. Essa situação, pois, é que provoca algumas das amargas refutações existentes nesse livro. Poderíamos dizer, portanto, que I e II Coríntios registram a «história de uma querela», conforme diz Kirsop Lake (*ibid.* págs. 117 e *ss*). Isso, entretanto, não tem por intuito indicar que essa querela não tivesse importância, ou que os contendores tenham entrado nela negligentemente, conforme a palavra moderna «querela» geralmente nos dá a entender.

Não muito depois de ter chegado a Éfeso, Paulo recebeu recado, da parte de elementos da família de Cloé (I Cor. 1:11 e *ss*), acerca das contenções que tinham surgido entre os crentes de Corinto, o que havia produzido facções entre eles, cada uma das quais como o seu suposto líder ou herói, como Paulo, Pedro, Apolo e Jesus Cristo. E os que trouxeram essas notícias a Paulo evidentemente foram Estéfanas, Fortunato e Acaico (ver I Cor. 16:17). E é igualmente patente que trouxeram com eles, uma carta, enviada pelos crentes de Corinto, pedindo os conselhos do apóstolo acerca de várias questões que, evidentemente, vinham sendo debatidas entre os cristãos daquela cidade. O resultado dessas indagações é a primeira epístola aos Coríntios, ou, pelo menos, partes da mesma.

A primeira porção da mesma trata das questões dos perturbadores, em que o apóstolo repreende aqueles que eram os causadores das divisões. A segunda porção responde, pela ordem, as perguntas feitas pelos crentes de Corinto, questões sobre princípios morais, matrimônio, ordem do culto na igreja, a liberdade cristã e a questão sobre a ressurreição.

**Na esperança de dar** melhor solução ao caso em geral, o apóstolo tencionava fazer uma outra visita àquela igreja de Corinto; mas, nesse ínterim, enviou-lhes Timóteo (ver I Cor. 4:18-21), esperando que ele fosse capaz de dar cobro à situação. Antes de escrever sua primeira epístola aos Coríntios, parece que Paulo já lhes havia escrito uma outra carta, que versava sobre questões de moral, sem dúvida por ter ouvido falar nas condições deficientes e mesmo escandalosas daquela igreja. A regra determinada por Paulo era a separação daqueles que assim se conduzissem, ficando tais elementos isolados da igreja até que se arrependessem verdadeiramente, com a modificação de suas condutas diárias. (Ver I Cor. 5:9-14). Contudo, a própria primeira epístola aos Coríntios mostra-nos que essa suposta primeira carta ainda não produzira seus esperados resultados, tendo sido necessário dar prosseguimento, nesta chamada primeira epístola aos Coríntios, às reprimendas e advertências sobre o assunto. Muitos pensam que ao menos uma parte dessa epístola não canônica é aquela representada pelo trecho de II Cor. 6:14-7:1, que contém advertências de ordem moral, parecendo bastante fora de lugar, na posição que ocupa dentro do corpo da segunda epístola aos Coríntios. É possível, portanto, que essa citada secção seja o mais antigo fragmento que possuímos da correspondência de Paulo com a igreja de Corinto.

Retornando agora à questão dos perturbadores da ordem, que pelo menos em parte provocaram a escrita da primeira epístola aos Coríntios, parece-nos que eles se tinham dividido em *quatro* grupos distintos (ver I Cor. 3:1), a saber:

1. Os que se diziam seguidores de *Apolo*, o rabino de Alexandria, o intelectual entre os líderes, e que tiveram algum desempenho no desenvolvimento da igreja cristã de Corinto. Provavelmente esse partido se compunha dos «entendidos» dentre os crentes de Corinto. Pode-se imaginar que seu pecado consistia do orgulho intelectual, juntamente com a mistura de várias filosofias com a fé cristã simples, como os bons gregos geralmente se sentiam tentados a fazer. No primeiro capítulo dessa epístola, onde Paulo diz que a sabedoria deste mundo é «loucura», provavelmente há nisso uma repreensão indireta a esse partido, embora a igreja em geral talvez estivesse envolvida em problemas dessa categoria.

2. Aqueles que eram os seguidores de Cefas, ou Pedro, e que provavelmente eram os judaizantes ou legalistas da igreja, muitos dos quais sem dúvida se haviam convertido do judaísmo, naturalmente aderiam a antigas práticas ritualistas e legalistas. O próprio apóstolo Pedro não teria encorajado tal atitude, como Apolo também não teria encorajado o partido dos «entendidos» para que o considerassem como uma espécie de herói.

3. Além desses, havia os seguidores de *Paulo*, cujo herói era o grande apóstolo dos gentios. É possível que esse grupo envolvesse aqueles que faziam forte oposição ao legalismo e ao intelectualismo, preferindo o evangelho da graça, sem as complicações da cultura judaica ou da cultura grega.

4. Além desses, havia os partidários de Cristo. Esses certamente faziam objeção ao culto aos «heróis» e seus partidários, e, acima de todos, faziam-se os grandes seguidores de Cristo. O pecado destes últimos era o do exclusivismo, tão prevalente na moderna igreja evangélica, que, nas mentes de alguns, cria a ilusão de que eles, acima de quaisquer outros, são os melhores discípulos que Cristo tem. Isso é a antítese mesma do denominacionalismo, que inevitavelmente cria outras e ainda mais estritas denominações. Em outras palavras, aqueles que se unem em combate contra as denominações, nesse processo, geralmente criam formas ainda mais estritas de denominacionalismo, embora talvez não tenham qualquer nome específico, como fazem outras denominações.

**Um problema similar** a esse era o dos perturbadores da ordem, exaltados aos seus próprios olhos devido ao orgulho espiritual, por exercerem dons espirituais miraculosos autênticos ou aparentes. Esses se ufanavam de tal modo de suas realizações espirituais que criavam o caos nos cultos da igreja de Corinto. Sem dúvida era difícil para outrem ter oportunidade de falar nas reuniões, porquanto estavam sempre preparados com alguma profecia, com alguma língua, com alguma exortação, com alguma mensagem, de forma alguma se envergonhando por interromper tão desabridamente aos outros, por estarem usando ininterruptamente da palavra, em qualquer das reuniões da igreja. É por esse motivo, pois, que nos capítulos décimo primeiro a décimo quarto o apóstolo dá instruções que regulamentam os dons espirituais e o seu uso. É bem provável que alguns elementos desse mesmo grupo fossem aqueles que abusavam da liberdade cristã, comprando e comendo carne de lugares onde tal carne fora apresentada às divindades, em templos pagãos; e talvez até se dispusessem a freqüentar certos ritos que eram efetuados nesses templos, em companhia de seus amigos pagãos, que os convidavam para as suas reuniões profanas. Esses crentes, pois, consolavam-se dizendo que *um ídolo nada é*, e daí concluíam que comer carne que fora apresentada aos ídolos também nada significa. Isso expressa uma verdade, até certo ponto; mas a facção legalista da igreja de Corinto, que exaltava a Pedro como seu grande herói, sem dúvida se sentia ofendida com essa forma de conduta e o

resultado disso eram sentimentos pesados, disputas e divisões, que ameaçavam cindir a igreja de Corinto. (Ver os capítulos sexto e oitavo dessa primeira epístola aos Coríntios).

No sétimo capítulo dessa primeira epístola aos Coríntios, Paulo se volta para as perguntas que os próprios crentes de Corinto lhe tinham feito por carta. (Ver I Cor. 7:1). A expressão reiterada, «Quanto ao que me escreveste...» (7:1). «Com respeito às virgens...» (7:15), «A respeito dos dons espirituais...» (12:1). «No que se refere às cousas sacrificadas a ídolos» (18:1), «Quanto à coleta para os santos...» (16:1) e «Acerca do irmão Apolo...» (16:12), ela provavelmente dá início às respostas às perguntas especificamente feitas pelos crentes de Corinto a Paulo. Por conseguinte, a carta que eles enviaram ao apóstolo dizia respeito aos *seguintes temas*:

1. O valor do celibato e do matrimônio, bem como seus valores relativos. Essa questão discute paralelamente o que o Senhor Jesus disse acerca dos mesmos assuntos, segundo vemos em Mat. 19:12. (Ver I Cor. 7).

2. A questão dos limites da liberdade cristã (ver I Cor. 6 e 8).

3. A questão inteira da busca, da posse e do uso dos dons espirituais. (Ver I Cor. 11-14).

4. A questão do desejo que Paulo tinha de levantar uma oferta para os crentes pobres da igreja de Jerusalém (16:1), que foi, por assim dizer, uma das obsessões do apóstolo Paulo durante sua terceira viagem missionária, cuja entrega provocou a sua última viagem a Jerusalém, onde também foi aprisionado, tendo permanecido prisioneiro por muitos anos.

5. É evidente que a carta enviada a Paulo pelos crentes de Corinto continha um pedido que Paulo lhes enviasse Apolo, a fim de que novamente lhes ministrasse ali. Paulo procurara convencer Apolo sobre essa necessidade, mas o próprio Apolo não estava disposto a fazer tal visita, provavelmente não querendo provocar ainda mais a situação que ali já prevalecia, sobretudo no que diz respeito às várias facções ali existentes, uma das quais o escolhera como seu herói.

**Podemos facilmente** imaginar que a epístola enviada pelos crentes de Corinto ao apóstolo Paulo lhe fizera indagações sobre a natureza da ressurreição, porquanto, em Corinto, havia alguns que pareciam negar que se deveria esperar a ressurreição, dizendo que a mesma já havia ocorrido, provavelmente querendo dar a entender com isso que a ressurreição de Cristo e outros eventos paralelos já tinham tido lugar. É que esses falsos mestres não faziam a menor idéia de como a ressurreição do Senhor Jesus garante a ressurreição de todos os remidos. Parece que haviam abandonado a idéia judaica comum de que os justos finalmente seriam ressuscitados, sem falarmos na ressurreição geral dos perdidos. Mui provavelmente esse problema doutrinário surgiu em Corinto porque, entre os gentios, a doutrina da ressurreição era um ensino estranho, embora não totalmente desconhecido em seus *mitos*; ou então porque, em Corinto havia alguns que demonstravam tendências *gnósticas*, as quais, de mistura com conceitos do judaísmo e da filosofia e mitologia gregas, além dos conceitos cristãos, aquela gente terminara por criar uma doutrina que reputava desnecessária qualquer ressurreição do corpo físico. Isso provocou a escrita do décimo quinto capítulo desta primeira epístola aos Coríntios, a mais completa e profunda declaração que existe sobre a questão, em toda a literatura mundial.

De modo geral, pois, procurando nós a razão pela qual esta epístola foi escrita, bem como suas *circunstâncias históricas*, que provocaram a sua escrita, podemos declarar o seguinte:

1. Paulo já havia escrito uma epístola anterior, mencionada em I Cor. 5:9, que tinha o propósito definido de combater a grosseira imoralidade que se abatera sobre a igreja de Corinto, que ele ouvira de alguma fonte informativa acerca da qual nada somos informados. Parte dessa epístola bem poderia ser o trecho de II Cor. 6:14-7:1.

2. Nesse ínterim, antes disso ou talvez após tais acontecimentos terem começado, Apolo levara a efeito um ministério ali; entretanto, retornara a Éfeso (I Cor. 16:12) e então começara a criar-se um partido que exaltava o seu nome.

3. Pedro também fizera uma visita à igreja de Corinto, ou pelo menos havia alguns judeus crentes que se tinham tornado membros da mesma, cujo herói era o apóstolo Pedro, os quais levaram a igreja a praticar certas normas legalistas, criando uma facção que se dizia seguidora de Cefas.

4. Uma réplica àquela primeira carta de Paulo fora enviada pela igreja, através de *Estéfanas, Fortunato e Acaico* (I Cor. 16:15-18), carta essa que continha aquelas várias perguntas, antes mencionadas. Grande parte da primeira epístola aos Coríntios, pois, constitui-se de respostas às perguntas na missiva dos coríntios a Paulo.

5. Lemos em I Cor. 1:11 que pessoas enviadas da parte de Cloé, talvez escravos daquela casa, informaram a Paulo acerca das divisões existentes na igreja de Corinto, sendo perfeitamente possível que os indivíduos, mencionados no quarto ponto (acima), tivessem sido os informantes do apóstolo, os quais não somente entregaram a epístola enviada pelos crentes de Corinto, mas que também puderam transmitir verbalmente a Paulo várias informações. Provavelmente relataram ao apóstolo até que ponto a sua reputação e autoridade apostólica foram denegridas em Corinto. E foi exatamente essa visita, acima de qualquer outro fator, que tornou necessária a continuação da correspondência entre os crentes de Corinto e o apóstolo Paulo, a começar pela maior parte da primeira epístola aos Coríntios.

Evidentemente, entretanto, houve um fim feliz no tocante aos problemas surgidos em Corinto. Pelo tempo em que foi escrita a segunda epístola aos Coríntios (ou então as cartas que foram incorporadas naquilo que hoje é chamado de II Coríntios) o pior já tinha passado. (Ver II Cor. 1 e 2). A projetada terceira visita de Paulo a Corinto, embora potencialmente dolorosa para bolsões de resistência que ainda persistiam na igreja de Corinto (ver II Cor. 10:6-11 e 13:1 e *ss*), pôde ser aludida em tons jubilosos; e a coleta para os santos pobres de Jerusalém, para o que Paulo fizera arranjos, ao projetar a sua visita mencionada em I Cor. 16:3,4, poderia ser facilmente concluída quando dessa visita adicional.

**A epístola aos Romanos**, que foi escrita durante a terceira visita de Paulo a Corinto, parece indicar um término feliz para a tão prolongada perturbação. Agora o apóstolo aguardava poder fazer uma visita a Roma, após muitos adiamentos e frustrações, quando estivesse de viagem para o ocidente, para a Espanha, onde tencionava desenvolver um ministério. Até onde os seus labores em Corinto estavam envolvidos, ele estava satisfeito com o progresso e o caráter dos mesmos, e agora podia partir, deixando a continuação dos trabalhos ministeriais ali a outros. (Ver II Cor. 1:10,13,15 e 15:28).

**VI. Temas Principais**

**Quando abordamos a razão por detrás da escrita** dessa primeira epístola aos Coríntios, já tocamos de forma suficiente sobre os temas principais. Contudo, olhando para esses temas, de forma mais particular, podemos alistar o que dizemos mais abaixo:

De maneira geral, pode-se asseverar que a primeira epístola aos Coríntios não é essencialmente uma epístola doutrinária, à semelhança de Romanos e Gálatas, ainda que sejam discutidas certas questões doutrinárias importantes, sobretudo aquilo que diz respeito à prática do governo da igreja. Seus temas, entretanto, são essencialmente éticos e práticos; e por causa dos muitos problemas acerca dos quais o apóstolo escreveu, no intuito de corrigi-los, encontramos a mais completa declaração ética da fé cristã, em todo o N.T. Em contraste com a epístola aos Romanos, por exemplo, nessa primeira epístola aos Coríntios não abordamos as relações entre o cristianismo e o judaísmo, sobre como esses dois sistemas religiosos podem ser harmonizados entre si, mas antes, lemos como a igreja cristã pode entrar em um ambiente pagão, prosperando e permanecendo pura.

Ora, isso é particularmente importante para a nossa época, porquanto não existe nenhum problema mais agudo no cristianismo atual do que esse. A maioria dos problemas que os crentes de Corinto tiveram de enfrentar são os mesmos comuns à experiência cristã hoje em dia, não havendo razão alguma para supormos que as soluções propostas pelo apóstolo Paulo não sejam igualmente válidas para os nossos próprios dias, tais como o foram para os endereçados originais dessa epístola canônica. Apresentamos, pois, os pontos prometidos acima:

1. O *Evangelho* no teor da primeira epístola aos Coríntios: Nessa epístola não há qualquer tentativa para apresentar qualquer exposição sistemática do evangelho cristão, em sua natureza e conteúdo, a menos que a primeira porção do décimo quinto capítulo seja considerada como tal; antes, por toda a parte há elementos do evangelho cristão, os quais, considerados em seu conjunto, nos fornecem uma **informação suficiente sobre o assunto. Podem-se alinhar as seguintes razões para isso:**

a. Cristo é o centro da mensagem da epístola, do princípio ao fim (ver I Cor. 1:3).

b. Cristo é o alvo final da criação (I Cor. 8:6).

c. Cristo é o alvo supremo da vida (I Cor. 15:28).

d. Cristo é o verdadeiro Deus (I Cor. 8:4-6).

e. Cristo é o poder que sustenta a natureza (I Cor. 3:6).

f. Cristo é quem ordena providencialmente os acontecimentos entre os homens (I Cor. 4:9; 7:7 e 12:6).

g. Os homens jamais conheceram a Deus por sua própria sabedoria, mas podem vir a conhecê-lo por meio de Cristo, a própria Sabedoria de Deus (I Cor. 1:21).

h. É Deus que se achega aos homens em busca deles e não ao contrário (I Cor. 1:27).

i. Aqueles que se achegam a Deus, recebem a revelação de seus mistérios, por intermédio do Espírito Santo (I Cor. 2:10 e 4:1).

j. A vida eterna, por meio da ressurreição, nos é dada por meio de Cristo (ver I Cor. 15).

l. Cristo é o Juiz supremo, e espera a observância dos seus mandamentos (I Cor. 4:5; 5:13 e 7:19).

m. Vários aspectos da redenção nos são oferecidos: Cristo é a rocha, o sustentador, o supridor das necessidades espirituais (I Cor. 8:6 e 10:4); os poderes das trevas têm sido derrotados por meio de sua morte e ressurreição (I Cor. 2:6); a morte de Cristo significa a nossa redenção da servidão (I Cor. 6:20 e 7:23); os crentes fazem parte do corpo místico de Cristo (I Cor. 6:15 e 12:12). A ressurreição (o que provavelmente inclui as idéias da ascensão e da glorificação de Cristo, o que é comum nas páginas do N.T.) garante a verdadeira vida eterna para os crentes, e o décimo quinto capítulo desta epístola é a mais completa declaração que possuímos sobre esse tema.

2. *Os dons do Espírito Santo* no teor da primeira epístola aos Coríntios—A conduta ideal na igreja cristã, no que diz respeito a essas manifestações espirituais, também é abordada. Dentre todos os temas que há neste livro de Paulo, esse é aquele cujo tratamento recebe maior espaço. (Ver I Cor. 11-14). Vemos que os dons espirituais: a. Podem ser abusados; b. podem ser usados erroneamente; c. podem ser falsificados; e d. podem ser exercidos até mesmo por crentes carnais. Geralmente se supõe que os dons espirituais assinalam uma elevada espiritualidade; no entanto, os maiores perturbadores de todos, na igreja de Corinto, foram aqueles que se deixaram arrebatar pelo orgulho de sua suposta autoridade e desenvolvimento espirituais, pois esses, devido ao seu orgulho, produziram confusão naquela igreja.

3. A *reprimenda contra o abuso* dos dons espirituais inspirou o apóstolo a compor o magnificente décimo terceiro capítulo desta epístola, cujo grande tema é o amor cristão, o qual deve governar todas as atividades dos crentes, dentro e fora da igreja local. Nenhum outro documento sagrado sobre o amor cristão tem sido tão universalmente considerado e nem tem sido reputado tão majestático como o décimo terceiro capítulo desta epístola. E ainda que se porventura Paulo houvesse escrito uma epístola deficiente e plena de erros, a preservação de tal epístola já estaria assegurada somente por esse décimo terceiro capítulo. É interessante que embora a expressão «fruto do Espírito» não seja empregada nesta primeira epístola aos Coríntios, contudo, quase cada capítulo da mesma tem algo a ver com o poder dominante do amor cristão, em conexão com diversos aspectos da vida do crente, a qual, na realidade, é a «vida no Espírito». A igreja de Corinto sofreu com facções porque lhe faltava o amor cristão. (Ver I Cor. 3:3). Somente o amor é capaz de edificar, e não de derrubar, conforme estava sucedendo naquela igreja local. (Ver I Cor. 8:1). O amor é superior a todos os dons espirituais de que os homens se possam ufanar, sem o que o próprio uso dos dons é vazio e até mesmo perigoso. Outrossim, o amor é mais duradouro do que todos esses dons. (Ver I Cor. 13:2,8). Portanto, tudo deveria ser efetuado com o condimento preciso do amor. (Ver I Cor. 16:14).

4. *A conduta sexual* no teor da primeira epístola aos Coríntios.-Os habitantes da cidade de Corinto se notabilizavam por suas práticas sexuais exageradas e pervertidas. Era inevitável que esses vícios fossem levados ao seio da igreja cristã de Corinto, por parte de alguns que se desviaram de sua profissão cristã inicial, ou que jamais haviam sido verdadeiramente regenerados, posto que tivessem o nome de cristãos. A exposição do quinto capítulo dessa primeira epístola aos Coríntios (quanto aos versículos primeiro a quinto), mostra-nos que Paulo ainda era mais estrito sobre essas questões que os rabinos judeus ordinários.

**Foi em relação à conduta sexual** que a questão do matrimônio foi apresentada ao apóstolo, na carta que lhe enviaram. Paulo, à semelhança do Senhor Jesus,

mas contrariamente às idéias judaicas comuns (ver Mat. 19:12), reconhecia o grande valor do celibato, dando preferência ao mesmo, acima do casamento, contanto que o indivíduo envolvido houvesse sido chamado por Deus para esse estado. Portanto, podemos dizer que Paulo não procurou criar nenhum ministério eclesiástico caracterizado pelo celibato; tal exigência é antes um desenvolvimento histórico, que envolveu vários séculos, não sendo nenhuma injunção neotestamentária. Todavia, é verdade que as expectativas sobre a «parousia» ou segunda vinda de Cristo talvez tivessem algo a ver com o pensamento de Paulo expresso nessa seção; contudo, não podemos deixar de observar que Paulo expressava os seus próprios sentimentos sobre a questão, e, ao fazê-lo situou o estado do celibato acima do estado do matrimônio, como um meio de servir a Deus com uma mente mais desimpedida, livre das obrigações domésticas.

**Entretanto, não peca quem se casa**, mesmo que o cônjuge seja incrédulo, ficando destacado tão-somente o fato de que isso é um jugo desigual que deve ser evitado pelos crentes. Não obstante, aqueles que estiverem casados com incrédulos são legitimamente casados, e não estão vivendo em pecado. (Ver I Cor. 7:14 e II Cor. 6). Pois o cônjuge incrédulo, sem importar se o mesmo é o marido ou a mulher, é «santificado» pelo cônjuge crente. Tal matrimônio de crentes e incrédulos não é ilegítimo, conforme ensinavam os rabinos. Isso é tudo quanto o apóstolo Paulo quer dar a entender pela palavra *santifica*, nesse caso—tal casamento é legal, aos olhos de Deus e da igreja.

5. *A conduta social e eclesiástica:* as vestes e a conduta femininas. Essa é outra das questões abordadas na primeira epístola aos Coríntios. (Ver I Cor. 14:34 e *ss*). Paulo recomenda que as mulheres usem seus cabelos compridos. Entretanto, alguns estudiosos pensam que essa instrução paulina deve ser posta dentro da categoria das «situações culturalmente orientadas». Em outras palavras, Paulo teria recomendado que as mulheres crentes usassem os cabelos compridos porque, naquela época, usar cabelos curtos era sinal de prostituição, sendo um uso contrário aos costumes sociais mais nobres da época. Por semelhante modo, o véu que as mulheres devem usar, quando «oram ou profetizam», na opinião de muitos eruditos, cabe dentro dessa mesma categoria. Porquanto a grande verdade é que Paulo ordenou ambas as coisas: os cabelos compridos e o uso do véu, para as mulheres crentes. No entanto, não são muitas as igrejas evangélicas que estão obedecendo a essas injunções da Palavra de Deus. Nessa mesma passagem Paulo proíbe claramente que as mulheres crentes falem na igreja. E a maioria dos rabinos judeus teria emitido a mesma opinião, no tocante às mulheres ensinarem ou falarem nas sinagogas judaicas; e, além disso, nas culturas helenísticas distantes da Palestina, ensinarem ou falarem as mulheres nas sinagogas seria demonstração da conduta mais extremamente ímpia. E o apóstolo Paulo deixa transparecer a mesma aversão; e ele falava por inspiração divina, o que nos mostra que esse é também o parecer da mente de Deus. No entanto, muitos intérpretes dizem que essa instrução de Paulo também é «culturalmente orientada».

O máximo que podemos dizer aqui é recomendar que cada membro da igreja de Cristo examine os textos sagrados e os problemas que circundam essas questões da conduta social e eclesiástica, sobretudo no que diz respeito às mulheres crentes, a fim de chegar às suas próprias decisões honestas. Na atualidade, é difícil encontrar qualquer divisão da igreja cristã que observe essas questões, em obediência à Palavra de Deus. Há algumas denominações que insistem sobre a necessidade do uso do véu, mas que negligenciam a questão dos cabelos compridos das mulheres crentes, além de permitirem que elas usem livremente da palavra em suas reuniões, havendo casos extremos de «pastoras». Mas tudo isso é uma incoerência, em confronto com o texto sagrado. Finalmente, a grande maioria das igrejas evangélicas, não sabendo como dar solução ao caso, ignora o problema em sua inteireza, como se o mesmo não existisse.

A ordem do culto nas igrejas locais, o uso dos dons espirituais, a necessidade de haver oportunidade para todos, e a ordem necessária quando da celebração da Ceia do Senhor são os temas do décimo primeiro capítulo desta epístola. A necessidade de não abusar da liberdade cristã é o assunto dos capítulos sexto a oitavo da mesma.

6. *A segunda vinda de Cristo*, ou «parousia» é o último grande tema doutrinário desta epístola. (Ver I Cor. 15:51-58). Sobre esse tema, pois, não há explanação mais magnificente do que a que se encontra nessa seção, que tem servido de texto para inúmeros sermões e discursos escritos através da história. Ela nos ensina as verdades sublimes da imortalidade e da transformação do crente, acrescentando que certos remidos passarão para esse estado sem experimentarem a morte física, ao passo que outros chegarão ao mesmo, a despeito da morte física. Apesar de que Paulo se demorou sobre a simples imortalidade da alma (conforme fica amplamente demonstrado no quinto capítulo da segunda epístola aos Coríntios), a glorificação completa ocorrerá por meio da ressurreição, quando houver novamente a reunião da personalidade humana, em seus elementos constitutivos, bem como através da ascensão e da glorificação juntamente com Cristo, que fica implícita na doutrina da ressurreição.

**VII. Conteúdo**

I. *Introdução*, saudações e ação de graças (1:1-9)
II. Problema das divisões partidárias (1:10-4:21)
  1. Polêmica contra tais divisões: a. Exaltam ao homem, em detrimento de Cristo (1:10-17). b. Derivam-se do orgulho e da sabedoria humanos (1:18-2:5). Essa sabedoria é uma *loucura* para Deus. c. A cruz é a sabedoria de Deus apresentada aos homens (1:18-25). d. A comunidade cristã dos coríntios não fora chamada dentre os sábios (1:26-31). e. Paulo lhes dera exemplo de conduta humilde (2:1-5). f. A verdadeira sabedoria não é propriedade dos facciosos (2:6-3:4), cuja atitude mostra antes a ausência das influências do Espírito Santo. g. Os apóstolos não são rivais, mas labutam na mesma lavoura, regando e colhendo (3:5-23).
  2. Como o verdadeiro apóstolo deve ser julgado — secção contrária aos detratores de Paulo, que haviam causado divisões (4:1-21).
III. Imoralidade e os Padrões Éticos Gerais e Cristãos (5:1-7:40)
  1. Contra a imoralidade grosseira (5:1-13)
  2. Contra os processos legais entre crentes (6:1-8)
  3. O padrão do reino de Deus (6:9-11)
  4. A moralidade pessoal do crente (6:12-20)
  5. O casamento e o celibato (7:1-40)

IV. Liberdade Cristã (8:1-11:1)
1. Alimentos oferecidos a ídolos e a utilização dos mesmos pelo crente (8:1-13).
2. Paulo deu o exemplo, renunciando a seus *direitos* (9:1-23).
3. Os perigos da *obstinação* (9:24-10:22):
a. A necessidade de autodisciplina, ante as advertências dadas no deserto (10:1-13).
b. O caráter destruidor da idolatria (10:14-22).
4. Declarações finais (10:23-11:1)

V. Regulamentos sobre a Adoração Cristã (11:22-14:40).
1. O véu das mulheres (11:2-16).
2. A Ceia do Senhor (11:17-34).
3. O uso dos dons espirituais (12:1-14:40).
4. O amor governa o uso dos dons e toda a conduta cristã (13:1-13).

VI. A Ressurreição dos Mortos (15:1-58).
1. A tradição e o fato: *o evangelho* (15:1-11).
2. O significado da ressurreição (15:12-19).
3. O acontecimento e a sua ordem (15:20-34).
4. A natureza da ressurreição (15:35-50).
5. A *parousia*: Imortalidade Final (15:51-58).

VII. Questões Pessoais (16:1-24)
1. Coleta para os santos pobres de Jerusalém (16:1-4).
2. Os planos de Paulo sobre o futuro (16:5-12).
3. Exortações finais, saudação e bênção (16:13-24)

**VIII. Bibliografia.** AM EN I IB MOF NTI RO TIN VIN Z

## CORÍNTIOS, SEGUNDA Epístola de Paulo aos

*Introdução*

I. Autor
II. Data
III. Proveniência
IV. Correspondência Paulina Com Corinto
V. Temas Centrais
VI. Conteúdo
VII. Bibliografia

Devido a questões de gramática e de estilo literário, de emprego de vocábulos, de temas dominantes, a aceitação das quatro obras *paulinas clássicas*, a saber, Romanos, I e II Coríntios e Gálatas, fica de pé ou rui juntamente. É perfeitamente óbvio que essas quatro epístolas saíram da mesma pena. Os estudiosos que têm feito objeção a esse fato são poucos, não tendo sido levados a sério pela vasta maioria dos eruditos.

No tocante a segunda epístola aos Coríntios, portanto, não existe problema algum que devamos abordar, no que diz respeito à autoria paulina; porquanto todas as considerações garantem-nos que isso não é necessário.

No tocante à coletânea geral dos escritos paulinos, acerca de particularidades sobre quando foram escritos, qual a sua interpretação, etc., o leitor pode examinar o artigo sobre *Romanos*, seção II, intitulada «As Epístolas de Paulo».

No tocante à segunda epístola aos Coríntios, encontramo-nos em terreno sólido, pois trata-se de uma das obras paulinas clássicas, embora a maioria dos estudiosos modernos pense que temos nessa epístola, na realidade, porções diversas de várias epístolas, embora todas de autoria paulina, e que chegaram até a nossa possessão como um todo composto. (Esse problema, em sua inteireza, é debatido no artigo sobre à primeira epístola aos Coríntios, em sua seção IV, discussão essa que é um tanto ampliada neste artigo, sob o ponto III).

A segunda epístola aos Coríntios, paralelamente à primeira, não consiste essencialmente de uma obra doutrinária, embora ali apareçam algumas das mais elevadas doutrinas do apóstolo Paulo, mas antes, trata-se de ventilação de problemas pessoais surgidos entre esse apóstolo e os crentes de Corinto, juntamente com problemas de ética e de conduta cristã. Portanto, nessas epístolas aos Coríntios encontramos algumas das mais profundas expressões pessoais de Paulo, sendo que nelas podemos perceber, com maior clareza, qual a personalidade e o caráter do apóstolo aos gentios. Outrossim, a segunda epístola aos Coríntios fornece-nos boa dose de material biográfico, que muito nos ajuda a conhecer melhor a vida de Paulo, em pontos que nem ao menos são aludidos no livro de Atos. Portanto, a segunda epístola aos Coríntios se reveste de grande importância, do ponto de vista histórico.

Posto que a primeira e a segunda epístolas aos Coríntios abordam essencialmente as questões relativas ao mesmo povo e às mesmas situações históricas, o leitor deveria consultar todo o artigo sobre o livro de primeiro Coríntios, porque muito daquilo que diz respeito à segunda epístola aos Coríntios aparece nos comentários relativos à primeira epístola aos Coríntios, não sendo reiterado aqui a fim de ser evitada a redundância. Como exemplo disso, a seção III sobre àquela primeira epístola descreve «a igreja de Corinto», as «razões da epístola» e a—correspondência paulina—com Corinto, temas esses que também têm aplicação a segunda epístola. Similarmente, a questão que aparece na segunda seção, «Data e Proveniência», se aplica a segunda epístola, pois Paulo, embora houvesse escrito a segunda epístola de um lugar diferente, provavelmente escreveu a epístola, ou a série de epístolas, depois de poucos meses a contar da escrita da primeira epístola aos Coríntios. Na realidade, a epístola original, escrita à igreja de Corinto, pode ser a que chamamos de I Coríntios, ou pode estar inclusa nela. Na verdade, não sabemos quantas epístolas Paulo lhes escreveu, e nem quantas visitas lhes fez (certamente houve pelo menos quatro epístolas e três visitas), mas todas elas têm bases geográficas e históricas em comum, pelo menos em termos gerais.

**Supõe-se portanto, que antes de haver sido escrita a segunda epístola aos Coríntios, sem importar se a** mesma se compõe de uma só ou de várias missivas que vieram a ser transformadas em uma só, já haviam sido escritas pelo menos duas outras epístolas àqueles mesmos crentes. Uma dessas epístolas é aludida no trecho de I Cor. 5:9, da qual uma parte mui provavelmente é preservada em II Cor. 6:14—7:1. Além dessa epístola, Paulo também enviou a que conhecemos por I Coríntios e que essencialmente forma uma única epístola, — sobre cujo particular concordam praticamente todos os eruditos. Além disso, Paulo havia recebido pelo menos uma missiva da parte dos crentes de Corinto. Outrossim, esse apóstolo igualmente enviara Timóteo, em missão intercessória, a fim de procurar solucionar os problemas surgidos naquela igreja, missão essa que não produziu resultados positivos evidentes. O próprio Paulo já visitara aquela igreja por mais de uma vez, segundo se entende claramente de suas palavras em II Cor. 12:14: «Eis que pela terceira vez estou pronto a ir ter convosco...»

••• ••• •••

Não sabemos, entretanto, como situar essas visitas, porque o livro de Atos não nos ajuda nesse particular; mas certamente as visitas subseqüentes de Paulo àquela comunidade foram feitas depois que ele escrevera a primeira epístola aos Coríntios, com o propósito de encontrar solução para os dificílimos problemas existentes naquela congregação cristã. Finalmente, a combinação de sua «epístola severa» (ver II Cor. 10:10) e a obra mediatória de Tito (ver II Cor. 7:11,15), nos apresentam soluções razoáveis, que teriam sido encontradas para os problemas mais árduos daquela igreja de Corinto.

**I. Autor**

*A liderança de Paulo é desafiada; Desígnio de Paulo e motivo da escrita dessa epístola; Autoridade dessa epístola.*

Quanto a declarações sobre o consenso geral acerca da autoria paulina da segunda epístola aos Coríntios, sem importar se a mesma era uma única missiva ou uma combinação de epístolas, ver os artigos sobre às epístolas aos Romanos e I Coríntios, onde fica demonstrado que as epístolas aos Romanos, aos Gálatas e I e II Coríntios são universalmente consideradas como obras clássicas paulinas indisputadas, tendo obviamente saído da mesma pena, conforme fica demonstrado por meio da crítica literária. Portanto, a fim de evitar uma repetição desnecessária de material, que o leitor pode consultar em outros lugares, sob o título de «Autoria», damos aqui somente outro material informativo importante que diz respeito às relações entre Paulo e a igreja de Corinto.

**a. A liderança de Paulo é desafiada.**

— A autoridade de Paulo, na moderna igreja evangélica, e, de fato, por toda a história eclesiástica, remota da era apostólica imediata, que é tão inquestionavelmente recebida, leva os estudiosos modernos a se admirarem sobre como podiam fazer-lhe oposição no cristianismo primitivo. O fato, porém, é que os primeiros anos da igreja não se caracterizavam por tal paz, amor e unidade, conforme os cristãos modernos geralmente supõem, atribuindo tais qualidades tão precipitadamente ao caráter da igreja apostólica. Pelo contrário, os primeiros anos da igreja produziram alguns conflitos notáveis. Entre os próprios apóstolos surgiram algumas brigas feias. Sem dúvida alguma, houve casos notáveis de tal unidade; porém, antes do fim do século II D.C., o poder da personalidade de Jesus havia gerado nada menos de cem seitas diferentes, todas elas reivindicando autoridade recebida da parte de Jesus Cristo, o que, por si só, serve de poderosa prova de seu caráter transcendental.

Não é de surpreender, portanto, que no seio da própria igreja cristã houvesse tanto desassossego. Como reconciliar o judaísmo com Jesus ou com Paulo, ou com ambos? Como reconciliar Paulo com Jesus? Como explicar o profundo discernimento espiritual de Paulo, que parecia ter revolucionado os conceitos judaicos e legalistas no campo religioso? Esses não eram problemas de pouca monta e até os nossos dias muita discussão se centraliza em volta de certos aspectos dos mesmos. Entre os problemas da igreja cristã primitiva, avultava o problema «legalista». Como podia a doutrina da graça, da justificação pela fé e da transformação segundo a imagem de Cristo ser reconciliada com o legalismo centenário do antigo judaísmo? Quanto a notas expositivas sobre esse problema em geral, consultar Atos 10:9 no NTI. Os mais amargos inimigos de Paulo parecem ter sido aqueles que, tendo-se convertido a Jesus como o Messias, aferravam-se ao que Moisés ou a tradição judaica ensinavam, considerando que as obras da lei e a circuncisão eram necessárias à salvação.

Quanto a isso, pode-se consultar o décimo quinto capítulo do livro de Atos, pois o primeiro concílio universal da igreja cristã foi efetuado a fim de discutir e resolver exatamente esse problema.

Esse problema, contudo, jamais foi solucionado, nem mesmo em nossos próprios dias. Em lugar das formas mais antigas de legalismo, surgiram novas formas. Por exemplo, aquilo que os judeus atribuíam à circuncisão, muitos cristãos modernos atribuem ao batismo em água, assim pervertendo a religião mística de Paulo em um ensino sacramental ou legalista, ou uma combinação de ambas as coisas. Muitos cristãos primitivos, grande número dos quais se convertera da seita dos fariseus, conceituavam o cristianismo apenas como um judaísmo reformado, sem jamais terem apreendido realmente o fato revolucionário de que o cristianismo era uma revelação nova, não tendo percebido igualmente que Paulo fora o instrumento divino pelo qual Deus revelava essa elevada fé. Uma das razões disso é que esses judeus jamais puderam antecipar a grandeza de Paulo.

**As doutrinas paulinas da graça, da justificação pela fé, da transformação segundo a imagem transcendental de Cristo**, formando assim uma religião totalmente mística em sua natureza, em contraste com a religião legalista ou sacramental, não permitiam que a igreja cristã fosse uma mera forma de *judaísmo modificado*. Todavia, não é provável que o cristianismo da Palestina, nos tempos de Paulo, houvesse realmente compreendido as profundas implicações expostas por Paulo em suas epístolas. Isso sucedeu principalmente no mundo gentílico e nos processos históricos que elevaram a pessoa de Cristo ao pináculo dos poderes cósmicos. O conflito pela elevação ao platô das realidades espirituais mais altas não foi nem espontâneo e nem fácil, como de resto não pode ser espontâneo ou fácil qualquer avanço espiritual ou físico, havendo muitas covas ao longo do caminho, nas quais os homens podem cair.

Portanto, quando Paulo escreveu suas várias epístolas aos crentes de Corinto, o partido dos legalistas e fundamentalistas da velha guarda, preso em sua mentalidade rígida, fixa em leis e cerimônias, se opôs a Paulo amargamente. Esses imaginavam estar prestando um serviço a Deus, porquanto Deus havia falado a Moisés, conforme eles bem o sabiam; mas, teria Deus falado a Paulo? Não possuía ele linguagem deficiente e o seu aspecto físico não era inadequado? Não era ele apenas um outro dos seguidores de Jesus, e além de tudo herético? Não entendiam a profunda significação de Paulo, tal como seus contemporâneos haviam estado embotados para com a significação de Jesus.

**A oposição a Paulo não se verificou somente em Jerusalém, mas também se deu em todos os lugares** onde o judaísmo invadira o mundo gentílico. Não nos deveríamos surpreender, por conseguinte, que, em Corinto, onde viviam muitos judeus, tendo alguns desses passado para a igreja cristã, e onde outros judeus tinham vindo de Jerusalém, apresentando-se como autoridades nas questões religiosas, que a doutrina de Paulo tivesse recebido ali tão grande oposição, e que a sua autoridade apostólica tivesse sido posta em dúvida. Ver o artigo sobre *Paulo*.

Não sabemos se Pedro chegou a visitar a cidade de Corinto; mas sabemos que o seu nome era equivocadamente usado como se ele fosse representante ou líder do partido legalista. (Ver Atos 19:1 e I

Cor. 1:12). É possível que alguns membros da igreja de Jerusalém, amigos ou não de Paulo, houvessem exercido alguma influência na igreja de Corinto, e que uma facção houvesse sido ali criada com o propósito de *preservar a fé*, o que, para eles, era compreendido como a mescla entre o cristianismo e o legalismo mosaico, tudo posto em um molde só. Não há razão para supormos que Pedro realmente fez oposição a Paulo, porquanto isso é negado nos capítulos dez, onze e quinze do livro de Atos, bem como nos capítulos primeiro e segundo da epístola aos Gálatas.

Em face dessas razões, poucos intérpretes situam Pedro no campo legalista; pelo contrário, ele certamente se aliou a Paulo na controvérsia com os legalistas, embora não houvesse sido tão constante defensor e coluna da doutrina da graça como o era Paulo; porém, quem se assemelhava a Paulo, nesse particular? Seja como for, certos líderes, evidentemente vindos do exterior, chegaram a Corinto, trazendo cartas de recomendação (ver II Cor. 3:1), e afirmando possuir credenciais de autoridade sobre a igreja cristã (ver II Cor. 12:21).

Sendo esses legalistas inclinados a interpretar o cristianismo segundo os seus pontos de vista legalistas, conseguiram diminuir e quase anular a autoridade de Paulo entre os crentes de Corinto. Paulo tentou usar Timóteo como mediador nesse problema, mas Timóteo era tímido por natureza, e a sua missão não obteve sucesso (ver I Cor. 16:10,11, 17). Posteriormente, entretanto, Tito cuidou eficazmente da situação (ver II Cor. 7:14,15). E o próprio Paulo, entre a escrita da primeira e da segunda epístolas aos Coríntios, fez mais uma ou mais visitas a Corinto, na tentativa de solucionar os problemas ali existentes e de confirmar a sua autoridade abalada.

**Sua epístola severa**, partes da qual são aludidas na segunda epístola aos Coríntios, e que é especificamente mencionada em II Cor. 10:10, tem sido identificada por alguns estudiosos como certas porções dos capítulos décimo a décimo terceiro dessa segunda epístola, que os próprios adversários de Paulo consideram como eficaz. A primeira porção desta segunda epístola aos Coríntios mostra-nos que a combinação de meios, escolhida por Paulo, para cuidar da situação, foi essencialmente eficaz, tendo obtido a reconciliação entre esse apóstolo e a igreja cristã de Corinto, com a correção de muitas de suas faltas e o reestabelecimento de sua autoridade apostólica naquela comunidade cristã.

As diversas descrições que Paulo nos oferece sobre os seus oponentes, dão-nos uma boa idéia da natureza deles. Atacavam a Paulo em vários pontos. Acusavam-no de insinceridade, como se ele estivesse meramente atrás dos bens materiais dos crentes de Corinto (corrompendo assim o seu intuito de recolher uma oferta voluntária para os santos nobres de Jerusalém); de usar de engodo e ludíbrio (ver Cor. 12:16); e de não exibir os poderes manifestos de um verdadeiro apóstolo. Sua aparência pessoal era débil, não sendo ele um bom orador. (Ver II Cor. 10:10). Parece que haviam acusado ao apóstolo de ter uma linguagem obscura em sua pregação (ver II Cor. 4:3), e, embora ele manifestasse vários dons do Espírito Santo, mais do que todos eles (ver I Cor. 14:18), tendo recebido muitíssimas visões místicas (ver II Cor. 12:1 e I Cor. 9:11), para eles Paulo parecia ser um líder inadequado para a igreja cristã, e talvez até pensassem ser ele um tanto desequilibrado mentalmente. Tais eram os ataques contra a pessoa de Paulo.

A maioria desses judeus, perseguidores de Paulo, parece ter-se composto de intrujões ambulantes, representantes do partido legalista da igreja, mas violentos quanto aos seus métodos de ataque. Eles se apresentavam como os «verdadeiros apóstolos», e Paulo, zombeteiramente, chamava-os de «superapóstolos». (Ver II Cor. 11:5 e 12:11). Paulo não admitia que eles fossem verdadeiros crentes, mas intitulava-os de «falsos apóstolos», *obreiros enganadores*, que meramente se fantasiavam de apóstolos de Cristo. (Ver II Cor. 11:13). Os homens aceitavam prontamente o apoio financeiro daquela igreja de Corinto, e chegavam mesmo a insistir em receber tal ajuda. (Ver II Cor. 11:12). Faltava-lhes o coração próprio de um pastor, e eram antes ditatoriais, dominadores, cobiçosos, brutais e arrogantes. (Ver II Cor. 11:20). Paulo, pois, os acusava de pregarem a «outro Jesus» e a «outro evangelho», embora em parte alguma ele nos tenha informado sobre o que queria dizer exatamente com isso. Houve momentos em que o apóstolo parece admitir que eles deveriam ser classificados como cristãos (ver II Cor. 10:7 e 11:23), mas geralmente negava especificamente isso, classificando-os de servos de Satanás (ver II Cor. 11:13-15).

«Como, pois, Paulo retratou-se como verdadeiro apóstolo? Ele era um pecador reconciliado (II Cor. 5:18), um ser humano frágil (II Cor. 4:7), que não possuía nem os recursos espirituais e nem os recursos físicos para tal ministério. Entretanto, Deus é quem nos dá a graça e as forças necessárias (II Cor. 3:5 e 12:9), e somente pela vontade de Deus é que Paulo chegara a ser um apóstolo (II Cor. 1:1). Na qualidade de ministro do novo pacto, alicerçado no Espírito (II Cor. 3:3-6), foi-lhe conferido o poder de servir e de realizar os sinais de um apóstolo, através de milagres (II Cor. 4:7 e 12:12). Na qualidade de cativo de Cristo (II Cor. 2:14) e de embaixador de Cristo (II Cor. 5:20), por amor a Jesus (II Cor. 4:5), ele efetuou uma obra pioneira (II Cor. 10:13-16), tanto como evangelista (II Cor. 5:11) quanto como ministro da reconciliação (II Cor. 5:18,19). Ele sumariava a sua mensagem como 'Cristo Jesus, o Senhor' (II Cor. 4:5). Jamais se esqueceu das igrejas por ele fundadas: a preocupação por elas todas pesava constantemente sobre ele (II Cor. 11:28), e ele era o seu servo (II Cor. 4:5) e conselheiro. Os motivos que o impulsionavam eram a gratidão a Deus e a Cristo (II Cor. 1:3 e 5:14), o temor reverente pelo Senhor, seu Salvador e Juiz (II Cor. 5:10,11a), bem como o amor sincero pelas igrejas por ele fundadas (II Cor. 2:4 e 11:11), as quais eram o motivo de sua alegria e interesse (II Cor. 2:2,3). A integridade assinalava o seu ministério, e as cicatrizes de um labor desgastador e de sofrimentos voluntariamente aceitos eram os sinais que o identificavam como um verdadeiro apóstolo (II Cor. 1:12; 6:3-10 e 11:23,29)». (Floyd V. Filson, Introdução a II Corintios).

A leitura e meditação dos comentários que se seguem, nesta seção, demonstrarão a profundidade do problema que Paulo teve de enfrentar, no que diz respeito aos seus oponentes, no tocante a pontos de doutrina, o que, naturalmente, tinha as suas aplicações na vida prática.

**Ainda outras facções religiosas** se levantaram para perseguir a Paulo acerca de outras questões, talvez principalmente por motivo de conflito de personalidades. Havia, por exemplo, o eloqüente Apolo, que punha Paulo em má luz como orador, embora não haja quaisquer indícios de que Paulo e Apolo houvessem jamais entrado pessoalmente em choque, porquanto todas as indicações de que dispomos mostram que Apolo sempre se mostrou fiel para com

Paulo. Contudo, em torno da forte personalidade de Apolo, desenvolveu-se uma certa facção na igreja de Corinto, que provavelmente consistia dos elementos mais inclinados para o *intelectualismo*, talvez ex-filósofos convertidos ao cristianismo, ou pelo menos, pessoas versadas na filosofia da época. Apolo era proveniente do centro importantíssimo de erudição que era Alexandria; e é bem provável que a sua mensagem fosse pregada de forma agradável para os intelectuais de então. Por conseguinte, uma certa facção da igreja de Corinto não tardou em fazer dele o seu herói.

Além disso, havia a lassidão moral da cultura e da sociedade de Corinto, o que penetrava a fundo nas barreiras da igreja cristã daquela cidade. E então, os elementos mais liberais, ou mais desavergonhadamente lassos quanto às questões morais, naturalmente se opunham ao inflexível Paulo, cuja atitude para com as questões morais se assemelhava à dos judeus, e da escola mais estrita do judaísmo, segundo se percebe em II Cor. 12:21. Não era fácil a tentativa de reunir os coríntios tão liberais quanto às questões morais, com os estritos pontos de vista judaico-cristãos. Aqueles que não podiam, ou melhor, não queriam viver de conformidade com esse padrão, eram inimigos naturais de Paulo.

Seria um otimismo exagerado de nossa parte supormos que, em qualquer dessas controvérsias, Paulo conseguiu o que queria, sendo bem possível que a igreja cristã de Corinto se tornou mais corrupta do que nunca. Em termos gerais, entretanto, a segunda epístola aos Coríntios mostra-nos que a autoridade apostólica de Paulo foi confirmada na igreja de Corinto, e que Paulo obteve boas vitórias espirituais no que se relaciona àqueles crentes. (Maiores detalhes sobre as relações entre Paulo e a igreja de Corinto podem ser vistos no artigo sobre a primeira epístola aos Coríntios, onde esse tópico ocupa toda a seção III desse artigo).

**b. Desígnio de Paulo e motivo da escrita dessa epístola.**

O propósito de Paulo era reconciliar-se com a igreja cristã de Corinto, o que envolvia o reestabelecimento de sua autoridade apostólica ali; a correção das falhas e o fim das facções. Portanto, ele enviou Timóteo como seu representante. (Ver I Cor. 16:10,11,17). Mas Timóteo obteve resultados inadequados ou negativos, como também nos mostra o trecho de II Cor. 7:5 e *ss*. Por conseguinte, Paulo enviou Tito em missão similar; e dessa vez com positivos resultados. (Ver II Cor. 7:6,7,14,15). Tito parece ter permanecido em Corinto mais do que o tempo esperado, evidentemente para ajudar a Paulo em sua intenção de recolher uma oferta entre as igrejas gentílicas, para o benefício dos crentes pobres de Jerusalém. (Ver II Cor. 8:6).

Na segunda epístola aos Coríntios, Paulo explica por que razão escreveu a sua chamada «epístola severa», não o tendo feito apenas para dar vazão às suas indignações contra a oposição e as falhas morais, e, sim, em amor, tal como um pai repreende severamente a um filho seu, por saber o que é melhor para ele. (Ver II Cor. 2:1 e *ss*).

Paulo antecipava ainda outra visita à cidade de Corinto, embora não quisesse chegar ali de espírito pesado e triste, conforme se caracterizara a sua última visita. Por conseguinte, na primeira porção de II Coríntios, ele procura remover qualquer pensamento de insinceridade, de duplicidade e de instabilidade, que poderia ter sido deduzido do fato dele não ter cumprido sua anteriormente planejada visita a Corinto, mas que ele cancelara por desejar poupar, tanto a si mesmo como aos crentes de Corinto, ainda maior dor. (Ver II Cor. 1:12 e *ss*). A conduta de Paulo, entre os crentes de Corinto e de outros lugares, porém, comprovava a sua sinceridade. (Ver II Cor. 2:3 e *ss*).

Paulo se aproveita dessa ocasião da escrita da segunda epístola aos Coríntios a fim de ensinar! Ele fala sobre a obra de Satanás, isto é, um falso evangelho, em contraste com o seu próprio evangelho da verdade, conforme existia e exercia autoridade até mesmo entre os crentes de Corinto. Esse ensino, mui provavelmente, foi inspirado por várias controvérsias com falsos líderes cristãos, conforme foi previamente descrito. (Ver II Cor. 4:1-4,6). A glória futura haverá de ser o prêmio das ações dignas, e disso Paulo assegura aos seus leitores. (II Cor. 4:7 e 5:1). A mais importante seção neotestamentária sobre a *imortalidade* se encontra no décimo quinto capítulo da segunda epístola aos Coríntios, sendo uma descrição magnificente da glória futura, embora apresentada de mistura com uma severa advertência do julgamento futuro de que participarão os crentes. Serão delineados os temas da salvação e suas conseqüências morais, em II Cor. 5:9 e 6:10,11.

«Com base no ponto de vista geral do conteúdo dessa epístola (II Coríntios), o 'desígnio' de Paulo se torna perfeitamente claro. Tudo visou a restauração e a confirmação da autoridade desse apóstolo, que havia sido assediada tão amarga e obstinadamente, bem como a remoção de todos os empecilhos aos seus esforços, que visavam ao bem-estar espiritual de seus leitores. A maioria daqueles crentes foi conquistada para o lado do apóstolo Paulo, ficando aberto o caminho para trazê-los de volta à obediência, incluindo outros que ainda se opunham a Paulo. A fim de obter tal coisa, Paulo foi obrigado a eliminar os preconceitos que tinham surgido contra ele, desvendando a insinceridade e a perversidade daqueles que tinham seduzido àqueles crentes. É evidente que esses sedutores eram 'judaizantes' (comparar com II Cor. 11:22). Até hoje continua questão controvertida se esses pertenciam ao partido de Pedro ou ao partido de 'Cristo'. Contrariamente à opinião daqueles que mantinham que pertenciam ao primeiro (Meyer e outros), tem sido objetado como verdade, que essa epístola jamais dá a entender que Pedro era o cabeça desse partido; nem mesmo a frase *principais apóstolos* (ver II Cor. 11:5 e 12:11) pode referir-se aos apóstolos de nosso Senhor. Outros estudiosos ainda argumentam que a existência do partido de 'Cristo' parece dar a entender, em II Cor. 10:7, que haja rejeição de 'toda' a autoridade apostólica, em face dessas palavras, 'os principais apóstolos', dizendo que há certo número de indicações que mostram que eles se tinham desviado da doutrina comumente recebida, com respeito à pessoa de Jesus (ver II Cor. 11:12 e 2:17). Entretanto, parecem ter-se distinguido especialmente por sua oposição à autoridade apostólica de Paulo, bem como pelo seu zelo em favor da lei judaica e pelo cristianismo, como se este fora um mero sistema legal». (Comentário de Lange, *Introdução* a II Coríntios, pág. 5).

**c. Autoridade dessa epístola.**

Esta segunda epístola aos Coríntios ocupa um lugar antigo no «cânon», conforme pode ser demonstrado em favor de qualquer outro livro do N.T. Sem dúvida alguma este livro já era usado na igreja cristã desde antes do tempo em que Márcion, cujo grande herói era Paulo, incluiu-a entre as dez epístolas paulinas que ele reputava autênticas, em cerca de 140 D.C.

Não há razão alguma para supormos que Márcion foi quem fez a primeira coleção das epístolas de Paulo; pelo contrário, ele deve ter herdado essa coleção daquilo que já era corrente na igreja cristã, embora seja verdade que a sua aceitação dessas dez epístolas, juntamente com uma versão modificada do evangelho de Lucas, tenha provocado a canonização do N.T. O próprio Márcion rejeitava a autoridade dos livros do A.T., elevando a pessoa de Paulo à posição mais magnificente em toda a história da literatura religiosa.

Várias citações sugerem-nos que Policarpo se utilizou dessa segunda epístola aos Coríntios, e isso tão cedo como 115 D.C. (Ver a sua Ep. ad Philipp., 6, onde ele emprega as palavras de II Cor. 8:21). Clemente de Roma (91-101 D.C.), em suas citações, é um exemplo de um uso ainda anterior dessa epístola. (Ver Ep., cap. xii, onde parece bem definidamente que ele citou os trechos de II Cor. 8:21 e 11:29). Atenágoras e Atenas, em 117 D.C., em *sua obra De ressurr. mort.*, 18, evidentemente se utilizou de uma parte desta segunda epístola aos Coríntios. Por semelhante modo, Irineu de Lyons (177-202 D.C.), em seu tratado *Contra Haer*, livro ii, cap. xxx.7, menciona e comenta o fato da experiência do «terceiro céu», que Paulo teve, e que é referido no décimo segundo capítulo desta segunda epístola aos Coríntios. Clemente de Alexandria (191-202 D.C.) cita trechos da segunda epístola aos Coríntios por nada menos de vinte vezes. (Ver sua obra *Paedag.*, livro X, cap. vi: livro I, cap. vii). Nessas citações ele se refere também à experiência do «terceiro céu», citando completamente o trecho de II Cor. 2:14-16, juntamente com algumas poucas sentenças, depois de II Cor. 5:7. Conforme já se disse, outras citações dessa natureza, em número considerável, podem ser encontradas nos escritos de Clemente de Alexandria. O que falamos aqui serve apenas de exemplos.

As indicações, pois, é que por volta de 95 D.C., esta segunda epístola aos Coríntios já desfrutava de distribuição regularmente lata na igreja cristã, e que, pelo fim do século II D.C., ela deve ter sido quase universalmente conhecida. E não há qualquer evidência, até onde diz respeito à igreja, no sentido de que ela tenha jamais circulado em qualquer outra forma senão aquela que conhecemos atualmente, embora originalmente, antes de sua circulação, em Corinto, talvez tenha resultado de uma combinação de epístolas, parte da correspondência de Paulo com a igreja de Corinto. Naquele tempo, tal como hoje em dia, para nós, era uma autêntica expressão da mente, do coração e do ministério de Paulo, o grande apóstolo dos gentios.

## II. Data

Podemos determinar o tempo da permanência de Paulo em Corinto com grande precisão, quando confrontamos esse caso com suas visitas a outras localidades. No trecho de Atos 18:2 encontramos a menção de que Priscila e Áquila chegaram a Corinto, vindos da cidade de Roma, porque os judeus haviam sido expulsos da capital do império por ordem do imperador Cláudio, conforme nos informa Suetônio em *Vida do Deificado Cláudio*, 25:4. A data mais provável desse acontecimento é 49 D.C. Outrossim, essa passagem de Atos 18:2 revela-nos como Gaio, que foi feito procônsul da Acaia, defendeu a causa de Paulo, negando-se a imiscuir-se numa questão religiosa, que não lhe estava afetando. Sabe-se que Gaio se chamava Lúcio Júnio Aneu Gálio, e que era irmão do famoso filósofo estóico romano, Sêneca, que fora tutor de Nero, o terrível e sádico imperador romano. Uma inscrição encontrada em Delfos possibilitou-nos datar o seu período proconsular dentro de limites bem estreitos. Isso nos tem permitido calcular que Sêneca iniciou seu encargo a 1º de julho de 51 D.C. Alguns estudiosos têm sugerido um ano mais tarde; porém, seja como for, podemos inferir com segurança que Gálio estava em Corinto, em 50 D.C., e que, portanto, Paulo ali se encontrava também. É bem provável que o apóstolo dos gentios tenha chegado ali em 50 D.C., na primavera, tendo partido no outono de 51 D.C. (Quanto a notas expositivas sobre a inscrição acima mencionada, ver as notas introdutórias sobre o décimo oitavo capítulo do livro de Atos no NTI.

Por conseguinte, a correspondência de Paulo com Corinto deve ter-se iniciado em 51 D.C., sendo provável que a primeira epístola aos Coríntios foi escrita entre 52 e 54 D.C. Mui provavelmente Paulo escreveu essa primeira epístola poucos meses antes de ter partido de Éfeso, a fim de revisitar as igrejas que havia fundado na Macedônia e Corinto. Quanto a isso, pode-se verificar o que ele diz em I Cor. 16:19: «As igrejas da Ásia vos saúdam». A cidade de Éfeso era, por assim dizer, o quartel-general de Paulo na Ásia, pelo que é lógico supormos que a primeira epístola aos Coríntios foi escrita daquela cidade. (A introdução sobre essa epístola fornece-nos outros detalhes atinentes a essa suposição).

Com base nessas considerações, podemos inferir com segurança que a segunda epístola aos Coríntios não pode ter sido escrita antes do fim de 54 D.C. E já que a segunda epístola aos Coríntios provavelmente representa uma série de epístolas, e não uma única missiva, é seguro supormos que essa correspondência poderia ter-se prolongado por um ano ou mais. Contudo, alguns estudiosos situam a escrita da primeira epístola aos Coríntios tão tarde como 56 ou 57 D.C., em vista do que a segunda dessas epístolas deve ter sido escrita algum tempo mais tarde. E a chamada «epístola severa», provavelmente a primeira das cartas que vieram a fundir-se, formando a nossa II Coríntios, provavelmente foi escrita mais ou menos nos fins de 54 D.C., depois que Paulo partira de Éfeso, tendo passado através de Trôade, até chegar na Macedônia, onde também se encontrou com Tito.

«Que esse encontro (entre Paulo e Tito) e a escrita do trecho de II Cor. 1-9 (da Macedônia) deve ter-se verificado em novembro de 54 D.C., parece provável, se pudermos depender da narrativa do livro de Atos. Na narrativa altamente condensada de Atos 20:1-6, apreendemos que Paulo passou três meses na Grécia, isto é, em Corinto, naturalmente, e que então retornou por mar de Filipos a Trôade, depois dos dias dos pães asmos. Portanto, se ele voltou para Filipos a tempo de partir após a páscoa, e se passara três meses em Corinto, parece que chegou nesta última cidade em dezembro ou janeiro, e que escrevera o trecho de II Cor. 1-9 cerca de seis semanas a dois meses antes, ou seja, novembro». (Morton Scott Enslin, «The Literature of the Christian Movement», parte II, Harper Torchbooks, Nova Iorque, 1956).

**A chamada epístola severa, mencionada em diversos trechos de II Cor. 1-9, teria sido escrita antes,** como é claro. Já os capítulos décimo a décimo terceiro da segunda epístola aos Coríntios contêm, ao menos, uma parte dessa «epístola severa», o que significa que esses capítulos foram escritos antes dos capítulos primeiro a nono, contanto que sejam corretas as suposições apresentadas sobre a correspondência de Paulo com Corinto, tanto aqui como na introdução à primeira epístola aos Coríntios.

## III. PROVENIÊNCIA

No tocante a essa questão no que se relaciona à primeira epístola aos Coríntios, ver o artigo sobre àquela epístola, sob o título «Data e Proveniência», na seção II. A conclusão a que se pode chegar sobre esse particular é que essa segunda epístola aos Coríntios, essencialmente conforme a temos em nossa posse hoje em dia, isto é, como uma única carta, foi escrita em Éfeso. Entretanto, com base no trecho de II Cor. 7:5,6, parece que a segunda epístola aos Coríntios, ou a correspondência variegada que ela representa, foi enviada da Macedônia. Pelo menos essa citada referência parece confirmar que o trecho de II Cor. 1-9 foi escrito dali como uma única missiva. O alívio expresso por Paulo, por haver recebido boas novas através de Tito, acerca da situação que imperava agora em Corinto, parece resultado, pelo menos em parte, da «epístola severa», mencionada nos versículos oitavo e nono do sétimo capítulo da segunda epístola aos Coríntios, e também por causa da mediação pessoal de Tito, que interveio nesse problema.

Esta seção não subentende necessariamente que os capítulos décimo a décimo terceiro desta nossa segunda epístola aos Coríntios (que formam a «epístola severa» ou partes da mesma) tenham sido escritos na Macedônia. Pois essa carta poderia ter sido escrita em qualquer lugar, na rota entre Éfeso e a Macedônia. Porém, parece bem certo que nenhuma porção desta segunda epístola aos Coríntios foi escrita em Éfeso, conforme aconteceu com a primeira epístola aos Coríntios, com a possível exceção dos capítulos décimo a décimo terceiro. É provável que Filipos tenha sido a cidade de onde Paulo escreveu, sendo essa cidade um dos centros cristãos da Macedônia, tendo Paulo passado ali algum tempo, após ter partido de Éfeso, conforme se pensa com grandes probabilidades.

Goodspeed, em sua introdução à segunda epístola aos Coríntios, supõe que a citada «epístola severa» (supostamente II Cor. 10-13) foi escrita em *Éfeso*, tendo sido enviada aos crentes de Corinto por mãos de Tito. Então, após ter ficado por algum tempo em Éfeso, Paulo viajou para a Macedônia, tendo escrito o resto da correspondência atualmente chamada de segunda epístola aos Coríntios. Tendo-se encontrado com Tito na Macedônia, e tendo recebido boas notícias da parte dele, acerca da situação na igreja de Corinto, Paulo então compõe as outras porções que agora também aparecem na segunda epístola aos Coríntios, com um ânimo realmente muito mais aliviado, o que faz tremendo contraste com o severo caráter dos capítulos décimo a décimo terceiro.

## IV. CORRESPONDÊNCIA PAULINA COM CORINTO

1. Questão da integridade desta epístola.

A maioria dos intérpretes acredita que a primeira epístola aos Coríntios forma, essencialmente, uma unidade sólida; mas parece que a segunda epístola aos Coríntios representa uma série de missivas, que finalmente, foram reunidas, formando uma unidade, como se todas elas representassem uma única missiva escrita pelo apóstolo Paulo. —E embora que seções exatas representam missivas separadas seja uma questão em torno da qual os intérpretes não chegaram ainda a um acordo, a idéia de uma coleção de epístolas e não de uma única epístola, conta com razões que nos impelem a aceitá-la como certa. Isso não significa, contudo, que qualquer de suas porções seja posta em dúvida como paulina. Isso quer dizer meramente que o apóstolo Paulo enviou mais do que somente duas epístolas aos crentes de Corinto. A maior parte dos eruditos acredita que houve pelo menos quatro dessas missivas. (Quanto a detalhes maiores sobre esse problema, o leitor pode consultar o artigo sobre à primeira epístola aos Coríntios, sob o título «A Correspondência de Paulo com Corinto», seção IV). A essas notas são adicionadas as seguintes observações sobre as possíveis cartas separadas que podem ser distinguidas em nossa segunda epístola aos Coríntios:

Parece não haver qualquer sombra de dúvida sobre o fato de que houve uma «epístola severa», enviada pelo apóstolo Paulo aos crentes de Corinto, e que precedeu à escrita do trecho de II Cor. 1-9. Isso transparece de modo claro na passagem de II Cor. 7:5-9, que menciona tal correspondência anterior. Paulo expressa sua tristeza por ter enviado aquela carta, mas, também diz que, depois de ser sabido que a mesma se mostrara eficaz (e até mesmo os seus adversários admitiam tal fato, como se vê em II Cor. 10:10), não mais se entristecia por causa dela, já que a mesma havia contribuído para a sua reconciliação com os crentes coríntios. Essa «epístola severa», é aceita atualmente como certas porções ou mesmo a totalidade do trecho de II Cor. 10-13, onde repentinamente, a linguagem suave que Paulo vinha usando nos capítulos primeiro a nono, evidenciando o seu alívio devido à melhoria das condições entre os crentes daquela cidade, se modifica. Nesses capítulos — 10-13, aparecem reprimendas e autodefesas inflexíveis, repetidas insistentemente. Pelos menos podemos supor que esses capítulos (décimo a décimo terceiro) representam uma parte daquela «epístola severa».

Todavia, aparecem outras referências àquela «epístola severa», em II Cor. 1-9. (Por exemplo, II Cor. 2:4). Paulo escreveu aquela «epístola severa» triste e lacrimejante. Também escreveu com a determinação firme de renovar a lealdade dos crentes de Corinto para com ele, e de fazê-los repelirem os adversários. (Ver II Cor. 2:9). Sua própria severidade servira tão-somente para assegurar-lhes o quão profundamente se interessava e preocupava por eles (ver II Cor. 2:3,4). Não obstante, exigiu alguma forma de punição para o líder que se opunha a ele (ver II Cor. 2:6). Foi Tito quem levou essa carta, pois Paulo lhe assegurara que os crentes de Corinto seriam novamente conquistados à amizade de Paulo, e vice-versa. (Ver II Cor. 7:14,15). E é patente que Tito também se aproveitou da oportunidade para promover a coleta que Paulo recolhia para os santos pobres da igreja de Jerusalém. (Ver II Cor. 8:6). Evidentemente Paulo haveria de ir ao encontro de Tito em Trôade, com qualquer notícia que este último pudesse trazer sobre a situação em Corinto. No entanto, Tito não compareceu ao encontro, e a angústia de Paulo se intensificou. (Ver II Cor. 2:12). Foi então que Paulo se dirigiu à Macedônia, talvez à cidade de Filipos, onde se encontrou com Tito, que lhe trazia notícias favoráveis. Foi em vista dessas notícias favoráveis que Paulo escreveu a chamada «epístola de agradecimento», a porção essencial do trecho de II Cor. 1-9.

2. *A epístola de agradecimento*. A tonalidade do trecho de II Cor. 1-9 é inteiramente diversa daquilo que aparece em II Cor. 10-13; pois aquela primeira porção da nossa segunda epístola aos Coríntios mostra a gratidão de Paulo ante o fato de que a combinação de sua *epístola severa* e da mediação de Tito havia sido suficientemente eficaz para solucionar os problemas da igreja de Corinto. (Ver II Cor. 7:5-12). Tendo sido solucionados os problemas principais, Paulo pôde dar prosseguimento aos seus

planos de visitar novamente a igreja de Corinto; e dessa vez o fez com alegria, e não em tristeza e lamentação, conforme sucedera na vez anterior. Era mister que Paulo fosse ali, a fim de recolher a coleta que desejava levar para os santos pobres de Jerusalém. Paulo já havia dito aos crentes da Macedônia que os crentes de Corinto estavam preparados para cumprirem a sua parte na coleta. (Ver II Cor. 9:2). Porém, para garantir que essa coleta se completaria, já que a mesma talvez tenha sido interrompida pelo conflito entre Paulo e alguns dos membros da igreja de Corinto, esse apóstolo mandou uma mensagem à sua frente para emularem os crentes à ação, no tocante à coleta. Paulo exortou os crentes de Corinto a contribuírem com generosidade, prometendo-lhes a recompensa divina em face da mesma. Por essa razão é que o apóstolo permaneceu ainda na Macedônia, completando a coleta ali feita e dando prosseguimento ao seu ministério geral do evangelho, esperando que os crentes coríntios se preparassem para fazer a sua contribuição. (Ver II Cor. 8:1-5 e 9:2). O trecho de Rom. 15:24-27 indica-nos o total sucesso desse apelo feito por Paulo.

3. Existem outras possíveis missivas, representadas nesta segunda epístola aos Coríntios. Alguns intérpretes destacam o trecho de II Cor. 6:14-7:1 como uma possível missiva curta sobre o problema do *jugo desigual*, ou mesmo como parte de uma outra missiva. Ora, isso parece fazer de nossa segunda epístola aos Coríntios uma conjunção de três cartas. Mas outras divisões ainda têm sido propostas pelos eruditos, conforme se pode verificar no artigo sobre à primeira epístola aos Coríntios, em sua seção IV. Todavia, essas três epístolas formadoras da segunda epístola aos Coríntios são as mais freqüentemente propostas.

## V. TEMAS CENTRAIS

**Dez são os principais temas abordados nesta** segunda epístola aos Coríntios, a saber.

1. *Deus Pai*: Embora esta segunda epístola aos Coríntios não tenha tido por intuito ser um tratado doutrinário, tal como a primeira dessas epístolas, ela contém uma porção surpreendente de material doutrinário. Sobre esse tema de «Deus Pai», pode-se observar os seguintes particulares: Ele é Pai, motivo pelo qual usa de misericórdia e consola aos seus filhos (ver II Cor. 1:3). Deus é uma personalidade viva. (Ver II Cor. 3:3 e 6:16). Ele é alguém que se revela a si mesmo, o que confirma a posição central do «teísmo», o qual afirma que Deus é, não só o Criador, mas também é aquele que controla a sua criação, punindo e recompensando suas criaturas mortais. **Deus se tornou conhecido principalmente através da pessoa de** seu Filho, o Senhor Jesus Cristo. Desse modo, ele se faz presente entre os débeis agentes humanos postos a seu serviço. (Ver II Cor. 4:7; 6:7 e 13:4). Deus foi quem estabeleceu a ordem moral, razão pela qual deve ser respeitado e temido; mas o futuro eterno está garantido para aqueles que nele confiam. (Ver. II Cor. 1:18; 7:1 e 5:5).

2. *Realidade de Satanás* e dos poderes diabólicos: Satanás é o «deus» deste mundo (ver II Cor. 4:4), embora se disfarce como mensageiro luminoso, como mensageiro do reino da luz (ver II Cor. 11:14). Os homens, através de Satanás e da perversidade natural de suas próprias naturezas, precisam de reconciliação e da concretização da «nova criação» em Cristo. (Ver II Cor. 5:17-19). A redenção é que quebra o poder do reino das trevas. (Ver II Cor. 1:2).

3. *O Senhor Jesus Cristo*: Cristo aparece com destaque em trechos como II Cor. 1:3; 4:5 e 13:14. Ele é a imagem ou semelhança de Deus (ver II Cor. 4:4). Ele é o Filho de Deus (ver II Cor. 1:19). Também é impecável (ver II Cor. 5:21). É Cristo quem assegura a realização das promessas de Deus aos homens, isto é, é quem garante o cumprimento das mesmas. (Ver II Cor. 1:19,20). Ele é o Redentor que traz os homens de volta a Deus, anulando a alienação que há entre os homens e o seu Criador. (Ver II Cor. 5:17-19). Jesus é o Messias de Israel, para quem os judeus deveriam olhar com expectação. (Ver II Cor. 3:12-15). Jesus é o Cristo preexistente, que não quis preservar sua anterior posição gloriosa e nem quis ignorar os homens, mas antes, empobreceu por nossa causa, dessa maneira conferindo-nos as riquezas dos céus. (Ver II Cor. 8:9). Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, conforme se lê em II Cor. 4:14. E ele é o Senhor de todos e o Juiz de todos os homens. (Ver II Cor. 5:10).

4. *O Espírito Santo*: Ver especialmente II Cor. 13:14. O Espírito de Deus é quem produz a nova ordem, determinada por Deus e trazida à luz por Jesus Cristo, o Filho de Deus, proporcionando vida aos homens, o que o código legal de Moisés jamais poderia ter feito. (II Cor. 3:17-19). A esfera da ação do Espírito Santo é o «coração», a «alma» ou «homem interior». (Ver II Cor. 3:3). O Espírito de Cristo é o poder que transforma os crentes. (Ver II Cor. 3:6). O dom do Espírito Santo é a garantia de tudo quanto Deus promete aos homens para o futuro. (Ver II Cor. 1:22 e 5:5).

5. *Autoridade do Antigo Testamento*. As promessas de Deus (contidas nas Escrituras do A.T.) se referem aos crentes, que são o verdadeiro Israel. (Ver II Cor. 1:19,20). Porém, o código escrito, a lei de Moisés, é inferior à revelação divina que nos trouxe Cristo. (II Cor. 3:3,6). Não obstante, o A.T. se reveste de importância, não devendo ser desprezado por nós. (Ver II Cor. 3:14,15). O erro fatal dos judeus incrédulos foi não terem eles percebido o cumprimento do Antigo Testamento na nova dispensação, em Cristo Jesus.

6. A *imortalidade*. A mais completa descrição bíblica que existe sobre a «imortalidade» aparece no quinto capítulo da segunda epístola aos Coríntios. A imortalidade, todavia, não consiste em mera existência interminável; antes, consiste em uma vida de propósito e tipo específicos. No começo do estado eterno, cada crente será julgado de acordo com sua conduta nesta vida terrena. Esse julgamento determinará o nível de glória da transformação em Cristo, da capacidade de servir ao Senhor naquele novo estado. Não obstante, não devemos esperar que haja qualquer estagnação no estado eterno. Em outras palavras, é lógico supormos que o crente, tendo ficado aquém daquilo que poderia ter sido e feito, apesar disso será capaz de progredir no estado eterno, mais e mais, até que a imagem de Cristo seja aperfeiçoada nele, quando então compartilhará da própria divindade (ver II Ped. 1:4; II Cor. 3:18), que é o próprio alvo de toda a existência humana. Esse estudo paulino sobre a «imortalidade» também inclui a esperança do arrebatamento e a transformação que isso produzirá, sem que certos crentes passem pela morte física.

7. *A função e os propósitos do sofrimento do crente.* Debilidade e sofrimento são combinados com os conceitos de poder e triunfo, tal como o próprio Cristo, que era rico, se tornou pobre, tendo sofrido muito, até que triunfou em sua missão. (Ver II Cor. 13:4). Os homens são apenas vasos de barro, e devem experimentar sofrimentos e provas; porém, «o poder se aperfeiçoa com o sofrimento» (ver II Cor. 12:9). O sofrimento, pois, é um instrumento que Deus usa a

fim de levar a existência humana à perfeição, tanto como agente purificador quanto como agente desenvolvedor das graças espirituais.

8. *A esperança cristã.* A despeito das frustrações, dos sofrimentos e das provas, além do desespero ocasional, tudo isso redundará para o crente em um peso eterno de glória. (Ver II Cor. 4:10-18). Essa esperança inclui a certeza da imortalidade absoluta. (Ver II Cor. 5:1-10). Nos trechos de I Cor. 15:52 e I Tes. 4:17, percebe-se que Paulo esperava estar vivo ainda quando da «parousia» ou segundo advento de Cristo, sendo essa uma de suas grandes esperanças. A passagem de II Cor. 5:1-19 mostra-nos que Paulo continuava retendo essa esperança; porém, mesmo que isso não se concretizasse, ainda assim podemos ter a certeza de uma casa eterna, nos céus, não feita por mãos humanas. Sem importar o que venha a acontecer, haveremos de permanecer firmes em nossa fé em Cristo, esforçando-nos, quer presentes, quer ausentes, por agradá-lo. (Ver II Cor. 5:9). Toda a esperança cristã se alicerça sobre o dom inefável de Deus (ver II Cor. 9:15), o que provavelmente indica a pessoa do próprio Cristo, ou então a salvação que ele nos propicia. A esperança cristã inclui a expectação da fuga para os lugares celestiais, as dimensões da luz, conforme lemos no décimo segundo capítulo da segunda epístola aos Coríntios.

9. *O uso do dinheiro.* Está aqui em foco o espírito cristão dadivoso. Damos porque Deus nos deu em proporção infinita, bem como por causa do exemplo inspirador do próprio Cristo. (Ver II Cor. 5:18; 8:9 e 9:15). O mais importante dom de Deus que podemos dar é a nossa própria pessoa (ver II Cor. 8:5). A vida humana inteira pode ser uma forma de doação, que produz frutos dignos e aprovados pelo Senhor; e o serviço aqui focalizado é prestado tanto aos homens como a Deus, como manifestação do amor cristão. (II Cor. 8:1 e 9:14). O verdadeiro espírito de doação cristã, que agora se volta para as questões materiais, deve ser voluntário. (Ver II Cor. 9:5,7). Isso deve ser feito com boa atitude e com intensidade. (Ver II Cor. 8:2 e 9:7). O crente deve dar de modo generoso e alegre, (II Cor. 8:2 e 9:6,7,11). Também devemos dar de conformidade com a capacidade própria. (Ver II Cor. 8:11,12). O exemplo de um crente, em suas doações, encoraja a outros a seguirem o seu bom exemplo (ver II Cor. 9:2). O espírito dadivoso dos crentes edifica a fraternidade, a compreensão e o espírito de adoração mútua. (Ver II Cor. 9:12-14).

10. *Defesa do apostolado de Paulo.* Por detrás das cenas, esse tema domina grande parte da primeira e da segunda epístola aos Coríntios. Os capítulos décimo a décimo terceiro da segunda epístola são os principais trechos que abordam essa questão, onde também Paulo, ao fazer oposição aos seus adversários, revela-nos o seu íntimo, os seus conflitos e anelos, as suas esperanças, os seus desapontamentos, mas a sua esperança é permanente e imorredoura. Esta seção também ataca os adversários de Paulo, a quem ele reputava como «falsos apóstolos».

«A segunda epístola aos Coríntios fornece-nos alguns vislumbres íntimos de Paulo, mostrando-nos como ele realmente era, em momentos de maior pressão emotiva, indignado ou desanimado, ou então aliviado e grato. Tem sido dito com razão, sobre a primeira epístola aos Coríntios, que ela retira o telhado da igreja cristã primitiva, permitindo-nos espiar o seu interior. Porém, a segunda epístola aos Coríntios nos fornece um quadro ainda de maior intimidade, porquanto permite-nos olhar para o interior do coração de Paulo». (Goodspeed, Introdução à segunda epístola aos Coríntios, em sua tradução, impressa pela University of Chicago Press).

**VI. Conteúdo**

I. *Introdução* (1:1-11)
  1. Saudações cristãs (1:1,2)
  2. Ação de graças por seu livramento do perigo e da morte (1:3-11)

II. Paulo em Relação à Igreja de Corinto (1:12-2:4)
  1. Mudança de seus planos de visita, não por falta de sinceridade ou por volubilidade, mas para evitar outra visita dolorosa (1:12-2:4)
  2. Paulo perdoara o ofensor, contra quem escrevera em I Cor. 5, e exorta aos crentes de Corinto a fazerem o mesmo (2:5-11)
  3. Ansiedade de Paulo por ver a Tito, para saber qual o seu conceito entre os crentes de Corinto (2:12-13)

III. O Ministério Apostólico de Paulo (2:14-6:10)
  1. Paulo agradece a Deus por seu ministério (2:14-17)
  2. Os próprios crentes de Corinto autenticavam o seu ministério apostólico (3:1-3)

IV. A Superioridade do Novo Pacto (3:4-4:6)
  1. Conta com ministros qualificados por Deus (3:4-6)
  2. Ultrapassa o esplendor do antigo pacto (3:7-11)
  3. Seus ministros podem ser mais ousados (3:12-18)
  4. Consiste da *Luz* contra as trevas (4:1-6)

V. Poder Sustentador de Deus em Favor de seus Ministros (4:7-18)
  1. A vida de Jesus se manifesta em seus corpos (4:7-12)
  2. A fé na ressurreição e na glória final os sustenta (4:13-18)

VI. A Imortalidade é o Alvo de Toda a Existência (5:1-10)
  1. Poderá ocorrer através do arrebatamento (5:1-5)
  2. Poderá significar ir para o Senhor (5:6-8)
  3. Significará o juízo dos crentes (5:9,10)

VII. O Ministério da Reconciliação (5:11-6:10)
  1. Paulo desejava agradar a Deus em seu serviço concernente à reconciliação (5:11-13)
  2. Os homens são reconciliados por meio de Cristo (5:14-19)
  3. O ministério da reconciliação é urgente (5:20-6:2)
  4. Paulo era diligente nesse ministério (6:3-10)

VIII. Laços entre Paulo e a Igreja de Corinto (6:11-7:16)
  1. Apelo pelo afeto cristão mútuo (6:11-13)
  2. Evite-se a comunhão com os incrédulos de modo comprometedor (6:14-7:1)
  3. Apelo em favor do amor mútuo (7:2-4)
  4. A certeza da reconciliação produz alegria (7:5-16)

IX. As Doações Cristãs — Coleta para os Santos Pobres de Jerusalém (8:1-9:15)
  1. Que seguissem o exemplo dos macedônios (8:1-6)
  2. Que seguissem o exemplo da generosidade de Cristo (8:7-15)

3. Tito os encorajaria quanto a isso (8:16-24)
4. Que contribuíssem bem, e Deus os recompensaria liberalmente (9:1-11)
5. Dar é uma obra espiritual que leva o crente a louvar a Deus (9:12-15)

X. A Epístola Severa (10:1-13:10)
1. Defesa contra a calúnia e os falsos líderes (10:1-11:15)
2. Paulo mostra a grandiosidade de seus labores, demonstrando seu autêntico apostolado (11:16-12:10)
3. Seus labores, revelações e visões mereciam a apreciação e a confiança por parte dos crentes de Corinto (12:1-10)
4. Desejava Paulo a mudança de sentimentos para com sua pessoa antes que fosse forçado a fazer uma visita pessoal para cuidar das questões (12:11-13:10)

*Conclusão:* Exortações, Saudações e Bênção Finais (13:11-14)

**VII. Bibliografia:** AM EN I IB MOF NTI RO TIN VIN Z

## CORÍNTIOS, TERCEIRA EPÍSTOLA AOS

**Essa é uma carta atribuída a Paulo, mas escrita por** um autor desconhecido. Data do século III D.C. A carta apresenta-se como uma comunicação feita por Paulo acerca do aparecimento de falsos mestres em Corinto, — onde Paulo os condena em termos claríssimos. Obteve posição canônica temporária na Igreja Siríaca, durante o século IV D.C. Mas, finalmente, foi retirada do cânon do Novo Testamento, daquele grupo cristão, quando esse cânon ficou melhor estabelecido, já no século V D.C.

## CORINTO

**Era outra das importantes** cidades gregas, a qual, nos dias de Paulo, havia superado Atenas quanto à importância política e comercial. Agia como ponte terrestre entre o fluxo do comércio marítimo do Oriente com o Ocidente. Já no século VII A.C., adquirira grande poder e prosperidade, e já implantara, então, certo número de colônias. Em 146 A.C. resistiu à intrusão romana, mas foi destruída nesse processo. Durante cerca de um século ficou em ruínas. *Júlio César* fez de Corinto uma colônia romana e a reconstruiu (46 A.C.). Essa cidade se tornou conhecida por seus cultos pagãos, que consistiam em centenas de lupanares, — que promoviam a concupiscência. Este último pecado, tão generalizado em Corinto, deu origem a expressões como «corintianizar», que tem o sentido de iniciar-se em práticas imorais; também a «donzela coríntia», que simbolizava essa iniciação; e ainda «enfermidade coríntia», que indicava os resultados venéreos desses pecados de imoralidade.

Muitos edifícios e monumentos antigos têm sido escavados em Corinto, incluindo o «agorá», o centro da vida da cidade, além de muitas lojas e edifícios das proximidades, e também o templo de Apolo (datado do século VI A.C.).

A população coríntia era extremamente *cosmopolita*. Realmente, era a menos grega de todas as cidades da Grécia. Sua vida religiosa refletia a grande mistura de povos e costumes, exibindo aspectos altamente sincretistas. Contava com diversos cultos misteriosos, dentre os quais se destacava o do santuário vizinho, em Eleusis, além da adoração imoral a Afrodite. Este último culto se caracterizava sobretudo pela imoralidade e pela prostituição religiosa. Estrabão revela que havia em Corinto, dedicadas a esse culto, cerca de mil prostitutas religiosas. Ora, isso atraía um avantajado número de peregrinos, vindos do extèrior, com o propósito declarado de se dedicarem à adoração religiosa. E assim, *viver como um coríntio* passou a significar uma vida entregue ao deboche.

É em razão do exposto acima que os trechos de I Tes. 4:3-7 e Rom. 1:18-25, ambos escritos de Corinto, acima de todas as demais escritas pelo apóstolo Paulo excetuando as suas duas epístolas aos Coríntios, atacam a imoralidade pagã, especialmente suas paixões infames. Embora a cidade de Corinto não fosse um centro intelectual como Atenas, Alexandria ou mesmo Tarso, mesmo assim contava com seus filósofos andarilhos em grande abundância, e a própria cidade se ufanava de sua herança intelectual.

«Na estrada que conduzia ao porto de Cencréia, aos turistas se mostrava, com veneração, o túmulo de Diógenes, o famoso cínico, contíguo ao sepulcro da famosa cortesã, Laís, talvez mostrando o gênio daquela cidade!» (G.H.C. Macgregor, Atos 18:1).

Eram os dois portos que serviam a Corinto que lhe emprestavam a sua importância comercial e o seu caráter cosmopolita. Cencréia, um desses portos, ficava cerca de pouco menos de catorze quilômetros de distância, no golfo de Sarona. Laqueum distava apenas dois quilômetros e meio a oeste do golfo de Corinto.

A principal indústria de Corinto era a cerâmica, embora houvesse vários outros produtos importantes que ali eram produzidos. O *comércio* e os negócios proliferavam, como já dissemos.

A característica topográfica dominante de Corinto era o Acrocorinto, uma rocha íngreme e de cume chato, com os seus 566 m de altura. No alto havia a Acrópole, a qual, nos tempos antigos, havia contido a *inter alia*, um templo de Afrodite, a deusa do amor, cujas atividades deram origem à imoralidade tradicional de Corinto.

**Nos tempos passados**, antes do século VII A.C., Corinto já era um centro importante de população. Contava com as suas próprias colônias; e à semelhança de outras localidades da Grécia, era uma cidade-estado. Do século IV A.C., até 196 A.C., Corinto foi dominada principalmente pelos macedônios; porém, foi nesse ano que a cidade foi libertada, juntamente com o resto da Grécia, por T. Quinctius Flaminius, tendo-se reunido à Liga Acaense. Corinto resistiu aos assédios romanos; mas, em 146 A.C. foi destruída pelas tropas do cônsul L. Mummius, e boa parte de seus habitantes foi vendida como escravos. Foi em 46 A.C. que Júlio César reedificou a cidade e muito se esforçou por restituir-lhe a sua primitiva glória. Augusto tornou Corinto a capital da recém-formada província da Acaia, que fora separada da Macedônia, passando a ser governada por um governador proconsular em separado.

Além das descobertas arqueológicas acima descritas, que dizem respeito a Corinto, foi encontrada uma inscrição próxima ao teatro, —que menciona o nome de Erasto, que, mui provavelmente, foi o tesoureiro de Corinto, mencionado como um dos convertidos sob os labores de Paulo, em Rom. 16:23. (Ver no NTI as notas expositivas sobre «Erasto», nesse versículo). Essa inscrição diz: «Erasto preparou este pavimento de seu próprio bolso, em apreciação por sua nomeação como sedile». (Um sedile era um oficial que cuidava das estradas, das condições sanitárias, dos jogos públicos e de outros interesses de uma cidade antiga).

## CORNÉLIO

**A importância de sua conversão.**

Ver detalhes sobre a conversão de Cornélio em Atos 10:1-11:18.

**A Grande Comissão**, conforme nos é dado no trecho de Atos 1:8, no sentido de que os discípulos deveriam evangelizar Jerusalém, Judéia, Samaria e então até os confins da terra, apresenta-nos o esboço geral da exposição do material histórico deste livro de Atos. Nos capítulos anteriores vimos como a igreja começou, cresceu, prosperou e foi então perseguida em Jerusalém, e como todas as cidades da região da Judéia ouviram o evangelho. O termo «Judéia», neste caso, evidentemente, tem por intuito incluir a totalidade da Palestina, pelo menos até onde está envolvido o alcance do ministério do evangelho. Poderíamos pensar quanto a essa designação, nas terras judaicas. Em seguida o evangelho foi a Samaria, onde habitava um povo de raça mista, mas cuja religião ainda era essencialmente judaica.

No décimo capítulo do livro de Atos é que encontramos, pela primeira vez—uma missão *oficial* entre os gentios, embora seja possível, e até mesmo provável, que alguns puros gentios já se tivessem convertido a Cristo antes dessa ocasião. Parece perfeitamente claro, entretanto, que o autor sagrado considerava este episódio como representante do começo do avanço do evangelho em territórios puramente gentílicos.

Paulo, de fato, foi o pioneiro das missões gentílicas. Ver 15:7.

Pode-se perceber, por semelhante modo, que a visão que teve o centurião, segundo se lê em Atos 10:1 e *ss*, é descrita novamente, pelo próprio Cornélio, ao chegar Pedro em Cesaréia, em Atos 10:30 e *ss*. Tudo isso foi feito pelo autor sagrado a fim de enfatizar não somente como o evangelho penetrou entre os gentios, mas também a fim de vindicar esse avanço, visto que em seu tempo, embora não possamos entender bem tal sentimento, havia muito ressentimento, entre os crentes judeus, contra a evangelização de pagãos gentílicos puros, quando os mesmos eram admitidos com plenos direitos, na igreja cristã, através do rito inicial do batismo. Esse, de fato, foi um dos principais problemas com que a igreja primitiva se viu a braços, porquanto o núcleo original da igreja era judaica, e os seus membros, como é natural, trouxeram para a nova comunidade os seus preconceitos judaicos. Até mesmo o apóstolo Pedro teve de receber uma visão celestial, a fim de ficar plenamente convencido de que era próprio que se recebessem gentios convertidos, nas igrejas cristãs, com iguais privilégios oferecidos aos convertidos dentre o judaísmo.

**Cornélio.** Era um centurião romano destacado para a Palestina, que se fixara em Cesaréia, com a «coorte» ou bando chamado *Italiana*, comandante de cem homens daquela divisão do exército romano. Era conhecido como homem *temente a Deus*, talvez por causa de suas vinculações com o judaísmo, do qual, provavelmente, se tornara prosélito. Também se tornou bem conhecido por suas esmolas e por suas orações, duas qualidades altamente recomendáveis na religião judaica. «Cornélio» era um nome comum no mundo romano, desde os tempos de Cornelius Sulla, no ano de 82 A.C., o qual deu liberdade a dez mil escravos e alistou-os oficialmente como cidadãos romanos, sob o nome familiar de *gens Cornelia*. Neste caso, o vocábulo «gens» diz respeito a um «clã» uma espécie de grupo distinto dentro da sociedade. Pessoas famosas desse *clã* incluíam Cipião Africano Maior, o conquistador de Hanibal, como também Cornélio Cipião, filho desse último, que destruiu Cartago, grande rival de Roma.

Atos 10:2: *piedoso e temente a Deus com toda a sua casa, e que fazia muitas esmolas ao povo e de contínuo orava a Deus.*

**O Caráter Espiritual de Cornélio.**

1. Ele «temia» a Deus, uma expressão **veterotestamentária** para indicar que ele observava sua fé religiosa através de meios judaicos, como ritos, cerimônias e a lei. Portanto, ele era uma espécie de prosélito de judaísmo.

2. Parece que não fora circuncidado, pelo que não estava inteiramente identificado com a maneira judaica de viver, embora estivesse muito mais do que apenas «atraído» por aquela fé. Pedro foi criticado por haver se associado a um grupo de gentios incircuncisos. (Ver Atos 11:3).

3. Os legalistas não eram capazes de aprovar a Cornélio, conforme ele estava, mesmo que fosse um autêntico convertido ao cristianismo. Seu ingresso na comunidade cristã provocou inúmeros problemas. Os decretos que figuram em Atos 15; baixados pelo Concílio de Jerusalém, tiveram por intuito solucionar tais problemas, mas o problema do legalismo na verdade nunca foi inteiramente solucionado no seio da igreja. Meramente assumiu *formas diferentes*, em várias espécies de sacramentalismo.

Cornélio era homem com quem os judeus muito simpatizavam, pois não somente «temia» a Deus, mas também praticava a dádiva de esmolas, algo que os judeus religiosos reputavam como sinal de profunda piedade, conforme também se pensava entre os cristãos primitivos, de tal modo que nós, que damos pouca ênfase a essa parte prática, dificilmente podemos compreender. Além disso, Cornélio fazia essas esmolas «...ao povo...», frase que sem dúvida alguma indica a população judaica de Cesaréia. (No grego, *«ó laos»*, os judeus, em contraste com *«ta ethne»*, as nações gentílicas). Quanto a notas expositivas sobre a importância das «esmolas», como ato piedoso enfatizado tanto no judaísmo como no cristianismo primitivo, ver Atos 3:2 no NTI.

Cornélio *orava*, isto é, conservava o hábito ou costume da oração, o que provavelmente indica a observância das horas regulares de oração, designadas pelos líderes eclesiásticos do templo de Jerusalém e das sinagogas em geral. Quanto a notas expositivas sobre essa forma cerimonial de «oração», que também fazia parte preponderante na adoração judaica, ver a exposição em Atos 3:1 no NTI. Outrossim, Cornélio era homem pessoalmente piedoso, não sendo religioso apenas formal e publicamente. Por todos esses motivos era muito respeitado entre os judeus, mas o fato de que continuava incircunciso levava-o a ser classificado por eles como mero pagão. Ora, nenhum indivíduo dessa categoria poderia ser admitido na igreja cristã (segundo a opinião dos legalistas), sob a mera condição do batismo cristão, sem primeiramente submeter-se às leis judaicas que governavam a admissão de prosélitos gentios, cuja principal provisão era a circuncisão.

A doação de esmolas e a oração eram dois dos pontos cardeais salientados pelos judeus, ao que o Senhor Jesus adicionou o jejum, no quadro que traçou diante dos fariseus, no trecho de Mat. 6:1-18.

Nesse centurião vemos a semelhança de um outro que amou ao povo de Israel, e que construiu para eles uma sinagoga, pagando as despesas do próprio bolso (ver Luc. 7:5). Podemos supor com segurança, pois,

que Cornélio era homem insatisfeito com os conceitos espirituais encontrados nas religiões pagãs, tendo buscado outra maneira de encontrar a verdade, havendo aceito temporariamente o judaísmo. Deus guiava-o o tempo todo, até que pôde conduzi-lo aos pés de Cristo, que é o alvo de todo o homem.

**Seriedade da busca espiritual de Cornélio**

Podemos ver que esse centurião era autêntico em sua busca por Deus no fato de que trouxe sua família para ouvir a Palavra de Deus, dos lábios de Simão Pedro. Em certo sentido, nenhum homem é uma ilha, porquanto sua vida afeta às vidas de todos quantos entram em contacto com ele. De fato, se a vida de alguém não afeta àqueles que entram em contacto com ele, podemos julgar que a energia de sua busca e expressão espirituais é extremamente débil. Noutro sentido, todavia, todo indivíduo é uma ilha, porquanto a busca por Deus, por parte de cada um, é atribuição exclusiva de cada um, e ninguém pode fazer essa busca no lugar de outrem.

Cornélio, ao encontrar alguma expressão religiosa melhor do que a sua, desejou que os seus familiares também a conhecessem. O fato de que ele tinha sua família em Cesaréia mostra-nos que, provavelmente, era residente permanente ali, por ser um soldado profissional, e que planejava permanecer nessa cidade por tempo considerável. E visto que já se demorara na cidade por algum tempo, viera a conhecer e a ser conhecido pelo povo da região, tendo ficado conhecido como homem sincero e piedoso, embora não estivesse oficialmente vinculado a qualquer sinagoga.

Foi justamente um homem assim que o Espírito Santo resolveu usar como representante da introdução da igreja cristã em terreno puramente gentílico. Cornélio e sua família foram os primeiros gentios puros a serem aceitos como membros da igreja cristã, sob a condição única do batismo, sem ter havido a necessidade do rito essencialmente judaico da circuncisão. Assim sendo, ele não precisou de qualquer orientação judaica, sobre as questões religiosas, para participar dos benefícios e privilégios da igreja cristã. Foi assim que a igreja deu mais um passo, em sua expansão e desenvolvimento, até que, finalmente, veio a tornar-se uma entidade totalmente separada do judaísmo.

«Ele, *Cornélio*, criava a sua família em um ambiente religioso, como todo o homem de bem deve fazer». (John Gill em Atos 10:2).

Podemos supor com segurança que Cornélio, além das orações ritualistas ordinárias, pedisse ao Senhor, em oração, para ser guiado a uma verdade maior, mais profunda, o que, na realidade, é tanto dever como privilégio de todos os homens.

*Ouvido apenas pelos santos anjos,*
*O bom Cornélio se ajoelhou sozinho,*
*Sem sonhar que sua oração e lágrimas,*
*Ajudariam um mundo necessitado.*

*Entrementes, em seu terraço,*
*O amado apóstolo orava a seu Senhor,*
*Pois em pensamento silente, distante,*
*Ele subiu em visão celestial.*
(Keble)

Talvez seja significativo, segundo nos sugere Matthew Henry (*in loc*), que quando a missão do evangelho chegou aos gentios, e se tornou necessário um *caso representativo* de conversão, para ensinar uma lição, à igreja, sobre como seria a nova ordem de adoração, não foi convocado um filósofo grego para ser esse indivíduo, como também não foi chamado um sacerdote pagão, o qual estaria cego pelos seus preconceitos contra quaisquer reivindicações novas de verdade, e, sim, um soldado gentio, o qual seria pessoa mais ou menos livre de quaisquer preconceitos tolhedores.

## CORO

Um grupo treinado de cantores, originalmente um grupo de cantores dançarinos. O termo também se refere a um lugar, nos templos cristãos, onde o coro da Igreja posta-se e canta. Além disso, cada uma das nove *ordens* de anjos tem sido chamada por esse nome. Ver o artigo sobre *Música e Instrumentos Musicais*, no que diz respeito ao contexto bíblico para coro.

## COROA Ver também Coroas.

*Esboço*:

I. Termos Envolvidos
II. No Antigo Testamento
III. Em Outras Culturas
IV. A Coroa como um Símbolo Espiritual

**I. Termos Envolvidos**

Há três palavras hebraicas e duas palavras gregas que precisamos considerar, a saber:

1. *Kether*, «coroa», «diadema». — Termo que figura por três vezes, sempre no livro de Ester (1:11; 2:17 e 6:8).

2. *Nezer*, «grinalda», «coroa». Palavra que ocorre por onze vezes, com esse sentido: Êxo. 29:6; 39:30; Lev. 8:9; 21:12; II Sam. 1:10; II Reis 11:12; II Crô. 23:11; Sal. 89:39; 132:18; Pro. 27:24 e Zac. 9:16.

3. *Atarah*, «coroa». Vocábulo usado por vinte e três vezes: II Sam. 12:30; I Crô. 20:2; Est. 8:15; Jó 19:9; 31:36; Sal. 21:3; Pro. 4:9; 12:4; 14:24; 16:31; 17:6; Can. 3:11; Isa. 28:1,3,5; 62:3; Jer. 13:18; Lam. 5:16; Eze. 16:12; 21:26; 23:42; Zac. 6:11,14.

4. *Diádema*, «diadema». Palavra grega que figura por três vezes, sempre no Apocalipse (12:3; 13:1 e 19:12).

5. *Stéphanos*, «coroa». Palavra grega empregada por dezoito vezes, a maior parte das vezes no Apocalipse: Mat. 27:29; Mar. 15:17; João 19:2,5; I Cor. 9:25; Fil. 4:1; I Tes. 2:19; II Tim. 4:8; Tia. 1:12; I Ped. 5:4; Apo. 2:10; 3:11; 4:4,10; 6:2; 8:7; 12:1; 14:14. Essa também é a palavra grega que era o nome do primeiro mártir cristão, Estêvão (ver Atos 6:5 *ss*).

**II. No Antigo Testamento**

A coroa era uma peça usada na cabeça, geralmente muito ornada, usada por monarcas e outras pessoas importantes. No Antigo Testamento, temos a coroa do sumo sacerdote, feita de uma placa de ouro com as palavras inscritas: «Santo ao Senhor». Essa placa era presa à sua mitra ou turbante por um cordão azul, que simbolizava a sua consagração (Êxo. 19:6; 39:30). Após o exílio babilônico, em 520 A.C., coroas de ouro e de prata foram feitas para o sumo sacerdote (Zac. 6:11-14). Após terem sido usadas, foram guardadas no templo, como emblemas do favor divino.

As coroas reais eram outorgadas como indicação de que o ofício monárquico era ocupado por decreto divino (Sal. 21:3). A coroa também simbolizava a glória (Jó 19:9; Isa. 28:5); a realeza (Pro. 27:24); o orgulho (Jó 31:36; Isa. 28:1,3). Essas coroas eram fabricadas de vários metais e, com freqüência, eram muito decoradas, algumas vezes até com pedras preciosas. Foi uma coroa assim que Davi tomou do rei dos amorreus (II Sam. 12:30), e então pô-la sobre sua

própria cabeça, tal como fizeram os seus sucessores. Pelo menos em alguns casos, os reis de Israel foram formalmente coroados (II Reis 11:12).

**III. Outras Culturas**

A arqueologia tem descoberto evidências acerca de muitos tipos de coroas entre os egípcios, tanto através de coroas literais como mediante gravuras em murais e inscrições. Algumas vezes, essas coroas eram elaboradas e ricamente adornadas, como aquela usada por Tutancâmom. Emblemas reais também decoravam essas coroas. Elas incluíam certa variedade de caudas, mas outras consistiam em meros aros de ouro, ou um tipo de chapéu chato, com uma espiral na parte da frente, e uma elevada projeção na parte de trás. Algumas coroas eram cônicas, e outras arredondadas.

A coroa usada pelos reis assírios consistia em uma elevada mitra, freqüentemente adornada com flores ou outros objetos. Tiras de linho ou de seda eram arrumadas formando uma espiral ascendente, formando uma espécie de cone. Com freqüência, esse tipo de coroa era adornado com pedras preciosas. Os reis da Babilônia usavam uma mitra recurva, terminando em ponta. As escavações arqueológicas têm descoberto muitos aros e diademas, feitos de vários materiais, incluindo o ouro e a prata.

Os turbantes usados na Pérsia, na Pártia e na Armênia, nos tempos clássicos, eram uma espécie de quepe ou capacete, devido à sua rigidez. Os turbantes usados pelas pessoas comuns eram similares, mas feitos de tecido. Ambos os tipos são ilustrados no vaso de Dario, existente no Museo Nazionale de Nápolis, na Itália. Ao redor da testa do quepe real havia uma faixa larga, feita de material das cores branco, azul (ou púrpura), e que podia ser usada sozinha, sem o capacete, servindo de emblema de soberania. A palavra grega *diádema*, que em português deu «diadema», significa algo «enrolado em volta», embora essa palavra tenha vindo a significar uma coroa de qualquer formato.

Essa faixa simbolizava o poder despótico, e os romanos evitavam tal símbolo. Mas os romanos usavam grinaldas de folhas de carvalho ou de louro, além de aros de metal, que denotavam feitos militares ou atléticos. Júlio César usava uma coroa de louros, como general vitorioso que era; mas, quando Marco Antônio lhe ofereceu um diadema com louros, quando da festividade da Lupercália, ele não consentiu em usar tal emblema, porquanto simbolizava a realeza. E mesmo depois que Roma se tornou um império, o uso de coroas, que indicavam a realeza, continuou a ser evitado. Os primeiros imperadores preferiam a coroa de louros, celebrando as suas conquistas militares. Também havia a coroa de ponta longa, para o alto, que denotava o favor dos deuses e era símbolo dos descendentes do Sol. Essa coroa foi usada pelos imperadores romanos. Foi somente na época de Constantino que o diadema foi introduzido entre os objetos de uso real. Então os romanos começaram a imitar outros povos, e as coroas tornaram-se muito ornadas, decoradas com pedras preciosas.

**IV. A Coroa como um Símbolo Espiritual**

Ver o artigo separado sobre **Coroas**.

## COROA DE ESPINHOS

No grego, **stéphanon eks akanthõn**. Os soldados romanos prepararam uma coroa de espinhos, para ser posta sobre a cabeça de Jesus. Foi um ato de zombaria. É possível que a planta usada para isso tenha sido a *Zizyphus spina-christi*. Esse arbusto cresce até cerca de quatro metros de altura, com dois grandes e agudos espinhos no pé de cada folha. É espécie comum na Palestina, podendo ser conseguida com muita facilidade. Mas outros estudiosos opinam que a planta usada foi a *Paliurus spina-christi*, que cresce somente de 1,20 m a 2,40 m de altura, o que teria facilitado muito a confecção da coroa, por parte dos soldados. Os espinhos dessa planta são eriçados, agudos, e aparecem em pares de comprimentos desiguais. As referências bíblicas aparecem em Mat. 27:29 e João 19:2. Essa coroa representa o escárnio da parte de homens contra outros que lhes são superiores, em uma oposição irracional e ignorante contra o plano de Deus. O Sudário de Turim (que vide), exibe as marcas do sangue derramado por causa dessa coroa de espinhos.

## COROAS

Ver também, **Galardões e Julgamento do Crente.**

**1. O Simbolismo:** A «corona triumphalis» era feita de folhas de louro e servia para coroar os generais triunfantes. A «corona obsidionalis» era conferida aos generais que tivessem salvo o seu exército do cerco ou da rendição vergonhosa. Era tecida com grama ou outro material que pudesse ser encontrado no local da vitória. Essa coroa também era chamada de «corona graminea». A «corona myrtea» ou «corona ovalis» era feita de louro, de folhas lustrosas e espessas, que era outorgada a generais que celebrassem triunfos militares de maior ou menor envergadura. A dourada «corona muralis», fixada como ornamento, era conferida aos líderes militares que atacassem alguma muralha. A «corona castrensis» ou «valaris», feita de ouro, e ornada em imitação a paliçadas (fortificações) era dada ao primeiro soldado que escalasse o terrapleno do acampamento inimigo. Nas competições atléticas, a coroa de louro era usada como prêmio. Aquelas coroas formadas com ramos de oliveira, hera e salsa, ou então as coroas de flores, eram comumente utilizadas para os que obtinham vitórias nas competições atléticas. Nas metáforas do N.T., tais «coroas de vitória» são aludidas, e não as coroas de reis e príncipes, formadas de ouro e pedras preciosas. Exceções a isso são a coroa de espinhos, do Senhor Jesus, feita para motejar de sua «autoridade real», e a «coroa do anticristo», em Apo. 6:2, que expressa falsa realeza. Não obstante, alguns intérpretes, estranhamente, pensam que essa coroa é também de Cristo. Também pertencem a esse caráter excepcional as «coroas» de ouro que os seres celestiais depositarão aos pés de Cristo, em honra a ele, como o Grande Rei; as coroas do anticristo, que representam uma realeza temporária (ver Apo. 19:12), e as coroas de Cristo, que representam sua autoridade majestática, quando de seu segundo advento.

**2. Tipos de coroas, referidas nas páginas do N.T., que simbolizam «recompensas», de várias maneiras:**

a. A coroa *incorruptível* (ver I Cor. 9:25). Essa aponta para a «vida eterna» e tudo quanto nela está envolvida, incluindo suas vantagens e perfeições, dadas em recompensa pelo serviço fiel dos crentes. Ver os artigos separados sobre a *Vida Eterna* e *Salvação*. Ver também João 3:15 e Heb. 2:3 no *NTI*.

b. A *coroa da justiça* (ver II Tim. 4:8). Isso indica aquela «coroa conquistada pela retidão», mas também indica a obtenção da retidão perfeita e eterna, em que o crente passa a participar das perfeições de Cristo e da natureza moral de Deus Pai (ver Mat. 5:48). E isso envolve ser santo como Deus Pai é santo. Esse é o

grande alvo de todos os remidos; mas alguns deles, ao entrarem nos lugares celestiais, por causa de seu serviço fiel e de sua piedade, terão mais elevada justiça do que outros. Isso não significa, entretanto, que alguns deles tenham algum *pecado*. Antes, alguns participaram, em mais alto grau, da santidade e da justiça positivas de Deus. A perfeição absoluta é o nosso alvo; e a eternidade inteira é a esfera na qual podemos participar da mesma. Seremos seres de notável pureza e santidade, de bondade e retidão perfeitas, como o próprio Deus Pai. (Ver Rom. 3:21 no NTI acerca de notas expositivas sobre a «retidão»). Nenhum indivíduo penetrará nos lugares celestiais sem possuir a própria retidão de Deus. Contudo, alguns entrarão ali como possuidores de mais íntimas perfeições de Deus do que outros, embora nos céus não possa haver nenhuma estagnação, e todos os seres que ali habitarem tornar-se-ão mais e mais semelhantes a Deus Pai. Será uma inquirição *eterna*.

c. *A coroa da vida* (ver Tia. 1:12). A «vida eterna» está em foco aqui, com todo o avanço na direção da natureza de Cristo. Pois a «vida eterna» não consiste apenas de existência interminável. Antes, trata-se de uma modalidade de vida . Haverá a participação na *própria espécie* de vida divina. (Ver as notas expositivas em João 5:25,26, e 6:57 no NTI quanto a esse tipo de vida, que é a vida «necessária» e «independente»). Há muitas *modalidades* de vida, a começar pelos animais unicelulares. Há os animais mais completos, há o homem, que combina a vida física com a vida espiritual. Há os anjos, que são puros espíritos. E há Deus que é a forma mais elevada de vida, a origem de toda e qualquer outra forma de vida. Ora, os remidos em Cristo estão destinados a compartilhar de sua vida e natureza, pois o próprio Cristo compartilha da vida de Deus Pai. Por conseguinte, na redenção, o homem passa a possuir uma modalidade de vida superior à dos anjos. (Ver II Ped. 1:4 e Efé. 3:19). Alguns crentes, devido ao seu serviço leal na esfera terrena, ao entrarem nos lugares celestiais, receberão uma forma de vida superior àquela conferida a outros. Contudo, conforme já dissemos, nos céus não haverá estagnação.

**Em conexão com isso**, alguns dos pais da igreja primitiva supunham que o «corpo ressuscitado» (ver I Cor. 15:20,35,40) será diferente para os diversos casos, ou seja, mais ou menos espiritualizado, mais ou menos semelhante à essência de Cristo, dependendo da fidelidade de cada um. Aqueles que forem dotados de uma forma superior de vida, de um tipo de vida mais espiritualizado, o que se refletirá no seu corpo ressurrecto, habitarão em dimensões espirituais mais próximas da habitação de Deus, servindo de instrumentos de serviço superior. É verdade que isso é uma «especulação», embora provavelmente seja uma verdadeira especulação teológica. Cada forma de vida tem o seu «habitat» apropriado, como os peixes vivem na água, os pássaros cruzam os ares e os anjos habitam em «lugares celestiais». E para que habitem nesta ou naquela região, cada qual receberá seu veículo apropriado. E os galardões envolverão o recebimento de veículos apropriados. Mas, como não haverá estagnação nos céus, à proporção em que alguém se for tornando mais espiritualizado, irá se desvencilhando de suas antigas algemas, de sua forma de vida mais limitada, e assim ir-se-á tornando um ser mais glorioso, similar a Cristo. Pois ser igual a Cristo, no sentido mais literal da palavra, é a significação mesma da existência, sendo esse o motivo de eterna inquirição. Não, não poderá haver estagnação nos céus, porquanto isso é contrário a tudo quanto sabemos acerca da natureza e dos desígnios divinos. (Ver Apo. 2:10 quanto a outra referência à «coroa da vida»).

d. *A coroa da glória* (ver I Ped. 5:4). A vida nos lugares celestiais consistirá da participação na glorificação de Cristo (ver Rom. 8:29,30), e os crentes, dependendo de sua lealdade e desenvolvimento espiritual, receberão graus variegados de «glória», compartilhando da glória, da majestade, do poder, dos atributos e da natureza de Cristo em maior ou menor glória. Alguns receberão um serviço espiritual mais exaltado, por serem seres mais exaltados. Mas, uma vez mais, não haverá nenhuma estagnação nos lugares celestiais.

**3. Podem ser perdidas**

— Não podemos depender da fidelidade anterior como «garantia» do recebimento dos galardões. Teremos de perseverar até o fim na atitude de dedicação a Cristo. (Ver Apo. 3:11). Toda a coroa, mesmo depois de conquistada, pode ser perdida, enquanto estivermos neste mundo. A passagem de III João 8 concorda com esse princípio. O trecho de I Cor. 9:27 acrescenta a severa idéia de que até mesmo um verdadeiro discípulo pode vir a fracassar nessa carreira, perdendo assim a coroa (da vida eterna). Isso expressa uma grande verdade. Sabemos, entretanto, que finalmente, em algum lugar, neste mundo ou no outro, Cristo o trará de volta, a fim de cumprir a sua promessa de que ele não deixará perder-se qualquer de suas ovelhas, porquanto nada poderá separar-nos do seu amor (ver Rom. 8:35 e *ss*; João 10:28,29 e 17:12).

**4. Elementos importantes em II Tim. 4:8.**

**O Senhor.** Ele é o «Senhor da vida», o «Senhor da justiça» e o «Senhor de todos». É ele quem julgará que recompensa deverá ser dada; e é ele quem garante essa doação. (Ver o trecho de Rom. 1:7 no NTI e as notas expositivas ali existentes acerca do título de Jesus, «Senhor», e acerca de seu «senhorio»). Ninguém tem a Jesus como Salvador, se também não o tem como seu Senhor. Pois invocamos ao nome do «Senhor» a fim de sermos salvos (ver Rom. 10:9,10).

*Reto Juiz*. (Ver Atos 17:3). Ele é «justo» de tal modo que não comete equívocos nesse particular do julgamento, cumprindo perfeitamente todas as exigências da justiça, em pleno conhecimento e sabedoria. Cristo Jesus é igualmente chamado de «Juiz» em Atos 10:42 e Tia. 5:9. Deus Pai é também chamado assim em Heb. 12:23 e Tia. 4:12. Cristo Jesus, o Filho, julga por nomeação de Deus Pai, conforme aprendemos na passagem de Atos 17:31. Antes de tudo, Cristo é o Justo Juiz; mas também é o Generoso Doador, embora nunca se mostre infiel e desleal.

*Naquele dia*. O uso da palavra «dia», para indicar o «julgamento» ou o «segundo advento de Cristo», que resultará no julgamento, é comum nas páginas do N.T.

*Também a todos quantos amam a sua vinda*. Não somente o grande apóstolo dos gentios poderia obter as coroas. Todos os crentes e todos os ministros fiéis podem esforçar-se para a obtenção do mesmo alvo; e todos podem conseguir o mesmo êxito. Isso serve de encorajamento à fidelidade, porquanto não estamos em busca de alguma mera coroa corruptível.

*Quão inutilmente os homens se admiram*
*Para conquistar a palma, o carvalho e o louro;*
*E seus labores incessantes são*
*Coroados com alguma simples erva, ou ramo,*
*Cuja sombra breve e estreita*
*Repreende prudentemente seus labores.*
(Andrew Marvell)

O esforço terreno em prol do aprimoramento só pode conduzir o indivíduo a algo tão desapontador como isso; mas é prometido um grandioso galardão, um profundo e eterno bem-estar, para aqueles que conhecem a Cristo e o servem verdadeiramente.

**5. Em Apocalipse 3:11.**

**Para que ninguém tome a tua coroa.** É erro gigantesco interpretar essas «coroas» de modo materialista, como se dessem a entender alguma espécie de «possessão», que devamos herdar, como terrenos, mansões e várias outras formas de riquezas materiais. As «coroas» falam, figuradamente, do «avanço espiritual», — obtido, à medida que chegaremos a participar de «toda a plenitude de Deus» (Ver Efé. 3:19). A coroa da justiça, por exemplo, sem dúvida alude a como alguns crentes, acima de outros, participam da elevada justiça e santidade de Deus, das suas qualidades morais. Já que essas virtudes são infinitas, não haverá limite em que poderemos participar delas, e a eternidade inteira verá o crescimento dessa «participação», com base em nosso recebimento da própria «natureza divina» (ver II Ped. 1:4). Cristo está sendo duplicado em nós; recebemos a sua natureza moral, — e sua própria forma de ser e essência. As coroas, portanto, apontam para como participaremos de tudo isso, em graus e níveis variados. A «coroa da vida» é a participação na «vida eterna», mas em proporções abundantíssimas, além daquilo que será conferido aos que não receberem tal coroa. Em certo sentido, naturalmente, todos os crentes autênticos receberão a «coroa da vida»; mas alguns deles serão mais profundamente espiritualizados do que outros, tornando-se seres mais elevados que os restantes, — de acordo com o nosso grande modelo, Cristo. E isso, para eles, servirá de «coroa», porquanto assinalará sua dignidade e participação no prêmio, conquistadas mediante uma carreira apropriada.

**Não haverá estagnação.** — Todos os crentes estão destinados e finalmente participarem de toda a plenitude de Deus. Esse é o destino do homem, em Cristo. Não obteremos a mesma meramente por causa do ato da morte biológica. A árvore fica onde caiu. Em outras palavras, o grau de desenvolvimento que tivermos obtido, até o dia da morte física, será o grau que assinalará nossas pessoas, ao entrarmos nos mundos celestiais. Dali por diante, entretanto, poderemos progredir ilimitadamente. A perfeição absoluta de Deus é nosso grande alvo, e nunca haverá fim da inquirição pela perfeição. Já que haverá uma infinitude com que seremos cheios, também deverá haver um preenchimento infinito. (Ver as notas expositivas no NTI em Col. 2:10, acerca de explicações desse conceito, com documentação extraída da herança da literatura cristã, que ensina a mesma verdade).

*Simbolismo judaico* por detrás dessa declaração. O rabino Simon, em *Tract. Shabb. bab.* 88a (Talmude), afirma que quando ocorreu o que diz Êxo. 24:7, os israelitas foram coroados cada um com duas coroas, por seiscentos mil anjos. A primeira dessas coroas foi dada quando disseram: «Faremos». E a outra quando disseram «Seremos obedientes». Porém, por ocasião do acontecimento retratado em Êxo. 33:6, essas coroas lhes foram arrebatadas das cabeças, por um milhão e duzentos mil demônios. Finalmente, porém, Deus lhes restaurou as coroas, conforme se vê no trecho de Isa. 35:10. De conformidade com as doutrinas judaicas, não há que duvidar que a perda das coroas significava a perda da salvação pessoal, que fora ganha mediante a justificação diante de Deus; e é perfeitamente possível que o vidente João compartilhasse desse ponto de vista. Observamos que, em Fil. 3:10-14, o «prêmio» a ser conquistado na carreira é a própria «vida eterna». Certamente que a «coroa da vida», em Apo. 2:10, é a própria «vida eterna». É bem provável, por conseguinte, que João tenha feito aqui uma advertência contra a *apostasia*, ou seja, contra a perda da salvação, e não meramente contra a perda de galardões, ou mesmo da perfeita glória celestial. (Isso pode ser comparado com o que se lê em II João vs. 6: «Acautelai-vos, para não perderes aquilo que temos realizado com esforço, mas para receberdes completo galardão»).

A *metáfora* aqui tencionada poderia ser a de uma «carreira», incluindo a «coroa de louros» ou de «flores» conquistada pelos vencedores. Ou então a coroa poderia ser a da realeza, que alguém recebe por ser rei, o que assinala a participação em seu reino e governo, por delegação. Os vencedores herdarão juntamente com Cristo (ver Apo. 2:26 e 20:5).

A diligência é requerida para que se conquiste a coroa. Essa diligência pode ser exibida pelos mártires em potencial, em tempos difíceis.

## CORPO

Embora existam cerca de catorze vocábulos hebraicos de alguma maneira ligados ao corpo físico, alguns dos quais indicando porções do corpo como «costas», «barriga», etc., não há nenhum vocábulo que indique o corpo inteiro. A mais comum dessas palavras hebraicas é *basar*. que significa «carne». Porém, no Novo Testamento encontramos o termo grego *soma*, «corpo» (usado por cerca de cento e trinta vezes) e o termo grego *ptoma*, «cadáver» (usado por sete vezes: Mat. 14:12, 24:28; Mar. 6:29, 15:45; Apo. 11:8,9). A palavra *soma* aparece desde Mat. 5:29 até Apo. 18:13. É usada para indicar o corpo humano, bem como os corpos dos animais (Tia. 3:3; Heb. 13:11), os corpos vegetais, e até mesmo os corpos celestiais (I Cor. 15:35-44). E, no plural, os corpos de escravos (Apo. 18:13).

Em algumas passagens da Bíblia, o termo «corpo» é contrastado com a «alma» (Miq. 6:7; Mat. 10:28). O corpo físico é o instrumento ou veículo da vida da alma neste mundo (Deu. 12:23; Isa. 53:12; II Cor. 5:10). Pode indicar a personalidade inteira (Fil. 1:20; Rom. 12:1). Posteriormente, a teologia dos hebreus concebeu o sopro de Deus sobre o corpo, conferindo-lhe a alma residente. A teologia anterior dos hebreus compreendia isso como a mera animação da estátua de barro que Deus havia formado, sem qualquer idéia de uma alma eterna. Seja como for, o corpo físico é a manifestação inferior do ser humano, ao passo que a alma é representante do mundo dos espíritos, do qual o homem também participa. Jesus ensinou a importância secundária do corpo (Mat. 6:25-34). E Paulo reconheceu o estado de humilhação do corpo (Fil. 3:21), exortando-nos a disciplinã-lo, para que obtenha uma boa expressão espiritual (I Cor. 9:27; Rom. 8:13). Além disso, o corpo físico deve ser usado para o Senhor, por ser expressão ou instrumento do espírito (I Cor. 6:13; Rom. 12:1; I Tes. 5:23).

Qualquer coisa que façamos que seja prejudicial ao corpo físico, constitui uma ofensa contra o Espírito, que usa nosso corpo como um lugar de sua habitação e expressão (I Cor. 6:13 *ss*). Isso contraria o ponto de vista gnóstico que fazia a matéria ser má, e que afirmava que visto que o corpo físico é material, seria a sede da maldade humana, ao passo que a alma humana não seria corrompida. Pode-se mergulhar um

vaso de ouro na lama, sem alterar suas qualidades e virtudes. Assim também, para o gnosticismo, pode-se abusar do corpo das maneiras mais devassas, sem que isso prejudique a alma. De fato, de conformidade com esse ponto de vista, é vantajoso abusar do corpo, a fim de levá-lo ao fim mais prematuro possível. Todavia, o evangelho cristão rejeita a idéia da pecaminosidade exclusivamente do corpo, embora seja instrumento facilmente posto a serviço do pecado (Rom. 6:12,13). Outrossim, na qualidade de templo do Espírito, reveste-se de grande dignidade. Podemos agradecer a Deus pela saúde física, que nos permite realizar as coisas que a nossa missão requer.

O Novo Testamento ensina a real encarnação do Logos em um corpo humano (João 1:14). Isso indica que não se pode pensar que o corpo físico do homem seja a sede mesma do pecado. Platão, por outro lado, chamava o corpo de prisão e sepulcro da alma, ensinando um caminho de reformas morais e de progresso, com o intuito de liberar a alma do corpo, a fim de que a alma pudesse atingir as dimensões dos espíritos puros. O evangelho cristão não é tão severo contra o corpo, mas promete aos remidos um novo corpo, de natureza espiritual, que venha a tornar-se o veículo da alma, para expressão nos mundos celestiais (I Cor. 15:44 *ss*; Fil. 3:21). Quanto a um comentário pleno sobre isso, ver Fil. 3:21 no NTI.

O corpo físico foi criado por Deus, sendo bom em si mesmo, embora represente, indubitavelmente, um rebaixamento da potencialidade humana, e mesmo uma punição por causa do pecado, envolvendo-o em coisas terrenas e animais. Apesar disso, o homem tem um destino físico, inteiramente distinto de seu destino espiritual. Mesmo neste mundo, a humanidade avança para propósitos terrenos mais nobres, e cada indivíduo participa desse esforço, positiva ou negativamente. Mas, embora distinto do elevadíssimo destino espiritual, esse destino terreno está relacionado àquele. Assim sendo, para exemplificar, um cientista que faça bem o seu papel, e assim ajude a aprimorar a qualidade de vida de seus semelhantes, está agindo na qualidade de servo de Deus, ainda que não tenha consciência disso. Mas, todas as almas, — finalmente, haverão de seguir pela vereda da expressão espiritual, nos mundos não-materiais, a despeito de seguirem, então, por caminhos opostos. Este mundo físico reveste-se de um destino; e os mundos espirituais envolvem destinos mais elevados. Em nossa experiência total, participamos de ambos os destinos, como uma escola com graus inferiores e superiores de aprendizado.

**Usos Metafóricos.** a. O corpo humano simboliza a Igreja, com seus muitos membros e suas muitas funções (I Cor. 12:13; Rom. 12:13 *ss*; Efé. 1:23). b. Na Igreja, concebida como um corpo, há o Cabeça, que é Cristo, e há o corpo, que são os remidos, que cumprem as ordens do Cabeça, agora e por toda a eternidade (Efé. 1:23; Col. 1:18,24; 2:18; 3:15). c. O corpo é o novo templo que serve de habitação do Espírito Santo (I Cor. 6:13; 12:13). d. O corpo físico é o veículo da alma, fazendo-nos lembrar nosso futuro *corpo espiritual*, — que aguarda por nós nas dimensões celestiais (Fil. 3:21). e. O corpo torna-se instrumento fácil do pecado, pelo que é chamado de «corpo do pecado» e de «corpo desta morte» (Rom. 6:6; 7:24). f. As leis e ordenanças do Antigo Testamento eram meras sombras de realidades que se cumpriram em Cristo. A *totalidade* dessas coisas a serem concretizadas forma um *corpo*, que pertence a Cristo (Col. 2:17). g. O «corpo de Cristo», referido em Romanos 7:4, alude à nossa identificação com a morte de Cristo (seu corpo foi morto) o que nos torna mortos para a lei e vivos para o Espírito, a fim de podermos produzir fruto para a glória e louvor de Deus. (B UN NTI)

## CORPO DE CRISTO

Expressão metafórica que aponta para a Igreja como parte integrante de Cristo, assim como um corpo e a cabeça compõem uma única entidade. Há quatro particularidades que precisamos considerar:

1. Essa expressão é aplicada exclusivamente à Igreja (I Cor. 12:13; Rom. 12:3 *ss*; Efé. 1:23). Ver o uso metafórico do corpo físico, no artigo sobre o *Corpo*.

2. A totalidade dessas coisas haverá de ser concretizada em Cristo, coisas essas que são apenas apresentadas simbolicamente no Antigo Testamento (Col. 2:17).

3. A expressão «corpo de Cristo» também aponta para a nossa identificação na morte de Cristo, mediante a qual passamos a viver uma vida impulsionada e inspirada pelo Espírito, como mortos para a lei e vivos para o Espírito (Rom. 7:4).

4. Quanto à controvérsia envolvida no «corpo de Cristo», como algo associado à Eucaristia, ver o artigo sobre a *Transubstanciação*.

5. *Princípios e Observações*

Rom. 12:5: *assim nós, embora muitos, somos um só corpo em Cristo, e individualmente membros uns dos outros.*

**Estão ilustrados aqui os seguintes princípios básicos:**

1. Existem muitos membros, o que importa em multiplicidade. Cada um deles exerce a sua respectiva função; e cada uma dessas funções é importante para a vida coletiva da igreja, onde nenhum membro individual funciona com exclusividade. Por conseguinte, há uma importância decisiva em cada um, embora tal importância não deva ser exagerada; pois o exagero da importância individual é uma falsidade, inclinando os indivíduos ao orgulho pessoal. Nenhum membro de igreja tem o direito de mostrar-se orgulhoso, porquanto depende de todos os outros para a sua própria existência.

2. Considerados juntamente, todos os membros de uma igreja constituem uma *unidade*, unidade essa em torno da pessoa de Cristo. Aqueles que estão verdadeiramente vinculados em tal unidade, dificilmente podem mostrar-se espiritualmente altivos, porquanto o orgulho da unidade consiste na combinação de todos, tendo como centro o Senhor Jesus Cristo, que é o «cabeça» do corpo, ou, conforme outras considerações, que é a «alma» da igreja. Conforme qualquer desses pontos de vista, a igreja é o seu corpo ou veículo de ação; mas o próprio Cristo é a vida e a glória reais do organismo espiritual.

3. Cada crente individual é *membro dos outros*. Cada qual está vinculado aos demais na condição de membro. Isso porque possuem uma «vida comum», um propósito comum e todos eles juntamente, embora representem muitas funções, têm uma função em comum. Cada membro precisa de todos os outros membros. Cada qual é indispensável para os demais; e os outros, por sua vez, são indispensáveis para cada qual. A expressão usada para indicar isso, neste texto, é uma expressão idiomática, segundo o grego posterior. (Com isso se pode comparar Mar. 13:19; João 8:9; III Macabeus 5:34; Luciano, *Coloecists* 9, Eusébio, História *Eclesiástica* X, iv.

4. Existe uma unidade essencial, mas não da espécie em que a individualidade, a importância do crente individual, se perde. Essa individualidade é perfeitamente preservada, mas não às expensas dos outros crentes individuais, e certamente não às expensas da unidade do corpo. Aquele que enfatiza a sua importância de maneira exagerada, destrói tanto a «unidade» como a «importância» do organismo inteiro. Nesse caso, não está agindo como autêntico líder espiritual no corpo, mas ter-se-á tornado uma força destruidora, que enferma e debilita o corpo.

5. O vocábulo aqui traduzido por «corpo» expressa uma «vida», isto é, a vida em Cristo. Por conseguinte, não existem membros autênticos que não tenham sido regenerados pelo Espírito Santo. Portanto, «corpo» não é equivalente aqui à *igreja visível*, e, sim, ao corpo místico de Cristo, composto daqueles que são conhecidos por Cristo, que têm experimentado algum contacto com o Espírito de Deus, naquilo que, afinal de contas, consiste em um processo místico. É por essa razão que podemos falar sobre o *corpo místico* de Cristo, composto daquele agrupamento de pessoas e indivíduos que formam uma unidade orgânica, por possuírem a vida eterna, no Espírito Santo e através dele. A principal característica desse «corpo místico» é que cada um dos seus membros tem amor pelos demais, agindo de acordo com esse amor. Porém, onde esse afeto se faz ausente, pode-se duvidar com toda razão se os indivíduos culpados realmente fazem parte do corpo místico de Cristo. (Ver Efé. 4:25 e 5:25-33).

6. O valor de cada membro é retido, mas somente até onde ele está relacionado aos outros membros, porque todos são valiosos, em vista de formarem o corpo místico de Cristo. Nenhum membro, isoladamente considerado, pode representar o corpo de Cristo, motivo também pelo qual nenhum deles tem o direito de tentar destacar-se acima dos demais, preocupando-se com sua própria promoção e importância. Porque, se assim fizer, menos se preocupará com Cristo e com a exaltação de sua pessoa, no corpo místico e através do mesmo.

«A cabeça é o centro vital orgânico do todo, em que cada coisa é considerada como relativa ao domínio e à glória da mesma, segundo vemos em Efé. 1:22». (Lange, em Rom. 12:5).

A expressão «*...em Cristo...*» é uma expressão mística tipicamente paulina, que indica a comunhão do crente individual com Cristo, através do Espírito de Deus. Essa comunhão é um fator *unificador* e *edificante*, bem como um fator transmissor de vida. O corpo inteiro tem sua vida e importância «em Cristo». (HANS NTI Z)

## CORPO ESPIRITUAL

Ver completos detalhes sobre esse corpo no artigo sobre a *Ressurreição*, no seu sétimo item.

## CORPO, ISTO É MEU

Esta é uma declaração importante de Cristo. Ver o artigo sobre *Jesus como o Pão da Vida*.

Mat. 26:26: *Enquanto comiam, Jesus tomou pão e, abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo.*

*Tomou Jesus um pão...isto é o meu corpo.* Quanto a notas no NTI que abordam a importância e a natureza geral desse rito da ceia do Senhor, ver I Cor. 11:23. Os paralelos desta secção são Mar. 14:22-25; Luc. 22:17-20; I Cor. 11:23-25. A base é o «protomarcos». Esses versículos em Mateus seguem bem de perto a narrativa de Marcos, onde se vê que primeiramente foi partido o pão e depois foi distribuído o cálice. Essa é também a ordem que se lê em I Cor. 11:23-25, como também a de Justino, em sua *Apologia* LXVI.3. Porém, no evangelho de Lucas, no **Codex Bezae (designado D)**, além de alguns mss latinos antigos, há uma omissão de Luc. 22:19b-20, de modo que há apenas uma menção do cálice, e este precede o partir do pão, conforme se faz nas modernas orações judaicas do *Kiddush*. Por conseguinte, pode haver certa confusão na ordem desses dois acontecimentos; embora saibamos, pela narrativa do evangelho de Marcos, que é antiqüíssimo, que esta pode ser reconciliada com os costumes da páscoa e com os costumes da «habburah», segundo sabemos que eram observados.

*Abençoando-o.* Era próprio do pai ou hospedeiro essa ação, em qualquer refeição judaica, incluindo as refeições das festividades importantes, como a da páscoa. A fórmula usual era: «Bendito és tu, ó Senhor, nosso Deus, rei do mundo, que produzes pão da terra». A adição foi feita pelo Senhor Jesus, com as palavras: «Este é meu corpo», palavras essas que têm provocado intenso debate e especulação doutrinária. Em geral, pode-se falar sobre três teorias:

**1. Simbolismo. 2. Transubstanciação. 3. Consubstanciação.**

Segundo a primeira interpretação (que é a posição da maioria das igrejas protestantes), quando Jesus proferiu essas palavras, *Este é o meu corpo*, quis que elas fossem aceitas figuradamente. Foram palavras simbólicas. Poderiam ser parafraseadas como: «Este cálice representa o novo pacto que será selado pelo meu sangue, o qual será derramado por vós». Uma paráfrase similar poderia ser feita com relação ao pão. Assim como comemos o pão e somos nutridos por ele, assim também a morte de Cristo não foi uma perda trágica, mas, realmente, visou o nosso benefício. Cristo é o *pão espiritual*. A idéia de que até mesmo a morte de um mártir tem valor para a salvação de Israel não era uma idéia nova; e Jesus aprofundou a significação disso com uma alusão à «expiação» operada pela sua morte, juntamente com os benefícios universais que dali procederam. Este texto é a melhor prova de que Jesus concebia a sua morte como um ato de expiação, sendo diretamente contrário à teologia moderna, a qual nega que Jesus tenha compreendido a sua morte sob esse prisma, —e que essa explicação dos evangelhos foi fornecida pela igreja, sem base alguma nas palavras mesmas de Jesus. Àqueles que argúem uma interpretação literal, — ainda que tal coisa fosse exigida, poder-se-ia mostrar que os símbolos são apresentados em linguagem não menos literária do que qualquer outra apresentação lingüística sobre qualquer outra coisa. Deve-se acrescentar aqui que a própria linguagem não pode ser forçada para que requeira um sentido simbólico ou um sentido literal. O que cremos sobre esse ponto será como dogma, preferência emotiva ou razão pessoal. Isso fica provado como verídico pelo simples fato de que no seio da própria igreja têm surgido tantos pontos de vista diferentes sobre esse texto; e no entanto, todos lêem e interpretam o mesmo texto.

Conforme a interpretação da *transubstanciação* (que vide) acreditam alguns que está em foco a «essência» ou *substância* do pão e do vinho, que seria alterada sem que os «acidentes» do pão e do vinho se modificassem. Por *acidentes* os seus defensores dizem tratar-se das características como peso, cor, gosto, extensão, ou mesmo a estrutura dos átomos

envolvidos. Em suma, não haveria necessidade de modificação material de qualquer espécie; e se houvesse um exame científico do pão e do vinho, antes e depois, não haveria qualquer mudança nas propriedades físicas dos mesmos. Todavia, dizem seus defensores, que isso não significa que a «substância» metafísica dos elementos não se tenha alterado. Outrossim, é mister que se compreenda o que Aristóteles quis ensinar pela palavra «substância», a fim de entender essa doutrina, posto que, de forma geral, as idéias de Aristóteles sobre a «substância» têm sido usadas para explicar a doutrina. A palavra «substância» vem dos termos latinos «sub» e «stare», «estar por baixo». A substância do pão e do vinho pode alterar-se, sem que sejam modificados os seus «acidentes». Aquele elemento místico ou metafísico que não está sujeito à percepção dos sentidos humanos, pode alterar-se e não ser descoberto por qualquer teste científico. Assim sendo, a substância do corpo e do sangue de Cristo entraria no pão e no vinho, substância essa que não está passível de qualquer verificação científica; porém, mediante um processo místico, transforma-se num elemento real, o elemento básico, do pão e do vinho. Posto não haver maneira de verificar tal «substância», tanto a sua existência como a sua descrição ficam reduzidas ao dogma. Sua aceitação fica dependendo do treinamento religioso e do doutrinamento. No que diz respeito à doutrina, visto ter sido um desenvolvimento posterior, definido em termos das idéias aristotélicas sobre «substância», idéias essas inteiramente estranhas ao pensamento da teologia do V.T., concluímos que tal doutrina não passa de uma invenção, muito engenhosa (com base no engenho especulativo de Aristóteles), mas sem qualquer fundamento nas simples palavras de Deus.

A terceira idéia, chamada de **consubstanciação** (que vide), foi inventada por Lutero, — que desejava preservar a idéia da «presença» de Cristo nos elementos da ceia, ainda que não quisesse identificar esses elementos com o corpo e o sangue de Cristo. De acordo com essa opinião, os elementos permanecem inalteráveis, a substância não se altera, mas, mediante um processo místico, a *presença* do corpo e do sangue de Cristo faz-se presente, ainda que não identificada com os elementos do pão e do vinho. Poderíamos dizer que assim é criado um «dualismo»: duas substâncias, a do pão e a do vinho, mas também do corpo e do sangue de Cristo. A substância de Cristo estaria «em, ao redor e sob» a outra substância. Essa explicação leva-nos a crer que há uma espécie de «mistura de ambas as substâncias em uma só massa». (Ver Hooker's *Eccl. Polity*). Alguns têm rejeitado essa noção à base de que ela parece criar uma onipresença do corpo e do sangue de Cristo, o que, sem dúvida, é uma doutrina monstruosa. Entretanto, em conceitos teológicos, ou filosóficos mais refinados, especialmente por novamente seguir algumas idéias de Aristóteles sobre «substância», seríamos obrigados a pensar no corpo e no sangue de Cristo como se tivessem alguma propriedade de onipresença. A maioria dos luteranos tem abandonado esse conceito, ou porque o mesmo é ambíguo ou porque simplesmente não possuímos qualquer informação sólida sobre aqueles tipos de «substâncias» que não estão sujeitos à percepção de nossos sentidos. Simplesmente não temos meios para definir tais «substâncias», e nem podemos afirmar a sua existência salvo por dogma, revelação ou raciocínio. Assim, a mesma crítica levantada contra a transubstanciação pode ser levantada contra a consubstanciação. Não é provável que Jesus tivesse esses pensamentos na mente quando declarou: «Este é o meu corpo».

Apesar de não falarmos de qualquer transferência de substância, e nem de qualquer permanência literal do corpo e do sangue de Cristo, nos elementos da ceia, contudo, à base de outras verdades, certamente podemos pregar a *presença* de Cristo, em sentido literal, como parte integral da cena da ceia do Senhor. Jesus prometeu que onde dois ou três se reunissem em seu nome, ali estaria ele no meio deles. Isso aceitamos—literalmente, pelo que dizemos que o desfrutamento dos benefícios da presença de Cristo é uma realidade. Quando da «ceia», ele vem estar presente conosco, embora isso não signifique, de forma alguma, que ele tenha entrado nos elementos do pão e do vinho, ou que seja ingerido nesses elementos, como muitos afirmam. Pelo contrário, ele interpenetra em nossas personalidades mediante a radiação de sua energia. Bruce (*in loc.*) refere-se ao simbolismo dessa passagem como «um belo, simples, patético e poético símbolo de sua morte», rejeitando aquilo que ele apoda de *adoração fetichista*.

**Devemos notar outras idéias importantes que circundam este texto:**

1. Jesus tencionou instituir uma *refeição memorial*, um rito para sua futura igreja. Paulo indica isso no paralelo a esta passagem, em I Cor. 11. Jesus vai além de qualquer simbolismo geralmente compreendido na páscoa. Ele mesmo tornou-se a páscoa cristã, com todas as suas implicações da expiação. (Ver o artigo sobre a *Expiação*).

2. A compreensão dos benefícios dessa *páscoa* pode ser indicada na multiplicação dos pães para os cinco mil. Jesus é o pão espiritual, que sustenta toda a vida espiritual. Eventualmente, todos os crentes legítimos compartilharão, de modo perfeito, de sua essência e de sua natureza, através da transformação gradual na pessoa dele. Essa é a mensagem mais elevada do evangelho. Ver notas completas sobre este tema, João 6:48 no NTI.

3. Os pormenores secundários do acontecimento, tais como quando a ceia foi instituída em relação ao processo inteiro da festa pascal, são impossíveis de serem determinados com precisão. Lucas menciona a ceia antes do anúncio da traição de Judas, ao passo que Mateus e Marcos fazem-no depois. Alguns acreditam que Jesus distribuiu dois cálices (assim pensava Alford), mas outros aceitam um único cálice. Um cálice pode ter sido passado antes da ceia, e outro depois. O meter a mão no prato e a distribuição do bocado molhado, também podem ter correspondido a certas partes do cerimonial judaico. Por conseguinte, nossa moderna observação desse rito é certamente uma observância muito simplificada. Não obstante, o sentido é o mesmo, e os símbolos permanecem constantes.

4. Pelo menos temos aqui uma *alusão* ao fato de que o Cristo é o criador e o sustentador de toda a vida espiritual, e que a humanidade inteira depende dele para ter vida. Isso, naturalmente, é ensinado com clareza na passagem de Col. 1:16. Para o crente, entretanto, ele é ainda mais do que o doador e o **sustentador da vida, pois a sua vida, no crente, finalmente, será compartilhada no sentido mais** pleno possível. O que temos aqui, por conseguinte, é o ensinamento do sentido central do próprio cristianismo, que proclama a vida através da personalidade, da obra e da agência de Cristo. Ele é o primogênito, e nós os muitos filhos que estão sendo conduzidos à glória. Ele é tudo; nós somos a sua plenitude, de acordo com o que ensina Ef. 1:23. Essa doutrina da ceia do Senhor é mística e elevada; e no entanto, deve ser

aceita em seu sentido mais literal. De que maneira ele infunde nossos próprios seres e nos vai transformando à sua imagem, não sabemos; mas nossa ignorância acerca desse processo não diminui a realidade.

MUITOS debates têm surgido em torno da palavra «é» (no grego, *estin*), que aparece neste texto. Alguns acreditam (como os católicos romanos e Lutero, ainda que um tanto diferentemente) que o termo requer a aceitação da presença real da «essência» ou «substância». Zwínglio: que o vocábulo deve ser entendido em sentido *exclusivamente espiritual*. Calvino declarou tratar-se de uma maneira «concreta real-espiritual». Com isso ele queria dizer que se trata de uma presença espiritual nos termos que temos explicado no parágrafo anterior, mas não em quaisquer termos de troca ou infusão de «substâncias». Seria perda de tempo entrar nas longas discussões que têm anuviado muitas páginas de literatura, com tão ínfimos resultados, discussões em torno da simples palavra «é», e que vários intérpretes têm acompanhado através das páginas do N.T., a fim de ilustrar suas idéias. Basta dizer que se pode fazer com que essa palavra diga qualquer coisa que se tenha querido dizer predeterminadamente. A palavra «é» pode ser uma simples cópula, sem qualquer intenção de indicar qualquer comunicação ou transferência de «substância» ou «essência», de um sujeito para um predicado ou pronome. Contudo, pode implicar em mais do que uma mera relação gramatical; razão pela qual permanece de pé a ambigüidade. O exame da linguagem usada aqui jamais produzirá um resultado positivo, e é surpreendente ver um número tão grande de bons intérpretes entrarem nessa controvérsia. A explicação lógica sobre as crenças de alguém acerca deste texto não pode depender da linguagem do mesmo, quanto menos da simples palavra «é». Pelo contrário, convém que interpretemos mediante a consideração do que Jesus mui provavelmente quis dizer, conservando em mente o seu conceito judaico básico em segundo plano. Portanto, parece mais acertado rejeitar aquelas interpretações que dependem do engenho *filosófico de Aristóteles* sobre a teoria da «substância», pois essa filosofia não serviu de base para as palavras de Jesus, embora ela sirva de alicerce das teorias da ***transubstanciação*** e da ***consubstanciação***. Não é provável que Jesus tivesse cultivado tais idéias, e o sexto capítulo do evangelho de João (cujo texto tem idéias paralelas às que aparecem aqui) pode ser facilmente interpretado como uma referência simbólica à vida espiritual e como essa vida nos vem inteiramente por meio de Cristo: mediante a participação nos benefícios de sua expiação e de sua própria vida e ser, mediante a graça que ele providenciou em sua ressurreição, ascensão e glorificação.

## CORPORAL

Esse é o pano sobre o qual repousam os vasos usados na eucaristia; e, segundo o cerimonial da Igreja Católica Romana, a própria hóstia (que vide), até imediatamente antes da comunhão. Originalmente, essa peça de pano cobria o altar inteiro; mas, atualmente, tem apenas cerca de trinta centímetros em quadrado. O vocábulo vem do latim, *corpus, corpo*, porque, por meio da doutrina da transubstanciação, o corpo de Cristo viria repousar sôbre esse pedaço de pano.

## CORPOS TERRESTRES E CELESTES

No grego, **sómata epigeia**. A expressão ocorre somente em I Coríntios 15:40, onde o apóstolo Paulo faz o contraste entre corpos terrestres e corpos celestes. Os estudiosos hesitam entre as opiniões se com a expressão «corpos celestes» Paulo aludia aos astros, como o sol, a lua e as estrelas, ou se ele dava a entender seres angelicais. Por outra parte, não há que duvidar que, ao empregar a expressão «corpos terrestres», o apóstolo indicava os corpos vivos que existem à face de nosso planeta. Paulo estava arquitetando um argumento a fim de lembrar que, assim como existem vários tipos de corpos, tanto na terra como nas dimensões celestiais, assim também não nos devemos admirar que, nossos futuros corpos ressurrectos terão seu caráter todo próprio.

Os corpos terrestres correspondem ao «corpo natural», o qual é contrastado ao «corpo espiritual» (I Cor. 15:44). O corpo terrestre ou natural segue o seu protótipo ou modelo, Adão; e o corpo celestial será moldado segundo o seu protótipo ou modelo, Cristo (I Cor. 15:48). Paulo chega ao clímax de seu argumento quando diz que, no caso dos remidos, a certeza da ressurreição do corpo é garantida pelo precedente que já trazemos «a imagem do que é terreno», o que significa que também traremos «a imagem do celestial» (I Cor. 15:49).

## CORPUS CHRISTI

Expressão latina que significa «corpo de Cristo». É o nome de uma festividade religiosa da Igreja ocidental, celebrada na quinta feira após o domingo da Trindade, em honra à eucaristia, e em comemoração à instituição da Ceia. Essa celebração teve suas origens nas visões de Juliana de Liege, na primeira metade do século XIII. Foi oficialmente estabelecida pelo papa Urbano IV, em 1264. Sua observância tornou-se universal na Igreja ocidental. O ofício e a missa dessa festividade foram compostos por Tomás de Aquino, embora alguns historiadores duvidem dessa autoria. Ali estão contidos alguns hinos notáveis. A característica mais espetacular dessa festividade é a solene procissão da Hóstia Consagrada. Algumas igrejas ortodoxas e anglicanas também observam essa festividade. (AM C E)

## CORPUS HERMETICUM

Uma coletânea de escritos neoplatônicos, de natureza astrológica e alquímica, atribuída à divindade egípcia equivalente ao deus grego, Hermes, o que explica o título dessa coletânea. Através dessas obras, o hermetismo foi promovido nos períodos de dominação grega e romana. Ver o artigo sobre *Escrituras Herméticas*.

## CORREÇÃO

No hebraico temos duas palavras, e, no grego, duas, a saber:

1. *Yakach*, «raciocinar com», «reprovar», usada por cinqüenta e seis vezes com esse sentido. Por exemplo: Jó 5:17; Sal. 94:10; Pro. 3:12.

2. *Yasar*, «instruir», «castigar». Palavra usada por quarenta e duas vezes (por exemplo: Sal. 39:11; Pro. 29:17; Jer. 2:19; 10:24; 30:11; 46:28).

3. *Epanórthosis*, «retificar». Palavra grega usada apenas em II Tim. 3:16.

4. *Paideúc*, «corrigir a criança». Palavra grega usada por treze vezes: Luc. 23:16,22; Atos 7:22; 22:3; I Cor. 11:32; II Cor. 6:9; I Tim. 1:20; II Tim. 2:25; Tito 2:12; Heb. 12:6 (citando Pro. 3:11); Heb. 12:7,10; Apo. 3:19.

Corrigir é disciplinar tendo em vista a melhoria da

conduta, não sendo apenas retribuição por algum erro praticado. A palavra grega *paideúo*, que significa «correção de crianças», mostra o caráter da correção que Deus confere aos seus filhos. O trecho de I Pedro 4:6 mostra que até mesmo o julgamento no hades tem por finalidade uma função disciplinar e corretiva, não sendo apenas retributivo. Esse versículo é muito ousado, porquanto afirma que a vida espiritual pode passar por tal experiência, um conceito essencialmente perdido pela Igreja ocidental, embora preservado na Igreja oriental. A passagem de Hebreus 12:7,8 mostra-nos que Deus castiga os seus filhos para o bem deles, tal como o faz qualquer pai decente. A Igreja inteira aprova esse princípio, mas certos segmentos da mesma recusam-se a ver esse aspecto na *própria natureza* do julgamento divino, visto que esse é um ato do amor de Deus, mudando condições que, de outra maneira, não poderiam ser mudadas. É muito difícil os homens aprenderem essa grande verdade: o oposto da injustiça não é a justiça, mas o amor.

As autoridades que executam criminosos, e que sabem o que estão fazendo, acreditam que os criminosos executados de algum modo são beneficiados pela morte que sofrem, porquanto isso é uma maneira de compensar por seus erros. Não é incomum, entre os prisioneiros que esperam pela execução, suporem que a morte que sofrerão, quando merecida, pode ser benéfica para suas almas, e não apenas uma dívida que têm de pagar diante da sociedade humana. Isso mostra um grande discernimento quanto à natureza até mesmo das mais severas formas de punição. Orígenes afirmava que ver no julgamento apenas o aspecto retributivo é defender uma teologia inferior. De fato, o Senhor *corrige* àqueles a quem *ama*. Todas as formas de castigo divino alicerçam-se sobre o amor de Deus. O juízo é um dedo da mão amorosa de Deus.

**No Antigo Testamento**, correção e juízo são meios de treinamento do caráter. Mostram que um Pai amoroso está cuidando de seus filhos (Deu. 11:2; Sal. 50:17; Jer. 17:23, 32:33). A sabedoria divina está por detrás dessa questão (Pro. 1:2; 3:7; 15:33; 23:23). As Escrituras nos ajudam como um meio de correção, de repreensão e de instrução, a fim de que sejamos ricos em boas obras (II Tim. 3:16,17). Um versículo significativo é o de Romanos 11:32, embora com raridade ouçamo-lo ser citado. «Porque Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos». Deus tem feito os homens terminarem em miséria íntima, por causa de seus atos de desobediência, como medida disciplinadora, tendo em vista o alvo final do Senhor, que é usar de sua *misericórdia*, em última análise. Essa é a única maneira pela qual o homem pode chegar a qualquer lugar, dentro da criação de Deus. Notemos, no texto que acabamos de citar, que foi exatamente esse princípio que fez o apóstolo Paulo maravilhar-se da *sabedoria* de Deus. Quando, finalmente, entendemos o grande princípio de que todas as coisas procedem de Deus, a fim de que tudo venha a retornar a ele, então estamos preparados a entender essas questões que envolvem a correção aplicada por Deus a todos os homens. Diz Romanos 11:36: «Porque dele e por meio dele e para ele são todas as cousas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém». Isso exprime o princípio do ato restaurador de Deus, conforme vemos em Efésios 1:10, e que envolverá, finalmente, a criação inteira. Ver o artigo sobre a *Restauração*.

Fica bem claro, portanto, o princípio da correção. Todos os atos instrutivos e corretivos de Deus, têm em mira o bem-estar do homem. Isso aplica-se tanto ao crente quanto ao incrédulo. E nenhum ato de Deus ficará sem efeito, finalmente. É precisamente isso que poderíamos esperar da parte do amor de Deus, porquanto Deus é amor. Ver I João 4:16. Contudo, isso não faz os atos de julgamento e de disciplina, impostos por Deus, tornarem-se menos sérios. É coisa muito séria alguém ter de servir um longo tempo de prisão, mesmo que, em alguma data futura, o condenado venha a ser libertado, considerando-se que, então, a dívida do criminoso, diante da sociedade, terá sido saldada. É coisa muito séria uma pessoa perder anos preciosos de vida, encarcerado, por causa de seus erros, ao passo que ele poderia ter usado aqueles anos para beneficiar a si mesmo e aos seus semelhantes, como filhos, parentes, amigos, e muitos outros. É coisa muito séria um homem desperdiçar sua vida desse modo, chegando à sepultura como um fracassado. — Também é coisa muito séria uma alma ultrapassar a morte biológica em estado de perdição, mesmo que, em algum ponto distante, o amor de Deus venha a corrigir tal situação. Podemos estar certos de que Deus nunca se apressa, embora alguns sistemas teológicos nos dêem essa impressão. Portanto, que o julgamento divino realize a sua obra. Que a instrução divina tenha os seus efeitos. Porém, se nos olvidarmos dos princípios da misericórdia e do amor divinos, dentro desse imenso quadro, quem poderia ser salvo? O que estou procurando dizer aqui, meus amigos, é que os princípios do juízo divino, de sua disciplina e do seu amor ocupam o *primeiro* lugar, no caso de todos os homens, crentes ou incrédulos. E, em *segundo* lugar, esses princípios são combinados em um único ato, com uma única motivação. Não podemos dividir Deus em pedaços, para então dizer: «Agora Deus está amando»; ou então: «Agora Deus está irado». Mesmo quando Deus manifesta mais intensamente a sua ira, ele continua amando. E isso é assim porque a sua ira é uma forma de amar, por causa daquilo que Deus tenciona fazer através de sua ira.

## CORREIAS

No grego, **imás**, «correia». O termo grego aparece por quatro vezes: Mar. 1:7; Luc. 3:16; João 1:27; Atos 22:25.

As correias eram estreitas tiras de couro, usadas para segurar, amarrar, etc., alguma coisa, como, por exemplo, as sandálias. Esse é o caso de Mar. 1:7; Luc. 3:16 e João 1:27, onde João Batista refere-se às sandálias usadas pelo Senhor Jesus. Na referência do livro de Atos, a alusão é às correias com que o apóstolo Paulo estava sendo amarrado, para ser submetido à inquirição por meio de açoites, um ato ilegal porque Paulo era cidadão romano, descobrindo isso, o comandante mandou desatá-lo imediatamente.

No Antigo Testamento, precisamos considerar duas passagens correlatas, a saber: Jeremias 27:2, onde aparece o termo hebraico *moser*, que nossa versão portuguesa traduz por «brochas». Esse mesmo vocábulo aparece também em Jer. 5:5; 30:8; Sal. 11:16 e Naum 1:13, com variegadas traduções. No hebraico, devemos pensar em qualquer tipo de ligadura, de correias. Isaías 58:6, onde figura a palavra hebraica *aguddah*, «pacote», e onde o termo é usado figuradamente para indicar a carga dos impostos com que os pobres estavam sendo oprimidos em Israel. Nossa versão portuguesa traduz ali essa palavra por «ataduras», dentro da expressão «ataduras da servidão». O termo hebraico também aparece

em Êxo. 12:22, onde se lê: «Tomai um molho de hissopo...», e onde «molho» é a palavra portuguesa correspondente.

## CORRENTE DE CONSCIÊNCIA

Ver **Riacho da Consciência**.

## CORRESPONDÊNCIA, DOUTRINA DA

Emanuel Swedenborg (que vide) aceitava, como chave para a interpretação da Bíblia e de outro material espiritual escrito, a doutrina de que todos os termos usados têm um triplo sentido: natural, espiritual e divino. Esse ponto de vista pode ser comparado ao modo *alegórico* de interpretação. Ver o artigo sobre a *Interpretação Alegórica*.

## CORRESPONDÊNCIA, TEORIA DA VERDADE DA

Nesta enciclopédia, oferecemos um artigo sobre o assunto o *Conhecimento e a Fé Religiosa*. A segunda parte daquele artigo apresenta um estudo pormenorizado sobre as *Teorias da Verdade*, dentre as quais a teoria da correspondência figura. Em termos bem latos, essa teoria propõe que a verdade corresponde à realidade, e que as declarações a respeito devem exibir essa correspondência, para que sejam verazes. A linguagem é um veículo para expressão da verdade, quando suas afirmativas correspondem à verdade, e isso pode ser determinado por via da investigação. Portanto, o *empirismo* (que vide), de modo geral pode ser identificado com a correspondência, tal como a coerência, como uma teoria da verdade, é identificada com o racionalismo. A validade da correspondência sugerida precisa ser estabelecida pela experimentação, a qual repousa essencialmente, embora não de forma absoluta, sobre a percepção dos cinco sentidos físicos. Isso posto, a correspondência envolve a seguinte fórmula: declarações verazes sobre verdades verificáveis através da experimentação. A falsidade consiste na não-correspondência. Todas as teorias da verdade são parciais, pelo que essa teoria da correspondência também é falha, porquanto ignora as potencialidades representadas pela razão, pela intuição e pelo misticismo, capazes de ajudar-nos a tomar conhecimento das coisas, além e acima das correspondências que estabelecemos tão nitidamente. As próprias ciências físicas dificilmente poderiam sustersе de pé, ante a aplicação dessa teoria. (EP MM P)

## CORRIDA

Ver **Jogos**.

## CORRUPÇÃO

A apresentação bíblica desse assunto é ampla, incluindo as seguintes categorias: 1. A decadência do corpo, que é a corrupção física (Sal. 16:10). 2. Os defeitos em algum animal, que o tornavam impróprio para ser sacrificado, que é a corrupção cerimonial (Lev. 22:25). 3. A ruína moral causada pelo pecado, que é a corrupção moral (Deu. 9:12). 4. A ruína eterna, que é a corrupção escatológica (Gál. 6:18). Existe a «cova da corrupção», que talvez envolva a mesma idéia (Isa. 38:17; Sal. 30:9).

Todas as formas de corrupção estão envolvidas na nossa natureza moral, segundo Paulo ensina em I Coríntios 15:53. O próprio homem, no seu estado atual, é ali chamado de «este corpo corruptível», sendo precisamente esse o homem que terá de revestir-se da «incorruptibilidade», como cura total para a sua corrupção (vs. 54). E então tornar-se-á verdadeira a declaração que prediz: «Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo» (I Cor. 15:54-57). É por essa razão que podemos ser firmes na fé, sempre abundantes nas boas obras, sabendo que nossos esforços não são vãos. Em outras palavras, todo labor honesto e espiritual tem uma dimensão eterna.

No Novo Testamento, encontramos as palavras gregas *phthora* e *diaphthora*, ambas traduzidas por «corrupção». — A primeira delas aparece por nove vezes: denotando a decadência do corpo físico (I Cor. 15:42,50); denotando a decadência do universo físico (Rom. 8:21; Col. 2:22; II Ped. 2:2); denotando a decadência moral e religiosa (II Ped. 1:4; 2:9); denotando as destruições escatológicas (Gál. 6:8); e, estabelecendo contraste com a vida eterna (II Ped. 2:12).

## CORRUPÇÃO, MONTE DA

Um outro nome desse monte é Monte da Abominação. A forma latina é *mons scandali*. A alusão é ao cume mais ao sul da terra que é conhecida como monte das Oliveiras, onde Salomão erigiu um altar para as observâncias religiosas de suas esposas pagãs (I Reis 11:7; II Reis 23:13). Esta última referência informa-nos que o rei Josias destruiu todas as construções ali existentes, por ocasião de suas reformas.

## CORTANDO O NÓ GORDIANO

Górdio foi um antigo rei da Frígia que fez um nó, que, segundo um oráculo, podia ser desfeito somente pelo homem que governaria a Ásia. Ninguém foi capaz de desfazer o nó. Alexandre, o Grande, tentou mas falhou. Em consternação, ele cortou o nó com sua espada. A expressão, «cortar o nó gordiano» passou a significar, «resolver um problema por métodos falsos ou insatisfatórios». Na interpretação, seja teológica, filosófica, etc., a expressão significa o ato de dar um explicação que resolve *aparentemente* um problema, mas que, de fato, é deficiente.

## CORTAR, GOLPEAR

Várias palavras hebraicas e gregas estão envolvidas no ato de *cortar*, verbos usados em sentido literal ou figurado nas Escrituras, a saber:

1. *Natach*, «cortar em pedaços». Palavra usada por dez vezes (por exemplo: Êxo. 29:17; Lev. 1:6,12; 8:20; Juí. 20:6; I Reis 18:22,23).

2. *Qara*, «cortar». Palavra usada por sessenta e quatro vezes (por exemplo: Jer. 36:26; I Sam. 15:28; I Reis 11:11,12,13,30,31). Mas, na grande maioria das vezes, esse verbo significa «rasgar».

3. *Karath*, «cortar», «derrubar». Palavra usada por cerca de cento e vinte vezes. Por exemplo: Êxo. 4:25; Lev. 17:10; 20:3,5,6; I Sam. 17:51; 24:4,5; Isa. 9:14; Eze. 14:8,13,17,19; Mal. 2:2. Esses são os verbos hebraicos principais, mais usados; mas há uma multidão de outros.

4. *Katakópto*, «retalhar-se», «cortar-se todo». Palavra grega usada por somente uma vez, em Mar. 5:5.

5. *Dichotoméo*, «cortar em dois». Palavra grega usada por duas vezes: Mat. 24:51; Luc. 12:46.

6. *Aphairéo*, «arrancar», «cortar». Palavra grega empregada por dez vezes: Mat. 26:51; Mar. 14:47; Luc. 1:25; 10:42; 16:3; 22:50; Rom. 11:27 (citando

Isa. 27:9); Heb. 10:4; Apo. 22:19.

7. *Ekkópto*, «cortar». Palavra grega usada por dez vezes: Mat. 3:10; 5:30; 7:19; 18:8; Luc. 3:9; 13:7,9; Rom. 11:22,24; II Cor. 11:12.

**I. Literal**

O povo de Israel foi estritamente proibido de mutilar-se, em imitação a povos pagãos circunvizinhos (Lev. 19:28; 21:5; Deu. 14:1). O paganismo primitivo sempre promoveu vários tipos de mutilação, que supostamente aplacava deuses sedentos de sangue, mas que, na realidade, eram apenas um reflexo da brutalidade humana, para com o próximo e para com o próprio indivíduo. Os ritos de mutilação até hoje existem ao redor do mundo. O temor ao desprazer dos deuses leva os homens a fazerem contra si mesmos aquilo que pensam que seus deuses fariam contra eles. Foi uma concepção distorcida da divindade que levava os profetas de Baal (I Reis 18:28) a se cortarem. E eles misturavam seu próprio sangue ao sangue dos seus holocaustos.

*Os Sacrifícios e Outros Objetos.* Os animais sacrificados eram cortados em pedaços (Lev. 1:6); as imagens dos cananeus eram derrubadas e cortadas em pedaços (Êxo. 34:13; Deu. 7:5); árvores eram cortadas por diversos motivos (II Reis 6:4); decepar parte do corpo de um inimigo era um dos maltratos geralmente infligidos aos adversários vencidos (Juí. 1:6), ou mesmo uma ação punitiva recomendada (Mar. 9:43).

*Atos de Tristeza.* Virgílio descreve a irmã de Dido a rasgar-se no rosto com as unhas e a bater nos seios com os punhos, quando em profunda tristeza. Esse tipo de ação era especificamente proibido em Israel (Lev. 19:28). Todavia, muitos israelitas acabaram fazendo coisas dessa natureza, quando sofriam grandes golpes (Jer. 48:37). De fato, de outra maneira, não teriam sido proibidos de fazê-lo.

**II. Golpes Figurados**

Uma tribo de Israel, desobediente ou apóstata, podia ser «cortada», ou seja, destruída ou punida de algum modo (Núm. 4:18). Quando Josué derrotou povos espalhados das margens do Jordão até o mar Mediterrâneo, é dito que ele os *cortou*. Israel foi advertido de que seria cortado de sua terra se persistisse na desobediência (I Reis 9:7). Povos idólatras foram cortados ou destruídos (Isa. 14:22; Miq. 5:10-13; Zac. 9:6). Certos atos de desobediência contra a lei mosaica atraíam severo julgamento divino, como no caso daqueles que ingeriam sangue (Lev. 17:10), ou participassem em sacrifícios de crianças (Lev. 20:3,5), ou se envolvessem em atos de bruxaria (Lev. 20:6). Todos os culpados desses pecados seriam *cortados* do meio do povo.

## CORTES ECLESIÁSTICAS

As igrejas Católica Romana, Oriental Ortodoxa e Anglicana mantêm em funcionamento as cortes ou tribunais eclesiásticos. Nos tempos medievais, esses tribunais tinham considerável poder civil e religioso. Enquanto à Igreja coube tratar de casos de heresia, matrimônio e testamentos, outros envolvimentos criavam alguns problemas com os governos civis. Os clérigos que se envolvessem em crimes ou outras ações prejudiciais, eram julgados pelos tribunais eclesiásticos, que não se limitavam a questões religiosas. A história registra muitos choques violentos entre a Igreja e o Estado, por motivo da jurisdição dos tribunais. Alguns governos civis utilizaram-se desses conflitos para promover a causa do Estado, ou mesmo causas pessoais dos monarcas. Houve tremendos conflitos entre Henrique II e Thomas Becket, e também entre o imperador Henrique IV e o papa Gregório VII (que vide). Terminada a Reforma protestante, as cortes eclesiásticas inglesas tiveram uma importante atuação na política da família Tudor e na política dos primeiros reis da família Stuart. Isso dizia respeito à preservação da união entre a Igreja e o Estado, sob a supremacia do rei. Essa era, precisamente, uma das principais objeções dos puritanos. Mas, quando eles atingiram o poder, fizeram a mesma coisa. Embora o poder desses tribunais estivesse se desvanecendo, continuavam mantendo jurisdição sobre certas questões matrimoniais e testamentárias, além daquelas questões estritamente eclesiásticas. — Em alguns países católicos romanos, os tribunais eclesiásticos continuam tendo funções que, em outros países, são entregues aos tribunais civis, sobretudo nos campos das heranças, dos problemas domésticos e do matrimônio. Porém, em países como os Estados Unidos da América e o Brasil, os tribunais eclesiásticos ocupam-se exclusivamente das questões de natureza religiosa.

**Como Funciona uma Corte Eclesiástica?** O bispo exerce suas funções através de oficiais devidamente treinados. Diante de uma decisão de um tribunal eclesiástico, pode-se apelar ao tribunal do arcebispo, se aquela decisão não for considerada justa. O tribunal supremo da Igreja Católica Romana é a *Sacra Romana Rota* da Santa Sé. Porém, em casos extremos, até mesmo as decisões desse supremo tribunal podem ser anuladas, pela chamada *Signatura Apostólica*, através da autoridade do papa. A Rota consiste em dez ou doze juízes, que devem ser padres bem versados na lei canônica. Suas decisões são publicadas sob o título de *Sanctae Romanae Rotas Decisiones*. (AM E)

## CORTESIA

Essa palavra portuguesa deriva-se de **corte**, dando a entender as boas maneiras e os atos de consideração que seriam de esperar no trato entre as pessoas que vivem ali. Mais especificamente, a cortesia, conforme a conhecemos na civilização ocidental, deriva-se de padrões de gentileza iniciadas na corte provençal, no século XI D.C., por algumas poucas damas dali, que assim mostraram a etiqueta e a propriedade de um comportamento decente, para servir de exemplo aos cortesãos que as cercavam.

Os costumes antigos exigiam respeito pelos estrangeiros, e ajuda, quando disso necessitassem. Os costumes orientais não-cristãos contavam com modos de cortesia altamente ritualizados. Porém, foi na sociedade feudal, nas cortes européias, que se desenvolveram esses atos de cortesia. Isso incluía o sentimento de proteção dos cavaleiros (que vide), em favor das damas. Foi ali que se desenvolveu certo tipo de etiqueta polida, para fins sociais. Em nossos dias, todos os pequenos atos de cortesia que uma pessoa mostra em relação a outras, nas visitas, como trocas de presentes ou pequenos favores, são um reflexo desses costumes medievais.

*Sentido Geral.* A cortesia consiste em um comportamento polido, caracterizado pelas boas maneiras e por atos de gentileza. Se for genuína, é uma pequena demonstração da lei do amor (que vide).

## CORTINA DO TEMPLO

Ver sobre o **Véu do Templo.**

## CORTINAS

Três palavras hebraicas têm sido assim traduzidas, a saber:

1. Doq, «véu fino», palavra que figura somente em Isa. 40:22. Refere-se aos céus estrelados que Deus estende como se fosse uma cortina. Provavelmente, há uma alusão à tela fina que muitos orientais estendiam sob os tetos de suas residências de verão.

2. *Yeriah, cortina*, «véu». Essa palavra ocorre por cinqüenta e três vezes, como em Êxo. 26:1-13; 36:8-17; Núm. 4:25; II Sam. 7:2; I Crô. 17:1; Sal. 104:2; Isa. 54:2; Jer. 4:20; 49:29; Heb. 3:7. Essa palavra está ligada ao adjetivo «trêmulo». Aponta para as dez cortinas que cobriam o tabernáculo de Moisés (Êxo. 26:1-13; 36:8-17). Essa palavra veio a tornar-se sinônimo do próprio tabernáculo, por causa de suas muitas cortinas (II Sam. 7:2). Tal vocábulo também pode indicar as paredes laterais do tabernáculo.

3. *Masak*, «véu», usada por vinte e cinco vezes, como em Êxo. 26:36,37; 35:15; Núm. 3:26. Essa palavra também servia para denotar o portão do átrio, que conduzia ao tabernáculo (Êxo. 27:16).

As cortinas do tabernáculo eram feitas de linho fino e de pêlos de cabra. Eram penduradas em sessenta colunas de madeira de acácia, sobre bases de cobre, cada coluna tinha cerca de 2,5 *m* de distância uma da outra. As cortinas dos lados norte e sul tinham 2,5 *m* de largura por 50 m de comprimento, feitas de linho fino. No lado ocidental, as cortinas tinham 2,5 m de largura por 25 m de comprimento. No lado oriental, que era o da entrada, havia duas cortinas curtas, de 2,5 m de largura por 7,5 m de comprimento, penduradas em três colunas.

As cortinas eram um item importante na vida nômade dos povos orientais, substituindo paredes e portas. Porém, mesmo nas residências de alvenaria ou de pedra, as cortinas eram um item importante.

## CORUJA

Seis palavras hebraicas têm sido assim traduzidas, nas traduções em vários idiomas. Porém, a confusão é tremenda quanto a essa espécie de ave. O antigo vocabulário dos hebreus, quanto a itens da flora e da fauna não tinha um caráter científico, conforme se faz hoje em dia. Portanto, consideremos estes pontos:

1. *Yanshuph*. Ver Lev. 11:17; Deu. 14:16; Isa. 34:11. Nossa versão portuguesa diz «íbis», nas duas primeiras referências, mas «bufo», na última delas. A Septuaginta diz «íbis». A Vulgata Latina diz «coruja». Poderia estar em foco a chamada coruja águia (*Bubo ascalaphus*). Essa ave é nativa da Palestina, e poderia ser a espécie aludida nessas três referências.

2. *Kos*. Ver Lev. 11:17; Deu. 14:16; Sal. 102:6. Nossa versão portuguesa diz «mocho» nas duas primeiras referências, mas «pelicano» na última. É provável que a espécie em foco seja, realmente, o «mocho», uma espécie um tanto menor que a coruja, cujo nome científico é *Athene glaux*. Os israelitas não podiam consumir o mocho. Era uma ave comum na Palestina, conforme continua a sê-lo até os nossos dias. Visto que as aves da família da coruja são caçadoras, seu consumo era vedado na dieta dos israelitas. Ver o artigo geral sobre as *Aves da Bíblia*.

3. *Bath yaanah*. Ver Lev. 11:16; Deu. 14:15; Jó 30:29; Isa. 13:21; 34:13; 43:20; Jer. 50:39 e Miq. 1:8. Nossa versão portuguesa diz «avestruz» em todas essas oito referências. Com isso concorda a maioria dos estudiosos.

4. *Lilith*. Ver Isa. 34:14. Nossa versão portuguesa diz ali «fantasmas». Realmente, a palavra indica um demônio ou fantasma noturno; nada tem a ver com a coruja.

5. *Qippoz*. Ver Isa. 34:15. Nossa versão portuguesa diz «coruja». Porém, o verdadeiro significado da palavra é uma serpente.

6. *Tinshemeth*. Ver Lev. 11:18; Deu. 14:16; Lev. 11:30. Nossa versão portuguesa diz «gralha» nas duas primeiras dessas referências, mas diz «camaleão» na última delas. As opiniões dos especialistas estão muito divididas. Alguns pensam em uma espécie de cisne, mas outros opinam que se trata de galinhola.

Na atualidade, há várias espécies de coruja na Palestina, como a coruja águia, um pássaro grande, com 70 cm da cabeça à cauda; a coruja de orelhas curtas, que é ave migratória, de hábitos tanto noturnos quanto diurnos; a coruja de orelhas grandes, que habita nas florestas e caça rodentes, e o mocho, com a sua cor pálida, que gosta de rondar as edificações das fazendas, fazendo a sua presença notada pelos guinchos agudos que dá, enquanto voa. Essa espécie é muito comum, excetuando nos desertos. Durante o verão, a Palestina também é visitada pela coruja cuja voz é um assobio monótono, talvez semelhante à murucututu que também pode ser encontrada no norte do Brasil.

**A coruja como um símbolo.** Os atenienses pensavam que a coruja era uma ave sábia, conotação essa que se tornou comum até os tempos modernos. A coruja pode simbolizar uma alma que partiu deste mundo, o que é sugerido pelo canto noturno e melancólico desse pássaro. Em um sonho, a coruja pode representar a sabedoria. Pouco antes do falecimento de minha mãe, ela teve um sonho incomum, de uma coruja de asas abertas, diante de um lindo pôr-do-sol. A sabedoria maior ocorre quando a alma encontra descanso, no pôr-do-sol desta vida física.

## CORVO

No hebraico, **oreb**, derivado de uma palavra que significa «negro». É vocábulo usado por dez vezes: Gên. 8:7; Lev. 11:15; Deu. 14:14; I Reis 17:4,6; Jó 38:41; Sal. 147:9; Pro. 30:17; Can. 5:11 e Isa. 34:11.

Essa ave pertence à família *Corvus corax*. O primeiro mensageiro enviado por Noé, que ficou indo e voltando, repousando sobre a arca, mas sem entrar na mesma, foi um corvo. Simbolicamente, representa a alma de tendências carnais, que nunca encontra descanso (Isa. 57:20,21). Corvos alimentaram Elias, no ribeiro de Querite (I Reis 17:4,6), quando ele temeu associar-se com pessoas que poderiam traí-lo, entregando-o ao rei Acabe. Essas aves vorazes, apesar de seu grande apetite, acharam tempo para cuidar do profeta do Senhor. Nisso encontramos uma lição sobre o infalível e ilimitado suprimento de Deus. O corvo foi destacado para mostrar como Deus cuida de toda a sua criação (Luc. 12:24). As necessidades das aves são grandes, e não semeiam e nem colhem, nem possuem armazéns, mas Deus as alimenta. Não valemos nós mais do que os corvos? Com sua voz roufenha, eles crocitam, clamando a Deus, por assim dizer; e ele os ouve. Os corvos fazem seus ninhos em lugares solitários, e assim simbolizam a desolação. O fato de que os corvos se ajuntam em torno da carniça, faz com que eles representam maus agouros, más notícias vindouras (Isa. 34:11). Por outro lado, sua cor negra azulada faz-nos lembrar os cachos de uma noiva (Can. 5:11).

••• ••• •••

## CORVO MARINHO

No hebraico, **shalak**, palavra que aparece somente em Lev. 11:17 e Deu. 14:17.

Trata-se de uma ave, mencionada no Antigo Testamento, — sobre a qual pouco se sabe. As traduções falam em «pelicano», em «gavião» ou em «corvo» (esta última possibilidade refletida na nossa versão portuguesa da Bíblia, «corvo marinho»). Algumas traduções também traduzem por «pelicano» a palavra hebraica *qaath*, que aparece em Isa. 34:11 e e Sof. 2:14. Há quem pensa, que, nesse caso, deve-se pensar na «coruja». As questões da fauna e flora, na Bíblia, são extremamente confusas e difíceis de deslindar, pois os escritores sagrados não usaram uma linguagem científica (conforme fazemos atualmente), para indicar as espécies. O corvo marinho é uma voraz ave aquática do gênero *Phalacrocorax*, muito distribuído e de hábitos gregários. Tem um forte bico recurvo e um papo proeminente. Duas espécies de corvos marinhos visitam regularmente a Palestina. Alimentam-se ambas, principalmente, de peixes. Porém, não há certeza se essa é a ave que os hebreus antigos chamavam de *shalak*. O que se sabe é que a injestão de sua carne era vedada aos israelitas, pois era uma das aves imundas.

## CÓS

Ver Atos 21:1. Trata-se de uma maciça ilha montanhosa do grupo das Esporades, na costa sudoeste da Ásia Menor, perto de Halicarnasso. Foi um dos portos de parada do navio que Paulo tomara, em sua viagem de Éfeso para Rodes. Evidentemente, esse lugar foi colonizado a princípio por gente vinda do Epidauro. Quando Atenas e Esparta estavam em guerra uma com a outra, o lugar sofreu as perdas maiores, às mãos dos militares de ambas aquelas cidades. A destruição chegou ao fim já no final do século V D.C. Ficou sob o controle dos atenienses até o século IV D.C. Desfrutou de um período de liberdade, por ter-se revoltado contra o jugo ateniense; mas, em seguida, caiu sob o poder da Macedônia. Era o lugar onde residia o famoso médico Hipócrates, fundador da ciência médica, no século V A.C. Nos tempos helenistas, a ilha caiu sob o controle dos reis Ptolomeus, do Egito. Filetas e Teócrito foram escritores bem conhecidos, nativos da ilha. No século II A.C., mostrou-se leal ao poder romano, tendo recebido a posição de estado livre, dentro da província da Ásia. Herodes, o Grande, foi um dos benfeitores do lugar, quando estava no poder.

A ilha era célebre por seus bons vinhos, por sua seda, algodão e manufaturas de tecidos. Tem cerca de trinta e dois quilômetros de comprimento, com quase dez quilômetros de largura. Um lugar tão pequeno, com uma história tão ilustre!

## COSÃ

Nome de um homem mencionado na genealogia de Jesus, em Luc. 3:28. O termo hebraico aparentemente significa «adivinho». Era filho de Elmodã, e aparece no quinto lugar antes de Zorobabel, dentro da genealogia de José, isto é, no evangelho de Mateus. Nada se sabe sobre ele, excetuando esses fatos simples. Ver o artigo sobre a *Genealogia de Jesus*.

## COSAMEU

Uma palavra encontrada em I Esdras 9:32, após o nome Simão. Porém, um nome como Simão Cosameu provavelmente é uma corrupção textual. No paralelo de Esdras 10, tal palavra é omitida. Seja como for, tal homem é nomeado entre aqueles que se desfizeram de suas esposas estrangeiras, após o retorno do cativeiro babilônico.

## COSMÉTICOS

Vários tipos de cosméticos são mencionados na Bíblia. A própria palavra portuguesa vem do grego, *kósmos*, «ordem», «ornamento». Desse termo grego também se deriva a palavra portuguesa «cosmos», que significa mundo, universo, criação e a ordem divina das coisas, isto é, o universo como um sistema harmônico. A associação entre *cosmético* e *mundano* é uma aplicação falsa das palavras envolvidas, e não uma derivação verdadeira.

1. *Utensílios Associados aos Cosméticos.* Os arqueólogos têm encontrado taças de pedra calcária, vasos feitos de vários metais, pequenos potes, frascos de vidro, caixas de perfume, receptáculos de alabastro (que vide), espelhos de metal polido, espátulas de marfim e de metal, colheres para ungüentos, pinças, etc., tudo associado ao uso dos cosméticos. Alguns desses objetos são altamente coloridos e decorativos, exibindo considerável habilidade na manufatura. As damas egípcias da alta sociedade favoreciam itens elaborados, feitos de marfim, com certa variedade de ilustrações da fauna e da flora. Para pintar os olhos, elas tinham pequenas caixas e tubos, e a pintura era aplicada mediante pequenas espátulas ou palitos, feitas de madeira ou de bronze.

2. *Cosméticos.* Havia certa variedade de minerais pulverizados, de óleos vegetais, de extratos, de gorduras animais, empregados como cosméticos. Azeite de oliveira era usado para ungir o corpo, nos países do Oriente Próximo e Médio, o que era considerado uma prática quase tão essencial quanto os atos de comer e beber. O azeite de oliveira também era usado nos costumes de sepultamento e lamentação pelos mortos. Havia grande variedade de perfumes, bem como pinturas em muitas cores diferentes.

3. *Pintura para os Olhos.* A maioria das pessoas, quando se olha ao espelho, gostaria de poder fazer algo sobre o seu aspecto geral. As mulheres nunca cessam de tentar. É realmente admirável como um pouco de pintura e um vestido novo podem transformar a maioria das mulheres. Qualquer porta de estábulo parece melhor quando é pintada; mas há casos difíceis. Quando eu era um jovem, era uma terrível heresia e desvio se uma moça evangélica passasse ao menos um pouco de batom nos lábios. Tal prática era considerada extremamente mundana; e um rapaz crente sério não escolheria uma esposa dentre as jovens mundanas que usavam batom. Mas, quando Billy Graham foi à Europa, dirigir campanhas de evangelização, sua esposa usava batom em público! Alguns pensaram que isso era muito mundano. Outros aprovaram. Seja como for, não demorou muito para que as mulheres crentes da Europa inteira começassem a usar batom. Na verdade, o *ascetismo* pode ser pior que um pouco de cosméticos. Posso imaginar Raquel com as suas jóias, e, naturalmente, com um pouco de pintura. Se me fosse possível encontrar-me com ela, não penso que lhe pediria para remover esses enfeites. Se eu fosse mais jovem, eu lhe pediria para doar suas jóias aos pobres e retirar a pintura. Porém, Raquel sem dúvida era uma mulher bonita, e seria errado estragar-lhe a beleza. Ademais, ela foi uma das matriarcas da nação hebréia, e isso basta para dizer algo em favor dela. Agora, que já sou homem maduro, simplesmente não consigo ficar indignado por causa de um *pouco* de

pintura e de enfeites que as mulheres queiram usar. Penso que o impulso feminino para usar cosméticos deriva-se de uma herança genética, quase impossível de vencer. A mente espiritual entende que, numa autêntica escala de valores, o que importa para a mulher crente (como para o homem crente, também) é que ela não seja idólatra, nem mentirosa, nem imoral, nem desonesta, nem invejosa, nem preguiçosa, nem viciada, etc., coisas essas que as Escrituras condenam. Para muitos crentes esclarecidos, questões como enfeites e cosméticos são questões neutras, que a Bíblia nunca condena por si mesmas, a menos que sejam usadas com intuitos pecaminosos. A moderação é um grande lema nos escritos dos antigos filósofos morais gregos, e Paulo tomou por empréstimo a idéia. Penso que essa é a resposta para essa questão, como para tantas outras. Brincando um pouco, posso até apreciar uma mulher iluminada como uma árvore de Natal, contanto que não seja a minha esposa e nem alguma parenta chegada minha! Algumas mulheres usam batom por causa de lábios ressecados e partidos; pelo que a prática deve ter algum valor medicinal. O próprio Paulo permitiu que Timóteo usasse um pouco de vinho, por causa de seu estômago adoentado (I Tim. 5:23). Porém, não permitia que qualquer ancião fosse nomeado nas igrejas cristãs, se bebesse em excesso (I Tim. 3:8). Isso não estabelece um útil e orientador precedente?

**Os povos antigos** faziam pinturas para os olhos de várias substâncias minerais e vegetais. Eles misturavam pós coloridos com água ou certos tipos de goma. Jó talvez seja o mais antigo livro da Bíblia, e é naquele livro que encontramos as palavras: Quéren-Hapuque, «chifre de rímel», nome de uma das filhas dele, após sua restauração à saúde e à prosperidade material. Os profetas atacaram o uso excessivo dos cosméticos (II Reis 9:30; Jer. 4:30; Eze. 23:40). Alguns intérpretes supõem que a pintura para os olhos poderia ter algum valor medicinal, protegendo os olhos das moscas; porém, penso que essa é uma interpretação por demais generosa. As mulheres usavam tais pinturas para se fazerem mais atrativas.

4. *Perfumes e Ungüentos*. Os perfumes eram muito populares na antiguidade, sendo usados igualmente por homens e mulheres. Os expositores do Antigo Testamento encontram pelo menos dezoito tipos, mencionados naquele documento. Eram usados como adorno (Can. 1:13), sendo presenteados em grande quantidade (Sabedoria de Salomão 2:7). O próprio Jesus recebeu presentes dessa natureza (Mat. 26:7 *ss*). Ungüentos e perfumes eram usados nos banhos, nos rituais mais variados e nos preparativos para o sepultamento. Eram compostos com azeite de oliveira e substâncias vegetais e animais. Eram aplicados à cabeça (Sal. 133:2; Mat. 6:17) ou ao corpo inteiro (Rute 3:3; Est. 2:2). Tintura vermelha era aplicada às palmas das mãos, às solas dos pés, às unhas e aos cabelos. Essa prática continua bastante comum entre os povos árabes. O trecho de I Samuel 8:13 fala de um típico rei que, tal como todos os monarcas dos povos ao redor, requereu os serviços de perfumistas, de cozinheiros e de padeiros, o que mostra que a manipulação e aplicação de perfumes veio a ser feita por profissionais. Ver o artigo sobre *Artes e Ofícios*.

**Sabemos que o grande palácio de Mari, às margens** do rio Eufrates (século XVIII A.C.), contava com sua perfumaria, onde era produzida uma vasta quantidade de cosméticos para o rei, para os seus dignitários, para os militares graduados, etc. (J. Bottero, *Archives Royales de Mari*, VII, 1957). Extratos feitos de flores que contêm agentes naturais eram usados para o fabrico de perfumes, como também os óleos extraídos da mirra e de outras gomas. A arqueologia tem desenterrado gravuras, em túmulos egípcios, que mostram a preparação de tais produtos, e, naturalmente, têm sido descobertas muitas gravuras com mulheres aplicando cosméticos em si mesmas. A rainha de Sabá, entre os muitos presentes que trouxe a Salomão, não se esqueceu de especiarias e perfumes (ver I Reis 10:2,10), e essas coisas também faziam parte do tesouro de Ezequias (II Reis 20:13).

*Perfumaria Sagrada*. Havia as unções realizadas nos móveis do Tabernáculo e nos sacerdotes aarônicos, em sua iniciação (Êxo. 30:22,23). A mirra, uma resina gomosa aromática, a canela aromática, a cássia e o azeite de oliveira eram misturadas nesse perfume (Êxo. 30:23-25). Ver o contexto ali, quanto ao uso desses ungüentos e perfumes.

5. *Talcos e Ruge*. Antigos talcos e ruges eram fabricados a partir do ocre. As colorações mais populares eram o vermelho e o amarelo. O ruge branco era feito de carbonato de chumbo. Tais produtos têm sido encontrados nas escavações arqueológicas. Sabemos que havia aplicadores de talco, não muito diferentes dos modernos, usados no Egito antigo. A única referência ao talco, usado como cosmético, encontra-se na Bíblia em Can. 3:6 (em português, «pós aromáticos»), embora seja provável que ali a alusão seja aos ingredientes usados na fabricação de pinturas.

6. *Os Cosméticos e os Cabelos*. Para uma mulher, ter cabelos longos é um adorno natural de considerável qualidade, conforme qualquer homem (não mulher) pode dizer-nos. Mas as mulheres pensam que são capazes de melhorar a natureza, e elas nunca cessam de fazer novas tentativas. A coisa mais desastrosa que uma mulher pode fazer contra os seus cabelos consiste em cortá-los rente. Paulo chegou a estabelecer uma norma quanto a isso, embora os crentes pareçam não dar a mínima atenção a essa recomendação apostólica (I Cor. 11:6,15). Os cabelos longos de uma mulher constituem a sua «glória», no dizer do apóstolo. As mulheres antigas tinham inúmeras maneiras de adornar aquilo que já era o seu adorno, incluindo muitos tipos de penteados. As mulheres egípcias dispunham de perucas e de inúmeros objetos para serem postos nos cabelos, como jóias, alfinetes, tiaras, etc. Um profeta fez cortante observação sobre como Jezabel penteava seus cabelos (II Reis 9:30). Pentes muito ornados tornaram-se populares, tanto para fazerem penteados como para serem usados nos cabelos. Os cabelos eram perfumados, e eram usadas tinturas para mudar-lhes a cor. Assim como os antigos homens orgulhavam-se de suas barbas, assim também as mulheres orgulhavam-se de suas cabeleiras, e tudo faziam com os cabelos para se fazerem mais bonitas. O avanço dos anos estraga bastante os cabelos e a pele das pessoas. As pessoas sempre preocuparam-se em tentar reverter essa situação. Receitas com esse propósito têm sido encontradas em papiros egípcios antiqüíssimos, de natureza médica. Uma dessas receitas trazia o encorajador título: «Livro da Transformação dos Velhos em Jovens». Essa é uma das tarefas que fazem parte das tentativas da cosmetologia, embora os cosmetólogos também tenham como um de seus alvos fazer os jovens parecerem ainda melhor. (ND SIN Z)

## COSMOGONIA

Essa palavra vem dos termos gregos *kosmos*, «mundo», e *gignesthai*, «nascer». Isso posto, o termo é usado para indicar as *origens* do mundo ou do

universo. Qualquer teoria que se proponha a dizer-nos como as coisas começaram, entra no campo da cosmogonia. A narrativa bíblica da criação, segundo a qual Deus pôs ordem ao caos, separando a luz das trevas, fazendo aparecer o sol, a luz e as estrelas, determinando o aparecimento da flora e da fauna, etc., constitui uma antiqüíssima cosmogonia. Há muitas cosmogonias antigas. Ofereço abaixo alguns exemplos disso:

*Esboço*:

I. Cosmogonias Antigas
  1. Grega e Romana
  2. Egípcia
  3. Fenícia
  4. Babilônica
  5. Hebréia
II. Indicações do Novo Testamento
III. Lições Morais e Espirituais

**I. Cosmogonias Antigas**

1. *Grega e Romana*. Hesíodo (em sua *Teogonia*) propôs uma certa cosmogonia. Segundo ele, no começo o mundo não tinha forma e achava-se em estado caótico. Desse caos surgiu o primeiro espírito do amor, a saber, Eros. Do caos também teria saído a terra, de peito largo, chamado Gaea. Em seguida apareceram Érebos, as trevas, e Nix, a noite. A união destes dois últimos produziu o céu claro, o Éter, e também Hemera, o dia. Por sua vez, a terra produziu o firmamento, Urano, e o mar, Ponto. Eros foi quem uniu os casais, primeiramente Urano e Gaea, que povoaram a terra com os titãs, os gigantes e os ciclopes. Desses é que vieram os deuses do Olimpo, os heróis, e, finalmente, a raça humana. Os romanos, pouco inventivos que eram, adotaram as idéias gregas em sua forma essencial, com pouquíssimas modificações.

*Os Filósofos Pré-Socráticos*. Em suas tentativas para descobrir o elemento básico do qual todas as demais coisas se derivariam, como a água, a terra, o ar ou o fogo, ou mesmo um elemento indeterminado, esses filósofos abordaram certos aspectos da cosmogonia. O elemento mais primitivo sempre foi considerado eterno. E isso constitui um mistério. Mas o mistério sempre fez parte das origens. Quanto a alguns detalhes sobre essa questão, ver os artigos sobre *Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Xenófanes* e *Heráclito*, cujos sistemas estão todos envolvidos nessa questão.

*Platão*. Esse filósofo tinha uma visão mais espiritualizada da questão, com paralelos em certos conceitos neotestamentários. Ele não acreditava que o mundo físico se tenha originado em alguma coisa física. Quanto à questão das origens, ele expunha a sua doutrina das *idéias* e das *formas*, ou dos *universais* (que vide), equivalente essencial ao mundo *noumenal* de Emanuel Kant. Contrastando com os universais, Platão falava sobre os *Particulares*, ou seja, o mundo físico, com tudo quanto no mesmo está contido. Em sua opinião, os particulares foram criados pelo *Demiurgo* (uma força mais ou menos equivalente à idéia do *Logos*, que vide, sob o título de *Verbo*) que teria usado os universais como arquétipos. Isso posto, o mundo físico seria uma imitação do mundo ideal, ou universal. Tudo quanto existiria neste mundo teria um paralelo ou arquétipo na dimensão espiritual. Os objetos físicos também poderiam combinar as idéias de vários ou mesmo de muitos arquétipos. Esse conceito é similar ao da criação por parte do Logos, a Razão Universal, de acordo com padrões, idéias e requisitos espirituais. Quanto a detalhes, ver o artigo sobre *Platão* e sobre os outros filósofos mencionados, onde é apresentado material abundante.

As idéias dos romanos, naturalmente, seguiam de perto os conceitos gregos, pois os romanos nunca foram pensadores originais no campo da metafísica.

2. *Egípcia*. De acordo com os egípcios, o universo é uma divindade que está se desenvolvendo gradualmente. Teria quatro membros essenciais: O *Kneph*, ou espírito; o *Neith*, ou matéria; o *Sevech*, ou tempo; e o *Pascht*, ou espaço. Esses membros seriam independentes e sem derivação. Os dois primeiros combinaram-se a fim de produzir o mundo visível. O *Neith* era visto como uma espécie de ovo cósmico, em torno do qual o *Kneph* pairaria como uma espécie de substância sutil, preparando o *Neith* para suas inúmeras transformações. Em primeiro lugar, viria o *Ptah*, ou seja, o fogo e a luminosidade. Em seguida, surgiriam o *Pe*, firmamento, e o *Anuke*, a terra. Por cima de tudo encontra-se a abóbada celeste, que contém sutis fluidos escuros, em estado primitivo. Ali encontramos as águas acima do firmamento, conforme se vê, igualmente, na narrativa bíblica. As massas abaixo dessa abóbada tornaram-se fontes luminosas, como o sol, a lua e as estrelas. Quando o sol passou a existir, o tempo do *Ptah*, uma luminosidade generalizada, deixou de existir. Notemos que, primeiramente, houve a luz; e só mais tarde surgiram corpos luminosos específicos, como o sol, a lua e as estrelas, tal como se vê no relato bíblico.

3. *Fenícia*. Os fenícios, à semelhança dos gregos, partiam do conceito do *caos*, uma força primitiva, ou um ser, o Espírito primitivo, derivado do caos. Desse proveio o Desejo, que uniu o Espírito e a lama, nascendo assim a terra e a água. A lama ou *Mot*, tornou-se um ovo do qual se originaram as inúmeras formas de vida biológica que existem.

4. *Babilônica*. Os babilônios imaginavam um estado primitivo, que não seria nem céu e nem terra, conforme os conhecemos atualmente, algo semelhante ao caos concebido pelos gregos. O abismo seria a *mãe Tiamot*, a origem de todas as coisas. Primeiramente apareceram divindades como Lachmu, An Sar e Ki Sar, como seres criados. O começo de todas as coisas esteve envolvido em uma espécie de conflito cósmico entre o Caos e a Ordem. No *Épico da Criação*, escrito em acádico, ou Enuma Elish, o conflito teria ocorrido entre o deus da tempestade e do céu e o dragão Illuhankas. Este último triunfou a princípio; mas, quando apareceu o homem mortal, com o nome de Yupasiyas, a maré virou, e o céu obteve a vitória. Dentro da tradição dos sumérios, como o *Mito Paradisíaco de Enki* e o *Ninhursag*, lemos sobre a procriação de deuses e deusas. Através do sêmen do deus Enki, surgiu a vida vegetal. O *Mito da Criação*, da cultura babilônica, envolve algumas similaridades com a narrativa de Gênesis, o que tem sido tema de muitos comentários entre os estudiosos do Antigo Testamento. Essa história é conhecida pelo título de *Enuma Elish*, que significa «Quando do Alto», tendo sido encontrada entre os restos da biblioteca de Assurbanipal, em Nínive. Alguns fragmentos dessa obra têm sido também encontrados em Assur, Uruque e Quis. Alguns dos mais notáveis paralelos, entre outros, é o conflito entre o deus da tempestade e o dragão *Illuhankas*. O relato assemelha-se à história da serpente tentadora, que trouxe muita confusão ao jardim do Éden; o homem feito de argila; a existência de um jardim, ou paraíso; o deus Enki, que ali comeu coisas que não eram lícitas, ao que se seguiu uma maldição, mas com uma restauração posterior. Outro notável paralelo é a criação da deusa

chamada *Ninti* (provavelmente um paralelo de Eva), cujo nome significa «senhora da costela» e «senhora que vivifica». Foi ela quem suspendeu a maldição que caíra sobre o jardim. Esses paralelos são parecidos demais para podermos dizer que não houve alguma fonte informativa comum, de alguma espécie, embora as narrativas babilônicas apareçam dentro de um contexto politeísta, e também há dois *deuses* envolvidos em ocorrências que, dentro do livro de Gênesis, envolvem Adão e Eva, que são meros seres humanos. O leitor está convidado a consultar o artigo sobre a *Babilônia*, em seu quinto ponto, *Religião e Moral*. Ali, o leitor poderá notar que esses paralelos não se limitam à história da criação e à doutrina sobre os começos. Aqueles que lêem somente a Bíblia supõem, naturalmente, que suas informações não têm paralelos; e isso faz com que se surpreendam ao descobrirem que as religiões, da mesma cultura geral, compartilham de grande número de detalhes, embora, como seja óbvio, também haja grandes diferenças.

**Os hebreus legaram-nos** o *monoteísmo*, e essa foi uma grande contribuição. No entanto, outros paralelos entre a Bíblia e as cosmogonias das culturas vizinhas à cultura dos hebreus, são os seguintes: o caos (uma espécie de luz primeva); luzes (sol, luz e estrelas) que vieram substituir a luz; a separação entre a porção seca e o mar; o firmamento (imaginado como uma espécie de taça invertida, feita de substância sólida, que separa as águas acima e abaixo dela). Alguns antigos supunham que as estrelas seriam perfurações nessa substância sólida, que permite que a luz celeste chegue até nós. Outros supunham que o sol, a lua e as estrelas, etc., seriam luzes penduradas na parte de baixo do firmamento. Naturalmente, ninguém desconfiava das dimensões gigantescas desses corpos luminosos.

*As Diferenças*. Em Gênesis temos o monoteísmo, não há ali o nascimento de deuses, e nem divindades nascidas de outras, e Adão e Eva ocupam funções que, nos mitos babilônicos, são atribuídas aos deuses. Alguns estudiosos pensam que Deus é mais transcendental na narrativa de Gênesis, e, até certo ponto, isso expressa uma verdade. Porém, na narrativa sobre o homem primitivo, no livro de Gênesis, vê-se uma grande comunhão entre Deus e o homem, como os atos de andarem e falarem um com outro, o que se aproxima da exagerada intimidade entre os deuses e os seres humanos, das narrativas pagãs. Desígnio e propósito são mais evidentes em Gênesis do que nas narrativas pagãs.

5. *Hebréia*. Em meu artigo sobre a *Astronomia*, apresento a idéia geral da cosmogonia dos hebreus, juntamente com uma ilustração. Aqui ofereço apenas um breve sumário; e o leitor poderá consultar aquele artigo. Alguns pontos principais a considerar: 1. Há o firmamento abobadado, uma sólida expansão de matéria que separa o céu da terra. 2. O céu encontra-se na luz primeva. 3. As luzes secundárias, para benefício da terra, a saber, o sol, a luz e as estrelas, estão penduradas pelo lado de dentro do firmamento. 4. Há águas acima e abaixo do firmamento, depois que as mesmas foram separadas. 5. A terra é plana. 6. Nas extremidades encontram-se montanhas que se elevam e formam os alicerces do firmamento, em seus pontos extremos. 7. O Sheol ficaria no interior da terra, mais ou menos a meio caminho entre as extremidades. Por baixo da terra estariam as colunas que a sustentam no lugar, como alicerces. A terra repousaria sobre o abismo das águas. Mas eles não explicaram sobre o que se apoiava o abismo das águas.

Orígenes impressionou o mundo dos intérpretes com suas interpretações moral, simbólica e mística. Se interpretarmos desse modo o livro de Gênesis, poderemos obter muitas lições morais e instruções espirituais importantes para a nossa fé. Mas, se insistirmos em encontrar indícios de confirmação da ciência moderna, ou teremos de ficar desapontados, ou teremos de manipular a narrativa sagrada para adaptá-la às nossas idéias, ignorando completamente o que os israelitas realmente acreditavam sobre a origem das coisas. Essa distorção é uma atividade desonesta, embora os intérpretes ultraconservadores anseiem por promovê-la de todas as maneiras. No outro extremo, há os céticos que só querem qualquer pretexto para lançarem uma sombra de dúvidas sobre os ensinos bíblicos. E uma das coisas que eles podem usar, como é óbvio, é a natureza primitiva da narrativa bíblica da criação. Devemos entender, porém, que uma ciência primitiva não significa, necessariamente, que os que a defendiam eram destituídos de iluminação espiritual. Consideremos o seguinte: sem dúvida é verdade que, apesar de todo o avanço da ciência, nossa cosmologia continua primitiva em comparação com o que ela será, digamos, dentro de cem anos. Os cientistas norte-americanos admitem que as viagens do homem à lua bem como as rochas que eles trouxeram dali, têm levantado mais dúvidas sobre à lua, do que têm resolvido. Se a lua continua misteriosa, e o homem tem podido caminhar à sua superfície, quão grandes são ainda os mistérios que circundam a infinita expansão do espaço exterior. No entanto, não é por causa de nossa ignorância sobre esse espaço exterior que não temos conhecimento científico, moral e espiritual. Simplesmente admitimos que, em todos os campos de conhecimento, científico ou espiritual, ainda estamos no começo, nos primeiros estágios de desenvolvimento. Não obstante, já somos donos de algumas grandes verdades, que dignificam nossa vida; e isso é tudo quanto a fé religiosa requer.

**Interpretações que tentam reconciliar a ciência com Gênesis.**

1. *O grande hiato*. Entre Gên. 1:1 e 1:2 existiu um grande hiato de tempo no qual todas as eras geológicas aconteceram. Isto explica a grande idade da terra, aliviando o problema de uma criação que aconteceu aparentemente há 6.000 anos (cálculo das genealogias).

2. *Dia=era teoria*. Os dias de Gên. não foram de 24 horas, mas sim, eras vastas. Às vezes, esta teoria é combinada com a de no. 1. Imensas eras existiram entre vss. 1 e 2. Os *dias* também eram tais.

3. *Dias + intervalos*. Os dias da criação eram de 24 horas literais, mas entre eles vastas eras existiram, alternativamente.

4. *Éden somente*. A criação de Gênesis tenta nos informar somente sobre a criação de Éden, em seis dias literais. O resto da criação não está descrito na Bíblia, além da referência vaga e geral de Gên. 1:1.

5. *Eras concorrentes e sobre-impostas*. Deus, sendo um ser, além e fora do tempo, criou em tempos curtos e longos, concorrentes e sobre-impostos. Não podemos delinear dias ou eras distintas e separadas, e qualquer discussão de tempo em relação à criação é artificial.

6. *O dia revelador*. Os dias na narrativa de Gên. foram dias *de revelação*, e foram de 24 horas literais. Deus *revelou* a Moisés, *em* 6 *dias*, o esboço da criação, mas como ele realmente criou, e quanto tempo ele levou, são fatos não revelados.

7. *A semana dividida ou simetria dupla*. A descrição de Gênesis incorpora um método literário

Hesíodo




*O poeta grego Hesíodo em um mosaico de Monnus do século 3*

Hesíodo, considerado o pai da poesia didática grega, viveu no século 8 A.C., em Ascra, na Beócia, como pastor de ovelhas. Das obras comprovadamente de sua autoria, sobreviveram dois longos poemas: a *Teogonia*, que narra a história de deuses, e *Os Trabalhos e os Dias*, que exalta o trabalho e a justiça e tece ensinamentos sobre agricultura e a vida prática.

*Pelas Musas e pelo golpeante Apolo*
*há cantores e citaristas sobre a terra,*
*e por Zeus, reis. Feliz é quem as Musas*
*amam, doce de sua boca flui a voz.*
*Se com angústia no ânimo recém-ferido*
*alguém aflito mirra o coração e se o cantor*
*servo das Musas hineia a glória dos antigos*
*e os venturosos Deuses que têm o Olimpo,*
*logo esquece os pesares e de nenhuma aflição*
*se lembra, já os desviaram os dons das Deusas.*

*Alegrai, filhas de Zeus, dai ardente canto,*
*gloriai o sagrado ser dos imortais sempre vivos,*
*os que nasceram da Terra e do Céu constelado,*
*os da Noite trevosa, os que o salgado Mar criou.*
*Dizei como no começo Deuses e Terra nasceram,*
*os Rios, o Mar infinito impetuoso de ondas,*
*os Astros brilhantes e o Céu amplo em cima.*
*Os deles nascidos Deuses doadores de bens*
*como dividiram a opulência e repartiram as honras*
*e como no começo tiveram o rugoso Olimpo.*
*Dizei-me isto, Musas que tendes o palácio olímpio,*
*dês o começo e quem dentre eles primeiro nasceu.*

Hesiodo

Extraído de "Teogonia"

pelo qual o 1º dia é paralelo ao 4º, o 2º ao 5º e o 3º ao 6º, e estes pares são complementares. O fator tempo, segundo esta teoria é artificial.

*Avaliação destas teorias.* A simples leitura do registro de Gênesis mostra que o escritor pensava em dias literais, e bem provavelmente, de um tempo relativamente recente. Estas diversas teorias são tentativas de incorporar a história de Gênesis dentro dos conhecimentos da ciência moderna. Elas são truques teológicos e filosóficos, embora tenham elementos obviamente verdadeiros.

*Uma Interpretação mais Provável: A criação como um novo início.* Existem evidências em favor da criação adâmica ser uma renovação, e não uma criação absoluta. Parece que a terra já passou mudanças dos pólos mais do que 400 vezes. Isto quer dizer, que por muitas vezes vastas destruições tem arrumado, de modo diferente, os continentes, trazendo destruições quase completas da terra. Aparentemente, as últimas duas correspondem bem, em termos de tempo, às histórias bíblicas de Adão e Noé. Neste caso, a história de Adão seria uma *novo começo*, não o começo absoluto da raça humana. Existiram, portanto, muitas raças humanas anteriores à adâmica. A história bíblica, então, nos informa sobre uma renovação da raça, e esta raça é aquela que iniciou a história do homem como nós o conhecemos.

Gên. 1:1 todavia é uma declaração geral sobre Deus como o criador absoluto, de tudo, em qualquer empo.

*A teoria da grande explosão* da astronomia moderna pode ser combinada com a teoria das mudanças dos pólos. Existem também grandes ciclos cósmicos, não somente grandes ciclos terrestres. Há mais de 16.000.000 de anos, houve uma grande explosão de matéria condensada que deu início a criação que nós conhecemos na astronomia. Mas antes disto, houve inumeráveis explosões que iniciaram inumeráveis ciclos de bilhões de anos cada. Uma vez que o poder da explosão se dissipa, a matéria, pela força da gravidade, volta na outra direção. Uma vez que se condensa novamente, outra grande explosão ocorre. Este processo continua e é um fator sem data e totalmente além da nossa imaginação.

**Conclusão.** Existem grandes ciclos cósmicos e terrestres. As grandes explosões criam os cósmicos, e as mudanças dos pólos criam os terrestres. Temos ciclos terrestres dentro dos ciclos cósmicos, e todos eles são de imensa duração. Portanto, a criação cósmica que conhecemos agora é realmente uma história recente. Também, o ciclo terrestre que envolve a *raça adâmica* é recente. Além destas histórias recentes, praticamente nada sabemos sobre as obras de Deus na criação. Temos um *mysterium tremendum* que as teorias dos homens, e suas cosmogonias são infantis demais para explicar. Portanto, as diversas tentativas de reconciliar a história de Gênesis com a ciência moderna são fúteis. Também, a explicação da própria ciência sobre tudo isto é essencialmente fútil, embora perfeitamente legítima. Todas as explicações são simplesmente gritos na noite misteriosa das obras de Deus. Mas é legítimo gritar e procurar cada vez mais, por entendimentos mais aperfeiçoados.

### II. Indicações do Novo Testamento

Os cristãos primitivos, sem dúvida alguma, acreditaram na veracidade essencial da narrativa de Gênesis como explicação das origens. Porém, em consonância com certas idéias filosóficas e helênicas, certos detalhes importantes foram acrescentados. O mais importante desses detalhes é o conceito do *Logos*. Essa doutrina vinha sendo desenvolvida desde cerca de 600 A.C. O leitor poderá obter uma completa descrição a respeito no artigo sobre o *Verbo*. O conceito que começou como uma força cósmica da Razão, nos escritos de Filo já recebe, algumas vezes, uma identificação pessoal, como o Anjo do Senhor. No Novo Testamento, o Logos é equiparado ao princípio do Filho do Deus triúno, o qual se encarnou como um homem. Portanto, o *Logos-Filho* é o agente por meio de quem Deus criou os mundos (Heb. 1:3; Col. 1:16). Destarte, o Filho aparece como o Pai, isto é, o Ser em quem, por meio de quem e para quem todas as coisas foram feitas. Os leitores das obras filosóficas antigas reconhecem que assim como é possível estabelecer o paralelo entre a narrativa de Gênesis e os mitos mesopotâmicos, quanto a alguns detalhes importantes, assim também podemos estabelecer o paralelo entre a doutrina neotestamentária do Logos e idéias bem parecidas do estoicismo e do platonismo, por meio do neoplatonismo (que vide). Tal como no livro de Gênesis há elementos distintivos, assim também no caso do Novo Testamento. No Novo Testamento o Logos não é apenas o criador, mas também se tornou homem, o que representa um definitivo avanço neotestamentário. Além disso, o Logos é também o Salvador, um outro grande avanço, pois isso significa que o Criador também é o Salvador. Por conseguinte, a criação assume um aspecto soteriológico. A criação dá a entender uma nova criação, dentro do processo da salvação. Os homens, portanto, são transformados segundo a imagem do Logos, passando a participar da própria natureza divina (Rom. 8:29; II Cor. 3:18; II Ped. 1:4). Isso encontra paralelo na idéia platônica da redenção, segundo a qual o homem seria reabsorvido no mundo dos universais (que vide). Desse modo, o homem deixaria de ser apenas eterno, passando a ser *imortal*. A imortalidade, por sua vez, precisa ser concebida não somente como vida sem-fim. Antes, é uma *espécie* de vida, a própria vida de Deus, segundo ela se manifesta no Cristo glorificado. Idéia tão ampla e profunda como essa, portanto, está envolvida na soteriologia do Novo Testamento.

**O autor da epístola aos Hebreus** tomou por empréstimo a visão do mundo **em duas dimensões**, mediante a qual as coisas que existem neste mundo são cópias das realidades celestes. Isso é platonismo puro, vinculado à doutrina de Platão sobre como a doutrina dos particulares da terra (todos os objetos materiais) foram criados segundo o modelo e segundo o poder das idéias, formas ou universais. Ver Heb. 8:5; 9:23,24. Quanto a um completo estudo sobre esse assunto, ver o artigo sobre a epístola aos Hebreus, em sua sexta parte, *Idéias Religiosas e Filosóficas*, quarto ponto. O trecho de Hebreus 1:3, quase certamente, é um reflexo do conceito de emanações dos estóicos neoplatônicos (que vide), sendo essa uma outra idéia que foi usada, pelo autor sagrado dessa epístola canônica do Novo Testamento, para participar de sua cosmologia. Alguns desses empréstimos são muito aptos, não havendo como negar que o Logos, ao implantar algumas de suas sementes nas filosofias e nas religiões, não concedeu aos pagãos alguns importantes conceitos. Esses conceitos, pois, foram utilizados nas revelações bíblicas, sem que a verdade sofresse qualquer violência. As coisas não precisam ser absolutamente novas, inéditas, para que sejam verdadeiras.

### III. Lições Morais e Espirituais

No que diz respeito a esse assunto, podemos extrair as seguintes importantes lições morais e espirituais:

1. Deus é a origem de todas as coisas. A matéria originou-se na Mente divina imaterial. Portanto, o mundo material sempre estaria sujeito às realidades espirituais. O mundo material não teria existência independente.

2. Na qualidade de criador do homem, Deus é o seu Senhor. O homem é responsável diante de Deus, sendo governado por imperativos morais.

3. A criação material foi criada a fim de que, da mesma, brotasse e se desenvolvesse a nova criação, espiritual.

4. Na criação material encontramos reflexos e cópias das realidades da esfera celestial. Com base na observação e no raciocínio, podemos aprender como o divino reside na matéria, e, desse modo, podemos aprender algumas coisas sobre as realidades divinas. A natureza moral do homem, como um exemplo, é um reflexo da natureza de Deus, porquanto o homem foi feito à imagem de Deus.

5. A lição da dependência. Somente Deus é independente. A vida espiritual não é algo estranho ao homem. Antes, é a própria substância de sua vida.

6. A lição do poder e da provisão. O Deus que fez todas as coisas e mostrou tanto interesse pelo homem, pode suprir todas as nossas necessidades, tanto para o tempo como para a eternidade.

7. A lição do desígnio. Foi a Mente divina que criou os mundos. Por toda a parte a criação demonstra a existência de uma Inteligência projetadora, controladora. O desígnio leva-nos a Deus, e também garante o sucesso da criação divina, em última análise, de conformidade com os planos originais de Deus.

8. A restauração. Assim como todas as coisas originaram-se em Deus, e vieram a existir pelo seu poder, assim também todas as coisas, finalmente, deverão retornar a Deus (Rom. 11:36), por meio do Filho-Logos (Col. 1:16).

Ver os seguintes artigos separados, que adicionam alguns detalhes a este verbete: *Astronomia, Adão, Cosmologia* e *Criação*. (E JAME NTI PRIT RAMM Z)

## COSMOLOGIA

A palavra vem do grego **kósmos**, «mundo», e **logía**, «estudo». Portanto, o vocábulo designa a ciência geral do universo, com várias aplicações disciplinares, como segue:

1. *Um Ramo da Filosofia*. Nesse caso, ela é uma divisão da metafísica (que vide), que trata do universo como a totalidade dos fenômenos, procurando combinar especulações metafísicas com evidências científicas, dentro de um arcabouço coerente. Pode incluir a *cosmogonia* (que vide), que é a especulação acerca do começo ou nascimento da criação ou das entidades, divinas e humanas. Seus problemas são os seguintes: considerações sobre a natureza do espaço, do tempo, dos primórdios, da eternidade, da necessidade, das mudanças e da contingência. Seu método de inquirição racional e científica distinguem-na das narrativas puramente míticas sobre a origem e a natureza do universo, com freqüência ligadas à palavra «cosmogonia». A cosmogonia é tão antiga quanto a fé religiosa, conforme o artigo sobre a mesma o demonstra; mas a cosmologia filosófica teve início com os filósofos pré-socráticos, que procuravam descobrir o elemento básico de todas as coisas, e como esse elemento seria responsável pelo resto da criação. Tanto Platão, com sua doutrina dos universais (que vide) quanto Aristóteles, com os seus ensinos sobre o Impulsionador inabalável e sobre a Substância (que vide) traçaram cosmologias elaboradas. Os filósofos cristãos mesclaram conceitos bíblicos e filosóficos, em suas descrições. A renascença, a partir do século XIV D.C., começou a provocar uma radical revisão das idéias. Kant declarou que os problemas cosmológicos ultrapassam as proposições da percepção dos sentidos (conhecimento), estando sujeitos somente aos postulados da razão, da intuição e do misticismo, tornando-se uma espécie de conhecimento prático.

2. *A Cosmologia Científica*. Os cientistas podem ser deístas ou teístas (ver sobre o *deísmo* e o *teísmo*). Porém, quando abordam assuntos científicos, no tocante ao *método*, eles aderem ao ateísmo. Em outras palavras, eles aplicam o *ateísmo metódico* (que vide), o que significa que eles não tentam explicar as coisas apelando para explicações teológicas. Dentro do campo da ciência, a cosmologia é o estudo da origem e da estrutura do universo, com base em coisas como a investigação espectral da distribuição de elementos, através do universo, bem como o estudo da mudança das cores do espectro para o vermelho, associada essa mudança à recessão das galácias, partindo de um ponto central e afastando-se mais e mais, em todas as direções, como uma explosão. A astronomia inteira, bem como certos aspectos da maioria das ciências, estão envolvidos na cosmologia científica. O método científico não se envolve em respostas finais, definitivas, como aquelas que dizem respeito à natureza do começo absoluto, ou aos propósitos a longo prazo da criação. Se um cientista vier a envolver-se em tais inquirições, já se terá tornado um filósofo. No que concerne aos grandes mistérios da natureza, a ciência põe um ponto de interrogação em tudo. Portanto, a ciência começa com o universo, conforme ele existe, procurando explicar fenômenos dentro desse contexto, jamais especulando sobre as origens, que não podem ser reproduzidas para estarem sujeitas à investigação científica.

Atualmente, os cientistas estão discutindo sobre a teoria do universo estável, ou sobre a teoria do «big bang», uma tremenda explosão que resultou na expansão do universo, que teria ocorrido pelo menos a dezesseis bilhões de anos. A teoria do «big-bang» (alguma explosão primeva) envolve implicações teológicas importantíssimas, com a possibilidade de que o universo passa, periodicamente, por longos ciclos. Nesse caso, a criação atual, para exemplificar, é apenas um dentre inúmeros ciclos, e não o único ciclo da existência que tem dominado todas as eras. A filosofia dos filósofos estóicos e neoplatônicos, mais de dois milênios atrás, propunha a teoria dos muitos ciclos, mediante a operação do Logos, que faria a criação emanar e voltar a ele, interminavelmente.

3. *A Cosmologia Teológica*. Meu artigo sobre a *Cosmogonia* explica, de modo bastante amplo, as idéias teológicas relativas à criação, seus primórdios e seus estados. Portanto, recomendamos que o leitor examine aquele artigo. Ver também o artigo sobre a *Astronomia*. Esse artigo contém especulações sobre problemas teológicos do princípio ao fim, mas especialmente sob o sétimo ponto, onde é abordada a teologia no tocante à astronomia, de modo específico. (AM C F)

## COSMÓPOLIS

Os estóicos (ver sobre o estoicismo), chamavam-se *cidadãos do mundo*, e não de alguma área ou país em particular. Não criam que os padrões morais e as leis de qualquer comunidade pudessem ser corretamente preparadas pelos membros daquela comunidade.

Antes, supunham que há uma lei universal, que a razão pode perceber, governando todos os povos. Para eles, a humanidade inteira vive em uma *cosmópolis*, isto é, a grande cidade do mundo inteiro, e não em um lugar particular. Nisso, eles anteciparam a tentativa de estabelecer a lei internacional. A doutrina da cosmópolis está relacionada ao governo racional do Logos, em todos os lugares ao mesmo tempo. Razão, direito e lei derivam-se dessa força, e não de homens individuais ou das comunidades isoladas que eles formam. Há um conceito similar na Igreja cristã, visto que a *cidade celestial* é universal, para todos os povos, para todos os tempos, e também é governada pelo Logos (chamado Cristo, por ocasião de sua encarnação). Uma verdadeira cosmópolis, porém, só será instaurada quando Deus restaurar todas as coisas (ver Efé. 1:10).

## COSMOS

Essa é a transliteração da palavra grega que significa «*mundo*», mas cujo sentido básico é «ordem» ou «adorno». Todos os conceitos em que possamos usar a palavra «mundo», envolvem-nos nesses usos, a saber: 1. Adorno pessoal, jóias, etc. (I Ped. 3:3). 2. O mundo como a súmula de tudo, o universo em ordem, no dizer de Plutarco, *Mor.* 886b (Heb. 4:3; 9:26; Fil. 2:15). Hermes, *Visão* 2.4.1, onde se lê que o mundo foi criado para benefício da Igreja. 3. O mundo como o conjunto total de todas as coisas, acima dos animais, como os homens e os anjos. Epicteto 1.9,4 (I Cor. 4:9). 4. O mundo como a terra física, o planeta terrestre (II Macabeus 3:12; Josefo, *Anti.* 9.241). 5. O mundo como lugar habitado (*Orác. Sibilinos* i.160; I Tim. 6:7). 6. O mundo como área civilizada, ou seja, em redor do mar Mediterrâneo (Col. 1:6). Foi a esse *mundo* que o evangelho atingiu, nos dias dos próprios apóstolos. 7. A terra em contraste com o céu (*Dil Chrs.* 19.59; João 3:16,17; I Tim. 1:15). 8. O mundo considerado como a humanidade (*Orác. Sibilinos* 1.189; Mat. 18:7; João 3:16,17; 6:33,51). 9. O mundo como a cena de certas vantagens terrestres, do amor, das possessões, dos cuidados com o próximo, etc. (IV Macabeus 8:23, Mar. 8:26), mas que não tem o valor nem mesmo de uma única alma. 10. O mundo dos homens, considerado como um sistema que está em estado de inimizade contra Deus (*Herm. Wr.* 6:4; Efé. 2:2; I João 5:19; João 7:4; 15:18; I Cor. 2:12). 11. O mundo como o conjunto dos *desejos mundanos*, como as ambições, o que equivale ao mundanismo (I João 2:15). Seus elementos principais e genéricos são a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o orgulho da vida. 12. A palavra «mundo» também é usada para exprimir a idéia da totalidade de algo, como dentro da frase: «Ora, a língua é fogo; é mundo de iniqüidade...» (Tia. 3:6). 13. Na filosofia, os pitagoreanos usavam essa palavra para indicar um *todo ordeiro e racional*. O vocábulo grego dá a entender aptidão e beleza, dentro do contexto da boa ordem, dentro de limites finitos. Platão usava o vocábulo em sua teoria da bondade, para indicar qualquer coisa que é dependente da organização apropriada de suas partes constituintes. Partes constituintes postas em forma compõem um *mundo*.

*Na Teologia*. No que diz respeito a este mundo, os mais significativos elementos são estes: Deus amou o mundo inteiro (João 3:16); o mundo inteiro é o objeto da missão evangelizadora cristã (Mat. 28:19); Cristo fez propiciação pelos homens do mundo inteiro (I João 2:2); o cosmos inteiro será restaurado (Efé. 1:10). (A F)

••• ••• •••

## COSTA MARÍTIMA

No hebraico, *choph*, «porto» (em Deu. 1:7 e Eze. 22:16). E *chebel*, «corda» (em Sof. 2:5-7). No grego, *parálios*, «país costeiro» (em Luc. 6:17).

A referência é às costas marítimas do extremo leste do mar Mediterrâneo, habitadas, nos dias do Antigo Testamento, primeiramente pelos cananeus (Deu. 1:7), subseqüentemente pelos filisteus (Eze. 25:16), e, finalmente, pelos fenícios (Luc. 6:17). Era uma faixa de terra bastante fértil, estreita e dotada de poucos portos, por ausência de reentrâncias como golfos e baías, e também porque as terras ali eram baixas e as águas relativamente rasas.

## COSTAS

Essa palavra vem do latim **costa**, que significa lado ou costela. Em algumas traduções, é usada no Antigo Testamento para indicar fronteiras. Atualmente, usamos esse vocábulo para indicar as costas marítimas, onde termina alguma área de terreno e começa o mar. As costas marítimas da Palestina são mencionadas, por exemplo, em Gên. 10:5; Sa. 97:1 e Jer. 47:4. As costas marítimas da Palestina eram muito regulares, sem reentrâncias como baías, pelo que não havia ali bons portos, a não ser já nas proximidades do monte Carmelo, no extremo norte da Palestina. Talvez esse seja o motivo pelo qual os israelitas apenas em raras ocasiões aventuraram-se como navegadores, como, por exemplo, na época de Salomão. Todas as tentativas posteriores, fracassaram.

## COSTAS

Quatro palavras hebraicas são usadas para indicar as costas de uma pessoa, em um total de vinte e uma referências: a. *Gab*, em Sal. 129:3; Eze. 10:12 e Dan. 7:6; b. *gav*, I Reis 14:9; Nee. 9:26; Pro. 10:13; 19:29; 26:3; Isa. 38:17; 50:6 e Eze. 23:35; c. *oref* (pescoço), em Êxo. 23:27; Jos. 7:8,12; II Crô. 29:6; Jer. 2:27; 18:17; 32:33; 48:39; e d. *shekem* (ombro), em I Sam. 10:9 e Sal. 21:12. Não há qualquer importância maior em uma palavra dessa natureza senão em um trecho como o de Êxodo 33:23, onde ainda uma outra palavra hebraica, usada por quarenta vezes, com vários sentidos, como «parte posterior», «parte de trás», etc., é empregada. Ali lê-se que Moisés viu Deus pelas costas, porque a glória de seu rosto era por demais resplendente para ser contemplada. Os intérpretes chamam isso de uso metafórico ou antropomórfico, usando de vários truques para aliviar o que é uma óbvia má teologia. O texto nos dá a idéia de que Deus tem rosto e costas, como se fosse um homem, e que, de alguma maneira, as suas costas poderiam ser vistas, mas não o seu rosto, pois seu rosto resplandeceria com intensíssimo brilho. Isso só faria sentido se Deus se assemelhasse, realmente, a um homem, dotado de alguma espécie de corpo. Naturalmente, há pessoas que supõem que assim, efetivamente, sucede; mas é absurdo concebermos o Ser Supremo segundo tais termos. Só devemos apelar para a interpretação metafórica porque Deus pode revelar-se em vários graus de glória, alguns dos quais toleráveis pelo homem, mas outros não. A esses graus que podem ser tolerados, chamamos de *costas de Deus*; e àqueles graus que nos são insuportáveis, chamamos de *face de Deus*.

Uma outra palavra usada como advérbio, «por trás», mas literalmente em Pro. 10:13; 19:29 e 26:3, referindo-se às costas de um insensato, próprias para serem fustigadas, também indica as costas do

prometido Messias, entregues aos que queriam feri-lo, em Isa. 50:6. Nos trechos de I Reis 14:9; Eze. 6:5; Nee. 9:26 e Isa. 38:17, essa palavra é usada como uma expressão idiomática, indicando «lançar para as costas», com o sentido de negligenciar ou ignorar.

**COSTELA** Ver **Mulher Feita de Costela.**

## COSTUME

Do latim, **con**, «totalmente», e **suescere**, «acostumar-se com», ou seja, algo com o que alguém fica acostumado. O termo grego correspondente é *éthos*, de onde derivamos a nossa palavra *ética*, ou seja, a conduta costumeira de um povo.

### I. Na Filosofia

1. De acordo com as teorias humanista e relativista, os costumes formariam a base da ética.

2. Dentro da teoria do *consensus gentium* (que vide), os costumes dos povos formar-se-iam mediante consenso coletivo, porquanto refletiriam as leis naturais e a verdade.

3. Mostesquieu (que vide) opinava que há um desenvolvimento da observação de como as sociedades tendem por considerar os *seus* costumes como se fossem normas *universais*.

4. Hume (que vide) tentou demonstrar que mesclamos os conceitos de costume e de causa, visto que o uso ou os acontecimentos habituais fazem-nos supor que há causas em operação. Hume negava o pressuposto que podemos provar que há um princípio de causa.

5. Os padrões espontâneos dos atos de uma sociedade cristalizam-se sob a forma de *mores* ou costumes, que se tornam os princípios de certo e errado, naquela sociedade. Os mores são os costumes dos povos, e não verdadeiros padrões de certo e errado.

6. Quando os costumes cristalizam-se, transformam-se em crenças éticas, e em seguida, em leis supostamente universais, de conformidade com o que diz o relativismo (que vide).

7. A ética absolutista e teísta nega que os costumes sejam a base da verdadeira ação ética. Antes, essa base vem de alguma fonte externa ao homem, como Deus, as forças naturais, forças cósmicas, etc., de tal modo que os homens receberiam as regras do certo e do errado da parte de algum poder mais alto que eles, e não dos costumes fixados através das experiências do dia-a-dia.

### II. Na Religião

1. O costume é uma questão meramente humana, embora possa estar escudado nas leis naturais e nos impulsos da consciência, estando assim em harmonia com a vontade de Deus.

2. Por outro lado, os costumes podem ser totalmente perversos, acompanhando a natureza pecaminosa do homem. Os esquimós, que têm o costume de entregar a própria esposa a algum visitante que passe, para que a tenha como mulher, durante a noite, dificilmente poderão afirmar que isso é um costume correto e universal. As sociedades que seguem costumeiramente a idolatria, de forma alguma poderão afirmar que isso reflete a vontade divina. Um dito popular, que peca pela raiz, por conseguinte, é aquele que diz: «A voz do povo é a voz de Deus». Na verdade, em face da natureza pecaminosa e rebelde do homem, dificilmente a voz do povo corresponde à vontade de Deus; antes, geralmente contraria a vontade revelada de Deus. É precisamente por isso que o evangelho é pregado ao mundo inteiro, conclamando os homens ao arrependimento, ou seja, à mudança de atitude mental.

3. A *ética* alicerça-se sobre as leis naturais e sobre a revelação divina, mas jamais sobre os costumes sociais, partam eles de onde partirem.

4. Na Bíblia, encontramos uma *tradição estabelecida*, orientada por Deus, que então se torna o costume do povo (no caso específico, do povo de Israel; e nos tempos neotestamentário, dos cristãos que seguem a Bíblia) ou seja, um modo fixo de ação (I Sam. 2:13), uma norma habitual (I Sam. 27:11), ou uma forma tradicional (Gên. 40:13; Êxo. 21:9; Juí. 18:7). No Novo Testamento, o vocábulo grego *éthos* significa costume no sentido de hábito (Luc. 22:19; Atos 25:16). No evangelho de João, um termo cognato daquele vocábulo denota os costumes sociais. Essa palavra também é aplicada às tradições religiosas dos antepassados, sem importar se mosaicas ou rabínicas (Luc. 1:9; 2:42; Atos 6:14; 15:1; 16:21; 21:21; 26:3; 28:17).

## COSTUMES FUNERÁRIOS

Ver o artigo geral sobre **Sepultamento.**

## COSTURAR

No hebraico, **taphar**, palavra que ocorre por quatro vezes: Gên. 3:7; Jó. 16:15; Ecl. 3:7 e Eze. 13:18. No grego, *epirápto*, «costurar sobre», que aparece somente em Marcos 2:21.

A origem da técnica da costura está perdida nas brumas da antiguidade da raça humana. O livro de Gênesis relata que o primeiro casal, Adão e Eva, costurou folhas de figueira. Eles queriam fazer uma espécie de aventais, a fim de encobrir a nudez recém-percebida, segundo se lê em Gênesis 3:7. No mundo mediterrâneo antigo, tanto os homens quanto as mulheres sabiam costurar. O Senhor Jesus referiu-se a essa habilidade quando disse: «ninguém costura remendo de pano novo em veste velha...» (Mar. 1:21). Parece evidente que Paulo fazia muito trabalho de costura, quando fabricava tendas, por ser esse o seu ofício. Ver *Artes e Ofícios*.

## COTA DE MALHAS

Ver o artigo geral sobre **Armadura, Armas.** Ver I Sa. 17:5,38 e I Reis 22:34. No hebraico, a palavra é *shiryon*. As cotas de malha eram de diferentes tipos. Havia desde cotas de malha de couro, fortificado com pedaços de metal, em escamas, até vestimentas inteiramente de metal. As referências bíblicas, mais provavelmente, apontam para as jaquetas de couro com metal entrelaçado, onde ficavam presas as escamas. Esse tipo de proteção tem sido encontrada pelos arqueólogos, estampado nos relevos assírios. Fragmentos dessas peças de vestuário também têm sido encontrados em várias escavações feitas no Oriente Próximo.

## COULANGES, FUSTEL DE

Suas datas foram 1830-1889. Foi um dos mais proeminentes historiadores franceses sobre o mundo antigo e sobre a história medieval. Ele tentou demonstrar que as *idéias*, e, mais particularmente, as *idéias religiosas*, são as causas das mudanças sociais, bem como o fator primário dos fenômenos sociais. Ele procurou demonstrar que o aparecimento de novas religiões e de movimentos religiosos provoca mudanças radicais na sociedade. Grande parte de sua

filosofia está contida no livro de sua autoria, *The Ancient City*.

**COURAÇA** Ver **Armadura, Arma.**

**COURNOT, ANTOINE**

Suas datas foram 1801-1877. Filósofo e matemático francês. Nasceu em Gray. Foi professor em Paris, Lyons e Grenoble. Foi reitor da Academia de Grenoble, e então da Academia de Dijon.

*Idéias*: 1. O acaso e a descontinuidade são tão reais quanto a boa ordem e a continuidade. No entanto, podemos chegar ao conhecimento da verdadeira natureza das coisas, ao que os filósofos chamam de «coisa em si mesma». 2. O método de abordagem é a vida intelectual, de acordo com o que, através de princípios mais profundos e abrangentes, as conexões de fenômenos aparentemente desvinculados podem vir a ser estabelecidas. 3. O alvo da filosofia é elaborar categorias de forma, unidade, simplicidade e simetria. 4. Nessa análise, o filósofo descobre as coisas que se caracterizam pelas qualidades de finalidade e vitalidade, e que não podem ser reduzidas a questões físicas ou químicas. Em um nível ainda mais alto, através de nossas categorias intelectuais, descobrimos Deus. A superioridade de Deus não depende do conhecimento que ele tem do futuro (o que é uma questão contingente), mas depende do fato de que, diferente do homem, ele tem seguro conhecimento do que é contingente e do que não o é.

*Obras. Researches into Mathematical Principles of the Theory of Wealth; Exposition of the Theory of Chance and of Probability; An Essay on the Foundations of Our Knowledge; Treatise on the Linkage of Fundamental Ideas in the Sciences and in History*. (EP P)

**COURO** Ver **Peles de Animais (Trabalho em Couro).**

**COUSIN, VICTOR**

Suas datas foram 1692-1867. Filósofo francês nascido em Paris e ali educado. Foi professor na Escola Normal de Paris e na Sorbonne. Foi ministro da instrução pública e membro do Institut de France. Foi porta-voz do *Juste Milieu*, uma classe elitista filosófica. Foi influenciado por Locke, Condillac e pela filosofia escocesa do bom senso de Thomas Reid. Maine de Biran, Schelling e Hegel também influiram sobre o pensamento de Cousin. Ele procurou criar certa fusão de idéias, fazendo esse filósofo voltar-se para o espiritualismo (que vide).

**Idéias:**

1. A filosofia teria a tarefa de classificar e a necessidade de interpretar as experiências humanas, de maneira a extrair sentido das mesmas. Deveria ser um instrumento de observação, indução e análise.

2. A *espontaneidade* seria sua própria causa, servindo de importante princípio filosófico. A espontaneidade é a origem da liberdade. O homem é dotado de uma percepção espontânea, e, através disso, pode obter discernimento quanto às leis da razão, da substância e da causalidade. Partindo dessas leis, o indivíduo pode passar da psicologia para os discernimentos da ontologia (que vide).

3. Esse processo leva-nos até Deus como a causa absoluta. Deus também é a substância e a espontaneidade absolutas, a divina atividade que tem lugar sem qualquer deliberação prévia.

4. A filosofia giraria em torno de quatro pontos de vista principais: o empirismo, o idealismo, o ceticismo e o misticismo. Todos os sistemas seriam verdadeiros, mas incompletos. A função da filosofia consistiria em unir esses sistemas, provendo assim um pensamento filosófico que se ajuste à *totalidade* da consciência humana.

*Obras*: *Philosophical Fragments; Course in the History of Philosophy; Course in the History of Modern Philosophy; The Good and the Beautiful*. Ele também publicou muitos volumes sobre os filósofos Proclo, Descartes e Platão.

**COVA DOS LEÕES**

A palavra «cova» é tradução de várias palavras hebraicas e de uma palavra grega. No caso da «cova dos leões» onde Daniel foi lançado, a palavra aramaica é *gob*, usada por dez vezes (Dan. 6:7,12,16,17,19,20,23,24). O termo grego é *spélaion*, usado por seis vezes: Mat. 21:13 (citando Jer. 7:11); Mar. 11:7; Luc. 19:46; João 11:38; Heb. 11:38; Apo. 6:15. Outras palavras hebraicas podem indicar o esconderijo de algum animal feroz (Jó 37:8; Sal. 10:9; 104:22; Isa. 32:14). Também pode estar em foco uma cavidade nas rochas ou no chão, onde se oculta alguma serpente (Isa. 11:8). Pode estar em foco uma caverna ou fissura, onde os animais podem se ocultar (Juí. 6:2; Heb. 11:38; Apo. 6:15), o que, algumas vezes, é usada por pessoas que estão sendo procuradas, ou por ladrões que se ocultam da lei (Mat. 21:13; Mar. 11:17).

A cova dos leões é mencionada por dez vezes no livro de Daniel (ver acima). A história informa-nos que os babilônios e assírios guardavam leões que haviam capturado nos alagadiços, como animais para caçar ou como animais de estimação. A arqueologia tem confirmado isso nos magníficos relevos descobertos, como aqueles do governante neo-assírio, Assurnasipal II (883-859 A.C.), em Ninrode, ou de Assurbanipal, em Nínive (668-627). Os medos-persas deram prosseguimento ao costume. Na lei mesopotâmica iraniana havia provisões para castigar por meio de provas, como enfrentar um leão e ser esmigalhado pelo mesmo. Daniel e seus companheiros foram sujeitados a esse tipo de castigo. O trecho de Jó 38:39-41 refere-se a uma cova de leões como lugar temível.

**CÔVADO**

Ver o artigo sobre **Pesos e Medidas**. No hebraico é *ammah*, palavra de ocorrência freqüente, pois figura por pouco mais de duzentas vezes no Antigo Testamento.

O côvado era uma medida derivada do corpo humano (Deu. 3:11). Essa medida variava de um país para outro, não havendo certeza sobre a maneira como era determinada. Parece ter sido o comprimento desde o cotovelo até o fim do dedo médio da mão, o dedo mais longo. O côvado egípcio consistia em seis larguras da mão, conforme se tem descoberto nas ruínas encontradas em Mênfis. Esse foi o côvado adotado pelos israelitas. Nos escritos rabínicos (*Mischn. Chelim*, 17.9), encontramos o côvado dividido em larguras de mão, e Josefo (*Anti.*) indica a mesma coisa, porquanto dois palmos equivalem a seis larguras de mão. Isso faz o côvado ter, aproximadamente, 44,5 cm. Em I Reis 7:26, encontramos a largura da mão usada como medida; e o palmo aparece em Êxo. 28:16. Os egípcios também dispunham de um côvado maior, o que parece estar indicado, igualmente, nos trechos de Eze. 40:5 e 43:13, o que significa que Israel tinha mais de um côvado. Esse côvado maior tem sido chamado de côvado real, que era mais longo que o côvado normal uma largura de mão, dando-lhe, aproximadamente, o

comprimento de 52 cm.

## COVENANTERS

Esse foi o título dado aos que, na Escócia, contenderam resolutamente pela liberdade religiosa, entre 1637 e 1688, contra o absolutismo dos Stuarts, na Igreja e no Estado. Esse nome proveio da fé reformada, e aqueles homens estiveram envolvidos na questão. Em inglês, *covenant* significa «pacto». Os «covenanters» eram os que haviam entrado em algum pacto. O mais importante desses pactos foi chamado Pacto Nacional, assinado em 1638, na igreja de Greyfriars, em Edimburgo, na Escócia, pela maioria dos nobres e por grande número de cidadãos comuns.

O estado virtualmente agrilhoara a Igreja reformada na Escócia. Houve um ponto crítico quando o rei Carlos I introduziu um novo Livro de Cânones, que incluía uma liturgia que era contrária às convicções dos reformadores. As reclamações levaram-no a recuar por algum tempo. Ele permitiu uma Assembléia Geral, em 1637. Essa assembléia aboliu a prelazia (que vide), isto é, o tipo de governo eclesiástico segundo o qual quem exerce o poder são os bispos, os arcebispos, os metropolitanos e os patriarcas. Na Igreja Anglicana, esse poder reduz-se à autoridade dos bispos e arcebispos. Por causa dessa alteração, seguiu-se a luta armada, durante a qual os escoceses levaram a melhor. Então o rei garantiu a liberdade religiosa, embora não tivesse cumprido a sua palavra. Em 1643; os escoceses entraram na Liga Solene, com o parlamento inglês. Rebentou a guerra civil, o exército parlamentar triunfou, e Carlos I foi executado. Porém, a luta estava longe do fim. Carlos II prometeu defender os covenanters; e, no entanto, começou grande opressão contra eles. Foram executados importantes líderes dos covenanters, como Argyle, Sir Archibald Johnston, e vários outros. Muitos ministros do evangelho foram banidos, milhares de pessoas foram encarceradas, e todos sofreram perseguição. Porém, o processo histórico estava do lado dos covenanters. Em 1688, a revolução, sob a direção de Guilherme de Orange, garantiu a liberdade religiosa na Escócia. (B C)

## COVERDALE, MYLES

Suas datas foram 1488-1568. Foi o tradutor da primeira Bíblia completa impressa no idioma inglês (1535), e editor da Grande Bíblia (1539), a primeira das versões *autorizadas* em inglês. Coverdale sentiu que teria de sair das ilhas britânicas para as terras continentais européias, a fim de escapar da perseguição, acusado de heresia como fora. O bispo de Exeter, em 1551, privou-o de sua sé por ocasião da subida ao trono da rainha Maria. Os chamados hereges, em muitos casos, fizeram grande contribuição para a fé religiosa. Obviamente, houve e há hereges autênticos, que foram e continuam sendo forças negativas. Mas estamos falando dos que são tachados *hereges* sem o serem. A morte de Henrique VIII, em 1547, permitiu que os reformadores se tornassem mais fortes, e, no tempo do reinado de Eduardo VI, Coverdale foi feito bispo de Exeter, em 1551. Porém, poucos anos mais tarde, quando Maria I, a Católica, subiu ao trono, Coverdale precisou fugir novamente para terras continentais. Em Genebra, na Suíça, Coverdale participou na produção da Bíblia de Genebra, lançada pelos calvinistas, —que veio a ser a versão inglesa favorita dos puritanos e de muitos outros grupos evangélicos. Finalmente, foi ultrapassada pela versão autorizada de 1611, intitulada em inglês King James Version. Quando Isabel I subiu ao trono, Coverdale regressou à Inglaterra. Nunca mais recebeu posições eclesiásticas importantes, mas foi-lhe dada uma pensão vitalícia, em Londres. Faleceu nessa cidade, a 20 de janeiro de 1569. Foi um homem da Bíblia do começo ao fim, pelo que a sua vida foi muito útil à causa do cristianismo evangélico. (AM E)

## COXA

Há duas palavras hebraicas e uma palavra grega a considerar, neste verbete, a saber:

1. *Yarek*, «coxa», palavra que ocorre por trinta e quatro vezes, das quais vinte e uma vezes com esse sentido. Por exemplo: Gên. 24:2,9; 32:25,31,32; Núm. 5:21,22,27; Juí. 3:16,21; Can. 3:8; Eze. 21:12; 24:4.

2. *Yarekah*, «coxa». Palavra aramaica que aparece somente em Dan. 2:32.

3. *Merós*, «coxa». Palavra grega que ocorre somente em Apo. 19:16.

A coxa é a parte superior da perna de uma pessoa, entre os quadris e o joelho. A coxa é suportada pelo maior, mais longo e mais forte osso do corpo humano, o fêmur. Tem a forma de um cone invertido e truncado. Na parte superior, a coxa é limitada pela virilha, pelo períneo, na parte interna, pela dobra das nádegas, na parte detrás, e pelos quadris, lateralmente. Na parte inferior, a coxa é limitada pela proeminência do joelho, na parte da frente, e pelo chamado espaço poplíteo ou dobra da perna. Além do fêmur, a coxa consiste em fortes músculos, além dos vasos sangüíneos, vasos linfáticos e nervos, estruturas todas essas rodeadas por uma faixa fibrosa forte, como se fora a casca de uma árvore.

O deslocamento da junta da coxa com os quadris ocorre na porção superior do fêmur, mais comumente em um movimento para a frente, embora também se reconheça um movimento para trás. Quando o Anjo do Senhor tocou no nervo da coxa de Jacó (Gên. 32:25), sem dúvida fê-lo na dobra de uma das nádegas. Alguns estudiosos pensam que isso produziu o deslocamento da própria junta. Se isso realmente ocorreu, então Jacó deve ter ficado com o movimento afetado da perna correspondente, precisando apoiar-se sobre o dedão do pé. Deve-se notar que a cabeça do fêmur, nesses casos, eleva-se dentro de seu soquete, de tal modo que os músculos da área ficam mais curtos. Esses músculos encurtados talvez correspondam à descrição de Gênesis 32:32, «...o nervo do quadril, na articulação da coxa...»

Uma outra interpretação sobre a injúria sofrida por Jacó é aquela que pensa no «moderno diagnóstico, muito em moda, do rompimento do disco intervertebral, o que produz uma dor ciática muito severa e intratável, por motivo de pressão das extremidades nervosas». Com base nesse outro ponto de vista, o «nervo do quadril» seria o nervo ciático. Todavia, essa interpretação envolve a dificuldade de se explicar como o toque na coxa poderia ter produzido a injúria do disco da vértebra.

É digno de nota que os patriarcas de Israel tinham por costume pôr uma mão debaixo da coxa, em conexão com juramentos solenemente feitos (ver Gên. 24:2; 47:29). Também era costume cingir a espada de encontro à coxa (Sal. 45:3). Assim sucedia porque a mão chega àquela altura com naturalidade, e o cabo da espada, pois, tornava-se facilmente acessível, em algum inesperado encontro com o inimigo (Can. 3:8). Em contraste com isso, bater uma mão de encontro à coxa servia de manifestação externa de vergonha e

surpresa (Jer. 31:19; Eze. 21:12). O gesto era feito como se alguém apalpasse em busca de uma espada que não estava ali, e o indivíduo percebesse, subitamente, que estava desarmado.

Em último lugar, mas não menos importante, é a observação que, por ocasião do aparecimento triunfal de Jesus, ele trará sobre a coxa a inscrição «Rei dos reis e Senhor dos senhores» (Apo. 19:16).

## COZBI

O nome provém do acádico **kuzbu**, «volúpia». Mas outros pensam que o nome significa «enganadora». Esse era o nome de uma mulher midianita, filha de Zur, que Finéia executou juntamente com seu amante israelita, Zinri, em cerca de 1452 A.C. Essa tribo de nômades montados em camelos invadiu a Palestina na época dos juízes de Israel. Introduziram maus costumes, como a idolatria e a imoralidade, além de outros danos de ordem material. O nome de Cozbi aparece somente em Núm. 25:15,18. Os príncipes de Midiã foram feridos em número de cinco, porquanto os israelitas haviam sido corrompidos no deserto, pelos midianitas (Jos. 13:21). Após a morte de Cozbi, houve outra guerra de Israel contra os midianitas.

## COZEBA

No hebraico, «falsidade». Nome de uma pequena aldeia, localizada nas terras altas da Judéia (I Crô. 4:22), que alguns estudiosos têm identificado com a moderna Khirbet ed-Dilb. A arqueologia tem descoberto ali peças de cerâmica do início da era do Ferro. Mas outros eruditos identificam-na com Quezibe, uma aldeia na fronteira da Sefelá, no centro do território de Judá (Gên. 38:5). Também há quem conjecture tratar-se do moderno Tell el-Beida, cerca de cinco quilômetros a oeste de Adulão.

## COZINHADO

No hebraico, **nazid**, vocábulo que ocorre por seis vezes: Gên. 25:29,34; II Reis 4:38-40; Ageu 2:12. Essa palavra significa algo «cozinhado», segundo se vê em Gên. 25:29,34. Nessa referência, temos o preço que Esaú pagou a Jacó, para perder o seu direito de primogenitura. O vs. 34 informa-nos que o cozinhado era preparado com lentilhas. Poderia ter sido preparado com vários legumes, porquanto só precisava ser algo cozido, — sem necessidade de ser algo específico. Em Ageu 2:12, um «cozinhado» é mencionado lado a lado com vários outros mantimentos. O trecho de II Reis 4:39 informa-nos que os discípulos de Eliseu prepararam uma panela com cozinhado para comerem.

*Usos figurados.* Com base na narrativa sobre Jacó e Esaú, um «cozinhado» veio a significar qualquer coisa de grande valor, pelo que se pagou um preço ridículo. Ou, por extensão, a insensatez de sacrificar alguma coisa importante ou valiosa, em troca de algo sem valor.

## COZINHAR, COZINHEIRO

A palavra hebraica **tabbach**, usada com o sentido de «cozinheiro» apenas por duas vezes — I Sam. 9:23,24 — também tinha os sentidos de açougueiro, executor e guarda. A conexão é que um cozinheiro geralmente era quem abatia os animais para consumo humano. Em todas as casas havia cozinheiros e cozinheiras não profissionais; mas também os havia profissionais (Gên. 40:1; I Sam. 9:23,24). As escravas e servas com freqüência também eram cozinheirás (I Sam. 8:13), mas as donas de casa também sabiam cozinhar (Gên. 18:6; 27:9). Também havia cozinheiros (Gên. 18:7; 25:29; 27:31). Gideão sabia como cozinhar e cozer bolos (Juí. 6:19). Um cozinheiro é sugerido no trecho de Lucas 17:8. É possível que, nas atividades do templo de Jerusalém, os sacerdotes se ocupassem no cozimento das carcaças dos animais abatidos, o que também podia ser feito por auxiliares.

*Utensílios de Cozinha.* A arqueologia tem iluminado amplamente essa questão. Esses utensílios eram os mais variados, de vários metais, tamanhos e formatos. Alguns deles eram largos e fundos, outros estreitos e rasos. Quanto à configuração geométrica eram quase esféricos. Alguns tinham duas asas, e outros, uma só. Alguns desses utensílios tinham perfurações por onde se passava um cordão, para facilitar-lhes o transporte. Havia grelhas, panelas, jarras, taças, copos, frigideiras, etc., feitas de barro ou de vários metais. Também havia facas e colheres. Referências bíblicas a potes, panelas, caldeirões, cestas, pratos, frigideiras, etc., aparecem em Êxodo 16:3; I Samuel 2:14; II Reis 2:20; 4:38; 21:13; 25:15 e II Crônicas 35:13.

**Sentidos Simbólicos e Psicológicos.** A preparação de uma refeição simboliza **suprimentos**. Quanto mais elaborada for essa preparação, mais abundante será o suprimento. Além disso, o ato de cozinhar pode simbolizar a preparação do crente para alguma coisa, ou a realização de alguma tarefa específica. O ato de cozinhar, igualmente, pode retratar a transformação de matérias primas em algo útil, ou seja, a realização de alguma tarefa ou projeto. Pode indicar progresso na apreensão da verdade. Virar alguma coisa em uma panela pode indicar o ato de pensar, de raciocinar sobre alguma coisa, ou o ato de procurar alguma resposta. A dificuldade em engolir algo pode indicar a relutância em aceitar algum ensinamento, idéia ou circunstância externa. Uma *panela redonda*, que apareça em uma visão ou sonho, pode simbolizar a ansiedade da pessoa para expandir seus horizontes e experiências.

Em sentido negativo, o ato de cozinhar pode simbolizar o planejamento ou a execução de projetos com maus desígnios. Também há o caldo das bruxas, como símbolo de mágica e adivinhação, ou então de maldições e obras malignas. De outras vezes, o ato de cozinhar pode envolver sentidos psicossomáticos, como advertência contra certos alimentos ou maneiras de preparar os mesmos. Mas, talvez na maioria dos casos, sonhar com o ato de cozinhar, com alimentos ou com refeições, significa apenas que a pessoa está com fome. Portanto, nada de precipitações na interpretação dos sonhos! (CHE S UN Z)

## COZINHAS

No hebraico, **bashal**, «cozinhar». Enquanto a versão portuguesa diz, em Ezequiel 46:24: «São estas as *cozinhas*, onde os ministros do templo cozerão...», o original hebraico diz algo como: «São estes os *lugares*, onde os ministros do templo cozerão...». A cena fazia parte de uma visão que Ezequiel teve sobre o templo de Jerusalém, no tocante a um dos quatro subátrios do átrio exterior, onde o povo poderia preparar seus sacrifícios, nas lareiras ali providas com esse propósito. Os sacerdotes cozinhavam suas ofertas em suas próprias cozinhas (vs. 19,20), a fim de que não entrassem em contacto com coisas imundas e nem com pessoas não consagradas. (Z)

••• ••• •••

**CRANMER, THOMAS**

Reformador religioso inglês e arcebispo de Canterbury. Nasceu em Aslockton, em Nottinghamshire, em 1489. Faleceu em 1556. Educou-se na Universidade de Cambridge; foi membro do Colégio de Jesus. Mas casou-se, e perdeu o posto. Porém, após o falecimento de sua esposa, retornou ao ministério. Foi ordenado em 1520, notabilizando-se por seus estudos das Escrituras e da teologia; e recebeu o doutorado em 1526. As doutrinas da Reforma protestante (que vide) abalaram a Universidade de Cambridge na época de Cranmer. E ele mesmo declarou-se contrário à idéia da supremacia papal. Seus contínuos estudos da Bíblia e dos escritos patrísticos afastavam-no cada vez mais dos padrões do catolicismo romano. Envolveu-se nos problemas do divórcio de Henrique VIII, e, finalmente, já como arcebispo, declarou nulo o primeiro casamento do rei. Antes mesmo disso obtivera o favor real, tendo sido recompensado com o cargo de capelão real e de arquidiácono de Tauton. Foi enviado ao estrangeiro em missão diplomática, em 1530, ao imperador Carlos V, da Alemanha. Estando na Alemanha, casou-se secretamente com uma sobrinha do reformador luterano Andreas Osiander. Em 1532, o rei da Inglaterra chamou-o de volta, nomeando-o arcebispo de Canterbury. Foi consagrado a 30 de março de 1533.

Cranmer estava preparado para efetuar reformas ainda mais amplas na Igreja Anglicana. Influenciou a formulação dos *Dez Artigos*, de 1536, os primeiros da Igreja da Inglaterra. Também contribuiu com alguma coisa para o *Livro do Bispo*, desse mesmo ano. Promoveu, igualmente, a publicação da Bíblia em inglês, e participou da preparação do *Livro de Oração Comum*, em suas edições de 1549 e 1552. A edição de 1662, dessa obra, continua sendo usada pela denominação anglicana. Cranmer também tomou parte na formulação dos *Quarenta e Dois Artigos*, de 1553, os quais terminaram sendo reduzidos aos famosos *Trinta e Nove Artigos*.

Quando Eduardo VI tornou-se rei, Cranmer recebeu a grande responsabilidade de dirigir as reformas que alteraram em muito a Igreja Anglicana, o que incluiu a produção das obras acima citadas. Então ocorreu a calamidade. Maria I sucedeu a Eduardo VI no trono. E essa rainha, pelo menos temporariamente, fez a Igreja Anglicana reverter às suas raízes católicas, incluindo o reconhecimento da autoridade do papa. Cranmer foi acusado de traição, por causa de envolvimentos políticos que eram então desaprovados. Foi forçado a contemplar os martírios de Latimer e Ridley (ver os artigos sobre eles), e foi condenado por heresia, em 1556. Suas ordens clericais foram canceladas, e foi forçado a retratar-se, sob pressões. Porém, no dia de sua execução, em Oxford, a 21 de março de 1556, repudiou suas retratações, e experimentou a execução na fogueira, com grande coragem. Um toque dramático foi que ele manteve sua mão direita nas chamas, até ela ser consumida, porquanto com aquela mão assinara sua retratação. Através de Cranmer é que a Igreja Anglicana alicerça suas reivindicações de sucessão apostólica, o que a Igreja Católica Romana repudia. Ver o artigo sobre a questão da *Sucessão Apostólica*. Mas, com ou sem a sucessão apostólica, Cranmer deixou sua marca indelével na história da Igreja, como força positiva em prol da verdade, sem importar os erros em que tenha caído. (AM E P)

**CRANTOR**

Filósofo grego que viveu entre os séculos IV e III A.C. Nasceu em Soli, na Cilícia. Provavelmente estudou com Xenócrates (que vide) e com Pólemon (que vide). Foi membro da primeira Academia (que vide) de Platão. Seu interesse básico eram as questões éticas, embora tenha composto o primeiro comentário conhecido sobre o *Timaeus* de Platão, um diálogo metafísico e científico. Além desse comentário ele fez um estudo sobre a *Dor*.

**CRASHAW, RICHARD**

Suas datas foram 1613-1649. Foi um poeta inglês, educado em Cambridge por algum tempo, membro da Peterhouse. Tornou-se católico romano nos seus últimos anos ali, e, por motivo das perseguições que sofreu, finalmente, mudou-se para o continente europeu. Sua principal obra foi *Steps to the Temple*, escrita quando ele ainda era nominalmente um anglicano. Assinala-se por um êxtase devocional quase sem-par na língua inglesa. Em 1646 foi a Roma e foi apresentado ao papa, após o que foi galardoado com um ofício eclesiástico no santuário de Loreto. Faleceu ali, a 21 de agosto de 1649. Foi um grande desvio para um homem que fora criado como puritano, e cujo pai fora ministro protestante.

**CRATES**

Esse foi o nome de nada menos de três filósofos gregos, a saber:

1. Crates de Atenas, que sucedeu Pólemon, como líder da Academia de Platão (270-268 A.C.). Ele interessava-se, acima de tudo, pela ética.

2. Crates de Malo, do século II A.C. Foi filósofo estóico, líder da biblioteca de Pérgamo. Opunha-se a Aristarco. Foi líder da escola alexandrina.

3. Crates de Tebas. Foi um filósofo cínico da porção final do século IV A.C. Foi famoso estudante de Diógenes, e também o último grande representante do cinismo (que vide). Ajudou a desenvolver o chamado ensaio satírico, que se tornou o padrão do modo de expressão daquela escola.

**CRÁTILO**

Viveu em torno de 410 A.C. Foi filósofo sofista grego (que vide). Desenvolveu uma forma radical da doutrina de Heráclito, ao afirmar que tudo está em estado de fluxo, ao ponto em que não se pode pisar por duas vezes no mesmo rio. Essa foi a doutrina que ajudou Platão a afirmar que o *conhecimento* não pode alicerçar-se sobre a percepção dos sentidos, e nem sobre o mundo material em constante fluxo. Isso posto, o conhecimento deve estar fundamentado sobre a razão, a intuição e o misticismo. O conhecimento verdadeiro dependeria do mundo das *idéias* ou *universais* (que vide). Platão escreveu um diálogo intitulado *Crátilo*. Nesse diálogo, Platão atribui a Crátilo a noção de que os nomes das coisas naturalmente são vinculadas às coisas, as quais, de alguma maneira, apegam-se corretamente. Porém, a doutrina do fluxo de todas as coisas labora contra tal noção, porquanto qualquer coisa que vive em constante modificação na natureza dificilmente pode ter um nome que reflita verazmente qualidades específicas fixas e naturais.

**CRÉDITO, CREDOR** (Ver também sobre **Juros**).

No hebraico, **nashah**, palavra que ocorre por onze vezes no Antigo Testamento, por duas vezes com o claro sentido de credor, a saber, II Reis 4:1 e Isaías

50:1. No Novo Testamento temos a palavra grega *daneistés*, «emprestador», que aparece somente em Lucas 7:41.

A Bíblia, no Antigo e no Novo Testamentos, fala sobre os credores, pessoas que emprestam dinheiro ou bens a alguém, que passa a ser o devedor. A lei mosaica (ver Deu. 23:19) não permitiu que um judeu cobrasse juros de outro judeu. Mas podiam ser cobrados juros dos estrangeiros que se encontrassem em Israel. Usualmente, nos casos de empréstimo, algo de valor servia de penhor, por parte do devedor, o que era confiscado caso o pagamento da dívida não fosse feita. As leis, tanto na cultura hebréia como em outras culturas antigas, eram bastante brutais quanto a esse aspecto. Basta dizer que a família inteira de um homem podia ser vendida à escravidão se ele não pagasse as suas dívidas. Ver II Reis 4:1. Juros eram cobrados (Lev. 25:37; Deu. 23:20), e isso dava margem a tremendos abusos. Jesus acusou os fariseus de devorarem as casas das viúvas. Isso mostra como pessoas religiosas, impelidas pela ganância, são capazes de atos de desumanidade. Tais explorações são contrárias à lei do amor, que é o cumprimento dos requisitos morais da lei inteira (Rom. 13:9,10). No trecho de Lucas 7:41, temos a menção ao credor (no grego, *daneistés*) que perdoou generosamente ao devedor, que lhe devia imensa quantia. Em seguida, Jesus fez a pergunta: «Qual deles, portanto, o amará mais?», após ter-se referido a um devedor muito menor, cuja dívida não fora perdoada. A resposta óbvia à pergunta de Jesus é que quem mais foi perdoado, mais ama. Esse texto espiritualiza a questão, fazendo-a ilustrar o perdão dos pecados e o plano da redenção, traçado pelo Senhor Deus. Esses benefícios espirituais deveriam inspirar-nos ao amor a Deus, que é o Grande Credor, ao passo que todos os homens são os devedores.

**CREDO** Ver também sobre **Credos**.

Essa palavra vem do latim, com o sentido de «creio». Essa é a palavra por detrás do vocábulo português «credo». Ver o artigo abaixo sobre os *Credos*. Em relação ao termo latino *credo*, há vários «slogans» usados por teólogos e filósofos, que têm provocado considerável discussão. Consideremos os seguintes:

1. *Credo quia absurdum est*, «Creio porque é absurdo». E também: *Credo quia impossibile est*, «Creio porque é impossível». Essas são famosas declarações de Tertuliano (que vide), o qual enfatizava com elas a doutrina da fé, que não corresponde à compreensão e à investigação humanas. A verdade com freqüência reveste-se de uma aura fantástica. Quanto mais a ciência descobre, mais isso torna-se óbvio. Muito mais ainda, certas grandes verdades espirituais não se adaptam à lógica humana. Aquilo que os homens pensam ser absurdo ou impossível, bem pode corresponder à verdade dos fatos. Por outro lado, essa atitude pode tornar-se uma desculpa para a *credulidade* (que vide), que é a crença fácil e tola.

2. *Credo ut intelligam*, «Creio para poder compreender». Essa declaração foi feita por Agostinho, e também foi utilizada por Anselmo (ver os artigos a respeito deles). Essa declaração ensina-nos que a crença pode ser necessária para a boa compreensão das coisas, ao passo que a atitude do ceticismo deixa a pessoa nas trevas.

3. *Credo*, «Creio». Essa palavra introduz vários credos importantes da Igreja cristã.

4. Na missa da Igreja Católica Romana, o *credo* é a terceira parte, uma repetição do Credo Niceno (que vide).

**CREDO ATANASIANO**

Com freqüência denominado **Quicunque Vult**, por causa das palavras iniciais, sendo um dos três credos chamados ecumênicos. Os outros dois são o apostólico e o niceno (ver os artigos). Originou-se no Ocidente, mas os seus conceitos tiveram vasta influência por toda a Igreja. Foi incluído como um apêndice nos Ofícios Horários da Igreja Ortodoxa Oriental. O *Athanasium* originalmente era uma espécie de comentário sobre o *fides Athanasii* ou sobre o credo niceno. A maioria dos eruditos vêem-no como pós-agostiniano, mas outros argumentam em favor de uma origem nos dias de Apolinário, ou seja, pré-nestoriano (ver o artigo a respeito). Seja como for, não foi escrito por Atanásio (ver o artigo), embora seu nome tivesse sido incluído como um campeão da ortodoxia, que o credo pretendia promover. Nos primeiros séculos foi altamente considerado entre os monges como próprio para a meditação e a memorização. Com a reavivamento da música sacra sob Carlos Magno (ver o artigo), passou a ser usado como um cântico, e foi posto no ofício de Prime (ver o artigo). No primeiro Livro de Oração de Eduardo VI (1549), foi decidido que deveria ser cantado ou recitado após o Benedictus, nas festividades maiores. No quinto Livro de Oração da Inglaterra (1662), que continua sendo o único livro oficial da Oração Comum na Igreja Anglicana, ficou decidido que a confissão fosse entoada ou recitada na Oração Matinal em vez do Credo dos Apóstolos, nas treze festividades, incluindo todas as principais festividades.

**O Credo:**

«A fé católica é esta: adoramos um Deus em trindade, e a trindade em unidade: nem confundindo as pessoas e nem dividindo a substância. Pois há uma pessoa do Pai, outra do Filho e outra do Espírito Santo. Mas a deidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, é apenas uma; a glória é igual, a majestade é co-eterna. Tal como é o Pai, assim é o Filho e assim é o Espírito Santo; a saber, não criado, incompreensível, eterno. O Pai não foi feito de ninguém, nem criado e nem gerado. O Filho é apenas do Pai; nem feito e nem criado, mas gerado. O Espírito Santo é do Pai e do Filho; nem feito, nem criado, nem gerado, mas procedente».

Esse credo foi originalmente composto para opor-se a vários presumíveis erros acerca da cristologia e da divindade. Várias controvérsias produziram suas declarações distintivas, tendo sido originalmente escrito com um zelo fanático, para censurar os hereges. Assim, foi prefaciado como segue:

«Quem tiver de ser salvo, antes de tudo é mister que se apegue à fé católica, fé essa que, se alguém não a guardar sã e sem mácula, sem dúvida perecerá eternamente. E a fé católica é esta».

Por causa disso, muitos têm sentido que à sua atitude falta a característica do amor, pelo que não deveria ser incluído nos cultos. (AM B S)

**CREDO CONSTANTINOPOLITANO**

Um outro nome para esse credo é Credo Niceno-Constantinopolitano. O concílio de Calcedônia, de 451 D.C. (que vide), atribuiu esse credo ao concílio de Constantinopla, de 381 D.C. Esse credo difere do Credo Niceno, de 325 D.C., por haver

adicionado a declaração, a respeito do Espírito Santo, como procedente do Pai. A declaração completa diz: «O Espírito Santo, o Senhor e Doador da Vida, procede do Pai, e, juntamente com o Pai e o Filho, é adorado e glorificado, e o qual falou através dos profetas». Esse credo também acrescentou algumas declarações sobre a Igreja, o batismo e a ressurreição, assemelhando-se muito à fórmula de Epifânio (que vide), de 374 D.C. Ver o artigo sobre os *Credos da Cristandade*. (E)

## CREDO DOS APÓSTOLOS

Esse credo é usado no culto da Igreja Católica e também por muitos grupos protestantes, como uma afirmação tradicional de crenças fundamentais. Lemos no Livro da Oração Comum, da Igreja Anglicana:

«Creio em Deus, o Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, Seu Filho unigênito e nosso Senhor, o qual foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, sofreu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. Desceu ao inferno. Ao terceiro dia ressuscitou dentre os mortos. Subiu ao céu e assenta-se à mão direita de Deus Pai, Todo-Poderoso. Dali virá para julgar a vivos e mortos. Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Universal, na comunhão dos santos, no perdão dos pecados, na ressurreição do corpo e na vida eterna. Amém».

Essa forma do credo é uma elaboração local de uma forma romana mais antiga, usada no sudoeste da França no século VII. Tirânio Rufino, que escreveu um comentário sobre o credo, no começo do século XV, declarou que o mesmo foi escrito pelos apóstolos, sob a inspiração do Espírito de Deus, pouco depois da ressurreição de Cristo. Segundo uma tradição, foi entregue à Igreja de Roma sem alteração, porque nenhuma heresia jamais se teria originado em Roma, e porque era publicamente usado por ocasião do batismo e da confissão. Nenhum erudito aceita tal afirmativa como veraz hoje em dia, exceto no sentido secundário, que o credo preserva em seus pontos essenciais, a crença dos apóstolos, e que certamente é muito antigo.

Dentro da obra *Tradição Apostólica* de Hipólito há um credo romano constante de perguntas e respostas, datado do começo do século III D.C., que pode ter sido a fonte principal do Credo dos Apóstolos. Diz como segue:

«Crês em Deus, o Pai Todo-Poderoso? Crês em Jesus Cristo, o Filho de Deus que nasceu pelo Espírito Santo da Virgem Maria, morreu e foi sepultado, ressuscitou dentre os mortos ao terceiro dia, subiu ao céu e está sentado à mão direita do Pai, e virá para julgar vivos e mortos? Crês no Espírito Santo e na Santa Igreja e na ressurreição dos mortos?»

Parece termos aqui uma confissão batismal. Adições feitas à mesma aparentemente produziram o credo, conforme o conhecemos atualmente. Naturalmente, as doutrinas ali contidas são ensinos neotestamentários, encontrados em trechos como I Cor. 8:6; I Tess. 1:9,10; I Cor. 15:1-11, e nos vários evangelhos. A expressão «santa Igreja» pode ser encontrada em uso desde os meados do século II D.C., e o item do perdão de pecados, dentro da confissão batismal, tornou-se corrente pelos fins desse mesmo século. Ou esses itens já eram usados e foram adicionados ao credo em data anterior, ou um ou dois desses itens talvez já fizessem parte da formulação original.

Entretanto, os últimos itens a serem adicionados foram: 1. A descida de Cristo ao hades, conceito baseado em I Ped. 3:18 - 4:6 e Efé. 4:9. Esse figura no credo de Sirmium, em 359 D.C. 2. A noção de «vida eterna», baseada em vários credos orientais, e que, naturalmente, é uma doutrina do Novo Testamento. 3. A noção de «comunhão dos santos», que com essas palavras aparece pela primeira vez em Nicetas de Remesiana, no fim do século IV D.C. A idéia de «comunhão» sugere a outra adição, «Santa Igreja Universal», onde se manifesta essa comunhão.

O próprio credo exprime doutrinas neotestamentárias diretas, mas várias lendas cresceram ao redor do mesmo. As primeiras lendas foram aquelas já aludidas, refletidas nas declarações de Rufino. Lendas mais elaboradas apareceram como a afirmação de que todos os doze apóstolos contribuíram com algum artigo especial. Assim, presumivelmente Pedro entrou com «Creio em Deus, o Pai Todo-Poderoso»; André (ou João) adicionou: «e em Jesus Cristo, Seu Filho, nosso Senhor», etc.

**Supostos estágios de desenvolvimento:** 1. A antiga fórmula romana, pelos meados do segundo século cristão. 2. A fórmula expressa por Rufino (390 D.C.), que continha algumas adições. 3. Uma fórmula grega, conhecida por Marcelo de Ancira, do século quarto. 4. Uma fórmula breve, usada na Inglaterra, até o tempo da conquista normanda. 5. A forma atualmente conhecida, contida no Livro de Ação Comum dos anglicanos, fixada pelo século VII. Portanto, o credo foi um desenvolvimento, e nenhum concílio eclesiástico jamais fixou o texto do credo oficialmente. Pelo século XII, sua forma presente era usada por toda a parte no Ocidente e a prática de recitar o credo no culto diário e por ocasião dos atos de batismo, tornara-se comum; dois costumes que prevalecem até hoje.

*Criação de credos*. Até mesmo nas páginas do Novo Testamento encontramos exemplos de credos antigos. Quase certamente o trecho de Mat. 28:19 é um deles, tal como se dá em I Cor. 12:3. Paulo escreveu sobre um «padrão de ensino», segundo o qual eram «treinados» os novos convertidos (Rom. 6:17). Timóteo fez uma boa «confissão» perante muitas testemunhas (I Tim. 6:12), sendo bem provável que isso tivesse envolvido alguma afirmação credal padronizada. Ver também II Tim. 2:8 e 4:1. Pelos meados do segundo século, existiam credos em forma primitiva, sobretudo para o rito do batismo, que incluíam elementos existentes no Novo Testamento.

*Importância atual dos credos*. Muitas igrejas, denominações e organizações missionárias têm credos que se tornam padrões mediante os quais membros são aceitos ou rejeitados. Nenhum desses credos representa a gama inteira do ensino neotestamentário, pois cada um deles amolda-se às interpretações das várias denominações. Por exemplo, o relato da descida de Cristo ao hades, a fim de realizar ali uma missão misericordiosa (I Ped. 4:6), contida em I Ped. 3:18 - 4:6, e que faz parte do Credo dos Apóstolos, é geralmente ignorado por muitas denominações evangélicas da atualidade, embora se revista de imensas implicações quanto à extensão e abrangência da missão de Cristo. Ver o artigo sobre a *Descida de Cristo ao hades*. (AM B E S Z)

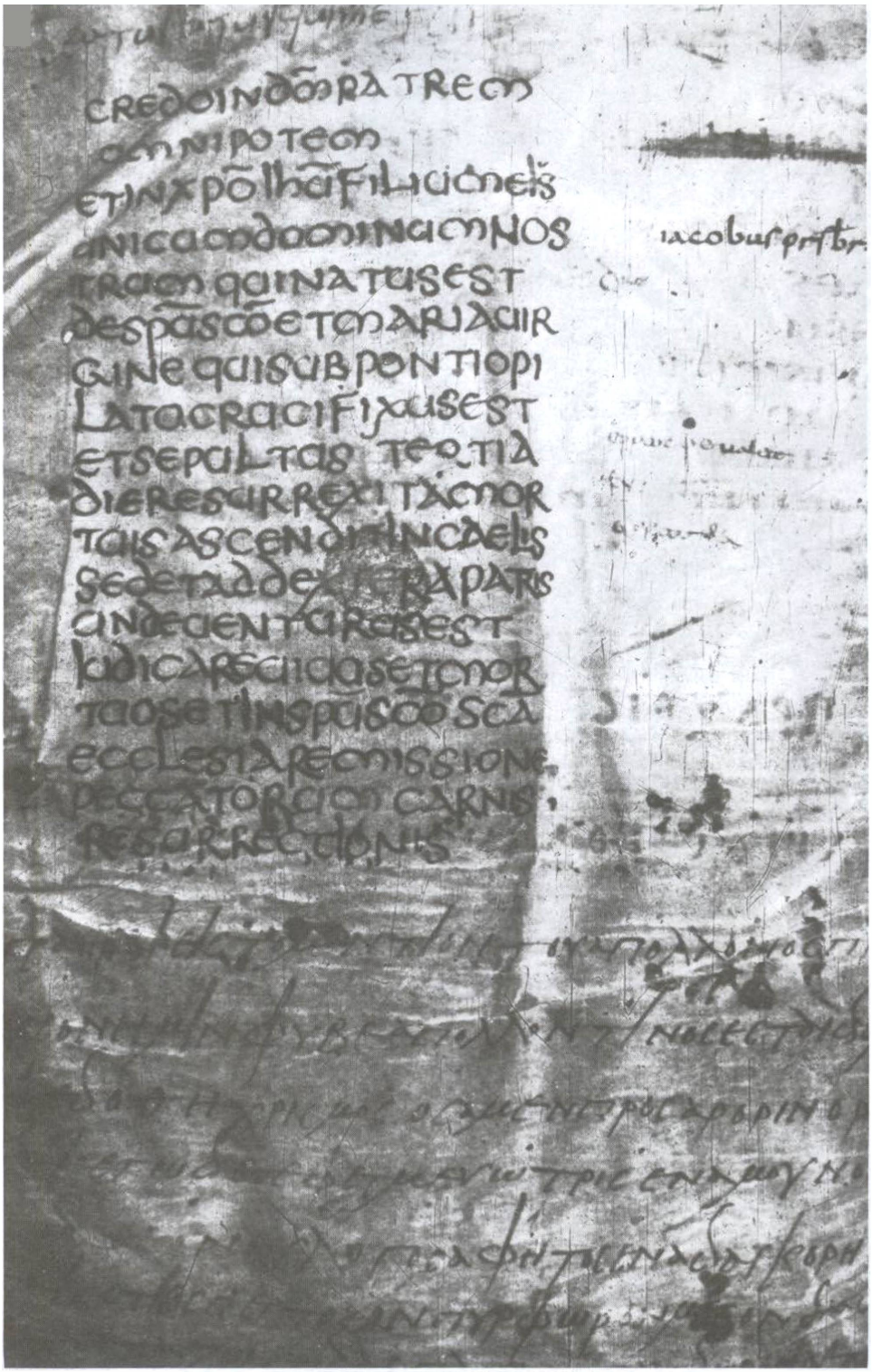
**CREDO NICENO** Ver **Nicéia, Credo de.**

**CREDO QUIA ABSURDUM EST**

Ver o artigo sobre **Credo.**

**CREDO QUIA IMPOSSIBILE EST**

Ver o artigo sobre **Credo.**



Cópia antiga do Credo Apostólico — Cortesia, Bodleian Library



JESUS E OS PESCADORES CONCERTANDO AS REDES

## CREDO UT INTELLIGAM

Ver o artigo sobre **Credo**.

## CREDOS

Os principais credos cristãos são discutidos em artigos separados. Ver acerca dos seguintes: Credo dos Apóstolos, Credo Atanasiano, Credo Niceno, Confissão de Augsburgo, Confissão de Westminster. Sob o título *Confissões da Igreja Histórica*, esses e outros credos são descritos, onde também são dadas informações gerais sobre as atividades credais da Igreja cristã ao longo dos séculos. Ver também o artigo sobre *Cristologia e Cristianismo*. O budismo (que vide) alude a uma vereda em oito passos. Maimônides (que vide) preparou um credo para o judaísmo (ver sob esse título, ponto onze, *Aspectos Históricos*).

**1. Classificação Geral dos Credos Cristãos.** Esses credos foram divididos apenas por questão de classificação, nos seguintes tipos: ecumênicos, católicos ocidentais, ortodoxos orientais, eclesiásticos provinciais, protestantes, declarações democráticas e seitas e cultos. Os credos ecumênicos são o Credo dos Apóstolos, o Credo Niceno e o Credo Atanasiano. Esses e outros são ventilados nesta enciclopédia de acordo com suas divisões distintas, no artigo sobre *Confissões da Igreja Histórica*. O Credo dos Apóstolos, que esteve em processo formativo durante muito tempo, resultou parcialmente da oposição ao gnosticismo e às idéias de Márcion, por parte da antiga Igreja cristã. Modelos dos primeiros credos encontram-se nas confissões simples do próprio Novo Testamento, como o sumário paulino do evangelho, no décimo quinto capítulo de I Coríntios, os elementos da Grande Comissão (que vide), em Mateus 28:19,20, e as fórmulas de I João, feitas contra antigas expressões do gnosticismo (II João 1:1-4; 2:22; 4:1-3.14 *ss*. Ver também II Cor. 1:21 *ss*; I Ped. 1:2; I Tim. 2:5 *ss*; 6:13 *ss*; II Tim. 4:1; Rom. 1:3; 8:34; Fil. 2:5-11; I Ped. 3:18 *ss*). Algumas dessas declarações, como aquelas dos credos formais que mencionamos abaixo, surgiram em face da oposição a crenças falsas. O Credo Niceno foi, essencialmente, uma definição de cristologia, uma tentativa para solucionar as controvérsias em torno da pessoa de Cristo. Adições feitas a isso, como o *filioque* de séculos posteriores, foram definições subseqüentes. O Credo Atanasiano girou em torno de uma controvérsia, tendo exibido uma atitude dura, o que impediu seu uso maior pela Igreja cristã. Não obstante, ali estão contidas algumas importantes definições.

**2. A Autoridade dos Credos.** Tanto a Igreja Ocidental quanto a Igreja Oriental têm imenso respeito pelos credos, que formam uma das bases de sua autoridade. A Bíblia e a tradição, conforme são vistos nos escritos dos chamados pais da Igreja e nos credos, são fundamentais. Ver o artigo sobre a *Autoridade*, no tocante a uma declaração geral sobre atitudes, no que concerne a essa questão. Para os grupos protestantes e evangélicos, a Bíblia é a única autoridade reconhecida; mas seus credos certamente têm sido usados como meios de separar os fiéis dos não fiéis e dos hereges. Muitas igrejas e escolas contam com credos muito rígidos, os quais, se não forem seguidos à risca, são usados como instrumentos para provocar o isolamento e a exclusão. Assim sendo, se o protestantismo não se declara favorável à autoridade dos credos, na prática diária ali se dá grande valor aos mesmos.

**3. Considerações Históricas.** Os credos são meios convenientes, usados pela Igreja cristã histórica, para definir as suas crenças, como também para refinar as mesmas no decorrer dos séculos, conforme as circunstâncias históricas assim exigiram. Esses credos tornaram-se declarações de fé, além de serem testes comprobatórios da ortodoxia. Não raramente, têm servido como instrumentos de perseguição e hostilidade contra aqueles que não têm concordado com as estipulações desses credos.

**4. Inadequações.** Você já leu algum credo onde seja mencionada a lei do amor, que é o maior de todos os princípios espirituais, a prova mesma da espiritualidade? O pano de fundo polêmico dos credos tem servido para eliminar automaticamente esse princípio, ou os formuladores dos credos simplesmente esqueceram-se desse princípio básico? Além disso, esses credos não fazem justiça à fé e à experiência cristãs. Não dão resposta a perguntas críticas como aquelas que envolvem os preconceitos raciais, o pacifismo, o desarmamento, e outros grandes problemas com que se debate a sociedade. Os credos tendem mais por apresentar declarações formais e intelectualizadas da fé cristã, enfatizando a letra, que pode matar, e não o Espírito, que vivifica. Um credo tende por furtar um homem de sua liberdade intelectual, que é um atributo e um direito básico do homem, porquanto requer conformidade com suas estipulações, geralmente inflexíveis e incompletas. (AM E P ROU)

## CREDULIDADE

Essa palavra alude à *crença fácil*. De fato, algumas pessoas têm a *vontade de crer*, geralmente ligada ao desejo de ter conforto mental, em busca de perguntas fáceis e finais para problemas complexos. As pessoas religiosas como uma classe, inclinam-se mais para a credulidade do que a maioria das pessoas, visto que estão condicionadas a crer. Por isso mesmo, há tantas doutrinas e sistemas diferentes que dependem da crença fácil. Por outro lado, também existe a *vontade de não crer*, porquanto há pessoas que repeliram definitivamente a fé religiosa, assumindo uma disposição contrária e cética diante das realidades religiosas e espirituais. Para estas últimas, não é aceitável nem mesmo a crença baseada em evidências convincentes, e explicações alternativas são buscadas para justificar eventos místicos e espirituais incomuns. Essas explicações alternativas são muitas, se alguém dedicar tempo suficiente às investigações. Convido o leitor a examinar o artigo sobre *Satya Sai Baba*, quanto a uma moderna demonstração de fatos admiráveis que ele está realizando em nossos próprios dias. O relato inteiro da vida de Jesus é uma poderosíssima confirmação da legitimidade da crença. Mas, visto que vivemos afastados dele por cerca de dois mil anos, as pessoas inclinam-se a pensar que esses relatos bíblicos sobre Jesus são apenas mitos criados pela Igreja cristã. Personagens como esse homem indiano demonstram que os evangelhos são muito cautelosos em seu relato sobre o que Jesus foi e realizou, e não exagerados. Todavia, isso não justifica a grande proliferação de seitas e credos, que são aceitos, sem qualquer tipo de prova e exame, por imensas multidões. Isso mostra a quanto chega a credulidade. Agostinho afirmou: «Creio para que possa compreender». Ele partia do pressuposto que a mente aberta à fé é a que melhor pode compreender as coisas, ao passo que as mentes céticas habitam em uma espécie de trevas auto-impostas. A crença, como qualquer outra coisa na vida, deveria ser submetida a teste. Há algumas linhas mestras, a saber: *O teste*

*moral*. As crenças devem promover a moralidade e a espiritualidade. *O teste das Escrituras*. As crenças religiosas precisam concordar em espírito com a revelação que nos foi dada na Bíblia, ainda que não necessariamente em cada detalhe. *O teste da autoridade*. Na Igreja cristã há uma longa história da interpretação, a qual, apesar de não ser uma autoridade final, é algo comprovado pela antiguidade. *O teste do amor*. As crenças que fomentam os sentimentos de hostilidade, de exclusivismo e de formas disfarçadas de ódio, como de uma pessoa contra outra, ou como de um grupo contra outro, envolvem algo de muito errado. *O teste da ciência* e de outras disciplinas do conhecimento. Algumas crenças que os homens defendem alicerçam-se sobre uma falsa idéia do mundo e dos acontecimentos antigos. A ciência moderna tem esclarecido certo número dessas coisas no campo da geologia, da física e da astronomia. Para exemplificar, a grande antiguidade do universo é comprovada pela astronomia, de maneira tal que falar em termos de uma criação com apenas seis mil anos de idade é exprimir a mais crassa ignorância dos fatos. Ver o artigo sobre a *Autoridade*, quanto a outras sugestões quanto ao teste a que nossas crenças devem ser submetidas.

## CREMAÇÃO

Ver o artigo geral sobre *Sepultamento, Costumes de*, sob o terceiro ponto, *Cremação*.

## CREMER, HERMANN

Suas datas foram 1834-1903. Foi professor em Greifswald. Um influente pioneiro luterano na teologia bíblica, que interpretava as doutrinas paulinas do pecado, da justificação e do julgamento, com base na consciência, de maneira forense e energética. Enfatizava a teologia bíblica e diminuía a importância da teologia especulativa.

## CRENÇA (CRER)

Este artigo procura responder à pergunta: No que consiste o ato de crer? As idéias a respeito são variadas:

1. *Na Filosofia*. Seria considerar veraz uma proposição, por dispor de certo respaldo em evidências, ainda que essas evidências não fossem conclusivas. A crença é mais forte que a opinião, e mais fraca que o conhecimento. Pode ser um estágio no caminho para o conhecimento, se não puderem ser recolhidas evidências mais conclusivas. Tradicionalmente, na filosofia a crença também tem sido identificada com certo estado mental, conforme se vê nos escritos de Descartes, onde se confirma ou nega alguma proposição. Nos escritos de Hume, a crença aparece como um estado passivo, que ocorre ou está prestes a ocorrer, no tocante a alguma proposição. No behaviorismo (ver o artigo) nega-se que a crença seja um estado mental introspectivo, porquanto depende de reiterada percepção dos sentidos quanto a objetos físicos. Em Ortega Y Gasset (ver o artigo), trata-se do assentimento pré-racional, que é o poder por detrás das idéias.

2. *Na Teologia*. A crença equivale à fé. Isso é uma realidade, mesmo que não seja aceita pela teologia popular. (Ver o artigo sobre a *fé*). Na teologia popular, a crença é muito mais o assentimento diante de uma proposição ou credo. A Bíblia ensina que a fé é «dom de Deus» (Efé. 2:8), pelo que Paulo foi capaz de dizer: «...a fé não é de todos» (II Tes. 3:2), referindo-se àqueles que não receberam do alto o dom da fé. Portanto, a fé é uma operação do Espírito Santo, mediante a qual o indivíduo não somente crê em certas realidades, mas também é transformado por elas. Essas realidades giram todas em torno da pessoa e da obra de Jesus Cristo. Quem crê, crê em Jesus Cristo, em tudo quanto ele é e representa. E quem não crê, descrê de Jesus Cristo. Paralelamente, é fé na palavra de Cristo. Aquele que crê, depende do que Cristo disse. Confiança em Cristo e fé em sua palavra, são aspectos que podem ser vistos em trechos como: a. Nas palavras de Jesus ao ex-cego que fora expulso da sinagoga: «Crês tu no Filho do homem? Ele respondeu, e disse: Quem é, Senhor para que eu nele creia? E Jesus lhe disse: Já o tens visto, e é o que fala contigo. Então afirmou ele: Creio, Senhor; e o adorou» (João 9:35-38). b. Na definição teológica oferecida por Paulo: «E assim, a fé vem pela pregação, e a pregação pela palavra de Cristo» (Rom. 10:17). Portanto, na Bíblia, crer não é apenas assentir diante de certas proposições de um credo. Antes, é a confiança em Jesus Cristo, com a conseqüente outorga da alma eterna aos seus cuidados. Isso, por sua vez, conduz à transformação do homem interior segundo a imagem de Cristo, através do poder do Espírito (Rom. 8:29; II Cor. 3:18).

3. *Crença Fácil*. Essa é uma das pragas do evangelicalismo. Trata-se da suposição de que quando alguém aceita como verdadeiras certas crenças a respeito de Cristo, Deus fica na obrigação de salvar aquela pessoa. A crença fácil não envolve quaisquer requisitos morais, e nem é fonte da transformação espiritual. É mera crença em um credo qualquer. Não há salvação sem santificação (Heb. 12:14).

## CRENÇA RELIGIOSA e O Problema de Verificação

Ver **Verificação de Crenças Religiosas.**

## CRENÇA VERDADEIRA JUSTIFICADA

Ver **Gettier, Problema de.**

## CRESCAS, HASDAI BEN ABRAHAM

Filósofo judeu espanhol. Nasceu em Barcelona, em aproximadamente 1340. Faleceu em 1412. Opunha-se ao racionalismo e aristotelianismo de Maimônides e Gersonides (que vide, no artigo sobre o *Judaísmo*, primeiro ponto, *Aspectos Históricos*, 13-15). Sua filosofia asseverava a centralidade da lei do amor e a necessidade de revelação (que vide). Spinoza foi influenciado por suas idéias referentes à distinção dos atributos e propriedade da criação e do livre-arbítrio. Ver sobre *Spinoza*, pontos 6, 7 e 9.

*Escritos*: *The Light of the Lord; Treatise*.

## CRESCENTE FÉRTIL

A expressão refere-se àquela região, começando pelo golfo Pérsico e ampliando-se na direção noroeste até os vales dos rios Tigre e Eufrates, e daí continuando para oeste, até à costa nordeste do mar Mediterrâneo, incluindo o vale do rio Nilo. Embora a área adjacente ao crescente fértil seja estéril, a própria região é muito fértil, o que explica o seu nome. Tem-se tornado comum afirmar que as primeiras evidências da civilização procedem dessa região; mas, atualmente, a arqueologia está descobrindo evidências ainda mais antigas de civilização na África. Seja como for, a história dessa área é antiqüíssima, tendo sido sempre o centro das maiores potências do mundo, até à época dos gregos e romanos, quando a civilização gravitou um tanto mais para o ocidente. Essa região era uma espécie de encruzilhada de

civilizações, sobretudo daquelas mencionadas na Bíblia.

## CRESCER, CRESCIMENTO

Crescer é aumentar em peso e tamanho, mediante a assimilação de nutrientes e a multiplicação das células. Esse verbo também indica qualquer tipo de progresso, prosperidade, incremento, cultivo ou realização. Há notáveis conotações metafóricas e espirituais. Em Atos 12:24, temos o crescimento e a multiplicação da Palavra de Deus (o evangelho), com o aumento do número de cristãos. Ver também Atos 19:20 quanto a esse tipo de conexão. Lemos que o corpo místico inteiro de Cristo cresce (Efé. 2:21). Aos recém-convertidos ao cristianismo é recomendado que se alimentem com o leite sincero da Palavra, a fim de que cresçam, ou se desenvolvam espiritualmente (I Ped. 2:2). A mesma idéia é aplicada a todos os crentes, em II Ped. 3:18. Paulo agradecia a Deus, quando via outros crentes crescendo na fé (II Tes. 1:3).

**Meios Espirituais de Crescimento.** Da mesma maneira que nossos corpos físicos precisam de certa variedade de nutrientes para que se desenvolva apropriadamente, outro tanto sucede à alma. Há meios de crescimento espiritual. Esses meios são os seguintes: 1. O treinamento intelectual no estudo dos documentos espirituais, como a Bíblia, ou outros livros que nos confiram conhecimento útil. 2. A oração e a meditação, quando o crente solicita e recebe, ou aguarda por instruções recebidas intuitivamente. 3. A santificação. 4. A prática da lei do amor, incluindo toda a forma de boas obras. O amor cristão é a prova mesma da espiritualidade (I João 4:8 *ss*). 5. O toque místico, que consiste na iluminação por meio da meditação ou por meio do uso dos dons espirituais. Aquele que prática todos esses meios de forma diligente, será um gigante espiritual.

## CRETA

Creta é uma ilha montanhosa que fica no mar Mediterrâneo, ao sul do mar Egeu. Tem cerca de duzentos e cinqüenta quilômetros de comprimento, variando em largura de onze a cinqüenta e seis quilômetros. É provável que os *quereteus*, que faziam parte da guarda pessoal de Davi, fossem provenientes da ilha de Creta, embora a própria ilha nunca seja chamada por nome nas páginas do A.T. As referências a essa ilha, no N.T., ficam em Atos 27:7,12,13,21 e em Tito 1:5. É dito, em Atos 2:11, que havia crentes presentes no dia de Pentecoste, quando houve o derramamento inicial do Espírito Santo. Paulo fez uma parada em Creta, durante a sua viagem a Roma, antes do seu primeiro período de encarceramento. (Ver Atos 27:7-13,21). Paulo também aconselhou aos marinheiros que passassem ali o inverno; mas, preferindo eles ignorar seus conselhos, mais tarde tiveram de sofrer naufrágio, segundo se vê no vigésimo sétimo capítulo do livro de Atos.

O que sabemos acerca da história dessa ilha se deriva principalmente das descobertas arqueológicas. Desde a era neolítica já havia ali a ocupação humana (quarto milênio A.C.), e na idade do bronze já se tinha erguido uma poderosa civilização. O centro dessa civilização era Cnossos, um local escavado por Sir Arthur Evans. No período de 2600-2000 A.C. houve significativa expansão comercial. A escrita, em tabletes de argila e de cobre tem sobrevivido daquele período, onde uma primitiva escrita pictográfica era usada (2000-1650 A.C.). Posteriormente foi uma escrita chamada linear A, uma forma simplificada daquela (1750-1450 A.C.).

O clímax da civilização cretense foi atingido na primeira metade da idade do bronze (minoano posterior, 1600-1400 A.C.). O linear B, uma forma arcaica do grego, era o idioma desse tempo, o qual foi decifrado em 1953 por M. Ventris. Mui provavelmente invasores gregos tinham modificado a linguagem para isso, ao passo que a escrita anterior provavelmente era de origem semita. Perto do fim da idade do bronze (minoano posterior III, 1400-1125 A.C.), gregos dórios chegaram à ilha, que, então, se tornou, essencialmente, uma colônia grega.

Já desde o início de sua história registrada havia muitas cidades na ilha, levando-se em conta seu tamanho minúsculo. Se pudermos crer na Odisséia de Homero (*lib.* xix.v. 172-179), contava com noventa cidades naqueles tempos tão remotos, embora outras fontes informativas falem até em cem cidades. Nos dias do apóstolo Paulo, o número de judeus ali habitando era grande, provavelmente devido à sua importância comercial. As localidades mencionadas nas páginas do N.T., pertencentes àquela ilha, são *Bons Portos* (um porto marítimo) e a cidade de Laséia, nas proximidades (ver Atos 27:8). A população atual dessa ilha é de cerca de quinhentos mil habitantes. Creta também tem o nome de Candia.

Pelo que se lê na passagem de Tito 1:5, conclui-se que já havia um bom número de igrejas ali, quando Paulo enviou Tito para aquele lugar, porquanto o apóstolo dos gentios e outros já haviam evangelizado bastante aquela ilha. É provável que após ter sido solto de seu primeiro aprisionamento em Roma o apóstolo tenha visitado a ilha e feito algum trabalho ali. Porém, tendo a necessidade de dirigir-se a outros lugares, exortou a Tito que desse prosseguimento a seu trabalho, consagrando anciãos ou pastores qualificados nas igrejas. Esta carta a Tito nos dá a impressão que reflete esse período de liberdade de Paulo, antes de seu segundo encarceramento em Roma e seu martírio final; e isso significa que essa epístola foi escrita antes da segunda epístola a Timóteo.

Não dispomos da narrativa da quarta viagem missionária de Paulo ao Ocidente, mas especificamente, à Espanha, excetuando várias alusões à mesma nos escritos dos primeiros pais da igreja (ver as notas expositivas adicionadas ao trecho de Atos 28:31 no NTI), pelo que é impossível fazermos qualquer declaração dogmática sobre o tempo em que Paulo evangelizou a ilha de Creta. Todavia, a resposta comumente dada a essa indagação é que isso foi feito entre o primeiro e o segundo período de aprisionamento. Na verdade, a narrativa do livro de Atos fornece-nos apenas um esboço, — sendo possível que tal trabalho tenha sido efetuado rapidamente, antes de seu primeiro período de aprisionamento, mas acerca do que simplesmente não dispomos de qualquer registro histórico na Bíblia.

## CRETENSES

Os **cretenses** eram os habitantes da ilha de Creta, localizada ao largo das costas gregas e da Ásia Menor, na parte centro-oriental do mar Mediterrâneo. Nessa ilha havia cerca de cem cidades. As mais importantes eram Cnossos, Cortina, Lictoso, Licastos, Holpixos, Paesto, Cidon, Manetusa e Dietina. Creta é uma ilha recoberta de montanhas, com cerca de duzentos e cinqüenta e um quilômetros de comprimento, e uma largura que varia entre onze e cinqüenta e seis quilômetros. Não é mencionada no A.T., embora

provavelmente os cretenses sejam os mesmos *quereteus*, que formavam parte da guarda pessoal de Davi, eram originários da ilha de nome Caftor, o que provavelmente indicava a ilha e as terras costeiras adjacentes que caíram dentro de seu domínio, durante o segundo milênio A.C.

O apóstolo Paulo visitou a ilha de Creta pelo menos por duas vezes, em suas viagens missionárias (ver Atos 27:6-13,21), bem como houve uma terceira visita após o seu aprisionamento, quando ali deixou Tito, para dar continuidade ao trabalho de evangelização que fora por ele iniciado. A descrição nada lisonjeira dos cretenses, na passagem de Tito 1:12, é uma citação do poeta Epimênides, de Creta. Esse autor é igualmente citado no trecho de Atos 17:28a. Sabe-se, pelas descobertas arqueológicas, que se falava uma forma de grego arcaico ali, pelo menos desde 1000 a 1500 A.C., sem dúvida devido aos invasores gregos da ilha. Antes desse período, a história da ilha continua sob discussão, entre os estudiosos. Mas pelo menos se sabe que o idioma grego ali se tornou dominante desde cedo.

## CRIAÇÃO

*Esboço*:

I. Discussão Preliminar
II. Origens da Criação
III. Pontos de Vista Bíblicos da Criação
IV. Significados da Criação
V. Alguns Poucos Problemas Especiais
VI. A Criação Cristocêntrica
VII. Interpretações que Tentam Reconciliar a Ciência com Gênesis

### I. Discussão Preliminar

A palavra portuguesa «criar» vem do latim, **creare**, «produzir», «gerar». A palavra tem seus sentidos filosófico e teológico em relação à origem do mundo, do homem e de outros seres, tanto físicos quanto espirituais. A maioria das religiões supõe que o mundo, conforme o conhecemos, foi produzido por alguma força cósmica ou divina, com base em um estado anterior. Esse estado anterior poderia ser o caos, embora com os elementos já existentes, inteiramente desorganizados, ou poderia ser o vácuo, de onde foram extraídos os mundos, mediante o poder divino. As religiões mais primitivas parecem preferir a idéia do *caos*; e, ocasionalmente, esse vocábulo chega a ser utilizado para falar de uma divindade ou força cósmica, uma espécie de entidade por seus próprios direitos. Os gregos, em sua maior parte, falavam em termos de matéria já existente, que foi então posta em ordem. Esse é o ponto de vista dos mórmons; portanto, nesse grupo, temos um representante do ponto de vista do caos. O segundo ponto deste artigo apresenta dez opiniões diferentes sobre as origens.

Historicamente falando, a criação refere-se àquele primeiro ato mediante o qual o Deus *auto-existente* trouxe à existência o que não tinha forma de existência independente. Em certo sentido, pois, a criação torna-se uma subdoutrina da doutrina do próprio Deus; pois, uma vez que algo existe, além de Deus, já precisamos definir a natureza dessa existência em relação à sua origem, tanto do ponto de vista da responsabilidade quanto do ângulo do destino. É razoável pensar que se a criação teve começo em Deus, então também deverá continuar e encontrar cumprimento em Deus. O Novo Testamento define essa questão ao dizer que tudo foi criado *da parte de* Deus, *por* Deus e *para* Deus, de tal maneira que, em todos os estágios, enfatiza-se a dependência da criação a Deus. Ver Romanos 11:36. Esse versículo enfatiza o mistério das operações de Deus. E não há mistério maior do que o da criação divina. Por conseguinte, não podemos esperar que nossas idéias sejam mais do que meras sugestões.

**O Credo dos Apóstolos** (que vide) começa confessando fé em Deus, Todo-poderoso, Pai, criador dos céus e da terra. Portanto, essa doutrina é cêntrica para a fé cristã. Mas, no que concerne ao seu *modus operandi*, há muitas opiniões. A Bíblia testifica sobre a centralidade dessa doutrina, dando início aos seus ensinamentos com o relato da criação. O gnosticismo afirmava que uma criação imperfeita requer que se postule que ela foi criada por uma divindade imperfeita. Os mestres gnósticos partiam daí para a idéia de que essa divindade imperfeita é o Deus do Antigo Testamento, ao passo que um Deus superior, se não mesmo o maior de todos, estaria envolvido na revelação neotestamentária. Todavia, a maior parte dos luminares da Igreja repudia esse ponto de vista. De acordo com a teologia do A e NT, o verdadeiro Deus, como Criador de todas as coisas, é o alicerce indispensável da teologia. No cristianismo, essa doutrina, quando aplicada ao homem, indica sua total dependência em Deus, e não apenas quanto à sua origem, mas também quanto à sua continuação e ao seu destino. Lutero, em seu *Pequeno Catecismo*, asseverou: «...Deus criou a mim e a tudo quanto existe; ele deu-me o corpo e a alma, e continua a sustentá-los, os meus membros e os meus sentidos, a minha razão e todas as demais faculdades de minha mente...»

Em séculos recentes, com o surgimento da ciência avançada e com a diversificação das posições teológicas, têm vindo à tona muitos debates relativos à criação. O ponto de vista cosmológico dos hebreus (ver a ilustração acerca disso no artigo sobre a Astronomia) na verdade não concorda com aquilo que sabemos ser a verdade acerca da terra e do espaço, embora muitos teólogos conservadores adaptem *continuamente* essas idéias, a fim de fazê-las concordar com a ciência moderna. Entretanto, esses teólogos não se esforçam por descobrir no que os hebreus realmente acreditavam, preferindo ocupar-se em uma atividade apologética, e não na busca pela verdade. Porém, se a cosmologia dos hebreus não concorda com os fatos científicos conhecidos, então o debate não somente é legítimo, mas também absolutamente necessário, se tivermos de compreender qualquer coisa sobre o mundo, sobre suas origens e sobre seus propósitos. Ver o artigo sobre a *Cosmogonia*, quanto à idéias dos povos antigos sobre a origem das coisas.

**A fé, a razão e a revelação concordam** entre si que Deus é a causa da criação. Porém, quando começamos a abordar os detalhes, descobrimos inúmeros mistérios, para os quais não encontramos solução. Isso posto, a teologia explica melhor o porquê da criação, e não o *como*. E a ciência, por sua vez, não faz idéia certa sobre esse *como* da criação. E isso significa que temos de confessar a nossa ignorância sobre o ponto. Ainda que a ciência venha a desenvolver, algum dia, uma física perfeita, podendo responder a todas as perguntas atinentes a essa disciplina, teremos de lembrar-nos que nem todas as perguntas são questões de física e que precisamos de todas as variedades de disciplinas ou ciências para chegarmos a qualquer porção apreciável da verdade. Isso posto, não devemos esperar solucionar o dilema da criação somente através da ciência. Gilbert Ryle apresentou uma ilustração do problema que estamos abordando. Digamos, por exemplo, que a ciência,

mediante a física e outras disciplinas, possa explicar exatamente o que sucede em um jogo de bilhar. Não há ali movimentos físicos que não possam ser explicados. Porém, — uma vez chegado a essa explicação, ainda teríamos de levar em conta as *regras* do jogo, com as estratégias e os propósitos dos *jogadores*. Mas, para esses tipos de problemas, a física não conta com qualquer explicação. Ora, se podemos dizer isso acerca de um simples jogo, quanto mais acerca do imenso e misterioso universo no qual vivemos!

É sob essa luz que a história bíblica da criação deveria ser compreendida. Estamos procurando descobrir as regras do jogo, bem como o papel que o Jogador e os jogadores desempenham. No livro de Gênesis não devemos buscar um comentário sobre o aspecto físico da criação. Se o fizermos, encontramos uma cosmologia que não se presta para tal exame. É verdade que podemos ser desonestos, distorcendo o que o autor sagrado escreveu ali, fazendo suas palavras ajustarem-se àquilo que sabemos, em nossos dias, ser verdade; mas isso é desonesto. A nossa teologia começa pelo alicerce do conceito que criou e trouxe à existência os universos e os seres materiais e imateriais; e, que, por causa desse fato, todas as coisas criadas têm que buscar continuamente em Deus a razão de sua existência e o seu destino. A teoria da criação chamada *ex nihilo*, apesar de supor erroneamente que Deus criou tudo «do nada» (visto que do nada, nada é feito; *ex nihilo, nihil fit*), ela está com a razão, ao fazer tudo dependente e contingente, excetuando Deus. A criação espiritual é que torna necessária a criação material, e é precisamente isso que está envolvido na redenção. Pois, na nova criação, os remidos haverão de participar da natureza divina, tornando-se assim seres necessários, ou seja, seres que *não podem* deixar de existir. Ver o artigo separado sobre a *Criação Ex Nihilo*.

**II. Origens da Criação**

1. O elemento ou **substância original**, do que tudo veio a ser, é indefinido e desconhecido. Desse elemento desconhecido é que surgiram os quatro elementos básicos, a terra, o ar, o fogo e a água. Toda a vida ter-se-ia originado de um ou outro desses elementos, ou de todos eles, coletivamente. E todas as demais coisas teriam sido criadas por um processo de condensação ou rarefação. O filósofo grego, Anaximandro, ao empregar essa teoria geral, tornou-se o pai da teoria evolucionária. Ele escolheu a água como elemento básico, tendo postulado que a vida se originou no mar, através de um processo de desenvolvimento que se teria originado na água. Somente há pouco é que os cientistas que aceitam a teoria evolucionária, decidiram que a água não pode oferecer o meio ambiente necessário para tal desenvolvimento. Anaximandro viveu em cerca de 550 A.C.

2. *A eternidade da matéria*. Aqueles que explicam a origem da vida, conforme é esboçado no parágrafo acima, tiveram a necessidade de postular a eternidade da matéria. A maioria dos filósofos que empregavam a teoria do «hilozoísmo», ou seja, que a vida faz parte inerente da matéria, —que emerge por meio de algum processo natural e que é o nome aplicado ao conceito que acabamos de apresentar, criam que a própria matéria é eterna. Alguns postulavam um elemento «indefinido», desconhecido, que existiria por detrás e anterior a tudo quanto se conhece atualmente. Porém, até mesmo nesse caso, tal elemento era considerado material. Ainda outros acreditavam que a vida inteira se originou de elementos conhecidos por nós, como o fogo, a água, a terra e o ar. Podemos observar muitas «causas». Em outras palavras, uma coisa seria causada por outra, essa ainda por outra, «ad infinitum». Imaginar uma retrogressão infinita de «causas dependentes», não é mais difícil, filosoficamente falando, do que supor que há uma única causa *primária* e «independente», ou seja, única causa que não foi ela mesma causada.

3. Alguns filósofos antigos, como Platão, não aceitavam a matéria como a substância primária, mas antes, postulavam uma *substância espiritual*, do que a própria matéria ter-se-ia desenvolvido. Platão chamava isso de «o universal». Uma força cósmica, o «demiurgo», teria criado o mundo material, utilizando-se dos universais como padrões. Os próprios universais seriam eternos. Basicamente, embora pluralístico, o conceito não é diferente do conceito cristão. Dá ao «espírito» a posição primária, ao passo que a matéria seria mera «imitação» da espiritualidade, ou seja, tanto temporária como secundária.

4. *A criação como um ato eterno de Deus*. É difícil contemplar qualquer tempo em que a criação não existia, pois então poderíamos indagar: «O que fazia Deus, quando somente ele existia?» Poderíamos imaginar um Deus inativo? Por essa razão é que Orígenes, pai da igreja de cerca de 225 D.C., supunha que a criação, bem como a vida toda, fazem parte de um eterno e contínuo ato criador de Deus, o qual seria a fonte originária de toda a vida. Apesar de que as formas de vida podem modificar-se, a vida criada seria coexistente com Deus, ou, pelo menos, os elementos básicos dos quais se soergueu a vida. Deus, portanto, reveste-se de posição primária, quanto à importância e grandeza, embora não de posição primária, quanto ao tempo. Formas e tipos de criação vieram à existência, isto é, têm um começo; mas a própria criação, de alguma maneira, é um eterno ato de Deus.

5. A *criação como um pensamento eterno de Deus*. Clemente, pai da igreja que viveu no começo do terceiro século de nossa era, acreditava que nem sempre a criação existiu como uma realidade, mas sempre fez parte do pensamento de Deus. Já dentro do tempo, Deus concretizou o seu pensamento. E assim as coisas vieram à existência.

6. *A criação ex nihilo*. Deus teria criado a tudo, «do nada», mediante o poder de sua palavra. Houve tempo em que somente Deus existia. A vida humana foi criada por um ato especial, da matéria já existente, para em seguida receber a infusão do princípio espiritual. Usualmente, na teologia moderna, essa teoria é descrita como Deus a transformar sua própria energia em matéria e outras formas de vida; pelo que essa teoria não é realmente uma idéia que fala da criação «derivada do nada». O trecho de Heb. 11:3, segundo pensam alguns estudiosos, dá apoio a essa teoria.

7. *O panteísmo*. De acordo com essa teoria, Deus não «cria» e, sim, «emana». Ele emana a si mesmo, pelo que tudo faz parte de Deus, sendo alguma forma de sua essência. Deus é o Cabeça do universo, e o universo é o corpo de Deus. Deus seria como o grande Sol central; e o mundo e toda a vida humana que nele existe, seriam os seus «raios». Deus pode ser pessoal ou impessoal em tais sistemas. O panteísmo moderno com freqüência é evolucionário em seu caráter. As «emanações» teriam um «modus operandi», evolucionário.

8. A *eternidade da matéria*, tendo Deus como *organizador*. O mormonismo aceita a idéia da matéria eterna, mas crê que ela existia na forma de caos.

Assim sendo, Deus a teria organizado; nesse caso, o ato de Deus não teria sido criador, e sim, organizador.

9. *O ponto de vista do ceticismo*. A ciência moderna acredita que é impossível solucionar o problema da origem. A única coisa que podemos saber é aquilo que podemos investigar com os nossos sentidos de percepção (empirismo). E é óbvio que questões como «causa primária», «causa independente», «origem», «destino», «Deus», «alma», etc., são temas fora da investigação científica.

10. *Fulguração*. Ver *Leibniz, Idéias*, ponto 3.

11. *O ponto de vista neotestamentário*. Deus cria por meio do seu Filho, um agente pessoal; e, nessa energia, traz tudo à existência, material ou espiritual. Ele criou a tudo «em Cristo» e «para Cristo».

### III. Pontos de Vista Bíblicos da Criação

A Bíblia não ensina uma criação **ex nihilo**. A narrativa de Gênesis pode dar a entender que, antes de Deus, nada existia, mas isso não é a mesma coisa que uma criação *ex nihilo*. O trecho de Hebreus 11:3 afirma que Deus fez o mundo de coisas «que não aparecem», o que é uma expressão bastante vaga. Essas palavras poderiam indicar coisas *imateriais*; mas nunca «do nada». A epístola aos Hebreus tem um marcante tom neoplatônico, no estilo de Filo; e isso poderia indicar que esse versículo da epístola teria uma perspectiva platônica. Platão supunha que os mundos físicos vieram à existência por via do trabalho do Demiurgo, que os constituiu usando os arquétipos dos universais (que vide). Os universais são eternos, existindo em uma espécie de céu platônico. Os teólogos cristãos têm-se utilizado dessa idéia, afirmando que os universais são as idéias da mente divina. Nesse caso, então somente a mente divina existia, antes do universo físico. E há um precedente para isso, até mesmo no diálogo *Leis*, de Platão, onde Deus parece substituir a complexa doutrina das idéias ou universais. Seja como for, mesmo nesse caso, não temos a idéia do «nada», de onde tudo teria procedido. Os teólogos cristãos modernos, aproveitando idéias extraídas da teoria atômica, supõem que Deus transformou sua própria energia em matéria, e isso pelo poder da sua vontade, exemplificada na sua Palavra proferida. Sem dúvida esse é um conceito superior, que substitui corretamente a idéia da criação *ex nihilo*. Portanto, talvez possamos afirmar com segurança que o primeiro conceito bíblico da criação é que houve tempo em que somente Deus existia. Orígenes teve dificuldades com esse conceito. Os teólogos da antiguidade perguntavam: «O que fazia Deus, quando somente ele existia?» Essa pergunta nos deixa indagando curiosamente. Assim sendo, alguns teólogos, como Orígenes, falavam em termos da criação como um ato eterno de Deus, ou como eternamente existente na mente divina, que se tornou concreta mediante um ato criativo. Contudo, apenas nos divertimos, ao falar sobre essas idéias, porque, na realidade, não temos respostas para quebra-cabeças dessa natureza.

Pontos de vista Cosmológicos. Os capítulos primeiro e segundo do livro de Gênesis fornecem-nos a narrativa da criação, primeiramente do mundo físico, e, em seguida, do homem. Os eruditos do idioma hebraico asseguram-nos de que a primeira parte desse relato, sobre a criação do mundo físico, foi escrita em hebraico bem antigo; e que a segunda parte do relato, acerca do homem, em hebraico mais recente, embora ainda no estilo clássico. Portanto, é difícil pensar como um mesmo autor original pode ter sido o autor de ambas as porções. Isso significaria que o segundo capítulo de Gênesis é uma espécie de doutrina repensada da criação, especialmente no que tange à criação do homem. Em meu artigo sobre a *Cosmogonia*, demonstrei que certo número das idéias envolvidas forma um paralelo bem definido das narrativas da criação originadas na área da Mesopotâmia, sobretudo no caso das histórias da criação dos babilônios. A maioria dos eruditos concorda que havia um fundo comum de idéias, provenientes de várias culturas da época e daquela área, que foi usado para prestar subsídios para os registros bíblicos. Os eruditos bíblicos afirmam que, apesar de tais empréstimos serem óbvios, a inspiração divina elevou a qualidade dos relatos, mormente ao injetar nos mesmos o conceito monoteísta.

**Esse ponto de vista pode ser defendido.** Mas seria uma desonestidade ocultar do leitor que, apesar desse refinamento, que é teologicamente instrutivo, continuamos com uma antiga cosmologia que é bastante defeituosa. Quando os hebreus aludiam ao firmamento, para exemplificar, não se referiam ao céu estrelado. Antes, eles imaginavam alguma espécie de substância sólida, abobadada sobre a terra, separando águas que haveria por cima de águas que haveria por baixo dessa abóbada. Eles supunham que essa substância sólida assemelhava-se a uma taça invertida, cujas bordas pousavam sobre regiões montanhosas, nas extremidades de uma terra plana. Eles pensavam que essa abóbada tivesse janelas, por onde passava a chuva e a luminosidade celeste. Também pensavam que as luzes do sol, da lua e das estrelas eram corpos relativamente pequenos, pendurados na parte inferior da abóbada, para servirem de luminares da terra.

Os antigos também pensavam que o *hades* seria uma região literal, abaixo da superfície da terra. E a terra era retratada como uma terra plana que repousava sobre águas do abismo, e que havia colunas por baixo de tudo, apoiando a estrutura inteira. Não havia resposta para a pergunta sobre onde repousavam as águas do abismo. Todos esses conceitos são refletidos em referências bíblicas, o que ilustro nos artigos sobre *Astronomia* e *Cosmogonia*, nesta enciclopédia. É melhor sermos honestos a qualquer dia da semana, reconhecendo as coisas conforme elas são, não nos envolvendo em adaptações desonestas sobre idéias antigas, para que se ajustem à ciência moderna. No século XXI haverá uma nova ciência astronômica, e os evangélicos conservadores da época estarão fazendo novas adaptações da narrativa de Gênesis, para que se ajustem às novas descobertas científicas. Isso não é buscar pela verdade com seriedade. É apenas uma tentativa para preservar o conforto mental, mediante a suposição de que todas as coisas ditas no relato bíblico expressam verdades científicas. E os que assim pensam, não admitem qualquer evidência em contrário. Ver o ponto I.4 no artigo sobre a *Cosmogonia*, quanto a paralelos entre o livro de Gênesis e as histórias da criação provenientes da Babilônia.

*Elementos Teológicos*. Convido o leitor a examinar meu artigo sobre a *Cosmogonia*, terceiro ponto, *Lições Morais e Espirituais*, onde alisto oito itens.

**Indicações do Novo Testamento.** O segundo ponto do artigo sobre **Cosmogonia** aborda alguns detalhes sobre como o Novo Testamento faz adições às idéias do Antigo Testamento, no tocante à criação. A doutrina do *Logos* é a mais importante dessas adições. O Novo Testamento apresenta-nos a doutrina da nova criação ou criação espiritual, que se deriva da antiga

criação. Acerca disso apresento um artigo separado, intitulado *Criação Espiritual*.

**IV. Significados da Criação**

1. Exibe a magnificência de Deus e o seu poder infinito, mostrando que essas qualidades também residem no Filho. Fica implícito que a bondade infinita de Deus está em foco; pois confiamos que o mais elevado poder do universo é também o poder mais beneficente e altruísta. Um Deus dotado de tal poder não pode usá-lo arbitrariamente. O mesmo poder que criou, se volta para a redenção, pelo que deverá haver um vasto recolhimento dos perdidos.

2. A criação exige a existência de Deus (argumentos cosmológico e etiológico). Deve haver alguma *causa* da criação. Um retrocesso infinito de causas dependentes é uma idéia contrária à razão e repugnante à esperança. Aquele que é a causa da criação física também é a *causa* e a *origem* de todo o bem-estar humano; e assim como Deus é eficaz em uma dessas dimensões, assim também o é na outra.

3. Assim como existe uma *vida física*, também deve haver uma «vida espiritual». A criação original (física) foi feita de maneira que dela emergisse a criação «espiritual». (Ver as notas expositivas sobre esse conceito, em João 1:4 no NTI). O propósito de Deus, ao criar o homem, foi o de exaltá-lo infinitamente. A queda não alterou esse plano. A exaltação completa se acha em Cristo (ver Rom. 8:29,30).

4. A vida espiritual é extraída da criação física, mediante a «iluminação». (Ver Efé. 1:18,19 sobre esse conceito). A transição que há em João 1:4, da «vida» para a «luz», subentende a mesma coisa.

5. Deus é a única fonte originária de todo o bem-estar, e Cristo é o seu mediador (ver Col. 1:16).

6. A vida inteira, portanto, deve ser dirigida na direção de Deus (ver I Cor. 8:6).

7. A doutrina da criação não foi revelada para satisfazer à nossa curiosidade, e, sim, visa nossa instrução espiritual. Fala-nos do mundo eterno e do Deus eterno do qual se originou essa criação (ver Heb. 11:1). Nossa fé deve ser dirigida na direção desse mundo, que é o nosso verdadeiro lar.

**V. Alguns Poucos Problemas Especiais**

1. **A filosofia da narrativa da criação.** Alguns intérpretes insistem em encarar o relato de Gênesis como perfeito, científico e sem erros. Isso obriga-os a todas as formas de contorsão na exposição desse relato bíblico. Já expus as razões pelas quais devemos rejeitar esse ponto de vista, no terceiro ponto, acima. Há referências a outros artigos, onde maiores detalhes são apresentados. O valor da narrativa bíblica da criação encontra-se em seu aspecto teológico. A porção que envolve questões da física não devem ser salientadas por nós. Quando assim fazemos, atolamo-nos em grandes dificuldades, que só servem para criar debates acirrados.

2. *Paralelos com cosmogonias antigas*. É difícil para as pessoas que conhecem somente a Bíblia, entenderem que havia um fundo comum de conhecimento, sobre o qual se estribaram as diversas narrativas da criação, incluindo o relato bíblico. Para essas pessoas, dizer que o relato de Gênesis é superior devido à sua *teologia* (embora não quanto ao aspecto físico), — não serve de consolo —. Lamento não poder consolá-las quanto à questão. — Afirmar que a inspiração divina pode utilizar tal fundo, fazer acréscimos ao mesmo, elevar a sua qualidade, e infundir ao mesmo um valor espiritual e teológico, também não parece muito confortador para os estudiosos ultraconservadores, cujo dogma lhes afiança que isso não pode ter acontecido. Também gostaria de consolar os ultraconservadores; mas, se a verdade entra em conflito com isso, então prefiro a verdade.

3. *Como havia luz*, antes do sol ter sido criado? Vemos nisso o antigo conceito da luz primeva. O sol, a lua e as estrelas aparecem como luzes secundárias, preparadas especificamente para iluminarem a terra. Os hebreus não faziam idéia da vastidão do espaço exterior, e nem das dimensões dos corpos celestes. Antes, imaginavam que todos eles estavam pendurados por baixo da abóbada do firmamento (a taça invertida), feita de substância sólida, que separaria os céus da terra.

4. *A antiguidade da criação e da terra*. A maioria dos estudiosos tem abandonado a tentativa de descobrir a idade da terra, através das genealogias bíblicas. A astronomia mostra-nos que está chegando até nós luz que foi emitida pelas galáxias há, pelo menos, dezesseis milhões de anos. As evidências mostram que o sistema solar tem entre quatro a cinco milhões de anos de antiguidade. Alguns eruditos bíblicos pensam que uma grande expansão de tempo deve ser postulada entre Gênesis 1:1 e Gênesis 1:2. Isso significaria que há uma criação inicial, no passado indeterminado; e, muito depois, uma renovação. Isso abriria espaço para todas as eras geológicas. Além disso, isso nos permitiria reconhecer que a terra física é antiqüíssima, sem nenhum conflito como o relato de Gênesis. Alguns estudiosos chegam a pensar que criaturas semelhantes a homens poderiam ter vivido durante a criação original e a criação renovada, e que a narrativa bíblica de Gênesis nos oferece somente uma nova criação da raça adâmica.

**Em minha opinião,** essa espécie de interpretação, apesar de fornecer-nos um meio de reconciliar as descobertas científicas com o relato bíblico, na verdade é apenas uma adaptação ao avanço do conhecimento, e não um reflexo do que o autor sagrado estava procurando transmitir. Os registros geológicos mostram que os pólos têm mudado de posição ao menos por quatrocentas vezes, com deslizamentos correspondentes da crosta terrestre. Isso tem produzido vastas destruições, rearranjo de continentes, fins de antigos ciclos e inícios de novos ciclos. Ao que parece, as duas últimas dessas vastíssimas destruições correspondem, cronologicamente falando, às datas de Adão e do dilúvio de Noé. Isso poderia significar que tanto Adão quanto Noé representam novos começos, e não começos absolutos. Adão teria sido o primeiro homem da raça, conforme o conhecemos agora, e não o primeiro homem, em sentido absoluto. Quanto a detalhes sobre a questão da imensa antiguidade da criação, ver os artigos sobre *Antediluvianos, Adão* e *Astronomia*. O terceiro ponto deste último artigo tem o título: *A Imensa Antiguidade da Criação*, onde são expostos vários argumentos a respeito.

5. *Os dias do livro de Gênesis*. Teriam sido dias literais de vinte e quatro horas? Grande controvérsia ruge entre os eruditos, até mesmo sobre essa particularidade. Alguns deles afirmam que devemos pensar em dias literais de vinte e quatro horas, salientando a expressão «Houve tarde e manhã...» que assinala cada novo dia. Outros, esperando encaixar todas as vastas eras geológicas dentro do esquema da narrativa, expandem esses dias para que se tornem grandes períodos de tempo. Alguns deles declaram que cada dia teria durado mil anos, usando o trecho de Sal. 90:4 como justificação, onde se lê que, para o

Senhor um dia é como mil anos. Argumentos como esse são fúteis. Em primeiro lugar, é óbvio que o autor sagrado pensava que estavam envolvidos dias literais de vinte e quatro horas, embora o sol não tenha sido criado senão já no quarto dia. Outros dizem que os luminares celestes só *se tornaram visíveis* no quarto dia, embora existentes antes disso. Essa opinião envolve uma interpretação desonesta, a fim de dar solução a um problema trivial. O autor sagrado simplesmente não se preocupava com tais pormenores, ainda que os mesmos viessem a produzir alguma incongruência. Dias com duração de mil anos não representam nem uma gota, no balde das eras geológicas. E a teoria dos dias prolongados em nada contribui para solucionar os enigmas da criação. Tenho para mim que os dias de vinte e quatro horas são apenas uma conveniência literária da narrativa, sem qualquer significação do ponto de vista da física e da geologia. Uma outra interessante mas ridícula idéia acerca dos *dias* da criação é aquela que diz que o modo da criação foi revelado no processo de seis dias literais, ao autor sagrado, nada tendo a ver com a criação propriamente dita. Os evolucionistas, por sua vez, tentam explicar o *modus operandi* do desenvolvimento gradual das espécies. Porém, isso é uma outra tentativa que fracassa.

Acredito no seguinte: nenhuma das interpretações que diz respeito ao problema dos dias da criação contribui em qualquer coisa para o nosso conhecimento do aspecto físico da criação, pelo que as controvérsias sobre esses detalhes são fúteis. A Bíblia simplesmente não foi escrita para ensinar *como* Deus criou todas as coisas. Seu propósito é teológico, e não científico.

**VI. A Criação Cristocêntrica**

Talvez fosse melhor dizermos *a criação Logos cêntrica*. Temos nisso um importante dado teológico. Ofereço ao leitor um artigo separado a respeito, intitulado: *Criação Realizada No, Por Meio De, e Para o Filho*.

**VII. Interpretações que tentam reconciliar a ciência com Gênesis**

1. *O grande hiato*. Entre Gên. 1:1 e 1:2 existiu um grande hiato de tempo no qual todas as eras geológicas aconteceram. Isto explica a grande idade da terra, aliviando o problema de uma criação que aconteceu aparentemente há 6.000 anos (cálculo das genealogias).

2. *Dia=era teoria*. Os dias de Gên. não foram de 24 horas, mas sim, eras vastas. Às vezes, esta teoria é combinada com a de no. 1. Imensas eras existiram tanto entre vss. 1 e 2, como também os *dias*.

3. *Dias + intervalos*. Os dias da criação eram de 24 horas literais, mas entre eles vastas eras existiram, alternativamente.

4. *Éden somente*. A criação de Gênesis tenta nos informar somente sobre a criação do Éden, em seis dias literais. O resto da criação não está descrita na Bíblia, além da referência vaga e geral de Gên. 1:1.

5. *Eras concorrentes e sobreimpostas*. Deus, sendo um ser, além e fora do tempo, criou em tempos curtos e longos, concorrentes e sobreimpostos. Não podemos delinear dias ou eras distintas e separadas, e qualquer discussão de tempo em relação à criação é artificial.

6. *O dia-revelador*. Os dias na narrativa de Gên. foram dias *de revelação*, e foram de 24 horas literais. Deus *revelou* a Moisés, *em 6 dias*, o esboço da criação, mas como ele realmente criou, e quanto tempo ele levou, são fatos não revelados.

7. *A semana-dividida ou simetria dupla*. A descrição de Gênesis incorpora um método literário pelo qual o 1º dia é paralelo ao 4º, o 2º ao 5º e o 3º ao 6º, e estes pares são complementares. O fator tempo, segundo esta teoria é artificial.

*Avaliação destas teorias*. A simples leitura do registro de Gênesis mostra que o escritor pensava em dias literais, e bem provavelmente, de um tempo relativamente recente. Estas diversas teorias são tentativas de incorporar a história de Gênesis dentro dos conhecimentos da ciência moderna. Elas são truques teológicos e filosóficos, embora tenham elementos obviamente verdadeiros.

**Uma interpretação mais provável: a criação como um novo início**. Existem evidências em favor da criação adâmica ser uma renovação, e não uma criação absoluta. Parece que a terra já passou mudanças dos pólos mais do que 400 vezes. Isto quer dizer, que por muitas vezes, vastas destruições tem arrumado, de modo diferente, os continentes, trazendo destruições quase completas da terra. Aparentemente, as últimas duas correspondem bem, em termos de tempo, às histórias bíblicas de Adão e Noé. Neste caso, a história de Adão seria um *novo começo*, não o começo absoluto da raça humana. Existiram, portanto, muitas raças humanas anteriores à adâmica. A história bíblica, então, nos informa sobre uma renovação da raça, e esta raça é aquela que iniciou a história do homem como nós o conhecemos. Gên. 1:1, todavia, é uma declaração geral sobre Deus como o criador absoluto, de tudo, em qualquer tempo.

8. *A teoria da grande explosão* da astronomia moderna pode ser combinada com a teoria das mudanças dos pólos. Existem também grandes ciclos cósmicos, não somente grandes ciclos terrestres. Há mais de 16.000.000 de anos, houve uma grande explosão de matéria condensada que deu início a criação que nós conhecemos na astronomia. Mas antes disto, houve inumeráveis explosões que iniciaram inumeráveis ciclos de bilhões de anos cada. Uma vez que o poder da explosão se dissipa, a matéria, pela força da gravidade, volta na outra direção. Uma vez que se condensa novamente, outra grande explosão ocorre. Este processo continua e é um fator sem data e totalmente além da nossa imaginação.

*Conclusão*. Existem grandes ciclos cósmicos e terrestres. As grandes explosões criam os cósmicos, e as mudanças dos pólos criam os terrestres. Temos ciclos terrestres dentro dos ciclos cósmicos, e todos eles são de imensa duração. Portanto, a criação cósmica que conhecemos agora é realmente uma história recente. Também, o ciclo terrestre que envolve a *raça adâmica* é recente. Além destas histórias recentes, sabemos praticamente nada sobre as obras de Deus na criação. Temos um *misterium tremendum* que as teorias dos homens, e suas cosmogonias são infantis demais para explicar. Portanto, as diversas tentativas de reconciliar a história de Gênesis com a ciência moderna são fúteis. Também, a explicação da própria ciência sobre tudo isto é essencialmente fútil, embora perfeitamente legítima. Todas as explicações são simplesmente gritos na noite misteriosa das obras de Deus. Mas é legítimo gritar e procurar cada vez mais, por entendimentos mais aperfeiçoados. (AM B C E Z)

**CRIAÇÃO, realizado no, por meio de, e para o Filho.**

*O Ensino de Col.* 1:16 sobre o *Logos*, chamado Cristo na sua encarnação.

1. *Porque nele foram criadas todas as coisas*. A criação *em Cristo* refere-se ao seu caráter como *Alfa*.

O termo *nele* implica que todos os universos, todos os seres, existem como um desdobramento da mente de Deus, acerca de como deveria ser a natureza de tudo, segundo a natureza e exigências do *Logos*. O Logos é o padrão ou plano utilizado na criação. No caso do homem, ele é o padrão da natureza que o homem, na salvação, deve compartilhar, Rom. 8:29, dando a ele, a natureza divina, II Ped. 1:4. O Logos (Cristo) é, então o arquétipo da criação. Tudo foi criado por consideração a seu ser. A expressão *nele* também implica que foi *seu poder* que realizou a criação, em conjunto com o poder do Pai. O Logos, na qualidade de *arquétipo* da criação, equivale à idéia platônica das *Idéias* ou *Formas* que agem como o padrão para a criação das coisas terrenas. Note como *para ele* (ver explicações a seguir) fala sobre o Logos como o *Ômega*. Assim, o Logos é ao mesmo tempo o Alfa e o Ômega da criação. A criação também é *por ele*. Ele é o agente efetivo dela.

2. *Tudo foi criado por meio dele.* Isso se refere ao fato de que a criação veio à existência através do poder e da agência de Cristo. O vocábulo grego *dia* é usado do mesmo modo como em João 1:3. (Ali são dadas notas expositivas completas sobre esse aspecto de sua criação). Observemos que a idéia de «através dele» não denota qualquer inferioridade, como se Deus tão-somente tivesse se utilizado de Cristo para criar as coisas, como se ele mesmo não fosse o criador real. Pode-se verificar que, em Heb. 2:10, a mesma coisa é dita a respeito de Deus Pai; é «através dele» que tudo existe.

Notemos que a expressão **ta panta** é reiterada. Até os elevados poderes angelicais, juntamente com todas as outras coisas e seres, fazem parte da criação realizada por Cristo. E isso, mostra que sob hipótese alguma Cristo pode ser considerado parte da criação. Ele pertence a uma espécie distinta da criação. Os gnósticos afirmavam que a criação procedera de Deus como emanação, descendo de um poder angelical para outro, como emanações de vários graus da glória de Deus, a força criadora; —as emanações, pois— continuaram até se manifestarem na forma de espíritos, incluindo as almas humanas; e daí passaram à matéria, cuja forma mais inferior de emanações estaria tão afastada da luz de Deus que habitaria em trevas totais. Antes, Cristo é a causa primária e original; a causa mediadora também. Tudo veio à existência por meio dele, por seu ato de criação. Cristo, pois, não foi apenas mais um estágio de interminável sucessão de emanações, ao que os gnósticos o tinham reduzido; antes, ele foi a causa de todos os estágios da criação, que não é visto como uma emanação da parte de Deus, pois Deus é distinto de sua criação não compartilhando com ela de sua natureza, como o termo «emanação» geralmente indica. Assim é que evitamos a noção «panteísta», que sempre se faz inerente em qualquer teoria de «emanação».

*Criado*. Notemos aqui o tempo perfeito, em vez do aoristo. Este último apontaria para o ato de criação, mas o perfeito salienta o «estado resultante». Tudo quanto existe, conforme o conhecemos hoje em dia, «existe» devido à energia criadora de Cristo. Isso dá a entender, naturalmente, um ato criador original. Eles «foram criados» (aoristo) «nele», conforme nos mostra a primeira porção deste versículo; o ato criador original residia em Cristo, dependendo dele; e então todas as coisas «permanecem criadas», no estado em que as encontramos, através do seu poder criador. Isso pode ser comparado ao trecho de Heb. 1:10, que diz: «No princípio, Senhor, lançastes os fundamentos da terra, e os céus são obras das tuas mãos». Essas palavras se referem ao ato criador realizado por Cristo.

*Para ele*. No grego temos as palavras «eis auton». Assim como a palavra «nele» refere-se a Cristo em seu caráter como o «Alfa», assim também «para ele» refere-se a Cristo como o *Ômega* (ver Apo. 1:8). Isso significa que a criação visava ao seu benefício, à sua glória, aumentando a estatura de seu governo; pois ele é o «alvo» de toda a criação. Essa é a idéia do primeiro capítulo da epístola aos Efésios, onde o vemos como o ponto central em redor de quem tudo se reunirá harmoniosamente. Dentro da teoria gnóstica das «emanações», tudo retornaria a Deus e seria absorvido por ele, por seu Deus a sua fonte originária. Deus é visto como o poder que sustenta a tudo, enquanto tudo existiria como emanações de seu ser. Isso expressa uma verdade, embora mal formulada. «Todas as coisas», por assim dizer, são emanações de Cristo, mas distintas dele. Contudo, todas essas coisas retornam a Cristo, sendo absorvidas por ele, e os remidos chegarão a participar de sua própria natureza, sem jamais perderem sua individualidade. Tudo foi criado a fim de que — finalmente — encontrasse nele a razão da existência. Interveio a queda, mas a redenção que há em Cristo restaurou o desígnio original, chegando mesmo a aumentá-lo. Por isso é que Cristo é aquele que *preenche a tudo em todos* (conforme se aprende em Efé. 1:23).

**De Que Modo Cristo É O Alvo?**

1. Não podemos compreender esse fato plenamente, a menos que observemos cuidadosamente que ele é o *alvo* de «todas as coisas», tal como foi a causa de tudo. Se reduzirmos esse conceito em qualquer grau, perderemos de vista o conhecimento apropriado do que significa ser Cristo o alvo de toda a criação. Se fizermos dele o Alfa, mas não o Ômega, não o estaremos honrando com a nossa doutrina.

2. Col. 1:16 ensina-nos a mesma coisa que se aprende em Efé. 1:10: a «restauração geral» de tudo, em Cristo, o «reajuntamento de toda a criação», e isso «em redor» de Cristo, para que ele se torne o cabeça de todos. Essa restauração é intitulada, na epístola aos Efésios, de «o mistério da vontade de Deus», ou seja, aquilo que Deus está fazendo em suas muitas realizações, e através de muitas eras.

3. No que diz respeito aos eleitos, isso redunda para eles em «redenção», isto é, na participação na própria imagem e natureza de Cristo (ver Rom. 8:29), na sua plenitude (ver Col. 2:10), em ser a sua plenitude (ver Efé. 1:23), na participação na natureza e nos atributos divinos (Efé. 3:19), e, por conseqüência, em ser o principal agente da glória de Cristo, nos mundos eternos (ver Efé. 1:23). Isso tudo significa que a igreja estará ocupada na eternidade com a tarefa de tornar Cristo «tudo para todos» (ou seja, a restauração), conforme alguns intérpretes parafraseiam aquele versículo. Essa «natureza» e «atividade» da igreja, conferirão a Cristo a sua glória mais exaltada, porquanto somos o seu corpo, os membros através dos quais ele atua; e a glorificação do corpo será necessariamente a glorificação do Cabeça.

4. No que concerne aos perdidos, antecipamos que haverá uma «restauração», em contraste com a redenção dos eleitos. Aquela será uma glória secundária, uma existência digna de ser vivida, que redundará em glória positiva para Cristo, embora não queira dizer, que os não-eleitos venham a compartilhar da natureza divina. Tais seres serão uma ou mais espécies distintas, de natureza inferior. Não obstante, Cristo será tudo para eles, a motivação, a alegria e o propósito da sua existência. O próprio julgamento

será um dos meios da realização da *restauração*, I Ped. 4:6. Ver o artigo sobre *Restauração*.

5. E que dizer sobre os demais seres espirituais? Cristo também será o cabeça deles, e o propósito de sua existência. Presumimos que os anjos caídos poderão ser restaurados, embora pouquíssima seja a nossa informação bíblica a esse respeito. Nada sabemos, especificamente, do tipo de destino que foi determinado para os seres angelicais. Mas, sem importar exatamente qual seja, estará centralizado em torno de Cristo.

6. A criação física: a ordem será restaurada, a maldição divina será suspensa. — Finalmente, surgirá uma nova criação, e isso fará parte da restauração geral.

7. Cristo criou todas as coisas; e tudo retornará a ele novamente. O mesmo conceito é declarado no tocante a Deus Pai. (Ver I Cor. 8:6 e Rom. 11:36).

*Cristo Jesus é o Senhor dos senhores,*
*Ele é o Rei dos reis;*
*Ele é também o Sol da justiça,*
*E a cura ele traz em suas asas.*
(John Mason).

«Ele é a finalidade da criação, contendo a razão, em si mesmo, de por que a criação existe, e por que é como é». (Alford, em Col. 1:16).

«Ele mesmo é o fim. Assim, enquanto entre os homens se debatia acerca do fim, se seria o prazer, a especulação, a virtude, a indiferença ou o que as escolas filosóficas pudessem dizer, para nós basta dizer que a finalidade é Cristo». (Cramer, «Catenae in N.T.», sobre I Ped. 4:7). Isso empresta a Col. 1:16 um excelente tom *moral*. Agora mesmo, em tudo, em toda a inquirição espiritual, Cristo é o alvo e o padrão, tal como, — finalmente —, em todas as coisas e de todos os modos, ele será o centro.

*Cristo é o fim, pois Cristo foi o começo,*
*Cristo é o começo, pois o fim é Cristo.*
(F.W.H. Meyers, St. Paul, pág. 53).

Em tudo isso vemos claramente como devemos confiar plenamente em Deus, através da fé, e da lealdade a Cristo. Assim se define a vida eterna.

«Estou começando a perceber que posso e devo crer em Deus, e estou simplesmente assustado. Tenho ficado acostumado a viver sem ele, até certo ponto. Se admitir a mim mesmo que Deus é real, sei que terei de fazer algo a respeito, e sinto que minha vida inteira será transtornada. E procuro evitar essas modificações desconhecidas mas possíveis». (*Finding God* - Ray Long & Richard R. Smith).

**Se usarmos a terminologia aristotélica, então Cristo será:**

1. A causa *material*. Pois ele é a substância na qual tudo tem seu potencial, do que tudo o mais se desenvolve. (Isso é semelhante à idéia do «nele», que figura em Col. 1:16).

2. A causa *formal*. Em outras palavras, nele se acha o plano de desenvolvimento e seu potencial. Essa idéia também faz parte inerente da palavra «nele», que há em Col. 1:16.

3. A causa *eficiente*. Pois ele é o agente da criação, a força criadora. (Essa idéia é expressa pelas palavras «por ele», em Col. 1:16).

4. A causa *final*. Porquanto nele se cumprem todos os desenvolvimentos ou fruições da vida; ele é o alvo na direção do qual se move a criação. (Isso é expresso dentro do conceito sugerido pelas palavras «para ele», em Col. 1:16).

Cristo, por conseguinte, é o *Alfa*, o *Mu* e o *Ômega* da vida: o começo, o meio e o fim. Ele é o padrão, a razão, o agente, o sustentador e o alvo da vida.

## CRIAÇÃO ESPIRITUAL

**A Nova Criação, (Efé. 2:10).**

1. Isso, quanto ao aspecto físico (ver Rom. 1:20). Devemos a Deus nossa própria existência. Ele é o Alfa.

2. Porém, também somos sua criação espiritual. Ele é o Ômega. Movemo-nos na direção dele. (Ver I Cor. 8:6 e II Cor. 5:17). Isso é conseguido através de nossa comunhão mística com Cristo (ver as notas a respeito em I Cor. 1:4 no NTI), pois, «nele», temo-nos tornado novas criaturas.

3. Mui provavelmente, ambas as idéias acima expressas, estão em foco aqui, conforme as vemos ligadas entre si em João 1:4. Da «vida» original é que emergiu a «luz», isto é, a «nova vida iluminada». A criação física foi feita a fim de que, dela, pudesse emergir a criação espiritual.

4. Essa declaração é parcialmente polêmica. Visto que somos «criação» dele, dificilmente podemos ser nossos próprios criadores. Isso é óbvio, no que concerne à criação física. Para certas pessoas, entretanto, isso não é tão óbvio no tocante à criação espiritual, porquanto elas se esforçam por refazer-se através das obras, dos sacramentos e das cerimônias religiosas. Na verdade, porém, isso nos vem pela graça divina: Deus nos tornou naquilo que somos; nossos destinos dependem dele. Ele forma em nós a imagem de Cristo (ver Rom. 8:29). Ele nos proporciona sua própria natureza e seus atributos (ver Efé. 3:19). Toda essa realização está muito acima das possibilidades humanas. Tudo nos vem pela graça.

*Dele*. Esse vocábulo é enfático. Pois a feitura é «dele», isto é, de Deus, e não nossa. Embora tenham sido empregadas palavras gregas diferentes, há uma certa antítese entre «obras» e «feitura». Assim sendo, a salvação não vem de «obras», mas de «feitura». Também não vem de «obra humana», e, sim, de *feitura divina*. É interessante saber que o nosso vocábulo português «poema» se deriva do termo grego aqui traduzido por «feitura». Portanto, somos «um poema» ou «uma composição de Deus», porquanto nossa graça e beleza estética pertencem à sua arte, e não ao nosso próprio engenho. Naturalmente que podemos fazer essa aplicação como uma ilustração, pois não há que duvidar que o apóstolo dos gentios não tinha em mente a idéia de «poema», —quando escreveu Efé. 2:10. Não obstante, essa mesma palavra grega significa uma composição poética, tendo sido assim utilizada por diversos autores antigos. A única outra ocasião, em todo o N.T., onde essa palavra é novamente usada, é em Rom. 1:20, e onde a alusão é à criação física.

*Criados*, Efé. 2:10. Comenta Vincent (*in loc.*), como segue: «Ver sobre João 1:3. Originalmente esse verbo significava 'tornar habitável', 'popular', e, portanto 'fundar'. Deus é chamado de *ktistes*, em I Ped. 4:19 e de 'o ktistes' 'aquele que criou', em Rom. 1:25. (Comparar com Apo. 4:11). *Ktistis* é termo usado para indicar a súmula total das coisas criadas, segundo se vê em Mar. 10:6 e Rom. 8:22».

**Como Opera essa Nova Criação**

1. Ela nos orienta na direção de um destino planejado por Deus. Ela esboça o curso de nossas vidas, neste mundo e para sempre.

2. Ela torna cada um de nós uma pessoa singular, singular em sua missão (ver as notas sobre isso em Apo. 2:17 no NTI).

## CRIAÇÃO EX NIHILO

O latim, «ex nihilo» significa «do nada». A criação «do nada» é o ponto de vista tradicional cristão, em contraste com a idéia grega da reforma da matéria previamente existente. Na primitiva teologia cristã, quando a doutrina do Logos ou Verbo estava sendo utilizada para explicar o *modus operandi* da criação, estabeleceu-se a idéia de que ninguém pode falar sobre o Logos eterno e sobre a eternidade da matéria, ao mesmo tempo. O gnóstico Basílides (que vide), antecipou a doutrina e Hiérocles de Alexandria (que vide) apegou-se a uma versão da mesma. Tomás de Aquino supunha que Deus sustenta a sua criação por meio de alguma lei geral. Descartes (que vide) referiu-se ao poder sustentador de Deus de maneira tal que, à sua maneira de apresentar a idéia, Deus estaria criando novamente o mundo, a cada instante. Os teólogos modernos falam em termos do poder criador e sustentador de Deus como uma energia divina. Isso significa que temos uma criação mediante a energia de Deus, e não «do nada». Mas, com essa qualificação, o antigo nome ainda assim é retido. Como é óbvio, o que vem do nada é o nada, ou seja, *ex nihilo nihil fit* (do nada, nada é feito). Ver o artigo geral sobre a *Criação*, quanto às várias idéias concernentes à origem da criação, além de outras questões envolvidas no assunto.

## CRIAÇÃO NOVA Ver Nova Criação.

## CRIACIONISMO

Consideremos dois pontos principais a respeito:

1. *No Tocante à Alma*. No que diz respeito à alma, o *criacionismo* é uma dentre várias teorias referentes à sua origem. Quanto a um completo estudo sobre a questão, ver o artigo geral sobre a *Alma*, sob as teorias de sua origem. Essa teoria afirma que, no momento da concepção ou do nascimento, Deus cria *de novo* a alma humana, para utilizar-se do corpo físico como um veículo. Trechos bíblicos usados em apoio a essa teoria são: Zac. 12:1; Isa. 42:5 e Heb. 12:9. Entretanto essas passagens dificilmente provam o ponto; e a própria idéia envolve uma teologia deficiente. Simplesmente não há passagens bíblicas claras acerca da origem da alma, embora sua existência e seu destino sejam pontos claramente ensinados na Bíblia.

*Dificuldades Dessa Opinião*. Em primeiro lugar, essa teoria força Deus a depender do ato procriativo do homem. Deus também não cessaria em criar almas, a cada nova concepção ou nascimento humano, o que reflete uma situação ridícula e nada econômica quanto ao tempo de Deus. O *traducionismo* (que vide) procura isentar Deus dessa contínua atividade criativa, afirmando que os poderes de criação dos pais, que são seres não apenas físicos, mas também espirituais, naturalmente produzem tanto o corpo quanto a alma. Isso teria sido estabelecido como uma lei natural, inerente ao esquema natural das coisas. Segundo penso, essa teoria é superior à primeira, embora ainda não corresponda à realidade total dos fatos. Em segundo lugar, o criacionismo envolve certas dificuldades teológicas. É impossível imaginarmos que Deus haveria de criar uma alma decaída. Na verdade, a doutrina cristã afirma que as almas humanas caíram em Adão, por ocasião do pecado original. Portanto, as almas já chegam como entidades pecaminosas na esfera terrestre. Por outra parte, o criacionismo requer a negação dessa doutrina, dando a entender que é o *corpo*, por estar poluído, que contamina a alma, assim que a alma entra em contato com o corpo. Qualquer pessoa que estuda a teologia sabe que tal doutrina é um reflexo do gnosticismo. Os mestres gnósticos supunham que a própria matéria é má, e que o espírito é puro. Assim sendo, o corpo físico seria mal e contaminado, mas não o espírito. No entanto, a doutrina cristã nunca encarou o próprio corpo como pecaminoso, embora aceite que o mesmo é instrumento fácil do pecado. Antes, a *entidade espiritual* é que é pecaminosa, o homem real, a alma. Portanto, a alma é que já chega neste mundo como um ser caído, e então apossasse-se do corpo físico como seu veículo de expressão. O corpo não é mau por si mesmo. E como poderia sê-lo? É apenas um montículo de matéria, embora uma máquina admirável. A concepção da matéria como má é uma noção gnóstica clara. No entanto, muitos teólogos cristãos precisam recorrer ao gnosticismo a fim de defender a teoria do criacionismo.

**Criados do Nada?** Boaventura e Tomás de Aquino (ver os artigos a respeito deles) aplicaram a idéia do *ex nihilo* ao criacionismo. Presumivelmente, Deus criaria as almas do nada, da mesma maneira que, presumivelmente, teria criado o mundo do nada. Porém, do nada, nada se origina (*ex nihilo, nihil fit*). Nem todos os teólogos, entretanto, que advogam o criacionismo, apegam-se à idéia do *ex nihilo*. A idéia do criacionismo tem-se mostrado dominante na Igreja ocidental e na Igreja oriental, como também em muitas denominações protestantes. Tertuliano, seguindo os estóicos, ensinava o *traducionismo*. Lutero não sabia qual decisão tomar entre essas duas teorias, mas a maioria dos luteranos tem preferido o traducionismo. Outras idéias alternativas são a da eternidade da alma (Platão), como participante dos universais (que vide); ou a idéia da *preexistência* (que vide) da alma, posição assumida pela maioria dos pais gregos da Igreja. Essa é a teoria que parece mais lógica, em face das razões que enumero no artigo com esse título.

2. *Criacionismo Cosmológico*. Esse é o conceito que diz que o começo de todas as coisas ocorreu mediante um ato criativo de Deus, e não em virtude de alguma emanação de seu próprio ser (panteísmo). Essa idéia nega que a matéria tenha existido desde a eternidade, tendo sido apenas reformada ou posta em boa ordem. Esse ensino dá a entender que houve um tempo em que somente Deus existia. Tudo constitui um grande mistério, que não nos foi revelado!

3. *Criacionismo Antropológico* (origem do homem). Esse é o ensino que diz que o homem foi criado por Deus por um ato especial e imediato, de tal maneira que o homem não é produto de evolução. A idéia inclui a noção que, tanto o corpo quanto a alma, foram criados como uma unidade. Todavia, a idéia mais antiga dos hebreus foi que o ato criador de Deus envolveu somente o corpo, e que *isso* inclui o homem interior chamado alma nas traduções, porquanto, na antiga teologia hebraica não haveria qualquer noção sobre um ser *imaterial*. Essa idéia aparece mais tarde nos Salmos e nos livros dos profetas, estando ausente do Pentateuco. A teoria da evolução apareceu, com algumas poucas exceções, como um conceito de como o homem *biológico* veio à existência, e nada pretende falar sobre o espírito humano. Isso posto, essa teoria também nada tem a ver com o homem essencial, real, o espírito humano. Estritamente falando, portanto, nem o livro de Gênesis e nem a teoria da evolução informam-nos como o homem real veio à existência. Mas, de acordo com a *interpretação cristã*, o registro de Gênesis fornece-nos a narrativa sobre a origem do homem, em corpo e alma. Ver o artigo sobre a *Evolução*. (B C P)

••• ••• •••

## CRIANÇA

*Esboço:*

1. O Termo
2. As Escrituras e as Crianças
3. Usos Bíblicos Figurados
4. As Crianças e a Ética
5. A Idade da Responsabilidade e da Salvação

### 1. O Termo

**O heb. yeled aparece 87 vezes no A.T. (Exemplos: Gên. 21:8,14,16; Êxo. 2:3,6-10; Rute 4:16; I Sam.** 12:15,18,19,21,22; I Reis 3:25; II Reis 4:18,26,34; Ecl. 4:13,15; Isa. 9:6; Jer. 31:20). No grego, *paidíon*, palavra que ocorre por cinqüenta e três vezes, de Mat. 2:8 a I João 3:7. E também *país*, que aparece por vinte e quatro vezes, de Mat. 2:16 a Atos 20:12, com o sentido de «servo», «criado», «filho», etc.

No Antigo Testamento, a palavra acima algumas vezes é usada no plural a fim de designar somente um descendente masculino (I Crô. 2:31; II Crô. 24:25), em cujos casos a palavra «filhos» dá a entender, genericamente, descendência, da qual todos morreram, exceto o último nome mencionado. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento , os termos envolvidos são usados com considerável latitude, conforme é demonstrado pelas várias definições. Um uso comum consiste em designar a descendência, sem importar quão remota. Assim, os «filhos» de uma personagem qualquer podem ser seus descendentes remotos.

### 2. As Escrituras e as Crianças

a. **Uma criança era considerada, entre os israelitas,** uma bênção de Deus; e muitos filhos eram um sinal do favor divino, ao passo que as pessoas estéreis eram olhadas com menosprezo (Gên. 11:30; 30:1; I Sam. 2:5; II Sam. 6:23 e Sal. 127:3).

b. *Posição da Criança*. O fato de que as crianças eram, por muitas vezes, vendidas como escravas ou entregues a algum credor, a fim de ser paga uma dívida, mostra o pouco respeito que se tinha pelas crianças, em Israel (ver II Reis 4:1; Isa. 50:1; Nee. 5:5). Um pai hebreu exercia poder ilimitado sobre seus filhos, meninos ou meninas. Os pais é que escolhiam os cônjuges para seus filhos (Gên. 21:21; Êxo. 21:9-11; Juí. 14:2,5). Um pai podia anular um voto sagrado feito por uma filha, embora não por um filho. Dos pais esperava-se que entregassem seus filhos para serem mortos, se se tornassem culpados de abusar de um dos genitores (Êxo. 21:15,17; Lev. 20:9). Jesus referiu-se a essa lei em Mat. 15:4 e Mar. 7:9. Antes da legislação mosaica, um pai podia designar quem era o seu filho primogênito, usualmente filho de uma esposa favorita, sem importar se esse filho era, ou não, o mais velho. Ver Gên. 49:3. Os privilégios dos primogênitos eram consideráveis. Ver sobre o *Direito de Primogenitura*.

c. *Os Infantes*. Bebês recém-nascidos eram cuidados por parteiras ou servas (Gên. 35:17; 38:28; Êxo. 1:15). A criança recém-nascida era banhada em água, esfregada com sal, envolta em panos e cuidada pela mãe (Gên. 21:7; I Sam. 1:23), com a ajuda de outras pessoas, conforme indicado acima, dependendo das posses da família. Os meninos eram circuncidados ao oitavo dia de nascidos. Ver o artigo sobre a *Circuncisão*. Os nomes dados às crianças dependiam de algumas circunstâncias que envolviam o nascimento (Gên. 25:25 *ss*; 35:18; 38:29), ou de algum desejo ou esperança por parte da mãe (Gên. 4:25; 29:32), ou em honra a algum parente (Luc. 1:61). Quarenta dias após o nascimento de um menino, ou oitenta dias após o nascimento de uma menina, a mãe precisava oferecer um sacrifício de purificação no templo (Lev. 12:1-8), apresentando a criança a Deus, e remindo-a com certa importância em dinheiro (Núm. 18:15 *ss*; 4:47). —O desmame usualmente só ocorria aos dois, ou mesmo aos três anos de idade (II Macabeus 7:27). Isso era celebrado (Gên. 21:8), e eram feitos os sacrifícios apropriados (I Sam. 1:23,24).

d. *Treinamento*. A mãe da criança era sua principal treinadora (Pro. 31:1; II Tim. 1:5 e 3:15). As filhas eram estritamente supervisionadas até no casamento. Quando uma criança atingia os cinco anos de idade, os pais tomavam um papel mais ativo na sua educação; e, no caso de famílias mais abastadas, eram contratados professores (Núm. 11:12; Isa. 49:23; II Reis 10:1; Gál. 3:24). Havia grande empenho na educação religiosa das crianças, bem como na arte da leitura e da escrita (Êxo. 12:26; 13:8,14; Deu. 4:10; 6:7). As escolas são uma invenção comparativamente recente. Os meninos eram treinados em uma profissão qualquer, usualmente a do seu pai. Gamaliel, nos dias de Jesus, conforme somos informados, foi o primeiro judeu a estabelecer escolas para meninos, nas cidades.

e. *As Crianças Diante da Lei*. A reverência aos pais era uma exigência absoluta (Êxo. 20:12; Lev. 19:3), sem o que uma criança não podia prosperar espiritualmente, segundo se cria. Se uma criança amaldiçoasse a seus pais, imediatamente ficava debaixo de uma maldição divina (Deu. 27:16). Se um filho fizesse alguma violência contra seus pais, era executado (Êxo. 21:15,17; Lev. 20:9). Se um filho se tornasse um alcoólatra, um glutão, um malfeitor, ignorando as advertências de seu pai, seria morto por apedrejamento, pelos anciãos da cidade (Deu. 21:18-21). O primeiro filho a ser declarado primogênito, não podia, posteriormente, perder esse direito, porque seu pai, depois dele, gerara um filho através de alguma esposa mais favorecida, e queria mudar seu parecer sobre a questão (Deu. 21:15-17). A lei permitia que um pai anulasse um voto de uma filha sua (Núm. 30:4,5). Ele tinha autoridade para contratar casamento para seus filhos, e podia vender uma filha como concubina; mas não podia vendê-la a um povo estrangeiro (Êxo. 21:7 *ss*). Os filhos podiam ser vendidos a fim de ser paga alguma dívida, podendo até mesmo ser vendidos à servidão (II Reis 4:1; Isa. 50:1; Nee. 5:5). Os filhos nascidos como escravos, filhos de escravos, permaneciam como escravos (Gên. 14:14; 15:3 e 17:23).

f. *Filhos Ilegítimos*. Esses não tinham direito à herança (Gên. 21:10; Gál. 4:30). Não recebiam qualquer treinamento formal, eram excluídos da congregação e eram desprezados (Deu. 23:2; Juí. 11:2).

g. *Adoção de Filhos*. Na antiga Mesopotâmia, conforme somos informados pelos documentos de Nuzi, havia o costume de adotar filhos. Abraão adotou um herdeiro (Gên. 15:3), embora não houvesse qualquer legislação formal para isso, até onde sabemos. Os casos bíblicos de adoção usualmente ocorrem em um meio ambiente estrangeiro, como a adoção de Moisés por parte da filha de Faraó (Êxo. 2:10), ou a adoção de Ester por Mordecai (Est. 2:7,15). Em alguns casos, os adotados já eram descendentes da mesma linhagem (Gên. 48:5,12; Rute 4:16,17). As referências neotestamentárias, conforme se vê em Rom. 8:15 e Gál. 4:5, têm um pano de fundo romano. Naquela sociedade, a prática era regulamentada por lei, conferindo a posição de plena filiação. Ver o artigo sobre a *Adoção*.

### 3. Usos Bíblicos Figurados



JESUS ABENÇOANDO AS CRIANÇAS

Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Direi do Senhor: Ele é meu refúgio, a minha Fortaleza, e Nele confiarei. Porque ele te livrará do laço do passarinheiro e da peste perniciosa. Ele te cobrirá com suas penas, e debaixo de suas asas estarás seguro: a sua Verdade é escudo e broquel. Não Temerás espanto noturno, nem seta que voe de DIA, nem peste que ande na escuridão, nem mortandade que assole ao meio dia. Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido. Somente com teus olhos olharás e verás a recompensa dos ímpios.

Porque tu, ó Senhor, és o meu refúgio! O Altíssimo é tua habitação. Nenhum mal te sucederá, nem praga ALGUMA chegará à tua tenda. Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em Todos os teus CAMINHOS.

Salmos 91
1-11

Caligrafia de Darrell Steven Champlin

a. As crianças simbolizam um estado de ignorância e de trevas intelectuais (Mat. 11:16; I Cor. 13:11; 14:20; Efé. 4:14 e Heb. 5:13).

b. Israel, em sua agonia na escravidão egípcia, é comparado a uma criança abandonada, ou a um infante que jaz em seu próprio sangue (retratando a crueldade dos egípcios) (Eze. 16:1-14).

c. A expressão «filho de» ou «filhos de» indica alguma característica especial, como «filhos da luz», aqueles que possuem iluminação espiritual (Luc. 16:8), ou «filhos da obediência», aqueles que obedecem às leis espirituais (I Ped. 1:14). Pelo lado negativo, encontramos expressões como «filhos do inferno» (Mat. 23:15); «filhos do maligno» (Mat. 13:38), «filhos deste mundo» (Luc. 16:8).

d. Os «filhos da ressurreição» serão aqueles que participarão da vida eterna, já com seus corpos ressuscitados (Luc. 20:36).

e. Os «filhos de Deus» são os remidos, uma expressão extremamente freqüente, sobretudo no Novo Testamento (João 1:12).

f. Os «filhos de Abraão» são aqueles que seguem em sua tradição espiritual, sem importar se judeus ou gentios, os quais, por isso mesmo, são herdeiros de sua herança espiritual (Luc. 3:8; João 8:39 e Gál. 3:7).

g. Todos aqueles que chegam ao reino de Deus devem ter a mesma atitude humilde dos filhos (Mat. 18:3).

**4. As Crianças e a Ética**

a. **A primeira responsabilidade da educação das** crianças cabe aos pais; e só secundariamente à Igreja e às instituições de ensino. Por isso encontramos aquele mandamento que diz: «Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele» (Pro. 22:6). É com base nessa idéia que a Igreja Católica Romana diz que se lhe for confiada o treinamento de uma criança, até que ela chegue aos sete anos de idade, provavelmente ela não se afastará dos ensinamentos católicos depois disso. Os evangélicos, naturalmente, também crêem nesse princípio, pelo que têm estabelecido muitas escolas religiosas, em face da corrupção crescente do sistema escolar público, e devido à ausência de treinamento apropriado no lar. Apesar desse sistema contar com alguns pontos positivos, também tem seu aspecto negativo. Os cristãos por procuração não são, necessariamente, os melhores; pois, passada a supervisão de seus superiores, coisas desastrosas podem acontecer. Um soldado precisa enfrentar a batalha, a fim de aprender a lutar. Um boxeador precisa treinar suas habilidades *lutando*. Assim sendo, a saturação das escolas cristãs com freqüência cria mais indiferença do que espiritualidade. Não há que duvidar que muitos missionários têm caído no erro sério de confiar o treinamento de *seus* filhos a terceiros, usualmente nas escolas, ao passo que eles ensinam a filhos *alheios*, em algum campo missionário estrangeiro, em vez de ensinarem a seus próprios filhos.

b. *Fracassos*. Apesar de todos os esforços de seus pais, as crianças freqüentemente deixam de corresponder ao desafio, mesmo dos pais mais piedosos, os quais apóiam seu ensino com o próprio exemplo. Como poderíamos explicar esses casos? Meus amigos, preciso dizer-lhes o que acredito. A alma é preexistente, trazendo consigo toda a bagagem espiritual acumulada em uma longa existência. Isso pode ser aprimorado ou prejudicado pelas circunstâncias da vida. Os pais piedosos com freqüência recebem as almas de boas entidades, e, nesses casos, o treinamento *parece* operar esplendidamente. Mas, a verdade é que essas crianças já trazem consigo um bom caráter espiritual, que haverá de manifestar-se com ou sem treinamento. Todavia, o treinamento de uma criança pode transmitir-lhe essa boa qualidade ainda mais positivamente, pois a espiritualidade é uma qualidade que sempre é passível de crescimento. Porém, se uma alma má nasce de bons pais, seus *melhores esforços* poderão fracassar miseravelmente. Um dos mais violentos assassinos da história criminal dos Estados Unidos da América era filho de um piedoso líder evangélico. Esse, é claro, é um exemplo radical; mas os exemplos dessa ordem são tão abundantes que precisamos mudar de idéia quanto ao conceito inteiro do treinamento de crianças. No caso de João Batista, somos informados pelas Escrituras que ele foi cheio do Espírito Santo desde o ventre materno (Luc. 1:15). Paulo era um vaso especial, escolhido desde antes do seu nascimento (Gál. 1:15). Podemos dizer que esses eram casos especiais, dependendo da decisão do Senhor. Porém, observando o que está ocorrendo com as crianças de nossos dias, vemos como, com a mesma família, com o mesmo treinamento, com os mesmos pais, nas mesmas escolas, nas mesmas igrejas, as crianças acabam mostrando ser inteiramente diferentes, tanto no sentido espiritual quanto no tocante a outras questões. Em face disso, tenho chegado à conclusão que está em jogo muito mais do que o treinamento e o meio ambiente. As pessoas gostam de afirmar que João Batista e Paulo representam *exceções* divinas, mas penso que eles representam ilustrações da *regra*. Os pais alexandrinos da Igreja acreditavam na preexistência da alma, sem a reencarnação. Mas, com ou sem a reencarnação (que vide), precisamos considerar a possibilidade de que o começo de uma alma pode dar-se por impulso divino, em uma remota eternidade passada, nada tendo a ver com a geração do corpo. Assim, a alma teria uma história inteiramente separada do corpo físico. Ver o artigo sobre a *Alma, Sua Origem*. Ali exponho as diversas teorias sobre a origem da alma.

**Era comum à teologia judaica posterior que seus profetas cumpriram mais de uma missão terrena.** Isso se reflete em Mat. 16:14. Alguns judeus pensavam que Jesus era Jeremias, ou algum dos outros profetas do Antigo Testamento, que havia retornado. O mesmo princípio teria aplicação a entidades negativas, como o anticristo, que seria a volta à vida de um imperador romano, saído do próprio abismo (que vide), ou do hades (que vide) (ver Apo. 17:8,11). Aquilo que a doutrina supostamente ortodoxa tem chamado de exceções, bem podem ser exemplos de uma verdade geral. Precisamos aprender através da experiência, e o conhecimento é algo que sempre está sujeito a desenvolvimento. Quando vejo o que sucede às crianças, filhos de pais piedosos, percebo que a palavra «treinamento», apesar de contar muito, não conta a história inteira. Estudos recentes demonstram que cerca de metade dos criminosos, nos Estados Unidos da América, não foram criados sob condições domésticas e sociais que, normalmente, fomentariam um mau caráter. Ademais, muitos criminosos procedem de lares perfeitamente normais, e, desde seus primeiros anos, são diferentes, mentindo, furtando e tratando outras pessoas de maneira errada. Nessas crianças há algo que já veio com elas, desde que nasceram. Alguns estudiosos têm pensado em defeitos cerebrais, nesses casos; porém, nenhuma prova foi colhida quanto a isso, até agora. Portanto, precisamos considerar a possibilidade da *herança espiritual*, e não apenas a

herança genética e o meio ambiente, a fim de compreender alguns dos nossos mais críticos problemas.

Por outra parte, há os casos daquelas crianças que, sem nenhum treinamento especial, – até mesmo em um meio ambiente doméstico e social negativo, elevam-se acima da média, chegando a grandes realizações seculares e espirituais. Também não penso que isso ocorre por mero acidente. É que tais crianças já trouxeram consigo um caráter espiritual básico e bem formado, que haverá de manifestar-se, sem importar as circunstâncias contrárias, como um lar negativo, uma péssima vizinhança, ou qualquer outro fator adverso. Se alguém mergulhar um objeto de ouro na lama, esse objeto continuará sendo de ouro, e a lama não conseguirá penetrar no metal. Mas, se alguém mergulhar um objeto de chumbo em água pura e cristalina, esse objeto continuará sendo de chumbo. Tempo e esforço são capazes de modificar qualquer coisa; e é disso que o evangelho trata. Contudo, essa modificação se processa lenta e laboriosamente. E a conversão, apesar de elevar as pessoas, não as eleva todas ao mesmo nível. De fato, a vida de muitas pessoas supostamente convertidas continua extremamente deficiente em qualidade espiritual. É que em cada vida há um caráter espiritual básico já em operação, não estando envolvido apenas aquilo que acontece neste mundo. O que já aconteceu à alma, no passado remoto, é extremamente importante, e não apenas na vida terrena.

c. *Influências Cristãs*. A influência do judaísmo no mundo, e, em seguida, do cristianismo, muito contribuiu para eliminar alguns terríveis abusos. O judaísmo fazia finca-pé contra o sacrifício de crianças (Lev. 18:21). A Igreja cristã condena o aborto provocado. Orfanatos cristãos tornaram-se uma instituição comum a começar em cerca de 361 ou 363 D.C. A Igreja cristã promove o funcionamento de instituições educacionais e hospitalares para as crianças. Robert Raikes deu início à Escola Dominical, e F.D. Maurice promoveu a legislação a respeito do labor infantil, com base na ética cristã. Talvez o fator mais significativo que ocorre atualmente nos Estados Unidos da América, no que concerne às crianças que nascem de pais evangélicos, seja o fenomenal desenvolvimento das escolas evangélicas. É possível que isso tenha por modelo o empreendimento da Igreja Católica Romana e de grupos ortodoxos orientais.

**5. A Idade da Responsabilidade e da Salvação**

Um problema teológico de grandes proporções está envolvido no caso da salvação das crianças. Que sucede aos infantes que morrem? Com que idade uma criança torna-se responsável pelos seus atos? Há diversas respostas para essas perguntas:

a. *Os Céticos*. Esses dizem que a questão envolve um mistério para o qual não há nenhuma boa resposta.

b. *A Igreja Católica Romana*. Os infantes não-batizados não são considerados responsáveis por seus atos, mas também não estão na Igreja. Portanto, se vierem a morrer, irão para o *limbo* (que vide), que não seria nem o céu e nem o inferno. Não há descrições sobre o tipo de vida que as crianças levam ali. Mas alguns teólogos dão ouvidos a filósofos gregos, que tinham boas idéias quanto à questão, e que viveram antes da era cristã. Portanto, no romanismo há muita discussão filosófica a esse respeito! Os teólogos chamam o limbo de lugar de felicidade, embora ali ninguém recebesse a *Visão Beatífica* (que vide). Os indivíduos mentalmente incompetentes também seriam enviados para o limbo. Por conseguinte, felizes os que nascem retardados, pois outros, que têm algum bom senso, são enviados para o inferno! Segundo o catolicismo, os infantes *batizados* iriam para o céu. Os protestantes e evangélicos consideram o limbo uma pura invenção, porquanto sabem que o ato do batismo não altera o destino de uma pessoa, por ser apenas o símbolo externo de uma operação do Espírito. Portanto, eles preferem pensar que os retardados mentais e os infantes que morrem vão para o céu.

c. *O Ponto de Vista Calvinista Radical*. Visto que as crianças são criaturas caídas, se morrerem, elas irão diretamente para o inferno, embora para uma região de menor punição; mas para o inferno, não obstante. E elas ficam eternamente condenadas. Isso pode parecer uma posição lógica, se nos apegarmos somente às passagens bíblicas que dizem respeito ao julgamento geral; mas tal posição é repugnante e ridícula.

d. *A Idade da Responsabilidade*. A maioria dos estudiosos protestantes fala em termos de uma certa idade que, quando a criança atinge, torna-se responsável por seus atos. Os teólogos da Idade Média presumiam que, com a idade de cerca de doze anos, as crianças atingem essa fase da responsabilidade. Os mórmons preferem pensar que isso se dá quando a criança chega aos oito anos de idade. De acordo com essa doutrina, antes dessa idade, uma criança, embora tenha cometido pecados, não é responsabilizada pelos mesmos. Outro tanto pode ser dito acerca dos mentalmente deficientes. Essas pessoas, mediante a graça divina geral, iriam para o céu quando morressem. Naturalmente, essa é uma *idéia racional*, e não uma doutrina das Escrituras. Alguns apontam para o trecho de II Samuel 12:13 como texto de prova. Davi declara ali que não poderia trazer sua criança de volta, mas que ele poderia ir até ela. Porém, isso não fala necessariamente sobre o céu; poderia indicar a morte e o envolvimento no Sheol, etc. Além disso, não se trata de um versículo dogmático, em uma passagem dogmática. Para mim, seja como for, toda essa idéia não faz sentido. Mediante qual bafejo da sorte algumas pessoas morrem quando ainda infantes **e outras nascem idiotas? ' Deve haver alguma idéia melhor, que se aproxime mas da verdade!**

e. *A Preexistência da Alma e a Morte dos Infantes*. Quando, mais acima neste artigo, discutíamos sobre o *treinamento* das crianças, especulamos dizendo que faz sentido supor que a alma humana é preexistente. Se isso é verdade, então isso nos dá certa margem de segurança para falarmos sobre a salvação dos infantes que morrem nessa fase inicial da vida. A alma, que já tem uma longa história espiritual, já possui suas qualidades espirituais específicas. Ao associar-se ao corpo físico, ela poderá melhorar ou piorar, sem importar se essa associação tem de ocorrer apenas por uma vez ou por diversas vezes. Se a alma assumiu um corpo físico, mas morreu ainda na infância, então nada de especial sucedeu à qualidade espiritual dessa alma. Nada de significativo foi ganho, e nada de significativo foi perdido. Talvez os pais é que possam aprender alguma lição significativa, em meio ao sofrimento que tiverem de experimentar com a morte de sua criança infante e isso pode revestir-se de algum valor. A própria alma, porém, não retorna ao inferno, embora *algumas* almas más talvez retornem à região do hades, se é dali que elas vieram (ver Apo. 17:8). Tal alma, por não ter sido uma missionária que veio cumprir alguma missão terrena, como João Batista, não retorna aos lugares celestiais, porquanto nem veio dali. Há muitos lugares espirituais que não podemos

classificar como céu ou inferno. É para lugares assim que essas almas retornam, pois dali elas vieram. A morte do corpo físico, no qual habitaram por um breve período, é apenas uma curiosidade, e não um evento determinador do destino da alma. Na verdade, o trecho de I Pedro 4:6 mostra que a própria morte biológica não determina o destino final de alguém, porquanto Cristo ampliou a sua missão para que envolvesse até mesmo o hades (ver I Ped. 3:18 *ss*), e assim o evangelho foi anunciado aos mortos, até mesmo naquele lugar de juízo. Isso significa que Cristo pode atingir os homens em qualquer lugar, tanto nesta vida como depois da morte biológica. O trecho de Efésios 4:9,10 mostra-nos que a descida de Cristo ao hades (que vide) bem como a sua ascensão ao céu, tiveram o mesmo propósito, isto é, *preencher todas as coisas*, fazendo o Logos tornar-se tudo para todos. O *mundo intermediário*, que não deixou de existir, continua sendo um lugar sujeito ao poder de Cristo. As almas que dali emanam continuam sujeitas à redenção, e a morte de corpos infantis, nos quais habitaram por algum tempo, não exerce qualquer efeito na determinação de seu destino.

Essa interpretação por certo não agrada aos católicos romanos, pois acreditam na existência do limbo. Muitos protestantes e evangélicos, que ignoram certos trechos bíblicos que nos fornecem um quadro mais otimista, preferirão continuar com seu ponto de vista racionalista sobre a idade da responsabilidade das crianças. Porém, alguns da Igreja Ortodoxa Oriental e da Igreja Anglicana, que seguem aspectos da teologia dos pais gregos da Igreja, verão nessa explicação um profundo sentido. Na verdade, nessa idéia não há novidade alguma, quanto às suas bases teológico filosóficas. Os pais gregos da Igreja não limitavam o fim da oportunidade de salvação por ocasião da morte física, conforme a Igreja ocidental prefere fazer. A alma é maior do que isso e não pode ser limitada dessa maneira. Ver mais detalhes no artigo **Infantes, Morte e Salvação dos.** (H ID UN NTI Z)

## CRIANÇAS, A IDADE DA RESPONSABILIDADE E DA SALVAÇÃO

Ver sobre *Criança*, ponto 5, mas especialmente o artigo intitulado, *Infantes, Morte e Salvação dos*.

## CRIANÇAS, AS TRÊS, CANÇÃO DAS

Ver **Três Crianças, Canção das.**

## CRIANÇAS MORIBUNDAS E FENÔMENOS PSÍQUICOS Ver **Parapsicologia**, seção X.

## CRIATIVIDADE

Esse é o processo humano mediante o qual algo de inédito e diferente é produzido pelo homem. De algumas vezes, isso é concebido como produto da utilização de alguma *faculdade especial* que jaz dormente na maioria dos homens. De algumas vezes, os sonhos, a hipnose ou certos estados alterados da consciência podem atingir essa faculdade, fazendo-a exprimir-se.

1. Nos escritos de Freud (que vide), a criatividade pessoal é a sublimação e a emergência do sublimado como alguma nova forma de expressão.

2. Whitehead (que vide) afirmava que a criatividade é a categoria do final, e que o universo está envolvido, momento após momento, em um avanço criativo.

3. Lossky (que vide) considerava a criatividade como a característica essencial tanto de Deus quanto do homem.

4. Berdyaev (que vide, pontos primeiro a quarto) asseverava que a autocriação caracteriza tanto o homem quanto Deus. Em ambos os casos, teríamos uma espécie de criação *ex nihilo*, ou seja, criação com base no nada.

5. Wieman (que vide) falou sobre o *evento criativo* (que vide), que consistiria na pessoa de Deus e em suas obras. Haveria quatro subeventos, igualmente envolvidos na criação, e que produzem o *bem criativo*.

Cientistas, inventores, músicos, poetas, filósofos, teólogos, etc., têm todos falado em *criatividade*. Isso depende de inspiração de alguma sorte, quando um homem ultrapassa as suas capacidades normais e produz algo inspirado e nobre. Alguns eventos criativos, mui provavelmente, são inspirados por entidades superiores ao homem, os quais contribuem para formar os pensamentos do homem, capacitando-o a produzir coisas extraordinárias, como escrever livros notáveis em prosa ou poesia, ou fazer importantes descobertas científicas. Esse processo pode ser psíquico ou metafísico, pessoal ou extrapessoal, particular ou coletivo.

## CRIATURAS VIVAS

Essa é uma espécie de referência geral e vaga a todos os animais que foram criados (Gên. 1:21,24; 2:19). Ezequiel usou a expressão para aludir a seres angelicais, como os querubins (Eze. 1:5; 13:15,19,20, 22). As *quatro* criaturas vivas tinham, cada uma, quatro rostos, de um homem, de um leão, de um boi e de uma águia. Esses animais, com ou sem razão, tornaram-se símbolos dos quatro evangelhos, na concepção de alguns cristãos antigos. Mateus seria o homem; Marcos, o boi; Lucas, o leão; e João, a águia. Aqueles que costumam ler diretamente os manuscritos antigos, ou então através de microfilmes, ocasionalmente encontrarem representações pictográficas, ou alusões mencionadas, na introduções aos manuscritos.

A figura dos querubins, as quatro criaturas vivas, passou para o Novo Testamento, em Apocalipse 4:6-9, onde eles são descritos como seres que estão sempre diante do trono de Deus. Cada um deles tinha seis asas (quatro, segundo a descrição de Ezequiel). As quatro representações animais são retidas, mas, no livro de Ezequiel, cada um desses animais caracteriza um dos seres angelicais. Isso significa que, em Ezequiel, cada ser tem as características dos outros três.

Em tudo isso está envolvida uma elaborada angelologia judaica, que se deriva, pelo menos em parte, das obras pseudepígrafes, e, em parte, deriva-se da angelologia de outros povos semitas. Ver as notas expositivas no NTI, no trecho de Apo 4:6, quanto a outros detalhes. Há muitas interpretações metafóricas a respeito da questão, sobre o que comentamos nas notas referidas. Irineu (170 D.C.) pensava que esses quatro querubins representavam aspectos da obra de Jesus Cristo, como também os evangelhos específicos, conforme se disse acima. Cada animal falaria de um aspecto do ministério de Cristo. O leão representaria o seu poder; o boi, o seu caráter sacerdotal, porquanto o boi era usado nos holocaustos; o homem representaria a sua encarnação; e a águia representaria o seu Espírito. Agostinho, porém, preferia uma outra interpretação, a saber: Mateus, o leão; Lucas, o boi; Marcos, o homem; e João, a águia. Tudo isso, naturalmente, não passa de especulação e fantasia, com base no método alegórico de interpretação. Ver sobre a *Interpretação Alegórica*. Esse método de interpretação tem algum valor. De fato, há ocasiões em que se torna até necessário. Porém,

também é capaz de produzir muitas fantasias, criadas pela imaginação dos intérpretes.

## CRIME

Ver o artigo seguinte, **Crimes e Castigos**, onde há considerações bíblicas a respeito. A palavra não ocorre no Antigo Testamento, embora a idéia seja freqüente. Mas, quando chegamos ao Novo Testamento, há duas palavras gregas que devem ser consideradas:

1. *Aitía*, «causa». Esse termo figura por vinte vezes: Mat. 19:3,10; 27:37; Mar. 15:26; Luc. 8:47; João 18:38; 19:4,6; Atos 10:21; 13:28; 22:24; 23:28; 25:18,27; 28:18,20; II Tim. 1:6,12; Tito 1:13; Heb. 2:11.

2. *Égklema*, «acusação». Essa palavra aparece só por duas vezes, em Atos 23:29 e 25:16.

Um ato criminoso ocorre quando alguma lei, pública, moral ou espiritual, é quebrada. Todavia, a rigor, só se deve considerar a transgressão contra alguma lei expressa em código vigente. Esse é o ponto de vista dos criminalistas, naturalmente. Há sérios crimes morais que não são alistados nesses códigos. As leis variam muito de país para país, seguindo situações e crenças culturais, políticas e religiosas. Algumas leis são baixadas com o intuito de beneficiar os legisladores, e não a sociedade em geral. O castigo contra os criminosos é profundamente influenciado pelo poder, pelo dinheiro, pelo prestígio pessoal e pelas opiniões dos juízes ou dos jurados. Na maioria dos casos, há grande latitude de aplicação e interpretação das leis, sobre o que se fazer exatamente, no que concerne a certos crimes. As detenções, por sua vez, têm fracassado em larga escala nas tentativas de *reforma* dos criminosos. Essa reforma seria o ideal do sistema penal de qualquer país. Mas, bem pelo contrário, muitos criminosos saem das penitenciárias ainda mais habilidosos quanto ao crime. A sociologia e a psicologia não podem conferir uma autêntica conversão religiosa (que vide), e os esforços das igrejas cristãs, evangélicas ou não, apesar de sinceros, são inadequados para a tarefa. As detenções são, entretanto, centros de recolhimento dos elementos mais daninhos à sociedade, o que resulta na proteção dos cidadãos ordeiros e pacíficos. Na verdade, as organizações policiais confessam que seu papel se assemelha ao dos «lixeiros», que recolhem aqueles que se tornaram perigosos ao convívio normal na sociedade. Isso significa que o sistema carcerário, com todo o sistema judicial que o envolve, confessa-se impotente para solucionar o aspecto da reabilitação dos criminosos. O papel principal das forças policiais é preventivo; mas até mesmo isso é grandemente diminuído pelo fato de que a polícia só pode agir quando o crime já se consumou ou há fortes indícios de configuração. Nos Estados Unidos da América, cujas estatísticas são de fácil acesso aos pesquisadores, o retorno dos criminosos às prisões chega a orçar em sessenta por cento. Mas, sabendo-se que apenas uma pequena porcentagem dos criminosos é apanhada, e, menos porcentagem ainda é encarcerada, poderíamos indagar qual a real porcentagem dos criminosos que volta à senda do crime, depois de soltos. Sem dúvida, essa porcentagem é altíssima.

**A perversidade da alma humana. A mente criminosa.** Muito se ouve falar sobre como as condições adversas, sociais e econômicas, são causas da vida criminosa. Não se pode negar que isso é uma das causas. Porém, estudos sérios sobre a *mente criminosa* têm revelado fatos perturbadores. Para exemplificar, nos Estados Unidos da América, somente metade dos criminosos tem razões sociais e econômicas para se voltarem para o crime, como meio de sobrevivência. A outra metade consiste, comprovadamente, em pessoas *diferentes*, desde seus primeiros anos de vida. Quando ainda crianças já furtavam, brigavam e demonstravam sinais de descontentamento, embora, em muitos casos, pertencentes a famílias sem quaisquer problemas financeiros especiais, cujos irmãos e irmãs são totalmente normais. Além disso, a falta de dinheiro não explica o fato de que a maioria dos criminosos ofende em todas as três áreas principais do crime: desonestidade, destruição da propriedade alheia e assaltos sexuais.

O elo entre o *crime infantil* e o *crime adulto* é extremamente comum. Assim, nos Estados Unidos da América, oitenta por cento dos criminosos adultos condenados, também tiveram uma vida de crimes quando crianças e jovens. Estudos feitos na Suécia tentaram provar que a mente criminosa está ligada a defeitos cerebrais, e que o meio ambiente social tem pouco efeito sobre a porcentagem das pessoas que se entregam ao crime, Porém, à teoria ainda faltam evidências mais sólidas, antes que possa ser aceita de modo definitivo.

Por outra parte, aqueles que acreditam na preexistência da alma, com ou sem a reencarnação, insistem na idéia de que a alma já chega a este mundo pervertida, impelida por tendências criminosas, porquanto ao longo de sua história, anterior a esta vida terrena, teria acumulado uma bagagem má. Seja como for, parece que o problema da criminalidade é, essencialmente, uma questão espiritual, ao passo que as causas psicológicas e ambientais são secundárias. Muitos criminosos apreciam a vida de crimes, tal como um atleta aprecia a competição esportiva, ou um boxeador gosta de castigar o adversário e ser castigado por ele. Lembro-me de meus dias de colégio, quando eu praticava o futebol americano, uma modalidade esportiva brutal e potencialmente perigosa. Lembro-me de ter conversado com um colega, que acabara de participar de uma peleja especialmente violenta, como representante de nosso colégio. Durante a partida, ele sofrera algumas contusões pequenas. Com um sorriso, ele comentou: «Puxa, como foi divertido!» Aqueles que tratam com os criminosos sabem que eles apreciam a excitação proveniente de seus atos ousados; gostam muito dos tiroteios com a polícia. Há quem goste de matar outros seres humanos, relatando entre bravatas as suas aventuras, como se tudo fosse uma festa. Isso nada tem a ver com a falta de dinheiro. Tem a ver com a perversão do ser humano.

A Bíblia fornece-nos algumas orientações sobre a questão. O Antigo Testamento ensina a lei de Talião, «olho por olho, dente por dente». Ver Êxodo 21:24. A lei levítica é muito rígida e pormenorizada. Caim (Gên. 4:11-16) recebeu a primeira sentença perpétua, embora tivesse cometido um homicídio. Houve certa razão para esse abrandamento da pena; mas a legislação posterior, mosaica, teria requerido a pena de morte para Caim. Paralelamente ao conceito da retaliação, a Bíblia também ensina insistentemente a necessidade da ministração de ensinos espirituais, o que pode resultar em genuína transformação moral das pessoas. Além disso, o trecho de I Pedro 4:6 mostra-nos que o julgamento, incluindo o julgamento divino contra os pecadores, tem um efeito restaurador. E a passagem de Efésios 1:10 ensina que o plano de Deus a longo prazo é vir a restaurar todas as coisas.

Os castigos e juízos impostos por Deus participam desse plano restaurador. Nas operações de Deus, não existe tal coisa como justiça bruta, que só procura a retaliação. A ira de Deus sempre é temperada pelo amor de Deus, sendo, na verdade, um dedo da amorosa mão do Senhor. Um julgamento severo é apenas uma disciplina severa, e não uma questão de vingança, embora também inclua esse fator. Há coisas que Deus pode fazer, mediante o julgamento, que não poderia fazer de qualquer outra maneira.

*Retribuição Apropriada.* Alguns crimes exigem uma severa retribuição. A lassidão humana em nada ajuda para reformar uma alma criminosa. Alguns criminosos, empedernidos na senda do crime, alegram-se quando se vêem diante da morte. Destarte, eles sentem que sua dívida diante da sociedade foi saldada, e que as suas *almas* foram beneficiadas. Parece haver nisso um discernimento autêntico. Sem dúvida, a morte biológica não é o fim da oportunidade da alma, conforme o trecho de I Pedro 4:6 demonstra. Isso posto, quando um criminoso paga pelos seus crimes, encontra-se em melhor situação para buscar e receber a redenção espiritual. Isso permite que ele se desfaça da má bagagem, pelo menos parcialmente, que pesava sobre a sua alma, tornando-se assim mais receptivo da mensagem espiritual que, finalmente, pode chegar até ele. (BEC H)

## CRIMES E CASTIGOS

Este artigo aborda as considerações bíblicas a respeito, e não tanto um apanhado de opiniões sociológicas e criminalísticas.

*Esboço*:

I. Elementos do Ensino Bíblico
II. Classificação dos Crimes
III. Sumário dos Castigos

### I. Elementos do Ensino Bíblico

1. *Palavras Empregadas.* Necessariamente, há uma grande afinidade entre os conceitos de crime, culpa, pecado e castigo, nas páginas da Bíblia. As palavras empregadas nas Escrituras ilustram esse fato. No Antigo Testamento há palavras hebraicas como *avon*, que significa «iniqüidade», «punição», etc., usada por mais de duzentas e trinta vezes; *resha*, «maldade», geralmente palavra aplicada a desvios religiosos, empregada por trinta vezes; *chet*, «falta», uma palavra que mostra o elo religioso com o conceito de crime, usada por cerca de trinta e três vezes. Essa palavra é usada para indicar pecados contra Deus ou contra seres humanos (Gên. 41:9; Deu. 19:15). No Novo Testamento, as palavras gregas mais importantes, envolvidas no conceito, são: *Hamartia, asebeia, adikia, parakoe, anomia, paranomia* e *paráptoma*. *Hamartia* e seu cognato, *hamártema*, significam «errar o alvo», sendo usualmente empregadas para traduzir o termo hebraico *chet*, quando trechos do Antigo Testamento são referidos no Novo Testamento. *Asebeia* significa «impiedade», sendo o equivalente geral do termo hebraico *resha*. Essa palavra indica os pecados de fundo religioso, principalmente. *Adikia*, «injustiça», pode ter esse sentido, mas também é aplicada a qualquer ato injusto. *Parakoe* tem o sentido básico de desobediência ativa. *Paranomia* é uma transgressão da lei ou de normas estabelecidas. *Parábasis* também é a transgressão da lei (Rom. 4:15). *Paráptoma* é um passo em falso, indicando uma falta de menor gravidade. Essa grande variedade de vocábulos fala sobre as diversas maneiras como os homens transgridem, pecam e tornam-se culpados por desobedecerem às leis divinas ou às leis humanas.

2. *A Conexão Religiosa.* No Oriente Próximo e Médio, a jurisprudência sempre esteve vinculada à idéia do divino, à idéia dos deveres diante de Deus ou das divindades. Quase sempre a crença era de que a mente divina estava por detrás das legislações humanas, pelo que também a primeira responsabilidade era diante desse poder divino. No prólogo das leis de Ur-Namu, Nana, o deus-lua dos sumérios aparece no quadro. O código de Hamurabi contava com o respaldo da autoridade do deus Shamash. Isso tem sido descoberto pela arqueologia, mediante uma estrela que mostra esse deus apresentando leis a Hamurabi. Naturalmente, a maior ilustração possível da conexão religiosa com as legislações é o relato do livro de Êxodo, onde as tábuas da lei aparecem como compostas pelo próprio Yahweh. Isso nos transmite a idéia de que não há como prejudicar ao próximo sem ofender, ao mesmo tempo, a Deus. Não é por acidente que os dois grandes mandamentos, o de amar a Deus de todo o ser, e ao próximo como a si mesmo, aparecem no Novo Testamento (Mat. 22:37-40) como o cumprimento de toda a lei e dos profetas.

3. *Uma Ética Absoluta.* Ver o artigo sobre a *Ética*, onde aparecem três tipos principais de sistemas éticos: a ética relativa, a ética absoluta e a ética de valores, esta última meio termo entre as outras duas. A ética ensinada na Bíblia é *absoluta*. Isso significa que as leis que devem governar a conduta devem ser tidas como finais e decisivas, e não sujeitas ao capricho e às modificações humanas. Isso é assim porque a ética, na Bíblia, depende da revelação divina, e não da experiência humana.

4. *Um Código Exigente.* No Antigo Testamento encontramos a lei do «olho por olho e dente por dente». Ver Êxodo 21:24. Isso aponta para uma retribuição ao pé da letra. E grande parte da legislação levítica está envolvida no delineamento preciso dos crimes, com seus castigos específicos. A pena de morte é aplicada a questões que, segundo a concepção moderna, nos deixam chocados. Para exemplificar, um filho desobediente a seus pais deveria ser apedrejado até à morte, pela congregação, dando ênfase ao ensino que a delinqüência juvenil simplesmente não podia constituir um problema permanente na sociedade judaica. A legislação levítica era bastante ampla. Um assassino deveria ser executado, mas outro tanto se dava no caso dos blasfemos. O relato sobre Jesus e a mulher apanhada em flagrante adultério, no oitavo capítulo do evangelho de João, mostra que o Senhor Jesus aplicava maior dose de misericórdia, injetando assim, na lei mosaica, a lei do amor, para contrabalançar o princípio da retribuição. Isso assinala um avanço tipicamente cristão, porquanto o oposto da injustiça não é apenas a justiça, mas também o amor.

### II. Classificação dos Crimes

#### 1. Crimes Contra Deus

a. *Idolatria* (Êxo. 20:3-6). Para esse pecado, a pena de morte era imposta (Êxo. 22:20), o que mostra a seriedade da questão, impressa sobre as mentes do povo de Israel. Naturalmente, nem sempre a pena era cumprida. Se alguma comunidade se tornasse culpada desse pecado, a mesma era totalmente destruída, incluindo as propriedades e os animais (Deu. 13:12-16). Como é óbvio, todos os objetos usados no culto idólatra eram completamente destruídos. Mas, que dizer sobre certos santuários idólatras tão concorridos do catolicismo, onde a venda de imagens e outros objetos religiosos é a principal

atividade e a principal fonte de renda? E onde o ganho de rios de dinheiro explica por qual razão esse comércio nefando não cessa?

b. *Sacrifício de Infantes*. Israel deixou-se envolver nesse tipo de pecado, imitando os povos vizinhos. Os ídolos cananeus pareciam vorazes por sangue.

c. *Bruxaria, Adivinhação e Espiritismo*. Essas práticas eram estritamente proibidas. Os líderes desses cultos demoníacos deveriam ser mortos (Deu. 18:10,11; Lev. 20:27). Naturalmente, Israel tinha suas próprias formas de adivinhação, no que estava envolvido o próprio sumo sacerdote. Ver o meu artigo sobre a *Adivinhação*. Portanto, em certo sentido, a adivinhação só é proibida quando não é «aprovada» pelos costumes judaicos, dentro da sociedade judaica!

d. *Blasfêmia*. O terceiro mandamento proibia o uso superficial do nome do Senhor. E, naturalmente, qualquer linguagem abusiva contra Deus ou contra as coisas sagradas, era proibida. As calúnias e críticas acerbas contra as autoridades humanas, supostamente estabelecidas por direito divino, estavam inclusas nessa proibição. A pena de morte estava decretada contra os blasfemos (Êxo. 22:28; Lev. 24:11-23; Êxo. 22:28).

e. *Profecia Falsa*. Esta assumia duas formas diversas: profecia falsa em nome de Yahweh; e profecia em nome de algum deus pagão. Em qualquer das modalidades, a pena de morte era imposta (Deu. 18:20-22; Jer. 26:8,9).

f. *Quebra do Sábado*. O sábado comemorava o término da obra criativa do Senhor, devendo ser considerado um dia santo. Leis complexas controlavam a questão, sendo elas rigidamente observadas (Êxo. 16:23; 20:9,10; Lev. 23:3; Êxo. 31:13). Nem mesmo os animais podiam ser postos a trabalhar em dia de sábado, por ser um dia reservado exclusivamente à adoração religiosa. A pena de morte era imposta aos ofensores (Núm. 15:32-36; Êxo. 31:14-17).

g. *Desafio à Autoridade da Lei de Deus*. Esse crime envolvia Deus e a sua lei, ou então podia ser cometido contra os representantes de Deus (Núm. 15:27,30,31; Deu. 17:8-12), contra o qual também estava decretada a pena de morte.

**2. Crimes Contra o Homem**

a. *Homicídio*. Desde Gên. 9:6 vemos que a pena de morte era requerida. O sexto mandamento do decálogo (que vide) seguia essa regra (Êxo. 21:12). O homicídio acidental contava com a provisão das cidades de refúgio (que vide). O homicida involuntário precisava permanecer em uma das cidades de refúgio, sob pena de ser morto pelo vingador do sangue. Isso significa que sua punição era uma forma de prisão perpétua. Ver Êxo. 21:13; Núm. 35:22-25. Posteriormente, o rei parece ter tido autoridade para intervir em tais casos, assim modificando a legislação caso a caso (II Sam. 13:19; 14:7; I Reis 2:34). Homens poderosos, protegidos pelas autoridades, podiam matar, mesmo que não acidentalmente, sem serem punidos. Várias leis secundárias circundavam a questão. Se dois homens estivessem brigando, e a esposa grávida de um deles tentasse intervir e fosse morta no esforço, o assassino teria de ser morto (Êxo. 21:22-25). Um touro que matasse a um homem, teria de ser morto. Um ladrão invasor, que atacasse à noite, podia ser morto, e nenhuma pena seria imposta ao seu executor. Mas, se atacasse durante o dia, o executor poderia sofrer alguma retribuição (Êxo. 22:3).

b. *Assaltos*. As perdas e injúrias resultantes de assaltos estavam sujeitas à lei de Talião (no latim, *talis*, «tal»), ou seja, a lei que exigia retribuição tal e qual, sempre que possível. Os ferimentos eram retribuídos com ferimentos; as propriedades furtadas eram recompensadas por propriedades equivalentes. No caso de danos corporais contra algum escravo, disso poderia resultar a sua emancipação (Êxo. 21:24,26,27).

c. *Furtos e Apropriação Indébita*. A legislação mosaica requeria a devolução do que fosse furtado, além de vinte por cento em compensação (Lev. 6:2-7). O trecho de Lev. 19:13 classifica os ladrões entre os opressores. Igualmente entre estes estavam os que não cumpriam seus acordos ou deixavam de pagar os seus trabalhadores. Quanto a esse particular, o código de Hamurabi era muito mais severo, requerendo a pena de morte (lei 22). Mas, se um ladrão entrasse na casa de alguém, em qualquer hora do dia ou da noite, podia ser morto em autodefesa, e nenhuma pena incidiria sobre seu executor (Êxo. 22:1,3,4). Um crime praticado durante o dia não era considerado sério, segundo essa legislação babilônica, e a lei procurava evitar que o executor de um ladrão fosse penalizado em qualquer sentido. No caso de roubo de animais, a devolução de dois animais era a pena, incluindo o animal que fora furtado; mas, se o animal originalmente furtado tivesse sido morto ou negociado, então a devolução consistia em quatro animais. Se o ladrão não pudesse saldar a sua dívida, então era vendido como escravo, até que a restauração fosse feita.

d. *Crimes Sexuais*. Em contraste com o costume greco-romano, as religiões do Oriente Próximo não contavam com a prostituição religiosa, e as experiências sexuais pré-maritais e extramaritais eram consideradas infrações sérias. A atitude dos gregos e romanos diante do sexo era mais relaxada, em todas as categorias. Os códigos sumério, babilônico, assírio e hitita, e não apenas o código hebreu, impunham castigos em questões de desvios sexuais. A preservação da família era considerada questão importantíssima, pelo que as leis da herança e da adoração religiosa pura, avultavam em importância. Isso explica as seguintes leis, dentro da cultura dos hebreus: 1. O *homossexualismo*, punido com a morte de ambos os envolvidos (Lev. 18:22,29; 20:13). 2. *Adultério*, que consiste na atividade sexual fora do casamento, mas por parte de pessoas casadas, era um pecado proibido pelo sétimo mandamento (Êxo. 20:14), cuja punição era o apedrejamento de ambos os envolvidos (Lev. 20:10; Deu. 22:24). O noivado era considerado um casamento preliminar, pelo que a mesma lei do adultério pesava sobre os noivos (Deu. 22:23,24). 3. *Fornicação*, ou seja, as atividades sexuais, de pessoas solteiras, era algo proibido, e os pais tinham a responsabilidade de proteger as suas filhas, para que não se tornassem prostitutas (Lev. 19:29). Quanto à sociedade em geral, não incidiam penas, mas a filha de um sacerdote, que se prostituísse, deveria ser executada (Lev. 21:7), sendo queimada na fogueira (Lev. 21:9). De modo surpreendente, como paralelo de tal severidade, um israelita (que não fosse sacerdote), podia casar-se com uma prostituta arrependida. 4. *Sedução e Violação*. A sedução é uma espécie de violação, embora reconhecida como menos séria que a violação forçada, ou estupro. Contudo, a sedução também envolve violência, embora do tipo mental e psicológico. Algumas vezes, envolve o poder do dinheiro, ou alguma vantagem qualquer, capaz de convencer a mulher a ceder. Porém, também se reconhece que uma mulher pode querer ser seduzida, embora nunca o declare. Outrossim, as mulheres convidam à

sedução mediante a maneira como se vestem e agem. Ademais, algumas vezes a mulher é que seduz o homem. Por causa dessa variedade de fatores, a sedução é considerada menos séria que a violação. Porém, a sedução contra uma mulher casada era considerada adultério, pelo que ambos os envolvidos estavam sujeitos à pena de morte. A violação era punida com a morte do homem culpado (Deu. 22:25-27). Se um homem seduzisse uma virgem (que não estivesse noiva) que consentisse com o ato, então ele poderia corrigir o erro casando-se com ela legalmente, além de pagar uma multa a seu pai. Se o pai não permitisse o casamento, a jovem não se casava, e o culpado tinha de pagar uma importância adicional. Se um sedutor se casasse com a jovem a quem seduzira, nunca poderia divorciar-se dela (Deu. 22:29). 5. *Incesto*. Todas as variedades de incesto requeriam a pena de morte (Lev. 20:11). Relações sexuais com a própria sogra ou com a mãe de uma concubina eram punidas com a execução na fogueira. Irmão e irmã, sobrinho e tia, cunhado e cunhada são outros casos especificamente mencionados. Ver as referências abaixo, onde são mencionados os vários casos: Lev. 20:11,12,17; 19:21 e Deut. 27:33. Entretanto, um homem podia casar-se com a viúva de um seu irmão, e até mesmo estava nessa obrigação, se seu irmão e aquela mulher não tivessem tido filhos. 6. *Atividades sexuais durante o período menstrual* eram proibidas, provavelmente por duas razões: primeira, as mulheres estão mais sujeitas à promiscuidade durante esse período por ser um tempo de esterilidade. Em segundo lugar, havia o sentimento que o sangue da menstruação era contaminador (Lev. 18:19; 20:18). O próprio marido era aconselhado a abster-se de relações com sua esposa menstruada, ou seria considerado ritualmente imundo pelo espaço de uma semana (Lev. 15:24).

e. *Desonra aos Pais*. Até mesmo os ataques verbais, como uma maldição, ou um ataque físico contra os pais, eram punidos com a morte do culpado (Êxo. 21:15,17). Além disso, um filho podia ser morto meramente por ser desobediente contumaz e preguiçoso, ou viciado em bebidas alcoólicas. Nesses casos, era responsabilidade dos pais apresentarem queixa diante do tribunal local (Deu. 21:18-21). Essa medida visava a impedir a propagação do mau exemplo, para que não se propagasse a atitude de desobediência entre os filhos.

f. *Seqüestro*. Usualmente, os casos de seqüestro envolviam o plano para vender a pessoa seqüestrada como escrava. Sem importar qual o plano envolvido, o culpado era punido com a execução capital (Êxo. 21:16; Deu. 24:7).

g. *Perjúrio e Processo Malicioso*. Se alguém mentisse em tribunal, a fim de prejudicar a outrem, e isso fosse descoberto, então o culpado sofria a mesma pena que fora imposta ao caluniado. Essa era a primeira lei do código de Hamurabi; mas ali era imposta automaticamente a pena de morte. A razão dessa severidade era impedir que os tribunais fossem manipulados para qualquer tipo de vantagem pessoal ou vingança (Deu. 19:19,20).

h. *Dano à Propriedade*. A substituição em espécie ou em dinheiro era exigida nesses casos (Êxo. 22:5; Lev. 24:18,21). Animais que escapassem de seus proprietários deveriam ser protegidos. Os buracos onde eles pudessem cair, teriam de ser tapados (Êxo. 21:33,34). Mesmo no caso de propagação acidental de fogo, se passasse de uma propriedade para outra, com destruição das plantações, os prejuízos sofridos tinham de ser compensados. Isso ensinava as pessoas a serem cuidadosas (Êxo. 22:6).

i. *Fianças Desonestas*. Se alguém entregasse algo como garantia, por algo que fora tomado por empréstimo, e a outra pessoa guardasse para si mesma o objeto penhorado, tinha de devolver em dobro (Êxo. 22:9). E se o caso envolvesse furto, digamos, de um animal que tivesse sido deixado como penhor, então a pessoa culpada tinha de devolver o objeto ou animal furtado, e outro tanto, de acordo com o valor calculado (Êxo. 22:10,11).

j. *Opressão Social*. Viúvas, órfãos e estrangeiros eram vítimas de tratamento abusivo. Contra tais opressores era proferida uma maldição divina, como se o próprio Deus estivesse defendendo tais casos, a fim de que a justiça fosse servida (Êxo. 22:21-24). O povo de Israel precisava lembrar-se de que já sofrera a opressão no Egito, devendo respeitar aos menos privilegiados, que poderiam ser vítimas de exploração e opressão.

**III. Sumário das Punições**

1. *A Pena de Morte*

a. *Por apedrejamento*. As ofensas assim punidas eram o infanticídio como parte da adoração idólatra (Lev. 20:2-5); a adivinhação (Lev. 20:27); a blasfêmia (Lev. 24:15,16); a violação do sábado (Núm. 15:32-36); a idolatria e a adoração falsa (Deu. 17:2-7); a profecia falsa (Deu. 13:1-5); desobediência contumaz dos filhos (Deu. 21:18-21); e o adultério (Deu. 22:22,23).

b. *À espada*. Essa era a punição imposta aos assassinos (Núm. 35:19,21), aos idólatras (Deu. 13:15); e aos apóstatas (Êxo. 32:27).

c. *Na fogueira*. Era a punição imposta aos casos de incesto com uma mulher e sua mãe (Lev. 20:14), bem como a fornicação da parte da filha de um sacerdote (Lev. 21:9).

2. *A Mutilação*

Se em uma briga, a mulher de um deles injuriasse o órgão sexual masculino do outro homem, a mão dela seria decepada (Deu. 25:12). A mutilação também era imposta aos que ferissem maliciosamente a outras pessoas (Êxo. 21:24,25). Em tais casos, os membros da família do ofensor não eram atingidos, o que também ocorria nas leis dos babilônios e assírios. O trecho de Deu. 24:16 anuncia o princípio de não retaliação contra os membros das famílias dos ofensores desses casos.

3. *Açoites*

Parece que não havia crimes especificamente associados à punição com açoites, exceto quando um marido acusasse falsamente sua esposa de ter tido experiências sexuais antes do casamento. Também presume-se que muitas ofensas secundárias podiam ser castigadas desse modo, por ordem de oficiais (Deu. 22:18; 25:1-3). A disciplina doméstica geralmente era efetuada desse modo.

4. *Aprisionamento*

No Egito, José foi sentenciado à prisão, mas, no começo da história de Israel, essa medida parece ter sido empregada somente para a detenção de pessoas que estavam aguardando julgamento. Posteriormente, temos o caso de Jeremias, —que foi lançado em uma masmorra, sob a acusação de traição (Jer. 37:15,16). Se o aprisionamento era uma punição ocasional, faltam-nos informações a respeito; mas o fato é que a legislação levítica nada diz a esse respeito.

5. *Multas*

A compensação pelo furto de algum objeto ou por alguma propriedade danificada, fazia-se por meios monetários ou pela substituição em espécie (Êxo. 22:1-4; Deu. 22:18,19). A lei sempre requeria a

restauração de cem por cento, e, às vezes, de até quatrocentos por cento, dependendo do caso. Se um homem deflorasse uma virgem (não um caso de violação, que era punido com a pena capital), então o homem culpado tinha de pagar ao pai da jovem a quantia que geralmente correspondia ao dote pago (Deu. 22:29), a menos que o casal acabasse se casando (Êxo. 22:16).

6. *Escravização*

Um ladrão que não pudesse fazer devolução, era escravizado pelo espaço de seis anos, ou até que pudesse devolver aquilo que havia furtado (Êxo. 21:2). Era mister que ele juntasse a isso vinte por cento, se tivesse furtado um animal. A devolução do animal furtado e de um outro animal, como compensação, fazia parte da lei levítica. No caso de não poder devolver o animal furtado, então tinha de restaurar quatro animais (Êxo. 22:3). As pessoas que não pudessem saldar as suas dívidas, também deveriam ser vendidas à servidão (II Reis 4:1; Nee. 5:5; Amós 2:6). Também havia a escravização voluntária, quando uma pessoa queria evitar a pressão econômica, mas sem qualquer vinculação a crime (Lev. 25:39 *ss*). (CLAR ND PRIT VA Z)

## CRIPTA

Vem do latim, **crypta**. Indica uma abóbada subterrânea, oculta. Em relação ao cristianismo, temos de considerar os lugares subterrâneos de sepulcro, ou catacumbas (que vide). O termo veio a ser usado para indicar alguma escavação feita por baixo de uma igreja, com propósito de sepultamento.

## CRIPTOCALVINISMO

Vem do grego **krypto**, «oculto», em combinação com o termo que alude à doutrina de João Calvino (que vide). A expressão criptocalvinismo foi usada como termo para expressar opróbrio, durante a época das controvérsias doutrinárias da última metade do século XVI, pelos aderentes estritos da teologia de Lutero, a fim de apelidarem os seus adversários, igualmente luteranos. Esses últimos haviam sido «contaminados» pelos pontos de vista de Calvino, a respeito de certos itens da cristologia (que vide), ou acerca da Ceia do Senhor, da predestinação, etc. Alguns suspeitos dessa contaminação eram os teólogos de Wittenberg, como Major, Eber, Crell e o médico Caspar Peucer, que era genro de Melanchton. O crítico mais acerbo deles era Matthia Falacius (que vide).

## CRISE, TEOLOGIA DA

Essa é uma expressão usada para referir-se a uma modalidade de teologia iniciada pouco depois da Segunda Guerra Mundial por Karl Barth, seus discípulos e simpatizadores.

*Interpretação da Expressão*. 1. Dentro da teologia otimista dos séculos XIX e XX, alguns teólogos supõem haver encontrado elementos enfermiços e inadequados, pelo que pensaram que uma nova teologia deveria substituir aquela, saudável, própria para tempos de crise e de tomada de decisões. 2. A teologia passara por uma crise quando os teólogos liberais alemães deram aprovação à nefanda política do governo nazista, que produziu tanto morticínio e destruição. Uma nova teologia era necessária, para reverter esse tipo de atividade. 3. Dentro da teologia de Karl Barth, a expressão *crise* é usada para aludir ao juízo (no grego, *krisis*) de Deus, que foi concebido como um julgamento que sobrevém apenas sobre os empreendimentos humanos, incluindo seus aspectos moral e religioso. Barth reenfatizou certos ensinos paulinos e da Reforma protestante, que punham em destaque o elemento divino da teologia, em oposição às especulações humanas.

A teologia de crise também se chama teologia *dialética*. Afasta-se das tendências liberais e aproxima-se mais do cristianismo original, com repúdio às inclinações germânicas, que sintetizavam a doutrina cristã com a ideologia política dos socialistas nacionais alemães, uma ideologia racista. Sua influência tomou vulto na Europa e nos Estados Unidos da América, nas décadas de 1920 e 1930. Sua influência pode ser vista nos ensinos da Declaração de Barmen (que vide), de maio de 1934, que, em oposição à doutrina dos cristãos alemães, nega explicitamente a validade das revelações *subordinadas* na história, na natureza e na raça humana, reconhecendo *exclusivamente* a revelação de Deus em Jesus Cristo, da qual testificam a Igreja e o Espírito Santo. A controvérsia entre Barth e Emil Brunner, em 1934, foi uma outra ilustração da natureza da teologia da crise. Brunner defendia o lugar legítimo da teologia natural no cristianismo, mas Barth reiterava sua teoria de revelação exclusiva, assim negando a validade da teologia natural. Apesar de que a influência da teologia da crise vem declinando desde 1945, está bem viva nos escritos de vários teólogos, incluindo Dietrich Bronhoeffer, que tomou por empréstimo idéias e sentimentos da teologia da crise. Também há indícios nos escritos de Eduard Thurneysen, Friedrich Gogarten e Paul Tillich. (C MAC)

Ver o artigo sobre *Dialética, Teologia da*. Este artigo acrescenta informação valiosa sobre o assunto da *Teologia da Crise*.

## CRISIPO

Filósofo grego, nascido na Cilícia, estudou em Atenas, sob Cleantes e Zeno. Ele foi o terceiro principal líder estóico, tendo chefiado essa escola de 232 a 208 A.C. Ele sistematizou a doutrina de Zeno e de Cleantes. Muito fez para defender o estoicismo (que vide), contra o ceticismo da academia. Ele argumentava de forma soberba. Diógenes Laércio disse a respeito dele: «Se os deuses usam da dialética, então não usam outra senão a de Crisipo». Ele escreveu muito, especificamente porque foi o apologista do estoicismo.

**Idéias:**

1. As idéias gerais do estoicismo não são reiteradas aqui. O leitor poderá examinar o artigo sobre esse assunto.

2. Crisipo ultrapassou a lógica aristotélica quanto a alguns particulares, tendo criado princípios que até hoje fazem parte do cálculo. Quanto a isso, ele antecipou o moderno assunto do cálculo proposicional.

3. Ele contribuiu para a definição da modalidade (que vide). Cícero disse que Crisipo seguia a definição do *possível*, de Filo de Megara, no sentido de que certas coisas serão verdadeiras quando as circunstâncias externas não as impedem de ser o que são, bem como a definição do *necessário*, como aquilo que é autêntico e não pode tornar-se falso, nem em si mesmo, e nem através das circunstâncias externas.

4. No tocante às teorias da verdade, Crisipo expunha o critério que inclui tanto *apresentações* como *noções comuns*, que fariam parte da consciência

do ser humano.

5. *Idéias éticas importantes*, fora do estoicismo normal. O bem e o mal são fatores contrários essenciais, relacionados, respectivamente, à racionalidade e à irracionalidade. A maldade cósmica é uma irracionalidade que se opõe à razão universal do Logos. (Ver o artigo sobre o *Logos*, com o título de Verbo). A conduta ideal pode ser atingida mediante a vida caracterizada pela razão, tanto pessoal quanto cósmica.

6. *Deus*. Segundo Crisipo, há certas coisas específicas que podemos dizer a respeito de Deus, incluindo declarações como aquelas que dizem que Ele é uma entidade material, não pessoal, mas imanente por todo o universo, sendo esse o princípio do Logos, ou Razão Cósmica. Crisipo identificava Deus com o elemento essencial, o *fogo*. Ele acreditava que todas as coisas existem em ciclos, e que, finalmente, todas as coisas serão absorvidas pelo fogo primitivo. Mas, o fim de um ciclo seria, ao mesmo tempo, o início de um novo ciclo. É curioso observarmos que essa idéia estóica não está distante da moderna teoria astronômica do «big bang», que supõe que um ciclo termina quando começam a ser atraídos de volta os elementos projetados para fora, mediante uma grande explosão anterior, somente para que, uma vez reunidos esses elementos, ocorra uma nova grande explosão. Ver o artigo sobre a *Astronomia*, sob o sétimo ponto, quanto a uma discussão sobre essa questão. O artigo envolve importantes implicações teológicas.

*Escritos*. Foi dito que Crisipo escreveu setecentos e cinqüenta tratados, dos quais sobreviveram até nós alguns fragmentos, conforme se vê na obra de J. von Arnim, *Stocorum veterum fragmenta*, em três volumes, 1903-1924. (E P EP)

## CRISMA

Vem do grego **chrio**, «ungir». É palavra usada para indicar a aplicação do azeite bento, empregado nos três sacramentos que, de acordo com a Igreja Católica Romana, conferem caráter (que vide), a saber, o batismo, a crisma ou confirmação e a ordenação. Esse ponto de vista é compartilhado pela Igreja Ortodoxa Oriental. A crisma também é usada em outras cerimônias solenes, como na dedicação de altares, igrejas, etc. A Igreja Anglicana usa a unção por ocasião da coroação dos monarcas ingleses, os quais, após o ato, são chamados «ungidos do Senhor». A maioria dos protestantes tem descontinuado a prática, no tocante a objetos e coisas, devido ao fato de que o mesmo não tem precedentes no Novo Testamento, e por causa da obscuridade de seu simbolismo. Mas, alguns grupos evangélicos têm dado prosseguimento à «unção», como a chamam, dos ministros, por ocasião de sua consagração, ou dos enfermos, quando solicitam a unção com azeite, em atendimento ao que diz o trecho de Tiago 5:14,15.

## CRISOL

No hebraico a palavra é **matsreph**, «vaso de refinar», «crisol». Aparece somente por duas vezes, em Pro. 17:3 e 27:21.

O crisol era um vaso feito de cerâmica, capaz de resistir a temperaturas muito elevadas, usado para refino de metais como a prata e o ouro. O processo de refino simboliza os exames e juízos de Deus, que testam o coração humano, reconhecendo a verdadeira natureza de um indivíduo qualquer. O processo também se assemelha ao tipo de louvor que um homem recebe, e que serve de juiz de seu caráter. Ver *Acrisolar*.

## CRISÓLITO

Trata-se de uma pedra preciosa transparente, amarela ou esverdeada. A palavra aparece somente em Apo. 21:20. No grego, o termo significa «pedra dourada». Mas o vocábulo grego tem sido variegadamente aplicado, também podendo significar o topázio (que vide). Ver Êxodo 28:17. A palavra também pode indicar o crisoberilo, o zircônio, a turmalina e a apatita, todas as quais têm um tom amarelado. Porém, a referência mais comum é mesmo ao topázio. A crisólita moderna consiste em silicato de magnésio, com alguns traços de ferro. Essa gema verde amarelada também é chamada olivina ou peridoto, embora esta não seja descrita como «dourada». No trecho de Apocalipse 21:20, essa pedra é mencionada como uma das gemas que adornarão os alicerces da Nova Jerusalém.

## CRISOLORAS, MANUEL

Suas datas aproximadas foram 1355-1415 D.C. Foi homem de nobre nascimento, enviado à Itália pelo imperador grego, a fim de solicitar ajuda militar para reforçá-lo em sua resistência aos turcos. Estabeleceu-se em Florença, a convite das autoridades da cidade, e tornou-se o primeiro mestre importante do grego, na Itália. Faleceu a caminho para o concílio de Constança.

## CRISÓPRASO

Uma pedra preciosa mencionada somente em Apocalipse 21:20 como uma das gemas que adornarão os alicerces da Nova Jerusalém. O termo representa o antigo nome de certa variedade de berilo verde amarelado (que vide), embora outras pedras dessa coloração também tenham sido chamadas por esse nome. Na Idade Média, muitas pessoas atribuíam a essa pedra, como a outras também, a capacidade de brilhar no escuro. O que estava realmente envolvido? Minhas fontes informativas nada adiantam a esse respeito. Porém, de acordo com a moderna mineralogia, o termo é empregado para indicar certa variedade maçã esverdeada de calcedônia (que vide). Sua cor deve-se à presença de óxido de níquel, de mistura com sílica de grão muito fino.

## CRISÓSTOMO, JOÃO

Suas datas foram 347-407 D.C. Seu nome era João de Antioquia, apelidado *Crisóstomo*, «boca de ouro», por causa de sua eloqüência quando falava em público ou escrevia. Se alguém pensa que ele não merecia o apodo, basta ler algo que ele escreveu. De fato, de acordo com o que diz uma de minhas fontes informativas, ele era «dotado de inigualável eloqüência no púlpito». Ele nasceu em Antioquia da Síria. Sua educação inicial foi excelente, essencialmente obra de sua mãe, Antusa. Em seus dias, desde então, poucos têm podido pregar como ele fazia. Seus escritos têm o mesmo poder e graça, tendo-o tornado um dos mais distinguidos representantes da escola antioqueana de teologia. Seus sermões não somente eram eloqüentes, mas também eram teologicamente importantes. Esses sermões também fornecem-nos importantes informações sobre os costumes de sua época, do ponto de vista da história e das idéias.

Após o período em que sua mãe esteve significativamente envolvida, a sua educação foi guiada por Andragácio, com ênfase na filosofia grega, e por Libânio, um famoso sofista pagão, que lhe ensinou a retórica. Ele tornou-se advogado em Antioquia, sendo provável que nunca tenha perdido uma causa que defendeu. Posteriormente, após três anos de instrução com o bispo Melécio, de Antioquia, ele foi batizado como cristão. Ele evitou ser eleito como bispo, em 370 D.C., porquanto queria internar-se em um mosteiro, seguindo a vida monástica. Sua mãe opunha-se a tal idéia; mas, quando ela faleceu, ele cumpriu a sua vontade. Passou a viver como um eremita, nas colinas da cidade, tendo mesmo usado uma caverna como residência, durante algum tempo. Tão grandes foram os rigores a que se sujeitou, durante esse período de sua vida, que sua saúde ficou permanentemente prejudicada, pois João Crisóstomo submetia-se a muitas e severas penitências. Isso requereu seu retorno a Antioquia, o que ele fez em 380 D.C. Naquele mesmo ano, foi nomeado diácono. Em 386 D.C., tornou-se ancião ou presbítero. Em 387 D.C. foi feito patriarca de Constantinopla.

**Envolveu-se nas controvérsias** em torno de Orígenes, por causa do que foi banido. Isso ocorreu porque alguns daqueles que estavam sendo perseguidos, por se terem posto ao lado de Orígenes, quanto a várias idéias, apelaram para a proteção de João Crisóstomo. Aquele que protege a um herege deve sofrer como herege. As tentativas de João, para ajudar no caso, foram zombeteiramente rejeitadas. Muitas inverdades foram divulgadas, e a imperatriz Eudóxia decretou o banimento de João Crisóstomo. Entrementes, pessoas eram maltratadas, injuriadas e mortas, até mesmo através de ações militares. Mas, conforme os perseguidores costumam dizer, essa era a justiça santa. Seu principal adversário foi Teófilo, patriarca de Alexandria. A mente desse homem era dominada por pensamentos de sangue, ódio e homicídio. Ele organizou o ilegal sínodo do Carvalho, que decretou o banimento de João Crisóstomo, em 403 D.C. A verdade, porém, foi que, de forma pouco diplomática, João chamara todos eles de «um bando de hipócritas». Além disso, os seus sermões continham muitas revelações embaraçosas sobre a vida pessoal da imperatriz Eudóxia. Por essa razão, ela deu apoio àquele sínodo, e João foi denunciado de forma escaldante, tendo sido acusado de toda uma série de erros, incluindo imoralidade, ofensas contra a Igreja e alta traição. O povo quase fez um levante, no dia em que João Crisóstomo deixaria a cidade; mas ele foi capaz de pacificá-los com a sua grande eloqüência, podendo deixar a cidade em paz. Porém, havia uma grande surpresa à espera de todos. Na noite que se seguiu à partida de João Crisóstomo, ocorreu um violento abalo sísmico que sacudiu a cidade. Teófilo, que gostava de abalar a outros, mas que não gostava de ser sacudido por Deus, deixou apressadamente Antioquia e retornou a Alexandria, onde continuou a presidir pomposamente como patriarca. Assim, após apenas três breves dias, João Crisóstomo reentrou na cidade, de forma realmente triunfal. No entanto, continuou pregando e atacando a vida pomposa e orgulhosa da imperatriz. Desnecessário é dizer que ela ficou muito irada, e que Teófilo voltou à cidade para dar início a outro julgamento contra João Crisóstomo. Os adeptos de Teófilo, durante as vigílias da páscoa, no ano de 404 D.C., armados e inclinados à violência, invadiram o templo de João, arrebataram-no e levaram-no para o exílio em Cúcuso, na Armênia. Dessa vez, nenhum terremoto fez reverter a ordem dos acontecimentos.

Antes disso, tanto Teófilo quanto João Crisóstomo haviam procurado obter o apoio da Igreja ocidental. João Crisóstomo foi o vencedor nesse conflito, e Inocente Honório tentou obter o retorno de João do exílio. Porém, as autoridades eclesiásticas, no Oriente, ignoraram tudo isso, e João foi sujeitado a um banimento ainda mais severo, tendo sido levado para Pítius, às margens do mar Negro. Porém, enquanto estava a caminho, não podendo resistir ao rigor das intempéries, morreu durante a viagem. Suas últimas palavras, em grego, foram: *Doksa to Theo panton eneken*, que significam: «Graças a Deus por tudo». Por sua vez, o povo recusou-se a reconhecer o novo patriarca e seu sucessor, até que o imperador Teodósio II, em 438 D.C., fez os ossos de João Crisóstomo serem trazidos de volta, depositando-os na abóbada imperial. Depois que os venezianos assolaram Antioquia, no ano de 1204, seus ossos foram enviados para a catedral de São Pedro, em Roma. A festa em sua comemoração é celebrada a 27 de janeiro no Ocidente, e a 13 de novembro, na Igreja Grega. Aqueles que perseguiram a João Crisóstomo são melhor relembrados devido exatamente a isso, por haverem perseguido a um homem bom, superior a eles, de acordo com qualquer padrão espiritual.

*Escritos*: Há um certo número de tratados, como aquele intitulado *Sobre o Sacerdócio*; 386 cartas, 236 das quais foram escritas durante o seu exílio; muitos sermões pregados em Antioquia; muitos valiosos comentários sobre trechos da Bíblia, que se caracterizam pela interpretação da escola antioqueana. Ver o artigo sobre a *Escola Antioqueana*. (AM E)

## CRISPO

No grego. *Krispos*, derivado do latim, *crispus*, *encaracolado*. Ele foi o presidente de uma sinagoga judaica em Corinto (Atos 18:8). Converteu-se sob a pregação de Paulo (I Cor. 1:4). Foi uma das poucas pessoas a quem Paulo batizou pessoalmente. O livro *Atos de Pilatos* (2:4), provavelmente tece comentários sobre ele. Alguns manuscritos antigos, por equívoco, põem o seu nome no lugar do de Crescente, em II Timóteo 4:10. A tradição (*Const. Apostól.* 7:46) faz dele bispo de Egina, em tempos posteriores; mas, não temos meios de averiguar se essa tradição coincide com a realidade dos fatos.

## CRISTANDADE

**A palavra indica o mundo cristão.** Tem uma aplicação geral a qualquer época, quando se refere a todos os aspectos da fé e das instituições cristãs, coletivamente consideradas. Também pode apontar para os cristãos, coletivamente falando. A palavra também tem um significado específico, quando se refere à Idade Média, àquela época em que a Igreja Católica Romana tinha autoridade para fazer impor a sua vontade sobre as crenças e práticas do mundo europeu daqueles mil anos. O zênite dessa autoridade ocorreu quando o papa Gregório VII (1021-1085), escreveu às nações para lembrar-lhes que, desde a época de São Pedro, a sé de Roma havia sido a suserana delas. A desintegração da cristandade, nesse sentido, começou quando chegava ao fim da Idade Média, com o surgimento da renascença, do nacionalismo e do secularismo. A renascença (que vide), e então a Reforma protestante, emprestavam maior impulso à quebra do monopólio da Igreja Católica Romana, quanto ao seu poder secular e religioso. A princípio, os reformadores protestantes trataram da questão das relações entre o estado e a Igreja; mas o golpe de morte fora desfechado. A

revolução francesa anunciou o estado secular. Em vários países, até os nossos dias, a Igreja Católica Romana exerce grande autoridade quanto a questões políticas; mas isso é apenas uma mera sombra do que já houve. A cristandade foi um grandioso ideal, promovido pela *Cidade de Deus*, obra de Agostinho. Mas esse ideal deu ocasião para muitos abusos, e para muitos dogmas sem fundamento. Acresça-se a isso que não é provável que Jesus tivesse se preocupado com esse tipo de poder secular. Não obstante, deve-se reconhecer que a Igreja Católica Romana, ao agir como o fez, não somente preservou a civilização, mas também foi a campeã da civilização, em meio a um mundo em turbulência, que se estava desintegrando quanto aos seus valores culturais. De fato, a Igreja Católica Romana preservou a civilização pelo espaço de mil anos, tal como Israel o fará, durante o futuro milênio. A despeito dos abusos, isso estava dentro do plano divino. (C)

## CRISTÃO

1. *Origem e Referências Bíblicas*. Essa palavra veio à existência como uma espécie de apelido, análogo a «metodista», «quacre», etc. Foi nome aplicado pelos não-cristãos da era apostólica aos primeiros seguidores de Cristo. A palavra é empregada pela primeira vez no livro de Atos, onde se lê que os discípulos de Jesus foram pela primeira vez designados «cristãos» em Antioquia da Síria. Não sabemos dizer se o nome foi cunhado pelos próprios crentes, ou se foram pessoas não-cristãs que o inventaram; mas, o mais provável é que se trata dessa última possibilidade. No Novo Testamento há três referências onde esse apelido é empregado: Atos 11:26; 26:28 e I Pedro 4:16. Isso dá a entender que, desde bem cedo, esse título veio a designar os seguidores da nova fé cristã.

2. *O Termo*. A palavra parece ser uma manipulação latina, onde nomes plurais, terminados em *iani*, podiam designar os soldados de algum general, para exemplificar. Assim, temos *galiani*, indicando os homens de Galba (Tácito, *Hist*. i.51), ou os *augustiniani*, os que pertenciam a Augusto; e os *caesariani*, para indicar os escravos e súditos de César. Assim, é possível que *christian*(o)i, o que já envolve uma adaptação da forma plural do grego, indicasse os soldados de Cristo, aqueles que lutaram pela sua causa. Mas o sentido dessa palavra também pode ter sido «da casa de Cristo» ou «partidários de Cristo». Seja como for, essa palavra é a forma adjetivada do termo grego *Christós*, «ungido», pelo menos quanto ao seu uso, ainda que não, talvez, quanto à sua origem.

3. *Usos*. a. Esse título era usado tanto pelos próprios cristãos como pelos não-cristãos, para *distinguir* os seguidores da nova fé dos pagãos e dos judeus, tal como até hoje tem alguma função, distinguindo os cristãos dos judeus, islamitas, hindus, etc. b. Trata-se de uma *designação genérica* de todas as denominações e seitas cristãs. c. Também é uma espécie de designação para pessoas dotadas de sensibilidade religiosa e moral, inteiramente à parte de sua associação com qualquer grupo religioso. É por isso que dizemos: «Ele agiu como um cristão». Com essa maneira frouxa de falar, falamos usando noções cristãs. d. Um adjetivo, derivado da doutrina de Cristo. e. Um sinônimo para indicar a descendência humana. f. Um ser humano, em distinção a um animal irracional. g. Um *nome denominacional*, para indicar uma igreja cristã, ou seja, os campbelitas, h. Teologicamente, o termo é usado para indicar um verdadeiro crente em Jesus Cristo, similar ao seu uso original. i. Mas, também há um uso pejorativo, indicando aqueles que pertencem a grupos cristãos, considerados inferiores aos grupos cristãos a que pertence quem assim fala, ou considerados inteiramente falsos. Para exemplificar, um crente (evangélico), pode considerar um cristão católico inferior a si mesmo, reservando o termo «cristão» para o tal, ao mesmo tempo em que reserva o termo «crente», para indicar a si mesmo. Alguns cristãos unitários têm rejeitado a designação «cristão» como termo por demais restritivo para indicar sua doutrina. No passado, alguns mórmons aplicavam a palavra a outros grupos, embora não a si mesmos, porém esse costume parece haver desaparecido entre eles.

4. *Cristo e Cresto*. O Codex Vaticanus traz a forma *chrestianos* em todas as passagens do Novo Testamento. Essa forma também é comum nas primeiras inscrições. O termo grego *chrestós*, porém, significa «bom», «gentil», e as evidências demonstram que essa era uma derivação alternativa para «cristãos». Portanto, é duvidoso se a base original dessa palavra era *christós* ou *chrestós*. Porém, não é muito provável que os não-cristãos estivessem acostumados a chamar os seguidores de Cristo de «bons» ou «gentis»; e isso significa que *christós* é a base da palavra, embora a variante, sem dúvida, existisse. Sem importar qual a derivação exata, o fato é que o adjetivo espalhou-se rapidamente. Tácito, o historiador romano, informa-nos que, nos tempos de Nero, a população geral de Roma empregava a palavra para designar os membros da nova fé em Cristo. (A B C ND W WA)

## CRISTIANISMO

*Esboço*:

1. O Termo.
2. Suas Origens.
3. Principais Períodos Históricos.
4. Principais Divisões Históricas.
5. Idéias Principais.
6. Cristianismo, A Fé Universal.

**1. O Termo.** Quanto às origens da palavra «cristianismo», ver o artigo sobre os *Cristãos*. O termo «cristão» aparece por três vezes nas páginas do Novo Testamento, embora o termo «cristianismo» nunca figure ali. Entretanto, essa palavra veio à existência no século II D.C., como designação da religião que se desenvolvera em torno da pessoa do Senhor Jesus Cristo. Esse vocábulo encontra-se, pela primeira vez, nos escritos de Inácio (Rom. iii), quando ele falava sobre aquele sistema e sua prática religiosa, o qual é odiado pelo mundo. Em Magn. x e em Phila vi, Inácio usou a palavra para fazer contraste com o judaísmo. Em Magn. x ele a empregou para denotar aquele sistema de fé que incorpora a Verdade e requer uma vida que corresponda a essa verdade. Atualmente, a palavra «cristianismo» geralmente é empregada como sinônimo da religião cristã, em distinção às outras fés, como o judaísmo, o islamismo, etc., ou então, em oposição a vários *ismos*, como o humanismo, o marxismo, etc. O termo refere-se, igualmente, aos crentes, considerados coletivamente, ou ao estado próprio de um cristão, conforme se vê em uma frase como: «O cristianismo dele ainda não estava bem desenvolvido».

**2. Suas Origens.** A fé cristã teve começo com a pessoa e com os ensinamentos de Jesus, o Cristo. Ele pertencia à raça judaica, de acordo com sua natureza humana. Mas ele era a encarnação do Logos de Deus. O décimo sexto capítulo de Mateus mostra-nos que o movimento cristão não foi um ramo acidental do

judaísmo. A cultura romana antiga concebia o cristianismo como uma mera divisão herética da fé judaica. Porém, a narrativa de Lucas e Atos foi escrita para demonstrar que o cristianismo era uma entidade por si mesma, um avanço espiritual em relação ao judaísmo, e não um mero fragmento do judaísmo, criado por motivo de disputas teológicas. Vários pensadores liberais têm pensado que o real originador do cristianismo foi o apóstolo Paulo, porquanto é em seus escritos que obtemos a autoridade para o Jesus teológico, em contraste com o Jesus histórico. Antes da missão paulina, segundo eles acreditam, o movimento cristão era apenas uma espécie de judaísmo concorrente. Porém, essa suposição só pode ser mantida se rejeitarmos muitas das declarações do próprio Jesus no tocante ao seu poder, autoridade e caráter distintivo, como se fossem meras invenções da Igreja cristã de épocas posteriores. O trecho de Mateus 16:16 *ss*, é uma passagem que diz respeito a esse problema. O trecho de Mateus 22:41 *ss*, que encerra a exaltada doutrina de Jesus sobre o Messias, é outra passagem dessa ordem. Em todos os quatro evangelhos, ficamos impressionados com o caráter *distintivo* de Jesus Cristo. Ele era por demais importante e poderoso para ser apenas um outro profeta judaico. As formulações paulinas são reflexos dessa doutrina, com um pouco mais de definição. É um erro fatal diminuir a importância do que os evangelhos dizem sobre Cristo. Os evangelhos mostram-se modestos, e não exagerados, em suas declarações sobre Jesus. Ver João 20:30,31. O advento do Pentecoste, com seu derramamento do Espírito Santo (ver Atos 2), assinalou o tempo em que a Igreja recebeu poder, embora isso já tivesse começado em forma preliminar. A maioria dos cristãos afirma que o Pentecoste (que vide) foi o começo real da Igreja. Essa declaração, naturalmente, não ignora o fato de que houve um começo *preliminar*.

**3. Principais Períodos Históricos.**

a. *O Período Apostólico*, até 100 D.C. Os apóstolos de Cristo propagaram a sua mensagem, e dentro desse breve período, os principais centros do mundo romano tinham alguma forma da nova fé, ali representada (Col. 1:6).

b. *Período Pós-Apostólico, Antes de Constantino*, 100-313 D.C. O cristianismo propagou-se por toda parte, embora sofrendo oposição e perseguição, até mesmo oficial, por parte de uma longa linha de imperadores romanos. A Igreja esforçou-se para combater as primeiras divisões e heresias, como o gnosticismo (que vide). Clemente de Roma, Irineu, Tertuliano, Clemente de Alexandria e Orígenes foram importantes teólogos cristãos desse período.

c. *De Constantino a Gregório*, 313-590 D.C. Com a conversão nominal do imperador romano Constantino, o cristianismo tornou-se uma espécie de Igreja oficial. Esta obteve poder político e formalizou o seu credo. Os *concílios* formalizaram a sua fé: o de Nicéia, de 325 D.C., que produziu o credo niceno (que vide); o de Constantinopla I, de 381 D.C.; o de Éfeso, de 431 D.C.; o de Calcedônia, 451 D.C.; o de Constantinopla II, 553 D.C. O monasticismo desenvolveu-se, pelo menos em parte, como uma solução racional para os excessos ascéticos dos devotos. Surgiram várias heresias, como o arianismo, o nestorianismo, o monofisitismo e o pelagianismo (ver os artigos).

d. *Período de Gregório I a Carlos Magno*, 590-800 D.C. Esse período viu a cristianização dos povos germânicos. Também foi o período durante o qual o Egito, a África e a Espanha (que então incluía Portugal), perderam terreno para os islamitas. Dois importantes concílios ocorreram durante essa fase: o de Constantinopla III, 680 D.C., e o de Nicéia II, 787 D.C.

e. *De Carlos Magno ao Papa Gregório* VII, 800-1073 D.C. Esse foi um tempo durante o qual a autoridade papal desenvolveu-se extraordinariamente, quase cumprindo a doutrina de Agostinho de que a Igreja deve ser superior ao estado e deve ser também sua mestra. Essa autoridade só atingiu seu ponto culminante quando do pontificado de Gregório VII, o qual fez as coroas da Europa entenderem que a sé de Roma as dominava à sua vontade. Nesse período, houve o Concílio de Constantinopla IV, de 869 D.C. E, no ano de 1054 D.C., a Igreja Oriental separou-se da Igreja Ocidental, em torno da questão do *filioque* do credo niceno (que vide). Ver também sobre a *Igreja Ortodoxa Oriental*. Naturalmente, houve também outras causas (talvez mais decisivas), dessa separação. cujos elementos se vinham formando há séculos. — Foi no século XI D.C., que a Igreja Católica Romana adicionou o notório *filioque* ao terceiro artigo do credo niceno. Isso fazia o Espírito Santo proceder tanto do Pai *quanto do Filho*. A Igreja Ortodoxa Oriental, porém, objetava a essa adição. Ver o artigo geral sobre os *Credos*.

f. *Período de Bonifácio* VII *às Teses de Lutero*, 1295-1517 D.C. Os principais acontecimentos desse período foram o concílio de Viena, 1311; a carreira de João Wycliff, cerca de 1365; o concílio de Constança (João Huss), 1414-1418; o concílio de Basiléia, 1431; a queda de Constantinopla, 1453; e o quinto concílio de Latrão, 1512-1517.

g. *Das Teses de Lutero à Paz de Westphalia*, 1517-1648. Nesse período houve a Reforma protestante, bem como as carreiras de Lutero, Calvino e Zwínglio. Também houve o concílio de Trento (1543-1563).

h. *De 1648 aos Nossos Dias*. Nesse período temos o desenvolvimento da Igreja Católica Romana e das igrejas protestantes; o Ato da Tolerância, da Inglaterra, de 1689; o concílio do Vaticano, 1869; o movimento ecumênico, que aumentou de intensidade a partir do início do século XX. Houve também o surgimento e o desenvolvimento do liberalismo e a fragmentação das denominações protestantes; surgiu o movimento pentecostal; houve a politização de grandes áreas do catolicismo romano, e, em menor intensidade, das igrejas protestantes, através de ideologias políticas, especialmente através da *teologia de libertação* (que vide).

**4. Principais Divisões Históricas.**

a. A Igreja Apostólica, até 100 D.C.
b. A Igreja Primitiva, de 100 a 325 D.C.
c. A Igreja Católica antiga, de 325 até 1054 D.C.
d. A Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa Oriental, de 1054 aos nossos dias.

e. O ramo Protestante da Igreja, a começar em cerca de 1529, quando o apelido «protestante» foi aplicado aos príncipes alemães que, por ocasião da dieta de Speyer, em 1529, protestaram contra a decisão de anular seu direito de controlar as questões religiosas em seus respectivos territórios.

As igrejas protestantes fazem toda a autoridade espiritual e religiosa repousar sobre as Escrituras Sagradas, não reconhecendo o papa como uma figura religiosa singular. Se combinarmos todos os grupos, os cristãos representam cerca de duas sétimas partes da população do mundo. Apesar da longa separação e de uma grande variedade, a qual tende sempre por aumentar, as três divisões principais compartilham de

certas características identificadoras, pelo que merecem o epíteto de grupos «cristãos» (que vide). Essas características incluem o reconhecimento especial dos ensinamentos de Jesus Cristo; o reconhecimento que Ele é o Mensageiro especial de Deus, o Messias, a pessoa divino-humana. Usualmente, reconhece-se alguma forma de doutrina da Trindade; o uso de certos sacramentos ou ordenanças, que incorporam ou simbolizam importantes itens da fé cristã; o reconhecimento do Antigo e do Novo Testamento como autoritários, e, portanto, de um grande corpo de ensinos, mantido em comum, apesar das disputas sobre muitas questões. Os códigos morais desses vários grupos cristãos são bastante similares. Todos defendem as idéias da imortalidade da alma, da necessidade da redenção e do julgamento divino, que se seguirá após a morte física ou por ocasião da segunda vinda de Cristo.

**5. Idéias Principais.**

a. *Crenças Sobre Cristo.* O caráter distintivo do cristianismo gira em torno do caráter distintivo de Jesus Cristo. Mesmo para os estudiosos liberais, Jesus Cristo é distintivo pelo menos quanto ao poder de sua missão e quanto à representação vital de como Deus interveio decisivamente na história humana. Para os estudiosos conservadores de todas as variedades, é importante defender alguma forma do ensino de sua divindade. Jesus é concebido como o instrumento da principal revelação de Deus, o que explica o grande desenvolvimento do Novo Testamento, em contraste com o Antigo Testamento. A vida de Cristo incorpora uma *missão divina salvadora*. Jesus é intitulado tanto o Salvador quanto o Messias. Os ensinamentos sobre Jesus constituem a porção central do cristianismo, em contraste com todas as demais fés. Ver o artigo sobre a *Cristologia*, o qual inclui uma declaração detalhada sobre essa questão.

b. *Crenças Sobre Deus.* O cristianismo é uma fé *teísta*. O teísmo (que vide) ensina que Deus não somente criou, mas também que ele mantém um contínuo interesse pela sua criação. Ele intervém, ele recompensa pelo bem praticado; ele pune pelo mal. Ele dirige o curso da história humana e tem um propósito final para os homens, e também para toda a criação; e ele revela a sua vontade a profetas e a santos. Em contraste com isso, o deísmo (que vide) diz que apesar disso ter sido originado por alguma grande força originadora, pessoal ou impessoal, a criação foi abandonada por essa força, tendo sido deixada aos caprichos das leis naturais. Em outras palavras, Deus não guiaria, nem interviria, nem recompensaria e nem puniria. Deus seria totalmente transcendental e indiferente.

**Entretanto, as doutrinas básicas sobre Deus originaram-se no berço do cristianismo da fé judaica** (que vide). Ali há uma noção teísta sobre Deus. Ali há também a atuação da esperança messiânica e das sementes do cristianismo. Ali Deus é exposto como um ser poderoso, santo, justo, amoroso e bom, em grau infinito. O cristianismo herdou todas essas idéias. Entretanto, temos uma elevação do conceito de Deus no cristianismo, em vista da qual ele se tornou menos o Capitão de um exército e mais o Pai universal. A missão gentílica da Igreja primitiva estava alicerçada no conceito da universalidade de Deus e de seu interesse por todos os homens.

c. *Crenças Sobre o Espírito Santo.* No Antigo Testamento, o Espírito divino é mencionado. No Novo Testamento, ele já aparece em união e comunhão com o Pai e com o Filho (ver sobre a *Trindade*). A missão atual do Espírito consiste em promover e desenvolver a obra do Filho. O Espírito Santo também vem residir em todos os crentes individuais, a fim de promover a transformação de cada um deles segundo a imagem do Filho (Rom. 8:29). É dessa forma que os remidos chegarão a compartilhar da espiritualidade divina, de uma maneira que o judaísmo nunca imaginou.

d. *Crenças Sobre o Homem.* O homem é uma criatura caída, embora originalmente criada por Deus. A redenção (que vide) consiste no retorno do homem ao estado primitivo, impecável, embora também envolva um avanço para além desse estado. Mas, o que significa esse «para além» é variegadamente interpretado, na Igreja Católica Romana, na Igreja Ortodoxa Oriental ou nas diversas igrejas protestantes. Uma declaração geral a respeito afirma que o homem, nesse retorno, recebe o perdão dos pecados, a total libertação do princípio do pecado, a imortalidade da alma, e também uma forma de vida espiritual, quando entra nos mundos celestiais. Ali não mais haverá morte, enfermidades ou tristezas. Muitos, entretanto, ficam estagnados quando chegam a esse ponto, supondo que o estado que será alcançado, com sua glória correspondente, depende daquilo que cada indivíduo terá feito em uma única vida na face da terra. Ver os artigos sobre os *Galardões* e sobre as *Coroas*. Entretanto, os pais alexandrinos da Igreja, seguidos por muitos na Igreja Ortodoxa Oriental e na Igreja Anglicana, supõem que o estado eterno não se caracterizará pela estagnação. Até que ponto uma alma humana poderá progredir? O alvo da salvação (que vide) é a participação na natureza divina, de modo real e finito. Isso significa que a Trindade continuará à parte e sem igual, e que a natureza de Deus será duplicada nos remidos, em graus extraordinários, mas finitos. Os trechos de II Pedro 1:4 e Colossenses 2:10 declaram essa doutrina; e o trecho de II Coríntios 3:18 ensina que só poderemos chegar a esse elevado estado se formos atravessando muitos estágios de glória. Ver o artigo sobre a *Salvação*. O evangelho que inclui noções como o perdão dos pecados, a transferência para o céu e a estagnação nesse ponto deriva-se, essencialmente, de textos extraídos dos evangelhos sinópticos e do livro de Atos. Mas o evangelho que inclui noções como a participação na própria natureza de Cristo e a glorificação eterna (que vide) deriva-se, principalmente, de textos paulinos e petrinos. Como é óbvio, essa mensagem mais profunda resultou de uma revelação mais ampla que foi dada aos apóstolos durante o período de transição, quando o cristianismo estava se separando do judaísmo.

e. *Crenças Sobre Princípios Éticos.* O cristianismo está pesadamente endividado com o judaísmo, quanto a esse particular. O espírito dos Dez Mandamentos é retido de muitas maneiras, no Novo Testamento. Ensinamentos bíblicos, como a queda do homem, a sua necessidade de redenção como criatura decaída, a promessa da recompensa futura, com base na conduta de cada um (ver a idéia inteira das recompensas e o segundo capítulo de Romanos), a ameaça de julgamento contra os impenitentes (ver o artigo sobre o *Julgamento*), etc., são idéias compartilhadas pelo judaísmo e pelo cristianismo. Naturalmente, Jesus não foi apenas um rabino judeu. Ele espiritualizou a lei, fazendo o mal esconder-se até mesmo nos motivos dos homens, e não se externalizar apenas em atos cometidos. Isso posto, o adultério agora não consiste apenas no ato, mas até no pensamento, segundo se aprende em Mateus 5:28. O homicídio agora não é apenas o ato, mas é também o ódio que lhe dá a força, como se aprende em Mateus 5:21,22. A fórmula reiterada de Jesus: «Ouvistes que

foi dito aos antigos... Eu, porém, vos digo...», sem dúvida foi uma maneira pela qual ele alertou os seus ouvintes ao fato de que ele não somente era algum intérprete autorizado da lei, mas era a própria Autoridade, que podia manifestar-se independentemente e acima da lei. Jesus foi o *Novo Moisés*, — que trouxe à luz um novo código moral.

**A lei do amor.** Para o judaísmo, o amor consistia em um hebreu cuidar de outro hebreu. O judaísmo, porém, não dava grande importância ao amor pelos gentios, pois, de fato, em parte alguma do Antigo Testamento encontra-se algum mandamento para os hebreus amarem a seus vizinhos gentios. Já no Novo Testamento, o próximo é qualquer pessoa, sem importar sua raça, que esteja em necessidade. Não foi por acidente que Jesus escolheu um *samaritano* (que vide), em sua parábola do bom samaritano (Luc. 10:33 *ss*). Os samaritanos eram considerados pessoas desprezíveis pelos judeus; e, no entanto, naquela parábola, foi um samaritano que mostrou misericórdia por um total estranho. Nisso, o amor de Deus é exibido como universal. Deus amou o mundo (João 3:16). O ato salvatício visa a todos. No Novo Testamento, pois, o amor torna-se a princesa de todas as virtudes, o solo onde todas as demais virtudes são cultivadas (I Cor. 13 e Gál. 5:22,23). O trabalho do Espírito consiste em cultivar essa virtude (bem como todas as demais), em cada remido. Isso posto, no Novo Testamento o amor aparece como uma operação divina, e não apenas como uma emoção humana. Isso significa que os princípios éticos começam a fazer parte das verdades místicas, onde o espírito de um homem entra em comunhão com Deus, e mediante o que um homem vai sendo transformado segundo a imagem de Cristo. Isso equivale a dizer que a ética torna-se ali uma subdivisão da teologia.

f. *Crenças sobre as Sagradas Escrituras*. Faz parte da fé cristã, teísta como ela é, que Deus revelou-se através do Antigo e do Novo Testamentos. Ver o artigo sobre a *Revelação*. Os livros que resultaram dessa revelação são considerados sagrados, autoritários, e são reputados como autoridade básica sobre a qual está firmada a fé cristã. Ver o artigo sobre as *Sagradas Escrituras*.

g. *Crenças Sobre os Sacramentos ou Ordenanças*. Quanto a notas expositivas completas sobre a questão, ver os artigos sobre ambos esses assuntos. Um sacramento supostamente transmite poderes espirituais especiais, uma marca ou caráter que realiza uma operação espiritual. Uma ordenança, porém, é apenas um ato simbólico, com o propósito de lembrar-nos as realidades espirituais, e que, por si mesma, não transmite qualquer poder espiritual. Certos segmentos do cristianismo ensinam os sacramentos; outros, as ordenanças; mas ambos os segmentos concordam sobre os princípios espirituais envolvidos, ainda que não quanto ao *modus operandi* do poder espiritual.

**6. Cristanismo, a Fé Universal.** Qualquer fé religiosa que afirme ter importância e aplicação para todos os homens pode ser chamada *universal*. O judaísmo não começou com tal ponto de vista, mas terminou sendo uma fé universal. O dubismo, o hinduísmo e o islamismo são fés universais. Muitos grupos menores e seitas também, poderiam ser considerados universais. Muitos cristãos negam a validade das reivindicações de outras fés, de que são fés universais, tachando-as de falsas e espúrias. Quanto a esse particular, penso que os pais gregos da Igreja, como quanto a diversas outras questões, exibiram uma sabedoria maior do que isso. Eles partiam da idéia de que o princípio universal, o *Logos* (ver o artigo sobre o *Verbo de Deus*) implanta suas sementes entre todos os homens. Em face disso, eles supunham que a melhor porção da filosofia grega, especialmente aquela exposta por Platão, serviu de aio para conduzir os gentios a Cristo, da mesma maneira que a lei exerceu essa função, no tocante aos judeus. Se aplicarmos esse ponto de vista, então poderemos afirmar que o Logos, encarnado sob a forma de Jesus Cristo, tem um ministério muito mais amplo do que geralmente se supõe. Isso significaria que outras fés religiosas, que não são chamadas cristãs, ainda contam com as sementes do Logos, operante nelas. Sabemos que a *restauração* geral (que vide), ensinada em Efésios 1:10, dá a entender que a restauração só poderá ocorrer através da operação feita por muitos séculos, incluindo até mesmo uma parte da eternidade futura. A segunda vinda de Cristo (ver sobre a *Parousia*) assinalará uma grande *transição* no trato de Deus com os homens, e *não* um ponto final. Após esse evento, ou melhor, uma série de eventos que faz parte da segunda vinda de Cristo, haverá muitas longas eras, e os processos remidor e restaurador continuarão em seus efeitos. O alvo disso será o de fazer Cristo tornar-se tudo para todos (Efé. 1:23). Estou supondo que, até mesmo em nossos dias, estão sendo feitas contribuições para os propósitos de Deus que não dizem respeito somente à fé cristã, contribuições essas que envolvem não somente outras religiões, mas também a filosofia, os movimentos históricos, as ciências, e todas as atividades por causa das quais o conhecimento e a espiritualidade estão avançando. A promessa divina é que, finalmente, *tudo* será unificado e centralizado em torno de Cristo. Quando examinamos os conceitos de outras fés religiosas, podemos notar, quanto a vários pontos básicos, uma certa similaridade de idéias, embora tais idéias sejam expressas mediante uma terminologia diferente. Uma das primeiras coisas que um filósofo aprende é reconhecer que uma idéia qualquer pode ser expressa de diferentes maneiras, através de certa variedade de termos. Os estudos no campo das religiões comparadas demonstram que há muitas idéias que estão sendo expressas de diversas maneiras, e que, quanto à sua base, são as mesmas.

**O Caráter Distintivo do Cristianismo.** O que dissemos acima não tem o propósito de afirmar que todas as fés religiosas expressam igualmente a verdade de Deus, ou que sejam idênticas quanto ao seu valor intrínseco. O caráter distintivo do cristianismo repousa sobre o caráter distintivo da pessoa de Jesus Cristo e de sua missão. O cristianismo reivindica especialmente que seu fundador é uma encarnação direta do Logos (João 1:1), ou seja, era uma pessoa de natureza divino-humana. Essa é uma reivindicação distintiva; e, visto que ela é verdadeira, situa o cristianismo em uma posição distintiva e ímpar. O cristianismo envolve uma revelação distintiva sobre Deus e sua vontade, bem como uma revelação ética superior. Não somente isso, mas também se a idéia dos pais gregos da Igreja, sobre a doutrina do Logos, corresponde à verdade, então essa é a *mesma Pessoa* que, em *outros* sistemas religiosos, lhes transmitiu seus mais importantes valores, posto que mesclados com noções humanas distorcidas. Isso significaria que esses outros sistemas receberam vislumbres, ao passo que, no cristianismo, temos a efulgência mesma da revelação divina. Mas também significa que toda a glória pertence a Cristo, e que seu modo de operar está muito acima de nossos dogmas e de nossas crenças denominacionais!

Há um outro fator que deveria ser observado nesta discussão. É que quando lemos sobre outras fés

religiosas, para nossa surpresa, encontramos pontos que manifestam uma grande sabedoria, com idéias que aprimoram nossa maneira de pensar sobre as coisas. Na realidade, encontramos alguns dos mais preciosos tesouros nos lugares mais inesperados. Isso reveste-se de grande valor para nós, ensinando-nos que a ignorância nunca teve qualquer vantagem. Além disso, em conexão com isso, deveríamos observar a mesma coisa quando lemos a respeito das crenças e tradições válidas de outras denominações, dentro do contexto cristão. Todas as denominações cristãs encerram verdades e erros, pontos de fortaleza e de debilidade. Quanto mais aprendemos sobre elas todas, tanto melhor torna-se a nossa visão da verdade. Desse modo, quanto a alguns pontos, abandonamos sem senso de perda certos aspectos das crenças de nossas respectivas denominações, porque encontramos alguns aspectos melhores da verdade, preservados em algum outro segmento do cristianismo evangélico. Isso pode constituir uma surpresa para aqueles que, desde a infância, têm sido ensinados a supor que uma certa denominação é *a* representante da verdade cristã. Tal idéia, portanto, é apenas uma parte da mitologia denominacional. (AM BR E HU HUS P R WW)

## CRISTIANISMO SECULAR

Ver **Secularização do Cristianismo.**

## CRISTO

O artigo que segue é o tratado principal sobre aquele assunto. Outros artigos relacionados também são importantes e esclarecem ainda mais o assunto. *Ver:* Cristo, Como a Verdade; Cristo, Como a Vida; Cristo Como o Caminho; Fundamento da Igreja, Cristo como; Cristo, Conhecer Segundo a Carne; Cristo-Consciência; Divindade de Cristo; Humanidade de Cristo; Missão Universal do Logos (Cristo); Cristo-Misticismo; Cristo, O Corpo De; Cristo, Tentação de; Cristo Vivo; Crucificação de Cristo; Ressurreição de Cristo; Ascensão de Cristo; Descida de Cristo ao Hades; Cristologia; Messias; Jesus Teológico e Histórico; Ensinos de Jesus; Ética de Jesus; *Jesus* (artigo geral); Mediador, Cristo, o único.

**1. O Termo.** A palavra portuguesa **Cristo** é transliteração do adjetivo verbal grego, *Christós*, que significa «ungido». Essa palavra hebraica, por sua vez, traduz o termo hebraico *mashiach*, que tem o mesmo sentido. Essa palavra hebraica foi absorvida pelo grego sob a forma modificada de *messias*, conforme se vê em João 14:1 e 4:25. É daí que vem a nossa palavra portuguesa Messias. Em Israel, desde os tempos mais remotos, os sumos sacerdotes (Êxo. 29:7) e os reis eram ungidos. Essa unção servia de confirmação externa da escolha divina, que conferia a eles os seus respectivos ofícios. É dito acerca de Saul e Davi que, por ocasião de sua unção, o Espírito de Yahweh desceu sobre eles poderosamente (I Sam. 10:6 *ss*, 16:13). Aí há um texto de prova bíblico em favor da idéia da transmissão de caráter (que vide), ou seja, a noção de que os sacramentos deixam certa *marca* sobre a pessoa que os recebe, conferindo-lhe a graça divina que a transforma em seu caráter. Ver também trechos bíblicos como I Sam. 24:6,10; Sal. 2:2; 18:50; 20:6; 132:10,17; 89:38,51. No trecho de Salmos 105:16 lemos que os patriarcas foram consagrados ao serviço de Deus, o que dá a entender unção. O rei da Pérsia, Ciro (Isa. 45:1), foi ungido por Deus para realizar certa tarefa divina, o que nos serve de informação bastante instrutiva. Algumas referências do livro dos Salmos cabem dentro do contexto messiânico, dando a entender o aparecimento do *Ungido*. Os escritos do período intertestamentário também têm algumas indicações messiânicas. A obra Salmos de Salomão, de 50 A.C., é fortemente messiânica, referindo-se à vinda do Rei que seria impulsionado pelo Espírito, que seria forte no temor de Deus, e subjugaria a muitos povos, não pelo poder militar, mas pela energia espiritual. Ele reuniria um povo que seria os filhos de Deus. Mas somente o povo de Israel seria beneficiado diretamente. Essa predição não emprega o termo «Messias», mas o conceito está presente. Não há que duvidar que, antes mesmo dos tempos do Novo Testamento, havia expectações messiânicas entre os judeus. Portanto, não nos devemos admirar que, mesmo naquele período, aquela idéia fosse exposta de maneira formalizada, com textos de prova apropriados. Esperava-se que Deus visitasse o seu povo de maneira toda especial (Luc. 1:68). Na porção inicial dos evangelhos sinópticos, temos, em operação, o *segredo messiânico*. Jesus não se declarava o Messias. Os estudiosos liberais afirmam que ele ainda nem tinha certeza disso. Os eruditos conservadores asseveram que ele tinha certeza do fato, mas que apenas evitava declará-lo em público. O trecho de Mateus 16:13-20 oferece-nos a afirmação clássica dos evangelhos sinópticos, onde se lê que Pedro percebeu, por revelação divina, o caráter messiânico de Jesus. Por ocasião de seu julgamento, Jesus declarou francamente que era o Messias (Mar. 14:61 *ss*), embora tenha-se recusado a dar uma resposta direta à pergunta feita pelo sumo sacerdote (Mat. 26:63 *ss*; Luc. 22:66 *ss*). Não obstante, a resposta dada por Jesus foi tomada como uma afirmação, sendo essa uma das razões pelas quais Jesus foi condenado à crucificação, porquanto, segundo eles pensavam, Jesus teria blasfemado.

No evangelho de João, o caráter messiânico de Jesus é declarado desde o começo (João 1:41,49). Isso coaduna-se com a intenção desse livro, onde a missão divina é vista em operação na pessoa divina, a fim de trazer a salvação ao povo escolhido. Nesse quarto evangelho não temos conflitos, nem dúvidas e nem qualquer segredo messiânico, porque ali o Espírito revela seu propósito tão obviamente que não há espaço algum para especulações. O termo «Messias», através de sua tradução grega, e, daí, para o português, tornou-se parte integrante do nome de Jesus, pois ele é Jesus, o Cristo, ou então, o Senhor Jesus Cristo, ou o Filho, Jesus Cristo, que é nosso Senhor (Rom. 1:3,7; 5:11; I Cor. 1:2; 5:4; II Cor. 1:2; Efé. 1:3; Fil. 1:2; Col. 2:6; I Tes. 1:1; II Tes. 1:1; I Tim. 1:1; II Tim. 1:2; Tito 1:4; File. 3). O trecho de Tiago 1:1 reflete o uso.

**2. O Cristo Vivo.** Alguns intérpretes supõem que uma vez que o termo «Cristo» tornou-se parte do nome próprio de Jesus, tal termo teria perdido o seu significado original. Porém, tal idéia é absurda, quando consideramos os pontos abaixo: a. Com freqüência, mesmo nas igrejas gentílicas, o núcleo da comunidade compunha-se de judeus convertidos; b. mesmo quando isso não era assim, a mensagem cristã era apresentada como cumprimento das Escrituras judaicas, e o ensino a respeito do Messias, embora não fosse uma idéia pagã, deve ter sido um assunto comumente ventilado na Igreja. Basta-nos lembrar que as «Escrituras» da Igreja primitiva eram os livros do Antigo Testamento, e que só gradualmente o cânon do Novo Testamento desenvolveu-se e assumiu proporções importantes. Assim, onde fosse iniciada uma igreja cristã, ali estava sendo ensinado o Antigo Testamento como base de sua autoridade.

a. *Jesus e o Messias*. A fé humana é verdadeiramen-

te fraca. Pareceria que Jesus nada mais tinha para provar, após a vida que ele viveu, após o poder que ele demonstrou possuir. Mas os homens, distantes dos eventos, especulam que os cristãos primitivos inventaram o relato inteiro, e alguns chegam ao extremo de declarar que Jesus nunca existiu, tendo sido apenas uma figura fictícia, para preencher uma esperança messiânica frustrada. Acresça-se a isso a atividade *demitizadora* (que vide) do evangelho. Os homens declaram que houve dois Jesus, um histórico e o outro teológico. O Jesus histórico estaria irremediavelmente perdido em meio a tradições e mitos. O Jesus teológico seria apenas criação da Igreja. Isso significa que nada se sabe mesmo, sobre Jesus. Tal idéia é simplesmente absurda. Em primeiro lugar, porque não havia interesse algum pela criação de um Jesus teológico, a menos que houvesse *notáveis fatos históricos* que tivessem inspirado tal teologia. Em segundo lugar, se encontramos notáveis fatos históricos, que fazem parte da história de Jesus, então só nisso já temos base para um Jesus teológico autêntico. Temos necessidade de explicar a vida que Jesus viveu. Como é óbvio, nenhum homem comum poderia ter vivido como ele viveu. Como Jesus poderia ser tão incomum. Os primeiros cristãos, bem como os primeiros grupos hereges, envolveram-se na atividade da *cristologia* (que vide), procurando apresentar explicações. Todo gênio criador que vem a este mundo, sem importar se negativo ou se positivo, provoca uma reação significante entre os homens. Depois, em redor de cada um desenvolve-se uma abundante literatura. Quando surgem tais condições, sabemos que algo de incomum sucedeu. Pelos fins do século II D.C., havia cerca de vinte grupos que haviam aparecido, cada qual afirmando saber expor melhor a pessoa e os pontos de vista de Jesus, o Cristo. A própria existência desses grupos demonstra o impacto que Jesus exerceu sobre os homens. Acompanhando esses movimentos, houve a produção de abundante literatura, incluindo o nosso Novo Testamento. Essa *atividade literária* serve de uma outra prova do poder da vida de Jesus.

b. *Considerações Modernas*. Atualmente vive o homem santo hindu, Satya Sai Baba (que vide), o qual está realizando os milagres de Jesus, em plena luz do dia, defronte mesmo dos céticos e dos cientistas. Muitos deles se têm tornado seus discípulos, e *instantaneamente*, como se viu no caso de Jesus. Eles admitem que toda a estrutura de suas idéias, geralmente alicerçada sobre o ceticismo (que vide), ruiu diante do que esse homem é capaz de fazer. Não estou entrando aqui no mérito das reivindicações de Baba, que têm significação teológica, e nem estou fazendo confronto entre ele e Jesus. Somente menciono esse fenômeno moderno para mostrar que há homens de gigantesco poder espiritual, e que nossas explicações naturais e céticas são incapazes de explicar tais homens. As dúvidas que têm sido levantadas acerca de Jesus, resultam da debilidade do caráter espiritual dos homens. Jesus realizou aquilo que os evangelhos dizem que ele fez. De fato, os evangelhos mostram-se muito cautelosos em suas afirmações sobre Jesus, procurando não exagerar, conforme se vê em João 20:30,31.

c. *Afirmações com Base na Ignorância*. Se um político radical qualquer, um general do exército, um déspota destruidor que propaga o terror, etc., tomar sobre si a tarefa de emitir opiniões sobre valores religiosos, nenhuma pessoa sensata haverá de tomar a sério o que tal indivíduo diz. Se um faxineiro qualquer começar a falar comigo sobre astronomia, proferindo toda a espécie de absurdos, não haverei de considerá-lo uma autoridade sobre questões astronômicas. Se um mecânico de automóveis apresentar-se para submeter-me a uma intervenção cirúrgica, dizendo que ele sabe consertar bem automóveis, e que, por isso mesmo, me deixará curado, não me sentirei inclinado a aceitar o seu oferecimento. E se um indivíduo que se mostra cético, que nunca viu um milagre suceder, que sempre foi ensinado a duvidar, em todas as escolas que freqüentou, sem importar quão intelectual ele pareça ser, o que significa que lhe falta profundeza espiritual, vier a declarar que Jesus não pode ter feito aquilo que os evangelhos lhe atribuem, não me deixarei impressionar pelo que ele disser. A verdade é que Jesus foi um homem dotado de capacidades espirituais e de realizações muito acima das experiências dos céticos. É impossível nos pronunciarmos sobre as coisas, de modo inteligente, se não tivermos experiência sobre as coisas acerca das quais falamos. Os apóstolos tinham grande experiência no campo no qual Jesus operava. Eles chegaram à conclusão de que Jesus era o Cristo (Messias), o Filho de Deus de modo todo especial. A teologia continua procurando defini-lo, e as declarações feitas a respeito dele mostram que isso não é uma atividade apenas legítima, mas também *necessária*. O ceticismo, porém, não nos leva a parte alguma. Preciso admitir, neste ponto, que nossos termos teológicos, por si mesmos, têm inúmeras aplicações que ultrapassam em muito às nossas experiências, sem importar quão grandes estas sejam; e, por essa precisa razão, devemos continuar a estudar e a investigar, a fim de percebermos melhor a *natureza* daquilo em que cremos.

**3. A Operação Presente.** O Cristo que agora está vivo e operante no mundo, é muito mais do que a influência da vida de Jesus, que prossegue entre os homens. Grandes homens inspiram-nos para fazer o melhor, é verdade. Seus ensinos instruem-nos e ajudam-nos. Porém, o *Cristo vivo* transcende a tudo isso. Isso é comprovado na experiência de muitas pessoas do mundo atual. As vidas dos discípulos originais foram profundamente afetadas por Jesus. Nossas vidas também são afetadas por seu Espírito, que é o seu *alter ego*. Há criatividade e inspiração no ministério do Espírito Santo, o qual cuida para que o significado do Cristo vivo continue vital no mundo. A teologia é uma coisa linda. Porém, mais lindo ainda é o poder espiritual que nos foi posto à disposição. Isso é exibido diariamente na vida dos crentes. Há uma transformação moral; há obras de ensino, caridade e filantropia. Ademais, há o lado místico da fé, onde os poderes espirituais continuam operando milagres e iluminando os homens. O Cristo vivo, no mundo atual, continua a levar avante o plano traçado em favor dos homens pela graça divina. Há uma criatividade espiritual, do Espírito Santo atuante. O Cristo vivo é a cristividade de Deus solta entre os homens. Limites e obstáculos estão sendo derrubados em todos os lugares. Em minha própria vida tenho visto isso acontecer, e ouso afirmar que o leitor também tem sido testemunha disso. (E NTI W)

## CRISTO, COMO A VERDADE

João 14:6. **E a verdade.** Quanto a este particular, poderíamos destacar os pontos seguintes:

1. Jesus é a verdade de *Deus* porque, na qualidade de «Logos» eterno (ver João 1:1), ele é a perfeita revelação de Deus e de sua verdade, e isso não meramente para os homens, mas também para todos os seres criados.

2. Jesus é, especialmente, a *revelação de Deus* aos

homens, no que concerne à salvação deles. Sua própria pessoa representa realmente essa verdade, porque nele, segundo os eternos conselhos divinos (ver Efé. 1:3-5), ele sempre esteve unido a Deus Pai, e o plano da redenção dessa maneira se originou dele. Assim sendo, em sua encarnação, ele trouxe essa verdade da redenção aos homens. Em sua ascensão, ressurreição e glorificação, ele assegura aos remidos a mais plena participação em toda a sua glória e em sua natureza divina. Portanto, por esses motivos ele é a verdade metafísica do homem.

3. Jesus é a *verdade do caminho* pelo qual os homens devem retornar a Deus, porquanto ele é o exemplo supremo e o ilustrador desse caminho. Essa é a verdade envolvida em sua encarnação. Tudo quanto o homem precisa saber está contido em sua pessoa. Jesus é a verdade ética do homem.

4. Dessa maneira, em sua própria pessoa, Cristo Jesus combina *tudo* quanto os homens precisam saber, crer e ser, tanto no que diz respeito à natureza de Deus como no tocante à natureza e à posse da redenção e da glória eterna.

5. Jesus é a verdade, *em oposição* à religião falsa, como o judaísmo desviado e obstinado. Ele é aquela verdade para a qual apontava a lei mosaica, e da qual o pacto do A.T. era apenas uma sombra pálida. Ele é a materialização da verdade espiritual, e não meramente um profeta de Deus ou uma representação parcial polêmica cristã contra os judeus incrédulos, que rejeitaram ao seu próprio Messias. O autor sagrado queria que tais pessoas soubessem que tudo aquilo em que confiavam, como uma revelação da parte de Deus, nada significava à parte da pessoa de Jesus Cristo, posto ser ele a concretização de toda a verdade de Deus, ao passo que Moisés, a lei e os profetas meramente apontavam para Cristo.

6. Em sua *própria essência*. Cristo também é a verdade de Deus, porquanto ele mesmo é divino, e assim nos tem mostrado qual é a natureza de Deus ou a verdadeira forma de vida que ele possui, a qual ele está transmitindo aos homens através de Cristo. Essa é justamente a mensagem de um trecho como Col. 2:9, onde se lê: «...porquanto nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade...» Ou então do trecho de Col. 1:15: «Ele é a imagem do Deus invisível...». Ver João 18:38.

7. O *Logos* (Cristo) planta suas sementes em filosofias e religiões não-cristãs como atos preparatórios à Restauração (que vide). Portanto, sua exclusividade é ao mesmo tempo uma universalidade, porque opera através de uma multiplicidade de meios. As verdades nas religiões, nas filosofias, e nas ciências, são *todas elas*, as verdades universais do Logos. Seu campo de atividade é universal.

## CRISTO, COMO A VIDA

João 14:6: **E a vida.** O evangelho, em sua totalidade, leva-nos a compreender a veracidade dos pontos abaixo discriminados:

1. Jesus é a *vida* devido ao fato de que, na qualidade de *Logos* divino e eterno, ele *compartilha* da mais elevada forma de toda espécie de vida, a vida do próprio Deus. Por conseguinte, ele é verdadeiramente divino.

2. Essa vida divina, porém, Jesus *transmite aos homens* regenerados, tal como a mesma lhe foi transmitida, quando de sua encarnação humana. Os trechos de João 5:26 e 6:57 ensinam-nos justamente esse tema, que os teólogos e filósofos denominam de *vida necessária* ou *vida independente*. Trata-se de uma vida «necessária» por ser o tipo de vida que não pode cessar de existir. É é «independente» porque não depende de qualquer outro ser, para sua continuação e renovação. Ela é a sua própria continuação e renovação. Somente Deus tem essa forma de vida, a qual é chamada de «vida eterna» não somente porque não tem princípio e nem fim, mas porque se trata de uma espécie de vida: a vida que ele conferiu ao Senhor Jesus, quando de sua encarnação, e que o Senhor Jesus, por sua vez, pela autoridade que recebeu da parte do Pai, conferiu a todos os homens que dele se valem, a fim de recebê-la. Dessa forma, os remidos tornar-se-ão verdadeiramente «eternos», tal como o próprio Deus é eterno. Ora, Jesus dá-nos essa vida, e ela se encontra na sua própria pessoa.

3. Em sua encarnação, o Senhor Jesus veio ensinar aos homens como *devem compartilhar* dessa sua vida, porque ele demonstrou aos homens como a recebeu, mediante uma transformação moral e metafísica. Quando ele ressurgiu triunfalmente do sepulcro, trouxe essa forma de vida aos homens por haver saído da sepultura como o primeiro homem realmente imortal. Quando de sua ascensão e glorificação, Jesus veio participar ainda mais intensamente da vida de Deus, na qualidade de primeiro homem imortal, tornando-se assim as primícias de muitos outros homens igualmente imortais. Dessa maneira, Cristo está conduzindo muitos filhos à glória, os quais participam dessa mesma vida. É esse aspecto mais completo que denominamos «vida eterna».

4. Jesus transmite a vida real, não como símbolo, e, sim, como *um fato*, em contraste com o judaísmo, que não passava de um símbolo, segundo os ensinamentos dos profetas, na lei de Moisés e nos ritos cerimoniais. Nisso encontramos, novamente, certo elemento da polêmica cristã primitiva, dirigida contra os judeus incrédulos e outros incrédulos, os quais confiavam em meras exterioridades ou sombras, ao mesmo tempo em que rejeitavam a substância mesma da vida, concretizada na pessoa de Jesus Cristo.

5. Jesus Cristo é a vida, tanto a *vida futura* como o *princípio e a fonte* originária de toda a vida, pelo que também aquele que não se achega a Deus, por intermédio dele, está sujeito à condenação, à morte espiritual. (Ver João 3:15).

**Ninguém vem ao Pai senão por mim.** O destino legítimo do homem é chegar até às regiões onde habita Deus Pai, retornando assim a ele; mas isso não meramente em sentido especial, e, sim, com todo o seu ser, participando finalmente da *perfeita natureza* moral de Deus, compartilhando de sua natureza *divina* tal como Cristo Jesus dela participa. Portanto, os homens que não atingem esse alvo, — ficam aquém do destino preparado por Deus para o homem, na criação original, porque o homem foi feito à imagem de Deus, sendo afetado especificamente em sua pessoa pelo modelo que é Cristo, em tudo quanto Cristo foi e fez, bem como em tudo quanto Cristo é e está fazendo. Assim, pois, não participar dessa glória é o mesmo que a morte espiritual. Isso significa que o alvo é Deus Pai. E é exclusivamente por intermédio de Cristo que esse alvo pode ser atingido.

**A exclusividade e universalidade de Cristo:**

1. Na eternidade passada, o Logos revelou Deus a todos os seres inteligentes. (Ver João 1:18).

2. Em sua missão terrena, o Logos, encarnado em Jesus, se fez visivelmente o único caminho de retorno ao Pai. (Ver João 1:14; Gál. 1:8,9). Atos 4:12 tem uma declaração similar.

3. A idéia toda de filhos serem desenvolvidos segundo a imagem do Filho, II Cor. 3:18, através da

energia do Espírito, prova a exclusividade do Filho, porquanto existiria algum outro Filho unigênito? Essa transformação segundo a imagem de Cristo é a salvação. (Ver Heb. 2:3).

4. O filho, agora glorificado, continua sendo o único mediador entre Deus e os homens, I Tim. 2:5; (ver também Heb. 8:6; 9:15 e 12:24).

5. Na posição de Logos, tendo retornado à glória, ele continua sendo o Salvador. Muitos pais da igreja opinavam que o Logos prosseguia em sua missão remidora entre as almas humanas que ultrapassaram a barreira da morte física. (Ver I Ped. 4:6). A descida de Cristo ao hades tornou isso possível, I Ped. 3:18. Outros crêem que essa missão pós-morte melhorou o estado dos perdidos, não lhes oferecendo a salvação dos eleitos contudo.

6. Portanto, aprendemos que o Logos é o único Salvador, e que sua missão não se limita à sua encarnação terrena, embora todos os benefícios que ele confira aos homens dependam da mesma. João 14:10.

7. O *Logos* (Cristo) planta suas sementes em filosofias e religiões não-cristãs como atos preparatórios à Restauração (que vide). Portanto, sua exclusividade é ao mesmo tempo uma universalidade, porque opera através de uma multiplicidade de meios. As verdades nas religiões, nas filosofias, e nas ciências, são *todas elas*, as verdades universais do Logos. Seu campo de atividade é universal.

## CRISTO COMO O CAMINHO

O *Logos* (Cristo) é o *caminho* para Deus, para os lugares celestiais e para a transformação espiritual. É também o *pioneiro* no caminho da espiritualidade (que vide), Heb. 2:10. Ele é o caminho *atual* e será o caminho para a salvação *além do sepulcro*. Ver I Ped. 4:6. Será sempre o caminho para uma *glorificação* crescente e eterna. Ver o artigo separado sobre *Caminho, Cristo como*, que oferece mais detalhes.

## CRISTO COMO O FUNDAMENTO DA IGREJA

Ver **Fundamento da Igreja, Cristo como.**

## CRISTO, CONHECER segundo a carne

*Antes conhecemos a Cristo segundo a carne*, II Cor. 5:16. Uma frase um tanto obscura, que tem admitido diversas interpretações, a saber:

1. Paulo não se referia a qualquer conhecimento de Cristo no tocante à sua vida e ministério terrenos.

2. Nem pretende dar a entender que antes conhecera pessoalmente a Jesus, ainda que, indiretamente, talvez estivesse repreendendo alguns elementos do partido «de Cristo», que se ufanavam disso.

3. Por igual modo, também não falava de Cristo como o Messias judaico, conforme a sua anterior estimativa e maneira de pensar.

4. Ainda mais fora do alvo é aquela explanação que pensa que Paulo alude a algum tempo «após» a sua conversão, quando seu conceito de Cristo ainda era um tanto inferior, ficando muito aquém do que alguém deveria pensar a seu respeito, por ser mera «estimativa humana». É possível que haja alguma verdade nessa opinião, porquanto Paulo poderia tê-la usado como crítica contra os seus oponentes judaizantes. Por conseguinte, Paulo poderia ter dito: «Antes eu tinha uma estimativa de Cristo semelhante à vossa agora, situando-o abaixo de Moisés, para todos os efeitos práticos. Mas esse é um mero ponto de vista humano, errôneo, que desde então já abandonei». Tudo isso pode exprimir uma verdade, mas não parece ser aquilo que Paulo desejou frisar em II Cor. 5:16. Não existe qualquer registro histórico que Paulo tenha algum dia pregado um evangelho legalista, o que precisaríamos admitir se tivéssemos de aceitar essa interpretação.

5. Antes, Paulo se refere nesse ponto a um período anterior à sua conversão, quando tinha a Jesus Cristo em péssimo conceito, quando blasfemava o seu nome, pensando ser ele um mestre herético e turbulento, inimigo de Moisés. Paulo tivera uma opinião de Cristo conforme a opinião dos fariseus e saduceus até ali. Mas essa opinião ele abandonou.

Infelizmente, para muitos, o conhecimento «acerca de Cristo», e as afirmações em um credo, têm tomado o lugar do «conhecimento de Cristo», corretamente e através do Espírito Santo. De viagem para o estado da Georgia, nos Estados Unidos da América do Norte, um morávio se encontrou com João Wesley e lhe perguntou: «Você já conhece a Jesus?» Wesley retrucou: «Sei que ele é o Salvador do mundo». «Sim, mas, você já o conhece»? veio a resposta: eis aí um bom ponto. Podemos saber muitas coisas sobre Cristo, sem conhecê-lo. (Com isso se pode comparar o trecho de Fil. 3:10 e *ss*).

## CRISTO-CONSCIÊNCIA

Esse é apenas um outro nome para a *elevada iluminação* dada através das operações do Espírito, de tal modo que o crente venha a compartilhar da mente de Cristo em grau significativo. Trata-se de uma espécie de versão cristianizada daquilo que se chama *consciência cósmica* (que vide). O trecho de I Cor. 2:16 mostra-nos que todos os crentes, até certo ponto, possuem a mente de Cristo; mas há muitos níveis dessa participação. Na Igreja Ortodoxa Oriental, muitas pessoas envolvem-se na busca intensa pela *iluminação* (que vide). Quanto maior a iluminação obtida, maior a consciência de Cristo que o crente obtém. Há muitos meios de desenvolvimento espiritual. Esses meios incluem o estudo das Escrituras e dos livros espirituais, o desenvolvimento do intelecto com vista à melhoria espiritual, a oração, a meditação, a santificação, a prática da lei do amor ou das boas obras. Também há os toques místicos. Não basta estudar e orar. Precisamos da intervenção direta do Espírito em nossas vidas, se tivermos de atingir qualquer grau apreciável de espiritualidade. O Espírito Santo pode intervir em nossas vidas por meio da iluminação. A iluminação espiritualiza as nossas mentes, e as nossas almas são profundamente transformadas. A meditação (que vide) é um método testado e honrado para ajudar-nos na experiência da iluminação. De algumas vezes, a iluminação é dada como dom de Deus, repentinamente. Porém, quando examinamos esses casos, verificamos que isso ocorre como recompensa pela vida cristã de alta qualidade. Isso ocorreu com Tomás de Aquino, — que, durante toda a vida, esteve ocupado na busca intelectual pela verdade, anotando as suas descobertas. Tomás de Aquino combinava isso com uma vida de santidade pessoal. Pouco tempo antes de sua morte, ele recebeu, subitamente, uma significativa iluminação, quando estava entrando na capela. Tão grande foi a iluminação recebida que ele declarou que todos os seus escritos anteriores pareciam palha, comparativamente falando. Vejo nessa experiência de Tomás de Aquino uma *recompensa* pela vida que ele viveu, do começo ao fim de sua intensa inquirição espiritual.

Por ocasião da *visão beatífica* (que vide), o crente recebe altíssima iluminação espiritual, mediante a qual chega a participar plenamente da mente de

Cristo. Essa iluminação também nos transforma a alma. A participação na natureza divina torna-se uma realidade, embora em escala finita. Não obstante, a *mesma natureza* que Deus possui é compartilhada com os seus filhos (II Cor. 3:18; II Ped. 1:4). Possuir alguém a natureza divina, necessariamente o torna participante da natureza divina. Desse modo, a consciência torna-se *coletiva*, e não individual. Várias religiões orientais têm tido um discernimento, quanto a isso, que muitas religiões ocidentais têm perdido. Ali fala-se sobre a absorção do ser na pessoa de Deus, com a perda da individualidade. Isso exprime uma verdade, em certo sentido. A alma individual, assim absorvida, deixa de ser uma entidade isolada, passa a fazer parte da mente divina e a inteligência e o conhecimento tornam-se coletivos. Nesse sentido é que o indivíduo deixa de existir e não no sentido que a pessoa deixa de existir. Antes, a vida e a expressão individuais são preservadas, conforme já foi explicado. Visto que essa grandiosa participação na mente divina torna-se uma realidade, até certo ponto, mesmo na vida terrena, e, em grau mais pleno, na *imortalidade*, por meio do *Logos*, ao qual chamamos de *Cristo*, quando de sua encarnação, isso se denomina *Cristo-consciência*.

Paulo refere-se à iluminação espiritual em Efésios 1:17 *ss*. Não pode haver qualquer crescimento cristão considerável sem isso, e o Espírito de Deus está envolvido na questão, do começo ao fim. Atraímos a intervenção direta do Espírito de Deus, em nossas vidas, pela qualidade e sinceridade de nossa inquirição espiritual. Cumpre-nos usar todos os meios do desenvolvimento espiritual. O crente em desenvolvimento vai recebendo uma iluminação crescente. Quando esta atinge um grau suficientemente elevado, então o crente começa a participar da mente de Cristo de modo significativo. Desse modo, obtemos a Cristo-consciência, porquanto a consciência dele torna-se a nossa consciência; e isso nos envolve em uma vida comunal, e não apenas individual. Isso é um aspecto da própria salvação da alma. Em conexão com esse assunto, seria útil se o leitor examinasse o artigo sobre o *Misticismo*. Esse termo alude ao contacto direto da alma com poderes espirituais superiores, sendo esse o principal meio de crescimento e de conhecimento espirituais. As *revelações* são uma subcategoria do misticismo. Ver sobre *Revelações*.

## CRISTO, DIVINDADE DE

Ver o artigo sobre a **Divindade de Cristo**.

## CRISTO, ENVIADO DO PAI

O tema de que o Senhor Jesus foi enviado por parte de Deus Pai é reiterado por mais de quarenta vezes no evangelho de João, o que subentende os seguintes pontos:

1. A Preexistência de Cristo.
2. A sua missão divina messiânica, que visava a redenção dos homens.
3. A sua união com Deus Pai.
4. A sua autoridade, recebida da parte do pai.
5. O fato de que ele é o representante das regiões celestes.

«Quando a sua missão terrena houvesse de terminar, na sua morte, isso não significaria derrota, mas antes, o retorno a Deus Pai, até onde os seus inimigos não poderiam segui-lo. Essa declaração foi esclarecida ante os seus discípulos, tendo servido como mensagem de consolo. (Ver João 13:33; 14:19 e 16:16-19): Mas, para os seus opositores, serviu de mensagem de condenação». (Wilbert Howard, comentando acerca de João 7:33).

*Referências*: João 3:17; 4:34; 5:23,34, 36-38; 6:29, 38-40,44,57; 7:16,18,28,29,33; 8:16,18,26,29,42; 9:4; 10:36; 12:44,45,49; 13:16,20; 14:24; 15:21; 16:5; 17:3,18,21,23,25; 20:21.

## CRISTO, FEITO PECADO

**Ele o fez pecado por nós** (II Cor. 5:2). Nem por isso o Senhor Jesus se tornou um «pecador», porquanto isso seria contra tudo o que é possível imaginar com respeito a Cristo, contrário também à declaração sobre sua impecabilidade. Essa frase fala antes de sua *total identificação* com os pecadores à fim de que possa ser reputado como um deles, já que se tornou o portador do pecado de todos eles. (Com essa declaração se pode comparar o trecho de Rom. 8:3, que declara que Deus enviou Cristo «...em semelhança de carne pecaminosa...»). Em Rom. 8:3, uma vez mais, não há nenhuma idéia de que Cristo tinha pecado; antes, ele se identificou totalmente com os pecadores, tendo tomado a natureza deles, mas não a natureza de Adão antes da queda, ou alguma natureza angelical. É verdade que Jesus tinha um corpo enfraquecido por causa da queda, a natureza pecaminosa do homem, mas sem qualquer pecado. (Comparar também com Gál. 3:13, onde aprendemos que Cristo se fez «maldição» por nós). Consideremos ainda os pontos seguintes:

1. A linguagem dessas vigorosas assertivas provavelmente se originou da tradição das ofertas judaicas, como a das ofertas pelo pecado e pela culpa, que aparecem no quarto capítulo do livro de Levítico, bem como a oferta do bode expiatório, no décimo sexto capítulo desse mesmo livro. De acordo com vários comentadores, pois, na realidade o «pecado» indica aqui a «oferta pelo pecado» (conforme afirmou Agostinho, com freqüência, em sua controvérsia contra os pelágios). Isso estaria em perfeito acordo com os tipos simbólicos judaicos que Paulo tão bem conhecia. Isso equivale a dizer que Cristo foi quem levou sobre si os nossos pecados. E não há que duvidar que sem importar o exato sentido dessa frase, o fato é que não podemos admitir qualquer forma de corrupção na pessoa de Cristo e em sua experiência expiatória.

2. Outros eruditos explicam aqui a palavra *pecado* como se isso indicasse a *natureza humana* sujeita ao sofrimento e à morte, resultados do pecado. Assim fala Rom. 8:3.

3. *Um mistério*. A expressão fala da nossa identificação mística com Cristo na sua morte, e nos efeitos da mesma. Nesta mesma identificação, temos uma fusão com ele na sua justiça e vida. Ele se identificou na nossa morte. Nós nos identificamos na sua vida. Na morte, ele tomou nossos pecados. Na vida, nós tomamos sua justiça.

## CRISTO, HUMANIDADE DE

Ver o artigo sobre a **Humanidade de Cristo**.

## CRISTO, LUZ DO MUNDO

Ver o artigo sobre a **Humanidade de Cristo**.

## CRISTO, MEDIADOR, o ÚNICO

Ver **Mediador, Cristo, o Único**.

## CRISTO, MISSÃO UNIVERSAL DE

Ver o artigo sobre a **Missão Universal de Cristo**.

## CRISTO (LOGOS), MISSÃO UNIVERSAL DE

Ver o artigo sobre **Missão Universal do Logos (Cristo)**.

## CRISTO-MISTICISMO

1. A expressão **em Cristo**, se encontra por 164 vezes nas epístolas de Paulo. Conforme a maioria dos intérpretes, ela indica comunhão mística. Os crentes, por meio do Espírito, desfrutam de um genuíno contacto com Cristo, por causa do que estão sendo transformados segundo a sua imagem, e, portanto, estão adquirindo suas qualidades morais e também metafísicas (ver as notas em Col. 2:10 no NTI).

2. Por conseguinte, a expressão subentende a participação no tipo de vida eterna que ele prometeu. (Ver o artigo sobre a *Vida Eterna*).

3. Estar *em Cristo* significa que o Espírito está conduzindo o crente de um estágio de glória para outro, *ad infinitum*. (Quanto a notas completas sobre esse conceito, ver II Cor. 3:18 no NTI). Fica obviamente implícita a presença habitadora do Espírito (no crente, como seu templo—ver as notas em Efé. 2:20 no NTI).

4. *Em Cristo*, os homens têm salvação, ou seja, a participação na própria forma de vida que Deus tem, a sua vida necessária e independente (ver no NTI as notas em João 5:25,26, e sobre a *salvação*, em Heb. 2:3). A salvação é mediada através da filiação (ver Rom. 8:14-17), e nenhum indivíduo fora de Cristo (e, portanto, que não esteja «nele»), poderá aspirar a ser salvo.

5. Portanto, estar *em Cristo* significa participar da inteira plenitude de Deus (ver Efé. 3:19), isto é, possuir os seus atributos divinos, com base na participação em sua natureza.

6. Em segundo lugar, a expressão quer dizer «estar identificado com a comunidade cristã». Isso confere ao crente um novo endereço. Portanto, todo o crente tem dois endereços, um deles puramente humano, a localidade onde ele vive; o outro é de ordem espiritual, a identificação com Cristo e a sua comunidade remida.

7. Essa expressão também fala de nossa união com Cristo, em seus aspectos presente e eterno. Esse é o tema mais freqüente dos escritos de Paulo.

No trecho de Rom. 6:3, aprendemos que fomos todos «batizados em Cristo». Uma vez mais, a comunhão ou participação em uma nova vida é o tema central. Em Rom. 8:10 lemos que Cristo está em nós.

Podemos notar, em I Cor. 1:2, que esse estar em Cristo atua como elemento santificador. O trecho de I Cor. 1:30, por sua vez, mostra-nos que isso significa a obtenção da sabedoria, da retidão, da santificação e da redenção que há em Cristo. E a passagem de II Cor. 5:17 ensina-nos que aqueles que estão em Cristo devem ser, necessariamente, novas criaturas, seres que perenemente estão sendo transformados, até que Cristo seja perfeitamente formado neles. (Ver II Cor. 3:18 e as notas expositivas a respeito, no NTI, quanto a esse tema). Ora, o alvo final de tudo isso é a perfeição absoluta. (Ver Rom. 8:28). E Efé. 2:13 é a passagem que mostra que o estado de alienação de Deus é eliminado por essa nova participação na vida de Cristo. Essa, pois, é a comunhão mística do corpo com a cabeça, da Noiva com o Noivo celeste.

Estar em Cristo, outrossim, significa estar em uma nova *posição escatológica*, isto é, sob o favor divino, no tocante ao segundo advento de Cristo e ao julgamento final, bem como no que concerne às realizações potenciais da eternidade. Mas está envolvido ainda mais do que isso, conforme as notas expositivas acima demonstram. Ver as referências seguintes, que usam essa expressão: Rom. 3:24; 6:3; 8:1,10; 12:5; 13:14; 16:7; I Cor. 1:2,4,30; 3:11; 15:22; 16:24; II Cor. 5:17; 13:5; Gál. 2:20,21; 3:27,28; 5:6; Efé. 1:1,3; 2:13; 3:17; Fil. 1:21; 3:3; Col. 1:27; 3:3,11 e II Tim. 2:1,10.

## CRISTO, MITO DE Ver Mito de Cristo.

## CRISTO, O CORPO DE

No Novo Testamento, essa expressão é empregada de três modos diversos:

1. *O Corpo Humano e Literal de Jesus Cristo*. O trecho de Hebreus 10:5 ensina que foi preparado um corpo humano para o Filho de Deus. Mateus e Lucas narram o nascimento virginal de Jesus. Lucas 2:21 é trecho que menciona a sua circuncisão. I João 4:2,3 negam o valor do ensino docético dos gnósticos, os quais se tornaram incômodos nos tempos da Igreja primitiva. Eles negavam que Jesus tivesse um verdadeiro corpo humano (o qual, para eles, seria apenas uma ilusão), ou então afirmavam que o Espírito de Cristo viera tomar posse do homem Jesus, embora fosse uma entidade diferente dele. Ver o artigo sobre o *Docetismo*. Contrastando com isso, o Novo Testamento ensina tanto a realidade do corpo físico de Jesus quanto a identidade de Jesus-Cristo, como uma única pessoa. Seu corpo padecia dos limites ordinários que os homens enfrentam, com seus problemas e necessidades (Heb. 5:7,8). Foi um corpo humano real que foi cravado na cruz (João 19:34,35; Heb. 10:20). Quando da ressurreição, o soerguimento físico, corporal de Jesus é enfatizado nos evangelhos (Mat. 28:9; Luc. 24:37-40). A ressurreição e a glorificação do corpo físico de Jesus garantem a ressurreição e a glorificação dos crentes (I Cor. 15:20-23).

2. *O Corpo de Cristo Simbolizado na Ceia do Senhor*. Os católicos romanos e os luteranos supõem que há uma genuína presença do corpo de Cristo nos elementos da Ceia do Senhor ou Eucaristia. Isso é explicado com base na substância do corpo, que não é igual aos seus meros acidentes. Ver o artigo sobre a *Transubstanciação*. A maioria dos protestantes supõe que passagens como Mat. 26:26; Mar. 14:22; Luc. 22:19 e I Cor. 11:24 indicam como o pão *simboliza* o corpo de Cristo. Quando Jesus fez a declaração ali constante, ele só pôde ter falado metaforicamente, porque o pão continuou sendo pão, e ele continuou dono do seu próprio corpo físico. O que ele quis dizer é que se dava gratuitamente em favor de todos, espiritualmente falando, tal como partira o pão e o distribuíra gratuitamente entre os seus discípulos. E agora, o seu dom espiritual é recebido mediante a fé no coração. Os méritos de cada lado da questão são discutidos no artigo aludido. Ver também sobre *Jesus como o Pão da Vida*.

3. *A Igreja*. Cristo é a Cabeça, e a Igreja é o seu corpo (Efé. 1:22,23 e 4:15,16). O corpo de Cristo, a Igreja, tem muitos membros cada qual dotado de uma função específica, tal como sucede a um corpo físico humano (Rom. 12:4-8; I Cor. 12:4-31). A Igreja universal é o corpo místico de Cristo. É um corpo místico por não ser palpável, por ser uma união espiritual, um *organismo espiritual*, e não alguma organização. Cada membro desse organismo espiritual está diretamente relacionado a Cristo como a Cabeça, que é quem dá poder, controla e inspira. O

trecho de Efésios 2:11 *ss.* enfatiza a união entre judeus e gentios, dentro desse corpo. Na epístola aos Colossenses, a unidade do *cosmos* inteiro, sob a liderança de Cristo, está em pauta (Col. 1:16-19 e 2:10).

**Implicações Possíveis da Metáfora.** 1. A participação da comunidade na mesa do Senhor sugere que os muitos membros da comunidade participam de tudo em união, tal como acontece a um corpo humano, com seus diversos membros (I Cor. 10:16,17). 2. Os filósofos estóicos também falavam em uma eclesia ou reunião pública, chamando-a de corpo unificado, composto de muitos indivíduos, que são os membros daquela comunidade. Paulo tinha conhecimento das idéias estóicas, e tomou por empréstimo certas dessas metáforas, em seus ensinamentos éticos, sendo possível que a sua metáfora do corpo humano tenha sido influenciada por essa filosofia. 3. Israel, no Antigo Testamento, algumas vezes é retratado como uma *personalidade corporal*, como na figura simbólica da vinha, em Salmos 80:8. Isso sugere um corpo e seus respectivos membros. 4. O crente é intimamente identificado com Cristo em seus sofrimentos, da mesma forma que um membro qualquer do corpo compartilha dos sofrimentos de outros membros, porquanto formam uma única unidade (ver Atos 9:4,5 e Col. 1:24).

**Implicações Teológicas.** 1. A redenção é comunal, e não uma questão meramente pessoal. O corpo inteiro terá de ser remido, ou a obra ficará incompleta. 2. A participação em um destino comum faz parte óbvia da metáfora. Esse destino é muito elevado e glorioso. 3. A participação na mesma natureza, no caso da Cabeça e de todos os membros do corpo, sem dúvida faz parte do quadro. Isso transparece em passagens onde a metáfora não é incorporada, como II Pedro 1:4; Colossenses 2:10. Ver os artigos sobre a *Transformação Segundo a Imagem de Cristo* e sobre a *Salvação*. 4. A Igreja, em sua função e propósito, é uma extensão da *encarnação* de Cristo (que vide), realizando a sua obra, vivendo a sua vida e manifestando o seu poder e a sua glória. 5. O trecho de Efésios 1:23 mostra-nos que isso prosseguirá no estado eterno. A Igreja continuará sendo composta por membros do corpo de Cristo, e funcionará como uma força remidora e restauradora entre todos os seres inteligentes, contribuindo para que Cristo *preencha todas as coisas*. Isso fornece-nos alguma indicação da obra da Igreja, no estado para além da vida física. Trata-se da mesma obra, mas elevada a um nível superior, operando em esferas espirituais, e não em esferas físicas. (HANS NTI Z)

## CRISTO, TENTAÇÃO DE

No grego, «tentar» é **peiradzo**, que significa «submeter a teste». Essa palavra é usada por trinta e seis vezes no Novo Testamento, desde Mat. 4:1 até Apo. 3:10. a. Esse teste pode ser concebido em um bom sentido, como quando Deus prova a alguém, a fim de determinar o seu caráter e potencial espiritual, segundo se vê em Gênesis 22:1 ou no livro de Jó. Essa sondagem pode ter aspectos positivos, no desenvolvimento do caráter espiritual da pessoa. b. Tentar ao erro e ao pecado, em sentido negativo, como na epístola de Tiago. Ali é dito que Deus não tenta a ninguém, mas que o homem é tentado por causa das suas próprias concupiscências, a fazer o que é errado (Tia. 1:13,14).

1. *As Escrituras*. Trechos bíblicos como Mat. 4:1-11; Mar. 1:12,13; Luc. 4:1-13; Heb. 2:18; 4:15,16; Heb. 2:18 e 4:15 mostram que Jesus foi tentado quanto a todos os pontos possíveis, ao longo de sua vida, e não meramente no incidente relatado no começo dos evangelhos sinópticos.

2. *Presumível Lugar da Tentação de Cristo*. O local tradicional da tentação é o monte Quarantina, localizado não muito distante da presumível localidade onde Jesus teria sido batizado por João Batista. Marcos 1:12 diz que, imediatamente após o seu batismo, Jesus dirigiu-se ao lugar onde foi tentado pelo diabo; daí a conexão entre os dois lugares. Essa colina é a mais elevada que há nas imediações, de onde se divisa uma visão espetacular do vale do rio Jordão. É um lugar de desolação, o que concorda com as descrições bíblicas a respeito.

3. *Circunstâncias*. A carreira inicial de Jesus foi um período de reconhecimento do Messias, pelo que houve a voz proveniente do céu: «Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo» (Luc. 3:22). O ministério público de Jesus estava a ponto de começar, e um grande Mestre precisava ser submetido à prova, para que ficasse certo de que ele era poderoso, pois, do contrário, não podia ensinar ao povo.

4. *Natureza da Tentação de Jesus*. Essa tentação envolveu as várias áreas enumeradas no trecho de I João 2:16, a saber: a. *A concupiscência da carne*. Jesus havia jejuado e, presumivelmente, seria tentado a transformar pedras em pães, a fim de satisfazer sua fome física. Essa tentação foi por ele repelida com base em Deuteronômio 8:3. O homem não vive só de pão; pois jamais pode olvidar-se do pão espiritual, ou não poderá ser um mestre. b. *A concupiscência dos olhos*. Jesus poderia ser tentado a fazer algo que prontamente conquistasse a admiração pública. Seria um espetáculo, se ele se tivesse lançado do pináculo do templo, e tivesse sobrevivido. Talvez esse pináculo fosse o pórtico de Salomão, que se elevava a mais de noventa metros de altura, acima do vale do Cedrom. Jesus poderia desafiar a providência divina, fazendo reivindicações desnecessárias da parte da mesma. Mas ele recusou-se a fazer tal coisa. Saul cedeu diante de uma tentação similar, quando ofereceu um sacrifício que cabia exclusivamente ao sacerdote Samuel. c. *O orgulho da vida*. A Jesus foi oferecido um imenso poder, facilitado pelo «deus» deste mundo, que era capaz de cumprir a sua oferta. Mas isso teria envolvido a abjeta adoração a esse falso «deus», e isso, naturalmente, seria contrário ao mandamento que diz que se deve adorar exclusivamente a Deus (Deu. 6:10 e 10:20).

5. *Teologia da Tentação de Cristo*. O Messias precisava ser tentado a fim de comprovar o seu caráter espiritual. Ninguém haverá de seguir um mestre que não foi devidamente testado. Ver Heb. 2:18 e 4:15. Em sua humanidade, Jesus precisava desenvolver-se à semelhança de todos os filhos de Deus. Ele foi *aperfeiçoado* mediante as coisas que sofreu (Heb. 2:10). Isso serve de indicação de sua autêntica humanidade, bem como de sua identificação com os homens, em sua encarnação. Ver o artigo sobre a *Humanidade de Cristo*.

*Jesus Poderia ter Caído em Pecado?* As Escrituras declaram que Jesus foi tentado em todos os pontos, à nossa semelhança, embora nunca tivesse caído em pecado (Heb. 4:15). Lemos em II Coríntios 5:21: «Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós...» Impõe-se, pois, a indagação: Jesus poderia ter caído em transgressão? Bons intérpretes dão-nos respostas contraditórias. Se a nossa explicação partir do ângulo de sua divindade, então teremos de responder com um «não», pois, como é patente, Deus

não pode ser pecador. Mas, se nossa resposta partir do ponto de vista de sua humanidade, então teremos de responder afirmativamente, porquanto a natureza humana sempre estará sujeita ao pecado. E, se tomarmos essa última posição, poderemos argumentar que, a menos que Jesus tivesse podido pecar, a vida pura que ele viveu revestir-se-ia de menor significação para nós. Se Jesus tivesse enfrentado tentações, mas não tivesse podido ceder diante das mesmas, com base em sua superior natureza (divina ou humana), então o fato de que ele não cedeu teria pouca significação para nós. Alguns intérpretes supõem que afirmar que Jesus não poderia ter pecado, é retroceder ao *docetismo* (que vide), que não reconhece a humanidade autêntica de Cristo. Não há que duvidar que as modernas Igrejas evangélicas têm caído nesse erro, embora professem verbalmente que acreditam na verdadeira humanidade de Jesus Cristo. Ver o artigo sobre a *Humanidade de Cristo*. Ver também sobre a *Divindade de Cristo*.

**Um outro Argumento. Embora fosse um ser humano, ainda assim Jesus não teria podido pecar.** Pode-se arquitetar um argumento em prol de um Jesus impecável, inteiramente à parte de considerações sobre a sua divindade. Se Jesus tivesse sido um grande mestre espiritual, que tivesse encontrado solução para o problema do pecado, mesmo no *nível humano*, inteiramente à parte de sua natureza divina, então ele poderia ter sido o tipo de ser que simplesmente não sentia tentação para cair em pecado. Essa impecabilidade poderia basear-se em seu desenvolvimento espiritual superior, como simples homem. Alguns eruditos supõem que até mesmo pessoas comuns podem chegar ao ponto da inteira santificação, embora também suponham que, uma vez atingido esse elevado estágio de desenvolvimento espiritual, o indivíduo pode cair novamente em pecado. Suponhamos, entretanto, que Jesus tivesse alcançado esse elevado estágio espiritual, mas de modo tão magnificente que *não houvesse chance* dele retroceder ao pecado. É apenas lógico supor que a natureza humana pode chegar a esse ponto. Um grande poder espiritual poderia chegar a esse nível de desenvolvimento, mesmo sem ser um ente divino.

**A Doutrina da Polaridade.** Talvez fosse útil aplicar, neste ponto, a doutrina da **polaridade** (que vide). Certas verdades não podem ser devidamente entendidas, a menos que consideremos os seus dois pólos. Por conseguinte, ninguém pode, realmente, compreender as doutrinas do livre-arbítrio ou do determinismo, sem levar ambos esses lados em consideração. Na verdade, esses são os dois pólos de uma verdade maior. Outro tanto ocorre no caso das doutrinas da divindade e da humanidade de Cristo. Isso envolve um grande mistério. Em uma única pessoa, Jesus Cristo, encontramos os dois elementos: o divino e o humano. Ninguém pode compreender o Jesus-Logos-Cristo sem examinar os pólos opostos desse conceito. Isso posto, considerando o problema que indaga se Jesus podia ter pecado, precisamos considerar seriamente tanto as respostas afirmativas quanto as respostas negativas, visto que ambas nos dão indicações sobre a verdade maior envolvida. Não obstante, terminamos com um mistério essencial. Meus amigos, nossa teologia não resolve e nem mesmo pode solucionar todos os problemas. E o problema que ora ventilamos pode ser um daqueles problemas insolúveis.

*Conclusão*. Quanto a mim mesmo, considerando todas as facetas do problema, penso que a melhor explicação é aquela que diz que Jesus, embora um ser humano, desenvolveu um tipo de *humanidade ideal* de acordo com a qual o problema do pecado simplesmente inexistia. Ele, simplesmente, estava acima da possibilidade de cair em pecado. Devemonos lembrar que o pecado não faz parte necessária do ser humano; foi-lhe imposto por ocasião da queda. O pecado é uma perversão da verdadeira humanidade. Em conseqüência, é perfeitamente possível que Jesus, possuidor de uma *humanidade verdadeira*, estivesse totalmente acima do problema do pecado. Portanto, inteiramente à parte da questão de sua divindade, Cristo não somente era impecável, mas também nem podia ser tentado a pecar. Essa é a estatura moral que buscamos, e onde haveremos de chegar. Antes mesmo de chegarmos a esse ponto, também estamos sendo transformados de modo a compartilhar moralmente das virtudes positivas de Deus, como o amor, a gentileza, a bondade, etc., que constituem o lado positivo de nossa transformação moral. Essa transformação moral provoca a transformação metafísica, visto que a santificação (que vide) é imprescindível à transformação metafísica e à glorificação final. Essa glorificação inclui a participação na própria natureza divina (II Ped. 1:4), um importantíssimo princípio moral, ao qual dou uma posição secundária nesta discussão. Muitos problemas precisam ser examinados desse ponto de vista. *Não acredito* que possamos solucionar a questão da impecabilidade de Jesus, nem a questão de sua incapacidade de pecar, meramente apelando para a sua divindade. Isso deixa sem solução muitos problemas relacionados à sua humanidade, e esta é uma doutrina por demais negligenciada em nossas igrejas evangélicas modernas. Os pais alexandrinos da Igreja, entretanto, pensavam que Jesus, como ser humano, também era preexistente, e que a sua elevada espiritualidade, como ser humano, derivava-se dessa preexistência como um *espírito humano*. As duas naturezas de Jesus, a divina e a humana, existem por causa de uma fusão que ocorreu em face de sua encarnação. Eram preexistentes tanto o princípio divino quanto o princípio humano, e ambos esses princípios estavam presentes na encarnação. Isso envolve um grande mistério, e coisa alguma que possamos dizer aqui satisfará a todas as perguntas que sejam levantadas. De fato, não há maneira inteiramente satisfatória de alguém manifestar-se sobre esse assunto. As teologias usualmente exageram um ou outro lado da questão, ou enfatizam um aspecto para ignorar totalmente o outro.

Quanto ao que um Jesus impecável, que não poderia pecar, deveria significar para nós, digo que ele tornou-se *o modelo* de uma *humanidade ideal* que não somente podemos, mas que, finalmente, *devemos* emular. Isso é verdade porque não pode haver glorificação sem a santificação absoluta (Heb. 12:14). Portanto, apesar de seu exemplo estar, agora, fora de nosso alcance, não será para sempre. Ele é o *Pioneiro* no caminho (Heb. 2:10); seremos transformados à sua imagem e participaremos na sua natureza divina (II Ped. 1:4, Rom. 8:29, II Cor. 3:18, Efé. 3:19).

## CRISTO, ÚNICO MEDIADOR

Ver **Mediador, Cristo, o Único.**

## CRISTO VIVO

Esse título enfatiza um importante aspecto da doutrina de Cristo (que vide). Ver sobre *Cristologia*. Faz parte das tendências dos evangélicos conservadores, em primeiro lugar, ignoraram a humanidade de Jesus, perdendo-se em meio a complexos argumentos sobre a sua deidade. Esquecem-se de que há uma

importante mensagem para nós na humanidade de Cristo, e não apenas em sua divindade. Ver sobre a *Humanidade de Cristo*. Esses estudiosos têm exibido a tendência, mediante o destaque exagerado sobre os credos, de se esquecerem que a doutrina cristã fala sobre um Cristo que continua vivo e pode e quer fazer parte de nossa vida diária, mediante a influência do seu Espírito. Em outras palavras, é possível alguém salientar a letra do Novo Testamento, olvidando-se do Espírito. Mas sempre será uma verdade que a letra mata, mas o Espírito vivifica.

Por sua parte, os cristãos liberais, no seu afã de redescobrirem o Jesus histórico e de demitizarem as narrativas evangélicas, chegam a ignorar e a mostrar-se céticos diante da doutrina de um Cristo vivo que, através do contacto místico, pode entrar em contacto conosco, influenciando-nos poderosamente a vida diária. Mas, apesar de que houve um Jesus histórico, que foi o Cristo (o Messias dos judeus), e apesar de que haverá um Cristo escatológico, que intervirá futuramente na história humana, também há um Cristo vivo, que nos convida a aprender que há um poder espiritual posto à nossa disposição, para o dia de hoje, e não somente para ontem ou para amanhã.

**A operação de Deus, por meio do Cristo vivo,** faz violento contraste com a lei mosaica, que sempre exige, mas não é um poder impulsionador e produtivo. A mensagem cristã inclui o anúncio que Jesus, em sua missão terrena, trouxe toda uma nova expressão espiritual para nós. Também faz parte dessa mensagem que o Espírito Santo, em sua atual operação, faz a missão de Cristo tornar-se uma realidade viva para nós. A lei já foi o mestre do mundo religioso. Mas agora esse Mestre é Cristo, e a lei é apenas uma de suas servas. A lei era uma excelente legislação moral. Mas a lei do Espírito é um meio de transformação presente, de tal modo que a imagem de Cristo vai sendo formada nos crentes. Finalmente, eles passarão a compartilhar da própria natureza divina (II Ped. 1:4). Hesíodo, o poeta grego, especulou acerca da possibilidade da *psyche* (alma humana) tornar-se um *daemon* (divindade, de acordo com o uso clássico dessa palavra grega). A resposta cristã é um avanço monoteísta e patrístico para além dessa especulação. É um avanço monoteísta porque o Deus eterno, em três Pessoas, sempre é ímpar e infinito. Mas a alma humana só pode tornar-se divina em sentido finito, embora de modo crescente, crescendo sempre na participação na própria natureza de Deus e em seus atributos. Naturalmente, devemos conceber um processo eterno, visto que a finitude deverá ir sendo absorvida pela infinitude de Deus. Visto que há uma infinitude que nos haverá de encher, também deverá haver um preenchimento infinito (Efé. 1:23). Isso requer o avanço de um estágio de glória para o próximo, mediante o poder transformador do Espírito (II Cor. 3:18). É precisamente nesse ponto que a doutrina do Cristo vivo torna-se tão importante, por ser a garantia da concretização desse elevado desígnio divino. De acordo com a transformação metafísica, há também — a transformação moral —, sem a qual se torna impossível qualquer avanço espiritual (Heb. 12:14). O Cristo vivo é a criatividade de Deus liberada na história humana. E a resposta cristã à especulação de Hesíodo (ver acima) é uma resposta patrística porque Deus Pai é o grande alvo de toda a existência, na direção do qual iremos caminhando passo a passo. Isso ocorrerá por ocasião da restauração de tudo (que vide) quando Deus será tudo em todos (ver I Cor. 15:25-28).

*Como é liberada a criatividade de Deus?* Foram preparados para nós diversos meios que permitem que o Cristo vivo opere em nós. Poderíamos intitulá-los «meios de crescimento espiritual». Eis a lista: 1. O estudo das Escrituras Sagradas e outros livros que tendem a edificar-nos a espiritualidade, aumentando o nosso *conhecimento* útil. O intelecto, por si só, é capaz de uma maravilhosa obra de transformação. 2. O uso da oração e de sua irmã gêmea, a meditação. A oração busca a Deus, falando com ele, pedindo e recebendo. A meditação espera que Deus fale, de tal modo que o crente possa ser informado intuitiva e misticamente. Porém, a meditação também pode envolver a comunhão com o Ser divino, não sendo apenas um meio para recebermos conhecimento. 3. O caminho da santificação. A nossa transformação espiritual é impedida pelo pecado e pela ausência das virtudes espirituais. A santificação liberta-nos do pecado e leva-nos a participar das virtudes de Deus, em Cristo. 4. O caminho das boas obras, ou seja, o uso da *lei do amor*. A maior de todas as verdades morais é a lei do amor, que requer que sirvamos ao próximo. 5. O toque místico, que nos vem através da iluminação, mediante a meditação, com o uso dos dons espirituais e outras experiências místicas, que põem a nossa alma em contacto com o Ser divino. Ver o artigo sobre o *Misticismo*. É grandioso sermos capazes de ler a Bíblia e orar. Porém, há outros meios de desenvolvimento espiritual que precisam ser empregados, se o Cristo vivo tiver de mostrar-se atuante em nós, hoje em dia.

## CRISTOLOGIA

*Esboço*:

1. Várias Definições
2. A Base Bíblica
3. A Cristologia nos Concílios e nas Controvérsias
4. Declarações Cristológicas dos Pais da Igreja
5. Outros Desenvolvimentos e Opiniões
6. O Mistério

### 1. Várias Definições

Schleiermacher definiu o cristianismo como um «monoteísmo — em que tudo está vinculado a Cristo, o Redentor». É impossível alguém conceber uma versão da religião cristã à parte da posição central ocupada por Cristo. De fato, não podemos entender o cristianismo sem o Cristocentrismo. A cristologia, pois, é o nome da interpretação teológica do sentido da pessoa e da obra de Cristo, e, como tal, é uma definição da natureza essencial do próprio cristianismo. Ver o artigo sobre o *Cristianismo*. A preocupação central da cristologia é a doutrina da pessoa e da obra de Jesus Cristo. Diz respeito à sua natureza divino-humana, à sua encarnação, à sua revelação de Deus, aos seus milagres, aos seus ensinamentos, à sua morte expiatória, à sua ressurreição e ascensão, à sua intercessão em nosso favor, à sua parousia, ao seu ofício de Juiz, à sua posição de Cabeça de todas as coisas, à sua centralidade dentro do mistério da vontade de Deus, dentro da restauração (que vide). Ver o artigo separado sobre *Cristo*. Na introdução àquele artigo, vários outros artigos são mencionados, relativos ao assunto, suplementando o que é dito aqui.

### 2. A Base Bíblica

a. *No Antigo Testamento*. A cristologia começa no Antigo Testamento, onde encontramos muitos textos de prova, usados pelos cristãos, para mostrar que Jesus Cristo era uma figura predita, tendo cumprido a expectação messiânica do povo judeu. O trecho de

Gênesis 3:15 dá início à lista desses textos de prova. Nas notas expositivas no NTI, em Atos 3:22, ofereço uma lista das profecias messiânicas que se cumpriram em Jesus; e essa lista consiste de cerca de quarenta referências extraídas do Antigo Testamento, com suas contrapartes neotestamentárias. O leitor pode encontrar essa mesma lista, nesta enciclopédia, no artigo *Profecias do Antigo Testamento Cumpridas em Jesus.*

b. *No Novo Testamento*:

i. *Humanidade*. A humanidade de Cristo é subentendida em todas as páginas do Novo Testamento. Ele nasceu como um bebê, de uma mãe humana, cresceu, aprendeu, experimentou fome, ansiedade, dúvida, desapontamento, surpresa e foi aperfeiçoado, pelo que sofreu, foi humilhado, padeceu e morreu. Ver as seguintes referências: Luc. 2:40; 7:9; Mar. 2:15; 14:33; 15:34; Gál. 4:4; João 1:14; Heb. 2:9,10; 5:7,8; Mat. 27:1 *ss*. Quanto ao desenvolvimento desse assunto, ver o artigo sobre a *Humanidade de Cristo*.

ii. *Impecabilidade*. Embora fosse um ser humano, é declarado que ele não cometeu pecado. (Ver Heb. 4:15; II Cor. 5:21; I Ped. 2:22). Porém, poderia ele ter caído em pecado? Quanto a essa pergunta, ver o artigo sobre *Cristo, Tentação de*, sob o quinto item, *A Teologia da Tentação de Cristo*; e ver também sobre a *Impecabilidade de Jesus*.

iii. *Filho do Homem*. Em Mateus 8:20, onde a humanidade de Cristo está em pauta, ele aparece como um homem típico ou representativo, ou seja, a humanidade é ilustrada em Cristo. Porém, o trecho de Marcos 14:62 tem o título «Filho do homem» com o trecho de Daniel 7:13 em mente, aquela figura celestial e elevada autoridade espiritual, um ideal que representa o povo de Deus. Esse título também pode salientar a sua humildade e aparente insignificância (Mar. 2:10; 2:28; Luc. 12:19). O evangelho de João usa o título em contextos que enfatizam sua preexistência (João 2:13 *ss*; 6:62 *ss* e 8:6 *ss*). Nos escritos de Paulo, ele é o homem descido do céu, o segundo Adão (Rom. 5 e I Cor. 15).

iv. *Servo*. Jesus é Aquele que cumpre supremamente a vontade de Deus, e, dessa maneira, serve melhor aos homens. Ele é o Servo Sofredor retratado no livro de Isaías. Ver Mat. 12:18; Mar. 10:45; Luc. 24:26. Foi na qualidade de Servo que Cristo ofereceu a si mesmo pelos pecados do seu povo (João 1:29; Isa. 53).

v. *Humilhação*. Por ocasião da encarnação (que vide), ele deixou de lado a sua glória celestial, a fim de poder obter glória para os homens (Fil. 2:5 *ss*, João 1:14).

vi. *Encarnação*. O Logos encarnou-se na forma de Jesus (João 1:14). Da mesma maneira que ele assumiu a natureza humana, assim também o homem, por intermédio dele, haverá de assumir a sua natureza divina (Rom. 8:29; II Cor. 3:18; Col. 2:10; II Ped. 1:4). Ver o artigo sobre a *Encarnação*.

vii. *Cristo, o Messias*. Em sua encarnação, Cristo tomou sobre si mesmo a incumbência de cumprir a missão do Messias, que é chamado Cristo, em grego. (Ver Atos 10:38; João 1:41; Rom. 9:5). Ver o artigo sobre o Messias, e o artigo sobre o *Cristo*.

viii. *Divindade*. A encarnação consistiu no fato de que o Logos de Deus tornou-se o homem Jesus. Ora, o Logos é Deus (João 1:1). O Filho do homem é, por igual modo, o Filho de Deus (Mat. 11:27; Mar. 13:32; João 20:17). O Filho e o Pai são um só (João 5:19,30; 16:32). Ele vive cheio de toda a plenitude de Deus (Gál. 2:9). Quanto a completos detalhes sobre essa questão, ver o artigo sobre a *Divindade de Cristo*.

ix. *O Logos*. Ver João 1:1. Neste particular, a filosofia é empregada, porque a doutrina do Logos tem uma longa história na filosofia e foi tomada por empréstimo pela cristologia. Foi um apto subsídio para ajudar a expressar a divindade de Cristo, e isso mediante a idéia da encarnação. Ver o artigo sobre o *Verbo*, quanto a detalhes completos sobre a questão.

x. *O Redentor*. A realização expiatória de Cristo, vinculada a outros aspectos de sua missão, produz a redenção. Ver Rom. 3:24; 8:23; I Cor. 1:30; Col. 1:14; Heb. 9:12,15. Ver o artigo sobre a *Redenção*, e também sobre a *Expiação*.

xi. *O Restaurador de Tudo*. Ver o trecho de Efésios 1:10 quanto ao mistério da vontade de Deus, que é a restauração universal em torno de Cristo. Ver o artigo sobre a *Restauração*.

xii. *O Senhor de Tudo*. Cristo não é apenas o Salvador. Ele também é o Senhor. E, no devido tempo, haverá de impor o seu senhorio sobre todas as coisas, de modo palpável e evidente. Doutra sorte, seu caráter de Salvador seria anulado. Ver Rom. 10:9,10; Fil. 2:11. Ver o artigo sobre o *Senhorio de Cristo*.

xiii. *Mediador*. Ver o trecho de Heb. 7:24 *ss*. quanto ao ofício de Cristo de Mediador e Sumo Sacerdote (que vide).

**3. A Cristologia nos Concílios e nas Controvérsias**

a. *Antes do Concílio de Nicéia* (que vide), as seguintes doutrinas eram correntes, várias das quais influenciadas pelo neoplatonismo (que vide): o *ebionismo* (que vide). Era de origem judaica. Negava a encarnação. Jesus seria apenas humano. O *docetismo* (que vide). Era de origem gnóstica. Cristo seria um elevado poder espiritual, pois seria um anjo, sendo divino apenas em sentido secundário; e a sua natureza humana seria apenas uma representação teatral. O *basilidianismo* (que vide), ensinava que Cristo tornou-se divino por ocasião de seu batismo em água. Os *alogoi* (que vide) e os *artemonitas* (que vide), ensinavam que Jesus era humano, embora impulsionado por uma energia divina. O *patripassianismo* (que vide), ensinava que só há um Deus, chamado, alternativamente, Pai ou Filho, pelo que o próprio Pai foi crucificado. O *sabelianismo* (que vide), dizia que o Filho é apenas um dos três modos pelos quais a Substância Divina costuma manifestar-se.

b. *O Arianismo* (que vide). Esse sistema opunha-se diretamente à cristologia defendida pelo credo Niceno. Esse credo afirmava que Cristo foi eternamente gerado, não fazendo parte da criação de Deus. Além disso, esse credo declarava Cristo da mesma substância que o Pai. Ário (que vide), em contraste, afirmava que Cristo possuía tanto a natureza divina quanto a natureza humana, embora tivesse sido criado em um tempo definido, por um ato da vontade de Deus. Seria subordinado a Deus e teria uma substância *diferente*. Portanto, só o Pai seria o verdadeiro Deus.

c. *Cristologias que Provocaram Declarações de Concílios. O apolinarianismo* (que vide), foi um dos assuntos tratados pelo concílio de Calcedônia, de 451 D.C. Esse sistema ensina que Cristo era possuidor de corpo humano, mas que o *Logos* (ver sobre o *Verbo*) veio a ser a alma humana de Jesus. Portanto, foi criado um ser divino que não tinha alma humana. Nesse concílio também foi denunciado o *Nestorianismo* (que vide), sistema que asseverava que Cristo tinha tanto a natureza divina quanto a natureza humana, mas sem haver comunicação entre as duas. O *eutiquianismo* (que vide) ensinava que Cristo possuía as duas naturezas, embora a natureza humana tivesse sido inteiramente absorvida pela natureza divina, pelo que tudo quanto Cristo fazia era

divino. Todas essas doutrinas foram condenadas pelo concílio de Calcedônia, e as doutrinas do credo niceno foram confirmadas.

d. *Cristologias que Levaram ao Concílio de Constantinopla III, em 689 D.C.* O *monofisitismo* (que vide), ensinava que Cristo tinha apenas uma natureza, a humana, que era uma espécie de qualidade contingente da natureza divina. O *monotelitismo* (que vide), ensinava que, visto ser Cristo apenas uma pessoa, ele também só tem uma vontade. O concílio de Constantinopla III opôs-se a essas idéias e reafirmou a posição assumida no concílio de Calcedônia.

e. O *protestantismo* (que vide), exibe muitas formas em sua cristologia. Os protestantes conservadores têm cristologias bastante similares, se não mesmo idênticas às do catolicismo ortodoxo, mas vários ramos do protestantismo têm adotado idéias dos *ismos* acima mencionados. O protestantismo, de modo geral, usa de cuidados para resguardar sua cristologia de uma indevida invasão da exagerada exaltação a Maria, mãe de Jesus, a fim de que Cristo receba toda a glória. Isso resulta também no fato de seu ofício como *mediador* é preservado de infrações.

**4. Declarações Cristológicas de Vários Pais da Igreja**

a. *Os Pais Apostólicos*, 90-140 D.C., como Clemente de Roma, referiram-se a Cristo em termos exaltados, refletindo os ensinamentos do Novo Testamento. Em II Clemente encontramos: «Irmãos, devemos pensar sobre Jesus Cristo como Deus, como o Juiz dos vivos e dos mortos». Esses pais combateram os ebionitas e os docéticos.

b. *Os Apologistas. Justino* (cerca de 100-165 D.C.) e *Teófilo* de Antioquia defenderam o evangelho ante os ataques dos pagãos. A doutrina do Logos era o principal instrumento dessa defesa cristã, com a incorporação de fortes argumentos e tendências filosóficas. De acordo com o pensamento platônico, o Logos teria assumido posição inferior à do Pai, mas essa também é uma idéia paulina do Filho, quando este é visto na humilhação de sua encarnação (I Cor. 15:58). *Melito* de Sardes aludia a Cristo como Deus e como homem. Suas datas foram 140-200 D.C. Ele atacou o gnosticismo e expôs um ponto de vista bíblico de Cristo. *Tertuliano* (cerca de 160-220 D.C.) combateu o gnosticismo e o monarquianismo ou sabelianismo. Ele foi o primeiro dos pais da Igreja a afirmar que o Pai e o Filho são de *uma mesma substância*, e falou sobre as três pessoas da deidade. *Irineu* (140-200 D.C.) combateu o gnosticismo usando a cristologia do Novo Testamento. Não somente ensinava a divindade de Cristo, mas também declarou enfaticamente que: «Ele tornou-se naquilo que somos, a fim de tornar-nos aquilo que ele é». Isso equivale à idéia da participação na natureza divina, em um sentido perfeitamente real, da mesma forma que Cristo, de maneira perfeitamente real, participou da natureza humana (II Ped. 1:4 e Col. 2:9,10).

c. *Orígenes*. Suas datas foram 185-254 D.C. Ele teve grande influência sobre o desenvolvimento da cristologia no Oriente. Usou a expressão *geração eterna* ao referir-se à filiação de Cristo, a fim de evitar qualquer idéia de um começo em sua pessoa, ou de que ele tivesse sido criado pelo Pai. Empregou o termo *homoousios*, ao afirmar que o Filho é dotado da mesma substância que o Pai. Não obstante, sua cristologia envolvia a idéia errônea de subordinação do Filho ao Pai (ver I Cor. 15:28), expressa segundo termos platônicos. Em sua missão, Cristo teria sido um ser intermediário, preenchendo o espaço entre o ser totalmente transcendental de Deus e este mundo criado. Como poderia ser de outro modo? Deus precisa do seu Mediador (que vide). Orígenes ensinava a doutrina da alma humana preexistente de Jesus, visto que ele acreditava na alma preexistente, e não excetuava à regra nem mesmo a natureza humana de Cristo. Todavia, o Logos não seria apenas preexistente, mas também eterno. Por ocasião da encarnação, pois, houve a fusão dessas duas naturezas. Ver os artigos sobre *Orígenes* e sobre o *Origenismo*. Foi Orígenes, mais do que qualquer outra figura cristã, quem finalmente, destruiu a influência do gnosticismo na Igreja. No entanto, na posterior controvérsia ariana, sua teologia complexa era usada por ambos os lados dessa controvérsia.

d. *Ário*. Suas datas foram cerca de 265-336 D.C. Ele negava a possibilidade de qualquer emanação divina, ou de qualquer distinção dentro da deidade. Ele ensinava que o Logos foi criado do nada, por Deus, antes do início do tempo, conforme o conhecemos agora. Embora o Logos tenha apenas uma forma de divindade, ele poderia ser chamado divino, posto não ser o verdadeiro Deus, e nem ter a mesma substância do Pai. O concílio de Nicéia opôs-se a esses pontos de vista, em cerca de 325 D.C. Atanásio (ver abaixo), foi o grande opositor de Ário, nessas suas idéias distorcidas.

e. *Atanásio* (298-373 D.C.). Defendia a doutrina de uma só substância, possuída pelo Pai e pelo Filho. Alicerçava seus argumentos não em seus raciocínios acerca do Logos, mas na natureza da redenção. Na redenção (que vide), faz parte do plano de Deus levar os remidos a compartilharem de sua natureza. Para realizar isso, Deus precisou assumir a natureza humana. Portanto, Deus encarnou-se. E foi em seu estado encarnado que ele resolveu o problema do pecado, tendo igualmente aberto o caminho para o homem progredir até Deus. E isso deve incluir uma transformação tão radical da alma humana que, finalmente, através da transformação metafísica, aquilo que antes era apenas humano, tornar-se-á divino, compartilhando da real natureza de Deus. Concordo plenamente com essa idéia, e provi, nesta enciclopédia, um artigo sobre esse assunto. Ver *Divindade, Participação do Homem na*. A salvação consiste na filiação a Deus. Os filhos realmente participarão da natureza do Pai, embora em sentido infinito. Não obstante, sempre haverá um maior desenvolvimento nessa participação, pois, visto que há uma infinitude com que seremos cheios, também deverá haver um preenchimento infinito (ver Col. 2:10; II Cor. 3:18). A glorificação (que vide) será um processo eterno, e não um acontecimento dentro do tempo.

f. *Apolinário* (310-390 D.C.). Afirmava que não podia entender o mistério do Deus homem (e quem pode?), pelo que raciocinava que o Logos era apenas um homem. Ao explicar o homem, ele apelava para a idéia platônica da tríada, referindo-se ao homem como composto por: 1. corpo; 2. alma irracional ou animal; 3. alma racional ou intelecto (no grego, *nous*), que é a porção mais elevada do homem, aquela que sobrevive à morte física. Essa *nous* (a alma), de acordo com essa doutrina, foi substituída pelo Logos, na pessoa de Jesus Cristo. Portanto, em Cristo não devemos pensar em uma humanidade verdadeira, mas em uma espécie de nova criação. Essa doutrina, pois, nega a verdade da encarnação.

g. *Gregório Nazianzeno* (329-390 D.C.). Ele condenou o ponto de vista acima definido e defendeu tanto a divindade verdadeira quanto a humanidade

verdadeira de Cristo. As idéias de Apolinário foram condenadas pelo concílio de Constantinopla (381 D.C.).

h. *Nestor*, falecido em 451 D.C. Foi bispo de Constantinopla. Recusava-se a usar a expressão «mãe de Deus», a qual, a princípio, fora criada para enfatizar a divindade de Cristo. Cristo era divino, e Maria fora sua mãe. Originalmente, a expressão não tinha por intuito dizer que Deus tem mãe, em qualquer sentido. Nestor, entretanto, negava a verdadeira divindade de Cristo, asseverando que ele apenas foi um homem que serviu de instrumento da deidade. As declarações de Nestor são confusas, pois, ao mesmo tempo em que falava sobre o Deus homem, também parecia pensar que havia duas naturezas, atuando lado a lado, em uma única manifestação, embora não chegasse a pensar na fusão dessas duas naturezas. Nestor argumentava que Deus não pode sofrer, pelo que foi o lado humano de Cristo que morreu. É verdade que foi o lado humano de Cristo que morreu, visto que Deus não pode morrer; porém, a maneira de Nestor tentar resolver o mistério da pessoa de Cristo não satisfez aos teólogos da Igreja. Essa separação de pessoas, em Jesus Cristo, foi condenada pelo concílio de Calcedônia de 451 D.C., e também pelo concílio de Éfeso, de 431 D.C.

i. *Cirilo* (que vide), o inteligente mas violento patriarca de Alexandria, em cerca de 412 D.C., opôs-se aos nestorianos, tendo servido de instrumento da condenação dos mesmos. Ele também combateu a doutrina de Apolinário (que vide), asseverando que a humanidade de Cristo era completa e inteira, mas sem subsistência independente (no grego, *anupóstasis*).

j. *Êutico*, um discípulo de Cirilo, continuou pensando sobre o problema e terminou ensinando que as duas naturezas de Cristo estavam fundidas em uma só, ficando assim eliminadas as claras distinções entre a natureza divina e a natureza humana em Jesus Cristo. Isso se assemelhava ao docetismo (que vide), pelo que sua posição foi condenada pelo concílio de Calcedônia de 451 D.C. Esse concílio pronunciou-se em favor das duas naturezas de Cristo, coexistindo uma com a outra, sem nenhuma fusão ou conversão, mas também sem divisão e separação alguma.

l. *Leôncio de Bizâncio*, antes de 553 D.C., continuou meditando sobre esse problema, desejando apresentar uma declaração que fosse aceita por todos. Escreveu tratados contra os nestorianos, os monofisistas e os apolinarianos, o que mostra que ele era habilidoso polemista. Apresentou uma fórmula que a maioria dos teólogos aceitou. Ele ensinava que a natureza de Cristo não era uma hipóstase independente. No lugar disto, era *en-hipostática*, isto é subsistia no *Logos* e através do *Logos*. Essa teoria foi aprovada pelo segundo concílio de Constantinopla, em 553 D.C.

m. *Sérgio de Constantinopla* continuou meditando sobre o problema, e decidiu que o mesmo ainda não havia sido resolvido. Por essa razão, criou a doutrina chamada *monotelitismo*, o que indica «uma só operação divino-humana», ou uma só vontade atuante na pessoa de Cristo. Aqueles que defendiam essa posição supunham que, embora houvesse duas naturezas em Cristo, haveria apenas uma energia divino humana, o que significaria que em Cristo não haveria duas vontades, as quais poderiam entrar em choque uma com a outra, mas apenas uma vontade.

n. *Honório I*, bispo (papa) de Roma, 625-741 D.C, também defendia a teoria da vontade única em Cristo. Mas a Igreja Ocidental, em 649 D.C., declarou-se favorável à idéia das duas vontades de Cristo, e o sexto concílio ecumênico de Constantinopla, em 680 D.C., declarou que a posição do papa Honório era uma heresia! O termo usado pela formulação desse concílio foi *dioteletismo*, que significa que Cristo tinha duas naturezas em operação, mas que a natureza humana sempre se mostrou sujeita à natureza divina.

**5. Outros Desenvolvimentos e Opiniões**

a. *A Igreja da Idade Média*. A Igreja Católica Romana aderiu de perto às declarações dos concílios em favor de uma cristologia ortodoxa. Seus pontos de vista foram enriquecidos pela teologia de Agostinho (354-430 D.C.) (que vide), o qual frisava a real humanidade de Cristo, a sua obra expiatória e as experiências místicas. A humanidade de Cristo tornou-se um importante elemento na devoção mística de Bernardo de Clairvaux (1091-1153). Ele enfatizava a possível união da alma com Cristo, sob a figura da noiva e do Noivo. Punha-se ênfase sobre a divindade de Cristo, por alguns teólogos de seu tempo, conforme atualmente se faz nas igrejas evangélicas, as quais, para todos os propósitos práticos, embora não quanto à teoria, eliminaram a humanidade de Cristo de suas teologias.

b. *Os Reformadores Protestantes*. Lutero ensinava a verdadeira humanidade e a verdadeira divindade de Cristo, referindo-se à *maravilhosa troca* de influências entre uma e outra dessas naturezas, como também à comunicação dos atributos envolvidos. Desse modo, temos uma doutrina da interpenetração mútua das naturezas divina e humana de Cristo, algo similar à mescla de naturezas (conforme pensava Êutico), o que a cristologia do concílio de Calcedônia procurava evitar. No luteranismo posterior, a posição de Lutero provocou uma controvérsia a respeito do ponto em que a humanidade do Filho de Deus compartilha com os atributos divinos e atua, juntamente com os mesmos. Se levarmos isso longe demais, perderemos de vista a real humanidade de Cristo. Além disso, nesse exagero, poremos em perigo a idéia inteira da *kenosis* (que vide), isto é, o esvaziamento do Logos quanto às suas prerrogativas divinas, por ocasião da encarnação.

*Calvino* aprovava os pronunciamentos ortodoxos dos concílios, mas rejeitava a tendência de Lutero para o erro de Êutico, preferindo defender a idéia de duas naturezas distintas, embora nunca separadas. Para ele, a salvação depende das propriedades de ambas as naturezas. A natureza divina opera através da natureza humana; mas, ao mesmo tempo, a salvação também envolveria a obra de Jesus, em sua perfeita obediência e santificação, em lugar de todos os homens, em sua própria pessoa, pois a humanidade de Jesus não foi apenas o instrumento, mas também a causa material da salvação. A salvação só pode tornar-se realidade mediante o cumprimento dos três ofícios de Cristo como Profeta, Sacerdote e Rei. Essa é uma boa teologia, concordando com a mensagem da epístola aos Hebreus, em trechos como 2:10 e 5:8. Jesus tanto foi *aperfeiçoado* quanto *aprendeu a obediência* pelas coisas que sofreu e experimentou. Infelizmente, em muitas igrejas calvinistas de nossos dias, a teologia popular ressalta tanto a divindade de Cristo que se perdem de vista aqueles importantes pontos teológicos que estão envolvidos na humanidade de Cristo. Ver sobre a *Humanidade de Cristo*.

c. *Fragmentação dos Protestantes*. Visto que os grupos protestantes não se sentem obrigados diante dos pronunciamentos dos concílios, eles têm representado entre si todos os desvios cristológicos que temos visto neste artigo. A partir do século XIX, a tendência

dos grupos protestantes tem sido desviar-se da doutrina calcedônica das duas naturezas de Cristo. Schleiermacher constituiu uma cristologia que vê em Cristo uma consciência única e arquétipa de total dependência filial ao Pai; e assim ele enfatizava o lado humano, às expensas do lado divino de Cristo. Alguns teólogos luteranos têm salientado fortemente a idéia de *kenosis* (que vide), supondo que a encarnação requeria um verdadeiro esvaziamento de atributos como onipotência, onipresença e onisciência, embora retendo os atributos morais essenciais da divindade. Assim, se Cristo continuou sendo divino em sua natureza, ele não reteve a forma de Deus, durante o período da encarnação (que vide). Naturalmente, há indícios neotestamentários em favor dessa posição, conforme aqueles trechos da epístola aos Hebreus e as declarações do próprio Senhor Jesus de que ele não sabia tudo, como se vê em Mar. 13:32. É óbvio que a humanidade de Cristo limitava os seus atributos divinos, pois, do contrário, não poderia haver doutrina da encarnação. Essa doutrina, entretanto, tem provocado muita discussão.

d. *Abordagem de Estudiosos Liberais*. Muitos liberais vêem pouco sentido em todas as controvérsias e suas minúsculas distinções. Eles dispõem-se a chamar Jesus de *divino*, mas somente no sentido de que Deus *irrompeu* por meio de Jesus, manifestando assim a sua vontade e os seus atributos. Eles não partem da idéia de que, em Jesus, havia a mesma substância do Pai, ou da idéia de que ele era divino, por ser a encarnação literal do Logos de Deus. Nesse caso, o termo divindade envolve muito mais o que ele foi e realizou, dotado de poder da parte de Deus, embora isso não refletisse uma natureza divina essencial. Em outras palavras, eles negam a doutrina que expõe Jesus como o próprio Deus.

**6. Mistério**

Debates surgem na cristologia porque estamos tratando de um *mistério*. Um mistério é um segredo divino, atualmente já revelado, que ainda retém elementos difíceis que dificultam a compreensão e a explicação. Para nós é impossível criar qualquer formulação que explique como tanto a natureza divina quanto a natureza humana podem, realmente, habitar em uma única pessoa, ao mesmo tempo. Nossas explicações tendem por diminuir o fator humano para acomodar-se ao fator divino, ou então vice-versa. Ou então, podemos desistir da questão inteira e chamá-la de um *paradoxo*; ou mesmo podemos rejeitar o assunto inteiro, intitulando-o de um mito.

Porém, a última resposta que nos interessa aqui é a mitológica. Quem era Jesus e o que ele fez, permanece um dos grandes mistérios da vida. Na verdade, alguns teólogos têm dito que o mistério de Cristo ainda é maior que o mistério do Pai. Jesus mesmo declarou: «...ninguém conhece o Filho senão o Pai...» (Mat. 11:27). Não obstante, há coisas que podemos dizer, pelo que o debate sobre as naturezas divina e humana, existentes em Cristo, é um debate legítimo. Porém, uma de nossas grandes dificuldades consiste em não sabermos no que consiste a *divindade*. Nossa ciência e nossa filosofia ainda não conseguiram mostrar-nos no que consiste a divindade, embora contemos com muitas descrições parciais. Na verdade, a nossa teoria atômica não passa disso, uma *teoria*, que está sendo submetida a uma constante modificação, à medida que nossos fatores atinentes vão sendo descobertos. Assim, como podemos falar de maneira muito inteligente sobre o que significa ser *divino?* Isso ainda está completamente fora de nosso alcance. Podemos falar sobre os atributos e as obras divinas com algum sucesso; mas, quando podemos descrever a *natureza* de Deus, nosso sucesso é praticamente nulo. Esse é o *mysterium tremendum*. Esse *mysterium tremendum* entrou na existência humana, na pessoa de Jesus Cristo. Enquanto estivermos deste lado da existência, não seremos capazes de explicar *Cristo*. Não obstante, quando tentamos fazê-lo, podemos dizer algumas coisas úteis. (AM B C HAV KN NE P)

## CRITÉRIO

A palavra vem do grego, **kritérion**, do verbo *krineîn*, «decidir», «ajuizar». Um cognato grego, *krités*, significa «juiz». Um critério é um padrão com a ajuda do qual se pode chegar a um juízo certo; ou então é um teste, uma regra ou medida para se distinguir entre o falso e o verdadeiro, ou então o imperfeito e o perfeito. Há muitos critérios usados na determinação da verdade. No artigo sobre a *Fé Religiosa e o Problema da Verificação*, apresento aqueles critérios que se aplicam ao campo da teologia e da religião. No artigo intitulado o *Conhecimento e a Fé Religiosa*, sob o segundo ponto, exponho as teorias da verdade ou os critérios da verdade.

## CRITÉRIOS DE UMA GUERRA JUSTA

Seria correto um país enviar tropas com o propósito específico de matar os homens (e a população em geral) de outro país? Os pacifistas respondem com um sonoro «não»! Porém, os outros retrucam dizendo que os pacifistas alegram-se em participar da liberdade e dos benefícios de uma guerra da qual eles não quiseram participar. Ver os artigos sobre *Pacifismo* e *Objetores Conscientes*. Talvez devêssemos formular a pergunta nos seguintes termos: «Sob quais circunstâncias podemos preferir fazer um erro menor, a fim de evitar um erro maior?» As respostas a essa indagação são muitas:

1. *Os Pais da Igreja*. Eles lamentaram as tragédias da guerra, exortando os crentes a buscarem a paz e a amarem a seus inimigos. Alguns deles recusaram-se a prestar serviço militar; mas a Igreja cristã, como um todo, nunca foi expoente do pacifismo. Ambrósio repreendeu o imperador Teodósio por causa das atrocidades cometidas a seu mando em Tessalônica. Mas, em nossos dias, os homens estão arquitetando justificativas para a guerra.

2. *Cícero*. Foi ele o escritor da primeira proposta de uma guerra supostamente justa. Ele alistou seis pontos: a. Uma guerra deve visar à defesa e à segurança nacional, e não ser apenas alguma aventura. b. Só deve ser deflagrada quando todas as negociações tiverem fracassado. c. Deve ser formalmente declarada, com a devida antecedência, sem golpes de traição. d. Deve ter por finalidade a obtenção da paz, e não a mera destruição do inimigo. e. Devem ser poupados os prisioneiros e os que se renderem. f. Somente soldados legítimos deveriam participar das guerras justas.

3. *Agostinho* (em *Cidade de Deus* xix) criticou as regras de Cícero como destituídas de realismo. A sociedade humana, não-remida, jamais haverá de observar regras assim, por melhores que os homens pareçam ser. Nenhuma guerra é inteiramente justa. Entretanto, a *paz* pode ser justa, e a guerra pode ser necessária a fim de garantir a paz. As guerras só deveriam ser iniciadas por ordem das autoridades devidamente constituídas, que dirigem as nações. Os soldados deveriam combater com arrependimento no coração, e não impelidos pelo sentimento do ódio. A

justiça precisa levar Deus em consideração, pois todas as nossas ações serão julgadas, se agradaram a ele ou não.

4. *Tomás de Aquino* (em *Summa Theologica* ii.2.a,40) escreveu sobre a necessidade de guerras justas e de intenções corretas. A moralidade de uma guerra depende desses fatores, e não das conseqüências finais. Deveríamos lutar a fim de garantir a paz, e não a fim de matar. A justiça precisa concordar com a lei, e a lei deve visar ao *bem comum*.

5. Os *reformadores* do século XVI renovaram os conceitos de Agostinho, adicionando a idéia bíblica de que o Estado é um agente da justiça retributiva de Deus, pelo que as guerras deveriam ser iniciadas em autodefesa, para pôr fim às injustiças, em cujo caso seriam permissíveis. Ver Rom. 13:1-5; I Ped. 2:13,14.

6. *John Lock* resolveu contribuir para a idéia, dando a entender que, algumas vezes, as guerras são necessárias, quando não há qualquer autoridade internacional para encontrar solução para os casos de flagrante injustiça. O lado vencedor não deveria ter jurisdição sobre os não-combatentes da nação derrotada, e nem a nação vencida deveria ser obrigada a aceitar qualquer forma de governo escolhida pelo vencedor. Essas sugestões, porém, não parecem ajustar-se às modernas nações industrializadas. Nessas nações, a força civil industrial é que possibilita as guerras, e a mudança de governo pode ser necessária para garantir uma paz duradoura.

Gigantes problemas não têm respostas fáceis e simples. Assim, — quando a matança *en masse* está envolvida, é indiscutível que ninguém jamais será capaz de definir, de forma adequada, no que consistiria uma guerra justa. Porém, piores ainda que as chamadas guerras justas são as «guerras santas», quando os homens enganam a si mesmos, ao pensarem que a guerra deve ser feita em nome de Deus e em defesa da fé religiosa. Geralmente, os fanáticos é que iniciam as «guerras santas», pelo que de santas elas só têm o nome. (H)

## CRÍTIAS DE ATENAS

Filósofo grego do século V A.C. Nasceu em Atenas e tornou-se um dos filósofos sofistas (que vide). Estudou com Górgias e Sócrates. Tornou-se um líder político. Foi banido de Atenas; mas depois retornou para governar novamente. Foi um dos mais inescrupulosos dentre os trinta tiranos. Em sua teoria política, ele afirmava que tanto a lei quanto a religião são invenções das pessoas investidas de autoridade, e que o principal instrumento que elas usam, a fim de controlar as multidões, é o *medo*. O medo é o receio da punição, e qualquer modificação efetuada precisa ser realizada por esse intermédio. (P)

## CRÍTICA ALTA

Este termo significa a *crítica bíblica* em todos os assuntos que vão além da *crítica textual*. Pode ser positiva ou negativa, o termo em si é *neutro*. Algumas pessoas usam a palavra *introdução* como um sinônimo. Questões como autoria, proveniência, integridade, data, problemas especiais de livros bíblicos fazem parte da *crítica alta*. A *crítica baixa* (que vide) é a crítica textual. Ver o artigo geral sobre *Crítica da Bíblia*.

## CRÍTICA BAIXA

Esse é um outro nome dado à **Crítica Textual**. Ela é chamada «baixa» a fim de ser contrastada com a «alta», e não por ser inferior. A crítica textual examina os textos do ponto de vista dos manuscritos, com o propósito de restaurar o original mediante a comparação com os manuscritos existentes. A «alta crítica», por sua vez, estuda tudo quanto está fora da questão do texto, incluindo problemas como autoria, data, proveniência, destino, integridade, problemas especiais, etc. O artigo sobre *Manuscritos do Novo Testamento*, juntamente com informações sobre os mesmos, também expõe os princípios da crítica textual, sob os pontos quinto a oitavo.

## CRÍTICA DA BÍBLIA

*Esboço do Artigo*

1. Definições e Funções
2. Esboço Histórico da Crítica da Bíblia
3. Evidência Positiva de Satya Sai Baba e dos Gigantes Espirituais
4. Crítica da Forma
5. Atividade Crítica
6. Crítica Textual
7. Conclusão e Avaliação.
8. Bibliografia

### 1. Definições e Funções

A expressão **baixa crítica** é usada para designar a crítica textual. — A expressão **alta crítica** é usada para indicar o estudo crítico da Bíblia que envolve qualquer coisa fora do próprio texto, como as questões de autoria, propósito, problemas lingüísticos, pano de fundo histórico, unidade, proveniência, datas, problemas especiais, etc. Essa expressão tem assumido um certo sentido negativo por causa dos abusos que têm estado associados a esse tipo de atividade. Porém, os estudiosos mais conservadores, que defendem a autoria mosaica do Pentateuco, praticam a alta crítica tanto quanto aquele que faz julgamentos negativos. Talvez um título melhor para a alta crítica seja «crítica literária», ao passo que a expressão «introdução» não é tão boa, porque o termo já é usado para indicar outro tipo de estudo.

*A Função*. Os princípios usados para aquilatação e exame de qualquer outra literatura são aplicados à Bíblia. Isso inclui a investigação histórica, a aplicação do que se conhece no tocante às características da transmissão de textos, estilos de caligrafia, escolas históricas de escribas, tipos de materiais usados em vários séculos, problemas lingüísticos, panos de fundo históricos que indicam datas, idéias que caracterizam períodos que influenciaram os autores, etc. Naturalmente, a crítica é absolutamente necessária, porquanto não pode haver verdadeira exegese de um texto bíblico sem a crítica. Entretanto, deveríamos resguardar-nos contra o ceticismo, que não é apenas o resultado, mas, algumas vezes, até mesmo a motivação por detrás das atividades de alguns críticos.

### 2. Esboço Histórico da Crítica da Bíblia

a. *Pano de Fundo*. Quando os saduceus rejeitaram todos os escritos do Antigo Testamento, excetuando o Pentateuco, estavam agindo como críticos da Bíblia. *Idem*, quando os fariseus aceitaram todos os trinta e nove livros da Bíblia. Quando a congregação judaica da dispersão julgou que deveria adicionar catorze outros livros (chamados apócrifos), estavam aplicando pelo menos alguns princípios comuns à crítica da Bíblia, a fim de justificar um cânon expandido. Quando os gnósticos, na época da Igreja primitiva, rejeitaram totalmente o Antigo Testamento, supondo que seu «deus» era uma divindade secundária e imperfeita, criador de nosso mundo imperfeito,

também estavam aplicando princípios próprios da crítica da Bíblia. Porfírio (300 D.C.), discípulo de Plotino, em sua polêmica contra o cristianismo, usou a crítica textual da Bíblia como um de seus instrumentos. Ele via o livro de Daniel como composição muito mais recente do que realmente era, como se ele tivesse escrito história, e não profecia. (Ver o artigo sobre Porfírio).

A escola de Antioquia (não uma instituição, mas uma postura teológica), de 400 D.C., opunha-se à interpretação alegórica, que era comumente usada pelos pais alexandrinos da Igreja. Ambas essas escolas estavam aplicando princípios de crítica da Bíblia, embora produzindo resultados diferentes. A escola de Antioquia também aplicava considerações gramático-históricas em seus estudos, método esse que figura entre os métodos usados na crítica da Bíblia (ver os artigos sobre essas duas escolas). Ver sobre o *método alegórico* de interpretação. Portanto, nessas antigas atividades, encontramos os primórdios da crítica da Bíblia. Porém, tal tipo de atividade, de forma organizada como uma metodologia, pertence à história relativamente recente.

b. *A Reforma*. Quando da compilação do *Textus Receptus* por Erasmo, contemporâneo de Lutero, no começo do século XVI, encontramos os verdadeiros primórdios da crítica textual ou baixa crítica. Não tardou para que se patenteasse que os manuscritos por ele usados eram de qualidade inferior, embora muito tempo se passasse até que o texto do Novo Testamento chegasse ao estado purificado em que se encontra hoje. Ver o artigo sobre os *Manuscritos, Novo Testamento*, que inclui os princípios da crítica textual. Vários dos reformadores rejeitaram um ou mais dos livros do Novo Testamento, como indignos de ocuparem lugar no cânon. Assim, Lutero rejeitava a epístola de Tiago, por causa de sua posição contrária à justificação pela fé. E ele também considerava Judas e Apocalipse como livros de valor secundário, em relação ao resto do Novo Testamento. Calvino rejeitava o Apocalipse, não tendo comentado sobre o mesmo em todo o seu longo comentário do Novo Testamento. E também rejeitava a segunda epístola de Pedro. Ver o artigo sobre o *Cânon*, que fornece informações detalhadas sobre a questão. Em tudo isso vemos atividades próprias da crítica da Bíblia, não aplicadas de forma negativa, mas honestamente, por homens dotados de fé, que queriam um Novo Testamento o mais puro possível, embora suas conclusões reduzissem um tanto o cânon universalmente aceito em nossos dias.

c. *Período Moderno*. A crítica da Bíblia começou a florescer no século XVIII, contra um pano de fundo racionalista (ver o artigo sobre o *Racionalismo*). Havia então o desejo de dar maior relevância ao cristianismo, diante das tendências do pensamento contemporâneo. O racionalismo alemão tomou a posição que considerava suspeita toda e qualquer evidência, até que fosse provada válida. Essa abordagem não podia deixar de redundar em ceticismo.

O Antigo Testamento passou a ser rigorosamente examinado, algumas vezes sofrendo ataques da parte dos críticos. Houve o surgimento da hipótese de múltiplas fontes formativas do Pentateuco. Alguns supunham que Moisés utilizou-se de várias fontes, que ele reuniu (conforme dizia Jean Astruc, que postulava duas fontes), ao passo que outros afirmavam que Moisés nada tivera a ver com a autoria da coletânea do Pentateuco. A. Geddes e J.S. Vater (fins do século XVIII e começo do século XIX), viam várias fontes, e não apenas duas, o que acabou evoluindo para a famosa teoria JEDP (quatro fontes), de Hermann Hupfeld (1853), Karl Graf e Abraham Kuenen (1869), em vários estágios. Essa teoria supõe que havia uma fonte jeovista (J), uma fonte eleoimista (E), uma fonte deuteronômica (D) e uma fonte sacerdotal (P). Esses símbolos estariam baseados na incidência preferida do nome divino, por algum autor particular, ou então nos tipos específicos de materiais registrados (presumivelmente por diferentes autores). Essa questão é ventilada mais detalhadamente no artigo sobre Gênesis — que comenta individualmente sobre cada uma dessas fontes. O mesmo tipo de atividade foi aplicado ao livro de Isaías, aos Salmos, a Daniel e a outros livros do Antigo Testamento. Os artigos sobre esses livros oferecem-nos exemplos desses esforços da crítica da Bíblia. Ver sobre *J.E.D.P.(S.)*.

*Novo Testamento*. Um dos primeiros problemas a serem abordados foi a questão das fontes informativas dos evangelhos sinópticos. Lachmann (1835) demonstrou que Marcos era o evangelho original, e que em seguida foi usado como uma das primeiras fontes de Mateus e Lucas. Isso desenvolveu-se na teoria dos quatro documentos, de B.B. Streeter (1874-1937), a saber: Marcos, Q, L e M. Ver o artigo sobre o *Problema Sinóptico*, quanto a detalhes sobre a questão.

**Os Milagres**. Thomas Woolson (falecido em 1731) supunha, sobre bases céticas, que os milagres de Jesus eram criações de pessoas supersticiosas, muito tempo depois da morte de Jesus. H.S. Reimarus (falecido em 1768), asseverou que as fabulosas narrativas sobre Jesus eram falsificações deliberadas, dos discípulos de Jesus, sobre aquilo que realmente se sucedeu. Fr. Schleiermacher (falecido em 1834), tentou preservar a posição cêntrica de Cristo, embora supondo que os evangelhos haviam sido artificialmente construídos, a partir de uma miscelânea de retalhos separados da tradição oral. A chamada *crítica da forma*, do século XX, emprega o conceito básico dessa teoria. D.F. Straus, em seu Lebem Jesu (1835) apresentou Jesus como um sábio judeu ideal, cujas memórias foram preservadas em meio a inúmeros adornos. Frederick Christian Baur (1792-1860) foi o fundador da Escola de Tubingen, tendo proposto uma primitiva *tese* judaica no tocante à vida de Jesus, encabeçada por Pedro, mas com uma subseqüente *antítese*, que procurou embelezar a biografia de Jesus, conferindo-lhe estatura divina, encabeçada por Paulo. E a *síntese* (segundo os moldes hegelianos) teria sido provida pelo evangelho de João, que para ele pertencia a uma data fantasticamente posterior, cerca de 170 D.C. Mas, um pequeno fragmento de papiro, P(52), do evangelho de João e pertencente ao começo do século II D.C., destruiu a teoria. No entanto, Baur sentia que a história cristã primitiva precisava ser reescrita, a fim de desnudá-la de suas emendas apócrifas, bem como dos relatos exagerados de entusiastas, a fim de sabermos o que realmente aconteceu. Dessa forma, Baur distinguiu entre o Jesus histórico e o Jesus teológico. Interessante é observar que apesar da estrutura central de sua teoria (dialética hegeliana) ter sido abandonada pela maioria dos especialistas, sua oposição entre Pedro e Paulo tem persistido como noção de muitos estudiosos. W. Boosset (1892) e Adolf von Harnack (1899) opinavam que era mister eliminar quaisquer emendas supersticiosas e religiosas, a fim de se ficar apenas com o Jesus *histórico*. Segundo eles, Jesus seria um meio liberal eloqüente, que proclamava o evangelho da paternidade universal de Deus e a fraternidade universal dos homens. Porém, Johanne Weiss (1892) reagiu contra tão

simplista modernização de Jesus, tendo sido secundado por Albert Schweitzer (nasceu em 1875), o qual insistiu em seu livro *Quest for the Historical Jesus* (1906), que Jesus era um crente apaixonado no iminente fim do mundo e no imediato estabelecimento do reino de Deus sobre a terra. Nisso, Jesus estaria equivocado, segundo Schweitzer supunha; porém, acreditaria em tais coisas.

É possível que a principal tendência da erudição liberal, a partir do ano de 1906, tenha sido aquela promovida por Rudolf Bultmann (nasceu em 1884). De acordo com essa tendência, precisamos demitizar os registros bíblicos a fim de chegarmos ao Jesus real. Mas a tentativa terminou em *ceticismo* quanto ao método, considerado fútil, visto que até os evangelhos sinópticos encerram declarações que promovem a deidade de Cristo. Não obstante, alguns estudiosos continuam fiéis ao método. Ver os artigos sobre *Bultmann* e a *Demitização*, quanto a detalhes sobre a questão. —A neoortodoxia de Karl Barth não foi outra coisa senão uma reação contra o extremo liberalismo alemão. O sistema de Karl Barth também faz parte da crítica da Bíblia. Ver o artigo separado sobre ele, quanto a detalhes.

### 3. Evidência Positiva de Satya Sai Baba e dos Gigantes Espirituais

Satya Sai Baba é um dos «homens santos» do hinduísmo, que, em nossos dias, está operando milagres feitos por Jesus, diante de testemunhas próximas e dignas de confiança. Ele tem criado matéria, tem ressuscitado os mortos e tem curado toda a variedade de enfermidades. Ele afirma ser uma reencarnação de Jesus, deixando os céticos admirados e consternados. Muitos se têm tornado discípulos seus instantâneos e fiéis, porquanto aquilo que ele faz é espantoso e inacreditável. Não quero entrar no mérito de suas reivindicações, mas apenas mencionar suas atividades. O artigo a seu respeito entra em maiores detalhes. Seja como for, suas obras demonstram claramente que negar aquilo que Jesus realizou equivale a não reconhecer o que realmente sucede nas vidas humanas, através do poder de gigantes espirituais. Ver o artigo sobre *Sathya Sai Baba*.

Há grandes maravilhas neste mundo; há milagres; há ocorrências admiráveis, realizadas por pessoas incrivelmente poderosas. Portanto, os evangelhos em nada exageram, mas chegam mesmo a subestimar modestamente o que Jesus realizou e quem ele, na verdade, foi neste mundo. Seremos apenas uns insensatos se permitirmos que nossos preconceitos a priori, como o ceticismo, governem a nossa maneira de pensar acerca da espiritualidade e suas potencialidades. Satya Sai Baba é apenas um homem santo, um poderoso homem espiritual. E há muitos outros, maiores e menores. As experiências religiosas fecham as portas diante do ceticismo e abrem-nas para a fé. Não obstante, a alta crítica tem trazido à tona muitos problemas que precisam ser examinados, tendo destacado muitas verdades que antes eram ignoradas. Porém, o que quero salientar neste parágrafo é que o *descobrimento* de várias fontes informativas, incorporadas em um livro, ou informes que modificam nossas idéias sobre autoria, influências históricas sobre as idéias (pois nada se desenvolve no vácuo), etc., pouco ou nada têm a ver com a mensagem espiritual em geral. Essa mensagem caracteriza-se pelo poder, pela redenção, pela restauração, estando envolvida em um imenso otimismo. — Não devemos permitir que o ceticismo venha sombrear essa mensagem. — O arcabouço literário, através do qual a mensagem espiritual é transmitida, pode envolver e realmente envolve muitos problemas, mas isso não é suficiente para obscurecer a *Luz* que nos foi enviada, a despeito dos defeitos dos homens e de seus livros!

### 4. Crítica da Forma

Crítica da Forma é um método de pesquisa que surgiu na Alemanha, a partir de 1919, quando Martin Dibelius (ver o artigo) publicou sua obra *From Tradition to Gospel*. O método havia sido antecipado por outros, como Johannes Weiss (ver o artigo) e Hermann Gunkel (ver o artigo). A crítica da forma é uma tentativa para recuperar as *unidades* da tradição oral que circulavam antes dos evangelhos serem escritos. Segundo são concebidas, essas unidades incluiriam antigas *narrativas*, como o relato da paixão, parábolas, declarações ou ensinos, *relatos de milagres* e *lendas*. Tudo estaria baseado em graus variegados de verdade, de mistura com a ficção. Alguns intérpretes também lançaram-se à tarefa de distinguir níveis dentro dessas supostas unidades, como o material judaico primitivo e o material helenista posterior. Supõe-se que os evangelhos resultaram de um tipo de recolhimento de fragmentos, em que as peças foram sendo ajustadas umas às outras, algumas vezes habilidosamente, e outras vezes, de forma crua. Alguns supõem que essas tradições foram essencialmente *preservadas* pela Igreja; mas outros pensam que os cristãos inventaram a maioria dessas tradições. Seja como for, a tradição concentrada nos evangelhos seria uma espécie de esforço comunitário, e não de iniciativa particular. Isso significa que haveria uma certa canonização de material, desde o começo.

Essa teoria, apesar de conter elementos de verdade, também tem seus exageros. Marcos, o evangelho original, certamente parece haver sido escrito apressadamente, para narrar uma história que todos já conheciam; e não por alguém que agisse como redator, alinhavando pedaços provenientes de muitas fontes. Nota-se ali um senso de urgência, com base em narrativas de testemunhas oculares, o que é embotado por uma exagerada crítica da forma. Ver o artigo separado sobre o assunto, onde há mais detalhes.

### 5. Atividade dos Críticos

Qualquer estudo introdutório a algum livro da Bíblia naturalmente incluirá várias formas de crítica. Essa é uma atividade necessária, tornando-se prejudicial somente quando guiada pelo ceticismo, que busca encontrar erros e embotar a verdade, em vez de lançar luz sobre ela. As introduções aos livros da Bíblia, nesta Enciclopédia, geralmente incluem uma discussão sobre aspectos como autoria, proveniência, unidade e integridade, variantes no texto grego, problemas difíceis e especiais, data, destinatários, propósitos, etc. O leitor, no tocante à introdução a qualquer livro das Escrituras, poderá perceber a mão da crítica plenamente ilustrada, nessas introduções.

### 6. Crítica Textual

Crítica Textual, é também chamada «baixa crítica». Quanto a esse assunto, ver o artigo separado sobre os *Manuscritos, Antigo e Novo Testamentos*, onde, juntamente com informações gerais, são discutidos os princípios básicos da crítica textual. Quanto ao Novo Testamento, ver especificamente o ponto sexto, *Princípios da Restauração do Texto*, que inclui os tipos de texto e os testemunhos que lhes dizem respeito; o ponto sétimo, *Ilustrações* de como as formas corretas são escolhidas, quando há variantes no texto; e o ponto oitavo, *Esboço Histórico da Crítica Textual do Novo Testamento*. A crítica textual do

Antigo Testamento está incluída no artigo sobre os Manuscritos, no tocante àquele documento.

**7. Conclusão e Avaliação**

a. A crítica, por si mesma, é uma atividade absolutamente necessária para o nosso conhecimento da Bíblia, e muitos resultados positivos têm resultado de todas as diversas modalidades de crítica que temos ventilado.

b. Já passou a época em que se podia usar a Bíblia como uma espécie de entidade mágica. Não nos devemos tornar culpados nem de *bibliomancia* (ver o artigo) — e nem de *bibliolatria* (que vide). — Nada teríamos a ganhar se encorajássemos o erro piedoso, só para satisfazer a pessoas que gostam de respostas simples. Se há algo que caracteriza a verdade das coisas é que a verdade não é simples. Nela está envolvida a tremendamente complexa mente divina, com o resultado que parecemos um bando de símios pendurados nas árvores, quando nos pomos a examinar a Mente de Deus, tão acima está ela de nós. Portanto, quando Deus permitiu que algo de sua mente transparecesse em um livro, não deveríamos pensar que é fácil compreender tudo quanto ele diz ali.

c. Além disso, é ridículo ignorar o *lado humano* da Bíblia. Para exemplificar, há muitos erros gramaticais no grego do Novo Testamento. Nesse documento a linguagem foi expressa em diversos níveis de qualidade, desde o grego quase clássico da epístola aos Hebreus, até o grego de rua, com todos os seus vícios, do evangelho de Marcos. Além disso, há o grego como segundo idioma, no Apocalipse, cujo autor pensava em aramaico e imitava a gramática aramaica no grego por ele produzida, com os resultantes erros gramaticais. Haveríamos de explicar isso, dizendo que o Espírito Santo é um mau gramático?

d. Além disso, existem diversos *níveis de revelação*. Encontramos trechos místicos, de autêntico êxtase, nos escritos de Paulo, como porções do oitavo capítulo de Romanos, do décimo terceiro capítulo de I Coríntios, do segundo capítulo de Filipenses e do primeiro capítulo de Efésios. Pode-se contrastar isso com o tratado didático da epístola de Tiago, com seu judaísmo quase puro, em que a luz cristã só rebrilha aqui e acolá. Em Tiago encontramos o tipo de ensino que se poderia ouvir nas sinagogas, em qualquer sábado. Há ali grandes verdades, mas não empapadas na típica revelação cristã. É ridículo tentar harmonizar o que Tiago diz com os avançados conceitos de Paulo. Tiago continuava promovendo conceitos judaicos, que estavam começando a mesclar-se com os conceitos cristãos. A crítica destaca coisas assim, forçando-nos a relacionar as atitudes expressas por Tiago à divisão da Igreja primitiva em torno do legalismo, conforme se vê no décimo quinto capítulo de Atos, levando-nos a concluir que esse livro surgiu em meio àquela controvérsia, como representante do espírito antipaulino, de certos segmentos da Igreja primitiva, que ainda eram mais judaicos do que cristãos. Mas, os harmonizadores, buscando conforto mental, insistem em reconciliar Tiago e Paulo. Mas isso é anti-histórico e antidoutrinário. Não precisamos de tal esquema para fortalecer-nos a fé.

e. Outrossim, sem dúvida há *vários tipos* de fontes informativas dos evangelhos. Torna-se óbvio que as declarações ali constantes nem sempre foram ditas dentro das associações em que são postas. Com isso quero dizer que, nos evangelhos, há declarações postas dentro de certos acontecimentos históricos com os quais não estavam originalmente vinculados. Assim, no evangelho de Mateus, há vários grandes blocos de declarações de Jesus, como as bem-aventuranças, o sermão da montanha e as parábolas do reino que são óbvios *sumários*, provavelmente de muitas declarações de Jesus, que não foram proferidos em uma *única* ocasião, conforme aquele evangelho dá a entender. Isso é facilmente provado mediante a simples comparação do material de Mateus e Lucas, por exemplo, que aparece dentro de diferentes engastes históricos. Acresça-se a isso que a ordem dos acontecimentos nem sempre é a mesma em um e em outro evangelho. Tenho ilustrado isso abundantemente em meus artigos, apresentados nesta Enciclopédia, sobre o *Problema Sinóptico* e a *Historicidade dos Evangelhos*. Ver o item específico décimo segundo: *O que não significa a historicidade*, dentro do artigo sobre esse assunto.

f. Há problemas reais que envolvem pontos como *unidade* e *integridade* da Bíblia. As epístolas de I e II Coríntios representam uma correspondência entre Paulo e os crentes de Corinto, e não apenas duas epístolas, pois poderiam envolver nada menos que quatro epístolas diversas. É bem possível que a epístola aos Romanos, segundo a conhecemos, inclua material que, originalmente, não fazia parte da mesma. Falamos especificamente sobre o décimo sexto capítulo, que parece ser uma curta epístola aos crentes de Éfeso, e que terminou sendo agregada à epístola aos Romanos, onde se tornou seu capítulo dezesseis. Com freqüência, quando tratamos de tais problemas, não podemos fornecer informações mais precisas, o que se dá sobretudo com certos livros do Antigo Testamento, que quase certamente incorporam blocos de material reunidos por compiladores, uma atividade perfeitamente normal em todas as produções literárias.

g. E, continuando somente a fornecer exemplos de alguns tipos de problemas textuais, finalmente podemos discernir *níveis e diferenças de doutrina*, dentro do próprio Novo Testamento, e não meramente quando são contrastados o Antigo e o Novo Testamentos. Todos admitem que o Novo Testamento é doutrinariamente mais avançado do que o *A*. Nesse caso, por qual motivo certas porções do Novo Testamento não seriam doutrinariamente mais evoluídas do que outras porções do mesmo Novo Testamento? Os evangelhos refletem a doutrina cristã segundo o nível a que ela chegara até o fim do ministério de Jesus. Mas ele afirmou: «Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade...» (João 16:12,13). Já falei sobre o exemplo de Tiago, cujos conceitos foram ultrapassados pela revelação paulina. Além disso, consideremos os *mistérios* referidos por Paulo. Um mistério é uma verdade recém-revelada, que não fora revelada antes. Se já fosse conhecida, não seria um mistério. Portanto, de cada vez em que Paulo diz: «Eis que vos digo um mistério», era como se ele estivesse dizendo: «Eis uma nova verdade, que só agora está sendo revelada». E então Paulo nos leva a verdades acima de verdades ensinadas em outras porções do Novo Testamento, que outros autores sagrados desconheciam até então. Assim, no primeiro capítulo de Efésios, quando Paulo fala sobre «o mistério da vontade de Deus», ele nos dá um vislumbre do que Deus finalmente tenciona fazer em prol da humanidade, que ultrapassa a antiga doutrina de juízo, refletida em várias porções do Novo Testamento.Ora, essa intenção divina final é muito mais otimista, no tocante ao destino humano, do que transparece em outras porções do Novo Testamento. Ver o artigo

sobre a *Restauração*, que demonstra isso.

Por outra parte, se mantivermos a atitude que o Novo Testamento é perfeitamente homogêneo em sua exposição de doutrinas, então essa verdade ficará oculta, para nosso próprio detrimento. Por igual modo, quando Pedro afiança que o evangelho foi pregado a mortos (I Ped. 4:6), quando Cristo desceu ao hades, entre sua morte e ressurreição (I Ped. 3:18 *ss*), ele aumenta e amplia a nossa esperança, demonstrando que Cristo *pode atingir os homens em todos os lugares*, incluindo no lugar mesmo do juízo. Mas, se eu vier a supor que Pedro não podia ter conhecimento de algo sobre o que os demais autores sagrados nada comentaram, então perderei uma preciosa verdade ensinada na Bíblia. No entanto, Paulo revela-nos que a descida de Cristo ao hades teve o mesmo propósito que sua subida dali, ou seja, tornar-se tudo para todos (Efé. 4:8 *ss*). O Senhor chegará a «preencher a tudo», tornando-se assim tudo para todos, a própria *essência de toda a existência*, bem como sua origem, propósito e alvo. Mas, se eu aferrar-me exclusivamente a Hebreus 9:27, que proclama que a oportunidade de salvação termina por ocasião da morte biológica, terei deixado de entender que algumas porções do Novo Testamento ultrapassam a outras em profundidade, oferecendo-nos novas verdades, e das mais preciosas.

**Sabendo que esses informes bíblicos mais profundos são complementares**, e não contraditórios com o que o resto da Bíblia nos ensina, isso não enfraquece a nossa fé nos ensinamentos bíblicos, antes, enriquece o nosso entendimento sobre o plano de Deus. Paulo não cessava de orar por seus convertidos, no sentido de que recebessem «...espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele, iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos» (Efé. 1:17,18). Mesmo que não saibamos colocar todos os ensinos em sua exata seqüência ou ordem de importância, isso é melhor do que eliminar de nosso sistema de doutrinas alguns dos ensinamentos mais profundos da Bíblia, somente porque não se encaixam dentro de nossa limitada compreensão.

*Aspectos positivos e bons da crítica*. Devo dizer que a crítica da Bíblia pode ser positiva e boa. Com a sua ajuda, posso ter uma atitude mais otimista e uma maior confiança na missão de Cristo. Todavia, sou contrário ao uso negativo da crítica que só tenciona destruir e negar. A verdade é que alguns críticos partem da intenção de destruir a fé, por causa de alguma distorção psicológica que os leva a destruir em vez de edificar. Alguns deles parecem indignados diante da Igreja cristã e seus ensinos. Outros sentem-se insatisfeitos com o próprio cristianismo. Certo crítico alemão chegou ao extremo de negar a *existência* de Jesus, dizendo que a Igreja foi que O inventou!

Todas essas atividades baseadas no negativismo devem ser ignoradas por nós, porquanto não produzirão coisa alguma de proveitoso. Porém, os esforços honestos para melhorar o nosso conhecimento das realidades divinas, mesmo quando nos parecem bizarras, com freqüência produzem *alguns* resultados positivos, capazes de fomentar nosso conhecimento da Bíblia. Também sinto-me na obrigação de dizer que alguns evangélicos muito conservadores fazem parecer importantes para a fé aquilo que, realmente, não tem importância. Conversei com certo homem que nada sabia sobre o idioma grego, em que foi escrito o Novo Testamento, mas que dizia ter a *certeza* de que não podia haver erros gramaticais no texto, porquanto ele tinha a *certeza* de que a Bíblia não pode conter erros de qualquer espécie! Essa *certeza*, baseada na ignorância, de modo algum é louvável. É triste quando a fé de uma pessoa repousa sobre questões triviais como boa ou má gramática. E ainda é mais lamentável quando o conforto mental de alguém é preservado pela ignorância proposital.

A verdade de Deus nunca fica estagnada, e nem nos é perfeitamente revelada neste lado da existência. Ela chega até nós gradualmente, e de várias maneiras. Descobrir a verdade é uma aventura excitante, pois precisamos investigá-la sob muitos ângulos diversos. Também tenho observado que quanto mais sábios nos tornamos, mais otimistas ficamos, e mais respeitamos e confiamos na missão do Logos, Jesus Cristo. Não precisamos de um arcabouço literário perfeito para dispormos de uma boa apreciação da grandeza do plano divino em favor dos homens. Há uma profunda verdade naquela declaração que diz: «Precisamos de mais fé, e de menos crença». É mediante essa fé mais profunda que nosso espírito avança para mais perto de Deus. E, à medida que avançamos, mais percebemos e desejamos a sua luz.

8. *Bibliografia*. AM BUL E GRAN GT GU HAH ID NTI ME MO PF TEN YA YO Z

*A Ti, Alma Eterna, seja louvor!*
*Quem, de dias antigos, até nossos,*
*Através das almas de santos e profetas, Senhor,*
*Tem mandado tua Luz, teu Amor,*
*— Tua Palavra —*

## CRÍTICA DE FORMA

Ver o artigo sobre **Crítica da Bíblia**, quarto ponto.

## CRÍTICA DE TEXTO

Ver sobre os **Manuscritos Bíblicos**.

## CRÍTICA HISTÓRICA

Ver o artigo geral sobre **Crítica da Bíblia**.

## CRÍTICA LITERÁRIA

Ver **Crítica da Bíblia**.

## CRITICISMO

Essa palavra deriva-se do verbo grego **krinein**, «julgar», «ajuizar», «discernir». O termo é usado nos campos da filosofia, da teologia e da ética.

1. *Na Filosofia*. Esse vocábulo é aplicado à filosofia de Emanuel Kant (que vide), conforme se vê em suas obras *Critique of Pure Reason*, *Critique of Practical Reason* e *Critique of Judgment*. O seu objetivo era investigar a natureza e os limites do entendimento humano. De modo geral, o termo aplica-se ao uso de um juízo discriminador, de uma avaliação das atividades filosóficas.

2. *Na Teologia e na Religião*. Ali o termo é usado para referir-se à *alta crítica*, isto é, o exame cuidadoso de idéias e documentos, na busca por informações sobre questões como autoria, data, proveniência, problemas especiais, etc., ou seja, qualquer coisa que esteja fora do próprio texto, os manuscritos que estão por detrás das traduções. Esse tipo de estudo também é chamado, embora impropriamente, de *introdução*. O título «alta crítica», por si mesmo é neutro. Pode indicar resultados positivos ou negativos. Visto que a

alta crítica alemã afirmava muitas coisas contrárias à posição dos teólogos conservadores, bem como algumas coisas contrárias ao bom senso e à verdade, a expressão «alta crítica» absorveu uma conotação negativa, para muitas pessoas. A «baixa crítica», por sua vez, é o estudo dos manuscritos antigos, a fim de ser estabelecido o original mais próximo possível, o qual é traduzido para outros idiomas que não sejam o hebraico e o grego. Ver o artigo separado sobre a *Crítica Bíblica*.

3. *Na Ética*. O termo «criticismo» tem sido usado com freqüência para indicar as atitudes censuradoras e as declarações que degradam, desmoralizam e, com freqüência, críticas injustas a outras pessoas. — A isso pode dar-se simplesmente o título de julgamento. Essa prática é condenada em Mat. 7:1 *ss* e Rom. 2:1 *ss*. Porém, nenhuma outra atitude errada é mais comum na Igreja cristã do que isso, sem importar se estamos pensando nas denominações evangélicas ou nos membros individuais das igrejas evangélicas.

## CRÍTICOS DE JESUS

João 8:46: *Quem dentre vós me convence de pecado? Se digo a verdade, por que não me credes?*

1. Para aqueles que defendem a total abstinência de bebidas alcoólicas, parece suspeito o ato de Jesus, que criou vinho da água. Outros vêem nele apenas um revolucionário, quando se utilizou de açoites contra os cambistas que infestavam o templo. Ainda outros pensam que os evangelhos simplesmente exageraram o quadro de santidade que pintam sobre Jesus.

2. Se Jesus reivindicou divindade para si mesmo, então, conforme asseveram alguns, ele foi um homem blasfemo, no dizer de certos teólogos modernos.

3. Mais basicamente ainda, alguns têm pensado que o ideal de Jesus quanto ao homem—não-violento, humilde, submisso—apenas degrada o ser humano. Muitos outros têm pensado que seu código ético é impraticável.

Alguns incrédulos têm ido tão longe que asseguram que Jesus nos guia erradamente. Assim é que Nietzsche declarou: «...ter vinculado o N.T. juntamente com o A.T., formando um único volume, é talvez a *maior audácia e pecado* contra o Espírito que a Europa, literariamente, tem contra a sua própria consciência». (*Beyond Good and Evil*, Edinburg: T.N. Foulis, 1909, pág. 71). E Freud asseverou: «O que o mundo chama de seu código de moral requer mais sacrifício do que vale a pena, e a sua conduta não é ditada nem pela honestidade e nem é estabelecida pela sabedoria». (*Introductory Lectures on Psycho-Analysis*, Londres: George Allen and Unwin, 1923, pág. 362).

As virtudes de Cristo são desprezadas por alguns, como Nietzsche, o qual afirmou que as suas *virtudes* nem virtudes são, mas antes, são fraquezas, enfermidades, estúpidas repressões, uma espécie de *moralidade escrava*. Acreditava esse filósofo que Cristo equivocou-se ao defender os fracos e os idosos, ao procurar reprimir as paixões humanas. Pois dessa maneira, segundo ele, a fraqueza se transmuta em mérito; a covardia dos caracteres fracos se transforma em «paciência», e a vingança justa é destruída pelo espírito de *perdão*. E o resultado de tudo isso, ainda segundo o mesmo pensador, é que «...o cristão europeu é um anão, uma espécie quase cômica...de tal modo que parece que alguma vontade isolada tem governado a Europa durante dezoito séculos, a fim de fazer um sublime aborto do homem...» (*Beyond Good and Evil*, pág. 84).

Observemos, no entanto, o que sucede aos homens, quando se afastam de Deus. Todavia, é possível que Nietzsche preferisse uma Europa sob o tacão de Hitler do que uma Europa sob o jugo suave de Cristo. «As bestialidades e as inacreditáveis enormidades que têm surgido (entre os homens que rejeitam a Cristo) têm chocado e envergonhado a todos nós, mostrando-nos o quanto devemos a ele (Cristo)». (Arthur John Gossip em João 8:46).

O desafio lançado pelo Senhor Jesus foi muito ousado; mas, através dos séculos, tem permanecido de pé e tem satisfeito a muitos.

### Jesus era incomparável

1. Se nos referimos ao poder de sua vida, aqui vivida então, e à sua influência permanente, quem pode comparar-se com Jesus?

2. Porém, sua excelência moral era mais notável que seus milagres, pois ele mesmo era um milagre espiritual e moral. Sócrates foi um exemplar de excelência moral, em confronto com seus contemporâneos, mas ficamos chocados diante de certas permissividades éticas que ele manifestou. Maomé exibia um espírito fervoroso de espiritualidade, que chega a impressionar; porém, em seus anos finais de vida—degenerou perigosamente.

3. Jesus afirmou que quando fosse levantado, atrairia a si mesmo *todos* os homens (João 12:32). Nada se tem podido dizer, nem nada tem sido registrado na história, quer de natureza político social quer de natureza religioso moral, que tenha diminuído a importância de suas reivindicações. Ele era a encarnação do Logos divino, e, em sua humanidade, destituída de pecado, embora tivesse tido a necessidade de aprender como homem, mediante a obediência ao Pai (ver Heb. 5:7 *ss*; ver Fil. 2:7 quanto à *humanidade* de Cristo).

## CROÇA

Esse é o nome do cajado pastoral de um bispo católico romano. Simboliza sua jurisdição episcopal e seu ofício pastoral. Tem a forma típica de um cajado de pastor, com uma das extremidades recurva.

## CROCE, BENEDETTO

Suas datas foram 1866-1952. Filósofo italiano, nascido em Pescasseroli. Fixou residência em Nápolis. Foi historiador e crítico de arte. Não ocupou postos acadêmicos, mas fundou um jornal, *La Critica*. Serviu como senador, membro do gabinete italiano e ministro da educação. Mas, durante o período do fascismo, de Benito Mussolini, separou-se da vida pública.

**Idéias:**

1. A filosofia e a história não podem ser divorciadas uma da outra, pois ambas estudam o desenvolvimento do espírito. A filosofia do espírito está envolvida nas disciplinas da estética, da lógica, da economia e da ética.

2. Na estética, o âmago é formado pela individualidade e pela liberdade. Os artistas possuem uma função intuitiva que os capacita a perceber a essência da realidade, e suas obras de arte provocam nos contempladores a mesma reação. A individualidade de cada um é retratada e cultivada nas formas de arte. A própria linguagem é uma expressão estética.

3. A lógica é a esfera da verdade universal. Mas Croce estava interessado, não nos universais abstratos, e, sim, nos universais concretos, e como estes conferem-nos discernimento quanto à natureza das

coisas reais.

4. A economia é a esfera da experiência prática, controlada pelo critério da utilidade. A lei é uma utilidade social, ajustando-se às categorias do instrumental e do econômico.

5. A ética é a esfera da experiência prática, que diz respeito ao universal. Abarca a consciência do espírito, como um todo. Com base nisso, podemos derivar certo senso de dever, que ultrapassa as inclinações individuais.

Essas disciplinas, em seu conjunto, expressam o espírito. As descrições dessas disciplinas constituem a filosofia. O espírito é universal e individualizado de pessoa para pessoa.

*Obras*: *Philosophy of Spirit; Philosophy of the Practical; History, its Theory and Practice; The Essence of Aesthetic; Politics and Morals; Poetry; History as the Story of Liberty; My Philosophy*. (AM P)

## CROCODILO

Essa palavra não é usada em muitas traduções, embora muitos pensem que a palavra esteja em foco em Jó 41:1, onde o original hebraico diz *leviatã* (embora nossa versão portuguesa diga ali «crocodilo», talvez seguindo a *Revised Standard Version*, em inglês). É provável que esteja em foco o crocodilo do rio Nilo. Que esse animal está em foco é deduzido com base nos hábitos mencionados, como o fato de que é difícil de ser morto, que seu couro é duro e quase impenetrável, que suas costas contam com escamas, que ele faz o fundo do rio borbulhar como uma panela que ferve, etc., coisas essas que aparecem em Jó 41:7,13,15,26 e 31. Na antiguidade, esse animal era encontrado em toda a extensão do rio Nilo. Mas a caça ao mesmo reduziu em muito a área de seu habitat. Outras regiões, conhecidas pelo povo de Israel, também dispunham de crocodilos. Por essa razão, antes e depois do êxodo, os israelitas tinham consciência da existência deles. Alguns supõem que o «crocodilo» também esteja em foco no trecho de Eze. 29:3 *ss*. (o que é refletido em nossa versão portuguesa). Mas outros estudiosos preferem pensar no «dragão», uma figura simbólica de Faraó. Em Levítico 11:39 algumas traduções dizem «crocodilo da terra» (o que também se dá com a nossa versão portuguesa). De acordo com as leis levíticas, os répteis eram imundos, impróprios para o consumo humano. O crocodilo pode ser chamado de «grande lagarto», não sendo franqueado à alimentação humana. As dimensões médias do crocodilo, no Oriente Próximo, em nossos dias, são menores que na antiguidade; porém, mesmo na atualidade podem atingir cinco metros, pesando uma tonelada. Esse réptil é carnívoro, alimentando-se de insetos e de toda a espécie de presas. Algumas vezes, tornam-se comedores de seres humanos.

## CROMWELL, OLIVER

Suas datas foram 1599-1658. Nasceu em Untingdon, na Inglaterra. Estudou na escola de gramática dirigida pelo puritano Thomas Beard, bem como no Sidney Essex College, de Cambridge. Foi membro do parlamento inglês, de 1640 a 1649. Simpatizava com os puritanos, e era hostil aos bispos e ao clero anglicanos. Foi um hábil líder militar, cujo exército derrotou as tropas de Carlos I. Tornou-se protetor do reino, entre 1653 e 1658, e, através de sua influência, foi decretada a tolerância religiosa na Inglaterra para todos, excetuando os católicos romanos, os anglicanos e as seitas extremistas. Cromwell tentou estabelecer uma igreja nacional inglesa. Era calvinista em seus dogmas, e mostrou-se muito influente no estabelecimento do *congregacionalismo* (que vide).

## CRÔNICAS DOS VIDENTES

Algumas traduções, como a nossa versão portuguesa, dizem em II Crônicas 33:19, em vez dessa expressão, «história escrita por Hozai». Está em pauta algum livro ou registro, onde ficaram registrados por escrito a oração de Manassés, a sua pecaminosidade e os seus atos de impiedade. Contudo, a palavra «Hozai», poderia ser um nome próprio, referindo-se ao autor do livro antigo que continha essas crônicas, da mesma forma que Isaías registrou os atos e as obras de Ezequias (II Crô. 32:32). Outros estudiosos preferem entender «Hozai» como «videntes». Nesse caso, estariam em foco os profetas que estiveram envolvidos no reinado de Manassés, em várias ocupações.

## CRÔNICAS, LIVROS DE

*Esboço*:

1. Declaração Geral
2. O Título
3. Autoria
4. Data
5. Autenticidade Histórica
6. Fontes Literárias
7. Motivo e Propósito
8. Filosofia e Teologia
9. Canonicidade
10. Alguns Problemas
11. Conteúdo
12. Bibliografia

### 1. Declaração Geral

I e II Crônicas são livros históricos do Antigo Testamento, contidos na terceira e última divisão do cânon hebraico (que vide), *os Escritos e os Hagiógrafos* (que vide). Originalmente, esses livros formavam um único volume. Esses livros narram desde Adão até Ciro (538 A.C.), dando atenção especial a Davi (que vide) e aos reis subseqüentes de Judá. Essas obras têm sinais de ser uma revisão de livros anteriores e canônicos do Antigo Testamento, sobretudo com base em I e II Samuel e I e II Reis (que vide), de acordo com os interesses e idéias do autor. O autor exibe um interesse especial pelo templo de Jerusalém (que vide), com sua adoração e ritos. Ele também demonstrou um interesse especial pela doutrina da retribuição divina. A tradição judaica atribui a obra desses dois livros a Esdras (que vide); mas muitos eruditos modernos supõem que os mesmos pertencem a um período posterior, isto é, à primeira metade do século III A.C., de autoria do mesmo autor que escreveu os livros de Esdras e Neemias (que vide). Se Esdras viveu na primeira metade do século IV A.C., entretanto, não é impossível que ele tivesse sido, realmente, o autor sagrado. Além de usar os livros canônicos históricos como fontes informativas (Gênesis a II Reis), parece que outras fontes também foram usadas. O valor especial dos livros de Crônicas reside nas explicações e avaliações feitas pelo autor sagrado acerca das idéias e instituições do judaísmo de sua época. Alguns estudiosos supõem que esses livros são suplementares, escritos no espírito dos escritos sacerdotais, *P.(S.)*, embora representam um estágio posterior dos mesmos. Ver o artigo sobre as fontes informativas do

*Pentateuco.*

**2. O Título.** O título «Crônicas» foi usado pela primeira vez já nos fins do século IV D.C., em seu equivalente latino, por Jerônimo (que vide). A LXX, a versão grega do Antigo Testamento, compilada no século II A.C., emprega o nome *Paralipomena*, que significa «coisas omitidas», a saber, omitidas de outros livros do Antigo Testamento, e que o autor sagrado desejava suprir. O nome hebraico desses livros é *Dibre Hayamim*, que significa «anais» ou «história». Nas Bíblias grega e latina e na maioria dos idiomas hebraicos, os livros de Crônicas aparecem entre os livros de Reis e de Esdras, ou entre os livros de Esdras e Neemias. Porém, na Bíblia hebraica, aparecem no fim dessa coletânea. Originalmente, eles eram um único volume. A divisão retrocede até à LXX, o que não foi adotado na Bíblia hebraica senão já na Idade Média. Entretanto, não há qualquer evidência de que, originalmente, os livros de Crônicas e Esdras-Neemias formavam um único volume.

**3. Autoria.** A tradição judaica atribui os livros de Crônicas a Esdras, ao escriba que é personagem nos livros de Esdras e Neemias (Esd. 7:6). A tradição talmúdica (Baba Bathra 15a) confirma essa opinião. O trecho de II Macabeus 2:13-15 indica que Neemias reuniu uma extensa biblioteca (que vide), a qual, provavelmente, esteve à disposição de Esdras, para usá-la como fonte informativa. O relato de Esdras-Neemias cobre aproximadamente o primeiro século do estado judeu restaurado, após o retorno do exílio babilônico em 539 A.C., aludindo, principalmente, às atividades de Esdras e Neemias, após uma breve narrativa sobre o retorno dos judeus e a reconstrução do templo de Jerusalém. É bem provável que Esdras tenha sido o autor de ambos esses livros. Também é possível que ele tenha sentido que um relato atualizado da história de Israel seria útil para conscientizar a sua geração sobre a importância do templo e da tradição judaica em geral. Os livros de Crônicas, segundo parece, resultam desse desejo. O elo entre o final dos livros de Crônicas e o começo do livro de Esdras, bem como a similaridade de ponto de vista desses livros, sugere que eles formam uma unidade; e isso, por sua vez, sugere uma autoria única. Adições de natureza histórica, muito tardias para Esdras, podem ser explicadas como obra de escribas posteriores, os quais atualizaram os livros. Assim, nas genealogias, em I Crô. 3:19-25, os nomes dos descendentes de Zorobabel, até à sexta geração (na LXX, até à décima primeira geração), e a lista dos sumos sacerdotes, em Nee. 12:22, continuam até Jadua que, conforme Josefo explica, viveu na época de Alexandre, o Grande, tendo falecido em 333 A.C., o que ultrapassa à época de Esdras, pelo que deve representar essas adições às quais acabamos de nos referir. Em favor da autoria de Esdras temos igualmente o fato de que nenhum dentre os demais nomes sugeridos adapta-se tão bem aos fatos, como um todo, como o nome de Esdras.

**4. Data.** Esdras retornou a Jerusalém em 457 A.C. O templo de Jerusalém foi reconstruído em 520-515 A.C., mas a lassidão geral prevalecia no tocante à observância apropriada das instituições judaicas. Portanto, Esdras anelava por melhorar a situação. Neemias retornou à Palestina em 444 A.C., e, novamente, em 432 A.C., como governador do novel estado judaico, provendo a liderança necessária no tocante à reconstrução das muralhas da cidade. Provavelmente, foi durante esse período de ajustamento e reorientação que Esdras escreveu os dois livros de Crônicas. O arqueólogo W.F. Albright defendeu a autoria de Esdras, datando a escrita desses livros entre 400 e 350 A.C. Porém, alguns estudiosos pensam em uma data tão tardia quanto 250 A.C., supondo que escribas posteriores fizeram uma compilação, incluindo algum material que, obviamente, dizia respeito a um período posterior ao de Esdras. Porém, esse material pode ser justificado como adições feitas por escribas posteriores, com o intuito de atualizar a obra.

**5. Autenticidade Histórica.** O autor sagrado aventura-se a incluir material ainda não contido nos livros canônicos anteriores do Antigo Testamento. Os críticos têm posto em dúvida a historicidade desse material adicional. Todavia, W.F. Albright dá-nos a seguinte garantia: «Os livros de Crônicas contêm grande quantidade de material que aborda a história de Judá, e que não se encontra nos livros dos Reis e... o valor histórico desse material original está sendo confirmado pelas descobertas arqueológicas» (*Bulletin Am. School of Oriental Research* 100, 1945, pág. 18). É verdade que o autor sagrado usou muitas fontes informativas (ver o ponto sexto, abaixo), mas parece que ele se mostrou cuidadoso na seleção que fez. Acresça-se a isso que é bom lembrar que os hebreus eram muito sensíveis à história, e que pelo menos desde 1000 A.C. em diante, os relatos apresentados por ele têm sido achados bastante exatos.

**6. Fontes Informativas Literárias.** O próprio autor sagrado refere-se a vários escritos que contêm novas informações sobre a história de Israel; e, apesar de não afirmar especificamente que se utilizou deles, isso é o que se pode deduzir. Os livros de Crônicas distinguem-se por serem as obras do Antigo Testamento que mais alusões fazem a fontes externas aos livros sagrados.

Muitas dessas fontes informativas estão agora perdidas.

*As Fontes Informativas*:

1. *Registros oficiais*, talvez existentes na biblioteca de Neemias, incluindo outros livros do Antigo Testamento:
   a. A história do Rei Davi (I Crô. 27:24).
   b. Os livros canônicos dos Reis (II Crô. 16:11; 25:26; 27:7; 28:26; 32:27; 35:27 e 36:8).
   c. O livro da história dos reis (II Crô. 24:27).
   d. A prescrição de Davi, rei de Israel, e a de Salomão, seu filho (II Crô. 35:4).
2. *Escritos e registros proféticos*:
   a. Samuel (I Crô. 29:29).
   b. Natã (I Crô. 29:29 e II Crô. 9:29).
   c. Gade (I Crô. 21:9).
   d. Ido (II Crô. 9:29; 12:15 e 13:22).
   e. Aías (II Crô. 9:29).
   f. Semaías (II Crô. 20:34).
   g. Jeú, filho de Hanani (II Crô. 12:15).
   h. Isaías (II Crô. 26:22; 32:32).
   i. Hozai (II Crô. 33:19).
3. *Diversas outras fontes*. Listas genealógicas e documentos oficiais (II Crô. 32:10-15); as cartas de Senaqueribe (II Crô. 32:10-15); as palavras de Asafe e Davi (II Crô. 29:30); o documento com planos para a construção do templo de Jerusalém (I Crô. 28:19). Essas fontes informativas não são, necessariamente, todas elas, documentos separados. Além dos escritos canônicos do Antigo Testamento, que contêm a essência da mensagem dos profetas, também há um número regular de escritos que lhes são semelhantes, mas que nunca fizeram parte do cânon do Antigo Testamento.

**7. Motivos e Propósitos.** Esdras já vinha atuando

ativamente em Jerusalém, como mestre da lei, por mais de uma década, antes que Neemias chegasse como governador, em 444 A.C. A obra de Neemias renovou os interesses espirituais do povo judeu, o que pode ter sido aproveitado por Esdras como a ocasião apropriada para reforçar esse avanço, pondo em dia os escritos históricos de Israel. Se o povo judeu adquirisse maior orgulho a respeito de sua história e de suas tradições religiosas, sentir-se-ia mais fortalecido em uma época de renovação. Alianças foram renovadas, as festas religiosas foram celebradas (Nee. 8-10). O livro não declara especificamente o seu propósito; mas, com base em seu conteúdo, podemos obter uma boa idéia sobre esse propósito. O autor sagrado não queria meramente repetir a história. Ele não apresentou fatos, deixando muitos deles sem serem mencionados. Porém, por detrás dessa sua nova narração da história, ele tinha um certo propósito teológico e filosófico. Por exemplo, ao descrever o reinado de Davi, ele demonstrou a supremacia militar e os interesses religiosos desse grande rei de Israel. Ele relatou, com abundância de detalhes, as coisas que Davi realizou, como se estivesse dizendo obviamente ao povo: «É chegado o tempo de restaurar as coisas, em consonância com o estilo davídico». Ele retratou Salomão sob luzes favoráveis, visto que foi Salomão quem construiu o templo de Jerusalém. Sem dúvida é significativo que a apostasia de Salomão, tão cuidadosamente delineada no décimo primeiro capítulo de I Reis, seja inteiramente omitida nas Crônicas. É que o autor sagrado queria projetar um exemplo positivo, que pudesse ser seguido; e ele não queria obscurecer esse ponto, narrando os aspectos negativos do relato. E o autor sagrado usou do mesmo esquema ao relatar os atos de outros reis. As virtudes deles foram enfatizadas, para que pudessem servir de bons exemplos.

**8. Filosofia e Teologia.** A fim de transmitir a sua mensagem, o autor sagrado teve a inspiração de apresentar pontos de vista e propósitos específicos. Ele tinha uma certa filosofia a comunicar.

a. *A lei da colheita segundo a semeadura.* Deus ocupa-se da retribuição, de uma maneira ativa. A história não é algo que meramente acontece. Há uma reconhecida relação entre causas e efeitos, e essas causas e efeitos estão baseados em condições morais. O vigésimo primeiro capítulo de II Reis, que é a base de II Crônicas 33, diz muita coisa má a respeito de Manassés. Porém, nas mãos do autor sagrado dos livros de Crônicas, esses atos errados não foram relatados, porquanto isso seria incompatível com o longo e pacífico reinado de Manassés. E ele também teve o cuidado de narrar o exílio e o arrependimento de Manassés, mostrando como ele retornou a Israel a fim de levar uma vida caracterizada pela piedade (II Crô. 33:11-13).

b. *A questão da autoridade.* A fim de que a vontade de Deus seja cumprida entre o povo, é mister que haja uma autoridade apropriada, estabelecida entre os homens, com líderes legítimos. Os primeiros 405 versículos dos livros de Crônicas enfatizam esse tema.

c. *O Davidismo.* Davi é o grande herói que o autor sagrado pinta com cores brilhantes, a fim de que ele pudesse ser o grande exemplo heróico para o povo judeu seguir. As questões éticas sempre foram importantes. O autor sagrado diz que Davi traçou planos cuidadosos para a construção do templo, algo que não é revelado em outras fontes informativas. No entanto, isso era importante para o propósito do autor sagrado. Ele precisava de exemplos claros sobre o uso apropriado do templo e de seus rituais. Davi e Salomão servem de exemplo sobre a preocupação apropriada a respeito dessas coisas. Precisamos estar interessados em cumprir a vontade de Deus.

d. *Uma ênfase exclusiva.* Os lances mais antigos do Antigo Testamento, como a história dos patriarcas, o êxodo, a conquista da Palestina, etc., quase não são mencionados. Isso se harmoniza com o propósito do autor sagrado de salientar o templo de Jerusalém. Por essa razão, a sua narrativa não é proporcional, e, quanto a esse aspecto, deixou de ser história, para tornar-se muito mais uma crônica. Poderíamos chamar essa narrativa de história *selecionada*, compilada para servir a um propósito religioso e prático. Alguns eruditos fazem objeção a essa distorção, acusando o autor sagrado de ter querido reescrever a história. Porém, parece melhor supormos que essa porção do livro não tinha o propósito específico de ser história, no seu sentido comum. Há porções dos livros de Crônicas que são mais tratados religiosos, historicamente baseados.

**9. Canonicidade.** Desde que se completou o cânon do Antigo Testamento ou Bíblia hebraica (que vide), os livros de Crônicas foram incluídos. Esses livros foram incluídos por Josefo dentro dos vinte e dois livros de que consistia o cânon hebreu. Mas então a arrumação dos livros era outra, e esse número correspondia aos nossos mesmos trinta e nove livros. Segundo se pode depreender de seus escritos, parece que Josefo acreditava que o cânon do Antigo Testamento completou-se por volta de 400 A.C. Os livros de Crônicas ficavam dentro da classe dos *Escritos*, a terceira divisão do cânon hebraico. Aparecem em último lugar dentro da coletânea da Bíblia hebraica original; mas isso parece estar de acordo com um arranjo histórico, não servindo de indicação de prioridade canônica. Quanto a maiores detalhes sobre a questão ver o artigo sobre o *Cânon do Antigo Testamento*.

**10. Alguns Problemas:**

a. A questão da data e da autoria é criada pelo problema que cerca o trecho de I Crô. 3:19-24, bem como a lista dos sumos sacerdotes, em Neemias 12:22. Ambas as passagens ultrapassam da época de Esdras. Podemos encarar isso como indicação de que os livros foram escritos após a época de Esdras ou então como indicação de que a obra original foi expandida por escribas posteriores. Ver a discussão sob *Data* e sobre *Autoria*.

b. Alguns críticos não se satisfazem com a implicação dos livros de Crônicas de que Davi fez todos os planos relativos ao templo de Jerusalém e estabeleceu as guildas de cantores. Esses supõem que isso promove uma espécie de davidismo, segundo o qual Davi seria manipulado como uma espécie de herói, a fim de inspirar o povo a interessar-se pelo templo e seu ritual. Porém, o arqueólogo W.F. Albright descobriu evidências em prol da assertiva de que essas guildas musicais não somente remontam aos dias de Davi, mas até mesmo aos tempos dos cananeus, muito antes da época de Davi (*The Old Testament and Archeology*, conforme citado por Alleman e Flack, em *Old Testament Commentary*, pág. 63). E há fontes informativas egípcias que se referem a músicos cananeus durante o segundo milênio A.C.; e os fundadores das guildas musicais, nos registros do Antigo Testamento, têm nomes cananeus.

c. *Novos informes históricos.* Nos pontos onde os livros de Crônicas vão além da história canônica do Antigo Testamento, têm sido levantadas algumas

dúvidas. Sobre tais questões, entretanto, Albright afirma que as descobertas arqueológicas têm confirmado coerentemente a historicidade do livro de Crônicas. Ver o quinto ponto, sobre *Autenticidade Histórica*.

**11. Conteúdo:**

I. *Genealogias de Adão a Saul* - I Crô. 1:1-9:44.
1. De Adão a Noé, 1:1-4.
2. Dos filhos de Noé a Jacó e Esaú, 1:5-54.
3. Os filhos de Jacó, 2:1-9:44.
a. Judá, a linhagem real, 2:1-4:23.
b. Outras tribos, 4:24-8:40.
c. Levi, 6:1-81.
d. Oficiais do templo, 9:1-34.
e. Saul, 9:35-44.

II. *Davi, o Grande Exemplo* — I Crô. 10:1-29:30.
1. Morte de Saul, 10:1-14.
2. A captura de Sião e os guerreiros de Davi, 11:1-12:40.
3. Davi como rei, 13:1-22:1.
4. Contribuição de Davi para o templo, 22:1-29:30.

III. *História de Salomão* — II Crô. 1:1-9:31.
1. Sua prosperidade, 1:1-17.
2. Construção do templo, 2:1-7:22.
3. Sua obra e sua morte, 8:1-9:31.

IV. *Os Reis de Judá* — 10:1-36:23.
1. De Reoboão a Zedequias, 10:1-36:21.
2. O decreto de Ciro, o exílio e o retorno, 36:22,23.

12. *Bibliografia*.ALBR AM BRI IB KEI ND ROW Z

## CRONISTA

No hebraico significa **alguém que faz lembrar.** Ocupava importante função oficial em Israel, como arauto. O cronista era um dos diversos importantes oficiais da corte real de Israel. (Quanto aos nomes dos outros, ver em II Sam. 8:16-18 e I Crô. 18:14-17; II Sam. 20:23-26; I Reis 4:1-6). Embora os termos hebraicos ocorram por nove vezes, os deveres exigidos do cronista nunca são mencionados na Bíblia. Se o termo «cronista» descreve o ofício, então ele deve ter estado ligado ao registro dos eventos oficiais da nação. Contudo, essa tarefa parece ter sido função do escriba real. Uma outra possibilidade é que ele era um oficial vocal, uma espécie de relações públicas do governo. Esse parece ter sido o caso de Joá, filho de Asafe, um cronista durante o reinado de Ezequias. Juntamente com dois outros oficiais, ele representou o rei Ezequias nas negociações com o Rabsaqué que representava Senaqueribe, rei da Assíria (II Reis 18:18,37; Isa. 36:3,22). Um outro Joá, filho de Joacaz, foi cronista durante o reinado de Josias (II Crô. 34:8). Juntamente com Safã e Maaséias, ele foi delegado para pagar os trabalhadores que repararam o templo, durante a reforma do mesmo. Finalmente, Josafá foi o cronista durante os reinados de Davi e Salomão, embora a natureza de seu ofício não seja indicada (II Sam. 8:16; 20:24; I Reis 4:3; I Crô. 18:15). A menção dos cronistas, desde Davi a Josias, indica que o ofício prosseguiu até o fim da monarquia.

## CRONOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO

*Esboço*:

I. Definição e Declaração Geral
II. Alguns Métodos Usados nas Datas
III. Problemas Comuns da Cronologia
IV. Metodologia
V. Períodos Bíblicos Específicos
VI. Cronologia Literária
VII. Gráficos Históricos e Literários

### I. Definição e Declaração Geral

A cronologia é a ciência que nos permite fixar datas, arranjando o tempo passado em períodos ou divisões, além de situar os locais dos eventos nos lugares certos, dentro desse arranjo. Os cronologistas dão a entender que há dois tipos principais de fixação de datas: a. *Fixação relativa*: Os períodos e os eventos são postos em *relação* a uma seqüência estabelecida, mostrando que alguns eventos são anteriores ou posteriores a outros, embora sem qualquer tentativa específica de determinar datas exatas. Os eventos ou períodos que ocorrem ao mesmo tempo são chamados *sincrônicos*. Mas os eventos ou períodos que ocorrem em tempos diferentes são chamados *discrônicos*. b. *Fixação cronométrica*: Essa forma de fixação de datas apresenta datas exatas ou aproximadas, ou então apresenta um período dentro do qual certos eventos tiveram lugar, como de 12.000 até 10.000 A.C. Esse segundo método é o grande alvo dos historiadores; mas, com freqüência, é impraticável.

### II. Alguns Métodos Usados nas Datas

a. *Paralelos históricos e literários*. Algumas vezes, uma data exata ou aproximada pode ser estabelecida relacionando-se a mesma a um outro evento histórico mencionado na literatura, que ocorreu na mesma época. Ver exemplos acerca desses paralelos em Lucas 2:1 e 3:1.

b. *Referências astronômicas*. Os astrônomos são capazes de datar qualquer acontecimento astronômico do passado; e, se houver referências literárias a esse acontecimento, então pode-se determinar uma data exata. O trecho de Mateus 2:2, onde é aludida a estrela de Belém, talvez uma alusão a uma rara conjunção de planetas, nos fornece uma data aproximada para o nascimento de Cristo.

c. *Registros históricos paralelos*. Os povos antigos conservavam registros históricos. E, apesar de que usualmente eram repletos de inexatidões, eles nos provêem muito material para a fixação de datas.

d. *Fixação do tempo pelo método do carbono* 14. Esse método mede o carbono 14 restante em qualquer matéria que fora viva. É que o carbono 14 vai decrescendo em quantidade em qualquer organismo animal ou vegetal, após a morte do mesmo, de uma maneira uniforme. O nível de carbono 14 restante, em qualquer objeto animal ou vegetal, encontrado pela arqueologia, pode ser comparado com o nível do mesmo animal ou vegetal vivo, o que nos fornece uma data aproximada de sua morte. Esse método pode estabelecer datas com bastante acurácia até cerca de sessenta mil anos. Após isso a mostragem do tempo torna-se *mais curta* do que realmente se passou. Ver o artigo separado sobre essa fixação de datas pelo método do *Carbono* 14, quanto a uma declaração mais detalhada e informativa.

e. *Fixação do tempo pelo método do potássio argônio*. Esse sistema pode fixar a antiguidade das coisas que ultrapassam o alcance do método do carbono 14. Tal método alicerça-se sobre a perda de radioatividade do potácio 40 em cálcio 40, e daí, para o argônio 40, utilizando proporções conhecidas em termos de taxas conhecidas de transformação. Esse método pode retroceder um milhão de anos de forma bastante exata. E as datas ainda mais antigas, estabelecidas de acordo com esse método, provavelmente não erram muito da realidade. A perda de

radioatividade nos meteoritos sugere que o nosso sistema solar foi formado há cerca de 4.700.000.000 de anos atrás.

f. *Termoluminiscência*. Esse método tem sido usado para se datar objetos de cerâmica. Quando um objeto de argila é aquecido ao rubro em um forno, cada eléctron volta a uma posição estável e emite uma luz que pode ser fotografada. Se um fragmento antigo de cerâmica for reaquecido em laboratório, pequenas quantidades de luz serão emitidas pelo fragmento. Essa quantidade de termoluminiscência indicará quanta perda de radiação foi sofrida por cada eléctron. Portanto, a quantidade de termoluminiscência serve de medida do tempo que se passou desde que a peça de cerâmica foi fabricada. O Museu da Universidade da Pennsylvania, nos Estados Unidos da América, muito tem trabalhado para refinar esse método. O método aprimorado consiste em bombardear a peça de cerâmica para ela ser analisada mediante raios X.

g. *Fixação de datas mediante a obsidiana*. De acordo com esse método é medida a camada de hidrogênio deixada sobre a obsidiana (uma rocha vulcânica vítrea), mediante a absorção de água.

h. *Magnetismo termorremanescente*. O magnetismo remanescente, causado pelo aquecimento (usualmente em um forno), é comparado com a direção e intensidade sempre mutáveis do campo magnético do globo terrestre.

i. *Teste pela fluorina*. Segundo esse método, datas relativas podem ser estabelecidas comparando-se o conteúdo da fluorina restante, em ossos antigos e ossos recentes.

j. *Análise do Pólen*. A identificação e enumeração dos tipos de pólen presentes em um objeto antigo qualquer podem ser comparados com uma escala de tempo, comparando-se esse objeto com outros espécimes de data conhecida.

l. *Camadas de sedimentação*. De conformidade com esse método, as camadas de sedimentos, deixadas pelas geleiras, são contadas e correlacionadas a informes similares, colhidos em outros lugares.

m. *Dendrocronologia*. As árvores contam com anéis de crescimento sobrepostos, resultantes da passagem de épocas específicas. Esse método pode datar árvores com até três mil anos de antiguidade.

**III. Problemas Comuns da Cronologia**

a. *A vasta antiguidade da terra*. Na verdade, a história real da terra é desconhecida. A narrativa sobre Adão fornece-nos um começo recente. Muitos eruditos da Bíblia estão convencidos, através das investigações científicas, de que houve eras pré-adâmicas, completas até com raças pré-adâmicas, que nada têm a ver com a Bíblia, excetuando o ponto que o começo de todas as coisas foi determinado divinamente, nossos métodos de fixação de datas são alistados sob o segundo ponto, acima, fazendo-nos retroceder até quase cinco bilhões de anos, no tocante à antiguidade do nosso sistema solar, e até, pelo menos, dezesseis bilhões de anos, no que concerne ao início do universo. Ver o artigo sobre a *Astronomia*. Por conseguinte, podemos dizer com toda a verdade e certeza que a história de Adão é história relativamente *recente*. Sentimo-nos inteiramente perdidos na incerteza, quando temos de tratar com os primórdios verdadeiramente antigos.

b. *A inexatidão dos registros antigos*. Essa inexatidão deve-se mais à ausência de pontos de referência. Os registros antigos com freqüência estavam mais interessados na simetria do que na exatidão dos registros dos reinados e acontecimentos importantes. Os eventos são algumas vezes mencionados somente em relação a certas dinastias.

c. *Alterações nas inscrições antigas*. Várias inscrições recentemente achadas, provenientes do Egito, segundo se tem descoberto, foram alteradas em algum tempo no passado. Além disso, sabe-se que certos monarcas, por um orgulho estúpido, deixaram alistadas batalhas que eles supostamente venceram, mas nas quais nunca se envolveram. Além disso, certas ocorrências, que realmente tiveram lugar, são exageradas e distorcidas, para satisfazer a soberbia de governantes.

d. *O uso de números redondos*. Lemos que Saul, Davi e Salomão reinaram, cada um, durante quarenta anos. Ora, isso seria uma incrível coincidência. Portanto, podemos pensar em números propositalmente arredondados. Ou, segundo alguns estudiosos pensam, seria uma maneira oriental de expressar longos reinados.

e. *Ausência de calendários exatos e formalizados* (ver sobre *Calendário*). Essa ausência não permitia que os acontecimentos fossem exatamente registrados, no tocante ao tempo. Vários povos contavam suas datas a partir de vários começos históricos, reais ou imaginários. Além disso, a duração dos anos variava de sistema para sistema.

f. *Conflitos de autoridade*. O trecho de II Crônicas 21:20 revela-nos que o rei Jeorão tinha trinta e dois anos de idade quando começou a reinar, tendo morrido após um reinado de oito anos, com a idade de quarenta anos, portanto. Mas o capítulo seguinte (vs. 22), diz-nos que seu filho mais jovem, Acazias, o sucedeu, tendo quarenta e dois anos de idade quando subiu ao trono. Isso significaria que Acazias nasceu dois anos antes de seu pai, e que os seus irmãos mais velhos nasceram antes mesmo disso. O trecho paralelo de II Reis (8:26) fala em vinte e dois anos, e não em quarenta e dois anos. E isso significa que, no original hebraico, a letra *mem* foi escrita, por engano, em lugar da letra *cafe*. No entanto, a Septuaginta fala em vinte anos, não correspondendo nem a quarenta e dois e nem a vinte e dois. Portanto, em algum ponto, houve erros de transcrição, pelo menos. Naturalmente, os harmonizadores só faltam perder a cabeça na tentativa para explicar essas discrepâncias, porquanto não gostam de erros no texto bíblico que perturbem suas teorias de inspiração. Acresça-se a isso que esses erros podem ter sido introduzidos no processo de cópia, através dos séculos. Por essa razão, John Gill, em seu comentário sobre o Antigo Testamento, alista I Crônicas 22:2 como trecho que merecia certa explicação, mas terminou dizendo: «Parece melhor reconhecermos que houve aqui um erro de cópia, que facilmente poderia ter ocorrido, devido à similaridade entre os números quarenta e dois e vinte e dois». Questões cronológicas não envolvem pontos de fé, embora algumas pessoas pensem assim.

g. *Os historiadores antigos*, em contraste com os historiadores modernos, com freqüência não estavam interessados pela exatidão dos registros, esforçando-se apenas por uma narrativa bem organizada, mas permitindo a existência de grandes hiatos de tempo. Mas a falha oposta também era comum. Os reinados de alguns monarcas eram aumentados, quanto ao número de anos, para que fosse obtida uma certa data. Ver o item abaixo.

h. *Os monarcas hebreus*. É bem provável que nenhuma outra cronologia tenha recebido maior atenção, por parte dos eruditos, do que a dos hebreus. Nas narrativas sobre os reinados dos monarcas de Judá e de Israel, a duração de cada reinado foi

registrada com referências cruzadas, dizendo-nos em qual ano do reinado de algum rei de Judá, algum rei de Israel subiu ao trono. Apesar de um esquema assim, a cronologia envolvida está maculada por problemas insolúveis. Para começar, os anos registrados totais dos reis de Judá, até à queda de Samaria, envolvem trinta e um anos a mais que dos reis de Israel, durante o mesmo período, e nenhuma referência cruzada, após os dois primeiros reinados, está rigidamente correta. Os anos que se passaram entre o primeiro e o segundo templos de Jerusalém foram exatamente quatrocentos e oitenta anos. Os anos dos reis de Israel foram de duzentos e quarenta. O período desde a partida de Abraão, de Ur, até o êxodo, foi de quatrocentos e oitenta anos, e do êxodo até o primeiro templo, também foi de quatrocentos e oitenta anos. Notemos como os duzentos e quarenta anos são exatamente a metade de quatrocentos e oitenta. É evidente que os cronistas hebreus estavam procurando atingir a simetria, e não a exatidão, em seus registros históricos. Os estudiosos modernos acreditam que os reinados do período da monarquia foram propositalmente alongados nas narrativas, para que se amoldassem ao período de quatrocentos e oitenta anos, e também que o período do exílio dos hebreus, no Egito, foi alongado, para fazê-lo coincidir com as invasões dos hicsos. Além disso, os tradutores da Septuaginta, quando tomaram conhecimento, através da obra recentemente publicada de Maneto, intitulada *Aegyptiaca* (em cerca de 280 A.C.), de que o rei egípcio, Menes, havia reinado em data ainda mais antiga do que se pensava, — alongaram as vidas dos patriarcas hebreus, para que a história do povo hebreu fosse mais antiga que a dos egípcios. Talvez tivessem feito isso com base na idéia de que a antiguidade envolve uma certa glória. Parece que precisamos reconhecer que os números eram manipulados para obtenção de resultados como simetria, glorificação ou conveniência. Mas não eram considerados importantes para efeito de exatidão. Ora, isso não se adapta à moderna maneira de pensar sobre as coisas. Os critérios mudam com a passagem do tempo, e os critérios antigos não eram os mesmos que usamos. No entanto, declarações como essas não agradam aos harmonizadores, os quais têm a idéia fixa de que a inspiração envolve certos detalhes, como números exatos. Porém, a verdade dos fatos é mais importante do que a harmonia a qualquer preço.

i. *Genealogias*. Os registros genealógicos existentes na Bíblia deixam grandes hiatos de tempo, para efeito de simetria. Basta-nos examinar o trecho de Mateus 1:17, com catorze gerações simétricas em cada grupo: de Abraão a Davi; de Davi ao cativeiro babilônico; e do cativeiro babilônico até o Cristo. Essa simetria forçada provavelmente tinha finalidades mnemônicas, para ajudar a memória dos leitores quanto ao tempo envolvido. Há alguma evidência, nas genealogias do Antigo Testamento, que, às vezes, um homem qualquer, em vez de envolver um só indivíduo, envolvia toda a história de um clã ou de uma tribo, devendo-se pensar em várias gerações, e não em uma somente. Atualmente, os estudiosos admitem que as genealogias representam muito mais tempo do que o resultado obtido pela soma das idades das pessoas envolvidas. Por isso, a erudição bíblica abandonou o método de calcular a passagem do tempo com a ajuda das genealogias. Isso não foi levado em conta pelo bispo Ussher, um dos primeiros estudiosos modernos a lançar mão do método da contagem do tempo através das genealogias bíblicas. Os escritores sagrados não visavam tanto a uma cronologia exata, mas antes, visavam à simetria, para efeito de facilitar a memorização. Ver as notas no NTI, sobre Mateus 1:1, quanto a evidências que confirmam o que acabamos de dizer.

**IV. Metodologia**

**O antigo método de fixação de datas mediante os** números dados nas genealogias bíblicas é extremamente inexato. Isso é assim porque existem hiatos feitos propositalmente com finalidades de simetria; porque certos eventos alistados ocorreram paralelamente, e não consecutivamente; porque um único nome pode representar toda uma linhagem, ou uma tribo, e não uma única pessoa; porque quase certamente houve raças pré-adâmicas que não foram levadas em conta na narrativa de Gênesis, que só se interessa por uma história relativamente recente, isto é, a partir de Adão em diante. Há evidências geológicas de cerca de quatrocentas mudanças dos pólos do globo terrestre. Quando isso sucede, a crosta da terra desliza, os continentes são rearranjados e os oceanos ocupam novas localizações. Isso envolve destruições cataclísmicas, em que tudo quanto há à face do planeta, por assim dizer, tem um novo começo. As duas últimas mudanças de pólos correspondem, a grosso modo, aos relatos atinentes a Adão e a Noé. E isso permite-nos presumir que eles representam *novos começos* na história humana, e não começos absolutos. A maior parte das descobertas arqueológicas, em face das vastas destruições envolvidas nesses eventos cataclísmicos, abarcam somente a história recente, ou seja, o período relatado na Bíblia. Entretanto, há muitos outros períodos, anteriores a esse, que antecedem à nossa era não somente por milhares, mas até mesmo por milhões de anos, e sobre os quais a Bíblia nada nos informa, a não ser, talvez, em termos extremamente vagos, nos nos seus primeiros dois versículos. Isso é assim porque a Bíblia não foi escrita para ensinar-nos a história geológica do mundo, mas para explicar o plano de Deus acerca da humanidade. Pode ter havido, portanto, muitas civilizações irrecuperáveis para os registros históricos, excetuando alguma descoberta ocasional, que não se ajusta ao resto dos fatos conhecidos. Alguns estudiosos chegam a pensar que há alguma evidência material e literária que nos permite imaginar o uso da energia atômica, por civilizações passadas, com a conseqüente destruição das mesmas. Por esses e outros motivos, solicito ao leitor que examine o artigo intitulado os *Antediluvianos*. Esse artigo, além de exibir as evidências que há em prol dessa idéia, aborda o problema da harmonização, da reconciliação e da cronologia, o que não repito neste artigo.

**Métodos Atuais.** Muitos eruditos modernos, além de se escudarem nos dados cronológicos oferecidos na Bíblia, procuram estabelecer ou confirmar datas por meio da arqueologia. Isso nos permite examinar os acontecimentos de muitas civilizações que não são mencionadas na Bíblia—não necessariamente anteriores a Adão—mas que nos ajudam a estabelecer melhor as datas. Assim, têm sido encontradas muitas inscrições antigas onde são mencionados nomes e lugares referidos na Bíblia. A partir de 620 A.C., há um arcabouço cronológico que nos é provido pelo cânon de Ptolomeu, além de outras fontes informativas clássicas, como os escritos de Meneto. Acrescente-se a isso os tabletes e inscrições da Babilônia. Antes mesmo desses, temos os registros assírios. Certo eclipse do sol, mencionado em antigas fontes literárias, e que agora sabemos ter ocorrido a 15 de junho de 763 A.C., fornece-nos um meio de fixar datas para eventos de antes e de depois desse eclipse. Assim, há as listas de reis da Assíria que nos fazem

recuar até cerca de 2000 A.C., sem falar em listas de reis babilônicos, similares. Não há que duvidar que essas listas envolvem inexatidões e manipulações, tal como se dá no caso das listas dos reis hebreus, mas, pelo menos, através dessas fontes, podemos obter uma idéia geral da cronologia de períodos até dois milênios A.C. As fontes informativas egípcias ajudam-nos a estabelecer datas desde 1200 até 2100 A.C. Essas fontes incluem listas de reis, registros sobre alguns fenômenos astronômicos, mediante os quais alguns reinados podem ser datados com precisão. Destarte, as dinastias XI e XII do Egito podem ser agora datadas entre 2134 a 1786 A.C., enquanto que as dinastias de XVIII a XX ficam entre 1570 a 1085 A.C., com um erro máximo de, talvez, dez anos. As datas relativas à Mesopotâmia, entre 2000 e 1500 A.C., dependem em grande parte da data que atribuimos a Hamurabi, da Babilônia; e, nesse caso, provavelmente há uma margem de erro de cem anos ou mesmo mais.

Quanto mais retrocedemos para além do ano 2000 A.C., maiores incertezas fazem-se presentes. Para datas anteriores a 3000 A.C.; precisamos depender, quase exclusivamente, de métodos de fixação de datas como o do carbono 14, ou de outros métodos, enumerados no segundo ponto, acima. É possível determinar datas, com notável exatidão; os vários níveis de ocupação humana que as escavações arqueológicas vão descobrindo; e assim vamos retrocedendo de uma civilização a outra. A partir da época de Salomão em diante, até Cristo, podem ser estabelecidas datas com maior exatidão. Mas, quanto mais recuamos, de Salomão para trás, maiores dificuldades encontram os cronologistas, em suas pesquisas.

**V. Períodos Bíblicos Específicos**

**a. Período pré-adâmico.** Evidências extrabíblicas certamente indicam não apenas a existência do mundo físico antes de Adão, mas até mesmo de raças pré-adâmicas de seres inteligentes. Ver o artigo sobre os *Antediluvianos*, quanto a evidências a esse respeito. Esse artigo também menciona meios através dos quais os estudiosos da Bíblia procuram reconciliar essa questão com as declarações e considerações bíblicas. A arqueologia tem descoberto objetos pré-adâmicos; e vários métodos de fixação de datas, conforme se vê no segundo ponto deste artigo, confirmam a grande antiguidade do nosso sistema solar e do universo. Atualmente, estamos recebendo luz de estrelas e galáxias que precisaram de dezesseis bilhões de anos para chegar até nós. A luz precisa de cerca de sessenta mil anos ao menos para atravessar, de um extremo a outro, a nossa própria galáxia, ou Via Láctea, que é o nosso próprio pequeno universo, sendo ela apenas uma dentre muitos bilhões de galáxias. E agora, devemos falar em «nosso próprio pequeno universo» porque o nosso sol é apenas um dentre muitos bilhões de sóis que se encontram na Via Láctea. Além da Via Láctea, há outras dezesseis galáxias que nos estão mais próximas, além de incontáveis bilhões de outras galáxias, mais distantes, espalhadas pelo universo. A Via Láctea é aquilo que vemos a cada noite, com exceção de algumas pequenas manchas de luz, visíveis a olho nu, que vêm de fora da nossa própria galáxia. Portanto, a Via Láctea, a despeito de suas descomunais dimensões, é apenas o nosso portão de entrada. No entanto, para que a luz atravesse de uma ponta à outra na nossa Via Láctea, é preciso de cerca de sessenta mil anos.

O método de fixação de datas através do potássio argônio nos dá quase cinco bilhões de anos como a idade de nosso próprio sistema solar. Portanto, quando a Bíblia diz, no seu primeiro versículo, «No princípio criou Deus...», está em pauta um começo muito remoto e misterioso. E quando lemos que Deus criou Adão, podemos pensar em um outro começo, bem mais recente. Imaginemos a verdadeira história do globo terrestre como uma enciclopédia de muitos volumes de mil páginas cada um. Nesse caso, podemos imaginar a história de Adão como um verbete que aparece na última página do último volume dessa enciclopédia. As demais páginas desse último volume estão quase inteiramente perdidas para nós, excetuando um ou outro indício muito raro. E todos os demais volumes anteriores estão irremediavelmente perdidos para nós. É que grandes **cataclismos sepultaram** para sempre a história verdadeiramente antiga da terra, e apenas ocasionalmente vem à tona alguma coisa que está narrada nas páginas anteriores desse último volume da imaginária enciclopédia. Nossa cronologia, excetuando alguns raros itens, não consegue examinar coisa alguma das primeiras novecentas e noventa e nove páginas do último volume. O que sabemos é que Deus já estava nesse último volume, e em todos os volumes anteriores; que a terra surgiu em algum desses volumes; que houve outras criaturas inteligentes na terra, antes do aparecimento do *Homo sapiens*, a raça adâmica. Não há como encaixar, dentro dos supostos seis mil anos que se passaram, desde a criação da terra, até os nossos dias, todas as ocorrências geológicas que a ciência já tem podido descobrir.

Isso posto, ninguém pode dizer: «Seis mil anos é a idade da criação de Deus».

**b. De Adão a Noé.** O método genealógico vale-se dos trechos de Gênesis 5:1-32 e de Gênesis 7:6 como base de seus cálculos. Os estudiosos das tabelas patriarcais, após terem verificado como os hebreus manipulavam suas genealogias, nas quais há tão freqüentes omissões, onde um nome pode representar toda uma linhagem, com muitas gerações, etc.—problemas esses sobre os quais já nos manifestamos, acima—são forçados a ignorar o método cronológico usado pelo bispo Ussher (que vide), o qual estabeleceu que a data da criação teria ocorrido em cerca de 4000 A.C. A tentativa de manutenção desse método de fixação de datas só consegue levar-nos aos mais crassos absurdos. Parece justo dizermos, mesmo quando defendemos a historicidade de Adão, do que não abrimos mão, que as genealogias envolvidas contêm somente alguns dos nomes mais importantes, saltando, em muitos casos, por cima de muitas gerações. É que o propósito desses registros bíblicos não era o de fornecer-nos uma história cronológica, mas apenas mostrar-nos a linhagem ou descendência de Jesus Cristo. Para tanto, bastou um relato histórico *geral* da raça humana, e não foi preciso fornecer-nos uma história *detalhada* da mesma.

Se a história de Adão representa apenas um novo começo, e não um começo absoluto, então não temos necessidade de apelar para razões apologéticas (que governam quase todas as discussões sobre questões cronológicas, por parte dos eruditos conservadores mais rígidos), e nem precisaremos distorcer nossas idéias, procurando encontrar lugar para as tremendas expansões de tempo que se ajustem às descobertas arqueológicas e da ciência em geral. Alguns estudiosos têm conseguido fazer a cronologia bíblica retroceder para até 10.000 A.C., mas isso não representa ao menos uma gota no balde cheio da história descoberta pela arqueologia, e não representa nem ao menos alguns átomos de água, no grande

oceano da história da geologia. Por conseguinte, é com muita dose de verdade que o Dicionário Bíblico de Unger afirma que o trecho de Gênesis 1:1 situa a origem do universo no «passado sem data, dando margem a todas as eras esboçadas pela ciência da geologia». Quanto ao aparecimento do homem à face da terra, esse mesmo autor considera os supostos 4000 anos de Ussher como algo «insustentável, à luz dos fatos arqueológicos confirmados». Unger, grande estudioso presbiteriano, estava entre aqueles que fazem a cronologia da Bíblia retroceder até cerca de dez mil anos antes de Cristo. Mas a arqueologia fala em datas muito mais antigas do que isso, a menos que suponhamos que tal período seja o período *adâmico*, mas não como representante do *homem* como uma entidade. Conforme já dissemos acima, é interessante o fato de que a história bíblica sobre Adão corresponde, a grosso modo, ao grande cataclismo anterior ao próximo passado, quando então houve uma mudança de pólos, tal como a história sobre Noé corresponde ao último desses cataclismos passados. Se encararmos as questões envolvidas por esse prisma, então a narrativa bíblica concordará com justeza àquilo que se conhece, cientificamente falando, acerca da atual raça humana, acerca da qual se manifesta a maioria de nossas descobertas arqueológicas. No que concerne à teoria da *Evolução*, que, naturalmente, diz respeito à cronologia mais antiga do homem, ver o artigo sobre esse assunto.

**Ilustração sobre Datas Bíblicas:**

Os informes dados no gráfico abaixo foram extraídos do texto hebraico do Antigo Testamento, do Pentateuco samaritano e da Septuaginta. O Pentateuco samaritano pertence cerca de 430 A.C., e a Septuaginta pertence cerca de 283 A.C.

*Observações*. 1. A base é Gênesis 5:1-32 e 7:6. 2. Os números indicam a idade de cada indivíduo nomeado, quando algum filho (não necessariamente o mais velho dos filhos) nasceu, ou então, algum evento específico ocorrido, que ajuda a cronologia. 3. As três fontes informativas mencionadas acima são especificadas, mediante as abreviações Heb., Sam. e LXX.

*Anos Desde A Criação Até o Dilúvio*

| *Nome* | *Heb.* | *Sam.* | *LXX* |
|---|---|---|---|
| Adão | 130 | 130 | 230 |
| Sete | 105 | 105 | 205 |
| Enos | 90 | 90 | 190 |
| Quenã | 70 | 70 | 170 |
| Maalalel | 65 | 65 | 165 |
| Jarede | 162 | 62 | 162 |
| Enoque | 65 | 65 | 165 |
| Matusalém | 187 | 67 | 167 |
| Lameque | 182 | 53 | 188 |
| Noé | 600 | 600 | 600 |
| *Total de Anos* | 1.656 | 1.307 | 2.242 |

**c. Do Dilúvio até Abraão**

**1. A grande era dos patriarcas.** — A cronologia pré-abraâmica está alicerçada sobre as genealogias de Gênesis 5 e de Gênesis 11:10-26, separadas, uma da outra, pelo dilúvio da época de Noé. A declarada imensa idade dos primeiros patriarcas, vários dos quais viveram mais de novecentos anos, tem deixado perplexos a alguns intérpretes. O fato de que as antigas lendas pagãs da Suméria dizem-nos que somente *8 reis* conseguiram viver por um período de 241 mil anos tem feito alguns estudiosos suporem que estamos tratando, na Bíblia, com mitos antigos idênticos. Há mesmo intérpretes que supõem que, tanto nas narrativas pagãs quanto nas narrativas bíblicas, um único nome pode representar toda uma tribo, o que explicaria a imensa duração da vida dos primeiros homens nomeados na Bíblia. Por outro lado, apesar de poder ter havido exageros, o fato de que tanto as narrativas bíblicas quanto as narrativas pagãs falam nessas vidas muito longas pode servir de indicações de que isso, realmente, sucedia. Em nossos dias, alguns cientistas estão dizendo que a nossa é a última geração de homens mortais. Claro que nisso há um exagerado otimismo. Mas é que a ciência está às vésperas de conseguir avanços tão fantásticos que as enfermidades poderão ser derrotadas, e as células do corpo humano poderão recuperar a vitalidade perdida. Se isso chegar a suceder, o que tem sido prometido a um milênio, bem poderá tornar-se uma realidade. A Bíblia prevê que, durante o milênio futuro, se alguém então morrer com cem anos de idade, será considerada uma criança (ver Isaías 66:20). Os místicos contemporâneos também afirmam que estamos nos aproximando da época em que será normal os homens viverem durante séculos. No que me diz respeito, aceito o que o Antigo Testamento diz sobre a longevidade dos primeiros homens, como algo perfeitamente razoável. Contudo, sabendo o que sabemos sobre as genealogias bíblicas, também precisamos afirmar que elas podem consistir apenas em esboços, e não em registros completos. Portanto, conforme diversos intérpretes têm dito, é bem possível que não sejamos capazes de determinar o tempo que se escoou entre o dilúvio e Abraão, com qualquer grau de certeza.

2. *Os períodos arqueológicos e os patriarcas*. Essa informação foi oferecida no artigo sobre a Arqueologia, parte I, pelo que não a repetimos aqui. A leitura daquele material suprirá o leitor com muitas informações atinentes ao período entre Noé e Abraão. A época de Abraão pode ser identificada como a Idade do Bronze Média (2000-1500 A.C.), sendo dito que ele chegou à terra de Canaã em cerca de 2086 A.C. O período dos patriarcas ocuparia as datas de 2086 a 1871 A.C. A era patriarcal e a era de Davi seriam, respectivamente, 2000 e 1000 A.C.

3. *Ilustração Sobre Datas*:

Os informes do gráfico abaixo foram extraídos do texto hebraico, do Pentateuco samaritano e da Septuaginta.

**Observações:** 1. A base do gráfico é Gênesis 11:10-26. 2. Os números indicam a idade de cada indivíduo nomeado, quando um filho (não necessariamente o mais velho) nasceu, ou então algum evento específico ocorrido, que nos ajuda na cronologia. 3. As três fontes informativas mencionadas acima são especificadas mediante as abreviações *Heb., Sam. e LXX*.

| *Nome* | *Heb.* | *Sam.* | *LXX* |
|---|---|---|---|
| Sem | 100 | 100 | 100 |
| Arfaxade | 35 | 135 | 135 |
| Cainã | | | 130 |
| Selá | 30 | 130 | 130 |
| Éber | 34 | 134 | 134 |
| Peleque | 30 | 130 | 130 |
| Reú | 32 | 132 | 132 |
| Serugue | 30 | 130 | 130 |
| Naor | 29 | 79 | 179 |
| Terá | 70 | 70 | 70 |
| Nasce Abraão | | | |
| Anos de Sem, | 100 | 100 | 100 |

| antes do dilúvio | *Heb.* | *Sam.* | *LXX* |
|---|---|---|---|
| Anos do dilúvio até Abraão | 290 | 940 | 1.170 |

Essas datas, naturalmente, não levam em conta possíveis hiatos; pois, quando muito, elas são apenas sugestivas. Os eruditos modernos, baseados em informes bíblicos, com algumas adaptações, supõem que o dilúvio teve lugar pelo menos 3.284 anos antes de Abraão. O método de interpretação cronológica de Ussher abria espaço para apenas 353 anos, entre o dilúvio e o nascimento de Abraão. Porém, tal cálculo não concorda com os períodos conhecidos da história do Egito e da Mesopotâmia, com abundantes evidências arqueológicas.

4. *Comentários sobre o Dilúvio.*

Naturalmente, esse foi um dos grandes eventos da história recente da humanidade, do ponto de vista geológico. As evidências em favor da realidade do dilúvio são abundantes, não somente na geologia, mas também em fontes literárias e nas lendas antigas dos povos. Não há razão alguma para supormos que as muitas lendas que se referem ao dilúvio derivam-se todas dos registros bíblicos. Essas lendas são, por si mesmas, fontes informativas independentes. Fica implícito que houve áreas em que algumas poucas pessoas sobreviveram. A narrativa bíblica conta acerca de uma família sobrevivente. Mas, há evidências que alguns eruditos aceitam, para provar que o dilúvio não foi universal. Os chineses, por exemplo, conseguiram fazer história, *embaixo da água*. Não há qualquer registro histórico, entre eles, que fale de interrupção mediante alguma grande catástrofe. É quase certo de que o dilúvio de Noé representa a última grande catástrofe causada por uma mudança dos pólos magnéticos da terra. Quando há uma mudança de pólos, a crosta da terra desliza para novas posições, os continentes assumem novas formas, os leitos dos oceanos mudam de lugar, e, naturalmente, há tempestades incríveis, com ventos incrivelmente violentos e inundações destrutivas.

Os místicos contemporâneos asseguram que estamos bem perto de um cataclismo universal dessa magnitude. Pode ser que algo assim ponha fim à nossa era, dando origem a uma nova era áurea, o milênio. Quanto a notas expositivas completas sobre a questão, bem como sobre o dilúvio de Noé, ver o artigo sobre o *Dilúvio*. As evidências geológicas sugerem que o globo terrestre já experimentou cerca de quatrocentas dessas catástrofes, pois, nas rochas, há evidências de muitas alterações dos pólos magnéticos. Na verdade, toda a história que conhecemos, com algum detalhe, é de tempos recentes. Quanto à data do dilúvio, o bispo Ussher pensava em 2500 A.C., mas a data real deve ter sido consideravelmente mais antiga do que isso. Todavia, não há como estabelecer a data exata desse cataclismo.

**d. De Abraão ao Êxodo:**

1. *Conjecturas sobre as datas de patriarcas específicos*:

Abraão, 2000-1850 A.C.
Isaque, 1900-1750 A.C.
Jacó, 1800-1700 A.C.
José, 1750-1650 A.C.

A entrada de Jacó e de sua família no Egito, é datada em cerca de 1700 A.C. Se essa conjectura está correta, então o poder de José no Egito corresponde ao período dos hicsos na história do Egito, quando governantes de origem semítica tornaram-se Faraós do Egito. Isso talvez explique a mistura de elementos egípcios e semitas, em Gênesis 37:1. Desnecessário é dizer que os intérpretes variam de opinião quanto a essa questão. Abaixo damos um gráfico baseado em informações dadas na Enciclopédia Pictórica da Bíblia, de Zondervan. Deve-se observar que as datas oferecidas variam daquelas dadas acima, em cerca de cem anos. Mas, quando tratamos de questões de tão grande antiguidade, levando em conta as incertezas que circundam as genealogias, esse tempo não é por demais significativo.

2. *Gráfico Ilustrativo*

| *Evento* | *Datas Heb.* | *LXX* | *Gênesis* |
|---|---|---|---|
| Nasce Terá | 2291 | 2263 | 11:32, 12:4 |
| Abraão entra em Canaã | 2091 | 2058 | 12:4 |
| Nasce Ismael | 2080 | 2047 | 16:16 |
| Nasce Isaque | 2066 | 2033 | 25:26 |
| Morre Sara | 2029 | 1996 | 23:1 |
| Isaque casa-se | 2026 | 1993 | 25:20 |
| Nascem Jacó e Esaú | 2006 | 1973 | 47:9 |
| Morre Abraão | 1991 | 1958 | 25:7 |
| Jacó foge para Harã | 1929 | 1896 | 30:24-26 |
| José vendido ao Egito | 1898 | 1865 | 37:2 |
| Isaque morre | 1886 | 1853 | 35:28 |
| José obtém o poder | 1885 | 1852 | 41:54 |
| Jacó desce ao Egito | 1876 | 1843 | Êxo. 12:40 |

3. *Estadia no Egito.* O texto hebraico diz que essa estadia perdurou por 430 anos; mas a Septuaginta fala em 215 anos. Ver Êxo. 12:40. A LXX diz como segue: «O tempo em que os filhos de Israel habitaram na terra do Egito *e na terra de Canaã* (foi de) quatrocentos e trinta anos». Essa declaração tem o apoio do Pentateuco samaritano. Se isso reflete a declaração original, então o tempo em que os filhos de Israel estiveram no Egito foi muito mais curto. O trecho de Atos 7:6 (parte do discurso de Estêvão) dá um número arredondado, «quatrocentos anos». No entanto, Gálatas 3:17 diz que o tempo entre a aliança estabelecida com Abraão e a outorga da lei foi de quatrocentos e trinta anos, o que concorda bem de perto com a declaração da Septuaginta. É óbvio, pois, que as diversas declarações bíblicas não se harmonizam entre si, por terem sido influenciadas por mais de uma tradição cronológica. No NTI, em Gálatas 3:17, provi uma nota sobre o problema da cronologia, no tocante a essa questão. Tal problema não é passível de qualquer boa solução. É que, nessa questão de datas, estamos abordando diferentes tradições antigas. A experiência de todos os estudiosos é que, usualmente, quanto mais longa a data, mais correta. Todavia, esse critério talvez não se aplique ao problema atual.

**e. Do Êxodo à Construção do Templo**

1. *Duração.* Esse período durou quatrocentos e oitenta anos, de acordo com o texto hebraico (I Reis 6:1), mas 440, de acordo com a Septuaginta. Questões difíceis iniciais são: Em qual ponto da história o Egito começou a oprimir sistematicamente ao povo de Israel? Quem foi o Faraó da opressão, que não conhecia a José (Êxo. 1:8)? Os estudiosos têm oferecido várias sugestões. Os candidatos favoritos são Ramisés II (1237-1225 A.C.), Aames I, fundador da XVIII[a] Dinastia, chamada de Novo Império (1570 A.C.), e Tutmés III (1504-1450 A.C.). Alguns pensam que Ramisés seria tanto o faraó da opressão quanto o faraó do êxodo, a despeito do fato de que Êxodo 4:19 refere-se à morte do opressor pouco antes do êxodo. Os argumentos em favor deste ou daquele

nome alicerçam-se sobre as descobertas arqueológicas; porém, cada opinião está sujeita a alguma forma de objeção, o que nos deixa na dúvida. Contra Tutmés III temos o argumento que mais tempo seria necessário do que as suas datas permitem, para que a história de Israel tivesse ocorrido durante o seu reinado, a julgar pelo que sabemos mediante a história, através da arqueologia. Mediante cálculos bíblicos, chegamos a uma data de cerca de 1445-1446 A.C. Isso corresponderia a Tutmés III como o opressor de Israel; e seu filho, Amenhotepe II, como o Faraó do êxodo.

2. *A Data do Êxodo*. Se o informe de I Reis 6:1 está correto, então podemos fixar uma data quase precisa, pois sabemos quando, mais ou menos, o templo de Jerusalém foi construído. Essa construção teve início no quarto ano do reinado de Salomão, em cerca de 967 A.C. Se retrocedermos no tempo por quatrocentos e oitenta anos, isso nos dará uma data entre 1446 e 1448 A.C. Todavia, isso depende da exatidão histórica da genealogia em questão. A experiência dos estudiosos com as questões genealógicas demonstra que, com freqüência, elas atendem mais às demandas da simetria do que às exigências da verdadeira cronologia. Visto que os próprios informes bíblicos não concordam entre si, defrontamo-nos com um problema que não é passível de solução fácil e boa.

3. *As Vagueações pelo Deserto*. Os trechos de Deuteronômio 8:2 e Êxodo 16:35 dizem especificamente que esse período durou quarenta anos. Porém, alguns eruditos aceitam a cifra como figurada, porque quarenta é o número simbólico de julgamento. Outras referências ao número quarenta, com esse sentido, são Gênesis 7:4; Juí. 13:1 e Mateus 4:2. Ainda outros estudiosos pensam que se trata de um número redondo, que permite considerável variação.

4. *De Josué até o Reinado de Davi*. Como delinear esse período, cronologicamente falando, é algo que tem deixado os intérpretes perplexos. De fato, há quem diga que, quanto a esse período, não se pode obter grande sucesso enquanto a arqueologia não nos fornecer maiores informações, ou não as obtivermos mediante a literatura. Se levarmos em conta todos os informes bíblicos disponíveis, obteremos cerca de quinhentos e oitenta anos, o que, como é claro, é demais para adaptar-se à referência em I Reis 6:1. O problema consiste em como combinar os informes que falam sobre as opressões por parte de potências estrangeiras, em comparação com o tempo alocado aos vários juízes. A única maneira de conseguirmos harmonia com o trecho de I Reis 6:1 consiste em supor que os períodos mencionados acerca das opressões e dos juízes se justapõem. Desse modo, se esses períodos não forem calculados de modo consecutivo, poderemos reduzir consideravelmente o total. A arqueologia nos tem dado evidências suficientes para concluirmos que, no Oriente Próximo, a cronologia não alista os eventos de modo necessariamente sincrônico. Os antigos meramente alistavam cada série de governantes e reinados separadamente, como se sempre estivessem em sucessão; e isso alonga o tempo realmente envolvido. Um exemplo disso é o Papiro Torino, com sua lista de reis egípcios. Ali há listas de todas as cinco dinastias, da XIII$^{a}$ à XVII$^{a}$, em grupos sucessivos. Ali aparecem cento e cinqüenta governantes, e seus reinados ocupariam, pelo menos, quatrocentos e cinqüenta anos. No entanto, com base em fontes arqueológicas, sabe-se que todos os Faraós precisam ajustar-se em um período de cerca de duzentos e dezesseis anos. Conclui-se daí que certos Faraós reinaram contemporaneamente, e não sucessivamente. Condições similares ocorrem na história das cidades-estados da Suméria e do antigo reino babilônico. Uma de minhas fontes informativas, no tocante ao período em questão, alista vinte e cinco listas, sobre algumas das quais a Bíblia nos dá algumas informações quanto à duração do tempo. Se incluirmos nas vagueações pelo deserto, quarenta anos, e mais o período da conquista, duzentos e trinta anos, chegaremos a um total de seiscentos e vinte e três anos. Mas a opressão sob Jabim, a opressão sob Midiã e a opressão sob Amom, etc., terão então de ser concebidas como inclusas nesses informes, que dizem por quanto tempo governou cada um dos juízes. Dessa forma, os seiscentos e vinte e três anos poderão ser consideravelmente reduzidos. Porém, como conseguir o feito, de maneira exata, já é questão que envolve os eruditos em considerável trabalho de harmonização.

| 5. *Lista Ilustrativa* | *Anos* |
|---|---|
| Vagueações pelo deserto | 40 |
| Período da conquista | 230 |
| Israel serve a Cusã-Risataim (Juí. 3:8) | 8 |
| Livramento por Otniel (Juí. 3:11), com um período de descanso | 40 |
| Israel serve a Eglom (Juí. 3:14) | 18 |
| Livramento por Eúde (Juí. 3:30), com um período de descanso | 80 |
| Opressão por Jabim (Juí. 4:3), | 20 |
| Livramento por Débora (Juí. 5:31), com um período de descanso | 40 |
| Opressão pelos midianitas (Juí. 6:1) | 7 |
| Livramento por Gideão (Juí. 8:28), com um período de descanso | 40 |
| Abimeleque reina em Israel (Juí. 9:22) | 3 |
| Tola julga Israel (Juí. 10:2) | 23 |
| Jair julga Israel (Juí. 10:2) | 22 |
| Opressão pelos amonitas (Juí. 10:8) | 18 |
| Jefté julga Israel (Juí. 12:7) | 6 |
| Ibsã julga Israel (Juí. 12:9) | 7 |
| Elom julga Israel (Juí. 12:11) | 10 |
| Abdom julga Israel (Juí. 12:14) | 8 |
| Opressão pelos filisteus (Juí. 13:1) | 40 |
| Sansão julga Israel (Juí. 15:20; 18:31) | 20 |
| Período de Eli (I Sam. 4:18) | 40 |
| Samuel julga Israel (I Sam. 8:2) | 20 |
| Reinado de Saul (Atos 13:21) | 40 |
| Reinado de Davi (I Reis 2:11) | 40 |
| Reinado de Salomão antes da construção do templo | 3 |
| *Total*..... | 623 |

**f. Da Fundação do Templo de Salomão até a sua Destruição**

A era dos reis hebreus vai de cerca de 1000 a 587 A.C.

1. *Monarquia Unida*: Davi, 1000-971 A.C. Salomão, 971-926 A.C.

O templo foi fundado em cerca de 967 A.C. As datas são aproximadas, envolvendo conjecturas.

2. *A Dupla Monarquia*: 926-587 A.C.

| *Judá* | | *Israel* | |
|---|---|---|---|
| Reoboão | 926-918 A.C. | Jeroboão I | 926-907 |
| Abias | 910-908 | Nadabe | 907-906 |
| Asa | 908-872 | Baasa | 906-883 |
| Josafá | 872-852 | Elá | 883-882 |
| Jeorão | 852-845 | Zinri | 882 |

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | | Onri | 882-871 | Josias | 639-609 |
| Acazias | 845-844 | Acabe | 871-852 | Jeoacaz | 609 |
| Atália | 845-839 | Acazias | 852-851 | Jeoaquim | 608-598 |
| Jeoás | 839-800 | Jeorão | 851-845 | Jeoachim | 598 |
| | | Jeú | 845-818 | Zedequias | 598-587 |
| Amazias | 800-785 | Jeoacaz | 818-802 | Queda de Jerusalém | 587 |
| Uzias | 785-747 | Joás | 802-787 | | |
| | | Jeroboão II | 787-747 | | |
| Jotão (rei e regente) | 758-743 | Zacarias | 747-746 | | |
| | | Salum | 747-746 | | |
| | | Menaém | 746-737 | | |
| Acaz | 742-725 | Pecaías | 736-735 | | |
| Ezequias | 725-697 | Peca | 734-733 | | |
| Manassés | 696-642 | Oséias | 732-724 | | |
| Amom | 641-640 | Queda de Samaria | 721 | | |

Samaria

a. *Tabela de Sincronismos*. Dados encontrados no Antigo Testamento provêem informações sobre como os reinados dos monarcas de Judá corresponderam aos de Israel. Essa informação mostra-nos em qual reinado um certo rei de Israel começou a reinar, em comparação com um ano específico do reinado de algum rei de Judá, conforme se vê abaixo:

••• ••• •••

| *Judá* | *Ano* | *Israel* | *Ano* | *Referência Bíblica* |
|---|---|---|---|---|
| Reoboão | 1 | Jeroboão | 1 | |
| Abias | 1 | Jeroboão | 18 | I Reis 15:1 |
| Asa | 1 | Jerboão | 21 | |
| Asa | 2 | Nadabe | 1 | I Reis 15:25 |
| Asa | 26 | Baasa | 1 | I Reis 15:28,33 |
| | | Nadabe | 2 | |
| Asa | 26 | Elá | 1 | I Reis 17:8 |
| | | Baasa | 24 | |
| Asa | 27 | Zinri | 7 | I Reis 15:10 |
| Asa | 27 | Onri | 1 | I Reis 16:16 |
| Asa | 38 | Acabe | 1 | I Reis 16:29 |
| | | Onri | 12 | |
| Josafá | 1 | Acabe | 4 | |
| Asa | 41 | | | |
| Josafá | 1 | Acabe | 5 | |
| Josafá | 17 | Acazias | 1 | I Reis 12:51 |
| | | Acabe | 21 | |
| Josafá | 18 | Jorão/Acabe Acazias | 1/22/2 | |
| Josafá/Jeorão | 22/1 | Jorão | 5 | II Reis 8:25 |
| Jeorão/Acazias | 1 | Jorão | 12 | |

b. *Dificuldades do Sincronismo*. Embora os hebreus tenham-nos deixado as mais detalhadas informações sobre seus reis, em relação a outros povos, incluindo a lista acima de sincronismos, até nisso os eruditos têm encontrado várias manipulações com o propósito de obter simetria, ou com outras finalidades. No tocante a uma declaração sobre a questão, ver 3.h, *Problemas Comuns da Cronologia — Reis Hebreus*. Os eruditos encontram muitos erros e incoerências nessas informações. Certo investigador, levando em consideração o problema inteiro da cronologia, entre os povos orientais, declarou: «Os orientais sempre dão números definidos, mas nunca computam». Parece ter havido a tentativa de fazer o período entre a construção do templo, por Salomão, e a reconstrução do mesmo, por Zorobabel, ser exatamente de quatrocentos e oitenta anos. Já pudemos encontrar esse mesmo número, designando o período desde o êxodo até à construção do templo. Além disso, convenientemente, a duração do reino do norte, Israel, teria sido exatamente a metade disso, ou seja, duzentos e quarenta anos. É óbvio que questões de simetria, e não de cronologia estrita, estavam ali em foco.

c. *Cronologia Pós-Exílica*

*Fontes Informativas*. Quanto a esse período histórico, temos os livros do Antigo Testamento como Esdras, Neemias e Daniel. Este último oferece-nos apenas algumas informações. Mas o livro canônico de Ester, e os livros apócrifos de Tobias e Judite, embora pertencentes a esse período, não nos oferecem qualquer ajuda sobre questões cronológicas. No entanto, I e II Macabeus também fornecem-nos informações a respeito. As descobertas arqueológicas atinentes a esse período são inúmeras. A questão inteira é ilustrada mediante referências literárias de fontes seculares, produzidas por outros povos envolvidos. Os gráficos abaixo do sétimo ponto, *Gráficos Históricos e Literários*, fornecem-nos as informações desejadas. Muitos outros detalhes podem ser encontrados no artigo separado, intitulado *Período Intertestamental*.

**VI. Cronologia Literária.** Esse assunto é inteiramente coberto pelos dois gráficos sob o ponto sétimo, abaixo. O primeiro gráfico trata da cronologia literária do Antigo Testamento, e o segundo trata dos livros apócrifos e pseudepígrafes.

*Bibliografia*. AM FIN IB KI THI UN Z

## VII. GRÁFICOS HISTÓRICOS E LITERÁRIOS

**TABELA I. Os Livros do Antigo Testamento**

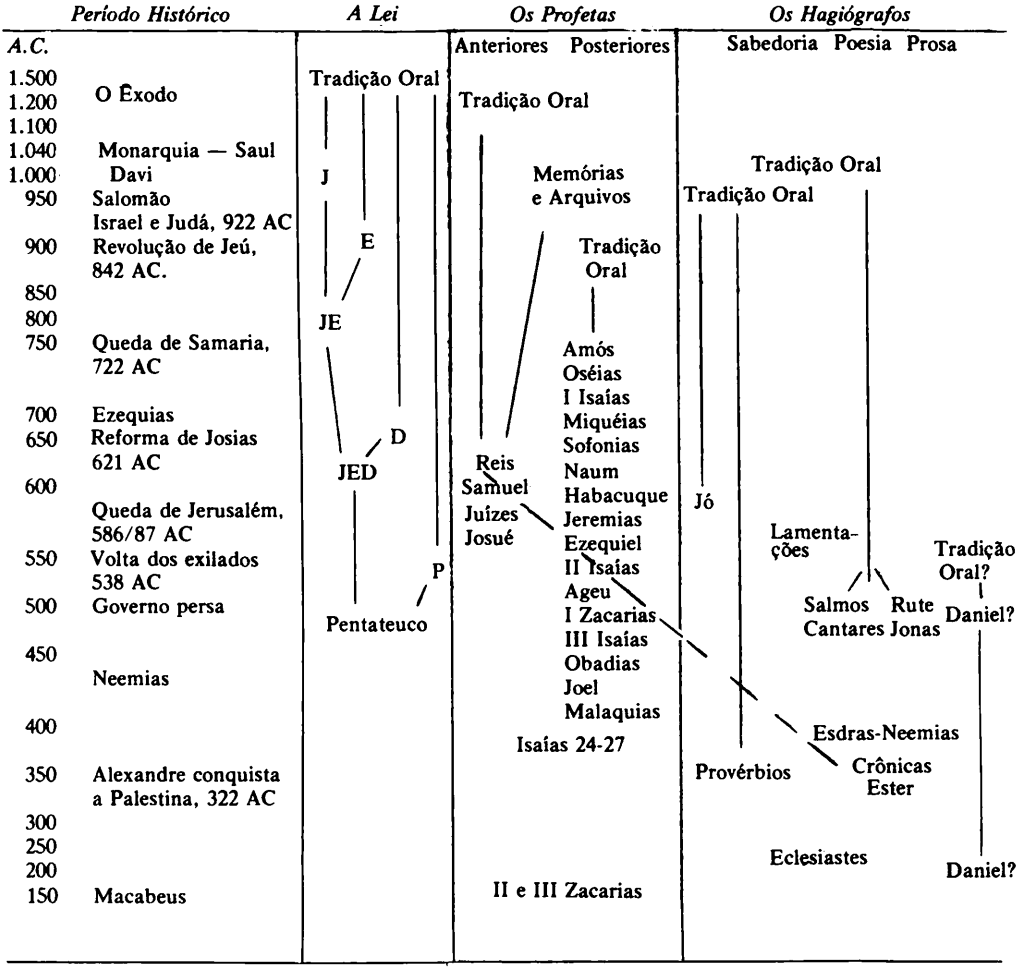


**TABELA II. Desenvolvimento dos Livros Apócrifos e Hagiógrafos**

| AC | *Eventos Históricos* | *História e Lenda* | *Apocalipse* | *Sermão e Ensaio* | *Sabedoria* | *Salmos* |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 250 | Palestina sob Ptolomeus (Egito) | Aikar (?)<br>Tobias, 220 AC? | | | | |
| 200 | Palestina sob Selêucidas (Síria), 198 | Adições a Ester, c. 181-145 AC | | | | |
| | Antíoco IV contamina o templo, 167; Judas Macabeu o purifica, 164 AC. | Judite, 180-100 | | Testamento 12 Patriarcas<br>I Baruque, 150 AC. | Sabedoria de Jesus Ben Siraque (Eclesiástico), 180 AC. | |
| 150 | Dinastia Hasmoneana | I Esdras, antes de 100 AC.<br>I Macabeus, 105-65 AC.? | I Enoque, 183-80 AC.<br>Guerra Filhos da Luz e Trevas | Manual de Disciplina, 100 AC?<br>Fragmentos Sadoquitas | | Cântico dos Três Jovens<br>Salmos da Seita de Qumran |
| 63 | Pompeu conquista Jerusalém, 63 AC. | II Macabeus, 100 AC 70 DC.?<br>Susana, 80-50 AC | | Oráculos Sibilinos III<br>Epístola Jeremias | | |
| 50 | | Bel e o Dragão, 80-50 AC. | | Carta de Aristéias<br>Comentário sobre Habacuque 1,2 | | Salmos de Salomão |
| | Herodes, O Grande, 40 AC | Vidas dos Profetas<br>III Macabeus, 50 AC -50 DC. | Assunção de Moisés, 4 AC-28 DC. | IV Macabeus, 50 AC - 70 DC. | Sabedoria de Salomão 50 AC-10 DC | |
| DC<br>1 | Judéia sob procuradores romanos | Martírio de Isaías<br>Crônicas de Jeremias<br>Vida de Adão e Eva / Apo. de Moisés/ | II Baruque /Baruque siríaco/<br>II Enoque /Enoque eslavônico ou Segredos de Enoque/ | | Ditos dos Pais /Pirke Aboth, 10-100 DC?/ | Oração de Manassés |
| 66 | Começa a guerra judaica, 66 DC. | | II Esdras, 88-117 DC. | | | |
| | Queda de Jerusalém, 70 DC | | Apocalipse de Abraão | | | |
| 100 | | | III Baruque /Baruque grego/ | | | |

## TABELA III — História de Israel e seus vizinhos: os Selêucidas; os Hasmoneanos

PERÍODO INTERTESTAMENTAL

a. ISRAEL PÉRSIA EGITO SÍRIA

ISRAEL

Data:

538 Zorobabel
Sheshbazaar;
alguns voltaram a Jerusalém.

537 O começo da reconstrução do templo
Interrupção da construção do templo

520 A construção recomeçada

516 O templo é completado (3 de Adar, 10 de março)

458 Ezra vai a Jerusalém

445-433 O Templo de Neemias em Jerusalém

IMPÉRIO PERSA:

539-540 Ciro
530-522 Cambises
522-486 Dario I
486-465 Xerxes I (Assuero)
464-423 Artaxerxes I
423-404 Dario II Nothus
404-359 Artaxerxes II Mnemon
359-337 Artaxerxes III Ochus
338-335 Arses
336-331 Dario III Codomanus
331-323 Alexandre de Macedônia

ISRAEL

324 Israel sob o domínio da Síria

282 Ptolomeu I Soter

320 A Judéia torna-se parte do império de Ptolomeu, anexada por Ptolomeu I

198 A Palestina torna-se parte do império sírio, permanecendo até os Macabeus

167-40 Os Macabeus (hasmoneanos)
A libertação de Israel
Matatias, o pai, inspirou a revolta

166-161 Judas Macabeu

160-143 Jonatan Macabeu

143-135 Simão Macabeu

135-104 João Hircano I

104-103 Aristóbolo I

103-76 Alexandre Jannaeus

76-67 Rainha Salomé Alexandra e Hircano II

67-40 Hircano II e Aristóbolo II

63 Pompeu estabelece o protetorado romano; Israel é dominado

40 Herodes o Grande apontado como *rei dos judeus*

37-4 Governo de Herodes

EGITO

323 Ptolomeu I Soter
285-246 Ptolomeu II, Philadelphus
246-222 Ptolomeu III, Euergetes
222-205 Ptolomeu IV, Philopater
204-180 Ptolomeu V, Epiphanes

SÍRIA

312-281 Seleuco, I Nicator
281-261 Antíoco, I Soter
261-246 Antíoco, II Theos
246-225 Seleuco II
225-223 Seleuco III Soter
223-187 Antíoco III, O Grande
187-175 Seleuco IV
175-163 Antíoco IV Epiphanes
163-162 Antíoco V
162-150 Demétrio I
139-129 Antíoco VII Sidetes

# CRONOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO

PERÍODO INTERTESTAMENTAL

## b. *OS REIS SELÊUCIDAS*

*Os Números Indicam A Ordem Do Reinado De Cada Um*

1. Seleuco I 301-280 A.C.
   (general de Alexandre o Grande)
2. Antíoco I 280-261 A. C.
3. Antíoco II 261-246
4. Seleuco II 246-226 A.C.

5. Seleuco III 226-223 A.C.
7. Seleuco IV 187-175 A.C.
10. Demétrio 162-150 A.C.

6. Antíoco III O Grande 223-187 A.C.
8. Antíoco IV Epifanes 175-164 A.C.
9. Antíoco V Eupator 164-162 A.C.
11. Alexandre Balas 150-145 A.C.
    (Antíoco VI)

Demétrio II Nicator
12. 145-138 A.C.
14. 128-125 A.C.

13. Antíoco VII Sidentes 138-128 A.C.

15. Seleuco V 125 A.C.

Antíoco VIII Gripso
16. 125-113 A.C.
18. 111-96 A.C.

Antíoco IX Ciziceno
17. 113-111 A.C.
18b. 111-95 A.C.

19. Seleuco VI Antíoco XI Filipe Demétrio III Antíoco XII (95-83, em conflito)

Antíoco X

20. Antíoco XIII Asiático 69-65 A.C.

A palavra *Seleucidae* (plural) vem do nome de Seleuco Nicator, general de Alexandre, o Grande (312 A.C.). Esse general, depois da morte de Alexandre, começou a dinastia que governou a maior parte da Ásia Menor, Síria, Pérsia e Báctria (312-64 A.C.).

# CRONOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO

PERÍODO INTERTESTAMENTAL

## c. *OS HASMONEANOS*

*Os números indicam a ordem do reinado de cada um.*

1. Matatias 167 A.C.

*Seus Cinco Filhos*

João 161 A.C (morreu sem reinar) — 4. Simão 143-135 A.C. — 2. Judas 167-151 A.C. — Eleazar 163 A.C. (morreu sem reinar) — 3. Jônatas 161-143 A.C.

5. João Hircano 135-105 A.C.

6. Aristóbulo I, 105-104 A.C. — 8. Alexandre 78-69 A.C. — 7. Alexandre Janeu 104-78 A.C.

Aristóbulo casou com Alexandra, que mais tarde casou com Alexandre

9. Hircano II (morreu em 30 A.C.) — 10. Aristóbulo II (morreu em 49 A.C.)

Alexandra (morreu em 28. A.C.) — Alexandre (morreu em 49 A.C.) — Antígono (morreu em 37 A.C.)

Alexandra foi esposa de Alexandre. *Seus Filhos:*

Aristóbulo III (morreu em 35 A.C.) — Mariana (morreu em 29 A.C.)

Mariana casou com Herodes o Grande. Este morreu em 4 A.C.

## d. *OS HERODIANOS*

*Foram Incluídas Todas As Referências Bíblicas*

Antípater, procurador da Judéia 47-43 A.C.

Herodes o Grande 37 A.C. (Mat. 2:1 e Luc. 1:5)

Mariana (neta de Hircano) hasmoneana — Mariana (filha do sumo sacerdote Simão) — Maltace (samaritana) — Cleópatra

Aristóbulo (esposo de Berenice, filha de Salomé, irmã de Herodes o Grande) — Herodes Filipe I (esposo de Herodias, filha de Agripa I e mãe de Salomé (Mat. 14)) — Herodes Antipas (tetrarca, Mat. 14:1; Luc.3:1, 19; 9:7; Mar.6: 14. 4 A.C.-39 D.C.) — Arquelau (Mat. 2:22) 4 A.C. - 6 D.C. — Filipe o Tetrarca (Luc. 3:1) (Herodes Filipe II) 4 A.C. - 34 D.C

Herodes de Cálquis (esposo de Berenice filha de Agripa I) — Agripa I 41-44 D.C. (Atos 12)

Agripa II (Atos 25:13) — Berenice (Atos 25:13) Segundo casamento com Herodes de Cálquis — Drusila (Atos 24:24) Segundo casamento com Félix

***HISTÓRIA JUDAICA DE 63 A. C. A 70 D. C.***

1. Início do domínio romano: 63 A.C.-4 A.C. Poder *indireto*, luta entre Roma e os hasmoneanos.
2. Poder *indireto*, governo de Herodes (sujeito a Roma): 40 A.C.-44 D.C.
3. Judéia, Samaria, Iduméia (que constituíam a província romana da Judéia) governada por *procuradores romanos*: 6 D.C.-41 D.C.
4. Palestina inteira governada por Agripa: 41 D.C.-44 D.C.
5. Palestina inteira governada diretamente *por Roma*, até à destruição de Jerusalém: 44 D.C.-70 D.C.

## CRONOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO

*Esboço*

Introdução
I. Dificuldades da Cronologia do Novo Testamento
II. Cronologia da Vida de Jesus
III. Cronologia da Era Apostólica
IV. Cronologia das Epístolas Paulinas
V. Datas Pós-Paulinas Importantes
VI. Bibliografia
VII. Tabelas Cronológicas Literárias e Históricas

*Introdução*:

Com grande freqüência, no caso da cronologia do Antigo Testamento (que vide), surgem problemas devido à falta de informações, especialmente quando vamos retrocedendo para tempos mais remotos. Quanto ao período do Novo Testamento, as fontes informativas são muitas; mas o próprio Novo Testamento, em contraste com o Antigo, não inclui muitos informes que possam ser usados para estabelecermos uma cronologia. Porém, em contraste com o Antigo, o Novo Testamento cobre um período bastante curto, período esse que gira em torno de dois centros: a. a vida de Jesus; b. as vidas dos apóstolos.

### I. Dificuldades da Cronologia do Novo Testamento

a. Uma grande dificuldade é o desinteresse, ao ponto do desprezo, manifestado pelos historiadores seculares, no tocante ao movimento cristão, cujo resultado foi uma espécie de ignorância geral sobre a questão; ou então, quando esses historiadores disseram algo, fizeram-no de maneira muito breve e desinformada. Para exemplificar, Tácito falou sobre Jesus, explicando que o nome «cristão» provinha de *Cristo*, que teria sido título dado a certo judeu que fora executado.

b. Durante o século I D.C., várias maneiras de computar a passagem do tempo estavam em uso, sendo difícil agora interpretarmos os itens em termos do calendário que usamos em nossos dias. Além disso, os numerais romanos eram difíceis de manusear.

c. As datas geralmente eram dadas em relação à distância em que estava a subida ao trono de algum imperador, ou então em relação ao ano em que algum cônsul romano assumira seu ofício. Tais informes não correspondiam a qualquer calendário então em uso.

d. Os romanos usavam um calendário solar, ao passo que os judeus usavam um calendário lunar. E, para complicar ainda mais o quadro, o calendário judaico tinha um começo para o ano civil e outro começo para o ano religioso. Ver os vários artigos sobre os *Calendários*. O ano lunar de doze meses sofria uma defasagem de dez ou onze dias em relação ao ano solar, diferença essa que se ia acumulando a cada ano. Os judeus tentavam solucionar esse problema adicionando um décimo terceiro mês ao tempo do equinócio de inverno, sete vezes a cada dezenove anos, ou seja, uma vez a cada três anos, mais ou menos. Mas isso somente resultava em confusão geral, quando se tentavam comparar datas.

e. As pessoas dos tempos bíblicos não davam muita importância à questão de datar com exatidão os eventos, além de usarem expressões inexatas. Além disso, o cômputo de datas era feito de forma inclusiva, de tal modo que o primeiro e o último dias (ou qualquer designação de tempo mencionado) eram incluídos nessa contagem. Assim, «três dias e três noites» (Mat. 12:40) poderia significar qualquer porção dos mesmos, incluindo o primeiro dia mencionado. Jesus morreu na cruz às 15:00 horas da sexta-feira e ressuscitou no fim da madrugada do domingo, o que significa que esteve morto por, no máximo, quarenta horas. No entanto, de acordo com a maneira de contar dos judeus, ele esteve, realmente, no coração da terra, por «três dias e três noites». E, em Atos 20:31, os «três anos» envolvem apenas vinte e sete meses, o que dá em pouco mais de dois anos.

f. Apesar de haver informes cronológicos específicos no Novo Testamento, com freqüência os intérpretes sentem dificuldade em saber exatamente como devem encarar a questão. E isso aplica-se até mesmo ao trecho de Lucas 1:3, que foi dado especificamente para ajudar-nos a localizar a data da escrita do terceiro evangelho, em comparação com outros eventos. O resultado geral é que muitas datas do Novo Testamento precisam ser consideradas meras aproximações.

### II. Cronologia da Vida de Jesus

*O Nascimento de Jesus*. Quando Dionísio Exíguo, do século VI D.C., um monge que vivia em Roma, atribuiu o começo da era cristã a 1º de janeiro do ano I D.C., que foi o quadragésimo sexto ano do calendário reformado de Júlio César, e o ano 754 da fundação de Roma, de acordo com os cálculos de Varro, esse monge estava fazendo a era cristã começar convenientemente nessa data. Ele chegou a dizer que esse dia havia sido um sábado. Provavelmente, ele aceitava a tradição que situava o nascimento de Jesus exatamente uma semana antes de 1º de janeiro, a saber, 25 de dezembro do ano 1 A.C. Tudo isso, entretanto, não passava da mais pura conjectura.

**Maneiras de Determinar a Data do Nascimento de Jesus:**

Há três pontos de referência que nos podem guiar na determinação da data do nascimento de Jesus, a saber:

1. *O recenseamento romano*, mencionado em Lucas 2:1,2. Lucas informa-nos que o nascimento de Jesus teve lugar em Belém, especificamente porque José e Maria tinham ido até ali para se alistarem, para efeito de pagamento de impostos, quando do recenseamento. Eles tinham ido até ali, porque aquela era a sua cidade nativa. Também somos informados de que Quirínio era, na ocasião, governador da Síria. As dificuldades a esse respeito surgem de imediato, porque as fontes informativas fora do Novo Testamento não indicam que Quirínio teria sido um dos governadores da Síria, e nem que ele determinou que se fizesse um recenseamento. Os acontecimentos durante o reinado de Augusto foram documentados de forma deficiente, pelo que é possível que, se Quirínio governou a Síria apenas por um breve período, seu nome simplesmente tivesse sido omitido nos poucos registros históricos provenientes da época. Uma inscrição danificada, que existe no Museu de Latrão, menciona um governador, cujo nome não é dado, e que teria governado a Síria por duas vezes; e é possível que esse homem tenha sido Quirínio. Acresça-se a isso que o título de *Legatus Caesaris* podia ser privilégio de dois homens ao mesmo tempo. Nesse caso, um deles cuidava das questões políticas, e o outro cuidava das questões militares. Quirínio pode ter sido um co-regente da Síria.

Parece-nos, entretanto, que Lucas tinha razão em suas assertivas. Temos algum conhecimento do padrão seguido nos recenseamentos romanos. Esses recenseamentos eram feitos a cada catorze anos, começando em 90 até 258 D.C. Sabe-se que um outro recenseamento foi efetuado em 62 D.C. Se esse padrão foi uniformemente seguido, então um outro recenseamento deve ter sido efetuado em 8 A.C., outro em 6 D.C., outro em 20 D.C. e outro em 34 D.C., e ainda outro em 48 D.C. Entretanto, sabemos

que alguns recenseamentos eram locais ou regionais. As palavras usadas por Lucas, «toda a população do império, para recensear-se», parecem indicar um dos recenseamentos universais; porém, isso nos daria a data de 8 A.C. como a data do nascimento de Cristo. Porém, a tarefa de organizar o recenseamento nas províncias mais distantes precisou de considerável tempo para concretizar-se, sendo perfeitamente possível que, naqueles lugares, só tenha ocorrido considerável tempo após 8 A.C. Um ano ou dois não seria exagerado. Com base nas indicações dadas pelos recenseamentos, pois, só podemos dizer que Jesus deve ter nascido em 6 ou 7 A.C., ou mesmo antes. Isso significa uma diferença de mais de meia década, em relação à opinião de Dionísio Exíguo.

2. *A Estrela de Belém*, segundo se lê em Mateus 2:2. O cometa de Halley foi avistado em 12 A.C. Sendo um espetáculo brilhante, pode ter sido considerado como arauto Daquele que é a Luz do Mundo. Nesse caso, Jesus teria nascido em um domingo, 25 de dezembro de 12 A.C. Mas essa data é muito atrasada. Além disso, os antigos geralmente pensavam que os cometas eram portentos malignos.

Muitos astrônomos e intérpretes da Bíblia de nossos dias têm suposto que a *estrela* foi, na realidade, uma rara conjunção de planetas, envolvendo, principalmente, Saturno, Júpiter e Marte, o que teria ocorrido no signo de Peixes. Em prol dessa idéia pode ser dito que Peixes simbolizava Israel, e também que um apropriado símbolo do cristianismo seria um *peixe*. De fato, posteriormente, assim sucedeu, quando i/ch/th/us (palavra grega para peixe) tornou-se uma abreviatura de «Jesus/Cristo/de Deus/Filho». Porém, é possível que em tudo isso haja apenas muita fantasia. Talvez seja significativo quando certos místicos modernos afirmam que, em fevereiro de 1962, houve uma similar rara conjunção de planetas. E eles supõem que, juntamente com outros indícios, teria sido então que o anticristo nasceu. Se isso é verdade, então a idéia de conjunção de planetas assume uma outra significação. Acresça-se em favor dessa idéia que os magos (que vide), eram astrólogos do Oriente, os quais podem ter suposto que uma rara conjunção de planetas em Peixes (que simbolizava Israel), naturalmente indicaria o nascimento de um rei de Israel. Naturalmente, outras interpretações têm sido oferecidas acerca dessa estrela, como aquelas que dizem que seria uma personalidade divina, ou algum fenômeno celeste divinamente provocado. Quanto a comentários completos sobre a questão inteira, ver as notas sobre o trecho de Mateus 2:2, no NTI.

Se a estrela de Belém foi, realmente, essa conjunção de planetas, então o nascimento de Jesus poderia ser datado em cerca de 6 ou 7 A.C., quando esse fenômeno teve lugar.

3. *A Morte de Herodes*. O Herodes (pois houve diversos deles) referido na narrativa do nascimento de Jesus morreu em 4 A.C., e continuava vivo e ativo quando chegaram os magos, talvez dois anos mais tarde. Portanto, sabemos que Jesus deve ter nascido antes dessa data. Isso fortalece a conjectura do ponto dois, acima. Josefo informa-nos que houve um eclipse de luz imediatamente antes do falecimento de Herodes (*Anti.* xvii.6,4). Os astrônomos têm calculado que houve um eclipse de luz visível na Palestina a 23 de março de 5 A.C. Outros eclipses da lua foram visíveis ali a 15 de setembro de 5 A.C., a 12 de março de 4 A.C., e a 1º de janeiro de 1 A.C. Josefo também registra que Arquelau, que sucedeu a Herodes (ver Mat. 2:22), foi deposto em 6.D.C., no décimo ano de seu reinado (*Anti.* xvii.13.2; *Guerras* ii.7,3). Esses detalhes apontam todos para 4 A.C. como a data da morte de Herodes. Sabemos que a sua morte ocorreu na primavera, visto que ele morreu pouco antes da páscoa (*Anti.* xvii.6,6-9,3). Poderíamos supor que o infante Jesus continuou na Palestina por algum tempo, algo menos do que dois anos, antes da fuga da família para o Egito. Portanto, adicionando quatro e mais dois, chegamos cerca de 6 D.C., o que corresponde à rara conjunção dos planetas, mencionada no segundo ponto, acima.

a. *O Dia e o Mês do Nascimento de Jesus*. Solicito que o leitor examine o meu artigo sobre o *Natal*, onde se aprende por que a data de 25 de dezembro foi escolhida como o dia em que se comemora o nascimento de Jesus. Essa data não era observada como a data do nascimento de Jesus, senão depois da ascensão de Constantino ao trono imperial. Fora até então um feriado pagão, que foi substituído por um feriado cristão. Antes de Constantino, muitos cristãos preferiam a data de 6 de janeiro. No entanto, não havia evidências históricas em favor de qualquer dia particular. O fato de que os pastores estavam cuidando de seus rebanhos nas colinas da Judéia (ver Luc. 2:8), mostra-nos que o tempo não podia ser durante os meses de dezembro e janeiro, pois então era inverno. No hemisfério norte do globo terrestre, o inverno ocorre nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro.

b. *O Batismo de Jesus*. Lucas presta-nos uma informação que tem a ver com a cronologia referente a esse evento, ao dizer que o ministério de João Batista começou no décimo quinto ano do reinado de Tibério César (Luc. 3:1). Josefo afirma que Tibério sucedeu a Augusto, por ocasião da morte deste (*Anti.* xviii. 2:2). Augusto faleceu a 19 de agosto de 14 D.C. Isso faria o começo do ministério de João Batista corresponder ao ano 29 D.C. Porém, a maioria dos cronologistas pensa que essa data é tardia demais. Eles preferem supor que Lucas referia-se ao tempo em que Tibério tornou-se co-imperador com Augusto, o que sucedeu em cerca de 11 D.C. Eusébio assevera que Jesus foi batizado no quarto ano da governança de Pilatos, e que Pilatos foi nomeado mais ou menos no décimo segundo ano do reinado de Tibério (*Hist.* 1:10). Todavia, desconhecemos com qual autoridade Eusébio declarou tal coisa, além do que a sua informação nos daria um ministério um tanto posterior para João Batista. Lucas diz-nos que Jesus foi batizado quando tinha cerca de trinta anos de idade (Luc. 3:23). Se essa informação é exata, então Jesus deve ter sido batizado em cerca de 26 D.C., e quanto a isso, não precisamos de quaisquer outras evidências. De fato, todas as evidências que demos até agora são acompanhadas por dificuldades, de tal modo que não podemos fixar datas com qualquer grau de certeza. Os orientais não eram muito exatos nessa questão de números, e as palavras usadas por Lucas, «cerca de trinta anos» (Luc. 3:23), poderiam indicar um pouco menos ou um pouco mais do que trinta anos. Sabe-se, porém, que, na sociedade judaica, os homens não ocupavam posições de liderança enquanto não chegavam aos trinta anos de idade, o que significa que Jesus, na realidade, tinha um pouco mais de trinta anos ao dar início ao seu ministério.

c. *Duração do Ministério de Jesus*. Os intérpretes procuram calcular a duração do ministério do Senhor observando quais e quantos feriados religiosos judaicos são mencionados nos evangelhos. Mas, logo surge o primeiro problema quando se considera que o evangelho de João menciona várias dessas festas religiosas que não figuram nos evangelhos sinópticos. Já em João 6:4 encontramos uma páscoa que não

figura nas narrativas sinópticas. Alguns eruditos textuais supõem que isso representa uma adição escribal no evangelho de João, embora não haja qualquer evidência em favor disso, nos manuscritos. Outros eruditos opinam que os informes de João sobre festividades não indicam qualquer cronologia, visto que o quarto evangelho não é ordenado em forma cronológica. Isso significaria que os feriados específicos mencionados estão cronologicamente fora de ordem, ou então que tais feriados são totalmente artificiais, sendo meros artifícios literários, para ornar os ensinamentos de Jesus. Seja como for, se seguirmos somente os feriados mencionados nos evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas), obteremos um ministério de cerca de apenas um ano para Jesus. Hort chega a um ministério de Jesus de apenas um ano, ignorando o trecho de João 6:4, supondo que se trata de uma adição primitiva ao texto original. Historiadores bíblicos, em anos recentes, têm suposto que os evangelhos sinópticos estão mais perto da verdade, do ponto de vista da cronologia. Os conservadores, porém, mostram-se relutantes em sacrificar os informes joaninos; mas essa relutância em nada ajuda a explicar as escassas informações dadas pelos evangelhos sinópticos. O problema que um intérprete bíblico precisa explicar consiste no seguinte: 1. rejeitar a cronologia dos evangelhos sinópticos; 2. rejeitar a cronologia do evangelho de João; ou 3. fazer ainda o que é mais duvidoso, tentando reunir tais informes, como se, cronologicamente, eles fossem suplementares, e não estivessem, realmente, em conflito. A maioria dos eruditos modernos prefere ficar com os evangelhos sinópticos quanto a esse ponto, embora não haja como termos certeza quanto a isso. Eusébio referia-se a um ministério de Jesus de três ou quatro anos (*Hist.* i.10.39,40). Mas a sua autoridade provavelmente era o evangelho de João, pelo que nada de novo é acrescentado como evidência. Alguns pais da Igreja, como Clemente de Alexandria (Stromata, i.21), supõem que Isaías 61:2 e Lucas 4:18, ao falarem no «ano aceitável» do Senhor, queriam indicar que, na realidade, o ministério de Jesus perdurou apenas por um ano. Porém, mesmo que isso correspondesse à cronologia dos evangelhos sinópticos, não é provável que as próprias Escrituras quisessem indicar um ano literal, quando usaram essa expressão.

d. *A Crucificação*. A simples aritmética nos poderia fornecer o ano da crucificação de Jesus; mas as conclusões diferem, em consonância com a cronologia a ser seguida, se a dos evangelhos sinópticos ou a do evangelho de João, conforme foi discutido no parágrafo acima. Se Jesus nasceu em A.C., viveu por trinta anos, iniciou o seu ministério, que teria durado apenas um ano, então deve ter sido crucificado em 26 D.C. Mas, se o seu ministério prolongou-se por três anos, então ele deve ter sido crucificado em cerca de 29 D.C. Os pais da Igreja em nada nos ajudam nesse particular. Eles limitam-se aos informes bíblicos. Assim, Clemente de Alexandria fala em 28 D.C.; mas Eusébio fala em 33 D.C. (*Hist.* i.10). Tudo depende também do dia que atribuirmos ao nascimento de Jesus, e isso varia em alguns anos, dependendo de como manipularmos as informações. O *dia* é mesmo mais fácil de ser fixado do que o ano, porquanto sabemos que foi em uma *sexta-feira*, na época da páscoa, e, portanto, a 14 ou 15 do mês de Nisã (correspondente ao nosso abril). O dia de sexta-feira tem sido posto em dúvida, mas penso que o leitor verá, com base nas evidências oferecidas no artigo sobre o *Dia da Crucificação*, que a sexta-feira é o dia certo. O trecho de João 19:31 afirma especificamente que o corpo de Jesus foi tirado da cruz a fim de que ali não permanecesse no sábado, o qual, segundo a maneira de contar os dias, entre os judeus, começaria às 18:00 horas. Além disso, o quarto evangelho informa-nos que o dia da crucificação era a parasceve, ou preparação, que era a antiga expressão hebraica, que terminou entrando no idioma grego, para indicar a véspera do sábado, ou seja, a sexta-feira. E o trecho de Lucas 23:54 diz que o dia da crucificação foi no dia da preparação, e que o sábado logo teria início. A cronologia de Lucas permite apenas três dias (ver Luc. 23:52 - 24:1), a saber: 1. a preparação; 2. o sábado; e 3. o primeiro dia da semana. O artigo acima mencionado explica como isso pode ser reconciliado com a expressão três dias e três noites, como o tempo da permanência do corpo de Jesus no sepulcro. Há um artigo separado sobre esse ponto, com o título de *Três Dias e Três Noites*. Que o dia foi uma sexta-feira, é claro; mas o *ano*, continua em dúvida.

*As horas de trevas*. Se o período de trevas, que ocorreu enquanto Jesus esteve sobre a cruz (ver Mat. 27:45), ocorreu devido a algum eclipse do sol, então isso nos forneceria uma indicação astronômica. Entretanto, sabemos que um eclipse, naquela ocasião, era algo impossível, porque era tempo da lua cheia, uma das características da páscoa. Além disso, nenhum eclipse do sol continuaria pelo espaço de três horas. A explicação das três horas de trevas, se é que foi um fenômeno natural, deve ter sido uma *nuvem de poeira cósmica*, pelas quais, algumas vezes, passa o nosso globo, e em face do que as trevas podem sobrevir à terra, por várias horas, mesmo durante o horário diurno. Ver as notas em Mateus 27:45, no NTI, quanto a completas explicações sobre essa questão, além de outras especulações acerca das trevas.

*A refeição da páscoa, a crucificação e problemas de harmonização*. A crucificação teve lugar a 14 ou 15 do mês de Nisã? Os evangelhos sinópticos parecem concordar com o evangelho de João, quanto a esse ponto. Quanto a completas explicações ver as notas no NTI, em Mateus 26:17.

**III. A Cronologia da Era Apostólica**

a. *A Conversão de Paulo*. Diversos fatores dificultam a determinação de datas, quanto a esse período do Novo Testamento. Tudo parte da data da crucificação de Jesus. A partir dessa data, teremos de acrescentar algum tempo para cobrir o período durante o qual Paulo perseguiu a Igreja cristã, durante esse tempo ele esteve ativo em muitos lugares, viajando por várias cidades, atrás de judeus cristãos (Atos 26:11).

Paulo informa-nos que Aretas era governante de Damasco quando ele mesmo teve de fugir daquela cidade, tendo sido descido dentro de uma cesta, pela muralha da cidade abaixo (II Cor. 11:32), o que sucedeu depois que ele havia permanecido por três anos na Arábia (Gál. 1:17,18). Dispomos de várias informações a respeito de Aretas, sogro de Herodes Ântipas, mas coisa nenhuma tão específica que nos possa ajudar, com bases extrabíblicas, a determinarmos quaisquer datas exatas relativas ao apóstolo dos gentios. Aretas I era chamado «rei dos árabes»; mas Roma obteve domínio sobre aquela área, pelo que parece que o Aretas aludido por Paulo era uma espécie de rei vassalo em Damasco, dotado de alguma independência, mas sob o controle dos romanos. Aretas teve uma disputa com Ântipas (que vide), e o imperador Tibério enviou Vitelo, procônsul da Síria, a fim de ajudar Ântipas. Porém, antes que o seu exército pudesse atacar, Tibério faleceu, e o exército

foi chamado de volta. Ora, a morte de Tibério ocorreu a 6 de março de 37 D.C. Portanto, o tempo referido em II Coríntios 11:32 provavelmente ocorreu antes da morte de Tibério, porquanto vemos que Aretas acabou responsável pela cidade de Damasco. Todo esse raciocínio, entretanto, fornece-nos apenas um período aproximado: três anos (a permanência de Paulo na Arábia) antes da morte de Tibério, embora tal período possa ter sido consideravelmente mais longo. Isso posto, os eruditos citam datas a começar de 33 D.C. em diante. Podemos começar no tempo da crucificação de Jesus, adicionar um ano para as perseguições movidas por Paulo, e chegar entre os anos 27 e 30 D.C. para a sua conversão, e talvez 33 D.C. para o incidente ocorrido em Damasco. Porém, isso estaria baseado na cronologia dos evangelhos sinópticos acerca da crucificação, e na suposição de que Paulo perseguiu a Igreja somente pelo espaço de um ano, antes de sua conversão.

b. *A Morte de Tiago*. Supõe-se que a morte desse apóstolo ocorreu logo no início do reinado de Agripa I. A Agripa fora dada a tetrarquia de Filipe, e então a de Antipas o que ocorreu em 39 D.C., calculando-se em bases extrabíblicas. Ele tornou-se o rei de Judá, Samaria e Abilene em 41 D.C., e reinou pelo total de sete anos, somente três dos quais sobre a Judéia. O trecho de Atos 12:23 parece dar a entender que ele morreu por ocasião da festa, quando foi ferido por um anjo; e Josefo diz que ele só sobreviveu mais cinco dias. A sua morte ocorreu em 44 D.C. Se supormos que o aprisionamento de Pedro e a morte de Tiago ocorreram durante o começo da autoridade de Antipas sobre a Judéia, então o ano de 41 D.C. poderia ter sido a data desses acontecimentos.

c. *A Fome na Época de Cláudio*, referida em Atos 11:29. O problema com relação a alusão que Lucas faz a esse período de fome é que vários deles tiveram lugar no império romano, durante o reinado de Cláudio, de 41 a 54 D.C. Os historiadores romanos Tácito e Suetônio, bem como Josefo, informam-nos sobre diversos períodos de fome, pelo que é difícil determinar a qual desses períodos Josefo se referia. A declaração lucana de que essa fome ocorreu «por todo o mundo» indica uma fome muito severa, na época do reinado de Cláudio. É possível que a linguagem usada por Lucas tenha sido um tanto exagerada. No entanto, Josefo informa-nos acerca do grande número de judeus que morreram de fome na época de C. Cuspius Fadus e de Tibério Alexandre, em 44-46 e 46-48 D.C., respectivamente. É possível que Lucas se tenha referido a um desses períodos. Mas alguns intérpretes supõem que é preferível pensar entre 41 e 45 D.C., e que esta última data é a mais preferida. O começo das viagens missionárias de Paulo não ocorreu muito após essa fome, conforme o livro de Atos nos mostra.

d. *A Vida de Paulo*. Não muito depois da fome mencionada acima, sob o ponto «C», teve início a carreira missionária de Paulo, talvez no ano 46 D.C. A cronologia sobre a vida de Paulo é dificultada pelos próprios informes bíblicos. Há considerável dificuldade para a harmonização do que nos diz Lucas, no livro de Atos, com referência às cartas de Paulo. Sempre que aparecem diferenças, a maior parte dos eruditos modernos prefere as próprias palavras de Paulo, supondo que Lucas não estava procurando dar-nos qualquer descrição detalhada, e nem qualquer cronologia exata. Isso pode ser prontamente demonstrado pelo fato de que os três longos anos de permanência de Paulo, na Arábia, imediatamente após a sua conversão, são inteiramente omitidos por Lucas. Devemos situar esse período, como se fosse uma cunha, entre os versículos 21 e 22 do nono capítulo do livro de Atos. Com base na narrativa de Atos, poderíamos supor que a visita de Paulo a Jerusalém (Atos 9:26 *ss*), quando então se encontrou com os outros apóstolos, ocorreu pouco tempo após a sua conversão. E, no entanto, o trecho de Gálatas 1:18 nos fornece um período intermediário de três anos.

1. *Problemas de Harmonia*

A questão das viagens missionárias de Paulo serem precisamente três, é posta em dúvida por alguns. Pode ter havido outras viagens missionárias, mais curtas ou mais longas. A narrativa de Lucas parece ser uma espécie de sumário de eventos principais. Os informes que o próprio Paulo nos dá não cabem com justeza dentro dos eventos das três viagens. Antes mesmo disso, a visita a Jerusalém, em conjunção com o episódio da fome (Atos 11:27 *ss*), é omitida nas epístolas paulinas, a não ser que Gálatas 2:1-10 seja uma referência a essa visita. Quanto a esse problema de cronologia, bem como a outros pontos difíceis de harmonia, envolvendo Lucas e Paulo, nas notas expositivas no NTI, em Atos 11:27, tecemos comentários que são apropriados. É possível que tanto Lucas quanto Paulo nos tenham fornecido dados parciais, e que, juntando as mesmas, possamos obter um quadro mais completo, embora não possam ser perfeitamente manipulados, no tocante à harmonia e à cronologia. Parece que, seja como for, no que concerne a visita vinculada à fome, é mais acertado identificá-la com Gálatas 2:1-10, e não com a visita relacionada ao concílio, relatada em Atos 15:1-32.

2. *A Primeira Viagem Missionária* (Atos 13:3 *ss*). Se tirarmos proveito do esboço lucano, para efeito de conveniência, poderíamos datar a primeira viagem missionária em cerca de 46 D.C., pouco após o período da fome de Atos 11:28. O concílio apostólico, nesse caso, deve ter ocorrido no ano 48 D.C. O trecho de Atos 2:1-10, por conseguinte, não deve ser identificado com esse concílio, o qual, na realidade, é historiado no décimo quinto capítulo de Atos, conforme já foi dito acima.

3. *A Segunda Viagem Missionária* (Atos 15:36 *ss*). Essa viagem teria coberto a data de 49 - 52 D.C., aproximadamente.

4. *A Terceira Viagem Missionária* (Atos 18:23 *ss*). Essa viagem, que teve início assim que a outra terminou, poderia ser datada entre 53 e 57 D.C.

5. *Uma Quarta Viagem Missionária*? O livro de Atos nada diz sobre uma suposta quarta viagem missionária. Mas muitos eruditos, com base em informes existentes nas epístolas pastorais, bem como nos escritos dos primeiros pais da Igreja, supõem que Paulo fez uma viagem missionária na qual chegou até a Espanha, entre seu primeiro e seu segundo períodos de aprisionamento, ou seja em 64 ou 65 D.C.

*Detalhes dessas viagens*. O leitor deveria consultar o artigo intitulado *Paulo, Sua Importância*, I, Vida, pontos terceiro a oitavo.

6. *Primeiro Período de Detenção*. Narrado em Atos 28, o primeiro período de aprisionamento ocupou os anos de cerca de 61 a 63 D.C. Ver os detalhes sobre esse episódio no artigo sobre Paulo, I, 7.

7. *Intervalo Entre o Primeiro e o Segundo Períodos de Detenção*. Esse intervalo é deduzido das epístolas de Paulo, mais precisamente de suas epístolas pastorais, e não do livro de Atos. Esse intervalo ocupou os anos de 63 a 65 D.C., tendo incluído uma quarta viagem missionária. Ver o artigo sobre Paulo, I,8. Ver também as notas expositivas sobre Rom. 15:24, no NTI, onde Paulo expressa o desejo de ir até

a Espanha, e que, aparentemente, ele finalmente cumpriu.

8. *Segundo Período de Detenção*. Esse episódio não é mencionado no livro de Atos, cuja narrativa só vai até o primeiro período de detenção; mas é subentendido pelas atividades narradas nas epístolas pastorais do próprio Paulo, onde transparece um ministério após aquele que foi registrado no livro de Atos, mas que, segundo o apóstolo já previa, terminaria com a sua morte (II Tim. 4:6,7). Esse período deve ter ocupado os anos de 66 e 67 D.C. Ver o artigo sobre Paulo I,9.

9. *Morte de Paulo*. As tradições asseveram que Paulo foi executado por decapitação na via Óstia, imediatamente fora de Roma, por ordem de Nero. Visto que Nero morreu em 68 D.C., é bem provável que a morte de Paulo tenha ocorrido em 67 D.C.

10. *Tabela da Vida de Paulo*:

| *Eventos* | *Datas* |
|---|---|
| Nascimento | c. de 1 DC. |
| Conversão | 34 |
| Visita de fome, a Jerusalém | 45 |
| Primeira viagem missionária | 46-48 |
| Concílio de Jerusalém | 49 |
| Segunda viagem missionária | 49-52 |
| Terceira viagem missionária | 53-57 |
| Aprisionamento em Jerusalém | 57 |
| Aprisionamento em Cesaréia | 57-60 |
| Primeiro aprisionamento em Roma | 61-63 |
| Quarta viagem missionária | 64-65 |
| Segundo aprisionamento em Roma | 66-67 |
| Morte | 67 |

**IV. Cronologia das Epístolas Paulinas.** No artigo intitulado, *Paulo, a Importância de*, no décimo ponto, damos a seqüência em que foram escritas as epístolas desse apóstolo, com os eventos históricos paralelos. A principal diferença entre esta apresentação e aquela oferecida ali é que, neste ponto, à epístola de Gálatas damos o primeiro lugar, dentro da seqüência cronológica. As razões para termos dado essa primeira posição à epístola aos Gálatas são amplamente ventiladas naquele artigo, sob o segundo ponto, *Data e Proveniência*. Se aceitarmos a autoria paulina das epístolas pastorais, então poremos as mesmas no fim da coletânea de escritos paulinos, relacionando-as ao período de liberdade de Paulo, após seu primeiro aprisionamento em Roma, e durante seu segundo período de aprisionamento naquela cidade. Mas, se elas são deuteropaulinas, então temos de atribuir-lhes uma data ainda posterior. Seja como for, os artigos sobre cada uma das epístolas paulinas nos fornece detalhes abundantes sobre suas datas e sobre as circunstâncias históricas que as acompanharam. Torna-se claro, através de algumas referências nas epístolas paulinas, como em Colossenses 4:16, que Paulo escreveu epístolas que não foram preservadas para nós. Entretanto, a coletânea de que dispomos é suficientemente extensa para representar devidamente a teologia paulina. Naturalmente, é possível que alguns itens doutrinários, bem interessantes, como também dados históricos, poderiam estar contidos nas epístolas de Paulo que não chegaram até nós, e que, por isso mesmo, terão de permanecer como um mistério, a menos que, algum dia, a arqueologia as traga à luz.

*Tabela Cronológica das Epístolas de Paulo*

| *Epístola* | *Local de Escrita* | *Data* |
|---|---|---|
| Gálatas | Antioquia da Síria | 49 DC. |
| I Tesssalonicenses | Corinto | 51 |
| II Tessalonicenses | Corinto | 51-52 |
| I Coríntios | Éfeso | 55 |
| II Coríntios | Macedônia | 56 |
| Romanos | Corinto | 57 |
| Efésios | Roma | 61-62 |
| Colossenses | Roma | 61-62 |
| Filemom | Roma | 61-62 |
| Filipenses | Roma | 61-62 |
| I Timóteo | Macedônia? Espanha? | 64 |
| Tito | Macedônia? Espanha? | 64 |
| II Timóteo | Roma | 67 |

*Observações*. 1. As epístolas aos Colossenses, aos Efésios e a Filemom formam um grupo, pelo que provavelmente foram escritas estando Paulo aprisionado em Éfeso, em uma data anterior àquela que aparece na tabela acima. Ver a introdução à epístola aos Colossenses, em II, Data e Proveniência, quanto a informações sobre essa especulação. Se a data anterior for aceita, então deveremos pensar no ano 54 D.C. 2. Vários lugares têm sido sugeridos como o local onde foram escritas as epístolas pastorais, uma questão discutida no artigo sobre I Timóteo, sob a parte III, Data e Proveniência. 3. A epístola aos Hebreus não é de autoria paulina, conforme se vê nas razões alistadas no artigo sobre aquela epístola, sob a parte I, Autoria.

**V. Datas Pós-Paulinas Importantes**

a. Fuga dos cristãos de Jerusalém para Pela, antes da destruição de Jerusalém, entre 66 e 70 D.C.

b. A destruição de Jerusalém, no ano 70 D.C.

c. Perseguição contra os cristãos, durante o reinado de Domiciano, entre 81 e 96 D.C.

d. Literatura *neotestamentária* pós-paulina, como as epístolas de Pedro, a epístola de Judas, as epístolas joaninas e o Apocalipse. O gráfico que aparece sob o sexto ponto relaciona todos os livros do Novo Testamento a eventos históricos, onde também as datas podem ser averiguadas. Além disso, na introdução a cada livro, é discutido o problema das datas.

e. Literatura secular, relacionada ao movimento cristão. Um artigo separado é apresentado sobre *Livros Apócrifos*, parte III; *Novo Testamento*: *Livros Apócrifos e Outra Literatura Cristã Antiga*. As datas desses escritos, paralelamente a certos eventos históricos, são expostas no gráfico que há sob o ponto sexto deste artigo.

f. Morte do apóstolo João, cerca do ano 100 D.C., que pôs fim à era apostólica. A questão do martírio de João, se ele foi martirizado ou não, e quando, talvez requeira que ele tenha morrido muito antes do que se pensa. A maioria dos estudiosos, entretanto, rejeita uma data anterior àquela tradicionalmente aceita. Esse problema é amplamente discutido no artigo sobre a primeira epístola de João, sob a parte III, Data, Proveniência e Destino.

**VI. Bibliografia.** BOY FIN IB ID ISBE OG UN Z

## VII. Tabelas Cronológicas Literárias e Históricas:

### a. Cronologia da Literatura do Novo Testamento e Literatura relacionada ao Novo Testamento.

*Desenvolvimento da Literatura do Novo Testamento e de outra Literatura Cristã Primitiva Datado e Comparado com a História Geral e com a História Narrada no Novo Testamento*

| DATAS | HISTÓRIA GERAL | HISTÓRIA DO NOVO TESTAMENTO | LITERATURA |
|---|---|---|---|
| Até 47 A.C. | Antipatre, procurador da Judéia (pai de Herodes, o Grande) | | |
| 50 A.C. | Herodes, o Grande (40-4 A.C.) | Nacimento de Jesus (8-4 A.C.) | |
| 1 D.C. | César Augusto (27 A.C.-14 D.C.) | | |
| 14 D.C. | Tibério (14-37 D.C.) | | |
| 28 D.C. | Pôncio Pilatos, procurador (26-36 D.C.) | Pregação de João Batista (28 D.C.) | |
| 30 D.C. | | Crucificação de Jesus (30 D.C.) | |
| | | Desenvolvimento da igreja | |
| 32 D.C. | | Conversão de Paulo (32-39 D.C.) | |
| | | Paulo em Jerusalém (37-38 D.C.) | |
| 38 D.C. | Gaio e Calígula (37-41 D.C.) | | |
| 46 D.C. | Cláudio (41-54 D.C.) | Evangelização do sul da Galácia (45-46 D.C. Atos 13-14) | |
| | Fome na Palestina (46 D.C.) | Concílio de Jerusalém (46-47 D.C. Atos 11:30; 15:2; Gál. 2:11) | |
| 50 D.C. | Expulsão dos judeus de Roma, sob Cláudio (49 D.C.) | Primeira viagem missionária de Paulo (46-47 D.C. Atos 13-14) | |
| 51 D.C. | Gálio, procônsul da Acaia (51-52 D.C.) | Segunda viagem missionária de Paulo (48-51 D.C. Atos 16-17) | |
| | | Paulo em Corinto (50 D.C. Atos 18) | I Tes. (50 D.C.) |
| 53 D.C. | Félix, procurador (52-58 D.C.) | Terceira viagem missionária (53 D.C. Éfeso, 54-57; Atos 19) | I Cor. (54-55 D.C.) |
| | | | Marc. (50-54 D.C.) |
| 58 D.C. | Nero (54-68 D.C.) | Paulo em Macedônea e na Grécia (55-58 D.C. Atos 20:1-6; 21:17) | Gál. (54-55 D.C.) |
| | Festo, procurador (58-62 D.C.) | Paulo em Jerusalém (56 D.C. Atos 21) | II Cor. (55 D.C.) |
| 59 D.C. | | Paulo em Roma (59 D.C. Atos 28) | Rom. (56 D.C.) |
| 61 D.C. | | Fim da história de Atos (61 D.C.) | Col. (59 D.C.)<br>Filc. (59-61 D.C.) |
| 62 D.C. | | Martírio de Tiago, irmão do Senhor (62 D.C.) | Fil. (59-61 D.C.)<br>Efé. (59-61 D.C.)<br>I e II Tim. (61-62 D.C.)<br>Tito (61 D.C.) |
| 64 D.C. | Perseguição de Nero (64 D.C.) | Martírio de Paulo (61-64 D.C.) | I Ped. (60-64 D.C.?) |
| 66 D.C. | | Começa a revolta dos judeus. Cristãos fogem para Pela (66 D.C.) | Heb. (70-80 D.C.) |
| 70 D.C. | Galva, Oto, Vitélio (68-69 D.C.) | Queda de Jerusalém (70 D.C.) | Tiago (75-80) |
| | Vespasiano (69-79 D.C.) | Perseguições de Domiciano (81-96 D.C.) | Luc.-Atos (75-80 D.C.) |
| 81 D.C. | Pompeu (79 D.C.) | | Mat. (75-80 D.C.) |
| | Tito (79-81 D.C.) | | Apo. (100 D.C.) |
| 100 D.C. | | Morte de João (100 D.C.) | João (100 D.C.) |
| | Plínio persegue os cristãos (112 D.C.) | | I, II, III João (100 D.C.) |
| | | | Judas (100 D.C.) |
| | Inácio martirizado em Roma (115 D.C.) | | I Clem. (100 D.C.) |
| | | | Inácio (100 D.C.) |

**Cronologia Literária, cont.**

**segundo século**

Didache (140 D.C.)
II Ped. (150 D.C.)
II Clem. (150 D.C.)
Pastor de Hermas (130-150 D.C.)
Ev. de Tomé (100-150 D.C.)
Ev. dos Egípcios (150 D.C.)
Ev. de Pedro (160 D. C.)
Ev. de Nicodemos (Séc. II-V?)
Ev. da Infância (séc. II-V)
Atos de João (150-160 D.C.)
Atos de Pedro (160 D.C.)
Atos de Tomé (180-200 D.C.)
III Cor. (200 D.C.)
Ep. Laodicenses (180 D.C.?)
Paulo e Sêneca (190 D.C.?)
Apo. de Pedro (180 D.C.)
Apo. de João (180 D.C.)
Apo. de Tiago (125-180 D.C.?)
Apo. de Paulo (225- D.C.)

.....

# CRONOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO

b. História Secular Relacionada a Eventos Registrados no Novo Testamento.

*ACONTECIMENTOS DURANTE OS TEMPOS DO NOVO TESTAMENTO*

## ROMA

Primeiro Triunvirato: Júlio César, Pompeu, Crássio 60 A.C.

Segundo Triunvirato: Otávio, Lepidus, Antonio, 43 A.C.

Augusto (Otávio), 31 A.C. - 14 D.C.

Nascimento de Sêneca (3? D.C.)

Morte de Augusto, Reinado de Tibério, 14-37 D.C.

Morte de Livy e Ovídio, 18 D.C.

Calígula, 37-41 D.C.

Cláudio, 41-51 D.C.

Nero, 54-58 D.C.

Galva, OTO, Vitélio, 68 D. C.

Vespasiano 69-79 D. C.

## PALESTINA

Conquista de Jerusalém por Pompeu, 63 A.C.
João Hyrcanus II, 63-40 A.C.

Herodes o Grande recebeu o poder e reinou (37-4 A.C.)

| ITUREA, Trachonitis, Palestina do Norte | GALILÉIA | JUDÉIA |
|---|---|---|
| Filipe, 4 A.C. 34 D.C. | Herodes Antipas 4 A.C - 39 D.C. | Arquelau, 4 A.C. - 6 D. C. |
| | | Vários procuradores 6-41 D.C. (Pilatos 26-36) |
| | | Morte de Hillel, queda de Arquelau, Judéia feita província romana (6 D.C.) |
| | Insurreição de Judas da Galiléia (7 D.C.) | |
| | Edificação de Tiberíades por Antipas (18 D.C.) | |
| Agripa I 37-44 D.C. Agripa II 53-93 D.C. | Agripa I 39-44 D.C. Agripa II 54-93 D.C. | Agripa I 41-44 D.C. Procuradores 44-66. (Félix 52-60; Festus 61-62) |

Primeira revolta dos judeus 66 D.C.
Queda da Jerusalém 70 DC.

## NOVO TESTAMENTO

Jesus nasceu, primavera de 4 D.C. João Batista, quase ao mesmo tempo.

Censo sob Quirino ou Cirênio. Fuga de Jesus para o Egito, morte de Herodes 4 A.C. Volta de Jesus à Palestina

Nascimento de João, o apóstolo (2? D.C.)

Nascimento de Paulo, o apóstolo (5 D.C.)

A primeira visita de Jesus ao templo, 9 D.C. (Luc. 2:41)

Morte de José (20? D.C.)

Batismo de Jesus, começo de seu ministério (28 D.C.)

Ministério de Jesus (28 D.C.)

Crucificação 31 D.C.

Conversão de Paulo 32 D.C.

Paulo perante Festus

61 D.C.

Paulo em Roma, 62 D.C.

## CRUCIFICAÇÃO

Mat. 27:35: *Então, depois de o crucificarem, repartiram as vestes dele, lançando sortes, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Repartiram entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica lançaram sortes.*

*Depois de o crucificarem.* (Ver o artigo sobre a *Expiação*). A crucificação é modo muito antigo de execução. O *stauros* (vocábulo grego) para «poste», «cruz» originalmente era um poste de ponta afiada, em cima do qual as vítimas eram lançadas, para ficarem ali suspensas e torturadas. Era usado na Pérsia e em Roma dos tempos antigos. Os judeus suspendiam um criminoso, após a sua morte, com o propósito de servir de exemplo (ver Deut. 21:22,23). Ao tempo de Cristo, três tipos de cruzes eram usadas — uma que se assemelhava à nossa letra X (chamada cruz de Santo André), outra parecida com nossa letra T (chamada cruz de Santo Antônio), e a cruz latina, de desenho bem conhecido ✝. Não há absoluta certeza sobre a modalidade de cruz que foi empregada quando da execução de Jesus, mas a maioria dos estudiosos acredita que tenha sido a de último tipo. A crucificação sempre tinha lugar fora dos muros da cidade e a vítima carregava a sua cruz até o local da execução. As mãos (provavelmente no pulso ou no metacarpo) eram cravadas, primeiramente a direita, e então a esquerda, enquanto o condenado jazia sobre a terra. As autoridades diferem sobre o ponto dos pés serem cravados em separado ou se ambos eram cravados juntos. Não havia apoio para os pés, propriamente dito, mas alguma espécie de apoio em torno dos pés era usado. O mais provável é que na cruz os pés da vítima ficassem a apenas cerca de um palmo da terra. — A morte usualmente demorava muito, raramente exigindo menos de trinta e seis horas, e ocasionalmente se prolongava por nada menos de nove dias. As dores eram intensas, e as artérias da cabeça e do estômago ficavam grossas de sangue. Às vezes declarava-se febre traumática e tétano. Quando era desejável apressar a morte da vítima, as pernas eram despedaçadas com golpes aplicados com um pesado cacete ou martelo. O próprio nome da cruz era motivo de opróbrio, culpa e ignomínia. *Cícero* declarou: «O próprio nome (da cruz) deveria ser excluído não só do corpo, mas também dos pensamentos, dos olhos e dos ouvidos dos cidadãos romanos». Era uma execução reservada aos criminosos mais vis. Constantino (imperador romano em cerca de 300 D.C.), após a sua conversão ao cristianismo, embora nominalmente apenas, aboliu essa prática.

### Uma Morte em Jerusalém

*Artigo extraído por permissão da Revista Time, secção «Ciência», edição de 18 de janeiro de 1971.*

Foi um período de grande intranqüilidade e agitação na antiga Judéia. Desassossegados sob o governo pagão de Roma, os judeus da Palestina, no primeiro século da era cristã, por repetidas vezes desafiaram os seus conquistadores com gestos ousados de oposição e atos francos de rebelião. A resposta dos romanos usualmente era imediata e cruel. Talvez porque tenha participado em um desses levantes ou tenha cometido alguma outra ofensa grave, aos olhos dos severos governantes de Jerusalém, um jovem judeu, chamado *Yehohanan* (forma hebraica para *João*), foi sentenciado à morte. A semelhança de milhares de outros judeus—incluindo Jesus de Nazaré—que também fora condenado pelos procuradores romanos durante aqueles anos de turbulência, Yehohanan morreu lenta e dolorosamente na cruz.

**Primeira Evidência**

**A morte de Yehohanan foi esquecida prontamente.** Nenhum documento foi jamais encontrado que registrasse o seu crime ou relembrasse a sua execução. No entanto, depois de quase dois mil anos, foi ele agora súbita e sensacionalmente desenterrado das brumas da história. Na semana passada arqueólogos israelenses anunciaram que haviam identificado os restos mortais do desafortunado jovem, por haverem encontrado claras evidências sobre sua terrível execução.

Os eruditos israelenses, que estudaram seu achado por mais de dois anos, antes de fazerem o seu anúncio, mostraram-se compreensivelmente cautelosos. O que descobriram e autenticaram foi a primeira firme evidência física de uma crucificação real, no antigo mundo mediterrâneo. Embora a história registre que essa forma de punição tenha continuado a ser usada pelos romanos, até o século IV D.C. (até que foi finalmente banida por lei, pelo imperador Constantino I, que legalizou o cristianismo no império), a única evidência física anterior sobre a crucificação era extremamente tênue. Consistia de alguns poucos ossos, escavados na Itália e na Romênia, que continham perfurações nos braços e nos calcanhares, e que poderiam ter sido feitos durante crucificações. Mas nunca se descobrira qualquer traço dos cravos que teriam sido utilizados para penetrar no corpo das vítimas, fixando-as à cruz.

*A nova evidência arqueológica*, que é um subproduto de intensas escavações e dos projetos de construção efetuados pelos israelenses, nos territórios conquistados durante a Guerra de Seis Dias, é muito mais substancial. Em junho de 1968, um ano depois que as tropas israelenses ocuparam a cidade inteira de Jerusalém, os trabalhadores começaram a aplainar um trecho rochoso de terreno, com tratores, em um local que distava quase dois quilômetros da antiga Porta de Damasco daquela cidade, na direção norte, como preparativos para o soerguimento de um moderno complexo de edifícios de apartamentos. E quase imediatamente descobriram que aquele local, denominado Giv'at ha-Mivtar (que significa Colina da Fronteira) estava coalhado de sepulcros que datavam dos tempos bíblicos.

Convocado pelo *Departamento de Antigüidades e Museus de Israel*, o arqueólogo Vasilius Tzaferis não demorou em abrir quinze ossuários, ou seja, sarcófagos de pedra, que continham os esqueletos de trinta e cinco pessoas, onze homens, doze mulheres e doze crianças. Pelo menos cinco daqueles judeus tinham tido morte violenta. Mas Tzaferis ficou especialmente intrigado pelo que encontrou em um dos ossuários, que continha os ossos de uma criança de três ou quatro anos de idade, e os ossos de um adulto cujo nome—Yehohanan—estava escrito em letras aramaicas quase ilegíveis, do lado de fora. Os ossos do calcanhar desse homem estavam atravessados pelos restos enferrujados de um cravo com dezoito centímetros de comprimento.

Com base nesses frágeis ossos, um anatomista e **antropólogo romeno**, da Universidade Hebraica de Jerusalém, *Nicu Haas*, foi capaz de compor um quadro surpreendentemente detalhado do jovem: teria entre vinte e trinta anos de idade, e era de estatura média para aquele período (1,65 m), sendo dotado de feições delicadas e agradáveis, que pareciam aproximar-se do ideal helênico; talvez tivesse usado barba, e aparentemente jamais realizara qualquer trabalho realmente árduo—o que indicava



CRISTO NO CALVÁRIO



LEVANTANDO A CRUZ

sua possível origem nas classes abastadas. Excetuando os ferimentos que lhe foram infligidos durante sua crucificação, parece que gozava de saúde realmente excepcional. Suas únicas deformações físicas eram um palato levemente aberto e uma certa assimetria quase imperceptível em seu crânio, que talvez fosse sinal de um nascimento difícil.

**Cravo Torto**

O único cravo tão revelador foi preservado por uma estranha ocorrência. Por causa de um nó muito duro na madeira de oliveira da cruz, o cravo se entortou de leve para um lado, quando estava sendo fincado a marteladas em seu lugar. Mais tarde, quando aplicaram o tradicional golpe de misericórdia (pancada forte que fraturava ambas as pernas e que apressava a morte da vítima, causando hemorragia e choque), aparentemente o cravo torto mostrou estar firmemente fixado na cruz, tendo impedido todos os esforços de tirar o cadáver da cruz. A única maneira prática pela qual isso pôde ser feito, segundo escreve Haas no *Israel Exploration Journal*, foi «decepar os pés e então remover o complexo inteiro — cravo, placa de madeira que ajudava a manter os pés em posição, e os pés — da cruz». Em seguida, essas porções cortadas foram segundo todas as aparências, sepultadas imediatamente, juntamente com o resto do corpo, em uma sepultura temporária; pois os costumes judaicos proíbem que um corpo fique exposto por muito tempo depois da ocorrência da morte. Subseqüentemente, os restos mortais de Yehohanan foram desenterrados por seus amigos ou parentes, tendo sido removidos para seu lugar de descanso permamente, do lado de fora da cidade, onde permaneceram intocados até o ano de 1968.

A data exata da execução já não transparece com tanta clareza. Porém, se levarmos em conta os vasos e outros artefatos existentes na caverna, conforme verificaram os eruditos israelenses, poderemos fazer um cálculo aproximado: tudo poderia ter tido lugar desde 7 D.C., quando os judeus se levantaram contra os romanos, protestando por motivo de um recenseamento oficial, ou já no final da década antes da destruição do Segundo Templo e da dispersão dos judeus, em 70 D.C.

**A Agonia de Jesus**

O período e o lugar da execução desse jovem animou comparações com a própria paixão de Jesus Cristo na cruz—o que, segundo crêem os eruditos, teve lugar em cerca de 30 D.C., quando Jesus já havia passado dos trinta anos de idade.

Ao fixar a data para o início da era cristã, o monge cita do século VI D.C., Dionísio Exíguo, introduziu um equívoco de pelo menos quatro anos no cálculo do ano do nascimento de Jesus. Além disso, os evangelhos não fornecem uma data precisa nem para o nascimento e nem para a morte de Cristo.

Porém, o diretor de antiguidades de Israel, Abraham Biran, bem como certo número de eruditos bíblicos cristãos, prontamente advertiram contra a tentativa de identificar o esqueleto como se fosse o de Jesus. Conforme salientou o Dr. Bruce Metzger, do Princeton Theological Seminary: «Não temos, em absoluto, qualquer conhecimento acerca da estatura física de Jesus». Outrossim, o executado era mais jovem que Jesus, e os evangelhos historiam que os soldados romanos, em contraste à sua prática regular, não quebraram as pernas de Jesus antes de sua morte; mas feriram-lhe o lado do cadáver com uma lança. Tanto os arqueólogos como os eruditos bíblicos se mostraram compreensivelmente preocupados. Qualquer sugestão, ainda que remota, de que o corpo era o de Jesus, poderia desafiar duas das crenças cristãs mais centrais; a ressurreição, ou seja, a doutrina de que Cristo ressuscitou dentre os mortos, três dias após a sua crucificação; e a ascensão, que assegura que Jesus subiu corporalmente aos céus, quarenta dias mais tarde.

Embora o descobrimento feito em *Giv'at ha-Mivtar* não acrescente qualquer nova informação sobre a vida de Jesus, pode dar uma nova dimensão ao seu sofrimento final. Segundo a arte religiosa clássica, Jesus crucificado geralmente aparece em uma posição ereta, preso à cruz por cravos atravessados em suas mãos estendidas e através de seus pés. Na opinião de alguns estudiosos, entretanto, essa interpretação acerca da crucificação desde há muito tem parecido altamente improvável. Pois se o peso principal do corpo ficasse dependurado pelas mãos, o corpo da vítima ficaria arqueado para fora; tornar-se-ia extremamente difícil o funcionamento. De conformidade com a reconstituição da crucificação de Yehohanan, feita por Haas—o que talvez mostre a maneira típica usada nas crucificações da Palestina antiga—os cravos bem poderiam ter sido fixados através dos antebraços, a fim de que houvesse maior apoio, ao mesmo tempo que as pernas da vítima eram torcidas para um lado e dobradas. Haas chama isso de *posição compulsória e desnatural*. Porém, explica ele que isso teria servido aos propósitos dos executores perfeitamente bem: teria prolongado tanto a vida como a agonia da vítima.

De conformidade com os costumes romanos, os crucificados não eram tirados da cruz; eram ali abandonados, a fim de morrerem lentamente. Suas carnes eram dadas às aves ou aos animais ferozes. Havia ocasiões em que o sofrimento dos condenados era abreviado, acendendo-se uma fogueira ao pé da cruz, ou permitindo que leões ou ursos os despedaçassem. Mas os judeus não permitiam tais coisas; e também insistiam em que se desse sepultamento aos mortos na cruz. O ato de quebrar as pernas dos crucificados, na realidade era uma espécie de *golpe de misericórdia*, a fim de apressar a morte; e o transpassar com a lança também era outra forma de «golpe de misericórdia». Alguns comentaristas acreditam que foi quando estava sendo cravado na cruz que Jesus proferiu aquelas palavras: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem» (Luc. 23:34). A tortura da cruz era a forma de punição mais horrenda, desumana e sem misericórdia que jamais foi inventada pelo homem, e a palavra *excruciante*, termo moderno para indicar tortura ou dor intensas, se deriva desse vocábulo—*cruz*.

Temos um hino favorito que diz:

*Sob a cruz de Jesus,*
*Quero tomar meu lugar...*

Por instinto, preferíamos tomar lugar em toda parte, menos ali, porquanto em parte alguma achamos uma acusação tão patente contra a iniqüidade humana. Ali vemos claramente demonstrada a iniqüidade do homem. A própria história do mundo, com todos os seus conflitos e guerras, e até mesmo com as divisões e as contendas no seio da própria igreja cristã, serve de mais um testemunho acerca da maldade do homem. É na cruz que encontramos *nossa natureza vil*, nossas propensões ao pecado, nossas expressões de maldade. Na cruz, entretanto, sofreu e morreu, o homem da alma mais pura que a terra já conheceu. Buttrick diz em Mat. 27:35: «Como poderíamos exibir ainda a natureza humana, exceto quando essa natureza humana é lançada na misericórdia e poder de Deus?»

*Na Via Dolorosa*, Jesus lutara sob o peso de sua cruz. Fora açoitado com um açoite cuja ponta era munida de um pedacinho de metal. Foi espancado até quase não poder ser reconhecido, e a caminho do Calvário foi com ferimentos abertos, a derramar sangue. Nessas condições é que foi cravado na cruz. Foi vítima de exposição ao sol e ao calor, a enxames de moscas, e aos insultos de homens dotados de mentes sádicas. Quando a altivez humana—tal como a de Caifás, que cobiçava ouro e posição, ou como a de Pilatos, que desejava governar, se desenvolve plenamente, crucifica Cristo de novo. Aprendemos, então, que é à sombra da cruz, que devemos tomar nosso lugar, pois dali flui o sangue que dá vida. Jesus identificou-se conosco, sofrendo em favor de toda a humanidade, a ira que pertence ao pecado e o precede. Por conseguinte, a sua morte é a nova páscoa. Por conseguinte, o seu poder permanece até hoje, para salvar-nos do pecado que o enviou à cruz. O desespero do expositor é o fato de não existirem paralelos para a obra de Cristo. Mas o crânio daquela colina atualmente está partido mediante a coragem e a compaixão de Deus, em Cristo, pelo que agora há nele o nascimento de uma vida nova para todos quantos vivem neste mundo.

*As Chagas*

*Divinas mãos e pés, peito rasgado.*
*Chagas em brandas carnes imprimidas,*
*Meu Deus, que, por salvar almas perdidas,*
*Por elas quereis ser crucificado.*

*Outra fé, outro amor, outro cuidado,*
*Outras dores às Vossas são devidas,*
*Outros corações limpos, outras vidas,*
*Outro querer no vosso transformado.*

*Em vós se encerrou toda a piedade,*
*Ficou no mundo só toda a crueza,*
*Por isso cada um deu o que tinha.*

*Claros sinais de amor, ah! saudade!*
*Minha consolação, minha firmeza,*
*Chagas do meu Senhor, redenção minha.*

(Frei Agostinho da Cruz, Portugal: 1540-1619).

**CRUCIFICAÇÃO, Dia da. Ver Dia da Crucificação, Sexta-Feira.**

**CRUCIFICAÇÃO, Narrativa do Calvário**

João 19:17-42 comparado com os *Sinópticos*.

Ver os paralelos nos trechos de Mat. 27:45-61; Mar. 15:33-47 e Luc. 23:44-56. Novamente encontramos o fato de que diferentes fontes informativas foram utilizadas pelo autor do quarto evangelho em comparação com as fontes usadas pelos autores dos evangelhos sinópticos, pois apesar de grande parte do material ser idêntico, existem algumas notáveis diferenças que tornam óbvia a sugestão que, neste ponto, houve uma variedade de fontes. Sabemos que o evangelho de João encerra menos de dez por cento do material dos evangelhos sinópticos, e isso é prova suficiente de que o seu autor não contava com qualquer desses evangelhos à sua frente, quando compilou o seu próprio evangelho. Porque se tivesse contado com os mesmos evangelhos, não resta dúvida de que teria usado muito mais do que os dez por cento. É óbvio também que até quando o quarto evangelho contém material semelhante, em alguns pontos particulares, esse material é bastante diferente.

**As diferenças básicas entre os evangelhos sinópticos e o evangelho de João no que diz respeito a João** 19:17-42.

1. O evangelho de João *omite* a história de Simão o cireneu, que foi forçado a ajudar a carregar a pesada cruz de Jesus, porquanto Cristo estava por demais debilitado fisicamente para tão grande esforço, e ainda lhe era necessário fazer a caminhada da área do templo até fora dos muros de Jerusalém, onde ficava o lugar da sua crucificação. Todos os evangelhos sinópticos, entretanto, incluem essa narrativa. Provavelmente as fontes informativas usadas pelo quarto evangelho não continham essa história, pelo que também o seu autor não a incluiu em suas descrições históricas. Alguns estudiosos têm sugerido, entretanto, que mui provavelmente ele sabia da ocorrência, tendo-a omitido propositalmente, porquanto gnósticos heréticos, até mesmo em seus dias, como Basílides fez uma geração mais tarde, diziam que Simão e Jesus trocaram de lugar, de tal modo que Jesus realmente não morreu na cruz. (Encontramos essa idéia mencionada por Irineu, um dos primeiros pais da Igreja, em 150 D.C., em seu livro *Contra as Heresias*, I.24.4). Sabemos que há um forte elemento antignóstico e antidocético no evangelho e nas epístolas de João, sendo possível que foi justamente por esse motivo que o autor sagrado do quarto evangelho omitiu a história, a fim de evitar qualquer sugestão de que Jesus não morreu na cruz. Todavia, não há meios de provarmos a questão, nem para um lado e nem para outro.

2. A narrativa das mulheres que se lamentavam, enquanto seguiam o Senhor Jesus ao local da crucificação, também é apresentada exclusivamente pelo *terceiro* evangelho (ver Luc. 23:27-31).

3. O título, posto por Pilatos no alto da cruz de Jesus, apresenta *variações diversas* em todos os quatro evangelhos. O evangelho de João é o único que nos dá a informação que foram escritas as palavras «Jesus, o Nazareno», como também é o único que ajunta que o título da acusação fora escrito em hebraico, em latim e em grego. Pelos informes históricos ficamos sabendo que mui provavelmente isso era uma medida usual, porquanto em outros casos, títulos em diversos idiomas foram escritos e expostos em público, como nos sepulcros dos grandes personagens, etc.

4. A objeção feita pelos principais sacerdotes dos judeus, ante o título posto na cruz, *Rei dos Judeus*, ocasião em que desejavam que fosse dito «Ele disse...», isto é, que Jesus é quem fizera tal reivindicação, e não que ele fosse realmente o rei dos judeus, são informes que aparecem somente no quarto evangelho. (Ver João 19:21,22).

5. O oferecimento que fizeram a Jesus, de uma bebida amortecedora dos sentidos, evidentemente para aliviar as dores próprias da crucificação, é informação que aparece somente nos trechos de Mat. 27:34 e Mar. 15:23.

6. A divisão das vestes de Jesus Cristo, entre os soldados, é narrada nos evangelhos de Mateus, Marcos e João; mas somente este último diz-nos que suas vestes foram divididas em *quatro partes*, ou seja, uma parte para cada soldado. É somente o evangelho de João, por igual modo, informa-nos que quanto à túnica sem costura de Jesus, os soldados lançaram sortes, para ver com qual deles ficaria a mesma, cumprindo assim a profecia de Sal. 22:18. (Ver João 19:23,24).

7. Somente o evangelho de João fala-nos sobre a presença de Maria, mãe de Jesus, de outras mulheres e do apóstolo João, ao pé da cruz. (Ver João 19:25-27).

8. Os evangelhos sinópticos são os únicos que registram como diversos indivíduos ou grupos se prostaram diante da cruz, incluindo os principais

sacerdotes, com o fito de insultarem a Jesus, estando ele encravado na mesma. (Ver Mar. 15:29-32; Mat. 27:39-44 e Luc. 23:35-43).

9. Somente o evangelho de Lucas registra como *um* dos ladrões, que também havia participado ativamente das zombarias contra Jesus, finalmente se arrependeu, e como o Senhor Jesus lhe prometeu que ainda naquele dia estaria com ele no paraíso. (Ver Luc. 23:39-43). O evangelho de Lucas, entretanto, não indica que esse ladrão penitente houvesse zombado de Jesus, mas os evangelhos de Mateus e Marcos deixam isso claro, ainda que em termos gerais.

10. As declarações feitas por Jesus, estando na cruz, são diferentes em cada evangelho. (Quanto a uma completa descrição sobre essa questão, ver as notas no NTI em João 19:26).

11. O fato de que sobrevieram trevas, que sombrearam a terra inteira pelo espaço de três horas é registrado exclusivamente pelos evangelhos sinópticos. (Ver Mat. 27:45-50; Mar. 15:33-37 e Luc. 23:44-46).

12. *Os diversos fenômenos* que acompanharam a crucificação de Jesus são omitidos no relato do evangelho de João, como por exemplo, o véu do templo, que se rasgou de cima a baixo (Ver Mar. 15:38; Mat. 27:41 e Luc. 23:45). O testemunho do centurião, acerca da grandeza moral de Jesus também é omitido pelo quarto evangelho. (Ver Mar. 15:39; Mat. 27:54 e Luc. 23:47). A grande consternação e lamentação das mulheres é outro pequeno detalhe histórico omitido pelo autor do quarto evangelho. (Ver Mar. 15:40; Mat. 27:55,56 e Luc. 23:28-49).

13. O fato de que as pernas do Senhor Jesus não tiveram de ser quebradas, a exemplo do que os soldados fizeram com os dois ladrões, e também o de um soldado ferir o corpo já morto de Jesus com uma lança, entre as costelas, e como saiu sangue e água pelo ferimento, aparece apenas no quarto evangelho. (Ver João 19:31-37).

14. O fato de que *Pilatos* se maravilhou com a morte súbita de Jesus, aparece exclusivamente na passagem de Mar. 15:44,45.

15. O fato de que *Nicodemos* acompanhou José de Arimatéia quando do sepultamento do Senhor Jesus, é exposto apenas pelo evangelho de João. (Ver o versículo trinta e nove, que também descreve a quantidade de perfumes e especiarias trazidos para o embalsamamento do corpo de Jesus, segundo o costume judaico, que também só aparece no evangelho de João).

16. O fato de que o sepulcro de Jesus ficava em um jardim, é detalhe oferecido a nós somente no evangelho de João. (Ver João 19:41).

17. Que foi posta uma guarda de soldados para vigiar o túmulo de Jesus, é informe histórico dado somente no trecho de Mat. 27:62-66.

**No que diz respeito à ordem dos acontecimentos, por ocasião da crucificação.**

1. No caminho para o Gólgota, as mulheres se lamentam. Foi a Via Dolorosa. (Luc. 23:27-31).

2. Chegada ao Gólgota. (Mat. 27:33; Mar. 15:22; Luc. 23:33 e João 19:17).

3. Ofereceram uma mistura amortecedora dos sentidos, que Jesus rejeitou. (Mat. 27:34 e Mar. 15:33).

4. A crucificação. (Mat. 27:35-38; Mar. 15:24-28; Luc. 23:33-38 e João 19:18-24).

5. Declaração de Cristo, na cruz: «Pai, perdoa-lhes» (Luc. 23:34).

6. Vestes de Jesus são divididas, e sua túnica inconsútil é dada por sorte a um dos soldados. (Mat. 27:35; Mar. 15:34; Luc. 23:34 e João 19:23,24).

7. O povo, os principais sacerdotes, os soldados e os passantes, todos zombam de Jesus. (Mat. 27:39-44; Mar. 15:29-32 e Luc. 23:35-38).

8. O incidente dos ladrões que escarneciam de Jesus, até que um deles, finalmente, se arrepende. (Mat. 27:44; Mar. 15:32 e Luc. 23:29-43).

9. Segunda declaração de Cristo, na cruz: «Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso» (Luc. 23:43).

10. Terceira declaração de Cristo, na cruz, à sua mãe e ao apóstolo João, respectivamente: «Mulher, eis aí o teu filho...Eis aí a tua mãe» (João 19:26,27).

11. As trevas de três horas sobre a terra. (Mat. 27:45; Mar. 15:33 e Luc. 23:24).

12. Quarta declaração de Cristo, na cruz: «Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?» (Mat. 27:46 e Mar. 15:34-36).

13. Quinta declaração de Cristo, na cruz: «Tenho sede» (João 19:28).

14. Sexta declaração de Cristo, na cruz: «Está consumado!» (João 19:30).

15. Sétima declaração de Cristo, na cruz: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito» (Luc. 23:46).

16. O Senhor entrega o espírito. (Mat. 27:50; Mar. 15:37; Luc. 23:37; Lu. 23:46 e João 19:30).

## CRUCIFIXO

Essa palavra vem do latim, *crucifixus*, que se deriva de *crux*, «cruz», e *figere*, «fixar». Em outras palavras, uma cruz que é fixada. O item representa Cristo na cruz, usado como símbolo cristão. Desde o começo do cristianismo, a cruz tem sido um emblema cristão. O crucifixo começou a ser usado de modo geral em cerca do século VI D.C. A princípio, os crucifixos traziam uma imagem vestida, representando Cristo, por razões de modéstia. Porém, os artistas orientais começaram a retratar a cena de forma mais realista, provavelmente em resultado da controvérsia monofisista (que, vide). De acordo com esta posição a verdadeira humanidade de Cristo era negada, para todos os propósitos práticos. A representação mais realista de Cristo, no Ocidente, só ocorreu no século IX D.C. em diante. O crucifixo era uma extensão do uso privado e litúrgico da cruz. As cruzes celtas com freqüência serviam a um propósito didático, porquanto eram inscritas de forma a representar vários mistérios da fé cristã. Alguns crucifixos eram tão elaboradamente preparados, representando os sofrimentos e os ferimentos de Cristo, que eram mais símbolos da desolação e dos padecimentos humanos do que da vitória de Jesus Cristo sobre a morte.

## CRUELDADE

Em certo sentido, a história da humanidade é a história da crueldade humana. Os próprios relatos bíblicos, por serem realistas, deixam-nos chocados com seus vívidos relatos de intermináveis guerras, matanças e destruições de vidas e bens. As histórias infantis não escapam dessa praga, visto que a sensação de suspense, assim obtida, quase sempre depende da ameaça à vida e ao bem-estar. Muitas das histórias infantis são francas narrativas de matanças e malefícios. Os modernos entretenimentos, na literatura, no cinema, no teatro e na televisão dependem muito da idéia dos morticínios. O extremo oposto de tudo isso é a lei do amor, cuja voz dificilmente pode

ser ouvida entre os brados de crueldade. Há muitas formas de crueldade. Os dicionários definem a palavra «cruel» como «a disposição para infligir sofrimento em outras pessoas». Esse sofrimento pode ser físico, mental ou moral. A crueldade, pois, é a indiferença diante do sofrimento alheio, com ausência de misericórdia, de parceria com algum ato positivo de maldade. Muitos casamentos terminam sob a alegação de «crueldade mental». E também devemos pensar na crueldade que os homens praticam contra o mundo animal. Os olhos dos coelhos têm sido usados como campo de teste para novos produtos químicos, que depois as mulheres usam, a fim de se verificar se eles têm algum efeito cáustico sobre tecidos humanos sensíveis. O gado é apertado em pequenos cubículos, onde não podem se movimentar, sendo forçados a ingerir grandes quantidades de alimentos, para estarem prontos para o abate, a curto prazo. As crianças arrancam as pernas e as asas dos insetos, somente para vê-los tremendo de agonia. Homens que possuem dois automóveis na sua garagem, e residências luxuosas, saem para caçar e matar animais selvagens por puro esporte, porquanto nunca conheceram a fome. Verdadeiramente, o homem é um ser decaído; e uma das maneiras pela qual ele demonstra isso mais claramente são as suas múltiplas formas de crueldade, do que todos nós somos culpados de algum modo, fisicamente, ou mediante a imposição de sofrimento mental. Quão distante de tudo isso é a atitude que transparece nas palavras de Jesus: «Vinde a mim, todos vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas» (Mat. 11:28,29).

## CRUSIUS, CHRISTIAN AUGUST

Suas datas foram 1612-1775. Foi um filósofo e teólogo alemão. Nasceu em Leuna. Foi educado em Leipzig, onde se tornou professor e onde, finalmente, se tornou reitor da universidade. Opunha-se à tradição de Leibniz e Wolff e foi um dos líderes do movimento pietista. Exerceu notável influência sobre Emanuel Kant (que vide).

*Idéias*:

1. O princípio da *cogitabilitas*, ou cogitabilidade, indica que aquilo que não pode ser concebido como falso é verdadeiro, e que aquilo que nem pode ser cogitado é falso.

2. Entre a falsidade e a verdade, ficam situadas quase todas as proposições, sobre as quais só podemos ter uma certeza moral, que repousa sobre a indução, a hipótese ou a força do testemunho.

3. Tudo quanto sabemos sobre a causalidade deriva-se de nossa própria experiência sobre a constante conjunção dos eventos.

4. Crusius declarava-se favorável à idéia do livre-arbítrio, principalmente com base no fato de que o determinismo (que vide) não é capaz de explicar o mal moral, e nem pode manusear sozinho essa questão.

5. Ele rejeitava o argumento ontológico (que vide), acreditando que as provas da existência de Deus podem ser estabelecidas sobre bases morais. Ver sobre o *Argumento Moral* em prol da existência de Deus.

6. A ontologia não pode estar fundamentada sobre a lógica; mas a lógica de qualquer indivíduo pressupõe a ontologia, de alguma maneira.

7. A revelação bíblica é a fonte final da verdade, no que concerne às questões de suprema importância.

*Obras: Instructions for a Reasonable Life; Sketch of Necessary Rational Truths; The Way to Certainty and Reliability of Human Knowledge.*

## CRUZ

*Esboço*:

I. Costumes Antigos Seculares e Bíblicos
II. Simbolismos Neotestamentários
III. Um Símbolo Antigo
IV. Usos Modernos

### I. Costumes Antigos Seculares e Bíblicos

Ver o artigo sobre a **Crucificação**, que inclui detalhes sobre as cruzes antigas e o uso que se fazia delas. Dentro da cultura hebréia, os cadáveres eram deixados pendurados em árvores como medida de opróbrio, além de servir de advertência a possíveis ofensores (Deu. 21:22,23; Jos 10:26). Mas a crucificação, como forma de punição capital, não era usada. Ver o artigo sobre *Crimes e Castigos*. O símbolo dessa maldição é atrelado à cruz de Cristo, no Novo Testamento (Atos 5:20; 13:29; I Ped. 2:24; Gál. 3:13), onde o elemento de opróbrio e vergonha é destacado.

A crucificação também era praticada entre os fenícios e os cartagineses, e, posteriormente, pelos romanos. Contudo, um cidadão romano não podia ser crucificado. A cruz era a punição capital reservada à classe criminosa mais abjeta, bem como aos escravos. Nas páginas do Novo Testamento, a cruz é um dos símbolos da morte de Jesus, pelo que se reveste de profundo sentido teológico. Contudo, não devemos pensar que na Bíblia aparece a idéia de «crucifixos» e da veneração aos mesmos. Ver o artigo sobre *Cruz de Cristo, Efeitos*, que nos apresenta a teologia envolvida. Paulo referia-se ao evangelho como «evangelho da cruz», visto que sua mensagem girava em torno do ato expiatório de Cristo, e os efeitos do mesmo.

### II. Simbolismos Neotestamentários

Os sofrimentos de Jesus tornaram-se o grande lema que indica a extensão da agonia e da resolução que se fazem necessários para o solucionamento do problema do pecado. Há vários simbolismos em torno dos detalhes da crucificação de Jesus, como «fora da cidade», etc. Portanto, devemo-nos separar do mundo e sua maneira de viver, levando sempre o opróbrio de Cristo (Heb. 13:13).

Jesus foi *levantado* na cruz, e assim ficou capacitado a atrair todos os homens a si mesmo (João 12:32).

A tabuleta escrita, posta sobre a cruz, simboliza a maldição proferida pela lei contra a humanidade, por causa do pecado. Agora, essa maldição foi removida, devido ao sangue expiatório de Cristo (Col. 2:14).

A cruz era o cúmulo da humilhação, vinculada à doutrina da humanidade e da missão terrena de Cristo (Fil. 2:8,9).

Levar a própria cruz é um símbolo de discipulado cristão sério (Mat. 16:25; João 12:26; Mar. 8:34-36). Jesus levou a sua própria cruz, e os seus discípulos terão de fazer outro tanto.

A cruz tornou-se símbolo de nossa união mística com Cristo, mediante a qual novos desejos e novos poderes são liberados, em uma nova vida espiritual (Gál. 2:19,20; Rom. 6:6).

Podemos compartilhar da missão de Cristo, o que inclui sofrimentos e dificuldades, que teremos de enfrentar (Col. 1:24).

A cruz serve de símbolo do propósito ímpar de Deus, na missão realizada por Jesus (Atos 2:23; Mat. 16:21; Mar. 14:36; Fil. 2:8).

A cruz é símbolo da nossa reconciliação com Deus, por meio de Jesus Cristo (II Cor. 5:19).

A cruz é o grande sinal do ato remidor de Deus, na história da humanidade (I Cor. 1:18).

**III. Um Símbolo Antigo**

A cruz é um dos mais antigos e universais símbolos conhecidos pelo homem. Os egípcios usavam uma cruz em forma de «T», com um círculo no alto. Isso formava uma combinação que simbolizava a vida vindoura, após a morte biológica. Essa cruz se chama *crux ansata*, parecendo-se com isto: ☥ — Esse mesmo símbolo transmitia a idéia de sabedoria secreta, para os fenícios e os índios astecas, da América Central. Quando o círculo era posto abaixo da cruz, significava a *bondade*. Também havia vários tipos de cruzes, usadas como símbolos astronômicos. A cruz com os quatro braços do mesmo comprimento +, representava os supostos quatro elementos básicos da natureza: terra, ar, água e fogo, dos quais se derivariam todos os demais elementos existentes. Alimentos e outros itens eram assinalados com essa cruz, quando usados com propósitos religiosos nas religiões da Índia, da China, da Pérsia, da Assíria e da Babilônia, embora não saibamos dizer qual o significado desse símbolo. A cruz suástica 卐 era usada no budismo para indicar a completa resignação espiritual; e os índios da América do Norte consideravam-na um símbolo das leis que governam os ventos e as águas. Há evidências de que essa cruz já era usada desde a Idade do Bronze, tendo existido como um símbolo religioso em culturas tão diversas quanto a dos indianos, a dos persas, a dos chineses, a dos japoneses e a dos ameríndios. É possível que originalmente fosse um símbolo pictográfico do sol em revolução. Não é claro o motivo pelo qual esse símbolo foi adotado pelos nazistas. Mas, nesse caso, é justo chamá-la pelo outro nome que a torna conhecida, cruz torta, porque o nazismo perverteu tudo quanto é sagrado para o cristianismo bíblico.

Os judeus não tinham nenhuma palavra especial para «cruz», pelo que se referiam a ela como uma «árvore». A exposição de cadáveres, sobre estacas ou árvores era governada pela lei mosaica (Deu. 2:22,23). Foi apenas natural que a *árvore* dos judeus viesse a ser associada à cruz de Cristo, levando a *vergonha* da raça, passando a ser desprezada pelos próprios judeus (Col. 2:14; Atos 5:30; I Ped. 2:24).

**IV. Usos Modernos**

Ver o artigo sobre o **Crucifixo**, quanto ao uso por certos cristãos de uma pequena cruz, feita de vários materiais, para uso devocional e litúrgico, particular ou público. Cruzes têm servido para decorar templos, altares, etc., em todas as civilizações cristãs. Até mesmo cemitérios são assinalados por cruzes, cada uma delas indicando um sepulcro. Crucifixos de mão são usados pelos bispos católicos romanos em suas bênçãos e atos litúrgicos. João Crisóstomo (407 D.C.) usou crucifixos nas procissões, quando procurou chamar de volta certos cristãos à posição ortodoxa e a um sério discipulado cristão. Imensas cruzes, erigidas nos mercados, serviam de estruturas que protegiam as pessoas das intempéries. Também serviam para, ao pé das mesmas, serem publicados decretos e mensagens as mais diversas. As áreas dos asilos eram marcadas por quatro cruzes, na Inglaterra, e imensas cruzes, postas à beira das estradas, na França, tinham a mesma função. Algumas cruzes, como aquelas usadas pelos povos celtas, serviam para propósitos didáticos, com vários mistérios cristãos inscritos nas mesmas. Os arautos, tanto civis quanto religiosos, têm usado o emblema da cruz como um sinal distintivo de seu ofício. A cruz papal foi planejada para representar essa idéia. Cerca de vinte e duas nações européias usam cruzes em suas decorações de honra, incluindo até mesmo alguns países comunistas.

O artigo sobre o *Crucifixo* é suplementar a este artigo, devendo ser examinado juntamente com este, para maiores informações. Ver também o artigo sobre a Teologia da Cruz, sob o título *Cruz de Cristo, Efeitos*. (AM DU E NTI)

## CRUZ DE CRISTO, EFEITOS

**Os efeitos da cruz de Cristo; o significado da cruz:**

1. Substituição pelos pecadores (ver Isa. 53:4-6; Mat. 20:28; II Cor. 5:21; I Tim. 2:5,6; Heb. 2:9 e I Ped. 3:18).

2. Sofrimento vicário (ver Heb. 2:9; I Ped. 3:18; I João 2:2; 4:10; Heb. 2:17 e Rom. 3:25).

3. Mediação entre Deus e o homem (ver Col. 1:20). Ele estabeleceu a paz pelo sangue de sua cruz (ver I Cor. 15:25-28; João 7:38; 16:7; 14:16; Atos 2:33 e Gál. 3:13,14).

4. Base de intercessão em prol dos pecadores (ver I Tim. 2:5,6; I João 2:1,2; Apo. 5:6 e Fil. 2:8-10).

5. Cristo pôs fim ao princípio da lei, tanto como uma base suposta de justificação como também como meio de santificação ou guia na vida cristã diária (ver João 1:17; Rom. 4:4,14; 10:4; 11:6; Gál. 3:3,10-13; 4:19-31; 5:1 e Atos 15:10).

6. Redenção da servidão ao pecado, seu julgamento e seu domínio sobre a vida do crente. (Ver o sexto capítulo da epístola aos Romanos, Col. 1:1-3 e Gál. 2:20).

7. Reconciliação com Deus (ver Rom. 5:1,10,11; II Cor. 5:19,20; Efé. 2:16 e II Cor. 5:18).

8. *Propiciação* para com Deus e pelo pecado (ver Rom. 3:25; I João 2:2; 4:10 e Heb. 9:5).

9. Julgamento contra o pecado, com a destruição do princípio do pecado e de seus frutos (ver Rom. 5:15,17,18; 8:3,6:14). A natureza pecaminosa, pois, é assim judicialmente destruída—agora é debilitada e então será eliminada (ver Rom. 6:10; Col. 2:14,15; João 16:11; Rom. 6:1—8:13 e Gál. 5:22,23, que mostram que é o poder do Espírito Santo que vence).

10. A cruz é a base do *perdão*: o perdão consiste na purificação do pecado. É o saldar ou apagar das antigas dívidas. (Ver Rom. 3:25; 4:7; Atos 2:38; 3:19 e I João 1:1-2:2).

11. A cruz é a base pela qual é deferido o justo juízo divino (ver Rom. 9:22; I Ped. 3:20 e II Ped. 3:9,15).

12. Ela fez expiação pelos pecados cometidos antes da missão do Messias e desde então, «cobrindo o passado»; e eis que os sacrifícios de animais apenas tipificavam essa verdade, não sendo a sua realidade. (Ver Heb. 10:4; Rom. 3:25 e Heb. 9:15).

13. Finalmente, significará a salvação nacional de Israel. (Ver Rom. 11:25-27). Isso envolverá a possessão final das terras que lhes foram prometidas, as bênçãos terrenas e a restauração nacional. (Ver Isa. 66:22; Jer. 31:36; II Sam. 7:16; Jer. 33:5,17,21). Mas também está em foco a salvação pessoal, conforme é indicado pela passagem do décimo primeiro capítulo da epístola aos Romanos.

14. Serve ela de base para as bênçãos milenares e eternas que sobrevirão a todas as nações (ver Apo. 21:23; Mat. 25:31-46; Isa. 60:3,12; 61:9; 62:2; Atos

15:17 e Rom. 11:15).

15. Significou igualmente a derrota dos poderes angelicais pervertidos, o despojamento dos principados e poderes. (Ver Col. 2:15; Apo. 12:7; 20:10; Mat. 25:41 e João 12:31).

16. A cruz é a base da pacificação entre judeus e gentios, no seio da igreja cristã, entre Deus e o homem, e por todo o universo, no que atinge a todos os seres. (Ver Rom. 5:1; Col. 1:20; Efé. 2:11,12; 2:14-18; Col. 2:14,15; I Cor. 15:26-28).

17. Purificação das coisas nos céus e uma restauração universal. Isso é parcialmente envolvido pelo ponto anterior. (Ver Heb. 9:11,12,21-23). Essa «purificação» pode ser, pelo menos em parte, a «remoção da ira de Deus», por causa do pecado, que «vem do céu». Portanto, uma espécie de purificação tem tido lugar. Porém, as Escrituras indicam que a queda no pecado abalou até mesmo os céus. Anjos malignos agora habitam nos «lugares celestiais» (ver Efé. 6:12), e o abalo dessa rebelião levou os próprios céus a sofrerem poluição. De alguma maneira, a cruz e a missão de Jesus Cristo cuidam de todos esses aspectos. Ver o artigo sobre a *Restauração*.

Alguns intérpretes supõem que a redenção dos anjos está aqui envolvida, porquanto isso faz parte da restauração de tudo a Cristo, conforme o primeiro capítulo das epístolas aos Efésios e aos Colossenses indicam ser necessário. A restauração dos homens, nas esferas celestes ou espirituais, que não servem de habitação dos remidos, também pode estar em foco, de acordo com os trechos de I Ped. 3:18-20 e 4:6. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios, entretanto, indica uma grande restauração universal, em Cristo, confirmado em espírito pelo segundo capítulo da epístola aos Filipenses. Cristo é o Salvador de todos os mundos, em todos os mundos. Isso não significa que todas as criaturas humanas virão à salvação conhecida pelos eleitos, porquanto as Escrituras ensinam que isso nunca acontecerá; mas haverá *uma espécie* de restauração em escala universal, não obstante. Deus corrige o erro do pecado, de tal maneira que o mesmo perde o seu aspecto de «inimizade», desespero e «perda total». Qualquer que seja a redenção que exista, de qualquer modalidade, — tudo ainda procederá de Cristo, de seus méritos, de sua cruz, de sua ressurreição, como produto de sua missão. Nem por isso estaremos degradando a sua cruz e a sua missão. Pelo contrário, elevamos infinitamente sua importância e escopo. Ver as notas sobre Efé. 1:10 e Col. 1:16 no NTI.

18. A cruz trouxe luz e esperança até mesmo para o submundo dos espíritos em perdição. Para alguns intérpretes, isso significa a possibilidade de completa salvação além-túmulo, mas outros pensam que haverá, pelo menos, a melhoria das condições existentes nas dimensões dos perdidos, de tal modo que propósito e existência possam honrar a Deus, beneficiando os espíritos humanos em alguma coisa. Os trechos de I Ped. 3:18-20 e 4:6 assim parecem ensinar. Mas esse efeito da cruz precisa, ainda assim, ser aceito livremente, mediante a volição humana, podendo ser rejeitado, tal como sucede neste lado da existência.

## CRUZ, TEOLOGIA DA

Ver o artigo sobre *Cruz de Cristo, Efeitos*. Ver também os artigos gerais sobre *Crucificação* e *Cruz* que fornecem informações suplementares.

•••

## CRUZ VERMELHA

Uma organização internacional, formada originalmente para cuidar dos feridos no campo de batalha. Quando as forças militares das nações desenvolveram melhor suas próprias unidades para fazer este serviço, além de continuar com o mesmo, a Cruz Vermelha estendeu suas atividades para incluir assistência às famílias das vítimas da guerra, e aos prisioneiros. Esta organização também se mostra ativa em tempos de desastres naturais, como terremotos, dilúvios, etc. Nos países árabes uma organização semelhante, mas separada, O Crescente Vermelho substitue a Cruz Vermelha. Muitos países têm suas organizações aliadas à Cruz Vermelha. Na Pérsia, ela funciona sob o nome de Leão Vermelho. Florence Nightingale (1820-1919), na Guerra Crimeana (1854) e Clara Barton (1821-1912) na Guerra Civil dos E.U.A., forneceram uma inspiração para este tipo de serviço. Mas o próprio movimento começou pelo trabalho filantrópico do suíço, Jean Henri Dunant. Observações, de primeira mão, dos sofrimentos que resultam da guerra o impressionaram (1859), e conseqüentemente, ele começou o trabalho que finalmente resultou na Cruz Vermelha, organizada em 1865. O movimento assim tinha – origem suíça — e continua centralizada na Suíça, embora seja agora verdadeiramente internacional. Cada sociedade nacional é autônoma, mas, através de uma comissão, mantém ligações internacionais. Em relação aos seus membros não há discriminação quanto ao sexo, religião e raça.

Serviços da Cruz Vermelha moderna incluem, além dos serviços tradicionais, relacionados à guerra, assistência aos acidentados, instrução em cuidados médicos, pronto socorro, enfermagem, nutrição, etc.

Em meio ao ódio e matança, as coisas que os homens, na sua loucura, praticam uns contra os outros, é bom ver alguma manifestação do amor de Deus, operando neles.

Ver o artigo geral sobre *Movimentos Sociais Cristãos*. (AM E H)

••• ••• •••

## CRUZADAS

Vem do latim bárbaro, **cruciata**, «assinalado com a cruz». Passou pelo termo francês *croisade* e pelo termo espanhol *cruzada*. Originalmente, o termo aludia a uma série de guerras efetuadas com o propósito de recuperar lugares santos do cristianismo, então sob o poder dos islamitas. Essas campanhas perduraram do século XI ao século XIII. Em sentido secundário, uma cruzada passou a ser qualquer expedição enviada para criar uma sensação, luta contra os pagãos ou hereges; ou então está em foco qualquer campanha militar que, supostamente, defende uma boa causa. Finalmente, passou a indicar qualquer ação vigorosa, movimento ou trabalho que visa a uma causa específica.

*Causas das Cruzadas Originais*. Com o declínio do poder do califado de Bagdá, dos monarcas abácidas, os turcos seldjuques conquistaram a Armênia, subjugaram a Ásia Menor, e estabeleceram sua capital em Nicéia. E então marcharam sobre Jerusalém, capturando-a no ano de 1076. Muitos atos de atrocidade foram cometidos contra os peregrinos cristãos. Os povos do ocidente europeu sentiram-se impelidos à ação. Pedro, o Eremita (que vide), além de outros, passaram a pregar abertamente a guerra contra os islamitas. Quando do concílio de Clermont

(1095), foi tomada a decisão de enviar um exército a fim de eliminar os islamitas que controlavam a Terra Santa. A guerra foi proclamada pelo papa Urbano II (que vide). Naturalmente, os barões feudais irrequietos viram nessa circunstância uma maneira de se enriquecerem ainda mais, além de se divertirem um pouco. As guerras santas só são «santas» no nome. As principais cruzadas foram seis, a saber:

*Primeira cruzada*. Foram capturadas as cidades de Antioquia da Síria, em 1098, e de Jerusalém, em 1099. Foi então estabelecido o chamado reino latino (1099-1143).

*Segunda cruzada*. Ocorreu entre 1147 e 1149. Houve a queda de Edessa, em 1144, diante dos islamitas. Então, mediante os esforços do papa Eugênio III e de Bernardo, o imperador Conrado III e Luís VII, da França, foram convencidos a iniciar uma segunda cruzada. Essa cruzada fracassou.

*Terceira cruzada*. Durou de 1189 a 1192. O papa Gregório VIII ordenou essa cruzada, porquanto Jerusalém havia sido capturada por Saladino, o líder das forças islâmicas aliadas. Uniram suas forças o imperador Frederico Barbarroxa, Filipe Augusto, da França, Ricardo I, da Inglaterra, e Guilherme, da Sicília. Frederico morreu afogado, em 1190. A cidade de Acre caiu diante dos cruzados após grande morticínio; os líderes cristãos puseram-se a discutir. Jerusalém não foi conquistada pelos cruzados, mas Saladino prometeu retornar à verdadeira Cruz (houve muitas dessas cruzes através da história), pagando indenização. Foram estabelecidas condições de paz; aos peregrinos foi garantido o direito de trânsito e foi estabelecido o intercâmbio comercial. O sucesso foi apenas parcial, e o fracasso foi considerável.

*Quarta cruzada*. De 1202 a 1204. O império latino ampliou suas fronteiras às custas da cidade cristã de Constantinopla, que foi capturada pelos cruzados em julho de 1205. O império latino dominou ali de 1205 a 1261. O poder bizantino foi quebrado, e os turcos otomanos obtiveram a hegemonia. Constantinopla tornou-se um ponto de resistência contra o islamismo, embora as dificuldades estivessem longe de ser resolvidas.

*Quinta cruzada*. Essa também tem sido chamada de Cruzada das Crianças. Ocorreu em 1212. Esse foi o nome dado a um movimento popular pietista, que teve pequena duração na Europa. Foi assim chamada porque um número razoavelmente grande de crianças participou dessa cruzada. Seu objetivo era libertar o local do Santo Sepulcro dos islâmicos. Somente algumas poucas crianças atingiram as margens do mar Mediterrâneo, mas não conseguiram obter transporte. Algumas crianças atingiram a cidade de Marselha, na França, onde caíram nas mãos de negociantes inescrupulosos, que as venderam como escravas no Norte da África. Essa cruzada, pois, foi a que terminou de maneira mais trágica.

*A cruzada de Frederico II*. Durou de 1228 a 1229. Essa cruzada não foi oficialmente reconhecida, visto que esse monarca estava sob a pena de exclusão. Ele concluiu um tratado com El Kamil, do Egito, em 1229, e coroou-se rei de Jerusalém. Porém, o seu sucesso não foi reconhecido pelo clero católico.

Outras cruzadas, de menor porte, foram efetuadas, como aquela de Teobaldo, rei de Navarra, entre 1239 e 1240; bem como as de Ricardo da Cornuália e de Simão de Montfort, em 1240.

*Sexta cruzada*. Durou de 1248 a 1254. Foi encabeçada por Luís IX, da França. Sofreu uma série de derrotas e foi aprisionado em Damieta, em 1249, por Turan Shah. Este último foi assassinado no ano seguinte. Foi conseguido um armistício de quinze anos, com seu sucessor, Musa do Egito. Em 1270, Luís IX dirigiu outra cruzada, mas morreu de uma praga, em Cartago, naquele mesmo ano. Eduardo I, da Inglaterra, que o havia acompanhado na aventura, deixou a Palestina em 1271. Isso assinalou o fim das cruzadas genuínas. Mas também houve a cruzada de Pio II, o autor da bula *Execrabilis*, de 1464, que assinalou o fim desse movimento.

*Resultados*. O aparecimento de novas cidades. O fomento da importância da cavalaria (que vide). A decadência do sistema feudal. O desenvolvimento de monarquias nacionais. A separação definitiva entre a cristandade e o islamismo, com poderes hostis constantes. O aumento do poder papal. A tomada de consciência de que as raízes do cristianismo estão na Palestina. Um pesado envolvimento militar por parte da Igreja Católica, o que teve tremendas conseqüências posteriores. (AM E)

## CUBE

Esse vocábulo encontra-se somente em Ezequiel 30:5, referindo-se a um lugar ou a um povo que entrara em aliança com o Egito, na época de Nabucodonosor (c. de 610 A.C.). Algumas traduções dizem ali Lude, o que seria a Líbia. A Septuaginta diz Lube. O trecho de Naum 3:9 alista os nomes líbios, cuxitas, egípcios e Pute, tal como em Ezequiel.

## CUDWORTH, RALPH

Suas datas foram 1617-1688. Foi um filósofo platonista inglês, líder de Cambridge (que vide). Nasceu em Aller, em Somersetshire. Foi estudante e então professor em Cambridge, e mestre do Colégio de Cristo; foi um dos consultores do governo de Oliver Cromwell (que vide).

**Idéias:**

1. As principais idéias metafísicas são a existência de Deus, a naturalidade das distinções morais (a natureza as contém e ensina) e a realidade da liberdade humana.

2. Ele combatia o ateísmo e o atomismo mecânico refletidos em filósofos como Hobbes (que vide). O atomismo, por si mesmo, não precisa ser ateu, conforme é demonstrado pelo sistema dos estóicos. Porém, alguns distorcem o atomismo, a fim de dar apoio ao ateísmo. Os princípios mecânicos não são suficientes como explicação da natureza. É mister postular os princípios espirituais, não-materiais, para que se tenha uma explicação mais satisfatória.

3. O conhecimento consiste em mais do que uma coleção de impressões dos nossos sentidos. Antes, é um fato eterno e auto-subsistente, na mente de Deus. Portanto, regras e distinções morais têm uma natureza perene, embora, na sociedade humana, fiquemos confusos quando tratamos sobre essas coisas.

*Obras*: *The True Intellectual System of the Universe; A Treatise Concerning Eternal and Immutable Morality; A treatise of Free Will*. (P)

## CUIDADO (ANSIEDADE)

No hebraico há uma palavra principal a ser considerada, e, no grego, duas a saber:

1. *Deagah*, «cuidado ansioso», palavra que ocorre por seis vezes, e que tem sido variegadamente traduzida por «temor», «cuidado» ou «ansiedade» (por

exemplo, Eze. 4:16).

2. *Phronéo*, «preocupar-se», palavra grega que aparece por vinte e cinco vezes no Novo Testamento: Mat. 16:23; Mar. 8:33; Atos 28:22; Rom. 8:5; 11:20; 12:3,16; 14:6; 15:5; I Cor. 13:11; II Cor. 13:11; Gál. 5:10; Fil. 1:7; 2:2,5; 3:15,19; 4:2,10; Col. 3:2; I Tim. 6:17.

3. *Merimnáo*, «cuidar», «ansiar»; e seu substantivo mérimna, «cuidado», «ansiedade». O verbo figura por dezoito vezes: Mat. 6:25,27,28,31,34; 10:19; Luc. 10:41; 12:11,22,25,26; I Cor. 7:32-34; 12:25; Fil. 2:20; 4:6. O substantivo por seis vezes: Mat. 13:22; Mar. 4:19; Luc. 8:14; 21:34; II Cor. 11:28; I Ped. 5:7.

O ser humano é um criatura fraca e dependente. Sente-se perdido, a boiar no tempestuoso mar da vida, tendo pouca certeza acerca de onde veio, quem ele é, e, menos ainda, para onde está indo. As filosofias, as religiões, e, estranha e estupidamente, até a política, procuram fornecer-lhe alguma orientação, algum propósito. Quanto a essa ansiedade, o trecho de I Pedro 5:7 oferece ao crente a solução certa: «...lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós». Poderíamos traduzir com mais efeito essa trase de Pedro, sem em nada distorcer o original grego: «para que tanto cuidado, se ele cuida de vós?» Na verdade, não há necessidade alguma de ansiedade, no caso do crente, pois o Senhor anseia por nós. Ver o artigo sobre *Cuidar, Cuidado*. Em Mateus 13:22, há menção aos cuidados deste mundo, que levam os perdidos a ansiarem e preocuparem-se com as necessidades básicas da vida e com questões econômicas, sentindo-se oprimidos por elas, sabendo que é mister preservar, proteger e usar devidamente o dinheiro. De tais cuidados, os pobres estão isentos. Há também aquele cuidado piedoso (II Cor. 7:11), que produz o arrependimento. E outros exibem um cuidado espiritual por outros crentes e pelas igrejas locais, o que é uma virtude espiritual positiva (II Cor. 11:28). Jesus proibiu a ansiedade frívola com coisas meramente materiais e oculares (Mat. 6:25-34), mas o evangelho por toda a parte elogia o nosso interesse e preocupação pelos nossos semelhantes, o que é apenas outra maneira de ver a lei do amor em operação. Ver o artigo sobre o *Amor*.

## CUIDADO, CUIDADOS

Há dois vocábulos gregos que fazemos bem em examinar, nessa conexão:

1. *Spoudé*, «pressa», palavra que aparece por doze vezes: Mar. 6:25; Luc. 1:30; Rom. 12:8,11; II Cor. 7:11,12; 8:7,8,16; Heb. 6:11; II Ped. 1:5; Jud. 3.

2. *Mello*, «importar-se», «cuidar de», palavra que aparece por cerca de cento e dez vezes, desde Mat. 2:13 até Apo. 10:17.

Ansiedade e cuidado são idéias correlatas; mas se a primeira enfoca a noção de «preocupação sem motivo», a segunda dá a entender a noção de «interesse» pelo bem-estar de outrem, pelo bom estado de algo. Ver *Ansiedade*.

O substantivo *spoudé*, «pressa», é usado nas páginas sagradas para indicar não somente a idéia de urgência, mas também de solicitude ou diligência. Para exemplificar, lemos que Paulo recomendou: «No zelo não sejais remissos» (Rom. 12:11), onde o termo «zelo» é esse substantivo grego. Paulo queria dizer que não devemos ser preguiçosos em nossa solicitude por servir ao próximo. Outro tanto se vê em II Cor. 8:16: «Mas, graças a Deus, que pôs no coração de Tito a mesma solicitude por amor de vós».

O verbo *mello*, que, na maioria das vezes dá a idéia de algo que está prestes a ocorrer, também transmite a idéia de cuidado com outrem, segundo se vê, por exemplo, em II Cor. 7:11: «Porque, quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós, que, segundo Deus, fostes contristados!» Impelidos pelo senso de urgência e de interesse por Paulo, os crentes de Corinto mudaram de atitude em relação ao apóstolo, conforme ele esclarece no versículo seguinte: «...para que a vossa solicitude a nosso favor fosse manifesta entre vós, diante de Deus».

## CULLMAN, OSCAR

Nasceu em 1902, em Strasbourg, na Alemanha. Foi professor do Novo Testamento e da Igreja Eclesiástica em Basiléia, na Suíça, e professor do cristianismo primitivo na Sorbonne, em Paris.

**Idéias:**

1. Ele era um expositor da **Heilsgeschichte** (história da salvação), que alude ao *Já* (a primeira vinda de Cristo) e ao *Ainda Não* (a segunda vinda de Cristo, ou *parousia*). Atualmente, nos encontraríamos em um intervalo na tensão, entre eventos decisivos. Esse intervalo caracteriza-se pela *temporalidade*, sendo essa a base de todas as ações éticas, importante em todas as considerações acerca da salvação que está em processo.

2. A *possibilidade* de vivermos em consonância com a ética cristã deriva-se da vitória de Cristo no passado. A *urgência* da ética cristã deriva-se do próximo grande evento, a *parousia*, que é a futura vitória de Cristo.

3. O «dever moral» do cristianismo repousa sobre a *ontologia*, o ser real do Espírito. Porém, há uma certa tensão entre esse dever moral e aquilo que fazemos, entre o *Já* e o *Ainda Não*. A fé seria a reação ética aquilo que é retratado pelo batismo na água, o novo nascimento que nos identifica com Cristo.

4. O Espírito é o *É* da nossa fé, a primeira parcela da salvação. A obra do Espírito é um *dokimazein*, um «teste», através do qual ele nos está desenvolvendo no campo da ética cristã.

5. Visto que a realização do Espírito é dinâmica e feliz, não se caracteriza por qualquer renúncia negativa do mundo, mediante a atitude ascética. Antes, é uma experiência jubilosa; e onde se instala o negativismo, desaparece a alegria cristã.

*Obras: Christ and Time; Salvation in History; Church and State; The State in the New Testament.* (H)

## CULPA

No hebraico temos duas palavras, e no grego, três, a saber:

1. *Asham, ashem*, «culpado». Palavras hebraicas usadas por dezessete vezes com esse sentido. Por exemplo: Gên. 42:21; Lev. 4:13,27; 5:2-5, 17; 6:4; Núm. 5:6; Juí. 21:22; Esd. 10:19.

2. *Rasha*, «iníquo». Palavra hebraica usada por dez vezes com o sentido de culpado. Por exemplo: Núm. 33:31; II Crô. 19:2; Jó 34:18; Sal. 1:1,4-7; 73:12.

3. *Upódikos*, «sob justiça». Palavra grega que ocorre por apenas uma vez, em Rom. 3:19.

4. *Ophelo*, «endividado». Termo grego que aparece por trinta e cinco vezes: Mat. 18:28,30,34; 23:16,18; Luc. 7:41; 11:4; 16:5,7; 17:10; João 13:14; 19:7; Atos 17:29; Rom. 13:8; 15:1,27; I Cor. 5:10; 7:36; 9:10; 11:7,10; II Cor. 12:11,14; Efé. 5:28; II Tes. 1:3; 2:13; File. 18; Heb. 2:17; 5:3,12; I João 2:6; 3:16; 4:11; III

João 8.

5. *Énochos*, «sujeito a». Palavra grega usada por dez vezes: Mat. 5:21,22; 26:66; Mar. 3:29; 14:64; I Cor. 11:27; Heb. 2:15; Tia. 2:10.

Ver o artigo geral sobre o *Pecado*. A culpa é uma condição moral ou legal que resulta da violação de uma lei, escrita, moral, intuitiva ou espiritual. Há muitas formas de culpa que não estão contidas nos códigos legais municipais ou nacionais. O Antigo Testamento não estabelece uma clara distinção entre o pecado e a culpa, porquanto todo pecado envolve culpa. Porém, dentro do jargão legal, para que haja culpa, alguma lei expressa deve ter sido violada. As traduções variam quanto ao uso da palavra. Assim, em inglês, a King James Version só usa o termo por duas vezes no Antigo Testamento (Deu. 19:13; 21:9), ao passo que a Revised Standard Version se utiliza do termo por cento e nove vezes. Outro tanto se dá no caso do adjetivo cognato, «culpado».

Ser culpado equivale a merecer castigo. Na filosofia moral, como nos escritos de Kant, e isso com base bíblica, todo pecado envolve culpa. Mas as leis civis estabelecem uma seleção daquelas coisas que mais prejudicam a sociedade como um todo. Os pecados particulares e o senso pessoal de culpa não são levados em conta nessas leis civis. No entanto, ensina-nos a Bíblia que «o salário do pecado é a morte» (Rom. 3:23), pelo que todo o pecado tem sua devida penalidade, por isso podemos dizer que todo pecado envolve culpa. — Lev. 4:13; 5:2 indica que a quebra de qualquer dos mandamentos de Deus, cerimoniais ou morais, incorre em culpa. O trecho de Tiago 2:10 afirma que quebrar um ponto da lei, apesar dos demais mandamentos não estarem sendo desobedecidos, resulta em culpa.

O senso de culpa é um dos mais importantes capítulos da psicologia, porque muitos dos males do homem resultam do senso de culpa que ele abriga. Para os psicólogos freudianos, a culpa está ligada à formação do *superego*, que age como uma espécie de policial interno, que controla os impulsos básicos, disfarçando-os sob a forma de sonhos. Em uma criança, o senso de culpa é uma espécie de identificação com um de seus pais que a desaprova. Na vida adulta, a criança transfere seu conceito de culpa a várias formas de autoridade, nem sempre envolvendo questões de certo ou errado. Portanto, o senso de culpa pode ser falso e patológico. Apesar disso, mesmo admitindo-se que tais coisas sucedem, quem pode compreender como funcionam a mente e os sentimentos humanos? Também é verdade que há erros genuínos diante dos quais a consciência humana reage mediante o senso de culpa ou de falta de dignidade. A culpa é um fato da condição humana mesmo quando um indivíduo não quer admitir o fato (Rom. 3:19). A cura da culpa, sobre bases bíblicas, depende, em primeiro lugar, do *reconhecimento do pecado*; em segundo lugar, do *arrependimento*; em terceiro lugar, da *restituição*, na medida do possível, devido a danos feitos contra outras pessoas. Do arrependimento e da fé resulta a conversão. A santificação é uma obra do Espírito de Deus, sem cuja atuação jamais ocorre. Esses são os meios bíblicos para tratarmos com o senso de culpa. A mudança nas atitudes e nas ações é algo absolutamente necessário para quem quer livrar-se do senso de culpa.

## CULPA DE SANGUE

A expressão aparece em trechos como Salmos 51:14; Êxodo 22:2; I Samuel 25:26,33, II Samuel 21:1 e Oséias 12:14. Quando um ser humano tira a vida de outro, torna-se culpado de sangue. Porém, no trecho de Ezequiel 18:13, certa variedade de pecados, como furto, homicídio, adultério, opressão dos pobres, desonestidade, idolatria, etc., faz com que os culpados sejam dignos de morte; e isso também importa em culpa de sangue. (Ver também Salmos 39:8). Em Israel, a culpa de sangue era fator poluidor da terra (Núm. 35:33 *ss*), e o derramamento de sangue inocente *contaminava* (Deu. 19:10; I Reis 2:5). Tal culpa de sangue precisava ser vingada (I Reis 2:31 *ss*). Estavam excluídos de tal classificação casos como os de execução judicial, homicídio em autodefesa e homicídio não-intencional (Êxo. 22:2 e Lev. 20:9). Era provido asilo aos homicidas involuntários, para que não fossem mortos pelo vingador da família (Núm. 35:9 *ss*). Também não era classificado como tal o ato de tirar a vida de um ladrão, durante a noite, porquanto tal ladrão era perigoso e podia tirar a vida de suas vítimas. Mas, se houvesse a morte de um ladrão durante o dia, podia haver um caso de culpa de sangue (Êxo. 22:2 *ss*). A culpa de sangue era levada muito a sério em Israel, de tal modo que se a sociedade não tomasse a devida vingança, ou não pudesse fazê-lo, Deus intervinha em favor da parte envolvida e prejudicada (Gên. 4:10-12; Isa. 26:21; Eze. 24:6-9). Seja como for, a culpa precisava ser expiada (II Sam. 4:11) podendo até mesmo afetar a descendência de alguém que se tornasse culpado de sangue (II Sam. 3:28 *ss*; 21:1-9; I Reis 21:29; Mat. 27:25). (Z)

## CULTIVADOR DE SICÔMOROS

Essa expressão encontra-se somente em Amós 7:14, em todo o Antigo Testamento, onde o profeta Amós mostra que trabalhava nessa ocupação, e não reivindicava associação alguma à linhagem dos profetas. Era claro, pois, que Deus havia feito intervenção em sua vida, e que ele tinha uma importante mensagem a entregar. Um cultivador de sicômoros podava as árvores e fazia uma pequena operação nos frutos verdes, a fim de promover o amadurecimento e uma colheita mais abundante.

## CULTOS DE FERTILIDADE

Ver **Fertilidade, Cultos de.**

## CULTURA

*Esboço*:

I. Definições
II. Cultura Segundo a Filosofia
III. Pontos de Vista Cristãos da Cultura

### I. Definições

Há muitas definições da cultura, como:

1. Um empreendimento coletivo, segundo o qual os homens conseguem estabelecer um estilo de vida distinto, com base em valores comuns.

2. «Aquele todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, artes, princípios morais, leis, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelos homens, como membros da sociedade». (E.B. Tylor).

3. A totalidade da invenção e da realização humana, incluindo todos os princípios, agências e técnicas de controle que os homens têm adquirido sobre a natureza física e o comportamento humano, bem como todas as experiências pessoais e sociais que

eles têm acumulado, intercambiado e transmitido, por meio de instrumentos e símbolos.

4. Todas as expressões criativas dos homens, em todos os campos do empreendimento humano.

5. Em sentido limitado, a expressão que os homens têm conseguido nas artes liberais.

6. Essa palavra vem do latim *colere*, «cultivar». Portanto, a cultura é um cultivo, sem importar os meios empregados para tanto.

O vocábulo não entrou na linguagem senão já no século XVIII, embora o uso possa ser percebido ao longo da história, mas expresso de muitas formas diferentes.

**II. Cultura Segundo a Filosofia**

1. *Platão e Aristóteles*. Na academia, eles estabeleceram os meios da produção e propagação da cultura, mediante o aprendizado formal.

2. A *escola do cinismo* (que vide) considerava a cultura humana como algo degenerado, procurando voltar as mentes dos homens para a simplicidade da natureza.

3. No *estoicismo* (que vide) o ideal de um mundo culto consistia na idéia de que o indivíduo é cidadão do universo, e não apenas de alguma cidade-estado.

4. A *cultura grega* disseminou-se pelo mundo inteiro, na época de Alexandre, o Grande. Continuou muito influente no mundo romano, incluindo aspectos como a filosofia, as artes e várias ciências. Os primeiros teólogos-filósofos cristãos, como Justino, Agostino e Boethius (ver os artigos) promoveram os ideais gregos dentro da cultura cristã em desenvolvimento.

5. *Emanuel Kant*, em sua obra *Crítica do Julgamento*, promoveu certa idéia da cultura que girava em torno do gênio e do refinamento das sensibilidades estéticas.

6. *Saint Simon* falava sobre *épocas críticas* e *épocas orgânicas*, como meios transformadores da cultura. Ver o artigo a respeito dele, nos pontos segundo e terceiro, onde fornecemos explicações.

7. *Fichte* considerava que a principal realização possível da cultura seria um mundo dominado pela ética, devidamente organizado e constituído.

8. *Hegel*, ao falar sobre o Espírito Absoluto, que seria o poder criativo e orientador de todas as coisas e acontecimentos, fazia da cultura um cultivo desse Espírito.

9. *Schlegel* (que vide, no segundo ponto) supunha que a cultura definitiva poderá ser alcançada mediante a fusão da ciência e da vida diária.

10. *Splengler* distinguia entre cultura e civilização. A primeira indicaria as possibilidades vitais de uma sociedade e as realizações ou concretizações dessas possibilidades. A segunda aludiria às formas e pretensões externas da sociedade.

11. *Matthew Arnold* pensava que a cultura conduz à *perfeição*. A cultura conquistaria a barbárie e o espírito combativo dos homens.

12. Os sociólogos e os filósofos não concordam se há ou não alguma diferença entre cultura e civilização. Ver o artigo sobre a *Civilização*, onde essas noções são ilustradas.

13. A *dialética materialista* supõe que a cultura é determinada por considerações materiais, especialmente pelas condições econômicas em torno das quais as classes da sociedade se entrechocam.

14. *Huizinga* pensava que a cultura perfeita é resultado da devida harmonia entre os valores materiais e os valores espirituais, e que o homem se acha no vórtice de um drama, no qual são cultivados os valores humanos. Ele se referia ao homem como o *homo ludens*, «o homem que joga». Alguns pensadores metafísicos hindus opinam nesses termos, considerando que a inquirição do homem pela espiritualidade é uma espécie de gigantesco drama cósmico, com muita diversão de intermeio, de tal modo que a comédia é o resultado final.

15. *Pontos de vista cristãos*. Ver secção III onde se sumariam esses pontos.

**III. Pontos de Vista Cristãos da Cultura**

1. O cristianismo concebe um *mundo em dois andares* — o mais elevado, de cunho espiritual; e o mais baixo, de cunho material. Embora o nível mais elevado seja o alvo, e também o nível mais importante, a ênfase sobre os deveres cristãos para com o próximo, demonstra que o ponto de vista cristão precisa incluir a idéia que a cultura humana é importante *em si mesma*. Os homens estão encarregados de missões mais elevadas ou mais modestas. Eles buscam o bem da alma (nível mais elevado), mas também o desenvolvimento das instituições terrenas (nível mais modesto). Com freqüência, esses alvos são mutuamente dependentes, como é o caso de muitos homens que servem ao próximo e participam das realizações humanas, das instituições, etc., embora como *parte* do ideal espiritual. Algumas pessoas, no presente, têm apenas uma missão mais modesta, como os cientistas. Eles adiam para outra ocasião os interesses da alma. Porém, se servirem bem em seu papel, também estarão servindo a Deus, embora indiretamente. Finalmente, porém, poderão enveredar pela inquirição da alma. A humanidade como um todo, e até mesmo as nações, individualmente falando, têm missões a cumprir neste mundo. Não obstante, finalmente, todos os seres humanos haverão de envolver-se nos interesses do outro mundo, embora alguns só o façam após a morte física. Para alguns, isso significa que o farão tarde demais; para outros, parece haver uma segunda chance, pois o destino da alma não parece ser fixado somente nesta vida. Em todas as atividades humanas dignas, há uma certa cultura envolvida, um cultivo que está em progressão.

2. Em *sentido bem amplo*, a própria criação é cultivo de Deus, cujo principal propósito é a salvação dos cidadãos do mundo (João 3:16), mediante a realização do Filho de Deus (Col. 1:16). Por conseguinte, a terra torna-se o campo de provas desse elevadíssimo propósito divino.

3. Em *sentido mais estrito*, a Igreja cristã tem-se saído bem na promoção da civilização e da cultura humanas. Durante a Idade Média, a Igreja Católica foi a encarnação mesma da cultura, servindo de meio através do qual a instrução nas letras e o desenvolvimento das artes se processavam. Idealmente, a Igreja cristã deveria injetar na cultura humana os princípios cristãos que promovem as virtudes da honestidade, da harmonia e do amor. A Igreja cristã também deveria alertar os homens acerca de um caminho mais elevado e civilizado, a caminhada da alma como elemento orientador de qualquer cultura humana.

4. Existe aquele país celestial do qual este mundo é apenas uma sombra e uma pobre imitação, um conceito antecipado por Platão e utilizado pelo escritor da epístola aos Hebreus (11:16).

5. Os *dualistas cristãos* supõem que o homem está vivendo em duas dimensões ao mesmo tempo: a física e a espiritual. Porém, os mais radicais não vêem qualquer utilidade na dimensão física, e convidam os

cristãos a se desligarem de qualquer participação significativa nessa dimensão. Outros cristãos, entretanto, permitem tal participação, mas supõem que isso serve somente para promover melhor os interesses da alma, nada vendo de significativo naquilo que acontece no mundo físico, à parte dos interesses espirituais.

6. Os *conversionistas cristãos*, quando radicais, supõem que o único uso que os crentes podem fazer deste mundo é serem missionários que buscam a conversão da sociedade. Porém, eles não vêem qualquer bem na própria sociedade, e não recomendam a ninguém a participação ativa na sociedade, exceto como um meio de promover a causa da evangelização.

7. Os *anticulturistas cristãos*, como Tertuliano, vêem apenas o mal na cultura humana, denunciando qualquer participação dos crentes na política, nas artes e na filosofia, como atividades pagãs e produtos indesejáveis dos esforços de homens perdidos.

8. Os *incorporacionistas cristãos* têm por intuito misturar-se em todas as atividades seculares e culturais, o que diminui seu caráter distintivo como cristãos.

9. Os *sintetistas cristãos*, como Tomás de Aquino, supõem que a Igreja cristã deveria mostrar-se ativa na promoção de todas as variedades de cultura, como parte de suas funções, levando assim a Igreja a ocupar-se em maior número de coisas das quais ela tem tempo e energia para desincumbir-se a contento.

10. Os *nacionalistas cristãos* mostram-se orgulhosos das realizações culturais de suas nações particulares, supondo que parte do trabalho missionário cristão consiste em impor a outros povos os próprios padrões culturais dos missionários, e não apenas os valores religiosos. Nisso revela-se uma espécie de identificação inconsciente entre o cristianismo e a cultura ocidental, em suas realizações.

11. Os *absorvedores cristãos* dizem-se incapazes de distinguir entre a cidade de Babel e a cidade de Sião, absorvendo-se assim nos empreendimentos seculares e humanos que são próprios dos filhos de Babel, e não dos filhos de Sião. Esses olvidam-se que há uma cidade eterna, que tem alicerces perenes (Heb. 11:10).

12. Os *isolacionistas cristãos* reconhecem a necessidade de atividades culturais, mas separam-se formando comunidades exclusivistas, afastando-se assim de todas as comunidades pagãs o mais possível. Eles possuem suas próprias comunidades e escolas, e só se mesclam com o mundo exterior nas questões comerciais, embora somente até onde não ponham em risco a própria sobrevivência.

Três atitudes gerais, concernentes à cultura, do ponto de vista cristão, podem ser salientadas, a saber: a. Cristo *contra* a cultura; b. Cristo *da* cultura; e c. Cristo *acima* da cultura. De conformidade com o livro de Richard Neibuhr, *Christ and Culture*, isso sumaria a questão. Essas atitudes têm sido ilustradas de forma mais elaborada nos pontos acima. Quanto a «a», ver os números 5, 6 e 12. Quanto a «b», ver os números 1, 3, 9 e 11, que podem ilustrar aspectos positivos e negativos. Quanto a «c», ver os números 1,5 e 6 como aplicações possíveis. (C E NIE P)

## CULTURA E FÉ RELIGIOSA

Ver o artigo sobre a **Cultura**, terceiro ponto.

## CULTURA ÉTICA

Essa expressão designa uma cultura que salienta os princípios éticos como o centro da religião. A idéia foi introduzida por Félix Adler (1851-1933), na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América. Terminou se transformando em um movimento internacional, com centros em várias cidades do mundo. O culto dominical consiste em música, leitura, discursos éticos e um período de meditação. Apesar do fato de que a religião cristã não pode ser reduzida a princípios éticos, o evangelho do *fácil creísmo* (que vide) alerta-nos para o fato de que, em muitos lugares da igreja evangélica de nossos dias, não se dá a devida ênfase à ética.

## CULVERWEL, NATHANAEL

Suas datas aproximadas são 1618 e 1651. Foi um filósofo inglês, nascido em Londres e educado em Cambridge, onde também ensinou. Esteve sob a influência do platonismo de Cambridge, mas combinava as idéias de Aristóteles com as idéias de Platão, e ambas essas idéias com o neoplatonismo, o escolasticismo e o calvinismo. Ele frisava a autoridade absoluta de Deus, não apenas no campo da eleição divina, mas também na ética e nas leis naturais. (P)

## CUM

Cidade aramaica mencionada somente em I Crônicas 18:8. Ficava localizada ao norte de Arã-Zobá, no lado oriental das montanhas do Líbano. Em II Samuel 8:8, que é o texto paralelo, figura o nome «Berotai»; embora alguns estudiosos pensem que, evidentemente, não se trata da mesma localidade. Davi levou daquela área alguns itens de bronze, como despojos de guerra.

## CUMBERLAND, RICHARD

Suas datas foram 1631-1718. Foi filósofo e teólogo inglês. Nasceu em Londres e educou-se em Cambridge. Foi eclesiástico, tendo sido nomeado como um dos pregadores oficiais de Cambridge. Foi bispo de Peterborough. Professor de filosofia, refutou idéias de Thomas Hobbes (que vide).

**Idéias:**

1. A moralidade repousa sobre leis naturais imutáveis, válidas e obrigatórias, inteiramente à parte das leis dos estados e governos. Os seres racionais têm consciência dessas leis. As leis decretadas pelos homens refletem as leis naturais, mas a consciência de cada indivíduo serve ainda de guia mais seguro.

2. O homem exibe uma tendência natural para o altruísmo, o que se verifica até entre certos animais. Nisso está envolvida uma certa lei natural. O *bem coletivo* contribui para o bem de cada indivíduo, mediante o que há uma felicidade geral. O comportamento contrário traz somente a miséria. O princípio defendido por Cumberland, de *bem coletivo*, como uma lei natural básica, antecipou a ênfase do utilitarismo (que vide).

3. O princípio da *benevolência universal*. Nenhum ato seria moralmente bom a menos que contribua para a felicidade dos homens em geral. As ações morais sempre envolveriam a comunidade, e não apenas indivíduos isolados.

4. As ações virtuosas são guiadas por princípios determinadores como o da felicidade, o da miséria e o da retribuição futura.

*Obras: De Legibus Naturae.*

••• ••• •••

## CUMI

Ver sobre **Talitha Cumi**.

## CUMPRIMENTO

Ver sobre **Realizar, Realização**.

## CUNEIFORME

Essa palavra significa «em forma de cunha», referindo-se ao tipo de escrita usado pelos sumérios, após o período de escrita pictográfica, para representar os fonemas de seu idioma. Essa forma de escrever foi tomada por empréstimo pelos babilônios, assírios, hititas, elamitas e persas, para escreverem seus respectivos idiomas. A escrita cuneiforme é uma espécie de escrita semipictográfica, cujos caracteres eram impressos sobre a argila mole, com o uso de um estilete. Os tabletes de argila que recebiam a escrita eram usados quando ainda moles, e então eram endurecidos ao sol ou em fornos, o que os tornava duros e de longa duração. Mais ou menos em meados do segundo milênio A.C., os cananeus de Ugarite usavam esse método de escrita. Mas ultrapassaram os símbolos cuneiformes semipictográficos, desenvolvendo um verdadeiro alfabeto, embora limitado somente aos fonemas consonantais. A escrita cuneiforme babilônica desenvolveu-se até tornar-se um modo internacional de comunicação escrita, de tal modo que muita correspondência diplomática era efetuada entre as nações para as quais o idioma babilônico era uma língua estrangeira. Para exemplificar, temos as cartas de Tell el-Amarna (que vide), entre os reis cananeus e a corte egípcia. E então no século VII A.C., os persas desenvolveram um sistema cuneiforme todo próprio, com quarenta e dois sinais, trinta e seis dos quais eram fonéticos, todos consistindo em sílabas abertas, ou seja, sílabas que terminam com alguma vogal. Essa forma de escrita é bastante diferente de outras escritas cuneiformes de outras culturas, e pode ter representado um desenvolvimento independente. Ver os artigos sobre *Escrita* e *Alfabeto* (Z).

## CURA

De acordo com o vocabulário da Igreja Católica Romana, um padre responsável pela *cura das almas*. Na França, esse é o título dado a um padre paroquiano assistente. Na Inglaterra, é o título de alguém que assiste a um reitor ou vigário.

## CURA

Ver também o artigo sobre **Curas pela Fé**.

**A universalidade da cura.** A antropologia tem comprovado a universalidade de duas atividades «sobre-humanas». — Essas são a profecia e a cura. Normalmente, essas funções têm sido vinculadas a rituais religiosos, geralmente administrados mediante cerimônias estranhas e exóticas. Porém, as duas funções não são de cunho necessariamente religioso ou espiritual (conforme nós os crentes, entendemos essas palavras), porquanto podem ocorrer inteiramente à parte do sentimento religioso. Por exemplo, os estudos dos sonhos têm demonstrado que todos os seres humanos possuem certa habilidade de «ver o futuro». Os sonhos mesclam, em forma simbólica, o passado, o presente e o futuro, de tal modo que todas as pessoas têm consciência, pelo menos no nível subconsciente, de eventos futuros em suas vidas. Naturalmente, isso ainda não é o dom de profecia, que visa principalmente, a instrução moral, ainda que ocasionalmente, inclua um vislumbre de eventos vindouros. Além disso, através de toda a história dos homens e em todas as culturas, tem havido aqueles que possuem poderes de cura. Apesar de poder-se admitir que existem poderes demoníacos envolvidos em muitas curas, no caso de certas pessoas, contudo, a cura pode ser algo perfeitamente natural e humano, através do uso de qualidades inatas ao espírito humano.

**A fotografia Kirliana.** Trata-se de uma forma de fotografia que se utiliza do processo radiológico. É capaz de detectar a radiação de energia que emana dos seres vivos, mas que são invisíveis para o olho humano. Com esse processo (que agora vem sendo experimentado em várias partes do mundo), a «aura» humana pode ser fotografada e vista. Trata-se de um campo de luz que circunda o ser humano, estendendo-se até cerca de quatro metros além do corpo. Todas as coisas vivas, além disso, possuem esse campo de luz. Existe antes da formação da porção física, e mesmo depois do desaparecimento dessa porção. Os ovos de rãs, por exemplo, têm um campo de luz entre dez e quinze centímetros. Mediante a mesma luz pode-se determinar onde se desenvolverão as várias partes da rã, e evidentemente, essa é a força que controla o desenvolvimento. No caso da amputação dos dedos, dos braços ou das pernas de um homem, a fotografia Kirliana continua exibindo a luz dos dedos, braços ou pernas amputados. Em outras palavras, a porção psíquica continua presente, antes e depois, pois é independente da porção material. Estudos como esses, naturalmente, ajudam na aproximação científica da alma, pois demonstram que aquilo que atualmente chamamos de parte «física», não é a totalidade da personalidade humana.

No tocante às curas, tem sido demonstrado, através da fotografia Kirliana, que quando há uma cura, a luz da pessoa que cura a outrem decresce, mas a aura da pessoa curada aumenta. Outrossim, aquele que cura perde peso. Evidentemente, essa energia desconhecida tem certo peso. Portanto, nas curas, pode haver certa transferência de energias vitais. Isso mostra que falar alguém de meras curas psicológicas, crendo que não existem curas reais de condições físicas adversas, é um absurdo.

**Fontes da cura.** O que dissemos acima mostra que a cura pode ter origem totalmente humana, por ser uma qualidade inerente do espírito humano, sem qualquer interferência do Espírito de Deus, de outros espíritos, etc. Até mesmo quando a cura ocorre por alguma influência direta de um ser espiritual ou do Espírito Santo, parece haver o mesmo «mecanismo». Em outras palavras é transferida alguma energia vital daquele que cura para aquele que recebe a cura. Talvez por isso é que até no caso do poderoso Senhor Jesus, é dito que «dele saiu virtude» (ver Luc. 6:19 e 8:46). É fato bem conhecido que, nas curas, o terapeuta chega a um ponto em que suas energias se esgotam, e ele não pode mais curar. O descanso normalmente restaura essa energia, embora, em alguns casos, tal poder se perca inteiramente, após diversos meses ou anos de uso. Nada disso visa indicar que as curas não podem transcender ao que é humano; pois evidentemente esse é o caso, ainda que possa utilizar-se de energias vitais humanas como seu «modus operandi». Naturalmente, também pode ultrapassar inteiramente a tudo quanto é meramente humano, normalmente, porém, não é assim que as coisas são. No caso de transcender aos poderes



**Rockefeller-McCormick Ms 965, Mat. 8:14 *ss.***
**Jesus Cura a Sogra de Pedro**
**Cortesia, University of Chicago**



JESUS CURA OS DOENTES



O HOMEM CEGO DE NASCENÇA



JESUS CURA OS LEPROSOS



CURANDO A LEPRA

humanos, só podem essas curas ser de origem demoníaca, ou então inspiradas pelo Espírito Santo, e, quem sabe, por poderes angelicais.

**O dom das curas.** (Ver as notas expositivas sobre isso, na introdução ao décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios no NTI). O dom de curas pode envolver qualquer dos níveis de origem acima mencionados. Em outras palavras, Deus pode dar a certas pessoas a habilidade de usarem suas energias curadoras latentes, que todos os seres humanos possuem, mas que não podem e não sabem usar. Tal pessoa pode demonstrar poderes de cura desde a meninice; e sua missão pode ser a de curar, contanto que use tal capacidade como um elemento de instrução espiritual. A cura raramente, se é que alguma vez, serve apenas para curar alguma enfermidade física; antes, deve servir de demonstração da dimensão espiritual da existência. Quando assim acontece, sem importar seu nível, é algo belíssimo e um gracioso dom de Deus. As curas provavelmente podem ser efetuadas mediante o ministério dos anjos, que operam através de instrumentos humanos. Nesse caso, o poder pode ser repentinamente dado à pessoa, e ser notável. Além disso, pode agradar a Deus curar diretamente, através do seu Santo Espírito. Mas, uma coisa é certa: as curas são um fato, uma belíssima realidade. No entanto, pode ser um instrumento perigoso e mesmo prejudicial, usado nas mãos de ímpios, em cujo caso pode ser igualmente real, mas não dedicado à glória de Cristo.

**A oração confiante pode curar.** Todos os homens são terapeutas em potencial, «ocasionalmente»; e a oração de muitos crentes certamente tem tal efeito. Normalmente, entretanto, as curas espirituais são efetuadas por aqueles que são dotados para tanto, tal como alguns são dotados para ensinar, outros para profetizar, outros para falar em línguas, e ainda outros para interpretá-las. Cada crente individual tem sua missão específica, e deveria ocupar-se de seu desenvolvimento. Cumpre-nos orar pedindo os dons espirituais, desejando-os ardentemente (ver I Cor. 14:31), mas o amor deve ser desenvolvido, a fim de controlar o uso dos dons espirituais. Naturalmente, no processo de nossa transformação segundo a imagem de Cristo, teoricamente poderíamos possuir todos os dons espirituais; e, de fato, eventualmente haveremos de possuir aqueles que forem úteis nas esferas espirituais, além do sepulcro. No entanto, para efeito de uso na igreja cristã, que ninguém se assenhoreie de outro, mas antes, tudo deve ser feito com base no amor (ver I Cor. 12:30), embora uma pessoa possa exercer mais de um dom, segundo a experiência o demonstra.

Considerando as declarações acima, vemos que a passagem de Tiago 5:14-18, sobre as curas espirituais, está longe de envolver questões ultrapassadas, obsoletas. As curas são uma realidade viva hoje em dia. Tiago nos fornece algumas regras sobre a questão, tal como a oração unida dos anciãos da igreja e a unção com óleo. Essas medidas têm mostrado ser valiosas, embora outros métodos se tenham mostrado igualmente eficazes. Podemos supor que, juntamente com a unção com óleo, a imposição de mãos deve ser efetuada; e a maioria dos terapeutas pratica esse método. Os filmes de raios-X capturam a energia que emana das mãos dos terapeutas e essa energia cura tanto plantas e animais como os seres humanos.

Tiago 5:14: *Está doente algum de vós? Chame os anciões da igreja, que estes orem sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor.*

Certamente estão em foco os doentes no *corpo físico*, e não aqueles que sofrem de distúrbios emocionais ou psicológicos, embora esses distúrbios sejam enfermidades reais. E certamente o texto não fala de «enfermidades espirituais», conforme alguns têm crido erroneamente, como se as curas fossem algo do passado, e não do presente.

**Presbíteros.** Estão aqui em foco os líderes principais da igreja, sem designação específica quanto às funções que exercem, como mestres, pastores, etc. (Ver I Tim. 5:1,17 quanto ao uso desse vocábulo, bem como quanto ao desenvolvimento dos anciãos liderantes na igreja cristã. Ver acerca do «presbitério» em I Tim. 4:14). A igreja cristã primitiva copiou a sinagoga em questões de governo eclesiástico, e a primeira coisa feita foi reconhecer certos homens, de grande espiritualidade, como líderes das igrejas, os quais ocupavam, individualmente, funções diversas, para benefício da comunidade cristã.

Os anciãos ou presbíteros, quando de sua consagração, recebiam dons espirituais, normalmente através da imposição de mãos. (Ver I Tim. 4:14). Portanto, esperava-se que fossem capazes de curar, pelo menos alguns deles; e sua oração unida era reputada mais do que o exercício da eloqüência verbal. Antes, tinham o poder de Deus. Por conseguinte, que os enfermos lhes fossem levados. Deus haveria de levantar aos enfermos, porquanto o próprio Senhor resolvera cuidar dos casos de enfermidade por esse método.

**Façam oração sobre ele.** Podemos supor que a imposição de mãos também era aplicada aos enfermos, sendo medida eficaz nas curas. Outrossim, a oração é uma força criadora, que pode alterar as condições físicas, pois nos vincula ao poder de Deus. (Ver Efé. 6:18 no NTI quanto à nota expositiva geral sobre a «*oração*»). No tocante a esse costume entre os judeus (pois Tiago não nos apresentava nenhuma novidade), ver *Sanhedrin* 101,1; *Shabbath* 127b e *Sota* 14a. *Amachoth Zutarti* têm uma extensa passagem sobre esse costume, e seu fraseado se assemelha extraordinariamente ao rito da «extrema-unção» da Igreja Católica Romana, em nossos dias. Portanto, essa prática, em algumas de suas formas, é mais antiga que a era cristã, ainda que tenha sofrido algumas modificações entre os cristãos. É normal, pois, para aqueles que crêem na extrema-unção como um *sacramento*, verem em Tiago 5:14 um texto de prova. Mas a «extrema-unção» não se tornou prática formalizada da Igreja Católica Romana, bem como um dos sete sacramentos, até o século XII D.C., ainda que tivesse existido sob forma informal desde muito antes disso. Recebeu definição autoritária em um decreto, no concílio de Trento, ao tempo de Lutero (1545 ---) O texto da epístola de Tiago 5:14 foi usado como apoio neotestamentário. (Ver secção xiv, *Doctrina de sacr. extr. unct.* cap.). A Igreja Ortodoxa Grega, entretanto, retém a prática original. Ela unge os *corpos enfermos*, visando sua *recuperação* à saúde, e *não* em benefício da *alma*, antes da morte, visando o perdão dos pecados. A idéia entre as igrejas protestantes segue o pensamento esposado pela Igreja Ortodoxa Grega.

A idéia que a unção com óleo envolve alguma graça espiritual, tendente ao perdão de pecados, certamente se deriva de tradições dogmáticas, e não do próprio N.T., pois na Bíblia certamente tal idéia nunca é ensinada. (Ver também *Baba Bathra* 116 e Talmude Babilônico *Shabbath* 13b, quanto à prática da «oração pelos enfermos»).

**Óleo.** Os antigos consideram o azeite de oliveira dotado de propriedades medicinais (ver Luc. 10:34). Contudo, nunca se pensou que o azeite fosse capaz de curar toda e qualquer enfermidade. Portanto, sabemos que era usado meramente como sinal visível e tangível do poder de Deus; e os primitivos cristãos criam que o Senhor curaria o enfermo, quando assim fizessem, porque, com tal ação, confirmavam sua fé em Deus. É possível que alguns primitivos cristãos criam que o azeite tivesse algum poder «sacramental» verdadeiro. Em outras palavras que comunicasse a graça da cura. Mas é provável que a maioria deles visse no azeite um mero meio de confirmação da fé. Era algo que faziam a fim de mostrar sua fé. Alguns crentes da atualidade continuam usando o óleo desse modo e com essa atitude, e não como se o mesmo tivesse propriedades sacramentais.

A palavra *sacramento*, usada na cristandade, não significa apenas alguma coisa «sagrada», conforme se poderia pensar, com base no próprio termo. Seu sentido teológico é «um meio físico que transmite graça espiritual», como se, sem tal meio físico, não se pudesse esperar a transmissão da graça espiritual. Assim é que alguns pensam que sem a água do batismo, não pode haver regeneração. Entretanto, isso é fazer da fé religiosa algo «mágico». Na verdade, em todas as suas manifestações graciosas, o Espírito opera com ou sem qualquer sinal visível. Pois o contacto dos homens com o Espírito de Deus é «místico», e não «sacramental».

Também não deveríamos reduzir Tiago 5:14, fazendo-o ensinar que a oração e a unção com óleo meramente prepara psicologicamente o enfermo, de tal modo que, com fé e confiança, seu corpo natural tenha aumentado a sua resistência às enfermidades. É claro que nisso há certa verdade; mas a cura é efetuada através de uma energia real, e essa energia pode fazer qualquer coisa. Algumas vezes opera até mesmo à parte da fé, e a despeito do ridículo lançado pela própria pessoa que recebe a cura. Não sabemos muito sobre o que governa as curas, embora saibamos que estão envolvidos fatores espirituais e normais, além da fé. Normalmente a fé é algo necessário; mas nem sempre. Jesus ressuscitou a mortos, e não foi a fé deles que operou. Assim também muitas crianças são curadas, — quando não se pode pedir qualquer fé da parte delas. Contudo, usualmente a fé é necessária.

**O óleo usado na cura.** Era fato tanto na cultura judaica como na pagã, e não meramente da cristã, que se usava o azeite na unção dos enfermos. (Ver Isa. 2:6; Luc. 10:34; *Galeno, Med. temp.* ii, *Tal Jerus. em Berakoth*, 3:1). Algumas vezes era misturado vinho com azeite, conforme se vê nessa última referência. (Ver também o Talmude *Jerusa.*, em *Maasar Sheni* 53:3; Bab. em Joma 77:2; Jerusal. em *Shab.* 14:3. Quanto aos primitivos escritores cristãos, ver Tertuliano, *Ad Scapulam* 4; Orígenes, *Hom.* ii. sobre Levítico 4, Cirilo de Alex., *de adorat. in spir. et ver.* vi. par. 211). Em alguns lugares, tais práticas eram recomendadas em substituição à magia pagã. Após o século IV D.C. idéias sacramentais começaram a entrincheirar-se firmemente na igreja, no tocante a essas coisas. Antes do fim do século VIII de nossa era, o «perdão dos pecados» já estava vinculado a esse costume; e o óleo já vinha sendo usado não para efeitos curadores, mas para a transmissão da graça perdoadora. Essa idéia, naturalmente, provinha de grande antiguidade, *Irineu* (i.21:5) menciona que Márcion, o gnóstico, ungia os moribundos com azeite e água, o que supostamente lhes protegia as almas contra poderes espirituais hostis, ao passarem para a dimensão dos espíritos. Portanto, os gnósticos tinham idéias sacramentais. (Quanto a notas expositivas sobre o desenvolvimento da prática da *extrema-unção* na igreja cristã ocidental, ver o parágrafo que comenta sobre as palavras «façam oração sobre ele». Em alguns setores da igreja antiga, o azeite veio a ser usado para unção, antes do batismo, e com intenções sacramentais).

**Em nome do Senhor.** Provavelmente está em foco o Senhor Jesus Cristo, o Grande Médico. Cristo também é o Senhor de todas as enfermidades e doenças da alma. O uso de seu nome faz da unção com óleo um ato espiritual, e não um mero tratamento médico. Os primitivos cristãos criam que continua presente o poder de Cristo para curar, tal como nos dias de sua carne, embora ele não se faça visivelmente presente.

## CURA DAS ALMAS

Uma expressão usada pelas igrejas Católica Romana e Anglicana para descrever o trabalho pastoral dos padres. Por ocasião da ordenação de um padre, torna-se seu dever cuidar do bem-estar espiritual de seus paroquianos, o que envolveria a cura das almas. Fica entendido, dentro desse contexto, que ele precisa administrar os sacramentos, visitar os seus paroquianos e supervisionar questões que dizem respeito à sua área de serviço.

## CURA, INCLUÍDA NA EXPIAÇÃO?

Ver o artigo sobre **Doenças**, seção IV, **A Teologia da Doença.**

## CURAS, DOM DE

Ver os artigos sobre **Cura e Curas pela Fé.**

## CURAS PELA FÉ

Ver o artigo geral sobre a **Cura.** A expressão denota as curas que ocorrem contra ou acima das expectativas e possibilidades da ciência médica, dependendo da fé da pessoa curada, do curador, ou de ambos. Os milagres de cura, realizados por Jesus, foram desse tipo (Mat. 9:22,29; 9:2; Mar. 9:24; Mat. 10:1), como também os milagres de cura efetuados pelos apóstolos (Atos 3:16; 5:14,15; 19:9).

**Modos Empregados:**

1. *Imposição de mãos.* Os estudos modernos no campo da parapsicologia (que vide) mostram-nos que uma energia real pode ser transferida desse modo, do curador para a pessoa curada. Algumas vezes, as mãos não tocam no paciente, mas apenas pairam sobre ele, e, no caso de algumas pessoas, isso parece produzir melhores resultados. Outras vezes, os curadores obtêm melhores efeitos usando ambas as mãos, uma diante da outra, com a área afetada do paciente entre elas. É possível que isso estabeleça um certo fluxo de energias, de uma mão para a outra, atravessando a região enferma.

2. *Unção com Azeite.* Isso é recomendado em Tiago 5:14. Trata-se de um ato simbólico, representando a fé expressa na oração, sabendo-se que é o Espírito de Deus quem, realmente, efetua a cura.

3. *Oração simples,* novamente na expectação da intervenção divina.

4. A *visualização* tem sido usada por algumas

pessoas com sucesso. Trata-se da visualização da enfermidade, como se já estivesse curada, mediante a imaginação. Também pode estar envolvida alguma coisa que possa ajudar na cura. O Dr. Carl Simonton tem obtido muitas curas totais ou parciais de câncer, dessa maneira, com a cooperação dos pacientes. Certo paciente imaginou que suas células brancas do sangue eram como gigantescos ursos polares, marchando pela corrente sangüínea e consumindo as células cancerosas. Outros pacientes simplesmente visualizam o desaparecimento do tumor, vendo a área afetada inteiramente curada.

5. A *hipnose*, em outras oportunidades, tem demonstrado notáveis poderes de cura. É possível que a hipnose seja outro mecanismo de visualização, apenas.

6. A *sugestão mental* de que a doença foi sanada, em momentos de oração ou de meditação, ou sob hipnose, também tem sido empregada.

7. *Poderes Externos*. Não há que duvidar que os seres angelicais podem curar. Outro tanto pode ser dito sobre a própria alma, o nosso *eu* mais alto. A cura pela fé é possível, mesmo sem qualquer intervenção divina. Os espíritas (ver sobre o espiritismo) supõem que espíritos humanos desencarnados podem curar, dizendo mesmo que alguns desses espíritos têm uma missão de cura, em benefício da humanidade. Isso parece ter ocorrido, em alguns casos. Em outros casos, talvez haja outras entidades espirituais envolvidas, sobre as quais nada sabemos. O poder dos demônios, algumas vezes, pode estar envolvido nas curas, com ou sem o espiritismo. Precisamos exercer cautela quanto às maneiras de cura empregadas, a fim de não nos expormos à ação de poderes negativos, que só podem nos prejudicar.

8. *Autocura*. Nossa própria alma, ou «eu» superior, pode efetuar a cura do corpo físico. Estudos recentes sobre múltiplas personalidades demonstram que quando uma das personalidades está exercendo o controle, o corpo físico reage à mesma. Para exemplificar, quando certa personalidade está no controle, a pessoa pode tornar-se míope; mas, quando a outra personalidade exerce o controle, a pessoa recupera sua boa visão. Outro tanto sucede no caso de diversas enfermidades, incluindo coisas sérias como a epilepsia. Diferem também a pressão sangüínea o número de pulsações e os eletroencefalogramas. Apesar de que tais efeitos possam ser explicados, em alguns casos, pela influência de entidades que se apossam das pessoas, causando as diversas manifestações de personalidade, o mais provável é que, na maioria dos casos, estejamos tratando apenas com questões mentais. Fragmentos da psique tornam-se pessoas diferentes, por assim dizer, e cada um desses fragmentos é capaz de influenciar o organismo físico de maneira significativa. Se fôssemos capazes de manipular o nosso poder mental, poderíamos curar qualquer tipo de enfermidade.

9. *Intervenções Divinas*. Há casos de curas de enfermidades físicas que se processam independentemente de quaisquer mecanismos humanos. Cremos que alguns dos milagres efetuados por Jesus pertenciam a essa categoria, ao passo que outras curas podem envolver algum outro nível de entidade e poder. Ver o artigo sobre *Satya Sai Baba*, como exemplo de um poderoso curador moderno.

10. *Curas Psicossomáticas*. Há doenças de origem mental. Com a alteração das atitudes mentais, é removido o efeito físico correspondente.

Conforme demonstrei, há todo um complexo *modus operandi* envolvido nas curas. Quando Deus está por detrás de qualquer dessas maneiras, a cura é boa. Nessa classe podemos incluir as curas efetuadas pela medicina tradicional. Devemos dar a Deus o crédito pelas curas assim obtidas, bem como ser gratos pela saúde de que desfrutamos, a fim de podermos cumprir as nossas respectivas missões na terra. Este artigo foi escrito para ser lido juntamente com aquele outro, intitulado *Cura*, onde prestamos outras informações a respeito.

Cumpre-nos acrescentar o seguinte: Algumas vezes, as curas psíquicas ou as curas pela fé precisam de algum tempo para se processarem, tal como nos casos de curas por meios puramente físicos. Podem ser necessárias várias aplicações da energia curativa, como também mais de uma maneira de curar. As curas pela fé, na maioria dos casos, envolvem um processo. Somente os grandes curadores, como Jesus Cristo, os apóstolos e alguns profetas são capazes de realizar curas instantâneas, a cada vez em que o tentam. A maioria dos curadores prefere tratar os pacientes conforme fazem os médicos, exigindo um certo prazo e diversas sessões de tratamento. Mas isso em nada detrata o poder ou a viabilidade das curas por meio da fé.

*Um outro fato*. Muitas enfermidades físicas têm causas mentais. Poderíamos frisar emoções negativas como o ódio, a hostilidade e a ansiedade. Todos esses estados de alma podem ter efeitos físicos adversos. A ciência vem reconhecendo cada vez mais essa realidade. Às vezes, quando as pessoas corrigem o estado de suas almas, ocorre a cura do corpo. A vereda certa para todo o tipo de cura é a vereda espiritual. Aquele que odeia pode terminar canceroso. Aquele que ama pode remover um câncer, tanto do corpo quanto do espírito.

## CÚRIA ROMANA

O corpo das congregações sagradas, ao qual o papa delega parte de sua jurisdição, que eles usam no governo da Igreja Católica Romana. No momento, a Cúria Romana consiste em doze congregações, três tribunais e cinco ofícios. Desde o século XI, a Cúria tem sido o mais elevado órgão eclesiástico, administrativo e judicial. A crescente complexidade do ofício papal e da administração da Igreja Católica Romana tem exigido a existência desse corpo especial. Cada congregação que faz parte desse órgão é presidida por um cardeal-prefeito, com a assistência de um secretário e de um segundo secretário. As principais questões de cada congregação são discutidas em uma *congregatio plenaria*, da qual participam todos os oficiais eclesiásticos principais envolvidos. (AM E)

## CURRAIS

Esse verbete envolve quatro palavras hebraicas e duas palavras gregas, a saber:

1. *Gedereth tson*, «cerca para o rebanho», expressão que aparece em Núm. 32:16,24,36 e Sof. 2:6.

2. *Miklah*, «restrições». Palavra hebraica que figura em Sal. 50:9; 78:70 e Hab. 3:17.

3. *Mishpethayim*, «currais duplos». Palavra que aparece somente em Juí. 5:16, com esse sentido.

4. *Naveh*, «habitação». Palavra que ocorre por quatro vezes com esse sentido: Isa. 65:10; Jer. 23:3; Eze. 34:14.

5. *Aulè tōn probáton*, «átrio das ovelhas». Expressão grega que aparece somente em João 10:1.

6. *Probatikós*, «pertencente às ovelhas». Palavra

grega que ocorre somente em João 5:2.

O curral ou aprisco era um lugar fechado que servia para proteger as ovelhas dos azares das intempéries, dos ladrões e das feras. Localizado perto da residência de um dos proprietários, ou armado nas colinas onde as ovelhas pastavam, o curral não tinha telhado, suas paredes eram feitas de pedra, e contava apenas com uma porta, que servia de entrada e de saída. Usualmente abrigava diversos rebanhos, cada um dos quais retinha a sua identidade, visto que cada pastor conhecia suas ovelhas e era bem conhecido por elas, havendo entre pastor e ovelhas uma grande relação de dependência. (Ver João 10:3-5).

## CURSIVOS

Essa palavra indica os manuscritos da Bíblia, além de outros documentos, escritos com letras minúsculas, ligadas umas às outras, e não com letras separadas, como nos manuscritos *unciais*, que também eram escritos com letras maiúsculas. A escrita cursiva foi um passo na direção da escrita chamada «manuscrita», em contraste com a escrita impressa. A partir do século X D.C., esse estilo de escrita tornou-se comum, usado nos manuscritos do Novo Testamento, o que significa que isso nos confere uma maneira aproximada de datar os diversos manuscritos. Ver o artigo geral sobre os *Manuscritos da Bíblia*. Uma palavra alternativa para indicar esse tipo de manuscrito é *minúsculo*, porquanto as letras empregadas eram menores que aquelas usadas nos manuscritos unciais. Dessas letras menores, ou de caixa baixa, foi que se desenvolveram as letras latinas e gregas da atualidade. Os primeiros livros impressos tinham tipos que imitavam essas letras minúsculas.

## CURSO

Essa palavra portuguesa vem do latim, **cursus**, «correr». Há certa variedade de palavras hebraicas e gregas assim traduzidas, a saber:

1. *Merutsah*, «corrida». Palavra hebraica usada por quatro vezes: Jer. 8:6; 23:10; II Sam. 18:27.

2. *Mesillah*, «estrada». Palavra hebraica que ocorre por vinte e cinco vezes, como em Juí. 5:20; Núm. 20:19; I Sam. 6:12; II Sam. 20:12,13; Isa. 7:3; 11:16; 19:23; 33:8; Jer. 31:21.

3. *Drómos*, «estrada», «corrida». Palavra que figura por três vezes: Atos 13:25; 20:24; II Tim. 4:7.

4. *Trochós*, «roda». Palavra grega usada somente em Tia. 3:6, onde é empregada metaforicamente, para indicar o curso da vida.

5. *Aion*, «era». Palavra grega usada cerca de cento e cinco vezes, desde Mat. 6:13 até Apo. 22:5. Essa palavra é usada para indicar várias idéias, como o curso natural das coisas, o curso da conduta humana (Efé. 2:2), etc. O mundo e a humanidade correm em ciclos, cada qual com suas características próprias. O crente deve evitar o curso deste mundo, ditado pelo espírito das trevas (Efé. 2:2).

6. *Euthudroméo*, «correr em linha reta». Palavra grega que é usada somente em Atos 16:11 e 21:1.

Essa palavra também pode referir-se a uma sucessão em ordem, como no caso das turmas de trabalhadores de Salomão, que se revezavam a cada mês, dez mil deles de cada vez (I Reis 5:14). Nesse caso, nossa versão portuguesa prefere a palavra «leva». É o mesmo caso dos «turnos» dos sacerdotes e levitas, que serviam no templo de Jerusalém. Esses turnos foram organizados por Davi, e vinte e quatro dessas divisões foram estabelecidas por ele em Israel (I Crô. 24:1-19; II Crô. 8:14; 35:4,5). (A Z)

## CURTIDOR

No Antigo Testamento, o resultado do trabalho dos curtidores de couros e peles aparece com relativa freqüência, mas não é mencionado nunca o próprio «curtidor». Entretanto, essa profissão aparece no Novo Testamento. No grego, «curtidor» é *burseús*, uma palavra que aparece por três vezes: Atos 9:43; 10:6,32.

A ausência de menção a essa profissão, no Antigo Testamento, talvez se deva ao fato de que os judeus consideravam a ocupação muito indesejável, porquanto, além de envolver odores muito fétidos e repulsivos, há também cenas nada atrativas, se não mesmo a contaminação cerimonial, tão cara aos judeus, cuja religião muito se baseava em princípios cerimoniais. Por essa razão, bem podemos imaginar que Simão, o curtidor (Atos 9:43), encontrou entre os discípulos de Jesus um companheirismo que antes lhe vinha sendo negado entre os seus compatriotas judeus. Quando Pedro escolheu a casa de Simão, o curtidor, para ser sua residência e base de operações, enquanto ele esteve em Jope, esse apóstolo mostrou que o cristianismo eliminara dele muitos preconceitos. É interessante observar que a casa de Simão, o curtidor, ficava à beira-mar, o que continua sucedendo às residências dos curtidores da costa da Síria, até os nossos próprios dias. A proximidade do mar facilitava tanto o acesso à água salgada, tão necessária à arte dos curtumes, como também o ar livre da praia facilitava a dispersão dos maus odores próprios de tais lugares. Os curtumes antigos eram muito simples, pois geralmente consistiam de apenas um ou dois aposentos, e de um pátio. As cubas onde os couros e as peles ficavam mergulhados eram feitas de pedra sólida escavada, ou então de várias pedras, rebocadas por dentro e por fora.

As peles ou couros eram besuntadas pelo lado interno com uma pasta de visgo. Em seguida eram enroladas, ficando assim até que todos os pêlos se soltassem. Então, os pêlos em uma das superfícies, e qualquer carne e gordura, pelo lado de dentro, eram removidos. Então as peles eram novamente mergulhadas em uma solução de visgo, fezes de cães e fermento, mais ou menos conforme se faz, até hoje, nos curtumes que ainda não usam os recursos da química moderna. As peles assim tratadas eram mergulhadas em sumagre (*Rhus coriaria*), até hoje usada, com esse propósito, na Síria e na Palestina.

Após secar, o couro é enegrecido em uma das superfícies esfregando-se na mesma uma solução de vinagre fervido com pedaços de cobre. E, finalmente, o couro é amaciado com azeite de oliveira. Naturalmente, conforme já demos a entender, esses processos mais primitivos foram substituídos por processos químicos muito mais eficientes. Mas, antigamente, para o fabrico das peles vermelhas de carneiros (ver Êxo. 25 *ss*), esfregava-se o couro com uma solução de *kermes* (similar ao *murex*, um tipo de gastrópode, de onde os antigos extraíam uma espécie de tintura púrpura) e azeite de oliveira. Então o couro era polido com uma pedra lisa.

No Líbano, algumas vezes os curtidores usavam a casca do pinho. Os árabes usam o suco de uma certa planta do deserto, para tirar os pêlos e curtir as peles. No caso dos odres (receptáculos feitos de couros de animais pequenos, como cabras, ovelhas, etc.), os pêlos não eram removidos. A curtição, nesse caso,

fazia-se enchendo-se o receptáculo, após a remoção de toda carne e gordura, com gravetos de madeira de carvalho e água. Esses «receptáculos» ficavam repousando, de pernas para cima, durante semanas, ao ar livre. Esses odres são referidos em trechos tanto do Antigo quanto do Novo Testamentos: Jos. 9:4-13; Osé. 7:5; Mat. 9:17; Mar. 2:22 e Luc. 5:37.

É provável que, nos tempos bíblicos, o couro fosse usado mais extensamente do que os registros bíblicos nos dão a entender. Sabemos que os egípcios usavam o couro em trabalhos ornamentais. Eles conheciam a arte de estampar sobre o couro. As esculturas antigas mostram-nos que havia métodos para uso do couro no fabrico de sandálias, de arreios para os cavalos e os carros de combate, coberturas de cadeiras e assentos, decorações para harpas, sarcófagos, etc. Há duas referências na Bíblia (Mat. 3:4 e II Reis 1:8) que mostram que também havia cinturões feitos de couro. Também eram fabricadas vestes de couro (Lev. 13:48 e Núm. 31:20). Tendas, igualmente, eram fabricadas com couro, e não apenas com tecidos (Êxo. 25:5; Núm. 4:6). O couro também era muito usado na vida militar. Muitos artigos militares eram feitos desse material, como capacetes, aljavas, arreios de carruagens, fundas e escudos. Estes últimos eram feitos de madeira, forrada de couro bem azeitado, para impedir que o couro rachasse e também para impedir a penetração de dardos (II Sam. 1:21; Isa. 21:5). Sandálias feitas com couro de animais marinhos eram um sinal de luxo (Êxo. 16:10), embora seja provável que, tal como no Egito e na Assíria, o couro mais fino fosse usado para forrar leitos, coberturas de cadeiras e de outros móveis.

As peles, quando usadas para bolsas de alta qualidade, eram curtidas com sal mineral, usualmente o alúmen, importado das margens do mar Morto ou do Egito; ou então essas peles eram tratadas como se fossem o pergaminho.

## CUSÃ

Trata-se de um outro nome para Cuxe (que vide), ou então alude a uma região da Arábia ocupada pelos cuxitas (Hab. 3:7). A Septuaginta diz, nessa referência, «Etiópia». Alguns eruditos pensam que essa palavra designa um antigo nome dado à região contínua a Midiã. Isso significaria que a mulher cuxita de Moisés talvez fosse apenas uma mulher midianita. Ver sobre *Cuxita* (*Mulher Etíope*).

## CUSA, NICOLAU DE

Ver **Nicolau de Cusa**.

## CUSÃ-RISATAIM

Esse era o nome de um rei e conquistador militar hitita. Primeiramente, ele anexou a Mesopotâmia (Mitani), e então assolou a Palestina, na época dos juízes hebreus (Juí. 3:7-10). Os historiadores fixam seu reinado em cerca de 1361-1352 A.C. Vestígios de suas conquistas continuam evidentes em Bete-Seã, uma poderosa fortaleza em Esdrelom, e em outras localidades. Israel passou oito anos em subserviência a esse homem. Otniel, genro de Calebe, tornou-se o libertador de Israel. Os historiadores não concordam entre si quanto à identidade desse monarca e seu território. Ele pertencia à área dos dois rios (Tigre e Eufrates), conforme é indicado pelo termo aramaico «Arã-naharaim», ou seja, «Arã dos dois rios». Esse era o seu nome hebraico. Arã é nome conhecido nas cartas de Tell el-Amarna e nos manuscritos egípcios. Nesse caso, Cusã-Risataim pode ter sido um hitita (ou heteu, segundo a palavra preferida nas Escrituras). Outros estudiosos supõem que a palavra «Arã», na realidade significa Edom, e que o nome original era «Edom das Duas Iniqüidades», o que, realmente, poderia ser o sentido do nome hebraico, pois *rishathaim* significa «iniqüidades». Nesse caso, algum tipo de corruptela entrou na palavra, talvez deliberadamente. Mas isso não passa de especulação, pelo que a maioria dos eruditos prefere a outra interpretação.

## CUSAÍAS

No hebraico, «arco de Yahweh». Ele era um levita merarita, cujo filho, Etã, foi nomeado para ser o principal assistente de Hemã, para cuidar da música do templo. Ele serviu nessa ocupação durante o tempo de Davi (I Crô. 15:17). É chamado pelo nome de Quisi, em I Crô. 6:44. Cerca de 975 A.C.

## CUSI

No hebraico, «negro». Nome de duas pessoas diferentes, nas páginas do Antigo Testamento:

1. O pai de Selemias, bisavô de Jeudi. Jeudi fora enviado pelos magnatas judeus para convidar Baruque a ler diante deles o rolo de Jeremias (Jer. 36:14), em cerca de 604 A.C.

2. Um filho de Gedalias, pai do profeta Sofonias (Sof. 1:1), em cerca de 620 A.C.

## CUSI

Um lugar mencionado no livro apócrifo de Judite (7:17), perto de Ácraba, às margens do ribeiro Mocmur. Provavelmente ficava na Palestina central, ao sul da moderna Nablus.

## CUSPIR

Ver **Saliva**.

## CUSTÓDIA ROMANA

Atos 23:17: *Chamando Paulo um dos centuriões, disse: Leve este moço ao comandante, porque tem alguma coisa que lhe comunicar.*

Podemos ver como o sobrinho do apóstolo Paulo tivera acesso fácil onde ele estava detido. É que havia vários tipos de aprisionamento e custódia, reconhecidos pelas leis romanas, conforme a descrição dada abaixo:

1. Havia a *custódia pública* («detenção pública»), era o encarceramento em uma prisão pública, que era o pior tipo de cárcere dos tempos antigos, onde imperavam as piores condições imagináveis. Paulo sofreu esse tipo de encarceramento por diversas vezes, em Filipos, e também, provavelmente, em Éfeso. (Quanto a notas expositivas sobre as «prisões antigas», ver Atos 16:24 no NTI).

2. *Custódia libera* («detenção livre»), que se limitava a indivíduos de alta estirpe, quando esperavam ser julgados por qualquer ofensa que porventura tivessem cometido. Nesses casos, o acusado era entregue aos cuidados de um magistrado ou senador, que assumia a responsabilidade de garantir o comparecimento do réu, no dia do julgamento.

3. *Custódia militaris* («detenção militar»), em que o acusado era entregue à vigilância de um soldado. Tal soldado se tornava o responsável pelo acusado, sob pena de perder a própria vida, se este escapasse. Ordinariamente, nesses casos, a mão esquerda do

soldado era acorrentada à mão direita do prisioneiro. Este geralmente era conservado nas acomodações militares, embora, noutras ocasiões, lhe fosse permitido permanecer em uma casa particular, sob a vigilância do soldado. O aprisionamento de Paulo, em Jerusalém, pertenceu à categoria da «custódia militaris». (Quanto a notas expositivas sobre o ofício militar dos «centuriões», ver Atos 21:32 no NTI).

Paulo não se demorou a agir e «...traçou os seus planos tão energicamente como se Jesus não lhe tivesse prometido que veria Roma (ver Atos 23:11)». (Robertson em Atos 23:17). O homem tem a responsabilidade de agir como se tudo dependesse dele, embora deva pensar como se tudo dependesse de Deus; e Paulo seguia esse preceito. Essa é uma norma que pode ajudar-nos a obter pleno sucesso em nossa missão na vida.

Paulo não esperou por algum milagre celeste para livrá-lo da prisão, mas antes, fez uso dos meios ao seu alcance, sem duvidar de coisa alguma, mas crendo que tudo fora determinado por Deus. «Aquele que não se mexe para ajudar a si mesmo, de conformidade com os meios e os poderes ao seu dispor, não recebeu nem razão e nem revelação capaz de assegurar-lhe que receberá qualquer assistência da parte de Deus». (Adam Clarke em Atos 23:17). «Ele não desconfiou da veracidade das palavras de Cristo, mas creu mui firmemente nelas; não obstante, julgou fazer parte de seu dever utilizar-se dos meios que a providência divina tinha posto em seu caminho, a fim de preservá-lo e conservá-lo em segurança». (John Gill em Atos 23:17).

## CUTA

**Precisamos considerar uma cidade e um indivíduo, que aparece em um livro apócrifo da Bíblia, a saber:**

1. Uma das mais importantes cidades da antiga Babilônia, que alguns estudiosos pensam ter sido a mais antiga capital do império sumério (II Reis 17:24,30). O Tell Ibrahim assinala o local, em nossos dias. Ficava cerca de trinta e dois quilômetros a nordeste da cidade da Babilônia. Têm sido efetuadas escavações no local, a partir de 1881. Houve grandes descobertas, incluindo um santuário, erguido em memória de Ibrahim (Abraão), e também um templo dedicado a Nergal, rei do submundo. Essa cidade tinha certa importância comercial. Senaqueribe a destruiu, mas Nabucodonosor a reconstruiu e adornou. Esse foi um dos lugares de onde Sargão II deportou colonos para repovoarem o norte de Israel, depois da queda de Samaria, em 721 A.C. Os habitantes de Cuta tornaram-se o elemento dominante ali, de tal modo que os habitantes de Samaria vieram a ser chamados cuteanos. Em resultado disso, muitas palavras de origem não semita entraram na língua dos samaritanos. Desnecessário é dizer que não existe tal coisa como raça pura, em qualquer povo.

2. Cuta (na Septuaginta, Coutha), aparece no livro apócrifo de I Esdras 5:32. Ali a palavra aparece como nome de um indivíduo, um exilado, cabeça de uma família de servos do templo, que retornaram juntamente com Zorobabel a Jerusalém, após o cativeiro babilônico. Nas listas paralelas de Eze. 2:52 e Nee. 7:54, não figura o nome desse homem.

## CUXE

**Há duas pessoas e um lugar com esse nome, nas páginas da Bíblia:**

1. Um filho (provavelmente o mais velho) de Cão, cujo nome aparece na genealogia dos descendentes de Noé. Lemos ali: «Cuxe gerou a Ninrode...» (Gên. 10:8; I Crô. 1:10). Certo número de descendentes aparece nessas listas.

2. Um benjamita mencionado no título do sétimo Salmo. Lemos que esse salmo foi composto acerca das palavras desse benjamita. Coisa nenhuma se conhece a seu respeito, mas o contexto indica que ele era inimigo de Davi, que procurou oportunidade para fazer-lhe algum mal, mas falhou (Sal. 7:15).

3. *A terra e o povo de Cuxe.* Essa palavra pode referir-se à terra (Isa. 11:11; 18:1; Sof. 1:1; Est. 1:1), ou ao povo que habitava a terra de Cuxe (Isa. 20:5; Jer. 46:9; Eze. 38:5). Geralmente essa palavra é traduzida por «Etiópia», conforme se vê na Septuaginta, seguida por muitas traduções modernas. Em outras traduções, porém, temos as traduções «Cuxe», e «cuxita». Não se conhecem as dimensões exatas da região designada por esse nome, embora devamos pensar na área geográfica conhecida desde a antiguidade como Etiópia, aquela seção da África contígua ao Egito e ao mar Vermelho, atualmente chamada também Abissínia (II Reis 11:9; Est. 1:1; Eze. 29:10). Porém, a referência ao lugar, em Gên. 2:13 e 10:8, é a uma Cuxe asiática (mesopotâmica) anterior, provavelmente pertencente aos cassitas. O termo veio referir-se a uma área mais ampla, correspondente ao que comumente se chama Núbia. A referência talvez seja simplesmente à Arábia, visto que, em II Crônicas 21:16, lemos que os árabes residiam perto dos etíopes, o que talvez seja explicado pelo fato de que entre eles havia somente a estreita língua do mar Vermelho. Alguns estudiosos afirmam que, na época, a Etiópia não consistia em uma população negra; mas essa contenção esbarra com o significado da própria palavra hebraica, *cush*, que significa «tez queimada». A questão ainda não foi resolvida definitivamente.

a. *História de Cuxe.* A região é mencionada inicialmente como parte do Egito, nos dias do monarca egípcio Sesóstris I, 1971-1930 A.C. Em cerca de 1000 A.C., Cuxe rompeu com o Egito e tornou-se um estado independente, cuja capital era Nápata. Alguns séculos mais tarde, Cuxe conseguiu predomínio sobre o Egito inteiro. Houve então a XXV$^{a}$ dinastia, ou dinastia etíope, de 715 a 663 A.C. Nessa época, o rei Tiraca veio fazer guerra contra Ezequias (Isa. 37:9). Finalmente, foi obrigado a recuar, por intervenção dos assírios, em cerca de 689-676 A.C.

b. *Elementos.* O termo Etiópia foi usado metaforicamente para indicar um lugar o mais distante possível (Eze. 29:10). O trecho de Isaías 45:14 pode sugerir que o povo daquele lugar consistia em mercadores. Aparentemente, estavam em foco árabes cuxitas (II Crô. 21:16). Os etíopes, conforme Judá os conhecia, eram uma raça de aparência notável (Isa. 18:2).

c. *Confusão com os Cuxitas Mesopotânicos.* O trecho de Gênesis 2:13 deve ter sido um lugar diferente, mas com o mesmo nome. Moisés teve uma esposa cuxita (Núm. 12:1). Seria ela da Mesopotâmia ou da Etiópia?

d. *Os Etíopes na Bíblia.* Os principais reis de Cuxe, mencionados na Bíblia, foram Zerá e Tiraca. Houve um corredor que trouxe a notícia da morte de Absalão a Davi, que pertencia a essa raça (II Sam. 18:21-23). Um outro cuxita era um adido à corte real de Judá, nos dias do cerco de Jerusalém pelos babilônios, em 587 A.C. Houve um cuxita que teve dó de Jeremias, quando este estava atolado em um poço com lama, e que providenciou para tirar o profeta daquele lugar (Jer. 38:7 *ss*). E também houve o eunuco etíope, no

relato de Atos 8:27, —que era tesoureiro da rainha Candace, da Etiópia.

## CUXITA (MULHER ETÍOPE)

O trecho de Números 12:1 informa-nos que Moisés casou-se com uma mulher etíope. Cuxe ou Etiópia era a região ao sul da primeira catarata do rio Nilo. A Septuaginta e a Vulgata Latina apresentam essa mulher como natural da Etiópia. Mas as tradições judaicas identificam-na com Zípora, pensando que ela era natural de Cusã, que aparece em Habacuque 3:7. Cusã também tem sido região identificada com a Etiópia; mas outros preferem pensar em Midiã, ou algum aliado desse território. As lendas judaicas sugerem que antes de Moisés fugir para o deserto de Midiã, ele foi comandante em chefe de uma campanha egípcia contra a Etiópia. Tarbis, a filha do rei etíope, ter-se-ia apaixonado por ele, do que resultou o casamento dos dois. Porém, quase todas as lendas desse tipo não passam de invenções românticas, pelo que a questão da identidade exata da esposa cuxita de Moisés continua sujeita a debates.

## CUZA

A palavra vem do aramaico. Seu significado é *jarrinha*. Ele era procurador de Herodes Antipas. Sua esposa, Joana, era uma das mulheres que empregavam seus meios financeiros para atender às necessidades de Jesus e seus apóstolos (Luc. 8:3 e 24:10). Joana esteve entre as mulheres que foram ao túmulo de Jesus para ungir-lhe o corpo com especiarias, na manhã da ressurreição (Luc. 24:10). No tocante a Cuza, o termo «procurador» parece indicar que ele gerenciava as propriedades de Herodes. Como tal, provavelmente ele fora escolhido segundo considerações políticas. A ausência de qualquer menção a ele, nas narrativas dos evangelhos, excetuando essa única informação que temos, pode significar que ele era indiferente para com a mensagem cristã, ou então que ele já havia falecido quando Lucas nos prestou a informação. Mas, o fato de que sua esposa tornara-se discípula de Jesus mostra-nos que, mesmo nessa fase inicial, o evangelho penetrara em todos os níveis da sociedade.

••• ••• •••

ISBN 85-88234-33-5




Categoria: Referência